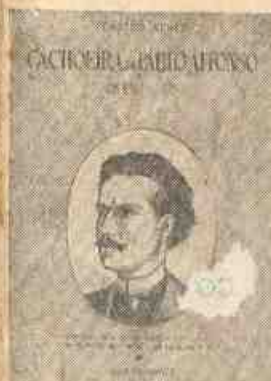
LEIAM OS NOSSOS GRANDES POETAS DO PASSADO

CASTRO ALVES

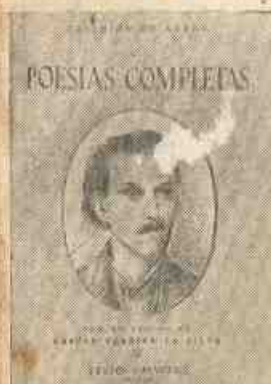
CACHOEIRA DE PAULO AFONSO
e
OS ESCRAVOS

(Seguidos das traduções) — 212 pgs.
Nota biográfica e revisão de **Bandeira Duarte.**

E' dos maiores poetas do Brasil. E' o cantor dos escravos. E' o vate da abolição. E' o gênio da inspiração.

ESPUMAS FLUTUANTES
e
HINOS DO EQUADOR

252 pgs. — Biografia e revisão de **Bandeira Duarte.**

Com estes dois volumes tem o leitor a obra completa de Castro Alves, o condôr baiano, a voz épica, que sacudiu, com os sopros da sua lira, as montanhas, as florestas, os mares da pátria, despertando-os para a liberdade, para o futuro.

CASIMIRO DE ABREU

POESIAS COMPLETAS

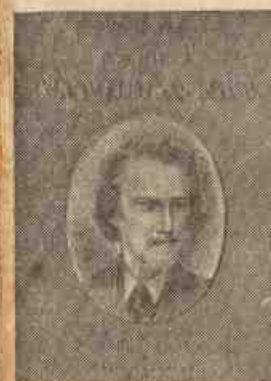
224 pgs. — Estudo de **Gastão Pereira da Silva**

São "As Primaveras", os versos mais suaves que mão humana já traçou. E' a pureza da emoção que faz chorar os corações femininos. E' o maior poeta lírico brasileiro.

GONÇALVES DIAS

POESIAS AMERICANAS
e
OS TIMBIRAS

224 pgs. — Edição completa.
Prefácio e revisão de **M. Nogueira da Silva.**

Gonçalves Dias, o cantor dos nossos selvagens, a voz grandiosa da pátria nativa, o autor d' "OS TIMBIRAS", a verdadeira epopéia nacional. Nenhum poeta, mais que êle, condensa em seus poemas todas as ansias, todas as aspirações desta América que, lendo os seus livros, se enche de glória cívica.

FAGUNDES VARELA

ANCHIETA
ou
O EVANGELHO NAS SELVAS

254 pgs. — Prefácio de **Murillo Araujo.**

Varela é a grande voz romantica dêste país, é o poeta nosso patrício por excelência, que traduz, em linguagem brasileira, o sentimento de um Brasil eterno no nosso lirismo. Nesta obra famosa, o poeta põe o drama cristão na nossa selva, mostrando como se plantou a cruz no nosso chão sagrado.

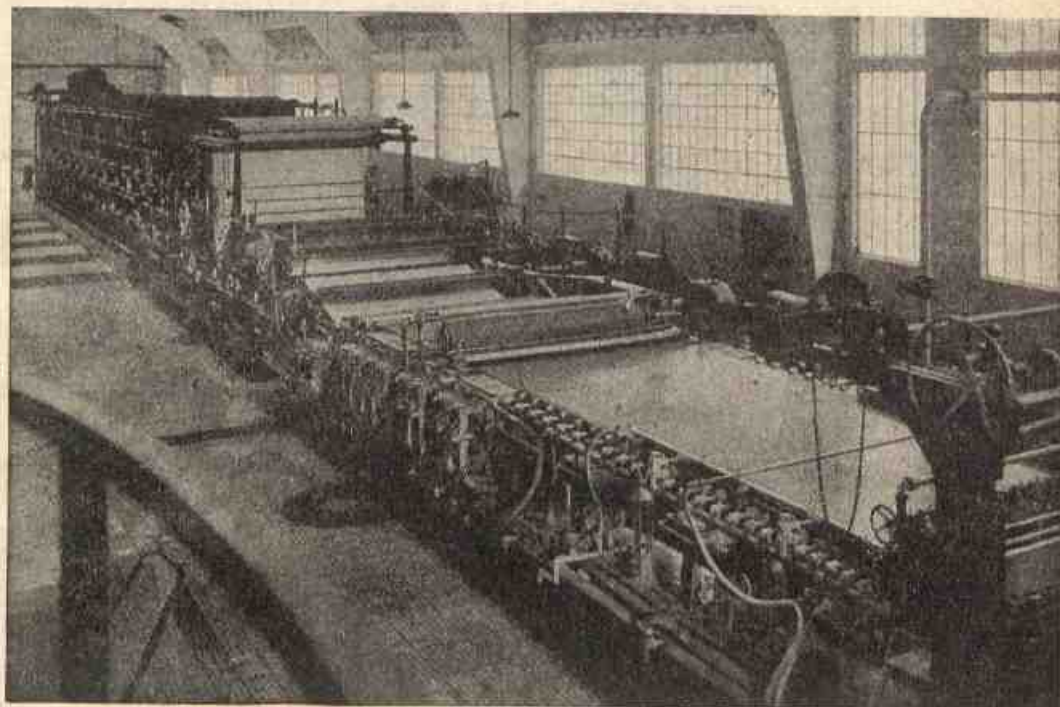
Cada volume, em brochura Rs. 6$000 — Encadernado Rs. 8$000

Pedidos a ZELIO VALVERDE livreiro-editor
TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 — Caixa Postal, 2956 — Rio de Janeiro

NOTA IMPORTANTE — Para os fregueses do interior fazemos vendas pelo Serviço de Reembolso Postal, (entrega da encomenda na Agencia do Correio local, contra pagamento da fatura).

Dom Casmurro!

O MAIOR HEBDOMADÁRIO DO BRASIL !

Companhia Fábrica de Papel
PETRÓPOLIS

Nova máquina fabricadora

Fabrico aprimorado de papéis assetinados,
-- apergaminhados, buffon, registros, etc. --

DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL

Viuva Alvaro Costa, Fernandes & Cia

Rua Regente Feijó, 68 e 70

TELEFONES: 43-1343 — 43-6687

RIO DE JANEIRO

"Almanak Laemmert"

Resumo histórico de suas atividades

Desde 1844 circula no Brasil uma grande publicação de carater informativo-comercial, cuja importância atingiu um grau de conceito jamais conseguido por qualquer outro empreendimento similar. De fato, o "ALMANAK LAEMMERT" constitue para as classes conservadoras um guia seguro de informações comerciais e pela sua antiguidade chega mesmo a registrar em suas páginas a história do nosso Comércio.

Devemos os dados que se seguem à gentileza do sr. Alexandre Hénault, ex-diretor de publicidade da referida publicação, o pioneiro da publicidade artística ilustrada no Brasil. É digno de nota o fato de que aos 80 anos, o sr. Hénault ainda conserva o mesmo espírito empreendedor e a energia organizadora dos seus melhores tempos.

I

Os fundadores do "ALMANAK LAEMMERT" foram os dois Irmãos Laemmert: Eduardo, que nasceu em 10 de Agosto de 1806 e Henrique, em 27 de Outubro de 1812.

Depois de estudarem humanidades em diversos colégios da Alemanha, foram para París e dedicaram-se ao comércio de livros, empregando-se em livrarias editoras da capital francesa.

Em 1833, Eduardo Laemmert partiu de París como caixeiro-viajante de uma livraria daquela cidade, contratado para o Rio de Janeiro, em fins daquele ano. Possuindo já modestos haveres, mandou vir de París seu irmão Henrique e juntos fundaram uma livraria no prédio da Rua da Quitanda n. 77, usando nos rótulos da casa os seguintes dizeres: "EDUARDO e HENRIQUE LAEMMERT — Mercadores de Livros".

A este negocio adicionaram a venda de músicas, tudo de procedência estrangeira e pouco tempo depois começaram a editar livros de autores nacionais, impressos em tipografías desta capital. Era esta tentativa uma importante decisão para o negócio, tendo Eduardo e Henrique de empregar ingentes esforços nos primeiros anos para levar por diante tão arriscada tentativa de vulgarizar as obras de autores brasileiros.

O ano de 1839 foi tambem de grande importância para o engrandecimento de sua casa comercial, pois os Irmãos Laemmert iniciaram a publicação da "FOLHINHA" que foi tão apreciada quanto procurada pelo nosso público. Lançada todos os anos desde aquela data, foi concebida e executada por Eduardo, seu único redator e revisor durante toda a sua existência. Alem de artigos e poesias, Eduardo, que era dotado de bastante inteligência, nela colaborava ativamente com o pseudônimo de Pafúncio Semicupio Pechincha.

Foi esta "FOLHINHA" que tornou a casa Laemmert em pouco tempo conhecida de todo o Brasil, e que lhe trouxe a segurança de um futuro promissor. O negócio da venda de músicas foi então abandonado em vista do sucesso da venda de livros sobre Ciências e Literatura. Rápido foi o engrandecimento e a prosperidade da "Livraria".

Eduardo com o seu gênio ativo e inteligência superior à do seu irmão Henrique, era na Livraria a parte pensante, intelectual e dirigente, enquanto seu irmão, gênio metódico, sisudo e pouco expansivo, se entregava à administração financeira do estabelecimento.

Na Livraria "estes mercadores de livros" vendiam tambem águas Seltz e da Colônia, muito procuradas na época, pois gozavam dos foros de legítimas e verdadeiras.

Em 1840 fundaram uma tipografía para publicação das suas edições, na rua do Lavradio n. 65, depois transferida para a dos Inválidos n. 93.

Em 1844 apareceu o primeiro "ALMANAK LAEMMERT", que até hoje tem sido o mais completo dos anuários comerciais que se editam no Brasil. A exemplo de publicações similares, já existentes em Londres, París e Nova York, os dois irmãos livreiros organizaram sob o título de "ALMANAK LAEMMERT", um almanaque comercial, contendo firmas, endereços e profissões dos comerciantes, industriais e capitalistas da cidade do Rio de Janeiro.

A venda do "ALMANAK", logo nos primeiros anos, foi tão promissora que os seus dirigentes decidiram publicar para os Estados do Norte e do Sul as mesmas classes de informações, que as publicadas para o Rio de Janeiro, completando assim uma obra, cujo rápido desenvolvimento em todas as regiões do país se revestiu, em poucos anos, de real importância.

Inúmeras foram as publicações sobre Jurisprudência e Literatura, tambem publicadas pela antiga e popular Livraria.

Era admiravel, como os temperamentos dos dois irmãos se completavam. A harmonia que existia entre ambos para que o Estabelecimento caminhasse rapidamente, com a precaução necessária, para torná-lo próspero e garantido.

Eduardo, gênio empreendedor, dotado de grande intuição artística e de força de vontade, em pouco tempo dominava por completo a língua portuguesa. Publicava na "FOLHINHA" versos de sua lavra, quase sempre humorísticos e alusivos às ilustrações que ornavam as páginas, e grande número de anedotas que mais tarde foram reunidas em volume, sob o título de "ENCICLOPÉDIA DO RISO E DA GALHOFA".

Foi ele quem fez a tradução em prosa do "FAUSTO" de Goethe, para que o velho Castilho a transformasse em verso.

Henrique, como já o dissemos, era homem calmo, experiente e cauteloso, que examinava as idéias artísticas de seu irmão pelo lado comer-

cial e organizava os trabalhos práticos da casa como o verdadeiro comerciante do estabelecimento.

Eduardo, a pesar de ser muito dedicado ao trabalho, logo que viu progredir o estabelecimento, fez diversas viagens à Europa, onde passava tempos em completa indolência, gozando uma vida de fausto e de distrações. Viuvo, Eduardo tinha a mania de residir nesta capital em casas térreas de porta e janela, vivendo sobriamente, sem ostentação ou preocupação de grandeza. Todas as noites colocava uma cadeira na calçada, junto da porta que ficava aberta, e sentado, com vestuario às vezes um tanto impróprio, passava horas silenciosas como que incitando o sono.

Condecorado pelo governo Espanhol com uma ordem que lhe dava foros de nobreza, nas viagens à Europa Eduardo se hospedava nos mais luxuosos hotéis, anunciando-se com o titulo de Barão de Laemmert.

Em 1867, comprou a firma Eduardo e Henrique Laemmert o prédio de um só andar da rua do Ouvidor n. 68, e a 6 de Julho do ano seguinte instalou nele a já antiga e conhecida livraria.

Em 1877, Eduardo retirou-se da atividade comercial, desligando-se da firma, que passou a ser H. Laemmert & Cia. Faleceu em 18 de Janeiro de 1880, deixando bens importantes.

Em 1881, entraram para a firma, como sócios, os srs. Egon Widmann Laemmert, Arthur Sauer e Gustavo Nassow. A 10 de Outubro de 1884, depois de longa enfermidade, faleceu nesta capital Henrique Laemmert, aos 72 anos de idade. Residia com sua esposa e filhos na rua Jardim Botânico n. 2 e foi sepultado no Quadro dos Protestantes do Cemitério de S. Francisco Xavier. O coche fúnebre, partindo de sua residência às 2 e 1|2 da tarde do dia 11 de Outubro, passou às 3 e 1|2 pela rua dos Inválidos, onde estava instalada a Tipografia e onde os seus numerosos amigos esperaram para acompanhar o corpo até o cemitério.

Henrique, que deixou duas filhas casadas com os srs. Arthur Sauer e Egon Widmann Laemmert, e obteve com o seu trabalho honrado cerca de 600:000$000, era homem religioso, esmoler e de um carinho extremoso pára a sua família e para a sua casa comercial, que fundára com o irmão.

Pela morte de Henrique os sócios organizaram nova firma com a designação de Laemmert & Cia. Em 1891 foi organizada uma Companhia pelos srs. Egon Widmann Laemmert, Gustavo Nassow com o capital de 1.350:000$000, sendo por ela adquirida a tipografia da rua dos Inválidos.

Retirou-se em 1896 o sócio solidário Egon Widmann, que passou a comanditário. Foi então reconstruido, em 1898, o prédio e levantado o edifício com 3 andares, sendo observadas todas as condições adequadas ao fim comercial a que se destinava, e, em 1903, entrou para sócio o sr. Hugo Widmann Laemmert, neto do velho e honrado "mercador de livros".

Em 1903, faleceu Gustavo Nassow, infatigavel e inteligente sócio da firma, entrando em seu lugar seu irmão Hilário Nassow. Naquela tipografia tinha a livraria um grande depósito de livros e preciosas coleções de almanaques, folhinhas e obras de valor, que foram completamente destruidas por um violento incêndio, em 1909, de forma que muitas das edições da Casa Laemmert são hoje pagas por avultadas quantias.

Em 1907, retirou-se da firma o sr. Arthur Sauer, continuando nela os sócios Hugo Widmann Laemmert e Hilário Nassow.

A Livraria Laemmert editou inúmeras obras de autores nacionais, entre as quais "OS SERTÕES", de Euclides da Cunha, com 3 edições e um total de 10.000 exemplares.

A Livraria Laemmert fizera traduzir para a lingua portuguesa cerca de 400 obras de autores franceses, ingleses, alemães e italianos, apresentando-as em suas edições. Fundada, pois, em 1835, a Livraria Laemmert era no fim do século passado a mais antiga desta Capital, tendo no seu ativo valiosos serviços prestados às nossas letras e à causa da instrução popular através dos inúmeros livros didáticos e de literatura.

(Estas notas foram extraídas do livro *"O Velho Comércio do Rio de Janeiro"*, de Ernesto Senna).

II

No ano de 1910, desembarcou no Rio de Janeiro vindo de Lisboa, o capitalista português Comendador Manuel José da Silva, operoso Diretor-Proprietário do muito conhecido e antigo "ANUARIO GERAL DE PORTUGAL". Depois de várias conferências com os herdeiros dos fundadores da "Livraria Laemmert", o Comendador M. J. da Silva resolveu realizar a compra do "ALMANAK LAEMMERT" e das "Sub-Edições Laemmert" com o projeto de tratar da sua impressão e publicação em Lisboa, onde tinha boas e espaçosas oficinas gráficas.

Parte daquela época o grande desenvolvimento dado ao "ALMANAK LAEMMERT". De fato, as viagens em todos os Estados do Norte e do Sul do Brasil foram imediatamente organizadas, bem como criadas as principais agências e representantes para fornecerem periodicamente à Empresa as mais úteis informações, todas elas indispensaveis para o bom êxito da obra.

Em 1919, alguns membros da família do Comendador M. J. da Silva vieram de Portugal para visitá-lo no Rio de Janeiro e fizeram-lhe propostas que visavam desenvolver ainda mais o já conceituado e procuradíssimo "ALMANAK LAEMMERT". Tendo essas propostas sido bem aceitas pelo Comendador, foi constituida uma Sociedade sob a firma Sérgio & Pinto, passando o Comendador Manuel José da Silva para comanditário. Em 1920, como consequência da retirada da Empresa do sócio e eminente escritor português Antônio Sérgio por ter o mesmo de voltar à Portugal, foi alterada a razão social da firma para Alvaro Pinto & Cia., continuando como comanditário o comendador M. J. da Silva.

O impulso dado pela nova firma à Tipografia do "ALMANAK LAEMMERT" foi tão notavel e as encomendas gráficas provenientes de importantes companhias e estabelecimentos comerciais do Rio e de S. Paulo foram tão numerosas, que o sr. Alvaro Pinto ofereceu ao seu principal colaborador e Diretor de Publicidade, sr. Alexandre Hénault, a direção como concessionario exclusivo do "ALMANAK LAEMMERT" e "Sub-Edições Laemmert", enquanto que ele se dedicaria intei-

ramente à parte administrativa da Editora e das Oficinas Gráficas.

Alexandre Hénault assumiu a direção do "ALMANAK LAEMMERT" e "Sub-Edições Laemmert" e escolheu para sócio o chefe do escritório da Empresa, o sr. Emílio Gruhn e constituiu a firma A. Hénault & Cia.

Foi nessa ocasião que o novo Diretor do "ALMANAK LAEMMERT" solicitou do Governo Federal a sua autorização e o seu apoio para organizar e publicar o "LIVRO DE OURO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL", cujo fim era comemorar em 1922 a data gloriosa da Independência do Brasil. Tratando-se de uma Empresa muito conceituada, com cerca de 80 anos de existência, essa autorização lhe foi imediatamente concedida por S. Excia. o Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Dr. Miguel Calmon.

Por comunicação oficial enviada aos Presidentes dos Estados, assim como aos Prefeitos das cidades principais da União, S. Excia. fez expedir as seguintes instruções: "Fornecer ao Diretor do "ALMANAK LAEMMERT" os dados indispensaveis que possam concorrer para o cabal êxito de tão útil publicação".

O "LIVRO DE OURO do Centenário da Independência do Brasil", saído à luz em 7 de Setembro de 1922, continha mais de 500 páginas e obteve enorme sucesso, não sòmente pela sua exímia documentação como pela verdadeira importância de sua parte literária, confiada a membros da Academia de Letras e a escritores de nomeada. Sua apresentação artística composta de 100 páginas impressas pelo processo ultra-moderno da tricromia, além de 300 páginas com clichês de fotogravura acompanhando e ilustrando os textos, demonstraram tambem os notaveis progressos conseguidos pelas artes gráficas do Brasil já naquela época.

No ano de 1925, alguns sócios do Jockey Club do Rio de Janeiro, compenetrados dos eminentes serviços prestados às classes comerciais e industriais do Brasil pelo "ALMANAK LAEMMERT", resolveram adquirí-lo, operação esta que de fato se realizou, sendo então constituida uma nova firma sob a razão social de "EMPRESA ALMANAK LAEMMERT LTDA".

Foi então iniciado um novo período de grande atividade e progresso para o "ALMANAK LAEMMERT", cujas informações era anualmente reformadas e aumentadas, constituindo assim o único Anuário Indicador Comercial Brasileiro capaz de fornecer às firmas profissões e endereços, não sòmente do Rio de Janeiro como tambem de todos os Estados do Brasil.

O falecimento repentino do Presidente da Empresa e a obrigação em que se encontrou o Gerente Geral de ausentar-se do Brasil por alguns anos, fizeram com que os herdeiros do Presidente falecido resolvessem apresentar ao proprietário de tão antiga e conhecida publicação uma oferta para a compra e exploração do "ALMANAK LAEMMERT" e das "Sub-Edições Laemmert". Essa proposta foi bem recebida e permitiu que se organizasse a nova "EMPRESA ALMANAK LAEMMERT LTDA." Alguns anos depois, já em 1940, essa organização tomou definitivamente o nome de GRÁFICA LAEMMERT LTDA., título com que continua a exercer atualmente suas incessantes atividades comerciais, inteiramente dedicada a todos os setores da grande indústria gráfica nacional.

ENDEREÇO DE ESCRITORES
NO RIO DE JANEIRO

A

Escritor	Endereço
Adelmar Tavares (Academia Brasileira)	Rua Raimundo Correia, 70.
Afonso Costa (Academia Carioca de Letras)	Rua Correia Dutra, 24, ap. 13.
Afonso Lopes de Almeida (Academia Carioca)	Rua Marquês de Abrantes, 164, ap. 4.
Afrânio Peixoto (Academia Brasileira)	Rua Paisandú, 149.
Afonso Arinos de Melo Franco	Rua Anita Garibaldi, 17.
Alceu Amoroso Lima (Academia Brasileira)	Rua Mariana, 149 — Botafogo.
Antonio Austregésilo (Academia Brasileira)	Rua Princesa Isabel, 120 (Leme).
Anibal Freire	Trav. Umbelina, 15, ap. 15.
Alfredo de Assis	Rua Gustavo Sampaio, 203, ap. 303.
Agripino Grieco	Rua Aristides Caire, 74.
Aloisio de Castro (Academia Brasileira)	Rua D. Mariana, 16.
Ataulfo de Paiva (Academia Brasileira)	Rua Valparaiso, 36.
Alcides Maya (Academia Brasileira)	Academia Brasileira de Letras.
Augusto Meyer	Instituto do Livro — Biblioteca Nacional.
Ada Macaggi	Rua Cosme Velho, 38.
Américo Palha	Rua Ana Neri, 237 A.
A. Saboia Lima	Rua Barão de Lucena, 38.
Angione Costa	Rua Acaraí, 79.
Alvaro Moreyra	Rua Xavier da Silveira, 99.
Alvaro Bomilcar	Rua do Bispo, 232.
Armando Fontes	Rua Gomes Pereira, 142.
Abgar Renault	Av. Epitácio Pessôa, 744.
Augusto de Lima Junior	Jornal do Comércio.
Almir de Andrade	Rua da Passagem, 178.
Andrade Murici	Av. Rio Branco, 118, Casa Mozart.
Arnaldo Damasceno Vieira	Rua Terezina, 23.
Atilio Milano (Academia Carioca)	Academia Carioca de Letras.
Austregésilo Ataide	Praia do Russel, 52, 1.°, ap. 7.
Ana Amélia	Rua Marquês de Abrantes, 189.
Américo Facó	Instituto do Livro — Biblioteca Nacional.
Adalgisa Neri	Livraria José Olimpio, Rua Ouvidor, 110.
Alexandre Passos	Av. Pasteur, 250.
Assis Memoria	Rua Hadock Lobo, 96, C. 9.
Albertina Berta	Rua Marquês de São Vicente, 331.
Alba Cañizares Nascimento	Rua Fonte da Saudade, 125 (Lagôa).
Adauto Camara	Rua Dias da Cruz, 236.
Aldo Delfino	Rua Valentim da Fonseca, 25.
Arnon de Melo	

B

Escritor	Endereço
Bastos Tigre	Senador Vergueiro, 192, ap. 2.
Batista Pereira	Rua Marquês de São Vicente, 476.
Berilo Neves	Rua Miguel Lemos, 57.
Benjamim Lima	Rua Pompeu Loureiro, 41.
Basilio de Magalhães	Rua Paulino Fernandes, 27.
Bruno Barbosa	Rua Visconde Caravelas, 47.
Barbosa Lima Sobrinho (Academia Brasileira)	Rua Assunção, 77.
Benjamin Costalat	Rua Celina, 39.
Barreto Filho	Rua Quitanda, 47.
Bernardino de Sousa	Rua Candido Gaffrée, 396.
Beatriz Reynal	Av. Vieira Souto, 706.
Benedito Merguihão	Rua Paes de Andrade, 44.

C

Escritor	Endereço
Carlos Domingues	Rua Alvaro Alvim, 27.
Carlos Dias Fernandes	Avenida Paulo Frontin, 447.

Carlos Rubens (Academia Carioca) ... Red. d'*A Noite*.
Correia de Sá ... Rua Sorocaba, 718.
Clovis Ramalhete ... Rua do Catete, 219.
Clovis Monteiro ... Rua General Glicério, 32.
Cumplido de Santana (Academia Carioca) ... Avenida Epitácio Pessoa, 30, ap. 3.
Clovis Bevilaqua (Academia Brasileira) ... Rua Barão de Mesquita, 506.
Claudio de Sousa (Academia Brasileira) ... Praia do Flamengo, 172.
Carlos Maul ... Red. do *Correio da Manhã*.
Cornélio Pena ... Praia de Botafogo, 70.
Costa Rego ... *Correio da Manhã*.
Carlos Drumond de Andrade ... Rua 9 de Fevereiro, 8.
Carlos Xavier (desembargador) ... Rua Carlos de Vasconcelos, 83.
Carlos Pontes ... Rua Humaitá, 63.
Cristino Castelo Branco ... Rua José Higino, 229.
Castilhos Goicochêa (Academia Carioca) ... Avenida Vieira Souto, 258.
Candida Jucá Filho (Academia Carioca) ... Rua Teixeira Junior, 48.
Celso Keli ... Rua Alvares Borgeth, 18 — Botafogo.
Catulo da Paixão Cearense ✝ ... Ministério da Viação — Praça 15.
Costa Filho ... Rua Senador Furtado, 68.
Costa Neves ... Rua Real Grandeza, 67

D

Domingos Barbosa ... Rua Voluntários da Patria, 189.
Durval de Moraes ... Rua Prudente de Morais, 251.
Dante Costa ... Rua Acaraí, 79.
D'Almeida Vitor ... Avenida Mem de Sá, 78.
Donatelo Grieco ... Rua Senador Dantas, 40, 5.º andar.
Dioclecio Grieco ... Rua Almirante Sampaio, 15.
Dinah Silveira de Queiroz ... Rua Barão de Jaguaribe, 279.

E

Elói Pontes ... Livraria José Olimpio, Ouvidor, 110.
Edgard Sanches ... Rua Getúlio das Neves, 3.
Eustórgio Vanderlei ... Rua Barão de Mesquita, 636 A.
Egon Prates ... 1.ª Vara de Orfãos (Palácio da Justiça).
Ernani Fornari ... Rua das Palmeiras, 23 A.

F

Francisco Campos ... .
Fábio Luz Filho ... Rua Barão do Bom Retiro, 678.
Felinto de Almeida (Academia Brasileira) ... Academia Brasileira de Letras.
Fernando de Magalhães (Academia Brasileira) ... Rua Pinheiro Machado, 76.
Flexa Ribeiro ... Escola Nacional de Belas-Artes.
Francisco Karam ... Rua da Candelaria, 92 — Inst. Maritimos.
Frota Pessoa ... Rua Aprazivel, 12 — Santa Tereza.
Fábio Leonel de Rezende ... Rua Nascimento Silva, 208.
Floriano de Lemos ... Rua Ouvidor, 183, 5.º andar.
Faustino Nascimento ... Avenida Epitácio Pessoa, 1824.
Fernando Neri ... Academia Brasileira de Letras.
Francisco Leite ... Rua Correia Dutra, 78.
Focion Serpa ... Rua Gurupí, 66.

G

Gastão Pereira da Silva ... Rua Grajaú, 255.
Gastão Cruls ... Ladeira da Glória, 35.
Gastão Penalva ... Rua São Clemente, 158.
Gustavo Barroso (Academia Brasileira) ... Rua Sá Ferreira, 123.
Gilka Machado ... Rua S. José, 51, 2.º andar.
Godofredo Viana ... Rua Visconde de Caravelas, 119.
Graciliano Ramos ... Livraria José Olimpio.
Gerardo de Melo Mourão ... Praia do Russell, 52, ap. 3.

H

Heitor Moniz (Academia Carioca)	Rua Pereira da Silva, 140.
Heitor Lima	Praça Duque de Caxias, 21.
Heitor Beltrão (Academia Carioca)	Rua Hadock Lobo, 356.
Hermeto Lima (Academia Carioca)	Rua Prudente de Morais, 399 A, ap. 307.
Henrique Orciuoli (Academia Carioca)	Rua Campos de Carvalho, 1074.
Honório Silvestre (Academia Carioca)	Rua Souto Carvalho, 15.
Henrique Lagden (Academia Carioca)	Rua Marechal Pilsudsky, 74.
Homero Pires	Rua Prudente de Morais, 482.
Henrique Pongetti	Avenida Atlântica, 148.
Hélio Sodré	Rua Pires de Almeida, 41, ap. 49.
Helder Camara	Rua Voluntários da Pátria, 66.
Hamilton Nogueira	Rua Coelho Neto, 49.
Hélio Lobo (Academia Brasileira)	Rua Machado de Assis, 16, 5.° andar.
Heitor Marçal	Rua Conde de Bomfim, 490.
Hermogenes Pereira	Rua Santo Amaro, 14 A, 5.° andar, ap. 55.
Hermes Lima	Avenida Copacabana, 1059.
Herman Lima	Rua Rainha Guilhermina, 48 (Leblon).

I

Ildefonso Albano	Rua Real Grandeza, 120.
Ivan Lins	Rua das Acácias, 18.
Iveta Ribeiro	Rua Francisco Muratori, 45, 8.° andar.

J

José Geraldo Vieira	Avenida Vieira Souto, 474 A.
José Augusto	Avenida Melo Matos, 19.
José Lins do Rego	Livraria José Olimpio, Rua Ouvidor.
José Maria Belo	Rua Conde de Irajá, 113.
José Américo de Almeida	Tribunal de Contas, Av. Almirante Barroso.
José Oiticica	Colégio Pedro II — Av. Mar. Floriano.
José Vieira	Rua Almirante Tamandaré, 38.
Jonatas Serrano (Academia Carioca)	Rua Pires de Almeida, 15.
João Lira Filho (Academia Carioca)	Rua Paul Redfern, 40.
João Neves da Fontoura (Academia Brasileira).	Rua Paisandú, 93, ap. 33.
Joaquim Pimenta	Rua Santa Alexandrina, 142, C. 4.
Joel Silveira	Red. *Dom Casmurro*.
Jorge de Lima	Rua Umbelina, 14, ap. 8.
Jacques Raimundo (Academia Carioca)	Avenida Princesa Isabel, 58, C. 9.
Josué Montelo	Rua Carlos de Vasconcelos, 152, ap. 302.
Joraci Camargo	Rua Aureliano Portugal, 140.
Júlio Salusse	Rua Nascimento Silva, 546.
Julinha Galeno	Rua Montenegro, 284 (Ipanema).
Jorge Amado	Livraria José Olimpio.
Josué de Castro	Avenida Rainha Elisabeth, 256.
Joaquim Ribeiro	Instituto do Livro — Biblioteca Nacional.
Jenny Pimentel de Borba	Rua Aurelino Leal, 10.

L

L. Nogueira de Paula	Av. Calogeras, 12 — Ap. 51.
Lourival Fontes	Departamento de Imprensa e Propaganda.
Levi Carneiro (Academia Brasileira)	Rua Ouvidor, 54.
Luiz Edmundo	Red. *Correio da Manhã* R. Gonçalves Dias, 5.
Leôncio Correia (Academia Carioca)	Avenida Paulo Frontin, 185.
Leonel Franca (Padre)	Colégio Santo Inácio, Rua S. Clemente.
Lacerda de Almeida	Rua Emancipação, 9 (S. Cristovão).
Lobivar Matos	Rua Andrade Pertence, 28.
Lemos Brito (Academia Carioca)	Rua Prof. Valadares, 227.

M

Maria Eugenia Celso	Avenida Calógeras, 6, ap. 28.
Mário Linhares (Academia Carioca)	Rua Prudente de Morais, 306 (Ipanema).
Mercedes Dantas	Travessa Martins Ferreira, 6.
Mercedes Silveira	Instituto de Previdencia.
Múcio Leão (Academia Brasileira)	Avenida Atlântica, 444.
Modesto de Abreu (Academia Carioca)	Rua Santo Amaro, 5, ap. 96.
Murilo Araujo (Academia Carioca)	Rua Barão de Jaguaribe, 56.
Mosart Monteiro	Instituto de Educação, Rua Mariz e Barros.
Manuel Bandeira (Academia Brasileira)	Rua Morais e Vale, 57.

Margarida Lopes de Almeida .. .. Avenida Atlântica, 466.
Malba Tahan (Melo e Souza) .. .. Colégio Pedro II.
Maria Junqueira Schmidt .. .. Escola Amaro Cavalcanti.
Marques Rebelo .. .. Rua Pinto Guedes, 76, ap. 2.
Martins d'Alvarez .. .. Rua Marquesa de Santos, 5.
Melo Nobrega (Academia Carioca) .. .. Rua São Clemente, 243.
Mário Martins .. .. Rua Araujo Porto Alegre, 56.
Monte Arraes .. .. Rua Regional, 9 — Gavea.
Miguel Ozório de Almeida (Acad. Brasileira). Estrada do Açude, 66 — Alto da Bôa Vista.
Marion Poppe .. .. Redação de *Fon-Fon*.
Maria Sabina de Albuquerque .. .. Rua Bulhões de Carvalho, 136.
Melo Barreto Filho .. .. Rua David Campista, 21.
Martins de Oliveira (D.) (Academia Carioca). Rua Mendes Tavares, 118, C. VI.

N

Nogueira da Silva (M) (Academia Carioca) .. Rua Visconde Rio Branco, 52.
Newton Beleza .. .. Rua Homem de Melo, 8 — Tijuca.
Niomar Sodrè .. .. Rua Pereira da Silva, 140.
Neves Manta .. .. Rua Senador Dantas, 40 1.° andar.

O

Osvaldo Orico (Academia Brasileira). .. .. .. Rua Sá Ferreira, 112.
Olegário Mariano (Academia Brasileira) .. .. Rua Pompeu Loureiro, 36.
Oton Costa (Academia Carioca) .. .. Rua Ataulfo de Paiva, 102, ap. 201.
Osório Lopes .. .. Rua 24 de Maio, 735.
Osório Borba .. .. Livraria José Olimpio.
Otavio de Faria .. .. Rua Juiz de Fora, 50, C. 2.
Oliveira Viand .. .. Alameda São Boa Ventura — Niterói.
Otávio Tarquinio de Souza .. .. Rua Aurea, 66.
Oliveira e Silva .. .. Rua 1.° de Março, 6, 3.° andar.
Ovidio Cunha .. .. Rua Pompeu Loureiro, 45.
Olavo Dantas .. .. Rua Prudente de Morais, 427, C. 1.
Otávio Tavares .. .. Revista da Semana.
Orvacio Santamarina .. .. Red. de *Careta*.

P

Plinio Mendes .. .. Rua das Laranjeiras, 531.
Povina Cavalcanti .. .. Rua Baependi, 51.
Pedro Calmon (Academia Brasileira) .. .. .. Rua Santa Clara, 415.
Paulo Filho .. .. *Correio da Manhã*.
Peregrino Junior .. .. Rua Barão de Jaguaribe, 35.
Pádua de Almeida .. .. Repartição Geral dos Telegrafos.
Pereira da Silva (Academia Brasileira) .. .. Rua Uruguai, 521.
Porto da Silveira .. .. Rua Almirante Gomes Pereira, 84 — Urca.
Paula Barros (C) .. .. Rua Alexandre Ferreira, 163.
Paulo Bentes .. .. Rua S. Januário, 187, C. 2.

R

Raimundo Magalhães Junior .. .. Rua Paisandú, 254, ap. 31.
Raul Monteiro .. .. Avenida dos Democraticos, 501.
Raul de Azevedo .. .. Rua 5 de Julho, 140.
Raul Pederneiras (Academia Carioca) .. .. .. Rua Progresso, 8 — Santa Tereza.
Rosália Sandoval .. .. Rua Maxwell, 169, C. 3.
Rodolfo Garcia (Academia Brasileira) .. .. .. Rua Dias da Rocha, 46.
Renato de Almeida .. .. Rua Pinheiro Machado, 48.
Renato Travassos .. .. Associação Brasileira de Imprensa.
Roquete Pinto (Academia Brasileira) .. .. .. Rua Vila Rica, 13.
Raul Machado .. .. Rua Batista da Costa, 12.
Rodrigo Otávio (Academia Brasileira) .. .. .. Rua Palmeiras, 38.
Rodrigo Otavio Filho .. .. Rua São Clemente, 421.
Reis Carvalho .. .. Rua Barão de Itambí, 58.
Rosalina Coelho Lisbôa .. .. Rua Paisandú, 354.
Rosário Fusco .. .. Rua da Quitanda, 59, 3.° andar Associação dos Jornalistas Católicos.

S

Silvio Júlio (Academia Carioca) .. .. Rua Eduardo Guinle, 6, ap. 44.
Silvia Patricia .. .. Red. *Correio da Manhã*.

Saul de Navarro .. .. .. Rua Prudente de Morais, 538.
Sebastião Fernandes .. .. .. Rua General Roca, 498, C. 2.
Saladino de Gusmão (Academia Carioca) .. .. Praia do Flamengo, 70.
Silveira Neto .. .. .. Rua João Rodrigues, 12.
Souza Doca (E. F.) .. .. .. Rua Viveiros de Castro, 122.

T

Tasso da Silveira .. .. .. Rua Licínio Cardoso, 99.
Teles de Meireles .. .. .. Livraria Freitas Bastos.
Téo-Filho .. .. .. Ministerio da Justiça.
Tristão de Ataide .. .. .. Rua D. Mariana, 149 — Botafogo.
Tristão da Cunha .. .. .. Rua Copacabana, 249.
Tetrá de Teffé .. .. .. Praia do Flamengo, 284.

V

Viriato Correia (Academia Brasileira) .. .. .. Rua Visconde de Figueiredo, 68.
Virgilio Correia Filho .. .. .. Praça André Rebouças, 17.
Valdemar de Vasconcelos .. .. .. Federação das Academias do Brasil.
Violeta Branca Menescal de Vasconcelos .. .. Rua 2 de Dezembro, 15.

X

Xavier de Oliveira .. .. .. Rua Barata Ribeiro, 539.
Xavier de Carvalho (Inácio) .. .. .. Rua Duvivier, 12.

EDITORES

A. B. C. .. .. .. Rua Teófilo Otoni, 42, 1.º andar.
Civilização Brasileira .. .. .. Rua do Ouvidor, 94.
José Olimpio .. .. .. Rua do Ouvidor, 110.
Guanabara .. .. .. Rua do Ouvidor, 132.
Irmãos Pongetti .. .. .. Avenida Mem de Sá, 78.
F. Briguiet .. .. .. Rua do Ouvidor, 109.
Moura Fontes & Flores .. .. .. Rua do Ouvidor, 145.
Oscar Mano .. .. .. Rua da Alfandega, 72.
Zélio Valverde .. .. .. Travessa do Ouvidor, 27.
Vecchi .. .. .. Rua do Rezende, 144.
A. Coelho Branco Filho .. .. .. Rua da Quitanda, 9.
Companhia Brasil Editora .. .. .. Rua Buenos Aires, 20, A — 4.º andar.
Francisco Alves .. .. .. Rua do Ouvidor, 166.
Freitas Bastos & Cia. .. .. .. Rua Bitencourt da Silva, 21.
H. Antunes .. .. .. Rua Buenos Aires, 133.
Livraria Jacinto .. .. .. Rua São José, 89.
Pimenta de Melo & Cia. .. .. .. Travessa do Ouvidor, 34.
Editorial Calvino Ltda. .. .. .. Rua de S. Bento, 26.

ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL

Academia Acreana de Letras .. .. .. Rio-Branco (Acre).
Academia Amazonense de Letras .. .. .. Rua Ramos Ferreira — Manáus.
Academia Brasileira de Letras .. .. .. Av. Presidente Wilson, 203 — D. Federal.
Academia Maranhense de Letras .. .. .. São Luiz — Maranhão.
Academia Piauiense de Letras .. .. .. Teresina — Piauí.
Academia Cearense de Letras .. .. .. Rua 24 de Maio, 866 — Fortaleza (Ceará).
Academia Norte-Riograndense .. .. .. Natal — Rio-Grande-do-Norte.
Academia Pernambucana de Letras .. .. .. Rua do Hospicio, 130 — Recife.
Academia Alagoana de Letras .. .. .. Maceió — Alagoas.
Academia Serjipana de Letras .. .. .. Aracajú — Serjipe.
Academia Baiana de Letras .. .. .. Caixa Postal, 662 — Salvador (Baía).
Academia Espiritossantense de Letras .. .. .. Vitória — Espirito Santo.
Academia Carioca de Letras .. .. .. Silogeu Brasileiro — Caixa Postal 40 (Lapa).
Academia Fluminense de Letras .. .. .. Edificio da Biblioteca — Niterói.
Academia Mineira de Letras .. .. .. Belo Horizonte — Minas-Gerais.
Academia Paulista de Letras .. .. .. 15 de Novembro, 256, sala 7 — S. Paulo.
Academia Paranaense de Letras .. .. .. Caixa Postal, 670 — Curitiba.
Academia Rio-Grande de Letras .. .. .. Caixa Postal, 515 — Porto-Alegre.
Academia Matogrossense de Letras .. .. .. Casa B. de Melgaço — Cuiabá.
Academia Juvenal Galeno .. .. .. Rua Montenegro, 284 — Ipanema (Rio).

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

1941

N.° 5

APRESENTA:

TRABALHOS ORIGINAIS

BIBLIOGRAFIA

CRITICA

RESENHA DAS ARTES NACIONAIS

INFORMAÇÕES

PANORAMA DO MOVIMENTO INTELECTUAL

Organizado por:

NEWTON BELEZA — D'ALMEIDA VICTOR
CARLOS DOMINGUES — OSVALDO DE
SOUZA E SILVA — MARIO LINHARES
SANTA ROSA — PAULO WERNECK
E PELOS EDITORES

PONGETTI

Grandes dificuldades apresentaram-se aos organizadores deste "ANUÁRIO", decorrentes da situação criada pela guerra.

A alta vertiginosa dos preços da matéria-prima empregada nas artes gráficas puseram em cheque o plano econômico desta publicação, exigindo novos sacrificios de nossa parte.

Embora lançado desde seu primeiro número sem qualquer objetivo de lucro imediato, o "ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA" constitue hoje um fator de grande importância em nosso programa editorial. Nele empregamos quantidades consideraveis de papel, cujo preço atingiu uma alta jamais verificada em nosso país.

Diante de tão graves obstaculos, só duas soluções se apresentavam capazes de resolver o problema: o aumento de preço do "ANUÁRIO" ou uma grande redução em suas páginas. A primeira não nos pareceu indicada, por se afastar do nosso objetivo principal, que é oferecê-lo a bom preço. Quanto à segunda, viria prejudicar gravemente a eficiência de seu texto. Resolvemos, pois, abandonar qualquer tentativa de conciliar o orçamento gráfico do "ANUÁRIO" com a receita de sua publicidade. Ele sai tal como o desejam seus leitores: completo, barato e procurando servir da melhor forma possivel os interesses da nossa cultura.

O apoio que lhe vem sendo prestado entusiasticamente em toda a América constitue recompensa suficiente para a nossa contribuição.

OS EDITORES

Alguns

*Os balanços
dução literária
sindlado que e
fraco, ao menc
ção com a riq
dos imediatam
em determinad
ficção, por exc
sentou um ace
as contribuições
res dos maiore
tréias excepcion
cativas de roma
tas. Este últim
observou — os
ram mais ocupa
romances do qu
Os editores, atr
tarefa, teem var
As traduções s
menor que o p
reitos sobre o*

Alguns fatos do ano intelectual de 1940

Osorio Borba

Os balanços críticos da produção literária de 1940 teem assinalado que ele foi um ano fraco, ao menos em comparação com a riqueza de alguns dos imediatamente anteriores em determinados gêneros. Na ficção, por exemplo, 1939 apresentou um acervo notavel com as contribuições de vários autores dos maiores e algumas estréias excepcionalmente significativas de romancistas e contistas. Este último ano — já se observou — os autores estiveram mais ocupados em traduzir romances do que em escrevê-los. Os editores, atribuindo-lhes essa tarefa, teem variadas vantagens. As traduções são uma despesa menor que o pagamento de direitos sobre originais e com perspetivas muito mais certas e amplas de lucro. Realmente, o mercado de livros esteve cada vez mais dominado pela torrente das traduções — os imensos romances "cinematográficos", que teem um público enorme e infalivel, ansioso de fazer cultura em grosso e muito feliz de poder exibir sua capacidade de leitura arrastando pelos bondes e pelo areal de Copacabana as suas bíblias de mil páginas consagradas pelas câmeras de Hollywood, e que, alem de todas essas vantagens, ainda teem a de fornecer um meio, em última instância barato, de matar o tempo. Mil páginas por vinte mil réis. Os "best-sellers" dominaram, assim, o mercado, afastando o mais possivel o modesto artigo nacional. Teem registrado os balanceadores do movimento literário que a poesia brilhou — mais do que o romance — em 1940. Não certamente em quantidade mas pelo valor transcendente de dois ou três — pelo menos de um livro, sem dúvida nenhuma excepcional, surgido durante o ano.

Estas breves notas não pretendem constituir um balanço crítico nem mesmo uma resenha bibliográfica completa, mas apenas o registro, como o título o indica, de apenas alguns fatos do ano no mundo intelectual, feito quase apenas de memória, sem o auxílio de apontamentos minuciosos.

* * *

Inicialmente devemos assinalar algumas obras e alguns autores surgidos durante o ano nos vários setores. Em poesia um livro fora do mercado, de um autor nada popular e possivelmente impopularizavel, até pela própria grandeza e originalidade de sua arte, marcou o ponto mais alto, o acontecimento mais significativo do ano. O Sr. Carlos Drummond de Andrade, autor de "O Sentimento do Mundo", realiza uma poesia de uma altitude, de uma força, de um patético que constitue alguma coisa inédita e imprevista no lirismo brasileiro, um modo de ser e de sentir para o qual não encontramos pontos de referência entre os nossos outros grandes poetas.

O outro livro de poemas assinalavel do ano foi "A Estrela Solitária", em que se acen-

tuaram as melhores qualidades características do neo-romantismo do Sr. Augusto Frederico Schmidt.

No romance os melhores autores que vinham mantendo uma produção regular — dando quase invariavelmente a sua safra anual — estiveram quase todos inativos. Dentre eles, só o Sr. Erico Verissimo compareceu, com uma novela em que, parece certo, a realização não correspondeu às sugestões do motivo e aos propósitos do autor: "Saga", um romance brasileiro da guerra de Espanha; e o Sr. Lúcio Cardoso marcou mais nitidamente, com "O Desconhecido", sua inclinação para o romance de introspecção e o seu destino de escritor fadado a fonte de controvérsia, provocando as reações mais radicalmente contraditórias, da apologia irrestrita à negação mais cega.

O Sr. Ribeiro Couto deu uma novela, "Prima Belinha", e os contos de "Largo da Matriz", certamente sem acrescentar muito ao prestigio do narrador admiravel de "Baianinha e outras mulheres" e "Cabocla"

Do Rio Grande vieram entre outros o "Romance Antigo", do Sr. Darcy Azambuja, prêmio de romance do concurso oficial comemorativo do bi-centenário de Porto-Alegre; e "Um Clarão Rasgou o Céu" do Sr. De Sousa Junior. Noutro gênero surgiu tambem prêmio daquele concurso — "Imagens Sentimentais da Cidade", do Sr. Athos Damasceno Ferreira.

Entre as estreias, a do Sr. Perminio Asfora, um pouco mal estreado com um "romance do algodão" em cujas qualidades, entretanto, a crítica pareceu ter fundado boas esperanças. E uma outra iniciação a registrar: a do Sr. Osvaldo Alves, que em "Um Homem Dentro do Mundo" revela méritos positivos, sensibilidade, o domínio da forma e da técnica. Um estreante cujo nome é preciso guardar.

O contista Miroel Silveira publicou o seu primeiro volume, "Bonecos de Engonço", onde há páginas excelentes, com um senso de "humour" fascinante, associado a uma discreta, disfarçada ternura humana: "Esses homens educados na Inglaterra", "Meu Pai," "Fuga," "O Penteado de Mme. Ronet," e uma pequena novela-ensaio, "Meu Filho," em que o autor deu forma lírica a uma espécie de manual de educação dos filhos.

Na história e crítica literárias, devem ser destacados: "Breves Noções de Historia das Literaturas", do Sr. Manuel Bandeira, compêndio com as deficiências de toda literatura didática no ramo, mas com um método, uma clareza, uma precisão e um gosto dificilmente encontraveis nos trabalhos do gênero entre nós; a "Vida Literária", em que o Sr. Rosário Fusco enfeixou os seus magnificos artigos do "Diário de Noticias", nos quais se afirmara um critico tão agudo, tão rico de imaginação interpretativa e tão independente, em geral; o ensaio sobre Amiel do mesmo autor; e "A Filosofia de Machado de Assis", do Sr. Afrânio Coutinho, que já era um nome familiar aos meios literários do país, dando-nos, da sua Baía, um exemplo de seriedade de espírito e honestidade intelectual.

Como um padrão do gênero polêmica, com todo um certo ar meio "antigo" das polêmicas à moda peninsular, o Sr. Joaquim Pimenta publicou "Cultura de Fichário", contradita minuciosa e sempre irreverente às idéias sociológicas do Sr. Tristão de Ataide e às suas afirmações e referências nessa ordem de estudos.

O ensaio, em várias especialidades, apresentou, alem dos livros e conferências do Sr. Gilberto Freire ("Uma Cultura Ameaçada," "O Mundo que o Português criou", "Um Engenheiro Francês no Brasil," "Atualidade de Euclides da Cunha", etc.) uma produção variada e numerosa. O Sr. Gondim da Fonseca incorporou ao gênero "vidas" a nossa primeira grande biografia de Santos Dumont, com abundância de material, destruição inteligente de várias mentiras históricas, e os defeitos de uma certa sistemática "molecagem" de epigramas pouco oportunos contra terceiros e anedotas intencionais em torno de figuras que na história do invento foram menos do que simples testemunhas distantes. A literatura de aproximação dos povos continentais enriqueceu-se com o "Roteiro dos Andes", do Sr. Angione Costa — estudos e impressões de viagem ao Perú e outros paises sul-americanos.

Da Argentina, escrito em espanhol, mandou-nos a escritora brasileira Lidia Besouchet um ensaio altamente importante, "Mauá y su Epoca," apontado como a melhor, mais completa e mais objetiva biografia do pioneiro da industrialização brasileira, destacando-se tanto mais expressivamente quanto em confronto com a apologia, de qualquer modo opulenta em material, de Alberto de Faria, e a réplica do notavel publicista que é o Prof. Castro Rebelo. Os Srs. José Honório Rodrigues e Joaquim Ribeiro deram um livro sério e importante sobre a "Civilização Holandesa no Brasil". E um poeta, o Sr. Francisco Karan, surpreendeu os admiradores de sua poesia com um ensaio econômico-social "O Estado Capitalista", propon-

do uma solução original para o problema da produção e distribuição da riqueza.

O Sr. Luiz Jardim, o contista de "Maria Perigosa," estreou na literatura infantil com um livro, "O Boi Aruá" que, salvo um grande equivoco, ficará como um verdadeiro marco nesse gênero, no Brasil, pela sua riqueza de elementos humanos e poéticos, pela nota lirica envolvente que sabe ele extrair dos motivos populares, e pela força e originalidade da linguagem, haurida nas fontes autênticas do português falado no interior sem, entretanto, nada das deformações caricaturais do detestavel "caipirismo".

*

* *

Outro fato destinado a repercussão, no movimento editorial do ano: a reedição de "A Sucessora" da Sra. Carolina Nabuco. O público — inclusive o grosso público dos "best-sellers" — está habilitado a fazer por si o julgamento de um caso sensacional, passivel, como todas as questões de plágio e imitação literária, de infinita controvérsia. Um cotejo crítico minucioso, aliás, já deu veredicto idôneo em favor da escritora brasileira que se queixou de haver sido plagiada pela Sra. Daphne Du Maurier no seu célebre e cinematográfico "Rebeca" em circunstâncias particularmente interessantes: o furto teria sido perpetrado quando os originais do romance patricio, em busca de uma "chance", corriam a via-crucis das editoras norte-americanas, numa das quais a Sra. Du Maurier "colhia material" como "leitora" de manuscritos pretendentes a publicação.

*

* *

Verificou-se em 1940 o primeiro romance brasileiro adaptado ao cinema. Antes não o fosse. Parece que ainda muitas luas terão de passar antes que vejamos um filme nacional suportavel. O primeiro romance brasileiro transformado em filme foi um tremendo fracasso. "Pureza" não será uma das melhores novelas nacionais, nem talvez mesmo uma das melhores do sr. Lins do Rego. Mas, confrontado com a monstruosidade do filme, o texto literário nos parecerá quase uma obra-prima.

*

* *

No setor da critica, o Sr. Sérgio Buarque de Holanda substituiu no rodapé do "Diário de Noticias" o Sr. Mário Andrade, que substituira o Sr. Rosário Fusco. Uma seção de critica, portanto, cujo prestigio continua por um senso feliz e até agora inalterado de escolha, que a mantem sempre em excelentes mãos.

O fato novo mais interessante na esfera da critica foi a restauração do rodapé do "Correio da Manhã", cujo último responsavel fora, já há uns dez anos, Humberto de Campos, e com ela, a incorporação, ao pequeno número dos nossos verdadeiros criticos em atividade, do Sr. Alvaro Lins. O mais jovem dos nossos criticos em exercicio na imprensa, que estreara no ano anterior com a "História Literária de Eça de Queiroz", e que com esse livro notavel fizera — para usar uma expressão usada para ele pelo sr. Eloi Pontes em "A Tarde" da Baia — "a entrada de leão de um dos mais expressivos valores das letras brasileiras contemporâneas", é já hoje um dos nossos criticos de maior equilibrio, segurança e autoridade.

*

* *

O Sr. Manuel Bandeira entrou para a Academia. O grande poeta já se vinha impondo ao respeito, tambem, dos espiritos de feição "acadêmica", não tanto talvez pela altitude de sua poesia, que tem ainda tantos negadores empacados entre os "bem pensantes", mas pelas suas atividades de critico e historiador literário, de professor de literatura e de filólogo ao menos diletante. Não foi de todo ilógica a entrada do Sr. Manuel Bandeira para a Academia, dadas as qualidades clássicas, o espirito acadêmico no bom sentido, que nele coexistiam com o artista revolucionário, com o inovador a quem nossa poesia deve uma contribuição pessoal tão significativa.

*

* *

Na Academia Brasileira fez-se uma reforma de estatutos. Seus propugnadores fizeram constar que com isso realizavam uma revolução maior que a de Graça Aranha, que, aliás não houve lá dentro — conferindo cenáculo o direito de chamar a si grandes escritores, independentemente de inscrição e peditório de votos. Mas, por detrás dessa resplandecente cortina, sabe-se que houve, da parte da maioria dos paladinos, outras coisas. Nos debates da reforma o eminente Sr. Miguel Osório de Almeida fez um discurso magistral e interessantissimo, inclusive pela coragem maliciosa de romper máscaras. A história da Academia, se não falham os vaticinios atuais sobre os futuros frutos concretos da reforma, dará uma especial importância a essa oração do cientista-escritor, e aos três únicos votos contrários, alem da

implicia reprovação dum acadêmico ausente do país: os votos dos Srs. Miguel Osório de Almeida, Tristão de Ataide e Afrânio Peixoto.

*
* *

Um acontecimento artístico do ano, cujo registro cabe aqui: o triunfo de Cândido Portinari nos Estados-Unidos, depois da sua consagrativa exposição... biográfica no nosso Museu de Belas Artes. Portinari é naturalmente grande e glorioso pela própria força do seu talento e da sua paixão pela pintura, do seu esforço heróico e imperturbavel. Mas na irradiação do seu nome, na imposição de sua glória à conciência geral, mas oportunidades que recentemente se apresentaram ao Brasil de ver o seu grande artista vitorioso no mundo, há uma pequena contribuição indireta mas não desprezivel do pequeno grupo de homens de letras que se anteciparam em reconhecer-lhe o valor quando isso era ainda um "ridículo" ou mesmo um crime perigoso, em fase das incompreensões obstinadas e poderosas que enrijeciam o pescoço para negar a arte de Portinari e viam nos seus admiradores um bando de snobs, degenerados, ou loucos, ou coisa peor. Hoje a evidência já não consente margem a essa campanha negativista.

Registre-se, a respeito, o aparecimento numa grende e bela edição da Universidade de Chicago, do livro "Portinari. His Life and art", com estudos de Rockwell Kent e Josias Leão e cerca de cem reproduções de quadros do pintor de Brodowski.

*
* *

O prestigio do Sr. Rosário Fusco sofreu um diminuição. A um seu trabalho os críticos recusam um lugar na literatura, e alguns deles o teem feito em termos um pouco duros. Mas o ilustre mineiro tem bastante inteligência e malicia para compreender a homenagem que ao seu talento e à sua personalidade de critico há nessas censuras. O que o Sr. Rosário Fusco fez recentemente tantos outros tem feito sempre impunemente; há tantos que não fazem outra coisa, sem que ninguem se incomode! Pois nessa diferença de tratamento é que está exatamente a homenagem dos seus censores. É de certo o primeiro da categoria, do valor, da autoridade, da significação do jovem critico, que surpreende os admiradores, fazendo essa coisa não muito bonita que constitue função especifica e deveria ser exclusividade daqueles outros, os contumazes.

*
* *

Encerremos este registro com dois fatos que não houve. Há dois livros célebres no Brasil que não estão publicados, que não estão talvez ainda escritos totalmente: os romances "João Ternura", de Anibal Machado, e "Marco Zero", os Osvald de Andrade. Há muitos anos que eles são anunciados pelos amigos desses escritores. A importância de ambos na literatura brasileira justifica a permanente reclamação contra o inédito e explica a celebridade sui-generis, de carater lendário, de dois romances inéditos.

de guerra a guerra

ALVARO MOREYRA

1917 — *Francisco Alves morreu. Legou a fortuna à Academia. Fortuna grande. O velho livreiro tinha no sangue a vocação do lucro. Homem arrepiado, português antigo comerciante honesto como comerciante, — nele, ganhar era um estado de alma. A sua partida deste mundo pode ser ótima para a cultura nacional. Rica, talvez a Academia consiga se movimentar, exercer influência. Com os vastos mil contos do amigo póstumo, que irá fazer? Não sabe, por enquanto. A surpresa a atarantou. Um dos de lá de dentro, e dos mais inteligentes, — Medeiros e Albuquerque, — escreveu há dias:*

"Em torno da herança deixada pelo livreiro Alves à Academia já há toda uma literatura. Chovem os comentários e principalmente as sugestões. Há quem queira que a Academia se instale em um palácio, quem lhe lembre (nem mais nem menos) a conveniência de construir um teatro, quem indique a vantagem de converter-se em Academia de primeiras letras e instalar numerosas escolas primarias. Breve virão as lembranças de uma linha de tiro, de um "dreadnought" e algumas outras idéias, igualmente apropriadas e oportunas!"

O testador determinou que fossem instituidos dois prêmios: um sobre os processos mais adequados para a disseminação da instrução; outro, sobre o ensino da língua portuguesa; ambos, de cinco em cinco anos.

Para a discussão do resto, os acadêmicos teem tempo...

1925 — *A falência da casa editora Monteiro Lobato & C. chamou a atenção sobre esta tristeza: todo comércio progride no Brasil, menos o comércio de livros. Os escritores se queixam dos que lhes imprimem e põem à venda as obras; os que imprimem e põem à venda as obras dos escritores se queixam dos que vendem e não prestam contas; os que vendem e não prestam contas se queixam dos leitores ausentes... E os leitores ausentes, de que se queixarão?...*

1933 — *Para alguma coisa boa serviu a crise. Os livros estrangeiros que, antes da guerra, custavam comumente de três a cinco mil réis, foram subindo, subindo de preço, e hoje um romance qualquer não se compra por menos de quinze mil réis. Os leitores de outras línguas foram diminuindo de número. Aumentaram os compradores de volumes na língua do país. As casas editoras, no Rio e nos Estados, estão crescendo. Por quantias agradaveis, traduções, algumas excelentes, revelam os autores de todo o mundo...*

"P. Alegre, Dom. da Páscoa 1933

Meu caro Alvaro:

Depois de receber a sua carta, logo depois, estive na Praça da Caridade — é um triângulo muito feio (tão diferente!) com um mictório monumental, tudo pratico, tudo certinho. Algumas paineiras velhas, árvores do tempo do Filipe, ainda lá estão, teimosas — mas de certo já esqueceram o bom tempo. Não me contaram nada em particular. Achei que o lugar era indecente para se levantar uma lembrança, Alvaro. Mas mesmo assim, falei ao pessoal. Vai então, todos acharam que o Eduardo merecia preferencia no caso; aqui vivera, por aqui poetara etc. Você compreende. Fiquei pensando em V., na sua amizade pelo poeta Filipe, na tristeza dos que vão ficando e recordando. V. acredite, porem, que a sugestão não se perdeu. Pensei em inaugurar um retrato do Filipe aqui na Biblioteca. Diga-me a sua opinião, meu velho Alvaro. Com franqueza. Vou mandar tambem para você um retrato da Praça da Caridade, breve. Se V. achar que o Filipe gostaria de ficar por lá, me diga, que eu voltarei à carga. Há um coelhinho irônico sobre a mesa. Achei o meu velho exemplar do seu "Sorriso" — que saudade...

Um abraço do

Augusto Meyer."

"Paris, 11 *Abril* 1933

Querido Alvaro,

muito e muito obrigado por tua carta. Mau grado o sofrimento que ela depara, como a

gente se convence, em tais casos, de que o único remédio para curar feridas iguais às nossas é a inteligência! Tua carta ressuscitou, em mim, uma porção de imagens do Filipe. Ao virar a última página da tua carta, Filipe estava de pé diante dos meus olhos. Como eu agradeço a ti e ao nosso João, o milagre dessas reaparições!

O monumento projetado pela Adriana Janacopulos parece-me de grande sobriedade. Naturalmente, como já disse ao João, penso que suas linhas devem ser puras e simples. E, sobretudo, de grande energia, nobre e direta. Como o Filipe. Como o pensamento do Filipe. E' preciso, porem, o maior cuidado com as figuras. Nada de "estilo exposição de arte moderna"! Tudo depende, tambem, do material. O granito cinzento é maravilhoso. Mas exige bronze bem "patinado". O bronze negro é absorvido pelo grão sombrio da pedra. Enfim, ninguem, melhor do que tu, poderá julgar a obra. Eu desejaria que o Mestrovic (para mim o "grande" escultor do mundo contemporâneo) fizesse o túmulo. Mas, infelizmente, ele já partiu para a Iugoslávia. E, sem conversa preliminar comigo, qualquer projeto seria deficiente. Vou pedir um plano ao Brecheret. Sem compromisso. Rogo-te que me mandes, quanto antes, o melhor retrato que houver do Filipe. Não esqueças que é urgente!

Envio-te, aqui, um recorte do "Figaro" sobre o meu Rabelais, do qual, brevemente, te remeterei um exemplar. Filipe gostava desse livro. Por isso, me permito falar em tal assunto, nesta carta. Mas Filipe está vivo! Quantos brasileiros, no futuro, "ficarão vivos," como ele?

Afetuosos e saudosos abraços.

Teu Ronald."

1936 — *Intelectuais de São-Paulo, entre eles Afonso de Escragnolle Taunay, Alcântara Machado, Paulo Prado, Yan de Almeida Prado, Mário de Andrade, Reinaldo Porchat, Paulo Setubal, Vicente Ráo, Plínio Barreto, Fonseca Teles, Rubens do Amaral, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, fundaram a "Bandeira". Menotti del Picchia deu a propósito, uma entrevista a "A Noite" e informou que — a "Bandeira" se liga à Revolução Artística da Semana de Arte Moderna de 1924, a qual desencadeou no país uma visceral revisão de processos e valores, quer na arte, quer na política.*

1938 — *Tão de casa, tão da gente... Ninguem podia pensar que Alfonso Reyes fosse embora. E foi. Esteve longe dois anos. Voltou por uns tempos. Explica:*

— Agora eu sou embaixador de emergência...

Veio ao Brasil tratar da colocação do petróleo mexicano. Se o ouvisse, Julien Benda de certo que exclamava:

— Mais um "clerc" que traiu!

Erro. Trair é um verbo que Alfonso Reyes não aprendeu. Do tempo de "clerc", guardou a inteligência afiadíssima, a graça da cultura, a profunda compreensão dos entes e dos casos.

Falaram nele para diretor da Universidade do México. Aceitaria, se outras preocupações não o impedissem, no momento. Tinha a idéia de formar, ao lado da Universidade atual, uma casa nova de altos estudos, com os professores expulsos pelas ditaduras européias.

O desejo de Alfonso Reyes é não sair mais do México. Mandou construir, num bairro inaugurado há pouco, a sua casa:

— A minha livraria. Para guardar os trinta mil volumes que conservei, fechados em caixões. Uma grande sala para eles, e um quarto pequeno para dormir, com uma mesa para comer.

Conta, cheio de admiração, como é Cardenas, o que fez, o que está fazendo, o que fará Cardenas. E termina:

— Um homem. Não tem a vaidade do poder. Tem a melancolia do poder.

1940 — *No último livro de Luc Durtain, "O Globo debaixo do braço", pensamentos apanhados em viagens numerosas, — há o seguinte:*

"A civilização tende a tomar o mesmo nível em toda a terra."

A civilização?!

1941 — *Se a Inglaterra vencer, Heine, a pesar de judeu, fornecerá uma lembrança de consolo: "A Inglaterra foi o único país que caiu no ridículo de vencer Napoleão".*

Se a Alemanha vencer, Frank Harris poderá repetir: "O maior feito da história da Inglaterra foi ter produzido Shakespeare."

Início da História de um Romance de Aluízio Azevedo

Josué Montello

De todas as provincias do Império, foi talvez a do Maranhão aquela onde o preconceito de cor revelou a mais teimosa intransigência social.

Esse preconceito de cor manifestou-se principalmente contra o mulato. Saido da senzala, tornado livre pela benemerência dos senhores — o cabra (como então era chamado) conseguiu fugir da classe originária, para infiltrar-se nas classes superiores, graças às suas inegaveis qualidades de inteligência e sedução.

A universidade de Coimbra e as faculdades de São-Paulo e Pernambuco — formaram durante o império numerosos bachareis mulatos. A benemerência dos senhores não se restringiu à libertação das senzalas: estendeu-se a uma educação aprimorada, fazendo o bastardo de procedência humílima nivelar-se com os filhos legitimos nos bancos das escolas superiores. O magistério, o jornalismo e sobretudo a politica completaram a ascenção do novo tipo. E tão sensivel foi a sua elevação na sociedade imperial que, o propósito da queda da monarquia, se chegou a dizer, com evidente sentido irónico, que "o primeiro imperador fora deposto por não ser nato — e o segundo, por não ser mulato".

Essa mobilidade vertical sofreu, entretanto, os mais rudes combates e revéses. Para muita gente com fumaça de sangue limpo, o mulato, apesar do grau de doutor e do titulo de bacharel, continuou a ser

tratado como se ainda vivesse de pé no chão a arrastar a calceta do cativeiro.

Muita indireta pesada o mulato recebeu de cabeça baixa. E muita partida, com o propósito hostil de amesquinhá-lo e feri-lo, lhe foi pregada nos salões do império.

A sociedade tomou, assim, em relação ao mulato, duas atitudes antagônicas: possibilitou-lhe a ascenção, pela benemerência dos senhores, e procurou afastá-lo da elite social, pelas hostilidades das familias enfatuadas com a preocupação da branquidade sem mancha.

O antagonismo pode ser explicado com um novo ponto de vista sociológico sobre o problema do mulato brasileiro.

A ogeriza ao mulato nasceu do ciume da sinhá-dona. A tese parecerá sentimental — e ainda não foi lembrada pelos nossos sociólogos. Entretanto, no nosso entender, foi esse sentimento a principal geratriz do movimento que se levantou na colônia e no império para castigar o novo homem.

Na verdade, cada mulato devia representar aos olhos das sinhás-donas a manifestação bem clara da prevaricação dos brancos nas senzalas. E o ciume, em tal caso, foi um impulso natural, perfeitamente explicavel — baseado não em simples suspeita, como na personagem shakespeareana, mas apoiado em prova real, como no herói moderno de René-Albert Guzman.

A história do cativeiro está povoada de episódios comprobatórios do excessivo ciume das sinhás-donas. Esses episódios atingiram por vezes, o barbaro aspecto inquisitorial de crueldades extremas. Houve morte de escravas bonitas aureolada de mistério. Da noite para o dia, muita beleza negra foi desfeita e apareceu grotescamente de dentes arrancados e gengivas sangrando. E não foram poucas aquelas que tiveram as partes genitais queimadas a ferro em brasa. E tudo isso aconteceu nesse Brasil de outrora, simplesmente porque havia baixado sobre as pobres negras cativas o olhar amoroso e fatal de seus senhores.

Saido das prevaricações do branco nas senzalas, o mulato tinha que receber naturalmente o ódio derivado do ciume das sinhás-donas. Ele representava a comprovação da preferência do branco pela negra. Daí sur-

giu a campanha que o mulato sofreu nas etapas de sua ascenção. Foi duramente castigado nas vias públicas e nos salões. Cospiam-lhe em rosto, chamavam-no de negro. Convidavam-no para as festas de família e o isolavam a um canto. Deixavam que ele se enfeitiçasse pelas graças naturais da sinhá-moça e barravam-lhe acintosamente o casamento sob a alegação de que não criavam as filhas para as casarem com antigos escravos alforriados.

Nessa campanha a mulher assumiu realmente a atitude mais destacada. Porque o senhor, para atenuamento da possivel ogeriza ao mulato, trazia em si o sentimento de paternidade — enquanto que a sinhá-dona, alem dos naturais escrúpulos fidalgos de pureza de linguagem, dispunha, para estimulo da birra ao novo homem, de uma necessidade de reação despertada pela presença odiosa do cabra: — e era a recalcada vingança ao ultraje sofrido com os encantos das escravas ao voluptuoso olhar dos senhores infieis...

Aluizio Azevedo observou com sagacidade os movimentos desse conflito social. E fez com essa matéria plástica o assunto central de seu romance — "O Mulato".

Em Maio de 1881, em São-Luiz-do-Maranhão, a "Pacotilha", jornal de Aluizio e Vitor Lobato, intensificou a propaganda do livro. E em principio de Junho "O Mulato" vinha a final a lume, numa tiragem de mil exemplares. Era um grosso volume in-8.º, de quase quinhentas páginas. Aluizio Azevedo, na "Pacotilha", fez a publicidade do livro, estampando, com pseudônimos femininos, cartas e comentários sobre o aparecimento do romance.

"Uma lágrima de Mulher".. em 1879, fora recebido com frieza, quase não se falando desse livrinho romântico. Mas "O Mulato", agora, era um volume de sensação. O romance surgido em plena luta da geração do Aluizio, devia refletir — e de certa forma prolongar — o tropel da batalha. Nunca se presenciara na provinciana cidade de São-Luiz-do-Maranhão uma curiosidade semelhante. O romance foi lido avidamente — e logo cresceu em torno do romancista um movimento de hostilidade.

O romance era realmente um libelo terrivel. Aquele poder de sátira que Aluizio Azevedo exercitara como caricaturista, estava outra vez presente, agora animado exclusivamente pela palavra. Os ridiculos, os preconceitos e as misérias da provincia estavam vivos e fiéis, graças aos recursos do romancista, na dolorosa narrativa. Nada escapara à sua maravilhosa percepção. A burguesia tinha no livro os seus retratos mais carateristicos. Manuel Pescada, o Dias, Pedro da Silva — Aluizio os conhecera, com eles convivera, entrevira as forças subterrâneas que lhes comunicava alento e triunfo — e esse contacto se dera ainda na juventude quando, entre revoltas surdas, labutara no balcão do despachante David Freire da Silva. As conversas de rua, os modismos regionais, as superstições e as lendas, as paisagens e os costumes — em suma: tudo o que dava à cidade uma fisionomia e um aspecto individual e próprio, vinha reproduzido com exatidão perfeita nas páginas de "O Mulato". Essa exatidão fora de tal forma que, para qualquer maranhense, sob a sugestão de painéis e tipos subitamente revividos, esse romance, mesmo após a publicação de "O Cortiço", seria considerado a obra prima de Aluizio Azevedo. Por isso mesmo não tardou que na cidade começasse a ser feita a identificação das personagens.

Dona Ana Leger, retratada na figura pitoresca e ridicula de Dona Amância Souzelas, fora amiga de infância da mãe do romancista. Logo que "O Mulato" entrou a ser lido e comentado na capital maranhense, dona Ana rompeu relações com a familia Azevedo. Atitude mais hostil tomaria o clero, que se julgou ferido com o tipo do cônego Diogo, em cujos traços não foi dificil descobrir-se logo um dos dos prelados mais ilustres da diocese do Maranhão.

(trecho do capítulo "História de um romance", do livro ALUÍZIO AZEVEDO — o homem e a literatura.)

O Romance Brasileiro em 1940

Jorge Amado

A verdade é que esse ano de 1940 foi um ano fraco para a ficção brasileira, tanto para o romance como o conto. Ótimo ano para as traduções de romances estrangeiros, tendo as editoras nacionais lançado boa e má literatura americana e européia mas como uma média alta de bons livros, com ampla propaganda e excelente apresentação. As editoras Globo, Nacional, José Olimpio, Pongetti, Vecchi e Guaira, nos deram magníficas edições de ficção estrangeira. A ficção nacional é que não foi lá das pernas... Poucos livros e pouquíssimos livros bons. Após um ano, como o de 1939, com estréia de contistas da altura de Dias da Costa, Joel Silveira e Luiz Jardim, 1940 foi parco em matéria de contistas. Mas aquí quero falar é sobre romance.

Tínhamos vindo de um ano igualmente excelente em romance. Realmente 1939 nos dera novos como Guilherme de Figueiredo, Emil Farhat, Omer Mont'Alegre, Flávio de Campos, De Plácido e Silva, Dinã de Queiroz, José Candido de Carvalho, etc., nos dera um estreante no romance como Viana Moog, e ainda nos trouxera novos romances de José Lins do Rego, Jorge de Lima, Raquel de Queiroz, Telmo Vergara. Chegamos a 1940 e nos encontramos com uma absoluta ausência de bons romancistas e bons romances. Pequena quantidade, má qualidade em geral. Nessa tentativa de panorama que traço aquí, me deterei nos poucos

livros que vale a pena destacar.

De real interesse entre os estreantes com romance em 1940, só vejo um nome o de Tetrá de Teffé, cujo livro, "Batí a porta da vida" foi uma das minhas melhores surpresas literárias desses últimos tempos. Confesso que o abrí com desconfiança, mas essa desconfiança logo se dissipou. Não se trata de um romance perfeito. A romancista sofre ainda de indecisões (especialmente de estilo e construção), porem são as indecisões naturais de uma estreante. O que importa ver nesse volume são as qualidades e estas são muitas, Tetrá de Teffé é, sem dúvida, um temperamento de romancista. Tem o que dizer, seus tipos vivem, são humanos, seu diálogo é movimentado e natural, sente-se o drama que ela apresenta. Julgo que este é um nome a guardar, que se trata de alguem que tem um caminho a pecorrer no romance. A única estréia do ano que me impressionou, que me fez sentir a presença de um romancista.

Vale a pena notar tambem os romances dos srs. Osvaldo Alves, livro que se bem seja muito desigual tem alguma coisa a dizer, e os dos senhores Leão Machado e Alírio Meira Wanderlei, mais fracos que o anterior. Não são no entanto, nenhum dos três, livro que marque a presença de uma vocação de romancista.

Dos romancistas de nome feito poucos publicaram nesse ano. Nem mesmo José Lins do Rego que há muitos anos não deixava de dar seu romance em junho ou julho, escreveu em 1940. Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Osvaldo de Andrade, ficaram silenciosos.

Érico Veríssimo é que voltou a seu grande público. "Saga", história que começa na revolução espanhola e termina em Porto-Alegre, vendeu muito e foi discutido pela crítica. Livro que conserva todas as enormes qualidades do romancista gaucho é tambem um romance onde os seus atuais defeitos mais sobressaem.

Na primeira parte do romance, quando da revolução espanhola, o romancista é vencido pelo assunto, não dá conta dele. Desconhecendo a realidade, que estava descrevendo Érico Veríssimo não sentiu terra firme debaixo dos seus pés e nos mostra uma humanidade de tipos puramente anormais sobre os quais o ambiente em que decorre a ação (e que ambiente!) pou-

ca influência exerce. Fugindo de se demorar no drama espanhol que desconhecia Érico Veríssimo não nos consegue convencer um só momento nessa primeira parte do seu último livro. Não há densidade, nem profundidade. Belos detalhes, somente.

Já na segunda parte e na "pastoral", o romancista de volta ao seu ambiente conhecido e dono da sua realidade pode nos dar alguma coisa de realmente belo. Aí, sim, reencontramos aquele mesmo Érico Veríssimo que é um dos primeiros nomes do romance brasileiro, cheio de ternura humana, indo ao fundo das criaturas, sem medo de encarar a realidade. A "Pastoral" é das mais belas coisas que se escreveram nesses últimos anos no Brasil. A construção do romance é excelente em toda essa parte do romance. E é uma enorme alegria reencontrar os tipos amigos de Fernanda, Noel, Clarissa, tanta gente com a qual já nos acostumamos. E tambem reencontrar num romance que se iniciava fraco e indeciso a vigorosa personalidade de romancista que é Érico Veríssimo.

"Tônio Bórgia" é outro romance a registrar. Cordeiro de Andrade é um dos jovens escritores brasileiros que veem construindo mais honesta e corajosamente a sua obra. Longe de grupinhos e de publicidades arranjadas nos jornais, o autor de "Cassacos" e de "Brejo" vem progredindo dia a dia na sua profissão de romancista. E se ainda não atingiu a plenitude da sua capacidade de romancear isso só é um elogio a quem realizou nesse ano passado um livro tão bem feito, com tanta segurança e técnica, como "Tônio Bórgia", romance cheio de qualidades. Um livro que vale a pena ler e um romancista que muito ainda nos pode dar.

Caso semelhante é do sr. Fran Martins, menos maduro talvez, mas igualmente cheio de talento e de qualidade. "Mundo Perdido" é o título do seu romance de 1940. Muito superior aos romances que publicara anteriormente, com um tema mais largo, sua personalidade de escritor muito mais liberta de influências. Outro que tem um largo caminho a percorrer e em quem se pode confiar.

E o que mais há a registrar no movimento de romances brasileiros em 1940? Creio que nada e a verdade manda que se diga que isso é muito pouco. Quais os motivos para essa decadência da ficção brasileira, para esse silêncio dos seus maiores romancistas? Mas isso é tema para um outro artigo, não cabe aquí. Fica para outra vez.

O ano das conferências e alguns dos seus representantes

Guilherme Figueiredo

E' moda examinar-se o ano intelectual brasileiro, para se dizer que correntes, estilos e assuntos predominaram nele. Creio que a questão caberá muito bem numa publicação como o ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA.

De 1939 se disse que tinha sido o ano do romance. Com efeito, o romance andou tão farto, por aquelas épocas, que o hebdomadário *Dom Casmurro* pôde oferecer aos escritores um complicado e generoso jantar celebrando a ficção — e nele figuraram desde os mais pre-históricos fósseis literários, aos mais recem-nascidos. O ano de 1940 — já um crítico observou — votou-se à poesia. Não se deixará de reconhecer que, de fato, no ano passado a safra poética se apresentou abundante: boas sementeiras, boa colheita, e sobretudo pouca larva. Livros de Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Manuel Bandeira são testemunhos disto. 1940 teve mesmo uma efeméride poética bem celebravel com a entrada de Bandeira para a Academia — que uns consideram uma revolução na Academia, e outros uma revolução em Bandeira. Escreveram-se no Brasil quilômetros de alexandrinos, metros livres, chaves de ouro, poesia moderna, poesia parnasiana. Poemas em português, em francês e em cassange. Mas ainda assim o critico observador deixou de notar que 1940, antes de ser da messe poética, revelou-se como a consagração da conferência.

Tivemos conferências de todas as extensões, de todos os feitios, de todas as cores, de todas as linguas. Conferências oficiais, oficiosas e particulares; militares e paisanas; repletas e desertas; esplêndidas e péssimas; nacionais e estrangeiras. Falou-se, discursou-se no ano passado mais do que quando funcionavam as Câmaras. O regime não alterou no brasileiro a sedução ruibarbosena pela palavra. Nem modificou estilos e linguagens.

Mas, do ponto de vista literário é que se torna urgente examinar esse ano das conferências. A causa da multiplicidade delas já está dita: nós adoramos o discurso. Seja numa praça imensa e ululante, seja num batisado restrito e íntimo, encontramos sempre um meio de usar farfalhantes adjetivos e girândolas de tropos. As quatro horas que duravam uma oração de Rui podem fatigar um pouco o ouvinte; não fazem, porem, o orador desconfiar. Diante de cada uma de nossas estátuas e bustos, nos jardins públicos, devia haver sempre uma tribuna com copo dágua; e para as cerimônias familiares, imprimir-se-ia uma antologia especial, que o orador poderia consultar até mesmo à mesa do aniversariante, ou à beira da sepultura do morto. Se o terreno é assim fertil como louva a carta de Vaz Caminha, nele dois outros motivos con-

correram na proliferação das conferencias do ano passado.

Primeiro, a inauguração do salão da Associação Brasileira de Imprensa, alí no edificio Reco-Reco, tão confortavel, tão ameno. Antigamente, as salas de conferências possuíam toscas e contundentes cadeiras de palinha. Na A. B. I. quase que já se pode suportar uma palestra do sr. Mucio Leão sobre João Ribeiro. Alí elas são dum fôfo couro vermelho, de onde se espera comodamente o adjetivo do orador. Antigamente, quarenta graus do trópico invadiam o recinto, derretiam a sintaxe do discurso, carbonizavam as metáforas mais inflamadas. Agora o sortilégio é tão completo que o ministro da Groenlândia, se quiser conferenciar sobre os encantos da sua terra, pode sintonizar o ambiente até que nele se adaptem focas e pinguins autênticos; e o embaixador dos tuareg, igualmente, fará rolar suas frases numa atmosfera em tudo semelhante à do planalto do Hoggar. A vantagem disso é que, se o ouvinte antigamente apanhava um resfriado ao sair da conferência, dado o calor crescente em que o trazia o conferencista, agora esse resfriado o público adquire logo à entrada do recinto, o que não deixa de evidenciar algum progresso. Tenho até um amigo médico, com o consultório num edifício refrigerado, que já anda perto da abastança só com atender os frequentadores do cinema que lhe fica por baixo. Assim, urge que o sr. Herbert Moses, tão dinâmico, providencie um departamento clinico para concertar as gargantas e narizes dos frequentadores da A. B. I.

Outra providência recomendavel, que ouso pedir a esse ubiquo lider, é a de se colocarem, mui discretamente, em todas as cadeiras da sala, pequenos dicionários franceses, ingleses, ou espanhois, conforme o caso. Porque se nota uma certa indecisão nos auditórios, indecisão talvez proveniente da farta distribuição de exames por decreto feita nas Festas de cada ano. A criação de um Departamento dos Dicionários, anexo ao salão, viria evitar cochichos esclarecedores, aplausos e risos fora de hora. Por exemplo: em determinada conferência, notavel pela abundância de imortais na mesa, era curioso o sinal de profunda aprovação de um deles, o mais social e literariamente sorridente, todas as vezes que o orador dizia: Chateaubriand... Ou: Voltaire... Nesses momentos o imortal aprovava, arregalava os olhos e exclamava: Ah! Talvez apenas por ter reconhecido um de seus pares. Em compensação, durante o resto do discurso, absolutamente não meneava a cabeça. O Departamento, ou Depósito, poderia ser nos mesmos moldes do depósito de cadeiras para pessoas gradas, que presumo já existir, dada a rapidez e eficiência com que cresce ou diminue o número de personalidades importantes assentadas à mesa presidencial.

Deixando de lado a criação da sala da A. B. I., útil impulso dado à conferência no Brasil, cuja abundância recorda, pelo menos quanto ao número, os tempos de Medeiros e Albuquerque e Bilac, passemos ao segundo motivo que deu lugar ao surto conferencista. Quero referir-me aos intelectuais refugiados.

De fato, embora sejamos entusiastas da oração, sempre nos mostramos mais ou menos alheios à conferência. Raramente se verificava com elas alguma coisa interessante — como por exemplo na de Antonio Torres. O seu cultivo, de uns anos para cá, limitava-se ao salão da Academia Brasileira, com as lépidas e donairosas palestras — coty com sifão, e aos discursos de centros estudantis. Mas a chegada de algum raro espécime de intelectual alienigena sempre provocava algum alvoroço, como foi o caso de Zweig no Instituto Nacional de Música. Mas com a guerra vieram ao nosso encontro alguns homens verdadeiramente interessantes, e outros perfeitamente desnecessários — todos, porem despertando alguma curiosidade. Não se deve deixar de afirmar que eles contribuiram para o surto do ano passado. Juntamente com eles, alguns nacionais de valor e felicidade surpreendentes nos deram belas palestras.

Dos estrangeiros, é preciso destacar Phillip Carr e Henri Torrès. O primeiro foi um dos iniciadores do ciclo. O segundo, politico e advogado em França, deu-nos, na Escola Nacional de Direito, conferencias sobre a eloquência forense, e na A. B. I. as suas impressões de jornalistas.

Torrès é um desses raros tipos que ainda podem tratar da eloquência. Fala com vigor e conhece todos os truques para impressionar o auditório. Bom psicólogo, adivinha logo diante de que espécie de assembléia o puseram, e assim discorre sobre Demóstenes como que admitindo que todos conheçam as "Filipicas". Essa amabilidade granjeou-lhe imenso público. Entretanto, orador mais do que pesquisador, não contribue nos seus estudos com grandes fragmentos de análise própria. Entusiasma, faz rir, comove — mas na maior parte dos casos é citando alguem que obtem esses

sucessos. Assim, recitou brilhantemente Cícero na Faculdade de Direito. Assim, desfilou frases felizes de um punhado de escritores franceses, na sua conferência sobre jornalismo. Trouxe para o nosso conhecimento aquela deliciosa sentença de Jean Cocteau sobre Victor Hugo: "Victor Hugo era um doido que pensava que era Victor Hugo". Soube evocar o encanto estilístico de Maurice Barrès e a crítica de Laurent Tailhade, tão pouco conhecido entre nós. Simples, elegante, habil a ponto de saber sublinhar uma intenção, mas não tanto que o ouvinte se sinta ofendido na sua sagacidade, e fornecendo com tanto espirito próprio um material quase sempre alheio, Torrès encanta-nos como intérprete, como um sério e intelectual Coquelin. Mas ficarão dele, como gratas músicas em nossos ouvidos, a sua apreciação sobre Clemenceau, e as sentidas palavras de fé nos destinos da França, ditas logo após lhe terem cassado a cidadania.

Já Leopold Stern, outro do grupo de intelectuais estrangeiros, não tem a vivacidade, a comunicabilidade de Torrès. Fez-se conhecido do público — e principalmente do público feminino — falando sobre Paul Bourget. O autor de *Le Disciple*, afora as damas de meia idade e algumas mocinhas frenéticas, já não possue uma situação estavel, de *best-seller* literário. Balzac, por exemplo, está muito mais perto de nós. E Leopold Stern, falando de seu mestre e da alma da mulher, teve uma assistência *demodé*, para usarmos um termo social que cabe tão bem no caso. Uma platéia de leitoras de Gina Lombroso. Stern fala sem paixão, sem impulsos, com um ar burocrático de secretário durante a ata da sessão anterior. A sua conferência foi perfeitamente vazia de emoções, e não nos deixou entrever o delicado escritor que é.

Literária, mas de efeitos estentóricos, foi a palestra — ou ordem do dia? — do sr. Hernandez Cuesta sobre o Cid. O sr. Hernandez Cuesta, ao contrário do sr. Leopold Stern, diz tudo, as afirmações mais pessoais, ou as sentenças mais óbvias, com o entusiasmo aflito de um Arquimedes iluminado, após o banho esclarecedor. Traz consigo a impetuosidade palavrosa de sua raça, e por vezes chega mesmo a seduzir e empolgar. E' possivel que suas raizes de orador provenham da praça pública, pois não admite nuanças nem reticências. Falando para uma assembléia quase que totalmente constituida do que os jornais noticiam como "figuras mais representativas da sociedade", esquecia-se de que 90 por cento do público brasileiro desconhece o Cid até mesmo através de Corneille. Uma simples data, na boca de Hernandez Cuesta, assume o aspeto de tirada esmagadora. E isto é pena, pois demonstrou fluência de expressão e um arroubo que, se moderado em algumas passagens, daria grande vigor a outras.

Promovida pela Associação Brasileira de Educação, houve uma conferência na Academia Brasileira, com um dos maiores públicos que o reporter conseguiu ver no ano passado. A conferencista, sra. Adrienne Bertrand, discorreu sobre a intelectualidade feminina do século XVII. Madame Rambouillet, Madame de Sevigné, e aquelas preciosas a quem o Cirano de Rostand pede: "Inspirez-nous des vers, mais ne les jugez pas". Julgando-os, e julgando as inspiradoras tornadas inspiradas, a sra. Adrienne Bertrand nos obriga a relembrar com mais força a frase do Cirano.

Recordemos ainda as séries de conferências da Casa e da Embaixada da Itália, e as das comemorações dos centenários de Portugal, às quais o reporter, por acúmulo de serviço, como se diz nas repartições, infelizmente não assistiu. E passemos às nacionais, a algumas das que nos pareceram mais importantes.

No Grêmio Literário Comendador Rainho, uma palestra do sr. Pedro Vergara foi bastante bem recebida. Esse grêmio, ao lado das associações positivistas e teosóficas, apresentou-se com um grande número de conferências. O Instituto Brasil-Estados Unidos iniciou as suas atividades com uma série de palestras subordinadas ao título: *Lições da vida americana*. Nela tomaram parte pedagogos, médicos, técnicos e literatos.

Algumas: a do sr. Mario de Andrade versou sobre música americana. Com o conhecimento do assunto e o espirito que lhe são peculiares, o musicólogo e poeta patrício mostrou a formação religiosa e protestante da música dos Estados-Unidos, as influências negras e espanholas. Desenhou o quadro atual da arte musical dos ianques, e enfeixou sua palestra com uma encantadora alegoria da fraternidade dos homens através da música. Platéia de jornalistas, críticos, romancistas, poetas. Apenas dois ou três músicos brasileiros: o maestro Francisco Mignone, o professor Luiz Heitor e o professor Sá Pereira (que eu não sei ao certo se estava ou não). Um estrangeiro, o pianista Tomás Terán. Nenhum outro, parece-me. No salão comple-

tamente cheio não se viam professores dos nossos conservatórios e escolas de música. E muito menos os alunos. Dado que o sr. Mario de Andrade é, incontestavelmente, o maior conhecedor de música destas paragens, verifica-se que, no Brasil, quem menos se preocupa com a música são os musicistas, que perderam uma esplêndida ocasião de aprender um pouco.

O sr. Anibal M. Machado teve como tema *A influência do cinema americano na vida moderna*. Ele é um aficionado da arte cinematográfica. Lê tudo que se escreve sobre o assunto, assiste mais de uma vez aos filmes que lhe agradam — ou mesmo só para ver de novo uma cena que lhe agrada num mau filme. Agil, nervoso, vibratil, e um dos escritores mais inteligentes que possuímos, os seus dotes de orador perdem-se precisamente nessa incansavel atmosfera de entusiasmo que é o sr. Anibal Machado. Prosador incomparavel, autor de um dos dez melhores contos brasileiros, *A morte da porta-estandarte* e do esperado romance *João Ternura*, o conferencista indica, no cuidado de suas cenas literárias, e na vivacidade da sua palavra e do seu gesto, o amante da arte do cinema. A sua palestra devia ser considerada um ponto de partida para os que desejam, com algum estudo honesto, reanimar a arte tisica que é a cinematografia nacional. O sr. Anibal Machado, dilatando o assunto que lhe coube, tratou das origens do cinema, do cinema europeu — e principalmente dos filmes franceses, italianos, russos e alemães, mostrando as desvantagens artísticas trazidas pela industrialização do filme americano.

O serviço que o Instituto Brasil-Estados Unidos presta aos nossos músicos e cineastas imprimindo as conferências dos srs. Mario de Andrade e Anibal Machado é digno de todos os louvores.

O romancista Érico Verissimo falou sobre os romancistas da América do Norte. Como palestrador, ele é agradavel e discreto, e sabe dosar a oração com frases de inesperado espírito. A sua conferência, porem, versando sobre os escritores estadunidenses, desde a lida e relida Becher Stowe ao perturbador John Steinbeck, pelo excesso de citações de nomes e datas, e pelo escasso material pessoal com que o conferencista as uniu, tornou-se por vezes um desfiar antológico demasiado monótono. O aplaudido autor de *Saga*, se conseguiu assim surpreender a assistência com uma erudição histórica-literária bastante precisa, não exibiu as qualidades de observador que o tornaram um dos nossos bons ficcionistas. Teve a melhor sala do ano, já comparada a "uma sessão do Metro" pelo sr. Emil Farhat. O salão da A. B. I. viu-se povoado de gente heterogênea, em que os críticos, os pintores, os poetas, os acadêmicos se misturavam às mamães um pouco arfantes acompanhando as filhinhas — talvez as mesmas que beliscaram Errol Flynn e leram em dois dias o "...E o vento levou". O prestígio do romancista gaúcho, demonstrado não só pelas tiragens avultadas dos seus livros, como tambem pela assistência que o acolheu nas suas conferências do Rio e de São-Paulo, torna-o um digno embaixador da moderna literatura brasileira nos Estados-Unidos — contanto que por lá as suas conferências sejam menos estatísticas.

O ano de 1940, tão pródigo em reuniões que foram verdadeiras datas para o nosso mundo intelectual, não deixou de nos dar um dia triste: foi aquele em que pereceu tragicamente Hernandez Catá. O Ministro de Cuba também nos reservara uma das suas elegantes e inteligentes palestras, a ser patrocinada pela *Cultura Artística* e versando sobre Debussy. Não chegamos a ter a ventura de ouvir o conversador incansavel, amigo dos artistas brasileiros e da nossa literatura. Ficou em nós a recordação daquele homem apaixonado pelas coisas do espírito, sempre presente às exposições de arte, aos discursos e aos concertos, e sempre com essa qualidade tão generosa e rara que é o desejo de aplaudir. Esta resenha, se termina assim com uma nota de luto, é porque pretende render uma homenagem muito sincera a Hernandez Catá.

Machado de Assis, Mestre do Conto e do Verso

Modesto de ABREU
(Da Academia Carioca de Letras)

Pode-se afirmar que a glória de Machado de Assis como mestre do conto brasileiro está hoje firmada definitivamente, sem nenhuma contestação. Não faltam mesmo os que entendam ser esse o seu gênero por excelência, considerando-o, como contista, mais alto que como romancista. Para muitos, os romances de Machado de Assis pecam pela ausência da nota descritiva, acostumados como estão ao comum do gênero, na conformidade dos cânones românticos e naturalistas, uns e outros sempre ávidos de explorar esse filão facil.

A partir das "Várias Histórias", dos "Contos Fluminenses" e da "Relíquias da Casa Velha", a técnica do conto transformou-se em nossos meios literários. É bem verdade que houve influência direta de Maupassant e de Eça de Queiroz, os dois autores de contos mais lidos em plagas brasileiras. Mas a copiosa produção de Machado no gênero e o exemplo da sua penetração na alma do nosso povo citadino, ajudados pelo senso da medida que o imunizava contra todos os excessos e extravagâncias do fim do século, impuseram-se a quantos entre nós escreveram, no livro ou no jornal, ao tempo em que ele viveu e nas primeiras gerações que se lhe seguiram.

Em todos quantos receberam o benéfico influxo do seu convívio podemos notar o quão profundamente atuou a figura do Mestre com a sua circunspecção e o seu respeito pela nobreza da função do escritor, pondo toda a sua arte no cinzelamento de tantas jóias finíssimas, às quais nem antes nem depois coisa alguma do que se produziu no gênero em nossas letras é lícito comparar.

Não se trata desse proselitismo facil, de aparências, de imitação, de pastiche, que costuma caracterizar a formação mais ou menos estardalhante de escolas em geral efêmeras. Justamente os casos esporádicos de decalque ou contrafação da obra machadiana é que menos exprimem essa influência. Quando quisermos mostrar sinais evidentes da fecundação exercida por seu gênio no espírito da nossa literatura ainda claudicante, mas de-pressa iremos analisar o que se vem produzindo, em matéria de conto, nos últimos setenta anos, sem aparente ligação com a técnica machadiana, do que trazer à consideração os oito contos, curiosos e bem imitados, da "Alma Alheia" de Pedro Rabelo, que teve a deliberada intenção de os escrever à maneira do Mestre.

Outro tanto se passa na poesia. Aqui a matéria é singularmente controvertida. A poética e o teatro de Machado de Assis são os dois ramos de sua atividade literária aos quais mais se teem levantado objeções. Seu teatro, de fato, não abrangeu todas as amplas formas que permitiriam comparação com a produção geral, no Brasil ou fora. Mas na poesia Machado de Assis tem todos os elementos para o confronto que se intente fazer. Foi lírico e condoreiro; tratou o tema indianista e o afro-negro; foi clássico e romântico, precursor e realizador do parnasianismo, tendo sabido apropriar do simbolismo os efeitos que não contradissessem os ditames da forma nem afetassem a integridade do conteúdo; fez o poema heroicômico e a comédia versificada; compôs a paródia e a poesia faceta; traduziu a fábula e a epopéia; manejou como mestre o

bom decassilabo clássico português e deu feição nacional ao alexandrino e à redondilha dos franceses, desarticulando-lhes sabiamente os ritmos, à maneira de Chénier, e, acima de quaisquer outras considerações, sagrou-se poeta antológico, com meia dúzia de produções lapidares, indispensáveis, repetidas, transcritas, decoradas, recitadas em todas as escolas, ano por ano, pela mocidade que se educa no conhecimento e no sentir das páginas magistrais de nossa literatura.

Não obstante, a crítica não é unânime em reconhecer-lhe os foros de grande poeta, a que tem incontestavel direito. Certamente a inicial educação clássica e em seguida a discreta adoção dos processos românticos não lhe permitiram, nos versos dos três livros iniciais, amplos surtos, que de resto ficariam em contradição com o tom geral de sua obra em prosa e com a formação toda especial do seu espírito. Não é facil reunir, entre os seus primeiros versos, um número razoavel de composições que ainda hoje nos possa extasiar e nos fale intimamente à sensibilidade. Mas isso é fenômeno que se verifica com a generalidade dos poetas clássicos e com a maior parte dos grandes românticos e mesmo dos parnasianos. Tudo depende muito das notas que o poeta feriu de preferência e dos processos empregados, hoje por inteiro diferentes. Castro Alves, no verso, como Alencar, na prosa, já não podem ser lidos com o mesmo agrado com que os liam nossos avós, educados em outros gostos e influenciados por outras estéticas.

É todavia um absurdo profetizar, como já se fez, que a poesia de Machado de Assis estava fadada ao esquecimento. Os fatos demonstram o contrário. A obra de arte, quando tocada de um razoavel senso de universalidade, jamais perece. Quem escreveu "A Mosca Azul" e o "Círculo Vicioso" nunca poderá ser relegado ao esquecimento por quem quer que saiba ler e saiba, através de meia dúzia de linhas em prosa ou verso, identificar uma idéia sua, um sentimento seu, que hajam encontrado eco na pena de um verdadeiro escritor, poeta ou prosador.

Mesmo que Machado de Assis só houvesse produzido essas duas joias de beleza e de síntese humana, seu nome teria de ficar entre os dos maiores poetas da lingua que falamos. Ninguem se lembra de outros versos de Arvers alem dos do soneto famoso; nem há quase quem conheça outros versos de Soulary afora aquele magistral soneto das "Duas Mães" tambem traduzido como os "Dois Cortejos"; entretanto, quem lhes poderá riscar os nomes das antologias, suprimindo-os da história da literatura francesa?

Dir-nos-ão: sim, concedemos que o poeta das "Ocidentais" seja, de fato, um grande poeta, um nome de primeira plana no firmamento poético de nossa literatura. Mas onde está a sua mestria? em que influiu? que frutos produziu o seu exemplo? Essas perguntas já as formulou Pedro de Couto, quando, há trinta e cinco anos, publicou um de seus mais belos livros de criticas e exegese literária. A resposta dará cada um facilmente a si mesmo, observando como se fazia o verso no Brasil antes e depois de Machado de Assis; como tendia ao exagêro a nossa extemporânea educação clássica; como era palavroso e vago o nosso romantismo; como tendia a principio para a esterilidade de uma formalistica vazia a nossa incipiente escola parnasiana, recortada sobre figurinos parisienses, e como evoluiu a poética de cada um daqueles grandes poetas que desde cedo conviveram com a sensibilidade aparentemente fria do cantor das "Falenas" e como se conservaram desordenados aqueles que se lhe colocaram em campo oposto. Basta citar, entre os primeiros, Alberto de Oliveira, Luís Guimarães e Olavo Bilac; entre os segundos, Cruz e Souza, Múcio Teixeira e Luís Murat.

O exemplo de Machado de Assis, quer na prosa, especialmente no conto, quer no verso, sobretudo na fase parnasiana, foi de uma profunda influência, de uma influência benéfica e duradoura, que não é licito ignorar e muito menos desprezar. Nesse sentido, ele foi dos mais preclaros mestres, dos mais seguros mentores, dos mais eficientes orientadores da literatura nacional.

A Arte de Escrever Contos

Júlio Dantas

A impressão que recebi quando, em 1923, visitei o Brasil, não se apagará mais do meu espírito. No momento em que o "Almanzora" atracou, já de noite, a deslumbrante avenida marginal descrevia a sua extensa curva luminosa; o cais estava cheio de povo, portugueses da benemérita Colônia, brasileiros que vinham generosamente esperar um amigo desconhecido; ouviam-se vivas a Portugal e ao Brasil; clangoravam nos mentais as notas do hino português: e, antes que o embaixador e os confrades eminentes da Academia Brasileira, à frente dos quais se encontrava o grande Afrânio Peixoto, subissem ao navio, — um rapaz de vinte anos, vibrante de mocidade, agitando nas mãos um ramo de flores (recordo esse momento com natural comoção) galgou as escadas do portaló e veio cair-me nos braços. Era o primeiro abraço, de um brasileiro que eu recebia ao chegar ao Brasil. Quando lhe perguntei como se chamava, o meu jovem e ignorado amigo, lançando sobre mim as últimas flores do seu ramo desfeito, respondeu, no meio da multidão que nos rodeava já:

— Osvaldo Orico!

Passaram-se dezessete anos. A velha Lisboa imperial, dourada de sol, fremente de ardor patriótico, celebrava os seus oito séculos de história. No átrio magnífico da Praça do Império, tendo ao nosso lado a ilustre representação brasileira às Comemorações centenárias, recebíamos, com o esplendor de outros tempos, as embaixadas e as missões estrangeiras que vinham saudar-nos. Salvava a artilharia; revoavam pombas; drapejavam bandeiras. Oitocentos anos de história passavam nas ruas em préstitos suntuosos, faiscantes de lanças, de cruzes, de pálios, de flamulas heráldicas, de coches reais, — revivescência da grandeza passada, expressão magnífica de um patrimônio comum às duas pátrias irmãs. O pavilhão do Brasil — grande chama verde surgindo de um cubo verde — abria-se em plena apoteose. Brasileiros insignes chegavam, cada dia, investidos em altas funções, recebidos fraternalmente no Solar da antiga família. Tendo de prover a tudo, fatigado de trabalho, curvado ao peso das maiores responsabilidades e das mais absorventes preocupações, nem sequer me era dado o prazer de acolhê-lo e de visitá-los. Certa noite, numa sessão solene na vasta sala da Academia das Ciências, onde, sob os nobres tetos de Pedro Alexandrino, refulgiam as fardas, palpitavam os decotes, cintilavam as condecorações, e se erguia opulenta, no sólio, a púrpura cardinalícia, julguei ver, entre os assistentes, uma fisionomia conhecida e inesperada. Era Osvaldo Orico. O moço escritor paraense — ainda uma esperança balbuciante — que, dezessete anos antes, fora o primeiro brasileiro a abraçar-me na minha chegada ao Rio, aparecia-me agora aureolado de prestígio literário, vestindo a farda da Academia Brasileira, delegado cultural do Brasil às comemorações portuguesas, membro da missão oficial ao Congresso luso-brasileiro de história, grande das letras, comodamente instalado no banquete da vida e portador de um cheque em branco sobre a imortalidade. Pude então restituir-lhe — e com que afetuoso alvoroço o fiz! — o abraço que dele recebera havia dezessete anos.'

Chegado a Lisboa, Osvaldo Orico, como os seus pares ilustres que nos visitaram — Edmundo da Luz Pinto, Olegário Mariano, Gustavo Barroso, Caio de Melo Franco, Eugênio de Castro — constelação de oradores, de poetas, de historiografos, de erúditos, de diplomatas — realizou intervenções brilhantes presidiu a sessões de trabalhos dos Congressos, usou da palavra na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra e no hemiciclo da Assembléia Nacional, e fê-lo sempre, não apenas com talento, mas com elegância, com equilibrio, com o agudo sentido das proporções e das oportunidades que raramente mantem os homens públicos acidentalmente transplantados para ambiente desconhecido. Porque a presença do escritor é a melhor forma de propaganda da sua obra, os meios intelectuais portugueses interessaram-se desde

logo pela mentalidade e pela obra do poeta da Dansa dos Pirilâmpos, do romancista da Seiva, do etnografo e folquelorista dos Mitos amerindios, do biógrafo de Silveira Martins, de Feijó, de José de Alencar, de Jòsé do Patrocinio, que Cláudio de Sousa compara na notavel peça que é o discurso de recepção de Osvaldo Orico, a Zweig, a Ludwig ou a Strackey. "Risonho, compreensivo, amavel", como o descreve André Carrazoni num belo retrato de quatro páginas, as suas qualidades pessoais, o seu convívio facil e discreto, a sua afabilidade natural criaram-lhe na sociedade lisboeta mais do que simpatias, oficiais afrouxaram e me consentiram um pouco de liberdade, tive, mais tranquilamente, o prazer da sua companhia. Trocámos impressões sobre literatura — a bela, a ondulante, a resplandescente literatura brasileira contemporânea, tão rica de valores —, e uma tarde, na sala de espelhos do Aviz Hotel, pequena boceta dourada Luiz XVI, coalhada de estrangeiros, onde se tomavam todos os cocktails e se ouviam todas as línguas, Osvaldo Orico manifestou-me o desejo de que eu lesse o manuscrito de um livro de contos que desejava publicar em Portugal.

— Com o maior prazer, meu amigo!

Pouco tempo depois o manuscrito chegou, coletânea de composições no mais dificil gênero literário que conheço e e eu principiei, com viva curiosidade, a sua leitura. Há grandes escritores que fazem mal o conto; há escritores de menor categoria que o cultivam excelentemente; o que significa que o gênero exige alguma coisa mais do que a prenda de escrever bem. Para compor um conto é preciso, antes de tudo, ter que contar; e só tem que contar quem possue o dom da invenção, as qualidades de imaginação necessárias para criar a anedota original, e aquele poder de observação penetrante que permite colher diretamente na vida os elementos indispensaveis para que a fábula inventada se revista de verdade humana, quer na definição dos caracteres, quer na lógica dos sentimentos. Eis o que distingue o conto da crônica, que pode ser apenas literatura, centelha do espírito, arte do paradoxo. Alem disso, contar é, fundamentalmente suscitar o interesse; e toda a gente sabe que há escritores exímios de seu natural pouco interessantes. Acresce que o conto, por isso mesmo que se trata de uma composição breve, reclama, mais ainda do que unidade, concentração da ação; e, consequentemente, estrutura sólida, marcha retilinea, concisão, nitidez, máximo de efeitos no mínimo de palavras; quer dizer, uma técnica que lhe é própria e que se apresenta sensivelmente diferente da técnica classica do romance. Há romancistas admiraveis, como há cronistas sutis, que não sentem nem sabem cultivar o conto. E — fato tambem verdadeiro no teatro — o luxo excessivo do estilo e a demasiada riqueza verbal prejudicam, em vez de a favorecer, esta forma literaria sui generis.

Quando acabei de ler o manuscrito de Osvaldo Orico não podia ser maior a minha satisfação. Estava em presença de um escritor que possue o sentimento vivo da arte de contar, e que sabe, com perfeita flexibilidade, adaptar ao gênero as suas possibilidades criadoras. Já não era, aliás, o primeiro cometimento do ilustre brasileiro neste dominio da literatura, que toda a gente julga facil porque lhe ignora os segredos. Contos e lendas do Brasil, a despeito do seu carater e da sua intenção didática, tinham constituido já uma revelação; os últimos contos, porem, obra da maturidade, acusam um poder de realização integral que não se vislumbrava ainda nas primeiras tentativas do escritor. São composições fortemente vertebradas, solidamente construidas, em que a riqueza da substância se alia à simplicidade do processo, e a ação concentrada à verdade humana. Osvaldo Orico, poligrafo abundante, pertence ao número dos oficiais do nosso ofício para quem não existem a unidade técnica e o progresso único aplicado a todos os gêneros, mas técnicas diferentes para gêneros diferentes. Uma anedota; um tipo central; um conflito moral: eis os seus elementos essenciais. Ação lógica; marcha rápida; exposição clara: eis as suas características dominantes. E, alem de tudo — inutil acentuá-lo — alguma coisa que paira acima dos gêneros, das tendências e das escolas; talento. No que respeita a esse esplêndido patrimônio, Osvaldo Orico é mais do que abastado — é perdulário. Como tantos outros dos seus confrades brasileiros, não publica livros: atira-nos jóias, às mãos-cheias.

O HOMEM DO BRASIL

Julio Barata

O buril divino cinzelou-lhe a alma com o esmero e o capricho, que assinalam, desde a aurora de uma vida, a predestinação. Getúlio Vargas tinha de ser o homem do Brasil. No amplo sentido desta expressão, define-se uma personalidade, traça-se o diagrama de uma obra. Ele mesmo sentiu, com a poderosa faculdade dos videntes, a magnitude da vocação. Confessou-nos, um dia: "Minha vocação é a de servir à Pátria". Para servir à Pátria, é preciso amar a Pátria. Para amar, é preciso, antes de tudo, conhecer o objeto do amor.

A época e o meio, em que nasceu Getúlio Vargas, mostram-lhe logo o Brasil aos olhos de criança com uma exuberância de cores e uma firmeza de linhas que nem a todos é dado perceber.

O habitante da fronteira pode contemplar a terra, que se lhe espraia à vista, e exclamar, num gesto indicativo: "Aquí, acaba a minha terra. Alí, começa a terra estrangeira." Na velha cidade missionaria de São-Borja, o menino Getúlio Vargas, ao divisar a nesga argentina de São Tomé, provava a singular e sublime sensação — a sensação da pátria viva, materializada, palpavel, presente ao olhar e presente à alma, como se fora, mais do que a gleba e a sociedade, um vulto humano e familiar, que adejasse angelicamente em torno de nós. Com essa visão na retina, ei-lo que parte. Em sua romaria de estudante, espera-o, povoada de fantasmas sagrados, a Ouro-Preto mística de Tiradentes e de Marília, berço do Brasil livre. À claridade mortiça das candeias, que lhe alumiam os livros e a face juvenil, entrevê, pela segunda vez, vestida agora com a púrpura de sangue de seus mártires, a imagem maternal da Pátria. Depois, o apelo dos clarins para o serviço militar. A voz do Brasil a vibrar no metal puro das casernas chama-o para a marcha, que é a marcha fatal do progresso brasileiro: rumo a Oeste. Em Mato--Grosso, Getúlio Vargas, moço ainda, depara o Brasil indescoberto e infinito, o Brasil potencial e misterioso, em cujos socavões verdes dormem as esmeraldas do sonho verde dos bandeirantes.

Na fronteira, o Brasil palpitante, na plenitude da conciência nacional. No centro, o Brasil de antanho, constelado de glórias. No oeste, o Brasil do futuro, pletórico de esperanças.

Qual de nós pôde ver assim o Brasil? E a mão da Providência continuou a tarefa de plasmar um homem para uma pátria. Em meio ao turbilhão das mais variadas atividades, colocou-o em contacto com todas as profissões, com todas as classes, com todos os ambientes. Getúlio Vargas fora pastor, fora estudante, fora soldado. Foi tambem advogado, foi jornalista, foi promotor público, foi político, foi administrador. Acumulou experiência sobre experiência. Mergulhou fundo nos caracteres. Observou o itinerário humano em todos os seus meandros. Conheceu de perto, no horizonte quotidiano, a claridade e a treva, a bondade e a malícia, a fartura e a miséria. Conheceu tudo isso, não na fotografia sem relevo dos livros, que apenas refletem a superfície da existência. Conheceu tudo isso dentro da vida, em todas as facetas das inúmeras dimensões, que situam, no espaço social, as profissões, as classes, os indivíduos. Ganhou desta forma a cultura viva, muito diversa da cultura livresca e mais preciosa do que ela. Apurou o instinto divinatório, que é o segredo e a força dos psicólogos. Embebeu-se do suave desencanto, que sorri na ironia e que aceita, com o semblante da coragem tranquila, o peso do sofrimento e a amargura da incompreensão. Saturou de tolerância e de generosidade compassiva um coração bem formado. Construiu sobre o arcabouço da natureza, que para com ele fora pródiga, ao dar-lhe por mãe uma santa e por pai um bravo, aquele temperamento brasileiro, que o põe em permanente sintonia com a opinião e com o sentimento do Brasil. Quando o proscênio político se descerrou para a sua epifania parlamentar, podia Getúlio Vargas dizer de si para si: "Conheço a minha terra e conheço a minha gente".

Armou-se, então, cavaleiro de um ideal. Na vida pública, a sua grandeza é consequência de uma voluntária e total despersonalização. E' este o paradoxo da sua carreira. E' este o enigma, que até hoje deixou tartamudos os Édipos, que pretenderam penetrar no cerne de uma individualidade complexa e se resignaram, vencidos, a compará-la às esfinges. Não. Getúlio Vargas não é uma esfinge. E' um homem brasileiro, que pôs a sua pessôa em equação com a nacionalidade. Não é o "x" da incógnita algébrica. E' claro, é solar, como Brasil, com o qual se identificou. Sua técnica obedece, em essência, ao conformismo dos realistas, mas esse conformismo quer dizer, no caso, adaptação incessante à realidade nacional. Seus processos são antagônicos aos de todos os condutores de homens e, todavia, nenhum homem, na América, englobou jamais em suas mãos maior soma de poder e de prestigio. Sua tática surpreende porque não se filia a códigos nem a tabús, porque é cem por cento nossa, brasileira, genuinamente brasileira, e nunca se inspirou em cartilha exótica.

E a bandeira ideológica, que desfraldou ao vento das agitações dramáticas, nas horas cruciantes da decisão, em 1930 e em 1937, não é outra senão a tradução, em princípios, em axiomas, em atos, da bandeira auriverde, "que a brisa do Brasil beija e balança". A linguagem dos seus manifestos e dos seus dis-

cursos não se inquina de plágios. Em sua interpretação dos fenômenos e das coisas, há um filosofia toda brasileira, que não pediu às categorias do pensamento estranho nenhuma contribuição e que se estruturou autônoma, partindo do exame do fato e do momento, dentro das coordenadas da Pátria, para a construção de uma teoria nossa, de um regime nosso, de um direito nosso. E' impossível não estremecer de admiração diante de tamanha capacidade compreensiva. Como é impossível deixar de reconhecer que, trocando o fetichismo das fórmulas maciças e inamolgaveis pela obsessão de adivinhar e estudar o Brasil, tal como é o Brasil, no plano econômico e no plano espiritual, Getúlio Vargas inaugurou entre nós o pragmatismo político, que equilibra, pela ação eficiente, os nossos ardores tropicais e as demasias do nosso culto à fascinação do verbo e da retórica. Ainda aí, um destino amigo o preparou e afeiçoou para a missão que hoje desempenha. Nos cargos, que sucessivamente foi ocupando, adquiriu o conceito diáfano dos nossos problemas, sentindo-os e vivendo-os, para poder, um dia, encaminhar-lhes a definitiva solução. O caos financeiro, o abastardamento da política, a hipertrofia do regionalismo, o flagelo dos caudilhos, o perigo de desagregação do todo brasileiro, pelo abandono, em que jazia o Exército, e pelos prúridos de hegemonia de certos Estados, a preterição dos temas vitais, como o do amparo à criança e ao proletário — todas essas sombras crepusculares da nossa paisagem de outrora lhe desfilaram ante os olhos, gerando nele, não o pessimismo displicente dos que nunca imaginam possivel a reforma profunda e, sim, a vontade forte de renovar, de corrigir, de aprimorar, até erguer, sobre os escombros do erro e da inconciência, um Estado, que fosse novo, mas que transfundisse em si mesmo, nas suas instituições e no seu mecanismo, o velho e eterno ideal da Nação. A perseverança, a paciência, a habilidade, a incomensuravel fé, com que Getúlio Vargas perseguiu, durante mais de um decênio, este sonho interior, que fora buscar no coração do próprio Brasil, na alma de todos os brasileiros de verdade, enchem de episódios curiosos e policrômicos a sua biografia, mas revelam, acima de tudo, a constante da sua evolução, a razão essencial da sua coerência. Essa coerência se estampa na sua adesão incondicional ao Brasil. E' o Brasil que ele procura interpretar, é o Brasil que ele tende a realizar, é com o Brasil que ele está. Ora o Brasil mudou, muda e mudará, porque o Brasil é mocidade e mocidade é crescimento. As mutações de Getúlio Vargas são as mutações do Brasil. O Brasil, de 1930 em diante, confunde a sua voz com a de Getúlio Vargas. E pede, primeiro, a pureza do sistema representativo. E' traido pela camorra dos exploradores do poder. Levanta-se, pega em armas e vence. Inicia-se a cruzada da regeneração. Ergue-se um monumento social, que é único no mundo: a legislação trabalhista. A política partidaria começa a prever o seu fim. Conspira. Derrama sangue. 1932 é o vértice da incompreensão geral. Onde está o Brasil? O Brasil está na política, que pacifica os espíritos, que protege o trabalho, que combate os prussianismos, que ensaia, como solução salvadora, uma Constituição. Os extremismos da direita e da esquerda entram a rondar o magnífico exemplar de Nação, que se transfigura e fortalece. 1935 é outro capítulo manchado de sangue. Naquele homem, que, pela manhãzinha, surgiu, na Praia Vermelha, para enfrentar, ao lado dos soldados heróicos, a metralha de Moscou, estava incarnado o Brasil. Resistindo à avalanche anti-nacional, ele criou, desde essa hora, o Brasil brasileiro. Nada mais podia ficar de pé, desde a hora em que o Chefe do Estado podia dizer-se e era Chefe da Nação. O 10 de Novembro não é mais do que a solidificação desta realidade: o Brasil encontra um homem, um homem encontra o Brasil. Homem do Brasil, isto é, homem, de quem o Brasil precisa, homem, que entende o Brasil e com quem o Brasil se estende, homem, enfim, que pertence ao Brasil e só ao Brasil. O sinete, que marcará na história o nome de Getúlio Vargas, é este. Ele não é, como outros Presidentes, um homem deste ou daquele Estado, deste ou daquele partido: é o primeiro Presidente que pode intitular-se Presidente de todo o Brasil, isto é, Presidente que não protege determinada região, que não considera privilegiada alguma classe, que olha igualmente para todos os pontos do nosso território, que governa tendo sempre diante de si o Brasil total, uno e indivisivel.

A união nacional é o clima do seu governo, a diretriz básica da sua administração, o eixo da sua política. Por isso, o Brasil Novo, que é o Brasil de Getúlio Vargas, é forte pela coesão de todas as suas partes integrantes e indissoluvel, graças ao vínculo que estreita todas essas partes ao núcleo central. Por isso, o Presidente é, de fato e não apenas de nome, um Chefe. Os Presidentes podem ser esco-

(Conclue no fim do ANUARIO)

José de Alencar e o Indianismo

Omer Mont'Alegre

Na literatura brasileira o fenômeno chamado "indianismo" nasceu como um fruto da escola romântica; era uma caracterização do romantismo feita de modo a satisfazer os pruridos nativistas; como escola literária, nas suas fontes, o romantismo foi sempre uma evocação do passado; nos povos de história, de fastos heróicos, era justo que estes predominassem: Scott, na Inglaterra, Vitor Hugo na França; Garret em Portugal. Nós que não tinhamos história de onde se pudesse extrair o tema empolgante, tinhamos um passado, uma civilização sem brilho, onde porem avultavam um tipo humano e uma natureza. Daí nasceria o nosso romantismo. Representado na poesia por Gonçalves Dias, teve no romance a dar-lhe forma e projeção a pena de José de Alencar. Na sua obra surgem cinco romances a corporificar o princípio de arte brasileira: "O Guaraní", em 1857; "Iracema", 1865; "Ubirajara" em 1875, são os três cardiais; "As minas de prata", lançado em 1862 com a rubrica de romance histórico e "O sertanejo" de 1876 — que com "O gaucho" forma outra cadeia — podem por certos característicos serem incorporados ao indianismo: afora estas obras, há mais um poema, incompleto, aliás, e que teve divulgação na "Revista da Academia Brasileira de Letras", "Os filhos de Tupã", que data de 1863 e que se liga diretamente ao indianismo.

Primeiro traço a se notar na sua obra indianista é que a mesma não obedeceu ao influxo ou ao entusiasmo de uma fase implicita: não era uma questão de época, fazê-la. Assim é que os livros foram aparecendo em momentos bem diversos, alguns com a distância intermediária de dez anos, tal como sucede entre "Iracema" e "Ubirajara". Estes intervalos, nos quais eram feitas e publicadas outras obras, de ficção porem em estilo diverso, como tambem de polêmica, ao par de intensa atividade politica e de jornalista que José de Alencar exerceu, não prejudicaram a unidade do estilo e dos assuntos. Poderia justificar este ponto de vista a afirmação de que fazer tais livros era uma coisa decidida desde quando elaborou o primeiro da série, "O Guaraní", divulgado em primeira mão nos folhetins do

Ilustração de Anita Malfatti para o livro "Iracema", de José de Alencar. Edição da Livraria Martins, de S. Paulo.

"Diário do Rio" e somente mais tarde reunido em volume.

A origem do seu indianismo pode-se, de acordo com as notas do próprio Alencar, datar de 1848, quando da sua estadia no Ceará durante dois meses; a idéia que lhe flutuava no cérebro, desde que aos nove anos atravessara o Brasil, vindo do Ceará, a fim de na Baia apanhar um navio que o trouxesse para o sul, refluiu e avigorou-se com a leitura das notas dos primeiros viajantes, memoriais e notas relativas ao país, feitas ao tempo da colônia e da exploração.

A necessidade de realizar alguma coisa nova, que caracterizasse a literatura brasileira, foi um dos fatores irrevelados que conduziu Alencar para o aborigene como motivo literário; razão subconciente, talvez. Razão conciente, confessada, foi a visão do amplo material humano inexplorado; antes dele já Gonçalves Dias tinha desempenhado o seu papel; grande

ianismo

Mont'Alegre

...tti para o livro ...lencar. Edição da ...e S. Paulo.

... mais tarde reunido

...anismo pode-se, de ...óprio Alencar, da... ...a estadia no Ceará ...a que lhe flutuava ...s nove anos atra... ...Ceará, a fim de ...ue o trouxesse para ...com a leitura das ...ntes, memoriais e ...as ao tempo da co...

...lizar alguma coisa ...literatura brasileira. ...ados que conduziu ...omo motivo literá... ...ez. Razão conciente, ...amplo material hu... ...dele já Gonçalves ...seu papel; grande

poeta, viu o mesmo alvo que Alencar; faltou-lhe porem uma distância precisa. Incorreu no mesmo pecado de outros, inclusive de Domingos Magalhães com a "Confederação dos Tamoios". Os seus poemas, especialmente o "Timbiras", incluido, e que estava delineado de modo a ser a epopéia nacional, pondo em relevo as mais interessantes tradições do índio, pecava pela linguagem. "Os selvagens do seu poema, diz Alencar — falam uma linguagem clássica: o que lhe foi censurado por outro poeta de grande estro, o dr. Bernardo Guimarães; eles exprimem idéias próprias do homem civilizado, e que não é verossimil que tivessem no estado da natureza." Outros trabalhos sobre o autoctone, pecavam pelo abuso do emprego de vocábulos das linguas nativas "acumulados uns sobre outros, o que não só quebrava a harmonia da lingua portuguesa, como perturbava a inteligência do texto. Outros eram primorosos no estilo e ricos de belas imagens: porem faltava-lhes certa rudez ingênua de pensamento e expressão, que devia ser a linguagem dos indigenas." Estas palavras de Alencar, veem em complemento à 1.ª edição de "Iracema". "O Guarani" já havia sido publicado há sete anos passados. Sobre ele a crítica versara as mais diversas opiniões; Alencar fizera um romance deslocado do seu verdadeiro cenário; não obstante fora ele considerado desde então como o primeiro marco, na literatura nacional, da formação brasileira. Em "Iracema", porem, Alencar construiria o mais seguro passo da sua romântica, embora seguido das mesmas influências literárias que já se fizeram notar em "O Guaraní".

Este assunto das influências como se vê não é novo para nós; não registamos os absolutamente originais, aqueles que, pela excelsa propriedade do que fizeram, teem direito ao título de "gênio". Para quem desejava fazer a literatura indianista no Brasil, como uma ramificação da escola romântica, era inevitavel a vizinhança de Chateaubriand, Walter Scott e de um outro escritor de lingua inglesa hoje tão caro à nossa mocidade a pesar de sua distância no tempo: Fenimore Cooper. Alem destes, juntar mais um, este de lingua portuguesa: Alexandre Herculano. Alencar foi leitor assiduo dos três primeiros, alem de outros mais, que influiram em outros romances seus; em "O Guaraní", especialmente, haviam de aparecer estes. A crítica não soube ver na justa medida o que Alencar pretendia fazer: e desceu a minúcias, nugas que não adiantavam ao julgamento da obra. Condenaveis, naquele tempo, tais apreciações, servem hoje, quando já não é possivel qualquer animosidade, para uma análise das influências. Somente Araripe Junior daria apoio integral ao "Guaraní".

A importância do indígena foi totalmente evidenciada como personalidade humana, material de facil moldagem para as obras de arte, sobretudo nas páginas de "Iracema". Não só a natureza serviu melhor de fundo à história como houve, da parte do artista, uma maior precisão de medidas; Alencar usou, não resta dúvida, verdadeiras balanças de precisão a fim de não cometer concessões demasiadas na linguagem como nos gestos como nos atos. Ao par disto, a figura de Martim Soares Moreno está conforme as mais modernas pesquisas documentais no sentido de ser restabelecida a figura daquele que a tradição apelidou de "guerreiro branco de Iracema".

Depois de uma razão subconciente e de outra conciente, nada demais que se estabeleça uma razão psicológica. Desta poder-se-á obter duas explicações. A primeira, vejamos: ao criticar o poema de Gonçalves de Magalhães, "Confederação dos Tamoios", através das cartas assinadas *Ig* e publicadas no "Diário do Rio" entre 1855-58, expressara que "as tradições dos indígenas dão matéria para um grande poema que talvez um dia alguem apresente sem ruido nem aparato, como modesto fruto de suas vigílias. Enunciada esta idéia e logo calcularam que tivesse ele Alencar em elaboração o poema que vaticinava. Confessa aliás que chegou a traçar o plano do dito poema e que tal era o seu entusiasmo que, de um folego, quase, chegara a escrevê-lo até ao quarto canto. O entusiasmo arrefeceu. Arrefeceu porque era cedo, a seu pensar, para se lançar a uma semelhante tarefa. A leitura do que outros escreviam, no mesmo sentido, indicava-lhe a fraqueza do trabalho alheio e a impossibilidade sua de realizar a coisa como desejara.

A perfeição do poema exigia sobretudo o conhecimento da lingua indígena a fim de que houvesse maior precisão no emprego dos vocábulos, na expressão das idéias e na caracterização nacional da literatura. Pela falta deste conhecimento, abandonou em meio o seu poema. O esforço que então despendia para uma clareza que fosse realmente dentro do espírito da obra que deseja realizar, sugeriu-lhe dúvidas. "Todo este improbo trabalho que às vezes custava uma só palavra me seria elevado à conta? Saberiam que esse escrúpulo de ouro

íno tinha sido desentranhado da profunda camada onde dorme uma raça extinta? Ou pensaria que fora achado na superfície e trazido ao vento da fácil inspiração?" E sobre esse logo outro receio. A imagem ou pensamento com tanta fadiga esmerilhados seriam apreciados em seu justo valor, pela maioria dos leitores? "Não os julgariam inferiores a qualquer das imagens em voga, usadas na literatura moderna?" As dúvidas venceram e o poema, completo já até o seu canto quarto, foi posto de lado. Depois do seu falecimento apareceria na "Revista da Academia Brasileira de Letras" com o título de "Os filhos de Tupã."

Posto de lado o poema, permaneceria o seu espectro, o seu arcabouço, para desassossego do artista... "não se abandona assim um livro começado, por peor que ele seja: aí nessas páginas cheias de rasuras e borrões dorme a larva do pensamento, que pode ser ninfa de asas douradas, se a inspiração fecundar o grosseiro casulo." Nas diversas pausas de suas preocupações o espírito volvia pois ao livro, onde estão ainda incubados e estarão cerca de dois mil versos heróicos. Numa destas pausas, porem, ocorreu-lhe um outro recurso: por que não por em prosa a sua idéia? "A elasticidade da frase permitiria então que se empregassem com mais clareza as imagens indígenas, de modo a não passarem despercebidas."

Até aí está justificada a primeira explicação da razão psicológica. É plausivel. Agora, a outra: O momento de lazer em que compôs "Iracema" foi para Alencar um momento de acabrunhação: 1865. Um intervalo da luta politica. A inteira dedicação à obra bem pode significar uma evasão. "Já estava eu meio descrido das coisas, e mais dos homens; e por isso buscava na literatura diversão à tristeza que me infundia o estado da pátria entorpecida pela indiferença".

Justificam-se as três razões.

"Ubirajara" foi chamada de lenda, como já sucedera a "Iracema"; Alencar associa um livro ao outro e entre eles não resta diferença de estilo ou de concepção.

Nas "Minas de Prata" objetiva a lenda criada em torno de Robério Dias, justificando a classificação que lhe dá de romance histórico; é um dos romances mais bem arquitetados já escritos no Brasil; há neste livro toda uma obra de carpintaria bem apurada, fazendo jús aos titulos de homem de teatro que Alencar foi. Para ligá-lo ao indianismo resta a época em que foi localizada a lenda, dos primeiros anos da colonização da província de Serjipe del Rey; a evocação de uma terra selvagem, assunto conhecido dele suficientemente nas suas generalidades, o lançamento de algumas figuras inerentes à época e à situação, operação na qual já se achava prático pelos volumes anteriores bem como pela abundância de leitura de obras do gênero, credenciaram-no para mais este romance, ainda hoje um dos seus livros lidos com maior prazer, onde não há lances demasiados para o leitor que aprecia a ação, nem tampouco representações mais lentas. Anterior a "Iracema" e a "Ubirajara", dá no entanto a idéia, uma vez apreciado no conjunto da obra, de um ponto de transição entre o indianismo e o romance campesino, este iniciado com "O sertanejo", um outro livro que pode merecer uma localização a fim entre os primeiros.

Pondo este romance ao lado do seu par, "O gaucho", a impressão que se tem é de que "O Sertanejo" precedeu o outro na concepção do autor; por uma razão qualquer "O gaucho" antecipou-se na composição e no aparecimento ao público. Na sua fixação do homem do sul acusam Alencar de ter realizado um livro falso; convem notar que toda sua obra, vista com olhos e considerações dos nossos dias, é falsa; mas "O gaucho" não peca mais do que os outros romances que escreveu. Tenta-se justificar com a alegação de que Alencar nunca esteve no Rio Grande do Sul de modo a estudar as condições do meio e da vida do homem para escrever o seu livro. A isto se pode objetar que nunca esteve no Vale da Paraiba o suficiente para aí localizar "O Guaraní", o mais popular dos seus romances e não o mais perfeito dos indianistas; destes, o melhor, em toda a linha, é "Iracema". Nem sempre o tamanho da obra convence. "O Sertanejo" continua, no sentido totalizador da obra, a transição começada com as "Minas de Prata"; há entre as figuras deste romance e as dos três essencialmente indianistas, afinidades; Artur Mota considera Arnaldo "um herói da têmpera de Perí". Prosseguindo a norma da nacionalização do romance, "O Sertanejo" mostra-nos os costumes do homem do campo inatingidos pelos hábitos do colonizador, bem como a paisagem em toda sua exuberância brasileira.

Seguindo os trâmites que nos teem trazido, através de cogitações, até aqui, não podemos agora deixar de fazer uma referência especial tambem, dentro da classificação indianista, ao "Gaucho". José de Alencar, evidentemente, não era um observador. O seu tem-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTORIA DO CEARA': "MARTIM SOARES MORENO"

J. A. Pinto do Carmo

No meu tempo de meninice vivia, nas calçadas de Fortaleza, o nosso mundo de então, um grupo de amigos, uma dúzia de fedelhos colegiais, quase todos moradores na mesma rua. Frequentando ginásios diversos e por essa razão dispersos durante o dia, à noite, era na calçada que nos reuníamos, para menosprezar a sapiência dos nossos professores e discutir os autores que mais apreciavamos: — Eça de Queiroz, Júlio Dantas, Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro, Coelho Neto e outros.

Heitor Marçal, que por esse tempo era um entusiasta do criador de **A Ceia dos Cardeais**, pertencia ao grupo. Certo dia, comunicou-nos por ter sido seu pai removido para Camocim, seguiria para aquela pacata cidade do litoral cearense. Parece-me, foi ele o primeiro que se dispersou, embora temporariamente. Sim, porque, um ano após, estava de volta e autor de um poema, — **Na quietude do claustro** que, no dizer de Menotti del Picchia é cheio de sentimento, romântico, onde se nota a técnica agil. Era a sua primeira manifestação literária. A influência de Júlio Dantas, tão do sabor daqueles tempos, é flagrante. O fecho do poema, assim estruturado, não disfarça o estreante que segue as pegadas de quem tomou como guia:

Enfim morreu tudo e apenas
[subsiste
uma carta, que é uma rosa
[que fenece,
uma folha amarela, do livro
[da minha vida,
marcando a sua única página
[de amor.

Foi por essa forma, aos 16 anos, que ele se iniciava.

Novamente em Fortaleza, encontrou a mocidade empolgada pelo modernismo, vibrando ao compasso do novo ritmo que a todos contagiara. Demócrito Rocha, prestimoso animador das iniciativas da inteligência, havia fundado, juntamente com Paulo Sarazate e Mário de Andrade, a revista **Maracajá**, a mais pujante expressão do modernismo do norte do Brasil. Convidado a colaborar, Marçal, que tambem se fizera paladino da reforma literária, ofereceu mais este poema, onde afirmaria os seus novos pendores:

Heitor Marçal em seu gabinete de estudo.

O INDIO CEARA

Ioiô escanchado nas pernas
da mãe preta matracava:

Paracatú, Paracatú
vou pra serra do Marú
comer carne com angú

E se acaso parava a carreti-
[lha
olhando a cabinda pedia
que lhe contasse uma história
E a preta respondia
Eh Ioiô não me alembro de
[nada
a gente vai ficando velha
e vai ficando lerda

Mas sinhozinho pedia
De novo e escorria,
pelo rosto crivado de bexiga
[da mucama
o fio de prata de uma história:

Ioiô o índio Ciará
pipocou o céu de flechas
e o céu ficou com mil olhos
[rasos dágua
e a noite ficou cheinha de es-
[trelas
(uma flecha cravou-se a lua e
[nasceu o luar)

O índio Ciará, dansando o
[Maracatú,
rasgou o sol com a última
[flecha
e a terra ficou toda pintada
[de fogo

E o índio Ciará fugiu
Para a Amazônia com o cocar
de penas de papagaio tingidas
[de sol.

No sul do país, a revista foi recebida com carinho especial e o novo **antropófago** acolhido fraternalmente. Em São-Paulo, **Antropofagia** brindou com referências especiais o jovem cacique e solicitou-lhe estendesse suas ordens àquelas plagas. Raul Bopp, lider acreditado do movimento, escreveu-lhe: "A sua poesia foi um sucesso aquí e no Rio. O pessoal se babou com a serra do Marú. Vê se manda coisa do pessoal daí. O **Maracajá** foi um dia de festa por aquí. Manda coisa do Garrido, do Mário de lá, para correr uma com o daquí. Turf. E o Franklim Nascimento? Mande prosa. Prosa irreverente. Pau. Isso agora é uma espécie de termidor antropofágico. Pau em tudo, na alta burguesia das letras. Sem essa derrubada não pode haver plantio novo que preste".

Menotti del Picchia, que tambem não desprezava os colegas do norte, fez belíssima crônica sobre Cassiano Ricardo e Heitor Marçal, mostrando as "influências recíprocas na poesia de ambos os grandes artistas". E dentro em pouco **O índio Ceará** estava transcrito em todos os grandes jornais da imprensa brasileira e enfeixado nas **Noções gerais de literatura**, coleção F. T. D. (pag. 73; parte Antológica).

Estudante boêmio, Marçal não tomou conhecimento do que se ia passando com a sua poesia. Mas, o destino reserva-nos, às vezes, surpresas agradaveis. Assim é que, cursava ele o último ano do Liceu Cearense quando, na aula de literatura e no livro já mencionado, deparou com o seu poema, incluido como padrão do modernismo brasileiro. Terminado o curso secundário, iniciou a sua peregrinação pela imprensa, começando em Fortaleza, onde trabalhou sucessivamente no **Jornal do Comércio**, no **Debate** e na **Razão**. Descontente de ser redator, erigiu-se em diretor, fundando a revista **Taí**, que durou mais de um ano e o jornal **Ultima hora**, do qual saíram somente 27 números. Mal sucedido nessa empresa, retornou a Camocim, onde se refaria das canseiras da imprensa. Aí, apenas se limitava a uma crônica hebdomadária para **A Tarde**, de Natal, no Rio Grande do Norte. Ainda nessa cidade ocorreu-lhe a primeira aventura. **Bom Jesus** era um barco à vela, cujo comandante, seu conhecido de longa data, sempre estava a convidá-lo para enfrentar as vagas. E tanta foi a insistência que o poeta, animado pela tripulação, decidiu-se a partir. Dessa feita, **Bom Jesus** ia até Belem, no Pará e com ele Marçal bendizendo dessa oportunidade que tinha para conhecer mais um pedaço do Brasil. Na capital paraense, após quase um mês de viagem costeira, já se demorara mais de uma semana, quando soube que teria de navegar um pouco mais. Com efeito, como se apresentasse oportunidade comercial de o **Bom Jesus** ir até Caiena, na Guiana Francesa, com ele seguiu tambem o poeta, já senhor de rudimentos náuticos.

De retorno dessa viagem, vinha decidido a abandonar a província natal. Como cearense tinha a encorajá-lo a sede da peregrinagem, como intelectual, a isso lhe obrigava a necessidade de conhecer novos centros de cultura. Sendo assim, não foi sem razão que, como tantos outros, tomou o rumo da Capital Federal. Aquí, não lhe foram faceis os primeiros passos. A luta pela vida conheceu-a duramente. Já viciado, da província, pela vida de jornal, não fugiu ao desejo de prosseguir nesse ramerrão tão sedutor quanto ingrato. Foi redator do **Diário de Notícias** e, posteriormente, trabalhou na **União**, por algum tempo. A poesia quase ficou esquecida. A crônica e o romantismo empolgaram-no; e mais tempo que sobrasse dedicava-o à leitura. Entretanto, germinara o romancista. Assim, em 1934, dava-nos **Sinhá Dona**, romance de costume que já conta duas edições.

Como intelectual, só lhe restava o emprego público. Inscreveu-se num concurso para a Fazenda, foi classificado e mandado para o Rio-Grande-do-Sul. Removido para São-Paulo, serviu três anos na paulicéia, frequentando-lhe as rodas literárias e participando de seu movimento cultural. Aí, ainda, teve o prazer de ver o seu romance, **Sinhá Dona**, traduzido para o japonês pelo jornalista Yoshiaru Shimada. Transferido para o Rio, iniciou e deu à estampa **Estrela perdida no fundo da noite...**, o seu livro definitivo, segundo disse Mário de Andrade.

O estudo e investigação de nossa história principalmente da formação do Ceará, tem-lhe merecido carinho filial. Desde algum tempo, vem ele, cuidadosamente, reunindo material sobre fases de seu desenvolvimento. E foi com alguns desses elementos que organizou **Martim Soares Moreno**, uma biografia do fundador do Ceará.

Sei que a realização desse trabalho era um antigo desejo seu. Conseguira os documentos publicados pelo barão de Studart, o livro de Claude d'Abeville, o de Ivo d'Evreux, as notas de Capistrano de Abreu e quase copiou, totalmente, na Biblioteca Nacional, a jornada do Maranhão, antes de a conseguir na **Revista do Instituto do Ceará**. Com essas indicações e outras subsidiárias iniciou o livro que é uma tentativa de humanização do homem que se transformou em personagem de ficção no belíssimo romance de José de Alencar.

Já o livro estava pronto para ser entregue ao editor, quando Rodolfo Garcia o informou que o erudito Afrânio Peixoto havia explorado o mesmo assunto, num livro que enviara para ser impresso em Portugal e que seria editado em comemoração aos Centenários portugueses. Realmente, o trabalho saiu publicado em Fevereiro do corrente ano. E' uma **plaquette** de pouco mais de cinquenta páginas com uma parte documental já publicada pelo barão de Studart, acrescida de outros documentos mais im-

portantes do que os reimpressos agora. Afrânio Peixoto, que tem inegavel capacidade e disso tem dado mostras irrefutaveis, realizou uma súmula menor do que a que nos foi oferecida pelo barão de Studart, sob o título — **Documentos para a biografia do fundador do Ceará**, impressa em 1895, com parte de discussão e sem os documentos que Domício da Gama conseguiu em Sevilha. Essa mesma publicação, posteriormente o barão de Studart refundiu e, aumentada de novo e copioso documentário, deu à publicidade em 1903, por ocasião do tricentenário do desembarque dos portugueses no Ceará.

De qualquer forma, isso veio contribuir para ampliar o interesse pelo livro de Heitor Marçal, que é a narração quase completa da vida do colonizador de vasta porção do nordeste.

Em primeira mão, oferecemos estes trechos do capítulo III:

FIXAÇÃO NA TERRA

O rio das Amazonas que tinha "a boca debaixo da linha equinoxial", era sedução muito forte. Todos os racontos da época falam de ouro, prata, naquela região. E' uma riqueza que a tradição oral vai transmitindo, e que a imaginação popular faz fecundar, multiplicando. A terra toda parece ter a marca daqueles tesouros. O rio misterioso promete cabedais sem conta. A presença do minério está em todos papeis, em todas as noticias que transitam os mares para a metrópole. E vivem, tambem, em todas as informações conseguidas dos selvagens das vizinhanças. E isso vai alimentando os sonhos de ambição e de cobiça.

A conquista do país do Jaguaribe e Mel Redondo, que é caminho do lago dourado, onde nasce o rio das riquezas oferece particular interesse. Mas a aventura é perigosa e incerta. Não seduz, por isso, de pronto, aos mais afeitos às conquistas dessa natureza.

. . . .

A viagem foi autorizada por Diogo Botelho. O Governador Geral parece nem ter indagado dos propósitos daquela entrada. O Regimento de Pero Coelho de Sousa dá poderes que muitos ambicionaram e poucos tiveram. Será o capitão-mor da empresa, para melhor assegurar em autoridade de carater e obediência dos súditos, caminho sempre o mais trilhado para a felicidade dos grandes projetos, nas palavras saborosas de Berredo. Será melhor de jure e herdade dos chãos novos em que a caravana for bivacando. A sua comitiva conta muita gente. Regular troço de indios frecheiros sob o comando de Mandiocapuba, Batatan, Caragatin e Caraguinguira. E sessenta e cinco soldados. Mas, entre esses um rapazelho, quase imberbe, que será mais tarde a maior figura daquela colonização. E' Martim Soares Moreno. E' o único que não vai levado pela cobiça, pelo desejo de posses copiosas. A sua missão é outra. Define-a o próprio tio — Diogo de Campos Moreno — ao escrever para a posteridade as páginas daquela entrada. Ele não entrou na empresa para "descer bugres", para trazer ao cativeiro os índios da região. A sua aventura tem outro sentido. E' incapaz de pactuar com essa baixeza. Vai alí servindo naquela entrada para aprender a lingua dos índios, conhecer-lhes os costumes, ficar familiar dos hábitos dos nativos.

. . . .

A feição da terra vai decepcionar o colonizador desolado com a impressão desfavoravel do seu primeiro contato. A região não corresponde aos sacrifícios e renúncias que a sua conquista impôs. O chão não se apresenta fertil e "a natureza é áspera e à primeira vista intratavel". Os ventos livres, constantes, sopram fortes e o sol caustica. Não se revela nessa primeira aproximação nenhum indício de possibilidade de uma vida própria. O terreno não é apto a um desenvolvimento de colonização. São raras as águas que se escoam com rapidez, pelas ravinas, em busca do mar, sem umedecer os chãos adustos. Essa decepção aponta em todas as referências. Contribue mais para esse juizo inicial que o futuro desmentirá, a viagem pela orla do mar, o percurso das praias alvadias, com os seus cômoros de areia finíssima, as dunas movediças raramente ornamentadas por palmares bravos. E' uma imagem de desalento da terra desprovida de todos os atrativos.

. . . .

A discriminação dos produtos que alí se poderão conseguir é diminuta e a própria quantidade se avalia escassamente: pau violeta, ambar gris, tatagiba. Aliás esse reduzido número de produtos só muito depois é descoberto. A primeira impressão é de tristeza. A época escolhida para a viagem coincide com a estiada, com os dias de sol causticante. E' verdade que ainda não é aquela luz intensa do sol da seca que há de iluminar no retorno, as horas da tragédia da volta desenganada — o epílogo doloroso e trágico da expedição fracassada. Mas a areia já brilha na soalheira, são raras as águas para amenizar a terra crestada, a caminho da calcinação e que não oferece um espetáculo que desperte desejos de permanência. Pero Lopes de Sousa e Martim Soares Moreno, ambos nascidos em Africa, deveriam sentir a presença do deserto, a lembrança dos chãos adustos da terra distante ao primeiro contato com a terra virgem.

. . . .

Nos demais capítulos: No limiar do século XVII, País do Jaguaribe e Mel Redondo, A expedição de Daniel de la Touche, Reconhecimento do Maranhão, Arribada às Antilhas, A administração da capitania, Na ilha de São Domingos, Capitão do Cumat, Luta com os franceses de Dieppe, A guerra com os flamengos e Ultima página, desenvolve-se a mesma linguagem clara, agil e facil. As imagens, por vezes suavizadas pelo toque da fantasia, não se desfiguram, não se perdem no ridículo do exagero. A vida que a elas empresta o autor é a de que, naturalmente, carecem.

A Volta de Eça de Queiroz

Pizarro Loureiro

I

Eça de Queiroz, o escritor da língua portuguesa mais conhecido no mundo, teve sempre, no Brasil, um prestígio raramente alcançado por autores europeus.

O "socialista" das Conferências democráticas do Casino e o cético do Grupo dos Vencidos da Vida foi o ídolo intelectual da geração que, hoje, amadurece. É que seus livros sintetizavam o grito de rebelião que todos sufocavam no receio de romper com uma ordem mental que caíra no vazio das obras-feitas, dos modelos consagrados, do dogma literário. O seu naturalismo, condimentado pela dúvida, pela ironia sutil, pela rebeldia das imagens, pela força criadora que emprestava aos seus tipos, teve o efeito de uma *catarsis* freudeana sobre os nossos intelectuais.

Eça de Queiroz era o *esperado*, uma espécie assim de príncipe que chegava, de repente, para desencantar a literatura.

Depois da guerra de 14, fez-se um armistício nessa batalha de adoração e de exclusivismo. Outras preocupações, mais da hora presente, foram substituindo o culto queiroziano, a um silêncio, de vez em vez, levemente rompido, caiu sobre a figura do imortal criador de "Os Maias".

Não havia nisto nenhuma quebra de admiração pela sua obra, nem, tampouco, uma reconsideração em torno de seu valor. Perdera, simplesmente, a atualidade, tal como sucedeu a Machado de Assis. Mas, —estava escrito — a força criadora desses dois escritores que honram a nossa raça, havia de explodir, novamente, como uma revelação, para as gerações atuais.

Eça torna a ser o motivo central das preocupações literárias no Brasil. Volta-se a falar do autor de "Fradique Mendes" com a mesma curiosidade de há 25 anos atrás. Estuda-se a sua vida, a sua obra, a sua contribuição aos movimentos literários que dariam um novo sentido ao pensamento e à arte contemporâneos.

Crônicas, reedições, biografias, estudos críticos sobre Eça de Queiroz enchem as páginas literárias dos jornais e as montras das livrarias. Fala-se já em *escola queiroziana* e até em *ciclo queiroziano*.

Esta revivescência da obra e do espírito de Eça de Queiroz, um contemporâneo situado nos fins do século XIX por mero acidente biológico, tem a sua explicação.

Eça de Queiroz — num quartel de século caracterizado por um espírito reformador que procedia à revisão de todos os valores — rompendo as barreiras que as escolas consagradas e o sentimento de um regionalismo petrificado lhe opunham, universaliza-se, ganha seiva nova, transfigura-se. Lançando-se, revolucionariamente, à literatura naturalista, ele caustica o prosaismo da vida burguesa, ironiza o espírito receptor de uma geração congelada pelos preconceitos, e, entrando na intimidade das almas, dos detalhes ridículos, dos quartos de dormir, arrasa, sardonicamente, o pontificado da mediocridade erigida em mentora do pensamento e da vida. Eça é um espírito ávido do novo, das sensações de um

outro mundo que se vislumbra para alem das muralhas chinesas do ambiente superficial de seu tempo. Por isso, reage contra tudo, ganha asas para voar, para atingir as regiões condenadas do universal, na sua forma artística e humana.

E de sua ironia sutil, de sua análise impiedosa, de seu estilo novo, maleavel, que substituiu, na linguagem literária, a rigidez das linhas rétas pela suavidade das linhas curvas, de seu poder de fixar tipos que haviam de ficar como padrões de uma época, ou, que, mudando, apenas, de indumentária, se eternizariam pela sobrevivência da mediocridade, nasceu uma obra cheia de vida, de idéia, de conflitos, — a obra de quem, embora mergulhando no pântano da realidade, soube, tambem, ascender aos cimos límpidos da pura criação estética.

Desvendando o fundo de todas as misérias humanas, com a objetividade de uma fratura exposta, impiedoso na análise, mestre na ironia, Eça soube libertar-se, no entanto, da aridez e da secura dos naturalistas a Zola, compondo um estilo de coloridos e matizes admiraveis, de grande vigor impressionista, de raro poder fixador, capaz de transmitir-nos, de par com o retrato crú da realidade, sensações inextinguiveis de beleza.

Eça de Queiroz jamais deixou de ser português. Literariamente, é verdade, ele desprende-se da vergôntea carunchada, pela sua ânsia de universal. É uma separação nitidamente intelectual e transitória. Eça necessitava de dessedentar-se em outras fontes renovadas, de fugir ao estagnamento do panorama que o rodeava. Mas nunca se divorciou de seu povo, de seus defeitos e de suas virtudes, a que estava preso pelo temperamento e pelo espírito. Sua fuga não é a do filho pródigo que vai dissipar longe os seus cabedais. Ao contrário, é a pobreza do ambiente, já acanhado para o seu gênio, o que o impulsiona para a aventura da fortuna em outras regiões da inteligência, tal como esses humildes aldeões que, tangidos por sonhos de melhora material, abandonam o rincão nativo em busca da sorte em plagas distantes.

Eça de Queiroz continua visceralmente português, ainda mesmo quando critica, acerbamente, o ambiente e os homens de Portugal. Emigrante da inteligência, seu espírito luso estará sempre presente nas dobras de seu sarcasmo, da aparente frialdade de sua crítica mordaz, de sua análise contundente. Há nele — predestinação da raça! — um enamorado de novos mundos, que não se perdem, é claro, na vastidão desconhecida dos oceanos, mas se escondem na luminosidade dos continentes do espírito. Não importa o caminho que o leva até lá. O naturalismo de Eça é um instrumento, não uma finalidade.

Há, na paisagem física e humana de sua obra, mesmo abstraindo "A Cidade e as Serras", momentos de legítimo portuguesismo, que surgem como raios de sol de um céu plúmbeo. Basta ver o carinho que vota aos homens humildes do campo e da cidade. De vez em vez, o Júpiter tronante deixa escapar, ao invés de raios furibundos, fios de luz tênue, doce, branda, acariciante, embevecida diante da simplicidade e da beleza daquelas almas inoxidaveis aos preconceitos e às emoções dosadas pelo peralvilhismo conservador e infecundo.

Eça de Queiroz percorrerá todos os caminhos, refinará o espírito, libertará o pensamento, ganhará força criadora, mas voltará, novamente, ao regaço materno, encontrar-se-á consigo mesmo, retornando, na pele do Jacinto, ao seu rincão português.

Chamaram-no de "afrancesado", como chamam de "brasileiros" aos portugueses que regressam do Brasil. Questão de influência que não chegam, sequer, a destruir o verniz que reveste o espírito lusitano.

A sua missão está cumprida. Revolucionara a literatura portuguesa. Dera-lhe um novo padrão. Projetara o nome de Portugal pelo mundo da cultura. Criara uma obra imperecivel de beleza artística e humana. Chegara, através do feio particular, ao belo universal, dando-lhe os matizes lusos de seu espírito e de seu coração. Sua alma inquieta repousará, agora, na paz virgiliana da terra portuguesa, e sua inteligência, purgada e redimida, traçará as páginas maravilhosas da Vida dos Santos.

E o novo século, o vigésimo do calendário da civilização ocidental, assistiu à morte de Eça de Queiroz.

O tempo passou-lhe pela obra e não a destruiu. Os anos deram-lhe, como aos vinhos, mais sabor e densidade.

O mundo muda de rumo. Desaba sobre ele, após a guerra de 14, um Termidor de terrores e de conflito. Por toda a parte se alçam os macetes demolidores. É preciso destruir tudo, para tudo criar de novo. A literatura cai no documentário, a arte na deformação, a política no cesarismo.

De repente, alguem fala no velho Eça de Queiroz, naquele português nervoso, de há-

bitos fidalgos, de monóculo e bastão, que fazia tremer as barbas e os bigodes conservadores, que punha colorações nos rostos pudibundos, que causava apoplexias aos gramáticos e levantava raivas cívicas nos patriotas dos saraus dos Paços do Conselho e das confeitarias elegantes do Chiado.

E ele ressurge, como uma revelação, como um homem de nossa época dentro desse espírito de perenidade que parece ser o "ex-libris" dos portugueses.

E eis-nos vivendo o mundo que nos transmitiu, sentindo a agudez de sua análise, a malícia e a finura de sua ironia, gozando o universo de beleza que ele criou, aprendendo a velha experiência da fuga e da reconciliação, da indestrutibilidade do espírito e das raizes biológicas que nos ligam à raça e à terra, e que marcam o nosso destino regional, na universalidade da obra da inteligência.

Eça de Queiroz é, assim, um refrigério para o nosso cansaço, um amigo que nos chega, de surpresa, do fundo da distância, para dizer-nos que as úlceras das almas como as da sociedade são acidentes que, apenas, pintalgam de negro o corpo do espirito, tal como aqueles picos rebeldes que põem manchas escuras na epiderme branca dos topos da Serra da Estrela.

No contraste queiroziano, o espírito vive, a pesar de tudo, na região da belêza. Eça não põe manto diáfano da fantasia sobre a nudez forte da verdade. Ambos existem como fontes da realidade universal. E quando já estamos cansados dos que dissecam, hoje, na frialdade dos documentários intencionais, as misérias e as angústias da vida, como se nada mais houvesse alem dos problemas da economia e da máquina, vem-nos a grande nota humana da obra de Eça de Queiroz, onde a miséria e a beleza resplandecem, na dualidade da condição terrena, na duplicidade dos caminhos do bem e do mal, da luz e da sombra — eternos contrastes que assinalam a queda e a ascenção de homem exilado na terra.

II

A volta de Eça de Queiroz ao cartaz literário do momento, embora tenha os aplausos de grande parte dos nossos intelectuais, está sendo olhada por certos escritores que se intitulam *modernos*, como uma revivescência que precisa ser combatida, em beneficio da catequese que, entre a gente nova, vem sendo feita, no sentido de orientá-la para o documentário, para o objetivismo proletário, para as massas, — método de fins politicos completamente alheio à vida e à arte.

Nessa literatura baixa e vulgar, preconizada pelas *esquerdas*, tudo é, como se sabe, sacrificado em proveito da luta de classes, da exploração ideológica das massas mestiças, da galvanização do negro. Em torno deste último, então, a ciranda é de largas proporções. Sociólogos, cientistas e escritores da esquerda, transformados, por conta própria, em depositários da cultura, teem queimado todos os cartuchos, para demonstrar que tudo, no Brasil, se deve ao seu suor e ao seu sofrimento. Conclusões as mais absurdas são referendadas. O branco, para esses pseudo-cientistas e sociólogos, nada fez até hoje senão gozar, de chicote em punho, as primicias do trabalho negro.

Quase toda a nossa literatura *moderna* gira, preconcebidamente, em torno desse tema, ou seja das massas trabalhadoras do país.

Ora, Eça de Queiroz é estilo, é expressão, é beleza, é vida. A sua crítica, como a a sua ironia e o seu gênio romanceador, não estão a serviço de nenhuma classe, de nenhum sistema politico, de nenhum principio de negação do espírito nem do sociologismo materializador que tudo reduz ao denominador comum do fato econômico. Ela disseca uma sociedade decadente, cristalizada pelo comodismo, degenerada pelo ócio, para quem um nó de gravata é um problema muito mais sério que o mistério do *noumeno* ou a desintegração atômica. Entre os homens, Eça esculpe, como um estatuário, os simbolos da mediocridade, da tradição que carunchou, dos conflitos éticos, dos preconceitos sociais e das misérias do espírito. Para isso, rasga janelas nas almas, esquadrinha os interiores do instinto, e faz seus personagens viverem, inexoravelmente, pelo drama, pelo ridículo ou pelas contradições, essa vida artificial que envenena os fins do século XIX. O ceticismo, a dúvida, o sarcasmo, são atitudes de seu espírito em face do mundo que o rodeia.

É verdade que Eça de Queiroz não pôde fugir, completamente, à atração do tempo. Fradique Mendes é o perfil do que ele queria ser. Um trota-mundos elegante, refinado, "causer", culto, um tanto paradoxal. Mas Fradique Mendes, embora seja, em parte, um auto-retrato de Eça, é, em suas linhas gerais, uma extravasão de seu espírito buscando, na vida de seu tempo, o equilíbrio de uma existência equidistante do faústico e do dionísico.

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

A Última Carta de Capistrano

Eusébio de Souza

Para mim a carta que me escreveu Capistrano de Abreu, poucos dias antes de sua morte, foi a última que o seu pensamento, através das letras de mão, se voltou para a terra natal. E nem se deve ter a menor dúvida, levando-se em conta os incômodos que precederam à fatal moléstia. Vitimou o grande morto grave pneumonia gripal, cuja marcha, se bem que rápida, o levou ao leito alguns dias atrás.

Referida carta tem a data de 16 de Julho e Capistrano morreu a 13 de Agosto, vinte e oito dias, portanto, após a sua feitura.

Posso não ter razão. Esse documento, porem, seja ele o último ou um dos últimos que caiu da pena de Capistrano, para mim terá o valor que poderia ter um diamante do mais fino lavor e será guardado como um relicário dentre os demais que possuo do inolvidavel cearense que se finou e que, vivo, foi a cabeça que maior saber armazenou, considerado até como **o brasileiro que mais sabia**, na afirmativa insuspeitissima do sr. Assis Brasil.

Capistrano de Abreu, nas poucas vezes que me honrou com suas cartas, em agradecimento à oferta que lhe fazia de meus despretensiosos trabalhos, sempre se mostrou indagador de coisas da história regional e particularmente do Brasil que lhe era tão familiar e preocupava o seu espirito, e "em que foi considerado, com justiça, a nossa primeira autoridade".

Sílvio Romero, "que vale multíssimo em matéria de crítica", não se arreceou de qualificá-lo de maior "erudito em assuntos brasileiros que até hoje tem existido sobrepujando assaz Varnhagem, João Lisboa, Joaquim Caetano, Silva Paranhos e Cândido Mendes, os melhores sabedores conhecidos das nossas coisas".

Nessa mesma carta a que me reporto, a vigorosa mentalidade "que não perdia um minuto só nem ao menos diante de um espelho a ajustar com carinho o nó da gravata, sempre apegado à leitura, nada ainda o fazendo "tirar de cima dos livros os olhos de miope, que nunca usou vidros", nesse expressivo manuscrito, pedia ele informes de coisas do Ceará, que à sua perspecácias descobriu após a leitura que diz ter feito, "de princípio a fim", no livreto que uma feliz oportunidade para mim faz chegar às suas mãos.

Denunciou-se, mais uma vez, o "guloso intelectual" de que nos fala um seu biógrafo **post-mortem**, e que "apenas deixava cair uma vez por outra as migalhas de sua mesa".

Naquele seu estilo telegráfico como um crítico amigo classificou a sua prosa, mas que o tornava curioso pelo modo próprio de escrever, todo seu, Capistrano sabia tirar "premissas e conclusões" naquilo que caía na agudeza de seu espírito.

Prova do asserto está nessa carta a que venho aludindo e que a seguir transcrevo:

"Senhor Dr. Eusébio de Sousa,

muito agradeço a Memória sobre o município de Quixadá, que sem perder tempo li de princípio a fim, com tanto prazer como proveito.

Surpreendeu-me a cidade sertaneja com tantas feições modernas; não pensava houvesse caso semelhante no Ceará. Agora meu desejo é que se conserve tal, evitando a dissolução comum na terra em que nasci: a passagem da casa a tapera.

A Pedra Faladeira anima a pedir informações.

Há mais de meio século companheiros de colégio nascidos em Tamboril falavam de pedras por tal modo dispostas que produziam som parecido com o de sino, — daí seu nome. Na era de 80 um meu amigo encontrou no baixo S. Francisco uma pedra de sino, já sem sonoridade, porque acenderam por baixo uma fogueira, pensando descobrir ouro.

Na E. F. C. do Brasil ha uma estação chamada Pedra do Sino.

Esta não tem importância, porque tira o nome de fonolitos da região. Podem tê-la as outras, se, como parece, são obras de engenho humano.

Ainda existem, no Ceará? há alguma irregularidade em sua distribuição?

Talvez algum etnólogo possa mais tarde tirar conclusões aproveitaveis.

Se me permite apontarei o que me parece uma lacuna.

Qual a situação de Quixadá nos antigos caminhos da capitania? como se comunicava com as capitanias próximas?

Tudo quanto contribuir para o conhecimento dos antigos caminhos redunda em proveito da história real.

Periculum in mora! Brevemente ficará perdido este passado e não será possivel reconstruí-lo.

Apresento-lhe respeitosos cumprimentos, deixo ao seu inteiro dispor a minha inutilidade.

Capistrano de Abreu.

Tr. Honorina, 45 (Botafogo).

Tugurio 16 de Julho".

O mestre — diz Antônio Sales que Capistrano de Abreu apostrofou um jovem escritor que o tratara com esse honroso qualificativo — ao ler a "Memória", de Quixadá, trouxe em reminiscências fatos de sua adolescência, no Ceará, há meio século atrás, trazendo bem viva à imaginação o que por outros seria esquecido.

Prende desde logo a sua atenção a "Pedra Faladeira", justamente o rochedo que fica à margem do Sitiá e que hoje serve de anteparo ao grande reservatório do Cedro.

A sua curiosidade se excede. E' que aquela pedra, antes de estar presa ao açude, tinha a particularidade notavel de reproduzir nitidamente tudo o que se dizia quando se estava colocado em certos pontos das suas proximidades. E relembrou-se, então, Capistrano, de uma conversa de colegiais do seu tempo!...

Que prodígio de memória!...

Depois de tirar as suas conclusões o grande observador indaga da existência de outros fonolitos no Ceará e se há alguma regularidade em sua distribuição.

Não termina a análise sem apresentar as lacunas que julga existir no trabalho de sua leitura, avultando a que diz respeito à situação de Quixadá nos antigos caminhos da capitania e como se comunicava então esse núcleo com as capitanias mais próximas.

E esses reparos seriam procedentes, penitenciando-me de sua falta, se o mérito da "Memória" fosse outro, mais amplo, e não pacientes investigações de quem pretendeu apenas dar uma sucinta notícia histórica, geográfica, econômica e descritiva do municipio, sem outro intuito, aliás patriótico, senão o de tornar conhecida, fora de seus limites, essa região.

Mas é que no pensar de Capistrano de Abreu, "tudo quanto contribuir para o conhecimento dos antigos caminhos redunda em proveito da história real".

E êle tinha razão: **Periculum in mora!** "Brevemente ficará perdido este passado e não será possivel reconstruí-lo".

São palavras que valem ouro e que deveriam servir de estímulo a nós outros cultores do passado...

João Ribeiro e a Alegria de Viajar

Múcio Leão

I

E' o amor às renovações, é a impossibilidade de repousar entre as idéias e as formas, que dá a João Ribeiro a sedução das viagens. Viajante incansavel no pensamento, sua ambição seria poder sê-lo tambem na vida. Seu sonho irredutivel leva-o a uma espantosa audácia: nas loterias de duzentos contos, compra invariavelmente um bilhete. Mas não é o dinheiro em si que o seduz: são as possibilidades mágicas que esse dinheiro lhe trará. Seu sonho prolonga-se: quando o dinheiro tiver vindo, comprará uma casa, para garantir o futuro da companheira... Dividirá o resto com a prole... Salvará para si uma pequena parte... o que lhe dê para espairecer pobremente, lá longe, para buscar a morte na solidão e no exílio... E, como Stevenson, transporta-se para uma ilha da Polinésia... E', lá, num recorte de paisagem exótica, ouvindo o Pacifico rugir, que aspira a integrar-se nos infinitos mistérios...

João Ribeiro tem o amor, quase a obsessão do mar. A voz do Padre Oceano chama-o, com todo o sortilégio das canções irresistiveis das sereias. Uma das páginas mais caracteristicas das RECORDAÇÕES DE D. QUITERIA exprime o primeiro contacto dela com o oceano. E' o próprio sentimento de João Ribeiro, quando vem, criança, de sua cidadezinha do interior, e vê, pela primeira vez, o infindo lençol do Atlântico. Ama em Xenofonte, e a considera a mais bela de suas páginas, aquela passagem em que os gregos, ao chegarem ao cimo do rochedo, avistaram ao longe, com o azul das águas marinhas, as esperanças da pátria e da salvação. Talassa! Talassa!

O deslumbramento da criança remanesce na alma do ancião.

Eis como, já septuagenário, ele celebra o mar:

> O mar é um grande espetáculo, e, para as almas ingênuas, rústicas ou pueris, diz muito mais que o universo das noites estreladas.
>
> O mar abre horizontes novos ao confundir-se, com o céu.
>
> Andam pensamentos e fantasmas nesse mundo grandioso e desconhecido.
>
> Não cansa vê-lo, como não se cansa ele próprio na sua agitação eterna.
>
> Não necessita explicação, embora pareça incompreensivel. (1)

II

As viagens são para João Ribeiro mais do que libertações: são pontos de contacto que vai descobrir entre a sua alma e a alma ancestral e misteriosa, que sente existir no mundo, mas não pode dizer qual seja. Suas viagens à Europa não foram as excursões banais ou pitorescas dos turistas vulgares: foram lugares e momentos de retorno. Medite-se bem sobre isso. — João Ribeiro vai às suas origens, às suas raizes, à fonte primeira, remota e sedutora, do seu ser. E' lá que existiu a alma dos seus pais, a alma dos ancestrais fundadores da civilização a que pertence. Não se sente estranho àquela gente. E o fato de ser americano quando muito lhe dará a incômoda sensação de saber-se um anacronismo vivo. Sente-se talvez filho pródigo, um filho que voltasse, "ainda que desconhecido pela perturbação de séculos de ausência". (2)

Num estudo cheio de seiva acerca de Rubem Dario, João Ribeiro exprime esse drama do homem americano. Vivemos aqui, na América, mas há uma vontade secreta que nos chama para longe: uma vontade perene e atávica: a vontade do retorno à Europa, mãe de estirpe mais poderosa que a do homem. — Esse apelo do passado explica a tendência dos americanos para o cosmopolitismo. E cria, na alma do homem do nosso continente, uma ressonância lírica e profunda.

III

Em 1895, por ocasião de sua primeira viagem à Europa, os amigos organizam-lhe um album de despedidas. Em cada página, cada um deles deixou a expressão de sua saudade. Um artista afetuoso ilustrou essas folhas.

A capa do album representa uma tarde de viagem: um

---

(1) Estado de São Paulo, 26-9-30.

(2) Estado de São Paulo.

navio que se afasta, com os tombadilhos cobertos de passageiros. No cais, num adeus desesperado, uma inconsolavel mulher agita um lenço. . .

E veem as palavras dos amigos. Raul Pompéia é direto e simples. Escreve dois vocábulos apenas. "Boa-Viagem!" Um outro amigo escreve uns versos:

Vai partir o João Ribeiro!
Para longes terras vai,
Ai!
Esse amigo verdadeiro
Que vá mas volte ligeiro,
Pois o Rio-de-Janeiro,
Ai!
Fica um filhinho sem pai
Ai!

Em baixo, uma nota explicativa: "Plagiado de João de Deus por Artur de Azevedo. 5-4-1895".

Lúcio de Mendonça tambem se despede em versos:

Adeus oh! João das regras, eu [cá fico
Triste de que te vás
Vai-te, e volta-nos breve, me- [nos rico
E (a pesar da Alemanha) [mais rapaz.

E agora, a ducha fria, o amigo fleugmático e medido, o amigo talvez um pouco desdenhoso, em todo o caso incapaz de uma palavra abandonada, que não seja seca ainda mesmo na meiguice. . . E' a página de Machado de Assis. "A João Ribeiro. Vim abraçá-lo e não o achei, mas achei esta página, onde deixo as minhas saudades. Vá ao seu sonho de Berlim. Veja se há juizes, como dizia o moleiro. Aquí já temos o nosso querido Lúcio."

Há outros nomes, há outros páginas, no album. Mas eu quero fazer ponto no grande homem que escreveu o DOM CASMURRO.

IV

Nessa viagem, fixa-se João Ribeiro na Alemanha. Escreve para os amigos do Brasil, como um apaixonado que descrevesse os encantos de sua bem amada. . . Eis o que diz, em uma carta ao Snr. Max Fleuiss: "Berlim é a cidade mais bela, mais limpa, mais extraordinária, mais suntuosa do orbe inteiro! Quanta ilusão e quanta calúnia grassa aí no Brasil sobre a Alemanha! As berlinesas são lindas (aí julga-se que toda a alemã é uma barata descascada), magras e astuciosas como umas gatas. . ." O louvor continua, veemente: "Londres é uma velha rica, París é uma viuva pretensiosa, só Berlim é nova. E' uma rapariga fresca, rija incomparavel! Quanta mentira aí! Os alemães são amaveis, as alemãzitas são espirituosas e engraçadas, como vocês não imaginam. Isto aquí é a condensação de todos os paraisos, inclusive o de Mafoma! Em suma, tenho-me divertido a valer e já falo um pouco de alemão. . ." Receia a ironia dos amigos, diante do seu tom de apaixonado; "Estou com medo do Ginásio e do Restaurante Brito. . . O CABOCLO ESTÁ PERDIDO — dirá o Araripe. Mas vinde para cá, vós outros caboclos!" (3).

No ardor do seu amor à Alemanha, ele concebe planos audaciosos: vai escrever a Prudente de Morais, pedindo que o nomeie, em comissão gratuita, a fim de que possa receber integralmente os ordenados. Pede aos amigos que colaborem nesse plano. Assim, ficará com a família ao seu lado, e poderá trabalhar melhor. Se, porem, o governo não o auxiliar, tanto peor: voltará ao Brasil pelo tempo necessário para arranjar os negócios. Trabalhará um pouco e regressará para a sua querida Berlim. . . Manda para Pompéia um recado: "Dize ao Raul que em Berlim tudo é mocidade. . ."

Tudo lhe agrada alí. Em toda a parte existe o asseio, a ordem, o prazer ardente de viver. A atmosfera de tolerância que encontra é absoluta. O que no Rio se diz sobre o militarismo alemão parece-lhe uma PULHICE HEDIONDA. . . Vai ao Apolo-Teater e ouve uma cançoneta em voga: "A letra é um debique cruel ao Imperador e a música é o hino alemão! Imagina se isso era possivel aí! os patriotas derrubariam o teatro". (4).

Seu amor pela Alemanha, ele o declara a todos os amigos, em todas as oportunidades. Em carta a Lúcio de Mendonça, (4-8-1895) agradece o empenho que o amigo teve em obter uma comissão que lhe permita permanecer em Berlim. "Pretendo aquí ficar um ano inteiro. Quero voltar alemão e disciplinado".

V

Mas, um dia, deixa a Alemanha. Parte para a Itália. E é como um peregrino, que viajasse entre templos ainda ressoantes das vozes dos antigos deuses, que percorre Florença e Veneza, Roma, Nápoles e Milão. . .

Milão, sobretudo, fala à sua alma e à sua saudade. Alí, morreu, em 1896, seu filhinho Neco. E' sob uma lápide do Campo Santo da cidade ilustre, não longe da Ceia de da Vinci, que o seu pequenino ficou a dormir os dias eternos. Sempre que pode, João Ribeiro vai em romaria a Milão, levar ao filho um ramo de flores.

Depois regressa à Alemanha, vai fixar-se no Hanover. Alí, nasce a pequenina Vera Xênia. E' um encanto para o seu lar, essa alemãzinha, que

---

(3) João Ribeiro negou, mais tarde, a autenticidade desta carta. Escrevendo acerca das PÁGINAS BRASILEIRAS, do Sr. Max Fleuiss, fazia esta observação: "Da sua encantadora CRONICA DE SAUDADES — da verdadeiramente saudosa fase da SEMANA, entre 1893 e 1895 — nada quero dizer pessoalmente, pois que fui parte, ainda que muito apagada. Nesse capitulo, há uma carta apócrifa, que não escreví e que parece uma leve perfídia da boemia dos velhos e amigos companheiros. O meu germanofilismo, mesmo tão distante da guerra, não ia, de certo, aquela fervura fantástica. Não é verosimil; mas podia ser verdade. Enfim, como diz Bastian, ninguem em si pensa; pensam em nós e por nós". (Imparcial — 1-3-1922).

(4) Max Fleuiss — A SEMANA — CRÔNICA DE SAUDADES).

vem povoá-lo de uma graça nova. Mas Vera Xênia vive pouco. E João Ribeiro tem a amargura de deixá-la no Campo Santo de Hanover.

Triste, retorna ao Brasil.

VI

Em 1901, nova viagem à Europa. Ia passar quatro meses, mas depois resolveu abreviar o prazo. Contudo, visitou várias terras: foi a Paris e a Berlim, reviu sua querida Viena, sua Veneza bem amada... Tirou um dia para visitar certa sepulturazinha no cemitério de Milão...

Mistificador, apresenta-se nessas viagens como sendo espanhol.

VII

Suas peregrinações aos Museus e às bibliotecas são frequentes. Em Paris, passa as manhãs no Cais do Sena, nos buquinistas, folheando carinhosamente a lombada dos velhos livros... Às vezes, vai aos Museus, postar-se diante dos quadros célebres, ver coisas famosas.

Em Berlim visitou o Museu de Bismark, para pasmar diante dos canivetes e dos cachimbos do grande homem. Um KRUG de cerveja, papéis picados, algumas pontas de cigarro... Eis a coisa imbecilíssima que é a glória de um herói!

E, de certo, para esse homem, que não crê na conveniência de se ter o culto dos objetos miudos, e nem mesmo o culto de muitas venerandas tradições, um passeio ao Bois de Boulogne terá seduções incomparavelmente maiores do que uma romaria ao Louvre.

O que João Ribeiro gosta de contemplar é o espetáculo vário das cousas vivas. E, contemplando esse espetáculo, gosta de compreendê-lo. "Os viajantes, diz-nos ele, são os que melhor conhecem os povos que frequentam. Não demoram tanto que se lhes apaguem as primeiras impressões e veem de longe aquilo que não podemos lobrigar por falta de distância própria à prespectiva verdadeira". (5).

(5) Estado de São Paulo — 21-2-1929.

VIII

Em 1913, realiza-se sua ultima viagem à Europa. Seu projeto é residir na Suiça, onde há de educar convenientemente os filhos. Vende a casa que possue em Santa-Tereza, vende a biblioteca, e embarca, com a familia e com os deuses lares.

E' nessa viagem que encontra Graça Aranha, e refaz com o amigo o sonho da mocidade.

Mas a guerra sobrevem e João Ribeiro é tangido da Europa. Novamente toma das malas e cruza o Atlântico. Nessa ocasião atravessa a Espanha, a França e Portugal.

IX

E essas viagens às vezes lhe dão surpresas curiosas...

Vai para a Itália, e, de caminho, tem de dormir uma noite em Marselha. Hóspeda-se no Hotel de Genéve.

Mal surge a manhã, e João Ribeiro se vê assaltado por uma legião: são caixeiros amabilissimos, que lhe veem oferecer os serviços; são fornecedores de todos os gêneros, que se põem à sua disposição. Há até caixeiras, que querem ter a honra de serví-lo...

Ele espanta-se, assombra-se, não quer acabar de crer nesse prodigio. Resiste como pode à onda de gente que o sufoca. Dirige-se à gerência do hotel, pedindo uma explicação para aquela cousa terrivel e jamais imaginada. A gerência dá-lhe a explicação do fenômeno: é que, um mês antes, havia passado em Marselha e residido no Hotel de Genéve, um certo Monsieur de Ribeiro, homem riquissimo, que bebia largamente, comia largamente, gastava largamente. Esse Monsieur de Ribeiro era o Eduardo Ribeiro, por alcunha o Pensador, um que governara o Amazonas e fora, depois do governo, divertir-se na Europa. Descobrindo um Ribeiro na lista do hotel, os caixeiros de Marselha tinham pensado que era o mesmo, ou, ao menos, algum parente dele.

X

Mas as suas posses não lhe permitem mais sonhar com as viagens longas. A crise é cada vez mais forte e o dinheiro é cada vez mais raro...

Viajar? — Só se for aqui mesmo, pertinho do Rio...

Em moço visitara o Paraná, para matar as saudades do irmão Júlio, que alí morreu. Mas agora a sua grande alegria consiste em visitar São-Paulo. Cada fim de ano, o Departamento Nacional de Ensino dá-lhe uma comissão agradavel: a de fiscalizar os exames no Colegio de São Bento. Deliciam-no essas excursões. Alí, tem ocasião de examinar crianças, de debater longos temas com os frades eruditos.

Depois diverte-se extraordinariamente na cidade. E, contemplando-a em seu ritmo, sente-se orgulhoso do Brasil, orgulhoso de ser brasileiro...

Envaidece-se, considerando que São-Paulo é a cidade que mais cresce na América do Sul: é uma das três ou quatro que mais crescem no mundo. Um jornalista americano, Marcosson, igualou o crescimento da cidade paulista ao de Los Angeles... (6) João Ribeiro observa, encantado, que é São-Paulo "a maior talvez das cidades no mundo que florescem a mil metros de altura". Na mesma Suiça, nenhuma grande aglomeração consegue galgar quinhentos metros...

Tambem mostra falhas na cidade entre todas querida.

A dos cafés-botequins, por exemplo. Parece-lhe incrivel; mas a verdade é esta: a cidade de São-Paulo não tem um café de luxo, nem mesmo medianamente comparavel aos que existem no Rio! Aqui faz a reserva prudente e um pouco maliciosa: "A menos que estejam escondidos à vista profana" (7). Isso é uma desolação para João Ribeiro.

(6) Jornal do Brasil — 18-11-1925.

(7) Estado de São-Paulo — 5-3-1929.

Ele é um grande tomador de café. Sente que o café lhe faz bem, "poupando-lhe a fome, adiando-a para as horas convencionais". Mais do que isso: gosta infinitamente de sentar-se à mesa dum café, para ter os seus momentos de concentração. E' alí que medita acerca do programa do dia, resolvendo o que ha de fazer nas horas que lhe sobram... (8).

Outra falha que nota na cidade é o mar. Está habituado ao Rio, a ver o Atlântico várias vezes no dia. Sua casa, na Rua Correia Dutra, fica bem perto do mar. Pela manhã, ainda com escuro, sai com a filha para o banho. Ao meio-dia, comprimenta de novo o velho amigo; à tarde tambem; às vezes tambem de noite...

Isso dá-lhe certa inquietação, quando se acha em São-Paulo, essa ausência do mar. Ao menos, os paulistas poderiam, com uma obra de engenharia audaciosa, corrigir esse esquecimento da natureza... Mas como? Se construissem, por exemplo, no vale do Anhangabaú, um lago?

E a imaginação de João Ribeiro saía a galopar no país da quimera. — Via o lago formidavel, refletindo os grandes edifícios e o teatro... O Viaduto era agora uma ponte magnífica... Um frêscor novo e inesperado aumenta a suavidade da cidade feita de ferro... (9).

Belo e amigo sonho! São Paulo não quis realizá-lo. Não se agastou João Ribeiro. Antes continuou a ter o mesmo velho amor pela cidade poderosa. E quando, na discussão do ante-projeto da Constituição, se cogitou da mudança da capital, ele deu o seu voto a São Paulo. (10).

De São Paulo, faz excursões a Santos. Gosta de visitar a cidade das praias longas e suaves, onde foram escritas algumas das primeiras páginas mais belas da nossa vida de povo. E tem uma poesia comovida para dizer-nos a emoção desse passeio. — E' pela manhã, e ele deseja ver São Vicente.

"Vi as suas igrejas arruinadas e ouví a voz centenária dos sinos, que pareciam vir de longe, de muito longe, e as pessoas tardas e sonolentas que chegavam às janelas eram como se fossem fantasmas da era de Tebiriçá.

"Uma moçoila de grandes olhos — talvez, quem sabe? da estirada prole de João Ramalho — chegou à porta duma casinha branca, e me convenceu de que os séculos passaram, mas a semente da beleza rediviva ainda fecunda a terra dos primeiros mamelucos.

"Voltei encantado dessa excursão, que nada tinha de arqueológica ou pedantesca. E não acreditei na antiguidade com que me assinalavam aquelas ruinas". (11).

XI

Outra viagem modesta, mas que ele, não podendo atravessar o Oceano, delicia-se em fazer, é a viagem a Campos.

Vai a Campos tambem em missão de examinar. Há um concurso de História, no Liceu de Humanidades, e ele faz parte da banca.

E alí, ao contacto da terra campista, que João Ribeiro sente, nas saudades da infância, acelerar-se o ritmo do seu coração. "Vi de novo agitarem-se ao vento as plumas dos canaviais; sentí o cheiro característico do mel e das moendas rumorosas, ouvindo o chiar dos plaustros, arrastados pelos bois silenciosos e lentos..." (12).

Louva Campos, no passado e no presente. — No passado, lembra que foi essa uma das primeiras cidades que no Brasil tiveram imprensa. Alí, desde remotas eras, existiram preocupações de cultura.

O prédio em que o Liceu de Humanidades funciona é bem característico, pela sua riqueza e pelo seu esplendor.

Pertencera esse prédio ao Barão da Lagoa Dourada. O Barão era um ricaço de maneiras singularíssimas, diz João Ribeiro.

"A sua idéia fixa era comprar e nunca vender. E assim levou toda a existência, comprando, comprando... Um dia, porem, por ignorada contingência, foi obrigado a vender. E vendeu de fato uma propriedade sua; e impressionou-se tanto o homem que comprava e jamais vendia que resolveu por termo à existência. Da ponte magnífica, que ele próprio construira, atirou-se às águas do Paraíba e desapareceu". (13).

João Ribeiro visita a Escola Técnica e o Asilo, que em Campos mantem o Padre Severino. Nesse colégio existem matriculadas quarenta crianças. Visita, tambem, a casa austera dos Airizes, o Museu Alberto Lamego, recanto de erudição e meditação.

Mas sorri, com bom humor, de certas cousas que vê... Um amigo campista lhe diz que o carater distintivo do povo da cidade é a maledicência. João Ribeiro de certo não quis acreditar...

Há cousas, porem, em que acredita, porque são evidentes: por exemplo, a horrivel cousa que é o serviço de água e luz da cidade...

Quanto à água, é retirada do Paraíba, e sujeita a processos químicos. O sulfato de alumínio torna-a límpida e translúcida. Em todo caso só os que não teem a mão uma garrafa de Caxambú atrevem-se a beber aquela água, que veio do rio imundo.

Quanto à luz... SEMPRE PARECE QUE VAI MORRER. Vem de Carangola, "trazida por mil fios que cavalgam milhões de postes pelo caminho". Por isso chega fraca — justificando o batismo, que lhe deram os jornalistas, de CAMPOS AS ESCURAS.

(8) Jornal do Brasil — 14-10-1927.

(9) Estado de São-Paulo — 28-8-1929.

(10) Estado de São-Paulo — 13-12-1932.

(11) Jornal do Brasil — 11-12-1931.

(12) Estado de São-Paulo — 13-12-1932.

(13) Jornal do Brasil — 6-4-1928.

Frequentemente acontece que a luz mingua de todo e desaparece. Esses repetidos eclipses teem sua explicação. João Ribeiro recolheu-a de um amigo campista. E' que às vezes um boi derruba um poste na estrada. E o escritor acrescenta:

"Outro amigo que gosta de remontar as causas primeiras, confirmou e alargou a explicação:

"Realmente, o boi tem o seu quinhão nesse ofício das trevas. Mas a origem primeira é o carrapato. O carrápato dá no boi, o boi dá no poste, o poste dá no fio, e o fio dá na escuridão.

"Fiquei satisfeito com a comichão funesta do carrapato, causa de tantos males". (14).

XII

Embora viva no Brasil, João Ribeiro nunca se desprendeu de suas raizes européias. As viagens continuam a seduzí-lo. As vozes das antigas sereias continuam a chamá-lo, irresistiveis.

Que é, em essência, essa inquietação de mil leituras, em que ele se perde cada dia? Que é essa sede de todos os dias ir ao cinema? São maneiras de viajar, de partir, de evadir-se, de ver sempre terras novas, de sentir sempre contactos novos...

Sua comunicação espiritual com a Alemanha nunca se interrompeu. Ele vulgariza, em centenas de artigos, alguns dos quais foram recolhidos em livros, o pensamento, as idéias, as letras alemãs. Fala-nos do professor Carlos Vossler, da Universidade de Munich, que veio ao Brasil e constatou que o nosso país "cresce como as plantas: cresce insensivelmente e invisivelmente para os estranhos". Fala-nos de Wilhelm Giese, outro erudito que se interessa pelo nosso povo, e que escreveu uma série de argutos estudos sobre Machado de Assis. (15). Fala-nos de Fritz Mueler, tão modesto e tão sábio, vivendo em Blumenau, e dalí remetendo, para o seu grande amigo Darwin, os resultados de um labor sincero, contínuo e profundo. Fala-nos de Lessing, do Kaiser, do padre Teschauer, de Felix Speiser, que visitou a selva amazônica, e de Willi Ule, que escreveu ditirambos ao Brasil.

Deplora que não tenhamos em nosso país condições de cultura, que nos permitam atrair, como eles desejariam, alguns dos grandes vultos do saber europeu — Leo Spitzer, por exemplo. (16).

Sorrí-lhe certa sugestão que lhe fez o seu amigo, o Sr. Hubert Knipping, ministro da Alemanha. — Acha o Sr. Knipping que deve ser tentado o intercâmbio intelectual entre a Alemanha e o Brasil. Para isso é preciso criar, primeiro, em ambos esses paises, um ambiente espiritual, propício à idéia. E' preciso, pois, traduzir para o português, os grandes livros característicos da Alemanha, e publicá-los no Brasil; é preciso igualmente traduzir para o alemão os grandes livros brasileiros, e publicá-los em Berlim.

João Ribeiro sorrí, meio céptico... Lembra que tem feito, nesse sentido, alguma cousa. Quando moço, traduziu muitos poemas alemães. Poderá reuní-los, agora, num folheto. Será a sua contribuição de soldado. (17). Mas...

XIII

Mas o peor é que ele não acredita, de maneira nenhuma, que isso, essa história de intercâmbio intelectual, possa ser feita! Nem com a Alemanha, nem com país nenhum.

Sua idéia é que ainda não chegou a hora do Brasil. Um dia, essa hora ha de chegar, como chegou a da Rússia ou a da Escandinávia. Tudo virá a tempo. "E' inutil mexer nos ponteiros do relógio: nem por isso apressaremos a aurora..."

Por enquanto o Brasil ainda não existe propriamente para os centros de cultura universal. As notícias que vão daquí, perdem-se lá fora, entre os fatos diversos das gazetilhas sem importância.

A esse propósito, João Ribeiro relata que, um dia, em conversa com um dos diretores da Biblioteca Nelson, perguntou-lhe:

— Quando aparecerá um nome brasileiro nessa coleção?

O homem respondeu vagamente:

— No futuro... Um dia teremos tambem um lugar para os brasileiros. (18).

Contraditório João Ribeiro! Há pouco, ele mostrava-nos como o seu espírito se abria para novos surtos, ao contacto com a civilização européia. Alí, sentia-se ele como um viajante que regressasse ao ponto de partida. E era a voz dos seus ancestrais que soava para lhe dar as boas vindas.

Esse cosmopolita parecia-nos estar positivamente ausente de todas as velhas noções do patriotismo tradicional; e havia nele um cidadão do mundo.

Eis agora a inesperada mutação! — João Ribeiro regressa aos primeiros enlevos de patriotismo, aos antigos entusiasmos de brasileiro. A pátria volta a ser para ele a velha abstração maternal e poética, que lhe sorrira na infância. Chega até a exaltar-se nestes termos: "A pátria não é onde se está bem: é onde se pode estar mal e do peor modo".

Tem então as ternuras de um namorado, para a imagem do Brasil. E em seu gabinete de trabalho coloca na parede esta inscrição, que é bem acreditavel tenha sido concebida por um ironista de sua qualidade.

"Se eu não fosse brasileiro, queria ser brasileiro". (19).

---

(14) Jornal do Brasil — 11-4-1928.

(15) Revista da Academia — Novembro de 1932.

(16) Jornal do Brasil — 7-7-1932.

(17) Estado de São-Paulo — 25-5-1929.

(18) Jornal do Brasil — 25-8-1932.

(19) Imparcial (A MORTE DE EPICURO).

O Ensino Superior da Literatura no Brasil

Fidelino de Figueiredo

Com a organização da Faculdade de Filosofia de São-Paulo, em 1934, criou-se o ensino superior da literatura no Brasil. Antes houvera efêmeras tentativas privadas, esboços de faculdades de letras, que eram mais cursos livres de conferências de extensão universitária do que escolas regulares. Prestavam contudo o bom serviço de levar a certos setores da opinião o convencimento da necessidade e fecundidade do ensino superior das letras, sob um ângulo puramente especulativo.

Entre as literaturas, a cujo ensino se abriu a nova Faculdade, figurou logo a portuguêsa, mas em situação modesta, injustificadamente modesta. Quando em Fevereiro de 1938 cheguei ao Brasil, a convite do governo de São-Paulo, os únicos vínculos, que prendiam a Portugal a nova escola de humanidades dum país de origem portuguêsa, eram as quatro letras iniciais da designação duma cátedra: literatura luso-brasileira. Se o professor fosse português, essas letras ainda poderiam signicar alguma coisa, mas sendo brasileiro elas apenas obrigavam a umas generalidades de manual sobre os cancioneiros medievos, sobre Gil Vicente, Camões, Camilo, Eça de Queiroz... De história de Portugal nada havia, a pesar do seu ensino ser duplamente necessário, não somente para enquadar a literatura que a expressa, mas tambem e principalmente para explicar o próprio Brasil, a sua formação política, racial e moral, as suas instituições sociais e familiares, a sua etnografia, toda a sua personalidade, que tem um alicerce português de mais de três séculos.

Nos outros países de origem européia, a história e a literatura das velhas metrópoles era há muito objeto de acurados estudos, quer pela sua fecundidade pragmática, quer pelo seu interesse especulativo. A riqueza da literatura espanhola e da inglêsa justificava, só por si, o seu antigo e intenso ensino nas repúblicas hispano-americanas e nos Estados-Unidos, mas o estudo da história política e social da Espanha e da Inglaterra era indispensavel base do conhecimento da história nacional da compreensão da própria personalidade desses países e do seu fortalecimento moral. Isso expressamente o reconheceu o 2.° Congresso Internacional de História da América, reunido em Buenos-Aires, 1938, que por unanimidade deliberou recomendar aos governos americanos a criação do ensino superior da história da civilização espanhola, portuguesa e inglêsa nos estabelecimentos universitários, que ainda o não tivessem. Nesse congresso havia representantes brasileiros, que votaram sem hesitação essa moção.

Mas os organizadores da primeira Faculdade de Filosofia do Brasil não se lembraram muito bem da origem portuguesa do país, a pesar de pretenderem que a nova escola viesse roborar o carater nacional. Essa falta do estreito contacto entre os meios cientificos dos dois países explicará que apareçam estudos históricos que não recorreram ao precioso acervo documentar guardado em Portugal. A unilateralidade do juizo é outra consequência dessa documentação incompleta. O que recentemente se tem escrito sobre as "bandeiras" é um flagrante exemplo. A etnografia é outro: parece que a etnografia brasileira caiu do ar formada dum só bloco, por inspiração divina. Tenho lido volumes sobre o "auto da che-

gança" ou do marujinho, sem a menor alusão ao romance tradicional português da *Nau Catharineta*, do qual não é mais que uma empolada glosa tropical na forma de auto dramático. Esse romance ou essa balada é por ventura a peça mais original do nosso romanceiro, o qual é na sua maior parte composto de versões do fundo comum europeu e da épica popular e medieva de Castela.

Tambem não estavam os criadores da primeira Faculdade muito lembrados do carater americano do país. Compreender e consolidar cada vez melhor os alicerces portugueses da origem, mas conquistar cada mais solidamente a sua personalidade americana deve ser um dos objectivos duma tal Faculdade. Mas as seções de letras neo-latinas não davam lugar à literatura hispano-americana. Ainda menos recordada era a literatura espanhola.

Algumas destas lacunas foram já remediadas com aquela facilidade típica dos países americanos, onde os inovadores não esbarram a cada passo nos obstáculos tradicionais. Nos países europeus há mais ponderação crítica, mas há tambem essas barreiras de excessivo espírito conservador; nos americanos há rigor menor na escolha dos materiais de construção, mas há tambem uma mais pronta neofilia. Todas as medalhas teem anverso e reverso...

A literatura luso-brasileira, designação que a nada correspondia ou que reduzia o estudo da portuguesa a uma preparação introdutoria da brasileira, séculos coloniais e focos modernos de influência — foi desdobrada nas duas cátedras: a portuguesa e a brasileira. Assim tinha de ser. Uma é européia e outra americana, cada qual com seu cenário geográfico, portanto com suas tendencias divergentes. A portuguesa tem oito séculos de intensa elaboração, é quase um ciclo fechado de experiência humana, tem interesse universal e deve ser estudada com método científico, objetivamente, com puro interesse especulativo. A segunda tem um século e está na fase do aproveitamento econômico de todos os valores, colabora açodadamente na construção duma conciência nacional, com seus mitos e seus símbolos, seus mártires e seus heróis. A crítica, de cada lado do Atlântico, deve sofrer uma diversificação na sua tarefa avaliadora, como a sofre o trabalho judiciário da historiografia, como a sofre a qualificação escolar dos estudantes. É juizo e é estimulo, à maneira de certas formas de oposição aos governos: em cooperação.

Criou-se o ensino das literaturas espanhola e hispano-americana e, a breve trecho, valendo para este novo caso as velhas razões do desdobramento da literatura luso-brasileira, bipartiu-se tal ensino em duas cátedras autonomas: a espanhola e a hispano-americana. E acaba-se de se obter conquista nova: a abertura de um curso de História da Civilização Portuguesa, para o qual se deparou uma oportunidade excepcional — a presença no Brasil do Dr. Jaime Cortesão, historiador especializado na época do descobrimentos geográficos e da colonização do Brasil. Esse ensino inaugura-se de forma um pouco precária, como curso anexo e facultativo, subvencionado por um vago Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura, que não tem atividades, mas dispõe de fundos. Estou certo de que a proficiência do mestre conseguirá convencer as autoridades universitárias da utilidade desse ensino, quer para o estudo do história brasileira, quer para a ampliação do das literaturas de lingua portuguesa, quer ainda para o fortalecimento do espírito nacional dos estudantes, e que tal curso será convertido em cátedra efetiva e tornado obrigatório e extensivo à faculdade de São Paulo e sua irmãs vindouras.

Evidentemente, todas estas iniciativas do governo brasileiro só serão produtivas se forem confiadas a especialistas. O futuro de qualquer ensino depende quase inteiramente do professor que o desempenha. Pode haver deficiência de meios, e há-os sempre nos períodos iniciais em países novos, que estão, sob as nossas vistas, dia a dia, a criar as suas tradições escolares. Mas o espírito apostólico do professor, a sua autoridade de especialista de certo modo as suprem. Um grande mestre à sombra de uma grande árvore ministra grandes lições. Não dispunham de muito mais que a sombra das árvores e dos portais de Atenas Sócrates e seus gloriosos continuadores. Foi-lhes menos sensivel o desconhecimento da aparelhagem do ensino moderno do que deve ser a todos nós a falta de ardor proselitista e de entusiasmo pelas idéias em professores de hoje, apetrechados de todos os meios pedagógicos modernos, os indispensáveis e os supérfluos...

A qualidade ou o título de especialista é insuperavel do exercício do professorado universitário. Reger cursos superiores não é transmitir a ciência feita e condensada em

manuais e tratados, por grande e seguros e atuais que estes sejam. O clínico distanciado da ciência médica, o chefe militar sem contacto com as suas bases de aprovisionamento em breve vêem os seus recursos minguar e esgotar-se. Isto em ensino quer dizer automatismo, repetição mecânica do catecismo formulista.

As bases de reabastecimento do ensino superior são os institutos de investigação científica ou de pesquisa, que devem viver no âmbito da universidade — viver, mas folgadamente, acarinhadamente.

Ninguem põe isto em dúvida, quanto às ciências exatas e à história natural, a tudo que é objeto de observação e experimentação e condensação em leis.

Mas poucos assim pensam quanto à literatura, que supõem ainda na fase do impressionismo judicativo ou da simples erudição biográfica e bibliográfica.

Não é assim. O ensino superior da literatura tem de ser assistido por um Instituto de Literatura.

Que é um Instituto de Literatura? É um centro onde se realizam investigações da ciência da literatura, isto é, se pratica um método científico na reconstituição da história literária dos países e no aproveitamento ou medição do *quantum* da inteligência do homem em todos os seus aspectos, proporcionado pela intuição do artista da palavra escrita.

Para o caso da literatura portuguesa, esse Instituto deveria atender às seguintes caraterísticas de orientação geral e de organização interna:

1.ª — A literatura portuguesa é um fenômeno constante da civilização ibérica num dos seus dois matizes dominantes. Tem, portanto o seu historiador ou crítico, de dispor de uma segura informação sobre a história de Portugal e Espanha.

2.ª — A literatura portuguesa é uma voz do gênio ibérico, multímodo e plurilíngue. Só o ponto de vista comparativo hispano-português é fecundo, porque muito grande foi a influência portuguesa em Espanha e muito grande tambem a espanhola em Portugal. Menéndez y Pelayo chegou a dizer que na história da literatura espanhola não se podia dar um passo sem encontrar pegadas portuguesas. Não me refiro àquela peculiaridade nosso do bilinguismo dos séculos clássicos; refiro-me à inter-penetração espiritual dos povos peninsulares. Gil Vicente é um bom exemplo: portuguesíssimo, o seu gênio cristalizou uma forma dramática, na qual há alicerces castelhanos e da qual, partiu uma longa, gloriosa tradição teatral espanhola. Camões é o poeta da exploração geográfica e da navegação, que foi a principal contribuição dos povos peninsulares para a Renascença, ainda que a Portugal tivesse cabido a iniciativa. (1)

3.ª — Não há ensino seguro sem o constante e familiar convívio dos textos e a notícia mas completa ou mais atualizada do movimento da erudição e da crítica em torno deles. Portanto, esse centro deve dispor duma coleção das edições melhores dos textos portugueses e espanhóis e da bibliografia crítica, e organizar dia a dia um serviço de informação bibliográfica de tudo que existe e se vai publicando em volumes, folhetos e revistas sobre as matérias do seu âmbito. O ficheiro do antigo Centro de Estudos Históricos, de Madri, e a bibliografia periódica publicadas pela *Revista de Filologia Española* ofereciam os paradigmas mais autorizados para este trabalho. Aquela revista feneceu em consequência da destruição da vida científica da Espanha pela sua guerra civil, mas a *Revista Hispánica Moderna*, de Nova York, e a *Revista de Filologia Hispánica*, de Buenos Aries, prosseguiram nessa benemérita tarefa do inventário do labor da erudição espanhola e hispano-americana.

4.ª — A metrificação e a estilística, isto é, a técnica do verso e da expressão verbal devem ser objeto de estudos profundos, desde os velhos tempos da "gaya sciencia" medieval, através da gênese dos metros com que na Renascença se adaptaram as línguas românicas à "medida nova" sob a direção da italiana, até à anarquia contemporânea. Estes estudos da música da língua e do progresso aquisitivo da expressão linguística obrigarão os investigadores desse instituto a procurar o convívio das outras artes, música e escultura sobretudo, e de certos ramos da filologia.

5.ª — Toda a criação literária tem atrás de si uma certa concepção do homem ou visa a fornecer-nos dados para outra nova. O crítico não pode desinteressar-se, nos seus estudos, da história das idéias gerais, da psicologia do carater e da personalidade humana, da evolução das idéias estéticas e morais.

Umas vezes a literatura recebeu dessas fontes inspiração direta, outras vezes propiciou-lhes elementos novos.

(1) — V. *Pyrene*, ponto de vista para uma introducção à *História Comparada das Literaturas portuguesa e espanhola*, Lisboa, 1935.

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

À Margem de um Grande Livro

Galeão Coutinho

MARGARET MITCHELL

Não terá escapado ao grande público leitor que o êxito do famoso romance de Margaret Mitchell, ..."E o vento levou," longe de atrair a simpatia dos nossos intelectuais, suscitou entre eles uma atmosfera de indisfarçavel hostilidade. Alguns dos nossos homens de letras adotaram essa atitude de reserva por absoluta boa fé: estão por demais acostumados a ver que raramente o seu gosto coincide com o da maioria. Assim sendo, por que se registasse uma aceitação sem precedentes para o romance da autora norte-americana, os chamados espíritos de "élite" sentiram-se logo no dever de ignorá-lo. Um romance de que todo mundo gosta não pode prestar, pensavam lá com os seus botões.

Há, porem, outra classe de intelectuais — estes evidentemente sem a mesma boa fé — para quem o livro volumoso de Margaret, com uma tiragem assombrosa, a pesar de preço, entre vinte e trinta mil réis, representa uma séria concorrência à produção nacional. Hostilizam-no como o fabricante de perfumes, ou de tecidos, em nosso país, trata de combater o similar estrangeiro; pena é, pensam os trabalhadores das letras indígenas, que não se possa criar uma tarifa de defesa da ficção brasileira, como há a tarifa de proteção para os artigos aqui mecanofaturados.

Temos que finalizar esta seriação, apontando uma outra categoria de intelectuais, os que só batem palmas ao insucesso. Se o livro de Margaret Mitchell tivesse encalhado, viriam eles pressurosamente a público para defendê-lo, fazendo carga cerrada contra os leitores nacionais, súcia que não sabe dar valor às verdadeiras obras primas da literatura mundial. E é de notar que essa espécie de claque tacitamente organizada para aplaudir os que fracassam, não existe apenas em relação aos livros, mas tambem aos quadros, às peças de teatro, às obras de escultura. A vitória de um pintor, de um teatrólogo, de um escultor, sempre foi para essa gente a prova de que não valem nada.

Ora, a pesar de tudo isso, ..."E o vento levou" continua a bater o recorde de livraria. Nem se diga que o filme teria concorrido para esse formidavel êxito, porquanto foi ele exibido aquí muito depois das sucessivas tiragens que se esgotaram rapidamente, não só isso como vários outros romances tambem filmados não alcançaram a mesma notoriedade. A verdade é bem outra: o livro de Margaret, a escritora sulista, vale realmente que a gente se disponha a percorrer as suas oitocentas e tantas páginas densas, onde se movimentam dezenas de personagens e onde a Guerra de Secessão, que teve tantos historiadores nacionais e estrangeiros, encontra quem verdadeiramente nos dê um quadro digno da sua grandiosidade epopéica. Scarlett O'Hara e seu pai, o irlandês Geraldo O'Hara, Rhett Butler, Melânia, Ashley, Archie, a infeliz Bella Watling, a familia Tarleton, para citar apenas alguns dos personagens que atuam no primeiro plano, são criaturas musculares e não figuras recortadas em papel para a postura convencional dos romances convencionais.

Mas, o livro de Margaret apresenta ainda para o leitor brasileiro, notadamente aquele que, tendo dobrado a casa dos quarenta anos, conheceu os vestígios da velha sociedade brasileira contemporânea e beneficiária do cativeiro, o interesse da similitude de ambiente.

A presença da gente negra no desenrolar do entrecho, aproxima, aqui e acolá, as antigas propriedades rurais, na América do Norte, das congêneres no Brasil.

Quanto à Guerra de Secessão, não creio que seja grande o número dos moços ledores de "...E o vento levou" que tenha tido desse episódio da história norte-americana, crônica mais sucinta e sugestiva do que a que nos fornece o romance, embora a autora nos projete dentro dos acontecimentos, sem nos dar — nem isto ficaria bem numa obra de pura ficção — dados cronológicos e os pródromos políticos da luta entre sulistas e "yankees". Vejamos sumariamente como isso aconteceu. Em 1860, realizava-se o pleito eleitoral que levou Abraão Lincoln à presidência dos Estados-Unidos. As urnas deram-lhe 600.000 votos sobre o mais votado dos seus três concorrentes, Douglas, que alcançou 1.291.504 votos: mas os confederados alegavam que Lincoln não reunira maioria absoluta. O caso é que seis Estados, Carolina do Sul, Mississipi, Alabama, Flórida, Luiziânia e Texas, não se conformando com o resultado, quatro meses antes de ser o presidente empossado, votaram pela secessão e nomearam imediatamente delegados que deviam reunir-se numa espécie de Convênio, a 4 de Fevereiro de 1861, em Montgomery. Faltando apenas um mês para a investidura de Lincoln, formava-se, assim, um governo rebelde, que repeliu todas as propostas de acomodação.

Mostrou-se Abraão Lincoln irredutivel diante das firmes disposições dos sulistas? Conquanto partidário da abolição dos escravos, fez qualquer declaração nesse sentido? Muito pelo contrário, ao assumir o poder, a 4 de Março de 1861, pronunciou estas palavras conciliadoras: "As populações do Sul parecem temer que o advento de um administração republicana comprometa a sua propriedade, e até a sua segurança pessoal. Entretanto, não se pode assinalar causa razoavel para essa apreensão. Não tenho nenhum intuito de imiscuir-me, direta ou indiretamente, na questão dos escravos, onde ela permanece de pé, mesmo porque não me julgo com o direito de fazê-lo. Os que me elegeram partilham, a esse respeito, a minha opinião, e jamais deram provas em contrário." E num apelo comovente aos rebeldes: "Sois vós, meus concidadãos descontentes, sois vós e não eu que ides decidir a terrivel questão da guerra civil! O governo não vos atacará; só haverá conflito se vos tornardes agressores."

Que essas palavras não encontraram eco entre os sublevados, o romance de Margaret Mitchell o demonstra. A guerra estalou. Durante quatro anos, de 1861 a 1865, os confederados conheceram todas as vicissitudes de uma luta desigual, finalizada com a vitória dos nortistas, isto é, dos "yankees", como os sulistas rancorosamente chamavam os filhos dos Estados que apoiavam Abraão Lincoln.

O que para nós, brasileiros, assume primordial importância na Guerra de Secessão, e Margaret realça isso admiravelmente na sua obra, é aquilo que menos se tem discutido, até agora, entre os leitores nacionais: o choque de duas mentalidades, a agraria e a industrial. Quando deflagrou a luta nos Estados-Unidos, essas duas formas econômicas já estavam lá nitidamente demarcadas, o que não ocorria no Brasil, onde apenas existia a primeira. Mas, os fundamentos realisticos do abolicionismo, na América do Norte, apresentam as mesmas razões, embora encobertas, que aqui prevaleceram. Estavam contados os dias do patriarcado rural, entrave muito sério ao desenvolvimento da indústria. Mantendo em suas fazendas milhares e milhares de escravos num nivel de vida infimo, os antigos senhores constituiam um obstáculo à elevação do "standard of live". Sucede que lá, eram os próprios norte-americanos da zona industrial que pugnavam pela extinção do cativeiro, pois só uma população de trabalhadores livres dispõe de capacidade de compra à altura da sua capacidade de consumo.

Aqui, porque não tinhamos ainda uma indústria organizada, o movimento emancipador teve de receber influência e auxílio de fora, devemo-lo à Inglaterra, que tambem não esteve alheia ao surto abolicionista dos "yankees".

Ora, todas essas verificações históricas, que seriam fastidiosas na forma direta e seca dos ensaios e obras de meditação, Margaret Mitchell no-las apresenta de modo empolgante na trama do seu romance.

Impossivel não ver em Scarlett O'Hara, a intrépida fazendeirinha de sangue irlandês, que se inclina sentimentalmente por um tipo antagônico ao seu temperamento, o lânguido e aristocrático Ashley, uma figura simbólica. A mulher americana de hoje, livre no bom sentido, empreendedora, formando na luta pela vida a sua personalidade, está em potencial na desabusada filha de Geraldo O'Hara. Da mesma sorte, o capitão Butler prenuncia o audacioso homem de negócios moderno, tal como

(Conclue no fim do ANUARIO)

"40° À SOMBRA"

A. Austregesilo
(da Academia Brasileira)

Depois da grande guerra de 1914 a mulher apareceu no cenário internacional com fórmulas sociais e intelectuais acentuadamente marcantes: na literatura, nas artes gráficas, na música, na burocracia, na política, no comércio e nas indústrias, enfim em todos os setores da civilização, ela surgiu triunfante.

A Rússia, os Estados-Unidos, a França, a Alemanha, a Escandinávia deram exemplos notaveis dessa emancipação.

O Brasil, a pesar de se achar longe do nivel emancipador da mulher, seguiu de certa maneira a fórmula social de Eva vitoriosa.

No livro que publiquei acerca do *Perfil da Mulher Brasileira* esbocei o surto do progresso da ação da mulher no meio nacional. Na realidade, assistimos ao desabrochar de uma nova era para a nossa patrícia, especialmente no capítulo cultural. Nos concursos oficiais quase sempre as moças logram os primeiros lugares ou as colocações distintas.

A literatura sul-americana e especialmente a brasileira manifestou-se triunfante na pena feminina. Romancistas e poetizas, especialmente estas últimas, surgiram com grande frequência, ousadas e cheias de sentimento estético.

O exemplo está em Jenny Pimentel de Borba, que nos dá um livro de estréia que merece análise da parte da crítica. Não se pode dizer que é um livro extraordinário, mas temos que louvar a força intelectual com que foi feito. A autora mostrou-se entusiasta, franca, leal e às vezes um pouco exagerada nas expressões literárias, porem nada disto desfaz o valor do livro. A sua inteligência vivíssima aparece em todo o livro.

A narrativa resume-se no seguinte:

Regina Cœli filha único de casal pobre e humilde, residia em um dos subúrbios da Central. Já não podendo suportar a vida monotona que levava, resolveu ir procurar emprego no comércio do Rio. Ao manifestar esta vontade foi energicamente repelida pelo pai, simples funcionário de banco, e que arranjara esse emprego mais por proteção que por capacidade.

Dizia sempre que Regina Cœli nunca havia de empregar-se fora. "Que não diriam os colegas do Banco ao saber que a filha, criada com todo o zelo, afastada das maldades do mundo, se se empregasse no comércio?" "Teria graça, por ser ele o primeiro a censurar essas moçoilas que andavam para cima e para baixo, todos os dias de caras pintadas e expostas às conquistas masculinas".

Jenny Pimentel de Borba

A esposa, D. Laura, tambem não andava muito satisfeita com a filha, por esta não querer aceitar como esposo seu Manuel, o dono de um armazem em Cascadura que diziam ser muito rico.

Mas vendo Regina Cœli sempre mal humorada e nervosa resolveu concordar com a filha, e foram juntas a procura do emprego. Os gerentes ao verem a pequena muito agarrada à mãe, e muito trêmula, não na queriam, pois esta junto da mãe nem sabia falar. D. Laura, já

desanimada, avisou a filha de acordo com o pai "isto não dá futuro, minha filha; o lugar da moça é em casa para cuidar da roupa, das panelas, do filho e enfim do lar. Como vês ele tem razão. Se viesse pintada como essas serigaitas e toda derretida para o lado deles, já estarias empregada. O melhor é irmos para casa e seguirmos os conselhos do teu pai. "Regina Cœli enquanto fingia ouvir a mãe ia pensando que se ela fosse sozinha procurar emprego, tel-o-ia conseguido. E' assim fez. Ao passarem pela Avenida Rio Branco Regina Cœli aproveitando haver muito movimento, propositalmente se perdeu de D. Laura. Esta, sentindo falta da filha foi para o Banco onde trabalhava o marido, pois Regina havia prevenido que, caso se perdesse iria ao Banco. Enquanto aguardava a chegada da pequena esta já tinha conseguido emprego em uma loja. Os pais ficaram assustados, pois chegaram a pensar que Regina houvesse cometido alguma imprudência. Dois meses depois, Regina, sentindo-se cansada, resolvera arranjar uma casa na cidade, porque as despesas de passagens e as viagens todos os dias já a tornavam exausta. E foi assim que a moça pobre passou a uma vida diferente.

Logo que começou a trabalhar na Loja foi com o firme propósito de ganhar alguma cousa que pudesse mantê-la na Escola de Aviação, pois era este o seu maior anelo: ser aviadora. Certo dia o gerente da casa disse a Regina Cœli que o novo gerente da casa era francês e passaria a trabalhar com ele no escritório. Regina Cœli corou porque mal sabia falar francês.

Logo que fora apresentada ao novo gerente sentiu-se corada diante de tal elegância. O francês tambem não hesitou porque estava diante de uma moça boa e simples. Começaram a trabalhar juntos como bons amigos.

Um dia o francês pediu a Regina Cœli que ficasse um pouco mais tarde porque queria dar uma explicação em português de um dos seus trabalhos. Regina Cœli muito distraidamente ficara sem reparar que a loja já estava fechando. Quando percebeu que se achava só e que a noite já havia chegado, teve medo; depois julgou que o gerente tivesse esquecido do que combinara; quedou-se sentada à secretária e enquanto esperava pelo francês fazia tais meditações. Percebendo que era tarde, resolveu sair, então sentiu-se presa àquele homem e Regina experimentou o primeiro beijo.

Mais tarde conheceu Marina, moça frívola, mas que tambem tinha o mesmo ideal, ser aviadora. Fizeram-se amigas; Marina arranjou um emprego em uma garage e alí passou a estudar mecânica, enquanto Regina Cœli procurava outro lugar para trabalhar. Não queria ficar na loja, depois do que acontecera, mesmo porque sua mãe estava doente e precisava de assistência. Assim procurou um lugar que ganhasse mais.

Todos sentiam o mesmo desejo de morder aqueles lábios de mel, mas Regina, ofendida na moral de menina pura, desistia com lágrimas nos olhos. Certa vez resolveu ir à presença de um Ministro, para lhe pedir auxílio. Custou muito a ser atendida. Por fim conseguiu.

Este, porem, recomendou-a a um amigo. Regina saiu muito satisfeita, foi a casa de Melinho, o amigo do Ministro. Ao chegar viu-se em um rico palacete de Santa Teresa, no qual ele morava só. Era um lindo rapaz, muito meigo e que a recebeu gentilmente; Regina Cœli contou-lhe toda a sua vida, o desejo de ser aviadora. Melinho disse-lhe que nada podia fazer mas que ia telefonar para alguns amigos e que esperasse um momento. Nesse momento convidou-a a passar para o outro salão, enquanto aguardava as respostas.

Regina Cœli sentindo-se à vontade diante da cortesia do rapaz não hesitou: e começaram a palestrar como bons amigos. Pouco depois Melinho lhe perguntou: "E' clara ou morena?" Regina Cœli, com um gesto infantil afastou as alças do soutien e da combinação e disse: — "veja a diferença da pele, estou queimada da praia". O rapaz olhou mais para os olhos de Regina do que para os ombros, não se conteve, agarrou-a pela cintura e cobriu-a de beijos. Regina chorou muito mas foi um pranto de prazer. Daí passou ser amante de Melinho. Continuou a viver com a mesma dificuldade porque seus pais ignoravam a desgraça da filha.

Marina sua amiga chegou a ser aviadora ajudada pelo amante, pois se entrega a um rapaz, Rubens Mariolo. Quando Rubens declarou que ia se casar, Marina, atendendo a um dos seus chamados foi ao apartamento dele. Extinta assim a amizade de ambos, Marina suicidou-se atirando-se de um 7.º andar. E Regina, a pequena "40º à Sombra" passou a viver o seu romance de amor em Santa-Teresa.

Há ainda uma terceira criaturinha Valentina Cora, que se entregou tambem. São três virgens loucas que cedem à força da liberação e da sexualidade.

O assunto é comum, trivial. Nada de novo. Isso acontece em todas as grandes cidades do mundo onde a mulher consegue trabalho e emancipação.

Louvo a estréia e a narrativa ousada e ver-

(Conclue no fim do ANUARIO)

Valor Social das Memórias

Clovis de Gusmão

D. Carlota Joaquina

O general Rondon, ele próprio me contou há dias, vai escrever as suas memórias de sertão. O material, aliás, já está sendo minuciosamente coligido; e logo que o grande sertanista se retire à sua vida particular dará início ao trabalho propriamente literário. Ora aí está um hábito que devia se generalizar entre os nossos homens públicos, principalmente aqueles que viveram os grandes momentos da nossa história. As memórias são um dos gêneros de maior valor social entre os diversos ramos literários. Trazem até nós o sabor do tempo, a realidade nua e crua de dias que os homens deformam na maioria das vezes. Exemplos flagrantes disso são as "Memórias secretas de Carlota Joaquina", por D. José Prezas seu antigo secretário e as "Memórias de Vasconcellos Drumond" que os editores Pongetti e Zélio Valverde anunciam para o próximo ano na série Depoimentos históricos. Do Chalaça, o que se sabia através do romance e da crônica era coisa absolutamente desabonadora para o antigo válido de D. Pedro. Vem as memórias do Chalaça e o leitor entre surpreendido e encantado vai encontrar a Chalaça criado como irmão do Principe nas cavalariças do Palácio Real e, mais tarde, acompanhando a sua viuva pelas cortes européias como uma espécie de cavaleiro andante da viuva do seu Rei. No caso de Carlota Joaquina a cousa é mais supreendente ainda. O leitor esperava do trabalho de Prezas, em todas as suas linhas duras, aquela figura de messalina a que os cronistas nos habituaram desde os tempo de colégio. E o que vamos encontrar é Carlota Joaquina politica, um tanto medieval, envenenando o marido, tramando intrigas sem fim, recebendo emissários clandestinos de Buenos-Aires nas barbas da policia portuguesa, deitando manifesto aos espanhois, candidatando-se ao trono do irmão prisioneiro de Bonaparte num cárcere em Valençai. As memórias de Prezas nos informam quase tanto sobre o nosso primeiro reinado quanto os livros de Debret sobre Pedro I e o seu tempo. Mas é como se se estivesse lendo uma história nova, tão diferente daquela que haviamos aprendido nos livros...

As "Memórias de Vasconcellos Drumond", cunhado de José Bonifácio e diretor do famoso Tamoio, em torno do qual girou o conflito que iria dar por terra com a primeira Assembléia Constituinte encerram toda a vida dos bastidores de anos preciosos da nossa história. Drumond, cunhado do Patriarca, intimo por ser membro da familia ilustre de toda a politica do seu tempo, sabe de tudo em pormenores. E é em pormenores que ele nos conta os fatos mais obscuros. A rivalidade entre Ledo e José Bonifácio, por exemplo, tem sabor de romance. José Bonifácio era contra a entrada de D. Pedro na Maçonaria. Ledo a favor. Ora, aconteceu que o Andrada teve de se retirar doente para São-Paulo e então Ledo não só fez o ingresso de D. Pedro sob a invocação de Guatemosim como obteve dele, para tal, três folhas em branco que ficaram com ele, Januário da Cunha Barbosa e Clemente Pereira. Vindo de São Paulo, José Bonifácio soube de tudo e alarmou o Príncipe. Ledo e seus amigos podiam até desmembrar o Império com aquelas folhas em branco... Mas como recolhê-las, perguntava D. Pedro assustado? Fizesse vir os três à sua presença

(Conclue no fim do ANUARIO)

Tamandaré - Homem e Símbolo

Pedro Calmon
(da Academia Brasileira)

Era necessário, e justo, fosse de Tamandaré o Dia da Marinha.

A sua biografia, é tambem a sua história.

Começaram juntos a "legenda doirada". Joaquim Marques Lisboa praticante de piloto da Independência, e a armada imperial estreante e debil. Quando madrugou, em 4 de Maio de 1823, a glória naval do Brasil saudada pelos canhões da "Pedro I", da "Piranga", da "Maria da Gloria", da "Niterói" em águas da Baía, a bordo da fragata, ao pé de John Taylor, trepidava de entusiasmo patriótico, sublime de audácia, o rapazinho vindo do Rio-Grande-do-Sul para engajar-se, voluntário, na frota da Liberdade. Cochrane notou-o. Chamou-o um dia, quando um vento calmo sacudia para o norte aqueles barcos ligeiros e, no penol da carangueija, auri-verde, o pavilhão da Pátria parecia maior no espaço cheio de luz. Chamou-o, e profetizou: Menino, serás o Nelson brasileiro!

Joaquim Marques Lisboa recebeu o vaticínio como um compromisso. Vinculou-se para sempre ao tabuado dum barco. Nunca mais abandonou o mar. Criou-se nos temporais, nas batalhas e nas travessias, acalentado na infância pelo estertor das ondas, embalado na mocidade pelo frêmito das vagas, consolado na velhice pelas lamúrias do vento a balouçar-lhe a nau de guerra. Foi marinheiro, por vocação, criança; por destino, sucessivamente promovido por feitos de bravura e destreza, numa carreira incomparavel; e por fidelidade a essa Armada que crescera com ele, que aumentara com ele, que vira desdobrar os seus recursos bélicos à medida que o país se engrandeceu — fator supremo da união nacional em 1823 e 24, heróica e tenaz em 1825 a 28, instrumento da paz imperial de 1831 a 45, Armada robusta e triunfante de Toneleros, Armada invicta e irredutivel de Riachuelo... Teve-lhe um amor que era obcessão. Não desertou jamais o seu serviço — enquanto pôde prestá-lo numa ponte de comando, num arsenal, num estaleiro, navegando, construindo, propelindo, combatendo. Em terra o seu andar gingado de maritimo, que se lhe combinava às maravilhas com a face vermelha e redonda, franjada de barbas arrepiadas e grisalhas como um pescador da Islândia, fazia dizer dele que tinha uma perpetua nostalgia da sua corveta, da sua procela, da hora grave em que o lenho cavalga o dorso da onda, o cavilhame range, a desconjuntar-se, estalam os brandais como cordas de harpa, e, em árvore seca, o aparelho açoitado pela tormenta, vara, agil, o tumulto das maretas... A bordo, mesmo almirante, muitas vezes atravessava de pés nus o convés, pronto para a manobra, espiando com o olho entendido as vergas e os cutelos, farejando as falhas do serviço, o pulso felpudo e sólido, a vista aguda, a boca entre áspera e irônica, afeita às ordens bruscas, aquele pitoresco passo ondulante de quem aprendeu a andar sobre uma tábua flutuante de naufrágio — imperioso respeitado, sem igual. Contavam os guardas-marinha que iam completar a aprendizagem sob a sua direção, episódios deliciosos de uma vida de romance, de sacrifício, de abnegação, de severidade. Tudo verídico, assombroso, novelesco. Quais as epopéias da marinha brasileira? Repassemos, nos dedos trêmulos de emoção, as contas desse rosário — e cada uma destaca, num relevo forte, de bronze, o perfil tranquilo de Marques Lisboa.

Quando a Niterói correu na esteira da esquadra de João Felix que abandonara a Baía, lá estava, sondando o horizonte do cesto da gávea, deslizando da cordoalha, tomando alturas, precocemente técnico, vigoroso como um hércules jovem e esperto como um lobo do mar. Um ano de Academia de Marinha lhe bastou: formara-se (objetou o próprio Cochrane, que tambem não tinha estudos) na perigosa e úmida escola do oceano. Aos vinte anos um galão lhe brilha no punho e arroja-se nas lutas do Rio da Prata como um veterano. Sofreu, pelejou, venceu. E caiu prisioneiro

na desastrosa expedição de Carmen de Patagones. Teve de entregar-se em terra; e a bordo da sua escuna "Constança" quem se rendeu foi o imediato Joaquim José Inácio, depois de ter abatido com uma cutilada o marinheiro que — diante dos cinco navios que o abordavam — esboçara o gesto de arriar a bandeira... No mesmo brigue onde os encarceraram um belo dia meteram nos porões a tripulação, tomaram-lhe o leme, e com o pavilhão nacional feito de retalhos sulcaram aquele mar grosso até Montevidéu, onde os acolheu a surpresa e a alegria dos brasileiros. Marques Lisboa, sem ênfase, pedia simplesmente para recontinuar. E recontinuou. Saiu da guerra extensa e sangrenta com um curso integral de navegação, admirado pela segurança dos movimentos, insensivel à dureza das tarefas, estóico, jovial, temerário. Durante todo o ciclo das dissenções internas que provaram, dez anos, o arcabouço da nação, como enviado por uma força misteriosa, que o atirava aos lugares do perigo e da ação, distribuiu a sua voz de comando por Pernambuco da Setembrizada, pelo Pará da Cabanada, pelo Maranhão da Balaiada, pela Baía da Sabinada — cumprindo ordens ou as suprindo com o seu fino senso da honra náutica, na atividade ou em licença, fortuitamente ou comissionado, o mesmo, executasse ou não as instruções do Rio-de-Janeiro. Um exemplo, entre muitos. Desembarca na Baia empolgada pela revolução do Sabino. O presidente da província refugiara-se a bordo duma fragata e, no recôncavo, a nobreza territorial reunia sob o seu prestígio patriarcal as tropas restauradoras. Marques Lisboa viu no porto uma canhoneira. E, tranquilo, a espada pendente do cinto, correto no seu uniforme, cortou a multidão de rebêldes que havia nas vizinhanças, entrou num escaler, e apresentou-se ao oficial inferior, dizendo com autoridade: Venho tomar conta do navio em nome... do governo.

O subalterno imaginou que era — do governo revolucionário. E entregou-lhe. Horas depois a canhoneira, com as cores imperiais desfraldadas, o pano cheio, Joaquim Marques Lisboa montando guarda ao rodizio da proa, entrava entre brados patrióticos no fundeadouro dos barcos legais.

Outra vez foi na experiência de máquinas da fragata "D. Afonso". Um rolo de fumo toldara o horizonte. Incêndio no mar! Era o "Ocean Monarch", navio americano repleto de imigrantes, que ardia, e estava na iminência de sossobrar com toda a equipagem. Joaquim Marques Lisboa comandava o navio brasileiro. Arrisca-lo-ia, chegando-se à fogueira flutuante. Mas, se não a socorresse, morreriam centenas de pessôas entregues à sua sorte na vastidão deserta do Atlântico. Rumou, direito, ao vapor em chamas. Um marujo nosso ligou-o à "D. Afonso" por um cabo, e mais de metade dos passageiros — doutra forma devorados pelo fogo ou engulidos pelas ondas — foram salvos. D. Pedro II mandou ordem, para que se desse à guarnição cem libras esterlinas de prêmio. Marques Lisboa formou-a, ao comprido do tombadilho, falou da gratificação e propôs que cedessem essas cem libras aos pobres sobreviventes do "Ocean Monarch". Num grito unissono os imperiais marinheiros aprovaram: Cedemos! E aplaudiram demoradamente o chefe, orgulhoso deles, que disfarçava a emoção encrespando o sobr'olho —altaneiro e frio. Rugia — noutra ocasião — a ressaca nas praias do Rio-de-Janeiro.

O furacão apanhara fora da barra a nau portuguesa "Vasco da Gama" e desmastreara-a levando pelos ares as velas, o cordeame. Não hesitou o comandante da "D. Afonso". Forçando as máquinas se lançou sobre a nau desgovernada, e num esforço titânico, logrou rebocá-la para dentro do golfo. Foi quando a colônia portuguesa da capital lhe ofereceu uma espada de ouro.

Saira uma tarde. Ia pela praia de Santa-Luzia. A borrasca adejara sobre a baia, encapuçados de nuvens os morros, o mar plúmbeo a mugir nos penedos: o seu instinto de marujo velho não o enganou. Deteve-se, aguçando a vista, diante do espetáculo que era um desafio e uma sedução.

E vislumbrou uma canoa que virara, com dous pretos a bracejar na maré cor de cinza. Despiu a sobrecasaca. Foi reaparecer no Flamengo, com o bote e os náufragos pescados por seu braço robusto. No dia seguinte os jornais noticiaram essa façanha imprevista: o glorioso capitão de mar e guerra, conhecido no país e no estrangeiro pelos feitos d'armas e pela correção do seu espírito naval, oferecera a vida para arrancar à morte dous negros pescadores...

Precisava descansar. Mas o seu repouso na Europa se transformou numa atividade cautelosa, assídua e difícil: teve de superintender nos estaleiros à construção da esquadra com que o Império dominaria Rosas, e realizaria no Prata a política de portas abertas cuja etapa inicial era a libertação de Montevidéu. Na Inglaterra e na França assistiu ao fabrico dos barcos de vapor que comandaria em 1864. Essa nova armada brotou das oficinas sob a sua inspeção vigilante. Não houve detalhe que passasse despercebido ao seu zelo impaciente. Cada uma daquelas canhoneiras, a Mearim, a Belmonte, a Parnaiba, escorregou das "carreiras" aprovada, por ele. Podia envaidecer-se de ter começado a navegar na época dos veleiros de baterias corridas, cujo castelo de popa lembrava as fragatas de Jean Bart, as naus da Índia, a "Victory" de Nelson; e ser o propulsor da marinha de rodas e de hélice, que iria completar, com o domínio das águas fluviais, o delineamento da soberania nacional.

Barão, visconde, marquês de Tamandaré...

Não faltou quem lhe atribuisse o pecado da cortesania. Que demasiadamente se ligara ao Imperador. Que foi áulico... A história do seu título é uma contestação soberba à censura. Um irmão do almirante morrera em 1824 lutando furiosamente ao lado dos republicanos da Confederação do Equador, contra o trono. O governo de Recife incumbira-o de defender o porto de Tamandaré. Lá ficou, morto em plena juventude iluminada de sonhos, os ossos recolhidos ao mesquinho cemitério local... D. Pedro II sabia disto. Aproveitou-se Marques Lisboa da viagem de Sua Majestade a Pernambuco, e em que lhe comandava o navio, para exumar os restos do major Manuel Marques Pitanga e transportá-los para o Rio-de-Janeiro. Tratou-se do seu título nobiliárquico. Barão do Rio Grande do Sul? O Imperador, magnânimo, recordou o sacrifício daquela vida tenra, a sua rebeldia romântica, a dor do irmão devotado à união nacional vendo tombar, extraviado, o outro inebriado de fantasias revolucionárias — e resolveu: Tamandaré. Quis dest'arte significar ao seu grande marinheiro que o compreendia, que lhe apreciava os sentimentos delicados, que lhe correspondia ao cavalheirismo.

Com essa raiz anti-monárquica no diploma de nobreza Tamandaré continuava completamente homem do mar. E' nos acontecimentos internacionais de 1864 e 65 que a sua estrela fulgura mais nítida. Paisandú, Montevidéu, Uruguaiana, completaram-lhe a fé de ofício. Deixava — envelhecendo — continuadores e discípulos, contemporâneos e sucessores que repetiam, com ufania legítima e singela: Tamandaré comanda!

Em Cametá, salvara num fundo igarapé um tenente, que foi dos seus melhores amigos: Barroso. Ganhou Riachuelo. O seu imediato da escuna "Constança", Joaquim José Inácio, passou Humaitá...

Morreu oito anos depois da proclamação da República.

Viveu largamente uma existência exemplar: padrão dos que lidam sobre as águas fiéis ao juramento de bem servir ao Brasil, modelo de perícia profissional, ornamento de sua classse, glória da Pátria.

Esta não o esqueceu mais.

A marinha é de sua essência conservadora. E uma força que sabe espiritualizar-se em tradição, e que tira de sua própria história, trágica, triunfante, laboriosa, o código de honra — poderiamos dizer, o seu "Bushido" — que as gerações antigas legam ao morrer às novas gerações, como o velho piloto confia o leme e a bússola a quem vem rendê-lo para outras e dificeis singraduras.... Mesmo os navios imprestaveis são excelentes escolas de grumetes. A fragata "Constituição", a mais bela e veleira das fragatas brasileiras em 1843, os nossos almirantes de agora a conheceram por aí ancorada, pacífica, desaparelhada, enorme, o madeiro transatlântico mudado em seminário de vocações, onde os aspirantes aprendiam, subindo-lhe, ageis e adolescentes, um mastro solitário, a arte de atravessar as vergas nos navios de outrora. E' o que de melhor oferecem os chefes imortais às armas pátrias: oferecem-lhe a sua lição que não se ofusca nem se eclipsa sejam quais forem as condições atmosféricas da civilização e do Espírito. Temo-lo — Senhores — no alto desse monumento, de pé, a espada na bainha, o quepi nas mãos, vigilante e modesto, como devia estar no passadiço do seu velho navio — para a luta, para a vitória, para a travessia, para a salvação, para o desagravo da honra nacional ou para a defesa, desinteressada e pontual, de sua intangivel inte-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

GETÚLIO VARGAS

ESTADISTA E SOCIÓLOGO

Luis Vieira

Foi Thiers quem afirmou que a narrativa histórica mais perfeita é aquela que contem "le lien mystérieux qui unit les évènements, la manière dont ils se sont engendrés les uns les autres".

Como, porem, se irá estudar o modo de como se condicionam os acontecimentos uns pelos outros, senão analisando os mesmos fatos pelos caracteres, que contem em si a generalidade? Não se poderia descobrir "le lieu mysterieux" de que fala Thiers senão pesando o fato histórico pela face social, fazendo portanto uma resenha que constitue por si só forma histórica. Chamemos, como Bougle, de erudito ou "historien historisant" àquele que juxtapõe documentos e batizemos de historiador àquele que explica a razão de ser dos acontecimentos.

Procuro, palidamente embora, comparar e explicar os fatos pelo seu lado especial e social, especial digo bem, porque só me interessa o Brasil de 1930 para cá, pois que é aí que está o marco da sua divisão politica-administrativa, e isso graças ao gênio tutelar do Presidente Getúlio Vargas.

Quanto ao lado sociológico, para melhor compreensão, acompanhemos ao Presidente Getúlio Vargas, na sua magistral oração pronunciada a 29 de Junho de 1940, na Concentração trabalhista, na ilha do Viana: — "Senhores: Esta homenagem da Federação dos Marítimos, legitima expressão da vontade de seus cem mil associados que mourejam no mar nos estaleiros e serviços portuários, compartilhada por outros grupos profissionais, muito me conforta, porque renova a solidariedade que sempre encontrei entre os trabalhadores brasileiros, dispostos agora, mais do que nunca, a apreciar o governo, num movimento de inquietações e apreensões, em que é necessário o máximo de vigilância e a coragem serena de definir os rumos da nacionalidade.

Foi para mim uma grande satisfação verificar que compreendestes as palavras de sinceridade e previsão patriotica que dirigi à Nação no Dia da Marinha, emprestando-lhes o sentido que lhes dei: de um toque de alerta em face das duras lições dos dias presentes que impõem aos povos a mobilização de todas as energias para não se deixarem surpreender ou arrastar pelos acontecimentos.

Chamei a atenção dos brasileiros para as transformações que se operam no mundo, e ante as quais não podemos permanecer indiferentes, mais preocupados em lamentar as irremediaveis desgraças alheias do que em cuidar dos nossos superiores interesses; reafirmei os nossos propósitos de colaboração pacifica e solidariedade com os povos irmãos do Continente, cujos destinos se identificam com o nosso pelos vínculos de formação histórica e idênticas aspirações de progresso; mostrei a necessidade de fortalecermos o país econômica e militarmente, quis, finalmente, fazer ver, com o exemplo dos fatos, que o regime de 10 de Novembro, sendo uma consequência do ajustamento e equilíbrio das nossas forças sociais, e tambem o que mais se adapta às circunstâncias da vida contemporânea. Fui bem claro, no pensamento e na forma, do meu discurso daquele dia memoravel. E não é com o comentário falseado e a publicação tendenciosa de frases isoladas que se pode interpretá-lo. Não volto atrás, mas me retrato de nenhum dos conceitos emitidos. Antes, só tenho motivos para reafirmá-los integralmente. As velhas raposas da politicagem, os boateiros contumazes, os descontentes incorrigiveis, falhos de dignidade cívica, e mesmo alguns espíritos de boa fé que pretenderam agitar o ambiente, não perceberam, talvez, que se prestavam à exploração dos agentes de pertubação internacional, pagos para fomentar dissidios a serviço de ódios objetivos inconfessaveis. É facil descobrir e identificar esses elementos

nocivos entre os aproveitadores de todos os tempos, os preparadores de guerras, os sem pátria, prontos a tudo negociar, e aos que, tendo-a, não sabem defendê-la.

Muitos deles, indesejaveis noutras partes, infiltraram-se clandestinamente no país, com prejuizo das atividades honestas dos nacionais, e abusando da nossa hospitalidade fazem-se instrumento das maquinações e intrigas do financismo cosmopolita, voraz e sem escrúpulo. A esses não me dirigi, certamente. Falei aos brasileiros e aos que se sentem no Brasil como na própria Pátria, e tenho a certeza de que os acontecimentos se incumbiram de tornar ainda mais evidentes as minhas afirmações.

Responsavel direto pelo futuro do nosso povo não tenho o direito de deixá-lo iludir-se ou induzi-lo a erros de puro sentimentalismo. Disse um grande pensador que não é possivel servir ao mesmo tempo ao dever e à paixão. Quem se deixa dominar pela paixão perde o senso da realidade, obscurece os fatos mais notórios e acaba arrostado aos maiores desvarios. É preciso encarar as imposições da realidade com ânimo sereno e repudiar as opiniões apaixonadas se quisermos salvaguardar o futuro da Pátria, pois não a servem, não servem ao seu dever, os que pretendam lançá-la à fogueira dos conflitos internacionais. Não há presentemente, motivos de espécie alguma, de ordem moral ou material, que nos aconselhem a tomar partido por qualquer dos povos em luta. O que nos cumpre é manter estrita neutralidade, neutralidade ativa e vigilante na defesa do Brasil. Ninguem pode dominar a conciência alheia, e, em conciência, cada qual pode ter as suas simpatias, mas a obrigação de todo brasileiro patriota é conduzir-se de modo a preservar o Brasil da guerra. É indispensavel ver claro e evitar a triste sorte dos povos que fogem como os avestruzes, que escondem a cabeça sob as asas, supondo que com essa atitude passiva dominam as tempestades.

Somente pela paz e pela união de todos conseguiremos construir o nosso engrandecimento e formar uma grande e poderosa Nação, sem temer e sem dar às outras nações motivos de recuo. Podem os brasileiros continuar entregues às suas atividades, certos de que o governo manterá a ordem e assegurará a tranquilidade necessária ao trabalho e ao desenvolvimento das nossas fontes de produção e meios de comércio.

Vivemos num Continente de civilização jovem, em que a luta mais árdua é ainda a do aproveitamento dos abundantes recursos que a natureza nos oferece. Habituados a cultivar a paz como direito de convivência internacional, continuaremos fiéis ao ideal de fortalecer cada vez mais a união dos povos americanos. Com eles estamos solidários para a defesa comum em face de ameaças ou intromissões estranhas, comprovado por isso mesmo, como abster-nos de intervir em lutas travadas fora do Continente. E essa união, essa solidariedade, para ser firme e duradoura, deve organizar-nos politicamente, segundo as próprias tendências, interesses e necessidades.

Assim entenderemos a doutrina de Monroe e assim a praticaremos. O nosso pan-americanismo nunca teve em vista a defesa de regimens políticos, pois isso seria atentar contra o direito que tem cada povo de dirigir a sua vida interna e governar-se. Fomos um império e somos hoje uma república, sem que a mudança de regime nos afastasse dessa política de cooperação, que é uma tradição da nossa história.

Trabalhadores!

Sois elementos de colaboração eficiente na obra de reconstrução a que nos devotamos. Na paz, juntais o vosso esforço ao de todos os brasileiros para desenvolver e consolidar o progresso nacional; na guerra, como reservas das forças militares, tereis o vosso lugar nas suas fileiras, quando as circunstâncias exigirem a repulsa, pela força, contra qualquer atentado ao nosso patrimônio moral e material. Os homens de trabalho teem, no regime vigente, uma posição definida e sabem corresponder às responsabilidades dessa posição, mantendo-se coesos e repudiando tudo quanto possa comprometer os nossos brios cívicos e ameaçar a segurança da unidade nacional.

Tenhamos, portanto, confiança no futuro, e preparemo-nos com ânimo varonil para cumprir o nosso destino de construtores de uma nova civilização, sempre mais irmanados no pensamento e na ação, dispostos a correr os mesmos riscos e sofrer as mesmas vicissitudes, porque é um dever e uma honra o sacrifício pela Pátria."

Após da leitura do discurso acima transcrito, a impressão que fica é que temos de-veras, um grande homem à frente da Nação.

ENTRE ESPÍRITOS IRMÃOS

Gomes Pacheco

Outro dia, "corujando", cometemos a indiscrição de "apanhar" no nosso aparelho de rádio, uma conversa entre dois escritores. A principio quisemos passar adiante, mas o assunto foi nos despertando interesse e ficamos naquela "onda".

Falavam: do Rio, o poeta Mário Linhares; do Recife, o romancisca Mário Sette. Velhos confrades e amigos. O autor de "Florões" vivera no Recife longos anos e alí dirigira o movimento literário da revista "Heliópolis", com outros notaveis intelectuais da época que era o começo do século XX. O escritor do "Senhora de Engenho" reside na capital pernambucana de onde não quer sair senão a passeio. A palestra de ambos durou uma meia hora e foi cheia de curiosidade, alem de ter sido nítida a ponto de dar-nos uma sensação de presença real dos dois homens de letras. A princípio, permuta de notícias íntimas e afetivas: Mário Sette falava dos netos queridíssimos que hoje lhe enchem o lar, numa "segunda safra" de ternura, como ele próprio classificou essa fase da sua vida. Mário Linhares, tambem, alude aos filhos por quem se desvela e cujo futuro lhe é máxima preocupação. Depois investem pelas letras. Pudera não! O poeta prepara um novo livro de versos, desses versos que traduzem a maturidade da inspiração e a segurança dos ritmos. Queixa-se, porem, saudoso do seu Ceará, da agitação carioca, dessa vibração da metrópole tão pouco propícia ao trabalho mental. E louva a atividade de Mário Sette. Este lhe responde textualmente:

— Que quer você, *seu* xará! Eu já declarei certa vez e repito-o. Nasci para escrever. É a minha tarefa preferida. Não dou para mais nada, e é uma lástima. Não sei consertar uma lâmpada elétrica que se encrenca por falta de contacto, sou incapaz de fazer um embrulho jeitoso, nem mesmo arrumar meus livros, quando me mudo, realizo-o de maneira aproveitadora do espaço nos caixões ou gavetas... Minha vocação é escrever e como vê nem sequer nela achei jeito de ser proveitoso. Mas, não me corrijo e prossigo... Nada me intimida nem me desanima. Nem mesmo o ambiente da burocracia em que ganho o pão. Leio um parecer de 20 páginas de um chefe cioso da letra impecavel, das citações sábias e do rigorismo de julgamento, e, ao chegar a casa, ainda tenho coragem de escrever uma crônica ou pensar num livro. Você xará, há de convir que eu sou um "perdido". Não há, portanto, razões para o seu entusiasmo; o que cabe, no meu caso, será pena. Pena de uma vocação tão mal aproveitada. Ou se quiser, tão mal compreendida. Deixemos, porem, a fatalidade.

— Mas, você, reage bem com sua atividade que me causa entusiamo e que, às vezes, me desperta estranheza. O magistério, a repartição, parece que já lhe tomam bastante as horas quotidianas. E no entanto, de quando em quando, há uma obra nova. Agora mesmo, ao que sei...

No momento, acabei de realizar uma adaptação, para o teatro, do meu romance *Senhora de Engenho*. Transformei-o numa peça em 3 atos. Peça que visa a emoção e que não se afasta da idéia-mater do romance. Não há alí nada para rir. Haverá, porventura, aos mais sentimentais, algo para chorar.

— É sua primeira tentativa para o teatro ou não?

— Para o Teatro, Com T grande, é a primeira vez que dou qualquer trabalho. Tinha até hoje escrito uns sketches e pequenas comédias que foram representados por amadores. Andaram me metendo aos ouvidos gabos à naturalidade de meu diálogo e estimulo às minhas possibilidades para a cena. Estou assim metido em funduras com essa peça talvez nem encontre encenador. O nome do autor é provinciano, e aqui para nós, provinciano teimoso em sê-lo, e, desse jeito, sem remédio para uma saida da sombra. Não haverá mal nisso, nem para mim, nem muito menos, é claro, para os espectadores. Quando estava a vazar a minha peça no papel, minha neta pediu-me, com antecipação, para que a fizesse representar "numa matinêzinha" para que pudesse ir vê-la. Eu a arranjarei assim, entre crianças, para

que os desejos da neta sejam atendidos. E a minha "glória" valerá como recompensa.

— Contudo, você não terá abandonado o romance. O seu feitio é o do legítimo cultor da ficção. Mesmo quando v. escreve "historia", como no "Maxambombas" e "Anquinhas", transparece o homem de imaginação, o paisagista do "Vigia da Casa-Grande", o animador de almas do "Seu Candinho", e o evocador do "Palanquim Dourado"... Não compreendo que deixe em esquecimento a arte da novela de que todas as suas páginas estão impregnadas.

Mário Sette hesita um tanto na resposta, como querendo reter um segredo, mas acaba confessando:

— Romance? Há um em começo e abandono. Digo abandono na sua objetivação gráfica. Porque na sua "imaginação" ele de quando em quando consegue um tipo, um quadro, um embate. É o processo mental de prosseguimento. A vida a todo momento nos oferece uns personagens ótimos. E situações tambem. Um dia tudo passa ao papel.

Escrevo é uma História do Brasil, para o curso fundamental. Sou professor dessa disciplina e tenho por ela um verdadeiro "béguin". O passado é para mim uma constante de amizade e de atração. E cada vez mais esse afeto se enraiza. Dessa volta aos dias de ontem, já nasceram "Maxambombas e Maracatús" e o "Anquinhas e Bernardas", sem falar no seu romance de 1922, "O Palanquim Dourado." Nem nos meus livros didáticos dessa especialidade: "Terra Pernambucana" e "Brasil minha terra." Outros livros, se Deus me ajudar, aparecerão nesse gênero que tanto me apraz.

— Se não me engano, você foi incumbido de escrever uma obra sobre a capital pernambucana?

— É verdade. O prefeito do Recife, o dr. Novais Filho, que não é apenas um notavel administrador, mas, tambem, um espírito culto e cheio de amor à cidade que governa, está interessadissimo por esse meu trabalho e vem lhe dando seu valioso apoio. Por sua vez, o Presidente Vargas, com sua indiscutivel e alta compreensão do labor intelectual, me designou, por proposta do Ministro Mendonça Lima, para servir na Fiscalização do Porto do Recife a fim de me facilitar a elaboração dessa obra. O livro será uma história do porto de Recife como motivo da vida da cidade, desde seus primeiros dias de simples praia de pescadores até a grandeza de hoje. É uma tarefa que me vai tomar longo tempo e funda paciência em pesquisas, cópias, leituras especiais, visitas a arquivos, bibliotecas etc. Como vê, não é coisa para um dia ou dois. O plano é vasto. Mas hei de encontrar forças para levá-lo a termo. Mesmo porque lhe empresto não apenas minha inteligência, que será apoucada, porem, e sobretudo, meu coração de recifense, que este, sim, é imenso. Quero dar a esta cidade que me fala nos seus mínimos recantos e da qual nunca me quis afastar em definitivo, mesmo em troca de melhor situação social, uma obra que será como que o seu "romance"... O seu romance de 400 anos que eu venho revivendo, para mim, deliciado, cativo, embevecido, através de páginas amareladas de crônicas, de jornais, de relatórios, de almanaques, de folhetos banais. Um longo passeio por esse passado no seu pormenor quotidiano, nas suas figuras, nos seus fatos do dia, nos seus mexéricos, nas suas modas...

O poeta de Florões falou:

— Quer dizer que você, agora, está como um peixinho na água, à vontade...

Como que deixou um pouco o mundo de hoje para conviver intimamente com o de outrora.

E o romancista do "Os Azevedos do Poço" responde:

— Exatamente. Ando por um outro Recife que não conheci. Faço camaradagens mentais com tipos que transitaram por aquí há 100, há 200 anos. E que bom essas amizades, Linhares! Sabem de tantas coisas de ontem e explicam tantas outras de agora! Meus cadernos vão se enchendo e o seu número crescendo. Há episódios saborosissimos nesse tempo antigo. Desde a política ao amor. Não compreendo a existência dentro do presente sem o inteiro conhecimento do passado nas suas minúcias. E fique certo de que somente nesse ambiente de intimidade com os dias de dantes é que podemos amar verdadeiramente a nossa pátria e termos um deliberado prazer de de serví-la, num prolongamento desse elo magnífico que procede das nossas remotas origens.

Bem, meu caro xará, fiquemos aquí. A palestra vai longa e os nossos amigos amadores de radiotelefonia estão maçados. Eles querem se ocupar de assuntos menos velhos... Temem talvez que nós os façamos voltar aos tempos em que as comunicações se faziam por meio do patacho ou do palanquim...

Academia Carioca de Letras

(Minuta da sua história e suas realizações)

A situação privilegiada da Academia Brasileira veio colocar num plano secundário a sua congênere local, a Academia Carioca de Letras que, no seu seio, abriga um quociente igual de intelectuais, em sua maioria, de valor.

Injustificavel, quiçá, essa posição menos favorecida, cumpre-nos oferecer aqui um esquiso dessa agremiação cultural, de modo a que se compreenda o seu verdadeiro significado, e, sem dúvida, o seu esforço por servir à cultura nacional.

*
* *

EM 1926, no porão da residência do dr. Solidônio Leite, (Rua Afonso Pena, 24), um grupo de intelectuais fundava, sob o patrocínio do nome do segundo Imperador do Brasil, uma associação de escritores, levados por esse anelo humano de coesão. A "Academia Pedro II", que contou com o impulso inicial de Ático Leite, Oberlaender de Carvalho, Luis Paula Freitas, Perí Alves Campos, Valdemar de Carvalho, Talino Botelho, Luís André Costa, Adolfo Celso, Joaquim Peixoto, Sebastião Fernandes, Plínio Gióia, Luís Martins, Fernando Neves e Maria Sabína, após uma série de "sessões ordinárias", instalou-se provisoriamente, na sede do Círculo de Imprensa (Rua 7 de Setembro, 97, 2.° and.), em princípios de Julho de 1929. Enquanto durou a instalação precária no porão da residência de Solidônio Leite, eram as sessões públicas efetuadas na Associação dos Empregados do Comercio, no Clube de Engenharia e na Sociedade de Geografia. Nesse ano da instalação provisória à rua 7 de Setembro, entre Março e Dezembro foram admitidos mais João Guimarães, Modesto de Abreu, Vitor Ferreira Alves, Oton Costa, José Magarinos, Roberto Moreira da Costa Lima e Alberto Cardoso. Alguns afastaram-se como permitiam os estatutos, três deles morreram, — Adolfo Celso, Joaquim Peixoto e Alberto Cardoso. Em Dezembro de 1932, por Oton Costa e Vitor Alves foi apresentada a proposta de substituição do nome da Academia Pedro II, para o de "Academia Carioca de Letras", por cuja aprovação possue, daí, essa designação.

*
* *

DE 1930 e 1932, foram ainda admitidos Mário Zeferino Barroso, Henrique Orciuoli, Armando Braga, Alba Ceñizares Nascimento, Francisca Basto Cordeiro, Assis Memória, Focion Serpa, Cândida Jucá (filho), Hermeto Lima e Afonso Costa, enquanto a Academia perambulava entre o escritório de Vitor Alves e no salão da A. B. de Imprensa (Rua do Passeio, 62, 1° and.); até que o desânimo reinante levou alguns acadêmicos julgarem oportuna a extinção da agremiação, proposta que contou com a assinatura de Modesto de Abreu, Focion Serpa, Henrique Orciuoli, Cândido Jucá (filho), Hermeto Lima, Oton Costa, Luís Martins, Vitor Alves e Cumplido de Sant'Ana, Atílio Milano, Carlos Rubens e Alcides Bezerra, estes últimos recem-admitidos. Um mês depois, porem, reconsiderada a medida, foi combinada o restabelecimento da Academia em novas bases, havendo, então, uma seleção natural, donde sobrariam alguns nomes de prestigio intelectual. A sessão de reorganização da Academia realizou-se na sede da A. B. I. a 13 de Julho de 1932, com a presença de 13 dos antigos componentes. Nessa data foi eleita e empossada a seguinte diretoria: Alcides Bezerra, Vitor Alves, Cândido Jucá (filho), Henrique Orciuoli, Oton Costa e Carlos Rubens, respectivamente nos cargos de presidente, secretário geral, primeiro secretário, segundo secretário, tesoureiro e bibliotecário, ficando Focion Serpa, Cumplido de Sant'Ana, Cândido Jucá (filho) e Henrique Orciuoli incumbidos de rever os Estatutos e elaborarem o seu novo Règimento Interno, tendo sido registrada, essa sessão em Cartório de Titulos e Documentos, (N. 10.628, pág. 9 do Livro B, do Registro Integral de Titulos e Documentos, no Cartório do 2.° Oficio), a 19 de Maio de 1933. Com a reorganização ficaram apenas na Academia, alem dos citados na primeira diretoria e na comissão de

revisão dos Estatutos, mais Modesto de Abreu, Carlos Rubens, Atílio Milano, Hermeto Lima, Zeferino Barroso, sendo Afonso Costa e Castilhos Goicocheia convidados a integrar a metade da presença dos acadêmicos, e, posteriormente, para completar os dois terços Júlio Cesar de Melo e Sousa, Heitor Moniz, Henrique Ladgen, Leoncio Correia e Saladino de Gusmão, não tendo o primeiro, entretanto, chegado a se empossar da cadeira dentro do prazo legal, no que resultou ser considerado vago o seu lugar, que foi ocupado, mais tarde, por Lemos Brito. As 10 outras cadeiras deveriam ser preenchidas por eleição, do mesmo modo que estudada a distribuição dos patronos, que foram, depois, escolhidos entre expressões da cultura local.

*
* *

RENOVAM-SE, a cada ano, as diretorias. A vida da Academia vai recebendo, com o tempo, o impulso da confiança e do idealismo; enquanto uns tantos dos seus componentes vão desertando da existência, outros os substituem; e ainda outros são admitidos na congregação literária. Vitor Alves falece em fevereiro de 1934, sendo substituido em Setembro por João Lira Filho; em Junho desse mesmo ano, numa eleição conjunta, são eleitos para constituir definitivamente, o quadro acadêmico mais D. Martins de Oliveira, Lindolfo Gomes, Paulo de Magalhães, Raul Pederneiras, Fábio Luz, Prado Ribeiro, Alvarenga Fonseca, Honório Silvestre, Almáquio Diniz e M. Nogueira da Silva. Em Julho a 9, por decreto municipal núm. 4.971, a Academia Carioca de Letras era considerada de utilidade pública, por iniciativa de Oton Costa. Desde então a vida da Academia recebe o estímulo construtivo da dedicação de Afonso Costa, que tem sido seu presidente por três periodos seguidos, ora tomando iniciativas de comemorações culturais, a promoção de maior intercâmbio intelectual com os Estados como o I.º Congresso de Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária, que se reuniu no Rio de Janeiro em Maio de 1936, resultando, desse certamen, a fundação da Federação das Academias de Letras do Brasil.

*
* *

ENTRE os anos de 1937 e 1940, desaparecem do seu seio primeiro Almáquio Diniz, que foi substituido por Evaristo de Morais, que, tambem, pouco tempo depois, viria a falecer sendo, por sua vez, substituido por Carlos Domingues, que desistiu da cadeira; e Fábio Luz que foi substituido por Mário Linhares; Alcides Bezerra que foi sucedido por Osório Dutra e Zeferino Barroso que teve em seu lugar Heitor Beltrão, por último, faleceu Alvarenga Neto. Enquanto isso, são reformados os Estatutos, em que foram introduzidas as reformas referentes ao aumento para 40, do número de Acadêmicos e reduzidos para três os membros da Diretoria, ao tempo em que a Academia tomava parte ativa nas comemorações de significação cultural, sendo, ainda escolhidos para seus membros correspondentes: Fidelino de Figueiredo, (Portugal) e d. Carlos Lozano y Lozano, (Colombia). Foram eleitos, ademais (1939), Afonso Lopes de Almeida, Silvio Júlio e Ivan Lins; e, em 1940, Murilo Araujo e Melo Nobrega, tendo sido empossados vários dos novos acadêmicos.

*
* *

PARA a diretoria de 1941, foram eleitos em 31 de Dezembro de 1940: Afonso Costa, presidente, (pela quinta vez), D. Martins de Oliveira, secretário e Carlos Sussekind de Mendonça, tesoureiro, sendo o seguinte, o quadro acadêmico, nessa data:

Nums. 1, Antônio José da Silva, *Cândido Juca (filho)*; 2, Alvarenga Peixoto, *Carlos Sussekind de Mendonça;* 3, Pizarro de Araujo, *Jonas Correia;* 4, Morais Silva, *Lindolfo Gomes;* 5, Mont'Alverne, *Honório Silvestre;* 6 Evaristo da Veiga, *Heitor Moniz;* 7, Visconde de Araguaia, *Ivan Lins;* 8, Justiniano da Rocha, *Raul Pederneiras;* 9, Martins Pena, *Jonatas Serrano;* 10, Joaquim Norberto, (vaga); 11, Francisco Otaviano, *Cumplido de Sant' Ana;* 12, Laurindo Rabelo, *Mário Linhares;* 13, Manuel Antônio de Almeida, *Prado Ribeiro;* 14, Luís Veiga, (vaga); 15, Quintino Bocaiuva, *Afonso Costa;* 16, França Junior, *Atílio Milano;* 17, Machado de Assis, *Modesto de Abreu;* 18, Visconde de Taunay, *Osório Dutra;* 19, Luís Guimarães, *Hermeto Lima;* 20, Barão do Rio Branco, *João Lira Filho;* 21, Gonçalves Crespo, *Melo Nobrega;* 22, *Ferreira de Araujo*, Leoncio Correia; 23,

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

A Biblioteca da Academia

Uma raridade bibliográfica e um nome estropiado

Osvaldo Melo Braga

Morto Alberto de Oliveira foi a sua biblioteca, por ele mesmo oferecida em carta, deixada à Academia Brasileira de Letras, que ele muito amou e honrou.

De sua riqueza muito há que se dizer, especialmente no que se refere à parte brasileira e portuguesa.

Dentre tais preciosidades destacamos os "Discursos Político-Morais..." de Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, na sua primeira edição (Lisboa, 1758).

Este exemplar eu o reputo mais precioso que o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e que faz parte da Coleção D. Teresa Cristina Maria.

É mais precioso porque traz o autógrafo de três notaveis: um, português, Inocêncio Francisco da Silva, o célebre autor do "Dicionário Bibliográfico Português..." e, dois, brasileiros, Alberto de Oliveira e Constâncio Alves.

Inocêncio escreveu no verso e no alto da folha de guarda o seguinte:

"Raríssimo.

Comprei este exemplar nos restos da Livraria de Pereira e Sousa em Março de 1865. *— Por não ser obra conhecida escapou até o fim, e talvez se o não encontrasse, ficaria para ser vendido a peso!*

I. F. Silva."

Logo abaixo vem uma informação bibliográfica, a lapis, muito apagada, de não sei quem e, depois, a de Alberto: "o presente exemplar é de um dos três únicos que se salvaram desta obra. V. Inn. Dicc. Bibl."

A informação de Constâncio Alves foi dada, a pedido do seu amigo Alberto, em um pedaço de papel do tamanho exato das páginas da obra e por ele intercalado entre a folha de guarda e o frontispício.

A nota informativa é a seguinte: "O Dr. Emílio Joaquim da Silva Maia, que obteve em 1845 *esta raríssima obra, (Discurso Políticos-Morais) por dádiva de Francisco das Chagas Ribeiro, e que a considera de extraordinário valor, não lhe constando a existência de nenhum outro exemplar,*

A offerece hoje
com todo o respeito e acatamento
Ao Muito Alto
Poderoso Senhor
D. Pedro 2.º
Por fortuna da Nação e Gloria patria
O Brasileiro de virtudes e de mais profundo saber

18 *de Junho de* 1857.......

Na proxima sessão do I. H. e G. B. o mesmo Dr. lerá a respeito huma noticia historica. (copiado da obra — Discursos-politico--morais... por... Feliciano Joaquim de Sousa Nunes — Lisboa — 1758) *— O exemplar em que se acha esta nota pertence à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e faz parte da coleção D. Teresa Cristina Maria.*

Constancio Alves."

Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, natural da Cidade do Rio-de-Janeiro, conforme se vê do frontispício da primeira edição, nasceu em 1734, *segundo Alberto de Oliveira. Sem nunca ter cursado universidade, nem por isso o seu espírito deixou de ser culto, maleavel, brilhante. É o que podemos concluir lendo a sua obra da qual a Academia tirou, em* 1931, *uma nova edição.*

Feliciano era a alma da Academia dos Seletos, a Academia dos Elogio-Eutrapelico, Crítico-Encomiástico, Seri-faceto, Irônio-Emfático, Metódico-Empírico, Médico-Jurídico, Cripto-Lógico, Antagônico- Erótico, *ao dr. Mateus Saraiva e dos salamaleques ao governador Gomes Freire de Andrada.*

Festejado por todos os seus companheiros, sentiu-se Feliciano animado a ir a Lisboa, para imprimir os seus "Discursos politico-morais", que constariam de oito volumes. Publicado o primeiro dedica-o ao marquês de Pombal que o repudia por conter idéias subversivas e, por isso, manda queimar a edição!...

Mas, dessa verdadeira hecatombe salvaram-se, apenas, os três exemplares que o autor enviara a amigos seus.

Feliciano, como se vê, não tivera sorte com o seu trabalho e menos sorte ainda com o seu nome que, mais ou menos inconcientemente vem sendo estropiado, através os tempos, por seus divulgadores e defensores. Senão vejamos:

Inocêncio ("Dic. Bibl.," t. II e IV), ora o chama Feliciano Joaquim de Sousa, ora Joaquim Feliciano de Sousa Neves.

Vieira Fazenda, nas suas "Antiqualhas e Memórias do Rio-de-Janeiro" (t. I), num curioso artigo sobre o "Engrossamento à antiga", segue as pegadas do Inocêncio e chama ao pobre do Feliciano Joaquim de Feliciano José de Sousa Nunes!...

Em 1931, *por proposta de Alberto de Oliveira, que lhe fez o prefácio, sai uma nova edição dos "Discursos político-morais", às expensas da Academia Brasileira de Letras. Nessa ressurreição piedosa a falta de sorte de Sousa Nunes mais uma vez, se evidencia e, mais uma vez, o seu nome é truncado. Não mais Feliciano Joaquim de Sousa ou Joaquim Feliciano de Souza Neves; na edição acadêmica ele será Feliciano José de Sousa Nunes, portanto, segundo edição de Vieira Fazenda, a pesar de, seis páginas adiante, vir o fac-simile do frontispício da 1.ª edição!...*

O que releva acentuar nessa edição acadêmica é que ela, hoje, é raríssima: consta, apenas, de 20 *exemplares...*

O caso foi que a tipografia Bedeschi, impressora exímia das obras da Academia, remeteu os vinte primeiros exemplares à Academia para que o sr. Afrânio Peixoto a apresentasse a seus pares. No dia seguinte, deu-se conta do erro: o estropiamento do nome do Autor.

Corre dali, corre daqui, corrige o erro nos exemplares seguintes, em número de 480 *(a edição fora de* 500 *exemplares). Há, portanto, vinte preciosos exemplares por aí espalhados, exemplares que o tempo se encarregará de encarecer paulatinamente, bibliograficamente. Um desses exemplares, precisamente aquele que foi distribuido a Coelho Neto, foi por ele devolvido ao autor dessas linhas.*

Um Belo Poeta e Prosador Espanhol

Neste século "sem fé nem poesia", como antes já o sentira Vilaespesa num de seus admiraveis sonetos, inegavelmente tem Larragoiti, num mesmo e extraordinário fenómeno de raça, sem dúvida, a virtude de encarnar a fibra poética daqueles belos e eternos poetas de outros séculos da velha Espanha. E, se na mística oriental de seu sensualismo, longe esteve de imitar a quem quer que fosse o poeta de "Alcazar de las Perlas", *tampouco jamais se despersonaliza Larragoiti na universalidade e variedade de seus temas. É sempre "ele mesmo", substancioso, fluente, expressivo em tudo o que de filosófico, satirico, nostálgico ou de romantico lhe sai da fecunda inspiração. Dir-se-ia a inspiração de um Lope de Vega de nossos dias, pois que o autor de* "Ceniza al Viento", "El Alma de la Fuente", "Dialogo con el Silencio", "Poemas Simbolicos", "Vislumbres", *e* "Niños Peregrinos", *se poetiza continuadamente, e com suma facilidade, nem por isso perde em essência, vigor e emotividade, o mesmo acontecendo em sua prosa. Como se dirá desta constituida tambem de multiplos volumes, de crónicas, de ensaios, de pensamentos e de novelas — dos quais alguns já vertidos para o nosso idioma e no Brasil regularmente difundidos — a sua poesia desde logo se nos comunica, pela sua espontânea e profunda sinceridade, principalmente no sentido cósmico do pensamento, a exemplo deste seu soneto* La Luz, de "Ceniza al Viento":

A. S. de Larragoiti

"Misteriosa viajera sutil y infatigable,
que con toda omniscencia cruza el negro vacio;
que a los astros impone su arrogante albedrio,
y inciende en el espacio la duda indescifrable!

De cada hosco rincón hace un cielo habitable
de llanto y de la risa juntos en desvario.
Es niña de los ojos, es gota de rocio;
danzarina en las nubes con su peplo impalpable!...

?Quien sino ella desfleca los sangrientos crepusculos?
Y la mente? que fuera, sin sus rayos minusculos?...
Ya es furioso relámpago, ya la placida aurora.

Es la humana consciencia que de ella se reviste
y muda, su camino prosigue triunfadora;
mas... ? verdad! luz divina! que tu verdad existe?..."

Acompanhando-o, quem não encontrará eco em seus próprios sentimentos e concepções para toda a complexidade misteriosa dessa Luz *real mas poeticamente evocada? Quem não fará juntamente, ao final, essa mesma e dolorosa pergunta? E ninguem dirá que este soneto não seja ritmico por natureza e forte pela idéia. Mas, conquanto no seu conjunto grave as caracteristicas de um belo poeta, não será apenas por um soneto que vamos pretender definir a grande, variada e apurada produção poética de Larragoiti. Todavia, se a transcrição acima ocorre como um testemunho da comunicabilidade de sua poesia, outrotanto poderá ser o caminho para dizermos que, sem embargo dessa mesma comunicabilidade, não fogem os versos desse poeta às normas severas da composição, o que, segundo o mesmo testemunho, não incorre tratar-se tambem Larragoiti de nenhum passadista. Isso, bem entendido — excetuando-se as formas ar-*

revezadas do arcadismo e as do romantismo exagerado — no caso de existir de fato na poesia esta palavra que, pela própria razão do tempo nos obrigaria a afastar de nossas cogitações os maiores poetas que tem dado a humanidade. Bem possivel é que, podendo dissimular-se no classismo, ponto, aliás, por onde quase tudo somos forçados a concordar, não exista mesmo, por mais absurdo que isso, à primeira vista, pareça. E assim adiantaremos que de melhor modo será Larragoiti ainda o artista que sente e respeita a arte acima de tudo, tanto mais que, em seu gênero e no particular do seu equilibrio, como não mudaram os nomes dos grandes poetas, mau grado todas as tentativas em contrário tem-se que a verdadeira poesia não mudou. Até porque nenhuma arte mudaria nunca, arrogando-se o mesmo nome e os mesmos foros, sem os seus fundamentos e objetivos correspondentes. Ou, para se avançar mais em comentários que o assunto, em nossa época, suscita, que vem a ser uma arte modernista — para não se falar evolucionista, o que seria peor —, que assim talvez se intitule por desconhecer o que anteriormente lhe era básico, fundamental, e, sobretudo, indispensavel, não só para a sua concepção intima como para o efeito de compreensão?

Vejamos que, sob esse prisma, volta-nos o passado com a sua pujança, com os seus mistérios; e que as maiores obras de arte são ainda as da antiguidade clássica. E, se porventura nos recolhemos à incapacidade de poder pelo menos imitá-las, não quer dizer que, nos seus magníficos ensinamentos, não continuem a chegar-nos, sem alardes, mas com a fluência da mesma água que nos vem da fonte — e que mais que nunca não ressurjam, em nossa necessidade intima, sobre o chamado modernismo, em certa espécie, uma como fuga da água para se pretender matar a própria sêde!

Contudo, não há necessidade de nos estendermos tanto nesses comentários. Tambem porque, se tudo isso é bastante conhecido, e se o mais certo é, por isso mesmo em todos os tempos o mais dificil, na arte, é aliar a emoção ou o sentimento à pureza da forma, no caso do nosso poeta, então, aí se reflete ele inteiramente.

Tomando novamente ao acaso uma de suas produções, em "Niños Peregrinos", delicado e sério poema onde a forma poética abrange, em riqueza de rimas e de imagens, o hepta e o duodecassilabo, e onde transparece — para evocarmos ainda os grandes mestres da poesia espanhola — toda a arte de um Becquer, de um Campoamor ou de um Calderón de la Barca, não pode deixar o leitor de sentir-se superiormente tocado pelo sentimento paternal e profunda e terna filosofia de que está impregnado o tema.

Não pretendemos sintetizar o que, de natureza e principalmente num bom poeta, será já uma como sintese de todas as variantes dos sentires humanos: — a poesia. Se, na maioria dos casos, alguns versos transcritos de uma composição poética longe ficam de responder pela unidade da mesma, outrotanto acontece deturpá-la no seu significado o relato de seu conteudo com elemento estranho à poesia e fora de sua origem. E diremos apenas que, em "Niños Peregrinos", à dolorosa saudade de um inocentezinho que cerrara os olhos para a vida, paralelamente ao consolo que ingenuamente ocorre à figuração cristã de irem as almas das criancinhas para o céu, para o convivio dos anjos e desfrute dos doces misterios divinos, refazem-se, em toda a sua transcedentalidade, as dúvidas e interrogações que através os seus variados simbolos a morte nos inspira.

Este ponto último, o das dúvidas e interrogações em face da morte, talvez por independer de qualquer espirito religioso continua a ser, sem contestação e para quase todo o mundo, o mais humanamente positivo no seu contraste. Há de parecer-nos eternamente novo, e pela chamada razão da espécie, visto dela não se desprender o homem e pela mesma não ganhar, nesse sentido, nenhuma experiência de suas transformações; e há de ser reforçado todas as vezes que, como o faz Larragoiti, sobre ele derrame um artista esse verniz que tem conservado no tempo tanto do que de grandioso se tem dito e feito na humanidade — a mistica. Todavia, esta não se convenciona, não se ensina e quiçá não se pratique mesmo em conjunto. Daí o atrair, o sugestionar e prender, mormente se estampada nas expressões sinceras de um espirito ou de u'a mente superior e em assunto que corresponda às nossas cogitações do ser e do não ser de tudo, e tanto mais nesse vasto campo ignorado do após-morte.

Referentemente ao poeta de que vimos falando, se por esse extraordinário caminho atrai, sugestiona e prende, reserva-se tambem o dom de não subtrair-se às chamadas verdades cientificas. Sublima-as, mesmo, na sua vasta cultura e na sua grande sensibilidade de poeta, desse modo nos permitindo ver em suas composições, em meio às dúvidas angustiadas e às angustiadas interrogações em face do de todo insondavel para a humanidade, o constante e movimentado renascer dos elementos de vida. E a vida mesma ganha outro tom mais vivo, mais alegre e mais esperançoso, dir-se-ia mais empolgada ainda pela grandeza e poesia do viver.

Embora o risco de incidirmos na falta já enunciada, ou seja na impropriedade da transcrição de alguns versos apenas de uma composição poética, eis um pouco como a mesma vida se reflete em "La Mañana", ainda de "Niños Peregrinos":

"Oh, niño! la belleza contempla y ama el verso,
que Dios es poesia; cantale, sé poeta,
y oye la sinfonia del pomposo Universo
donde hay toda su essencia soberana y concreta.

Por el azul se lanzan las alondras trinando,
y cantam las cigarras con frenético ardor;
y canta el corazón que lo está devorando
la juvenil hoguera delirante de amor.

Escucha, admira el canto del gallo turbulento
cual toque de clarin que llama a la tarea,
clamando que llegó el solemne momento
de abrir los ojos, niño, que el dia parpadea!"

Assim é Larragoiti, nessas atraentes e lógicas alternativas; e assim tambem o é, em sua prosa, sempre profunda, elevada — e máscula, como já o disse um de seus ilustres criticos —, sem nunca perder esse espirito sempre inquieto, sempre remoçado e eternamente indagador que o leva, não raro, ás mais corajosas e, nem por isso, menos justas observações do que de vários modos transcorre nesse nosso pequeno e confuso mundo de Deus. "Dia por Dia", *livro de cronicas baseadas na Guerra Civil espanhola,* e "Los Quatro Heraldos del Apocalipis", *ensaio sobre esta mesma guerra de agora, quando os acontecimentos ainda se esboçavam nas simples tramas politicas, são documentários vivissimos do que, enfim, se confirmou e vem de se confirmar.*

Levar-nos-iam à crença de tudo haver adivinhado Larragoiti, não fosse a cultura, a observação e a sinceridade que, quando conjugadas num excepcional talento, podem levar o escritor a adeantar-se dos próprios fatos para revelar-nos as suas consequências. Quanta coisa não nos fala Larragoiti, daquelas e das atuais calamidades, e de quanto mais talvez se pudesse ter evitado! E, se aí nos convencemos de que o homem será eterno na sua maldade e na sua ambição, sem que esta certeza, todavia, nos despreze, é ainda Larragoiti que nos vem oferecer consolo em "Cadenas de Oro" *e* "Cadenas de Hyerro", *esplêndidos livros de pensamento, e em* "Cartas de Antaño", *curiosa novela de tensão oriental-ocidental.*

Se há nesses trabalhos muito do que hoje vivemos e sentimos, outrotanto conduzem-nos eles, por suas profundas e sentidas evocações, a um passado cheio de esperança, de fé e de poesia, e onde, para o mal ou para o bem, se estampa a própria eternidade do homem...

"TERRA VIRGEM"

(Edições Melhoramentos)

Carlos Chiacchio

Não é preciso grande esfôrço para filiar o espírito reflexivo de Constancio Vigil, autor de "El Erial", agora traduzido — diga-se excelentemente traduzido — por Eduardo Tourinho.

Autor e tradutor compensam-se em méritos: um, pela fôrça conceptiva do seu trabalho e, outro, pela plasticidade vernacular da tradução.

Aliás, no caso raro dessa obra, há que considerar dois aspectos de máximo relevo: o valor do original e a seleção do tradutor.

As obras primas ganham em ser traduzidas por engenhos capazes delas. É o caso de La Bruyère, como observa Saint-Beuve. À fôrça de verter para o francês os pensamentos de Teofrastos, acabou por lhe juntar idéias próprias, que em tanta maneira acresceram o prestigio dos "Caracteres".

Em "Terra Virgem" (El Erial), por EduardoTourinho, não queremos dizer — com o simile do tradutor La Bruyère a propósito de Teofrastos — que haja acréscimo de idéias e pensamentos.

Mas que os pensamentos e idéias de Vigil ganharam vigor, colorido, expressão, não há esconder.

Ou porque mais afeiçoado ao nosso hábito de leitura em português o estilo dos moralistas ou, porque mais sentido em verdade pelo tradutor, o espírito do pensador em castelhano, o certo é que nos transportamos, com a leitura de "Terra Virgem" às paragens onde se movem os mestres da categoria zodiacal dos Marcos Aurelios e dos Eugenios D'Ors. Sobretudo, este último, por seu autor celebrado da mesma estirpe linguística de Constancio C. Vigil.

Não é difícil, dizia, filiar o criador de "El Erial". Eis aí o seu tipo espiritual entre os perfeicionistas da vida. São vocações apostolares. Destinos de condutores de idéias, de semeadores de emoções, de disciplinadores de imagens.

Só há uma espécie de moral na arte, que é o seu fundamento sociológico, isto é, moral de sentido fraternizante, com finalismo estético do amor, da justiça e da liberdade; também não há fugir, há uma arte na moral doutrinária dos pensadores públicos.

E, mesmo, só essa moral — que recebe de raiz o batismo de arte — vinga através do tempo e da morte.

Os bons princípios carecem das boas formas. É o que salva ainda a impertinência dos pregoeiros da bondade, da caridade, da saude, do equilíbrio, da paz, da ordem, da harmonia, de todas as melhores aspirações da dignidade humana, em êste mundo sem nenhuma dessas coisas transcendentes, hoje, hoje pelo visto.

Constancio C. Vigil seria um retrógrado no século, se não fosse uma necessidade no cenário do pensamento atual. Êle vem com a voz que acorda para as alvoradas novas. Faz-se o clarim conclamador de energias para o caminho de Deus. Em seu verbo encontram-se irmanados o amor do belo e o culto do bem. A arte e a moral enchem-lhe os capitulos, talhados à maneira simples de exposições sucintas e claras como verdades flagrantes

O trabalho, pois, de autor e tradutor — que reputamos da mesma importância singular — para as duas línguas, espanhola e portuguesa, vale por um monumento, doutrina e estética, enfim, vida e criação.

Não sabemos que tenha aparecido em nosso tempo de traduções precipitadas obra assim que se compare à "Terra Virgem", — o "El Erial" de Constancio C. Vigil. O grande pensador sul-americano vertido já, para todas as línguas quase, só agora está magnificamente traduzido para o nosso vernáculo através de Eduardo Tourinho. Bem haja.

O consagrado escritor de tantas paginas brasileiras lavrou um tento presenteando as gerações de hoje com os modelos magistrais de um verdadeiro guia do pensamento moderno. É um livro esplêndido êsse "Terra Virgem". Sob todo e qualquer título que se lhe queira encarar. Nomeadamente, pelo caráter de profundas lições da vida, que êle assume diante do leitor. Perfeito evangelho dos tempos que passam. Perfeitíssimo...

Panorama da Literatura Fluminense

Alvarus de Oliveira

O Estado do Rio: —

Passamos os olhos pelo mapa da terra fluminense que está à nossa frente, no nosso escritório particular... Rememoramos os milhares de quilômetros já percorridos pela nossa avidez de conhecermos todas as minúcias, todos os segredos, todo o progresso do nosso Estado...

A terra fluminense, indiscutivelmente, prospera a olhos vistos...

Em todos os setores.

São estradas que se abrem; são novas cidades que surgem à margem dos caminhos; são velhas cidades que se reformam; são indústrias que nascem...

A maior verba de estradas de rodagem do país está sendo aplicada no Estado do Rio... A nova Escola Militar será em terras fluminenses, onde tambem se instalará a Grande Siderurgia, sonho do Brasil forte, do Brasil Liberto, do Brasil como força econômica. O saneamento da Baixada Fluminense é a maior obra da Revolução, obra que imortalizaria sozinha um governo; muito maior, muito mais importante que o célebre saneamento de Agro de Pontino, na Itália, de que Mussolini tanto barulho tem feito... E já se fala na instalação de uma grande fábrica de automoveis...

Economicamente a situação do Estado é a mais promissora.

Até esportivamente o Estado do Rio se salienta, conseguindo o máximo. Na instrução, que se desenvolve grandemente, a terra fluminense tem os primeiros lugares da União. Felizmente: — mens sana, in corpore sano...

Mas no regimen da arte ainda ficou na mesma estagnação.

Bem verdade é que foi instalado o Museu Antônio Parreiras e erigido em praça pública o busto do suave poeta Alberto de Oliveira. E agora a organização do Congresso de Academias de Letras em Campos é passo que destacará o Estado no setor das letras, o que denota que o problema não está de todo esquecido.

Mas é que nem tudo deve e pode partir dos governos...

O Estado possue uma Academia de Letras que se diz o expoente máximo da cultura. Que há feito essa respeitavel entidade em prol do desenvolvimento da literatura na terra de Euclides da Cunha?

Não temos um incentivo por prêmios, por menores que sejam... Não temos uma editora ou uma organização estadual que facilite o aparecimento dos novos da literatura... Dos novos e dos velhos... Nós vemos um Joaquim Laranjeira, cheio de talento, cheio de cultura, com obras de grande valor histórico e patriótico, ficar quase que esquecido lá na sua longínqua Madalena... Nós vemos outros elementos de grande capacidade e enorme produção, como Armando Gonçalves, Melchiades Picanço, Altino Pires, Proto Guerra e tantos e tantos outros valores máximos da cultura e das letras estaduais com obras ineditas de valor incontesti... Nem ao menos possuimos um suplemento literário nos nossos jornais, onde sobram as páginas futebolescas e radiofônicas... Até um jornal semi-oficial com muito espaço para isso... por que não possue um suplemento digno do nosso passado literário?

No Estado pouco se preocupa com a RENOVAÇÃO:

Por que os exércitos, o comércio, a indústria se preocupam tanto com a reserva?

Quase sempre, com várias exceções, os moços, especialmente na literatura, encontram os maiores óbices pela sua frente... Má vontade para com a mocidade? Crime? Deve ser talvez uma coisa e outra...

Mas é contingência a que nos temos que curvar... A Renovação é necessária... Os velhos terão que morrer antes, é lógico, e quem os substituirá? Os novos sem dúvida... Os novos precisam e terão que ter a sua "chance" e muito melhor que os velhos, com a sua experiência e saber, orienta a mocidade no caminho escabroso que terá que palmilhar... Aí se fazem necessários os concursos literários, os prêmios, as publicações editoras dirigidas pela experiência dos mais velhos...

No entretanto vemos apenas ciumada to-

la nesta ingrata carreira das letras... Ciume lançando descrédito, ciume lançando ciume e nada mais...

Os moços erram porque já disse um filósofo que as gerações teem que aprender à propria custa dos seus próprios erros...

Mas ao invés de corrigi-los, os velhos achincalham os novos, apedrejam-nos sobretudo quando eles vão conseguindo se impor..., vão aparecendo contra a vontade dos que o não querem... Há uma crítica sincera no Brasil? Dolorosa interrogação...

Fiquemos, porem, por aqui mesmo... pelo panorama da literatura fluminense... Não devemos pecar pela falta de orientação aos moços, pela falta de estimulo, pela falta de ajuda... E' na mocidade de hoje que está o futuro de nosso país... E cumpre amparà-la e estimulá-la. Não ir contra ela e desejar destruir a sua obra, entravar-lhe os passos.

Temos lutado sozinhos neste empreendimento quase estóico da Biblioteca de Obras e Autores Fluminenses... Até hoje não encontramos quem nos quisesse auxiliar... Temos encontrado desilusões desilusões amargas porque os nossos apelos não encontram éco... Ao invés de nos louvarem a iniciativa, censuram-nos pelos erros que podemos cometer... Quer dizer: — Não vêem outra virtude senão a desvirtude dos deslizes...

Até o nosso pedido de prêmios literários, que aliás recebeu do Secretário de Educação do Estado, Dr. Rui Buarque, um belo parecer e que caminha a despeito dos despeitos — e confiamos no bom fim que terá — recebeu dos Taine de meia pataca as suas reprimendas, dizendo até que nós copiáramos a idéia de outra pessoa... Original a idéia? Como se a idéia de prêmios literários fosse coisa nova...

Infelizmente para nós o panorama da literatura fluminense é esse: — Nada de novo para registrar, nada de importante... Obras? Onde estão as obras fluminenses? Vale a pena citar a meia dúzia que surgiu, sem expressão e sem repercussão dentro do Estado? O terreno está parecendo árido... Mas é impressão apenas... Há muita vegetação querendo brotar à flor da terra, mas falta... estrume e água...

Só poderemos desejar que no próximo ano possamos dar noticias mais alviçareiras. E' o que almejamos de todo coração porque ninguem mas que nós ama a terra fluminense. E talvez ninguem seja nela mais odiado que nós... pelos intelectuais..., já tendo sido cognominado de inimigo número 1 da tal Academia Fluminense...

O que vale é que conosco está a mocidade e estão os justos... E é o quanto basta...

BIBLIOTECA DE OBRAS E AUTORES FLUMINENSES

Divulga obras nacionais de escritores fluminenses e obras fluminenses de escritores nacionais.

Direção de Alvarus de Oliveira

Publicadas: — **"Conspiração dos Búsios"** romance histórico de Joaquim Laranjeira, 1938.
"História Literária Fluminense" de Rui Gonçalves, 1938.
"Ritmo do Século" romance de Alvarus de Oliveira, 1938.
"Hoje" (Contos da Atualidade) de Alvarus de Oliveira, 1939.
"Romance que a própria vida escreveu" de Alvarus de Oliveira, 1940.
"Primeiro Sonho" contos de Nilza Marina, 1941.

A publicar: — **"Crônicas da Metropole"** de Alvarus de Oliveira, 1941.
"Missa de Satanaz" poesias de Brasil dos Reis, 1941.
"Noiva do Patriarca" romance histórico de Joaquim Laranjeiras.
"Morro" novela de Rui Gonçalves.
"Antologia Fluminense" —
"Coletânea dos Novos" e
"Vultos Fluminenses na História do Brasil".

De Alvarus de Oliveira: — **"Grito do Sexo"** 2.ª edição — **"Romance que a própria vida escreveu"** 3.ª edição — **"Drama do Subconciente"** e **"Moderna Messalina"** romances.

Pedidos diretos a **Alvarus de Oliveira.** Rua do Rosário, 173 — Rio de Janeiro

Quid Veritas

Admar Cruz

Jesús, o sublime nazareno, quando interpelado por Pilatos, sobre o bem que espalhava, com o seu sacrificio, "Quid Veritas", baixou a cabeça, e silencioso, diante do representante do maior povo do mundo e que mais leis tinha feito e destruido, caminhou para o Calvário. Os crimes que Jesús tinha cometido, levando-o à presença do seu julgador, eram os bens aos pobres, aos oprimidos, sedentos de verdade e de justiça.

A verdade e a justiça formam as asas de uma grande ave, em vôo audacioso, procurando redimir a humanidade.

Se o cerebro humano conseguiu determinar a lei da conservação da rádio atividade.

Se provou o fenômeno da emanação, na teoria da desintegração atômica.

Por que luta na solução da harmonia biológico-social, e se despedaça na ternura da nossa alma e na exaltação da nossa fé?

Porque falta ainda a evidência, como fator decisivo da inteligência e conciência da Humanidade.

Não é sem propósito que transcrevemos um trecho de uma carta que o sábio químico e filósofo francês M. Bertellot fez em resposta a Ernest Renan sobre as Ciências da Natureza e as Ciências históricas; — a Ciência ideal e a Ciência positiva, como, assim, denominou.

"Todo o homem preparado por uma educação suficiente aceita logo os resultados da Ciência positiva, como a única da medida da Certeza.

"Estes resultados são hoje tão numerosos que na ordem dos conhecimentos positivos, o homem o mais ordinário, provido duma instrução média, tem uma Ciência infinitamente mais extensa e mas profunda que o maior homem da antiguidade e da idade média.

"As antigas opiniões nascidas a maior parte das vezes da ignorância e da fantasia desaparecem, pouco a pouco para dar lugar a convicções novas, fundadas sobre a observação na Natureza, quero dizer da Natureza na moral, como da Natureza Física.

"As primeiras opiniões tinham sem cessar variado, porque eram arbitrárias; as novas hão de subsistir, porque a sua realidade se torna cada vez mais manifesta, à medida que encontram sua aplicação na Sociedade humana, desde a vida material e industrial até à ordem moral e intelectual a mais elevada.

"O Poder que dão ao homem sobre o mundo, e sobre o próprio homem, é a sua mais sólida garantia."

(Conclue no fim do ANUARIO)

SOMBRAS ETERNAS

Carlos Maranhão

Irmãos PONGETTI entregaram às livrarias do país, em magnífica brochura, mais um livro do jovem ensaista Orvácio Santamarina, o que vale por dizer: mais um atestado do valor de "graficos" dos editores e mais um sucesso para os méritos de escritor do biografo de César.

SOMBRAS ETERNAS, como o próprio autor cognomina as figuras de que trata, são biografias em cinco minutos. As figuras que foram objeto do seu rápido estudo são, realmente, *sombras* que pairam, aureoladas pelas centelhas do gênio, como pálio, paradoxalmente luminoso, sobre as gerações que se sucedem, transmitindo-lhes magníficos exemplos, esplêndidos ensinamentos.

Chopin, Beethoven, Verlaine, Musset, Poe, Balzac, Dostoiewki, Zola, Pedro Américo, Freud, Lombroso, Descartes, tais são as personagens que a pena do Sr. Santamarina ilustram, com o estilo sábio e elegante de historiador e de *conteur*. Falham-me condições de critico para uma análise mais profunda sobre o novo livro do sr. Orvácio Santamarina, mas, afeito à sua literatura, desde a iniciação, pelo encanto que os assuntos de sua predilecção despertam no meu espirito, noto que, de livro para livro, o escritor patrício vem se aprimorando nos estudos e, mormente, na elegância da forma. Assim é que, em "Duas Grandes Figuras do Século XIX," em 1935 (seu livro de estréia e belo trabalho, aliás) a par do profundo conhecimento do assunto, vê-se que o frasear, embora correto, não tem ainda a elasticidade precisa, a clareza que o próprio pensamento desejaria expressar. Já em seu segundo livro, "Cesar"— 1939 — perfeito estudo sobre Caio Júlio Cesar e a formação do império romano — se nos apresenta de forma mais pujante, mais senhor da sua especialidade literária e como que impondo à vontade inegavel talento. Sóbrio sempre no linguajar, mais leve, porem, na exteriorização da idéia e, às vezes, até ardoroso e apaixonado em certas cenas e passagens históricas, deixa levemente a descoberto sua alma de emotivo e de poeta. Com o livro "Cesar" o sr. Orvácio Santamarina deixou de ser uma promessa para ser uma afirmação. Agora, dá-nos *Sombras Eternas*, onde mais do que nunca, apresenta-se com belo estilista a biografo de grandes qualidades. Todas as figuras de que se ocupou são pintadas com pinceladas de mestre e com a segurança que o estudo constante lhe impôs. Nesse trabalho o Sr. Santamarina surge-nos ainda mais claro, mais gracioso, mais harmônico, preciso, sentimental e... quase poeta. Do seu novo livro não há o que destacar: todos os perfís dos homens geniais que traçou, com o vigor da confiança nos seus méritos, com independência de conceitos e historicamente rigorosos aí estão nitidamente vividos. Para mim, porem, para a minha sensibilidade de poeta, deixei-me encantar pelos perfís de Beethoven, Poe, Dostoiewski, Balzac, Zola. Ao lê-los confundi a minha alma com a do autor e vivi momentos de inefavel espiritualidade. Belas e comoventes páginas que só mesmo um espirito superior e uma aprimorada inteligência poderiam ditar!

Pena é que o sr. Santamarina, ao escrever a biografia de Pedro Américo — o nosso genial pintor — não se abrigasse um pouco mais. É uma figura nacional e glória da pintura brasileira, que merecia do talentoso biografo um estudo mais desenvolvido. Isso, entretanto,

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

RNAS

Maranhão

do que nunca, apre-
a biografo de gran-
s figuras de que se
pinceladas de mes-
te o estudo constante
ho o Sr. Santama-
claro, mais gracioso,
sentimental e...
o livro não há o que
dos homens geniais
la confiança nos seus
ia de conceitos e his-
estão nitidamente vi-
, para a minha sen-
ei-me encantar pelos
Dostoiewski, Balzac,
a minha alma com a
s de inefavel espiri-
entes páginas que só
or e uma aprimorada
r!

amarina, ao escrever
érico — o nosso ge-
brigasse um pouco
al e glória da pintura
o talentoso biografo
ido. Isso, entretanto,

no fim do ANUARIO)

EPISÓDIO COREOGRÁFICO

MARQUES REBELO

Já ouvi de um poeta que cada quadra da vida tem uma cor distinta. Era um poeta gordo, sinistro, sem talento, mas tambem os poetas mediocres dizem verdades, e, a acreditar nele, suponho que a minha fosse azul aí por volta de 1922. Eu era um rapazola e dansava. Possivelmente fazia-o mal. Mas como a idade não comportava autocritica, não desconfiava disso. E era feliz. Os bailes eram frequentes, os convites muito regateados, e eu não perdia uma dansa. Ao voltar para casa, a madrugada rompendo, vinha tonto. Se disser que era de tanto rodar, minto. Porque por esse tempo imperava um "one-step", isto é, um marchar sincopado para a frente e para trás como o andar dos caranguejos, sem mais fantasias que um voltejo nas curvas. Mas havia louras, morenas, indefinidas. Explicar é dificil. A pena emperra em muitos casos. Este, um deles. Ser sumário é melhor. Quem já teve dezessete anos compreenderá logo. Uma vertigem!

Armando não dansava, bom Armando, que a vida levou para longe, casado, carregado de filhos, como um magro professor de aritmética, álgebra e geometria, numa cidade do interior. Se me perguntarem o nome dela, não saberei responder. Apenas sei, vagamente por terceiros, que é em Minas, no alto duma serra, com um clima restaurador para os doentes do peito. Tal ignorância tem a sua desculpa — depois de homens feitos nunca nos procuramos. As duras contingências da vida levaram-nos para ambientes bem diversos, modificaram-nos o temperamento, separaram-nos de modo irremediavel. Que ele se tenha esquecido de mim não acredito, mas se tal acontecer, não há que condená-lo. Não é ingratidão, garanto. São gênios. Eu, por exemplo, não o esqueço.

Fomos amigos, quase inseparaveis. Morava no mesmo quarteirão, filho único e orfão de pai. Juntos estudávamos. Juntos fizemos o principio de nossa formação literária, dupla bebedeira de Eça, Machado, Pompéia, Dickens, Daudet, Hugo, Balzac, Flaubert e Maupassant. Juntos declamávamos. Eu mal e pouco, ele bem e muito. Memória fabulosa, que a nicotina não obscurecia, sabia de cor todo o Guerra Junqueiro, todo o Castro Alves, todo o Bilac, todo o Cesário Verde. Os sonetos ficavam na sua cabeça como livros numa estante arrumada. Se tinha memória tinha tambem espontânea propriedade de gestos e de tons.

Com voz soturna e punhos ameaçadores, contava os horrores da escravidão. Com voz satânica, dava Baudelaire traduzido por um vate português. Com voz trêmula, o olhar quebrado, esvaindo-se em suspiros, falava de beijos e raios de lua, folhas de outuno e pálidas donzelas sobre coxins dourados. Era da poesia. Como chegou às matemáticas diz a necessidade que opera prodigios.

Tinha as pernas longas, um andar desengonçado, o cabelo rebelde e negro invadindo a testa curta, abusava do cigarro. A amizade atenua o realismo, razão porque eu amenizo a verdade dizendo que Armando amava pouco a limpeza. Amava pouco a limpeza, mas a mãe amava muito o filho e o atormentava com imposições higiênicas. Ele, para contrabalançar, atacava-lhe a pintura, os trejeitos elegantes, as toaletes um tanto espaventosas. Com isto deixamos claro que eram como irmãos e que dona Marta, se não era nova, se não era mesmo conservada, era coquete e como tal deixava-se possuir pelos caprichos da moda. A moda aí era dansa, mas a dansa americana, que expulsou dos saraus a valsa, a polca, os chotis, já que o samba nesse tempo era propriedade da ralé, indecente, exagerado e indesejavel, disfarçando-se em maxixes para uso exclusivo dos clubes carnavalescos e cabarés.

Ora, se dansar o "one-step" era o último e supremo chique, infelizmente dona Marta não o praticava. Não por ser um tanto cheia de corpo, não por não saber dansar, pois fora até disputada valsista nos salões dos seus vinte anos, sendo mesmo, numa festa do Clube X, que, perdido por seus encantos, o doutor Marcos lhe propôs casamento, casamento feliz realizado meses após e desfeito pela gripe, que 1918 carregou desta para melhor o ex-apaixonado valsista depois de três dias de delírio. É que simplesmente não se ajeitava ao compasso novo, "muito prosaico, muito pouco romântico", dizia. Bem que tentara. Fora um desastre. Peor, o Fluminense pedia a sua presença num chá dansante de caridade. A festa comportava uma nota de alta originalidade (alvitre de Sinhazinha Flores) — as patronesses alugar-se-iam aos cavalheiros. Depois de cada dansa (fatalmente "one step"), o cavalheiro depositaria na sacola de seda da dama quanto lhe mandasse o cavalheirismo, a piedade, ou a conveniência. O produto reverteria para os cofres de proteção às obras da Igreja de São Domingos, em adiantada construção. Para destino tão util e elevado, os corações tinham de ser generosos. E dona Marta era patronesse... Era para desesperar! Não por vaidade, mas por piedade, o coração lhe mandava que a sua sacola fosse das mais favorecidas.

Dona Marta sofria. Tivera ímpetos de socorrer-se de uma escola de dansa. Mas tinham tão má fama que não passou de projeto. Dona Marta era virtuosa. Era principalmente irmã de São Domingos e lembremos o que há de incompatível entre esta pia irmandade e o assoalho suspeito de uma escola de dansa. Era horrível! Há rugas de contrariedades. Dona Marta criou duas para se juntarem às que, a pesar dos cremes, lhe tinha trazido o tempo, que é a maior e mais inconsolavel das contrariedades. Criaria outras se não fosse o filho. Amado filho! Inspirado Armando! Se tanto o recriminara — bobo! desajeitado! imprestavel! — por não saber dansar, tudo perdoou (quanto pode um coração agradecido!) tudo perdoou quando ele lhe perguntou se não gostaria que eu lhe ensinasse os passos da dansa nova. Se gostaria!...

Foi assim que, embora afirmasse com modéstia que não sabia dansar bem, foi assim que a sala de jantar de dona Marta tomou um aspecto diferente e didático, porque ensinar o "one-step" não deixa de ser instrução.

A mesa e as cadeiras foram encostadas a um canto, o tapete saiu enrolado para um outro, a vitrola veio da saleta, que fazia de sala de visita, imprópria pela exiguidade para o exercício de uma variedade coreográfica que pedia relativo espaço. No assoalho encerado foi passada — para maior conveniência e propriedade — uma dose respeitavel de espermacete. Escorregava e brilhava — era sabão e espelho ao mesmo tempo. Nele se refletia, ansiosa e ruborizada pela emoção, a bondosa senhora que se pusera num vestido leve "para facilitar", embora eu não visse relação alguma entre um vestido tão transparente, tão decotado, tão braços nús e aulas de "one-step," tanto mais que estávamos no inverno, um inverno bem chuvoso e bem frio. Nele se refletiam as minhas botinas de bico agulha e cano de camurça cinzenta — que era o furor do chique sapatal! — a minha gravata borboleta em estilo "petit-pois", a minha calça curta e estreita na barra, tão estreita que calçado o não podia tirar, o que representava um infalivel teste de elegância para os requintados da época.

Abotoei o único botão do paletó comprido, muito cintado, e a aula começou. Tomei a sua mão esquerda na minha, (era uma mão gorda, macia, bem tratada), enlacei-a com o braço direito e expliquei as posições...

— É assim, dona Marta. Bem junto. Quase colando ao cavalheiro.

Dona Marta estremeceu:

— Quase colando?

— Sim, quase colando. E as pernas um pouquinho abertas.

Dona Marta teve um risinho nervoso, fugiu com o corpo e para se acalmar, penso eu hoje, foi que perguntou:

— Como?

Eu repeti a figura. Ela deixou cair o braço flácido sobre o meu ombro, comprimindo os lábios.

Armando, sem palavra, fumando, apreciava as manobras, esparramado numa poltrona de molas.

— Vamos, fez ela um sinal de cabeça complementar.

Procurei trazê-la mais para mim, dona Marta, porem, a pesar do emoliente perfume que lhe era peculiar, ficou dura, distante, resistindo. Eu corrigi-a:

— Não fuja com o corpo, dona Marta. Bem encostada, faça a cintura mole.

Ela descomprimia os lábios, sombreados por um buço alourado:

— Sim.

Encostou-se com suficiência, seu perfume sufocava, eu firmei ainda mais o braço na sua cintura. Mas a cintura continuava dura, dura por causa da cinta com que dona Marta prudentemente se esbeltizava. A vitrola já andava no meio da Gigolete. Eu relaxei.

— Muito bem, dona Marta. Agora vamos mesmo.

Ela sorriu, graciosa, docil. Dei o primeiro passo. E fui para a frente, mas dona Marta tambem avançou. Foi um esbarro, ficamos no mesmo lugar. Rimos. Armando não riu. Dona Marta estava vermelha:

— Meu filho tem a quem sair...

— Qual, dona Marta!... É questão de um pouco de paciência. Procure apanhar o compasso e me obedecer.

Ela mostrou o fio claro de dentes que o tempo respeitava e fez-se resoluta:

— Toca para a frente!

Outro passo, novo esbarro. Dona Marta era um tanto cheia de corpo, já disse. Alem disto era mais alta do que eu, que, franzino, não tinha forças para comandá-la, conduzi-la, contê-la ao menos. Não fossem os dois copos de cerveja e a aula teria sido impossivel. Porque dona Marta, antes de começarmos, numa cortesia feliz, abrira cerveja. Duas garrafas. Bebi dois copos mal cheios. Mas eu tenho a cabeça fraca. Dois copos, e a alegria jorra, a conciência do ridiculo desaparece. Foi sob esse benéfico influxo que demos um terceiro esbarro. Pusemos novamente o disco que terminara e lá fomos aos solavancos pelo ringue da nossa disputa, eu teimando em dirigi-la, ela mandando realmente com o corpo de chumbo, que não abrigava a menor parcela do "instinto do one-step".

Após uma hora, alagado em suor, desalinhado, o braço dormente, as botinas miseravelmente arranhadas, desabei no sofá. Dona Marta caiu ao meu lado, não menos suada, não menos extenuada, mas feliz.

— Agora sei, disse com o melhor e mais sincero sorriso. Agora eu sei. Não farei feio!

Não sei se fez. Não fui ao chá, nem conhecia ninguem que tivesse ido para me informar. Sei que Armando me perguntou na rua:

— Você acha que mamãe aprendeu?

A pergunta foi séria, mas eu me ri, ele tambem, porque se é que dona Marta aprendeu foi com ela mesma. Durante uma hora, a pesar dos meus bons esforços em contrário, ela dansou o que bem entendeu como sendo "one-step." E se houve um aluno, este fui eu. Aprendi que caridade e cerveja eliminam o ridiculo, o que é moralidade e alta moralidade.

Varre o Cimento com Força

Conto de Joel Silveira

A mãe espera-o na porta. Ele vem ofegante e, no batente da casa, olha com alegria a ladeira escorregando até lá em baixo.

A mãe estranha:

— Você hoje demorou.

Neno descansa o tabuleiro em cima do peitoril da janela. Mas os olhos lá estão, na cúpola da igreja que faisca, que é como uma fogueira que o sol fez.

D. Elvira torna:

— Por que demorou tanto?

Neno volta-se manso:

— Estava na igreja.

A mãe se espanta — não compreende.

— Na igreja?

— Vou todos os dias. Hoje custei mais porque tinha uma porção de velhas cantando. Fiquei vendo.

A mãe deita o tabuleiro em cima do banco de madeira da sala. Conta a sobra, faz cálculos. Pergunta:

— Seu Marinho comprou as bolachinhas?

— Só quis dez.

D. Elvira faz um rosto meio triste e contrariado:

— Será que os filhos dele já enjoaram?

Há, agora, na torre, reflexos de ouro vermelho. O sol morre por detrás do Boeiro. De longe chegam sombras carregadas, correndo como enormes asas negras, apagando os últimos vestígios do dia.

— Fez três e duzentos, não foi?

Neno tira os niquéis miudos da bolsinha de couro, junta-os na palma da mão.

— Três e cem. Comí um bolo.

A mãe conta o dinheiro. Faz novos cálculos mentais.

— Até o fim da semana preciso de mais quinze mil réis. E hoje já é quinta-feira. A semana está voando. Você tem que fazer uma forcinha, viu?

Neno entra na sala, senta-se numa ponta do banco.

— E' preciso pagar a escola dos meninos — vinte mil réis. Tem mais quatro mil réis para o aniversário da professora, que eles disseram que todo mundo vai dar.

Neno não fala.

— A mulher de seu Heliodoro ainda não me pagou a lavagem deste mês. Amanhã vou lá.

D. Elvira entra com o tabuleiro. Neno vem para a porta, senta-se no batente. O Lagarto, lá em baixo, é uma coisa morta, com os coqueiros parados, a igreja muda e imensa. A barra do céu está ensanguentada. Urubús voam alto, fugindo da noite para os abrigos altos. Neno deixa-se envolver pelo silêncio completo — não se mexe. Muito longe, as plantações são verdes e certas. Um verde escuro, agora, porque algumas sombras já se misturaram com as folhas grossas e espalmadas do fumo. As casinhas brancas se equilibram no alto das colinas de curvas macias. Os primeiros candeeiros começam a tremer, distantes e perto. O carro-de-boi geme, geme, arrastado pelos animais lerdos, deixando dois rasgos profundos e úmidos na areia da rua incerta.

D. Elvira chama lá de dentro:

— Neno, vá comprar querosene, meu filho.

Quando o marido morreu, D. Elvira viu logo que não podia ficar na cidade. Alem dos três filhos, Pedro Emílio nada lhe deixara. Trabalhava na roça dos outros, de aluguel, na colheita do fumo dos sitios vizinhos. Nunca economizara coisa alguma, porque era impossivel economizar tão pouca coisa. O dinheiro minguado sumia-se no sustento da casa. Por isso, D. Elvira arrumou os velhos moveis e trastes no carro-de-boi do vizinho, mudou-se. Vieram todos para aquela casinha do Santo-Antônio. Quarenta mil réis por mês sempre se arranjavam. Saiu logo pela vizinhança se oferecendo: lavava e engomava. Era preciso, porque não podia continuar com a freguesia da cidade. Sentia-se incapaz de descer aquela ladeira todos os dias, com a trouxa na cabeça. E a cidade ficava longe...

Mas no fim do primeiro mês viu logo que não dava certo. Tinha mesmo que continuar lavando para os fregueses da cidade. Quando seu Jorge veio cobrar o aluguel, só levou a metade. Não disse nada, levou o dinheiro, mas ficou de vir buscar o resto dias mais tarde. Então d. Elvira chamou Neno, o mais velho, e acertou o plano. Ela faria doces, ele os venderia na cidade. Neno sempre falou pouco. Ouviu calado, disse somente que sim, balançando a cabeça.

— Seus irmãos estão na escola e não podem sair. Sai você que é o mais velho. Dentro de casa eles não servem para nada.

Neno ficou triste. Não iria mais à escola, não aprenderia mais nada? O plano de ser doutor, tantas vezes acalentado, pareceu-lhe cair por terra, subitamente.

A mãe compreendeu:

— Não, meu filho. Você não vai ficar sem aprender para o resto da vida. Aprende comigo até eu poder lhe botar de novo na escola. De noite, enquanto faço os doces, lhe ensino o que sei.

Nos primeiros dias sentiu falta da escola. Mas foi se acostumando. Voltava cansado da rua, mas alegre. De noite, enquanto os irmãos dormiam nas camas de varas, ficava na cozinha a decorar as lições, riscando a lousa com números e traços. A mãe atiçava o fogo, remexia os doces espalhados na chapa quente. A lenha seca estalava dentro das chamas.

Quando a fumaça era muito e inflamava os seus olhos, Neno vinha para a porta. E ficava perdido na escuridão, navegando num mar de tranquilidade e sonho, os olhos lá em baixo, onde a cidade dormia, vacilante nas luzes dos lampiões.

Pedrinho e Júlia apontaram no começo da ladeira. Ela vem vestida na farda usada, as tranças finas e pretas escorregando pelo pescoço magro. Para uns instantes na porta de d. Amélia, ble com o "louro" que nunca se cala, corre para alcançar o irmão que já vem perto. Pedrinho carrega a bolsa com os livros, de oleado preto descosendo nos cantos.

Chegam alvoroçados em casa e Júlia vem para perto de Neno contar os casos da escola.

— Hoje teve um doutor lá. A gente cantou o hino. Depois a professora saiu com o doutor e os meninos ficaram pintando o sete.

Por uns momentos a visão da escola enche os olhos de Neno. Meninos e meninas, entrando e saindo, gritos, brigas. Um cheiro exquisito e penetrante de livros novos, de papel limpo, de madeira de lapis. A professora estridente explicando as lições difíceis, desenhando figuras, fazendo contas no quadro-negro. Depois, o recreio — uma algazarra infernal. Mundo encantador que ele gozara por pouco tempo. Agora, em vez da sala clara, de paredes enfeitadas de xilogravuras e mapas, a cozinha enegrecida pela fumaça de todos os dias. E em vez da professorinha nova e asseada, parecendo uma menina no vestido branco, a mãe gasta e suja, as faces esbraseadas pelo calor do fogo, a voz sufocada pela cinza e pelo fumo.

E' de manhã cedo, sol ainda novo no céu, e Neno vai pela ladeira abaixo, assoviando, o tabuleiro na cabeça, os tamancos metidos nos bolsos traseiros da calça — que, nús, os pés escorregam menos nas lages frias e limosas. A cidade está acordando. Homens aparecem nas portas das casas de janelas ainda fechadas, camponeses passam, meio adormecidos, montados nos cavalos lerdos. Neno para na praça do Mercado, sob o grande pavilhão, fica a ver o ajuntamento do pessoal para a feira da semana. Chegam mais camponeses tangendo cavalos. As batatas vão se acumulando em montes. Galinhas cacarejam nos caçuás, saguís ganem desesperados. As postas de carne, ensanguentadas, estendem-se pelas mesas úmidas e mal cheirosas, o sangue molhando as mãos dos homens, desenhando pequenos rios rubros no chão de tijolos incertos. Mulheres falam, discutem e a tapioca, muito alva, brilha nos sacos bem arrumados e limpos. Vaqueiros de chapéus de couro examinam as dentuças brancas dos animais espantados, batem no lumbo músculo dos cavalos, acariciam as crinas aparadas. Da pensão de Rubem Ema vem um cheiro convidativo de café e pão fresco. E na porta do "Boa Esperança" seu Marinho palita os dentes e cospe grosso.

De repente o sino da igreja começa a badalar os primeiros sons do dia. E' um toque sonoro e forte que envolve tudo, perdendo-se longe, no começo das encostas do Boeiro.

Neno levanta-se, põe o tabuleiro na cabeça, sai por entre o povo da feira. E enquanto dentro dele alguma coisa canta como um sino, vai gritando com a vozinha aflautada:

— Pé-de-moleque! Olha o pé-de-moleque!

Seu Marinho acorda cedo. Vem caminhando devagar pela rua deserta, os pés metidos nos tamancos grossos, paletó de alpaca preta alumiando ao sol novo. Abre a velha porta do Armazem Boa Esperança (Fundado em 1898), penetra na sala escura. Há uma correria aflita de ratos e um esvoaçar de baratas tontas. Seu Marinho solta a mesma imprecação de todas as manhãs — "Estas pestes não morrem nunca!" — e vai pen-

durar o paletó no cabide, por detrás da monumental secretária entulhada de papéis e caixinhas.

Vem depois para a porta. Senta-se na cadeira de assento de pano, fica olhando para a praça gramada, quase sem ninguem. E' uma mania antiga que tem de acordar com o dia e ficar alí, na porta do armazem, cumprimentando os primeiros passantes, acompanhando com os olhos satisfeitos o desfilar lento das mulheres de preto que entram na igreja.

Neno aponta no outro lado da praça — e Neno é um espetáculo cotidiano que seu Marinho conhece bem. No fundo, chega mesmo a admirar a coragem daquele menino que acorda com a madrugada, que trabalha o dia inteiro para ajudar a mãe viuva e os irmãos menores. Um dia seu Marinho chegou a ter uma idéia que, sem dúvida, ainda porá em execução. E ela é a de chamar Neno e lhe oferecer um lugarzinho de caixeiro do Boa Esperança. Não pagaria muito. Uns sessenta mil réis, talvez menos, quem sabe? Que mais ele não lucraria vendendo doces na rua. Mais tarde, talvez, poderia aumentar o ordenado. Tinha certeza de que aquele menino franzino e de olhos grandes, calado como uma coisa morta, não o desapontaria.

As bolachinhas hoje estão meio queimadas:

— Lá sua mãe me torrou as bolachas, Neno!

Neno escuta calado, faz menção de dizer alguma coisa, mas não fala.

— Só quero dez.

— Dez?

Lembrou-se da pergunta da mãe: "Será que os filhos de seu Marinho já enjoaram as bolachinhas?"

— Só, Neno.

O menino faz um grande esforço, mas a pergunta sai:

— Os meninos já enjoaram, seu Marinho?

— Não, Neno. E' que Antônio está na fazenda. Agora tenho que comprar menos, pois ele é quem come sempre mais da metade.

Neno fica mais alegre. Seu Marinho enrola com cuidado as bolachinhas, põe o embrulho no bolso do paletó. Senta-se novamente e fica olhando o cuidado do menino, todo perdido na arrumação dos doces no tabuleiro chato. E quando Neno vai se despedir, seu Marinho chama-o:

— Espere aí, Neno. Quero lhe fazer uma pergunta.

Neno desce novamente o tabuleiro, põe os olhos abertos no negociante, espera.

— Quanto você vende por dia?

O menino acha a pergunta meio exquisita. Faz uns cálculos rapidos com a memória e responde:

— Uns dois mil réis. Ás vezes faço mais, quatro ou cinco mil réis. Mas tambem tem dias que não faço nem mil e quinhentos. Depende...

Seu Marinho pensa: dois mil réis. Por mês são sessenta. Tirar dinheiro para a tapioca, para os ovos, a massa-puba... Talvez nem quarenta.

Pigarreia novamente:

— Bem, Neno. Você já deve andar farto de subir e descer rua, não é? Quer ficar trabalhando comigo? Lhe dou sessenta mil réis por mês.

Neno abre muito os olhos, a boca começa a querer dizer uma porção de coisa, mas a lingua é de pedra. Sente-se sufocado. Caixeiro! Sessenta mil réis! A mãe vai morrer de alegria.

Seu Marinho nota o embaraço do menino. Faz um rosto muito sério, acrescenta:

— Vá, vá, fale com sua mãe. Se ela aprovar, pode começar amanhã logo. E é para me chegar aqui às sete horas, ouviu? Ás sete em ponto!

Varre o cimento com força. A poeira brinca nas résteas de sol que caem do telhado, amontoa-se nos armários altos e antigos. A vassoura é incansavel. Vai até debaixo dos balcões, volta trazendo uma infinidade de pequenas coisas — arame, carretéis, pregos. Os papéis ainda novos não os joga fora — ouvira bem a recomendação de seu Marinho:

— Papel tambem custa dinheiro, menino.

Enrola-os com cuidado e guarda-os. Depois, com um pano molhado, sai a limpar as prateleiras, esfregando com força as nódoas de tinta e de óleo.

Terminada a limpeza diária do Boa Esperança, Neno lava as mãos, arregaça as mangas curtas da camisa de zuarte, abre as outras portas ainda fechadas do armazem, vem para trás do balcão desembaraçar o emaranhado de cordões e barbantes, restos dos embrulhos de lixa e pregos que o caminhão trouxe da capital.

Manhã cedo, poucos são os fregueses. Alguns meninos que veem encher de querosene as garrafas bojudas, negrinhas de vestidos sujos que compram creolina e manteiga.

Com poucos dias de trabalho, Neno já aprendeu todos os mistérios do armazem — sabe do lugar certo de todas as coisas, do preço de tudo.

Apenas tropeça, de vez em quando, no nome de alguma mercadoria, indecisão que seu Marinho conserta, apontando com o dedo, nas prateleiras entulhadas, o lugar exato:

— Alí, seu Neno.

E enquanto sobe na velha escada de degraus gastos, Neno aproveita para ir tomando conhecimento de certas caixinhas vermelhas que ainda não sabe o que guardam, de alguns embrulhinhos virgens e misteriosos que ele supeita levemente serem de cola em barras, das finas. Decora os nomes, as duas ou três letras que escondem o custo e o preço atual de tudo: do pincel, do quilo de prego, da enxada inglesa, da tinta em pó, da goiabada em lata ou da terebentina. Já sabe salteado o código, toda a conversa muda e difícil da palavra "Pernambuco". Sabe, por exemplo, que Po quer dizer 10$000, que Mmo vale 5$500. E para ele é um motivo de grande orgulho saber dos mistérios da casa, como o próprio patrão. Ainda tem nos ouvidos felizes a advertência de seu Marinho:

— Veja bem, rapaz. Isto não pode passar, a outro, hein? E' somente para uso interno, ouviu?

Passar a outro? Nunca! Somente para uso da casa e a casa era algo sagrado, algo que pedia respeito e proteção. A casa não era somente seu Marinho, não era somente ele. Eram tambem aquelas prateleiras mais velhas do que ele e o patrão, cheias de mercadoria, era o depósito entupido de caixões vazios, a placa de cobre pregada na frente, o velho toldo de lona que ele descia nos dias de chuva. E eram tambem os fregueses — sim! principalmente os fregueses. Alí dentro, ele era somente um pequeno soldado, senhor e responsavel pela limpeza dos armários, pela alegria dos fregueses, pela ordem do balcão. Enchia-se de orgulho quando seu Marinho orientava um freguês, apontando para ele:

— O senhor tenha a bondade de falar alí com o nosso auxiliar. Ele mostrará o que o senhor deseja.

E ele mostrava. Chamava a atenção do freguês vacilante para a marca estrangeira. Às vezes era qualquer coisa de pouco uso. Não se importava. E outras vezes tinha até de subir a escada, ir lá em cima do armário, remexer embrulhos até encontrar o artigo pedido. Alegrava-se com isto. E lá de cima olhava vitorioso o freguês, descia rápido, estendia no balcão a coisa pedida, a mercadoria que ele encontrara, que ele ia vender!

Seu Marinho, quando não tem o que fazer, senta-se na secretária e fica acompanhando a atividade de Neno. E' um sobe e desce apressados, sem descanso, durante o dia inteiro. O negociante velho gosta de ver isto. O menino é a sua própria imagem há já não sabe quantos anos atrás, quando era simples caixeirinho do Oriente, no Riachão. Às vezes se perde numa contemplação mais demorada, deixando que um sorriso satisfeito cresça nos lábios secos e manchados de sarro. Neno, de vez em quando, surpreende o patrão nessa atitude, com os olhos em cima dele. Fica meio embaraçado, tosse sem vontade, arranjava qualquer coisa para fazer longe da vista de seu Marinho. Se não fosse aquele riso alegrando o rosto, era capaz de pensar que seu Marinho pegara-o em qualquer falta. Nos primeiros dias fora mesmo este seu pensamento. Mas procurava o desleixo, a culpa e não encontrava nada. Até que uma tarde, ele já ia fechar as portas do armazem, seu Marinho chamou-o e pediu notícias de sua mãe. Era coisa que não acontecia sempre, que só acontecia quando o patrão queria começar outra conversa diferente. Ele respondeu que a mãe ia bem, mas ficou esperando que seu Marinho falasse mais. E o patrão falou, pigarreando:

— Você sabe que eu tambem já fui caixeiro, não sabe?

Neno balançou a cabeça: sabia.

— Fui caixeiro no Riachão. E aquí mesmo tambem. Tinha menos de sua idade...

Põe os olhos sem brilho no menino confuso:

— Que idade você tem?

— Quatorze anos.

— Pois é. Eu tinha doze anos. E era o seu retrato, sempre fui magro.

Depois muda o rosto, pigarreia mais profundamente. Fica sério como se fosse passar uma repreensão:

— Apenas um pouquinho mais trabalhador, ouviu? Um pouquinho mais.

Neno baixa a cabeça, atrapalhado. Seu Marinho levanta-se:

— Bem, vamos embora. Pode fechar.

Pega o paletó de alpaca, veste-o e sai a caminho da porta. Mas antes de passar para a rua, volta-se para Neno:

— Olhe, para o mês você vai ficar ganhando mais dez mil réis, entendeu?

E desaparece.

Neno fica meio atônito, sem compreender. O menino rosado, no reclame do sabonete Dorlí, ri para ele. E ele tambem ri.

PAIXÃO DE BRUTO

Jayme Sisnando

Zé Guaribas era o violeiro mais cotado daquelas redondezas. Sempre contente, de uma alegria comunicativa, parecia um canário português, a cantar sempre extasiado ante os esplendores da natureza brasileira cheia de encantos, de luz.

Na viola, ninguem era capaz de imitá-lo. As cordas pareciam estar cheias das vibrações de sua alma sentimental. Tinham um tom magoado, um quê indefinido que quebrantava a alma da gente, enchendo-a de nostalgia, despertando saudades, acordando uma tristeza boa, sonhos esquecidos. Um misto de ternura que nos empolgava e nos consumia, dando-nos um sentimento de ventura e desventura ao mesmo tempo e um desejo doido de sermos felizes. Aquela dolência das valsas melancólicas, mas queridas, que parecem nos transportar ao céu...

Aboios tristonhos, serões de alegres farinhadas, vaquejadas loucas, desfiladas de vaqueiros, rumores dágua, gemer de moendas, sussurros apaixonados, tudo pareciam lembrar aqueles dedos mágicos, pulando nas cordas ou parecendo acariciá-las, como os cabelos macios da mulher amada...

Por isso, era convidado para todas as farras, balandraus, arrastapés de casamento ou batizado que por alí houvesse. A sua presença num festim era motivo de orgulho para o dono da casa. Os mais ricos fazendeiros sentiam prazer em ter como amigo ao risonho e honrado sertanejo. As morenas mais sedutoras, de lábios rubros de pitanga e de olhos negros que nem lagos ensombrados em noite escura, viviam, com a alma mais impetuosa que potro virgem de sela, tentando açambarcá-lo, enleá-lo nos seus braços roliços, feitos para as carícias de um amor mais quente que amendoim torrado vendido em fogareiro...

Mas — diabo! — ele somente tinha olhos era para a Maria dos Anjos, aquela caboclinha faceira, de formas rebolantes, verdadeiro pedaço de tentação e descontrolar a rapaziada basbaque do lugarejo.

Quando ela passava por qualquer parte, seu corpo deixava atrás de si um cheiro de mato selvagem, que entontecia os matutos, virgens, os atraia, esquentando-lhes o sangue. Mas em vão eles procuravam conquistar o amor da sertaneja.

Diziam à boca pequena que ela tinha uma paixão roxa mas era pelo Chico da Tia Rosa, aquela gralha rabugenta, mexeriqueira, o maior pasquim-falado do vilório. Afirmavam até que a dos Anjos tinha relações ilicitas com o dito cujo e, se ainda não estava grávida, era porque o sujeito não prestava...

O Guaribas, quando lhe falavam nessas coisas, não lhes dava crédito. Achava que eram ciumes, despeitos da cabroeira. E na sua ilusão julgava a pequena mais pura que um querubim que descesse à terra, de repente...

Naquela noite, a casa do Fulgêncio regurgitava de convidados. O negro, a impar de alegria, a mostrar ainda mais o roxo das gengivas e a alvura da dentuça, reunira todos os conhecidos, para festejarem o acontecimento.

O Guaribas, rodeado das embatucantes morenas de cadeiras largas e seios firmes, acompanhava uma modinha na sua viola, enquanto elas deixavam cair sobre ele o mel do seu olhar apaixonado.

Homens cruzavam a sala em todas as direções, arrastando as alpercatas no chão aguado, enquanto outros conversavam, em grupos, discutindo o preço da cachaça, a alta do algodão. Alguns ainda falavam sobre o cangaceiro que, há semanas, roubara uma donzela branca, de família rica e fina, embrenhando-se com ela para sempre no sertão bruto. Achavam que se devia formar um bando de sertanejos destemidos e ir caçar a fera onde quer que estivesse. Ato contínuo esfolariam o bandido vivo, após uma surra de arrancar couro e cabelo.

De repente, todos os olhares convergiram, maliciosos, para duas pessoas que entravam. Eram o Chico da Tia Rosa e a Maria dos Anjos. Eles palestravam animadamente, de braços dados, semiabraçados.

(Conclue no fim do ANUARIO)

AS TRÊS IRMÃS

(trecho do romance de "Os Dantes de Anápolis" a sair)

Paulo Dantas

A noite se estendia, imensa, pelos campos. O ermo dormia mergulhado na paz acalentadora da natureza.

Octacília abriu, lívida, a janela do seu quarto. Debruçou-se no peitoril e olhou a noite enorme cercando tudo. A moenda do engenho, silhuetada contra a luz frouxa do quarto crescente, era uma coisa parada, inativa. Pela vasta extensão do campo figuras moveis de bois espalhavam-se enchendo a noite de movimentos e de gestos. O gado a pastar era a única coisa movel naqueles ermos onde até as próprias árvores tinham medo de mexer os galhos. Tudo em "Curral Novo" era assim, morto e quedo, como se o silêncio e a tristeza dos túmulos abandonados viessem pairar sobre as ruinas da velha fazenda.

O quarto crescente perdia em vão o seu tempo tentando iluminar o abandono de "Curral Novo".

A velazinha espetada na garrafa clareava a escuridão do aposento. Nossa Senhora da Conceição, dentro do nicho, sorria numa esperança boa. Octacilia fechou a janela e dirigiu-se morosamente para o oratório. Havia pedaços de lágrimas nos seus olhos, pedaços de lágrimas fortes que não se quebraram de todo com o apertar das pestanas negras e bonitas da moça sertaneja.

A noite tinha feito daquela substância aguada qualquer coisa de inquebravel. Nossa Senhora da Conceição, coberta por um lindo manto azulado, salpicado de estrelinhas, punha os olhos meigos na dor oculta de Octacília.

"Até quando, até quando meu Deus, poderei suportar a solidão dessa vida".

O grito saiu, espontâneo, do peito moço. As lágrimas, mais abundantes agora, deslizavam suavemente pelo rosto pálido. Octacília diante da imagem da santa e no silêncio opressor do quarto, desabafara, enfim, a sua dor escondida.

Ana se mexeu na cama num gesto de vida. Viu a irmã mais velha chorando e indagou:

"Tacília, está sentindo alguma coisa?"

Ela não respondeu à pergunta de Ana, mas o seu silêncio e as lágrimas nos olhos diziam muito da angústia que lhe ia n'alma. O silêncio valia por uma resposta dolorosa.

Octacília ao lado de Ana, juntinhas, uniram as suas dores numa só dor. Ambas sofriam do mesmo mal: a solidão do engênho onde viviam. Eram moças feitas e precisavam de casamento. Só por esse meio Octacília e Ana poderiam fugir à monotonia daquela vida.

Antônia, a irmã mais nova, que depois de muitos anos viria a ser simplesmente a minha tia Donana, dormia o seu sonozinho de treze anos.

Era ainda muito nova, criança mesmo, para compreender o drama de suas duas irmãs mais velhas. Mas, algum dia ela cresceria, ficaria moça e sonharia tambem.

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

"Impossivel evitar o romance"

Jenny Pimentel de Borba

Muito dificil à Aleluia saber, exatamente o que faria no dia seguinte. Claro que de véspera marcava o que "desejaria" fazer. Anotava tais caprichos num grosso e anti-estético livro de notas que estou evitando confessar tratar-se prosaicamente de uma agenda, uma horrivel e deselegante agenda comercial.

Aleluia, moça complicada, fina cuja extravagante simplicidade às vezes até confundia seus adoradores — que não atinavam direito com a sua bizarria — poderia permitir, dado os seus meneios de criança e as suas atitudes capciosas, tanto os mais temerários pensamentos quanto a mais doce complacência dos psicólogos do bem e da ternura, apenas. Os outros, aqueles que rebuscam maldades somente, encontrariam apenas o lado original de Aleluia para a censurar, criticar e... desejar.

Aleluia, exquisita até no nome, possuia à gaveta da escrivaninha uma grossa agenda para as suas anotações. Pois uma mulher exuberante assim não poderia se contentar, apenas, com "blok-notes" minúsculos, próprios de que nada tema anotar.

Aleluia, necessitava, bem o reconhecia, de um livro ainda maior, assim como esse de cartório, para ir marcando seus compromissos, suas resoluções, seus convites recebidos. Não que fosse figura requestadissima dos meios mundanos e artisticos mas...

É justamente isso que se me torna dificil explicar...

O "mas" era um mundo de complicações na vida de Aleluia. Um caos, um perfeito e irremediavel buraco.

Um buraco, sim, senhores. Pois Aleluia gostava muito dos clássicos-curioso! — para tê-los semi-nua, em maillot ou em transparentes e carioquissimos "peignoirs" e adorava a jiria para o maior encanto dos bailes e das festas das grã-finas... Imagine-se uma reunião elegante no Rio-de-Janeiro sem o sabor, o picante e temperamental gosto de certas palavras vulgares que até parecem mais lindas dado o sentido dúbio aplicavel às ruas e aos tapetes.

Uma feita alguem lhe sussurrara — muito digno na sua casaca e envergando novo em folha um belissimo cargo público — depois de uma fenomenal declaração de ciume:

— Sabes, Aleluia? estou abafado! Vivo abafadissimo!...

— ...Por que, hein?! — indagaram.

E o jovem ficou a olhar, pateta, para Aleluia. Imaginou-a ventriloqua. Os lábios da moça permaneciam cerrados, bem cerrados, e somente os grandes olhos, algo repuxados, que os cabelos ainda mais esticavam nas têmporas, pareciam denunciar uma grande surpresa e contrariedade.

Não houve tempo de explicações. Logo o rapaz apercebeu-se ter sido outra pessoa que lhe falara, a sua quase noiva, a insistir ingênua:

— Por que, hein?...

— É... — riu verde. – Estou abafado neste salão.

E sairam.

Mas voltemos à Aleluia.

Pouco lhe adiantaria comprar um enorme caderno de notas. Raramente realizava os intentos marcados. Por uma questão de mera delicadeza, logo cedo consultava a vulgarissima agenda para ver o que teria de fazer ou de não fazer; quase sempre riscava ou alterava os planos: "comprar cremes de beleza"... tolice! vamos deixar a pele descansar... "e perfumes novos..."; conferência de... Não vou. É o poeta mais imbecil... Mas ele não é poeta! Por isso mesmo! Onde já se viu uma criatura prática fazer conferências hoje em dia?!... Só de poeta! E se nem isso ele é!... "cock-tail na Embaixada"... "Bem, talvez vá só para mais uma vez me distrair a pensar como que é um país tão pobre assim se dá ao luxo de uma embaixada tão rica. "Compras diversas; músicas fúnebres e de pancadaria, estilo Rachmaninoff e Wagner; estudar piano toda a manhã"...

Bem — riscou tudo, tudo. E começou a escovar os cabelos, certa de que aproveitaria essa manhã, disponivel, para uma massagem revigoradora e embelezadora. E à tarde não iria à Embaixada. E, cabeça bem abaixada, friccionando fortemente o couro cabeludo, começou a ouvir uma música sutilissima dos cabelos secos, cantando. Era bonito!... Fez força para ouvir melhor e aí não ouviu nada. Largou a escova. E se foi para o piano tocar um samba. Teve pena de Chopin, abandonado, é o cúmulo! Começou um "Impromptu", e sentindo um calorzinho gostoso, embora a manhã, lá fora, fosse furiosamente ardente, resolveu mentalmente que seu concerto seria, impreterivelmente, na metade do ano.

Os dedos corriam diabolicamente ageis não obstante o pensamento de Aleluia já estivesse bem longe do teclado. Deu um murro forte, violento, mal educado na enorme dentuça do instrumento que sorria um sorriso tétrico, magoado.

Aleluia curvou-se; beijou as teclas, dizendo como se acariciasse um amante:

— Tadinho. Tadinho do negucho.

E gostou daquele contato. E gostou muito. Lembravam-lhe caricias de dente de verdade.

Olhou-se a um espelho rosco, sobre o piano de cauda e foi o mesmo que si consultasse um livro de anotações introspectivas: Nada! Ninguem! Não tinha amores! Riscara todos os nomes dos namorados e o que era greve apagara-os da sensibilidade. Se fosse da agenda isso nada significaria. Limparia com a borracha, escreveria novamente com muito amor ou forçado afeto.

Estava só. Absolutamente só. E somente agora o percebia.

Os demais viventes de sua casa, não n'a interessavam. O que lhe valia era o seu mundo imaginário fazendo da cabeça boca de palco onde uma infinidade de titeres surgiam e desapareciam, a seu bel-prazer.

"Carlos?... Ah!... é verdade: Carlos — e sorriu.

— Bem — resolveu — já que desisto de realizar, brevemente, o meu concerto saiamos e vamos falar nele, tratar do programa com o meu empresário, para compensar este meu tédio, esta minha indecisão.

Telefonou ao empresário. Marcou hora. Saiu.

Ao chegar ao Mourisco, porem, reconheceu: um absurdo! ir falar de músicas, quando se aborrecera somente ao tentar repassá-las. Música! Música! Já não bastam esses malditos rádios espalhados, esparramados, por toda parte a vulgarizar a música, a impingir-nos óperas, quando ainda cabeceamos de sono, pelas manhãs! Há música por toda a parte, por todos os lados, até dentro deste automovel!... Frenética, desligou o rádio do carro e aumentou a velocidade a fim de chegar mais de-pressa ao centro e procurar alguem, espirituoso, fino, que estivesse disposto a conversar. Conversar, sim! Quer coisa mais maravilhosa do que a música da voz?! Como é que uma voz pode causar tantos estremecimentos na gente, mesmo quando não estão adulteradas, para propositadamente nos enlear?... Pois olha: eu gosto da voz! E quem há de dizer que eu gosto justamente da do peixeiro da minha rua, que passa insinuando-se à freguesia, assim, capcioso:

— "An?... Me chamou?... U!U!... Hein?!... Uh!... uh!.., Vou embooooora!..."

E um amor! Uma delicia!... Se eu pudesse compraria todos os peixes dele só para obrigá-lo a vir todos os dias ao meu bairro. Mas... mataria o artista e o seu travesso pregão: "An?... Me chamou?..." — Pra que vir pelas ruas de Copacabana a mercadejar: "Peixe e camarão!... "An?... Já vou!... Uh! uh!..." se sabia que eu por um requinte de cerebral lhe compraria todos os peixes? Não! Até será melhor que ele custe a vendê-los e se demore pela redondeza: "Hein?... Vou embooora..." Bobagem a minha! Pra que gostar tanto da voz, assim? Nem que eu fosse declamadora, cantora, e estivesse disposta a iniciar, capciosamente, a propaganda do meu próprio timbre. Ah!... Por falar nisso! Já não irei ao cabelereiro, hoje, e sim procurar o Lucas Lorena que gosta tanto de me ouvir papaguear. A estas horas ele deve estar no atelier, pintando uma barbaridade qualquer.

E agora deixemos de cantarolar "Che gélida manina!"... Já estou sentindo dor no nariz, na garganta! Engraçado! E estou cantando por dentro.

Foi. O pintor milionário que ao se sentir enojado de terra e dos seus fans, — dele, pintor — possuia um avião para se ir acalmar rente às nuvens, estava num desses seus dias...

Bem. Isso é lá com ele.

Um ex-deputado seu amigo, que se orgulhava da intimidade com o artista, entre sorrisos ambiguos para envaidecer a Lucas Lorena, comentou, quando acabaram de anunciar a chegada de Aleluia;

— Aproveita, homem! Ela se atira!... Vou-me embora para não atrapalhar.

Todavia ficou. Mais meia hora ainda. A saida, muito maneiroso e melifluo, pediu na ante-sala, desculpas à Aleluia por haver demorado. Lamentava muito, mas ela bem sabia o que eram negócios!

Sorriram.

Aleluia detestava os ademanes de hipócrita do ex-parlamentar, com perfil de bruxa, vestido à moda dos galãs de vinte anos. E o velhote atravessou a saleta, convicto de que nesse dia não soubera dissimular direito. Pois para que se desculpar diante de uma moça... "Moça, ah!..." — que o rejeitara tão desabridamente, há tempos?... Aquele agrado o condenara, o traíra. Gostava ainda de Aleluia, não obstante, por trás, dizer a toda gente que a concertista o perseguia, o amava, o aborrecia...

Aleluia entrou no gabinete do pintor. Estudio muito bem encerado. Moveis elegantes. E sob os cavaletes, com trabalhos começados e a tinta a secar um pouco, pedaços de jornal, a fim de não manchar, nem por hipótese, os belos tapetes e o assoalho.

— E então, Aleluia? Já marcou o dia do concerto? Está afiada? Garanto que me vem dizer que você já tem trinta músicas extras para os escandalosos bis dos seus namorados e apaixonados.

— Não, Lucas Lorena. Vim somente para conversar. Tambem a vida não pode ser apenas estudos e depois se contar vantagens. Hoje quero fingir que sou uma gentil dama a visitar um amigo querido, um esplêndido contador de mentiras, de potins. Sejamos mais patriotas, mais cariocas: de "bolas"! Estou com saudades das suas perfidias, Da Lorena!

— Ora, Aleluia! Sinto-me vexado

— Está bem. Desculpe-me. E acredite em mim: tive vontade de vê-lo. De conversar consigo hoje e vim mesmo. E nisto é que está a novidade. Pois você bem sabe que eu raramente faço, ou cumpro, aquilo que eu queria momentos antes. Prefiro sempre o imprevisto, que me causa um prazer de ingênua maldade.

— Sabe, Aleluia?... Tinha um grande desejo de fazer um novo retrato seu. Mas um trabalho que mostrasse a Aleluia que bem pouca gente conhece.

— E por que não o faz?

— Não, Aleluia! Bem sabe a intimidade que se estabelece entre modelos e artistas e eu não quero isso.

— Por que?!

— Tenho medo de ti!

— Medo de mim?! Ora, ora! Deixe-se de cerebralismos, Lorena! Quem te ouvisse dizer isso poderia imaginar...

— Lembra-se, Aleluia, que eu evitei o mais possivel que você posasse, não foi? alegando que sendo minha pintura um tanto subjetiva, quase não fazia questão das poses demoradas, pois o que me interessava mais, sempre, era a impressão, o vulto, o carater, e não o detalhe demasiado rebuscado, nessa procura que permite grandes

obras mas telas frias paradas! Seulement recherches! Seulement recherches!... Em parte era verdade, mas a minha desculpa artistica escondia o pressentimento de um grande, um ridiculo medo de você!... E não quero que você venha posar aqui.

— Você, então, pintará em minha casa, rodeado de mais gente possivel!... Ora, Lorena! Não seja egoista! Não me prive do prazer de vê-lo trabalhar! Bem sabe que eu não faço questão do meu retrato. O que eu adoro é vê-lo maltratar as telas, amassar as tintas e criar nuances sobre a madeira da palheta para depois levá-las ao quadro!... Para mim é um espetáculo, palavra! Tão excitante como me foi o "ballet Russo"!...

— Não, Aleluia. Aqui não pode ser uma vez que teriamos de ficar sós durante muito tempo..

— Mas quantas vezes temos ficado juntos a palestrar...

— É diferente. Quando pinto ou me preparo mentalmente para pintar saio de mim mesmo fico rondando, ou talvez seja o contrário: entro completamente para dentro, para as profundezas de mim mesmo e... sou um homem desarmado porque perco a noção ambiente... em tua casa não quero. Não gosto de trabalhar perto dos outros, logo...

— Logo, não pintará mais diante de mim! Mas por que?!!! Só para esconder essa "fuga", para dentro de si mesmo?

— Tu és um perigo, Aleluia!

— Eu?!!! — perguntou sinceramente estupefata, talvez a primeira vez na vida que era absolutamente verdadeira.

— Você! Você, sim! Uma mulher como você, Aleluia, é um precipicio na vida de um homem da minha categoria.

Aleluia fora ali apenas para conversar, para se deliciar um pouco com o humorismo do artista e aviador milionário. Sabia, naturalmente, que sendo jovem e bonita deveria causar algum prazer a Lucas Lorena. Talvez até flirtassem algumas vezes. Mas tudo tão colegialmente, tão inocentemente! embora a diferença de idades e de situações.

E Aleluia gostava dele, justamente por isso. Era um gentleman. Não desses cavalheiros que engolem algumas pilulas de elegância britânica, parecendo mais bonecos de engonço de tão artificiais e como que engasgados pela régua de disciplina inglesa. Mas um cavalheiro que fosse tambem revestido por dentro de um estofo que lhe abrandasse as iras, lhe disfarçasse a ironia. E Aleluia seria até capaz de jurar ser Lucas Lorena homem incapaz de maledicências, de cismar pensamentos temerários. Homem que compreendia bem o grau de sua admiração e amizade. Pequenina em começo mas enfim, amizade, uma vez que entre um homem e uma mulher só servem para definir as relações, palavras frias ou contundentes como: indiferença, pouco caso, desprezo, amizade, amor, paixão, desvario, loucura!

Ora! Entre Aleluia e Lucas Lorena que poderia haver? Admiração. Admiração de artistas e de estetas, apenas? Não. Algo mais.

E por esse algo mais que Aleluia o fôra visitar em seu atelier.

E estava estupefata:

— Mas por que?!!!...

— Tenho medo de te querer bem! Tenho pavor de vir a gostar de você, Aleluia! Você não é dessas mulheres para um dia, para uma aventura apenas. Com você impossivel evitar o romance. Fica! Ficaria enraizada nos pensamentos, na emotividade de alguem! As mulheres que são apenas carne, beleza, sedução, capricho passam. A gente as esquece sem nem mesmo sentir a delicia de as haver esquecido. Mas você! Você!...

Os olhos de Aleluia continuavam fixos nos de Lucas Lorena e muito embora julgasse não dever escutar aquelas palavras, morreria de curiosidade, de mágoa, caso o artista se resolvesse a silenciar.

Aquilo ofendia-a mas já não adiantavam escrupulos seus, mentais, quando Lucas Lorena estava cismando e somente o fato de ele as haver concebido parecia-lhe a Aleluia que se desnudava algo mais sagrado que o seu corpo ou a sua modéstia de mulher.

— Eu?!!! — insistiu a pianista a fim de mostrar seu espanto e seu interesse.

— Tu! Tu, sim! Aleluia, Serias uma tragédia, um abismo, na minha vida! — e referia-se-lhe na segunda pessoa para maior ênfase e maior lirismo.

— Mas... Não compreendo! Juro que não percebo, Lorena!

— E isto: eu te evito, Aleluia, a fim de... como direi?... fugindo de amar-te, de fazer-te minha, entendeu?...

— E ai? — pediu a moça, disfarçando o vexame.

— E ai?!!! Não seria uma emoção efêmera, fugaz, minha querida! Viriam os meus zelos, o ciume, o desejo da exclusividade...

Aleluia estava afrontada. Mas para que o negar? Deslumbrada! Jamais supusera semelhante situação. Nunca sonhara — ela que tanto amavam os imprevistos — uma conversa ou melhor, confissões de tal natureza! Sentia-se envergonhada, conturbadissima. Pois em bom brasileiro ela traduzia assim:

"Vieste te oferecer, garota. Mas eu passo! Não quero saber de complicações, eu um homem rico, famoso, insinuante, que desperto a admiração e o desejo das mulheres pelos reflexos do meu renome de artista e as minhas glórias de aviador!"

"Absurdo! — contrariara Aleluia o próprio raciocinio — Lorena jamais pensaria isso. E em tão mau português! Ele é um gentleman!"

E enquanto Lucas Lorena falava, Aleluia não podia deixar de raciocinar:

"Quer dizer que ele malicia as minhas visitas, que ele toma como... (Nossa Senhora! Como se é vaidoso! Como "ele" póde pensar isso!... E... me bota pra fora. Credo!) Mas é uma pena! Gosto de ouvir-lhe a voz. Nunca lho disse e talvez nunca mais tenha coragem de o confessar..."

E Aleluia que ali fora, exclusivamente, pelo prazer de ver um artista trabalhar, ou ouvir as suas hitórias sobre a vida dos grandes mes-

(Conclue no fim do ANUARIO)

VIDAS PERDIDAS

José Mesquita

I

Lúcio conhecera Paulina numa circunstância desagradavel e quase trágica. Andando um dia a passear pelo bairro onde ela morava, fora atropelado por um caminhão e os gritos que dera atraíram os moradores da rua, gente do povo, em grande parte operários italianos. Era costume seu sair cedo, indo às vezes até o jardim da Luz, onde ficava gozando a fresca matinal, a ler os jornais, sentado a um dos bancos perto do lago.

Naquela manhã, como estivesse frio o tempo, não lhe aprouve a companhia habitual das árvores do jardim e deu de andar, para agitar o corpo, e aquecer-se. Atravessou o largo da Estação, costeou o Seminário, o Quartel e tomou pela avenida Tiradentes... Chegando, porem, à esquina da rua S. Caetano, veio-lhe um desejo de por ali seguir, apreciando de passagem o movimento do bairro operário. E por ele ia, todo distraído, a pensar nas lições do dia, quando, numa intersecção de rua, num trecho mais movimentado, apanhou-o aquele caminhão, num desastre em que entrou por mais o susto do imprevisto. Ferira-se, é verdade, ao cair de borco, mas, por felicidade inaudita, o carro lhe não esmagara membro algum do corpo, pois apenas a róda lhe causara escoriações na perna direita.

O caso, entretanto, alarmara a rua.

Lúcio, ao dar por si depois do acontecido, viu ao seu lado, destacando-se do grupo que se formara e discutia o fato, um operário espadaudo e vermelho, que lhe oferecia a casa para descansar um pouco, até que passasse o bonde. A casa era perto e o convite foi aceito sem a menor relutância. O moço precisava recompor as suas roupas e procurar outro chapéu com que voltasse, que o seu ficara em pedaços sob a roda do veículo. Aceitou o convite e o braço do homem e lá se foram rumo à casinha acolhedora do italiano. Era um pardieiro antes que uma casa, imundo, escuro, sem higiene de espécie alguma.

Naquela hora, porem, pareceu-lhe o mais confortavel hotel da cidade, tanto é exato que a ocasião, a oportunidade é que faz as nossas

impressões. Fizeram-no sentar-se em uma cadeira e lhe trouxeram um copo de **Chianti** para o reconfortar. Só então, já passado o pavor do risco que correra, Lúcio teve olhos para os que os cercavam e palavras com que lhes agradecesse o carinho espontâneo. Perguntou o nome do seu generoso hospedeiro, que lhe disse ser "Biagio, napolitano, para o servir". Quanto à família não custou ao rapaz ficar sabendo ser composta da mulher, Margarida, gorda e avelhantada, de olhos empapuçados e vermelhos e fartos quadris, e de duas filhas, Laura e Paulina, aquela moça feita e esta meninota ainda, mas muito desenvolvida e viçosa para os 14 anos que tinha.

A afabilidade de Lúcio ganhou-lhes em poucos minutos a confiança, de maneira que ao sair, não lhe era estranho nenhum ponto da vida íntima daquela gente. Assim é que soube ser Laura chapeleira na rua de S. Bento e noiva de um primo, empregado na **Mariangela**, que só esperava um aumento de salário para casar com ela. Enquanto a Paulina estava na

fábrica, mas só de tarde, pois pela manhã ajudava a mãe nos serviços caseiros. Entrementes que falavam, atentamente o moço as examinava, como velho conhecedor de belezas femininas. A mais velha era alta, clara, traços vulgares, uns olhinhos castanhos e piscos, o rosto sardento e sem expressão mais do que aquela que a idade empresta a todas as mulheres novas, como esse viço e colorido que teem todas as flores pela manhã... A atenção de Lúcio fixou-se desde logo em Paulina, cujo tipo moreno, de feições delicadas, olhos negros e profundos, lhe agradou à primeira vista. Era o seu tipo de mulher. Baixinha e gorducha, mãos e pés pequenos, fala lenta meio arrastada, olhares longos como beijos, a filha menor de Biagio revelava nos minimos gestos e expressões, descender de uma raça apurada por longos séculos de amor e sentimento artistico. No esplendor radioso daquela puberdade que desabrochava havia um não sei que de casto, de selvagem, de arisco, misturado a uma grande dose de animalidade passiva e terna, que desnorteava e não permitia formar-se um juizo acerca do que seria aquela criatura na intimidade. E Lúcio foi com sincero pesar que se despediu da boa gente, não tanto pela gratidão do bem que lhe fizera, como pelo prazer que lhe causara a vista de Paulina. No intimo, jurava que de novo as procuraria e chegava a bendizer o atropelamento, de que antes tanto receio lhe viera, mas do qual agora a sua boa estrela o fazia tirar motivos de satisfação. Tão fracos, miseraveis somos nós que o virus envenenado do egoismo e da concupiscência se mistura a todas as nossas mais puras comoções e nem nos deixa muitas vezes gozar o beneficio passado, sem procurar auferir dele melhores consequências no futuro.

II

Dali a três dias, sob o pretesto de reiterar-lhes a sua gratidão e pô-los a par do seu completo restabelecimento, Lucio voltou á casa do operário. Envergava o seu leve trajo de verão, chapéu chile, bengalinha de junco (um verdadeiro pelintra), com a preocupação de atrair a atenção e agradar as vistas de Paulina. De caminho, antes de dobrar a esquina, encontrou Laura, que seguia para a oficina. Cumprimentou-a, muito amavel e perguntou-lhe do pai. Saira, fora ver um patricio chegado da Italia... Mas disse-lhe que fosse, que a mãe e Paulina estavam em casa e gostariam de vê-lo. Despediu-se, risonha, e seguiu, ao tempo em que Lúcio, com o coração aos saltos, viu assomar à porta a pequena que fora a sua preocupação desses três longos dias. Vendo-a sozinha, à porta, pareceu-lhe melhor fingir um encontro casual, através do qual ela percebesse a sua intenção de procurá-la e o interesse que lhe despertara a sua pessoa. Mas, pensou, enquanto se aproximava a mãe ou o pai os surpreendem conversando? Vinha um bonde cheio em direção à Luz, e bem podia conduzir algum passageiro conhecido. E que pensaria dele, vendo-o ali parado com aquela rapariga do povo? Por outro lado, não tinha dito a Laura que ia à casa deles e não perguntara do pai? Nada de levantar suspeitas acerca de suas intenções, que com serem menos dignas, necessitavam mascarar-se para lograr o êxito almejado. Nessa indecisão muito própria do seu carater tímido e vacilante, que lhe não consentia nunca fazer o que queria, pela simples razão de não saber querer, Lúcio decidiu-se a pedir licença e entrar. Posto que a idéia lhe estivesse antes em ficar à porta conversando com a gentil moçoila, na execução ele fazia justamente o contrário do que desejava. Pertencia o nosso herói à categoria de homens que perdem o bem pelo receio do mal que se lhe siga, ajustando-se-lhe aquele expressivo conceito de Maupassant: **combien de gens ratent leur vie par nonchalance?** Entrando, veio-lhe ao encontro a velha, que manifestou, em vivas frases e gesticulação ainda mais expressiva, o gosto de vê-lo e o pesar que teria o seu marido diante desse desencontro. Ele ali esteve cerca de uma hora, numa amavel palestra, na qual Paulina, tomava parte, embora discretamente. Ao sair, apertou-lhe a mão, comovido, procurando dar certa expressão à despedida. No dia seguinte, fingiu um encontro todo de acaso à hora que ela saia da fábrica. Parando algum tempo à esquina, ele perguntou-lhe polidamente pela familia e ofereceu-se para acompanhá-la, cobrindo-a com o seu guarda-chuva (garoava forte), mas a menina com um sorriso muito afavel, recusou. Cerca de dois meses andou assim, espreitando ocasiões de falar-lhe a sós, de penetrar na sua apetecida intimidade. Não achava, porem, uma brecha que a tanto o autorizasse e sentia-se perto dela confuso, trapalhão, nervoso, como um colegial ante a primeira namorada. Em casa, fazia planos, sorria-se de si mesmo, da sua timidez, dessa pieguice sentimental que lhe vinha junto de Paulina. Que era ela, afinal? Uma operariazinha pobre, da mais baixa classe, que deveria sentir-se honrada até com

a preferência. Propunha-se todo um programa de audácia, todo um plano estratégico de conquista. Era bastante vê-la, meiga, meio ingênua, mixto de pudor e confiança, para que se lhe fossem por água abaixo tão belos projetos...

Assim corriam as coisas até que um dia a ocasião ofereceu-se-lhe propicia para abrir a alma a Paulina, como tanto desejava. Foi o caso que indo procurá-la, como de costume, à hora de passar para a fábrica e não a vendo na turma de suas amigas, deu de andar, S. Caetano a fora, até a casa do operário. Bateu e, ninguem acudindo, como a porta estivesse semicerrada, empurrou-a e penetrou no interior do predio silencioso. A sala e a varandinha que se lhe seguia estavam desertas, como facil lhe foi verificar a uma ligeira inspeção visual. Pôs-se a chamar, primeiro em voz baixa, depois mais forte, sem que fosse atendido. Ao cabo de longos instantes de dolorosa hesitação, dispunha-se a sair, julgando a casa despovoada dos seus moradores, quando ouviu claramente a voz de Paulina cantando, à surdina, a deliciosa conçoneta napolitana então muito em voga **Torna Sorriento,** que começa por estas palavras:

Vede il mare comme é bello...

Lúcio teve um sobressalto extraordinário, como o de quem é surpreendido no momento da prática de um crime... O pensamento de que ela poderia estar só acudiu-lhe ao espirito, não com o prazer que se calcula, ao cabo de um longo e arriscado esperar, mas sim como a noção angustiosa de um perigo que se aproxima. Ainda assim, trêmulo, numa expectativa indefinivel, passou da sala ao compartimento contiguo, disposto a invadir a casa toda, se preciso fosse, para encontrá-la. Não o foi, porém, que ela pelo rumor dos passos, percebera alguem e viera-lhe ao encontro. Ao ver que era Lucio, não pôde conter um gritinho que seria de surpresa ou, quiçá, de satisfação. Acompanhou-o até a sala, onde ficaram conversando, tendo ela lhe contado que a mãe fora levar as costuras, como costumava fazer todos os sabados, dias em que ela ficava só, tomando conta da casa.

Aquela explicação, que poderia ser levada à conta de ingenuidade ou confiança, tomou-a a malicia do moço a titulo de aviso ou insinuação e isso deu-lhe um pouco de coragem que já lhe ia escasseando. Tolo seria se não aproveitasse a ocasião para encaminhar o assunto, fazendo-a pelo menos compreender o seu amor, e procurando descobrir o sentimento da pequena para com ele. Olho-a, porem, e viu-a tão pura, tão simples, tão alheia a tais cogitações, risonha e franca, no seu vestidinho roto, que um avental encobria, os cabelos arrepinhados ao alto da cabeça, descalça, como a realçar, na simpleza do vestuario a sua condição humilde e pobre, que sentiu por Paulina, mais que desejo, uma imensa compaixão. Pareceu-lhe uma torpeza tudo o que antes lhe vinha à mente como coisas naturalissimas, e do seu fundo sentimental levantou-se uma reação a favor da rapariga... O romanesco que vivia em sua alma fazia-lhe ver a probabilidade de uma vida pobre, ao lado daquela criatura, num canto esquecido do mundo, longe da sociedade vil e hipócrita, insulados num ninho de amor e ternura... Imaginou-a retocada pela arte, revestida de ricas roupagens, adornada de joias, decorada, enfim, sua beleza rustica pela moldura brilhante da civilização... Decididamente, nunca se arrependeria bastante se deixasse escapar aquela presa docil que o destino lhe punha no caminho, ao alcance de suas mãos.

Paulina levantou-se e foi até a cozinha ver o jantar... De volta trouxe-lhe, nas mãos, um cacho de uvas brancas apetitosas. O rapaz tomou algumas e pôs-se a trincá-las, com os olhos na sua interlocutora, que lhe perguntava se gostava de frutas...

— Oh! muito! principalmente se me veem numa salva como esta... E, fazendo menção de pegar outras uvas, tomou-lhe as mãos pequeninas, que ela, retraindo-se, muito corada, procurou esconder no avental...

— Você deve ter parentes fidalgos... gente fina... lá pela Italia...

— Seus traços são de fidalga... Veja que mãos delicadas... E que pézinhos de princesa!

Lucio devorava-a com os olhos e sentia-se de tal forma perturbado, que nem sabia como tinha avançado tanto. De súbito, acudiu-lhe o pensamento da possivel chegada da velha ou mesmo de Biagio que, conforme lhe havia contado Paulina, costumava vir em casa merendar. Um calafrio percorreu-o ao pensar que poderiam encontrá-los ali, sós, e fazer dele um juizo desfavoravel, quando, pelo menos por enquanto, lhe convinha deixar a familia de Paulina mantendo a seu respeito a melhor idéia possivel. Se fechassem a porta da rua?... Mas como fazê-lo, ou sequer propor semelhante coisa à menina, sem levantar maiores suspeitas? Mesmo a porta cerrada como que demonstrava a nenhuma intenção má de sua parte. Passara, vira a porta meio aberta, penetrara e ali ficara conversando à espera deles...

— Se você quer mais, eu vou buscar lá dentro...

— Estão tão boas as uvas que fora indelicadeza minha rejeitar...

— Então, espere...

Paulina tornou a entrar e desta vez custou mais a voltar que da primeira. Que estaria fazendo? Se fosse um convite a acompanhá-la até o interior da casa, onde se sentiriam mais seguros? Que deveria fazer? Já se formulara tal pergunta uma dezena de vezes, sem achar-lhe resposta adequada. Talvez o que o comprometia era a preocupação do que devia dizer-lhe... Quando se dispunha a falar-lhe de amor, a fazer-lhe a declaração mil vezes estudada, um aperto, um embaraço horrivel lhe tomava a garganta. Era melhor que lhe fizesse sentir o seu amor por outra forma, agarrando-a, num abraço, ou beijando-a... Falar, em amor, é sempre o mais dificil meio de comunicar-se. As grandes cenas amorosas são mudas, antes ricas de gestos e expressões que de frases insignificativas. Como, todavia, proceder assim com aquela rapariga que lhe parecia tão modesta, tão casta e ignorante de todo o mal? Um semelhante desrespeito poderia por tudo a perder, indispô-la, criar-lhe uma situação insustentavel junto dela. E o escandalo que se daria se Paulina, mesmo pela sua simplicidade relatasse aos pais o acontecido? Nada... O caminho mais longo é ainda o mais seguro e que traz melhores probabilidades de chegar são e salvo ao fim... Paulina, entanto, voltara, risonha, trazendo mais dois cachos de uvas num prato. Foi isto decerto a causa da demora, pensou o rapaz. Diante de minha advertencia, foi procurar uma vasilha e custou-lhe descobrir... Fingiu um amúo.

— Não... Já lhe disse que as uvas eram mais gostosas naquela salva em que vieram as outras...

— Então não quer? perguntou a pequena, num desapontamento e como dispondo-se a voltar com as frutas.

— Quero... Vem cá... Mas você que mas ha de dar... sentar-se ao pé dele, num — Não seja por isso, acrescentou ela, rindo-se e vindo sentar-se ao pé dele, num banquinho tosco de madeira. Estendeu-lhe um cacho de uvas, depondo no chão o prato com o outro cacho.

— Assim não... De uma em uma, e aqui...

Com um gesto indicou-lhe a boca, ao passo que Paulina, fazendo-se cor de lacre, retrucou:

— Oh! Lúcio!

— Que tem? E passe-me o outro cacho para que eu lhe dê da mesma forma...

Paulina sorria, visivelmente contrafeita e numa indecisão a que Lucio, por sua vez não sabia como por termo.

Nesse momento a porta se descerrou e eles viram assomar a figura da velha Margarida que, sem demonstrar surpresa, nem contrariedade, ante a cena que encontrara, acolheu o moço com um sorriso de agrado, dizendo-lhe, em pilheria:

— Viva, sr. Lucio! Com que então sempre apareceu? Ainda ontem Biagio falou a seu respeito. Não imagina quanto ele lhe aprecia!... Mas o que é isto... Chuparam uvas? E esta garotinha em vez de preparar o jantar... Mau! Está me parecendo que por sua causa hoje ficamos em jejum...

III

Dali por diante foi num crescendo a intimidade do moço estudante em casa de Biagio. Todos ali pareciam estimá-lo e conseguira ganhar até a confiança do Pepino, o exquisitão e taciturno noivo da Laura. Lúcio, porem, lamentava-se de lhe não ser oferecida outra ocasião como aquela, pois tendo vindo para a casa do operario uma velha parenta da mulher, Paulina não tendo mais necessidade de ficar em casa com a mãe, ia agora duas vezes à fábrica. Por outro lado, a presença da Angela, a velha tia de Margarida, passou a ser-lhe um constrangimento constante, principalmente porque desconfiava ser mal visto pela nova habitadora da casa, que suspicaz e maliciosa, parecia fiscalizar-lhe todos os atos e palavras. Aquela situação irritava-lhe, com o desejo, a impaciencia de chegar ao fim da aventura... Paulina começava a obsediá-lo, a tornar-se-lhe uma preocupação fixa e dolorosa... Perturbava-lhe, nas horas do estudo, a calma do pensamento, necessaria aos trabalhos mentais e, de noite, ou lhe roubava o sono ou o fazia anormal e perturbado de sonhos e alucinações, a que a visão dela se entremisturava em confusos pesadelos, dos quais despertava derreado e abatido como de um combate de Hércules... Desesperava-se Lúcio de não encontrar outra oportunidade como a que perdera por sua culpa, ou antes, do seu genio hesitante e timido... Pensar em encontros fora de casa era absurdo, pois Paulina andava sempre com um grupo de amigas que não os deixavam conversar senão sobre frivolidades. Demais, o seu fundo de honestidade era uma barreira a qualquer

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

SUPERSTIÇÃO

Conto de Osvaldo Orico
(da Academia Brasileira)

Junho estrelou a noite de balões, acendeu alegrias na alma das crianças e boliu com os instintos das meninas casadoiras da vila. Todas queriam saber previamente as surpresas do destino, adiantando-se ao calendário meses ou anos. A final, era humano. Por que esperar tanto tempo pela vida, se a superstição ajuda a conhecê-la, auxilia a adivinhá-la? Nada mais ingrato para a inquietação dos nervos do que o ponteiro de um relógio a adiar metodicamente os desejos e os sonhos de cada um! Pois se era possivel abreviar o destino, ler nas imagens e surpreender o que estava longe, fechado no horizonte, por que retardar a revelação? Era isso que Isabel se perguntava a si mesma, dirigindo-se com outras raparigas para as margens do rio. De todo o grupo, só ela não conhecia ainda o que lhe estava reservado no futuro. Colegas mais jovens já traziam nas mãos alianças de noivado, sabiam o que ia ser o dia de amanhã e contavam os meses ou as horas que as separavam da felicidade. Ela não. Estava inteiramente cega. Nunca, até antes, havia sido mordida pela curiosidade; mas agora, a curiosidade nascera adulta e Isabel era a mais entusiasmada para ver na corrente do rio que imagem surgiria daquele contacto com as águas. Sim. Que imagem? Aos seus olhos desfilavam recordações, tipos e vultos vistos aquí e ali, mas o mistério levava-a a sugerir novos encontros, a procurar a aparência de outras criaturas apenas entrevistas na penumbra das aspirações que se guardam. Era natural. Se a sorte ia favorecê-la naquele passo, antecipando-lhe uma presença estranha quando se fosse refletir na corrente, não era demais admitir que a figura desejada fosse aquela que lre madrugara nos sentidos, aquela que estava distante mas que nem por isso, estava perdida. Trazia-o acorrentado ao pensamento. Por onde andaria? Ignorava-o. Mas o essencial é que existia, que ela o amava, quase sem esperança, mas tambem sem desespero. Para alcançá-lo, havia muitas coisas sugestivas: os seus vinte anos apeteciveis e sonhadores, os seus olhos que encontravam todas as distâncias e, agora, a sorte do rio...

— Não é verdade, Mana, que na véspera de São João costuma aparecer no fundo dágua o rosto daquele que há de desposar-nos?

Ela perguntava, crédula e contente, a uma das raparigas que a acompanhavam, justamente a que, no ano anterior, havia visto exatamente a figura do rapaz com que noivara.

— Ainda duvidas? Vais ter a prova. Aquilo é mais do que certo. Infalivel. Não conheço nenhuma que não tenha tido a revelação. Ah! Só a Maria Flor, coitada. Essa não teve a sorte de ver coisa nenhuma. E o resultado foi triste. Não chegou ao outro São João.

— E é verdade, Mana, que acontece isso tambem?

— Que acontece, acontece. Tem acontecido pelo menos... Mas nada de pensar em coisas tristes. Trata de olhar naturalmente, alegremente, para que venha aos teus olhos aquilo que desejas ver.

O rio estava próximo. Eram oito ou nove raparigas, quase todas da mesma idade, que para lá se dirigiam numa daquelas cálidas noites nortistas, feitas para o contacto com a água cariciosa e clara. Antes delas, o luar tinha ido banhar-se. E a água era tão gostosa e apetecivel, que a lua se deixara ficar no fundo, redonda e imovel. Uns ingazeiros cobriam as margens, garatujando sombras no reflexo das águas. E as mocinhas foram chegando, chegando com os seus trajos leves, as suas coroas de ervas cheirosas, traçadas por elas mesmas, no tempo em que as nossas raparigas do interior usavam trevos e flores nos cabelos, faziam sortes e se despiam completamente, entregando-se nuas à castidade das águas, em vez de se despirem parcialmente entregando-se pela metade à voluptuosidade das praias. Mãos quase inocentes desabotoavam os vestidos. As camisas escorregaram das espáduas para a relva. E a sombra dos ingazeiros velou toda aquela virgindade crédula, tapou a nudez dos corpos, só deixando adivinhar inocências soltas, que ficavam mais inocentes ainda. Nenhum pensamento mau atravessou aquele recanto edênico. Nenhum olhar atrevido se escondeu por entre as redondezas. A lua, redonda e imovel,

apenas estremeceu nas águas, quando o baque dos corpos ondeou o lençol claro do rio. Por isso mesmo ninguem viu quando Isabel se debruçou sobre a corrente, o ar de espanto que lhe tomou a fisionomia, a contração de dor que se sucedeu a esse instante. Ela fechou os olhos, para esconder que era agora a sua realidade, o espelho trágico do destino, aquilo que fora, a princípio, uma fantasia e era, agora, uma condenação.

*

* *

Os braços das outras raparigas cortavam a corrente em várias direções, partindo em mil pedaços o espelho da água até antes tranquila. De longe, agora, ouviam-se os *psiu, psiu,* das colegas chamando Isabel para o banho.

— Zabelinha! Zabelinha.

— A água está uma delicia.

— Atira-te! Atira-te !

Aturdida e estática, Isabel não sabia o que fazer. A camisa pendia-lhe ainda das espáduas, cobrindo-lhe as formas invioladas, prendendo-a às margens. Ela escutava as vozes em torno, chamando-a, chamando-a:

— *Psiu! Psiu!*

Sim. Tinha desejos de ir. A noite convidava ao banho. A relva úmida lhe acariciava os pés. A água era uma promessa; mas os olhos — Santo Deus! — os olhos guardavam uma expressão de horror. Não podia abrí-los, ou melhor, tinha medo de abrí-los. Medo do vazio, da solidão, da dor que a água lhe transmitira. Ouvia os gritos festivos e satisfeitos das raparigas que a entusiasmavam de longe. Mas que fazer? Sentia-se presa de uma invencivel angústia. Olhos cerrados, imaginava a felicidade de todas aquelas raparigas, que antes dela se miraram no rio e se atiraram às águas esperançosas e felizes. Todos aqueles corpos, que ora coleavam na corrente, teriam um dia um destino, despertariam para a vida, sentiriam mesmo a vida e dariam vida a outras vidas... Mas o dela... Que ia ser do dela? Condenado à insensibilidade, sem braços que a envolvessem, sem músculos que a apertassem, parecia que perdera a sua razão de ser, o seu motivo de existir.

— *Psiu! Psiu!*

Os gritos eram menos perceptiveis. O bando se distanciara, ganhando o meio do rio. Isabel, porém, sentia cada vez mais forte uma voz que a chamava, uma voz interior, que lhe vinha dos sentidos atordoados, talvez do instinto ferido, e que a empurrava para o largo. Não teve forças para conter-se.

Naquela meia nudez sentiu que duas mãos a enlaçavam, machucando-lhe o corpo, estreitando-lhe os seios e arrastando-a para o largo, para longe... Deixou-se cair, instintivamente, inconcientemente. Parecia que estava entregue às águas .E estava entregue ao seu destino...

AS CONTRADIÇÕES DA VIDA

Regina Pesce

Há 30 anos que o Antônio veio de Portugal e há 25 que vive nesse sertão. Chegou mocinho e inexperiente, não possuindo nada alem de uma grande vontade de trabalhar. Hoje é dono de umas centenas de metros de terra, tem o futuro garantido, uma sensata e meiga companheira e duas filhas que são toda a sua alegria.

Timida e altiva, observadora e calada, reprodução da raça sertaneja, Amélia seduz pelo tom bronzeado de sua pele, que envolve o corpo esguio e o rosto fino, onde os olhos vivem sonhando e os lábios, quando sorriem, não chegam a mostrar os dentes.

Irrequieta e audaz, comunicativa e insensata, Flávia, a caçula, encanta pela alvura de sua tez, que nem mesmo a caricia diária do sol consegue amorenar. O cabelo, da cor do trigo amadurecido, emoldura a face rosada, onde brincam, constantemente, dois olhos negros como a noite e dois lábios rubros como a alvorada. É uma estampa viva da raça paterna.

Enquanto Amélia deixa-se ficar em casa, atarefada com os serviços da mamãe, Flávia corre pelos campos, os cabelos sempre em desalinho, a brincar com um, a malinar com outro, semeando alegria pela sua passagem.

E à noite, enquanto uma borda ou cerze uma roupa, a outra fala sem cessar, enchendo a casa com o alarido sonoro de suas gargalhadas, ou cantando acompanhada por um violão.

Diferentes no tipo, no gênio e nas idéias, a pesar de criadas do mesmo modo só em uma coisa são perfeitamente iguais: na afeição que se devotam. Afeição que consegue fazer Flávia emudecer e chorar, ante uma lágrima da irmã, e que consegue arrancar francas gargalhadas de Amélia, ao ver as palhaçadas da caçula.

E o "velho" Antônio ri enleado, quando alguem exalta esse ambiente de sã alegria e de invejavel felicidade.

*
* *

O verão está ao auge.

Deitada, preguiçosamente, ao pé de uma grande árvore e protegida pela sua sombra acolhedora, Flávia acabou adormecendo.

Qualquer coisa, porem, a importuna, obrigando-a a franzir, graciosamente, o narizinho e fazendo-a, enfim, abrir os olhos... para ver que o suposto inseto nada mais é senão um ra-

paz que, ajoelhado ao seu lado, diverte-se em passar-lhe, de leve, uma folhinha sobre o rosto! Levanta-se indignada, mas seus impetuosos desaforos só encontram por eco as gargalhadas do rapaz.

Por fim acalma-se e decide fazer do rapaz um companheiro.

E enquanto ele a acompanha para casa, esclarece: chama-se Alberto, é estudante de medicina e veio passar as férias. Deseja que ela lhe mostre os lugares mais pitorescos e promete ser um bom camarada.

Amélia ouve, agora, todas as noites antes de dormir, os passeios de Alberto e Flávia, que esta lhe conta cheia de entusiasmo. Só agora começa a constatar a diferença de suas vidas e nota, com mansa e inofensiva inveja, a graça e natural atração de Flávia. Sabe que

ela é procurada e querida pela sua expansividade; mas não consegue livrar-se do seu retraimento. E assim, contenta-se em ouvir a irmã repetir-lhe as narrações de Alberto. A vida na cidade, a particularidade deste Estado, a atração daquele outro, os contrastes entre o Norte e o Sul... Alberto conhece quase todo o Brasil.

E a imaginação de Flávia começa a correr... Já se sente aborrecida por viver nesses lugares que sempre lhe agradaram. Quer viajar, quer ver outros horizontes.

Amélia, não podendo compreender a vida longe daí, inquieta-se surpreendida, mas acaba sorrindo: idéias passageiras!

As férias de Alberto estão no fim, devendo ele partir na próxima semana. Flávia, contrariamente aos seus costumes, começa a mostrar-se pensativa.

E uma manhã, ao acordar, Amélia encontra espetada na caminha de Flávia uma cartinha desta. Conta-lhe que foge com Alberto. Que ele só poderia casar depois de diplomado mas que ela vai viver com ele até a sua formatura: ama-o demais, não pode deixá-lo. Pede que o perdoem e à irmã que saiba consolar os pais...

Foi um golpe terrivel! Para o "velho", significou a perda da filha a quem sempre votara predileção; e agora, mais parece um sonâmbulo, andando sem destino, alheio a tudo e a todos. A mãe, coitada, para não aumentar a dor do marido, disfarça, caladamente, seu sofrimento, mergulhado em seus pensamentos. E Amélia chora, em seu quarto, a perda da irmã e companheira querida, procurando aliviar o sofrer dos pais, mostrando-se alegre e faladora, num esforço inaudito para substituir a filha perdida.

*

* *

10 anos lá vão...

Flávia é hoje, uma borboleta de salão, disputada pelos homens, aceitando os que, aos elogios que lhe deliciam o espírito, juntam as jóias que lhe proporcionam uma vida de luxo.

A idade substituiu o ar infantil, que encantava, por uma acentuada formosura, que seduz.

Alberto, como era de esperar, acabou temendo a responsabilidade e, numa briga havida entre eles, aproveitou para dar-lhe a entender que devia voltar com seus pais.

Revoltada, Flávia abandonou-o, mas, que fazer? onde ir? Não para casa! Isso era impossivel; havia então dois anos que fugira...

Mas onde abrigar-se?

Aconteceu-lhe, então, o que sucede a quase todas as mulheres que se encontrem nessas condições: desamparada completamente, só uma mão lhe ofereceu apoio: a da Perdição.

A beleza proporciona-lhe a predileção de muitos e, quando a saudade de sua casa lhe vinha pungir mais fortemente o coração, distraía-se e tudo faz por esquecer.

Um dia, porem, acha insipido o luxo, sente que detesta a cidade e lhe causa nojo a sua vida: quer voltar para os seus. As saudades são tantas... Há 10 anos que não revê os pais, sua boa irmã; que terá acontecido em sua casa, durante todo esse tempo? Decidiu: voltaria; com o arrependimento compraria o perdão.

*

* *

O sol já se deitou no horizonte, quando Flávia chega em frente à casinha em que nasceu.

Duas crianças brincam à porta, rabiscando com um gravetinho, a terra batida, em desenhos incompreensiveis. Quando vêem a moça parada, indecisa, correm-lhe ao encontro, perguntando o que deseja. Flávia confusa e, pensando ter-se enganado, pergunta titubeante pelo pai.

E eis que, trazido pelas crianças, lhe aparece a figura querida, mais envelhecido nesses 10 anos do que em todo o tempo de sua vida em comum.

O velho olha-a estarrecido, quase não acreditando que essa mulher, a linda cabeça pendida sobre o peito, seja a sua filha, a mesma que lhe fugira um dia. Aos poucos, porem, volta a si, para apertá-la de encontro ao peito, num abraço de saudade.

E o perdão, e o arrependimento, emudecendo-lhes a garganta, proclamam sua vitória nas lágrimas silenciosas que lhes rolam pela face...

É a medo que ela transpõe o humbral da porta. As crianças, porem, apresentadas à tia, quebram o embaraço do momento com o alarde de sua alegria.

Encontra a mãe maltratada pelo sofrimento, mas meiga como dantes; felicita sua irmã pelo casamento; atrapalha-se com o cunhado; brinca com os sobrinhos...

Flávia é novamente feliz; e como todos

fazem o possivel para esquecer o triste acontecimento, evitando-lhe, assim, qualquer embaraço, volta, dia a dia, à sua antiga vivacidade, numa alegria contagiosa.

Ri às gargalhadas das exclamações ingênuas dos sobrinhos, pela sua beleza, e toma parte nas suas brincadeiras, qual terceira criança.

Porem, não são só as crianças que lhe admiram a formosura. Flávia começa a se alarmar com os olhares insistentes que lhe lança o cunhado. Procura evitá-lo, falando-lhe o menos possivel.

Ele percebe, e dá início a uma perseguição imprudentemente indiscreta.

Flávia não tem mais sossego. Teme que os pais, e muito mais Amélia, descubram o que se passa. Quer evitar-lhes esse desgosto, mas não sabe o que fazer. Já lhe chamou, asperamente, a atenção sobre sua conduta. Mas ele teima em prosseguir nos seus intuitos: está cego de paixão.

Um dia Flávia encontra a irmã chorando no quarto. Acerca-se, assustada, para ouvi-la contar-lhe as brutalidades que o marido acabara de praticar. — "Não sei por que mudou tanto de uns tempos para cá — confessa Amélia. Não me faz mais carinho, não brinca mais com os filhos e chega até a maltratar-me"...

Flávia consola-a e, quando a vê já calma, recolhe-se ao seu quarto, completamente atordoada. Sabe que é a culpada, se bem que involuntária, do que se passa. Deve fazer qualquer coisa para melhorar a situação, mas o que?

Só há uma solução: partir novamente.

Sofre ao pensar em abandonar o lar, para entrar novamente naquela vida que ela já detestava, e sofre muito mais ainda ao avaliar o pesar que isso causará aos pais.

Mas não pode avisá-los: seria dar a conhecer os sentimentos do marido de Amélia. E por outro lado, a irmã não poderia compreender sua partida, se os pais a deixassem ir sem uma queixa.

No dia seguinte vai rever, mais uma vez, seus lugares prediletos, disfarça sua tristeza gracejando com todos e, à hora da janta, quando as crianças já estão deitadas, enchendo-se de coragem, anuncia sua partida.

Quatro pares de olhos levantam-se para ela. E ante uma pergunta da irmã, sobre o motivo que a leva a assim proceder, explica:

— Já estou farta de morar aqui. Depois de conhecer a cidade, não posso mais me habituar...

E o esforço que faz para manter a calma, ante as lágrimas da mãe, é supremo! Mas as forças lhe faltam; retira-se para o seu quarto, a fim de não se trair. O pai segue-a. Pergunta-lhe, mais uma vez, o motivo da sua resolução. Sabe que sua explicação não é sincera.

Flávia reluta, tentando convencê-lo, mas por fim, entre lágrimas, diz-lhe que existe de fato um motivo, mas que não insista pois não é possivel revelar-lho.

Quando o velho reaparece na sala, vê-se em seu semblante mais inquietação do que aborrecimento. E, visto o genro já se ter retirado, relata às duas mulheres o que acaba de ouvir. A mãe se assusta e Amélia aventura: gostará de alguem, que a espera?

A princípio rejeitam a hipótese. Mas, em falta de outra, acabam por aceitá-la. O velho, então, exaspera-se; atesta que ela já está perdida, que nunca mais endireitará, que melhor seria nunca ter voltado, que a não veria nunca mais...

A esposa tenta acalmá-lo, levando-o para o quarto, enquanto Amélia, já arrependida de sua sugestão, vai ter com a irmã que, tendo ouvido tudo por força, deve estar em desespero.

....

A casa já se encontra envolvida pelo silêncio.

Eis que Flávia ouve umas pancadinhas leves na vidraça da janela e vê um papel escorregar pela fresta. Corre a apanhá-lo, intrigada. E vê, com pavor, que é do cunhado. Pede-lhe para não ir embora pois que, se o fizer, ele a seguirá.

Mas Flávia já sabe o que fazer.

Arruma, apressadamente, sua maleta e em pouco, saltando a janela sem ruidos, ei-la no jardim.

Volta-se, olha mais uma vez para a casinha, que parece mais bela assim banhada pelo luar, e enfim ganha a estrada, rumo à estaçãozinha.

*

* *

Ninguem falou sobre o desaparecimento. Amélia disse aos filhos que a titia tivera de voltar. E foi só.

Os dois velhos estavam sozinhos na sala, quando os netinhos lhes correram ao encontro, segurando um papel, gritando:

(Conclue no fim do ANUARIO)

A GRANDE SOLIDÃO

(Do romance "O VALE DAS LENDAS", a sair)

Argeu Ramos

Quando D. Dica regressou parecia que a vida tinha se tornado lúgubre. A tristeza foi sendo substituida, aos poucos, por uma indecifravel melancolia, uma espécie de prematura nostalgia.

Daniel saiu pela mão da Perpétua, os automoveis passando à-toa, os trabalhadores de paletó no braço. Fazia u'a manhã clara. No Tamancão a canoa esperava, o pano armado bamboleante, girando mansamente em torno do mastro. Nem uma coberta se via na embarcação. As malas expostas ao sol, à chuva, àquelas ventanias que o Parnaiba tanto adora. O Neutel segurando a esposa pelo braço, os carregadores arrumando as coisas, procurando aumentar o espaço.

A louca do Neutel, com os olhos em fogo, gritava por socorro, dizendo que a queriam afogar, que o marido queria ver-se livre dela. E os estranhos em volta, desconfiados, sem compreender como se podia embarcar uma louca numa canoa que nem toldo tinha.

Só D. Dica, abraçada ao filho, não via o perigo daquela viagem.

— Necessidade, meu filho... se fosse no tempo de seu pai eu nem aquí estaria. Mas Deus sabe o que fez... Agora é para você, para o seu futuro que estão voltadas as minhas vistas. Estude, veja como se porta, seja bom, nunca dê motivos a que o censurem...

Daniel ouvia atento, olhos úmidos, sem uma palavra. Parecia-lhe que só a Deus cabia a culpa de tudo o que acontecia no mundo. Mas não foi isto que ele aprendeu no catecismo? Tambem ele não aprendera que os filhos pagam pelos crimes dos pais? Engolia, porem, as blasfemias que lhe vinham até os lábios em forma de queixas amargas.

De seus irmãos surgia-lhe uma lembrança distante uma saudade pensativa. Às vezes fazia esforço para recordar-lhes as fisionomias que fugiam de-repente. Nem sabia onde estava com a cabeça.

E ficava assustado, o olhar fixo na mãe, como para gravar eternamente aquele rosto querido onde as lágrimas dansavam o ritmo da saudade.

E o sol subindo, claro, sereno, imperturbavel, rebrilhando em prata nas palmas orvalhadas dos carnaubais.

O Igarassú lânguido, a maré alta, chiando na quilha fina da canoa.

O Neutel chamou, o cigarro apertado entre os lábios, semi-cerrando os olhos, o fumo ardendo nas pupilas escuras.

Agora era só embarcar, prender a vela e confiar em Deus.

A louca continuava os seus gritos estridentes, chamando a atenção dos ribeirinhos.

D. Dica abraçou mais uma vez o filho e subiu para a canoa. Não se cansava de recomendar:

— Meu filho, proceda como homem de bem, estude, procure continuar o nome de seu pai, não se deixe levar pelos máus amigos...

Equilibrava-se, os pés escorregando nas malas, os braços no ar, procurando apoio.

— ... escreva sempre, escreva a seus irmãozinhos dando o carinho do seu conselho e nunca se humilhe a ninguem, em qualquer circunstancia: o pobre é pobre mas não é escravo...

Disse isto quase gritando, fazendo esforço para ser ouvida. E a sua voz diminuindo gradativamente, as imagens se confundindo aos olhos do menino, o vento soprando enérgico, até a canoa sumir-se na primeira curva do rio, suspensa, balouçando como uma garça branca.

Daniel estava só. E a sua orfandade cresceu como uma nuvem de inverno.

O Homem que Adivinhava Pensamemtos...

Contó de Armando Pacheco

Era um homem moço e forte. De aspecto sombrio como caixão de defunto. Tristonho e concentrado, ou, como se diz em linguagem psicanalítica, egocêntrico. Vendo-o, ninguem o diria tão palrador e tão vivace de espírito. Calado, dir-se-ia um ente alado, um ser de alem-túmulo. Parecia uma natureza morta, e, no entanto, falando transformava-se extraordinariamente. Exibia, então, u'a multidão de nervos e de complexos nervosos. Sua lingua sibilava com mais velocidade e cadência que uma metralhadora. Fertilmente imaginoso, discutia uma infinidade de assuntos com mais rapidez do que a velocidade da luz solar à superfície da terra. Conheci-o por um mero e infeliz acaso, desses que a gente fica lamentando, arrependido para o resto da vida. Alem da sua descomunal versatilidade, o diabo do sujeito possuia um nome enorme, quase do seu tamanho e exquisito como o seu feitio. Deu-me um grande cartão de visitas e eu li esta charada: Elesbão Astrabão Acácio Athias Leite dé Miranda Azevedo Lopes dê Cezimbra Simões D'Almeida Bueno y Amado. Explicou-me, logo, que cada sobrenome correspondia a um ramo ilustre de sua mui ilustre árvore genealógica. E dizendo isto agarrou num lápis e traçou, com perícia, um tronco florido que representava todos os ascendentes e descendentes da sua egrégia família. Declarou-me os locais onde poderia encontrá-lo. E caso necessitasse de informações a seu respeito, poderia colhê-las com o Prof Jesús Soares, com o poeta Reis Junior, com o folclorista Braz Ribeiro, com os intelectuais do Café Amarelinho, com o Renatinho Batista na Brahma, com Bebó das Águas Férreas e com o violonista Bebê de Bonsucesso. Convidou-me a jantar com ele na "Pensão do Salomão Turco", e, num gesto de franqueza, confessou-me que o Murad franqueara-lhe o crédito. Estou apenas repetindo os nomes citados pelo meu estranho companheiro de aventuras, pois não conheço nenhum dos mencionados senhores, nem sei se existem neste mundo.

Fiquei intrigado com o diabo do homem. Falava sobre tudo. Sujeito maluco! Eu estava fortemente impressionado com ele. Procurei escapulir. Nada. O bandido pressêntia meus estratagemas. E quando lhe ofereci cigarros a fim de atenuar o desfecho da hecatombe palavrosa, o homenzinho golpeou-me com as seguintes idéias fúnebres, disse, a queima-roupa, que não fumava, que não bebia, que não jogava, que não dansava, que não comia carnes, que não gostava de festas, que não acreditava em Deus nem nas mulheres... Que barbaridade!!! Quero ressalvar que não fiz perguntas, pelo contrário, fiz tudo para fugir dele. O monstro falou por livre e espontânea vontade. Depois de atacar Deus, a Política, a Religião, a Mulher, o Homem, as artes e as letras, ele inesperadamente arrancou um imenso pão de centeio de dentro de uma pasta de couro e começou a roer a côdea e a criticar com uma calma búdica. Passei maus momentos ao lado do bizarro personagem. Ele não me deixava suspirar. Tolhia-me as palavras antes de chegar a proferí-las. Não sei se pronunciei uma simples palavrinha. Inúmeras vezes tentei puxar a conversa para um ponto mais claro. Experimentei ûma decepção. Tentativa frustada. Procurei um escapatório. Um meio,

um fim de me livrar do importuno. Ele não me deixava nem coordenar idéias. Não consentia que eu abrisse a boca. Adivinhava o que eu ia dizer. Lia o meu pensamento e despejava sobre mim uma tonelada de assuntos que me encurralavam num beco sem saida. Senti-me perdido. Não, não restava dúvida, estava sendo vítima de um louco fugido de algum manicômio. Pensei isso com os meus botões. O sujeito adivinhou o meu pensamento e desculpou-se depois de falar de loucos e de elogiar o elogio da loucura de Erasmo de Roterdam. Minutos depois eu, intimamente, o cobri de nomes feios. Xinguei, mentalmente, toda a sua ilustre árvore genealógica... Mas ele leu tudo e me desconcertou, justificando-se e defendendo a família mui ilustre.

O misterioso indivíduo possuia uma outra qualidade, roia o pão, como um simples roedor. Roia calmamente e respondia aos meus ataques que, aliás não saíam do meu cérebro já perturbado pela presença e pelo linguajar do diabólico personagem. Ele arrancava as minhas idéias e respondia-me ao pé da letra. Nada lhe escapava. Pensei num milhão de coisas e ele adivinhou tudo. Penetrava-me cérebro a dentro, auscultava os meus pensamentos e os trazia para fora, criticando-os, contestando-os. Foi, então, que desconfiei do poder telepático do homem. E tive vontade de tirar a prova do tal poder que ele revelava com maestria. Pensei no meu passado. Antes não o tivesse feito! O "não sei que diga" relembrou coisas que...

Quis atenuar os métodos e pensei em coisas boas. Fortuna. Amor. Glória. Felicidade. Saude. Casamento. E, subitamente, lembrando-me que o estômago estava vazio e roncando profundamente, pensei em almoçar, pois estava há 48 horas sem engulir um pão e sem vintem. O homem foi profeta. Avisou-me que eu seria convidado para almoçar numa casa rica, mas que as iguarias finas me fariam mal. Confesso que ele não mentiu. Fui almoçar em casa de um parente e não sei se devido ao alimento rico de vitaminas, ou se devido à má vontade, o certo é que a comida proporcionou grandes e inesqueciveis cólicas... Depois falou sobre o meu amor. Disse-me que eu não me casaria com a moça que amo apaixonadamente. E que seria "traido vilmente por uma outra"... Disse-me que seria vítima de um atentado mas que eu mataria três. Que eu enriqueceria mas que seria exilado. Que ficaria famoso. Que a felicidade é uma coisa absurda e efêmera. Que a felicidade só existe na imaginação dos que a buscavam. Disse que para mim, os únicos momentos felizes seriam aqueles em que eu cairia nos braços do meu grande amor. Sobre o dinheiro fez um verdadeiro libelo, classificando-o de "vil metal". Não concordei quando o ouvi atacar o dinheiro. Pensei em agredí-lo. Mas, ele leu o meu pensamento e preveniu-se, dando um passo atrás. Falou que para vencer era necessário ser cínico, egoista e deshumano. Atacou o trabalho pesado dizendo que era negar a qualidade de homem. Concordei pela primeira vez, ele adivinhou e estendeu-me a mão. Atacou os demagogos, os políticos, os liders de movimentos, os "condutores de homens", os déspotas. Para ele, o homem que concordava com usurpações e que se não revoltava contra a prepotência da Força sobre o Direito, era indigno de viver, e mais indigno ainda de ser roido por um verme. Traçou, com eloquência, o panegírico de certos vermes que ele julgava infinitamente superiores à maioria dos homens. Disse que o homem boçal era sempre indiferente à desmoralização, ao achincalhe, ao rebaixamento, à negação da Justiça, pelos que abusavam do poder. Que não existiam chefes de estados e sim chefes de tribus e de clans retrógradas. Que só o pusilanime achava natural a obediência cega de um povo a um homem. Que não existem semideuses e sim semibárbaros. Bem, creio que não vale a pena repetir as idéias políticas ou as críticas às idéias políticas, do animalzinho raro que me torturou durante horas com as suas idéias macabras, o tal adivinhador de pensamentos.

Vejam o que ele disse da vida. Que era uma corrente de sofrimentos. Que só os pobres eram presos e vergastados pela cruciante cadeia de misérias e de ignomínias. Que a vida nada valia. Que na terra só existia injustiça, deshonestidade, cretinice. Que a humanidade era podre. Que a vida era um pântano pútrido, onde os humanos jaziam mergulhados, tentando de vez em quando assomar à superfície a fim de aspirar um pouco de ar mais puro. Disse-me que achava inutil lutar para viver e para vencer. E falou que o corvo do poeta Gamaliel fez muito bem em subir à estratosfera, fugindo enojado da humanidade. Uma única vez o homem mostrou-se solidário com alguem. Concordava com o poeta Gamaliel quando dissera no célebre soneto que se tivesse asas não mais baixaria à terra...

Talvez ninguem me dê crédito, mas o meu algoz julgava que a glória mais alta seria a do inventor de uma nova modalidade de suicídio sem sofrimentos. Quando já não havia mais nada em que pensar, para ser criticado, comecei a reprimir pensamentos escabrosos, com receio de que o "sábio" me escalpelasse impiedosamente. Senti a cabeça girar vertiginosamente. Planos. Casos passados e presentes. Sonhos. Futuro.

Tudo girou no disco pecaminoso da memória. E, entre tanta coisa boa e má, honesta e indigna, passou u'a imensa legião de mulheres. Mulheres lindas, as transeuntes que eu havia admirado como esteta pelos lugares onde tenho andado. As impressões e as imagens estavam, talvez, fixas no meu subconciente e pensando nelas, involuntariamente, fiz com que girassem, desfilando pelo meu sensório, como máquina cinematográfica dirigida pelo "câmera-man". Até então, o fenomenal sujeitinho estivera completamente estático, imovel, como se pousasse para um artista plástico, mas falando, falando sempre, falando até pelos poros. Em dado momento, ouví o enigmático mamifero exquisoide, pronunciar diversos nomes femininos. Nomes e mulheres completaente desconhecidos para mim. Fleugmaticamente, em atitude hierática ele ia pronunciando, ao mesmo tempo que me embaraçava, estes nomes: — "Belinha, Itala, Maria, Marilú, Jumá, Marta, Raquel, Isadora, Adijunta, Isolda, Iolanda, Nair, Norma, Floripes, Lia, Vera, Maria de Lourdes, Margô, Mara, Laura, Dádá, Linda, Glória, Rosalina, Lúcia, Madeleine, Olga, Mary, Bete, Arlete, Lenita, Dolores, Mercedes, Julieta, Carmen". Fiquei estupefato com aquele repertório. Vi-me num beco-sem-saida. Reparei bem no fantástico ser que me assombrava e notei que ele estava transtornado. Mudado. Agitou-se repentinamente e eu o ví sangrar os lábios, nervoso. Já não era mais o homem pousando para um artista. Parecia um louco prestes a ser envolvido numa camisa de força. O infeliz inspirava compaixão. Esfregava as mãos, suava, urrava e suspirava fortemente. Enterrava as unhas na carne até o sangue correr. Eu sentia, distintamente, as pancadas e o arfar anormal do seu coração. Ele tinha estertores de moribundo. Os olhos estavam dolorosamente arregalados e vidrados. A pesar do sangue que escorria os lábios estavam murchos e ressequidos. Os dedos crispados. Uma agonia total. Eu estava fulminado. Pouco a pouco, senti-me mais vivo e foi quando notei que ele sofria. Antes tão calmo, irreverente, cético, criticando tudo e falando pelos poros. Metamorfoseara-se. Era outro. Tive mais ânimo e aproveitando a sua desgraça, eu, que dantes nem me atrevia a contemplá-lo, pude encará-lo. Olhei-o de frente e diante daquela máscara em decomposição, diante daquela personificação de um De Profundis, descobrí o seu mistério. Compreendí que lendo o meu pensamento e vendo por meio do seu poder telepático, o retrato de uma mulher, (talvez a mulher causadora da sua odisséia), oculta no meu subconciente, ele passasse duros vexames com a recordação da sua tragédia ou com ciumes... Quem sabe lá o que não sofrera ele descobrindo a imagem de alguem entre as mulheres que habitavam o meu cérebro?!

Só sei dizer que, num esforço supremo, inaudito, criei coragem e saí correndo. Corrí como louco. Só assim pude fugir daquele homem originalissimo. Felizmente nunca mais o encontrei. Nem o quero encontrar. Nem sei em que canto da terra se escondeu o homem que adivinhava pensamentos...

O ASSASSINO

Melo Lima

Em Crateús, toda gente dizia que o Gonçalo não prestava para nada. E era voz geral que, cedo ou tarde, ele teria um fim muito triste.

— O diabo me pele se ele não acabar na cadeia ou no cemitério. Esse rapaz tem a pinta ruim, mas não sei mesmo a quem puxou na família. Porque a mãe é uma santa e o finado Gonçalo foi um homem de bem.

Dona Cota, a mãe de Gonçalo, vivia num sobressalto constante, vendo a hora em que lhe trariam o filho morto, o corpo todo esfaqueado, o rosto irreconhecivel, os cabelos louros ensopados de sangue. Fazia tudo para que ele abandonasse os vicios, para que se compadecesse dela e das irmãs, para que ao menos respeitasse a memória do pai.

— Gonçalo, você acaba me matando...

Quando a mãe lhe falava assim, muito penosa, muito triste, ele arrependia-se, prometendo:

— Pois bem, mãe. Fique descansada que eu agora não saio mais de casa. Palavra de Deus!

E passava uns três dias mais ou menos cumprindo a promessa, aparentemente esquecido da amásia, das festas equívocas na zona e do álcool. Dona Cota sentia-se então muito feliz e agradecida, não se cansando de repetir o milagre aos vizinhos. Mas quando menos esperava, o rapaz caía novamente nos vícios, metia-se de corpo e alma na Sodoma.

Então, reiniciavam os sofrimentos da pobre senhora, aquelas longas noites de espera, de torturas e de visões pavorosas. Não dormiria enquanto ele estivesse na rua, alertada ao menor sinal anunciador de sua presença.

Gonçalo aparecia sempre de madrugada, às vezes bebado que fazia pena, a roupa surrada e imunda. Mas assim mesmo, em semelhante estado, nunca deixaria de se aproximar da rede de sua mãe e de lhe perguntar mansamente, cheio de ternura:

— Mas a mamãe ainda está acordada?!

— Ando tão sem sono, filho...

— Eu vim so lhe pedir a benção.

— Pois Deus te abençoe. Vai dormir.

E o rapaz ia dormir, redimido de todos os pecados, a conciência tranquila, as pernas bambas. Mas, primeiro teria que atravessar a sala de jantar, passando em seguida pela alcova, onde Ceci e Jací tambem velavam, inquietas. Ia batendo nos moveis, derrubando cadeiras, maldizendo a escuridão.

Todavia, como era agradavel para elas o barulho dos moveis caindo, as exclamações irritadas do irmão!

— Tatá chegou... — cochichavam, aliviadas.

Era a paz que chegava, a certeza de que pelo menos nesse resto de noite nada mais lhe poderia acontecer. Tinham tanto medo que o Tatá morresse assassinado... Ele vivia brigando com esses capangas vingativos e perigosos... Porque o Tatá, sempre tão bondoso e delicado para com elas, se transformava assim, mal saía à rua? Eram as más companhias, sem dúvida, os feitiços daquela mulher perdida... Ele cegava-se, mas no fundo permanecia o Tatá que elas queriam, delicado e carinhoso, o sorriso infantil, os olhos azues e puros. Tinham fé em Deus, haveriam de curá-lo; Tatá voltaria à pureza despreocupada da infância...

———

Manhãzinha, quando dona Cota se levantava para distribuir o leite à freguesia, o encarregado do curral vinha contar-lhe a novidade:

— Sabe, dona Cota, esta noite o seu Gonçalo teve uma briga medonha com o capanga do Amâncio...

O coração batia-lhe apressado, as pernas tornavam-se flácidas, a respiração suspensa, as mãos caidas num abatimento profundo. E as lágrimas vinham-lhe aos olhos, perolando as faces pálidas. Mas tinha força para retrucar:

— Eu já sei, o Gonçalo me disse...

E ia chorar, bem baixinho, lá nos fundos do quintal, para que ninguem mais percebesse a triste humilhação de seu amor. Passados alguns minutos ela voltava, os olhos enxutos, a fisionomia serena e conformada. Enchia o copázio de leite e penetrava no quarto do filho.

— Gonçalo, acorde, tome o seu leitinho.

Ele despertava lépido como nos tempos em que era menino. Nem parecia que estivera a noite inteira embriagado e que chegara em casa não faziam ainda três horas. A boca amargava-lhe, mas o Gonçalo não queria mostrar-se ressacado diante da mãe. Sorria-lhe, recebia o copo, beijava-lhe a mão e pedia-lhe a benção.

E dona Cota, maternal:

— Deus te abençoe.

Às vezes ela arriscava, desviando-lhe o olhar, um tantinho assombrada de sua audácia:

— Deus te dê juizo, meu filho.

Contemplava-o saboreando o leite vagarosamente, acariciava-lhe os cabelos encaracolhados e tinha a impressão que ele era ainda o pequenino Gonçalo de outros tempos. E sugestionava-se a ponto de ouvir a voz do finado, mansa e autoritária, vinda da sala de jantar:

— Ande logo com o café, Cotinha, que está ficando meio-dia.

E como outrora, naquelas manhãs felizes, (O tempo passa tão depressa, Santo Deus! Foi em 1915, no ano daquela seca medonha e da guerra que o Gonçalo nasceu... Sempre foi tão parecido com o pai: os mesmos gestos, o mesmo sorriso, o olhar manso, as palavras macias...) e como outrora, naquelas manhãs felizes, ela foi para a cozinha preparar o café.

Eram seis horas, o velho relógio anunciava-as como antigamente, mas aquela chícara na cabeceira da mesa já não seria para o Gonçalo pai. Gonçalo filho sentar-se-ia minutos depois no lugar de Gonçalo pai, bateria com a chícara no pires e gritaria mais ou menos como o Gonçalo pai:

— Traga logo o café, mamãe, que já é quase meio-dia...

Naquela madrugada aconteceu o que todos temiam e esperavam. Como na madrugada passada, como nas madrugadas anteriores, mãe e irmãs esperavam aflitas pelo rapaz, ansiando ouvirem o ruido de seus passos entrando em casa.

Subitamente, a porta abriu-se com estrondo e a voz de Gonçalo encheu-as de inquietação e desespero:

— Mamãe! mamãe me acuda!...

Elas gritaram a um só tempo — o que foi? — e se precipitaram para a sala de visitas, onde ele caira no velho sofá que o vira criancinha, e onde o Gonçalo pai discutia sobre secas e invernos.

A mais velha das irmãs, Ceci, empunhava a lamparina, cuja claridade trêmula parecia compartilhar da angustia. A outra, Jací, encostara-se à parede, rezando. E dona Cota agarrava-se ao filho:

— Pelo amor de Deus conta logo o que foi!!

— Mamãe, eu matei o Amâncio...

E todas três soltaram um grito (Meu São Jeronimo), levaram as mãos ao peito e a lamparina rolou no chão, apagando-se. Por um momento a escuridão envolveu tudo, uma eternidade viveu na salinha familiar. Mas a tênue claridade da manhã veio penetrando de mansinho.

Dona Cota, estática, não tinha um gesto, a fisionomia parada, os olhos duros e fixos num ponto qualquer. As moças choravam abraçadas, confundindo-se nos camisolões brancos e transparentes. Gonçalo soluçava, a cabeça enterrada nas mãos, o velho sofá rangindo como num gemido.

E de súbito dona Cota falou, a voz diferente, mas firme, estranhamente calma e impressionante:

— Conte como foi.

Gonçalo abraçou-se às suas pernas.

— Pela alma de papai, mamãe, me perdoe! Foi sem querer! eu lhe juro! Palavra de Deus que foi sem querer, mamãe!...

— Conte como foi.

— Eu atirei.. Oh, mamãezinha do céu, juro que o tiro pegou nele sem eu querer!...

Dona Cota desvencilhou-se-lhe dos braços, aproximou-se da porta da rua e disse:

— Vá se entregar.

Gonçalo encostou a cabeça no sofá, o corpo soqueado pelos soluços. Não tinha lágrimas, os olhos brilhando intensamente, secos. Os soluços vinham-lhe profundos, sentidos e comunicantes. A mãe, inflexivel, repetia-lhe a ordem. Gonçalo pai, lá da parede, a fisionomia seria, o olhar inexpressivo, aprovava o gesto da esposa.

— Vá se entregar!

As duas moças apertavam-se, penetravam-se, chorando. A lamparina derramara o querosene, provocando mancha negra nos tijolos vermelhos. E Gonçalo filho, contendo os soluços, ergueu-se, marchou para a porta.

— Pois bem, mamãe, eu vou...

Desceu o batente, deu alguns passos na calçada, deteve-se, pensou um segundo e retrocede. Fitou a mãe, os olhos agora umedecidos, um soluço fugindo-lhe do peito, a mão estendida, implorando:

— Benção, mamãe...

O rosto de dona Cota se contraiu, perdeu a dureza forçada, os olhos cheios de lágrimas. Diante de si, tão pequenino e desamparado, o pequenino Gonçalo estendia-lhe a mão, os cabelos louros caindo-lhe sobre a testa...

— Vai com Deus, meu filho...

A manhã nascia esplêndida, lirica, sertaneja — o céu muito azul e sem nuvens.

Ceará, 1939.

ANTÔNIO SALES

Mário Linhares

Grande perda sofreram as letras nacionais com a morte, ocorrida em Fortaleza, a 14 de Novembro findo, do ilustre escritor patrício Antônio Sales.

Aos 72 anos, após uma atividade de mais de meio século em que a sua inteligência esplendidamente floriu e frutificou, desaparece esse poeta, romancista e cronista, com perfeita saude intelectual, em plena juvenilidade de espírito, cercado da estima e do respeito de todos.

Nasceu ele, a 13 de Junho de 1868, na localidade denominada "Parazinho" comarca cearence de Paracurú. Soterrada pelos ventos litorâneos, "Parazinho" já não existe mais e, lá apenas, em meio das dunas, reponta a torre de sua igrejinha. Este fato inspirou-lhe uma das suas mais belas composições poéticas:

NINHO DESFEITO

"A casa onde eu nascí, no Parazinho,
já não existe mais;
Sou no mundo como a ave cujo ninho
desmancharam os rudes temporais.

Não somente meu lar, mas toda a aldeia,
pousada à beira-mar,
jaz sepultada num lençol de areia,
e, alí, ninguem jamais há de habitar.

A coorte das dunas, instigadas
pelo vento, investiu,
tomou de assalto as rústicas moradas
da pobre gente que, sem lar, fugiu.

Mesmo os grandes coqueiros, cuja fronde
se erguia a farfalhar,
sumiram-se, e as graunas não tem onde
ao cair do crepúsculo, cantar.

Uma plaga desértica formou-se
sobre o morto arraial:
ninguem dirá jamais que aquilo fosse
de uma colmeia d'almas o local.

Ficou-lhe o nome à praia merencórea,
onde, infante, viví;
mas nem o nome ficará na história
de um bardo humilde que nasceu alí..."

Antônio Sales fez-se à custa dos seus próprios esforços. Com a cegueira de seu pai e a consequente carência de recursos de família, teve de aos 14 anos, em 1884, transportar-se para Fortaleza, a fim de empregar-se como caixeiro na casa comercial de Jesuino Lopes e não na "Livraria Gualter" como, por engano, informei, em artigo recente e em nota que escreví para o "Dicionário bio-bibliográfico" de Velho Sobrinho.

A rude faina do balcão não lhe amorteceu o amor aos livros, sopitando-lhe a ânsia de estudar e de aprender. Os ímpetos de sua inteligência abriam-lhe, instintivamente, as portas do destino, na conquista de um nome que se tornou digno e ilustre. Em suas reminiscências auto-biográficas conta-nos os sofrimentos de sua incerta e amargurada infância e a dolorosa aprendizagem de sua vida prática. É pena que, por longo, não possa eu trazer para aquí aquele depoimento pessoal.

Começou a escrever em pequenos jornais como o "Meirinho" e, depois, no "Libertador" e na "A Quinzena" (orgão do *Clube Literário*, de que faziam parte João Lopes, Virgílio Brigido, Farias Brito, Oliveira Paiva, José Carlos Ribeiro Junior e outros).

Ele mesmo afirmou: — "Foi pela mão do "Libertador" e da "A Quinzena" que comecei a trilhar a carreira das letras. Deixando a vida comercial, disse o poeta numa das suas *Cantigas* que

"Não pode ser formiga
quem nasceu para cigarra."

Cultivando idéias democráticas, foi um dos fundadores do "Centro Republicano", em Junho de 1889. Nesse ano fundou tambem a "A Avenida", com Papi Junior, Virgilio Brigido e José Carlos Junior. Em 1890, com 22 anos apenas, publicou seu primeiro livro de poesias — "Versos diversos". Em 1891, fez a revista teatral "A Política é a mesma", em colaboração com Alfredo Peixoto e, em 1896, deu a lume outro volume de versos com o título de "Trovas do Norte".

Associando-se a vários rapazes de talento, fundou, a 30 de Maio de 1892, a "Padaria Espiritual", curiosa agremiação que se tornou notavel em todo o norte do Brasil, senão em todo o nosso país.

O "Pão", seu orgão na imprensa, é um precioso documento desse grande movimento literário operado na terra cearense e do qual foi Antônio Sales a figura central. Escrevia alí com o pseudônimo de — "Moacir Jurema". Leonardo Mota fez, em volume publicado em 1939, um esplêndido retrospecto da vida da "Padaria."

A "Padaria" morreu com a sua retirada para o Rio, para onde fora removido como funcionário do Tesouro Nacional. Aquí chegando fez-se amigo íntimo de José Veríssimo, agrupando-se à célebre roda da "Revista Brasileira", com Machado de Assis, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, João Ribeiro Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Euclides da Cunha e outros.

A "Padaria" fizera-o conhecido e facil foi colocar-se na imprensa carioca, colaborando, especialmente, no "Correio da Manhã", na primeira fase, criando a famosa seção humorística "Pingos e Respingos" onde fez inesquecíveis campanhas, especialmente, com aquelas quadrinhas chistosas —*"Só tu, Seabra, não sais"* ou *"Tudo passa. E o Nuno fica!"*

Nuno de Andrade, diretor da Saude Pública, no quadriênio de Campos Sales, saiu, sendo obrigado a pedir demissão, mas no caso do Ministro J. J. Seabra, quem saiu foi o Sales, transferido acintosamente para o Rio-Grande-do-Sul.

Muitas dessas quadras estão em nossa memória:

"De certas damas, às vezes
a barriga cresce, estica,
mas, ao fim de nove meses...
Tudo passa. E o Nuno fica!"

Ou esta outra publicada no dia de seu embarque:

*"Sai o Sales do Tesouro,
vai para as plagas austrais
comer churrasco com couro...*
Só tu, Seabra, não sais!"

Pode-se mesmo dizer que foi ele o iniciador, em nossa imprensa, do humorismo em versos, tendo, depois, sucessores do porte de Emílio Menezes, Bastos Tigre, Teles de Meireles e outros.

Nesse particular, possuia uma veia irônica que era, talvez, a faceta mais interessante de sua inteligência. Basta citar qualquer dos seus epigramas para fixar-lhe esse aspecto singularíssimo:

MÉDICO MILITAR

"Vi um médico fardado...
Que perfeito matador!
Quem escapar do soldado,
não escapa do doutor..."

FRASE ERRADA

— "É muito cheia de si!"
Dizem de ti... frase errada!
Eu coisa alguma já vi
que esteja cheia de — nada.

UMA ILUSÃO

Eu conheço um plumitivo,
cheio de vaidade imensa,
que anda sempre pensativo...
E apenas pensa que pensa.

A UMA FEIA

A fealdade é um direito;
por isso ninguem a acusa;
mas ser feia desse jeito...
Perdão: a senhora abusa!

NUA E CRUA

A certa moça, na rua,
bradei com sinceridade:
— "Vossa Excelência é a Verdade?"
— Por que? — "Porque está tão nua."

"Não lhe dou importância!" Ela dizia,
a falar com desdem...
E eu respondí-lhe: — "Nem você podia
me dar o que não tem"...

Esse jogo floral de humorismo mantem-se, tambem, em seus *cromos* na pintura graciosa de pequeninas cenas domésticas:

O GIL

O Gil, criança estragada
pelo materno carinho
é um fero despotazinho
de natureza indomada.

Já matou um passarinho,
rasgou uma obra ilustrada,
furou um olho ao gatinho,
quebrou um braço na escada.

Se a mãe o perde de vista,
a conversar com os parentes,
o Gil percorre as alcovas.

— que barbeiro e que dentista,
tirando os dentes aos pentes,
fazendo a barba às escovas."

Frequentador assíduo das reuniões da "Revista Brasileira", cooperou com o grupo que, com Lúcio de Mendonça à frente, fundou a "Academia Brasileira de Letras", mas por escrúpulo ou espírito de renúncia deixou de fazer parte dela. Mesmo depois, vários *imortais* estimularam-no a se apresentar, propiciamente, aos sufrágios acadêmicos, mas ele se manteve sempre na recusa. "Resistí, — informa ele — às instâncias cativantes de Machado de Assis, de Taunay, de Lúcio de Mendonça e, sobretudo de Raimundo Correia, que se fizer o propagandista de minha candidatura, e não se conformou com a minha esquivança".

A pedido de José Veríssimo fez, em longo e substancioso ensaio, publicado na "Revista Brasileira", o estudo da vida e obra dos primeiros 40 acadêmicos, — trabalho esse de grande repercussão em nossos círculos mentais. O Visconde de Taunay escreveu: — "...esse excelente estudo de crítica, mostra um escritor de pulso."

Os seus estudos sobre "Poetas cubanos" colocaram-no na primeira plana como pioneiro do americanismo em nossa terra.

É desse tempo a edição Garnier de suas "Poesias". A tradução que a mesma casa editora publicou, de "Os Noivos", de Manzoni, foi feito por ele; no livro não figura o seu nome como tradutor, que é tido como sendo José Veríssimo. Traduziu tambem "Paris", de Zola; e "Jess" de Ridder Hagard (do inglês).

Seu romance regional — "Aves de arribação" — foi considerado pela crítica como um dos melhores no gênero, mesmo sem esquecer o "Luzia-Homem", de Domingos Olimpio, antes aparecido com ruidoso sucesso.

Nesta hora em que tanto se fala na unidade nacional, no supremo anseio de um Brasil uno e indivisivel, sem paixões locais nem qualquer eiva de separatismo criminoso, — é preciso notar que o seu regionalismo não é estreito nem deixa de representar a vida nacional; espelha, com exatidão, as nossas peculiaridades morais e pitorescas, no desenho de costumes e paisagens caracteristicas, como o fez Mistral em "Mireille", revivendo as tradições populares da Provença; ou o nosso visconde de Taunay, em "Inocência" traçando, com tocante simplicidade, o quadro típico da vida sertaneja.

Ele próprio explica: — "Obra util e sadia, pois, é a dos escritores que, cada um do seu rincão, nos dizem como pensam e como sentem seus conterrâneos no meio em que vivem, trabalham, amam e morrem. Cada um dos Estados se pinte nos seus aspectos e nos seus costumes que, com isso, não trabalhará para o nosso desmembramento espiritual, ao contrário, reunirá materiais para que o filósofo induza e condense em fórmulas sociais ou em símbolos estéticos a psiquê real do nosso povo."

"Minha Terra" — versos de amor às plagas natais, mostra bem a sua delicada sensibilidade de poeta, vibrante de emoção e luminoso de pensamento. São flagrantes da vida cearense traçados com a carícia de versos como estes:

A GARÇA

"Vede-a tão alva, tão esbelta e pura!
Há qualquer coisa de melancolia
na grave e abandonada compostura
com que do lago a linfa clara espia.

Um peixinho, de certo, não procura
para matar a fome, pois dir-se-ia
que intenta, apenas, refletir a alvura
da formosa plumagem na água fria.

Mas talvez que não seja por vaidade
que contempla o seu vulto atentamente,
com esse olhar de infinita suavidade...

Quem sabe se, ao mirar-se, a garça albente
não pensa, num transporte de saudade,
em outra garça desejada e ardente?"

Por fim, — "Retratos e Lembranças" é um olhar retrospectivo para o passado, de que nos traça páginas de grande beleza e sentimento.

Antônio Sales tinha o culto dos belos espíritos. Assim foi que *descobriu* e lançou o poeta mineiro Belmiro Braga. É o próprio Belmiro que escreve, em seus "Dias idos e vividos" que ele "o descobrira" e lhe deve a maior parte da emulação para publicar os primeiros versos. Antônio Sales, no artigo intitulado *"Como eu descobri um poeta"*, inserto em seu último livro "Retratos e Lembranças", conta como, em Janeiro de 1900, indo convalescer em Juiz de Fora conheceu Belmiro. Teve, na viagem de trem, de descer na estação de Cotegipe que não chegava, então, a ser um arraial, constituido que era de duas casas, um armazem ou bazar de roça.

Vale a pena ler o que Sales escreveu a respeito: — "Nesse bazar, fraco e fatigado, como estava, descansei um pouco para tomar o cavalo que devia levar-me à fazenda, a uma légua de distância. Aproximou-se, então, de mim um rapaz moreno, de olhos agateados, muito risonho e que era o caixeiro de escrita do bazar e cunhado do respectivo dono. Disse o rapaz que conhecia meu nome e meus versos, e entrou a falar de poesia e de poetas com um desembaraço e uma segurança que me assombrou. Seu nome? perguntei. — Belmiro Braga. Conversámos durante todo o tempo de minha demora, e, quando a cavalo e e a sós com Joaquim Jaguaribe, indaguei quem era esse caixeiro de bazar de roça tão enfronhado em letras.

— É um rapaz de muito talento, disse-me o meu companheiro. Começou a versejar em Carangola, onde era empregado numa padaria, e vive sempre a fazer versos. Tem uma facilidade admiravel e muita queda para o humorismo.

Convalescí rapidamente em Bom-Jesus, e dias depois recebia alí a visita do poeta de Cotegipe, que já começara a publicar coisas nos jornais de Juiz de Fora. Muito tímido e desconfiado do seu merecimento, Belmiro mostrou-me um caderno de versos para eu ler e dar minha opinião a respeito.

Uma semana mais tarde era eu que ia a Cotegipe almoçar com o poeta e conversar com

ele sobre os seus versos. Fiz-lhe uma preleção sobre metrificação, elogiei algumas composições, fi-lo retocar ou inutilizar outras, animei-o com sinceridade a continuar, e fiquei desde logo convencido de que havia descoberto um belo, um verdadeiro poeta. Antes de voltar ao Rio, passei uns dias em Juiz de Fora, onde zabumbei o mérito de Belmiro Braga perante a roda de jornalistas e literatos, que me haviam acolhido com muita distinção e carinho. Chegando ao Rio, escreví sobre a roda literária de Juiz de Fora uma série de apreciações em que dava o melhor lugar a Belmiro Braga, a quem chamei de "João de Deus mineiro", autonomasia que lhe ficou até hoje. Com os versos que me havia mostrado e com outros feitos depois, Belmiro preparou o seu primeiro livro de versos "Montezinas", para o qual dei o título. Esse livro consolidou sua reputação, que é hoje a do mais popular e do mais querido dos poetas mineiros."

Poucos o excedem como trovador e suas quadrinhas são verdadeiros mimos de graça e de galantaria:

"Voz de grauna ou de pomba
que, alem, nas árvores trina
és qual perola que tomba
numa salva cristalina.

Só vi uma criatura
que mostrou indiferença
pela tua formosura:
— foi um cego de nascença.

Deixa que a gente invejosa
fale de ti com ciume:
A flor precisa de estrume
para ficar mais viçosa.

O meu entretenimento,
que me distrai e não cansa,
é ter o meu pensamento
cheio de tua lembrança.

Se aos meus agrados te furtas,
vou noutra porta bater;
as horas de amor são curtas,
não tenho tempo a perder.

Fui cantar uma cantiga,
porem não cheguei ao fim....
Foi essa não-sei-que-diga
que me fez chorar assim.

Ah! que pesar me consome!
Eu sozinho e tu a sós...
Formemos um só pronome
de "eu" e "tu" — façamos "nós".

Antônio Sales não contaminou a sua arte com o virus do futurismo, perpetrando esses versos sem rima, sem metro, sem sentido, quilométricos, desengonçados e desconexos que correm por aí como coisa nova, que não é mais do que o veneno sutil da subversão.

Fez sempre arte pura dentro de uma ética perfeita.

"Poeta velho, — dizia —, fiel aos metros clássicos, eu penso que o alexandrino é o limite da extensão do verso: tudo que excede disso, não será mais do que a juxtaposição de metros menores, formando um todo que excede a capacidade da dição e cansa o leitor."

Por outro lado, não há em seus escritos a ostentação, a ênfase ou o arrebique das frases feitas para armar ao efeito. Sua linguagem, simples, correta, límpida, natural, movimentada e colorida, era a força predominante de sua inteligência, o toque vivo das suas idéias e emoções.

Na claridade de seu pensamento estava todo o encanto de seu espírito como prosador e como poeta.

Antônio Sales era casado e não deixou descendência. Achou no lar completa felicidade. Sua digna companheira foi o anjo da guarda de sua vida.

O poeta diz-nos, em versos transbordantes, desse idílico estado de alma, num preito de comovida ternura:

CONSOLADORA

"Na densa escuridão em que meu ser mergulha,
ao sondar o mistério insondavel da vida,
eu, apenas, vislumbro a divina fagulha
de teu olhar, querida!

Quando a tristeza vem, com blandícias daninhas,
atapetar de crepe a minha rude estrada,
dela só me liberto, apertando nas minhas
as tuas mãos, amada!

E se a maldade humana o coração me fere,
enchendo-o de amargor que punge e desencanta,
eu a desdenho, ouvindo o treno que desfere
o teu sorriso, santa!

Males do corpo e da alma, angustias, dissabores,
com que o destino cego e surdo nos castiga,
são espinhos que o amor faz rebentar em flores,
quando te beijo, amiga!

Antônio Sales nunca esterilizou o seu espírito de cepticismo ateu. Morreu iluminado pela Fé e confortado pela religião cristã. Deu-nos ele a prova disso, no seu leito de agonia, ditando ao poeta Filgueiras Lima, esta sua última composição poética:

— "Da Fé — alguem já me disse —
nós temos necessidade:
É uma arma na mocidade
e um bastão para a velhice".

Cabe lembrar que a reorganização, em 1922 da "Academia Cearense de Letras" se deve, especialmente, a Antônio Sales que, em cooperação com Justiniano de Serpa, quando Presidente do Estado, congraçou velhos e novos para reanimar e por em ação o antigo sodalício, mais antigo

SALGEMA NO BRASIL

Há pouco tempo, no Nordeste brasilero, durante os trabalhos de perfuração que em busca do petróleo vem fazendo o Consêlho Nacional daquele produto, foi encontrado, em Alagôas, um veio de Salgema, mineral até então dado como inexistente no Brasil.

Logo a seguir e tambem durante as pesquisas feitas em torno do "Ouro Negro" pela Cia. Itatig, foi, em Sergipe, atravessado um riquissimo domo do mesmo mineral com cerca de 100 metros de espessura.

O produtuo, analisado, revelou uma pureza surpreendente, tendo sido classificado como de excepcional qualidade.

Os cálculos feitos pelos técnicos da Itatig — empresa que se dedica com rara intensidade e ardor à procura do petróleo e que sobre a região tem estudos geológicos profundos e meticulosos — revelam a provavel existência de alguns milhões de toneladas de Salgema no domo encontrado.

Esse segundo encontro, o da Itatig, vem pois, não somente reforçar a comprovação da sua existência, como afirmar que o possuimos em enormes quantidades e de qualidade igual às dos melhores tipos de Salgema do Mundo.

Este fato abre à indústria nacional um maravilhoso campo de ação. Basta que se diga que apenas de Soda Caustica nós importamos, no ano passado, um volume de 32.000.000 quilos no valor de 50.000:000$000!

Ora, a Soda Caustica é o principal produto obtido do Salgema e tem uso praticamente obrigatório em face das suas múltiplas aplicações.

Além da Soda Caustica, um número enorme de produtos quimicos se conseguem daquele mineral, sem falar no seu uso para a conserva de carnes, xarques, sal fino de mesa, etc.

Por outro lado, não só a Soda Caustica, como todos os derivados do Salgema, eram importados, principalmente, da Inglaterra, da Alemanha, Itália e França, além dos Estados Unidos.

Ora, qualquer desses paises está, no momento, em situação de impossibilidade ou de dificuldade em proceder a tais exportações. Isso traduz, consequentemente, dificuldades grandes para o nosso mercado e, possivelmente, a ausência desses produtos no mesmo.

Felizmente, no entanto, já se está cogitando do aproveitamento industrial do nosso Salgema.

Da própria Itatig, já nasceu uma companhia que vai proceder à sua exploração industrial.

A novel empresa chama-se Companhia Salgema do Brasil, e já está em organização, devendo, dentro de muito pouco tempo, entrar no terreno prático, fabricando a soda caustica e outros derivados daquele mineral.

Só temos que nos congratular com esse fato e externar os votos mais sinceros, como brasileiros, para que a Cia. Salgema do Brasil tenha o surto que merece, para o bem da nossa indústria e da nossa economia.

do que a "Academia Brasileira" (1896), fundado que foi, em Fortaleza, a 15 de Agosto de 1894, — o qual já não se reunia e não dava mais sinal de vida.

Deixou inéditas várias obras: — "Minha Terra" (2.ª edição aumentada); "Pensando, sorrindo, cantando" (pensamentos, epigramas e cantigas); "Contas sem fio" (artigos de imprensa); "Fora do sério" (versos humorísticos); "Fábulas brasileiras"; "Águas passadas" (versos); "Conceitos e Apólogos"; "Louvor a Defesa do Ceará"; e "Estrada de Damasco" (romance em preparação).

Por muitos anos, a minha camaradagem com Antônio Sales foi a mais cordial e fraterna. Como todo o verdadeiro artista, possuia ele, porem, um temperamento nervoso e demasiado susceptivel. Dir-se-ia que tinha a alma à flor dos sentidos. Um gesto ou uma palavra malentendida bastava para lhe ferir os melindres e fugir dos melhores amigos. Assim, foi que, por uma intriga qualquer, se afastou de mim, sem me dizer porquê, nem me dar margem à menor explicação ou entendimento.

Era uma amizade que me desvanecia, daí a minha grande mágoa em perdê-la.

Mas, era de seu feitio, de sua índole sensitiva.

A pesar disso, não arrefeceu a minha admiração nem deixo de reconhecer-lhe os méritos e as altas virtudes morais.

Não me sinto constrangido e é com viva emoção que me associo às homenagens que lhe estão sendo prestadas.

Deixo, nestas linhas apressadas, apenas o esboço do perfil desse Morto ilustre, cuja vida e obra, tão dignas de carinhoso estudo, estão realçadas pelos raros atributos de uma inteligência que tão bem soube honrar as tradições de nossa terra.

As Seis Batinas Estranhas

(Palestra no Colégio de São José, do Recife)

Mário Sette

Que batinas estranhas eram aquelas a desembarcarem numa terra tambem estranha?

Poucos o saberiam responder, se é que houvesse mesmo alguem, entre o povo, capaz de fazê-lo. De curtas luzes a gente que alí morava, nessa época distante, e de largas léguas o mar a separá-la das plagas de onde vinham os homens que vestiam essas batinas desconhecidas.

Saber-se-ia apenas ser chegado o novo governador da colônia e esse evento administrativo já constituiria para os calmos e de bom ânimo um motivo de tranquilidade e de confiança nos dias porvindouros. Porque não iam longe os atropelos e os reveses dos últimos anos de vida da donatária do "fidalgo muito honrado" Francisco Pereira Coutinho, que tanto se ilustrara na Índia e a quem coubera, por graça e mercê do rei D. João III, a capitania da Baía.

Mas, os favores reais alcançara-o já homem de idade provecto, vizinha, talvez da velhice maior e do repouso consequente, de modo a não enrijá-lo mais bastante a vida vivida para os altos propósitos e deveres da árdua missão que lhe fora assinada. E dizem até alguns historiadores, certamente apoiados em elementos abonadores da crítica histórica, terem sido mais "heroicas" do que humanas as virtudes do donatário, por isso que lhe faltavam sentimentos de moderação, de modestia e de justiça.

A verdade é que Francisco Pereira Coutinho viera tomar conta das suas terras tão belas quanto fartas, lançando as âncoras os navios de sua frota na ampla baía crismada pela primeira expedição exploradora de Todos-os-Santos. Aquela mesma enseada que, tempos depois, uma quadrinha satírica e muito popular consagraria:

Cidade do Salvador,
Baía de Todos-os-Santos,
Igrejas por toda parte
Negros por todos os cantos.

Coutinho desembarcara no pontal de Sto. Antonio e procurara logo erguer alí o seu castelo e iniciar os trabalhos de colonização do seu "feudo", apoiando-se na simpatia e no auxílio dos índios que o acolheram bem. Congraçaram-se as raças e os campos em derredor foram se lastrando de mandiocais, de algodão, de cana de açucar. Vinha mais gente da Europa. Viajava-se, pelo litoral, a outros pontos da donatária, e penetrava-se um pouco pelo sertão como a se querer deixar de merecer o epíteto que frei Vicente do Salvador usaria poucos anos depois: — o de caranguejos que só gostavam de viver a arranhar as praias... E essa espécie de caranguejos humanos, mais de quatro séculos decorridos do descobrimento de Cabral, força é convir na sua atualíssima existência ainda pelo nosso imenso Brasil. A "marcha para oeste", a inteligente ordem de avançada e de penetração do presidente Vargas, constitue uma prova de que os simbólicos crustáceos que os olhos do frade que escreveu uma das nossas primeiras histórias persistem em se entocar no debrum de nossas costas, com medo de ir buscar no âmago do país as riquezas que alí os esperam como as esmeraldas de Fernão Dias Pais Leme — esmeraldas que nascem da terra em caules e folhagens para crescer, florar e frutificar...

Essa prosperidade, no entanto, Francisco Pereira Coutinho não a soube manter. As discórdias, as invejas, as injustiças, os preconceitos de cor, tudo concorreu para a desordem, para a indisciplina, para as crueldades e para a rebeldia. Explodiam os litígios os escandalos e as lutas. Mudara-se o "clima" na capitania baiana. Os índios, sobretudo, sentiam-se descontentes e oprimidos. E como estivessem com superioridade de número e não fossem ainda práticos em medidas suasórias para a solução de seus "casos", tomaram seus arcos,

suas flechas, seus tacapes e reagiram à moda do costume: com a guerra. (Convenhamos que os civilizados do século XX não andam desaprendidos desses processos de resolver questões...)

O donatário teve de refugiar-se em Ilhéus, com a maior parte de seu povo. E, não tardou que um naufrágio encerrasse a sua existência. Mais uma capitania fraquejava e com ela tambem se embaciavam as esperanças que o rei pusera nesse sistema de colonização. Tirante Olinda e São Vicente, os outros pedaços de oitenta léguas de costa dados a figuras de prol iam sendo presas dos dissídios, dos embates, das negligências, da decadência. E os contrabandistas, notadamente os franceses, aproveitavam-se dos maus donatários para se irem acostumando ao abrigo dos portos e por eles levar à Europa as nossas madeiras.

O alarma de Luiz de Góis chegara ao rei D. João III: "Se com tempo e brevidade vossa Alteza não socorre a estas capitanias, e costa do Brasil, ainda que nós percamos as vidas e as fazendas, Vossa Alteza perderá a terra..."

Esse brado patriótico saira dos lábios de um futuro membro da Companhia de Jesús.

E, eram dessa Companhia de Jesús, as seis batinas estranhas que desembarcaram em Todos-os-Santos, na manhã de 29 de Março de 1549, com o primeiro governador-geral do Brasil. O Rei atendera ao sombrio e sincero prognóstico de Luiz de Góis. A América Portuguesa ia ter um governo geral. Ia ter um governo. Um orgão político e administrativo central que dirigisse, que corrigisse, que harmonizasse, que combatesse, que mantivesse enfim a ordem, a moralidade, a disciplina e o trabalho.

Tomé de Sousa fora o escolhido para as funções. Homem bom e de notaveis requisitos de direção. Tão virtuoso que dele viria a dizer Nobrega numa sua carta ao Provincial: "O governador Tomé de Sousa eu o tenho por tão virtuoso e entende tão bem com o propósito da Companhia que lhe falta pouco para ser dela..."

O elogio e o conceito, da pena de Nobrega, é ouro de raro quilate. E era dessa têmpera moral o novo governador a quem o povo esperava nas praias do recôncavo. Europeus e indígenas. Porque indigenas havia, cordatos e prestimosos, domados pela inteligência e pela habilidade daquele Diogo Alvares a quem a lenda empresta o episódio de acaso ou de astúcia do tiro de espingarda, para matar um passaro que voa, e que rematou por vencer o culto supersticioso de uma tribu inteira Diogo Alvares alí se achava, tambem, na praia, à espera do governador.

A população vira de longe, grimpando as colinas, as velas brancas e cheias da armada de Tomé de Sousa. As seis embarcações que haviam porfiado com o longo oceano, desde Lisboa, e entravam agora pelas águas plácidas da formosa enseada, dobrando a ponta de Santo-Antonio e descendo as âncoras defronte da Vila Velha. Eram as naus Conceição, Salvador e Ajuda; as caravelas Leoa e Rainha e um bergantim de que a história não guardou o nome. A curiosidade seria enorme, mas a ansia de garantias, de paz e de progresso haveria de ser bem maior nas almas dos espectadores. E, com essa ansiedade, bem fundada, palpitaria sem dúvida nos corações dessa meia centena de europeus que viam chegar do outro lado do oceano os seus patricios, a saudade das aldeias distantes onde lágrimas de mães e aromas de pátria nunca deixavam de se fazer lembrados...

A comitiva desembarcara. Tomé de Sousa, o governador; Antônio Cardoso de Barros, o provedor-mor; Pero Borges de Sousa, o ouvidor-geral; Pero de Góis, capitão-mor do mar; Antônio dos Reis, escrivão da provedoria e da alfandega; Luiz Dias, mestre das obras da fortaleza; Miguel Moniz, escrivão dos contos; Miguel Martins, mestre de fazer cal; Pedro Ferreira, tesoureiro das rendas; Diogo de Castro, boticário...

Mas o que mais atraía a atenção do povo seria as seis batinas diferentes das que anteriormente haviam desembarcados nas terras estranhas. Seis homens que desciam naquela praia, sem trazer às mãos nem armas, nem dinheiros, e que pretendiam conquistar um mundo... Nobres e bons conquistadores que eles eram!... Conquistadores de almas, conquistadores de corações, conquistadores de inteligência!... Seus nomes, se pronunciados naquele momento, não afetariam a inexpressividade absoluta para os que, sendo da terra os ouvissem: Manuel da Nobrega, João Aspiscueta Navarro, Leonardo Nunes, Antônio Pires, Vicente Rodrigues, Diogo Jácome.

E que traziam eles, a final, de ostensivo, para que os olhos todos os fitassem e para que os joelhos se curvassem?

Uma cruz de madeira. Com essa cruz desembarcaram. Com essa cruz levantada eles caminharam pela praia e subiram pela ladeira. Bem à frente. Atrás, com suas armas, os 200 homens da tropa; os 300 colonos de contrato e os 400 degradados. A solenidade desse cortejo, o maior que já desfilara no solo brasileiro, impressionava pelo vulto, pela austeridade, pela afirmação de posse e de construção.

Os seis padres da Companhia de Jesús, porque já eram eles que chegavam, Deus louvado, entoavam cânticos e essas vozes únicas a quebrar o silêncio da cena surpreendente e inédita, constituiam, como falam os cronistas, um alto motivo de emoção.

A "força de autoridade" e a "piedade cristã", aparentemente contrastadoras, mas, radicalmente irmanados, ofereciam um quadro simbólico do Brasil futuro, nessa terra ainda virgem, diante das matas profundas que vinham se molhar nas águas do mar, das colinas que impavam do solo como as próximas peanhas das maravilhosas igrejas da Baía. Seis homens e um mundo!

Nunca se vira partida tão desigual. Tudo a construir, tudo a criar, tudo a pacificar, tudo a vencer.

SEIS HOMENS E UM MUNDO

Sorririam de descrença, de ironia, de sarcasmo, os que não soubessem ainda quem eram essas seis batinas estranhas. E quem os mandara, através dos mares, para a missão de conquistar as selvas.

Contassem-lhes, aos céticos, a história daquele gentil homem que se fizera mendigo. Falassem-lhes, com pormenores, do fidalgo Inigo de Loiola, titular da nobilíssima gente dos Loiolas, com armas do brasão e castelos de morada, que despira trajos de seda e veludo e vestira a roupeta de missionário. O capitão destemeroso que resolvera defender o baluarte de Pamplona contra os franceses de Francisco I que cobiçavam a Navarra, caira ferido na perna por uma bala de artilharia. Depois de pelejar muitas horas, sem atender a intimações, sem se arrecear de bombardas e arietes, desobedecendo até aos propósitos do próprio comandante inclinado à capitulação. Em face do valor militar de André de Foix, a bravura sem par de Inigo de Loiola.

20 de Maio de 1521. Navarra cai às mãos dos franceses. Loiola, gravemente ferido, sofre, a crú, operações dolorosíssimas e fica entre a vida e a morte. Depois de mal encanada, quebram-lhe de novo a perna. Há ossos expostos. Há tecidos infeccionados. A faca corta-lhe as carnes e a serra range-lhe nos ossos. E surge-lhe no espírito a outra luta. Dois mundos a atraí-lo: o mundo dos homens e o mundo de Deus. Debate-se-lhe a alma. O fidalgo cheio de honras, de vaidades, de paixões e o futuro padre humilde, resignado e destemido que iria renunciar aos gozos e às honrarias para servir a Deus. O soldado e o sacerdote. A bandeira do século e a bandeira de Cristo.

Até que Inácio decidiu-se: — "Seguirei a Cristo!". Levanta-se a custo da cama. Trôpego, gemendo, arrimado a um bordão. E em face de uma imagem da Virgem Santíssima, exclama:

> "Tomai, Senhora, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, a minha inteligência e toda a minha vontade, em fim tudo o que tenho e possuo. Vós me destes tudo e eu vô-lo restituo. Disponde de tudo isso a vosso belprazer. Dai-me o vosso amor e a vossa graça que isso me basta!".

Vencera a bandeira de Cristo. E, debaixo dela, formaram os primeiros homens da Companhia de Jesús. Pedro Fabro, que missionaria a França, a Alemanha, Portugal; Francisco Xavier, o doutor que se fez padre, e iria espalhar a palavra de Jesús pelas regiões ásperas e hostís da Asia; Laynez e Salmeron, as bocas sapientes do Concilio Tridentino; Luiz Rodrigues o que viria a ser o alto beneficiador do Brasil por obter campo fertil para a ordem em Portugal. A época era a mais delicada, a mais cheia de provações para a Igreja Católica. Lutero dera o exemplo da rebeldia e da apostasia. O fermento mau da heresia caminhara depressa entre vários povos. Todos os pretestos seriam bons para um gesto de irreverência, de insubordinação, de cobiça. Os bens das ordens confiscar-se-iam. Os laços de obediência rompiam-se. Os preceitos católicos desfaziam-se. Tão facil!... Henrique VIII, o gordo e astuto rei da Inglaterra, abrira a contagem das conveniências, num caso intimo, de escândalo doméstico. Não faltariam seguidores...

A Igreja, porem, reage. Corrigem-se falhas, apuram-s· virtudes, estreitam-se obrigações, formam-se legiões de defesa. O papa Paulo III orienta esse movimento de fortalecimento e de expansão. Cristo venceria. E para essa nova cruzada do seculo XVI os soldados da Companhia de Jesús estavam a postos.

Em 27 de Setembro de 1540, provados em atos que os credenciavam para a tarefa apostolar, os padres de Loiola recebem do Pontifice a aprovação. Eles eram doravante a Companhia de Jesús. As meditações de Manresa e os votos de Montmartre tinham frutificado. "Ide ao mundo universo e ensinai a todos os povos". Em meio das altezas, dos fidalgos, dos poderosos que enchiam os paços, os castelos, as fortalezas daquela época, na ostentação de títulos, de jóias, de espadas, de comendas, aqueles fundadores da Ordem de Inácio de Loiola não passavam de uns pobretões que recolhiam mendigos e comiam de esmola. Eles viriam a ser, 4 séculos após, os nomes dignos de todas as bençöes, enquanto os dos que povoavam as cortes morriam com as suas próprias cinzas

E o nosso Brasil contava menos de meio século de idade nessa época. A Companhia tinha somente 9, de reconhecida pelo Papa, quando aquelas seis batinas estranhas desembarcaram na Baía. O que eles fizeram aquí, neste deserto de gente, de instrução e de moral só por entusiasmo e por gratidão, relembraremos, em resumo, porque de todos é conhecido e gabado.

Vila-Velha mal restava em ruinas do que Francisco Pereira Coutinho alí erguera. Vestígios do castelo do donatário; vestígios da capelinha que lhe ficara ao lado e onde tinham rezado os primeiros habitantes cristãos. Em redor, palhoças, ocas de indigenas outra vez, como se houvesse voltado de novo o pleno dominio dos nativos.

Os padres jesuitas ficaram de começo junto da ermida e sob uma coberta de palhas. Dessa palhoça irradiar-se-ia a força moral e intelectual por todo o território brasileiro. Tapera e catedral. A cruz trazida em procissão, fincaram-na no meio de uma campina. Sua sombra cobriria o resto da terra a civilizar. E disseram missa, com cânticos, em ação de graças. Troaram as bombardas em salvas.

Perto dalí, em sitio mais aprazivel e conveniente, "num dos lugares mais belos da ci-

dade, sobranceiro à baía, com vistas não só para ela até muito longe, onde já aparecem pardo-azuladas algumas das ilhas que a povoam, como tambem para o mar a grande distância", fundou-se a Cidade do Salvador e depois alteou-se a igreja e o colégio da Companhia de Jesús. Nessa obra, o próprio governador com os padres ajudaram a carregar tijolos, a desmanchar a cal, a fincar caibros. Por isso, talvez, essa primeira igreja chamou-se de Nossa Senhora da Ajuda.

Começava a cruzada: — Nobrega pregava e Aspiscueta Navarro aprendia a lingua dos selvagens para verter nela as orações dos cristãos. O Padre Nosso, a Ave-Maria, a Salve-Rainha, os cânticos... Reuniam-se em aldeias os índios para melhor educá-los e para melhor protegê-los dos que os queriam apenas escravizar. Leonardo Nunes, de tão rápido nas suas viagens a vários pontos do país, numa sêde imensa de apostolado, ficou conhecido pelo "Abarébébé" — o padre voador. O bondoso sacerdote sem sequer sonhar com isso estava sendo o anunciador dos passaros voadores de hoje, os aviões de paz e de progresso. Esses homens pobres iam distribuindo riquezas: fundavam igrejas e escolas. Escolas de ler, escrever e algarismo. Mais tarde viriam os colégios de humanidades.

A primeira dessas escolas primárias foi aberta na Baía 15 dias depois da chegada dos padres jesuitas e o mestre chamou-se Vicente Rijo. Foi assim esse Vicente Rijo o iniciador do ensino no Brasil e durante 50 anos exerceu seu mister entre trabalhos, doenças e benemerências — diz Manuel da Nobrega numa das suas cartas.

As crianças, sobretudo, mereceram a atenção e o carinho dos jesuitas. Elas eram as sementes. Não possuíam preconceitos de raça nem de cor. E assim melhor se adaptavam à cruzada fraternal de que os jesuitas estavam impregnados. Os pequenos indígenas tiveram dos padres o máximo de atenção e de zelo, "psicólogos e educadores eméritos" que eles eram.

De um seu colégio de orfãos, em Lisboa, vieram, num velho galeão, sete meninos sem pais. Traziam nos seus corações ainda pueris a missão de tecerem os elos de aproximação entre a infância do antigo mundo com a do novo. E o contacto se deu: os orfãos de Portugal uniram-se aos catecumenos do Brasil. A princípio o instinto dos brinquedos em comum os juntaram; depois o entendimento das palavras completou a amizade. Juntaram as mãos, em comum, para rezar as mesmas orações a Nossa Senhora. Saíam lado a lado, em procissões, a entoar os mesmos cânticos em idiomas diversos. Por fim, uniam tambem as mãos em roda para cantarem as parlendas deliciosas da meninice como fossem, talvez, o Ciranda Cirandinha e a Dansa das carranquinhas...

Foi assim que os índios que até então, em regra, só tinham conhecido nos invasores o gesto insólito de dominadores ou a hostilidade deshumana do escravocrata, ouviram falar-lhes com doçura, viram as atitudes de mansidão e cordura, sentiram-se dignamente tratados pelos homens de roupeta. Os padres não seriam apenas os guias religiosos, os catequizadores, mas, tambem, os orientadores no trabalho. Ensinavam-lhes a plantar a cidra, o limão a manga, a laranja. Fundavam os primeiros sítios de gado, esses currais que mais tarde se tornariam as cidades do sertão. Eles próprios mostravam como moer a cana e cozinhar o mel para se obter o açucar.

A seara era vasta, mas os espíritos dos padres tinham ainda horizontes mais amplos. Os campos aumentavam; as colheitas cresciam; as aldeias reproduziam-se; as tribus amansavam; as igrejas iam erguendo suas torres por toda parte.

Os meninos que tinham sido os primeiros alunos das escolas já transmitiam o que tinham aprendido aos mais velhos das suas tribus. "1552. Os padres ensinam os filhos e os filhos ensinam aos pais".

FOI ASSIM QUE PELOS CORAÇÕES DAS CRIANÇAS ELES SUBIRAM AOS CORAÇÕES DOS MAIS VELHOS, COMO PELOS DEGRAUS TOSCOS DAS ERMIDAS ELES ATINGIRAM AS ESCADARIAS DAS CATEDRAIS.

Depois das escolas, os colégios. SALVADOR, PIRATININGA, RIO-DE-JANEIRO, OLINDA.

Olinda!... Nossos olhos, ainda agora, erguem-se para a mais ressaltante colina olindense e vêem lá em cima, afagado pelos leques das palmeiras, o edifício sólido como sua obra e acolhedor como suas almas, que os jesuitas nos deixaram. Hoje como ontem é uma sementeira de pregadores da doutrina de Jesús. E domina a cidade como domina os católicos. Um símbolo. Foi alí que a verdadeira Olinda nasceu — a da fé, a do saber. Olinda mística e Olinda intelectual. A oração e o livro. A piedade e a inteligência. A nossa Olinda dos sinos cheios de sonoridade, das procissões emotivas, a subir ladeiras como Jesús subira o Golgota, das igrejas austeras e das capelinhas risonhas, dos "passos" que se enfeitam e se iluminam para verem Nosso Senhor passar, das bicas cujas águas brotam por baixo dos altares, das lendas que falam de aparições e de tesouros escondidos...

Olinda bem nossa. Olinda que recorda Nobrega e Antônio Pires a palmilharem seus caminhos agrestes e a pregar em pulpitos improvisados. Olinda tradicional, pitoresca, histórica, guerreira, toda ela confundida, nessas várias faces, com aqueles primitivos padres que a conheceram sob o governo de Duarte Coelho e lhe ajudaram a construir uma cidade de trabalho, de confiança e de fé. Pão espiritual para as almas, na eucaristia. Pão material para as bocas, nas rodas d'água dos engenhos.

Os jesuitas não faltaram a Olinda, como não faltaram a nenhum recanto do Brasil. Ca-

tequizando, protegendo, educando. Legítimos soldados de Cristo a exemplo do seu fundador. Na defesa dos princípios morais, dos principios cristãos iam até à temeridade, ao sacrifício.

Haja vista o que fizeram para afastar os selvagens da antropofagia. A prática ancestral estava radicada nos costumes dos indígenas. Matar e devorar em banquete o inimigo vencido era um dever sagrado. Não cumprí-lo constituia uma humilhação, uma covardia. Mas os padres falavam-lhe do pecado desse gesto canibalesco. Nosso Senhor não queria aquilo. Os mortos requeriam o túmulo. Os recalcitrantes eram inúmeros. Tribus inteiras se revoltavam contar a proibição de comerem carne humana.

Os padres não desistiam não se desesperançavam. Muitas vezes ouviam de longe os batuques, as músicas, os cantos. Era uma festa sinistra dos indios. Dansavam e cantavam para depois se banquetear com os inimigos abatidos pelo tacape. Todos reunidos. Desde o pagé às megeras que afiavam as quicés e preparavam os alguidares para esquartejar e limpar músculos e visceras dos cadaveres, como se fossem lombos de boi ou miudos de carneiro.

Não hesitavam os jesuitas. Investiam pelas cauçaras a dentro. Agarravam os mortos. Carregavam-nos para as aldeias e alí lhes davam sepultura.

Por esses atos cristãos, quantas ameaças, quantas represálias, quanto ódio!

O vício da antropofagia era de tal modo inveterado que um cronista conta aquele interessante episódio de uma velha india. Ela há muitos anos se convertera. Batizara-se. Vivia entre os brancos. Parecia de todo esquecida da vida primitiva. Mas, adoece. Queixa-se de um fastio tremendo. Nada lhe apetece para alimentar-se. Definha. Um padre traz-lhe frutas, traz-lhe doces. Recusa-os. E confessa:

— Nosso Senhor me perdoe... Mas, agora, eu só tinha vontade era de roer uma canelinha de menino-novo...

A obra dos jesuitas não se deteria mais. A segunda leva deles chegara com o segundo governador, Duarte da Costa. E, nesse grupo, vinha um jovem membro da Companhia de Jesús que viria consagrar sua mocidade e sua velhice ao Brasil. Era José de Anchieta. O nome basta. O nome e o título: O Apóstolo das Selvas.

Anchieta é a juventude aquecida pelo amor de Deus. Para ele vão se abrir todos os caminhos do devotamento e da renuncia. Tanto escreve poesias delicadas e emotivas para os catecumenos, como se oferece como refen aos Tamoios. Tanto ampara o índio contra a brutalidade do colono, como desafia o huguenote cobrindo com o seu corpo a pureza da sua igreja. Anchieta salva o país da primeira agressão estrangeira. Ajuda a fundar a cidade que viria a ser o coração brasileiro, São Sebastião do Rio de Janeiro.

Esse novo Abaré excedeu a todos os outros. Ele não deu ao Brasil apenas uma parte da sua existência. Deu-a toda, deu-a integral. Chegou aqui moço e aquí morreu quase velho. Ficou morando conosco. No túmulo, as suas cinzas. Na presença espiritual a sua inteligência, a sua dedicação, o seu apostolado, enfim. Guardião da nossa crença. Zelador da Cruz que a primeira leva trouxera em procissão, naquela radiosa manhã de Março de 1549...

Voluntariamente entregue aos Tamoios, enquanto se ajustava o armistício, Anchieta escreveu, nas areias de uma das nossas praias, o seu Poema à Virgem. Ele o escreveu justamente numa praia porque pretendesse afirmar aos que chegam ser o Catolicismo a legenda indelevel de nosso pórtico. Aquele poema está hoje traduzido, magnificamente, não mais na beiramar, porque agora se vem ao nosso país, tambem, pelos ares, mas no alto de uma montanha, bem no alto: — essa tradução é o monumento a Cristo Redentor, no Corcovado.

Nós, igualmente, nós, pernambucanos, possuimos uma cópia desse poema. Temo-lo, os recifenses, sobretudo, quotidianamente diante dos olhos. A cidade pode avistá-lo, dominador, de todos os seus quadrantes. E' a torre da igreja de Nossa Senhora de Fátima. A nova igreja da Companhia de Jesús. Ela, a torre, distingue-se de todas as outras velhas torres barrocas. Esguia, aguçada, singular. Lembra até a espada de Inácio de Loiola. A espada que ele não mais manejou contra os irmãos, ao se fazer soldado de Cristo. Mas, que persiste, como a torre dos Jesuitas, de atalaia para prestigiar a disciplina, para impor a moral, para defender a inteligência e, como há 400 anos, para servir à Fé Católica.

TUDO PARA MAIOR GRANDEZA DO BRASIL
TUDO PARA MAIOR GLÓRIA DE DEUS.

O Espírito Modernista da Literatura Brasileira

Bezerra de Freitas

O romantismo, que enche a primeira metade do século XIX, tem sido caracterizado como um movimento derivado da negação e da dúvida. Os grandes herois romanticos sonharam, sofreram e se definiram em face da vida, da ciência, da religião e da literatura. A insurreição do indivíduo contra os velhos esquemas sociais, os princípios filosóficos propagados pelas novas correntes de pensadores franceses e alemães, as reações coletivas contra o critério da quantidade na esfera dos conhecimentos humanos determinaram novas expressões artísticas e literárias. Fatores psicológicos diversos, como o pessimismo, a tristeza, a inquietação, a dúvida, a desordem, a extravagancia, a exaltação das paixões, que constituem a essencia do romantismo, teem sido apontados pela crítica dos nossos dias como resultantes normais dessas ruturas de equilibrio que assinalaram a aurora dos tempos modernos. "A liberdade, a natureza e a independencia — escreve um dos nossos criticos — são os três elementos capitais do romantismo brasileiro. Um elemento psicológico ou humano, que afeta a própria atitude do espírito em face da vida. Um elemento geográfico, que implica no domínio acentuado da paisagem nas obras de ficção. E um elemento patriótico, que comunica a todas as obras literárias a vontade de ser novo e diferente, a conciencia de uma nova sociedade, de uma pátria livre que procura e deve achar a sua expressão própria e diferente daquela que, até então, a caracterizava. Em todos os nossos romanticos, encontramos esses três elementos sempre combinados, embora em dóses diferentes. Na primeira geração romantica, particularmente em Gonçalves Dias, predomina o elemento geográfico e americanista. Na segunda geração, o elemento psicológico. Na terceira, o elemento político-social." Mas, em qualquer desses periodos, o objeto da ficção está sempre em harmonia com o ambiente físico e o meio social. As personagens do romance, animadas de idéias, vontades e sensações, procuram traduzir a individualidade nacional, as expressões comuns aos tipos que representam a sociedade.

O romance regionalista, se não se limita à descrição de paisagens, costumes, curiosidades folclóricas, a aspectos particularíssimos da vida local, nota Xavier Marques, se objetiva num acontecimento humano, focalizando exemplares de especifica humanidade, natureza e espírito, instinto e conciencia, tem as mesmas possibilidades do romance de qualquer outra especie. Mas, acrescenta o escritor, se a obra regional, por sua mesma localização, pode deparar-nos um grau inferior do humano, tambem nos cenarios suntuosos, como nos *bas-fonds* das grandes cidades, transpostos pela arte, é comum encontrar-se Caliban, a impulsividade natural, destruindo os freios da vida civilizada.

Assim, se o romance francês moderno se desenvolve em torno de casos de conciencia, de conflitos sentimentais, e de alentadas experiencias psicológicas, se o romance inglês, desprezando traficantes de drogas e detetives, mostra-se interessado por submarinos e espiões, como reflexo natural da guerra, estendendo-se, por vezes, ao amor e à virtude, o romance brasileiro investiga as ações e reações de determinadas zonas agrárias ou industriais, revela os pensamentos, os impulsos e as paixões das suas classes médias e proletárias.

Analisando o romance inglês contemporaneo, Janet Adam Smith esclarece que as melhores obras de ficção da Grã-Bretanha se distinguem pela fórma de apreciar os homens e as mulheres como membros de uma comunidade. O amor não foi de fórma alguma banido, mas as relações pessoais entre homens e mulheres são observadas, apenas, como um elemento de um modelo complexo. Há muitos amorosos nos admiraveis contos de Sean O'Faolain, que escreve acerca da Irlanda, e H. E. Bates que escreve acerca da Inglaterra rural; no entanto, os seus amores estão de certa maneira misturados com outros assuntos tais como as relações entre o senhorio e o inquilino, o conflito entre os antigos e os modernos processos de agricultura, a quebra das crenças religiosas tradicionais, o preço que os produtos agricolas obteem nos mercados. O romance de Richard Llewellyn, *How green was my valley*, é uma tentativa para compreender a vida justa, não como uma utopia visionária mas sim como uma sociedade real; o verdadeiro herói do romance é a comunidade tomada em conjunto, e o mesmo se pode dizer de muitos romances recentes, tais como *The hostile shore*, de Catherine Gavin, que é a historia dos pescadores do nordeste da Escossia.

Janet Adam Smith acrescenta que, nessa tentativa de mostrar todos os fatos, de experiencia, os romancistas atuais voltam às tradições dos grandes ficcionistas do passado — Scott, Balzac, Tolstoi, — embora, como sempre acontece, o romance inglês tivesse abandonado, durante um certo tempo, esse processo, para o redescobrir com plena convi-

ção; e, daí, o fato do povo britânico manter o amor, a religião, a política e a economia em compartimentos separados, compreendendo, — contudo, pela sua experiencia direta, quanto a vida privada e a vida pública se afetam mutuamente.

O modernismo brasileiro, como movimento organizado, data de 1922 e traz a marca da preocupação pelas cousas que rolavam sem destino. O romance, até então concebido sem unidade, adquire carater social. A renovação estética, verificada nestas duas últimas décadas, impôs-se, acima de tudo, pelo seu acentuado carater de objetividade, de otimismo, de mocidade, pelo seu esplendido espírito construtivo. Ao romance de critica social, ao romance rural, ao romance filosófico ou politico, ao romance de ação, a todas essas formas veio juntar-se um naturalismo por vezes inexpressivo. O ciclo da cana de açucar, a vida dos negros da Baía, o drama das populações rurais, os aspectos heroicos e os aspectos dolorosos da existencia na provincia passaram a constituir a matéria prima da nossa literatura de ficção. Nesses romancistas, sejam os hesitantes, os nebulosos ou os que nos transmitiram a sua mensagem definitiva, percebe-se, por vezes, a influencia de criadores estrangeiros. Nuns, o processo realista, primitivo, do escandalo e do amoralismo, foi inteiramente banido; noutros, foi cultivado.

Em 1922, coube a Graça Aranha estimular a reação contra os velhos moldes academicos, concitar a mocidade letrada à rebeldia para que pudessemos criar uma arte nova e uma arte nossa, destituida dos artifícios e os engodos do passado.

Manifestaram-se tendências, surgiram promessas, vieram afirmações, estas em numero reduzido. Cada qual com a sua sensibilidade, sua estética, sua audácia renovadora, mas, no fundo, tocado do novo pensamento construtor. O romance-ensaio tambem se incorporou à nossa literatura.

Sob muitos aspectos, abusou-se da reportagem e da documentação, a ponto de se desprezar inteiramente aquilo que se denominou, com propriedade, a "infusão poética", as manifestações interiores da vida. No romance contemporaneo, sobre tudo, observa-se excessivo realismo, não o realismo no sentido da descrição do fato, da simples pintura da paisagem local, mas da grosseira interpretação da vida e das cousas humanas. Todavia, esse romance cheio de vida e de movimento, de criaturas de carne e osso, construido no tempo e no espaço, esse romance objetivo, com todos os caracteristicos da era post-romantica, possue entre nós alguns cultores puros, singulares, concientes da sua alta missão literária.

Nos romancistas de 1924 como nos ficcionistas dos nossos dias, o interesse humano está sempre presente. Uns trazem a juventude para as suas obras, a nota de otimismo e de candidez; outros, a marca da brutalidade, o amargor, o pessimismo irremediavel. Poucos são os que caem na literatice ou se perdem no arranjo das situações e se há uma observação critica a fazer é da ausencia, em via de regra de grandes aventuras humanas nessas obras. Tudo se processam sem riscos, tudo se desenvolve sem lânces notaveis.

O romance brasileiro é uma afirmação da nossa ansia de viver. A' fantasia desmedida dos romanticos puros, opomos o realismo da luz tropical, o desejo de realizarmos as nossas aspirações de arte e de cultura sob os imperativos desse trágico e indefinivel momento histórico do mundo.

A literatura de ficção, posterior a 1930, foi um legitimo apelo às inteligencias criadoras e deixou entrevêr, desde logo, a necessidade, senão o dever mesmo, de se encarar o romance menos como uma simples forma de *amusement* do que em suas bases sociais. A indisciplina, então latente no espírito dos romancistas da nova geração tornou-se um elemento fecundo para a compreensão dos destinos nacionais, harmonizando o homem e a natureza fisica, o artista e o meio. A literatura ganhou unidade. Revelou, de súbito, as duras realidades do nosso ambiente social. Alguns romancistas, desviados do sentido brasileiro, sob a influencia da inquietação política do ocidente, tentaram descrever tragédias, ambições, conflitos etnicos ou choques de credos religiosos, mas voltaram cedo ao ponto de partida, reconhecendo que não poderiam interessar à nossa sensibilidade e à nossa inteligencia as crises e as paixões sinistras dos outros povos. Tanto os romances da fase da campanha modernista como os que surgiram nestes últimos anos indicam, na sua maioria, a tendencia para o depoimento, para a pesquisa, para a formação de um clima social e moral favoravel ao homem na sua luta contra as forças da natureza fisica.

O romance da época pre-modernista limitava-se à descrição, à copia dos quadros sertanejos, e não raro procurava deformar a realidade, apresentando tipos e figuras puramente imaginários. O processo atual é diverso. A exaltação lírica foi substituida pelo depoimento sereno. E nisso consiste precisamente a diferença entre o regionalismo e o modernismo. O regionalismo preferia as ficções generosas da vida, e asim, as secas nordestinas, os brejos, os engenhos primitivos, as fazendas de cacau não suscitavam problemas de raça, de construção ou de economia, mas o ensejo para divagações estéticas. O modernismo transformou a indigencia das populações rurais em questão sociológica. Rumo certo, sem dúvida. Alguns desses romances confundem-se, às vezes, com o ensaio e o panfleto, num evidente desejo de contribuir para a renovação espiritual e material que se está processando.

Ao lado dos prosadores, da fase post-modernista, já julgados, em definitivo, pela critica — e podemos citar Léo Vaz, Hilário Tacito, Godofredo Rangel, Mario de Andrade, Oswaldo de Andrade, José Americo, Luiz Belgrado, Miguel Osorio de Almeida, Gilberto Amado, — deparam-se dois grupos que realizam a sua obra de ficção em harmonia com o seu temperamento e as suas teorias literárias e artísticas. Do primeiro, constituido de roman-

cistas já conhecedores da técnica do romance, participam os srs. José Lins do Rego, Graciliano Ramos, José Geraldo Vieira, Rachel de Queiroz, Armando Fontes, Jorge Amado Erico Verissimo, Marques Rebello, José Vieira, Vianna Moog, Dinah de Queiroz, Anibal Machado, Cornelio Penna e Ruben Fraga. Do segundo, Octavio de Faria, Almeida Prado, Carolina Nabuco, Lucia Miguel Pereira, Jorge de Lima, Lucio Cardoso, Flavio de Campos, Guilherme de Figueiredo, Cyro dos Anjos, Luiz Jardim, João Alphonsus, Telmo Vergara e Guilhermino Cesar.

Se nem todos esses romancistas se preocupam com as secas e retiradas, com a miséria dos plantadores ou das familias operarias nos meios urbanos, a verdade é que em todos o problema fundamental é o homem, com os seus casos dramaticos, seus sofrimentos intimos, — sua eterna luta para a conquista do pão. E' a revelação da vida, por assim dizer.

Numa engenhosa definição, imaginada por um dos nossos escritores, o sr. Octavio de Faria, a materia prima do romance brasileiro é assim sintetizada: *a*) o homem sofrendo, procurando lutar, — sangrando a cada passo, falindo nos seus raros esforços deante de forças infinitamente mais poderosas do que ele — o homem vencido, — desesperado, fugindo, renunciando à luta, abandonando tudo; *b*) o horror das secas, o horror da condição de vida dos colonos e dos operarios das fábricas, o horror da atmosfera das prisões do sertão, o horror da depravação infantil nos engenhos, horrores de todas as especies, visões negras de quadros diferentes, todo um panorama onde as côres claras são episodios e chocam, onde os momentos de alegria são pagos e compensados por páginas e páginas de retiradas de famintos das secas e de evocações de cenas perfeitamente semelhantes às das crônicas do tempo da escravidão. Assim, o romance da terra disputa a primazia ao romance do homem, determinando frequentemente alterações profundas de fórma literária. O tom de ensaio, de investigação sociológica, de inquerito social prejudica a visão romantica, a sugestão estética da narrativa.

Os pobres matutos dos romances regionalistas do século XIX vão passando, e, outras figuras, talvez mais felizes ou mais solertes mais doces ou mais dolorosos, passam a povoar os romances do nosso tempo. Não é um estudo de almas, de criaturas cheias de idéas e sentimentos. Não é um processo de analise interior, de pan-psiquismo, de caracteres transcedentes em conflitos misticos ou idealistas. São figuras que ora se realizam no amor ora se degradam nas mais denunciaveis e abjetas atitudes. Em algumas dessas obras, o poder de evocação, o esquema das vidas, os impulsos criadores, os caracteres psicológicos atingem alturas excepcionais, como em José Lins do Rego, Graciliano Ramos, José Geraldo Vieira, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, Jorge Amado e poucos mais.

A nova geração de romancistas brasileiros acompanha, com interesse crescente, o claro-escuro dos problemas sociais. Ela não perde de vista o meio fisico e social brasileiro, mas, deixando em plano secundario os conflitos amorosos, meramente sentimentais — ao revés do que se tem verificado na França destes últimos tempos — faz do homem o centro de todas as cousas. Cada romancista nos apresenta um estilo, uma fisionomia, um processo diferente; mas, a ansia de revelar o sub-sólo humano ressalta desde logo, e fôra impóssivel deixar de reconhecer que, ao lado de alguns hesitantes, existem legítimas expressões de criadores literários.

Um critico de irrecusavel probidade, o sr. Livio Montenegro, definiu com agudeza e precisão algumas das figuras mais representativas da geração de romancistas que surgiu nestes últimos dez anos. Em José Lins do Rego viu um romancista cheio de calor, saúde, força e fermento de vida, um escritor dotado de poder de se encarnar "profundamente nos seus personagens, levando para eles toda a agonia e a vibração dos seus nervos". Em Jorge Amado um autor de imaginação lirica, que "não se detem em analises psicológicas de rigor, e nas suas personagens a ação não vale pela ação, vale pelo que ela repercute de efeito poético no campo da realidade, pela sua força dramática, o seu idealismo vivaz." Em Amando Fontes observa o predominio das qualidades exteriores do romancista, das qualidades materiais de observação, da pequena analise, sobre as qualidades "essencialmente originais, de invenção, de imaginação criadora, e que envolvem não só a abundancia de inspiração e de idéia, mas de linguagem". Em Graciliano Ramos fixa o autor brasileiro moderno "com maiores tendencias para o romance introspectivo, o romance interior, o romance, portanto, que promete a surpresa dos dramas que o nosso golpe de vista não atinge; que de ordinario se escondem dos nossos sentidos e ferem diretamente o mistério da vida os dramas de conciencia". Em Erico Verissimo a "intenção sincera de querer sugerir nos seus romances os flagrantes mesmos mais simples e vulgares da vida doméstica e social, sem renovar nada, sem melhorar nada, para ficar perto da natureza". Em Rachel de Queiroz, uma sensibilidade penetrante, que não recua deante de nenhuma audácia, um espirito de luta, direto, constante, decidido, "que sabe exprimir como ninguem os sentimentos mais delicados de dor e de alegria, fixar toda a poesia silenciosa e intima que eles sugerem, conservando-os em toda a sua força ingenua e profunda."

Alguns desses romances se apresentam com a marca da reportagem social, por vezes documentada, por vezes cheia de alusões a teorias politicas e doutrinas econômicas, assumindo ares de panfleto. Outros se propõem tarefas moralizantes, e pretendem ditar novas diretrizes às questões sociais, forçando a nota da *experiencia pessoal*, da *observação direta*, e com esses escassos elementos, sempre discutiveis, pretendem nos dar a imagem de um mundo como

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

Romance brasileiro de introspecção

Peregrino Junior

Não há novidade — nem tampouco exagero — na afirmação de que o romance brasileiro foi sempre um romance de sentido nitidamente horizontal. Qualquer crítico medianamente lúcido poderá verificá-lo, se acaso se der ao trabalho de inventariar as suas expressões mais representativas. O romance do Brasil tem sido sempre realizado como "seção longitudinal" — Romance, portanto de superfície. Sem mistério e sem profundidade. Sem penetrar todas as "camadas geológicas" da humanidade brasileira, como aconteceria se fosse realizado em "seção perpendicular".

Os nossos romancistas, seduzidos pela ondulação periférica dos aspectos exteriores da vida, raramente tentaram em geral sondagens ou mergulhos arriscados. Preferiram quase sistematicamente os passeios faceis da superfície. Contentaram-se na mor parte dos casos com a narração simples da vida dos seus personagens. Ou com a narração de costumes e paisagens, com a fixação pura e simples do documento geográfico e social. Em regra teem sido todos eles excelentes narradores. Mas não foram em geral fixadores da alma humana no seu sentido mais grave e belo. Nenhuma tentativa de análise, nenhum ensaio de penetração psicológica, nenhum esforço de introspecção. As exceções teem sido raríssimas. Nem eu precisaria citá-las, tão poucas e notórias elas são. Contudo, há na história do pensamento brasileiro uma alta linhagem de grandes romancistas verticais, de tendência inegavelmente introspectiva. Um crítico português, se me não engano o Sr. João Gaspar Simões, escreveu um longo ensaio, para demonstrar que o romance desta natureza seria impossivel no nosso clima, porque o homem da América seria incapaz de introspecção. Evidentemente a tendência literária para a extroversão nós a herdamos de Portugal, cuja literatura é a mais extrovertida do mundo, desde o mais velho tempo, como se poderá ver fàcilmente da leitura dos seus mais conhecidos e famosos romancistas (Eça, Camilo, Pinheiro Chagas, Julio Diniz).

No Brasil, entretanto, mau grado a fatalidade dessa herança literária, e o clima cultural da América, a verdade é que já tivemos um Machado de Assis, e ai estão, vivos e presentes, para desmentir o sr. João Gaspar Simões, os srs. Graciliano Ramos, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso, Otávio Faria e Osvaldo Alves. Todos eles romancistas verticais. Romancistas de tendência introvertida. Gostando de mergulhar perpendicularmente no sub-solo da alma humana. Devo declarar, desde logo, para ser honesto, que não subestimo os outros, os extrovertidos, aqueles que se filiam na linhagem psicológica de José de Alencar, de Manuel Antônio de Almeida, de Graça Aranha, como José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo. Porque não estabeleço entre as duas categorias de romancistas diferenciações de ordem quantitativa, mas apenas qualificativa. De modo geral, uns não serão superiores aos outros, senão apenas diferentes. Mesmo porque seria arriscado dizer que Proust foi superior a Balzac, que Joyce foi maior que Dickens... Mas o que nos interessa, no momento, é examinar o romance de introspecção entre nós, cuja existência o sr. João Gaspar Simões considerou impossível, por vários motivos de ordem geográfica, antropológica e cultural. A verdade, porem, é que o romance instrospectivo existe no Brasil, desde os velhos tempos de Machado de Assis, e têm hoje nos srs. Graciliano Ramos, Cornélio Pena e Lúcio Cardoso três representantes de alta categoria. Cada um deles, aliás, no seu plano, no seu setor, com o seu "estilo" pessoal de sondagem. Lúcio Cardoso é o romancista do mistério. O clima da sua humanidade, desde "A luz no sub-solo", tem sido um clima noturno de mistério, denso, grave e belo. Nesse clima é que vivem também os personagens de "Mãos vazias" e de "O Desconhecido". Paisagem humana de crime, de sofrimento, de infinito desespero da alma. Já em Cornélio Pena a atmosfera é outra: é a atmosfera da loucura. Em "Fronteiras" e posteriormente em "Os dois romances de Nico Horta", Cornélio Pena colocou-nos — e com que força e penetração! — diante do problema da loucura. E estudou-o com uma minúcia, uma agudeza, uma lucidez espantosa. Lendo-o, a gente forçosamente tem que refletir um pouco sobre a precariedade

das nossas idéias atuais sobre as fronteiras da loucura... Porque é a final de contas bem difícil definir os limites da normalidade mental em certos casos. Nos casos fronteiriços, nos casos instaveis, nos casos de dupla personalidade, nos casos em que o estado de loucura ou o de normalidade não são senão fugas ou momentos de transição — é preciso colocar o problema em equação com muita prudência... Assim como há as "intermitências do coração", de que nos falava Proust, existem tambem as "intermitências da razão". A humanidade complexa e obscura de Cornélio Pena é uma demonstração desta verdade. Graciliano Ramos, cujo "caso" literário causou no nosso meio certa surpresa e perplexidade, embora filiado tambem à corrente do romance de introspecção, caminha nas suas pesquisas noutro sentido: estuda o problema do sofrimento e da miséria.

Desde o seu primeiro livro "Cahetés", Graciliano Ramos revelou, embora ainda então com certa timidez, tendência nitida para a análise interior dos seus personagens. Em "São Bernardo" acentuou essa inclinação fortemente. Mas só depois, no seu admiravel, profundo e tragico romance de análise que foi "Angústia", essas tendências se definiram e precisaram de modo resoluto.

Graciliano Ramos, aliás, coisa digna de nota, é dos poucos escritores brasileiros que teem continuado a progredir sempre, a produzir cada vez melhor, a pesar do grande sucesso de um livro de estréia feliz e vitorioso. De "Cahetés" a "Angústia" o seu progresso foi consideravel. "Angústia", destarte, no diagrama da evolução literária do romancista, representa o vértice da curva, pela soma total de todas as suas qualidades de análise, de construção e de estilo. E' uma obra viva, humana e dramaticamente dolorosa, sendo ao mesmo tempo um autêntico romance de introspecção. Graciliano Ramos, ele mesmo o tipo acabado do "introvertido" de Yung, acompanha, com um agudo senso de observação, todos os movimentos, até os mais sutis e secretos, da alma dos seus personagens e fazem principalmente uma severa e minuciosa análise das camadas mais obscuras do subconciente da humanidade de seus livros, cujas vidas medíocres e atribuladas são um espetáculo confrangedor e angustiante. A humanidade dos romances de Graciliano Ramos, na melancolia da sua mediocridade, na miséria das suas paixões e fraquezas, possue uma "superfície" e uma "profundidade", isto é, não é somente físico nem é somente espírito: é viva, é palpitante e profunda, tem um corpo e uma alma. E, o que é importante, o romance de Graciliano não tem o aspecto cacete de tese científica: é apenas romance. Cornélio Pena vive na atmosfera noturna da loucura e do mistério. Lúcio Cardoso, na última fase, ama o clima obscuro e brumoso das vidas subterrâneas... E todos eles, a final mergulham fundo nas secretas sombras da alma humana. O romance de Graciliano Ramos, porem, se diferencia dos outros por ter na nossa literatura de hoje, uma triplice significação — humana, social e literária, o que lhe dá uma importância excepcional. Graciliano, Lúcio e Cornélio, entretanto, desmentindo João Gaspar Simões, e reatando até certo ponto a tradição Machadiana, fazem no Brasil romance de introspecção, realizando pesquisas da maior importância no sub-solo das almas que se debatem nas angústias do sofrimento, do crime ou da loucura.

Evocações de Porto-Alegre

Newton Belleza

Desço, na companhia de dois velhos amigos, a rua Riachuelo com destino à General Salustiano. (Os meus amigos foram amigos de meus pais, que ainda encontrei vivos e sãos depois de mais de trinta anos de ausência de Porto-Alegre. Viram-me na espontaneidade de meus gestos e sentimentos de criança (não emprego mais o termo — *ingenuidade* para as crianças), e revêem-me agora — um ator de pequena importância no cenário da vida).

Eles vão me dizendo que nada mudou, que tudo está na mesma neste trecho antigo da cidade. E eu fico um tanto alheado de sua conversa, a pensar neles, marido e mulher, conservados até esta altura da vida, quando o normal seria que, em seu lugar, estivessem os filhos. E a única que tiveram, foi para o desgosto de perder.

O chão treme, brotando ruídos de moedura de pedras. Um bonde passa na disparada e some-se no fim da rua rua General Salustiano que acabamos de cruzar. Em sentido oposto, macio de rodas, bufando pelo seu motor, segue um ônibus. "Gasometro". (Meu pai gostava de dar passeios em volta do gasômetro porque diziam que era bom para a saude). Uma chaminé monstro — coisa nova para mim, para Porto-Alegre de meu tempo, — solta baforadas altas de fumo.

Contam-se então que a chaminé da força elétrica no começo era baixa, mas a empresa foi obrigada a fazê-la assim porque a fumaça estava sujando as casas todas da redondeza. Como seria bom que esses cidadãos fumadores de charutos hediondos tambem fossem obrigados a fazê-lo em plano mais alto que a gente! Vou tirar patente de umas chaminés para fumar charutos sem incomodar os vizinhos.

A passagem dos bondes eletricos me enche subitamente de orgulho. Quando menino, presenciei a mudança dos velhos bondes de burro. Mas os meus bondes elétricos ainda não eram assim, grandes, confortaveis e tão velozes. Vi os postes no chão, largados alguns dias, erguerem-se depois majestosos. Acompanhei (Estava com vergonha de afirmar que ajudei mesmo. Em verdade, ajudei e atrapalhei) todo o serviço de fincamento dos postes e substituição dos velhos trilhos. Várias lendas correram sobre a eletricidade e seus perigos... E que prazer, depois de passadas as cautelas dos primeiros tempos, ficar de ouvido colado aos postes para sentir de longe ainda a aproximação dos bondes pelo ruido...

Não sei se é lembrança desse tempo ou se foi história contada depois. Fico admirado sempre de encontrar pessoas que teem absoluta segurança do que viram, ouviram ou mesmo do que à distância aconteceu. (Nestes tempos de guerra, então...) Parece-me, entretanto, ver ainda o velho gaucho, apaixonado por cavalos. Na impossibilidade de poder montá-los, tinha o gosto de ficar sentado no último banco de um bonde de burros, em posição de caradura, e ir puxando um animal de sua estimação para a alegria de vê-lo trotar ou galopar...

Os meus amigos continuam a afirmar que, como vejo, nada mudou, tudo está na mesma. Francamente, ainda não vi nada. Estou no mundo das evocações... Meus olhos, sempre voltados para dentro, ainda não desceram sobre a realidade presente.

Todos os meninos da vizinhança eramos amigos dos presos da Casa de Correção. Cada qual tinha o seu, a que dava assistência moral e material. Ficavamos contando os dias para chegar o das visitas, em que lhes levávamos comezainas, roupas e cigarros. De longe, da janela do sobrado em que a minha família morava, procurávamos ver os nossos amigos nas horas em que os presos em fila iam ou vinham do trabalho (Na Casa de Correção eles eram aproveitados num ofício).

Como fase mais atraente de suas ocupações, vejo ainda com nitidez a festa da vindima, na época própria. Grandes padiolas cheias de uva desfilavam, carregadas por dois homens, desafiando a nossa gulodice. Até bem pouco, entre as coisas que o tempo não estragou, eu possuia uma lembrança do meu preso da Casa de Correção de Porto-Alegre, — uma espátula de osso, com o meu nome gravado, em baixo e alto relevo: NÍUTRO. E, entretanto, não sou agora capaz de me lembrar do nome de meu amigo, da primeira pessoa — um cri-

minoso, preto, baixo, seco, de olhos mansos — que se nomeou meu amigo.

Entre os meus irmãos (Eramos ao todo seis nascidos em série rigorosa de três homens e três mulheres, com semelhança em tipo e temperamento do primeiro com a primeira, do segundo com a segunda e finalmente, do terceiro (que fui eu) com a terceira. Em Porto-Alegre, perdi a minha companheira, o meu par, ainda pequenina), entre os meus irmãos eu era meio solitário, diferente, escarnecido por qualquer coisa. Duas vezes, fizeram-me ficar *viuvo*: uma com a perda de minha irmãzinha parelha, outra, uns dois anos depois, com a de minha namorada. Aos oito anos, o meu encanto maior era uma menina da vizinhança, de grandes olhos pretos cintilando num rosto claro, emoldurado por bastos cabelos pretos tambem. Era enorme a atração que me produzia, o prazer especial que experimentava com a sua presença. Extase de amor, para que negar? Só hoje o sei.

Ainda a vejo agora, à janela, e ainda vejo o seu caixão saindo para a eternidade da morte. Adoeci sériamente nessa ocasião, ninguem sabia ao certo porque. Nunca fiz aos outros nenhuma confissão. Os meus irmãos entre nós desconfiavam, contudo, pelo jeito, por qualquer denúncia de natureza secreta que torna inutil esconder casos semelhantes à sensibilidade alheia. (Ia dizendo — à experiência dos outros, mas os meus irmãos, crianças como eu, não tinham nenhuma experiência da vida). Quando me levantei da cama, era tempo do frio, e eu usava então de preferência uma roupa de casimira azul marinho. Diziam que eu estava de luto da pequena, da espanholita. Tenho uma idéia de que era filha de espanhois. Porque não lhe gravei tambem o nome? Ou há, certo pudor inconciente em confessá-lo?

Certa vez chámaram-me a um canto e fizeram-me uma confidência sobre assuntos reservados que não vem ao caso referir. Fiquei vagamente sabedor de uma coisa de carater público e generalizado, porque é a fonte da própria vida, e de que só os doentes não participam, mas que devia ficar em segredo porque a humanidade assim convencionou. A minha natureza abstrata e meditativa não deu corpo especial à notícia extraordinária de que cheguei quase a me esquecer. Um dia, contudo, a realidade se me revelou em sua plenitude, com grande espanto meu, ao olhar casualmente pelo buraco de uma fechadura. Quais não foram os meus fantasmas dessa noite de grande brutalidade para minha inocência de então! O que vale é que eu já estava avisado, pelos meus irmãos e companheiros que me fizeram a confidência anterior, de que aquilo era assunto de que não podia absolutamente tratar, sob pena de entrarmos todos no relho.

Como não mudou nada? Pois então é esta a rua que andava vivendo na minha imaginação? Acho-a muito mais estreita, as casas mais feias e mais velhas. E o *sobradão* em que morávamos, bem em frente à cadeia, é este sobradinho à tôa? A antiga Casa de Correção está envolvida por grandes muralhas como uma fortaleza. Eu tinha a idéia de muros mais baixos, com um percurso longo do portão de entrada ao edifício principal, e um grande pátio vazio no centro. Os meus amigos confirmam essas alterações. Os muros foram alteados, depois de umas fugidas de presos, e outras construções foram feitas no espaço vazio do centro. Acabaram tambem com os parreirais...

Não sinto nada, não pensa mais nada. Estou atordoado. Tudo isso me é bastante alheio. Já me parece duvidoso que houvesse morado aquí quando criança, que houvesse naquele sobradinho tentado muitas vezes ler as páginas impressas em papel cor-de-rosa do *Correio do Povo*, até que, com mais idade, já o lesse de-veras. Parece mentira que houvessem acontecido todas aquelas coisas, de que me vinha lembrando, de que eu houvesse vivido, com meus pais e meus irmãos, neste lugar que no reconheço e cuja presença não me sugere nada.

Os meus amigos contam-me coisas absurdas de nossa vida, de nossa permanência aqui. Que versões esquisitas sobre a maneira porque se estabeleceu a nossa amizade, principiaram as nossas relações! Então, o Newton daquele tempo, a que se referem, é inteiramente outro, diferente do que tenho noticia, pela tradição de casa e através de minha lembrança? Estarão caducando os meus velhos amigos? Como é que não mudou nada por aqui?

Tudo se desmoronou na minha imaginação, ao contacto do ponto em que ela foi aguçada para construir esse mundo, esse trecho de meu passado de que fui expondo as passagens mais vivas, mais interessantes, mais fortemente evocativas. Que pensaria minha mãe sobre essas lembranças, esses acontecimentos? Ela, em verdade, acompanhou os meus passos exteriormente e me teve no seu mundo afetivo, mas ignora muita coisa de minha vida de criança. Pensam os pais, na sua inocência (os adultos

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

A tristeza racial brasileira

Francisco Galvão

A raça brasileira, premida aos crivos étnicos, teria de ser sempre triste. Inutil a inubia clangorosa do sr. Graça Aranha, querendo despertar alegria nos homens, de vez que a paisagem com o ritmo das montanhas, que lembram seios da terra, com a luxúria das parasitas dos manacás entontecedores, com o barulho das águas escachoantes das corredeiras não poderia realizar pelas mãos invisiveis do tempo, a mudança do nosso espírito. A beleza da região jamais poderia concorrer para a transformação esperada, pois a psiquê dos nativos, não sofreria mudanças profundas. Mesmo porque jamais apagar-se-ia, com os séculos, a amargura atávica do lusiada emotivo, a remoer saudades serenas entre as cotas de malha dos bandeirantes destemerosos; a melancolia recalcada, doentia do negro corrido das senzalas; e, aquela mágoa sobrehumana, indefinida do selvícola, admirado da audácia bravia dos que lhe tomavam sítios e mulheres.

A alegria é-nos desaclimada e efêmera. Daí a música de Chopin exercer ao espírito brasileiro ressonâncias exteriores. Nasce possivelmente daí, desse estado de coisas, o amavio perturbador dos sambas-canções em cujos terreiros enluarados, com a cumplicidade da sombra morta dos lampiões trêmulos, e as renúncias adormecidas no bojo das cuicas e na concavidade dos tamborins, descobre-se o travo de melancolia da música nativa. E a maior alegria dos brasileiros, quando ele corta as amarras dos preconceitos, desatando os sentidos em cancãs lascivos, é feita, ainda, nos dias de Carnaval, com a profunda tristeza dos reco-recos e dos pandeiros, num paradoxo dos mais atrevidos, e dos mais verdadeiros, porque reproduz, indiscutivelmente o sentimento verdadeiro de uma raça que é melancólica mesmo quando se diverte.

Talvez fosse por isso mesmo que o Conde Keyserling asseverasse na sua interessantíssima "Meditações Sul Americanas", que eramos o continente da tristeza. E não se enganou, em verdade. Deslumbrado pela magia verde do mar, pela beleza morena e sensual das praias com as mulheres bonitas que surgiam seminuas, póde notar, entretanto, que os homens passavam nas avenidas cariocas, cheios de rugas, de preocupações, de responsabilidades.

As três raças que estuaram na orla litorânea sentiam profundas nostalgias recônditas. Mal acabavam de plantar o marco imperecivel de pedra atestando a conquista, o advena europeu rememorava as quintas floridas, distantes, onde os cachos sumarentos de uvas eram como bocas voluptuosas das raparigas, que os viam embarcar sem saber a rota que tomavam. Se vinha a noite, a noite tragica, entrecortada de roncos de feras nas fazendas, os velhos cabindas remoiam acocorados, desfalecidos pelo suor nos eitos, amarguras infindas. Onde estariam os pais, os filhos aleiloados antes, quando desembarcaram alegres, pela soltura dos ferros, dos braços e das pernas, dos navios negreiros? Onde andariam as criaturas amadas, queridas, afastadas rapidamente mal beijavam a terra, para onde vieram com o desejo de liberdade que não chegava? Acossados pelo arcabuz do conquistador, tolhidos de surpresa no amanho das suas terras, envenenados nas suas crendices os índios des-

fiavam queixumes, recebendo com indiferença e apatia os espelhos e missangas que lhe davam em troca de aves-marias estropiadas, enquanto penetravam em suas intimidades, mais pecadores os que ensinavam o culto que os homens rudes que manejavam o tacape e a flecha.

O caldeamento teria de ser feito, estratificado pelo tempo, com esse recalque sensivel, da tristeza que anda esparsa no ar, onde se oculta o segredo da poesia reticenciada de lágrimas de Casimiro de Abreu, e onde desafivelam as máscaras as criaturas que Machado de Assis apresenta em seus livros, e que vive impregnada de eternidade na música popular que o rádio espalha pelo mundo, desde o maracatú sensualíssimo, ao samba gostoso que bole com os nervos da gente, quando não nos faz lembrar mágoas distantes.

O português era o mais triste da triade plasmadora da raça. Vinda depois o negro, reduzido no ponto de vista econômico, sem que alienasse por completo, o psiquismo africano que lhe ficou teimosamente intacto com os seus amuletos e as suas crendices. Talvez seja por isso — falem, os sociólogos — que ainda se sente a influência do seu misticismo bárbaro nas macumbas e nos candoblés, que a polícia ao em vez de perseguir, deveria fiscalizar, consentindo-os a fim de que não se extinga, de uma vez, a luz bruxoleante da lâmpada votiva de um culto, que fôra a única fórmula de libertação de uma raça sufocada e oprimida.

A alegria do selvagem, madraça, desconfiada, perde-se entre as perseguições dos arcabuzeiros e dos catequistas. A religião era ministrada entre os mosquetões colonizadores, e as cruzes da fé. Culpo a essa desorientação pacificadora a falta que hoje sentimos, do seu material artístico, lembrado apenas, quando a quando, na cerâmica tapuia das oleiras marajoaras, servindo presentemente de motivo estético das nossas decorações burguesas.

Essa tristeza sem remédio que faz mais formosa ainda a mulher brasileira, e que armou de delicadezas e de encantamentos imprevistos a poesia tem a sua lógica, tem a sua razão de ser. A paisagem circundante não na espantaria em absoluto. Vales e planícies enfeitadas de flores; rios e cachoeiras correndo em estuários para o mar; montanhas encurvadas e tabuleiros verdes jamais destruiriam o amálgama silencioso da hemoglobina das três raças que se caldearam entre gemidos e queixumes. Foi em vão que se ergueu a voz de Graça Aranha, desejando que a alegria vencesse a mágoa que havia dentro da psiquê brasileira. O seu otimismo, que desejava mudar, de uma vez por todas, com palavras sonoras, o que existia em nós como afirmação de vida, encontrou até hoje a resposta do silêncio. E aqueles rapazes, em cuja ala estive, disposto a modificar a metafísica brasileira, na Semana de Arte Moderna, voltaram desiludidos do apóstolo inteligente que desafiava a melancolia de que provinhamos, com os alalás de sua energia criadora, esses mesmos como Murilo Mendes, Jorge de Lima e Manuel Bandeira, entre outros, que escrevem poesias molhadas de tristeza e de amargura, porque jamais poderiam mentir aos desígnios da própria terra.

Revolução Modernista - Poemas de Bolso

Edison Lins

Para muitos, a revolução modernista foi uma espécie de escândalo literário que produziu seus frutos e passou, no momento oportuno. Para estes, a nossa última tentativa, aliás, vitoriosa, de mudança dos nossos quadros literários, foi apenas uma quartelada para derrubar a Academia; e não tendo, nem mesmo conseguido a abalar, tratou de se acomodar às circunstâncias, e muitos aderiram ao *Inimigo*, procurando fazer parte de seu credo ou mesmo, substituir como membros eficientes, os que iam morrendo. Não chegou, assim, a ser uma revolução, mas um motim dominado em dois tempos por sua própria ineficiência. À primeira vista, este enunciado parece verdadeiro, mas analisando com amor o denominado movimento modernista, observamos que a revolução continua, viva, operante e transformadora como nunca. O que se deu foi apenas uma modificação na tática revolucionária. Não havia mais necessidade de atentados *à mão armada* dos primeiros tempos, mas de purificação do pensamento revolucionário, como diria o senhor Flávio de Carvalho.

Foi justamente ao lêr a tese deste excêntrico homem de letras e homem de ciência que me acorreram as idéias do presente artigo. Intitula-se a monografia do autor dos *Ossos do Mundo*: *L'Aspect psychologique et moderne de l'art moderne*, e é um *extrait* do *Deuxième Congrès International d'Esthetique et de Science de L'art* (Paris, 1937), Librairie Felix Alcan. A tese do senhor Flávio de Carvalho se resume no seguinte: O movimento intelectual, que se chama Arte Moderna, representa perfeitamente um autêntico movimento revolucionário. Este movimento proveio mesmo da estagnação do racionalismo, da secura realista do século de Augusto Comte. Era preciso sair-se da calmaria daquele empestado *azorean torpor*. Então, o insatisfeito espirito do artista realizou um movimento revolucionário democrático nivelando, em pintura, por exemplo, todos os objetos que compunham o quadro. De maneira que a garrafa, o jarro, a guitarra, o cachimbo eram representados na mesma penumbra de igualdade. Estavamos em pleno dominio do Impressionismo. Se fechassemos os olhos, provocando, assim, um distanciamento proposital do panorama, os objetos, que antes se poderiam distinguir perfeitamente, sem dificuldade, tornavam-se massas idênticas, confundidas democraticamente dentro da retina igualitária do contemplador. Restavam, pois, destruidos, os valores da análise tão preconizada pelo século das pesquisas objetivas e pela dissecação até o âmago da realidade. Isto representa uma dialética revolucionária democrática, pois que irmana, por um processo artistico de nivelamento, tudo o que compunha o panorama.

Passamos do periodo de simples dialética que foi o impressionismo, para a ação verdadeiramente revolucionária, isto é, para a agressão e para a luta sangrenta do Expressionismo, com as suas ultimas fases constituidas pelo Cubismo e pelo Dadaismo. Então, se operou justamente o inverso do que se processou na fase anterior. O conteudo começou a envolver e dominar a forma; e a inteira emoção interior fora exposta à luz. O Expressionismo, como certas atitudes e resoluções psiconeuróticas, traduzem mesmo manifestações mórbidas de verdadeiro sadismo revolucionário. Torturam-se carcassas. Decapita-se. Minam-se reputações, técnicas, valores, julgados inabalaveis. Cria-se um misticismo da martirização e do fuzilamento. O movimento expressionista faz correr sangue por um processo especial em que faltam as manifestações puramente tactis de contacto epidérmico, da sensibilidade, se assim podemos nos exprimir. E é nesta fase de mutilação expressionista que o Dadaismo e o Cubismo surgem explosivos, a fazer tábua rasa de todos os valores anteriores.

O mundo, neste pé, necessitava de hospitalização, de Cruz Vermelha, de convalescimento e de cura.

Surgiu a cura psicanalista com o Surrealismo. Foi necessário que antes Proust, Emerson, Freud e Einstein com a sua relatividade das coisas e dos fenômenos, expusessem os ferimentos da luta, sondassem os subconcientes revolvidos pela refrega e confessassem a relatividade das soluções. O regimen

de cura estabelecido pelo conhecimento absoluto da molestia, provocou uma verdadeira reconstrução da arte moderna. Passaram um aumento cicatrizante sobre os ferimentos, os golpes e sa mutilações que o Dadaismo produziu. E como os surrealistas são por excelência sondadores e mergulhadores de profundidades se tornaram em breve arqueólogos teoristas e paleontólogos estéticos. São tacteis. E é esta tactilmania que os impele para a arte negra. Os surrealistas modelam e organizam um mundo com os resíduos que sobem à superfície, com o escafandro e a sonda que perfura todas as sedimentações de um mundo perdido e ancestral.

Depois dos surrealistas, surgem enfim os que veem achar que as sondagens a Proust ou a Freud ou a Breton, que as vacilações da relatividade com toda a sua aparência de ciência exata, representam um plano demasiadamente baixo, demasiadamente vulgar à verdadeira missão da arte. Surgem desta vez os abstracionistas. Os abstracionistas querem purificar o pensamento, lavar o fogo de suas idéias, restaurar as fontes de elevação e de pureza. Não se tornam sondadores nem escafandristas nem tão pouco arqueólogos como os surrealistas. Querem a graça, o ar lavado, a visão de um mundo que os salvadores não conseguiram dar à humanidade. Os abstracionistas pretendem a paz de espírito, o equilíbrio, a criação mais pura. São os modernos clérigos do mundo.

A tese deste grande poeta e cientista que é Flávio R. de Carvalho se resume mais ou menos no que acabo de expor. Publicada em 1937, em París, somente agora nos chega às mãos, numa elegante *separata* que um amigo me emprestou, outro dia. Como vemos, o processo revolucionário artístico da arte no Brasil, acompanhou com o aparecimento do modernismo, todas as fases da revolução estudada dialeticamente pelo eminente ensaista de S. Paulo. Quem viu, por exemplo, Jorge de Lima partindo de seus poemas regionalistas, (em que fulgem jóias literárias do valor de *Negra Fulô* e *Pai João*) para atingir, deliberadamente, a planície elevada da *Tunida Inconsutil*, compreende-se que o poeta galgou os cumes nevados da purificação, a que se refere Flávio de Carvalho. O abstracionismo, em Jorge de Lima, atinge a um paroxismo dificilmente atingivel em poemas como em toda a longa sequência de Miraceli. Diga-se de passagem, que as suas produções tão divulgadas pelas revistas e jornais, se tornaram tão copiadas, imitadas, decalcadas neste vasto Brasil que é um alívio ao se ler, por exemplo, os *Poemas de Bolso* de Vicente do Rego Monteiro. Com estes poemas do poeta pernambucano, bem vemos que é verdadeiro o enunciado do início de meu artigo: "a revolução modernista continua mais viva e mais eficiente do que nunca." Os *Poemas de Bolso*, chegam como pequenos couraçados de bolso para combater nesta revolução de paz, de serenidade, de purificação em que um ciclo literário dos mais brilhantes que o Brasil já teve, vai continuando a sanar e elevar as almas dos homens de boa vontade. O poeta enfeixou as suas produções em volumezinhos tão pequenos como breviários, — poemas que se podem levar nos bolsos para se consultar quando os nossos espíritos se acham mais conturbados pelo espetáculo horripilante da humanidade em guerra.

Felizmente, a poesia incorruptivel e imortal sobrevoa sobre as nossas cabeças.

Concursos literários

VISANDO incentivar a atividade dos escritores a editora Olympio resolveu instituir anualmente o "Prêmio de Romance José de Alencar" nas seguintes bases:

a) — Ao autor classificado em primeiro lugar será conferida a quantia de dez contos de réis, comprometendo-se a Livraria José Olympio a fazer imediatamente uma edição de cinco mil exemplares, cujos direitos autorais lhe serão outorgados. Esse prêmio é indivisivel;

b) — Além do primeiro prêmio haverá cinco mençoes honrosas, comprometendo-se igualmente a Livraria José Olympio a editar os romances contemporâneos, pagando os direitos autorais de praxe;

c) — Os originais deverão ser entregues até 31 de Dezembro, não podendo constar de menos de duzentas páginas, formato ofício, datilografadas de um só lado, a dois espaços, não havendo porém limite para o que exceder disso. O julgamento efetuar-se-á em Março do ano seguinte;

d) — A comissão julgadora ficará com o direito de não conceder o prêmio se não encontrar obra em condições de merecê-lo, o mesmo se dando com relação às menções honrosas, cujo número póde tambem ser restringido;

e) — A comissão julgadora desclassificará todas as obras que sairem fora do gênero Romance, bem como as que incidirem em pontos de vista que lhes dificultem a publicação. Será tambem passivel de desclassificação o original cuja autoria direta ou indiretamente fôr dada a conhecer;

f) — Os originais serão assinados sob pseudonimo, trazendo em envelope fechado o nome e endereço do autor.

A comissão julgadora será composta dos criticos e escritores: — Tristão de Athayde, Sergio Buarque de Holanda, Mario de Andrade, Alvaro Lins, Graciliano Ramos, Genolino Amado e Brito Broca.

Os originais, bem como toda correspondência relativa ao prêmio, deverão ser endereçados ao secretário do Concurso, Sr. Brito Broca, à rua do Ouvidor n.º 110 — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, mencionando-se sempre nos sobrescritos: "Prêmio de Romance" "José de Alencar".

A Livraria José Olympio Editora lança em sua NOVA FASE o

Prêmio de Contos Humberto de Campos

a ser concedido anualmente nas seguintes bases:

a) Ao autor classificado em primeiro lugar será conferida a quantia de

CINCO CONTOS DE RÉIS

comprometendo-se a Livraria José Olympio a fazer imediatamente uma edição de três mil exemplares, cujos direitos autorais lhe serão outorgados. Ésse prêmio é indivisível.

b) Além do primeiro prêmio haverá duas menções honrosas, comprometendo-se igualmente a Livraria José Olympio a editar os livros contemplados, pagando os direitos autoriais de praxe.

c) Os originais deverão ser entregues até 31 de Dezembro, não podendo constar de menos de oito contos num total de 150 laudas, datilografadas de um só lado do papel, a dois espaços. O julgamento efetuar-se-á em Março do ano seguinte.

d) Os contos deverão ser rigorosamente inéditos.

e) A Comissão Julgadora ficará com o direito de não conceder o prêmio se não encontrar obra em condições de merecê-lo, o mesmo se dando com relação às menções honrosas.

f) A Comissão Julgadora desclassificará todos os originais que sairem fóra do gênero conto, bem como os que incidirem em pontos de vista que lhes dificultem a publicação. Será também passível de desclassificação o original cuja autoria direta ou indiretamente for dada a conhecer.

g) Os originais serão assinados sob pseudônimo, trazendo em envelope fechado o nome e endereço do autor.

A COMISSÃO JULGADORA

A Comissão Julgadora será composta dos seguintes escritores:

Anibal Machado — José Lins do Rego — Rachel de Queiroz — Herman Lima — Almir de Andrade — Peregrino Junior e Magalhães Junior.

Os originais, bem como toda a correspondência relativa ao prêmio, deverão ser endereçados ao secretário do Concurso, sr. Magalhães Junior, à rua do Ouvidor n.º 110 — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro, sob a rúbrica: "PRÊMIO DE CONTOS HUMBERTO DE CAMPOS".

Catá, Realista e Mitólogo

Herrera Filho

"A obra de Catá é vasta e profunda como o mar: límpida, serena ou arquejante na superfície, as maravilhas e as monstruosidades da vida estão lá no fundo, e podem vê-las os que já mergulharam nesse Aqueronte que é alma humana contemporânea".

Nessas palavras expressei há tempos (*) minha impressão sintética da novelística do príncipe das letras cubanas, que a fatalidade roubou-nos na tarde de 8 de Novembro de 1940, na enseada de Botafogo, justamente na curva mais voluptuosa da fascinante Guanabara.

A Morte e a volúpia — eis o que deparamos constantemente na obra do autor. Amargura da vida, cansaço de viver, quase uma íntima e esconsa convicção da inutilidade da vida, pelo menos desta vida monotonamente quotidiana; sim, porque para certas naturezas, dolorosamente superiores ou diferentes digamos, viver é uma obrigação terrível. Só a Beleza, só os instantes agudos em que a alma se afina com o brilho extraterreno das estrelas ou vibra com as emoções artísticas, pagam os dias maus, as esperanças frustradas, as amizades traídas nesta ânsia de satisfazer o sexo e as vaidades mesmo à custa dos sentimentos mais sagrados ou pelo menos mais essenciais à parte superior de nossa existência.

Literariamente, Catá é um fenômeno que escapa, claro, aos limites jornalísticos de uma simples nota. Sua obra, sua ação diplomática e social estão pedindo um livro, onde se analisasse a trajetória sinuosa do homem e a reta fecunda do literato. Catá

(*) — "Um pouco de meus domingos com Cata", edição de 1-XII-40 do "Correio da Manhã".

tólogo

rrera Filho

sa convicção da inu-
menos desta vida
liana; sim, porque
dolorosamente su-
s digamos, viver é
l. Só a Beleza, só
que a alma se afi-
terreno das estrelas
ções artísticas, pa-
esperanças frustra-
s nesta ânsia de sa-
dades mesmo à cus-
is sagrados ou pelo
à parte superior de

é um fenômeno que
tes jornalísticos de
obra, sua ação di-
o pedindo um livro,
rajetória sinuosa do
la do literato. Catá

é uma vida moderna, e o valor de um livro sobre ele estaria nos magníficos exemplos susceptiveis de guiar os jovens escritores contemporâneos, que teem o maior inimigo precisamente no seu talento, como dizia Goethe e Eckerman. Quem não tem talento não está exposto a perigo algum: vencerá em tudo que tentar, já que lhe não faltarão cúmplices nem mulheres ordinárias em que apoie associativamente suas pretensões e seus ideais de poleiro.

Pois bem, esse homem que escreveu novelas amargas, filhas legitimas dos tempos presentes, teve a enorme felicidade de casar com u'a mulher que o amava e o compreendia, que foi mãe e dona de casa, deixando ao esposo as responsabilidades econômicas e sociais da família. Desde os primeiros até os últimos dias, o ambiente e a ação femininos foram a claridade matinal em que o escritor pôde ver o lineamento de suas idéias.

Seu destino já lhe pusera no caminho de literato a proteção maternal de outra mulher: Anita, senhora anciã e viuva, sem parentes, que durante muito tempo lhe deu hospitalidade na sua mais que modesta casa, comida e roupa lavada. O jovem Afonso, quando tinha, dava à senhora algumas pesetas. Sendo pobre e boêmio é de imaginar que as pesetas eram poucas e muitos os resfriados adquiridos nas madrugadas madrilenhas. Essa mulher, verdadeira mãe, gênio tutelar, cuja amizade foi tão valiosa para o jovem novelista que abria caminho no mundo, conquistou lugar de destaque na biografia de Catá e a nossa mais alta veneração, porque foi humana e fez mais que qualquer madame, das muitas que na sua refulgente glória de literato atraiu esterilmente.

Nascido na Espanha, passou a infância e a adolescência em Santiago de Cuba. Com a morte do pai, tenente-coronel de artilharia, foi para Toledo, onde ingressou no Colégio de Orfãos. Sem vocação para as armas, fugiu dali para Madrí. Sem dinheiro e a pé.

A capital da Espanha era então uma praça literária digna de ser atacada por grandes talentos. Em todos os gêneros literários, em todas as disciplinas científicas, através de uma indústria editorial riquíssima e uma imprensa palpitante de iniciativas e provocadora de valores novos, Madri regurgitava de elementos curiosos que mais tarde se firmaram galhardamente e deram renome europeu àquela terra privilegiada.

Catá venceu alí por seus proprios méritos. Possuia fantasia criadora, memoria admiravel, extraordinaria capacidade de assimilação, ansia de saber e vontade, entusiasmo, brio, simpatia. Instruiu-se lendo em bibliotecas públicas e devorando tudo que lhe caía nas mãos nervosas. Começou escrevendo artigos para a imprensa diária e novelas curtas.

Numa tarde do outono de 1905 Catá fez uma conferência no famoso Ateneu de Madrí. Entre os ouvintes estava um jovem de 21 anos, sócio daquela instituição, colaborador do renomado "El Liberal" e presente nas rodas literárias, sobretudo de Blasco Ibañez, Valle Incan e Emilia Pardo Bazan.

Essa conferência, dita num dos cenáculos mais importantes da Europa, e que certamente encheu de alegria puras o coração de Catá, propiciou-lhe o achado de uma alma irmã, eleita como a sua para as belas letras. O jovem de 21 anos era Alberto Insua.

A amizade desses dois moços, que lembra imediatamente a de tantos outros na história das artes, todas simbolizadas pelo grego em Castor e Polux, foi de grandes benefícios para ambos. Nessa mesma tarde uniram as pobrezas e os sonhos literários. Na casa de D. Anita traduziram romances franceses para ganhar a vida, embora não dominassem a lingua, mas a miséria era um fato e os dicionários estavam camaradamente à mão.

Traduziram, com afã de receber o preço do trabalho, romances de George Sand, Cherbuliez, About, Daudet, Feuillet e outros que estavam então em voga. De braço dado andaram pelo Madrí que a guerra civil matou e cuja máscara literária conhecemos pelos "Años de Miseria y de Risa" do famoso novelista Eduardo Zamacois.

Catá conheceu a família de Insua, enamorando-se de sua irmã Mercedes, que veio a ser sua esposa pouco tempo depois.

Em Janeiro de 1914 estreou-se no Teatro Lara, de Madrí, a primeira peça teatral, escrita em colaboração por Catá e Insua. O êxito foi enorme e surpreendeu os autores. Sem dúvida, para o sucesso muito contribuiu a interpretação de Catalina Bárcena e sua companhia.

A diversidade dos temperamentos literários e da vida de cada um tornou precária tão promissora parceria de dramaturgos. Com Eduardo Marquina, o esplêndido tradutor das "Flores do Mal", de Baudelaire, Catá escreveu uma obra poética "Don Luis Mejia". Grande sucesso teatral, tambem esse, mas Catá era mais conferencista que teatrologo. Por isso suas palestras lhe deram mais fama que suas peças de teatro.

Resistirão à ação do tempo os seus contos e novelas breves como "Los frutos ácidos", "El angel de Sodoma" e outros, onde a análise dos caracteres e dos ambientes e a linguagem são tecidas em malhas tão estreitas que não há por onde possa escapar a atenção do leitor.

Seu livro mais atual é, positivamente, "Mitologia de Martí", onde encontramos um retrato espiritual daquele revolucionário que libertou Cuba do caminho esburacado do domínio espanhol para colocá-la na estrada larga da autonomia política e da prosperidade.

"Mitologia de Martí" é um livro que deve de ser lido pelos americanos de origem indo-ibérica, porque a guerra de Hitler contra a Inglaterra está provocando, entre outras necessidades, a de que todos nós conheçamos exatamente o nosso passado para construirmos um futuro sem erros.

Há, selecionadas pelo proprio Catá e traduzidas por Silvio Júlio, "Páginas escolhidas" de Martí, que dizem algo do muito que encontramos em "Mitologia de Martí".

Essa é uma obra americana, circula em todas as repúblicas de língua espanhola e está sendo lida pela juventude das escolas e das fábricas. Não está traduzida para a nossa língua, achando-se portanto fora da possibilidade de ser lida pelos jovens brasileiros. Ora, isso é uma desvantagem para nós, sobretudo num momento que a mocidade do mundo inteiro está sendo convocada pela História para decidir sobre a marcha da Humanidade.

Em Catá, o realista e o mitólogo emparelham, equilibram-se; e como vivemos mais de mitos que de realidades não é temerário supor que "Mitologia de Martí" venha a obscurecer toda a literatura realista do grande cubano.

GASTÃO RUCH

Roberto Seidl

No ano passado foi dado à publicidade, portumamente, o quarto e último tomo da "História Geral da Civilização" (Da antiguidade ao XX século), da autoria do professor Gastão Ruch.

O tomo inicial apareceu em 1926 e somente depois de quase quinze anos ficou encerrada a publicação desta apreciavel série de compêndios didáticos sobre uma das mais interessantes matérias do ensino secundário.

Gastão Ruch foi meu mestre de mais de uma disciplina do curso secundário. E em todas elas revelou-se sempre sabedor provecto, conhecendo a fundo o assunto e sabendo transmiti-lo aos alunos, para quem as suas aulas eram sempre momentos de incontestavel prazer espiritual, fossem eles consagrados ao estudo das belezas e das dificuldades da língua francesa, ou dedicados ao exame das questões geográficas ou da história pátria, ou destinados à explanação e comentários de acontecimentos históricos, ou, ainda, especializados na solução de problemas da matemática.

Francês, Geografia, História do Brasil e da Civilização, Matemática, de tudo isto me ensinou muita cousa Gastão Ruch, no "Externato Aquino".

Conservo de Gastão Ruch a recordação imperecivel de um dos meus melhores mestres. Por isto, grande e intenso foi o meu júbilo, ao receber, da livraria Briguiet o quarto volume da "História Geral da Civilização" que o saudoso professor escrevera e que até o ano passado só tinha sido dado ao público os três primeiros tomos, referentes, respectivamente, à Antiguidade (Oriental e Clássica), Idade Média e História dos tempos modernos.

A quarta parte da "História Geral da Civilização", abrange o estudo dos tempos contemporâneos, começando com a França de 1789 e acabando com os pontificados de Pio IX e Leão XIII e o grande desenvolvimento das ciências, das letras e das artes na segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do século atual.

Ao folhear as páginas deste alentado compêndio póstumo, cheio de capitulos vigorosos e brilhantes, avivaram-se as saudades do mestre querido. Daquele mestre eminente, sempre exato nas suas afirmações e seguro nas suas apreciações. Foi Gastão Ruch guia ideal para o estudo da história da civilização. Sabia levar os seus alunos, pelo pensamento e pela reflexão, aos mais diversos tempos e lugares. E, com ele, iam os alunos, das alcovas discretas e brejeiras de princesas e rainhas aos faustosos salões de reis, papas e imperadores; dos campos de batalha, atroadores e sanguinolentos, aos recintos solenes e pomposos dos parlamentos e das assembléias revolucionárias; do silêncio místico das igrejas e dos conventos aos mares bravios e tempestuosos do oceano distantes...

E ouviam atentos histórias de soldados e de marinheiros, de aventureiros e de sacerdotes, de sábios e de impostores, de mártires e de artistas...

E, como diferiam as histórias que ele relatava aos seus alunos das histórias que vinham nas páginas inertes e frias dos lacônicos e incolores compêndios de classe...

A aventura dos cruzados, a audácia dos navegadores, a fúria dos éxercitos, o furor do povo amotinado, a fé dos apóstolos e dos santos, nada disto encontravam os alunos nas narrativas secas e enumerativas, atulhadas de datas e de nomes, dos livros adotados em aula.

Os alunos destestavam os livros e adoravam o mestre, e aprendiam história desprezando os manuais de classe como cousas inuteis e insurportaveis.

Gastão Matias Ruch Sturzenecker nasceu no Rio-de-Janeiro a 13 de Setembro de 1871 e faleceu em Niterói, onde residiu longos anos, a 25 de Outubro de 1934.

Não houve método no ensino que lhe foi ministrado preliminarmente, conforme declaração sua num manuscrito pertencente a um grande amigo e discípulo seu, professor Jaime Coelho, manuscrito este que me serviu para alinhavar estas pequenas notas biográficas que mais não são do que pequena homenagem de um discípulo grato.

Certas disciplinas receberam forte impulso inicial como o Francês, História, Geografia e Aritmética, matérias estas que mais tarde veio a lecionar com brilho e proveito.

Aos quatro anos de idade sabia ler e escrever, confessando-se ser desde cedo grande devorador de livros. Lia, ao mesmo tempo, livros dos mais diversos assuntos procurando tudo aprender e estudar, hábito que conservou até o fim de sua vida.

Aos quinze anos de idade matricula-se no Colégio Pedro II, bacharelando-se em 1892. Pouco depois inscrevia-se na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro.

Reveses de fortuna forçaram-no, muito jovem ainda a dar "explicações" de várias disciplinas, ingressando, insensivelmente, no magistério. Agradou-lhe a profissão até o momento em que teve de se consagrar, exclusivamente, ao ensino. Fez parte do corpo docente do Colégio Paula Freitas, e, mais tarde, do Externato Aquino. Nestes estabelecimentos de ensino lecionou Francês, História, Geografia e Matemática. No período de 1895 a 1899 exerceu as funções de professor suplementar do Internato do Colégio Pedro II, então denominado "Ginásio Nacional" onde teve turmas de Aritmética, Geografia, Francês e História da Civilização, sua matéria preferida.

Nos últimos anos de 1899 tomou parte no concurso de Francês para a vaga da cadeira no Internato. Eram dez os candidatos e as provas foram muito disputadas, revelando-se os candidatos grandes conhecedores da matéria. Ruch foi classificado em primeiro lugar e o Dr. Henrique Monat em segundo. A Congregação aprovou o relatório da comissão mas não sustentou na votação, colocando, por maioria de votos a Monat em primeiro lugar e a Ruch em segundo.

Em Março de 1900 falecia o professor Magalhães Couto, catedrático de Francês do Externato. O presidente da República Campos Sales, nomeia, então, o Dr. Monat para o Externato e Ruch para o Internato, a cadeira que determinara o Concurso.

Quando se deu o falecimento do professor Henrique Monat, em 1903, Gastão Ruch solicitou e obteve a tranferência para o Externato do Colégio Pedro II.

Aí conservou-se sempre Gastão Ruch consagrando-se de corpo e alma aos seus misteres de professor preparando muitas gerações de alunos que não mais poderão esquecer o grande mestre. Por motivo de doença foi obrigado a solicitar licença a 28 de Setembro de 1931 e a 31 de Dezembro do mesmo ano era aposentado, pelo mesmo motivo, por decreto do governo, afastando-se, então, inteiramente do magistério.

O Colégio Pedro II, está integrado na vida profissional de Gastão Ruch. As duas maiores distinções conferidas por esta tradicional casa de ensino aos seus alunos e aos seus professores, Ruch as mereceu e obteve, como aluno e como professor. Como aluno, recebeu, ao se bacharelar, o prêmio "Panteon", sendo aliás o primeiro aluno a conseguir tão elevado galardão e ao se retirar do professorado recebeu da Congregação do Colégio; reunida em sessão a 30 de Janeiro de 1932, o elevado e nobilitante título de professor Emérito.

Não foi, no entanto, somente no Colégio Pedro II que Gastão Ruch exerceu o magistério. A sua atividade se fez sentir em outros estabelecimentos de ensino: no Externato Aquino, onde exerceu, tambem, as funções de vice-diretor; no Colégio Aldridge, no Colégio Rezende, no Externato Gabalda, no Curso Superior de Preparatórios e na Escola Normal do Distrito Federal, hoje Instituto de Educação.

Em 1907 era recebido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde exerceu, com rara proficiência e dedicação, o cargo de segundo secretário, no período de 1909 a 1913. Em 1931 o Instituto Histórico conferia a Gastão Ruch o título de sócio benemérito.

Colaborou na Revista do Instituto e tomou parte em mais de um Congresso de História, para aquela escrevendo ensaios e monografias magistrais e para estes redigindo numerosas e valiosas teses. Dentre estes trabalhos pode-se destacar os estudos sobre a fisiografia brasílica, as notas sobre Duclerc e as "Breves considerações sobre a personalidade de Pedro I".

No Grande Dicionário do Instituto Histórico, publicado em 1922, por ocasião das comemorações do primeiro centenário da nossa independência, encontra-se de Gastão Ruch: "Estudo geográfico e econômico sobre o Estado da Paraíba", e a parte da História do Brasil referente ao Brasil Colônia e Brasil Reino.

Na edição vespertina do "Jornal do Comércio" escreveu uma série de artigos de crítica militar sobre a guerra de 1914-1918, com o pseudônimo de Langlois. Alem da "História Geral da Civiliza-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

Os Escritores dos Estados e o P. E. N. Clube do Brasil

Cláudio de Souza
Presidente do P. E. N. Clube do Brasil

A associação universal de escritores P. E. N. Clube tem apenas uma filial no Brasil, com sede no Rio-de-Janeiro, e seu raio de ação tem sido restrito, porque só se podiam inscrever como sócios efetivos os escritores residentes nesta Capital. O fito daquela sociedade, entretanto, é o de aproximar os escritores de cada país entre si e de os pôr em comunicação com os do resto do mundo. Nos paises europeus de exiguo território um centro basta para realizar aquele fim. Em paises maiores, como os Estados-Unidos, onde há três centros, tornou-se necessaria a criação de núcleos departamentais. No Brasil devem-se fundar centros estaduais. Em S. Paulo houve um começo de trabalho nesse sentido, no qual estiveram interessados Cassiano Ricardo, Alcântara Machado e Ulisses Paranhos. Não chegou, porem, a vencer os primeiros obstáculos, que são sempre, entre nós, a indiferença, a pouca inclinação associativa, os ataques gratuitos do derrotismo apenas destruidor, e as críticas infundadas. Para caminhar a pesar deles, são indispensaveis a abnegação, a perseverança, e grande auto-domínio para nunca se deixar abater, e nunca responder àqueles ataques. O P. E. N. logicamente não devia ter oposicionistas. Que é ele? Uma associação de escritores que se fundou em Londres após a grande guerra, para congregar os escritores de todo o mundo em torno de um tema de paz, de reciprocidade de sentimentos de camaradagem e de defesa da liberdade de pensamento e da obra de arte. Com as letras P. E. N. designou — **poetas e prosadores, ensaistas e escritores** em geral (até mesmo os editores são admitidos no centro inglês) e nove listas. Essas letras que formam a palavra inglesa **Pen** (pena) não se adaptam a todas as liguas, mas os centros que se foram formando conservaram-nas pelo próprio espírito de unidade do programa social. São esses centros, hoje, em número de sessenta. Abrangem paises de todos os continentes e a eles estão associados os maiores escritores contemporâneos. O P. E. N. não se pode imiscuir em politica,em religião, ou em qualquer assunto sectário. Não é academia nem sociedade consagradora, nem circulo de elogio mútuo. Recébe todos os escritores, mestres ou principiantes, desde que tenham pelo menos um livro publicado. Seus sócios reunem-se uma vez por mês para jantar. Nessa refeição, em que não há discursos — salvo casos excepcionais — conversa-se, trocam-se idéias e expressões de camaradagem. Não existe organização mais simpática. Não ataca ninguem, nem revida os ataques que lhe sejam feitos. Seria mesmo incongruente que pregando a concordia ela se deixasse arrastar pelos que fomentam a discórdia. Aqui no Brasil o P. E. N. tem seguido estritamente aqueles preceitos. Nunca deixou de ser aceito qual-

(Conclue no fim do ANUARIO)

A LITERATURA BAIANA NOS ÚLTIMOS QUARENTA ANOS

Alexandre Passos

O século XIX findara, deixando atrás dele a lembrança de que nos cem anos do seu curso se trabalhara em prol das letras, embora a inteligência se não possa medir pelo transcurso dos anos. Mas as épocas são indispensaveis no averiguar o evolver de um povo, em qualquer setor, daí o não se poder precindir do calendário. Uma ampuleta por si só nada adiantaria. O tempo quer ser medido, dividido e comparado, para estabelecer o engrandecimento, a paralisação ou a decadência.

E' justamente o que pretendo fazer no que diz respeito à literatura da Baía, de 1901 em diante. Não sei se me sairei bem da empresa que a mim mesmo cometí; mas duas coisas deixarei claras: procurarei ser exato, baseando-me, além do que vi, em documentos e em informações dignas de crédito e, não tendo predileções, serei justo e imparcial. Ninguem repare que eu cite nomes de pessoas acostumadas a os verem "boycotados", e omita os de alguns cavalheiros, cujo valor intelectual é de completa nulidade ou suspeição, filho apenas de preconceitos pueris, da fortuna, do medo e de uma amizade que somente ao ridículo conduzirá o amigo.

Literatura não é exame de passagem para se ser aprovado por empenho ou por meio de fraude. Procurem altas posições, inclusive a de banqueiro, mas deixem as boas letras em paz, porque elas pertencem aos eleitos. Em compensação façam

justiça ao literato e à época em que ele vive ou viveu. Não se compra nem se vende talento ou engenho. Felizmente, ainda não se pensou em criar uma Faculdade de Talento ou de Gênio, ou, simplesmente, para para formar homens de letras, expedindo-se-lhes o respectivo diploma, o que, de certo viria ainda mais comprometer e complicar as letras. Pois há quem pense que ser homem de letras é o mesmo que tirar um diploma numa escola qualquer, após um curso pleno de ginásticas...

Aliás, o diploma serve, em muitos casos, para estabelecer barreira a quem o não possua, ainda que esteja em altas condições de obtê-lo. Sei que não devia falar a respeito de diplomas; mas, os que me compreenderam, notarão que aquí não há nenhum desrespeito a esse documento "presunção-de-saber" e sim a simples preocupação de demonstrar que ele, tal como é aceito, exclusivamente, não representa cultura; ao contrário, não poucas vezes: — é o escudo da ignorância. Há países que, pelo número elevado de diplomados que possuem, poderiam ser considerados paraisos de sábios e de letrados.

Alguem já disse: as Universidades não formam gênio nem

talentos. Há cousas que as Congregações não ensinam nem podem ensinar. É um diploma, na maioria das vezes, é o túmulo do pensamento, muito acima das línguas difíceis e pouco faladas. O essencial é a Educação.

O século XIX, tão caro ao Brasil, desde a transmigração da família real portuguesa até à proclamação da República e às lutas para a sua consolidação, foi o melhor para as letras, símbolo da cultura de um povo, cabendo à Baía, numa vintena, antes da guerra contra o ditador do Paraguai, reunir na poesia, no jornalismo, na eloquência profana e sagrada, no teatro e na educação da mocidade, o escol intelectual daquela época.

Mas nas letras como em tudo mais, inclusive o amor, encontram-se altos e baixos. As situações mudaram e com elas, no caso baiano, a vida, em consequência de alterações provocadas pela extinção do elemento servil, ainda mais agravadas pelo encilhamento. Todas essas coisas, se não perturbam o pensamento, servem, todavia, para desagregar os homens de letras, classe que se tolera, mas não se une. Os homens de letras, por sua vez, passaram a considerar este título mais para encobrir certas pretensões do que uma consequência de idéal e vocação.

O século de Pasteur e de Victor Hugo terminou, no que concerne às letras baianas, com o *Grêmio Evolução*, composto de jovens iniciados nas letras, entre os quais Francisco Mangabeira, Paula Campos, Antero Valadares e Gustavo Kelsch, orientados por Manuel de Sousa Brito (*Bento Murila*), matemático, poeta e filósofo.

O jornalismo, nessa época, ainda feito quase pelo idealismo, continuava as tradições de outros tempos. Sobressaíam, na capital, o *Diário da Baía*, o *Jornal de Notícias* e o *Diário de Notícias*. O teatro, quer no que se refere a autores, quer quanto a atores, estacionara. Xisto Baía e Olímpio Nogueira já se haviam passado para o Rio. O primeiro, do tempo de Castro Alves, agitava as multidões com as canções, que compunha para divertir o povo. E aqui, foi ele o iniciador das canções para o Carnaval, uma vez que elas não podiam mais servir para as festas do Natal, Ano Bom e Reis, como se fazia e ainda se faz, em pequena escala, em sua terra. No Rio, essas festas iam dando amplitude ao Carnaval; mas, a não ser uma ou outra gravação da "Casa Edison", não havia lugar para fins comerciais. Como acontecia com as diversões baianas, não se pensava no interêsse imediato, nem em subvenções do governo.

O início do século XX não deixou de ser uma esperança. Espera-se muito de um ano e desconfia-se sempre dos séculos, porque raríssimos são os que o atravessam. Ele, como era de crer, teve de pagar as últimas refregas do anterior, perturbado, de quando em quando, pelas revoluções políticas, deposições, candidaturas presidenciais, tentativas de assassínio do presidente Prudente de Morais e pequenos motins, que só em 1932 viriam terminar.

A Academia Brasileira de Letras, instalada em 1897, já estava bem vista pelo mundo intelectual, posto só o nome de Machado de Assis fosse o suficiente para a sua respeitabilidade, sem desprezo pelo entusiasmo pelos dos outros. Jovens intelectuais baianos fundam a *Nova Cruzada*, que teria de dar um grande impulso às letras, não só da Baía como de outros Estados. Pertenciam seus associados às escolas superiores, ao professorado, às classes militares, ao comércio e ao funcionalismo público. A época era mais propícia aos assuntos intelectuais do que ao "football", ainda que esta modalidade de esporte já começasse a ser praticada com intensidade na Cidade do Salvador.

Entre os membros da *Nova Cruzada*, cujas atividades alcançaram às vésperas da Grande Guerra, poderei citar: Ambrósio Gomes, Alvaro Reis, Aníbal Amorim, Jacinto Costa, Alexandre Fernandes, Sousa Pinto, Fernando Caldas, Cícero França, Pereira Reis, Lopes Ribeiro, Silva Coelho, Rafael Leal, José Barreto, Jonas da Silva, Durval Neri, Artur de Sales, Alfredo Pimentel, Filemon de Menezes, Argileu Silva, Carlos Chiacchio, Roberto Correia, Aloísio da Silva, Arnaldo Damasceno Vieira, Durval de Morais, Galdino de Castro, Otávio Mangabeira, João da Silva Campos, M. Paulo Filho e Carlos Weber, sempre preocupado com a coleção da revista. Assistiam-na os mestres ou que mais tarde viriam a sê-lo: Xavier Marques, Almáquio Diniz, Pethion de Vilar, Damasceno Vieira, Teodoro Sampaio, Carneiro Ribeiro, Raimundo Bizarria, Virgílio de Lemos, José de Oliveira Campos e Gonçalo Moniz.

A oratória, inclusive a parlamentar e a sacra, entre outros, apresentava os seguintes nomes, alguns vindos do regime monárquico e outros que continuam a brilhar, quando se lhes oferece oportunidade: Cesar Zama, Manuel Vitorino, Leovigildo Filgueiras, Augusto de Freitas, Joaquim Inácio Tosta, o primeiro legislador do trabalho em nosso país, Campos França, Severino Vieira, Moniz Sodré, Antônio Moniz, Manuel Junqueira, Vital Soares, João e Otávio Mangabeira, Afonso de Castro Rabello, José Joaquim

Seabra, Otaviano Moniz Barreto, Oscar Freire e os padres: Tapiranga, Natividade de Maria, D. Bento de Faro, Manuel Gomes, Ranulfo Farias, Miguel Valverde, Cupertino de Lacerda, Leôncio Galrão, sem olvidar os dois últimos arcebispos, D. Jerônimo Tomé e D. Augusto Alvaro. Reconheço que há neste ponto omissão involuntária de nomes de jovens prégadores, cuja eloquência honraria qualquer púlpito.

O *Grêmio Litero-Jurídico*, organizado por estudantes de direito, apresentava um pugilo de moços que, no futuro, não desmereceriam do seu convívio na política, nas letras jurídicas e na magistratura.

Poderão ser lembrados: Medeiros Netto, Oscar Tantú, Alvaro de Oliveira, Homero Pires, Severo Bonfim, Isaías Alves, Abelardo Vieira e Emílio Castelar de Castro.

Mas não devo parar nestes nomes que encontraram oportunidades, tirarei do esquecimento o nome de Trasibulo Ferraz Moreira, o autor dos conhecidos versos de *Oryuthosa*, de época um pouco anterior; de Cícero Campos, poeta de ímpetos arrojados; de Edistio Martins, de Da Silva Garcia, autor do soneto *Coração da Pedra;* de José Petitinga, que trocou as musas pelas cifras, tornando-se banqueiro; de Pinheiro Viegas, poeta satírico e por isso mesmo odiado por bons e maus, embora fosse acompanhado, diariamente, na sua cegueira, por um grupo de jovens; e o de Fausto Fernandes, poeta e cronista, que sabia esgrimir o estilo e a linguagem elegante.

A *Nova Cruzada* teria que refrear a sua vontade de trabalhar, pois alguns dos seus membros, premidos pelas circunstâncias, deixaram a velha capital, permanecendo em Salvador uma minoria, porque a morte tambem não os esquecera.

A revolução política de 1912 transformou tudo. Os poetas e escritores passaram a cantar e a pensar menos. As coisas do espírito foram substituidas por preocupações outras, como, para exemplificar: um emprego que a remodelação da cidade e as reformas das repartições prometiam. Por sua vez, a lei do ensino de 1911 prendia o estudante aos livros com as suas exigências, exageradas ainda mais pelas congregações. Não mais o literato boêmio dos cafés e das pastelarias, da gengibirra, dos mingáus e dos quitudes nos mercados e nos corredores misteriosos, pela madrugada, ao violão; das ceias em casas ainda mais boêmias do que eles, sem deixarem, contudo de aplaudir os versos, as crônicas, os contos e a boa pilhéria.

Mais ainda havia quem quisesse trabalhar. Sílio Bocanera Junior continuava a escrever para o teatro, grande autoridade que foi durante muitos anos em todo o Brasil; continuando-lhe a obra, mas sem estímulo, Afonso Rui de Sousa. Luiz De Sales, o simbolista de *Caveira*, escrevia e irritava a meia duzia de pessoas com o seu monóculo, em aro de tartaruga, preso à lapela de um jaquetão azul de listas brancas, paralelas, cuja moda retorna, assentando este sobre uma calça de flanela, da boa, a ponto de Henrique Cancio, numa tarde de verão, dizer-lhe, braços abertos, à Praça Castro Alves: "— Sales, meu filho, estás lindo!..."

Antes da guerra de 1914, o escritor Afonso Costa, que residia antes, em Jacobina, organizou, em Salvador, a Academia Baiana de Letras, de curta duração. E' desse tempo o seu jornal literário *A Bandeira* e o *Album Popular Baiano*. Precederam-na o *Atenêu Moniz Barreto* e *Ad Lucem*, que tambem publicava uma revista.

Logo no início da guerra, o Instituto Histórico organizou tertúlias literárias, aos domingos, independentes de suas sessões e de grande alcance intelectual e social; creio que nasceu daí a idéia da fundação definitiva de uma Academia de Letras, em 1917, a qual teve como primeiro presidente o grande filólogo Ernesto Carneiro Ribeiro. Por iniciativa do escritor e orador eminente Arlindo Fragoso, então secretario de Estado e seu principal impulsionador, a Academia de Letras da Baía recebe amparo oficial.

Residindo na Baía o acadêmico Xavier Marques, é ele, pelo seu valor, pela sua idade e pela capacidade produtiva, considerado o chefe de sua literatura, embora a proverbial modestia não o permita deliberar, mas aconselhar os que o procuram. A parte propriamente ativa de um grupo está sob a orientação de Carlos Chiacchio, que antes de 1930, como presentemente, organizou a *Ala Arco e Flecha* e a *Ala de Letras e Artes da Baía*, debaixo de cujas bandeiras se teem reunido novos e novíssimos da época, como em 1918-1921, com a *Hora Literária dos Novos* e, um pouco antes, com o *Grêmio Olavo Bilac* e *Academia Manuel Vitorino*, que ainda existe e mantem cursos. Entre os seus primeiros associados estão: Pedro Calmon, Claudionor Alpoim e Virgilio Mélo. Pertenceram à *Hora Literária*, além de quem escreve estas linhas: Emígdio de Sousa, Parente Viana, Mancio Monteiro Teixeira, Lourival Fontes, Rafael Barbosa, Ezequias da Rocha, Paulo Alberto, Conceição Menezes, Aureo Contreiras, Agenor Chaves, Cecílio dos Santos, Quintor Caffé, Hugo Baltazar, Alberto de Assis, Francisco de Matos, Matias da

Costa, Pompilio Filho, Luiz Barreiros e outros.

Lembrarei ainda os nomes dos poetas e escritores, Afonso de Castro Rabelo Filho, Sosígenes Costa, Leopoldo Braga, o folclorista Antônio Osmar Gomes, Epaminondas Berbert, Magalhães Neto, Edgar Sanches, Deraldo Dias, Julival Rebouças, Aires da Cunha, Miguel Nogueira, Jorge Calmon e Waldemar Luiz da Rocha, residente em S. Paulo, sem esquecer sua terra.

Anisio Melhor é personalidade ilustre nas letras baianas, a pesar de indiferente a qualquer manifestação de apreço. A Arte é o seu pão de cada dia. Rui Barbosa foi grande em todos os setores. Juliano Moreira, além de higienista mental, era versado em história e em línguas vivas, além de manejar com simplicidade e elegância a própria. Possuidor de senso crítico muito elevado em literatura, música e artes plásticas, a sua opinião muitas vezes foi adotada por alguns críticos.

Já uma vez, aquí mesmo, falei da imprensa de uma época de transição baiana, mas não me foi possível apresentar nomes de grandes figuras, pois foi meu intento fixar, salvo uma ou outra exceção, nomes que não apareciam nos cabeçalhos dos jornais ou subscrevendo um artigo. Os verdadeiros trabalhadores dos jornais são esquecidos; e, às vezes, passam por grandes jornalistas pessoas incapazes de escrever um tópico de terceira ordem. Podem ser mencionados, a contar do último decênio do século findo: Lélis Piedade, Alfredo Requião, Manuel Alves Requião, Campos França, Torquato Baía, Aloísio de Carvalho, Aurelino Leal, Carlos Brandão, Xavier Marques, Oliveira Campos, Lemos Brito, Pacheco de Oliveira, Virgílio de Lemos, Homero Pires, Heráclio de Matos, J. Cardoso, Celernio Dantas, Miguel Calmon, Israel Pinheiro, Isaías Rosa, Ranulfo Oliveira, Tadeu Santos, Francisco de Matos, Florêncio Santos, Amaro de Amorim, Artur Ferreira, Heitor Moniz, Artur Matos, Altamirando Requião, Mário Monteiro, Simões Filho, Almerindo Santos Silva e Marques Pinto.

E' justo se recorde tambem as revistas *Renascença*, *Seára de Ruth*, *A Esféra*, *Revista do Brasil*, *A Fita*, *Epopéia*, *Onica* e *Brasil Nosso*, que há três anos circula na Cidade do Salvador, com projeção nos Estados do Norte, sem falar nos tomos dos anuários e publicações do Instituto Geográfico e Histórico e da Academia de Letras. Não é preciso frizar que quase todos aqueles jornalistas são ou foram escritores e poetas.

O Rio de Janeiro, centro da literatura nacional há mais de setenta anos, atrái os homens de letras, os quais são, outrossim, forçados a abandonar a provincia em consequência da luta econômica e do renome. Ainda não se pode viver diretamente das letras no Brasil, não por culpa dos governos, mas dos próprios intelectuais, sempre divididos em grupos ou preocupados com a própria vaidade. Claro que, o verdadeiro eleito do espírito é liberal e acolhedor, enquanto o literato postiço, ou zoilo, movido pela inveja, julga-se um gênio; a mais alguns, para que o ajudem, medíocres; e aos demais, abaixo da mediocridade. Quando de forma alguma podem negar valor a alguem, fingem ignorar a sua existência. São derrotistas de homens e de instituições nacionais... Aristocracia do espírito, entusiasmo e amor-próprio não se devem confundir com atitudes fúteis, que podem transformar seu portador num caso patológico.

Diversos baianos fixaram residência no Rio, onde alguns já foram laureados pela Academia Brasileira de Letras e pelo Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro, entidade cultural mais antiga do país, e outros procuram honrar as letras dentro de uma postura elegante e profícua.

Mas nem todos os baianos reconhececem este esforço. A Assembléia Constituinte que se reuniu em Salvador, em 1935, mandou incluir na Carta do Estado um artigo anulando os direitos políticos, dentro de suas lindes, a toda pessoa nascida na Baía e dela ausente durante certo número de anos, mesmo residindo no território nacional. E' verdade que o Estado Novo deu fim a essa impatriótica e injusta medida, dissolvendo a Assembléia e acabando com a Constituição, que vigorou durante dois anos, mas os baianos que labutam fóra de sua terra, mas no Brasil e para o Brasil, nas ciências, nas letras, nas artes, no jornalismo, nas indústrias e noutros setores, não poderão esquecer aquele ato de egoismo e ingratidão de um grupo de cidadãos mandatários do povo.

Como se viu, os oito lustros deste século não foram ineficazes no que se refere à vida intelectual na Baía, sem contar com as instituições de ensino de todos os graus, e onde se vão encontrar excelentes representantes da cultura, especializada ou não.

Quanto aos municípios do interior, a sua imprensa de vez em quando atesta o valor de seus filhos; convindo notar que no município de Conquista existe uma *Ala de Letras*, que honraria qualquer capital, pre-

(Conclue no fim do ANUARIO)

A Academia como expressão na Literatura Brasileira

Paulo Valadares

A Academia, tão combatida por uns, tão endeusada por outros, a pesar dessas alternativas, representa, indiscutivelmente, expressão insofismavel na literatura brasileira.

Desde as mais antigas agremiações desse gênero, como a Academia dos Esquecidos, fundada na Baía, em 1724, a dos Felizes e dos Seletos, inauguradas nesta Capital em 1736 e 1752, todas de duração efêmera, até a atual Academia Brasileira de Letras, teem tido elas como principal objetivo o culto da lingua e da literatura portuguesa.

Idealizou-a Lúcio de Mendonça, em 1896, num grupo de escritores que frequentavam a Redação da Revista Brasileira. Foram os Estatutos calcados nos da Academia Francesa e limitado o número de seus membros a 40.

Em Junho de 1897, realizava a primeira sessão pública, sob a Presidência de Machado de Assis e tendo como orador Joaquim Nabuco que proferiu o discurso inaugural. Do grupo inicial que representava a fina flor da intelectualidade brasileira, restam apenas Rodrigo Otávio, Clovis Bevilaqua, Felinto de Almeida e Carlos Magalhães de Azeredo.

Há em sua existência um aspecto verdadeiramente pitoresco: entre os seus membros de hoje, vemos alguns de seus maiores inimigos e detratores de ontem. É que a Academia, ciente de seu próprio valor, os aceitou como prova de nobreza e de desprendimento.

A obra de maior vulto que vem empreendendo a Academia, é, sem dúvida alguma, o seu próprio dicionário. Representará ele, nos anais literários do país, um dos mais completos documentos filológicos de nossa época.

Distribue a Academia, anualmente, valiosos prêmios aos escritores que mais se tenham distinguido no ano anterior. Tais lauréis, constituem honrarias das mais cobiçadas entre os que teem a honra de os receber.

O espírito altruístico do livreiro Francisco Alves contribuiu para a cada vez mais crescente grandeza material de seu patrimônio, permitindo desse modo que ela se instalasse num ambiente de conforto e luxo, sem esquecermos a parte propriamente intelectiva, pois, é dos juros do capital doado que se tiram os prêmios distribuidos pela Ilustre Companhia.

Não resta a menor dúvida que a Academia goza hoje de invejavel prestígio por ser a mais alta expressão da cultura literária de nosso país.

Os Folhetins tambem teem Direito

Clovis Ramalhete

A cada volume novo, os leitores atiram-se às livrarias e somem-se as edições. Os editores compreendem que está aí o grande negócio. Enchem de cartazes coloridos e vistosos todos os muros e paredes do país. Assinam contrato para novas traduções do gênero, e preparam as máquinas impressoras.

Lentamente vai, entretanto, se formando uma reação. É um protesto letrado, erudito, com intenções de profilaxia artistica. Os autores, que nunca tiveram cartazes em parede, sentem-se espoliados. O vasto pessoal do "sereno" da literatura, faz um ar contrafeito, por solidariedade. E os leitores de boa classe, condenam tambem a enxurrada folhetinesca.

Esta tendência atual tem razões sérias, e merece uma opinião final, mas após algum exame. Em primeiro lugar, ela não é propriamente uma orientação tomada por nossas letras, não é propriamente um fenômeno literário. É resolução de editores, tentados pela voga cinematográfica. Quem se puser sentado do lado de lá de suas mesas de trabalho, desde o primeiro minuto há-de pensar, como eles, em que contar com um filme de Clark Gable para propaganda de seu livro é uma bela chance. Mas nós outros, que estamos de pé, do lado de cá da mesa, com um original de romance proustiano debaixo do braço, julgamos a coisa reles, comercial, e sobretudo perigosa para a formação do bom gosto da nossa massa de leitores.

E é aí, justamente, que vai uma grande impropriedade de conceitação. Os leitores de folhetins tambem teem direitos, e a verdade é que as obras de bom nivel artistico sempre foram editadas ante um sereno alheamento deles. Se quisermos levar esta distinção a um extremo ainda maior, podemos estabelecer que muito poucas são as probabilidades de o interesse de livraria coincidir com o interesse artístico e histórico das edições. "Paul e Virginie", de Bernadin de Saint Pierre, foi editado em meio a uma grande indiferença dos "salões" e do público da época. Poucos lançamentos, como "Crime e Castigo", de Dostoiswsky, a um tempo ocuparam a crítica literária e os caixeiros de livraria.

O que se deve esclarecer primeiramente é que, por todos os motivos, há duas histórias da literatura a se fazer: a do gosto das sociedades das épocas, com o sucesso de livraria consequente, e a outra, a que dá lugar a biografia em tratados colegiais, determinada por uma depuração de gosto, subjugada a oscilações de clima cultural das sociedades, cuja obras atingem, mais ou menos em cheio, um complexto sutil de interesses e qualidades que as imortalizam. — Mas nenhuma delas tem direito de excluir a outra de seu lugar sob o sol.

A Paisagem e o Pensamento

O mar, os rios e as selvas dentro da alma brasileira

Saul de Navarro

I

O Brasil nasceu do mar. Dilatou-se pelos rios. Tem nas selvas todos os seus segredos, mistérios e tesouros.

Do mar veio Portugal, fazendo a mais bela viagem de sua glória. Do mar, se veio Cabral para a cruz da posse, veio tambem Martin Afonso de Sousa, com Nóbrega e Anchieta, para lançar as bases de nossa civilização.

É o mar a música de todas as epopéias e sofrimentos da raça: suas ondas ficaram cantando nos *Lusíadas* de Camões e nas *Espumas Flutuantes* de Castro Alves, as duas vozes proféticas que são, de per si, o gênio de Portugal e o gênio do Brasil.

Anchieta, mestre de nossas almas, precursor de todos os trabalhos e milagres do cérebro e do coração brasileiros, escreveu na areia, ouvindo o mar, os versos latinos de seu poema à Virgem, primeira manifestação lírica do nosso espírito.

O mar tambem escreveu a carta de Pero Vaz Caminha, dando notícia a El Rey de nossa existência.

Ele bafeja de eternidade o verbo brasileiro, quando este recebe os ventos do espírito do mundo: sentimo-lo nas orações de Ruy Barbosa, nos romances de Machado de Assis, nas rimas de Bilac, nos pensamentos nórdicos de Tobias, nos estudos de Tavares Bastos, Alberto Torres, Farias Brito, Sílvio Romero, Melo Morais Filho e Oliveira Viana, no simbolismo de Cruz e Sousa e nos gemidos cósmicos de Augusto dos Anjos...

O mar fez-se Vicente de Carvalho para o mais puro lirismo do amor em nossa língua, porque tudo marulha nos *Poemas e Canções*.

Mareja o idioma quando Martins Fontes canta e glorifica a *Guanabara*, paisagem suprema do planeta, onde Deus pintou o seu mais belo sonho.

Em Luís Delfino oceaniza-se um mundo rimado pela mais fertil imaginação brasileira. Quanta sugestão sua na prosa ondulada de Coelho Neto, na sinfonia orquestrada pela pena de Raimundo Correia. O mar sauda as palmeiras de Gonçalves Dias; lava os *Marmores* de Francisca Júlia, e as *Colunas* de Luis Carlos; prolonga-se nas *Ondas* de Luís Murat e fosforêia na fria impassibilidade heráldica de Alberto de Oliveira.

Todos os encantos e esplendores da estética em nossa literatura são regidos pelo mar, que nos dá as naves pejadas de idéias do Velho Mundo, para ganhar expressão nova e brilho novo no estilo de Graça Aranha, onde Gœthe passeia a América; na alma de Ronald de Carvalho, Raul de Leoni e Tomás Murat, em quem a doçura mediterrânea nos deixa, na graça verbal, uma lembrança da Renascença... O mar avulta e orquestra o Infinito, quando Moacir de Almeida, gigante menino, brinca com estrofes e estrelas, para orquestrar a música abismal dos *Gritos Bárbaros*.

Faz o mar as *Canções sem metro* de Raul Pompéa e colabora, como orgão universal dos rítmos, no *Atheneu*, que é o maior romance psicológico do nosso hemisfério.

O mar, enfim, sinfoniza, na paisagem e no pensamento do Brasil, a nossa ânsia cósmica, dando-nos um banho lustral do Universo.

II

É, porem, nos rios que o Brasil melhor se define e por inteiro se retrata.

Os rios são as vozes de nossa terra e de nosso espírito quando espelha a paisagem e o pensamento do Brasil.

Seguir-lhes o curso, dizer-lhes os nomes, ouvir a música de suas águas, ver-lhes o serpentear por entre os nossos vales ou nas linhas de uma mapa, é sentir o nosso próprio prolongamento, porque por eles corre o sangue e corre o espírito do Brasil. O Amazonas, o São Francisco e o Paraná, balizando o norte, o centro e o sul de nossa realidade física e política, triangulam as bases de todas as forças coesivas da nacionalidade.

O Brasil, no seu extenso litoral, banhado pelo Atlântico, resulta da conquista dos portugueses e do afluxo europeu de correntes imigratórias e sempre ficou sujeito à influência do mar que nos estabelece o contacto com o resto do mundo.

Mas basta olhar-se o nosso mapa e folhear a nossa história para ver que os rios marcam, definem, revelam o Brasil, quer na totalização de seus aspectos, quer na diferenciação essencial de seu espirito: nasceu do mar, mas recebeu dos rios o seu batismo para a grande vida da nacionalidade. Do extremo norte, na fornalha equatorial, até ao extremo sul, já próximo dos gelos polares, o Brasil formou-se acompanhando-lhes o curso.

São os rumos de nossa história, a nossa marcha triunfal no espaço, porque serviram de caminho para a epopéia expansiva dos Bandeirantes, e de roteiro para as obras definidoras e definitivas de nossa projeção no tempo.

O rio Amazonas, nascendo da neve dos Andes para avolumar-se no contínuo e prófugo dilúvio das águas doces, forma um ante-mundo, numa fresca novidade planetária, onde a mão creadora de Deus ainda está molhada do Gênesis... Deslumbra e alucina os sábios. Espanta os poetas. Assombra os homens.

Euclides da Cunha, personificação verbal de sua terra, síntese anímica de nossa raça mordida pelo mar, bafejada de selvas virgens e tostada de sol, escreveu sobre a Amazônia períodos eternos, vendo, viajando e pressentindo tudo aquilo que ele resumiu na "marcha de um continente", para dar expressão de gênio ao fenômeno géo-dinâmico de Branner.

Se a geometria nasceu dos postulados euclideanos, a nossa geografia pensamental deriva, substancialmente, da pena que riscou para a eternidade o caminho do espírito brasileiro, porque em Euclides da Cunha o Amazonas nacionaliza a força mais caudalosa do idioma.

O rio-superlativo, que exerce a mais irresistivel das fascinações sobre os cientistas, cujas obras formam uma verdadeira amazonologia, tambem se encontra em nossa literatura: culmina nas obras de Raimundo Morais, cuja vida se amazonou do berço ao túmulo, navegando-o como piloto e o renavegando, escrevendo, para o melhor recordar e sentir; no *Inferno Verde*, de Alberto Rangel; em *O Missionário*, de Inglês de Souza; nos contos de José Veríssimo, nos versos de Humberto de Campos, e nas novelas de Aurélio Pinheiro e Carlos de Vasconcelos, sem citar os naturalistas e geologos nacionais, que são notaveis, mas cujas obras escapam à finalidade do meu tema.

O São Francisco, formando a grande bacia de seu nome, banha, por assim dizermos, as entranhas de nossa terra, porque, nascendo de uma serra de Minas, corre de sul para norte, para atravessar o amâgo da Baía, separá-la de Pernambuco e Alagôas e esta de Sergipe, onde desagúa no oceano, na mais brasileira alegria de vencer um curso de 3.161 quilómetros e formar pouco antes de sua dispersão no Atlântico a ginástica dos assombros, quando gargalha, ronca e pula para o abismo, na Cachoeira de Paula Afonso, cujas águas em delirio hidrofonizam e ecôam nas estrofes supremas de Castro Alves.

Ele fez o cenário épico de Canudos, onde os jagunços fanáticos, promovendo uma luta sangrenta, que determinou um deploravel fratricídio, deu logar a que fosse escrita a obra mais vigorosa de nosso idioma e, por certo, a maior de todas as Américas — *Os Sertões*, onde Euclides da Cunha orquestra uma tempestade humana, dentro de um jogo cênico que recorta um círculo inédito do inferno dantesco.

Nos vales do Tocantins e do Araguáia, que são a Amazônia prolongada, esses dois rios brasilizam nas selvas de Goiás e Mato Grosso o epilogo épico da marcha para o oeste, na qual os bandeirantes revivem em *O Selvagem* de Couto de Magalhães, brasiliada da pena e da espada, e na obra-prima de Roquette Pinto — a *Rondônia*, que é a glorificação máxima do valor de nossa gente.

III

O mar, os rios, as selvas!

Um minou a nossa infância e nos dá hoje todas as sensações e perversões da civilização do nosso tempo. Os outros foram, são e serão sempre os caminhos do nosso grande destino, como donos de quasi um continente. E as últimas são o recesso de nosso mistério, o agasalho de nossas lendas e costumes, a verde e virgem morada de nossa grandeza ainda encantada por tão vasta e vaga...

Anchieta embrenhou-se nelas para levar a fé aos brasileiros, dando motivo ao éstro de Fagundes Varela para musicar o milagre de *O Evangelho nas Selvas*.

O Visconde de Taunay romancêia em *Inocência* um idilio imortal, que tem o sertão por paisagem e o matuto por figura, para poemizar todas as doçuras e as dores todas do mais puro amor, que dá celestidade à vida mais humilde.

Afonso Arinos anima *Pelo Sertão* as lendas, costumes e paisagens dos rincões mineiros, na graça verbal de um estilo que parece um rio cantando e correndo por entre as pedras preciosas de seu leito, onde o ouro dorme e a luz dos diamantes é um resto de estrelas sepultadas...

Valdomiro Silveira, mestre de nossa etologia sertaneja, na qual pre-euclidiza e post-alencariza, para dar ao regionalismo as linhas seguras de um gênero definido e autônomo em nossa literatura, biografa e eterniza *Os Cabôclos,* fixando em sua prosa inconfundivel o pitoresco das variantes dialectais e todos os vivos segredos da gleba e da *gens,* de modo que São Paulo do passado, em toda a sua agreste e amoravel brasilidade, ficou a salvo, gravado como em estampas coloridas, no viço e frescura de suas páginas antológicas.

Deixo, para remate, dois nomes, que são dois simbolos e duas glórias liricas da imaginação brasileira: Alencar, na poesia da prosa, e Catulo, cuja musa agreste revela o gênio cândido de nosso povo, que vive à sombra de nossas selvas na mais verde, na mais casta incompreensão de seu destino, sem saber que representa essencialmente o futuro de uma raça, que terá, um dia, de ser a força fraternal de uma humanidade feliz.

José de Alencar nos mágicos poemas de sua trilogia — *Iracema, Ubirajára* e *O Guarany* — fez o prelúdio de nossa brasilidade estética, antecipando, pelo milagre da poesia, a obra medular, com a qual Euclides da Cunha sertanejou por todos, revelando o Brasil para os próprios brasileiros, revelando-o para o mundo e para todo o sempre.

Catulo Cearense tem a homericidade bravia dos rios que, rolando sertões a dentro, vão sinfonizando a terra, no violão de suas águas sonoros, e cada poema seu é uma gaiola onde canta a alma de nossa gente rústica, como ave que sente o calor do ninho, canta a presença do sol, recebe a carícia do luar e compreende o doce e luminico segredo da estrela d'alva...

Catulo brasiliza pelo coração, como Alencar e Euclides brasilizam pelo cérebro.

São os três mestres da nossa vida: Alencar é a alvorada, Euclides, o meio-dia, o sol a prumo, e Catulo, a noite no seu mistério, dentro do mundo que nasceu do nosso espírito, para tornar o Brasil a mais bela e a melhor realidade planetária, porque tem a beleza na terra e a bondade no homem.

NOTA: Só cito três nomes de escritores vivos: Catulo, Roquette Pinto e Oliveira Vianna, cujas obras já estão incorporadas ao nosso patrimônio espiritual, como sínteses felizes do Brasil em toda a sua plenitude.

Lendo a Carlos de Laet

Antônio J. Chediak

O que se vai ler não é nada diante da vastíssima obra laetiana. E' uma contribuiçãozinha despretensiosa para os organizadores de dicionários e vocabulários. Na sua maioria, desconhecem os escritos desse que foi um dos mais altos representantes da vernaculidade em nossa terra. Quando estiverem seus artigos publicados, muitos o considerarão, sem favor, o primeiro prosador da língua no Brasil.

Nós, que o vimos estudando, há muitos anos, na intenção de lhe fazermos algo, assim o temos.

Nunca lamentaremos demasiado, a negligência com a nova geração olha a grande bagagem literária de Laet.

Quando outros de menos valor são lembrados, ele continua o esquecido, o inédito, desgraçadamente inédito.

... **A BAILA ou À BALHA** — Locução muito estudada — "Voltar de novo à baila" **J. Comércio**, Mic. — 16-10-81 — "trazê-la à balha". id. 12-1-79 — "Trazida à baila" **O País**, Mic. 4-7-89 — "à baila" **J. B.** 30-11-94 — "à baila" id. 12-12-94 — id. 2-1-95 — "à baila" **T. Liberal**. 19-4-89.

... **A BANDEIRAS DESPREGADAS**: "a platéia ria-se a bandeira despregadas". **J. Com.** Mic. 5-12-80 — id. **Diário do Rio**, 27-10-77 — id. ib. 8-7-77.

... **AS BICADAS**: "caem-lhe os outros às bicadas". **O País**, 19-9-89.

... **A BOCA PEQUENA**: "fala-se à boca pequena" **J. C.** Mic. 14-7-78.

... **A BODOQUE**: "Sai corrida a bodoque" **id.** 27-10-78.

... **A BULHA**: "meto à bulha" **A Liberdade**, 31-7-96 — "metem à bulha" **O País**, 31-10-89 — "metidos à bulha" **O Brasil**, 24-10-90.

... **AS CACHEIRADAS**: "Chorando como bezerros, entraram às cacheiradas com os bois" **J. C.** Mic. 20-6-81.

... **A CAVALETE**: "o busto tem, a cavalete sobre o nariz". **J. B.** 17-11-94.

... **A COBERTO**: "pô-lo a coberto de olhares..." **J. C.** Mic., 4-9-81 — "estão a coberto da..." id. 20-2-81.

... **A DEPENDURA**: "relações de família que estão à dependura" id. 24-7-81.

... **A FANICOS**: "miserandamente reduzida a fanicos" id. 27-2-81.

... **A FIO COMPRIDO**: "Então espichamo-nos a fio comprido sobre..." id. 31-7-81.

... **A FORCEPS**: "tenha valido para concluir a forceps a penosa extração..." T. Lib. 13-7-89 — "a golpe de forceps vindica os brios". **O Cruzeiro**, 3-2-78.

... **À FRESCA**: "passeavam muito à fresca sobre os brazidos" **D. do Rio**, 27-5-77 — "está morto por ver-se à fresca" id. 24-9-76.

... **A GARRA**: "o tesouro não irá à garra". **J. C.** Mic. 14-12-79.

... **À GRANDE**: "Diverti-me à grande" **T. Lib.** 19-4-89.

A MIUDO "T. Lib. 12-12-88 — id. **O País**, 15-9-89 — id. Em Minas, 210 — "a miudo" **O Brasil**, 29-10-90 — id. **O País**, 4-4-89 — id. **D. do Rio**, 9-9-76 — id. **J. C.** Mic. 19-2-82 — id. **A Liberdade**, 30-8-96 — id. ib. 6-9-96 — id. **O Brasil**, 8-10-90 — id. ib. 7-12-90 — id. ib. 3-1-91 — id. **O País**, 28-3-89 — id. Em Minas, pg. 172 e 225 — **H.** Prot., 120.

... **A PÉS JUNTOS**: "mas a pés juntos insistiu em que..." **T. Lib.** 20-1-89.

... **A PORTAS FECHADAS**: "Devem agitar-se a portas fechadas" **O Cruzeiro**, 20-1-78 — "os copiarem a portas fechadas" **J. B.** 4-12-94.

À PRESSA — ÀS PRESSAS: "à pressa" **J. C.** Mic. 22-5-81 — "feito às pressas" id. 9-4-82.

A PURIDADE: "**J. C.** Mic. 11-5-79 — **A Liberdade**, 6-9-96. Em Minas, 227.

À SACIEDADE: "**J. Com.** Mic. 11-1-80.

À SOCAPA: id. 14-7-78.

À SORRELFA: "construirem à sorrelfa mais algumas dezenas..." id. 20-10-78 — "assim à sorrelfa passam desapercebidas" **D. do Rio** — 23-9-77 — "deitar-nos à sorrelfa as preciosas do cancan" id. 9-9-76.

A TERREIRO: **Diario do Comércio**, 17-5-890.

A TROUXE E MOUXE: "no Conservatório tudo andava a trouxe e mouxe" — **A Liberd.** 3-8-96.

... **ADAGAS DE GANCHO**: "tantos dez réis, provida e solicitamente aplicados, no tempo das adagas de gancho, à manutenção..." **T. Lib.** 16-2-89.

...**AGUA A BAIXO**: "Lá se vai tudo por agua abaixo" **A Liberd.** 23-8-96 — id. **D. do Rio**, 8-7-77.

... **AGUA NA FERVURA**: "para por-lhes agua na fervura" — **O Cruzeiro**, 6-1-78 — "lançaram água na fervura, segundo a expressão vulgar" **J. C.** Mic. 16-11-79 — id. **D. do Rio**, 11-2-77.

... **ALTO COTURNO**: "gente civilizada e de alto coturno" **J. C.** Mic. 18-8-78.

... **ARCO DA VELHA**: "Dizem-se cousas do arco da velha ou da arca, segundo a lição do nosso Castro Lopes" — **A Liberd.** 3-1-97 — "cousas do arco da velha" **T. Lib.** 3-3-89 — id. **J. C.** Mic. 29-12-78 — id 31-8-79 — **O Brasil**, 19-6-90.

ASSIM COMO ASSIM: Muito encontradiça em Laet, e estudada por nós na revista "**Euclides**".

... **BOCA DOCE**: **T. Lib.** 25-1-89 "ficar com..."

... **BOCA NA BOTIJA:** "apanhada com a boca na botija" — T. Lib. 10-12-77 — "apanhado... com o focinho na botija..." id. 16-4-89. No **Espiritismo**, a cada passo.

BRAÇO A BRAÇO: "arcam braço a braço com..." **O Cruzeiro**, 20-1-78.

CAIR NA CRIANÇADA: Expressão galicana estudada e usada por Laet — **J. C.** Mic 3-11-878.

CAI-NÃO-CAI: "gente velha, rabugente, valetudinária, caquética, cai não cai na demência senil..." **J. C.** Mic. 5-1-79.

DAR AGUA PELA BARBA: "e a estes deu água pela barba" **Diário do Rio**, 7-1-77 — "O que me está dando água pela barba é..." **O País**, 5-1-89.

... **DE MÃO:** "a tudo deu de mão" **D. do Rio**, 16-9-77.

DE MARCA MAIOR: Milhentas vezes encontrei em Laet. **O País**, 19-9-89, etc.

DE MEIA TIJELA: Multíssimas vezes leio eu Laet. **O País**, 14-11-89.

DE MENOS EM MENOS: **O País**, 15-8-89.

DE OUTIVA: a par de **de ouvida, de ouvido; A Liberdade**, 27-12-96, etc., etc.

DE PECHISBEQUE: "idéias de pechisbeque" **D. do R.** 2-7-76.

DE POLPA... DE PRIMEIRO PRÊMIO: "Artista de polpa e literato primeiro prêmio" **D. do C.** 17-5-90.

DE PONTO EM BRANCO: A basto dela se serviu o mestre. **O País**, 24-10-89, etc.

DE PRIMEIRA ÁGUA: **O Brasil**, 24-9-90 — id. 16-10-81 — **J. B.** 25-2-95 — **T. Lib.** 1-2-89.

DE PRIMEIRA FORÇA: "E' um aquarelista de primeira força" **D. do Com.** 16-4-90.

DE RESTO: Castro Lopes criticou em Laet o uso dessa locução. Pouco se lhe deu. **J. C.** Mic. 24-10-880 — id. 22-2-80 — id 14-3-880.

DE RUIM BITOLA: "gente de ruim bitola" **T. Lib.** 22-5-89.

... **EM CALÇAS PARDAS:** "Noé devia ter-se visto em calças pardas" **D. do Rio**, 17-9-76

...**EM HASTILHAS:** "o fizeres em hastilhas" **J. C.** Mic. 22-12-78 — **Fazer pedaços, em**

EM PRIMEIRA MÃO: Depara-se às colheradas. **J. C.** Mic. 18-9-81 — id. 25-9-81.

ENTENDER DO RISCADO: "Esse grupo entende do riscado..." **J. C.** Mic. 20-11-81.

EXCEÇÃO FEITA: **abstração feita, exclusão feita, abstenção feita**, colhem-se aos punhados. **J. C.** Mic. 24-11-78 — id. 30-11-79 — id. 15-8-80.

FAZER A MAU JOGO BOA CARA: "estão disfarçando, ou, como vulgarmente se diz, fazendo a mau jogo boa cara" **J. do B.**, 26-7-95.

FAZER OLHOS DOCES: "esteja a fazer olhos doces" **T. Lib.** 22-12-88.

FAZER TABUA RASA: **O País**, 14-8-89.

FECHA-FECHA — FOGE-FOGE: Estudadas em "Euclides".

IR BUGIAR: "esse que vá bugiar" **J. do B.** 25-9-95, etc.

GATOS A BOFE: "Atiraram-se contra eles, como gatos a bofe" **J. do C.** 27-10-78.

LANÇA EM RISTE: Tenho o fichário repleto. **J. do C.** 9-10-81 — id. 13-3-81.

LAVRAR UM TENTO: Um sem número. **Em Minas**, 185 — **D. do C.** 27-4-90.

LEVAR AS LAMPAS: **J. do C.** 28-9-79 — id. 11-8-78 — id. 16-2-79, etc., etc.

... **LOMBO GROSSO:** "fazendo lombo grosso" id. 16-1-81.

... **MANGUINHAS DE FORA:** "Vai deitando as manguinhas de fora" **J. do C.** 22-2-80.

CHOVER NO MOLHADO: "Eu cá fico a chover no molhado" **Diário do Rio**, 7-1-77.

CORRER EM ÁRVORE SECA: "Uma companhia pobre, que arribou ao nosso porto corrida em árvore seca". **J. C.** Mic 9-8-80 — "desencadeiam-se as tempestades, correm as naus em árvore seca" id. 16-3-79.

CUM QUIBUS: "Menos enfaticamente: faltam-lhe capitais... Mais prosaico ainda: não tem **cum quibus**". Mic. **J. C.** 14-7-78 — **"Na pindaíba"** — Ver a revista "Aspectos".

CUSTAR OS OLHOS DA CARA: **J. Brasil** — 4-12-94.

DÁ CÁ AQUELA MÃO, ENFIA UM DEDO: "foi tudo um **dá cá aquela mão, enfia um dedo**" **J. C.** Mic. 9-1-81.

... **DA GEMA:** Vezes sem conto usou Laet. **T. Lib.** 11-1-89, etc.

... **DIABO A QUATRO:** "tinha o diabo a quatro" **J. C.** Mic. 17-11-78.

DAR ÁGUA PELA BARBA: "o que me está dando agua pela barba" — **O País** — 5-1-89.

DAR DE BARATO: **J. C.** Mic. 28-12-79 — **J. B.** 22-2-95.

DAR O CAVACO: **J. C.** Mic. 27-10-78 — **J. B.** 30-12-95 — **T. Lib.** 11-1-89.

DAR O CAVAQUINHO: "Nós damos o cavaquinho por uma eleição" **J. C.** Mic. 23-3-79.

DAR NA GANA: Encontra-se a cada passo. **O País**, 18-7-89, etc.

DAR POR PAUS E POR PEDRAS: "Em vez de emendar a mão, dá por paus e por pedras..." **T. Lib.** 1-3-89.

DAR NA VENETA: Usou a mancheias. **J. B.** 12-12-94, etc.

DAR NO VINTE: "Mas olha que ainda não deste no vinte: eu vim à corte por motivos políticos **J. C.** Mic. 20-4-89.

DE AFOGADILHO: **O Brasil**, 19-4-90.

DE AGUA DOCE: **J. C.** 23-2-79 — **D. do Rio**, 30-7-76 — id. 7-1-77, etc.

DE ALTO BORDO: **J. C.** 1-4-79 — id. 9-10-81 — id. 3-11-78, etc.

DE ARROMBA: **O Brasil**, 21-10-90.

DE BALANÇO: "lógico de balanço" **J. C.** 24-11-78.

DE BARAÇO E CUTELO: **O Brasil**, 13-6-90, etc.

DE CABO DE ESQUADRA: **D. do Rio**, 1-7-77.

DE CAMBULHADA: "Eram os críticos de cambulhada" **T. Liberd.** 23-8-96.

DE ESGUELHA: "cavalgá-los de esguelha" **J. B.** 24-12-94.

DE INDÚSTRIA: **J. B.** 20-9-95.

DE MAIOR TIRO: "obra de maior tiro" **Diário do Com.** 8-4-90.

... **MARFIM CORRER:** "Depois é deixar o marfim correr" **J. do C.** 7-12-79.

MARCHE AUX FLAMBEAUX: Laet tradu-

ziu por **procissão de fogaréus** — Ver "Euclides".

MARCHE-MARCHE: J. do C. 9-10-81; id. 29-12-78 — Ver "Euclides".

METER A FALA NO BUCHO: "Acredita que eu meteria a fala no bucho e aguardaria uma semana para dar-lhe o troco" **J. do C.** 13-4-79.

METER EM FUNDURAS: **J. do C.** 14-7-78 — id. 27-3-81.

METER O FERRO: "Unicamente para meter o ferro (meter o pau) no Sr. presidente", **T. Lib.** 17-3-89.

METER-SE EM ALHADAS: **Diário do Rio,** 9-12-76.

METER A VIOLA NO SACO: Laet muito gosta disso. **J. do C.** 22-12-78.

... NA ALHETA: "Vai-lhes na alheta o zelo..." **O Cruzeiro,** 17-2-78 — **J. do Com.** 1-8-80.

... NA BERLINDA: **J. do C.** 1-12-78 — **D. do Rio,** 31-1-78 — (Estar... ficar...).

... NA BERRA: São incontaveis. **J. do C.** 28-8-81 — id. 2-10-81 — id. 3-11-78, etc., etc.

... NO GOTO: **J. do Com.** 18-8-78 — id. 2-11-79 — id. 24-7-81, etc., etc.

OURO SOBRE AZUL: Estão pontilhados os escritos de Laet dessa expressão. **J. do Com.** 28-11-80 — id. 5-12-80 — id. 19-10-79 — id. 31-7-81 — **Diário do Rio,** 25-8-77 — id. 22-10-76.

PAGAR O PATO: "Quando as mulheres feias se penteiam, o cabelereiro é quem paga o pato" **D. do Com.** 8-4-90 — **A Liberdade,** 7-3-97.

... PANO PARA MANGAS: **J. do B.** 8-5-95

PAPOS DE ARANHA: "O digno médico iti- — **A Liberdade,** 13-12-96.

nerante... há de ver-se em papos de aranha, como lá diz a sabedoria dos anexins, modificados pelo sr. Castro Lopes" **T. Lib.** 12-1-89 — "andou... em verdadeiros papos de aranha" **O Brasil,** 22-5-90 — "Os poetas e oradores andam em papos de aranha" **J. do Com.** 6-6-80 — Figueiredo e Gls. diana estudaram a expressão.

PEREDES-MEIAS: Ver "Euclides", artigo de nossa lavra, a propósito.

PÉ DE CANTIGA: "é sempre um pé de cantiga para..." **J. do C.** 31-10-81.

PELAS TRIPAS DO JUDAS: "Fala pelas tripas do Judas" **O País,** 14-3-89.

... PENTEAR MACACOS: "Se crítica não é justiça, ela que vá pentear macacos" **A Lib.** 31-7-896.

... PINTAR O SETE: "deixava a rapaziada pintar o sete" **J. do C.** 5-1-79, etc., etc.

PLANTAR BATATAS: "Mandar um menino plantar batatas" **J. do C.** 15-12-78.

... PULGA ATRÁS DA ORELHA: **J. do C** 2-1-81 — id. 16-1-81 — id. 16-1-81.

... PRIMEIRA PLANA: "Talentos de primeira plana" **J. do C.** 22-12-78.

POR A PANOS: "prontamente optei pela primeira ponta do dilema, e pus-me a panos" **A Liberdade,** 30-8-96.

POR ARTES DE BERLIQUES E BERLOQUES: Era muito do gosto laetiano. **J. do C.** 31-8-79 — **D. do R.** 6-8-76 — **J. do B.** 19-4-95.

PINTAR O DIABO: "e, finalmente, pintou o diabo, como se diz em vulgar" **Em Minas,** 223.

POR DÁ CÁ AQUELA PALHA: Pululam os exemplos. **J. do C.** 14-7-78 — id. 7-12-79 — id. 16-10-81 — id. 13-2-81 — **O Brasil,** 21-5-90 — **D. do Rio,** 12-5-77.

POR O PRETO NO BRANCO: "Explicado isto é posto assim o preto no branco..." **D. do Com.** 12-4-90.

POR PAUS E POR PEDRAS (dar...): "**T. Lib.** 10-12-88 — id. 16-12-88 — id. 24-12-88.

QUASE - NÃO - QUASE: Expressão estudada em "Euclides".

QUEBRAR LANÇAS: "pela qual quebrou lanças". **A Liberd.** 27-12-96.

QUI - PRO - QUO: **J. do C.** 9-3-79 — id. 1-1-882.

RISCO ACIMA — SERRA ACIMA: Usou a valer, para indicar a parte editorial que não fosse o rodapé e para indicar Petrópolis e as alterosas.

RONCAR O DEMO NAS TRIPAS: "O homem já lá não estava! Roncou-lhe o demo nas tripas" **J. do B.** 1-4-95.

SEM TIRTE NEM GUARTE: **J. do C.** 19-9-80.

SUAR O TOPETE: "promoção pela qual suam o topete" **T. Lib.** 5-1-89.

... TALHO DE FOICE: "vir mais a talho de foice" **J. do C.** 29-12-78.

TEMPO DO ONÇA: "alabardas do tempo do onça" **J. do C.** 15-12-78 — **D. do C.** 8-4-90 —. "a prostituição do tempo do Onça" — "cousas do tempo do onça". **Em Minas,** 181.

TERRA - A - TERRA: **D. do Rio,** 13-1-78 **J. do C.** 31-7-81.

TORCER A PORCA O NARIZ: "Aqui torce a porca o nariz" **J. do B.** 7-1-95.

TRÊS TEMPOS (Em...): ...saltam às sardinhas no mestre. **O Brasil,** 7-10-90, etc.

TRINQUE: novinho de..., ... do trinque... etc. expressões pitorescas em Laet, que se leem a cada passo. **J. do C.** 31-10-80 — id. 26-10-79 — id. 16-10-81, etc.

TRUCAR DE FALSO: **J. do B.** 12-8-95 — **T. Lib.** 14-2-89.

VIR A PELO: Quem as contará? **J. do C.** 9-8-80 — **O País,** 23-5-89 — **J. do B.** 24-11-94.

VIR A TOQUE DE CAIXA: "Uma simpatia que vem a toque de caixa". **J. do C.** 26-10-79.

VISTA GORDA (fazer...): "Os maganões faziam vista gorda" **J. do C.** 14-12-79.

VOLTAR À VACA FRIA: "Na festa (voltemos à vaca fria) tudo correu..." **A Liberd.** 28-2-97 — "mas depois voltava à vaca fria" **J. do C.** 2-10-81.

VOZ EM GRITA: Expressão clássica, muito do carinho de Laet. **J. do C.** 19-1-79 — **A Lib.** 7-9-97 — **O Brasil,** 18-1-91, etc.

USEIRA E VEZEIRA: "pessoa useira e vezeira no ajeitar algarismos..." **O Brasil,** 9-10-90

"ENCONTRO COM A POESIA"

Nélio Reis

I

Devo ao movimento modernista o encontro definitivo com a poesia nacional. A geração de poetas que encontrei ao ensaiar as primeiras letras, desde o sr. Olegário Mariano até o sr. Pereira da Silva e etc., não condizia com a minha sensibilidade e a minha noção do sentido da poesia. Os etc. então nem se fala. E concordei quando um dia se disse que a poesia havia morrido. E realmente como poderia viver a poesia brasileira com a ausência de bons poetas. Bons poetas, saliento, porque rimadores havia até de sobra. Gente arrumadinha. De régua em punho. Tudo medido. Palavras bonitas e altissonantes. Nenúfares e címbalos a toda hora. Mas cadê humanidade? Cadê vida? Força? Tutano? Tudo oco. Cheirando a mofo, punhos de rendas e cabeleiras empoadas.

Anatole France dizia que os filósofos andam sempre em boa inteligência com os poetas porque estes, em geral, não pensam e consequentemente, não lhes podem fazer sombras.

Entre nós, então, anos atrás, era tudo técnica literária, obra de puro artifício, encobrindo mediocridade e indigência intelectual dos seus autores. Eis porque, para mim, a poesia da minha época nasceu com a poesia moderna, poesia de sentido, poesia vertical.

II

Minas-Gerais tem dado ao Brasil alguns dos maiores poetas da nova geração. Desde Emílio Moura, Murilo Mendes até Abgar Renault e Carlos Drumond de Andrade. Estes dois últimos, sobretudo, ocupam na minha admiração aquele lugar "tout doux, tout terne" que Linois assinala para as suas gratas emoções, na página comovida que foi um dos últimos instantes intelectuais da França subjugada. Mas não sei de maior contraste que entre esses dois poetas.

Abgar Renault busca o sentido, a gravidade da comoção. Sua poesia é comtemplativa, de quem ama a vida e a acaricia. De lábios que "se abriram numa canção". De quem teve a sua tristeza florejada, "em lábios e em rosas de alegria". Poeta de sensibilidade, vivendo pela emoção — doce e terna emoção.

Em Carlos Drumond de Andrade tudo é diferente. Só o poder de sentir e transmitir o seu sentimento tem nele a mesma força com raizes diversas.

Muito se tem discutido este poeta mineiro retraido e calado. Os que o compreenderam falaram da tristeza sem sentimentalismo da sua poesia, e enganaram-se ante a sensação de comicidade que a sua feição especial de encarar a poesia que vem da vida desperta ao primeiro e desprevenido contacto. Para mim ninguem mais lírico do que Carlos Drumond de Andrade. O que aparentemente encobre a feição emotiva da sua poesia é que ele vai buscar a força do seu lirismo na interpretação do sofrimento e dos erros da humanidade:

"Estou preso à vida e olho meus companheiros.
. . . .
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente".

O seu lirismo dá-me sempre a impressão de emoções vividas, lirismo amargo, cheio da humanidade dolorosa e irônica dos seus versos, como a repetir a lição sentimental aconselhada por Paterson aos poetas da nova geração inglesa. Há sempre experiências interiores, mal encobrindo a visão do meu mundo voluntariamente amargo, doido.

Antes o poeta explicava:

"Meus olhos teem melancolias
minha boca tem rugas.
(Algumas poesias)

Agora, em "Sentimentos do Mundo", a sua poesia não mudou. É bem isto: metade do esgar da boca, metade da melancolia dos olhos. "O encontro do homem com o destino não se dá sem amarguras" — escreveu San Thiago Dantas, ao assumir a cátedra de Direito Civil da nossa Faculdade. O destino para Carlos Drumond de Andrade é bem aquele da sua "Confidência do Itabirano":

"Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como doi".

Instante comovida de vida interior, estes versos são para mim o que de mais alto se tem feito em poesia nos tempos atuais. Aí está todo Carlos Drumond de Andrade, deixando sempre que a emoção surja no fim de cada poesia como um grito transfigurado.

Em cada poesia, em cada verso Carlos Drumond nos dá a sua lição da vida:

"É preciso viver com os homens,
é preciso não assassiná-los,
é preciso ter as mão pálidas
e anunciar O FIM DO MUNDO".

A lição é amarga. A poesia é amarga. Mas como cantar as flores e os pássaros quando a humanidade sofre e as crianças choram "na noite lenta e morna, noite morta sem ruidos"?

Mas Carlos Drumond não abandona os primitivos traços característicos da sua poesia, o encanto travesso das suas zombarias. Vem então a "Tristeza do Império", "Inocentes do Leblon", "La possession du monde". Mas não há, mesmo nestes versos, a comicidade oca, sem sentido. Há irreverência, irreverência que me obriga a pensar em Duclos iniciando a sua conferência: — "Senhores, senhoras, falêmos do elefante, pois é o único animal consideravel do qual se pode falar sem perigo, nos tempos que correm". Quantas coisas Carlos Drumond deixa entrever mesmo quando nos fala apenas do elefante ou do corpo da moça-fantasma que o gato comeu!...

Porem adiante a ironia passa e o poeta volta a encontrar-se com as suas emoções: — "Mãos dadas" — "Os ombros suportam o mundo". E o poeta vai realizando aquilo que pediu a outro poeta: a presença da poesia "para consolo de muitos e esperança de todos".

É este o Carlos Drumond de Andrade que volto a encontar em "Sentimento do Mundo". Um poeta que vê a vida ao seu modo, com a sua realidade. Um poeta compreendendo a desgraça do mundo, o ridiculo do mundo, a tristeza do mundo,
"de um mundo enorme e parado".

E como o mundo precisa de poetas assim, nestas horas de lutas e incertezas.

As Dificuldades do Folclore Latino-Americano

Joaquim Ribeiro

O folclore latino-americano oferece problemas complexos, que merecem ser esclarecidos, a fim de serem evitados enganos na discriminação das tradições populares, que nos ligam à civilização latina.

É certo que pela via da civilização latina recebemos elementos de diversa origem (*céltico, arábico, gótico, oriental*, etc.).

O que, porem, pode motivar erro nessas pesquisas é a não identificação dos elementos *amerindios* e *negro-africanos*, quando não apresentam os seus caracteres aparentemente visiveis.

Há tradições dessa ordem que se acham de tal modo *diluidas* que dificilmente podem ser caracterizadas.

Vamos dar apenas um exemplo, relativo ao *elemento negro-africano*.

A influência negra no Brasil foi tão forte, que, muitas vezes, se acha de tal maneira incorporada ao nosso tradicionalismo, que até os próprios vestigios são dificeis de evidenciar.

A *mítica bantú*, por exemplo, em virtude do contacto com as nossas tradições, se diluiu de tal forma em nosso folclore, que nem sempre é facil identificar.

Os *mitos bantús*, ao contrário da mítica *sudanesa* (que ficou defendida pelo sectarismo religioso), em grande parte, se acham obliterados. Cumpre ao folclorista algebrizá-los no meio das deturpações e metamorfoses.

Vejamos.

Quem conhece a nossa poesia popular, não ignora a seguinte trova que corre na zona agrícola do Nordeste (ciclo dos engenhos):

> Toda gente se admira
> Do macaco *andá* em pé
> O macaco já foi gente
> Pode *andá* como *quizê*.

Silvio Romero nos "Cantos populares do Brasil" (2.ª edição, p. 252) a coligiu em Alagoas na cidade de Penedo.

A um exame superficial esta poesia parece um mero improviso humorístico do nosso povo, obedecendo à *métrica septissilábica* da lirica tradicional lusitana.

O folclore exige análise mais profunda.

O conteudo dessa trova nada mais é do que o vestigio obliterado de um mito negro-africano, de origem bantú.

De fato, entre muitos povos negros corria o mito de que o macaco já fora, em outras eras, homem.

A documentação, a esse respeito, é idônea.

Fernando Ortiz, ilustre africanólogo latino-americano, no estudo "El cocoricamo y otros conceptos teoplasmicos del folklore afrocubano" (publicado nos "Archivos del folklore cubano", vol. IV, n.º 4) regista, com segurança:

"No escassean los pueblos africanos que tienen a los gorilas, chimpanzés y demais antropoides por sus hermanos.

"Para algunos pueblos, los manos no son sino hombres que por alguma peripecia cosmogonica fueron privados del habla, o indivíduos que por maleficio magico fueron metamorfoseados en cuadrumanos montaraces y cimarrones, huidizos del trato humano, o seres cuyo cuerpo antropomorfo es habitaculo de un espirito reencarnado en esa forma".

Essa referência de Ortiz, que se apoia em africanólogos como Johnston e Bentley, traz à nossa trova popular um significado, até então não esclarecido.

O verso:

"O macaco já foi gente"

reflete, diluido e quase obliterado, o remoto e distante mito negro-africano.

Esse fato, de vestigios negro-africanos, é comum em toda a América Latina, que sofreu a colonização do escravo negro.

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

A Cultura em face da guerra

D'Almeida Vitor

O espetáculo que nos ofereceu a Grande Guerra, no terreno da inteligência e da cultura, é de-veras desconcertante, para que, nesta hora, quando se repete a catástrofe de 14-18, nos preocupemos com o destino da cultura, cujo roteiro mal iniciamos. Quais as consequências desta nova guerra? Tal é a preocupação que nos domina, em vista da experiência que nos ficou de ontem.

Das trincheiras sobraria uma geração adolescente, horrorizada pela chacina, com o sentimento calcinado ao fogo dos combates e a compreensão obstruida pelo instinto de conservação individual, que a embrutecera, enquanto a disciplina militar a automatizara, distanciando-a do sentido compreensivo da existência. Os primeiros anos da guerra destruiram os valores culturais que formaram as primeiras classes militares chamadas às armas, para defender a hegemonia financeira dos grupos em conflito.

E os que sobraram da carnificina, viriam encontrar-se sem orientadores, forçados, pelas circunstâncias, a conquistar, por si mesmos, os conhecimentos com que deveriam lastrar a experiência. Autodidatas, assim, por imposição, vamos ver essa geração entregar-se à procura de nova cultura, numa coincidência com a busca de novas formas sociais para os diversos agrupamentos humanos. A conciência modelada nas trincheiras nos apresenta uma imensa bibliografia de ex-combatentes, onde, não apenas o horrivel da existência no "front" mas, o desespero, ante a realidade da paz, se veem incorporar ao nosso sentimento. São paisagens desoladoras da alma humana, são apontamentos que trescalam a pólvora e sangue, de que é típica a trilogia de romances de Remarque: — *Nada de novo na frente ocidental, Regressando da Guerra* e *Três Camaradas.*

Todo esforço para encadear a cultura, resulta, então, de modo contraproducente. A cultura, como uma tradição do conhecimento, sofrera uma paralisação abrupta, sem possivel continuidade, de modo a desorientar aquela geração destroçada nos seus sentimentos. E disso procede a aventura espiritual da experimentação de várias escolas, precisando a inseguridade intelectual da época.

E' o futurismo apresentando um novo sistema de persuasão dialética, tentando oferecer, subjetivamente, a polaridade de movimentos quotidianos; é o dadaismo, cuja essência é o negativismo primitivo, apoiado no instinto humano, negando por negar, numa oposição anárquica ao imutavel; e o dadaismo fixa bem o estrago causado pela guerra no sentimento humano, se o seu negativismo destruidor é, sem dúvida, a transferência de um complexo adquirido nas trincheiras e recalcado com a paz; o dadaismo se distende em gerações imediatas, nas suas linhas quebradas, na aglomeração das suas formas, sob novos rótulos como o néo-dadaismo e o surrealismo, que conservam a essência originária do movimento; é, ainda, o cubismo, impondo a elasticidade de planos estéticos adjacentes, exercendo a sua influência sobre as artes plásticas, numa reação contra o impressionismo, no estabelecimento de formas superpostas, na transferência do sujeito lírico, num abstracionismo exótico; e vários outros movimentos sucederam.

Essa preocupação de novas formas estéticas é o índice de desorientação desse momento. Nesse sucedimento, nessa instabilidade de conciência artística, vemos a desarticulação dos esforços conjuntos dos diversos agrupamentos sociais. O desequilibrio das forças econômicas resultaria nessa procura de novas circunstâncias materiais e espirituais, servindo, no entanto, para uma aproximação mais íntima do artista com as massas. Antes, distanciava-o o privilégio da cultura. Era Shakespeare, Dante, Ibsen ou Dostoievski apresentando-lhes uma complicada figuração da personalidade humana, num refinamento de conhecimentos, que exigia, para a sua compreensão, a interferência da força intuitiva e instintiva do povo.

As formas imprecisas, aliás, de uma socialização do conhecimento, resultou numa integração nos anseios populares, na possibilidade de o artista poder sentir esse povo na imensidade da sua alma, na heterogeneidade

(Conclue no fim do ANUARIO)

BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA

I — **MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS** — **Manuel Antônio de Almeida**
Introdução de Mário de Andrade — Ilustrações de F. ACQUARONE.
Um volume com 280 pags., em grande formato com 22 ilustrações fóra do texto, sendo 2 a côres .... 20$000
em papel vergé (tiragem limitada a 200 exemplares) .... 40$000

II — **IRACEMA** — **José de Alencar** — Introdução de Guilherme de Almeida — Ilustrações de Anita Malfatti.
Um volume com 200 pags., em grande formato, com 12 ilustrações fóra do texto, sendo 2 a côres .... 15$000
em papel vergé (tiragem limitada a 200 exemplares) .... 40$000

* * *

No prelo: — **A NOITE NA TABERNA e MACARIO** — **Alvares de Azevedo** — ilustrações de Di Cavalcanti
REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS — **Matias Aires** — ilustrações de Santa Rosa.

ULTIMAS EDIÇÕES DA LIVRARIA MARTINS

FAGUNDES VARELA — **Edgard Cavalheiro** — Capa e ilustrações de Belmonte — 1 volume ilustrado .... 15$000
ANQUINHAS E BERNARDAS — **Mario Sette** — Capa de Belmonte e ilustrações de Nestor Silva — um volume ilustrado .... 10$000
PINTORES E PINTURAS — **Sérgio Milliet** — edição ilustrada .... 12$000
FREDERICO II — **Pierre Gaxotte** — um volume em brochura .... 20$000
encadernado em percaline .... 25$000
POISO NA ESTRADA — **Albertino G. Moreira** — um volume brochura .. 8$000
RONDON — O BANDEIRANTE DO SÉCULO XX — **Bandeira Duarte** — ilustrações de F. Acquarone — um volume cartonado .... 12$000
A MOEDA — **Prof. Louis Baudin** — um volume em brochura .... 10$000
HISTÓRIA ECONÔMICA CONTEMPORANEA — **Laurent Deschesne** — volume em brochura .... 8$000
ENSAIOS DE GEOGRAFIA HUMANA BRASILEIRA — **Pierre Monbeig** — um volume em brochura .... 12$000
ABC De CASTRO ALVES — **Jorge Amado** — com ilustrações de Santa Rosa .... no prelo
SINHA MOÇA CHOROU — **Ernani Fornari** — edição ilustrada .... no prelo

Si o seu livreiro não tiver em stock faça o seu pedido ao nosso Serviço de Reembolso Postal.

LIVRARIA MARTINS

Rua 15 de Novembro, 135 — São Paulo

Intercambio Intelectual Brasilo-Colombiano

Gonzaga Coelho

Nunca é demais falar-se ou escrever-se, no Brasil, a respeito de coisas que se relacionem com a vida e o progresso das outras repúblicas do continente americano. O intercâmbio cultural e econômico dos países do Novo Mundo é uma necessidade que se deve impor de maneira permanente, a despeito das incursões de interesses contrários, feitas a tal política. E, só pode ser proveitoso esse trabalho, se, em câmbio, tambem fizermos do nosso país uma propaganda inteligente e fervorosa, de forma que os resultados, embora mediatos, sejam porem, depois, seguros e eficazes.

E' uma verdade, esta, a todos perfeitamente compreensivel, mas que sempre convem, como sistema, seja constantemente enunciada.

No entanto, para levar-se a efeito essa importante tarefa, é preciso que se conheça, de fato, a existência mesma, os problemas de cada um desses conglomerados humanos: a raça, sua constituição, sua psicologia, o idioma, a literatura, a religião, a formação politica, administrativa e militar, as instituições de cultura, a vida social, as tendências artisticas do povo, relações internacionais, isto é, todo ambiente formado por este conjunto de fatores, e mais: o solo, suas possibilidades econômicas, o progresso agricola, industrial e comercial, enfim, os caracteristicos principais de uma civilização em constante florescimento. Tais encargos, sem dúvida, cabem exclusivamente ás nossas élites intelectuais, que se encarregariam de transmitir ao povo, de maneira accessivel, e através das cátedras, do livro, dos jornais e de outros aparelhos divulgadores da cultura, esses ensinamentos nobres, adquiridos em proveito de uma finalidade cujos beneficios atingem indistintamente a todos.

E' bem verdade que empreendimento desse vulto deve ter tambem o amparo eficiente do Estado, emprestando ao mesmo sua contribuição moral, e lhe dando materialmente todo ensejo, para que esse objetivo tenha sempre o seu belo fim, colimado.

Contudo, a história econômica, social, artistica, literária e politica das repúblicas sul-americanas, tem sido objeto de interesse, no Brasil? Que fizeram nossos homens de cultura nesse particular?

A resposta é dolorosa mas tem que ser dada: no Brasil-colônia e no dos tempos imperiais quase nada se fez nesse sentido. E a melhor prova disso, temos agora, na referência do Sr. Silvio Julio em o número correspondente a Fevereiro-Abril de 1939, da revista trimestral, de americanismo, "Toda a América", de uma viagem que fez em 1853 à Venezuela, Nova-Granada e Equador, o diplomata brasileiro, Conselheiro Lisboa, sobre a qual escreveu uma interessante história.

O reconto mencionado constituiu, segundo divulgou o escritor em apreço, um volume de trezentas e tantas páginas, publicado em Bruxelas em 1866 e tem como titulo: "Relação de uma viagem à Venezuela, Nova-Granada e Equador". Pelo que o próprio Conselheiro Lisboa confessa, houve demora na sua publicação porque hesitara o autor em vulgarizar semelhante obra, receando não apresentar a mesma, de certo modo, alguma originalidade. No entanto esse trabalho hoje em dia constitue indispensavel documento histórico, tal o seu poder informativo sobre aquelas três repúblicas sul-americanas, que pela probidade contida em tão valioso memorial, na Colômbia de hoje, como na Venezuela e Equador, ele é conhecido e citado, pelos eruditos, como verdadeiro repositório e fonte honesta de estudos relativos ao seu passado. No Brasil, entretanto, não é conhecido esse livro original, embora para nós, pelas razões no principio referidas, seja a sua consulta de tal forma imprecindivel, como aos demais povos a quem o mesmo possa mais diretamente interessar. Por ele compreendemos ainda mais — e desta vez através da sinceridade e do escrúpulo do Conselheiro Lisboa — porque o Brasil, durante o periodo colonial e a fase de governo dos dois Pedros, absteve-se de uma politica exterior onde predominasse, vamos dizer — muito embora com reservas — o espirito continentalista.

As idéias democráticas e de liberdade que se agitavam na América Espanhola durante o primitivo regime politico brasileiro, foram sem-

pre espantalhos tremendos para D. João VI e seus dois descendentes. Eram considerações subversivas que seriam capazes de acordar o "gigante adormecido" e o fazer caminhar, medievalescamente, como um cavaleiro destemeroso e insensato, para o combate inglório de idéias, que a final de contas, para eles, reinantes, nada mais eram, verdadeiramente, que moinhos de vento, que miragens fugidías, oriundas da imponderação e do absurdo.

Bolivar, que passou para a História como o Washington da América do Sul, em sua época, de certo, foi considerado por aqueles régulos, — régulos porque desajustados à grandiosidade do ambiente — um réles caudilho provocador de arruaças. E com esta mentalidade propalava-se que a nação decente do Novo Mundo, a única situada moralmente em nivel superior, digna de elogios e bem organizada, era, indiscutivelmente, a nossa. Por esse modo procurava-se evitar o contágio dessas ideologias, como se as mesmas fossem a própria barbaria, isto é, a onda vandálica onde a impetuosidade indomavel de sua força encerrasse apenas a destruição e o terror. A despeito porem de toda precaução as idéias liberais perfuraram o ambiente brasileiro e os idealistas, com sacrifício de vida e de fortuna, fizeram rebentar em Pernambuco as revoluções de 1817 e 1824, pondo em alvoroço a Casa de Bragança. Não foi à-toa que as represálias recrudesceram após esses pronunciamentos, pois o segundo movimento mais denunciou aquela origem, adotando, como adotou, uma Constituição imbuida das idéias da que foi votada em 1819 na Grande-Colômbia, "à luz do gênio e da bravura do Libertador". (1) Seguiu-se, assim, um periodo de maior afastamento, ficando o povo brasileiro no completo desconhecimento da vida e do pensamento dos seus irmãos americanos.

Perdurou desse modo o insulamento, com inexpressivas alterações, até depois da Grande Guerra de 1914 a 1918, quando foi iniciada no Brasil uma elogiavel campanha de aproximação desses países, datando daí os esforços que os nossos governos veem fazendo no sentido de um internacionalismo sadio e util, surgido, bem se vê, da própria experiência adquirida pelos ensinamentos decisivos que nos deu paradoxalmente aquela catástrofe. Serviu-nos bastante a lição, e num futuro bem próximo colheremos os pomos desejados, porque este simpático movimento mais e mais se tem desenvolvido, principalmente agora, sob os auspícios do Estado Novo. Como afirmativa a esse grande interesse podemos citar as recentes embaixadas culturais; a iniciativa constante do atual Governo, designando elementos capazes de representá-lo condignamente em solenidades comemorativas de acontecimentos importantes dos países vizinhos; e, mais proximamente, a remessa de quatro mil volumes brasileiros, de cerca de três mil autores — escolha feita pelo nosso Ministério da Educação — a fim de figurarem na Exposição do Livro Brasileiro, em Montevidéu, inaugurada a 15 de Novembro do ano passado, livros estes enviados ao embaixador Francisco Luzardo, para propaganda alí da nossa pujante literatura. E, de tal forma já se vem notando os bons efeitos desta última iniciativa que, mesmo antes da sua apresentação, o ministro da Instrução Pública do Uruguai, Sr. Toribio Olaso, declarou que essa oferta teria destino conveniente: seria a biblioteca do Instituto Cultural Uruguaio-Brasileiro, cujas bases ele pretendia lançar ao encerrar-se a Semana do Livro Brasileiro.

Os próprios jornais do Rio divulgaram há pouco um telegrama de Buenos Aires em que o Governo brasileiro, propondo um melhor desenvolvimento do intercâmbio intelectual que na Argentina se expressou pela criação da cátedra da lingua portuguesa e pela bibliotéca de autores brasileiros, sob o patrocínio do Ministério da Instrução Pública argentino, deu ensanchas àquele Ministério para a nomeação de um professor argentino, a fim de reger a cátedra do idioma e da literatura espanhola, como tambem da literatura americana, na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. E dessa boa vontade, de nossa parte, resultou a boa compreensão do Governo argentino, nomeando o Snr. Eugenio Julio Iglesias para incumbir-se daquelas elevadas funções. E assim se vai caminhando, construindo obra meritória de aproximação e mútuo conhecimento.

O motivo, entretanto, que nos abalançou a escrever este artigo foi o intercâmbio intelectual brasilo-colombiano. E esta é uma oportunidade para aqui fazermos referência à atuação eficaz do Sr. Silvio Júlio nesse sentido, como chefe da delegação do Brasil às comemorações do 4.° centenário da fundação da cidade de Bogotá, e de cujas atividades ele nos dá sobejas provas neste número excelente da revista a que já fizemos alusão, por ele fundada, mantida e sempre melhorada, número, aliás, todo enriquecido de crônicas, ensaios,

(Conclue no fim do ANUARIO)

---

(1) — "Toda a América", número citado, pg. 68.

SÃO PAULO E O CRISTIANISMO

EDMUNDO MUNIZ

O cristianismo, tal como veio a triunfar, é mais uma obra do famoso apóstolo, Paulo de Tarso, do que propriamente de Jesús. Foi Paulo quèm mais contribuiu para estabelecer as bases definitivas em que deveria se apoiar, posteriormente, a igreja cristã.

Existe, todavia, entre Paulo e Jesús, em seus pontos de Vista fundamentais, uma divergência profunda e irreconciliavel. Embora se dizendo apóstolo de Jesús e levando avante com sistemática e apaixonada obstinação o culto do novo deus que vinha derruir as velhas creanças. Paulo quase sempre apregoava e defendia o que Jesús combatera.

Jesús foi, essencialmente, um revolucionário de gênio. Poder-se-á considerá-lo como a eloquente expressão dum sentimento de desespero, de revolta e de protesto que caracterizava uma época decadente, em sua fase crepuscular, que marchava, tumultuariamente, em meio das mais impressionantes contradições para o abismo inevitavel de seu próprio aniquilamento. Ultrapassando as fronteiras nacionais, numa atitude francamente universalista que se chocava com o tradicional patriotismo judaico, Jesús combatia de frente as instituições dominantes, religiosas e sociais, apostrofando os sacerdotes bem como os homens de lei e de dinheiro. Audacioso, irreverente, autoritário, colocava-se contra todos os opressores e todas as opressões.

Paulo, entretanto, fez inteiramente o oposto de Jesús. Nas suas famosas epístolas, aliás, destituidas de valor filosófico, só se encontram conceitos estreitos e vulgares sobre os ritos do novo culto, alem, duma pregação tacanha e servil de respeito e obediência às autoridades seculares.

Anatole France, em Sur la Pierre blanche, teve a oportunidade de dizer:

"Nesse tempo (Nero era o proconsul de Achaia), S. Paulo pouco ouvira falar, sem dúvida, do jovem filho de Agripina, sabendo, porem, que Nero estava destinado ao Império, teria sido logo neroniano. Foi-o mais tarde. Era-o ainda depois de Nero ter envenenado Britânico. Não que ele fosse capaz de aprovar um fraticídio, mas porque tinha infinito respeito ao governo."

Nada mais certo. Vamos encontrar a confirmação desse modo de ver nas próprias palavras de Paulo:

"Todo homem — diz ele — esteja sujeito às potestades superiores, porque não há potestade que não venha de Deus, essas que existem foram por Deus ordenadas. Aquele, pois, que resiste à potestade resiste à ordenação de Deus. E os que lhe resistem trazem a condenação a si-próprios. Os príncipes não são para temer quando se faz o que é bom, mas quando se faz o que é mau. Queres tu não temer a autoridade? Obra bem e terás o teu louvor. Mas se obrares mal, deves temê-la porque ela não traz a espada inutilmente. O Príncipe é ministro de Deus para o teu próprio bem, vingador em ira contra aquele que obra mal. Logo se torna necessário que tu lhe esteja sujeito, não somente pelo temor do castigo, mas tambem por obrigação de conciência." (Epístola aos romanos — XIII — 1, 2, 3, 4, 5.)

Desta forma, em poucas palavras, Paulo rapidamente destrói o majestoso edificio da ideologia de Jesús. Identifica o Príncipe com Deus, renegando a sábia lição do Mestre que, em face dos adversários, corajosamente proclamou, sem ter receio da provocação de que era vítima: "Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus" (Mateus — XXII — 21 — Marcos — XII — 17 — Lucas — XX — 25.) Jesús submetia-se a Cesar temporariamente, mas frisava que nada existia de comum entre ele e os dominadores do mundo. As afirmativas de Paulo vinham, sem dúvida, justificar moralmente as próprias autoridades que condenaram Jesús. Permitia aos Príncipes o direito de punir e acreditava em seu espírito de justiça, sancionando os seus atos. Mas Jesús que perdoou a mulher adúltera, fulminando ironicamente a hipocrisia dos juizes (João — VIII — 1 a 11), não se cansou de dizer: "Não julgueis para não serdes julgados, nem condeneis que sereis condenados." (Mateus — VII — 1 e 2 — Luc. — VI — 37).

Enquanto Jesús, conforme os Evangelhos, era uma personalidade atraente, impressionante, dominadora, fascinando as multidões com a resplandescência apostolar de seu Verbo, Paulo, de acordo co mos Atos dos Apóstolos, em toda parte que pregava se via interrompido pela assistência que se mostrava indignada ou prorrompia em gracejos.

Nada mais natural. O povo, com efeito, não podia deixar de ter pelo novo pregador da divindade de Jesús uma justa desconfiança. Paulo, alem dum passado duvidoso, sustentava a hierarquia de classes, não apresentando nenhuma solução razoavel para o problema social: "Pagai a todos — diz ele — o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra." (Rom. XIII — 7) E exigia: "Servos obedecei em todas as cousas os vossos senhores temporais, não servindo só na presença, como para agradar a homens, mas com sinceridade de coração, temendo a Deus. Tudo o que fizerdes fazei-o de boamente, como quem faz pelo Senhor, e não pelos homens." (Aos colossenses — III — 12 e 13). As palavras de Paulo são de quem procura não se comprometer, encontrando sensata e prudentemente um meio de cortejar os homens de poder e de dinheiro. Jesús respondia ao mancebo que desejava seguí-lo como partidário de suas doutrinas, já cumprindo sinceramente os mandamentos ensinados: "Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-os aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me." O mancebo recusou-se ao sacrifício da pobreza e retirou-se discretamente enquanto Jesús fazia ver aos seus adeptos: "Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino celeste." (Mat. — XIX — 16 e seg. — Mar. — X — 17 e seg. — Luc. XVIII — 18 e seg.)

Em face dos homens de dinheiro, Paulo se limitava a dizer timida e obscuramente: "Vós senhores fazei com os vossos servos o que é de justiça e equidade (?), sabendo tambem que vós tendes um senhor no céu". (Col. — VI — 1). E tratava de descansá-los: "Que cada qual quede no estado em que se encontrava no momento em que Deus o chamou." Admitia dessa forma a desigualdade entre seus partidários e seguidores. Esta desigualdade era intoleravel para Jesús. Paulo resolvia a questão social, aconselhando a caridade. A caridade deveria substituir o fraternal igualitarismo de Jesús.

Jesús era altivo e falava convicta e convincentemente; muitas vezes com uma „divina insolência„ Paulo era servil e lamuriento. Jesús enfrentava os adversários, expulsando-os do templo a golpes de chicote. Dizia de público sem temer a reação: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados que parecem por fora formosos aos olhos dos homens e por dentro estão cheios de ossos de mortos e de todas as asquerosidades. Assim tambem vós outros por fora vos mostrais na verdade justos aos homens, mas por dentro estás cheios de hipocrisia e iniquidade." (Mat. XXIII — 27 e 28). Paulo, em suas pregações, não quer outra cousa senão salientar a sua obediência, achando um grande prazer na alto-degradação: "Amaldiçoam-nos, e bendizemos; perseguem-nos, e o sofremos. Somos blasfemados, e rogamos; temos chegados a ser como a imundícia deste mundo, como a escória de todos até agora." (I — Aos coríntios — IV — 13 e 14). Esta auto-degradação modernamente os psico-analistas, penetrando no ádito abissal da conciência de Paulo, poderiam definir de masoquismo espiritual.

O mais interessante é que Jesús só era áspero e arrogante para com os adversários, mas absolutamente fraternal em se tratando de companheiros e amigos. Paulo, ao contrário, humilde em frente dos inimigos, mostrava-se vaidoso, intolerante e exigente quando se dirigia aos partidários. Certa vez confessou: "Ainda que eu seja grosseiro nas palavras, não o sou, entretanto, na ciência." (II-Cor. — XI — 6).

O movimento cristão, em sua fase inicial, foi intimamente perturbado por uma série de desavenças em que Paulo teve um papel preponderante. Logo no começo de seu apostolado, entrou em conflito com João Marcos (o futuro evangelhista) e Bernabé, embora tivesse sido este último quem o introduzira na igreja de Jerusalem pouco depois de sua conversão, desfazendo as desconfianças e prevenções que havia contra ele. (Atos dos Apóstolos — X — 26 e 27 — XV — 36 e seg.) Renan, que foi um confessor apreciador de Paulo, tentanto engrandece-lo perante a história, vê no seu rompimento com Bernabé "um grande ato de ingratidão." Tiago, João, Apolônio se opuseram, em várias ocasiões, enérgica e terminantemente aos seus propósitos, negando de público a sua autoridade apostólica. O ardoroso e intransigente João che-

gou a denominá-lo, se bem que indiretamente, de falso apóstolo, de embusteiro, de corrompido e de enviado de Satã. (Apocalipse — II — 2, 3, 9, 14 e outros vers.) O próprio Pedro, espírito sereno e conciliador, que estimava o convertido de Damasco, sempre se manifestou em seu contrário quando as contendas se aguçavam, embora desejasse uma solução amistosa para as contradições internas de nova igreja, colocando-se habilmente no centro das correntes que se formavam em seu seio. Pedro via em Paulo um dedicado combatente da causa cristã, mas compreendia tambem que os desvios ideológicos de Paulo poderiam trazer, como trouxe de fato, as mais funestas consequências para todo o movimento social-religioso, já que se afastava de mais das idéias de Jesús.

Existia, em tudo, entre Paulo e Jesús, uma diferença radical: a mentalidade de Paulo era estreita, bisonha, cheia de preconceitos; a de Jesús duma amplitude universal. Jesús não se deixava prender pelas cousas futeis, formais e pequeninas como acontecia com Paulo. Paulo pregava uma existência ascética de abstinência, de renúncia, de sacrifício. Jesús nunca foi um sectário a pesar de sua intransigência doutrinária. Levado por um sedutor idealismo, batia-se romanticamente pela objetivação duma utopia. Simples, humano, comunicativo, destituido de malícia, como todos os sonhadores, procurava os lugares concorridos, dirigindo-se a todo mundo sem distinção de idade, de sexo, de raça, de nacionalidade, de classe, de credo ideológico. Aproveitava todos os ensejos para a propaganda maravilhosa de sua impressionante filosofia. Em qualquer lugar que surgia com uma vasta e barulhenta comitiva de homens, de mulheres, de crianças, a maior parte do povo, era efusivamente recebido e todos se mostravam felizes com sua presença animadora. Jesús respondia às críticas que lhe foram feitas em virtude de sua vida alegre e festiva. "Veio o Batista que não comia pão nem bebia vinho e se dizia que ele estava possuido do Demônio. Veio o filho do homem que come e bebe e vós dizeis: Vejam o homem glotão e amigo do vinho, acompanhado de publicanos e pecadores". (Mat. — XI — 18 e 19 — Luc. — VII — 34.) Que importava a maledicência? Acima do insulto, das calúnias, das provocações, lutando contra a minoria que defendia as instituições vigentes, colocava Jesús os seus ideais revolucionários e revolucionantes que visavam, transcendentalmente, a emancipação da humanidade.

Num sentido geral, existem contradições e inconsequências nas idéias de Jesús. Há, porem, um ponto em que não pode haver disputas nem controvérsias. A filosofia de Jesús foi, no seu tempo, uma expressão magnífica dos sentimentos e das aspirações das massas populares. Jesús amava os fracos, os desherdados, os perseguidos, os sofredores. Era um espírito livre que desejava libertar. As crianças e as mulheres sempre encontravam nele um coração amistoso e protetor. Paulo, ao contrário, fundamentalmente reacionário, alem de aconselhar a submissão dos servos e e reconhecer os príncipes como enviados de deus, pregava abertamente contra a mulher: "A mulher aprenda em silêncio — diz ele — com toda sujeição. Eu não permito a mulher que ensine nem que tenha domínio sobre o marido, senão que esteja em silêncio." (I — A Timóteo — II — 11 e 12). Que faria o intransigente profeta da Galiléia se escutasse as prédicas dum tal discípulo? Mas Paulo não receava um desmentido. Ninguem sabia melhor do que Paulo que a visão de Damasco não passava duma farsa. Poderia dizer o que bem entendesse. Ele não cria, infelizmente, na ressurreição de Jesús.

Fala-se constantemente na traição de que Jesús foi vítima em consequência da confiança depositada em Judas Iscariote que o entregou a prisão. Judas foi um reles delator. Um pobre diabo que, a troco de dinheiro, aceitou uma incumbência miseravel. Era, provavelmente, um indivíduo ignorante, sensual e ganancioso que jamais poderia compreender a verdadeira doutrina de Jesús. Agiu como um simples espião. Assim mesmo, arrependeu-se do que fez e preferiu a morte a uma existência infamante. Dizem que se enforcou. E se é certo, cremos que lhe cabe a originalidade de ter sido o único traidor que se puniu da traição. Hoje em dia, com a moral dominante, a traição de Judas seria um motivo de satisfação e de orgulho.

Entretanto, a traição de Paulo é, em seu aspecto histórico, infinitamente mais condenavel do que a traição de Judas. Judas traiu o homem; Paulo traiu a idéia. Judas sacrificou a amizade; Paulo sacrificou a causa. Judas entregou Jesús aos seus inimigos que deveriam assassiná-lo; Paulo assassinou traiçoeiramente a ideologia cristã. A delação de Judas levou Jesús ao cárcere e, em seguida, ao calvário;

o apostolado de Paulo, crucificando a doutrina de Jesús, lançou os alicerces para que igreja atingisse o cume da riqueza e do poderio. O cristianismo, então, deixou de ser uma corrente politico-filosófica que procurava a redenção social da humanidade para se tornar uma seita religiosa. O essencial era a salvação da alma pela fé, conforme os ensinamentos de Paulo. Mas Tiago objetava: "Para que serve a fé quando não se pratica as boas ações?" (Epístola de Tiago — II — 14). Doutrinariamente, Paulo triunfou e é, sem dúvida, a ele que se deve o divórcio que existe entre Jesús e aqueles que se arrogaram e ainda se arrogam como seus representantes na terra.

Em conversação particular sobre Paulo, uma nossa colaboradora na investigação materialista da história, honesta e inteligentemente, formulou uma hipótese apreciavel. Paulo poderia ter sido, entre os cristãos, um representante disfarçado da casta dominante. É claro que não se tratava dum representante direto e estipendiado, mas a semelhança, por exemplo, dos líderes social-democratas no movimento socialista. Lembrava que o folgoso apóstolo, embora homem de letras, pertencendo ao bloco dos fariseus, perseguia os cristãos, antes de se ter convertido, não com processos intelectuais, mas simplesmente pela violência fisica, espancando e prendendo. "Saulo (ainda não mudara de nome) assolava a igreja, entrando pelas casas e tirando com violência homens e mulheres os encerrava na prisão." (At. VIII — 3). Movido por sua ira e seu rancor chegou a participar covardemente no assassinato de Estevão. Ele mesmo confessa: "Quando se derramava o sangue de Estevão, eu estava presente e o consentia, guardando os vestidos dos que o matavam." (At. XXII — 20). O interessante ainda é que Paulo se aproveitou da mistificação quando aderiu ao cristianismo. Quis dar a sua apostasia às idéias do passado um aspecto milagroso. Inventou a Damasco, envolto num clarão, que o cegou por fantástica aparição de Jesús na estrada de alguns dias ao mesmo tempo que descerrava os seus olhos para a crença do novo deus. Esta hipótese sobre Paulo não é para ser esquecida e desprezada. A morte trágica e espetacular do famoso apóstolo pela igreja cristã apenas vem comprovar que, quase sempre, nesses casos, os individuos se deixam inhabilmente prender nas próprias malhas de seu jogo. São muitos os exemplos que se encontram na história.

Concluindo, o que podemos afirmar é que a pregação de Paulo transformou o cristianismo, a pesar de seu carater demagógico, numa válvula de segurança para os que estão no poder.

Ritmos do Novo Continente

Anesia Andrade Lourenção

O prosaismo nem sempre tira o valor das comparações. Logo, podemos dizer que da cozinha literária a poesia é o acepipe de mais dificil preparo. Tanto mais dificil quanto se nota não serem poucos os glutões que o dispensam, substituindo-o por coisas mais nutritivas e menos adocicadas. Verdadeira guloseima do espírito, o verso aborrece desde que se apresente apenas com o confeito miudo das rimas arranjadinhas com engenho e arte; um pouco de substância na massa é indispensavel para não torná-lo insosso, para que se possa saborea-lo com prazer, sem o intuito único de agradar anfitriões gentis. Aos "prosadores" são uteis as lições reunidas em compêndio pelos mestres-chefes da pena; aos poetas jamais prestarão beneficio as "receitas" contidas nos tratados de metrificação. O verdadeiro poeta não aprende, nem compila ensinamentos para os outros, porque nem ele próprio sabe como faz as suas estrofes. A poesia é o resultado quase explosivo de vibrações simultaneas da sensibilidade e imaginação, quando postas em contacto com uma fagulha divina, rara e misteriosa. E aquele a quem Apolo não concedeu, ao nascer, o dote dessa fagulha, que não se canse em contar silabas e não se esforce em temperar e amassar alexandrinos, porque só conseguirá aumentar o tédio do leitor que tenha procurado galgar a colina suave da poesia, deixando, por instantes, a "planície" enfadonha da vida. Diz o povo, na sua sabedoria despretenciosa, que "o que é bom nasce feito e o que é ruim não tem jeito"; ligeiramente alterado, pode-se aplicar aos que fazem versos esse nosso velho brocardo, de modo a concluirmos que o poeta nasce feito, do contrário... não tem jeito.

Tudo isto nos vem à lembrança a propósito de "Ritmos do Novo Continente" novo livro de versos do sr. Faustino Nascimento, poeta cearense, cuja alma se alcandora às regiões distantes do Ideal e de lá volta, incandescida, a se desfazer em chispas luminosas de poesia. Idealista e sonhador como todos os da sua estirpe espiritual — os poetas — o sr. Faustino Nascimento faz da Liberdade, Fraternidade e Paz o motivo constante do seu sonho — dos seus versos. Essa trilogia de idéias vive no poeta cearense com teimosia e com impetuosidade, de maneira que lhe desfaz a todo o instante as comportas da imaginação e se despenca das alturas nevadas dos Andes ou do encachoante Iguassú, escorre pelo Panamá ou se espraia, abundante, pelas águas do Amazonas ou São Francisco. As Américas teem nele, um exaltado cantor, que se transforma em poeta-geógrafo, em todos os aspectos, para melhor poder engastar, em cada pedaço das terras do Novo Mundo, o culto que lhe inspira a sua natureza, o dinamismo e o espírito livre de sua gente. A sua poesia é substancial; traz a Idéia para ser trincada pelo espírito. E como o sr. Faustino Nascimento é tambem afilhado de Apolo — tem em si a centelha divina — pode corporificar a Idéia em belas imagens ou dilui-la nas paisagens que transplanta para o livro, com tanta nitidez e fidelidade, que chegam a sugerir o processo da decalcomania, como por exemplo, nestas "Sugestões da Floresta":

"Pelo denso arvoredo,
As aves em segredo
Tecem poemas de amor,
Enquanto ao pé do monte,
Em derredor da fonte,
Por sobre a liana em flor,
Esvoaça um beija-flor

....

Sejam brancas ou pretas
Todas as borboletas
E qualquer colibrí
Teem seu celeiro aquí...

Seu lar comum é a terra!
Nunca se movem guerra!
— Para maior união,
Vivem no mesmo monte,
Bebem da mesma fonte,
Comem do mesmo pão..."

Não obstante notar-se nos versos em que é glorificado o Novo Continente, como que tropeços e, por vezes, a fuga mesmo da cadência poetica, tem-se a impressão de que o ritmo é atropelado pelo tumulto de idéias, tanto que ele se refugia, integro e cantante, nas últimas páginas do li-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

ALDA

Almachio Diniz

"Levanta-te, Psychê! Nem um só astro esplende
Na abóbada tranquila.
São horas de partir. Toma o teu manto e acende
A lâmpada d'argila".

EUGENIO DE CASTRO.

"A cultura não está ao serviço da vida, mas é a vida que deve estar ao serviço da cultura". — RICKERT.

"Quem vê as cousas desenvolverem-se desde começo, faz delas juizo mais perfeito". — ARISTÓTELES.

"Para descobrir uma personalidade num indivíduo, temos que o valorisar, considerando-o como uma totalidade". — WILHELM SAUER.

Eram três vastas salas de frente, cujas largas janelas despejavam raios de luz sobre a praça, onde se abriam duas ou três ordens de esguias palmeiras muito altas. Entre si, as salas communicavam-se por portas. O auditório era numeroso, apinhado em multidões pelos desvãos escancarados a dentro das duas salas laterais. Era uma festa de família, de seu grande regozijo. Nela, o filho mais velho, naquele dia 16 de Dezembro de 1899, de vinte anos incompletos, recebera o grau de bacharel em direito. E os seus solenizaram o fato com uma pomposa recepção de parentes — era numerosíssima a família, não reinando incompatibilidades pessoais entre os seus membros — e de amigos, entre os quais, professores da Faculdade de Direito, que acabava de ser cursada. Lembro-me com segurança, que, naquela noite, por acaso, voltando de uma viagem à Europa, MANUEL VICTORINO PEREIRA, estava na Baía e esteve em nossa casa,

coparticipando da festa, que me era feita, sem esquecer a qualidade de, católico que ele sempre o foi, paraninfo do meu batismo, feito, em tempos da monarquia, quando ainda não estava instituido o registo civil. Não houve rigor de trajos. Mas, tanto quanto possivel, houve rigor de trato, no que todos nos esmeramos. Dezembro estival, luzes fortes, aglomeração de gentes, tudo contribuiu para acalorar o ambiente. Lá estavam os mais velhos sobreviventes da grande família da viuva Bardon Dénis, de que descendiamos. E toda a juventude de sua numerosa descendência tambem. Prometeu-se um pouco de música, para abertura da reunião. E conceder-se-iam dansas, para levá-la a um fim de muito regozijo, até alta madrugada. Foi no meio daquele bulicio de inquietos, que as músicas tiveram o seu começo. Foi a execução de uma música do maestro ARAUJO SILVA, especialmente elaborada para aquela festividade, feita pelo conjunto dos irmãos: eu, na flauta, Albérico e Alpheu, no violino, e Alda, no piano. Dado este inicio, o concerto prosseguiu interessando à assistência, daquelas três vastas salas de frente e repercutindo na multidão de curiosos, que se acotovelavam coscuvilheiramente, na frente de nossa residência, ao largo dos Aflitos, na Baía.

I

— Perfeita! — disse MANUEL VICTORINO, a meu Pai, batendo palmas, com as mãos enluvadas à pianista, que acabava de executar a "Sinfonia", do "Guarani", enquanto os aplausos surgiam de todos os lados, numa fremência dominadora.

Quem seria aquela pianista que fez impressão, executando um vibrante trecho de CARLOS GOMES, universalmente conhecido?

MANUEL VICTORINO, destacando-se de um grupo de que eram presentes, AUGUSTO FRANÇA, diretor da Faculdade de Direito, e PARANHOS MONTENEGRO, professor da mesma Faculdade, foi ver de perto a musicista...

Era uma menina... Quinze anos incompletos... Cabelos curtos... Vistosa, mas não bonita... Inteligente, mas não desembaraçada fora do instrumento, que acabara de manejar com primor... Confundida com as felicitações expressivas que se lhe apresentavam... Por sobre ela passaram os olhos do grande brasileiro, que a procurara, à cata de uma figura física que correspondesse à figura artística, revelada com ufania...

E meu Pai apresentou-a:

— Alda, minha filha, o DR. VICTORINO quer conhecer a pianista...

Não se conteve a surpresa de MANUEL VICTORINO...

— Mas, esta menina...

Atraiu-a a si. Não encontrou jeito de beijar-lhe a pequenina dextra, que mal alcançava a oitava do piano de GUNTHER, como teria feito se uma senhora fosse a pianista. E, então, paternalmente, beijou-lhe a testa...

II

Mais tarde, naquela mesma noite, ultimando a parte concertante, quando ninguem mais esperava audição nova, foi assim ouvida a fantasia de Gottschalk sobre o nosso Hino Nacional. Todos escutaram com uma atenção exclusiva. MANUEL VICTORINO, que nunca pôde esconder, na verdade, o seu temperamento marcial, ao escutar o rufo rítmico dos tambores, quebrou o silêncio e comentou vivamente:

— É pianista!...

E, passadas as últimas notas da obra do grande fantasista musical, ele rememorava a nós outros um acontecimento passado...

— Quando ela nasceu, estive perto como médico... Deve ter sido isto... a... a... quinze anos...

— Incompletos!... — acrescentou meu Pai.

De fato tinha sido em 15 de Janeiro de 1885 e estávamos a 16 de Dezembro de 1899...

III

Dessa vida que se extinguiu, há pouco (27 de Novembro de 1935), consumida nas ardorosidades abafadas do recesso de um lar feliz, não é dificil dizer fortes referências a um irmão, mesmo que ao seu amor se desse uma expansão que a justiça não aprovassé. Bastaria relembrar aquela mesma menina interpretando as valsas de CHOPIN, as fantasias mais fortes, como "Ojos creolos" de Gottschalk, ou as serenatas mais emotivas, como a de SCHUBERT. Na verdade, nessa reminiscência, não se teria só a revelação de um temperamento de artista, de uma inteligência, com dons realmente raros, para a grande compreensão da música. O talento natural alentava-se com o estudo. Mas, ALDA manifestou, não só em suas realizações de Arte, como tam-

bem em suas relações de afeto, uma ação poderosa de sua sensibilidade sobre a inteligência. Não era, por isto, menos sensitiva do que intelectual. Todos temos tendência, a que nos entregamos, sem procurar contrariá-las por ato de resistência (A. CARTAULT, *L'Intellectuel*, Paris, 1914, pág. 102). Essas tendências, porem, na minha irmã, nunca puseram a dormir, em repoiso, a sua inteligência. Mesmo na sua tendência profundamente manifestada pela música, e, mais tarde, pela poesia, a sensibilidade predominou. A sua inteligência era a de um ser pensante e o pensamento poderosamente agia sobre as sensações, restringindo a sensibilidade, para que a verdade surgisse do raciocínio, independentemente de qualquer subordinação à afetividade.

IV

Não era música para todos: *Ojos creolos*, fantasia rítmica, engendrada pelo engenho artístico de GOTTSCHALK. Era uma composição original, em que a inspiração poética do músico norte-americano tudo tirou de uma explosão da natureza, nada lhe imprimindo de cunho subjetivo. GOTTSCHALK foi bem um poeta que não realizou suas intenções literariamente, escrevendo versos, para entretanto realizá-las com a música, interessando assim tanto a sensibilidade, quanto a inteligência do ouvinte. Em *Ojos creolos* ele deu toda a máxima expansão ao seu gênio criador, gênio positivamente prodigioso, capaz de disciplinar em um feixe harmonioso todas as energias psíquicas, de que dispusesse. Na sua música, a impressão viva era o fato primordial e sobre ela se exercia a inspiração, sabendo vitalmente o que estava criando. Compreendê-lo era ter inspiração. Esta é assim como uma espécie de resposta que o ser inteligente dá às provocações da Arte. Sempre que ouvi ALDA — e nunca me fartei de ouví-la na execução de *Ojos creolos*, de GOTTSCHALK — fiz o juizo, muito meu, de que ela tinha em si mesma, um fim musical muito absoluto. E, uma vez, fui tentado para um estudo comparativo, num período em que me dedicava ao esoterismo de formas literárias propositadamente absurdas. Pedi ao maestro ARAUJO SILVA, a cujo poder artístico me devotava, ouvindo a sua dissertação musical, que ele formulou sobre o meu "Sê bendita!" (símbolo trágico-dramático), que me fizesse sentir, conduzido pela sua inspiração, aquela obra *Ojos creolos*. A sua execução foi, sem favor, de rigor completamente magistral. Em seguida, imediatamente, fiz ALDA arrebatar-me com a sua inspiração, executando a mesma música. A sua execução foi, na realidade, inebriante. Ao maestro sobrou inteligência. Mas, à minha irmã pianista, a sensibilidade contrapontou a inteligência. Talvez neste juizo imperasse uma paridade de sentimentos entre os dois irmãos, que éramos nós. Contudo, se a impressão de ARAUJO SILVA, sobre *Ojos creolos*, foi viva, eu tenho por certo que a de ALDA foi não só viva, mas tambem vivida...

V

Minha Mãe tinha inteligência. Bem compreendida em suas diversas manifestações, ALDA herdou-a suficientemente. Lembro-me de uma consideração de *SCHOPENHAUER*: *"O carater ou a vontade herda-se do Pai; o intelecto da Mãe"*. (Die Walt als Wille und Vorstellung, ed. de 1883, III, pág. 300). No lar, ALDA teve uma existência tão profundamente ritmada, que nunca a sensibilidade pôde derrotar o seu carater, como relação coexistencial de sua inteligência. Chegava, dentro desta medida, a ter um senso temeroso de seu próprio valor. Um dia mostrou-me um soneto, e disse-me que o tinha copiado de uma coleção estranha, acrescentando que lhe fôra apresentado como o produto são de uma poetisa de renome, não lhe parecendo nenhuma obra prima. E pediu-me o parecer...

Li-o e afirmei:

— É bem feito!

Ao que ela me retrucou:

— Acha que não quebraria o rítmo de uma música a dureza de seus versos?...

A métrica era perfeita. Não havia sonalidades forçadas. A poesia já era uma música por si mesma. E reafirmei-lhe:

— Não tem falhas, que eu veja...

ALDA sorriu e repontou-me:

— É a voz do sangue, meu irmão... Conheceste, pelo seu ar de família, que a poesia é minha... E falou a tua fraternidade... Pois ouve: o GALDINO DE CASTRO, sem saber que era meu o soneto, indicou duas correções...

E deu-mas a conhecer. Mas, eu reaproveitei o soneto e rejeitei as emendas sugeridas pelo professor GALDINO DE CASTRO. Não melhoravam o rítmo do verso, que era satisfatório.

— Não é o irmão quem fala? — perguntou-me, e, apresentando-me um *Album*, de poe-

sias, que queria inaugurar, como de fato inaugurou, disse-me:

— Escreve aquí, nesta primeira página, um teu...

Escreví. Em seguida ela transcreveu o seu.

Era uma demonstração de seu grande carater esta revelação do senso temeroso de seu próprio valor.

VI

ALDA, como esposa e como Mãe, teve uma existência real, a que não faltaram inteligência, ritmo e sensibilidade. Cresceu, viçou e nunca deixou de repartir com todos os seus as harmonias prodigiosas de sua nítida compreensão da vida. Há poucos meses, assaltou-a a insuficiência cardíaca, que a vitimou bruscamente. Ela compreendeu, como compreendia a aproximação do fim de uma ópera que executasse de primeira vista, que não tinha existência para muito tempo. Entrou a disseminar as résteas da luz intensa que sentia obumbrar-se. Mas, sem perder aquela harmonia serena com que viveu, até seus últimos instantes, ela viu as tréguas passageiras criadas na marcha da enfermidade, como um simples engodo. Todavia, indagou de um médico, que a assistia:

— E eu poderei tocar o meu piano?

Não lhe satisfez a resposta dada pelo clínico ilustre à sondagem que, intencionalmente, perpetrou, porque não bastava poder tocar o seu piano, não como dantes, porque o que ela queria era tocá-lo como sempre: com frequência, com bravura, com denodo...

VII

Quando a vi morta, olhos cerrados, cabecinha encanecida pelo malogro da vida e não pelo acúmulo dos anos, olhei os seus dedos compridos e para sempre silenciosos. Como tive saudade das músicas que eles viveram, da vitalidade que emprestaram a pensamentos alheios expressos por notas derramadas sobre pautas monótonas, dos sonhos que me despertaram embriagando-me com as harmonias, que foram a sua máxima expressão de inteligência e sensibilidade! E eu revi, no infortúnio daquela existência consumida pelo frio do seu cadaver, a glória daquele velho piano de GUNTHER, que é uma relíquia de nossa família, quando ALDA, aos quinze anos incompletos, conseguiu despertar a sensibilidade artística de MANUEL VICTORINO.

"O CORVO"

(Tradução de Ezio Pinto Monteiro)

Edgar Poe

NOTA: — *O curioso trabalho que se segue constitue a parte principal do ensaio de Edgar Poe intitulado "The philosophy of composition" e descreve o* modus operandi *do famoso poema. Poe nasceu em 19 de Janeiro de 1809 e faleceu em 7 de Outubro de 1849. "O Corvo" foi publicado pela primeira vez em Janeiro de 1845; de modo que o ensaio ora traduzido foi escrito num dos últimos anos da atribulada vida do poeta).*

A consideração inicial foi quanto à dimensão do poema. Se alguma obra literária for demasiado extensa para ser lida de uma assentada, temos de nos resignar a prescindir do importantíssimo efeito que deriva da unidade de impressão; porque em havendo necessidade de ler com interrupções a interferência de circunstâncias estranhas faz desaparecer desde logo por completo o efeito do conjunto. Mas, uma vez que, *ceteris paribus*, nenhum poeta pode dar-se ao luxo de prescindir de cousa alguma que possa servir às suas intenções, resta apenas verificar se há, na extensão, vantagem capaz de contrabalançar a perda de unidade. A isso respondo sem hesitar: não. O que chamamos um longo poema não passa na realidade de uma sucessão de poemas curtos, isto é, de efeitos poéticos breves. É desnecessário demonstrar que um poema só é poema na medida que excita intensamente a alma, elevando-a; ora, toda excitação intensa é, por efeito de uma necessidade de ordem psíquica, breve. Eis porque metade pelo menos do "Paraiso Perdido" não passa de simples prosa: uma sucessão de excitações poéticas intercaladas *inevitavelmente* de depressões correspondentes — de maneira que o todo, em razão do excessivo comprimento, fica desfalcado desse valiosíssimo elemento artístico: totalidade ou unidade de efeito.

Torna-se pois evidente que no tocante à extensão impõe-se a toda obra literária um limite preciso: o limite de leitura de uma assentada; e que mesmo que se pudesse encontrar alguma vantagem em excedê-lo em certos gêneros de composição em prosa, como o "Robinson Crusoe" (que não exige unidade), nunca esse limite poderá ser excedido sem inconveniente num poema. Dentro desse limite, podemos calcular a extensão de um poema para comportar relação matemática com o seu mérito; em outras palavras, com a excitação ou elevação ou, ainda, com o grau de verdadeiro efeito poético que possa ser capaz de provocar; pois é claro que a brevidade tem de estar na razão direta da intensidade do efeito proposto, com a única restrição de que um certo grau de duração é absolutamente indispensavel à produção de qualquer efeito.

Tendo em vista estas considerações, bem como o grau de excitação que não devia estar acima do gosto popular nem abaixo do gosto crítico, determinei desde logo a *extensão* que me parecia apropriada ao poema: uma extensão de cerca de 100 versos. O poema tem com efeito cento e oito versos.

Outra preocupação minha foi ainda a escolha da impressão ou efeito a produzir; e desde já posso observar que em todo esse trabalho de composição nunca perdi de vista o propósito de tornar a obra *universalmente* apreciavel. Seria levado muito alem da matéria de que venho tratando se tivesse de demonstrar um ponto sobre o qual tenho frequentemente insistido e que, para as naturezas poéticas, escusa de ser demonstrado, a saber: que a Beleza é a única esfera legítima da poesia. Direi, contudo, algumas palavras para elucidar esse ponto de vista, pois amigos meus

houve que manifestaram certa tendência para a desfigurar. Acredito firmemente que o prazer mais intenso, e ao mesmo tempo o mais exaltante e o mais puro, está na contemplação do belo. Quando os homens falam da beleza, referem-se precisamente não a uma qualidade, como se supõe, mas a um efeito; em suma, querem se referir exatamente a essa elevação intensa e pura da *alma* (*e não* do intelecto ou do coração) sobre a qual já me expliquei e que é a consequência resultante da contemplação do "belo". Ora, eu defino a beleza como sendo a esfera da poesia unicamente porque é regra elementar da Arte que os efeitos devem emanar de causas diretas; que os fins devem ser atingidos pelos meios mais apropriados a esse objetivo, pois até hoje ninguem levou a fraqueza a ponto de negar que essa elevação de que falamos seja alcançada mais prontamente na poesia. O objetivo verdade, ou satisfação do intelecto e o objetivo paixão, ou excitamento do coração, embora até certo ponto atingiveis em poesia, são contudo muito mais faceis de obter na prosa. De fato a verdade exige uma precisão e a paixão uma *familiaridade* (os verdadeiramente apaixonados me compreendem) que estão em absoluto antagonismo com a beleza, a qual, repito, consiste no excitamento ou na voluptuosa exaltação da alma. Não se conclua de maneira nenhuma do que fica dito que a paixão ou mesmo a verdade não possam ser introduzidas, talvez até com proveito, num poema (pois podem servir para elucidar ou auxiliar o efeito geral como sucede com as dissonâncias da música, pelo contraste): mas o verdadeiro artista saberá sempre sujeitar primeiro adequadamente esses elementos ao seu objetivo primordial e depois envolvê-los tanto quanto possivel nesse véu de beleza que constitue a atmosfera e a essência da poesia.

Assim que, considerada a beleza como o meu domínio, passei depois à questão de determinar o *tom* de sua mais elevada manifestação — e a experiência mostra que esse tom é o da *tristeza*. A beleza, seja de que espécie for, em seu desenvolvimento supremo excita invariavelmente as lágrimas numa alma sensivel. A melancolia é pois o mais legitimo dos tons poéticos.

Uma vez determinados extensão, tema e tom, fiei-me na indução ordinária para descobrir alguma invenção artística inédita que me pudesse servir de chave na composição do poema, de eixo sobre o qual girasse toda a estrutura. Examinando meticulosamente todos os efeitos artisticos habituais — ou mais propriamente as *molas* no sentido teatral do vocábulo — não deixei de perceber desde logo que nenhum havia sido tão universalmente empregado como o do estribilho. A universalidade do emprego bastou a convencer-me do valor intrinseco do estribilho e dispensou-me da necessidade de submetê-lo a análise. Examinei-o, entretanto, com a idéia de que pudesse ser melhorado e desde logo percebi que ele ainda não tinha passado da fase primitiva. Da maneira como é usado habitualmente, o estribilho não só continua circunscrito ao verso lírico como não tira o seu efeito senão da força da monotonia — tanto para o som como para o conceito. O prazer tem a sua origem unicamente no sentido de identidade, de repetição. Determinei de variar, e assim aumentar o efeito, conservando de um modo geral a monotonia do som mas modificando de cada vez a do conceito; em suma, resolvi produzir constantemente efeitos novos com variar *as aplicações* do estribilho — continuando o estribilho, em conjunto, inalterado.

Uma vez fixados esses pontos, passei a ocupar-me da *natureza* do meu estribilho. Desde que sua aplicação tinha de variar de cada vez, tornava-se claro que o estribilho em si devia ser breve, porque a necessidade de variar constantemente a aplicação de qualquer frase um tanto longa seria uma dificuldade invencivel. Em proporção com a brevidade da frase estaria naturalmente a facilidade da variação. O que me levou desde logo a concluir que uma palavra única seria o melhor estribilho.

Surgiu aí a questão do *carater* dessa palavra. Tendo optado pelo estribilho, a divisão do poema em estâncias decorria como natural corolário, servindo de fecho de cada estância o estribilho. Que esse fecho, para ter força, havia de ser sonoro e suportar um esforço sustentado da voz, não admitia dúvida; de sorte que essas considerações me levaram inevitavelmente à associação do *o* longo, como sendo vogal mais sonora, com o *r*, como sendo a consoante que mais prolonga a vogal.

Decidido o som do estribilho, impunha-se a necessidade da escolha de uma palavra que contivesse esse som e que ao mesmo tempo se harmonizasse do modo mais completo possivel, com a nota de melancolia que, como predeterminado, devia dar a tonalidade do poema. Nessa ordem de pesquisas seria absolutamente impossivel omitir a palavra "Nevermore". E efetivamente foi essa a primeira que me ocorreu.

O *desideratum* subsequente foi: como suscitar a repetição constante dessa única palavra

"Nevermore"? Notando a dificuldade que desde logo encontrei de inventar uma razão suficientemente plausivel para essa repetição constante, não me escapou que tal dificuldade se originava tão somente do pressuposto que essa palavra tivesse de ser pronunciada, de modo contínuo ou monótono, por um ser *humano;* em suma, não deixei de perceber que a dificuldade estava em reconciliar essa monotonia com o exercício da razão por parte da criatura que teria de repetir a palavra. Foi então que inopinadamente surgiu a idéia de uma criatura incapaz de raciocinar e que tivesse contudo o dom da palavra; e muito naturalmente acudiu-me ao espírito antes de mais nada a idéia de um papagaio, logo posta de parte pela de um corvo como sendo tambem ave capaz de falar e infinitamente mais em harmonia com o *tom* proposto.

Tinha eu chegado assim à concepção de um corvo, ave de mau agouro, que repetisse invariavelmente a palavra única "Nevermore" no final de cada estância, num poema de tom melancólico e composto de cerca de cem versos. Então, sem nunca perder de vista o objetivo *superlativo* ou perfeição em todos os pontos, a mim mesmo me perguntei: — De todos os temas melancólicos qual é, no consenso *universal* dos homens, o *mais* melancólico? — Resposta evidente: A Morte. — E quando é — disse de mim para mim — que esse mais melancólico dos temas é tambem o mais poético? — Quando mais intimamente se alia à beleza. A morte de uma mulher formosa é portanto incontestavelmente o tema mais poético do mundo, e não é menos incontestavel que os lábios mais adequados para desenvolverem esse tema são os de um amante que tivesse perdido a mulher amada.

Restava-me agora combinar estas duas idéias: o amante chorando a morte da mulher amada e um corvo repetindo incessantemente a palavra "Nevermore". Tinha de combiná-las sem nunca perder de vista o meu propósito de variar de cada vez a *aplicação* da palavra repetida; mas o único modo inteligivel de semelhante combinação era imaginar que o corvo articula essa palavra para responder às perguntas do amante. E foi então que vi num relance a oportunidade que se me oferecia para o efeito com que contava desde o começo, a saber: o efeito da *variação de aplicação*. Vi que poderia fazer da primeira pergunta do amante, pergunta a que o corvo deveria responder "Nevermore" — que poderia fazer dessa primeira pergunta, uma pergunta banal, a segunda menos banal, a terceira ainda menos, e assim por diante; até que a continuação, tirado da sua *nonchalance* pelo carater melancólico da palavra em si, pela insistência com que é repetida, e pensando na forma agourenta da ave que a proferia, o amante sucumbe enfim a uma exaltação supersticiosa e põe-se a fazer loucamente perguntas de carater muito diferente — perguntas cuja resposta mais apaixonadamente deseja — e que ele faz um pouco por superstição e um pouco movido daquela espécie de desespero que se compraz em torturar-se a si mesmo; perguntas que faz não porque acredite no carater profético ou demoniaco do passaro (que não faz senão repetir — ele bem sabe — uma lição aprendida de cór), mas por sentir uma exquisita volúpia em formular as suas perguntas de maneira a receber do "Nevermore", que ele já *espera*, a mais deliciosa, por ser a mais intoleravel, das dores.

Compreendendo a oportunidade que assim se me oferecia, ou, mais exatamente, se me impunha, no andamento da minha composição, estabeleci primeiro que tudo no meu espírito o ponto culminante, ou a pergunta final — pergunta a que "Nevermore" daria a resposta derradeira, pergunta cuja réplica "Nevermore" traria consigo tudo quanto imaginar se possa de absoluto na dor e no desespero.

Foi aqui, a bem dizer, que começou o poema — pelo fim, por onde deveriam começar os trabalhos, de arte, — porque foi aquí, neste ponto das minhas cogitações preliminares, que primeiro peguei da pena para compor a estrofe

> *"Prophet", said I, "thing of evil, prophet still if bird or devil.*
> *By that heaven that bends above us — by that God we both adore*
> *Tell this soul with sorrow laden, if within the distant Aidenn,*
> *It shall clasp a sainted maiden whom the angels name Lenore —*
> *Clasp a rare and radiant maiden whom the angels name Lenore."*
> *Quoth the raven — "Nevermore".*

Compús a estância naquele momento, primeiro porque — uma vez estabelecido o ponto culminante, poderia melhor variar e graduar, conforme a seriedade e a importância, as perguntas precedentes do amante —e em segundo lugar para poder fixar definitivamente o ritmo, o metro, bem como a extensão e a estrutura geral da estrofe, e, alem disso, graduar convenientemente as estâncias que teriam de preceder, de maneira que nenhuma delas excedesse a essa em efeito ritmico. Se porventura no trabalho de composição subsequente eu tivesse conseguido construir estrofes mais vigorosas que essa, não hesitaria em atenuá-las muito de caso pensado e sem sombra de escrúpulos para não prejudicar o efeito do *crescendo*.

Nesta altura veem a propósito algumas palavras quanto à versificação. Meu primeiro objetivo foi, como sempre, a originalidade. Até que ponto essa consideração tem sido descurada em matéria de versificação é das cousas mais inexplicaveis do mundo. Mesmo admitindo que a possibilidade de variar o *ritmo em si* é diminuta, ainda assim é claro que as possiveis variações de metro e estância são absolutamente infinitas; e entretanto *séculos a fio ninguem fez nunca, nem mesmo parece ter cogitado nunca de fazer em matéria de versificação qualquer cousa de original*. O fato é que a originalidade (salvo nos espiritos dotados de poder muito acima do comum) não é absolutamente, como há muito quem suponha, questão de impulso ou intuição. Em geral, para ser encontrada, há de ser laboriosamente procurada; e não obstante ser um mérito positivo de ordem a mais elevada, o adquiri-la exige menos de invenção do que de negação.

Naturalmente não tenho a pretensão de ser original nem no ritmo nem na metrificação do "Corvo". Aquele é trocaico este é constituido de um octâmetro acatalético alternado com um heptâmetro catalético repetido no estribilho do quinto verso, e fechando a estância com um tetrâmetro catalético. Menos pedantescamente: o pé adotado em toda a composição (o troqueu) é formado de uma sílaba longa seguida de uma breve; o primeiro verso da estância compõe-se de oito pés; o segundo de sete e meio (sete e dois terços, do ponto de vista de efeito); o terceiro de oito, o quarto de sete e meio, o quinto igualmente de sete e meio, o sexto de três e meio. Ora, cada um destes versos separadamente já tem sido empregado; toda a originalidade de "O Corvo" está em havê-los *combinado* para formar uma *estância;* nada se tentou nunca até aqui que se pareça nem mesmo remotamente com esta combinação. O efeito da originalidade de combinação é secundado por outros efeitos, alguns raros e outros inteiramente novos, que derivam de uma aplicação mais ampla dos princípios da rima e da aliteração.

A questão a considerar depois era a maneira como suscitar a presença simultânea do amante e do corvo, e neste particular o ponto para o qual devia convergir primeiro a atenção era a escolha do *local*. Para isso, a idéia mais natural poderia parecer a de uma floresta ou de um descampado; mas sempre me pareceu que uma estreita *circunscrição de espaço* é absolutamente necessária ao efeito do incidente que se quer isolar, dando-lhe realce como a moldura ao quadro. Tem alem disso a incontestavel força moral de conservar a atenção concentrada, e não deve naturalmente ser confundida com a simples unidade de lugar.

De maneira que decidi situar o amante no seu próprio quarto — quarto para ele santificado pelas recordações daquela que por ali havia passado. O quarto é representado como suntuosamente mobilado; mera aplicação de idéias que já externei sobre a Beleza como sendo o único verdadeiro tema da poesia.

Determinado assim o *local*, tinha eu agora de introduzir o pássaro — e a idéia de fazê-lo entrar pela janela era inevitavel. A idéia de fazer primeiro com que o amante tomasse o roçar das asas do pássaro contra a janela por uma pequena *pancada* na porta originou-se não só do desejo de aumentar, prolongando-a, a curiosidade do leitor mas ainda do propósito de acrescentar-lhe o efeito acessório do gesto do amante escancarando a porta e só encontrando a noite fóra, daí lhe vindo a fantasia de que é a alma de sua amada que está batendo.

Fiz a noite tempestuosa, primeiro para explicar que o corvo tivesse procurado admissão, e depois para conseguir um efeito de contraste com a serenidade (material) reinante no quarto.

Fiz o pássaro pousar no busto de Palas, tambem para o efeito de contraste entre o mármore e a plumagem — devendo sempre ficar bem entendido que o busto foi *sugerido* exclusivamente pelo pássaro; o busto de *Palas* foi escolhido como estando mais em harmonia com a cultura do amante e ainda pela sonoridade mesma da palavra Palas.

Aí para o meio do poema servi-me tam-

bem do poder de contraste com o fim de tornar mais profunda a impressão final. Por exemplo, o aspecto fantástico, — beirando mesmo tanto quanto possivel o grotesco — de que se reveste a entrada do corvo. Entra "com muitos ruflos e espanejamentos":

"*Not the* least obeisance made he — *not a moment stopped or stayed he,*
But with mien of lord or lady, *perched above my chamber door.*"

Essa intenção se acentua de maneira ainda mais positiva nas duas estâncias que logo se seguem:

"*Then this ebony bird beguiling my sad fancy into smiling*
By the grave and stern decorum of the countenance it wore,
"*Though* thy crest be shorn and shaven *thou", I said, "art sure no craven,*
Ghastly grim and ancient Raven wandering from the nightly shore —
Tell me what thy lordly name is on the Night's Plutonian shore?"
Quoth the Ravens "Nevermore".

Much I marvelled this ungainly fowl *to hear discourse so plaintly,*
Though its answer little meaning, little relevancy bore;
For we cannot help agreeing that no living human being
Ever yet was blessed with seeing bird above his chamber door —
Bird or beast upon the sculptured bust above his chamber door,
With such name as "Nevermore".

Tendo assim preparado o effeito do desfecho abandonei logo o tom fantástico pelo da mais profunda seriedade, que começa na estrofe que se segue imediatamente à última citada, com o verso.

"*But the Raven, sitting lonely on that placid bust, spoke only, etc. etc.*

Daí por diante o amante já não graceja, já não vê mesmo nada de fantástico na atitude do corvo. Fala dele como de um "pássaro dos tempos idos, lúgubre, desajeitado, espectral, esquelético e sinistro", sente aqueles "olhos esbraseados" requeimarem-lhe "as entranhas da alma". Este brusco desvio de pensamento ou de fantasia no amante visa produzir igual efeito no leitor — de maneira a suscitar nele um estado de espirito propicio ao desfecho que já agora se precipita tão rapidamente e tão *diretamente* quanto possivel.

Com o *desfecho* propriamente dito (o corvo respondendo "Nevermore" à pergunta do amante se encontraria a amada nalgum outro mundo), pode-se dizer que o poema, na sua fase mais clara, de simples narrativa, chegou ao remate final. Até aqui tudo permanece dentro dos limites do admissivel, do real. Um corvo, que aprendeu de cór esta única palavra "Nevermore", tendo burlado a vigilância do dono, é impelido à meia-noite pela violência da tempestade a ir bater de encontro a uma janela onde brilha ainda uma luz — a janela do quarto de um estudioso meio ocupado em folhear um volume, meio distraido em sonhar com a sua querida amante morta. Tendo este aberto a janela ao ouvir um barulho de asas, o pássaro vai aboletar-se no posto mais conveniente fora do alcance imediato do homem, que, divertido com o incidente e com a estranha conduta do intruso, lhe pergunta pelo nome — por mero gracejo e sem a esperança de resposta. Interpelado, o corvo responde com a palavra habitual "Nevermore", palavra esta que imediatamente acha um eco no coração melancólico do estudioso, o qual, deixando escapar em voz alta certos pensamentos suge-

ridos pela circunstância, é novamente surpreendido com a repetição da palavra "Nevermore" pelo pássaro. Compreende então a verdade inteira, mas é impelido — como já expliquei — pela sêde muito humana de auto-tortura e um pouco tambem por superstição, a fazer ao pássaro as perguntas que o hão de transportar, a ele amante, ao paroxismo da volupia no sofrimento, graças à resposta, aquele já esperado "Nevermore". Com os desregramentos dessa paixão de auto-tortura, a que ele se abandona, aquilo a que chamei a primeira fase ou fase evidente da narrativa, chega ao seu termo natural, sem que até aí tenham sido excedidos os limites do real.

Mas em assuntos assim tratados, por maior que seja a habilidade posta à prova ou o relevo dado por uma série de incidentes, há sempre certa dureza, uma nudez que ofusca o olhar do artista. Duas coisas em todo caso são indispensaveis: primeiro, certo grau de complexidade ou mais propriamente de adaptação; e em segundo lugar, certa dose de poder de sugestão — uma espécie de corrente subterrânea, embora indefinida, de significado. É sobretudo a última destas qualidades que confere à obra de arte aquele carater de *opulência* (para tomar à conversação um termo expressivo) que tantas vezes somos tentados a confundir com o *ideal*. É o *excesso* de significado sugerido (transformando-o em corrente superior em vez de corrente subterrânea da obra) que transforma em prosa (e prosa do mais baixo quilate) a pretensa poesia dos pretensos transcendentalistas.

De acordo com estas idéias, acrescentei as duas estâncias finais do poema, de maneira que o seu poder de sugestão envolvesse toda a narrativa que as precede. A corrente subterrânea de *significado* é pela primeira vez tornada aparente nos versos:

"*Take thy-beak from out* my heart *and take thy form from off my door*"
Quoth the Raven; "Nevermore".

Cumpre notar que as palavras "from out my heart" encerram a primeira expressão metafórica do poema. Com a resposta "Nevermore", estas palavras dispõem o espírito a procurar um sentido moral em tudo quanto foi narrado anteriormente. Daí por diante o leitor começa a considerar o corvo como simbólico — mas só no último verso da última estância é que lhe é permitido vér claramente o propósito de fazer do corvo o simbolo da *Fúnebre* e *Imperecivel Saudade*:

And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting,
On the pallid bust of Pallas just above my chamber door.
And his eyes have all the seeming of a demon's that is dreaming,
And the lamplight o'er him streaming throws his shadow on the floor;
And my soul from out that shadow *that lies floating on the floor*
Shall be lifted — nevermore.

O HOMEM DENTRO DA VIDA

Zolachio Diniz

Depois de uma noite triste, em que meu pensamento era um feixe de saudades, em que meus ouvidos sentiram durante minutos o ruflo surdo de tambores tristes como a própria dor infinita de meu coração — minhas pálpebras cansadas, cerraram-se.

Dormí. Com você em meu pensamento. Com as estrelas sorrindo da minha dor. Com uma saudade enorme da tristeza da Pátria. Com uma saudade cruciante de sua voz. Dessa voz que me pareceu a própria voz da saudade, tamborilando em meus ouvidos!...

* * *

Depois do sábado cheio de saudades, o domingo chegou. Bonito. Agressivamente bonito. Torturantemente bonito!

E você disse assim para mim:

— O domingo está tão bonito que até doi!...

E é isso mesmo.

O azul do céu desafia a minha Felicidade. O doirado do sol é um grito berrante na nostalgia de meus olhos que só vêem você! O verde das matas é um canto bonito de Esperança a me dizer que o Destino é o meu melhor amigo!

E o domingo está tão bonito que até doi!

* * *

Tudo no mundo há de se resumir em eu, você e nossas vidas.

Eu... Você... Nossas Vidas!...

Você lembrou que tudo isso pode ser resumido em três letras: NÓS!

* * *

Mas que seremos "nós"! dentro da Vida?

A pergunta está feita. A interrogação continua bailando no ar. Sem resposta. Cheia de vida!...

Que seremos "nós" dentro da Vida? A estridência de sons de minha pergunta está se desdobrando, miraculosamente, no ar parado!

Nem eu, nem você, nem ninguem poderá responder:

Que seremos "nós" dentro da Vida?

* * *

A felicidade do céu azul está ferindo e maltratando meus olhos mortos. O doirado milionário do sol está, prodigamente, distribuindo oiro sobre tudo e todos. Enquanto o verde bem verde de nossas matas é uma advertência estridente que sinto dentro de mim mesmo!

* * *

A pergunta irrespondivel continua bailando, limpida, cristalina, dentro do ar parado:

— Mas que seremos "nós" dentro da Vida?...

* * *

Perguntei-lhe um dia:

— Que sente você quando está longe de mim?

— Um desejo enorme de estar ao seu lado...

— Pois eu, não...

— Que sente?...

Nada... Porque você está sempre junto de mim... Eu consegui colocar-lhe nos meus dois "eus": no conciente e no subconciente...

Você sorriu amarelo e não disse nada. É que o judeu Freud sempre foi um ilustre cretino e desconhecido para você...

* * *

Eu... Você... Nossas vidas!...

Eis o mundo, afirmei.

NÓS, abreviou você!...

E a vida continua a ser para os imbecis o TUDO, a coisa mais bela e sugestiva que Deus lhes deu para contemplar.

* * *

Há uma saudade tristonha bailando dentro do ar parado.

Num piano da redondeza duas mãos ageis, movidas por um temperamento nostálgico, retiram do teclado inconciente as notas sublimes de uma valsa de Chopin.

Chopin!...

Será que ele saberia responder à pergunta que continua rodopiando no ar parado?

— Mas que seremos "nós" dentro da Vida?...

* * *

Essa foi uma afirmativa que você me fez uma tarde cinzenta e romântica:

— Você tem em si o mais lindo de todos os poemas!...

— Qual? — perguntei timido.

— Seus lábios...

Um beijo coroou sua afirmativa. Deixei você reler e gozar, mais uma vez, o meu "mais lindo de todos os poemas..."

* * *

Chopin continua enchendo o ar que estava parado.

A interrogação continua viva, solta, sem resposta, dentro do ar que já está cheio de Chopin.

* * *

— Para onde você vai?

— Não pergunte para onde eu vou... Vou para longe de você... Eis tudo...

Não sei porque lembrei-me agora de Shakespeare.

"To be or not to be: that is the question"

Você me respondeu que "eis tudo: ir para longe de mim..."

Achei certa parecença entre a sua resposta e a afirmativa do filósofo e dramaturgo inglês.

Para ele ser ou não ser, eis a questão. Para você ir para longe de mim: eis tudo!...

E para mim?

Para mim a interrogação que continua dependurada em meus ouvidos e dentro do ar parado, carregado de Chopin:

— Que seremos "nós" dentro da vida?...

O inglês conseguiu definir a questão com o seu ser ou não ser...

Você conseguiu definir tudo dizendo que ir para longe de mim é o que é o "eis tudo"...

Só eu continuo sem decifrar a pergunta que eu mesmo faço a toda gente:

— Mas que seremos "nós" dentro da Vida?...

* * *

Aqueles dedos nervosos, movidos por um temperamento romântico, arrancarem de um teclado inconciente as notas de uma valsa de Chópin, fizeram-me recordar. Não sei porque. Mas a verdade é que encostei meu pensamento em você.

Era uma noite quente e enluarada. Destas noites aplatinadas e gostosas que só o Rio sabe dar a nós outros. Você vestia uma "ensemble" negra. Feita de rendas. Estava tirando do seu violão acordes bonitos, que faziam um grande bem aos meus ouvidos.

Entre três belezas eu fiquei indeciso: a beleza da noite brasileira, banhada de aplatinados raios. A beleza do fundo daquele quadro natural, que estava emoldurado pelas montanhas claras. No primeiro plano você naquele "ensemble" negro, segurando um violão magnífico. E finalmente a beleza da melodia que das cordas do instrumento seus dedos tiravam para os meus ouvidos.

Lá fora a miséria e a tristeza da vida. Da vida feia que os outros acham bonita. Da vida má que me traz cruéis recordações.

Dentro dos acordes que seus dedos tiravam das cordas de aço do violão, eu senti uma saudade infinita e indecifravel.

De você. De outras mulheres que passaram na minha vida de boêmio ébrio de sonhos inatingidos. De outras noites enluaradas passadas em companhia de outras mulheres. Loiras umas. Morenas outras. Mestiças umas terceiras. Mulheres de todos os quadrantes. Dos quatro pontos cardiais. Mulheres que amam nos mais variados idiomas.

E seus dedos finos, delgados, heráldicos, prosseguiam com a suave procissão de sons.

Intensificava-se a minha saudade. De você, que estava alí mesmo, bem perto de mim?

Talvez.

A verdade é que era grande, penetrante, dolorida a minha saudade!

Saudade talvez de mim mesmo. Daquilo que eu já tivesse sido um dia, em outra vida!...

Volto, agora, a reflexionar sobre a pergunta que lancei e que anda solta, irrequieta, bailando no ar parado, que já está, outra vez vazio de Chopin:

— Mas... que seremos "nós" dentro da vida?...

* * *

Não me agrada mais a quietude do meu gabinete de trabalho.

Meu espírito quer o borborinho das ruas. Os cenários movimentados de nossas artérias centrais.

Meus olhos pedem visões cheias de acidentes.

Porque, talvez assim, meus ouvidos possam encontrar a resposta para a interrogação que os atormenta, há tempo já:

— Que seremos nós dentro da Vida?...

* * *

Dois sinos majestosos, que badalavam duramente, enchendo o ar parado, que esteve até pouco, suavemente cheio de Chopin, passaram a guiar meus passos.

E penetrei os humbrais daquela casa de Deus.

Guiado pelos sinos que bimbalhavam?

Póde ser.

Mas certo, porem, é que tenha sido levado pelas mesmas falanges espirituais, que lançaram nos meus ouvidos a interrogação torturante, e que não me deixam encontrar uma resposta que satisfaça.

Porque no ar cheio de sons bronzeos ainda eu sinto a pergunta de toda hora:

— Que seremos "nós" dentro da vida?...

* * *

Na quietude gostosa daquela casa de Deus meus olhos só viam o Cristo Crucificado!

Cansados de ver a vida falsa, meus olhos deslumbraram-se ante aquele CRUCIFICADO, que era a própria fotografia da vida verdadeira!

Nos meus ouvidos foi soprada a interrogação já quase respondida:

— Que seremos nós dentro da vida?...

E a voz de minha conciência respondeu firme, serena, convictamente:

— ISSO!

E meus ouvidos continuaram a ouvir:

— CRUCIFICADOS ETERNOS!

E mais fortemente:

— No Calvário espinhoso da vida material o Homem é o Crucificado nos braços da Cruz de Suas Culpas!...

* * *

Deixou de bailar no ar cinzento, no ar outonal, no ar místico daquela hora do ângelus, a interrogação que andava sem resposta.

E meus ouvidos deixaram de sentir aqueles rufios surdos de tambores tristes...

Meus olhos não viram mais o domingo bonito, tão agressivamente bonito que até doia...

Eu, você e nossas vidas deixaram, para sempre, de ser o mundo, como lhe afirmei uma vez...

O ar já não está mais impregnado de Chopin...

Jamais você relerá o "meu mais lindo de todos os poemas"...

Shakespeare perdeu o valor todo para mim, porque "ser ou não ser" já não é mais a questão...

Minha recordação já não está mais cheia de Você, quando vestia aquele "ensemble" negro, naquela noite quente e enluarada, coberta de raios aplatinados...

Todas mulheres — você, as loiras e as ruivas, as morenas e as mestiças, as dos quatro pontos cardiais — todas mulheres passaram definitivamente...

Já não tenho saudades de quaisquer espécies dentro de mim...

No ar que me cerca já não há sons bronzeos a torturarem meus ouvidos, a encherem o ar parado...

Só vejo o CRUCIFICADO, só sinto o CRUCIFICADO, só oiço o CRUCIFICADO!

Toda vida se resume no Cristo Piedoso pregado àquela cruz tosca e impiedosa!

* * *

Que seremos nós dentro da Vida?

— CRUCIFICADOS ETERNOS! Porque no Calvário Espinhoso da vida material, o Homem há de viver pregado — como o Cristo foi naquela cruz tosca e impiedosa — nos braços da Cruz de suas Culpas!...

E eu que pensava que Eu, Você e Nossas Vidas fossem todo o mundo!

Caminha, Homem, caminha, eternamente, na estrada escura de tua ignorância!

* * *

Numa apoteose bonita e de festa perene aos meus ouvidos, uma voz serena e piedosa começou a cantar:

"— Ave Maria! Gratia plena!..."

Meus olhos não se desviavam dos olhos doirados do CRUCIFICADO.

Porque eu só via o CRUCIFICADO. Porque eu só sentia o CRUCIFICADO!

(Conclue no fim do ANUARIO)

As instituições Para-Estatais na defesa da economia brasileira

A criação do Instituto do Açucar e do Alcool, por decreto do então Governo Provisorio do República, datado de 1.° de Junho de 1933, é uma das grandes obras administrativas já realizadas no Brasil. O seu objetivo era defender a industria açucareira do país das crises sucessivas que a vinham aniquilando, já há longos anos, em consequência da super-produção. E alcançou-o plenamente, como prova a situação daquela indústria, que entrou a normalizar-se, desde que começou a experimentar a sua ação, sendo hoje de franca prosperidade.

Mas essa instituição não surgiu de um momento para outro, decorrente de qualquer influência doutrinária, ou como fruto da economia dirigida, importada de outros paises. Longe disso, foi imposta pela força de fatos, como a única solução possivel das dificuldades em que se debatiam as classes interessadas no açucar, sempre a braços com as especulações do mercado interno, pelo desequilibrio entre a produção e o consumo, e não podendo recorrer à exportação para o estrangeiro, por não suportar o nosso artigo os preços dos paises concorrentes. E tanto consultava a necessidades práticas que evoluiu rapidamente de organização, para atender às exigências crescentes do plano a que obedecia, — sinal de que a sua execução ia produzindo os benefícios visados.

Efetivamente, o aparelho primitivo foi a Comissão de Defesa da Produção de Açucar, criada por decreto de 7 de Dezembro de 1931. Embora de atribuições restritas pelo seu carater de emergência, não tardou a fazer sentir os seus resultados satisfatórios, evitando principalmente as oscilações dos preços. Era essa, entretanto, uma das faces do problema a resolver, pois o essencial seria, por uma série de medidas eficazes, derivar os excessos de matéria prima para o fabrico de álcool-motor, dando assim vida a uma indústria nova e de grandes possibilidades. Daí, a sua ampliação por uma reforma inspirada na experiência, fundindo-se com a Comissão de Estado sobre Alcool-Motor, subordinada ao Ministério da Agricultura, para constituir o atual Instituto do Açucar e do Alcool.

Em síntese, as finalidades do I. A. A. consistem em:

a) — garantir a estabilidade do mercado açucareiro, estabelecendo os preços máximo e minimo do açucar, de modo a conciliar sempre os interesses dos produtores e dos consumidores;

b) — controlar a produção de todo o país, mediante serviços de fiscalização e estatística, para impedir o fabrico clandestino que afete o mercado;

c) — compelir o aproveitamento dos excessos da cana, apuradas todas as safras por esses serviços, na fabricação do álcool anidro, destinado à mistura com a gasolina, em percentagem determinada, para a formação do carburante nacional;

d) — auxiliar as Usinas na montagem de aparelhos adequados para a produção de álcool anidro e instalar Distilarias Centrais para o mesmo fim, a fim de utilizar as sobras das Usinas que não dispuserem da instalação própria.

Cinco anos de prática ininterrupta desse programa permitem apreciar as suas consequências através da melhoria das condições econômico-financeiras da industria açucareira e do extraordinário desenvolvimento da nova indústria do álcool-motor. E' o que atesta o exame dos quadros organizados pela Secção de Estatística do I. A. A. e que ilustram esta notícia da sua atuação até o presente.

Limitada a produção de açucar das Usinas e dos engenhos ou banguês, tem-se mantido mais ou menos a mesma em todas as safras, não obstante os fenômenos climatéricos que ocorrem nestes ou naqueles Estados, porque o Instituto age como um aparelho regulador, consentindo o aumento da de uns quando diminue a de outros, para garantir as necessidades do consumo. Assim é, por exemplo, que a produção exclusiva das Usinas, nas safras de 1934-35, 1935-36, 1936-37, 1937-38, 1938-39 e 1939-40, atingiu, respectivamente a 11.136.010, 11.841.087, 9.550.214, ... 10.907.204, 12.702.719 e 14.406.239 sacos, e a produção total de todos os tipos a 16.554.703, ... 17.900.199, 14.996.654, .. 16.742.712, 18.339.728 e 19.631.952 sacos. A pesar das oscilações dessas cifras, o consumo foi completamente satisfeito, graças à transferência de "stocks" de uma safra para outra, pois absorveu, nos anos de 1935, 1936, 1937, 1938, 1939 e 1940, os totais de 16.317.061, 15.817.787, 15.718.997, 16.053.084, .. 17.420.092 e 18.812.699 sacos de todos os tipos.

Convem assinalar, antes de mais, que o consumo "per capita" do açucar do Brasil é dos mais baixos, em cotejo com a de outros muitos paises, entre os quais alguns que não produzem esse artigo em grande escala. As suas médidas, nos anos de 1935, 1936, 1937, 1938, 1939 e 1940, foram de 23,5, 22,3, 21,8, 23,2,

e 24,6, não acusando, portanto, alterações sensiveis. Pode-se fixar mesmo em 22 quilos, por habitante e por ano, quando, por exemplo, segundo dados recentes, a da Dinamarca é de 62, a da Australia, 55, a dos Estados Unidos, 49,600, a da Suiça, ... 42,500, a da Inglaterra, 41, a da Argentina, 35, a dos Paises Baixos, 30, a da Áustria, 30, a da França, 28,800, a da Tcheco-Slováquia, 27, a da Noruega, 26,8, a da Bélgica, 26,400, a da Alemanha, ... 95,400, a da Finlândia, ... 25,400. E' evidente, pois, que, com a melhora das condições econômicas do nosso país, o consumo do açucar tende ainda a subir muito e, mesmo que não se eleve ao das nações de superior padrão de vida, oferece largas perspectivas ao aumento da produção brasileira, embora sempre condicionada à política da limitação.

Realmente, essa politica é a base da defesa do açucar, sendo hoje como tal reconhecida até pelas que de princípio a combatiam. Sacrificada que ela seja, o produto voltará às ruinosas flutuações de preços, que prejudicavam tanto aos produtores como aos consumidores, favorecendo apenas aos especuladores. E' o que prova o simples cotejo das cotações verificadas no quinquênio anterior e no quinquênio posterior ao Instituto. Basta dizer que, se no quatrienio de 1928 a 1932, atingiu à cotação vultosa de 64.833, desceu tambem à infima de 28.167, em muitos casos inferior ao próprio custo da produção; entretanto, no de 1933 a 1937, as cotações variaram entre a máxima de 55.742 e a mínima de .... 49083, assegurando sempre margem razoavel de lucros aos industriais e aos lavradores, sem onerar a bolsa dos consumidores.

Mas o complemento do plano que assim equilibra interesses tão diversos é a utilização dos excessos da matéria prima para o fabrico do alcool anidro e a formação do alcool-motor. E é preciso, antes de tudo, distinguir entre esses sub-produtos da cana de açucar, para evitar confusões comuns. O alcool anidro ou absoluto, como diz o próprio nome, é o que quase não contem ou não contem mesmo agua, saindo das distilarias com graduação acima de 99,5°. E o alcool motor é já a mistura desse alcool com qualquer desnaturante, em geral a gasolina, para formar o carburante, destinado a motores de explosão.

A ação do I. A. A., no sentido de fomentar essa nova riqueza, foi coroada de brilhante êxito. Começou pela fixação do tipo do carburante nacional, mediante experiências realizadas no Instituto de Tecnologia, do Ministério da Agricultura, surgindo daí a "gasolina rosada", formada por 90% de gasolina e 10% de alcool anidro. Recebendo grande parte desse alcool das Usinas mais próximas, que são as situadas no Estado do Rio, entrega-o às empresas importadoras de gasolina, com instalações nesta capital, para proceder à sua mistura nas proporções estabelecidas. Daí, aparecer o Distrito-Federal nas estatísticas como o maior produtor de alcool-motor, a pesar de proceder o alcool do vizinho Estado. No de São Paulo, entretanto, a mistura é feita lá mesmo, e assim, vai ser tambem, dentro em breve, em Pernambuco.

Graças aos auxílios concedidos pelo Instituto às distilarias particulares e à sua iniciativa de construir distilarias centrais, a produção de alcool anidro tem aumentado consideravelmente no Brasil. Tendo sido de 5.411.429 litros em 1935, montou a ... 18.462.432 litros em 1936 e decresceu para 16.397.781 litros em 1937, em virtude da seca que assolou os Estados nordestinos, mas retomou a marcha ascendente nos anos seguintes, pois subiu a .... 31.919.934 em 1938, ... 38.171.502 em 1939 e ..... 53.473.533 em 1940.

Mas essa produção só tende a subir, dora avante, por já estarem em funcionamento a Distilaria Central do Estado do Rio, construida no município de Campos, e a Distilaria Central de Pernambuco, no município de Cabo, ambas com a capacidade diaria de 60.000 litros, estando em andamento as obras da de Ponte-Nova, em Minas-Gerais, com a de 20.000.

Atualmente, estão em atividade no país 38 distilarias de alcool anidro, que podem fabricar por dia 572.000 litros. Essa quantidade já seria superior à exigida para a mistura com o total da gasolina importada, mesmo na base de 25%, se todas as fábricas pudessem trabalhar permanentemente, o que não é possivel, por depender o fornecimento do melaço da regularidade das safras. Mas essa possibilidade representa um grande desafogo para a indústria açucareira, libertando-a dos onus das exportações para o estrangeiro nas maiores safras, a preços tão reduzidos que envolvem verdadeiro sacrifício, embora esse corra por conta do Instituto.

Quer isso dizer, em síntese, que o Instituto do Açucar e do Alcool já se encontra integrado nas suas finalidades, garantindo a sorte da indústria açucareira e impulsionando a do alcool-motor. Daqui por diante, a sua atuação será no sentido de conservar essa obra, que é das mais relevantes da economia brasileira, um dos seus problemas angustiosos, que era o da super produção do açucar, transformada de fator de crise em fonte de riqueza, pela conversão dos excessos em alcool carburante.

Glórias do Brasil

Raul de Azevedo

O problema da navegação aérea sempre preocupou os brasileiros. Em época remota, quando era um crime a descoberta científica, patrícios nossos já cuidavam da direção da aeronave. E para o Brasil estava reservado o triunfo supremo.

Bartolomeu de Gusmão, o "padre voador", foi o verdadeiro precursor da aeronáutica.

O padre Bartolomeu de Gusmão, o "Voador", muito nosso, sofreu torturas pelos estudos da dirigibilidade do balão. E não só ele, em século de certo atraso científico, pagou o gênio inventivo com sofrimentos morais e materiais. Ainda não há muito, numa época em que se bradava vivermos na supercivilização, em que nos enfeitávamos com os nossos direitos, que blasonávamos uma justiça absoluta, imparcial e serena, como a final tem de ser a justiça, — aqueles que se entregavam de corpo e alma aos inventos geniais sofriam a mesma guerra de outrora, não com a barbaria material, mas com um arrasador requinte de civilização, por isso mesmo mais doloroso e cruel, mas ferino, porque não era a vingança física, mas a moral, aquela que vai certeira, flecha moderna, sangrar o nosso coração e a nossa alma.

Comparemos. No reinado de D. João V, quando não havia ainda esta decantada civilização de que tanto nos ufanávamos, o padre jesuita Bartolomeu Lourenço de Gusmão inventava uma máquina aerostática, e por isso era perseguido. Mas dum século depois, quando o progresso é um fato, a evolução inconteste, a civilização um orgulho, a obra extraordinária de Santos Dumont era posta em dúvida, há menos de três dezenas de anos, e ainda, depois de descobrir a dirigibilidade do balão, não com palavras, mas com fatos, teve uma cerrada e opressiva oposição, por despeito, intriga, inveja, ou mesmo por mal-entendido patriotismo, em todo caso por sentimentos subalternos e, na época, gastou-se mais de mês em questões, discussões, brigas mais ou menos violentas, para saber se se devia entregar ou não ao brasileiro eminente e ousado o célebre prêmio Deutsch, Henrique Deutsch...

Mas, a final, Santos Dumont obteve o prêmio cobiçado mundialmente, pelos seus valores moral e material. Não por maioria absoluta, como seria de justiça, mas dentro do Aero-Clube, em París, no juri famoso, por 13 votos contra 9.

Era cem mil francos o prêmio Deutsch. Mas a valia moral, essa era inestimavel.

Com o prêmio, numa prova disputada universalmente, nesse ano longínquo, ficou enfim bem comprovado que fora um brasileiro quem descobrira o problema entontecedor da direção da navegação aérea. O que isto foi de doloroso para muitos, ficou comprovado com os nove votos contrários, — votos que foram reflexo dum momento.

A nossa alma de brasileiro vibrou alto com a vitória magnífica de Santos Dumont. E esse homem, naquele dia, adiantou dum século o Brasil. Era o nome maior do século XX.

París, a capital da então civilização, emocionou-se. E a França, inteligente e habil, declarou que se Santos Domont não era mesmo francês, a sua origem era francesa...

Nós os brasileiros combatemos os nossos grandes homens, — na política, no militarismo, na administração, finanças, religião, comércio, indústria, ciências, letras, artes. Te-

mos a preocupação de apoucar, de reduzir o Homem. Vivemos, mesmo no passado, a reviver a história, a pesquisar, a rebuscar fatos, a fim de fazermos desaparecer, ou pelo menos reduzir o herói, — nós que temos tão poucos heróis... Se ele é de hoje, se é nosso contemporâneo, se o encontramos todos os dias nas ruas, — peor.

Os homens superiores são assim expostos ao nú na praça pública, para gaudio dos perversos e dos ingênuos.

Faça-se o balanço dos nossos heróis, ou dos nossos homens eminentes, que tiveram ou teem uma parcela de poder na politica, ou através do livro, da imprensa e da ciência, — e é uma derrocada. Há, houve sempre, a preocupação de destruir, sem construir. Desmoronar é tão facil!

O Brasil é quem perde. É a Nação. Como ter o crédito, a confiança? Os homens vivem, sempre viverão, sempre viveram, a se gastar, a se estraçalhar. Ontem, hoje, amanhã... E o abalo moral, profundo, esse é para o País.

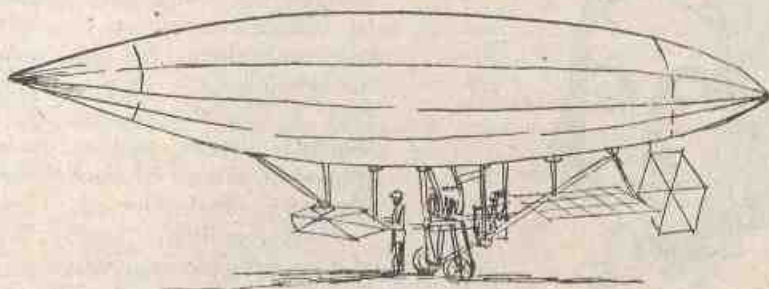
Os homens passam. O que vale o nome? Fica a Nação.

Não é de admirar, assim, que naquele ano que morreu há tanto tempo, estrangeiros discutissem, combatessem a obra de Santos Dumont. Mas, quando ela foi vitoriosa, a França inteligente, sagaz, habil, proclamou o sangue francês de Santos Dumont...

De resto, ela, perspicaz, perfilha sempre os grandes nomes. Há centenas de escritores, artistas, guerreiros, politicos, que não nasceram lá, mas que estudaram ou estiveram lá e a História apossou-se deles, a par dos gloriosos filhos legítimos.

Nós imitávamos tanto a França! Por que não conservar, respeitar os nossos heróis, ou os nossos grandes homens?!...

Mas a justiça vem, integral e serena.

Foi o prêmio Deutsch a grande primeira consagração do nosso patrício.

O dirigivel com o qual Santos Dumont conquistou o prêmio "Deutsch de la Meurthe". Media 33 metros de comprimento e 6 metros de diâmetro.

Relembremos o fato, nas escolas e nos cursos. Registremos os feitos nobres e heróicos, por alto espírito de justiça. As Nações, como a humanidade, teem que ser vaidosas dos seus gênios. Tenhamos orgulho do que é nosso, que é o patrimônio maior da Raça!

Não diminuir, não apoucar os homens eminentes, os de ontem, os de hoje, ou os de amanhã!... Não querer transformar o País em repositório de gente pequena, medíocre, ruim. Horizontes infindaveis, idéias largas, gestos belos. Uma Pátria que tem Santos Dumont, de asas espalmadas, não pode ser, não é, uma terra de liliputianos!...

Temos que ter fé, que confiar nos Destinos altos e triunfais do Brasil.

Medeiros e Albuquerque

Luis Martins

Cultivamos muito carinhosamente a faculdade de esquecer. Nossos grandes homens, em geral, não levam para o túmulo a garantia muito sólida de uma ternura persistente na lembrança popular. São cortejados, são lisonjeados, enquanto estão vivos. Morreram, acabou-se.

Nascem novos ídolos para a adoração da alma coletiva do público, que é femininamente inconstante.

Rui Barbosa gozava de um prestigio sem par no Brasil. Quem é que fala de Rui hoje em dia? Há bem poucos anos, Coelho Neto dominava como um soberano o país das letras, em nossa terra. As investidas dos modernos, as irreverências, as batalhas, as descomposturas, não abalavam quase nada a posição solidíssima do cacique maranhense. Povo e imprensa eram unânimes em amá-lo e incensá-lo. Coelho Neto acabou cometendo a imensa tolice de morrer. Pois foi a conta: parece que o seu nome floresceu numa remotíssima idade imprecisa de que falam velhas crônicas, veneraveis e caducas... Está mortíssimo.

Assim João do Rio. Assim Alberto de Oliveira. Assim Hermes Fontes. Assim Medeiros e Albuquerque. Desse me lembro bem, até me dei bastante com ele. Foi um dos homens mais inteligentes, mais vivos, mais espiritualmente ageis dentre os que teem escrito livros em nossa terra. Foi um momento de graça, de equilibrio, de raciocinio brilhante em nossa imprensa. Chegou a ter uma popularidade consideravel em varias épocas de sua vida. Entretanto, ninguem fala em Medeiros e Albuquerque.

Esse esquecimento tão rápido é em parte explicavel. Com todo o poder de suas sínteses brilhantes, ele foi principalmente um vulgarizador e um polemista. Deixou vários livros, mas não deixou uma obra. Foi romancista, foi contista, foi poeta, foi teatrólogo, foi crítico, foi conferencista — e há livros seus contendo todas essas atividades intelectuais. Mas não foi um grande romancista, nem um grande contista, nem um grande poeta, nem um grande crítico, nem um grande teatrólogo. Foi, isso sim, um grande jornalista.

Como já disse, conheci-o muito, com certa intimidade mesmo, nos últimos anos de sua vida. Lembro-me da primeira vez em que o vi, deslumbrando o pasmo ingênuo de meus dezesseis anos, em certa tarde estival de mil novecentos e vinte e três. Ele chegou apressado, agil, mocíssimo ainda a pesar do bigode e dos cabelos grisalhos, alto, miope e surdo. Chegou e, com aquela inquietação que o caracterizava, disse duas ou três palavras aos presentes, apertou distraidamente a minha mão (pobre rapazelho tímido e canhestro, boquiaberto para todas as revelações) e desapareceu logo.

Dias depois, fui à sua casa, que era nesse tempo na Rua Aristides Lobo. Medeiros, bondosamente, levou-me a ver seus livros, na sua imensa biblioteca que era o reflexo desordenado, múltiplo e eclético de seu espírito sempre tão cheio de jovem curiosidade.

Recordo-me exatamente de que ele me falou de Einstein, que estava então em grande evidência no noticiário jornalístico, devido à sua célebre teoria da relatividade. Disse que quase nada tinha sobre o assunto, justificando-se com a sua incapacidade e falta de inclinação para a matemática. E o pouco que ele tinha sobre Einstein, assunto que não lhe interessava, ocupava quase que um espaço de dois metros, em suas estantes...

Era um apaixonado da Medicina. E, a pesar de não ser formado por nenhuma escola superior, conhecia a ciência de Esculápio quase tão bem quanto qualquer professor da Faculdade. Sei que muitos desses professores discutiam com ele sobre assuntos médicos. E, quando publicou o seu estudo sobre o hipnotismo, os prefácios de Miguel Couto e Juliano Moreira refletiam a maior consideração e respeito pelo "colega" leigo.

E' preciso recordar que esse livro é talvez ainda hoje o melhor que se escreveu sobre o assunto, no Brasil. Medeiros foi tambem o vulgarizador, entre nós, da psicanálise e dos testes escolares.

Depois dessa primeira visita, até à sua morte, em 1934, muitas vezes estive em casa de Medeiros e Albuquerque. Ele só então começava a se tornar realmente um velho e eu já não era o tímido adolescente de 1923, sempre pronto à candida admiração sem raciocínio. Julgava-me modernista e, portanto, cheio do direito de tratar com certa irreverência irônica os valores das gerações anteriores a 1922. Creio que fui algumas vezes impertinente. Medeiros sempre sorriu superiormente dos meus arrebatamentos literários, tão cheio que ele era de compreensão para com todos os excessos da mocidade.

Em 1933 estive doente e ele me visitou. Guardo dessa visita uma recordação profundamente comovedora. Medeiros e Albuquerque, já então muito doente, confessou, em conversa, que quase já não podia ler nada de ficção porque, com a sensibilidade exarcebadíssima devido à enfermidade, acabava sempre tendo uma crise de choro. Voltara ao sentimentalismo adolescente.

Um ano depois morria.

O NOSSO MELHOR LIVRO

Albino de Bem Veiga

Nada é mais justo que assinalar no "A. B. L.", o aparecimento da obra do senhor Ivan Lins sobre Descartes, constituida pelas oito conferências pronunciadas na Academia Brasileira de Letras, por ocasião do tri-centenário do "Discurso do Método".

Pode-se mesmo considerar, sem favor, ser esta publicação a única completa que possuimos, no Brasil, com referência a Descartes. Não é grande, simplesmente, porque tenha tratado de assunto quase desconhecido entre nós; seu real valor está representando na soma de conhecimentos adquirida no manuseio dos mestres, durante alguns lustros de estudo e meditação. É a análise profunda de Descartes e seus comtemporâneos: Galileu, Giordano Bruno, Bacon, Viète, Leibnitz, Huyghens, etc.

O sr. Ivan Lins traça de modo preciso o momento histórico do filósofo, ressaltando a dificuldade existente em estudar a sua contribuição, se não observarmos "a um tempo, a época, a indole e a obra de Descartes". Em seguida, com aquela maneira de documentar as coisas que o torna inconfundivel, o autor descreve a época de reação e domínio da Contra-Reforma e mostra a natureza meditativa do filósofo.

Magistrais são a quinta e oitava conferências:... *"Influência da condenação de Galileu sobre a filosofia de Descartes"*. *"Principais resultados de sua obra; seus mais importantes sucessores"*... Destaquemos, ainda, os conceitos emitidos em: *"O homem e o ambiente cósmico e social"*. *"A felicidade"*.

A última contribuição de Ivan Lins preenche um lacuna e fornece opulento material, orientador, por certo, de muitos estudiosos. Ele marchou primeiro, os outros observarão a síntese cartesiana mais a vontade.

Os livros, que não tenham relação com o cinema ou o trágico acontecimento europeu, veem passando despercebidos. Mas quando a Europa serenizar e o "Descartes" for vertido para o Inglês ou Francês, aí sim, entre nós, será apreciado em toda sua grandeza.

Não julguem ser o autor do "Discurso do Método" integralmente compreendido em outros paises até mesmo no de sua origem. Como exemplo, vejamos Will Durant, na sua popularíssima "História da Filosofia", (cuja tiragem americana atinge a cifra astronômica de 1.000.000) quantas páginas consagrou ao autor das "Meditações"? nenhuma! Somente no extenso capítulo a Spinosa, encontramos algumas linhas sobre Descartes.

Mais acertado andou o nosso ilustrado padre Leonel Franca, em as suas "Noções de História da Filosofia", dizendo entre outras coisas: "Descartes pode justamente ser considerado o pai da filosofia moderna. É inquestionavelmente o pensador do século XVII que mais profunda influência exerceu nos filósofos posteriores. Sua atitude é a de um reformador convicto".

Na verdade — foi o primeiro pensador que norteou a nau da filosofia, desvairada pela Escolástica.

Em França, diz I. Lins, "Sendo ainda muito pouco científica a cultura dos que tratam de filosofia, aquilo em que mais se apraz a quase totalidade dos que escrevem sobre Descartes, é a parte puramente metafísica de sua obra. Daí a desilusão dos que, homens do nosso tempo, procuram conhecer Descartes através de seus vulgarizadores..."

O criador do "Discurso" está fartamente visto, mas sob o aspecto teológico-metafísico. Valiosíssima, portanto, é a contribuição de seu biógrafo brasileiro, que o estuda sob o prisma positivo, mostrando depois de exaustiva investigação o que há de atual na obra do filósofo.

É iniludivel que do entrechoque das três filosofias reside a verdadeira crise do mundo moderno. Para maior clareza vejamos um trecho do autor de "Escolas Filosóficas":

"Sentindo as graves deficiências da escolástica, e dominado pela necessidade de coerência, foi Descartes levado a empreender a grandiosa construção, de que o "Discurso de Método" é apenas a plataforma."

"Dado, porem, o imenso atraso científico da época, não pôde elaborar um sistema integralmente positivo, sendo vedado, mesmo a um cérebro privilegiado como o seu, suprir ao que devia constituir o trabalho de várias gerações."

"A coerência, por ele visada, não pôde, portanto, deixar de ser extremamente imper-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

Os que morrem pela Patria

Pereira Reis Junior

Pelos sombrios campos de batalha
os infinitos batalhões de cruzes
dos que tombaram pelo amor á Patria!

Não ha passaros pousados
nos braços abertos das hirtas cruzes,
nem flores, nem macegas;
terra apenas, terra dura,
onde não há joelhos dobrados,
nem olhares de pranto constelados,
nem bocas balbuciando litanias...

Ha em tudo a presença dos ausentes
e a saudade das coisas erradías...

Os que morrem pela Pátria
ficam nos campos desertos,
solitarios, em abandono,
só a cruz os recebe de braços abertos
e a Patria vela distante
o seu ultimo sono!...

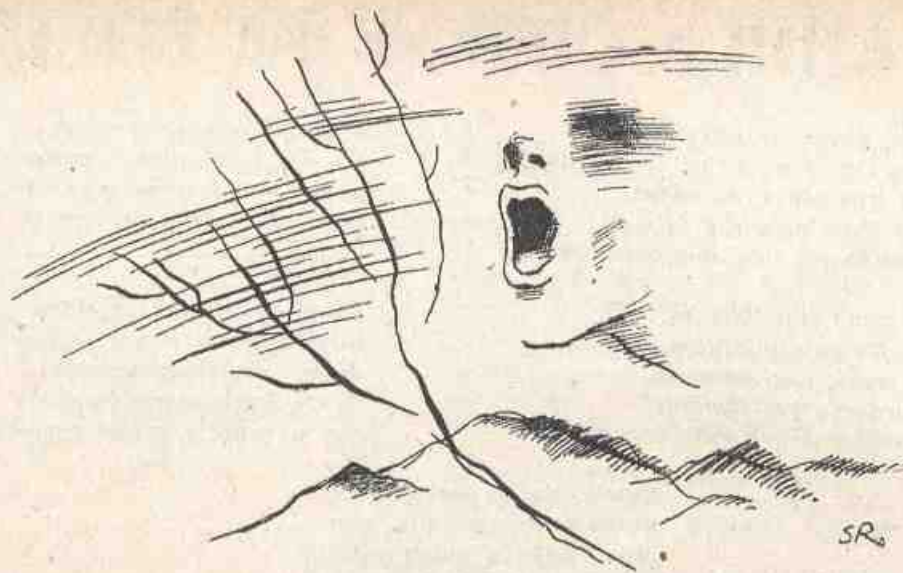
Os que morrem pela Patria
morrem nos campos desertos,
morrem de glorias cobertos,
morrem mais perto de Deus!

Mas quantos olhares ha
e de melancolía,
a recordarem de saudades cheios
a tristeza dos ultimos comboios
dos que partiram acenando lenços
quando morre o dia...

E quanto lábio mudo, quêdo
deixa sair, quasi em segredo,
aos que partiram para os fronts,
a prece ardente dos amores:
— "Avé-Maria cheia de graça" —
a Avé-Maria dos sofredores...

Quanta vez
a terra toda treme ao sabor das granadas,
a terra onde jazem os que morreram pela Patria!
E como batalhões sem bandeiras,
os tumulos ficam sem cruzes,
e o fogo-fátuo se confunde
com o vermelho da chama dos obuzes!...

Eles morreram,
mas os seus irmãos de sonho continuam
levando para frente o seu Ideal,
o Ideal da Vitoria!

Eles estarão presentes, num imenso batalhão
na hora em que os sinos anunciarem
a Paz entre os homens!
e a sua Patria, a Italia querida,
erguer a flamula da Vitoria!
Eles estarão presentes...

O ruido que dansa dentro da noite

Dentro da noite
de aço polido,
na asa do vento
que rodopia,
dansa um ruido
triste e confuso,
— canto e gemido, —
filho nevoento
de algum lamento
que anda perdido.

Vem de tão longe,
que chega tênue,
quase esbatido
pelo cansaço.
Dansa um bailado
tão fatigado,
que ninguem sabe
se tem compasso.

Que dor profunda,
que dor aguda
na noite muda
anda a penar?

Quem fere a clave
das horas mortas,
por sobre a terra,
por sobre o mar?

de que amargura
vem este pranto,
que em triste canto
se converteu?...
Vem, com certeza,
da correnteza
de algum destino
que se perdeu!

Vem dos infernos
da vida humana,
de alguem que clama
talvez por mim...
Vem do infortúnio
que não se acaba...
Vem da tortura
que não tem fim!...

MARTINS D'ALVAREZ

POEIRA DE ESTRÊLAS

Essas pequenas estrêlas,
que correm nos céus, teem alma!
E se teus olhos, ao vê-las,
mergulham na noite calma
buscando em vão compreendê-las,

elas como enpalidecem...
E se trêmulas cintilam
logo após, elas parecem
ter ardores que fuzilam
e branduras que enternecem...

E desfeitas numa poeira
côr de prata, quando morrem,
novos mundos, na carreira
pelos céus, inda percorrem...
....

Como as estrêlas, as vidas
tambem teem o seu segredo:
doces coisas pressentidas
e mil lembranças queridas
que a gente recolhe a medo...

Como estrêla passageira,
nosso sonho, um dia, morre...
Mas, desfeito numa poeira
de Saudade, a vida inteira
a nossa vida percorre!...

QUANDO ESTÁS JUNTO DE MIM

Esses teus olhos tranquilos,
profundos, calmos e mansos,
são feito os verdes remansos
que escondem doces sigilos...
São feito as águas paradas
de um grande lago tristonho,
onde as sombras do meu sonho
ficam nos teus, mergulhadas...

Esse teu rir de cascata
de pedra em pedra rolando,
de pedra em pedra cantando
por sob as lenhas da mata,
é feito um rio em desvio
que galga a rocha, bem alto,
que se despenca de um salto
e que, após, busca outro rio...

Essa voz que é feito um sino
que plange, que vibra e soa,
que pelos ares ecoa
com toda a força de um hino,
parece um vale escondido,
ermo, deserto, isolado,
um triste vale calado,
à espera de um som perdido...

STELLA LEONARDOS

Stella Leonardos da Silva Lima é uma jovem poetisa que acaba de se incorporar à pleiade literária feminina, com a publicação de seu primeiro livro: **Passos na Areia...** Não são vacilantes esses passos, antes foram iniciados com segurança, prometendo-nos para breve outro volume, no qual traduz em ritmos algumas das nossas mais sugestivas lendas indígenas e afronegras.

SONETOS DE MARIO LINHARES

FESTA DA VIDA

Simplifica, a sorrir, tua existência,
vê, em tudo, um motivo de alegria
e, assim, na paz de tua conciência
faze da Fé teu pão de cada dia!

E conserva em perpétua adolescência,
ungidos de esplendor e de harmonia,
teu coração e tua inteligência,
dentro do Sonho excelso que te guia.

Homem! Repara como, à luz da aurora,
na aleluia sem par da Natureza,
tudo, em redor, de júbilo se enflora!

Sim, tudo nos desperta e nos convida
para o Bem, para a Luz, para a Beleza
da grande festa espiritual da Vida!

TERESINHA

No teu sorriso angélico e tranquilo,
ó minha Teresinha de Jesus,
ha a divinização de tudo aquilo
que nos ergue da treva para a luz!

Achei em ti o meu melhor asilo
e em tuas mãos o coração depús!
Bem haja a Fé de que rejubilo
e que à felicidade me conduz!

Para a chuva de rosas prometida,
constantemente, derramares pelas
invias estradas desta triste vida,

— é que a tua alma límpida, sem véu,
sob a sagrada benção das estrelas,
num halo de esplendor, subiu ao Céu!

CINQUENTA ANOS

Em cinquenta anos de existência, eu pude
conhecer todo o Mal que a vida encerra
e, na minha passagem pela terra,
fazer do Amor sempre a melhor virtude.

A vida é cheia de vicissitude,
mas a alma, — como um veu que se descerra —
se ergue do pó e sai da sombra em que erra,
busca um ponto de luz em que se escude.

Quem há que o golpe das paixões não vença?!
Minha tranquilidade é a recompensa
do Bem que fiz, do Mal que nunca fiz.

E assim, fruir, na sucessão dos dias,
a mais pura, a mais sã das alegrias
é a melhor forma de se ser feliz!

A lição do cortiço

O cortiço é a gente do Morro
Que desceu p'ra Cidade
E não quis mais voltar.
Por isso não toma a benção ao sol,
Primeiro que os outros,
Todo o dia.
E' que o Morro ficou no seu lugar
E somente o povo se mudou,
Levando p'ra Cidade a sua alegria.

Por isso não há tristeza na Cidade.

E, certos dias,
Quando o Brasil-Mulato, com a família,
Desce do Morro,
P'ra sambar à vontade,
Então as "favelas" ficam vazias,
Nos delírios do homem forro,
E o Violão e as Modinhas
Se abraçam nas orgias...

E' a vingança do Morro invadindo a Cidade.

Mas o homem que traz na pele a cor do dia
Gostou da mulher
Que tinha no corpo a mistura sadia
Da noite com o sol,
E, no rosto,
Duas jaboticabas,
Brilhando por dentro das pitombas dos olhos,
P'ra dizerem que a mulata é somente alegria.

E sambando,
Nos bamboleios sensuais das ancas fartas,
E com os quartos quebrando e requebrando,
No desassossego da Carne,
Cheia do calor tropical,
A mulata foi ficando
Quando passou o Carnaval.

E então o Morro deu um Filho à Cidade.

Porque o Morro é a loucura do homem branco
Nas fugas da claridade...
E o Morro gosta do dia,
Quando ele vem chegando,
Cansado de ser dia...

Mas a mulata,
Morando no cortiço,
Amava a existência liberta.
E, por isso,
Como a mulher perdida
E cheia de viço,
Que se oferta
Aos amores de mercado,
Como alugada do Prazer,
Quis ver-se livre do seu grande pecado:
Seguiu em busca da "Casa dos Expostos"
E colocou à "Roda",
No ângulo da rua bem escondida
E deserta,
O Filho enjeitado.

E o Destino,
Com a porta livre e aberta,
Apontou p'ra mulata o caminho da vida...

Enquanto isso,
No cortiço,
Cada mulher se faz lavadeira
P'ra viver.
E, alegre, lava a roupa e canta todo o dia.
Porque assim a labuta
E' mais ligeira,
Pois cantando não sabe o que é sofrer.

E a lavadeira,
Assim,
Lava a sua alma
E limpa as mágoas da vida traiçoeira.

E a criatura,
Que lida p'ra ganhar o pão
P'ra sustento dos sem pai,
Mas todo coração,
Diz á mulata brejeira
Que o seu homem são os braços cansados
E que, enquanto tiver forças,
P'ra se encontrar de pé,
Terá coragem, tambem, p'ra trabalhar
E fazer os filhos menos desgraçados.

Porque ama, acima de tudo, a obrigação,
E sabe ser mulher.

— Mulata, vai buscar teu filho,
Pois um dia virá a ser homem
E pode ser, ainda, a tua salvação.

E a pobrezinha chorou,
Como a pedir p'ra culpa a expiação,
E foi buscar o filho que enjeitou.

Mas encontrou fechado o casarão.

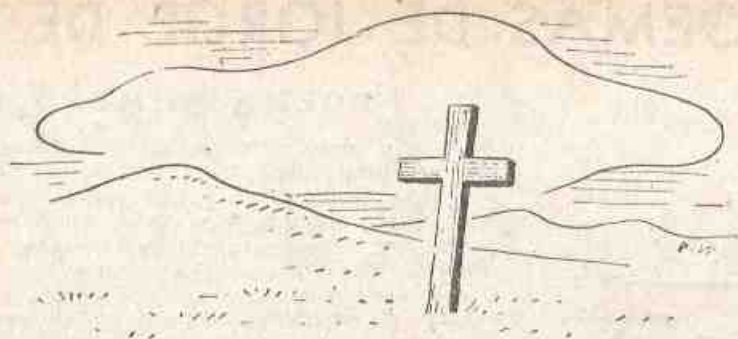
Porque não reconheceu, entre tantos,
O próprio coração.

E, em prantos,
Subiu de novo o Morro,
E foi, como as mulheres do cortiço,
Lavar a roupa dos brancos...

Mas a mulata não tinha mais feitiço,
Mesmo nos olhos de jaboticaba.

Porque a vida é assim,
Tudo na vida se acaba...

A M O R A   M A C I E L

Rio, setembro de 1940.

dans le chemin de l'amour universel

Quand sonnera ma grande heure,
l'heure de passer aux mystères de la mort?

Ce n'est pas l'inconnu de la mort qui m'effraye:
— je sens l'attrait de tout inconnu,
je vois des grandeurs dans ce plus grand inconnu de l'au-delá.

Ce dont je souffre
c'est la vie des hommes qui ne se comprennent pas,
qui ont oublié les chemins de l'amour.

Attrapé dans le vide,
j'attends je ne sais plus quoi.

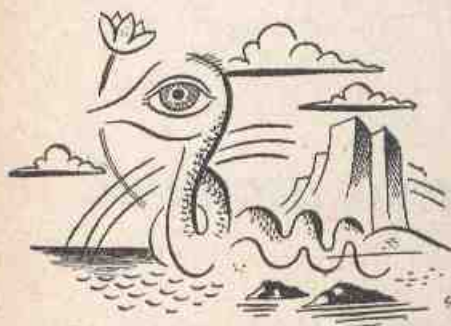
Je sens que je meurs, pas à pas, dans la vie,
et que je vivrai de tout mon élan dans la mort.

Je sens que j'aimerai bien la terre qui m'accueillera un jour...

Et — toi — mort — tu m'aimeras pour l'éternité,
dans l'infini de ton sein,
comme, il y a longtemps, j'espère
que quelqu'un m'aime.

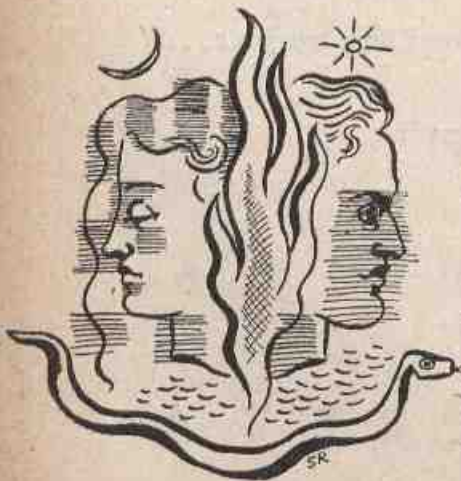
NEWTON BELLEZA

TRÊS POEMAS DE JORGE DE LIMA

POEMA NUMERO UM

Estando o poeta recostado sobre as bordas do lago
eis que ficou semelhante a um veleiro adernado,
mas visto de um outro ângulo era um exquisito cisne.
Não o cisne acostumado a nadar nas superfícies
porém um cisne dos profundos oceanos
capaz de voar até onde o ar é puro.
O seu olhar penetra o espaço e devora a matéria,
enxerga na escuridão como as aves noturnas.
Vede que o seu pescoço é uma serpente sagrada
sem começo e sem fim quando se recurva em círculo
ou distendido sobe como uma alvacenta flecha
em busca de Miraceli.
A deusa fecha-o em seu corpo.
E' um contacto íntimo sobreposto em eclipse.
Os lábios de Miraceli sorvem o bico da ave
e as asas alvinitentes do veleiro enfunado
surgem estremecendo sobre o ventre da musa.
A grande maré se eleva: é como um mar de espuma
de onde surgem arco-iris sobre países novos.
A natureza está úbere:
houve uma transmutação das formas.
Miraceli restaurou a expansão de seu ser.

POEMA NUMERO DOIS

Todos os séculos e dentro de todos os séculos — todos os poetas
desde o início foram cristãos pela esperança que eles continham
Tu és cristo-cêntrica Mira-celi,
e és uma dádiva tão aderente ao Senhor
como o cordeiro de Abel
ou o pão e o vinho de Melchisedech
ou os helocaustos dos profetas.
Sobre o meu ombro ditas-me tuas palavras ocultas
enches minhas vigílias,
eu te sinto docemente respirando
nos objetos familiares do meu quarto;
ouço em torno de mim teu harmonioso passo,
sinto-me desbraçada sobre a cadeira em que escrevo;
certa vez minha mão o estacou ao gravar uma blasfêmia:
foi tua mão breve que susteve esta pata do demo.
Visita-me e assiste-me do teu eterno domínio
o teu doce e furtivo olhar com que enches meus silêncios,
por tua doce vontade os meus pulsos são cordas de harpa,
por tua doce vontade pertenço às tuas origens sagradas.

POEMA NUMERO TRÊS

As linhas principais das mãos da Deusa
se continuam com as linhas principais das mãos do homem.
As tatuagens subjacentes podem ser vistas
como os peixes de um tanque
Abaixo estão os ossos que ainda brilham ao luar dos desertos.
Abaixo ainda estão os sinais do cativeiro sob reis invasores.
E mais abaixo é como um fluido que antecedesse o desejo de me
com o corpo repousado ao meu lado.
Através da palma poderieis ver então a paisagem
que se descortina do cimo deste calvário.
Ah! A Cidade por construir depois dos terremotos,
dos bombardeios e das inundações!
Convidam-vos à obsessão repetida continuadamente há milênios:
ao cravardes o vosso duplo
cravais sem perceber as unhas do vosso próprio dorso.
Os vossos braços se fecham numa perfeita eclipse,
mas tudo terminou nas mãos juntas da morte
para que regresseis de onde viestes
e renasçais luminoso no derradeiro dia.

JORGE DE LIMA

HINO AO PAU BRASIL

Salve, pau brasil!
Árvore viril!
Símbolo da terra que fundiu três raças para um só destino!
Não cabes num hino:
Mas, na vastidão da pátria brasileira,
Cuja imensidade, por todas as lindes, teu amplexo alcança,
Cingindo-a nas dobras da tua bandeira
Da cor da esperança!

Erguendo o teu porte em busca do infinito,
No seio jovial deste torrão bendito,
Surges como um templo para os iniciados,
— Que são todos quantos teem para a mãe-pátria os corações voltados,
Unidos no amor das mesmas tradições,
Rendendo ao teu culto as mesmas devoções,
Presos pelos elos da mesma cadeia e sob um só fanal,
Tendo a mesma fé, visando o mesmo ideal!

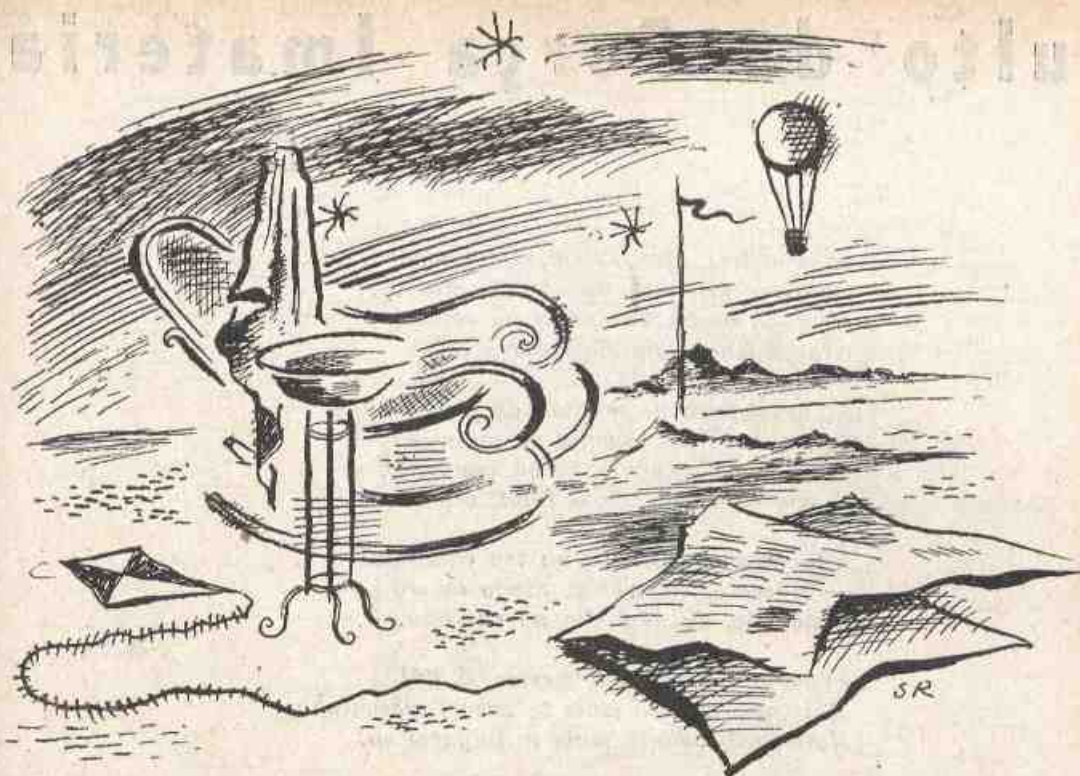
Dá-nos, pois, o alento,
A cada momento,
Para o eterno culto
Do teu nobre e belo e sacrossanto vulto!
Porque trazes sempre, nessa tua seiva,
Sem a menor eiva,
Forças prodigiosas de eras milenares
Para o excelso rito desses teus altares!

— Trazes a energia
Da selva bravia!
Trazes a beleza
Desta natureza!
Trazes, nas roupagens,
Esses tons festivos, verdes, sorridentes das nossas paisagens!
Trazes, no teu cerne, a viva cor da chama
Sugerindo o nome tutelar que a inflama!...
Trazes o penhor daquele altivo apego à doce liberdade
Que adquiriste, outrora, no convívio ameno da gentilidade!...

Nessa tinta verde das tuas ramagens,
Que as brisas e aragens
Beijam com ternura,
Lê-se a nossa história pujante de heroismo, beleza e bravura:
— Aqui surge Anchieta, o grande catequista, escrevendo os seus poemas...
Passa alem Potí, vibrando o seu tacape contra os invasores!...
— Mascates!... — Emboabas!...
Cidades soberbas, onde outrora apenas existiram tabas!...
— Eis os bandeirantes e os libertadores:
Inflam-se as fronteiras!... Quebram-se as algemas!...

— Salve, pau brasil!
Árvore viril!
Símbolo da terra que fundiu três raças para um só destino!
Não cabes num hino:
Mas, no egrégio culto que te hão de votar as novas gerações,
Símbolo da Pátria pela qual palpitam nossos corações!

FAUSTINO NASCIMENTO

(Inédito para o livro "Ritmos do Novo Continente", 2.ª edição, a sair).

ALMA PERDIDA

Poema de Valery Larbaud

A vós, aspirações vagas; entusiasmos;
pensamentos de depois do almôço; impulsos do coração;
enternecimento que vem com a satisfação
das necessidades naturais; clarões do gênio; agitação
da digestão bem feita; alegrias sem causa;
disturbios da circulação do sangue; lembranças de amor;
perfume de benjoim do banho matinal; sonhos de amor;
minha enorme molecagem castelhana, minha imensa
tristeza puritana, meus gostos especiais:
chocolate, bombons doces de derreter, bebidas geladas;
cigarros entorpecentes; vós, adormecedores cigarros;
alegrias da velocidade; doçura de estar assentado; delícia
do sono na completa escuridão;
enorme poesia das coisas banais: noticiário de polícia; viagens;
tziganos; passeios de trenó; chuva no mar;
loucura da noite febril, sozinho com alguns livros;
altos e baixos do temperamento e do tempo;
instantes de outra vida, reaparecidos; recordações, profecias;
ó esplendor da vida comum e do tran-tran quotidiano,
a vós esta alma perdida.

(Tradução de Carlos Drummond de Andrade)

Culto da Força Imaterial

Piú sarai solo, piú sarai tu!
Da VINCI.

Ama o Bem, vive o Bem, fita o modelo
Do Bem supremo, na atração divina:
De tê-lo assim tão preso na retina,
Gravado na alma chegarás a tê-lo.

Sê brasa viva no montão de gelo
Que o benéfico impulso te malsina:
Como o sol vence a névoa matutina,
O frio bloco hás de, a final, vencê-lo!

Não fraquejes jamais no teu caminho:
— Aasvero, Prometeu, Sísifo ou Jó —
Renova-te, da angústia no cadinho.

Ergue-te acima de ti mesmo, ó Pó!
Mais alto quanto mais te achem mesquinho,
Mais forte quanto mais te julguem só!

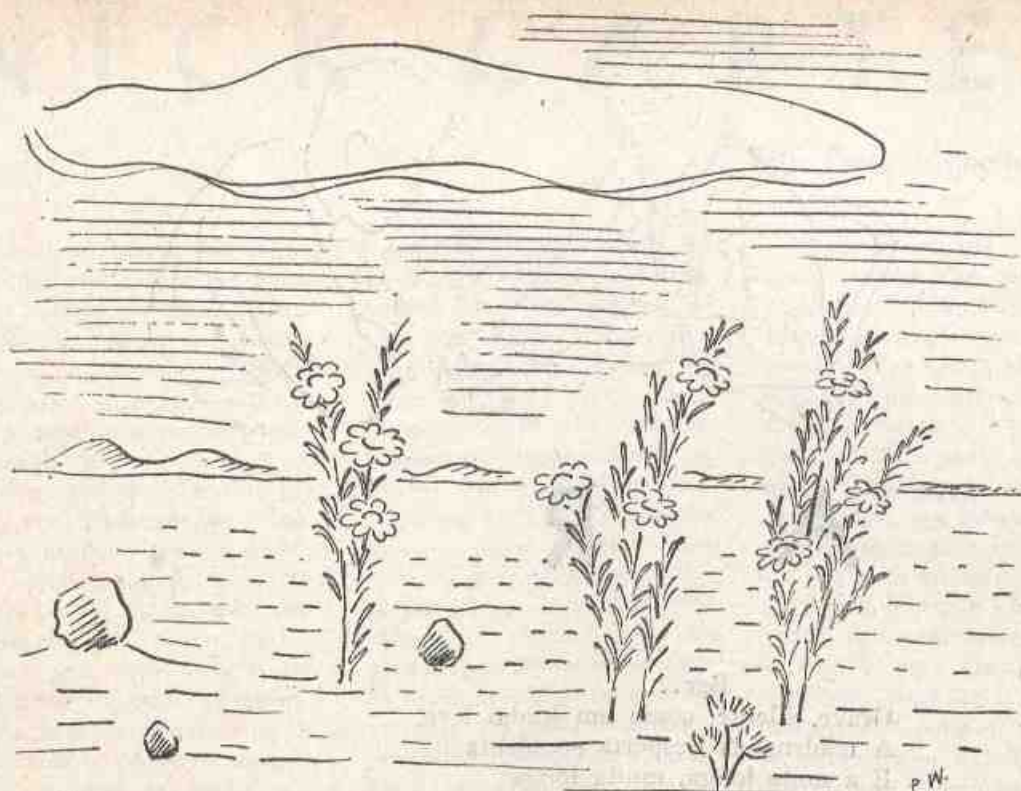
Duplo Ritualismo

Sou eterna criança: os olhos abro
Para a Quimera, em lânguido abandono.
Fujo do mundo — o impuro volutabro —
E um castelo entre as nuvens ambiciono...

Dos vícios ante o choque atro e macabro,
Cortejo risos de anjos, lesto e prono.
E o meu Sonho resplende — candelabro
De oiro, a doirar-me o descuidado sono...

Num duplo ritualismo estranho e velho,
Ajoelho ante os altares a alma inquieta,
E ante os encantos feminis ajoelho...

E, grave ou ledo, oscilo, deslumbrado,
Entre um êxtase místico de asceta
E uma festa ridente de noivado.

OTONIEL BELEZA

tema antigo

MURILO MENDES

Vestindo as nuvens brancas,
Esticando a pedra eterna,
Dando às fontes de beber,
Eu consagrei o universo.

Alimentei até os Sonhos,
Dialoguei com a esfinge movel,
Fiz florescer o deserto.
Quando vi, não era nada,
Me apalpei, fórmas se riam
Fugindo do meu esqueleto.

Foi então que vi o amor
Colado aos braços da morte
Sumir no cavalo azul.
A solidão sem ornatos
Me apresentou a mim mesmo!

B A R . . .

Bar...
Grave, silente, como um sonho leve,
A madrugada desperta sonolenta
E a noite longa, muita longa
vai se esfumando molemente
Na elegía de luz de um dia novo.

— Nossos copos estão chêios
E nossas vidas regogitam...
Amanhã outras bocas sequiosas beberão o mesmo vinho
E o mesmo gesto antigo se estenderá para o infinito
No desejo absurdo de viver...

E a hora é sempre a mesma
E os convivas serão outros
a beber o mesmo copo...

E na velha tôrre esguía
O bronze antigo dondinando
Lento e grave, grave e lento
Vai plangendo, vai marcando
As horas que vão fugindo,
O tempo que vai chegando...

E novas madrugadas sonolentas
Silentes, graves como sonhos leves
E noites longas que se esfunam...
E rostos amargos sorrindo para a vida...
— E eu e tú, oh vida minha
Bebendo sempre o mesmo vinho...

LAURO VILLEROY FRANÇA

NICK CARTER

Ezio Pinto Monteiro

Paulinho tomou banho no tanque, vestiu a calça curta e a camisa de gola aberta, passou às pressas o pente no cabelo e, mesmo descalço, atravessou correndo a sala onde a mãe se encontrava costurando, gritou-lhe um "Eu já vou, mamãe", e abalou para a rua. Enxergou, ao longe, o seu grupo — que já estava na esquina, esperando-o. Na ânsia de juntar-se aos companheiros nem viu o quitandeiro, que, com duas cestas pousadas no chão, se encontrava bem no meio do caminho. Só o percebeu quando caiu por cima das cestas, ante o enorme espanto do homem. Não obstante a expressão de sincero pesar no rosto de Paulinho, a situação só se resolveu quando um dos companheiros — que se acercaram às gargalhadas — puxou do bolso dois níqueis de tostão para pagar os ovos quebrados.

Dos meninos brancos do grupo, Paulinho era o mais pobre (os pretinhos não se contam; esses são sempre os mais pobres). Estavam na idade em que os grupos são heterogêneos. Havia de tudo: filhos de doutor, filhos de açougueiro, filhos de costureira e lavadeira e filhos de ninguem. Eram talvez uns dez; mas os anos somados não passariam sequer de uma centena. Quase todos frequentavam a escola primária, pública ou particular, mas na época das férias dispunham do dia inteiro para as travessuras.

A zona de operações da turma era formada por uma quadra de ruas dessas, só uma era calçada e nela passava o bonde. As demais, de terra batida e tráfego diminuto, prestavam-se maravilhosamente às atividades do grupo. As brincadeiras eram múltiplas e de movimentação quase constante: futebol com bola de meia, atletismo rudimentar, jogo de cricket com cabo de vassoura, roubo de cajú para a namorada comum (a pesar do perigo de tiros de sal), os inocentes e naturais pecadinhos da idade, e ainda gúde, papagaio, pião...

Do grupo era Paulinho o mais lido. Já ia longe o tempo do "Tico-Tico" e não chegara ainda o de "Pardalans" e "Lucrécia Bórgia". Quem imperava era Nick Carter; um pouco mais tarde viria Sherlock Holmes. Depois de uma boa partida de futebol ou de um campeonato de corrida a pé, quando o cansaço — esse bandido de mil braços — conseguia agarrar os campeões, os degraus da escada de acesso à casa do doutor serviam de sala de palestra. Ah, os heróicos feitos, os extraordinários planos de ação futura, as rumorosas recriminações; a que se seguiam, em voz baixa, tentativas de solução de mistérios pertubadores... Quando todos se aquietavam, e depois de muito instado, Paulinho começava a narrar as proezas de Nick Carter lidas nesse dia.

Quem introduzira Paulinho nesse mundo maravilhoso de atos de coragem, força, agilidade e astúcia — em que se sucediam nomes arrevesados de longínquas regiões da América do Norte — fora seu João, irmão e sócio do açougueiro. Homem de seus quarenta anos, era solteiro e vivia aparentemente só. Depois da atividade matinal, do muito cortar, pesar e embrulhar carne, ia à casa tomar banho e voltava para almoçar com o irmão. Acabado o almoço, sentava-se à porta do açougue e entregava-se à leitura dos fascinantes fascículos semanais. Certo dia, Paulinho viu-o lendo e se interessou. Passou então o homem a emprestar-lhe as revistas, logo depois de lidas. Ah, o cheiro de tinta das gravuras da capa; cheirinho bom, que haveria de perseguir Paulinho para o resto da vida... Surgiu para ele um novo mundo; dele participava e fazia participar os companheiros. E, ao mesmo tempo que se sentia dominado pelos heróis das histórias, encheu-se de admiração por quem lhe proporcionava esse adoravel contacto.

Não se passou muito tempo e Paulinho resolveu por em prática as histórias lidas e contadas. O quintal fronteiro de uma casa então deshabitada foi transformado em quartel-general: alí passaram a se reunir, geralmente à noitinha, os polícias e os bandidos. Com a aprovação geral e por direito de conquista,

Paulinho era o Nick Carter. Ele próprio escolheu e designou os companheiros: Julio, o mais franzino do grupo, era o Patsy; um dos mais desenvolvidos ficou sendo o Chick. Patsy e o Chick eram os auxiliares de imediata confiança de Nick Carter. Houve naturalmente ciumadas e protestos, mas Paulinho explicava as razões da escolha; Patsy não era (no livro) dos mais fortes, concordava; mas era muito inteligente e agil, de uma atividade excepcional, quase se igualando ao chefe. Já o Chick, pesadão, era o braço direito de Nick para as ocasiões em que a força devia sobressair. Nos folhetins aparecia certa dama, prima de Nick, que o auxiliava tambem. Mas o grupo a ignorava propositadamente, com a impressão indefinida mas conciente de que esse era o ponto fraco das histórias...

A ação era sempre orientada por Paulinho e suas instruções obedecidas cegamente. Arquitetado o plano, os "bandidos" se separavam, indo muitas vezes para os extremos do quarteirão: enquanto que Nick, Patsy e Chick, juntos ou separados, mas sempre juntos na hora da pancadaria, entravam a agir.

— Pega firme, Chick! — Salta pela grade, Patsy! — e os bandidos acabavam invariavelmente derrotados...

Como Paulinho se sentia orgulhoso! Já a admiração extasiada do grupo ao ouvi-lo narrar as façanhas dos detetives era bastante para insuflar-lhe o sentimento de superioridade. Mas o atribuir-se os extraordinários dons, que faziam de Nick Carter o suprassumo da coragem, do sangue-frio, força, astúcia e inteligência, era na realidade de imenso efeito subconciente. Paulinho sentia-se capaz de todas as ações nobres, de todos os atos de coragem máscula...

Certo dia, conversando sobre a leitura predileta, Seu João disse a Paulinho:

— Na minha casa tenho uma porção de Nick Carters antigos. Eu nunca rasgo; vou deixando amontoar. Vá um dia lá para ver. Você pode até levar alguns de cada vez para ler em casa.

Passaram-se, porem, muitos dias depois desse convite. A casa de Seu João ficava um tanto afastada do quarteirão, e Paulinho estava ainda nessa idade em que não se faz cousa alguma deliberadamente; na idade em que não se pensa "Hoje vou à casa de Fulano", mas se descobre de repente: "Ah, esta é a casa de Fulano. Vou entrar!"

E assim foi. Eram quatro e pouco e uma correria mais longa levou Paulinho e al-

Madrigal da Sombra

Sombra que passas, eu sei que és sombra:
eu sei que és sombra, sombra que falas.
Não deixas passo em nenhuma alfombra
das altas, graves, eternas salas...

Mas os que choram de sala em sala,
mirando espelhos, mirando alfombras,
choram teus passos e tua fala,
e o seu destino de amar as sombras...

1940

CECÍLIA MEIRELES

guns do grupo às proximidades da casa do homem. Embora já lhes fosse conhecida, a rua apareceu-lhes nessa tarde com o sabor de novidade e eles foram se deixando ficar. Em certo momento, ao dobrar uma esquina, Paulinho viu Seu João em camisa de meia, sentado numa cadeira de palinha quase à porta de entrada de uma casa pequena e velha.

— Vou buscar uns **Nick Carters**! — gritou para os companheiros e correu em direção à casa. **Seu** João mostrou-se um pouco surpreso:

— Olá, Paulinho. Você por aqui?

— Vim buscar os **Nick Carters**. O Sr. tem eles?

— Ah, estão lá dentro, na outra sala. Pode entrar. Passe; estão em cima da mesa.

Na pequena sala em desordem, sobre a mesa, de mistura com jornais velhos, roupas e outros objetos, estava uma pilha dos adoraveis fascículos. Paulinho escolheu rapidamente os de capa mais vistosa, onde apareciam os detetives em lutas medonhas ou saltando de trens em movimento, de revolver na mão. Noutras, bandidos ferocíssimos surgiam no momento em que iam descarregar sobre o herói o golpe definitivo... que seria impedido providencialmente no derradeiro instante.

— Posso levar estes, Seu João? Eu tomo cuidado... — e Paulinho, já de volta, se aproximou do açougueiro, que permanecera sentado, observando-o.

— Quais são?

Paulinho se aproximou mais ainda para mostrar as revistas.

— Deixe eu ver... — e Seu João estendeu os braços. Tomou com a mão esquerda as revistas e passou o braço direito em volta da cintura de Paulinho. Este, com a atenção presa aos **Nick Carters**, deixou-se puxar, mas, ao levantar os olhos para o açougueiro, foi tomado de repentino horror — como se presenciasse um crime! — e, com um safanão, desvencilhou-se dos braços do homem, fazendo com que as revistas se espalhassem pela sala. No impulso violento para fugir, tropeçou nas pernas do açougueiro e foi estirar-se no chão, já do lado de fora. Levantou-se com rapidez incrivel e, correndo desesperadamente pelo meio da rua como quem se sente perseguido, foi parar exausto no portão da casa em que morava. Depois de virar-se para constatar que se encontrava só, abriu o portão, sacudiu a roupa e limpou os joelhos cheios de terra. Deixou-se ficar parado algum tempo para se acalmar; a final, metendo as mãos nos bolsinhos da calça, começou a assoviar qualquer cousa e entrou em casa.

— Tão suado, menino! E todo sujo! Você foi outra vez jogar bola com aqueles moleques?

— Ah, mamãe, foi um jogo... — e os olhos estavam no chão e o pequenino coração ainda batia apressado.

Uma Bio-Bibliografia sobre Capistrano de Abreu

Dos nossos grandes vultos, talvez seja Capistrano de Abreu dos mais citados e menos estudados, a pesar de ser considerado o maior dos nossos historiadores. De feitio singular, avesso às exteriorizações retumbantes, o sábio cearense quando de sua morte encontrou amigos e admiradores que lhe relembrassem, em rápidos traços, fases de sua vida e sua obra. Efetivamente, da lavra de João Ribeiro, Afonso Taunay, Calogeras, Raja Gabaglia, Mario de Alencar, Paulo Filho, Eusébio de Sousa e outros, encontram-se, dispersos, mais de duas dezenas de artigos, discursos e conferências, aparecidos por aquela ocasião.

Havendo o INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO organizado uma série bio-bibliográfica sôbre grandes nomes nacionais, Augusto Meyer, que dirige com brilhantismo aquele orgão cultural, incumbiu o sr. Pinto do Carmo de organizar um trabalho nesse gênero, sôbre Capistrano de Abreu. Esse intelectual, que é hoje um dos maiores conhecedores da obra do notavel historiador brasileiro, de acordo com o programa do Instituto, elaborou substanciosa coletânea do que já se pode definitivamente dar como da lavra de Capistrano e reuniu também, num capitulo, os muitos conceitos que foram emitidos sobre o historiador.

A bio-bibliografia a que aludimos já se encontra acabada e, segundo consta, ainda este ano se dará à estampa.

É esta uma louvavel iniciativa do Instituto que, certamente, fará organizar outras sobre personalidades que estão a merecer estudos especializados como o já mencionado.

Instituto Nacional do Livro - A obra fecunda que está realizando Augusto Meyer, seu atual diretor

Desde que foi criado, o INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO pôs-se em contato com as várias instituições do país, a fim de melhor organizar o seu programa de ação. Isso, todavia, não podia ser obra de carater imediato, pois, nesse setor, tudo estava por realizar. Augusto Meyer, nomeado seu primeiro diretor, bem compreendeu a sua tarefa e, sem desfalecimentos, iniciou-a. Os resultados, fartamente conhecidos do grande público, atestam a orientação segura que se traçou e já a ação do INSTITUTO se faz sentir imprescindivel.

No próximo mês, o INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO dará à publicidade o *Anuário bibliográfico*, em colaboração com a Biblioteca Municipal de São Paulo. Trata-se de simples catálogo-dicionário, que não pretende transpor os limites da *bibliografia-inicial*, embora trabalhos como este prestem excelente auxilio aos estudiosos, principalmente, aos bibliotecários.

As obras mais complexas da bibliografia retrospectiva tambem foram previstas pelo atual diretor e estão sendo elaboradas na *Coleção bibliográfica*, abrangendo autores e assuntos, por intermédio de catálogos analíticos especialmente documentados. A par da *Bibliografia das Bibliografias Brasileiras*, que será lançada na coleção BI, em que se trata, particularmente, do método bibliográfico e da sua documentação básica (bibliografias, catálogos, dicionários, bio-bibliografias, guias de arquivos e coleções), abrindo aquela série, será publicada, em breve, as bibliografias de *Gonçalves Dias*, de M. Nogueira da Silva e *Capistrano de Abreu*, de J. A. Pinto do Carmo, comentadas e anotadas, de modo a servir de fundamento a qualquer futura edição crítica das obras completas desses dois expoentes da nossa cultura. Ainda na mesma coleção bibliográfica sairão trabalhos sobre Machado de Assis, em dois volumes e um outro sobre o Periodo holandês no Brasil,

A Poética de Luiz Delfino

Heitor Marçal

Não escondo que em meu coração se reavivam neste momento, as velhas chamas de devoção acendidas na adolescência à poesia de Luiz Delfino. Possibilitou isto uma nova aproximação com a sua arte. A princípio foi um livro aberto a esmo numa página inesperada. Talvez eu buscasse com esse gesto inicial apenas atender às solicitações daquela manhã saudavel da Tijuca onde o canto dos pássaros, o mexer das folhas das robustas árvores nativas, a serra, e aquele céu límpido, translúcido, eram convites sinceros à poesia. Não fiquei todavia só naquela página do "Atlante Esmagado". Ela foi apenas ponto de partida para uma viagem sentimental pelos países do seu mundo poético.

Esse novo contacto com o criador de "Algas e Musgos" restituiu-me, num novo ângulo emocional, lembranças dispersas que eu presumia extintas, doce presença de trechos da vida que passou. Não me é difícil situar a data do nosso conhecimento — meu e da poesia de Luiz Delfino. Lembro-me que o nosso primeiro encontro foi numa cidade tradicional do interior do Ceará: Granja, relíquia que se espelha nas águas tranquilas de um riozinho tímido, o Coreaú. O seu soneto Flirt, que faz parte das "Rosas Negras", estava na miscelânea de versos que mão de moça andava recolhendo votivamente. E eu o associo a todas as evocações daquele tempo e confesso através de versos do poeta de "A Angustia do Infinito" a minha saudade:

> *Não ter saudades desses tempos? Tenho.*
> *Davas o azul ao céu, o canto ao dia,*
> *Rir todo em mim o canto da alegria,*
> *Era, criança, o teu maior empenho.*

Depois que conheci a sua poesia busquei-a sempre como fonte de beleza e emoção e nunca desamei o seu estro. Tentou-me sempre aquela fragrância de realidade humana, aquele intenso mistério que comunica interesse novos aos seus versos. Eram caraterísticas essas que eu sentia marcar a sua poesia iluminando-a. O que a minha sensibilidade pressentiu no primeiro encontro não foi desmentido por leituras posteriores. Estas apenas serviram para identificar-me mais ainda com a sua arte.

Os caminhos mais asperos da vida, a convivência com outros poetas, a sugestão de novos refúgios para o meu espírito não o retiraram da minha intimidade. Ele resistiu em mim mesmo às tendências posteriores do meu espírito e não são raros os sonetos seus que me ficaram na memória. Eu afirmo isso na certeza de ser a melhor documentação de que a sua poesia não foi mero caminho por onde meus olhos transitaram sem interesse...

Uma das cousas que mais me agradaram na sua poesia foi aquela compreensão de que a modelagem parnasiana não devia matar a expressão própria do verso. Mesmo no auge dos seus pendores pela escola ele não se transformou como muitos em simples artífices de tourética. Não consentiu que a rigidez da forma lhe prejudicasse a plasticidade, aquele espontaneidade de água corrente, de queda folha seca, que há no seu dizer poético.

Não se contaminou aquele "bainvillismo" apologista de que o conteudo deveria ser sacrificado à forma, aquela concepção de restringir a idéia à beleza dos vocábulos que a pudessem exprimir.

Autêntico isto com o seu soneto "Naus":

> *Sobre as asas pairando as naus na lenta*
> *Marcha de aves do mar que chegam fatigadas*
> *E, enquanto a espuma em flor de uma vaga rebenta,*
> *Outras cantam solaus rindo em torno agrupadas.*
>
> *Parecem catedrais marmóreas, torreadas,*
> *Fugindo ao velho mundo e, fugindo a tormenta,*
> *Que entre nichos de pedra e agulhas lanceonadas*
> *Rolam pesadamente a mole corpulenta.*
>
> *Dromedários do mar — intermino Saara —*
> *O naus, vós afrontais os ciclones, o grito*
> *Negro, que vem do abismo e furacões cara a cara*
>
> *Sois mais que esses troféus lendários de granito*
> *No seu panejamento enorme de Carrara...*
> *Vós, cuja base é o oceano e a cúpula o infinito.*

Luiz Delfino não realizou nenhum livro de poemas. Deu o melhor de sua arte às folhas efêmeras das publicações periódicas. Foi dispersivo em extremo nesse particular. Mas a precária existência desses veículos de suas rimas não as prejudicou. Elas foram alem daquele transitório destino que o seu autor lhes impôs. A complicação metódica dessa obra imensa e esparsa coube ao meu filho Tomaz Delfino realizar. Foi essa colheita que nos restituiu grande parte de obra do grande poeta nascido em Santa Catarina, que o livrou de se transformar em presa do olvido. Foi essa demonstração de amor filial que transpondo todos os óbices não impediu que o nosso conhecimento da obra de Luiz Delfino se cifrasse nos raros poemas e sonetos colhidos carinhosamente para as páginas das nossas antologias, ou das reproduções de trabalhos seus nas revistas literárias e na imprensa. E assim fomos tendo para regalo espiritual a concatenação dessa preciosa, inestimavel, obra fragmentaria legada pelo autor de "Noite Branca".

O seu verso, não murchou nas páginas remotas da "Vida Moderna", da "Semana", da Estação", do "Jornal das Famílias", e da "Revista Popular" periódicos que os acolherem inicialmente. O, transitório dessas publicações não os sepultou. Eles permaneceram ainda com aquela vida intensa dos primeiros momentos depois de mais de meio século de escritos.

Eu estou com Manuel Bandeira quando atestou que Delfino tinha encontrado no soneto "a forma mais adequada à sua sensibilidade especial." Documenta a exatidão desse asserto o soneto "Venus Morta":

Acabou. — De joelhos nos caminhos
Iam ficando as árvores, ao vê-la;
Ao vê-la, havia sons trepando os ninhos;
Buscavam nela os céus fugida estrela.

Não tinham para as suas mãos espinhos
As roseiras; o val, sem conhecê-la,
Se aveludava em púrpuras e arminhos,
Dizendo aos vales: — Vamos recebê-la.

E minha mágoa; foi meu pesadelo.
Amo-a assim mesmo, mesmo assim! — que im-
[porta?
Quero esse corpo frio em mim retê-lo...

Que grande dor todo o universo...
Dor outra igual não houve entristecê-lo...
Ela morreu!... Venus de novo é morta!...

Olavo Bilac confessou de uma feita que Luiz Delfino tinha sido um dos poetas que mais o influenciara na adolescência. E quem percorre a obra do autor de "Tarde" de certo notará em alguns versos essa imponderavel presença diluindo-se, como o resquício do perfume que permanece do vidro vazio...

A Medicina e a Política não conseguiram distanciar Luiz Delfino da sua arte. Nem o renome de poeta prejudicou-lhe a clínica, nem cabe a ele o velho refrão da satira lugar comum em todas as literaturas, de que os médicos não sabem escrever. O filho — Tomaz Delfino que lhe colecionou os versos esparsos, compondo os livros que o poeta catarinense não pensou em realizar, — herdou do pai, alem do gosto pelas musas, a mesma devoção pela medicina, e é um intelectual que a política e os afazeres comerciais roubaram à poesia.

Ao fechar estas desataviadas linhas lembro um verso de Luiz Delfino que eu enxergo com um sabor de legenda. E quem penetrar a arte, impregnada de beleza, em meio de toda a palpitação da vida de suas rimas, há de convir que eqeles versos que eu retiro do poema "A Escola" de Luiz Delfino, bem poderiam ser postados, à entrada da sua poesia, como um dístico:

"Entrai: aquí há mundos luminosos num céu,
Que a mão, por mais pequena, alcança..."

do perfume que permanece

tica não conseguiram dis-
sua arte. Nem o renome
a clínica, nem cabe a ele
a lugar comum em todas
os médicos não sabem es-
naz Delfino que lhe cole-
rsos, compondo os livros
e não pensou em realizar,
do gosto pelas musas, a
dicina, e é um intelectual
zeres comerciais roubaram

aviadas linhas lembro um
que eu enxergo com um
uem penetrar a arte, im-
meio de toda a palpitação
há de convir que equeles
do poema "A Escola" de
eriam ser postados, à en-
omo um distico:

ndos luminosos num céu,
s pequena, alcança..."

Manuel Santiago

Prêmio de viagem 1927
Medalha de honra 1939

Separata especial para o Anuário Brasileiro de Literatura, do Livro — "Café Amarelinho"

Lauro França

Começa em Manáus, numa escola primária, a história bonita de um moço vitorioso.

Na claridade da manhã tropical, a professora canta a ladainha de uma tabuada, e o cantochão monótono enche a sala do volume de sons das vozes juvenis. Mas alguma coisa estranha, um silvo agudo, quebra a harmonia do conjunto. As vozes calam-se e um silêncio medroso paira no momento. E o silvo continua. É um apito estridente e irritante. Algumas risadas em surdina, e olhares espantados e brejeiros, e dedos em estalos, se agitam no ar.

— Menino. Pare com esse apito. Como é seu nome?

— Manuel Santiago, "fêssôra".

— Muito bem, seu Manuel, logo no primeiro dia de colégio e já fazendo das suas, não? Fique sabendo que não lhe ponho de castigo em atenção à sua irmã, que é a primeira da aula, ouviu? Mas não apite mais.

E essa pequenina cena colegial marcou um ponto de referência e um ponto de partida na história de Manuel Santiago. Foi o seu segundo gesto de egocentrismo e a sua segunda tentativa de se impor como fator impar e pessoal.

E no dissabor das horas amargas, quantas vezes não reviveu a história do apito, na lembrança da volúpia, com que alguns meninos sacudiam e estalavam o dedo, para indicá-lo à professora...

Quantas vezes, cenas idênticas, se reproduziram nos "Salons" e, tambem, nos julgamentos atisticos...

Quantas vezes, na leitura das criticas apressadas e levianas, não lhe retornou a memória o incidente infantil, lembrando algum detalhe esquecido... Quantas vezes...

*
* *

Em 1919 Manuel Santiago chega no Rio-de-Janeiro. Traz uma bagagem de quadros. Desenha e pinta, mas vem para a Faculdade de Direito, concluir o curso. A história trágica dos artistas que morrem de fome impressioná mal a familia, onde não existe nenhum caso de vocação artística. E o jovem assumiu o compromisso com o pai de se formar em Direito. Cumpre a palavra. Gradua-se em 1920. Nesse mesmo ano matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes, candidatando-se a um prêmio, apresentando um quadro a óleo, que é seu auto-retrato. Mas uma vez a cena do apito se reproduz na sua vida e mais uma vez se apresenta monopolizando para si o centro de todas as atenções. Não lhe cabe ocupar na vida um lugar comum. Tem a convicção de ser um homem superior e precisa timbrar a sua personalidade com gestos fortes, para ser notado e para ser admirado. Na Faculdade de Direito, ao concluir o curso, um curso normal, comum, sem quedas mas sem brilho, procurando marcar a sua passagem, distribue num dia de festa acadêmica, a sua biblioteca com alguns dos seus camaradas e com o seu irmão Clovis. Justifica-se perante si mesmo, ante tão estranho gesto, dizendo que aquelas preocupações lhe tinham roubado o

Manuel Santiago "Fonte Judith".

tempo para a sua grande vocação artistica. Mas será licito a um moço renunciar a todo o seu passado universitário, a todo o cabedal de ensinamentos e teorias, e a todos os livros de cultura, adquiridos no decorrer de cinco anos de estudos, pelo simples e futil pretesto de que aquelas preocupações o afastavam de uma vocação artistica? Será licito a um artista de raça, como era o seu caso, renunciar a uma parcela, mínima sequer, da cultura universal?

Não. Nem queremos fazer a injustiça de julgá-lo incapaz de possuir uma estante de livros e de, paralelamente com a concepção artistica, ir distraindo o espirito na leitura dos clássicos e na meditação dos mestres do Direito. Foi animado ainda, e tão somente, pelo mesmo sentido que o fez apitar na aula, que distribuiu seus livros e foi ainda assim, que apresentou seu auto-retrato para concurso, que ao seis anos fez um retrato do vôvô e que no ano de 1920 rompeu com Amoedo, por ter na sua casa se machucado com um pião que um garoto jogava.

Santiago iniciou-se na vida como um grande egoista, e o triunfo facil, e a glória que chegou cedo, tê-lo-iam, por certo, marcado como um dos maiores cabotinos da arte brasileira, não fosse o grande acontecimento de ter encontrado na Escola Nacional de Belas Artes a figura romântica e sensitiva da artista de escol e aristocrática de emoções, sua colega Haidéia, que mais tarde se transforma em senhora Santiago. Ela salvou-o. Salvou-o do seu demônio interior. No romantismo sadio de Haidéia, Santiago passa a sentir a humanidade e a sua arte atinge a esse tom raro de beleza, que hoje a caracteriza, onde se nota um grande conteudo humano e onde se sente um grande espírito religioso, de um misticismo, meigo, suave e doce.

Então começa a se recordar da paisagem Amazônica e das lendas que ouviu quando criança. E lá longe, dentro da distância do tempo, na noite calma, ouve a voz querida da Bábá, cansada e dolente, contando em surdina uma história triste... Mapinguary era um homem e era um bicho, era forte e era feio, mas tinha uma banda só; caminhava pulando; caminhava saltando e tinha força nos olhos, que nem Sucurijú; quando queria brincar, matava os animais e desfolhava as flores; quando queria comer frutas, derrubava as árvores e não tinha amigos; um dia viu, num Igarapé, uma Tapuia chorando, arrependida de ter morto a irmã querida numa luta; indignado com tanta dor e mágoa, Mapinguary carrega a jovem para o fundo das águas, e fê-la morrer afogada; mas o corpo boiou; veio o sol e dourou os cabelos que se espalhavam pelo lago, transformando-os em reflexos de luz; vendo-a assim, irisada de mil cores, Mapinguary teve ciumes do sol, e apaixonado e alucinado, começou a crescer como uma grande mancha negra, como uma grande sombra, para cobri-la do sol; mas o sol é de Tupã e Tupã flechou-o, partindo Mapinguary em dois; uma banda desapareceu no fundo da terra; a outra vagueia, procurando vingança, em todas as coisas...

As vozes continuam e Santiago sente que há em tudo um principio eterno de beleza, mas que não basta copiar um cenário, por mais belo que o seja, para que a beleza se reproduza na tela. Mister se faz uma harmonia. Mas harmonizá-la com que? Maneja as cores e os pincéis com perfeição, que lhe falta para se encontrar dentro da pintura? E torturado inicia o seu período de busca. A paisagem local é a primeira impressão visual que a criança recebe, e é pela visão que o artista começa a desenvolver suas qualidades pictoriais. Depois desse ato, todo o físico, começa a sentir a parte psiquica da arte. Sem saber bem copiar as coisas que o cercam, sem a emoção da paisagem natal, é impossivel a um artista sintetizar, compreender ou manifestar aquilo que tem de superior e de estético dentro de si mesmo. Ouve as vozes interiores, que se achavam perdidas no tempo e que lhe chegam da infância, e as lendas Amazônicas passam a bailar nos seus ouvidos, e dentro dos seus olhos vai se formando uma harmonia de cores, de linhas, de formas e de essência.

*
* *

Na manhã do mundo, a luta tinha hábitos secretos de vicios divinos, e procurava as virgens de sua predileção para grandes noites de amor; Naiá, princesa da tribu, ansiava pela ventura de ser eleita para o lesbico prazer da deusa tribade.

As estrelas que brilham no céu, são corpos translucidos das virgens que beberam os beijos da lua e que sentiram o calor da embriaguez de uma noite de amor deífico.

O sangue transformava-se em gotas de luar e a carne palpitante se tornava fria e transparente, e os corpos leves subiam, subiam, subiam e ficavam deitados na rede das

nuvens, à espera de novas noites, na ânsia de novos beijos e na angústia de novos amores; Naiá tinha desejos de ser estrela; Naiá queria sair da terra para viver nas nuvens; Naiá queria ser amante da lua, a deusa branca e fria, mas que desvendaria todos os mistérios do seu corpo de virgem, com beijos quentes; que sorveria toda a sua ânsia de amor e ainda com beijos sentiria o êxtase supremo, quando todas as coisas se diluem numa semi-obscuridade e quando todas as formas ficam imprecisas e depois, no grande aniquilamento, no torpor estático, sentiria docemente, suavemente a transmutação desejada; não seria mais Naiá, seria uma estrela; a estrela guia de sua tribu e a mais terna e a mais querida amante da lua; E todas as noites Naiá vai para as margens do lago, esperar o convite desejado.

E quando rompe a madrugada, Naiá chora mais uma noite perdida a esperar em vão; Uma noite, já cansada de não dormir, o lago banhado de luar fica tranquilo e quieto, e Naiá vê sua própria imagem desfigurada pelas noites não dormidas. Não se reconhece. Contempla as formas esbeltas de curvas graciosas e esguias, vê pontos roseos em seios duros e mimosos e buços delicados e sedosos e sente uma atração estranha, uma sensação sutil, uma comoção exquisita e todo o seu corpo estremece, e sua natureza grita, e sua seiva se agita num imperativo único — A lua!... Amor!... A grande noite!...

E as águas tranquilas do lago iluminado, estremeceram ao baque surdo do corpo de Naiá.

E se fecharam numa avidez avara.

Naiá, princesa da tribu não foi amante da lua, não foi estrela do céu.

Mas Tupã, que é bondoso, para recompensá-la de tanta ânsia de amor, porque Tupã sempre perdoa os que amam, fê-la estrela das águas.

E a noite, quando há luar, Naiá bóia na superfície tranquila do lago de águas paradas, e enche a floresta de perfumes; e quando a lua aparece Naiá fica nua dando seu corpo aos beijos da luz da deusa desdenhosa.

E assim nasceu a Vitória-Régia...

*

* *

Há um velho conceito histórico que pretende afirmar ter a Pintura surgido depois da Escultura, como filha dileta. Não existem fatos, a prova provada, mas há razões para tal afirmativa. Para modelar basta ver e examinar o corpo a ser modelado em todos os aspectos que se possa apresentar, mas para pintar é necessário ter educado a vista, para saber ver em perspectiva, ou melhor, dar a uma superficie plana, com cores e linhas, o sentido exato da terceira dimensão.

É bem verdade que tempos houve em que a Escultura e a Pintura se confundiam na coloração dos baixos relevos, forma que, abolida, pôde deixar uma superficie de cor limitada por um contorno, como de fato foi a primitiva pintura, tendo a característica forte das colorações, e não a dos coloridos, na pictórica acepção do termo. Foi assim a pintura dos egípcios, onde se pode sentir mais objetos a reproduzir e firmar ações de determinada natureza, do que, propriamente, um sentido de beleza, que satisfaça e que comova.

A beleza só sentiram-na os gregos através da filosofia e da poesia, estudando constantemente a natureza dos deuses e cantando permanentemente o carater dos heróis, para alcançar a verdadeira expressão artistica na pintura, como já haviam-na alcançado na escultura.

Não é o bastante possuir conhecimentos técnicos e ser consagrado por princípios acadêmicos, para ser um artista. Como a escultura, a pintura tambem teve um estilo primitivo, antes de atingir a época das "Escolas". Na vida humana todos os fenômenos cósmicos, históricos, sociais e artisticos se reproduzem, num perfeito encadeamento, dentro de um limite do tempo e do espaço.

Na vida de um pintor, a história da pintura se reproduz, com toda a sua sucessão de "Escolas", até que o artista atinja o sentido exato da beleza, no estudo e na meditação do ambiente natal, dos seus deuses e dos seus heróis.

É o sentido grego da perfeição artística.

É o único conceito exato de beleza, porque não se origina de concepção de falsas interpretações.

Quando Roma monopolizou a civilização do mundo conhecido, surgiu na pintura o estilo de imitação. Não tinham os romanos a profundidade cultural dos gregos. Não lhes foi possivel manter e alimentar uma arte.

Sobreveio a decadência. Quando um pintor não possue o subsidio cultural necessário para se encontrar dentro da pintura, inicia uma série estranha de perversidade. E na ânsia da busca, concebe os maiores monstros, as mais odiosas mutilações e deformações as mais

(Conclue no fim do ANUARIO)

Eunice e as flores amarelas

Murilo Rubião

("E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e viu uma estrela que do céu caiu na terra; e lhe foi dada a chave do abisto". — Apocalipse — 9,1).

Ela veio devagarzinho e, sem que eu tivesse tempo de pressenti-la, tomou conta da minha alma. Como todas essas melancolias que entram, à traição, pela gente a dentro, e nos corrói aos poucos, não fez com que eu blasfemasse ou tivesse vontade de matar o primeiro ser humano (ou não) que encontrasse pela frente. Deu-me apenas um leve desejo de arrasar todo o universo, utilizando-me de um número infinito de pequeníssimas dinamites.

Refletindo um instante, isto é, não chegando a refetir nessa possibilidade, fui para a minha casa.

Tinha uma grande esperança que a calma do meu quarto, o meu velho pijama de listas vermelhas e brancas, afugentassem a minha tristeza. Mas tudo foi em vão. Durante todo o tempo os meus olhos oscilaram entre as letras de um livro, que tirara a esmo na estante, e o retrado de Eunice, pregado mesmo em cima da cabeceira de minha cama.

Era um retrato a óleo, um pouco antigo, tendo como fundo uma estante de livros, onde Eunice, sentada em uma cadeira colonial, folheava um algum de gravuras. O seu rosto, ligeiramento melancólico, perdera pela minha arte aquela expressão sensual e algo maligna que tanto me atormentara em tempos passados.

Sem que eu percebesse a transição, pouco a pouco, letras e imagens se confundiram na minha mente. Não sabia mais se estava contemplando o retrato de Eunice no livro que estava lendo, ou se estava vendo gravuras no album que ela segurava nas mãos.

E o peor, é que a melancolia continuava a me atormentar cada vez mais.

Disposto a dar fim a tudo aquilo, fechei o livro e me estendí na cama à espera do sono.

Inutil tarefa! Levei uma hora mudando de posição, cansando os músculos, fatigando o cérebro, numa busca estafante de pensamentos menos intranquilos. A final, deitando-me com a cabeça para os pés da cama e repetindo insistentemente — "é preciso acabar com esta tristeza" — cerrei os cílios e dormí.

Dormí, mas não por muito tempo, ou melhor, não cheguei a dormir, porque sentía ainda a melancolia verrumando a minha alma e via, através das palpebras descidas, o retrato de Eunice. Não. Já não era o retrato. Era a própria Eunice. De seus olhos desaparecera aquele ar tristonho que os meus pincéis transportaram, um dia, da minha alma para o seu rosto. Estava na minha frente, os lábios descerrados num sorriso sardônico, ostentando para mim as suas formas sensuais e lascivas.

Os dedos crispados, vibrando de ódio e desejo, caminhei para ela. Porem quanto mais avançava mais ela se distanciava de minhas mãos e mais aumentava nos seus lábios o sorriso sardônico.

Não pôde me conter por mais tempo. Procurei na adega algumas garrafas de vinho e pus-me a beber alucinadamente. E bebí tanto, que grossas lágrimas de sangue desceram pelo meu rosto abaixo, indo pingar, uma a uma nos seus dedos. Procurando fugir, com eles, das vermelhas gotas, me veio, sem que pudesse explicar uma vontade irreprimivel de escrever à máquina.

Mal eu sentara para escrever, já os meus dedos voavam sobre as teclas como se algum possante motor lhes estivesse impulsionando. Corriam sobre elas com uma velocidade superior ao meu pensamento.

Quando tirei a primeira tira de papel da máquina, o vento, que entrava por todas as janelas, carregou-a para a rua. Ansioso por alcançá-la, quis correr, mas não me foi possivel. Ante os meus olhos se desenrolara uma coisa espantosa: as mesmas janelas que eu divisava na minha frente, as via no fundo da casa que, por sinal, aumentava absurdamente. Debaixo destas últimas, estava uma rua absolutamente igual à que sempre existiu na frente de minha casa.

Fiquei ainda mais aturdido quando descobri que eu já não era um, mas dois: onde ficavam as minhas costas estava superposto um ser perfeitamente idêntico a mim e que enxergava os mesmos objetos que eu estava vendo (Que eu estava vendo? Como eu poderia afirmar se era eu ou o "outro" que estava enxergando as coisas que eu pensava ver?!)

Em outras circunstâncias, que não aquelas, tenho certeza que não teria dado um passo e ficado inerte, esperando o final dos acontecimentos. Mas eu precisava agarrar aquele papel de qualquer modo, pois se alguem o encontrasse a humanidade estava irremediavelmente perdida. Por isso, esquecendo uma das minhas faces, ganhei a rua pela primeira porta que encontrei e saí numa corrida desabalada atrás do papel. Contudo ele estava há muitos metros adiante de mim e por mais que eu corresse não conseguia aproximar-me dele.

Extenuado, respirando, quase que ruidosamente, parei por alguns minutos, desanimado de continuar na perseguição. Não me demorei muito no arrependimento, que por um segundo me atacou, de não ter praticado os esportes da minha mocidade. Não. Logo abençoei a preguiça que me levou a cultivar a inteligência, invés dos músculos. Ela me possibilitava a minha transformação numa veloz bicicleta "Bhianchi", (marca, aliás, bastante reputada).

Tudo teria saido de acordo com os meus cál-

culos, se em meio ao caminho, não me tivesse espantado com o absurdo do que estava acontecendo. Um veículo não podia de forma alguma andar sozinho e, principalmente, subir uma ladeira. Esse raciocínio me fez voltar atrás na minha decisão e tornar à forma anterior, isto é, a ser novamente um homem. Em seguida peguei a bicicleta, virei-a de guidon para baixo e, com os dedos, fiquei a girar uma das suas rodas.

Momentos depois, sentí que era ainda um absurdo maior o que eu estava fazendo. Se eu tornara ao meu estado primitivo não existia mais nenhuma bicicleta. Porem, com espanto não menor, verifiquei que estava era rodando o dedo no ouvido. Coisa que era de muito boa educação. Sobretudo àquela hora, em plena Avenida. Meio constrangido por esse último fato, sem saber o que fazer com o dedo, virei-me para uma pequena que passava a meu lado e gritei: salve ela!

Grande foi a minha surpresa quando, em vez de uma só resposta, me veio um "salve" saído, simultaneamente, de milhares de bocas. Um tanto, envergonhado por ter chamado tamanha atenção sobre a minha pessoa, metí as mãos nos bolsos e comecei andar de um lado para outro. Um pouco nervoso, devo acrescentar. Mas triste do que nervoso.

Mas, ai! Antes nunca tivesse colocado as mãos nos bolsos! Não teria ocasionado para o mundo e para mim tantas tragédias! À medida que eu caminhava, indo e vindo, mais a minha tristeza aumentava. Quando resolví a parar, a fim de tomar alma era um bouquet de flores amarelas, iguais àquela que tanto incomodou o meu dileto amigo Braz Cubas.

No entanto, a minha presença de espírito, que sempre foi superior a do meu querido Braz, levou-me a arrancar da alma as malditas flores e jogar aos homens as suas pétalas.

Ao mesmo tempo que iam caindo, iam-se multiplicando. E de tal maneira se multiplicaram que nada mais via a meu derredor do que caras amarguradas. E todas me olhando como se fosse eu o inventor de tais flores.

Isso fez com que eu não tolerasse o ambiente (sempre fui inimigo fidagal das melancolias e das acusações improcedentes) e tomasse um bonde, onde o motorneiro, bigodes longos e pontas indicando o céu, chorava inexplicavelmente.

Ao chegar à Serra, tive um grande alívio. Um bem estar indizivel passou por todo o meu corpo. Contemplei, lá embaixo, a cidade cheia de minúsculos focos de luz, a tremer como se fosse lágrimas. E sentí mesmo — porque não confessar — uma grande alegria ao pensar que sob aquelas luzinhas milhares de seres humanos estavam sofrendo. (Que diabo! Então só eu posso sofrer nesta terra?! Se quiserem, sigam o meu exemplo: tomem uma bebedeira e mandem a tristeza aos Quintos!)

Na Serra não esperei muito. Logo com o aparecimento da madrugada, a estrela Dalva surgiu e nos pusemos a conversar. Contei-lhe tudo e ela se dispunha a consolar-me quando os homens, vindos em bandos, da cidade, rodearam-me e, dando as mãos uns aos outros, romperam numa sinfonia infernal de gargalhadas e risos.

A princípio, meio atordoado com o que se passava, limitei-me a ouvir, de braços cruzados, aquela inesperada orquestra. Todavia, não tardou muito a minha reação.

Os meus nervos já estavam demasiado tensos com aquele crescendo diabólico de casquinhas ironicas, quando notei entre os que me cercavam, o rosto impiedoso de Eunice. Vendo-a o meu desespero chegou ao auge.

Tive vontade de lhe atirar no rosto as injúrias mais pesadas que me viessem à boca. Era demais. Outros poderiam rir impunes de mim, menos ela, que era justamente a causa de toda a minha amargura.

Ia articular o primeiro insulto, quando Eunice deixou-se levar por um gigante, mixto de gorila e homem. Foram descendo lentamente a Serra. Ela, seios desnudos, a fisionomia toda contraida pelo riso e ele sério, extremamente sério.

Atrás deles, numa longa e sinuosa fila, seguiram os outros homens. Iam de cabeças baixas, os rostos cansados, os olhos sem brilho, os passos incertos.

Novamente o silêncio se fez. Os lírios que tinham vergado, dolorosamente, as suas hastes, ante a estranha sinfonia (música) que acabavam de ouvir, voltaram às suas primitivas posições.

Esperei que a calma me tornasse e, quando não mais perturbava o eco das gargalhadas, retidas pelas montanhas que se estendiam à minha frente, voltei-me para a estrela e lhe falei, bastante emocionado:

— Aquela mulher é a única culpada da minha tragédia. Antes de conhecê-la vivia tranquilo, no meu humilde atelier, sem ambições ou desejos irrealizaveis. Pintava animais e flores e nunca, por um momento sequer, me torturara em levar para as minhas telas almas de seres humanos (porque os animais e as flores tambem as teem e muito mais puras do que as nossas).

— Mas um dia Eunice penetrou no meu estúdio e de lá não saiu enquanto eu não a transportei para um quarto. Foi um trabalho doloroso e cansativo, de meses, em que usei mais o espírito do que os pincéis, procurando dar alma a uma mulher que só possuia carnes.

— "Ao acabar minha obra, do meu ser antigo restavam somente músculos crispados e pensamentos dolorosamente melancólicas. O meu próprio espírito eu deixara naquela maldita tela.

"Você conhece, minha bondosa estrela, angústia maior do que a de passar os dias procurando para um corpo que permaneceu o mesmo, uma alma que lhe foi roubada por alguem que tinha em mira apenas transformá-la em um instrumento diabólico.

"Se não fosse Eunice talvez eu nunca chegasse a caminhar de mãos nos bolsos, talvez não me entristecesse tanto nem fizesse sofrer os que se aproximam de mim.

"Sei que você é a minha amiga. Por isso lhe peço que faça desaparecer dos meus lábios o gosto da carne dessa mulher.

"Não me deixe sofrer mais. Se não pode acabar com a minha tristeza tire a vida à Eunice".

Falei ainda por longo tempo, nem que ela dissesse nada (o mutismo foi sempre o seu peor defeito).

(Conclue no fim do ANUARIO)

O romance brasileiro foi despertado de sua quietude habitual pela violência de uma estréia ruidosa.

Tetrá de Teffé surgiu com o seu "BATÍ A PORTA DA VIDA" apenas com as credenciais de inteligência que já lhe tinham dado um lugar bem definido em nossa sociedade. Mas, todos nós sabemos como isto é pouco quando se tem de enfrentar o gosto do público e as exigências da critica, num genero tão dificil, e que requer tanta experiência.

A princípio, apenas a curiosidade social. Logo, porem, toma-se conhecimento de que "BATÍ A PORTA DA VIDA" é alguma coisa mais do que um bom romance. Cresce a figura da romancista no conceito da crítica, representada em número e qualidade como há muito não se conseguia reunir com tanto brilhantismo. E as edições se sucedem em rítmo acelerado. O público verificou que Tetrá de Teffé não tinha feito um desses livros cacetes, gerados apenas para explorar fundos falsos e dar expansão a melindres e recalques. Gostou, porque "BATÍ A PORTA DA VIDA" é, de fato, um romance cheio de vida, dessa vida que tem coisas boas e más para serem fixadas com realismo, porem isento das extravagâncias que perdem os perseguidores do êxito facil e fugaz.

Eis o que conseguiu a escritora que realizou a mais brilhante "performance" literária dos últimos tempos.

O LIVRO E A PUBLICIDADE

Coube ao "... E o vento levou" a honra de iniciar no Brasil uma fase de renovação completa nos processos de vender livros. Pela primeira vez usou-se uma montra especialmente decorada para um livro.

A renovação que se vem observando nos processos usados pelos nossos editores para o lançamento das suas obras de maior importância, demonstra um indiscutível progresso na arte de vender livros.

Vitrines especialmente decoradas, cartazes sugestivos colados pelas cidades a fora, e uma publicidade jornalística bem orientada, conquistaram numeroso público cuja entrada nas livrarias parecia vedada pela rotina de um comércio adormecido.

Abrindo a série dos grandes lançamentos, os Irmãos Pongetti apresentaram o seu já famoso "... E O VENTO LEVOU", surpreendendo a cidade pelo imprevisto de um cartaz admiravelmente bem desenhado, no qual lembravam a muita gente a necessidade de ler um grande romance. E é evidente que esse público esperava apenas ser lembrado, pois acorreu pressuroso para prestigiar a iniciativa. Daí para a frente, a estrada estava aberta e os efeitos comprovados. E a moda pegou...

Outro livro bem lançado foi, sem dúvida, **"Rebecca"**. Com esse romance, a Cia. Editora Nacional conseguiu um sucesso magnífico e se colocou entre os que souberam utilizar processos novos e adequados. A campanha radiofônica desencadeada em todas as emissoras do Brasil e a oportunidade de seu aparecimento, contribuiram para os excelentes resultados atingidos.

"ANTÔNIO ADVERSE", de Hervey Allen, foi mais uma grande sucesso das edições Pongetti a agitar o nosso público. E' curioso observar

A vitrine de "A Imagem de Bronze", o belo romance histórico de Nagayo, constituiu um grande atrativo pela delicadeza de sua concepção.

DADE

a iniciativa. Daí para
ava aberta e os efeitos
a pegou...

çado foi, sem dúvida.
omance, a Cia. Editora
sucesso magnifico e se
souberam utilizar pro-
os. A campanha radio-
todas as emissoras do
e de seu aparecimento,
celentes resultados atir-

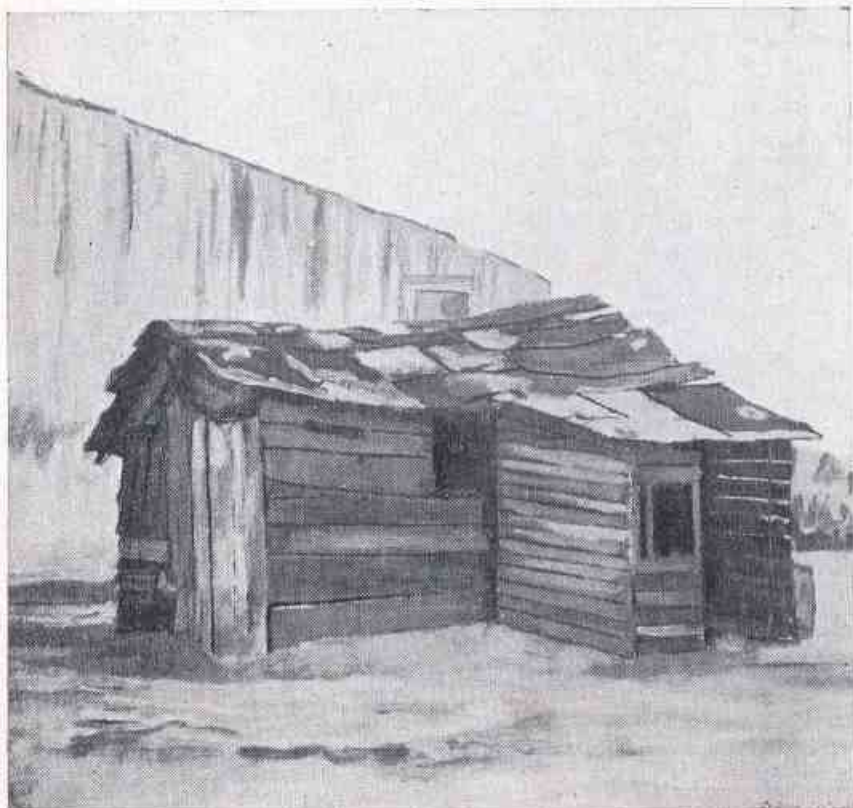
E", de Hervey Allen, foi
so das edições Pongetti
co. E' curioso observar

em de Bronze", o belo
Nagayo, constituiu um
delicadeza de sua con-
ção.

Grupo feito por ocasião do lançamento de "A Imagem de Bronze" na Livraria Civilização. Nesse dia, a tradutora da obra, sra. Zenaide Andréa, foi alvo de significativa homenagem por parte dos editores. Compareceram as figuras mais destacadas do nosso meio intelectual.

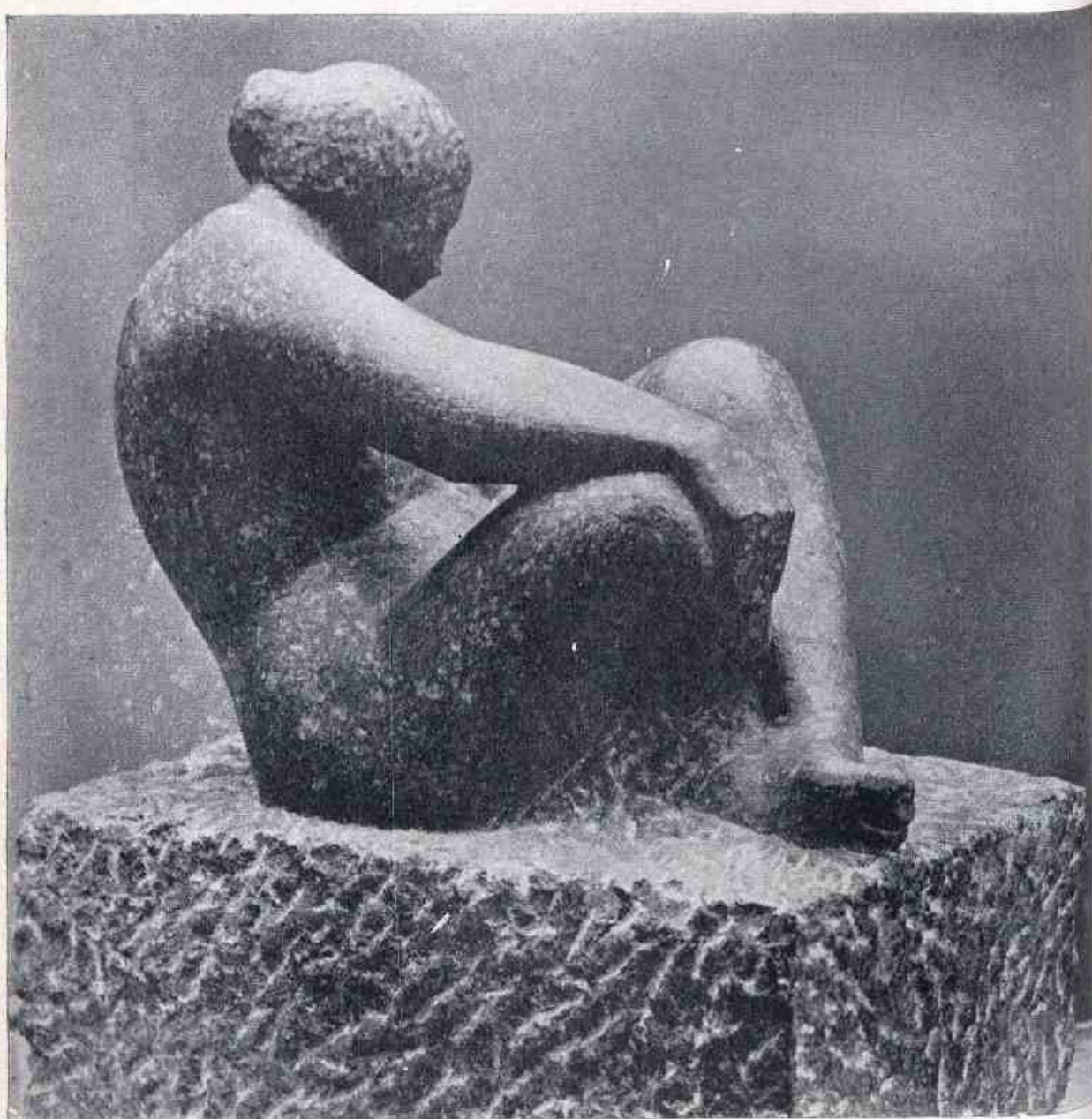
que no caso desse romance, o maior beneficiado foi o cinema, pois embora já exibido há quatro anos, esse filme alcançou em "reprise" uma receita fabulosa. Para isso, muito contribuiram o belíssimo cartaz de propaganda dos editores e a vitrine originalíssima armada na Livraria Civilização. Deve-se tambem levar em conta que o livro agradou extraordinariamente e constituiu o presente da moda no Natal de 1940.

Como se vê, o comércio de livros em nossa terra está seguindo rumos novos e tende a se tornar o que já deveria ser há muito tempo. Entretanto, não se deve culpar o público por se ter por tanto tempo esquecido das livrarias. Cabia a elas o se fazerem lembradas, e isso atualmente já se faz com bastante desembaraço. Nossos livreiros procuram atrair os clientes oferecendo-lhes sua mercadoria sabiamente selecionada e bem disposta. Estabelecimentos bem montados, auxiliares competentes e bem educados aí estão por todos os lados para servirem com elegância e presteza seus clientes. Se editores e livreiros acertaram com o caminho que lhes trará prosperidade ,devemos felicitar o Brasil, pois o comércio de livros é o mais exato índice da nossa cultura e da nossa civilização.

As gravuras que estampamos fixam aspectos da inauguração de vitrines. Na primeira, vemos a que foi armada na Livraria Civilização para o "... E O VENTO LEVOU", delicada composição de Martin Brock. A segunda, se refere ao "A IMAGEM DE BRONZE", de Nagayo. E por ultimo, uma fotografia tomada quando se homenageava a tradutora dessa obra, senhora Zenaide Andréa. Aliás esse lançamento foi espetacular, pois uma chuva de fotografos impediu o trânsito da rua do Ouvidor em pleno meio-dia. Não se sabe se essa manobra audaciosa se prendia a qualquer plano de publicidade... mas, de qualquer modo, a idéia é bem aproveitavel e causou bastante admiração.

"Barraco", oleo de D. Ismailovich.
(da coleção de D'Almeida Vitor).

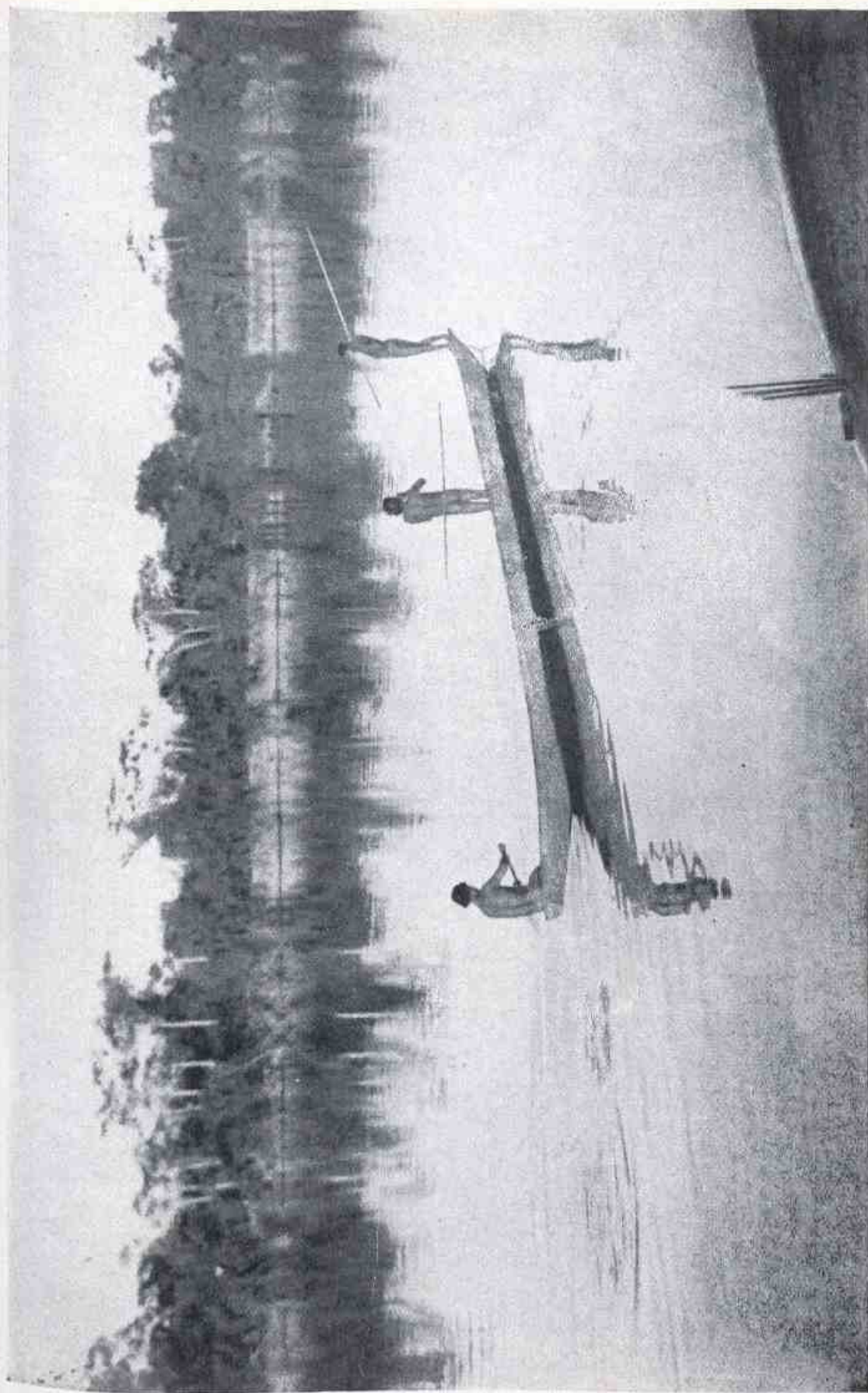
"Músicos", oleo de Jorge de Lima.
(da coleção da Sra. Karla Konder).

"Barraco", oleo de D. Ismailovich.
(da coleção de D'Almeida Vitor).

"Natureza Morta", oleo de Maria Margarida.

RESIDE NO BRASIL O MAIOR ESCULTOR POLONÊS

Há cerca de um ano está residindo no Brasil o Conde Zarnoyski, que as contingências da tumultuosa situação do velho mundo forçaram a procurar, como tantos outros, melhor ambiente nas livres e agasalhadoras terras americanas.

Zarnoyski, que viveu muitos anos em Paris, é autor do grande monumento da Independencia da Polônia, e de varios outros trabalhos importantes, espalhados pelos museus e praças dos paises europeus.

O grande escultor polonês é um especialista do granito e a gravura que aqui reproduzimos, "Mulher sentada", talhada em granito negro e adquirida pela cidade de Marselha, em França, da bem uma idéia da genialidade do artista que ora nos visita.

Filhos fortes e robustos!

Maltina

Esta cerveja é util ás mães no periodo da amamentação, por ser rica em Malte e substancias nutritivas.

CIA HANSEATICA RIO

BÉATRIX REYNAL quando publicou seu primeiro livro de poemas em Paris (Grasset) foi uma verdadeira revelação: As mais eminentes autoridades literárias da França saudaram nela o aparecimento de um dos maiores poetas contemporâneos, continuador da linhagem dos Baudelaire e dos Verlaine. Colette, a notavel e mundialmente conhecida romancista, realizando o fáto mais excepcional de sua acidentada carreira nas letras, acolhe Béatrix Reynal com entusiasmo, e de saída empresta-lhe o prestígio do seu nome anunciando "Tendresses mortes" com esta frase lapidar: **"Tendresses mortes" n'est que tendresse et douceur, un vrai livre de femme".**

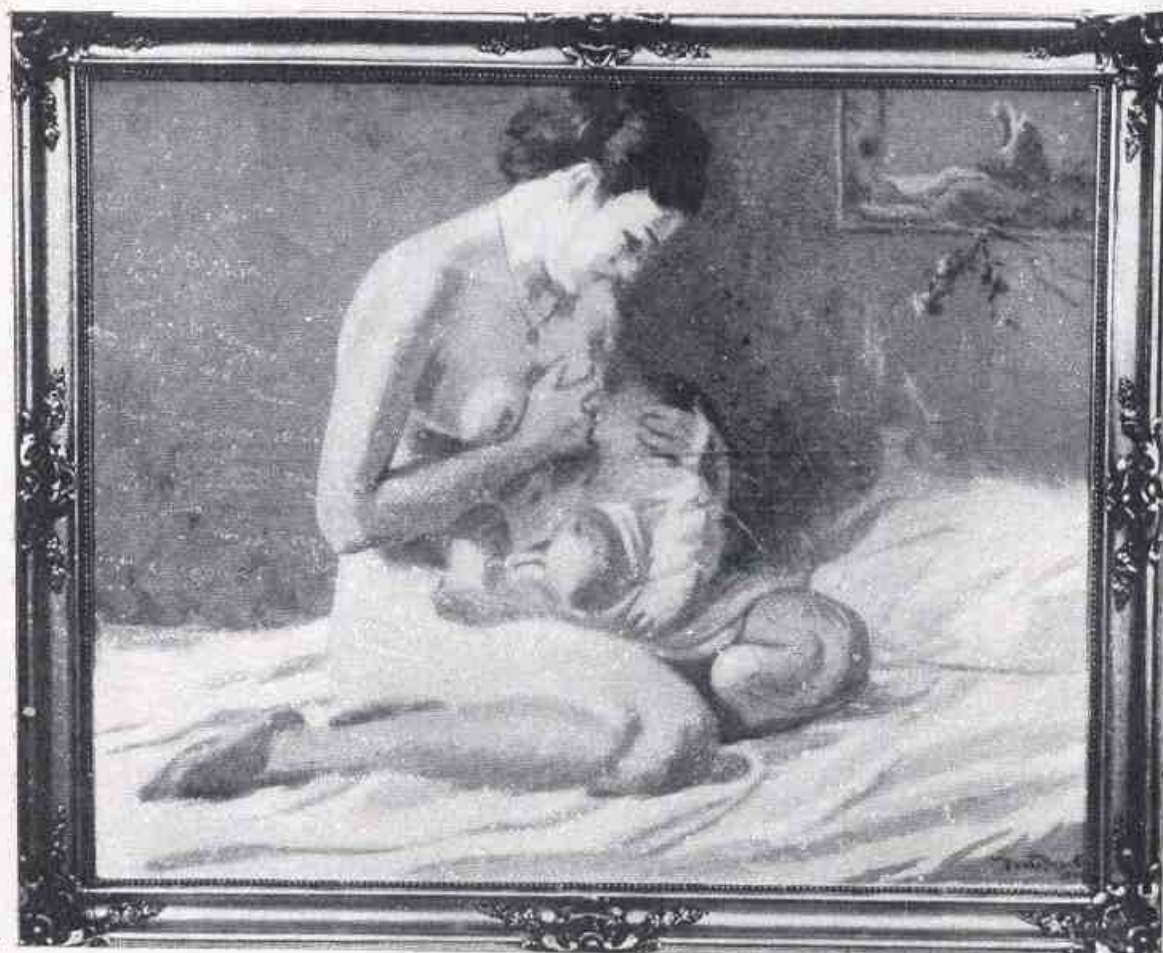
Da gloria de Béatrix Reynal o Brasil tambem se orgulha, porque ela é um pouco nossa, pois embora a sua origem francesa e o seu nascimento em Montevideu, é aqui entre nós que se radicou há anos e é aqui entre nossa gente e nosso ambiente que a sua poesia nasceu.

Aqui, onde o seu nome já é de todos conhecido e admirado, porque não é de hoje que os nossos jornais o têm divulgado, o livro de Béatrix Reynal encontrou a mais acalorada recepção. Todos os nossos meios literários, independente de suas tendências, a aclamaram.

O momento angustioso que o mundo atravessa e particularmente a França, obrigou Béatrix Reynal a publicar o seu segundo livro — "Au fond du coeur" no Rio, editado por Irmãos Pongetti.

"Au fond du coeur" traz um prefácio luminoso de um dos mais notaveis membros do Instituto de França, do mais agudo crítico literário francês, do professor de Letras na Sorbonne — Fortunat Strowski.

Tambem não houve homem de letras do Brasil que se não manifestasse de uma maneira sinceramente comovida e entusiasmada sobre os versos maravilhosos de "Au fond du Coeur".

Este livro da ilustre poetisa Béatrix Reynal marcou o acontecimento de maior repercussão no Brasil nestes ultimos tempos.

MATERNIDADE

A Sociedade Brasileira de Belas Artes realizou um interessante concurso entre os nossos pintores sob o **Tema da Maternidade**, em torno do qual deveriam os artistas concorrentes compor os seus trabalhos.

O certame, que despertou o maior interesse, foi patrocinado pelos diretores da Maternidade Arnaldo de Morais, tendo concorrido, entre vários outros, o pintor Pedro Bruno, que foi classificado em 1.º lugar, com o prêmio de 2:500$000. A exposição realizou-se no salão de exposições da A. C. M. e atraiu grande massa de visitantes.

A

spertou o maior inte-
o pelos diretores da
de Morais, tendo con-
outros, o pintor Pedro
sificado em 1.º lugar,

MARQUES REBELO

UMA BIBLIOTECA SELECIONADA

COM AS MELHORES PRODUÇÕES LITERARIAS DO MUNDO!

Eis, finalmente, em lingua portuguesa, a coleção que faltava ao mercado livreiro do pais. Uma biblioteca de obras-primas universais em apresentação aprimorada, rigorosamente escolhidas por um notavel escritor, traduções perfeitas e preço módico. As edições Pongetti apresentam em todo o Brasil e Portugal a brilhante série.

As 100 Obras-Primas da Literatura Universal

sob a direção de MARQUES REBELO, iniciativa que mereceu a mais ampla acolhida do público e os aplausos unânimes da imprensa brasileira.

VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

1 — **OS TRABALHADORES DO MAR** de **Victor Hugo** na famosa tradução de MACHADO DE ASSIS. .... 12$
2 — **HISTÓRIA DE UMA CONCIÊNCIA** de **Romain Rolland.** .... 10$
3 — **THAIS** de **Anatole France.** .... 8$
4 — **CRIME E CASTIGO** de **Dostoiewsky.** . 15$
5 — **HISTÓRIA CÔMICA** de **Anatole France.** .... 8$
6 — **AS DESENCANTADAS** de **Pierre Loti.** 10$
7 — **A REVOLTA DOS ANJOS** de **Anatole France.** .... 10$
8 — **OCASO DE UM CORAÇÃO** de **Stefan Zweig.** .... 7$

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E PORTUGAL

Pedidos pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL da

LIVRARIA PONGETTI

OUVIDOR, 145 — RIO DE JANEIRO

NA EXPOSIÇÃO DO LIVRO BRASILEIRO EM PORTUGAL. Um aspecto tomado no recinto do certame, notando-se entre outras pessoas o dr. Osvaldo Orico e o embaixador Araujo Jorge.

O acadêmico Osvaldo Orico entregando ao Presidente Vargas um exemplar ricamente encadernado da edição de "OS PRIMITIVOS PORTUGUESES".

Um Grande Livro de 1941

"A COMÉDIA LITERÁRIA" - 280 pag. - Alba Editora, Lavradio, 60 - Rio.

Condensamos abaixo — através de algumas opiniões — a forma por que à critica está recebendo o livro "A Comédia Literária" do nosso colaborador Osório Borba, aparecido em Abril deste ano:

"O sr. Osorio Borba é o sucessor legitimo de Antonio Torres. Numa terra dominada pelo "vicio de elogiar" e pelos "panfletarios a favor" estas expressões do proprio autor de "A Comédia Literária" — o sr. Osório Borba desdobra e realiza uma linha de combatividade, de intransigência, de inconformismo. Ninguem com mais coragem vem defendendo os valores verdadeiros contra os valores falsificados; a literatura real contra a sub-literatura das tertúlias e dos grêmios. Creio que temos todos, por isso, o dever de prestigiar esta obra em que o sr. Osorio Borba enfrenta todos os riscos e sofre todos os prejuizos sem outros fins que não sejam a verdade da literatura e a fidelidade aos seus sentimentos e às suas idéias" — *ALVARO LINS* ("Corrêio da Manhã", Rio)

*

"... Poderia ter-lhe saido assim, obra desconexa, uma mistura de ingredientes incompativeis, de dificil digestão. Mas ai entrou tambem a forte personalidade do autor, que soube ser sempre o mesmo, com unidade de pensamento e de estilo através das variações sobre os mais diversos temas. E de tudo resultou um livro ao mesmo tempo substancioso e leve, que fere epidermes ou aprofunda golpes sem perder o senso do humor, embora aquí e alí com excesso de sal ou pimenta. — *RUBENS DO AMARAL* ("Folha da Manhã", S. Paulo)

*

"... O volume de crônicas do sr. Osório Borba, no caos atraente de tantos temas interessantes e contraditorios, está cheio de idéias, opiniões, críticas, anotações psicológicas e estudos literários que dariam matéria para outro volume aplaudindo ou contradizendo o seu autor. A facilidade com que escreve o sr. Osorio Borba, o luxo de liberdade com que expõe seu pensamento, a agudeza de certas observações prendem-nos às sua crônicas terrivelmente vivas. Certos quadros seus parecem recortados da paisagem social brasileira" — *JAIME DE BARROS* ("Diario da Noite" Rio.)

*

"... Com ardor combativo, bem humorado, sem receio de desagradar figurões, o sr. Osorio Borba não hesita em atacar de rijo certos pontifices literários, fazendo assim um trabalho louvavel e um corajoso serviço de policiamento e profilaxia das letras nacionais. A sua critica negativa tem assim um lado produtivo e util. — *SOUZA FILHO* ("A Gazeta", S. Paulo).

*

"... E' realmente possivel falar em estilo ao falar do nosso colaborador. Não são muitas as vezes em que a lingua portuguesa escrita no Brasil se torna assim tão correta e tão fiel ao nosso modo de falar, de conversar. Participe ou não de suas simpatias e antipatias literárias, o leitor não pode deixar de seguir a sabedoria conciente e ao mesmo tempo espontânea com que sua frase sobe, desce, torna-se acariciadora, torna-se terrivel, estrangula um escritor, liberta-o, torna a cercá-lo, ri-se dele, ri-se para ele, ri-se com ele. Com a certeza de não estar elogiando demais o sr. Osorio Borba, pode-se dizer que ele pertence à raça de Paul Louis Courier e, no Brasil, dos nossos dois ou tres grandes escritores que fizeram sátira, a começar em Gregorio de Matos (mas sátira de verdade, não a repetição jornalistica, transformada em vicio, dos mesmos epigramas sobre as mesmas figuras, enquanto estas figuras não estavam nas proximidades do poder...") — (Da seção de crítica do JORNAL DO COMERCIO, RIO.)

*

"... Alem disso ha a graça peculiar, a malicia, a permanente tendência para o sarcasmo que se combina, aliás, admiravelmente com a gravidade. Estes são os traços distintivos do feitio pessoal do autor, cuja flexibilidade de espírito se ajusta facilmente a todos os assuntos e descobre em cada um deles pelo menos uma nota de originalidade e de autêntico interesse. — *BARRETO LEITE FILHO* ("Diario de Noticias", Rio).

*

"... Nesta hora em todo o país, o sr. Osorio Borba é o unico escritor que continua uma tradição na imprensa nacional, preenchendo o lugar em outros tempos ocupado por um ou muitos panfletários que diuturnamente distribuiam por milhares de leitores um pouco de mordacidade corrosiva e de estímulo à critica individual. O sr. Borba está no exercício de funções que sociedade nenhuma dispensa no mundo, salvo quando o ferro e o fogo impossibilitam todas as veleidades de usar, mesmo com enormes restrições, as três grandes faculdades do espírito: pensar, criticar, escolher." — *ALCEU MARINHO REGO* ("Diretrizes", Rio).

*

"Há neste livro um pouco de cada coisa, principalmente de impressionismo e de ensaio. Mas de uma coisa há muito: de crítica. O sr. Osorio Borba, observador penetrante, não raro mordaz, nada tem de expositor, tudo tem de analista.

... Um prosador incisivo e viril, que se impõe pela agudesa, correção de linguagem e alto poder de observação." — *NUTO SANTANNA* ("Correio Paulistano")

*

"Utilizando com felicidade a ironia, o sr. Osório Borba faz, em seu livro, uma crítica geralmente candente, senão cáustica, de costumes e figuras literárias brasileiras. Ele tem um feitio próprio e sua mordacidade é, sem a menor dúvida notável, sem prejuizo, todavia, da acuidade com que aborda os temas escolhidos para suas crônicas. — *LEMOS BRITO*. ("Vanguarda", Rio.)

ESTADO DE MINAS GERAIS

CONTAS DO EXERCICIO ECONÔMICO E FINANCEIRO DE 1940

Senhor Governador:

Venho submeter à apreciação de vossa excelência o balanço do exercício financeiro de 1940, acompanhado de quadros demonstrativos, que contéem, em seus pormenores, o movimento dos negócios do Estado no mesmo exercício.

BALANÇO FINANCEIRO

Damos abaixo, fazendo, a respeito, algumas considerações, o movimento orçamentário do exercício e seu respectivo resultado.

RECEITA

Em 1940, a receita do Estado de Minas alcançou a sua maior cifra — 326.365:875$600 — acusando um aumento de cerca de 179.000 contos em comparação com a do exercício de 1934, o primeiro da administração de vossa excelência.

A crescente elevação de rendas, a partir de 1934, é posta em evidência no quadro abaixo, onde se vê o aumento sucessivo das arrecadações, totais annais:

		Aumento das rendas em relação ao exercício de 1934
Receita de 1934	146.604:009$200	
" " 1935	245.127:602$300	98.523:593$100
" " 1936	268.495:922$300	121.891:913$100
" " 1937	264.815:834$800	118.211:825$600
" " 1938	299.146:679$700	152.542:670$500
" " 1939	312.201:461$100	165.597:451$900
" " 1940	326.365:875$600	179.761:866$400

A receita de 1940 pode ser assim discriminada:

Tributária	228.236:932$300
Patrimonial..	9.062:673$300
Industrial	61.469:525$900
Extraordinária	27.596:744$100
Total	326.365:875$600

A **receita tributária**, elevando-se à soma de 228.236:932$300, produziu cerca de 12.000 contos mais do que a de 1939. A parte tributária, constituida da arrecadação de impostos e taxas, representa para os cofres públicos a sua fundamental fonte de rendas. Assinalamos, com satisfação, que esse título da receita continuou bastante firme e tudo indica que assim acontecerá em exercícios vindouros.

A **receita patrimonial**, que se constitue, conforme o padrão nacional, de **rendas de capitais** e **rendas imobiliárias**, atingiu a soma de Rs. .... 9.062:673$300. Com a regularização, em andamento, dos débitos das Prefeituras, essa rubrica tenderá a aumentar.

A **receita industrial**, concorreu com a importancia de 61.469:525$900, sendo a parte da Rede Mineira de Viação de 56.144:898$500.

No título de **Receita extraordinária**, o balanço acusou a entrada de 27.596:744$100. Nessa receita se englobam à **divida ativa** as receitas de exercícios anteriores, as reposições, as rendas eventuais e outras. E' de se acentuar aqui, que a arrecadação da divida ativa concorreu para esse título com cerca de 15.000 contos, isto é, mais da metade da receita extraordinária. Isso evidencia o acerto das medidas postas em prática para regularização da Divida Ativa, com a instituição de um organismo especial que possibilitou o desenvolvimento dos trabalhos de arrecadação em todo o Estado.

DESPESA

Entrando na parte relativa à despesa do Estado em 1940, assinalamos que atingia a ...... 381.081:706$200 o total das autorizações constantes do orçamento e dos **créditos adicionais abertos** no decurso do exercício, e que a despesa realizada não ultrapassou de 350.828:699$800, tendo havido, assim, uma economia de Rs. .... 30.253:006$400 nas verbas.

A despesa realizada, de Rs. 350.828:699$800, foi empregada nos seguintes serviços:

Administração geral	30.414:544$900
Exação e Fiscalização Financeira	22.237:019$600
Segurança Pública e Assistência Social	46.806:787$100
Educação Pública	39.064:837$300
Saúde Pública	11.838:633$300
Fomento Econômico em Geral ...	14.889:139$600
Serviços Industriais	73.540:370$000
Divida Pública	71.597:788$100
Serviços de Utilidade Pública (estradas, pontes, etc.)	23.795:533$100
Encargos Diversos	17.634:046$800
	350.828:699$800

RESULTADO ORÇAMENTARIO

Comparadas a despesa realizada, que atingiu a 350.828:699$800, e a receita arrecadada, que alcançou a cifra de 326.365:875$600, resulta um **deficit** de 24.462:824$200, que se reduz a 13.230:515$900, se excluido o da Rede Mineira de Viação, no total de 11.232:308$300.

Um relance sobre os **deficits** do exercícios anteriores demonstra como se tem conseguido remover, gradativamente, esse grande entrave das finanças estaduais:

	Deficits	**Melhoria dos resultados orçamentários em relação ao exercício de 1934**
1934 . . .	160.085:343$900	
1935 . . .	83.722:273$200	76.363:070$700
1936 . . .	69.335:861$800	90.749:482$100
1937 . . .	69.953:985$500	90.131:358$400
1938 . . .	64.379:609$000	95.705:734$900
1939 . . .	39.131:102$700	120.904:241$200
1940 . . .	24.462:824$200	135.622:519$700

Vemos, assim, como o grande **deficit**, de mais **de 160 mil** contos, sob o peso do qual se iniciou o governo de Vossa Excelência, ficou reduzido a menos de 25 mil contos, em 1940.

BALANÇO PATRIMONIAL

Quanto a esta parte do documento, ocorrem-nos os seguintes comentários:

ATIVO

O ativo do Estado, que se acha escoimado de valores duvidosos e devidamente atualizado, ascendeu, em 1940, a 1.143.760:218$100. Em 1934 seu total era de 796.023:428$900, tendo havido pois um aumento de 347.736:789$200.

PASSIVO

O passivo do Estado, que em 1934 era de Rs. 1.043.568:756$200, passou a 1.108.842:033$300.

Nossa **dívida fundada externa figura, em** 31-12-40, na escrita do Estado, por £ 1.740.020-0-0 e $15.944.000,00.

Com a incineração feita ontem, de títulos adquiridos, aqueles valores baixarão a £ .... 1.638.120-0-0 e $11.261.500,00.

Os demais títulos que compõem o Passivo são: Dívida Fundada Interna, Dívida Consolidada Interna e Dívida Flutuante.

A **Fundada Interna**, representada pela totalidade das apólices em circulação, atinge a ...... 728.602:806$000.

A **Consolidada Interna** figura com a soma de 188.882:978$800.

Durante o ano de 1940, a dívida junto a estabelecimentos de crédito foi em grande parte liquidada, atingindo os pagamentos o total de Rs. 22.551:328$700, distribuido como segue:

Banco do Brasil	1.337:963$600
Caixa Econômica Federal	1.545:579$500
Banco Italo-Belga	634:375$000
Banco Hipotecário e Agricola do Estado de M. Gerais	4.337:500$000
Banco Comércio e Industria de Minas Gerais	6.418:707$700
Banco de Crédito Real de M. Gerais	3.647:062$500
Companhia Brasileira **Siemens Schukert**	3.219:930$200
Caixa de Aposentadorias e Pensões da Rede Mineira de Viação .	1.410:210$200
Total	22.551:328$700

Foram também pagos ao Bank of London and South America Ltd. os juros contratuais, no valor de £ 14.656-4-0.

A situação das contas do Estado com o Banco do Brasil ficou regularizada com a assinatura, em 30 de Julho de 1940, de um ajuste pelo qual se estabeleceu a liquidação do nosso débito dentro do prazo de 148 meses.

Para tal fim, o Departamento Nacional do Café foi autorizado a entregar ao Banco do Brasil o produto da arrecadação da quota de 6$000 por saca de café a que tem direito o Estado, o que vem sendo feito mensalmente. A partir da data do ajuste até 31 de Dezembro de 1940, Minas Gerais realizou pagamentos ao Banco do Brasil no total de Rs. 1.337:963$300.

A **Flutuante** se expressa, em 31-12-40, pelo total de Rs. 112.041:893$800.

Em 1934 o total desta dívida era de ...... 369.055:549$700, tendo havido assim uma redução de 257.013:655$900.

A Dívida Flutuante foi um dos pontos principais para que convergiram nossos esforços, no sentido de regularizá-la, visto como era o problema mais sério que devia o Governo enfrentar.

Descontada a parte relativa à Caixa Econômica, cauções, e outros depósitos semelhantes, não exigiveis de pronto, pois oscilam segundo as entradas e saídas, a Dívida Flutuante fica reduzida nesta data a apenas 700 e tantos contos.

Não é possivel esconder nosso contentamento em poder focalizar tal situação que, na sua simplicidade, significa que o Governo alcançou e realizou os objetivos de seu plano financeiro. E' auspicioso, assim, afirmar que o Estado de Minas não tem, praticamente, dívida flutuante.

CONCLUSÃO

Na exposição que, em 31 de Março de 1939, apresentei a Vossa Excelência, conjuntamente com as contas do exercício de 1938, referi-me ao fáto de estarem as finanças estaduais entrando na fase final de normalização, não obstante as duras condições que se depararam ao Governo de Vossa Excelência no ano de 1934, o primeiro de sua administração.

E podemos repetí-lo agora, em vista das ocorrências principais do ano de 1940, mencionadas neste relatório, dos diversos quadros demonstrativos que o acompanham e da breve recapitulação abaixo:

— a receita orçamentária em 1934 compreendia a cifra de Rs. 146.604:009$200 e, elevando-se de modo gradativo nos exercícios subsequentes, atingiu, em 1940, a soma de 326.365:875$600;

— o **deficit**, que em 1934 era de .... 166.085:342$900, foi sempre e sempre diminuindo, a ponto de situar-se em cerca de 24 mil contos no exercício próximo findo;

— compromissos diversos para com estabelecimentos de crédito, e representados por promissórias e débito em conta corrente, tiveram resgate no valor total de Rs. 274.346:859$800, sendo Rs. 27.754:495$600 em 1935, 30.316:415$400 em 1936, 32.854:023$900 em 1937, 124.880:250$700 em 1938, 21.614:264$200 em 1939 e Rs. 38.927:410$000 em 1940;

— fez-se a conversão das **Obrigações do Tesouro** (a 9 %) por apólices da 2.ª Série do Empréstimo Mineiro de Consolidação, tendo os cofres do Estado obtido com essa operação uma vantagem de milhares de contos;

— grande parte da nossa Dívida Fundada Interna teve sua taxa de juros unificada, considerando-se que, a partir de 1946, tal título de dívida vencerá praticamente a taxa de 5 % ao ano;

— completou-se a integralização do capital do Banco Mineiro da Produção, com a soma de 25 mil contos;

— o capital do Estado no Banco de Crédito Real de Minas Gerais teve sua integralização reiniciada, notando-se, a propósito, que a mesma se encontrava paralisada há anos, e atualmente, o Estado é de fáto o maior acionista em capital realizado do mencionado Banco;

— forneceram-se recursos à Rede Mineira de Viação, para cobertura de seus **deficits**, no total de Rs. 71.634:642$700;

— o pagamento de juros da Dívida Fundada Interna ficou regularizado, fáto de grande relevancia para a melhoria da cotação das nossas apólices;

— a reforma dos serviços internos da Secretaria das Finanças, levada a efeito em 1936; a reorganização das coletorias e estações fiscais em todo o Estado; a criação de órgão controlador das compras e despesas de material; a centralização do movimento financeiro do Estado e tantas outras numerosas providências, postas em prática pelo Governo de Vossa Excelência, possibilitaram à administração das Finanças obter aqueles resultados.

Ao terminar este breve relatório, ultimo documento que, na Secretaria das Finanças, me é dado apresentar-lhe, visto ter sido designado para dirigir outra Secretaria, quero agradecer a Vossa Excelência, de um modo todo especial, as constantes provas de estima e confiança a mim dispensadas.

Belo Horizonte, 24 de Junho de 1941.

Ovidio de Abreu — Secretário das Finanças.

A DOUTRINA AMERICANISTA

Affonso Louzada

É fora de dúvida que, na opinião de Carlos Maul, "o eixo da civilização moderna deslocou-se para a América, para essa América dos americanos que abre os braços acolhedores a todos aqueles que se proponham a cooperar para a sua grandeza, engrandecendo-se." A simpatia espiritual que une os nossos povos, a solidariedade moral decorrente desse sentimento, diante de um mundo em chama, é a própria força que conduz a unidade continental. Unidos pela fé comum nos destinos da América, os nossos povos manteem essa unidade como alicerce da grandeza de seu futuro, "povos que nasceram em liberdade, unidos como irmãos gêmeos, que só na união poderão realizar a glória dos seus destinos imortais", na visão americanista da Alessandri. A política da boa vizinhança, espirito do ideal americanista, de independência e de paz, de liberdade e de justiça, de progresso, de fraternidade, de cooperação e de compreensão, vemos conduzida com decisão por todos os estadistas da América, pelos seus intelectuais que lhe dão a força nobre e fecunda de suas inteligências e de seus corações. Abrindo novos itinerários para o Novo-Mundo, coluna mestra de seu destino, a construção de um só bloco de nações unidas pela ação e pelo pensamento, é uma nova página que se escreve para a história do futuro. Ao fragor das apetências e disputas que avassalam o mundo, devemos solidificar ainda mais a simpatia e o entendimento que entrelaçam os homens americanos num elo inquebrantavel de povos unidos pelo cerebro e pelo coração, sob a égide da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

A força espiritual é que conduz os homens. Para que possamos formar na América uma comunhão de povos irmãos pelas idéias e pelos sentimentos, faz-se mister um maior intercâmbio de nossas culturas, fazendo-se-nos conhecer os nossos poetas e prosadores, os nossos artistas. Difundindo a ciência, a literatura e a arte da América, criando centros de intercâmbio, incentivando o turismo, as relações de comercio, as visitas de confraternização universitária, os congressos e conferências, as embaixadas culturais, os jornais e revistas de intercâmbio literario ou de informações de interesse comum, as delegações e jornadas de aproximação espiritual, serviremos ao nobre ideal da comunhão americana. Precisamos imprimir à vida dos nossos povos um sentido americanista profundo, baseado na mutua compreensão e no conhecimento reciproco. Só nos podemos amar verdadeiramente pela aproximação espiritual e cultural de nossos povos, numa grande política da paz e de trabalho, de progresso e de solidariedade do continente a que está reservado o futuro do mundo. As relações diplomáticas, os tratados de comércio, as visitas oficiais, não são tudo; concomitantemente, devemos firmar a nossa amizade pelo intercâmbio coletivo e particular, do espirito e do coração de nossos povos, tornando cada vez maior a simpatia sincera e franca que nos impulsiona para a obra da união americana. Inspirados no ideal da concórdia entre os homens da América, procuremos extinguir ressentimentos, calando suscetibilidades, perdoando e esquecendo, para que se ouça apenas, altissonante e bela, a palavra da fraternidade continental. Invoquemos o espírito da América laboriosa e pacifista. No dia em que todos os corações se amarem e todas as inteligências se compreenderem, nesta América, esperança do futuro, teremos atingido o verdadeiro ideal americanista. Para isso, há que se procurar uma maior divulgação dos nossos valores mentais, despertando o interesse dos meios cultos para as nossas obras de ciência e de arte. Esse trabalho dos paladinos do americanismo não é novo, entre nós; a pesar de pessoal e descontínuo, ele já provou que não foi semente atirada à aridez de um deserto: fez-se árvore e frutificou. O intercâmbio intelectual, trabalho ingente de um pugilo de idealistas, não só tem servido à difusão cultural mas ao congraçamento espiritual dos povos americanos. Ampliando-se cada vez mais, foi se tornando um movimento colectivo; começou isoladamente, mas, levado com a tenacidade que só o idealismo pode transmitir, vemo-lo, hoje, admiravel nos seus resultados, pela expansão do pensamento e pela força do espirito da América, irradiando, propagando

PRECONCEITO DE RAÇA

Que importa a côr da minha pele, escura,
que eu tenha o labio espesso, e meu nariz
nunca me tráia a descendencia obscura
de um lar de vãs riquezas, infeliz?!

Que importa eu não pertença a casta pura,
e os pósteros não usassem flôr de lis,
se da côr, desde o Império, a vil tortura
foi p'ra sempre banida em meu País?!

A gloria de viver, apenas vale
um conjunto de ações nobilitantes,
que, de fazê-las, sinta-se ventura.

Pois a muitos, que à pele ostentam alvura,
e só cometem coisas infamantes,
duvido que em negrura alguem lhe iguale!

DAMIÃO MENDONÇA

a sua pujança mental, unindo os nossos povos pela palavra, numa permuta de idéias e de afetos, conhecendo-se e admirando-se.

O ideal americanista, de trabalho e de concórdia, que estabeleceu entre nós um trato mutuo mais intimo e mais intenso, estreitando os vinculos da amizade espontânea e sincera que nos irmana, para o labor pacifico dos nossos povos, em prol do engrandecimento crescente da América, serve "de exemplo aos povos que ainda não escutaram o eco celestial da paz", proclamou-o Marcos Fidel Suarez. A doutrina da harmonia americana, a tradicional politica pacifista da América, foi a doutrina de Rui Barbosa em Haia e de Drago no Pacto Gondra, a mística americanista de Ingenieros, Rodó e Joaquim Nabuco, o apostolado americano de Enrique Estefanini em "Nuestra America", de Joaquim Garcia Monge em "Repertório Americano", de V. Lillo Catalan na "Revista Americana de Buenos-Aires", o evangelho americanista que tantos outros veem predicando, no Brasil e em todo o mundo colombiano, em prol da "sociedade de nações irmãs" sonhada por Simón Bolivar, do "um só bloco de povos unânimes no sentimento e acordes na ação" antevisto por Saul de Navarro, para que as nossas bandeiras se estendam por todo o continente, entrelaçadas, como o manto inconsutil de Jesús!

Platão tambem sonhava com a Paz

Sebastião Fernandes

Está suspenso, por tempo indeterminado, o "Prêmio Nobel da Paz". Enquanto na China e na América do Sul troavam canhões, os imortais suecos distribuidores do maior prêmio de ficção do mundo, ainda escalavam alguns sonhadores como detentores da consagração pacífica.

Mas agora não é mais possivel alguem ser apontado. O barulho é tão grande, a própria fumaça da fogueira tolda de tal modo os cumes brancos da peninsula nórdica, que não se pode procurar os lunáticos.

E os telegramas dissiparam algum candidato transviado.

É, aliás, dum sabor irônico e saboroso ser o inventor da dinamite quem oferece um prêmio de paz, sendo a recompensa dada com os juros dessa fortuna adquirida nos explosivos. É mesmo o mais estranho dos testementos.

E que juizo fazer da escolha dum candidato, quando naquele mesmo ano em várias partes do mundo as metralhas estraçalhavam tantos lares?

Mas será mesmo por inocência que se apresente gente como candidato da paz, quando no mundo inteiro através dos livros, cinema, jornais e rádio, se mostra sofreguidão do homem pelo fabrico de máquinas explosivas?

Também durante vinte e cinco anos a literatura e cinematografia inundaram o mundo com o maior número de livros e filmes, onde a paz foi objeto de carinho ilimitado. Mas qual o resultado? Sempre o gênio do mal informando, e, como na fábula, a ovelha negra ou mesmo parda botando o rebanho em fuga...

Literatura, cinema e rádio são ótimos divertimentos e se teve a ilusão de que campanhas bem feitas e sistemáticas poderiam obter ótimos resultados. Mas o canhão nunca deixou de estrondar no céu limpido. Pelo menos vamos ver se para outra vez e com outras formas de educação o povo brigará menos...

Empregaram-se todos os esforços para que não se repetissem as cenas de matar. Havia a presunção de ser-se ilustrado e ter-se nascido no século da civilização; mas civilização quer dizer progresso e progresso para ser utilizado como poder de destruir.

A geração de 1918 foi criada nos principios elevados de fazer-se uma geração purificada, porque nascera na época do crime. O menino de 1915 viu o pai partir para matar, e, no entanto, ele agora se apronta para o mesmo destino.

O que foi que mudou? Nada de novo na frente ocidental...

A virtude da pureza tornou-se ridicula e caricatural.

A força bruta é força bruta porque, a civilização, longe de dominá-la, glorificou-a. Quem não é forte morre, porque a violência é o sinal do século.

Forçosamente que a criança, com os reflexos imprevisiveis com que foi criada, vê agora os mesmos problemas para a sua formação mental.

Quantos problemas para explicar ao orfão a morte do pai na guerra e industriar a ele para outras batalhas semelhantes!

O eterno recomeçar. Até para matar aprimoram a polvora...

Pouco adiantam juizes para os crimes, porque eles se repetem com a mesma insensibilidade e numa quantidade assustadora. Nada valem os livros antigos cheios de violência, fogo e horrores que atingem os inocentes. Pois se já se chegou a um ponto tal, que ser inocente é tolice!!

Os lobos só matam para não morrer, mas os homens, quando vão caçar, matam para se divertir e ninguem os censura, porque seriam

tomados a ridiculo. Por falar em lobo será preciso citar a atualissima fábula do cordeirinho? Nos colégios a garotada sabe que o valor da força bruta desmoralizou dogmas...

Os professores...

Os professores tornaram-se mestres de filosofia inutil.

Que adianta aos mestres relerem a História, apontarem páginas antigas, e frisar a época do barbarismo, quando nós estamos em época idêntica? Não se pode falar com desdem na idade das cavernas porque os homens voltaram às cavernas, não porque deixem de ter moradas confortaveis, mas voltaram aos buracos para matar o semelhante. Alegria do retorno ancestral. Tambem nas lutas feudais os guerreiros eram contratados... Os brigadeiros não se batiam por uma bandeira, mas por quem tivesse mais ouro nas arcas. Por acaso os telegramas de hoje contam coisas diferentes?

Aliás muita gente só diz que os telegramas contam grandes mentiras. Mas o que está passando no mundo é culpa dos telegramas, ou as mensagens telegráficas são espelhos da época?

Os instrumentos de suplicio e morte aí estão atestando as feras que dormitam dentro dos supostos civilizados. Onde a supremacia do espírito?

Séculos e séculos em estudos para aprimorar a moral; e, no entanto, a própria ciência que progrediu, também aprimorou a destruição.

Lógica, harmónia, solidariedade humana, tudo questão de segundos para uma rajada de metralhadora. Em vão o homem se diz forrado de saber e impregnado de filosofias e uma vez por outra os "Quatro cavalos do Apocalipse" na cavalgada impassivel, impassivel e imortal.

Do inventor brasileiro do aeroplano todos sabem a sua mágoa por terem aproveitado seu invento para arma de destruição. Do céu onde vinham a luz, a asas e as chuvas vivicadoras hoje só vêem passaros metálicos denunciadodores da morte.

Do inventor sueco também seria seu raciocínio humano e tanto assim é que ele deixou uma fortuna para obras filantrópicas. E o aeroplano e a dinamite são aliadas dos homens para a volúpia da maldade.

Felizmente saimos do periodo em que qualquer ato de perversão tinha o Diabo como bode expiatório.

A realidade aí está nas mãos dos homens e em vão outros sonham com a paz e obras de benemerência.

Tambem Platão sonhava com sua *República*, que era só bonança.

Mas muito avisados estão os membros da Academia de Stockholmo suspendendo para este ano o Prêmio Nobel da paz.

Os capetas estão soltos...

No fundo eu tenho muita pena de Alfredo Nobel...

O LIVRO E O RADIO

(As resenhas bibliográficas da P. R. A. 2, do Ministério da Educação).

O Prof. Roberto Seidl dirige, desde 1936, um programa de notícias e comentários sobre o nosso movimento bibliográfico. Todas as quintas-feiras, das 19.00 às 20.00 horas, entremeado de músicas de classe, tem o ouvinte da P. R. A. 2, ligeira noção do trabalho progressivo das nossas casas editoras.

Conforme temos feito em números anteriores deste "ANUÁRIO" pedimos ao prof. Seidl alguns dados sobre este programa educativo e que tanto interesse desperta entre os nossos escritores, livreiros e editores.

Foram estas as informações que nos forneceu o prof. Roberto Seidl, relativas à hora radiofônica: "Através dos livros", da P. R. A. 2, do Ministério da Educação, antiga Radio Sociedade do Rio de Janeiro e irradiada, ininterruptamente, há mais de quatro anos.

De 4 de Janeiro de 1940 até 19 de Dezembro do mesmo ano foram irradiadas 42 palestras denominadas "Através dos livros" sendo apreciados 207 livros assim discriminados por assunto: romances traduzidos — 42; romances brasileiros — 20; livros sobre o Brasil — 22; literatura e critica literária — 13; divulgação científica — 12; biografias — 12; lingua portuguesa e redação — 10; filosofia, sociologia e pedagogia — 10; poesias — 9; viagens — 8; história — 8; diários e memórias — 5; assuntos militares — 4; medicina — 4; ciências físicas e naturais — 4; livros para crianças — 4; publicações periódicas — 3; livros técnicos e de conhecimentos gerais — 3; contos e crônicas — 3; geografia — 2; religião — 2; teatro — 2; matemática — 1; direito — 1; dicionário — 1; diversões públicas — 1; sexuologia — 1. Total: 207 livros.

Estas duas centenas de livros foram impressos ou editadas pelas seguintes casas editoras ou tipografias: livraria José Olimpio — 56; livraria do Globo, de Porto-Alegre — 31; casa editora Vecchi — 27; Companhia Melhoramentos de S. Paulo — 17; A Noite — 15; Livraria Francisco Alves — 11; Irmãos Pongetti — 8; Sem indicação de editor ou de impressor — 5; Ministério da Educação — 4; Livraria H. Antunes — 4; Laemmert — 3; Academia Brasileira — 3; Livraria Guimarães (Lisboa) — 3; Companhia Editora Nacional — 3; Livraria Clássica Editora (Lisboa) — 2; A. M. Teixeira (Lisboa) — 2; Livraria Briguiet — 2; Arquivo Nacional — 2; Imprensa Nacional — 2; Getúlio M. Costa — 2; Ministério das Relações Exteriores — 1; A. Coelho Branco — 1; "A Encadernadora" — 1; Leuzinger — 1; Casa dos Artistas — 1. Total 207 livros.

Conforme se pode verificar folheando-se números anteriores deste "ANUÁRIO", de 3 de Novembro de 1936 a 19 de Dezembro de 1941 foram realizadas 164 palestras sendo noticiados ou comentados 785 livros.

Ainda diante dos dados registrados pelos números anteriores deste "ANUÁRIO", juntamente com as informações contidas no presente número, pode-se verificar, facilmente, que tiveram a primazia nos gêneros editados ou impressos: romances — 163; livros didáticos — 126; biografias — 71 e livros para crianças — 71.

Quanto às casas editoras pode-se apurar que destes 785 livros: 138 foram editados pela livraria José Olimpio; 135 pela livraria do Globo, de Porto Alegre; 64 pela livraria Alves; 56 pela Companhia Melhoramentos de S. Paulo; 54 pelos irmãos Pongetti; 42 pela "A Noite" e 40 pela casa editora Vecchi.

O programa "Através dos livros", da P. R. A. 2, do Ministério da Educação, durava, a princípio, um quarto de hora. Atendendo a pedidos e sugestões, foi este programa desde 19 de Setembro de 1940, aumentado para uma hora, realizando-se todas as quintas-feiras das 19 às 20 horas. Atendendo, tambem, a pedidos e sugestões dos senhores ouvintes, em número cada vez mais crescente, foram introduzidos trechos de música de classe,

amenizando, assim esta hora radiofônica consagrada ao nosso movimento bibliográfico.

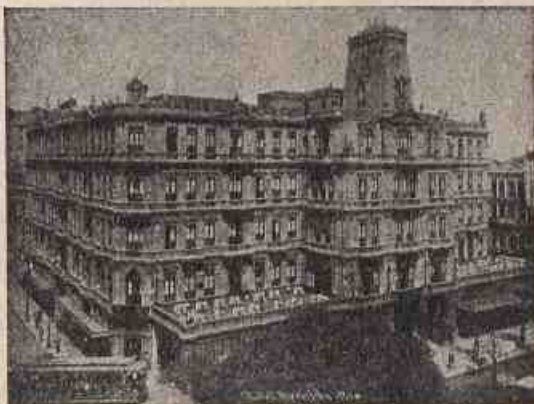
O tempo escasso de um quarto de hora não permitia falar em todos os livros enviados a P. R. A. 2 ou ao organizador do programa de notícias bibliográficas. Acumulavam-se, assim, muitos livros, sem que pudessem ser noticiado o seu aparecimento. Agora, com mais tempo, é possivel dar vazão aos impressos remetidos.

Alem disto, pôde o organizador desta hora radiofônica, incluir, neste programa, noções e ensinamentos de bibliografia ou biblioteconomia, assuntos entre nós, tão desprezados ou mal compreendidos. Assim, alem das resenhas bibliográficas, em que se comenta o aparecimento dos livros novos, pode o organizador de "Através dos livros" falar em assuntos relativos às questões propriamente bibliográficas: história do livro, incunábulos e cimélios. Livros raros e preciosos. As grandes tiragens. Como se faz um livro hoje e como se fazia um livro antigamente.

O papiro, o pergaminho, o papel. A tipografia. Ornamentação, ilustração, *ex-libris*, formato, encardenação. Conservação e restauração dos livros. O jornal, a revista, a catalogação dos livros. Como se organiza uma biblioteca. As grandes bibliotecas. Os grandes livreiros e editores. A leitura, como se deve ler e o que se deve ler. Anedotas e curiosidades bibliográficas.

Finalmente pensa o organizador deste programa estabelecer inquéritos entre os nossos editores e livreiros assim como entre os escritores.

Procurando dar uma noção das nossas letras tem o programa em apreço transmitido páginas de nossos grandes escritores: contos, lendas, novelas e poesias.

O número, sempre crescente, de ouvintes deste programa radiofônico, mostra que o mesmo tem correspondido ao fim desejado que é de despertar, entre nós, o amor do livro e da leitura.

gaminho, o papel. A ti-
ção, ilustração, *ex-libris,*
o. Conservação e restau-
ornal, a revista, a catalo-
mo se organiza uma bi-
bibliotecas. Os grandes
A leitura, como se deve
er. Anedotas e curiosida-

sa o organizador deste
inquéritos entre os nos-
s assim como entre os es-

uma noção das nossas
a em apreço transmitido
randes escritores: contos,
esias.

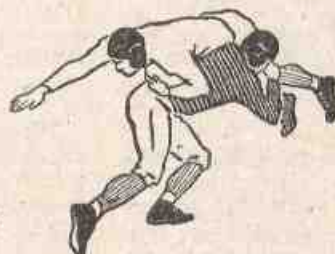
re crescente, de ouvintes
fônico, mostra que o mes-
o ao fim desejado que é
ós, o amor do livro e da

Sport factor de SAÚDE

FOOT-BALL AMERICANO

Bloqueando o opponente com o hombro e o corpo.

Passe do "centro" e carga sobre o adversario.

Bloqueando de través, do lado direito, depois de negacear com o esquerdo.

Numa carga contra o detentor do balão, o jogador ergue-o do solo.

Carregando o balão num braço.

Carregando-o com dois braços.

"Out-in-front-grip" preliminar.

Passe para a frente e respectiva pegada.

Modo de cahir segurando o balão.

Dando um "place-kick"

ESTE sport teve sua origem nas universidades inglezas de Rugby, Eaton e Winchester. Muito differente do foot-ball Association, permitte ao jogador apoderar-se do balão oval e correr com elle, usar os pés e as mãos para o arremesso e agarrar-se ao adversario para impedir-lhe a passagem. Requer grande robustez e intelligencia, sendo considerado, nos Estados Unidos, uma excellente escola para a formação de um caracter energico e sadio. É um sport violento, que exige dos jogadores medidas especiaes de protecção contra fracturas e outros accidentes.

Medidas de protecção especiaes são tambem necessarias, ao fazer a barba, contra infecções faceis de contrahir quando não se usa uma navalha pessoal. A mais acertada protecção nesse sentido é fazer a barba em casa com laminas Gillette Azul, as unicas rigorosamente asepticas. Não se exponha V. S. ao perigo! Passe a fazer a barba em casa, com Gillette. É mais pratico, hygienico e conomico.

Gillette

Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro

Gillette

JANELAS FECHADAS

um romance consagrado pelo louvor unânime da crítica!

"Josué Montello restaura um gênero de romance, que vinha ficando esquecido à míngua de verdadeiras vocações. Quando apareceu aquí Aluízio Azevedo com o MULATO, fez carreira esta frase dum folhetim com que Urbano Duarte anunciou o acontecimento: **Romancista ao Norte!** Se a repetíssemos não exageraríamos" — ELOY PONTES.

*

"**JANELAS FECHADAS**" assegura ao seu autor brilhante lugar entre os novos romancistas brasileiros" — MINISTRO GUSTAVO CAPANEMA.

*

"As qualidades que pude sentir em "**JANELAS FECHADAS**" são menos particularmente de romancista do que de um escritor de ordem geral. E essas qualidades são daquelas que não se esquecem, sobretudo as do seu estilo que me deixou as melhores impressões" — ÁLVARO LINS.

*

"Desde que Aluízio Azevedo, aos vinte anos, "descobriu" o Maranhão, trazendo-lhe a sociedade e o pitoresco para a paisagem romanesca do Brasil, nenhum outro autor nos veio de lá com qualidades tão bem equilibradas como o sr. Josué Montello" — GUILHERMINO CESAR.

*

"**JANELAS FECHADAS**" é um livro vivido. O seu realismo não espanta pela crueza; seu psicologismo não enfada pela monotonia das conversas introspectivas; seu ambiente não enfara pela repetição permanente da paisagem. O sr. Josué Montello soube dosar tudo isso com mão de mestre" — M. NOGUEIRA DA SILVA.

*

E' uma estréia que nasce adulta pela compreensão do assunto, segurança da paisagem e fixidez do estilo. Não é obra que promete; é livro que realiza" — OSVALDO ORICO (da Academia Brasileira).

*

"Quanto ao cenário natural de "**JANELAS FECHADAS**", tive a sensação, tão colorido é o estilo de Josué Montello, de sentir a exuberância da luz do sol, a dourar os dias vazios de humanidade na vilazinha do Anil; de assistir à fuga de uma tarde que "se retirava de mansinho, como se fugisse na pontinha dos pés; de contemplar o céu "num despropósito de estrêlas" ...embora eu não conheça o Maranhão. "**JANELAS FECHADAS**" é um magnífico romance" — TETRA DE TEFFE'.

*

"A descrição da vila do Anil é de colorido admiravel e de traços tão firmes que podem tudo exprimir sem se alongar, numa concisão elegante e altamente expressiva" — CLAUDIO DE SOUSA (da Academia Brasileira).

*

"O magnífico estreante que é o sr. Josué Montello, não isola, nem nivela, não estima as generalizações superficiais, não se alvoroça nas pesquisas do pitoresco, como os pioneiros da chamada literatura regional, mas, sem perder o característico, integra-se nas mesquinharias quotidianas de uma povoação medíocre, para coletar, com vigorosa intuição, legendas universais" — ROBERTO LYRA.

*

"Com "**JANELAS FECHADAS**" o sr. Josué Montello realizou um romance em que andam de par a limpidez do estilo e o vivo e penetrante interesse humano do drama" — ALCEU MARINHO REGO.

*

"Sociológico ou psicológico, o que é certo é que o sr. Josué Montello, nesse seu romance de estréia, realizou uma obra superior. Numa linguagem sempre uniforme, de quem sabe escrever muito bem — o que hoje é raro; — num estilo em que o escritor pôde realizar o segredo da simplicidade, sem nunca baixar ao trivial, dá-nos este livro a impressão de que foi escrito por velho lidador das letras e não por um rapaz de vinte e três anos. Guardem-lhe o nome: — é de um grande escritor" — FRANKLIN DE SALES.

*

"Despertar o interesse e manter o ritmo da narrativa até o fim são talvez as duas grandes virtudes de um romancista. Em "**JANELAS FECHADAS**", Josué Montello consegue sintonizar o processo descritivo com o cenário e a vida em câmera lenta de um vilarejo situado à pequena distância da capital maranhense" — ABELARDO ROMERO.

*

"**JANELAS FECHADAS** é um romance de emoções profundamente vividas" — NELIO REIS.

*

"Simultaneamente romance de aspectos e de costumes, e livro do gênero regionalista, "**JANELAS FECHADAS**" garante ao sr. Josué Montello um lugar de realce no romance brasileiro" — DOMINGOS BARBOSA.

*

"Se algum leitor faz a lista dos nossos romancistas que valem a pena, tome nota do nome de Josué Montello. Ele vai ficar" — JOAQUIM FERREIRA.

*

"Belo romance, "**JANELAS FECHADAS**" representa alguma coisa de muito significativo em nosso momento literário" — DONATELLO GRIECO.

EUCLIDES DA CUNHA

Gomes de Moura

Nenhum escritor foi mais genuinamente nacional do que Euclides da Cunha, nenhum mais autêntico do que êle.

Euclides foi um amante obcecado da natureza, dessa natureza rude e agressiva como a sua alma cheia de arestas repontando a cada passo, nas atitudes ciclópicas do seu estilo apaixonado e apocalítico.

A sinceridade crúa e sem pêias é o traço característico da inteligência do autor dos SERTÕES — sinceridade sem amavios derramados, exuberante de uma fôrça ainda virgem, rústica, isenta de desgarres sombrios, percorrendo-lhe a obra, sem hesitações nem desfalecimentos, como aquêles vaqueiros indômitos do seu poema formidável, dando vida a uma geração.

Temperamento irrequieto e perquiridor, Euclides não se deixava ficar ensimesmado à superfície das coisas, senão que, com o escalpelo da análise na mão de neurastênico desensofrido, investia o âmago da natureza, em dissecações assombrosas. Tinha a volúpia das indagações e dos estudos aprofundados.

Ele retalhou a Terra, o solo duro e esturrado, penetrou catingas riçadas, embrenhou-se nas matas, percorreu rios — catequizador da inteligência, conquistador de fôrças incultas — e, numa verdadeira obsessão panteista, criou uma epopéia fulgurante e soberba, a cujos pés os séculos hão de passar de joelhos.

Estudando a Terra hostil como um produto imediato desse clima irreverente, êle, fascinado pelos fatos desconhecidos, entre cursos de rios ignorados e vertentes de montanhas impraticáveis, deixou-se perder nas realidades das florestas bravias, com a alma perdida no intrincado das pesquisas: era um bugre sôlto, desgarrado, meditativo e sorumbático. Tinha nas atitudes as impaciências da Terra angustiada, ensaiando passos, de cócoras nas lombadas espichadas.

Na alma de Euclides fremiam as simulcadências longevas de éras mortas, o borborinho abafado de cidades soterradas, a ânsia do invisivel em miriades de estrêlas indecifráveis. Nela anastomosavam-se os atavismos das idades perdidas, fazendo reviver um Cuvier desgarrado nos penhascos, um Linneu agitado e místico, e um Estrabon prefigurando geografias.

Mas havia, sobretudo, em Euclides da Cunha, um artista de amplos lances pictóricos em ademanes oraculares, um sonhador de realidades subterrâneas.

Toda uma escola de paletas vibrantes revive nas paisagens agrestes, insoladas, dêste fixador ubérrimo de policromias, deste criador de sóis bárbaros, de instintos barulhentos, de fôrças cascateantes, movendo-se a apregoar vida nos recôncavos e estridências nas anfratuosidades.

Estudando a Natureza, conjugando as suas fôrças dispersivas, ao contacto de ambiências várias, a fisionômia de Euclides foi sempre a mesma, de sábio e de artista, sem mutações nem desvios; fetichista e selvagem, altiva e oracular. Nas agrestidades saáricas, desprovidas de tons, êle se identifica com a Natureza, mas permanece superior a ela: cria-lhe opulências de imagens, para vestir-lhe a escassez das tintas. Nas matas ruidosas de bucolismo sonoro, de rios cantantes, êle se ambienta, mas não se deixa empolgar de todo; caracteriza no estilo o emaranhado das selvas, faz nascer toda uma poesia reverdescida de simbolos fabulosos, canta as fôrças abrolhantes na orgia vibrante dos évos.

É um conquistador destemeroso em incursões através de lendas e superstições. E vai da Terra

(Conclue no fim do ANUARIO)

A Divina Comédia e Xavier Pinheiro

Luis Nascimento

Não basta sentir e admirar as grandes realizações do espirito humano, mas, simultaneamente com esse prazer da inteligência, o conhecimento das origens de cada uma. E a investigação, quando é possivel, tem servido para convencer de que o valor da obra nem sempre se circunscreve aos seus primores de ideação, de conceito e de forma; corresponde, não raro, ao conjunto de fatores que a sugeriram e animaram.

A obra de arte, de pensamento ou de ciência passa a valer, tambem, pelas virtudes que lhe ditaram a iniciativa.

Esse monumento de erudição que é a tradução da DIVINA COMÉDIA, em que José Pedro Xavier Pinheiro consumiu a maturidade fecunda e sacrificou a esplêndida velhice num trabalho beneditino, a confrontar textos, a aprimorar efeitos, a abonar comentários, levando-se ao requinte de estudar alemão, já na última fase da vida, septuagenário quase, para inteirar-se de outras variantes do poema eterno, — esse monumento ergueu-se, para honra de nossa cultura, mercê de uma rudimentaríssima questiúncula de amor próprio. Gerou-se de uma expressão de Machado de Assis que o grande intérprete de Dante não compreendeu de bom agrado.

Companheiros na antiga Secretaria da Agricultura, mantinham excelentes relações de camaradagem, e, por certo, o melhor entendimento em relação a letras, pelo aprazimento que valeria para ambos essa afinidade intelectual. Conviriam os atrativos de uma admiração reciproca e esta não teria deixado de existir.

O episódio que vou apressadamente registar não permite dúvida quanto à estima que se votavam Machado de Assis e Xavier Pinheiro. Ressalta do gesto do poeta baiano ao procurar o romancista, em sua mesa de trabalho, para confiar-lhe primícias de sua imaginação maravilhosa; reflete-se no conselho de Machado que, a final, tinha motivos, muitos e justos, para não deixar de ser sincero ao proferir a frase causadora do dissídio.

É lamentavel que Xavier Pinheiro, na ocasião, se houvesse agastado com o colega; mas, para o renome das letras nacionais como foi providencial o mal-entendido que se originou das palavras de Machado de Assis!

Conhecia Xavier a tradução que Machado fizera de um dos *cantos* da *Divina Comédia*, e, como por passa-tempo, traduzira, tambem, ligeiro trecho do grande poema católico, correu a ler ao amigo a página de sua tarefa, com a intima satisfação de quem exibia seu trabalho de arte a outro espirito igualmente deslumbrado pelas concepções do gênio florentino, capaz de bem interpretá-lo e senti-lo, e de demorar o olhar, por isso mesmo, com mais particular afeto, nessa lauda anunciadora do inestimavel acervo que se viria a incorporar ao vernáculo.

O romancista ouviu a leitura. Xavier Pinheiro recitou com emoção. Alma sem arrebatamentos, Machado de Assis só viu uma forma de testemunhar a forte impressão que recebera e transmitiu-a logo, nestas palavras, dificultadas pela gagueira desconcertante:

— Muito bem! Traduza o resto. Sim, traduza toda a obra. Magnifico!

Nesta sugestão estava o elogio máximo; mas foi justamente do que o tradutor não gostou. Temperamento impulsivo, conteve a custo a reprimenda ao conselho do companheiro, que tomou por provocante ironia.

Em casa, queixa-se à esposa, com malquerença:

— Veja V. que até aquele *Chamado* de Assis pretendeu divertir-se comigo. Recitei-lhe os *cantos* que traduzi e ele me foi dizendo que eu devia traduzir a *COMÉDIA* inteira... Desaforo... Aquele *Chamado*...

Carinhosamente, a esposa tranquiliza-o, procura convencê-lo de que o caso não comporta aborrecimentos. Ao vê-lo, entretanto, mais sereno, a dedicada companheira arrisca tambem a sua opinião:

— É mesmo... E por que não cuida V. de seguir o conselho do Sr. Machado de Assis?

Nova crise. Xavier Pinheiro exaspera-se:

— Até V., Sinhá?!

Depois, resoluto:

— Seja! Mostrarei ao *Chamado* de Assis e a V. que a *COMÉDIA* será traduzida.

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

O Magno Problema de Amparo A Criança no Brasil

(A Ação Social do Juiz de Menores)

R. Goulart

As necessidades cada vez crescentes em face à magna questão social de proteção à infância, entre nós, estão a exigir de todos quantos se interessam pela prosperidade do Brasil o mais desvelado carinho, a mais acurada solicitude na solução de múltiplos problemas que agora, mais que nunca, podem e devem ser solucionados.

Não há, de certo, nesta hora, nada de mais interesse para o nosso País do que a construção de uma raça forte, viril, capaz dos grandes empreendimentos de que carecemos, enfrentando todos os tropeços da vida tumultuosa e dificil a que foi arrastada a Europa pela tremenda Guerra.

Grande verdade dizia Semichon, quando afirmava que "o mundo moderno tem-se preocupado de uma questão grave entre todas: a sorte da criança".

E nenhuma cruzada teremos maior empenho em levar — para diante do que a da nossa defesa nacional pelo amparo à infância. — Somos um País por si próprio grandioso e ainda carecemos de melhores organizações de Assistência à criança desamparada.

Não é necessário irmos à Europa para encontrar exemplos capazes de nos convencer que muito deixam a desejar as nossas instituições, que teem por fim amparar a infância. Sirvo-me da Argentina e dos Estados-Unidos como paradigma: — a Argentina cuida do seu "Código de Menores", onde tudo que diz respeito ao amparo dos pequenos até à adolescência está previsto. Mas, nenhum País, porem, excedeu, no assunto, aos Estados-Unidos que, em 1912, sob a direção da Doutora Lathrop, já instalava o seu "Children's Bureau", repartição especialíssima anexa ao Ministério Federal do Trabalho e que tem sido até hoje uma fonte inesgotavel de informações, estatísticas e estudos os mais preciosos, permitindo ao Governo Americano providências sem número e as mais profícuas, já não querendo reportar-me à estupenda propaganda feita em favor das criancinhas, sob os mais variados pontos de vista.

E' muito comum pegar da pena para criticar a ação de um magistrado que tem sob sua responsabilidade problemas de tamanha complexidade. Quero referir-me aos clamores dos críticos que, sem conhecimento algum das realizações emanadas pelo Juiz de Menores, procuram tirar o verdadeiro valor da Obra grandiosa que é: — A AÇÃO SOCIAL DO JUIZO DE MENORES, desconhecendo os beneficios prestados à infância, por, uma colmeia de abnegados que lutam contra um dos mais sérios obstáculos: exiguidade de espaço nos Estabelecimentos de internação de menores de ambos os sexos.

E' certo que há anos passados, as dificuldades se apresentavam em multiplos aspectos, a luta era ainda muito mais árdua, pois os verdadeiros responsaveis pelo amparo da criança, embebidos em uma mesquinha e interesseira política, deixavam passar despercebido o mais proeminente problema: o futuro da criança brasileira.

Hoje o aspecto do cenário mudou; o Estado Novo bem o compreendeu. Aí está a Carta Magna de 1937 prescrevendo que a infância e a juventude devem ser o objeto de cuidados e garantias especiais do Estado. E' a cristalização do ensinamento dos sociólogos: "o futuro, bom ou mau da Sociedade humana depende tanto da saude e do vigor com que as crianças nascem, como da maneira como são as crianças educadas. Daí a necessidade do Estado lhes prestar indispensavel assistência."

Exmo. Sr. Dr. Saul de Gusmão, permita-me que apresente neste despretensioso comentário alguns dados do movimento estatístico da seção de internação de menores, durante o ano de 1939, que me foi gentilmente cedido pelo Sr. Osmar da Cunha Melo, comissário encarregado da seção de Estatística, cargo que vem a vários anos exercendo com invulgar brilhantismo.

Em dezembro de 1939 achavam-se internados nos diversos Estabelecimentos, por intermédio deste Juizo, 2.702 menores de ambos os sexos. Os que desconhecem a exiguidade de espaço nos referidos Estabelecimentos, naturalmente, dirão consigo mesmo: mas só 2.702 menores internados?... Mas para que não lhes fique tal dúvida, mister se torna dizer que as Escolas que maior número de internados apresentavam eram: — Escola 15 de Novembro — 410; Instituto 7 de Setembro — 285; Patronato Artur Bernardes — 200 (masculino) Casa Maternidade Melo Matos — 200 (fem.-masc.); Patronato Delfim Moreira — 162; Patronato Venceslau Braz — 150; Instituto Profissional Getúlio Vargas — 130; Asilo Agricola Santa-Isabel — 100; Escola João Luiz Alves — 109; Escola S. Adolfo — 100; (fem.); Escola Maria Raiter — 100 (feminino); Recolhimento Infantil Artur Bernardes — 100 (fem.-masc.) e outras mais que apresentam número inferior às citadas. Este número insignificante apresentado se poderia obter num só destes Estabelecimentos citados, o que vem provar a falta de recursos com que conta o Juizo de Menores.

Se formos analisar como conseguiu o Juizo de Menores internar 2.702 menores nestes inadaptaveis Estabelecimentos, chegaremos à conclusão que foi de-veras titânico o esforço despendido por este magistrado.

Pois, como se verifica nos dados estatísticos acima mencionados, muito deixam a desejar os Estabelecimentos de que dispõe o Juizo de Menores, para suprir a grande quantidade de menores que necessitam ser internados.

Deixo de fazer maiores comentários sobre as demais realizações com referência ao amparo da criança, visto que o simples enunciado de seu programa sobejamente evidencia o alto serviço que veem prestando ao nosso País todos que, juntos aos poderes públicos, congregam seus esforços colaborando neste magno problema de proteção à infância.

O Governo não tem poupado esforços a fim de prestar o necessário auxilio ao Juizo de Menores, para que este extermine de uma vez para sempre com a falsa mendicância infantil, pela qual é o menor arrastado à DELINQUÊNCIA. O abandono dos pais e dos poderes público é o responsavel pelo flagelo hoje notório.

Por mais aparelhado que esteja o Juizo de Menores para a sua alta missão, não basta ele só para atender as várias faces do problema da preservação e reforma de menores. E' um problema de grande extensão envolvendo o aspecto médico, o educativo e o social, propriamente dito, é o problema que demanda acertada solução para um melhor Brasil de amanhã. E' o futuro da Nação!

Indispensavel é a colaboração de todos, governo e particulares, estes, isoladamente ou congregados, todos imbuidos do sentimento de que estão trabalhando pela causa máxima da nossa grande pátria: o dever de amparar a infância abandonada.

A Figueira e os trinta dinheiros

Orvacio Santamarina

Thsin-Chi-Hoang-Ti que mandou assassinar todos os escritores do seu Imperio.

Alfredo do Vigny afirmou que todo francês tem um amigo que o distrai, o aconselha e lhe é mais util, mais necessário do que sua esposa e seus parentes; sem ele não passa, nada decide, nada sabe; ficaria como homem privado do cérebro. Todas as manhãs esse amigo o visita e lhe traz opiniões e notícias para aquele dia: é o jornal. Poder-se-ia aplicar hoje este conceito a todo mundo, se o jornal não houvesse perdido grande parte do seu antigo prestigio... É um amigo que já não merece, a confiança de outros tempos, quando a sinceridade e o desprendimento ocupavam lugar na alma dos homens... Os vendilhões do templo permanecem na face da terra... E as figueiras são poucas para os Iscariotis...

Não se livram eles, porem, do chicote biblico e da nódoa execravel dos trinta dinheiros!... De nada valeu, para rehabilitar Judas, o talento de De La Place ou a boa intenção do Cardial Mazarino, ao pretenderem que ele vendera Cristo para bem dos Apóstolos...

O autoritarismo nunca tolerou a inteligência, o que não impede que dela se sirva... O poder absoluto se baseia, em geral, na força e na mentira. Os homens inteligente facilmente desmacaram os farçantes... Há apenas um dilema para os déspotas: fazê-los calar. Dois são os modos empregados. Um — usou-o o Rei Arquelau para manter Sócrates na sua dependência. Convidou-o para residir em sua corte, oferecendo-lhe todas as conveniências e vantagens, que um poderoso governante pode proporcionar. Escusando-se respeitosamente, respondeu o filósofo: "...servir os reis por benefícios, não é serví-los, é servir-se." Outro — aplicou-o o Imperador Thsin-Chi-Hoang-Ti aos letrados chineses. Porque lhe reprovaram os desmandos e lhe contrariaram as opiniões, a conselho do ministro Oi-Se que desfrutava grande prestigio no governo, ordenou a incineração de todos os livros e a matança de todos os escritores. Esse gesto do déspota amarelo teve resultado lastimavel para a cultura universal: concorreu para que se ignorasse a história da antiguidade asiática.

Com o correr do tempo é tristissimo reconhecer que enquanto a cicuta do despeito e da injustiça acaba com os Sócrates, proliferam os Thsin-Chi-Hoang-Ti...

Os homens egoistas e mediocremente ambiciosos, que apenas se preocupam consigo e com a hora em que vivem, deveriam lembrar-se — ao menos para conforto moral de seus des-

cendentes — que suas fraquezas deixam no mundo sulcos mais profundos do que suas qualidades. O exemplário é vasto: Lord Baldwin é recordado com mais frequência pelo seu gosto de criar porcos do que por suas qualidades de homem público. O Rei Alfredo, que derrotou os dinamarqueses e organizou o poderio naval britânico, só é citado por suas distrações... O erudito e brilhante Sir Walter Raleigh e mais conhecido por seus "méritos" de cortesão e bajulador... A fama de Aretino, de Maquiavel e tantos outros dispensa comentários.

A independência é dos mais belos traços do carater do intelectual. É, porém muito incômoda... Raros são os que teem fibra, a coragem para resistir ao assedio das conveniências e vantagens...

Para demonstrar que as leis pesam unicamente sobre os que não cortejam os poderosos, Juvenal escreveu: *Dat veniam corvis, vexat censura columbus.* Esta sábia sentença nunca perde a oportunidade!

Quando fogem aos principios salutares, os escritores podem ganhar muito no conceito dos Thsin-Chi-Hoang-Ti de todas as latitudes e de todos os tempos, mas perdem a confiança do povo. Os escritores são os intérpretes da mágoa e da alegria dos povos, os animadores de sua vida espiritual, os gladiadores que se batem pelo seu bem estar e pelos seus direitos. Se renunciarem a essa nobre missão, qual será o destina das massas? Recai sobre elas a opressão. Abre-se-lhe a estrada do sofrimento e da resignação - - fatores incontestaveis de decadência.

É falsa a recente afirmativa de um brilhante cronista de que o escritor, "pela única e exclusiva credencial de escritor", desfruta, em certos meios, de prestigio e de importância. Alguns podem desfrutar, mas é necessario reconhecer que são outras as credenciais....

O peor é que muitos se arrogam o direito de representar a coletividade. Falam em seu nome, nivelando à sua a conduta de todos. Agradecem favores pessoais e escrevem:" os intelectuais favorecidos", "a imprensa agrade-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

MINISTROS DA FAZENDA

Um trabalho biográfico sobre os estadistas que teem dirigido essa pasta, organizado pelo sr. Pinto do Carmo.

A administração pública brasileira, que já conta mais de um centenário, infelizmente, ainda não encontrou um relator, um historiador de seu progressivo desenvolvimento. Existem, não há dúvida, trabalhos diversos onde se acham boas fontes para esse fim. Resta, e já não é sem tempo, congregá-los em obra única. Presentemente, o sr. Pinto do Carmo, conceituado pesquisador bio-bibliográfico, vem de organizar excelente trabalho biográfico relativo aos ministros da Fazenda. A obra desse intelectual, que obedeceu em sua organização à natural cronologia da sucessão administrativa, está dividida em dois tomos e compreende as duas fases históricas de nossa evolução política. Volume primeiro, — 1822-1889, — da Independência à queda da Monarquia; volume segundo, — 1889-1930, — da fundação da República à instituição do Governo Revolucionário de 1930.

Embora não se possa, a rigor, enquadrar o trabalho do sr. Pinto do Carmo entre os técnicos bio-bibliográficos, é justo que se o louve, já pela oportunidade de conhecimentos que se contem e, mais ainda, porque traz farta contribuição para a futura história da pública administração brasileira.

DA FAZENDA

biográfico so-
distas que teem
pasta, organi-
Pinto do Carmo.

ública brasileira, que já
tenário, infelizmente, ain-
relator, um historiador
esenvolvimento. Existem,
balhos diversos onde se
ra esse fim. Resta, e já
gregá-los em obra única.
Pinto do Carmo, concei-
bibliográfico, vem de or-
balho biográfico relativo
enda. A obra desse inte-
em sua organização à
sucessão administrativa,
tomos e compreende as
de nossa evolução polí-
o. — 1822-1889, — da
a da Monarquia; volume
). — da fundação da Re-
do Governo Revolucioná-

sa, a rigor, enquadrar o
do Carmo entre os téc-
s, é justo que se o lou-
de de conhecimentos que
da, porque traz farta
tura histórica da pública
a.

A Respeito das Leis Naturais e das Convenções Sociais

M. Carlos

No momento atual da transição universal, é formidavel o conflito entre a **ação e reação** das leis naturais do campo social e os artifícios e estratagemas tradicionais que hão governado a humanidade. O conflito entre as forças que espontaneamente nascem e crescem no evoluir do homem e da sociedade e as forças que somente os artifícios e estratagemas sociais fazem aparecer e se desenvolver no seio de nossa espécie. O leitor me poderá perguntar qual é a diferença entre as leis naturais do campo social e os artifícios e estratagemas das correspondentes categorias do conhecimento.

Para mim exprime a mesma coisa dizer **convenções sociais** ou **artifícios e estratagemas tradicionais** — artifícios e estratagemas conhecidos por todos nós e que hão servido de base até agora à organização, à direção e educação da sociedade.

Esses artifícios e estratagemas são de natureza psicológica, sociológica, moral e econômica. Razão pela qual tais artifícios e estratagemas hão procurado substituir as leis naturais fundamentais das categorias do conhecimento correspondentes, e em vista de, realmente, antes do advento da **Filosofia Universal**, estarem desconhecidas ou desaproveitadas as leis primordiais da Psicologia, da Sociologia, da Moral e da Economia Política.

O Positivismo define perfeitamente o que é lei natural, isto é, ele ensina o modo de podermos conhecê-las. Diz o Positivismo que a lei natural se conhece pelo que é **constante** na **variedade** dos fenômenos da mesma espécie, da mesma natureza.

Nas categorias do conhecimento que não são caracterizadamente sociais, isto é, da matemática à biologia — matemática, astronomia, física, química, biologia — a constância dos fatos e relações que os distinguem e medem é bem conhecida, e ninguem nega a existência de leis naturais nesses campos, a pesar do dinamismo universal que cerca o mundo fenomênico. (Adoto a classificação das ciências de Augusto Comte, com algumas modificações, por me parecer suficiente e a mais didática das classificações).

A dúvida acerca da existência de leis naturais subsiste quanto às categorias caracterizadamente sociais. Isto é, subsiste a dúvida de que existam leis naturais na Psicologia, na Sociologia, na Moral e na Economia Política.

Nesses quatro setores, em virtude da ação e reação das forças humanas, das forças sociais, o dinamismo universal é trabalhado, é modificado, como vemos a todo instante, perturbando-se ou complicando-se tudo no seio de nossa espécie.

O entrelaçamento entre os fatos dêssas quatro categorias do conhecimento é extraordinário, o que exige enorme cuidado no estudo e observação do pesquisador do campo da humanidade.

As leis naturais do campo social, entretanto, em face da definição citada e a pesar das **turbações** humanas que procuram **atrapalhar** ou perturbar a harmonia do dinamismo universal, devem ser **fatos** invariaveis no espaço e no tempo, invariaveis em face dos povos, das raças, das linguas, das crenças, das latitudes e longitudes, invariaveis em face dos estádios de civilização das nações. Ao passo que os artifícios e estratagemas tradicionais ou convenções sociais fazem os homens e a sociedade viverem como se fossem doidos ou inconcientes. Sem os humanos nada articularem ou realizarem com direitos e obrigações incontestaveis, com liberdade e decência, com higiene, com persistência, com segurança e método, com alegria e felicidade em seus corações.

Os artifícios e estratagemas tradicionais variam no espaço e no tempo, variam com os povos e raças, variam com as línguas e crenças, variam com as longitudes e latitudes, variam com os estádios de civilização das nações. E como variam, fazem a humanidade viver e evoluir como se estivesse permanentemente sob a influência de tufões que tudo perturbam, tudo destroem ou arrasam, tufões que nada permitem edificar com segurança.

Mas a verdade é que existem leis naturais nos quatro setores citados do campo social, a pesar dos tufões, das perturbações, das variações que agitam ou abalam os homens e as coletividades.

Quando me refiro a leis naturais da Psicologia, da Sociologia, da Moral e da Economia Política, quero dizer **leis fundamentais, leis primárias**, dessas categorias do conhecimento, leis que realmente explicam o **grosso** dos fenômenos sociais. Porque ainda hoje há filósofos que citam leis dessas ciências, as quais, se realmente forem leis, o são de 2.ª, 3.ª ou 4.ª ordem, razão pela qual nada ou muito pouco explicam dos fenômenos mais comuns que se dão nos vários setores da humanidade.

As leis naturais fundamentais do campo social são que atendem às reais, às nobres e justas aspirações e necessidades de todos os humanos. As leis naturais são que trabalham pelo fortalecimento, pela nobilitação e valorização sistemática de todos os indivíduos. Sem obedecer às leis naturais, muito pouco ou ja-

mais seriam respeitados os centros de interesse que crescentemente fortalecem, dignificam e valorizam todos os viventes.

Sem as instituições humanas respeitarem as leis naturais, instintiva ou latente estará a oposição ou reação das vitimas, que não podem aspirar exercitarem as próprias faculdades, não podem aspirar se desenvolverem ou se aperfeiçoarem segundo o maior e melhor dom que cada um de nós tem no fundo de seu coração, de seu espírito.

As vitimas do sistema tradicional, que são quase toda a sociedade, sem o respeito às leis naturais do campo social, não podem aspirar ao que o Egoismo Universal admite ou advoga para todos os humanos ou viventes, não podem fazer o que o Instinto de Conservação impõe a todos nós, não podem conseguir o que a Ação e Reação determina a cada qual, o que a Independência e Coexistência consente no meio humano, o que a Harmonia Gravitária exige no meio social, o que a Seleção Natural realiza no seio de nossa espécie, o que a Economia de Forças aconselha ou aponta a cada individuo e ao conjunto.

Tudo isso, até mesmo as mais nobres visões apoiadas nas leis universais, no sistema tradicional ou dentro das filosofias que definem as modalidades do tradicionalismo, fica subordinado aos estreitos ou iniquos horizontes das convenções sociais.

Sem o respeito sistemático às leis naturais não teremos, sem colapsos, sem interrupções, sem quedas, a continuidade do progresso humano, a frequência da ordem social. E os povos, as nações ou a humanidade viverão como escravos de fato, se não de direito, sem liberdade espiritual e presos às paixões e necessidades insatisfeitas, presos às injunções da época, presos à vontade dos poderosos ou mandões, de bôa ou má fama.

Sem o respeito às leis naturais, todo o campo social, todos os setores humanos, todas as atividades psicológicas, sociológicas, morais e econômicas ficarão sujeitas às **vontades arbitrárias**, no modo de dizer do Positivismo, isto é, todos os aspectos do campo social ficarão subordinados aos artifícios e estratagemas tradicionais. Variando estes em todo instante e lugar segundo os povos, as raças, as classes, as línguas, as crenças, as condições do meio físico e social, podemos avaliar a instabilidade de todos as instituições humanas até agora.

Sem o respeito ao conjunto das leis naturais, a sociedade não alcançará crescentemente, como resultado de seu pensar e agir, a Eugenia com a maior inteligência e cultura, com o maior saber e técnica, com a maior sinceridade e espontaneidade, com o maior espírito de cooperação e de altruismo. Sem a conciliação de tudo isso, como as leis naturais o dizem, consentem e exigem, a sociedade não alcançará, para crescimento indefinido em face das possibilidades e imposições do Egoismo e do Instinto de Conservação Universais, o máximo de rapidez e segurança, o máximo de simplicidade e beleza, o máximo de praticabilidade e produtividade, o máximo de utilidade e durabilidade, o máximo de comodidade e higiene, na vida social.

A sociedade não alcançando essas expressões de seleção para lhe regerem as atividades temporais e espirituais, não resolverá os problemas de nossa espécie, e as insuficiencias e contradições do **cáos humano** persistirão.

Para se ter uma **idéa concreta** dos artificios e estratagemas sociais, observemos o setor da economia política tradicional.

Nada de tal economia há resistido ou resiste às realidades dos fatos e das necessidades dos tempos atuais. Parece que a sociedade vai aniquilar-se com o sossobro de todos os artificios e estratagemas dessa economia. Mas eu acredito que as leis de Deus, as leis naturais, farão a humanidade subsistir e crescer e aperfeiçoar-se, enquanto todas as mentiras convencionais se afogarão e perecerão no seio de nossa espécie.

"Hoje tem Espetáculo",

O ALBUM DE CARICATURAS DE INTELECTUAIS DE ALVARUS, É UMA ANTOLOGIA DE IMAGENS

O publico leitor do Brasil tem, já grande intimidade com os bonecos de Alvarus. Colaborando em inumeras revistas, dono absoluto de um lapis que não guarda conveniencias, ha muito tempo que se dedica ao humorismo do traço. Nas figuras dos seus retratados ou nos tipos de todo dia que surpreendeu, Alvarus conseguiu um nome de projeção inconfundivel. Politicos, diplomatas, escritores de prosa e de verso, artistas de todas as artes do mundo frequentam sua galeria sem poder compor uma pose para a posteridade, sem se poder valer da cirurgia plastica do retoque fotográfico, exagerados num traço fisionomico ou numa atitude. Pois esse mesmo Alvarus é quem acaba de tomar a iniciativa de reunir, em luxuoso album, as caricaturas dos vultos mais eminentes na nossa sociedade, das nossas artes, letras, ciencias etc.

É uma verdadeira cronica, a traço, risonha da atualidade intelectual brasileira. É, sob o titulo de "Hoje tem espetaculo", essa coletanea de irreverencias lineares acaba de aparecer, em edição de luxo de apenas 500 exemplares, da Livraria Zelio Valverde. Alvaro Mareyra prefaciou o trabalho.

Conclusões de TRABALHOS ORIGINAIS

VIDAS PERDIDAS

tentativa nesse sentido e ele já o sabia por experiencia, pois tendo-a convidado para darem um passeio juntos, ela objetara a licença da mãe e acabara dizendo que só iria se fossem tambem a Laura e o noivo. Dessa maneira, contemporizando, esperando por uma casualidade, correram três longos meses, e estava Lúcio na véspera dos exames, quando uma tarde de sábado, ao voltar da fábrica, Paulina o convidou para um pique-nique, na Cantareira, no dia seguinte. Lúcio madrugou esse domingo na casa do operário. Tomara o trenzinho das 6 horas em Santana, ele, Paulina, os dois noivos e a velha Ângela. Levaram uma cestinha com pães e frutas, salame, e uma garrafa de **Barbera** para o almoço. O carro em que seguiam estava cheio de passageiros e ria-se, falava-se alto, numa alegre expansão de vida, após a monotonia dos dias de trabalho... As duas meninas ocupavam um banco em frente de Pepino e Lúcio, maldizendo a sua sorte, teve de ficar atrás, junto com a velha tia.

— Linda manhã! disse ele, para dizer alguma coisa.

— E'. Mas o tempo está incerto...

— Eu por mim não faria este passeio hoje, mas lá em casa andam pela cabeça destas doidinhas... E apontou com o dedo as pequenas, que presas da loquacidade geral, riam e chalreavam alegremente, como dois passaros soltos da gaiola, num dia claro e vibrante. Durante o resto da viagem Lúcio não disse mais uma palavra, nem Ângela. Disfarçava a sua surda irritação olhando a paisagem ou lendo, sobre os ombros de um vizinho, o Correio Paulistano desse dia. Chegados à Cantareira, deram todos juntos uma volta pelas alamedas do bosque e, pelas onze horas, fizeram o seu frugal repasto que, com o apetite do passeio, lhes soube a iguarias das mais finas.

O dia esquentara e Lúcio propôs um passeio até a Cascatinha. A velha, porem, ficara amodorrada, seja do calor, seja do vinho que, calculadamente ou não lhe tinham propinado os rapazes. E lá se foram os quatro, sozinhos e risonhos, em dois pares que qualquer qualificaria dois casais de noivos. Penetraram pela floresta e quando bem distanciados do ponto de maior frequência Lúcio notou que os verdadeiros noivos se deixavam ficar para trás e como outro não fosse o seu desejo senão vê-los à distancia, pôs-se de andar, a passo natural, acompanhado pela bela Paulina. Numa encruzilhada voltaram-se para ver os companheiros e já os não avistaram. Deviam ter parado ou tomado rumo diverso, ponderou ante uma objeção da menina, que lhe sugerira voltarem ao encontro do par desaparecido. E fazendo-lhe ver que ninguem se perdia alí, pois todos os lados iam dar à avenida principal, convidou-a, mais com os olhos que com palavras, a prosseguir o caminho. E, para levar a conversa para o ponto visado, disse-lhe:

— Eles teem interesse em se distanciarem de nós, para ficarem mais à vontade. E por que nós não faremos tambem o mesmo?

— Eles são noivos, nós não somos.

— Mas não poderemos vir a ser?

— **Chi lo sa?**

Tanta graça, tanta ironia inconciente, espontânea, pôs Paulina nessa dubitativa, que Lúcio não se conteve e sorriu.

Era aquela, pensou, a ocasião propicia, a oportunidade que decidiria do futuro deles. Ou agora ou nunca... Chegando-se para mais junto dela, tomou-lhe uma das mãos que segurava um ramo de flores campestres e apertou-a comovidamente.

— Tem as mãos frias, você, disse Paulina, como para interromper o silencio que a constrangia mais que qualquer palavra.

— **Freddo de mano, caldo de cuore...**

— **Dunque, é caldo il tuo cuore?** Perguntou Paulina, toda tremente de emoção.

— **Si... Caldo de amore...**

No resvaladio do lançante a que haviam chegado não havia retroceder. Força era se precipitarem... Mas ainda aqui a natural timidez de Lúcio fê-lo perder a aventura tão bem encaminhada. Tinham parado os dois à sombra de uma árvore basta e altissima. Paulina, num gracioso movimento muito de seu costume, erguera os braços, ajeitando as pastas do cabelo negro sobre as fontes. Lúcio fingia olhar a paisagem, mas olhava para dentro da sua paisagem interior, muito mais acidentada que a outra, a que se lhe desvendava às vistas, naquele trecho azul de montanhas esbatidas ao

sol claro de Outubro. Travara-se na sua alma o eterno combate entre o desejo e o receio, a ação e a ideação, a realidade viva e o romantico do seu temperamento. Ela ali estava, sua, se o quisesse, passiva presa que só lhe faltava estender o braço para colhê-la... E a moral lhe segredava que aquilo era faltar à confinça que nele depositaram os pais de Paulina, enquanto, pelo outro ouvido, o desejo lhe dizia que não se encontram duas ocasiões como aquela e que, em certos momentos, o respeito é uma ofensa para a mulher que se ama. E que ela o amava, não havia dúvida: os seus olhos, os seus modos, os seus gestos menores o indicavam claramente. Enquanto ele pensava, trazendo-lhe as mãos estreitadas entre as suas, ela se fizera repentinamente pensativa. Escapando-lhe das mãos, pôs-se a desfolhar, uma a uma, todas as flores do grande ramo que trazia, feito pelo caminho, quando, risonhos e tagarelas, vinham juntos aos outros, pela alameda... O silencio prolongado tornava-se chocante, quase impertinente. Lúcio deu de andar e procurando enlaçá-la pela cintura, atraía-a para si, dizendo-lhe:

— Assim é que a esta hora devem estar passeando aqueles dois... Não quer imitá-los?

Paulina não respondeu. Presa de uma crise de nervos, pôs-se a chorar baixinho, ocultando as lágrimas no lenço de cambraia.

— Por que você chora, Paulina? perguntou-lhe, carinhoso, o moço.

Ela, olhando-o fixamente no fundo dos olhos, retorquiu, lentamente, como destacando todas as sílabas das palavras:

— Choro a minha felicidade.

— Você então não é feliz?

— Não... E nem nunca hei de ser.

Lúcio procurou toda a ternura de que era capaz o seu espirito para consolar a pobre rapariga que sofria por sua causa. Mas as palavras lhe acudiam trôpegas, frias, inertes, e quando, vendo que ela continuava a chorar baixinho, sufocando os soluços na manga do casaco, ele quis estreitá-la ao seio, infundir-lhe num beijo de amor o alento que lhe faltava, viu, a dois passos de si, fitando-os com o seu olhar frio e penetrante de inimiga, a tia Ângela que lentamente, sorrateiramente, os tinha vindo acompanhando...

IV

Cerca de seis anos depois, já casada e com dois filhos, Paulina encontrou Lúcio, um domingo, na cidade. Distinguira-se logo, mas ele não a cumprimentou, porque ia acompanhado de uma senhora que ela não conheceu. Poucos dias depois, ao escurecer, novo encontro, desta vez mais cordial por parte dele, que deixando a companhia de uns amigos, se pôs a acompanhá-la à distância. Embora fingisse um descuido de passeante, ele não deixou de segui-la, através do meandro das ruas centrais, parando aqui e ali, ligeiramente, com algum conhecido, mas sem jamais perder de vista a sua presa. Na rua do Arouche apertou o passo para alcançá-la. Mas justamente ali um bonde, repleto de passageiros, parou e ela o tomou, embora não fosse esse o seu proposito, mas para fugir àquela perseguição que se lhe tornava odiosa. Nunca mais se tinham falado depois do malogrado passeio à Cantareira. Tais coisas fizera a tia Ângela para intrigá-los com os pais, que estes redobraram de vigilância e rigor contra ela, proibindo-lhe mesmo encontrar-se e falar com Lúcio.

Quando Laura casou, dali a tres meses, Paulina foi passar uma temporada em sua casa, no Cambucí, e Lúcio perdeu-a inteiramente de vista. Lá conhecera um parente do Pepino, operario como ele, que após alguns meses de namoro assiduo e cortês, conseguiu vencer a sua resistencia, logrando fazer dela sua mulher. Viveram felizes os primeiros tempos, tendo Primo alugado uma casinha na Agua Branca, perto da vidraria, onde tinha o seu trabalho. Mas depois do nascimento do segundo filho despedido do serviço devido a uma desavença com o feitor de turma, o desgraçado modificou-se completamente. Deu para frequentar as tascas, bebia e jogava e vivia em constantes querelas com os vizinhos. Paulina sofria resignadamente todos os maus tratos daquele homem abrutalhado que, por ultimo, passara até a bater-lhe ao menor motivo e mesmo sem ele. Jamais quisera seguir, ou sequer ouvir os conselhos da irmã e outras amigas que lhe indicavam uma separação como o único meio de viver sossegada.

— Deixem-me... Fui eu mesma quem o quis. Deus se condoerá de nós!

Por isso, naquele dia ela não sabia explicar o seu sentimento à vista inesperada de Lúcio, o seu antigo namorado. Um medo instintivo lhe veio ao pensar que ele, abusando da sua miseria, da sua condição de desvalida, em que o proprio marido a deixava, quisesse, pela força, fazê-la sua. Sentia um secreto receio de si mesma, mesclado a um como remorso de não terem sabido aproveitar a mocidade, nas ocasiões que as circunstancias lhes haviam de-

parado. Daí, quem sabe qual teria sido o destino se doutra forma as coisas tivessem corrido? E uma noção cega e fatalistica da vida que fora assim, porque tinha de ser, lhe vinha ao pensamento, num mixto de amargura e de consolo. O fatalismo é uma teoria comoda em face às adversidades, pois nos deixa mais a vontade, mais consolados conosco, desde que exime a nossa responsabilidade ante a força implacavel do destino. Na verdade é uma doutrina de fracos e vencidos, que a esposam com facilidade...

Paulina imaginava o que teria sido de Lúcio houvesse procedido doutra forma naquele dia fatal da Cantareira. Teriam conhecido, talvez a felicidade efêmera de um amor que acabaria para ela na deshonra e no abandono e para ele no olvido e no fastio... Mau grado a si mesma lhe vinha uma pecaminosa idéia de que talvez destarte houvesse sido mais feliz. Repele, porem, com horror tais conjeturas, que repugnavam ao seu fundo honesto. E por que ele a acompanhava? pensava já ao descer do bonde de **Santa Cecilia**, no Largo da Estação.

Pretenderia agora, livre da responsabilidade que o fizera recuar noutro tempo, possuí-la impunemente, à sombra do seu estado e prevalecendo-se da sua situação? Seria muito vil, muito infame, se tal pretendesse. E com medo daquele homem, que se lhe apresentava, anos corridos, como um credor antigo a reclamar uma divida esquecida, Paulina sentia, não obstante a repulsa que ele lhe inspirava, um desejo vago, indefinido de vê-lo, ouví-lo falar, explicar-se, abrir-lhe o coração que fora dele na sua dourada mocidade perdida... Procurava a infeliz conciliar em seu espirito cheio de escrúpulos e suscetibilidade aquele capricho que fazia querer encontrá-lo de novo e o horror que lhe vinha, o remorso de o ter visto e respondido ao seu cumprimento. Chegando em casa, o marido a recebeu com injurias e invectivou-lhe logo de entrada a demora:

— Donde vem a esta hora, sua delambida? São horas de uma mulher séria chegar em casa? Melhor fora que ficasse logo na rua o resto da noite!

Paulina, sufocando as lágrimas, fez-se surda aos improperios do bêbedo e dirigiu-se para o outro quartinho onde os filhos já estavam deitados, mas acordados, ainda. Sem uma palavra, sem um gesto de revolta, abraçou-os, soluçante, apertando-os de encontro a si, com violencia, como se no contacto buscasse força e alento para viver a sua amargurada vida ou qual se perto deles se sentisse como abrigada e a salvo de algum grande perigo que a ameaçava...

V

Nem bem era passado um mês sobre aquele encontro, quando, uma noite de invernia, trouxeram o Primo para a casa carregado nos braços de dois amigos. Numa briga de jogo fôra anavalhado por um companheiro e, socorrido pela assistencia, aí vinha, já semiânimo e sem conhecimento, com um profundo ferimento no pescoço, interessando a laringe. Pepino, que casualmente passava pelo local, impediu que o levassem para a Santa Casa e acompanhou-o, com outras pessoas da assistencia, até a casa da cunhada. Dentro de três horas morria, esvaindo-se em sangue, o desgraçado.

Viuva, sem recurso, a pobre Paulina encontrou abrigo na casa da velha mãe, já tambem viuva, em S. Caetano. Como a desgraça nunca vem só, o sarampo levou-lhe o filhinho, ficando-lhe apenas, como consolo na dor imensa que a feria, a Margarida, Guildinha como a chamavam, de cerca de cinco anos. Com algum esforço, passados os primeiros meses de viuvês, conseguiu ser readmitida na fábrica onde trabalhara em moça, e como fosse ainda deficiente o seu salario, pois a mãe tambem, a não ser a casinha, nada herdara do marido, morto inesperadamente de uma apoplexia, costurava à noite, até deshoras, para uma casa da cidade, que lhe pagava miseravelmente o serviço. Justamente voltava da entrega das costuras, uma quarta-feira de maio, quando, ao descer do bonde, no largo da Estação, para tomar a rua de S. Caetano, deu rosto a rosto com Lúcio, que de pé, à esquina, parecia esperá-la. Facil lhe foi reconhecer, à luz da lâmpada, o seu antigo namorado, mas pôs-se a andar, como se não o tivesse visto, tomada de um sentimento confuso em que havia medo, indecisão, repulsa e ansiedade.

— Paulina! Você já não me conhece mais? sussurrou-lhe, quase ao ouvido, Lúcio que a acompanhava, seguindo os seus passos.

Dalí até a sua casa terá ainda de andar uns duzentos metros. A pobre julgou mais acertado parar, receosa que ele, ousado como agora se mostrava, pretendesse ir até a porta.

— O senhor! Sempre o senhor! Por que não me deixa em paz? Que quer de mim ainda?

— Oh! Paulina! Pois é assim que me trata? Você não imagina o que tenho sofrido por sua causa estes longos sete anos!

— Historias! Nenhum homem sofre por amor... Não faltam mulheres tolas e ignorantes para fazê-los esquecerem-se umas das outras... Nós é que sofremos. Mas não pense que eu sofro por sua causa, isso não. Sofro porque é esse o meu destino — sofrer. Deixe-me... Nada existe entre nós de comum...

— Como? E o nosso amor? E o passado feliz que póde reviver em um presente melhor ainda?

— Deixe-me, senhor! Já lhe disse e repito que não temos nada que conversar. Eu não o conheço. O Lúcio que eu conheci... morreu ha muitos anos.

— Você é cruel, Paulina... Se soubesse que eu ainda a quero com o mesmo amor... Por favor, trate-me ao menos, com afabilidade... Que lucra em torturar-me, em ser áspera e odiosa para comigo?

— Adeus...

— Não... Não se vá, pelo amor de Deus! Ouça-me só uma palavra.

— Nem meia. Que pode o senhor ter para dizer-me?...

— Que tenho ainda o mesmo amor, que a quero como a queria...

— Basta! Isso eu já sabia que deveria ser a sua linguagem... Adeus.

— Paulina, implorou Lúcio, em tom de voz tão súplice, quase chorosa, que a pobre rapariga sentiu crescer uma onda de ternura dentro de si. Atenda a este pedido... Vamos até ali ao jardim, onde poderemos falar mais à vontade e, depois, você poderá ir embora... para sempre, se quiser.

A infeliz criatura hesitou, mas acabou acedendo. Que mal havia em que eles se entendessem ao menos uma vez ainda, antes de definitivamente se separarem? Não desejara ela tanto essa oportunidade noutros tempos, e porque esperdiçá-la, agora que se lhe oferecia?

— Vamos...

A passo lento, silenciosos eles se dirigiram para o grande parque quase deserto. Sentaram-se à sombra de uma árvore, na aléia principal, e foi ela que começou a falar:

— Lúcio... Agora é muito tarde. Eu estou velha e acabada. Tenho pouco mais de vinte anos, que valem sessenta de padecimentos e tristezas. Casei-me, não que amasse aquele homem, mas porque, pobre como era, precisava de um amparo quando o meu pai fechasse os olhos. O meu marido (Deus o perdôe) só viu em mim uma ceva à sua posse de bruto e, depois de saciado, passou a maltratar-me, a traír-me com mulheres da rua, acabou miseravelmente, vitima da sua vida infame. Nunca recebi dele uma hora sequer de carinho, de felicidade, dessa felicidade do amor puro e terno indispensavel a todo o coração de mulher, mesmo as mais despreziveis... Mas era o meu marido, o homem a quem eu me dera diante de Deus, jurando ser-lhe fiel toda a vida. Era, mais do que isso, o pai de meus filhos e eu jamais o trairia. Hoje que sou viuva, não me prende senão o respeito à sua memoria e o amor de minha filha, que não tem ninguem no mundo senão eu... E como poderia eu exigir-lhe mais tarde que fosse honesta, se começasse por dar-lhe o exemplo do meu proceder?

— Diante do amor, arriscou-se a dizer Lúcio, tudo isso não tem importancia. Ele é a lei suprema do mundo...

— Ainda aí você se engana, Lúcio, continuou Paulina, retomando sem o sentir o velho tom de intimidade. O amor já não é possivel entre nós. Estou feia, gasta, sem emoção... Basta olhar-se para ver a distancia que separa a Paulina de hoje daquela que você julgou amar... Para que, então, nos iludirmos de parte a parte, numa comédia que não satisfará o nosso desejo e matará o nosso ideal?

— Seremos felizes uma vez e basta. Que é a vida senão a ilusão passageira da felicidade?

— Não, Lúcio, não. Você não é sincero nem consigo mesmo. A vida é uma coisa mais séria. A nossa felicidade está em conservarmos o nosso ideal, em não o enxovalharmos... De que valeria a curta hora de amor que nos proporcionassemos? Teriamos, depois, uma decepção a mais e um sonho de menos... Há tempos, quando moça e ingênua, você me teve por duas vezes nas suas mãos e não ousou... O meu destino esteve suspenso de um fio que você não se atreveu a partir... Felizmente ou infelizmente, assim foi... Hoje, não é mais tempo de reatar o romance que acabou...

— Paulina, juro-lhe que nunca mais a procurarei. Juro-lhe que você não me verá mais, nem sequer ouvirá pronunciar o meu nome. Não calcula quanto tenho sido tambem infeliz! Só no mundo, nesta fase crepuscular da vida, tendo esperdiçado a mocidade e a fortuna na boemia facil, quando pensei em construir um lar, já gasto e doente, pobre e desiludido, aquela que eu escolhi me recusou com escarneo... Você e eu somos náufragos que o temporal da desventura atirou a uma praia

deserta... Demo-nos às mãos. Socorramo-nos mutuamente...

— Não, Lúcio... A única palavra que os meus lábios podem dizer-lhe é essa — não. Saibamos sofrer, já que não soubemos viver.

— Ninguem saberia, Paulina. Ninguem, nem mesmo sua filha...

— Que importa? O mesmo fôra se todos soubessem. Eu sou viuva e a minha situação me permite toda a liberdade. Quem sabe mesmo se a desgraça me levará um dia... Mas com você, nunca! Mesmo porque de suas mãos nunca eu receberia dinheiro... Nem prazer. Para que, então?

Lúcio viu que toda a sua insistência era inutil, toda a sua argumentação esbarrava diante da lógico serena daquela mulher do povo, em cuja boca a sensatez, a prudência, a probidade atávica punham palavras tão persuasivas e afirmações tão eloquentes. Tomara-lhe uma das mãos entre as suas e, no silencio que se seguiu, percebeu que Paulina chorava baixinho, limpando furtivamente as lágrimas na manga do vestido preto de chita.

— Que mãos quentes!

Paulina lembrou-se, de repente, de todo o seu passado de amor, dos meses deliciosos de namoro ingênuo, daquela manhã em sua casa e, sobretudo da cena da Cantareira, que decidira da sua sorte. E num sorriso triste, que emprestava particular encanto ao seu rosto, espiritualizando-lhe as feições pálidas e maceradas de hética, respondeu:

— **Caldo de mano, freddo de cuore...**

Levantaram-se e tomaram a direção do portão central do jardim.

Ao sairem no passeio exterior, viram um auto aberto que passou por eles, em disparada, conduzindo um par alegre, noivos, namorados, amantes talvez... Paulina pousou no companheiro os seus grandes olhos sonhadores, mais belos ainda ao fundo côncavo das olheiras violaceas, e estendendo-lhe as mãos, num gesto em que havia toda a melancolia fatalistica, toda a resignada angustia de suas vidas perdidas:

— *Chau*, Lúcio...

— Adeus, Paulina...

E ele alí ficou, de pé, sem animo para acompanhá-la nem disposição para a deter, fitando-lhe o vulto esguio que, num andar curto e rápido, se foi afastando, afastando, até desaparecer, entre as árvores, no canto escuro da praça...

OS ESCRITORES DOS ESTADOS E O P. E. N. CLUBE DO BRASIL

quer escritor que lhe haja pedido inscrição. Informação em contrário é pura intriga, sem base na realidade. E ainda mesmo os que a atacam serão recebidos sem prevenção, pois quem se bate pela liberdade de pensamento não pode sem contrasenso irritar-se com a critica sincera e polida, apoiada em fatos reais. Essa critica mostrando os erros, sempre foi salutar. E quanto à outra, ensina o ditado: a palavras ocas ouvidos moucos. Assim, pois, todos os escritores brasileiros, homens ou senhoras, do mais novo ao mais velho, do menos ao mais conhecido, do estreante ao consagrado tem um lugar em nossa mesa, sem distinção de escolas ou de tendências artisticas. Para mais alargar sua ação resolveu o P. E. N. aceitar como sócios correspondentes todos os escritores dos Estados, até que neles se fundem novos centros. Esses sócios não pagarão jóia, para que menos onerosa se torne a inscrição. Terão aqui uma casa, um centro familiar, que se prestará a dar-lhes as informações e os serviços literários de que necessitarem. Quando vierem ao Rio, tomarão parte em nossos jantares. E por nosso intermédio e do P. E. N. Internacional que, sob a presidência eminente de Jules Romains se deslocou atualmente para New-York, se porão em relações com escritores de todos os paises. Não há outro esforço para inscrever-se senão o de enviar à nossa secretaria, à Praia do Flamengo, 172 (10.º andar) suas obras e o pedido de admissão.

JOSÉ DE ALENCAR E O JUDIANISMO

peramento, vibratil, impulsivo, não lhe dava a calma necessária para ver. Por isto, certamente, é que em "O Gaucho" como em "O sertanejo" a paisagem e o diálogo ligeiro supremo costume, a notícia local das coisas humanas. O seu entusiasmo pelo que estava executando, longe de fazê-lo dissecar o personagem ou a história, empolgava-o, mais facilmente, conduzindo às arrancadas de carater épico ou heróico.

IMPOSSIVEL EVITAR O ROMANCE

tres, havia sido desmascarada, assim, com tanta lealdade, com tanto desassombro!

Mas que diabo! Ela gostava um pouquinho daquele homem. Gostava!

Era sedutora. Perfumava-se discretamente, para não suscitar comentários do artista. Enfim: fazia-se bonita, mais bonita. Ficava faceira quando sentia os olhos de Lucas Lorena namorando-lhe, sem maldade! como um artista, apenas! — o seu vulto de mulher. Gostava de o provocar, gostaria até de o acarinhar se pudesse nesse momento dar-lhe um beijo na mão segurando uma revista.

E muito humilde, muito feminina, sentiu uma aguinha nos olhos.

Disfarçou a emoção.

— Então, não imaginas, Aleluia que se não fosse esse medo, hoje eu te deixaria sair?... Não. Não! Havias de ir dar um passeio. Haveria muitos "não", eu bem sei, mas finalmente um apoteótico "sim"! E depois... depois eu estaria desgraçado, perdido!... Tenho grande prática do teu sexo, Aleluia! Amei, passageiramente, a uma infinidade de mulheres. Dediquei-me a algumas. Sofri. Mas eu era mais jovem. Hoje?... Fujo! Tenho tido diversas fobias! Não sei se já foste dominada por alguma abscessão. Eu já. E de diversos modos. Tive pavor da tuberculose! Eu era um garanhão forte porem vivia sob o dominio dessa pavorosa impressão. Depois, da loucura! Da loucura, sim. Não sei por que mas me jurava que acabaria doido...

Aleluia estranhava-o dizer tais coisas tão serenamente.

...— Ultimamente a minha maior obcecação é vir a gostar de alguem e agora, agora, és tu a minha maior fobia! Tenho medo de gostar de ti!

— Tu gostas de mim! Tu gostas de mim! — afirmou ela com um atrevimento e despudor a lhe denunciarem a vaidade de mulher.

— Não. Ainda não, — respondeu o homem friamente, como quem estivesse resolvendo um mero problema. E com toda a indiferença repetiu: — Ainda não. Te enganas.

Interessante! Isso tambem ofendeu a Aleluia que ali não fôra com más intenções, ou pelo menos pensando que ninguem poderia adivinhar jamais a sua inclinação sentimental pelo artista.

— Escute, Aleluia, não te ofendas. Por que esse ar tristinho? vamos? Quero um sorriso. Não desejava ofender-te. Juro. Gosto desse teu modo de falar rindo, sempre risos propositados como a enfeitar tua boca, teus olhos, tuas palavras e até teu narizinho. Creio que não me entendeste: és complicada e inteligente. Mas eu pensava poder falar contigo com honestidade, mostrando-te a cru meus pensamentos. Nada mais corriqueiro, na vida, do que o amor entre um homem e uma mulher, e para isso teve razão quem disse que ainda o melhor é a mulher estúpida que se preste, apenas, aos caprichos e às exigências do macho. Mas uma mulher, uma moça como tu, não. Fina, inteligente, faceira, graciosa, saberia doirar as coisas de tal forma que desgraçado daquele que se entregasse a ti. Sim, porque contigo seria diferente até nesse ponto: dominarias, subjugarias!... Certa vez um artista pediu licença a Voltaire para pintar-lhe o "portrait", ao que o escritor respondeu: "Estou com noventa anos. Se tivesse menos vinte, sim!" Imagine, Aleluia: setenta anos para ele seriam mocidade!

A moça notou-lhe grande amargura ao dizer-lhe isto.

— Me desculpe, Lorena: quantos anos tens?

— Menos os vinte dos quais Voltaire desejaria.

Aleluia, travessamente, contentou-se a soltar um longo assobio em surdina.

— Pois é, Aleluia. Se eu tivesse menos vinte anos hoje, serias minha!

— Quantos anos me dás, Lucas Lorena?

— Entre vinte e três a vinte e oito.

— Isso é vago...

— Não posso precisar direito. E juro-te que se às vezes não soubesse eu dos teus estudos, da tua vida, até te daria menos. Palavra. Te acho um bocado infantil. Quantos anos tens?

— Vinte e seis.

Aí Lucas Lorena tomou de um lapis e escreveu dois algarismos: 52 — 26. Mostrou-os à moça:

— Veja que barbaridade! Como poderiam combinar esses números tão disparatados?

Aleluia teve enorme vontade de perguntar quem estava se oferecendo, porem sinceramente por seu turno, mas um tanto absurda comentou:

— Não sei por que me estás falando desse jeito, hoje, Lucas Lorena!... Nem que eu tivesse vindo aqui te pedir em casamento!? O que doe é que desconfio de uma coisa...

— Do que?

— Estás "correndo" comigo!

— Ara! ara! Não sejas absurda, Aleluia!... Tenho medo de ti, já disse. Faço esforços inauditos para te esquecer, para não pensar em ti, quando te vais ou quando fico muito tempo sem noticias tuas!

— Mas tu, Lorena, és mais incoerente do que uma mulher! Palavra! Nem pareces um artista e menos, um milionário. Tens escrúpulos de banqueiro e ingenuidade de menina! — E ciente de que "agora" não corria perigo algum, disse com raiva — Covarde!

Lucas Lorena sorriu, nervos dominados pela sua conciência de magnata.

— E boa. Gostei desse: covarde.

Nessa altura, Aleluia encarava-o. E uma vez que haviam desconfiado da sua amizade, interpretando-a como uma sedução preconcebida, cessou de simular e seus olhos condensavam ternura, desejo.

Quando, porem, Lucas Lorena a fitou tambem, mordendo os lábios e contendo a emoção os olhos de Aleluia foram-se quebrando, se cerrando ao peso de um sonho de volúpia.

— Não gostas de mim, Lucas? — perguntou mais para fugir àquela ebriez.

— Não, Aleluia. Ainda não, — respondeu o homem porem agarrando-lhe os pulsos com violência.

— E eu?...

Aí, Lorena jamais sereno abriu os braços para dizer, indiferentemente, ou desolado:

— Eu é que sei?... Sei lá... Que eu tenha a vaidade de pensar lindas coisas a teu respeito, admite-se. Mas que um homem da minha idade tenha a veleidade de julgar que uma moça, uma moça como tu, goste de mim!... Era o cúmulo!

A Aleluia o homem parecia amofinado. Soergueu-se na cadeira. Acomodou-se.

— Gosto, Lorena. Gosto muito de ti. . talvez por seres assustadoramente rico!

— Ara, ara, Aleluia! Vens quebrar todo o encanto deste nosso "entretien"! Com efeito!... Escute: na minha vida duas são as peores barreiras: a idade e o dinheiro.

Aleluia teve vontade de dar um riso mau, escarninho mas não pôde deixar de intimamente lamentar que Lorena a julgasse pelas outras, pelas demais. Ela, rica, com o suficiente para não ter medo dos homens, com a sua arte, a sua juventude, o seu coração!... Ah! como os homens tambem são inconsequentes!... E não deixou de censurar alto:

— Vaidoso!

— Eu, vaidoso? Eu, vaidoso? Não digas isso por favor.

— Pois eu gosto muito de ti, Lorena. Muito! Muito! Estás escutando?... Sempre supús poder continuar escondendo-o de ti, mas és bem atilado. Mesmo nas minhas atitudes frívolas e egoísticas percebeste isso. As tuas palavras mo demonstraram. Se me tivesses inquirido de outro jeito, eu nunca, nunca to confessaria. E caso me tivesses abordado, podes ficar seguro: eu não cairia! Mas... contornaste o assunto com rara habilidade... Estou chorando, vês? O cosmético me faz arder os olhos. Mas não importa: já não importa: já me magoaste há pouco me desnudando a mim mesma.

E curvando-se como se desejasse colhê-la num abraço:

— Mas, Aleluia! Eu estava justamente te homenageando a beleza, a virtude, a graça, a sedução!

— Coisas que homenageiam, mas magoam. Senti. Senti. Eu gosto muito de ti.

— Mas eu sou um velho!

— Para mim, não o és. E confesso: te dava menos idade. Uns trinta e oito a quarenta e dois.

— Eu tenho uma filha de vinte e nove, Aleluia! — e tapou os olhos para chorar ou fingir que se emocionava.

A moça levantou-se. Colocou o chapéu, sem mesmo se olhar ao espelhinho da bolsa. Arranjou as longas mechas de cabelos tintos da cor de cenoura, penteados soltos à americana. Limpou o bantom, com o lenço já maculado de um tom laranja, próprio para as manhãs de muito sol na vida das mulheres claras. E quando ia a pintar novamente os lábios, ouviu-o dizer:

— Por Deus, Aleluia! Quando limpaste a pintura da boca fiquei alucinado!

Ela suspendeu o retoque do "maquillage" e ficou a olhá-lo um tanto pasmada.

— Pensei que me ias beijar, Aleluia!

— Que idéia!... — e sorriu com tristeza.

Lucas Lorena, então, indagou:

— Ontem, pelo telefone, me disseste, Aleluia, que tinhas uma fenomenal novidade para mim. Lembras-te? — E sorrindo, muito mundano, veio mais para perto da moça.

— É verdade!... Agora me lembro porque vim hoje aqui! Estou noiva, Lucas Lorena. Noiva, aliás, de um amigo do teu genro.

RITMOS DO NOVO CONTINENTE

vro, principalmente no conjunto "Painéis da Guanabara", "Centelhas do Infinito" e no "Canto das Alturas", de cuja beleza é impossivel não se extrair uma pequena amostra:

*

"Eleva-te da terra em busca do Infinito;
É a matéria que traz teu espírito aflito!
— Há cascatas de luz no universo estelar,
E é preciso ascender, a fim de as contemplar...
Temos, na nossa mente, a divina centelha.
Como o polem da flor nas asas de uma abelha,
Alcemo-la num voo, em busca da amplidão,
E havemos de alcançar a extrema perfeição..."

Continua este grito sonoro de alma, continua noutros versos este apelo, de vibrante espiritualidade e de sensibilidade espiritualizada, aos "pigmeus da planície"; e é com ele que o sr. Faustino Nascimento encerra o punhado de suas poesias que, na impossibilidade de serem lidas por todos os americanos do norte, do centro e do sul, o devem ser, pelo menos, por todos os americanos do Brasil, que o farão com encantamento, porque elas teem substância e beleza, música e suavidade: o sr. Faustino Nascimento nasceu poeta e, felizmente, de nenhum jeito se lhe pode aplicar o velho adágio de nossa terra...

SOMBRAS ETERNAS

não empana, de modo algum, o brilho do trabalho do sr. Orvácio Santamarina.

Para o futuro (é a nossa esperança) havemos de ter muitos livros do ótimo historiador, e, assim, as *sombras* geniais das nossas artes, letras e ciência, estou certo, sairão do olvido em que se encontram e surgirão "fulgurando" aos olhos da nova e da futura geração trazidas pela pena concienciosa e brilhante do novel e já famoso historiador brasileiro.

MANUEL SANTIAGO
PRÊMIO DE VIAGEM 1927
MEDALHA DE HONRA 1938

horripilantes, procurando justificá-las através as teorias de um processo pictórico, que de boa mente acredita, mas que o bom senso repele e que a razão não aceita. A decadência do artista em face do rudimentarismo mental do homem. De nada lhe serviu a técnica de desenho, composição e pintura, se a evolução histórica da arte, que se processava em seu mundo interior se cristalizou na escolas do século VII. Muitas vezes, no vazio infinito onde se agita, pretende fazer na arte o que não é possivel. Há um pequenino periodo de confusão. E nada mais. Só após o estudo e a meditação da paisagem natal e das coisas da terra, pode o artista entrar na posse de si mesmo e fazer arte com fundamentos humanos, sedimentada nos mais sadios principios do amor e da beleza, da fé e da esperança, do perdão e da caridade. Sem esses fundamentos não é possivel, nem se compreende, a existência da arte.

*
* *

Manuel Santiago, redimido de todos os complexos, encontrou no seu período de procura Deus e a Terra.

Em Deus foi buscar uma filosofia. E sentiu na imposição mais clara da beleza, a grande correspondência do fugaz e do eterno, e a persistente espiritualidade das coisas, na transcendência final de uma obra de arte. E seus nús se divinizam porque neles vive latente a emoção religiosa do artista que edificou catedrais e que viu deuses serenos, distribuindo perdão e caridade. Há em Santiago um sentido panteista. E ele mesmo o confessa quando afirma não ter nenhum quadro preferido; são como filhos queridos, com qualidades e defeitos. É a alma do Criador que se multiplica e que se distribue por todas as criaturas. É o panteismo do artista que sente em cada expressão da vida um Tabernáculo do Senhor.

Na Terra foi buscar os motivos pictóricos para a sua sensibilidade. As lendas amazônicas ouvidas quando criança, as emoções fortes do cenário gigantesco da selva e o primitivismo da vida simples da região, forneceram-lhe material que até hoje manuseia com êxito. E seus quadros vão saindo notaveis, cada um com um toque todo especial, onde a escala de valores se faz presente numa verdadeira imposição. E surge uma arte brasileira, com fundamentos eminentemente brasileiros, dentro da mais pura das expressões, sem recorrer ao ridiculo das introspecções subjetivas, que deformam e que mutilam. Ninguem mais intencional do que Santiago. "Flôr de Igarapé" é intenção pura, como tambem pura intenção é "Tatuagem", é "Amazonas" e é "Encantamento". Intenção e beleza, é assim que se resume a obra do artista.

*
* *

Paris, 1927. Após a conquista do Prêmio de Viagem, ao qual só duas vezes se candidatara, o artista segue para Paris.

Na Capital do Mundo, mergulha nos salões do Louvre, e na contemplação dos grandes mestres, e na meditação das obras imorredouras, vai aprimorando sua técnica, colhendo detalhes, aqui e mais alem, que não se especificam nem se mencionam nos compêndios, nas Academias nem nos ensinamentos dos professores da Escola Nacional de Belas Artes.

E lá, na dignidade augusta daquelas velhas salas, onde se acumulam vinte séculos de civilização, de cultura e de arte, sentiu a firmeza das suas convicções e a beleza do caminho que escolhera, ao contemplar o imenso conteudo humano que lhe ressaltava aos olhos a obra daqueles mestres da Renascença, na harmonia perfeita do bem e da beleza.

Santiago sente-se portador de mensagem idêntica e pela sua retina vão passando os motivos da sua arte. E águas do grande rio que vão descendo, mordendo ás margens da terra-moça. E os igarapés que serpenteiam por entre as ilhas verdes, formando oasis de tranquilidade na vertiginosa velocidade das águas.

E a Tapuia morena que surge nua no cenário verde, que vem serena como uma dádiva e suave como uma oferenda, entregar seu corpo à caricia das ondas. E as vitórias majestosas que brincam ao sol um brinquedo bonito de luz e de cor, nas águas paradas do Paraná. E na terra muito sol e muita vida. Árvores e pássaros. Sinfonia de um mundo novo ainda desconhecido. Pátria que ainda não teve quem lhe cantasse os deuses, quem lhe glorificasse os heróis. Cenários de epopéias à procura de um pintor. E Santiago sabe, na majestade tranquila das salas vene-

randas, que tem que ser o pintor do Brasil, porque, mais do que ninguem, sente a terra em todo o seu esplendor. E na imposição desse imperativo, o moço pintor se aprofunda no estudo e no conhecimento dos grandes mestres. Velasquez e Rembrandt fizeram-lhe revelações surpreendentes. No primeiro sentiu que tambem se podia fixar na tela o minuto fugitivo de uma emoção interior. Na contemplação e na meditação, novos ensinamentos e uma mais forte compenetração artistica lhe vai tomando conta de todos os impulsos. Ao se extasiar na frente dos "Bebados", sentiu o conteudo humano, profundamente espanhol do grande mestre e viu que a arte, a pesar de ter como fim principal a procura da beleza, tambem tem um sentido eminentemente nacional e patriótico, sem perder a sua unidade, que é universal. Não é dificil manifestar a unidade da arte, bem assim como dessa unidade, por ponto de partida, pode se encontrar a sua pluralização. Mas o objeto único é a beleza dentro do mais puro dos conceitos históricos, dentro do mais perfeito conhecimento dos heróis e dos deuses. Foram criados para a arte uma série de limites, de normas e principios de acordo com a sua essência e com os meios de expressão de que dispõe o homem, mas deve ser afastada a suposição de que pretenda a arte fazer cópia servil da natureza. Contemplando Rembrandt, constata essa verdade surpreendente: o branco usado em uma toalha de linho era muito, mais escuro, e mais sujo mesmo, do que o chão do Louvre, mas se apresentava com uma vibração de luz espantosa, desafiando todos os pintores modernos e impressionistas.

Havia em tudo uma vitória de valores. A cabeça de Filipe IV causou-lhe tal emoção, que insensivelmente faz uma cópia. Velasquez e Rembrandt são os seus mestres.

O ESPIRÍTO MODERNISTA DA LITERATURA BRASILEIRA

vontade e representação. Finalmente, os livros que, com as suas tendencias, suas intenções e sua técnica transmitem-nos uma curiosa sensação de virtuosismo literário e artistico. Significa isso, que, aí, o romance obedece a efeitos emotivos pre-determinados. Os episódios são arrumados com as necessarias cautelas, quase a capricho, e embora não obedeça esse processo a exigencias de técnica nem por isso deixam de construir uma tendencia para a volta ao formalismo.

Em cada um dos romancistas da fase post-modernista deparamos caracteristicas bem diversas. Os grandes e os pequenos fenomenos quotidianos não descritos com filosofia ou merecem profundas indagações metafisicas. Contentam-se uns em transmitir ás massas algumas idéas e sensações colhidas na observação diária dos fatos; as simpatias de outros voltam-se para a tragédia, o mistério, a aventura dramática dos sêres. Figuras e acontecimentos inexpressos, episodios e sentimentos sobrenaturais todo esse material é aproveitado. O mistério do homem, sua marcha obscura, seus instintos irrevelados absorvem os temperamentos introspectivos, os prosadores inclinados à analise psicológica. — As grandes realidades, os horrores e as reações do mundo físico despertam cada vez mais a corrente dos que preferem enfrentar os aspectos grosseiros da existencia.

A LITERATURA BAIANA NOS ÚLTIMOS QUARENTA ANOS

sidida pelo poeta Camilo de Jesús Lima, ao tempo que, em Jequié, Verdigal Pitanga continua a editar a revista literária *Tua*, magnificamente colaborada.

Integram a *Ala de Letras de Conquista*, representantes de todas as manifestações do espírito, desde os oradores, sacro e profano, padre Nestor Passos e o antigo parlamentar Crescêncio Lacerda (pertenceu à *Hora Literária dos Novos*), até o juiz Clovis de Ataide e os escritores, poetas e jornalistas, Laudionor A. Brasil, Euclides Dantas, Benedito Profeta, Mário Padre, Aloísio Lacerda, Agenor Neves, Rostel Matos, Manoelito Melo, Arlindo Rodrigues, Iolando Fonseca e Clovis Lima.

E não é de mais que, em sinal de estímulo e de aplauso aos moços, que, no interior do Brasil, servem abnegada e despreocupadamente às letras pátrias, em meio aos maiores sacrifícios e à indiferença dos descrentes, estas referências sirvam de chave a este trabalho.

GASTÃO RUCH

ção", em quatro volumes, elaborou Gastão Ruch uma bem documentada "História da América.", estudo concencioso da História do novo mundo, sob o ponto de vista político, econômico e social, tambem editada pela livraria Briguiet (1932).

Escreveu em colaboração com o seu cologa Henrique Monat e sua irmã professora Aimée Ruch trabalhos didáticos para o ensino da lingua francesa, de que era grande sabedor.

A VOLTA DE EÇA DE QUEIROZ

Acusam-no os *modernos* de não ter ele descido às massas, liberando, através de seu talento plástico, os sofrimentos e as misérias que as assaltam, com a semi-lingua e os estados primários de sensibilidade a elas peculiares. E isto é tanto mais grave quando se sabe das tendências socialistas de Eça.

Não compreende essa gente que o socialismo do ironista de "A Reliquia" foi puramente epidérmico, produto da epidemia que lavrou entre o grupo jovem que vinha de revolucionar Coimbra com as suas atitudes reformadoras. O socialismo era, para eles, não uma força dialética de reivindicação proletária, manejada para transformar a sociedade e o mundo, mas um pretesto para zurzir o meio fechado em que viviam, para romper as grades da prisão conservadora.

Eça não pretendia mudar a estrutura do mundo, mas a composição humana, porque a experiência o ensinou, depois dos arroubos vermelhos da juventude, que sem reformar o homem é impossivel criar uma nova ordem de de coisas no universo. Não pregou as excelências do homem puro, do homem liricamente construtor, do homem de ação, porque lhe faltava espirito missionário. Seu temperamento ardoroso e rebelde preferiu o ataque, e a arte, não a politica, foi a sua arma.

Acusá-lo, portanto, de decadentismo, de exprimir, intelectualmente, a mentalidade do pequeno burguês, sempre reformista, mas não revolucionária, é a maior das injustiças que se lhe pode fazer. Essa acusação só pode partir de quem não estudou o ambiente dos fins do século XIX, nem, tampouco, compreendeu o grau revolucionário de sua arte. Não no sentido politico marxista, é claro, mas no sentido humano, estético e social.

Oscar Wilde, por exemplo, abstraindo a agilidade de seu espirito paradoxal, de sua arte realmente maravilhosa, pode ser considerado um simbolo da decadência, do refinamento viciado que acomete, invariavelmente, as sociedades, quando, passado o periodo dinâmico das conquistas e das criações, elas se deixam vencer pelo estatismo do gozo ocioso das riquezas acumuladas. Na Inglaterra, porem, se uma parte fora contaminada, a outra, muito maior, se fechara na tradição conservadora, no puritanismo imperialista da era vitoriana. Wilde, cheio de problemas sexuais, reagiu contra o meio pelo escândalo, pela morbidez de uma literatura de dissolução.

Eça de Queiroz, ao contrário, foi uma espécie de anjo exterminador. Sua arte procurou destruir o verniz superficial que encobria as misérias, de um lado, e o tacanhismo, de outro, da sociedade. Eça não sofria de angústia sexual, e a "A Cidade e as Serras" é um documento irretorquivel de sua saude psicológica, no sentido freudeano, de seu amor a tudo o que é natural, à simplicidade do homem e à vida campestre.

Realista, crú por vezes, impiedoso no detalhe e na caricatura, Eça de Queiroz deixa longe as lentes fotográficas dos *modernos*. Mas, há na sua obra um vigor estuante, uma esteira de vida, uma expressão estética que reduz a zero, se entrarmos no terreno comparativo, a obra vazia e convencional dos varejadores de morros, de cortiços e de cais, onde não há estilo, linguagem, beleza, nem o sinete do espírito, sem o que não pode haver arte que dure no espaço e viva no tempo.

AS CONTRADIÇÕES DA VIDA

— Olhe vovô, o que encontramos no quarto de titia Flávia. Não é uma carta?

A principio indeciso, pegou a final, o papel, mal disfarçando sua emoção.

E, quando o entregou à esposa, que o olhava interrogativamente, esta notou que, contrastando com as lágrimas que lhe assomavam os olhos, os lábios se abriam num sorriso.

Na pressa, Flávia esquecera de rasgar a carta do cunhado...

PAIXÃO DE BRUTO

O Guaribas, ao vê-lo, não duvidou de sua desgraça. A sua última ilusão se desfez com um sopro do destino. O seu olhar começou a brilhar sinistramente. Agora a viola parecia um coração despedaçado, a soluçar, espalhando pelo ambiente uma tristeza infinita. Finalmente, num impeto de desespero, de dor incontrolavel, arremessou o instrumento ao longe. E, com pasmo geral, se precipitou para onde estava o Chico. Num ápice cravou-lhe a "parnaiba" no peito, e disparou pelo matagal a dentro, a correr desabaladamente...

O NOSSO MELHOR LIVRO

feita, continuando o espirito humano, na generalidade dos casos, entregue, a um tempo, a três modos de filosofar radicalmente incompatíveis: o teológico para os assuntos morais; o metafísico, para as cogitações sociais e biológicas; e, finalmente, o positivo, para o conjunto das especulações mais simples da química, da física, da astronomia e da matemática".

"Ora, é da coexistência dessas três filosofias antagônicas que provem os males, dia a dia mais insuportaveis da sociedade moderna"... E neste diapasão o autor continua para afirmar: "que só a filosofia positiva está destinada a subsistir, porquanto, realmente, só ela, há vários séculos, vem fazendo constantes progressos, enquanto suas antagônicas: a teologia e a metafisica, decaem dia a dia, e são cada vez mais relegadas aos espiritos e aos povos atrasados".

Ivan Monteiro de Barros Lins, convence pela razão, sem recorrer a mágicas mentais, sua obra bem documentada trata os assuntos com elevação de espírito, inteligência, honestidade e, acima de tudo, com uma grande coragem no dizer as coisas. Aplicando a filiação histórica, isto é, o aparecimento sucessivo no tempo, ele muito se avantaja aos que procuram resolver certos problemas sem observar suas variantes através dos séculos.

Por tudo isto, ousamos afirmar ser o *"DESCARTES"*, no gênero, o nosso melhor livro de 1940.

À MARGEM DE UM GRANDE LIVRO

os "yankees" concebem um homem de negócios. Melânia adoça essa paisagem aspera de lutas e contradições, com a sua presença angelical. Um carater enérgico temperado pela indulgente meiguice feminina, tipo intermédio entre as mulheres de outrora, sombras trêmulas atrás dos maridos todo-poderosos e as Scarletts de hoje.

O exito de "...E o vento levou", longe de suscitar, como suscitou a animadversão dos nossos romancistas e homens de letras em gerál, deve ser um estímulo a que se escrevam aquí obras assim bem construidas, servindo-nos dos elementos da nossa formação social e histórica, manancial riquíssimo de que Margaret Mitchell soube tirar o maior proveito.

O HOMEM DENTRO DA VIDA

* * *

E à minha mente veio a cena bíblica.
Pilatos lavando as mãos.
A expressão que passou à imortalidade: ECCE HOMO!
E a coroa de espinhos...
Toda a Semana Santa do sofrimento do Senhor!

* * *

Tambem eu terei a minha Semana Santa.
Porque já estou na quarta-feira de Trevas: a Vida!
Terei depois a minha quinta-feira das Endoenças; os últimos dias que passarei na matéria!
E virá, em seguida, a sexta-feira da Paixão: minha desencarnação!
E surgirá, em culminância bonita, o meu sábado de Aleluia: minha Ressureição à vida Espiritual, em que voltarei perante o Senhor!
E nesse dia — sábado de Aleluia não malharei o Judas — meus sofrimentos materiais — porque Deus há de me ensinar a perdoar!...

* * *

Dentro do ar parado, místico, outonal, crescem em meus ouvidos as notas sublimes da Ave-Maria!
Eu continuo a só ver, a só sentir e a só ouvir o CRUCIFICADO!
Sinto a minha pequenez.
A pequenez do Homem.
Do Homem que há de ser sempre isso dentro da vida: um eterno Crucificado nos braços da Cruz de suas Culpas!

AS TRÊS IRMÃS

E então seria a sua vez de sentir a solidão de "Curral Novo". Como Octacília e Ana, indagaria aos astros, diante duma janela aberta na noite, pelo homem que nunca vinha gemer de amor nos seus braços.

E os astros mudos, continuando a piscar, não responderiam a sua pergunta ansiosa. O vento bateria no seu rosto, esvoaçaria o seu cabelo. E a noite imensa aumentaria a sua tristeza, fazendo brotar no canto dos seus olhos, pedaços de lágrimas.

E Antônia, de olhos embaciados, encontraria tambem a imagem terna de Nossa Senhora da Conceição, sorrindo dentro do nicho, numa esperança boa...

AS DIFICULDADES DO FOLCORE LATINO-AMERICANO

Gabriel Ferry (Louis de Bellemare) no seu livro sobre o México ("Scènes de la vie mexicane") observou:

"Le mot *tio* (oncle) désigne en estyle familier, comme le mot "père" en français, un homme âgé".
(obra cit., p. 311, nota 3).

O mesmo é observado, entre o povo, no Brasil.

Na Argentina registou Daniel Granada:
"Tio, tia — Aplicase a los negros viejos africanos"(1)

O mesmo se observa nos Estados Unidos da América do Norte, onde houve escravidão negra (Ex: *Uncle* Thomas).

Tudo isso é reflexo da vida dos negros.
"É certo que entre os negros ocidentais e do sul da África (escreveu João Ribeiro) as famílias se perpetuam pela linha materna. Não há outra paternidade que a da agnação, isto é, dos tios" (2).

(1) — D. Granada, Vocabulário Rioplatense.

(2) — João Ribeiro, O elemento negro.

O ENSINO SUPERIOR DA LITERATURA NO BRASIL

6.ª — Finalmente, os problemas gerais da literatura ou a sua filosofia, metodologia da crítica (não do ensino), gênese dos gêneros literários, terminologia especial, juizo estético, tudo isso deve constituir preocupação constante do investigador do fenômeno literário, deve formar aquele halo esclarecedor de síntese, sem o qual não haverá nunca analises verdadeiramente uteis. São aqueles problemas todos que agita a revista internacional *Helicon*, orgão privativo dessa curiosidade especializada.

P. S. — Aos leitores curiosos destes temas recordo que deles me ocupei anteriomente na *Crítica Literária como Ciência*, Lisbôa, 1912, 3.ª ed. em 1920; em *Aristarcos* (4 *conferências sobre metodologia da crítica*), São-Paulo, 1939; *Em defensão da literatura* (*pequenas variações sobre grandes temas*) in *Últimas aventuras*, Rio-de-Janeiro, 1941; e em *Memórias de um crítico*, in "Diários Associados", Brasil, 1941.

A
COSMOS
VENHA TOMAR UMA
HAMBURGUEZA
COMIGO...
A CERVEJA LEVE E
SUAVE COMO O CHOPP
E' UM PRODUCTO DA ANTARCTICA

VALOR SOCIAL DAS MEMÓRIAS

e os ameaçasse com a prisão em fortalezas. E quanto a ele, José Bonifácio, se retirava do Gabinete com seus irmãos... D. Pedro chamou Ledo e o que então aconteceu passou à história: Ledo refugiou-se na Embaixada da Suécia, e de lá passou a Buenos-Aires. Os outros porem foram presos. A lei reacionária, que legalizou esse ato, os republicanos chamavam "a bonifácia" em homenagem ao patriarca... Na noite da saida do Patriarca do Ministério a Domitilla escutava tudo num quarto próximo. E quando José Bonifácio esteve preso na Lage apenas teve para comer um galo velho comprado a um soldado e teve de dormir sobre as pedras duras da fortaleza...

As "Memórias de Vasconcellos Drumond", a exemplo das do Chalaça ou das de Carlota Joaquina são um mundo novo para o leitor. E por esses detalhes já se pode ter uma idéia da falta que fazem entre nós as memórias. Ainda há anos quando se comemorou a República, com uma diferença apenas de 50 anos, notava-se uma geral confusão com referência a fatos que deveriam ser amplamente sabidos pela sua proximidade dos nossos dias. É geralmente a falta de memórias que cria essas confusões. Imagine-se o valor que teria para a história das primeiras décadas republicanas os depoimentos de Campos Sales, Prudente, Floriano, Quintino, Benjamin e Deodoro...

40° À SOMBRA

dadeira. São quadros da vida real que aparecem e se sucedem.

Ha vivacidade, trepidação e às vezes páginas comoventes. A mulher que trabalha emancipa-se e por isso sofre os transes do drama da existência. A vitória custa-lhe duas experiências.

E' um romance de interesse feminino, calcado na realidade da vida atroz das moçoilas pobres que lutam e querem vencer, mas no fundo da personalidade se quedam vencidas.

O estilo vibratil da Autora desenha-lhe a psicologia e o talento. Seus pensamentos intimos traem-se às vezes abertamente, às vezes veladamente. Podemos dizer que houve franco triunfo na estréia.

INSTITUTO DE APOSENTADORIAS E PENSÕES DOS COMERCIARIOS

Resumo dos benefícios distribuidos no Período de 1935 a 30 de Junho de 1941.

ANOS	BENEFÍCIOS						TOTAIS
	Seguro Invalidez	Seguro por Velhice	Seguro por Morte	Auxílio Pecuniário	Auxílio Natalidade	Auxílio Funeral	
1935	1:113$3	—	—	—	—	—	1:113$3
1936	281:741$8	—	241:465$6	—	—	—	523:207$4
1937	1.941:213$9	—	1.534:651$8	—	—	—	3.475:865$7
1938	4.386:751$5	—	3.264:628$1	—	—	—	7.651:379$6
1939	6.866:333$4	—	5.387:296$3	—	—	—	12.253:629$7
1940	10.213:857$4	171:614$4	7.115:600$0	51:320$9	257:230$8	46:126$2	17.855:749$7
1.° Semestre 1941	7.032:072$6	413:284$2	4.146:459$6	269:051$5	503:633$2	136:288$1	12.500:789$2
TOTAIS	30.723:083$9	584:898$6	21.690:101$4	320:372$4	760:864$0	182:414$3	54.261:734$6

A CULTURA EM FACE DA GUERRA

dos seus sentimentos, de modo a que essas multidões se viessem incorporar, definitivamente, no seu significado social e humano, ao patrimônio da cultura universal. A esses movimentos literarios e artisticos chamou-se, porem, de *revolucionário*, de *vanguarda*, *socialista*, e até *subversivo*, mas, cuja falsidade de interpretação está, justamente, no não reconhecimento do fenômeno do desbaratamento da cultura pela guerra.

A essa desordem espiritual, porem, sucedeu a estruturação de uma cultura, formada da substância do classismo, na marcha para o definitivo de uma outra estética. E quando o seu rumo se precisava, uma outra guerra, nas mesmas proporções da anterior, ameaça anular os esforços de um quarto de século de busca cultural e sacrificar outros tantos valores que se firmaram — em holocausto à supremacia de novos grupos econômicos.

Que sobrará, a final, deste novo choque de imperialismos? Sobreviverá a atual estrutura das sociedades, numa ameaça permanente de esmagamento do espírito humano, ou surgirá dos escombros da sua organização uma conciência nova, capaz de tirar do modelo clássico da Beleza as formas de uma outra Estética, que seja o padrão da Arte do futuro?

TAMANDARÉ – HOMEM E SÍMBOLO

gridade. Marinheiros do Brasil: No momento em que a Pátria o exigir, estareis tambem prontos, nos vossos postos, atentos à voz de comando. E então, ao roçar-vos a fronte o vento sibilante do perigo, quando as máquinas arfarem, e sobre o mar emparcelado os vossos pesados barcos estenderem a sombra esguia e elegante — podereis dizer com santa vaidade: Tamandaré comanda! E o evocareis, a face vermelha, franjada de barbas grisalhas como um pescador da Islândia, trazido do fundo dos tempos pela coerência do espírito naval para guiar as naves do Brasil ao bom porto — onde roçavam o pano pando, cavadeiras à flor das ondas, os estais plangendo, brancas e invenciveis as fragatas que já conduziram pelos sete mares a nossa bandeira!

ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS

Vieira Fazenda, *M. Nogueira da Silva;* 24, Carlos de Laet, *Henrique Ladgen;* 25, Valentim Magalhães, *Murilo Araujo;* 26, Júlia Lopes de Almeida, *Afonso Lopes de Almeida;* 27, Gonzaga Duque, *Carlos Rubens;* 28, Tito Livio de Castro, *Saladino de Gusmão;* 29, Olavo Bilac, *Henrique Orciuoli;* 30, Mário Pederneiras, *Heitor Beltrão;* 31 Alberto de Farias, *Oton Costa;* 32 Mário de Alencar, *Lemos Brito;* 33, Mário Barreto, *Jaques Raimundo;* 34, Artur Mota, (vaga); 35, Luís Carlos, (vaga); 36, Lima Barreto, *Focion Serpa;* 37, Paulo Barreto, (João do Rio), *Paulo de Magalhães;* 38, Vicente Licínio, Cardoso, *Castilhos Goicochea;* 39, Ronald de Carvalho, *Silvio Júlio;* 40, Moacir de Almeida, *D Martins de Oliveira.*

NOTA — *E para mim muito grato, poder estimar aqui o valor da ajuda de Afonso Costa para a realização dessa súmula da história da Academia Carioca de Letras do mesmo modo que a sinopse cronológica da existência dessa agremiação, de autoria de Modesto de Abreu, lida na sessão de 8 de Abril último, que me foi possivel consultar, graças, ainda, à gentileza do autor de "Poetas do outro sexo";* (D'Almeida Vítor).

QUID VERITAS?

"Todo aquele que provou deste fruto jamais poderá precindir dele".

"Todos os espiritos refletidos estão assim conquistados para sempre, à medida que se apagam os vestígios dos velhos preconceitos e se constitue nas regiões mais altas da Humanidade num conjunto de condições que jamais serão destruidas."

"As sociedades tornam-se cada vez mais policiadas, e ousarei dizer mais virtuosas."

"A soma do Bem vai sempre aumentando e a forma do mal diminuindo, à medida que a soma da Verdade aumenta e a ignorância diminue na Humanidade."

Quid Veritas?

A sublimidade de Jesús não a conseguiu. Os cientistas estudam, e os pensadores anseiam e caminhamos como as águas cristalinas, transformando a matéria e conservando a energia.

Deverá chegar o momento do equilibrio, à proporção que o Mal diminue, com o Dominio da inteligência culta surgindo a Verdade, e com esta a Justiça conquistando, assim, a Humanidade o seu grande sonho, o sonho de Jesús.

EUNICE E AS FLORES AMARELAS

Ao término de minha súplica, a estrela Dalva chegou-se mais para perto de mim. Os seus raios penetraram pelo meu ser a dentro e, na sua voz de luz, prometeu-me tudo o que eu pedia.

Quando a madrugada fugiu levando a minha estrela, desci a Serra tranquilo. Levava a sua promessa, feita numa voz triste e algo comovida, que a minha mágoa seria desfeita e que, em qualquer dias destes, todas as minhas razões de ser hipocrodríaco desaparecerão. Nesse dia, prometeu-me solenemente — ela virá sem ser pressentida e dará apenas um empurrãozinho na Terra.

"E nunca mais — a sua voz ainda estava mais comovida — haverá flores amarelas nem Eunices nem mundos".

Satisfeito voltei para a minha casa e agora não sei se estou dormindo ou se foi o mundo que se acabou.

A DIVINA COMÉDIA E XAVIER PINHEIRO

Esta curiosa contribuição à história literária ouvi-a ao outro Xavier Pinheiro, animador da minha geração e meu amigo fraterno, jornalista, crítico e biógrafo, autor de notavel estudo sobre Francisco Otaviano.

O pai realizara a grande obra por uma questão de amor próprio. Para que a tradução, porem, ganhasse a letra de fôrma, anos após a sua morte, o meu saudoso amigo revelou o milagre de que será capaz um grande amor filial.

Vai-lhe, nesta reminiscência, a minha homenagem.

O HOMEM DO BRASIL

lhidos. Os Chefes surgem naturalmente e impõem-se por si mesmos. Getúlio Vargas impôs-se como Chefe pela univocidade da sua pessoa com a realidade e a alma do Brasil.

O culto ao Chefe da Nação é o culto da Pátria, personificada no sêu representante máximo. Hoje, no ritual sincero do melhor civismo, todos os brasileiros patriotas vão praticar um ato, que é próprio desse culto. Faz anos hoje o Presidente Vargas. E nós todos diremos ao nosso Chefe, neste dia de júbilo, o respeito e o amor, que lhe consagramos. Esse gesto filial é tambem um gesto de confiança. Nele, proclamamos que Getúlio Vargas é o homem do Brasil e o Brasil sempre esteve e sempre estará bem nas suas mãos abençoadas e veneraveis, mãos que estão fazendo a nossa Pátria mais bela, mais forte e maior.

EUCLIDES DA CUNHA

ao Homem, inebriado de floras e de faunas, deixando em cada canto dos rincões negregados e inertes um monumento plasmado das veemências da Terra com as energias argamassadas do Homem que luta e que sente toda a violência dos antagonismos telúricos nadando nas lombadas, correndo nas ravinas.

Em Euclides tudo é vida; vida latente que surge e desabrocha, cansada de incubações, à espera de um descobridor ousado.

O sertão esquecido, na sua multiplicidade de aspectos, teve em Euclides da Cunha o seu máximo poeta, o seu maior historiador. A Amazônia fabulosa, como a Cólquida misteriosa e lendária, teve nele os seus Argonautas gloriosos e impertérritos. E Euclides foi, antes de tudo, um construtor sereno e impávido, lançando linhas, demarcando fronteiras erigindo os arcabouços fecundos de uma história que ainda está por concluir-se, oferecida aos olhares da posteridade, desafiando os tempos.

INTERCAMBIO INTELECTUAL BRASIL-COLOMBIANO

estudos e entrevistas sobre homens e coisas não só da Colômbia, onde esteve o Sr. Silvio Júlio em carater oficial, como do Panamá e Venezuela, que visitou a convite de autoridades esses dois paises. Sua leitura é recomendavel pelos conhecimentos preciosos que nos são transmitidos por esse escritor, na sua obra pertinaz de verdadeiro paladino de um sincero e ardoroso americanismo, durante mais de vinte anos, nesta nossa grande pátria. A sua obra denota esforço digno de encômios, pelo intercâmbio cultural e econômico entre o nosso país e aquela próspera república. Auxiliou-nos tambem, servindo em seu maior fundamento, de base suficiente à elaboração deste ligeiro escorço.

EVOCACÕES DE PORTO ALEGRE

tambem possuem as suas inocências, outras inocências diversas das inocências infantis, que no meu tempo ainda se acabavam dos oito para os nove anos de idade,) os pais vivem seguros de ser senhores absolutos de seus filhos, e não maldam que eles estão vivendo a sua vida à parte e vão se formando independentemente de nós.

Ninguem sabe, por exemplo, quanto sofri com a perda do meu primeiro amor, porque todo esse transe foi secreto, foi intimo, foi meu, profunda e solitariamente meu. As crianças não podem confessar-se sobre assuntos dessa natureza. As crianças (e os velhos que já não podem tambem expandir-se porque andam alheios, distanciados da maioria) são as vítimas prediletas de grandes conflitos inconfessaveis.

Não trocem nunca do prestígio de uns olhos pretos, porque ele surge das profundezas de nossa alma, tem raizes nos mistérios de nosso mundo inconciente. Que me adiantam olhos verdes, olhos azues? Os olhos pretos me perseguem pela existência a fora, em toda parte, porque os meus sentimentos mais remotos e mais profundos estão sempre à sua espreita. Os olhos pretos e a sua viuvez tambem, esperada e recebida já sem protestos e sem revoltas, como pedaços de mim mesmo que se desprendem para me fazer maior na experiência e na compreensão da vida.

A FIGUEIRA E OS TRINTA DINHEIROS

cida se prosterna..." ou "falo em nome da inteligência..." Pode-se alegrar a favor desses "abnegados" defensores da inteligência que o bem viver é a arte de se acomodar às circunstâncias e de tirar partido de tudo...

Cada qual tem o direito de tratar de si do modo que entender, mas deixe em paz os outros, que não pactuam com esses métodos de vida... Não queiram arrastá-los na voragem, que será a consequência de sua mesquinha ambição, porque, mesmo admitindo-se a boa intenção de Judas em querer beneficiar os Apóstolos, podem ficar certos de que os trinta dinheiros são inseparaveis da corda e da figueira...

Serviço do Pessoal do Ministerio da Fazenda

A AÇÃO EFICIENTE E CONSTRUTIVA DO DIRETOR LAURO BOAMORTE

A par dos encômios que merece o Governo pelas medidas com que visa elevar o nivel cultural de seus servidores e de ir de encontro, dentro do possivel, aos seus anseios, é francamente meritório o critério por que se esforça de colocar à frente de seus serviços homens à altura dos encargos que lhe são cometidos.

E' o que se sente através da leitura do bem elaborado **Relatório do Serviço do Pessoal do Ministerio da Fazenda relativo a 1940**, que vem de ser apresentado pelo diretor Lauro Boamorte. De sua leitura, verifica-se, com prazer, que à testa desse importantissimo orgão fazendário se encontra verdadeiro técnico em questões de pessoal, perfeito conhecedor das modernas teorias de racionalização. Numa prosa escorreita e agradavel, prenhe de sadio patriotismo, os problemas ocorrentes são expostos com clareza, seguidos das providências tomadas para resolvê-los, nas quais sobreleva cunho nitidamente prático.

Entre os seus anexos, com quadros estatisticos ilustrando as afirmativas que contem, destaca-se, pelo elevado alcance, o inquérito realizado perante as repartições subordinadas nos Estados para apurar se as novas medidas postas em prática, a partir de fins de 1939, estavam dando bons resultados, o que, diga-se de passagem, ficou comprovado. Eis uma iniciativa digna de ser imitada, pelo que dela muito lucrará o serviço público, alem do espírito de cooperação que estimulará entre chefes e subordinados.

Finalmente, os que manusearem esse Relatório, não poderão negar a forma nova e proveitosa com que o diretor Lauro Boamorte tem resolvido as questões pertinentes à sua Diretoria.

Movimento Bibliográfico de 1940

Organizado por Aureo Ottoni

O) GENERALIDADES

Agendas. Anuários. Bibliografias. Bibliotécas. Dicionários. Enciclopédias. Novas publicações periódicas.

ALBUM da Exposição do Mundo Português. Lisbôa, 1139, 1640, 1940. (27/19). 100 p. il. br. 30$. (9/40). **Pimenta de Mello.**

ANUARIO Açucareiro. 1939. — Dir. Miguel Costa Filho. Instituto do Açucar e do Alcool. (21/27). 355 p. il. br. 10$. (1939-1/40). **Rio.**

ANUÁRIO Brasileiro de Literatura 1940. — N.º 4. Dir. Rogerio Pongetti, Rodolfo Pongetti, Newton Beleza e Lobivar Matos. (19/27). 416 p. il. br. 20$. (10/40). **Pongetti.**

" " " APRESENTA: Trabalhos originais. Bibliografia. Crítica. Inquéritos. Resenha das artes nacionais. Informações. Panorama do movimento intelectual.

ANUARIO Brasileiro de Medicina 1940. Dir. do Prof. Fioravanti Di Piero. (19/28). 376 p. il. enc. 25$. (7/40). **Pongetti.**

ANUARIO de Corumbá 1940. — Dir. Miguel Costa Junior. (24/31). 214 p. il. br. 15$. (10/40). **Mato Grosso.**

ANUÁRIO de Estatistica Mundial 1940. — Yearbook of World Statistics. Annuaire de statistique mondiale. (19/26). 223 p. il. br. 15$. (12/40). **Centro de Estudos Econômicos.**

AUMULLER (Adalberto). — Novo dicionário técnico e químico inglês-português. (17/24). 352 p. cart. 45$. (12/40-1941). **Livr. Kosmos.**

BRASIL (O). de hoje, de ontem e de amanhã. — N.º 1, 31 Janeiro 1940. (16/24). 23 p. (1/40). **D. I. P.**

BRASIL 1940. — Homenagem a Portugal nas festas comemorativas dos Centenarios de sua Fundação e Independencia. Organizada e ed. por Mario de Albuquerque Maranhão Pimentel. (29/37). 308 p. il. enc. 70$. (7/40). **Rio.**

COMISSÃO Brasileira dos Centenarios de Portugal. Pavilhão do Mundo Português e Pavilhão do Brasil Independente. Exposição do Museu Histórico Nacional. Catalogo descritivo e comentado, organizando por Gustavo Barroso. (17/24). 234 p. il. br. (5/40). **Gr. Bloch.**

DETECTIVE (O) Paulista. — Dir. J. S. Camargo. Ano 1, n.º 1, Agosto 1940. (19/27). 40 p. il. mensal 1$. (8/40). Av. Mal. Floriano Peixoto, 159. **Rio.**

DIREITO. — Doutrina, legislação e jurisprudencia. Dir. Clovis Bevilaqua e Eduardo Espinola. Ano 1, vol. I. Jan-Fev. 1940. (17/24). 539 p. br. bimestral 25$. 3 vols. enc. 80$. (3/40). **Freitas Bastos.**

EXAMES de admissão aos cursos ginasiais. Refundido pelos profs. do Liceu Rio Branco: Antonio Gonçalves, Geraldo Rodrigues e Marcello Mesquita. (13/19). 340 p. il. cart. 10$. (29.ª ed. 11/40-1941). **Cia. Ed. Nacional.**

EXPOSIÇÕES II. — Exposição Machado de Assis. Centenário de Machado de Assis. 1839-1939. Catalogo organizando pelo Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Saude. Introdução de Augusto Meyer. (22/30). 239 p. il. br. 12$. (1939-4/40). **Rio.**

FERRAZ (W.). — A bibliotéca. (17/24). 215 p. br. 12$. (7/40). **Bedeschi.**

FRANÇA (Hilarião). — O meu vestibular. (16/23). 119 p. cart. 5$500. (12/40). **Distr. Civilização.**

FRANCO (Alvaro). — Dicionáro inglês-Português, português-inglês. (14/19). 396 p. enc. 24$. (3.ª ed. 3/40). **Globo.**

FREIRE (Laudelino). CAMPOS (J. L. de). — Grande e novissimo dicionário da lingua portuguesa, t. VII. (19/28). 96 p. mensal 10$. Ano 96$. (1/40). **A Noite.**

GÓIS (Carlos). — Dicionário de galicismo. (13/18). 196 p. br. 6$. (4/40). **Livr. Alves.**

GURI (O). — Dir. Austregesilo de Athayde. Ano 1, n.º 1, Maio 1940. (18/25). 64 p. il. em quadrinhos, mensal 1$500, ano 18$. (5/40). **Diário da Noite, Rio**

INSTRUÇÕES para a organização das bibliotécas municipais. Ministério da Educação e Saude. Instituto Nacional do Livro. Col. B 2, Biblioteconomia. Introdução de Augusto Meyer. (16/24). 122 p. il. br. 3$. (8/40). **Rio.**

JORNAL de Ala. — Dir. Carlos Chiacchio. Ano 2, n.º 3, Março 1940. (17/24). 92 p. il. mensal 2$. 6 nos. p/ séries 10$. (5/40). **Rua Juliano Moreira, 1. Baía.**

LETRAS Brasileñas. — Cuaderno de divulgacion en idioma español de literatura, artes, ciencias del Brasil. — Dir. E. M. de Queiroz. Ano 1, n.º 1, Abril 1940. (2.ª época). (18/25). 128 p. il. mensal. 3$, ano 35$. (5/40). **Rua Libero Badaró, 314. S. Paulo.**

LOBINHO (O.). — Dir. Adolfo Aizen. Ano 1, n.º 1. (Nova fase). Maio 1940. (19/27). 72 p. il. em quadrinhos. Mensal 1$500, ano 15$. (5/40). **Supl. Nacionais.**

MENSAGEM. — Quinzenário de arte e literatura. — Dir. Guilhermino Cesar, Oscar Mendes, Milton Amado, J. Carlos Lisbôa, J. Etienne Filho. Ano 1, n.º 30, 15 Maio 1940. (33/47). 8 p. $600, ano 15$. (6/40). **Rua Tomaz Gonzaga, 359. B. Horizonte.**

MUNDO (O) na Mão. — Mensário do pensamento mundial. — Dir. Cordeiro de Andrade e M. de Souza Sobrinho. Ano 1, n.º 1. Abril 1940. (16/23). 80 p. il. 2$500, ano 28$. (4/40). **Emiel Ed.**

MUNDO Oculto. — Dir. Baptista de Oliveira. Ano 1, n.º 1, Agosto 1940. (15/22). 36 p. il. mensal 3$. ano 20$. (8/40). C. Postal, 3736. **Rio.**

PASTEUR. — Mensário de cultura médico-social. — Dir. Claudio de Araujo Lima. Ano 1, n.º 1, Julho 1940. (23/30). 32 p. il. 3$. Ano 30$. (7/40). Rua Senador Dantas, 118-C, s. 415. **Rio.**

P'RA VOCÊ. — Dir. Guaraná de Menezes. Ano 1, n.º 1, Maio 1940. (22/30). 66 p. il. mensal 2$, ano 20$. (5/40). Av. Rio Branco, 114, 3.º. **Rio.**

PREPARATÓRIOS ao alcance de todos. Ed. popular do livro Exames de admissão aos cursos ginasiais. Refundido pelos profs. Antonio Gonçalves, Geraldo Rodrigues e Marcello Mesquita. (13/19). 340 p. il. br. 5$. (10.ª ed. 11/40-1941). **Cia. Ed. Nacional.**

REVISTA Brasileira de Estatística. — Instituto Brasileiro de Estatistica. Ano 1, n.º 1, Janeiro-Março 1940. (19/27). 192 p. il. trimestral 5$, ano 20$. (4/40). Praça Mauá, 7, 11.º. **Rio.**

REVISTA Filológica. — Dir. Ten. Cel. Ruy Almeida. Ano 1, n.º 1. Dezembro 1940. (16/23). 116 p. il. 10$. Av. Rio Branco, 143, 5.º. **Rio.**

REVISTA Genealogica Brasileira. — Orgão do Instituto Genealogico Brasileiro. Ano 1. 1.º semestre 1940. (16/23). 226 p. il. 6$, ano 2 nos. 10$. (6/40). Rua Barão de Itapetininga, 120. **S. Paulo.**

REVISTA de Imigração e Colonização. — Conselho de Imigração e Colonização. Ano 1, n.º 1. Janeiro 1940. (17/24). 202 p. 5$, ano 18$. **Ministério Relações Exteriores.**

SABER. — Magazine mensal de cultura e trabalhos práticos. — Dir. José Scortecci e José Rubro. Ano 1, n.º 1, Maio 1940. (18/27). 128 p. il. 3$, ano 50$. (5/40). Rua Libero Badaró, 651, 2.º. **S. Paulo.**

SNYCKERS (A.). — Duden français. Dictionnaire illustré de la langue française corres-

pondant ao Bildworterbuch de Duden. (14/20). 875 p. il. enc. 40$. (8/40). **Globo.**

SOMBRA. — Dir. Walther Quadros. Ano 1, n.º 1, Dezembro 1940-Janeiro 1941. N.º de Natal. (26/33). 134 p. il. mensal 20$. (12/40). Rua Alcindo Guanabara, 26, 3.º. **Rio.**

SOUZA (Ferraz de). — Secretario enciclopedico brasileiro. (14/19). 494 p. enc. 12$. (2.ª ed. 7/40). **Distr. Civilização.**

VELHO SOBRINHO (J. F.). — Dicionário Bio-bibliográfico brasileiro. Vol. II. Azevedo Castro-B. Virginia. (19/28). 615 p. il. br. 30$. (12/40). **Ministério Educação.**

1) FILOSOFIA

ADLER (Alfred). — A ciência da natureza humana. Trad. Godofredo Rangel e Anisio Teixeira. Bibl. do Espirito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 2. (15/22). 294 p. br. 13$. (2.ª ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ADLER (Alfred). — A Ciência de viver. Trad. Thomaz Newlands Netto. (14/20). 304 p. br. 12$. (7/40). **José Olympio.**

ARISTÓTELES. — A ética de Nicômaco. Trad. Cássio M. Fonseca. Bibl. Clássica, 33. (15/20). 137 p. cart. 9$. (7/40). **Athena.**

AUSTREGESILO (A.). — Preceitos e conceitos. Obras Completas, 15. (13/19). 210 p. br. 6$. (2.ª ed. 5/40). **Guanabara.**

AUSTREGESILO (A). — Viagem interior. Obras Completas, 17. (13/19). 197 p. br. 6$. (2.ª ed. 11/40). **Guanabara.**

BRUNNER, S. J. (P. Dr. Augusto). — Os problemas básicos da filosofia. Trad. Pe. Urbano Thiesen, S. J. (14/0). 296 p. br. 12$. (10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CARRION (Felipe Machado). — O problema da alma e da vida. (14/18). 72 p. br. 4$. (5/40). **Casa Real, P. Alegre.**

CROCE (Benedetto). — Breviário de estética. Trad. Miguel Ruas. (14/20). 97 p. br. 6$. (5/40). **Athena.**

CRUZ (Estevão). — Compêndio de filosofia. (16/23). 640 p. cart. 20$. (Nova ed. 10/40). **Globo.**

DURANT (Will). — Filosofia da vida. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 2. (15/22). 282 p. br. 18$. (Nova Ed. 9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DURANT (Will). — História da filosofia. Trad. Godofredo Rangel e Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 1. (15/22). 499 p. il. br. 18$. (Nova ed. 5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

EMERSON (Ralph Waldo). — A conduta da vida. Trad. C. M. Fonseca. (14/19). 245 p. br. 8$. (6/40). **Cia. Brasil. Ed.**

FRANCA, S. J. (P. Leonel). — Noções de história da filosofia. (17/24). 387 p. enc. 18$. (7.ª ed. 5/40). **Pimenta de Mello.**

GRANDE (Humberto). — Luta pela cultura. (13/19). 155 p. br. 6$. (6/40). **A Noite.**

JANIL (H. N.). — Pensamentos. Pequena filosofia individual-espiritual. (16/23). 59 p. br. 5$. (11/40). **Jornal Comércio.**

KEHL (Renato). — Conduta. (Conceitos e preceitos éticos para jovens e adultos de ambos os sexos). (13/19). 277 p. br. 10$. (3.ª ed. 1939-6/40). **Livr. Alves.**

KEHL (Renato). — Psicologia da personalidade. (Guia de orientação psicologica). (13/19). 307 p. br. 15$. (8/40). **Livr. Alves.**

KEHL (Renato). — Tipos vulgares. Contribuição à psicologia prática. (14/19). br. 8$. (3.ª ed. 9/40). **Livr. Alves.**

KHAN (Inayat). — Formação do caráter. A arte da personalidade. Trad. Elvira L. Jarmann. Pref. Shabaz. 2.ª ed. rev. por João Cabral. Manuais de Cultura Moral, 1. (13/19). 89 p. br. 5$. (9/40). **Coed. Brasilica.**

KHAN (Inayat). — O objetivo da vida. Trad. João Cabral. Pref. Shabaz. Manual de Cultura Moral, 2. (13/19). 111 p. cart. 7$. (10/40). **Coed. Brasilica.**

LANGSNER (A. M.). — Governa teu "Eu". (Kara-Iki). Trad. Henrique Moraes. Pref. Prof. Imaram. (13/19). 195 p. il. br. 9$. (10/40). **Distr. Civilização.**

LIMA (Alceu Amoroso). — Idade, sexo e tempo. Três aspectos da psicologia humana. (14/20). 357 p. br. 10$. (3.ª ed. 3/40). **José Olympio.**

LOPES (Cunha—). — Psicologia. (16/23). 216 p. br. 25$. (2.ª ed. 6/40). **Guanabara.**

MARICÁ (Marquês de). — Máximas, pensamentos e reflexões do Marquês de Maricá. (Publicadas em 1846). Ed. Rev. e pref. pelo prof. Alfredo Gomes. Col. Nacionalista, 2. (13/19). 443 p. br. 15$. (6/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

MAUROIS (André). — Arte de viver ou A pequeno filosofia da vida. Trad. Odilo Costa Filho. Col. Divulgação e Cultura. (14/21). 203 p. br. 8$. (2.ª ed. 3/40). **Vecchi.**

MAUROIS (André). — Sentimentos e costumes. Trad. Carlos Tôrres Pastorino. (14/21). 185 p. br. 8$. (3.ª ed. 12/40-1941). **Vecchi.**

MENDES (Justino). — Psicologia educacional. (14/19). 242 p. cart. 12$. (Nova ed. 5/40). **Distr. A. B. C.**

MICHAËLE (Faris Antonio S.). — Ensaios contemporaneos. (Ciência e filosofia). (14/19). 207 p. br. 8$. (7/40). **Guaíra.**

PASCAL (Blaise). — Pensamentos. Trad. Paulo M. Oliveira. Bibl. Clássica, 11. (15/20). 248 p. cart. 12$. (Nova ed. 3/40). **Athena.**

PAUCHET (Victor). — O caminho da felicidade. Trad. Godofredo Rangel. Col. Obras Educativas, 4. (13/19). 267 p. br. 6$. (Nova ed. 4/40). **Civilização.**

PENTEADO JUNIOR (Onofre de Arruda). Compêndio de psicologia. (Problemas de psicologia educacional). Bibl. Pedagogica Universal. (14/20). 192 p. br. 10$. (1939-5/40).

PINTO (Olympio). — Funeral. Pref. Prado Ribeiro. (13/19). 207 p. br. 7$. (2.ª ed. 5/40). **Distr. Livr. Victor.**

RAMOS (Mario de Andrade). — Reflexões alheias e minhas. Livros III e IV. (19/28). 104 p. br. (1939-3/40). **F. Walther, Rio.**

RANK (Otto). — A personalidade e o ideal. Trad. A. Pinheiro. (13/19). 163 p. br. 6$. (12/40). **Emiel Ed.**

RIVET (Charles). — Edifica tua vida. Trad. Mario Sette. Col. Obras Educativas, 5. (13/19). 222 p. br. 6$. (Nova ed. 2/40). **Civilização.**

ROBINSON (James Harvey). — A formação da mentalidade. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 1.ª, Filosofia, 4. (15/22). 175 p. br. 12$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

RUSSEL (Bertrand). — Os problemas da filosofia. Trad. e pref. Antonio Sergio. Col. Studium, 16. (13/19). 219 p. br. 12$. (1939-1/40). **Saraiva.**

2) RELIGIÕES

Generalidades. Religiões cristãs. Religiões diversas e Mitologia. Ciências ocultas.

ADOLESCENTE (O) por volta da idade ingrata. Aviso aos pais e educadores. Pref. Pierre Petit de Julesville. Trad. e anotado por Pe. F. M. Bueno de Sequeira. (13/19). 249 p. br. 7$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

BARRETO (Francisco da Fontoura). — Conferências escritas especialmente para a Federação Espirita do Paraná e ali realizadas. Pref. Rosala Garzuze. (14/19). 211 p. br. 6$. (10/40). **Emp. Gr. Paranaense.**

BENSON (Robert Huch). — Paradoxos do Catolicismo. (13/18). 152 p. br. 6$. (3/40). **Cruz. Boa Imprensa.**

BERNARDOT, O. P. (M.-V.). — Nossa Senhora da minha vida. Pref. Padre P. Pedroso. Trad. Frei Luís Palha, O. P. (13/19). 191 p. br. 5$. (11/40). **Ed. Mensageiro de S. Antonio.**

BESANT (Annie). — Os sete principios do homem. Primeiro manual de teosofia. Trad. rev. (14/18). 100 p. br. 4$. (4/40). **Livr. Enciclopédica.**

BLECH (Aimée). — Aos que sofrem. Ensinamentos teosoficos. Trad. e pref. E. Nicoll. (13/18). 85 p. br. 3$. (1939-1/40). **Livr. Enciclopédica.**

BOZZANO (Ernesto). — Animismo ou espiritismo? Trad. Guillon Ribeiro. (13/18). 343 p. br. 9$. (10/40). **Fed. Espirita.**

BRANDÃO (Ascanio). — Pregando e martelando. (13/19). 199 p. br. 5$. (3/40). **Livr. Boa Imprensa.**

BRASIL (Pe. Francisco de Salles). — Intolerancia da inteligencia e da igreja. (Estudos e meditações). Pref. Tristão de Athayde. (13/19). 115 p. br. 4$. (6/40). **Distr. Getulio Costa.**

CANTICOS espirituais para uso do catecismo e das Associações Paroquiais. (12/16). 95 p. br. 1$500. (12/40). **Distr. Antunes.**

CARAMURÚ (Sebastião). — Aos catolicos apostolicos romanos. Breves trechos dos Santos Evangelhos. (13/19). 238 p. br. 5$. (8/40). **Pongetti.**

CARAMURÚ (Sebastião). — Redivivos. (Trabalhos dos espiritos). — (13/19). 413 p. br, 9$. (7/40). **Pongetti.**

CASTRO (Almerindo Martins de). — O martirio dos suicidas. (13/19). 152 p. br. 5$. (7/40). **Fed. Espirita.**

CATECISMO espirita. — (12/16). 62 p. br. $500. (12/40). **O Pensamento.**

CYPRIANO ou Tesouro do feiticeiro (O verdadeiro livro de S.). — Obra completa. (13/19). 415 p. il. br. 10$. (Nova ed. 11/40-1941). **Quaresma.**

DELANNE (Gabriel). — Reincarnação. Trad. Carlos Imbassahy. (12/18). 323 p. br. 9$. (11/40). **Fed. Espirita.**

EMBOABA (O.). — Fenomenologia mediúnica (Têse ao doutorado em medicina). Clinica psiquiatrica. Pref. Carlos Imbassahy. (12/17). 116 p. il. br. 4$. (3.ª ed. 7/40). **Fed. Espirita.**

FLAMMARION (Camille). — O desconhecido e os problemas psiquicos. Trad. Arnaldo S. Thiago. (14/19). 555 p. br. 12$. (5/40). **Fed. Espirita.**

FLAMMARION (Camille). — O fim do mundo. Trad. M. Quintão. (13/19). 246 p. br. 7$. (8/40). **Fed. Espirita.**

FLAMMARION (Camille). — Urânia. (Uranie). Trad. Almerindo Martins de Castro. (12/18). 253 p. br. 5$. (11/40-1941). **Fed. Espirita.**

FRANCA S. J. (P. Leonel). — A psicologia da fé. Bibl. Cristiana, 4. (14/19). 319 p. br. 8$. (4.ª ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GERMAIN, A. B., LL. M. (Conde de Saint—). — Astrologia prática. Trad. Wilson Velloso. (13/19). 238 p. il. br. 10$. (11/40). **Globo.**

GERMAIN, A. B., LL. M. (Conde de Saint—). — Quirosofia prática ilustrada. Trad. Wilson Velloso. (13/19). 209 p. br. 10$. (12/40). **Globo.**

CUNHA (Abel). — A felicidade: Novela espirita e poesias de cunho doutrinario. (12/16). 180 p. br. 4$. (8/40). **Fed. Espirita.**

GONDIM (Isaac). — Aperfeiçoamo-nos. (15/23). 124 p. br. 10$. (7/40). **Distr. Civilização.**

GUIMARÃES (Moreira). — A grande concepção de Deus. Dialogos filosóficos. (12/18). 256 p. br. 10$. (3/40). **Imp. Di Pauli, Rio.**

HEUSER, O. F. M. (Frei Bruno). — História sagrada do antigo e do novo testamento. (13/19). 350 p. cart. 3$500. (11.ª ed. 4/40). **Vozes Petropolis.**

KARDEC (Allan). — O evangelho segundo o espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro. (13/19). 412 p. br. 5$. (25.ª ed. 4/40). **Fed. Espirita.**

KARDEC (Allan). — A genese. Os milagres e as predições. Trad. Guillon Ribeiro. (13/19). 411 p. br. 7$. (9.ª ed. 7/40). **Fed. Espirita.**

KARDEC (Allan). — A prece segundo o espiritismo. Trad. (10/40). 158 p. br. 2$. (14.ª ed. 6/40). **Fed. Espirita.**

KECKEISEN O. S. B. (D. Bêda). — Missal Dominical. (Manual da Paróquia). (10/16). 608 p. 192 p. enc. 30$. (2.ª ed. 11/40). **Distr. Getulio Costa.**

KRISHNAMURTI. — Palestras e respostas a perguntas em Ommen. — 1937/1938. Trad. (13/19). 138 p. br. 6$. (10/40). **Inst. Cult. Krishnamurti.**

LACERDA (Fernando). Eça de Queiroz póstumo. Crônicas mediúnicas. (13/19). 255 p. enc. 10$. (6/40). **Fed. Espirita.**

LAGARRIGUE (Juan Enrique). — A religião da humanidade. Trad. Maria da Gloria Netto d'Avila d'Oliveira. (14/19). 189 p. br. 4$. (1939-3/40). **Emiel Ed.**

LANZA (Celestina Arruda). — O verbo. Obra ditada á autora pela voz do Além. (14/19). 239 p. br. 10$. (6/40). **Imp. Di Pauli, Rio.**

LATTES (D.). — Apologia do hebraismo. Trad. João Penteado Erskine Stevenson. Co. Apologias, 7. (13/19). 103 p. br. 4$. (1/40). **Athena.**

LEADBEATER (C. W.). — Auxiliares invisiveis. Trad. (14/19). 126 p. br. 4$. (9/40). **Livr. Enciclopédica.**

LEKEUX (Frei Matias). — Maggi. Versão de Soares d'Azevedo. Pref. Huberto Rohden. (12/18). 221 p. br. 8$. (12/40). **Cruz. Boa Imprensa.**

LERROY, S. J. (Pe. Louis). — A subida do Calvario. Trad. Luiz Leal Ferreira. Pref. Pe. Leonel Franca, S. J. (14/19). 266 p. br. 7$. (2.ª ed. 1939-2/40). **Boa Imprensa.**

LESCURE (A. M.). — Pró e contra. Respostas ás objeções contra a religião. Trad. Xavier Pedrosa. (13/18). 260 p. br. 8$. (8/40). **Cruz. Boa Imprensa.**

LULA (Rev. Conego Melo). — Adoremos ao Senhor. Missal e devocionario. (10/14). 215 p. il. enc. 6$. (9/40). **Getulio Costa.**

MACHADO (Leopoldo). — Pigmeus contra gigantes. (12/18). 206 p. br. 5$. (6/40). **Fed. Espirita.**

MANSUETO KOHNEN, O. F. M. (Frei). — Pio XII. (13/19). 272 p. il. br. 6$. (9/40). **Ed. Vozes.**

MARCHANT (Hendrik Pieter). — Preconceitos superados. Trad. Germano Mueller. Pref. P. Lacroix. (13/19). 149 p. br. 5$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

MARIA (Pe. Julio). — O fim do mundo está proximo? Profecias antigas e recentes recolhidas e comentadas. (14/19). 212 p. br. 7$. (3.ª ed. 9/40). **Boa Imprensa.**

MATÉO, SS. C. C. (Padre). Palestras evangelicas sobre o coração de Jesus. (13/19). 123 p. br. (7/40). **C. N. E. S. C., Rio.**

MAUTE, S. J. (Pe. Frederico). — Cantai e rezai! Canticos e canções. (10/15). 317 p. cart. 8$. (5/40). **Globo.**

MAUTE, S. J. (Pe. Frederico). — Suplemento do Cantai e rezai! (10/15). 271 p. cart. 4$. (5/40). **Globo.**

MELLO (Oswaldo). — Epistolas aos espiritas. (12/17). 119 p. br. 4$. (7/40). **Fed. Espirita.**

MORICE (Pe. Henri). — A mulher cristã e o sofrimento. Trad. e pref. P. Lacroix. 267 p. br. 8$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

NABUCO (Carolina). — Catecismo historiado. (Doutrina cristã para a primeira comunhão). — Il Seth. (16/23). 189 p. cart. 12$. (12/40). **José Olympio.**

OLGIATTI (Mons. Francisco). — O silabario do cristianismo. Trad. Ascânio Brandão. Pref. P. Lacroix. (13/19). 324 p. br. 10$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

OUVINHA (Virgilio Machado). — Album Católico. Pref. P. João Batista Lehman, S. V. D. (Belo Horizonte). (27/36). il. br. 20$. (12/40). **Tip Gloria, Rio.**

PELLICER (D. José Amigó y). — Roma e o evangelho. Estudos Filosóficos-religiosos e teórico-práticos). Trad. (13/19). 348 p. br. 6$. (4.ª ed. 4/40). **Fed. Espirita.**

PERROY, S. J. (P. Louis). — A humilde Virgem Maria. Trad. Luiz Leal Ferreira. Apres. Fr. Pedro Sinsig. O. F. (17/24). 169 p. br. 15$. (2.ª ed. 9/40). **Boa Imprensa.**

PRADO (Lourenço). (Rosabis Camaysar). — Alegria e triunfo. (13/19). 253 p. br. 5$. (8/40). **O Pensamento.**

RICHET (Charles). — A grande esperança. Trad. Yolanda Vieira Martins. Bibl. de Estudos Psiquicos, 4. (13/19). 240 p. br. 8$. (4/40). **Distr. Civilização.**

RICHET (Charles). — O sexto sentido. Trad. Yolanda Martins. Bibl. de Estudos Psiquicos 5. (13/19). 272 p. il. br. 8$. (7/40). **Distr. Civilização.**

RIMBAULT (Léon). — As heroinas do dever. (Estudos femininos). Pref. P. Lacroix. (13/19). 215 p. br. 10$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

SALAZAR (Gabriele). — A proxima queda da Inglaterra pelas profecias de Nostradamus, Bandarra e Gabriele Salazar. (14/21). 288 p. br. 10$. (5/40). **Livr. Lusitana.**

SCHILDEN S. J. (Hardy). — As ordens do Creador. O livro dos noivos católicos. Pref. P. Lacroix. (13/19). 181 p. br. 6$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

SILVADO (Américo Brasílio). — Imitação maternal ou Uma adaptação da Imitação de Cristo de Thomaz de Kempis ao Culto Positivo. (12/18). 115 p. br. 5$. (9/40).
Jornal do Comercio.

SOUZA (Henrique J. de). — O verdadeiro caminho da iniciação seguido dum estudo sobre o futuro imediato do mundo. Pref. da Sociedade Teosófica Brasileira. Bibl. de Cultura Teosófica, 1. (16/24). 261 p. br. 20$. (9/40).
S. T. B., Rio.

TAROZZI (A.). — Apologia do positivismo. Trad. J. L. Moreira. Col. Apologias, 5. (13/19). 91 p. br. 4$. (1/40). **Athena.**

THOMPSON (Alm. A.). — A vida. Princípios, vibrações e fluidos. O espiritismo no Brasil. (Em apendice). (12/18). 94 p. il. br. 6$. (5/40).
Tip. Coelho, Rio.

TÓTH (Mons. Tihamér). — A juventude brasileira. O brilho da mocidade. (2.ª ed. brasileira de A casta adolescência). Trad. rev. José de Sá Nunes. Pref. P. Lacroix. Des. L. Marton. (13/19). 358 p. br. 10$. (9/40). **Ed. S. C. J.**

TÓTH (Mons. Tihamér). — A juventude católica. O moço de caráter. Pref. P. Carlos Ortiz e Pe. Lacroix, S. C. J. Trad. (13/19). 293 p. br. 7$. (2.ª ed. 2/40). **Distr. Getulio Costa.**

VICTOR (Manoel). — Seleta cristã. Antologia educativa. Pref. Pe. E. de Aquino Rocha. (14/20). 409 p. cart. 12$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

XAVIER (Francisco Candido). — Novas mensagens do espirito de Humberto de Campos e comentários por Almerinda Martins de Castro. (13/19). 134 p. br. 4$. (2.ª ed. 3/40).
Fed. Espirita.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

AGUAYO (A. M.). — Pedagogia cientifica. Psicologia e direção da aprendizagem. Trad. e notas de J. B. Damasco Penna. B. P. B. s. 3.ª, Atualidades Pedagogicas, 18. (14/20). 436 p. il. br. 18$. (Nova ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

AGUIAR (Anesio Frota). — O lenocinio como problema social no Brasil. Pref. Carlos Susseking de Mendonça. (14/19). 111 p. il. br. 7$. (10/40).
I. Amorim, Rio.

AGUIAR (Mario Noronha). — A cooperação dos portuguezes em Petropolis. (Coletanea). (19/27). 365 p. il. br. 20$. (7/40). **Of. Ed. Vozes**

ALBUQUERQUE (A. Tenorio d'). — Escandalo no Morro Velho. (14/20). 96 p. br. 4$. (9/40).
Distr. Cia. Brasil Ed.

ALBUQUERQUE (A. Tenorio d'). — Opressão britanica. (13/19). 94 p. il. br. 4$. (11/40).
Gr. Labor, Rio.

ALENCAR (Edigar de). — Instituto dos Comerciários. Novo Regulamento. Dec.-Lei 5493 de 9/4/940. (13/19). 139 p. br. 6$. (5/40).
Gr. Muniz, Rio.

ALEXANDRE (Francisco). — Manual de fiscalisação das leis do trabalho. (16/24). 197 p. br. 20$. (5/40). **Coelho Branco.**

ALMEIDA JUNIOR (A.). — Paternidade. (Aspectos bio-psicológicos, juridico e social. (14/20). 224 p. br. 15$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ALMEIDA (Gastão Ferreira de). — O direito na crise universal. (16/23). 101 p. br. 10$. (7/40).
Cultura do Brasil.

ALMEIDA (Gastão Ferreira de). — A luta contra o direito. (16/23). 141 p. br. 10$. (7/40).
Cultura do Brasil.

ALMEIDA (Gastão Ferreira de). — Novas questões criminais. (16/23) 82 p. br. 10$. (7/40)
Cultura do Brasil.

ALMEIDA JUNIOR (João Mendes de). — Direito judiciário brasileiro. (16/23). 513 p. enc. 35$. (2.ª ed. 9/40). **Freitas Bastos.**

ALVES FILHO (Francisco Rodrigues). — As bases da unidade nacional. (16/23). 192 p. il. br. 20$. (8/40). **Distr. Freitas Bastos.**

ALVES FILHO (Francisco Rodrigues). — Teoria e prática do direito autoral. (16/23). 205 p. br. 15$. (7/40). **Cultura do Brasil.**

ALVIM (Agostinho). — Aspectos da locação predial. (16/23). 217 p. br. 15$. (10/40).
Saraiva.

AMERICANO (Jorge). — Comentários ao código do processo civil do Brasil. 1.º vol. arts. 1 a 290. (16/24). 685 p. br. 50$. (12/40).
Saraiva.

ANDRADE (Almir de). — Força, cultura e liberdade. Origens históricas e tendências atuais da evolução politica do Brasil. (14/23). 269 p. br. 20$. (8/40). **José Olympio.**

ANDRADE (André Martins de). — A reforma do juri. (16/23). 353 p. br. 20$. (12/40).
Imp. Of. Est. Minas.

ANDRADE (Luís Antonio de), JARA (Eduardo). — A naturalização no Estado Novo. Pref. Ernani Reis. (16/23). 199 p. br. 15$. (7/40).
Jornal do Brasil.

APOSENTADORIAS e pensões dos comerciários. Dec.-Lei 2122 de 9/4/940, e decreto 5493 de 9/4/940. (13/18). 71 p. br. 3$. (5/40).
Emp. Ed. Brasileira.

ARCHÉRO JUNIOR (Achilles). — Lições de sociologia. Col. Didatica Nacional, 5. (14/19). 332 p. il. cart. 14$. (6.ª ed. 8/40).
Ed. e Publ. Brasil.

ARCHÉRO JUNIOR (Achilles). — Lições de sociologia educacional. Col. Didática Nacional, 11. (14/19). 397 p. cart. 14$. (2.ª ed. 9/40).
Ed. e Publ. Brasil.

ATUALIDADES Mundiais, 2. — Harold Callender. — Origens da tragédia européia. — Ralf Dalahayne Jr. e Louis P. Lochner. (12/19). 50 p. br. 3$. (12/40). **Norte Ed.**

AULER (Hugo). — Policia Judiciária. Pref. Bento de Faria. Bibl. Jurídica Brasileira, 39. (16/24). 255 p. br. 15$. (7/40). **Coelho Branco.**

AZEVEDO (Fernando de). — Sociologia educacional. B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Cientifica, 19. (15/21). 474 p. br. 18$. (1/40).
Cia. Ed. Nacional.

AZEVEDO (Vicente de Paulo). — As questões prejudiciais no processo penal. (17/24). 146 p. br. 10$. (2.ª ed. 12/40). **Livr. Martins.**

BARRETO (Romano), WILLEMS (Emilio). — Leituras sociologicas. Série Ciências Sociais, 1. (14/21). 214 p. br. 12$. (5/40).
Rev. Sociologia.

BARRETO (Luís Muniz), BARRETO (Lauro Muniz). — A responsabilidade dos bancos no caso de pagamento de chéques por meio de procuração pública. (19/28). 257 p. br. 25$. (1939-1/40). **Rev. Tribunais.**

BARROS (Alamiro Bica Buys de). — Direito industrial e legislação do trabalho. Vol. I, Direito industrial. (Propriedade industrial). Bibliotéca Juridica Brasileira, 13. (16/24). 388 p. br. 30$. (5/40). **Coelho Branco.**

BARROS JUNIOR (Carlos S. de). — Da remição e execução. Pref. Julio Cezar de Faria. (16/23) 131 p. br. 12$. (11/40). **Distr. Freitas Bastos.**

BARROS (Ulpiano de). — Racionalização em um serviço público federal. Novas diretrizes da Diretoria do Dominio da União. (13/19). 25 p. br. (10/40). **Pongetti.**

BATISTA (Zótico). — Código de processo civil. Vol. I, arts. 1 a 459. (17/24). 362 p. enc. 30$. (6/40). — Vol. II, arts. 460 a 1052. (17/24). 391 p. enc. 30$. (10/40). **Jacintho.**

BAUDIN (Louis). — A moeda. O que toda gente deveria saber a respeito... Trad. Abelardo Vergueira Cesar. (13/19). 223 p. il. br. 10$. (2/40). **Livr. Martins.**

BERNARDI (Mansueto). — Estudos monetários. (17/24). 158 p. br. 15$. (10/40). **Globo.**

BEVILAQUA (Achilles). — Carteira forense. (Códigos e leis em vigor). Bibl. Jurídica, 9 (14/19). 1312 p. enc. 60$. (1/40).
Freitas Bastos.

BEVILAQUA (Achilles). — Código civil brasileiro anotado. Bibl. Jurídica, 1. (14/19). 663 p. enc. 20$. (4/40). **Freitas Bastos.**

BEVILAQUA (Achilles). — Código comercial brasileiro anotãdo. Bibl. Jurídica, 2. (14/19). 749 p. enc. 22$. (5.ª ed. 1/40).
Freitas Bastos.

BEVILAQUA (Clovis). — Código civil do E. U. do Brasil. Comentado. Vol. I. (16/23). 476 p. enc. 45$. (5.ª ed. 9/40). **Livr. Alves.**

BEVILAQUA (Clovis). — Direito das obrigações. (17/24). 458 p. enc. 35$. (5.ª ed. 1040).
Freitas Bastos.

BEVILAQUA (Clovis). — Opusculos II. (15/22). 101 p. br. 8$. (7/40). **Pongetti.**

BOMFIM (Manoel). — O parasitismo social e evolução. A America Latina. Males de origem. Pref. Azevedo Amaral. (13/19). 468 p. br. 12$. (2.ª ed. 1/40). **A Noite.**

BRANCO (Eurico Castello). — Anotações as leis de segurança e economia popular. (16/23). 331 p. br. 25$. (8/40). **Jacintho.**

BRASIL (L. de Assis). — Manual de justiça Militar. Pref. João Paulo Barbosa Lima. (14/18). 755 p. cart. 60$. (7/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

CALMON (Heitor). — O problema da sociedade. (17/24). 9 p. br. 3$. (8/40). **Tip. America, Rio.**

CALMON (Heitor). — Solidariedade e bases de administração. (14/19). 67 p. br. 6$. (12/40). **Pap. Velho.**

CAMPOS (Francisco). — Antecipação á reforma politica. (15/23). 270 p. br. 20$. (12/40). **José Olympio.**

CAMPOS (Francisco). — Educação e cultura. (15/23). 202 p. br. 20$. (12/40). **José Olympio.**

CAMPOS (Francisco). — O Estado Nacional. Sua estrutura e seu conteudo ideologico. (15/23). 257 p. br. 20$. (4/40). — (2.ª ed. 10/40). **José Olympio.**

CANAAN (Mario). — Curso de direito romano. (16/22). 282 p. br. 20$. (6/40). **Distr. Augusto Leite.**

CARDOZO (Francisco Malta). — Concordata agraria excepcional. (17/24). 224 p. br. 15$. (8/40). **Saraiva.**

CARDOZO (Francisco Malta). — Novíssimas leis de ajuste e remissão das dívidas da lavoura. (17/23). 235 p. br. 15$. (3/40). **Saraiva.**

CARDOZO (Francisco Malta). — Novíssimas leis de ajuste e remissão das dívidas da lavoura. Comentário. Texto legal. (17/23). 23 p. br. 3$. (4/40). **Saraiva.**

CARREIRO (Carlos Porto). — Lições de economia politica e noções de finanças. Notas de J. F. Kafuri. (16/23). 604 p. br. 35$. (4.ª ed. 6/40). **Briguiet.**

CARVALHO (A. Berbert de). — Os bancos no Estado Novo. Pref. Roméro Estellita. (16/23). 142 p. br. 20$. (11/40). **Imp. Nacional.**

CARVALHO (Delgado de). — Sociologia educacional. B. P. B. s. 3.ª, Atualidades Pedagógicas, 6. (14/20). 429 p. br. 18$. (2.ª ed. 9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Durval M.), FARIA (Adhemar G. de). — Prática do registro de imóveis. (17/24). 195 p. br. 15$. (2.ª ed. 1/40). **Freitas Bastos.**

CARVALHO (Fernando Ronald de). — A campanha dos Dardanellos. 1914-1915. Pref. Vice Alm. Raul Tavares. (13/19). 271 p. il. br. 8$. (2/40). **Pongetti.**

CARVALHO (Francisco Pereira de Bulhões). — Aplicação e interpretação da lei penal. Pref. Edgard Costa. (16/23). 521 p. br. 30$. (6/40). **Jornal Comercio.**

CARVALHO (J. Antero de). — Questões trabalhistas. Pref. Jarbas Peixoto. (16/23). 94 p. br. 10$. (10/40). **Rev. do Trabalho, Rio.**

CARVALHO (Luiz A. da Costa). — No pretorio. Articulados e arrazoados. 1925 a 1927. 2.º vol. (17/24). **Gr. Labor, Rio.**

CARVALHO (Luiz Antonio da Costa). — Dos recursos em geral e dos processos para declaração de direitos. Bibl. Jurídica Brasileira, 40. (16/23). 368 p. br. 25$. (8/40). **Coelho Branco.**

CARVALHO (M. Cavalcanti de). — Direito, justiça e processo do trabalho. (17/24). 361 p. br. 25$. (4/40). **Cia. Ed. Americana.**

CARVALHO (Marcelino de). — O que eu vi em França. Reportagens de Guerra. (14/19). 143 p. il. br. 6$. (10/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

CARVALHO (Menellck). — Administração municipal. (17/24). 220 p. il. br. 15$. (8/40). **Imp. Of. Est. Minas.**

CASADO (Aristides). — O liberalismo econômico de Adam Smith e o Estado Novo Brasileiro. (16/24). 51 p. br. (11/40). **Pongetti.**

CASTRO (J.). — As instituições para-estatais no Estado Novo. (13/19). 225 p. br. 10$. (1939-2/40). **Cia. Carioca, Rio.**

CASTRO (Orlando Ribeiro de). — Locação de predios. (16/23). 261 p. br. 20$. (2.ª ed. 4/40). **Jornal do Comercio.**

CAVALCANTI (Themistocles Brandão). — O funcionário público e o seu estatuto. (17/24). 491 p. br. 30$. (4/40). **Freitas Bastos.**

CESARINO JUNIOR (A. F.). — Direito corporativo e direito de trabalho. T. I. (17/24). 136 p. br. 10$. (7/.40). **Livr. Martins.**

CLAPAREDE (Ed.). — A educação funcional. Trad. e notas de J. B. Damasco Penna. B. P. B. s. 3.ª, Atualidades Pedagogicas, 4. (14/20). 386 p. br. 18$. (2.ª ed. 12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CLAPAREDE (Ed.). — Psicologia da criança e pedagogia experimental. Trad. Turiano Pereira e Aires da Mata Machado Filho. Pref. Helene Antipoff. (17/24). 576 p. il. br. 60$. (2.ª ed. 10/40). **Livr. Alves.**

CÓDIGO de minas. — Decreto-Lei 1985. (14/20). 42 p. br. 5$. (7/40). **Cultura Moderna.**

CÓDIGO penal brasileiro. — Decreto-Lei 2848 de 7/12/940. (14/19). 152 p. br. 5$. (12/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

COMTE (Augusto). — Problemas sociais, sua solução positiva. Trad. e nota prévia Jefferson de Lemos. Bibl. de Cultura Positiva. (13/19). 197 p. br. 8$. (8/40). **Emiel Ed.**

CORDEIRO (João Jorge). — Imposto penitenciário e sua legislação. (16/23). 160 p. br. 10$. (12/40). **Jacintho.**

CORDEIRO (Mario). — Aspectos econômicos e sociais o norte. (Através um inquerito jornalistico). (14/19). 133 p. br. 8$. (4/40). **Z. Valverde.**

COSTA (Antenor). — Do homicidio na legislação brasileira. (Aspectos médico-jurídicos). Bibl. Jurídica Brasileira, 36. (16/24). 175 p. br. 12$. (1939-5/40). **Coelho Branco.**

COSTA (Artur de Souza). — Os estudos econômicos-administrativos e sua importancia para o estado moderno. (15/23). 34 p. br. 3$. (2/40). **Inst. O. E. R. J.**

COSTA (Decio Ribeiro). — Manual prático dos segurados do Instituto dos Comerciários. Bibl. de Legislação Social, 3. (14/19). 238 p. br. 8$. (12/40). **Coelho Branco.**

COSTA (Paulo Botelho da). — Novo manual dos namorados e arte de viver na sociedade. (Compilação). (13/19). 164 p. br. 4$. (12/40). **Antunes.**

COTRIM NETO (A. B.). — Dos contratos coletivos de trabalho. Bibl. Jurídica Brasileira, 42. (16/23). 180 p. br. 10$. (10/40). **Coelho Branco.**

CUNHA (Tristão da). — Noções de econômia politica. (14/19). 296 p. br. 18$. (2.ª ed. 3/40). **Livr. Alves.**

CYSNEIROS (Amador). — O inquerito policial militar. (14/20). 188 p. br. 10$. (11/40). **Distr. Z. Valverde.**

DUCHESNE (Laurent). — História econômica contemporânea. Trad. A. C. Couto de Barros. 13/19). 180 p. br. 8$. (10/40). **Livr. Martins.**

DEHILLOTTE (Pierre). — Gestapo. A organização. Os chefes. Os agentes. A ação da Gestapo no estrangeiro. Pref. Georges Suarez. Trad. Gilberto Miranda. Col. Documentos da Nossa Época, 10. (14/20). 222 p. br. 10$. (6/40). **Globo.**

DIAS (J. Aboim). — Prática da locação e administração predial. Pref. José Maria Mac-Dowell da Costa. (13/19). 168 p. br. 10$. (9/40). **Canton, Rio.**

DINIZ (Osorio da Rocha). — O Brasil em face dos imperialismos modernos. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 183. (13/19). 391 p. br. 15$. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências sociais. Vol. 3.º Il. do autor. (14/19). 79 p. cart. 3$. (11.ª ed. 4/40). **J. R. de Oliveira.**

ESPINOLA (Eduardo), ESPINOLA FILHO (Eduardo). — Tratado de direito civil Brasileiro. Vol. III. (17/23). 632 p. enc. 45$. (2/40). — Vol. IV. (17/23). 633 p. enc. 45$. (6/40). — Vol. V. (17/23). 518 p. enc. 45$. (7/40). — Vol. VI. (17/23). 589 p. enc. 45$. (12/40-1941). **Freitas Bastos.**

FERRAZ (Sousa). — Noções de psicologia da criança com aplicações educativas. (14/21). 212 p. br. 10$. (1939-1/40). **Saraiva.**

FERREIRA (Waldemar). — Compêndio de sociedades mercantis. (17/24). 644 p. br. 50$. (12/40). **Freitas Bastos.**

FONSECA (Anita). — O livro de Lili. Método global. Manual da professora. Pref. Lúcia Monteiro Casassanta. Il. Elza Coelho Junior (14/19). 111 p. br. 4$. (4/40). **Livr. Alves.**

FONTOURA (Amaral). — Programa de sociologia. Curso Complementar. Pref. Jacques Lambert. Introdução Alceu Amoroso Lima. (15/22). 397 p. il. cart. 20$. (12/40). **Globo.**

FRAGA (Affonso). — Instituições do processo civil do Brasil. Pref. Guilherme Carlos da Silva Telles. (17/24). 2 vols. 520-656 p. br. 75$. (8/40). **Saraiva.**

FRANCO (Ary Avezedo). — A prescrição estintiva no código civil brasileiro. (17/24). 405 p. enc. 30$. (3/40). **Freitas Bastos.**

FRANCO SOBRINHO (Manoel de Oliveira). — Os serviços de utilidade pública. (17/24). 120 p. br. 8$. (11/40). **Gr. Paranaense.**

FREIRE (Aracy Muniz). — A orientação educacional na escola secundária. Pref. Delgado de Carvalho. (14/20). 129 p. br. 6$. (8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FREITAS (Gaspar de). — Instrução moral e cívica. Curso primário. (12/16). 120 p. cart. 4$. (25 m.º 8/40). **Distr. Antunes.**

GARCEZ NETO (Martinho). — Promovendo justiça. Pref. Afranio Peixoto. (17/24). 175 p. br. 15$. (1/40). **Distr. Jacintho.**

GIDE (Carlos). — Compêndio d'economia politica. Trad. Contreras Rodrigues. (17/24). 588 p. br. 25$. (Nova ed. 4/40). **Globo.**

GOMES (Alfredo). — Manual do candidato ao funcionalismo público. (Federal e estadual). (14/19). 2 vols. 527-663 p. br. 60$. (6/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

GOMES (Alfredo). — Manual do candidato ao funcionalismo público. Para o cargo de diplomata. (14/19). 656 p. cart. 30$. (7/40). — Para o cargo de estatistico-auxiliar. (14/19). 656 p. il. cart. 30$. (7/40). — Para o cargo de estranumerario-mensalista e técnico de administração. (14/19). 355 p. cart. 20$. (8/40). — Para o cargo de inspetor de alunos. (14/19). 488 p. cart. 25$. (7/40). — Para os cargos de oficial administrativo e escriturario. (14/19). 656 p. cart. 40$. (6/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

GRINGOIRE (Pedro). — Martinho Niemoeller. O homem que enfrentou Hitler. Trad. Julio Camargo Nogueira. Pref. Bento Ferraz. (14/20). 147 p. br. 8$. (5/40). **Casa Ed. S. Paulo.**

GUIMARAES (Ary Machado). — Politica que convendria a seguir a los paises sudamericanos en materia de petróleo. (13/19). 143 p. il. br. 16$. (12/40). **Jornal do Comercio.**

HAMANN (Hugo). — Assuntos econômicos-financeiros. (17/24). 227 p. il, br. 20$. (6/40). **Distr. Civilização.**

HOLLANDA (Raphael de). — A margem do conflito europeu. (13/19). 96 p. br. 12/40). **Casa Riedel, Rio.**

HUNGRIA (Nelson). — Questões jurídico-penais. (16/23). 163 p. br. 12$. (11/40). **Jacintho.**

JACQUES (Paulino). — O direito novo no Supremo Tribunal Federal. (A lei 620 sua aplicação aos tripulantes de embarcações nacionais). (16/24). 21 p. br. 5$. (7/40). **Jornal do Brasil.**

JOBIM (Danton). — A experiencia Roosevelt e a revolução brasileira. (13/19). 171 p. br. 6$. (7/40). **Civilização.**

KAIRO (Paul Schmith). — Nilo, rio escravo. Trad. R. Campos. Col. História Contemporânea, 4. (13/19). 69 p. il. br. 4$. (6/40). **Ed. Diretriz, Rio.**

KARAM (Francisco). — O estado capitalista. Notas sobre o estado, o juro e o desemprego. (13/19). 246 p. br. 10$. (12/40). **Industria do Livro, Rio.**

KONDER (Alexandre). — Um reporter brasileiro na guerra européa. (13/19). 238 p. 16 grav. br. 6$. (8/40). **Pongetti.**

LACERDA (Paulo de). — Código civil brasileiro. (14/19). 687 p. enc. 18$. (14.ª ed. 8/40). **Jacintho.**

LEAL (Antonio Luiz da Câmara). — Da prescrição e da decadência. Teoria geral do direito civil. (17/24). 461 p. br. 25$. (2/40). **Saraiva.**

LEÃO (A. Carneiro). — A educação nos Estados Unidos. Da chegada do Mayflower aos nossos dias. (15/24). 100 p. il. br. 12$. (8/40). **Jornal do Comercio.**

LEÃO (A. Carneiro). — Fundamentos de sociologia. (15/23). 349 p. br. 20$. (1/40). **Jornal do Comercio.**

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Sociedades por ações. Indice alfabético e remissivo por Gastão Grossé Saraiva. (11/16). 196 p. cart. 8$. (11/40). **Saraiva.**

LEGISLAÇÃO do Estado Novo. — Coletânea de decretos-leis organizadas por J .C. Dias. 23.º, mês de Setembro 1939, nos. 1557 a 1644. (14/20). 524 p. br. 20$. (2/40). — 24.º, Outubro 1939, nos. 1645 a 1724. (14/20). 466 p. br. 20$. (3/40). — 25.º, Novembro 1939, nos. 1725 a 1825. (14/20). 596 p. br. 20$. (4/40). — 26.º, Dezembro 1939, nos. 1826 a 1951. (14/20). 541 p. br. 20$. (5/40). — 27.º, Janeiro 1940, nos. 1952 a 1994. (14/20). 492 p. br. 20$. (5/40). — 28.º, Fevereiro 1940, nos. 1995 a 2049. (14/20). 565 p. br.20$. (5/40). — 29.º, Março 1940, nos. 2050 a 2100. (14/20). 419 p. br. 20$. (7/40). — 30.º, Abril 1940, nos. 2101 a 2161. (14/20). 591 p. br. 20$. (7/40). — 31.º, Maio 1940, nos. 2162 a 2259. (14/20). 526 p. br. 20$. (8/40). — 32.º, Junho 1940, nos. 2260 a 2354. (14/20). 561 p. br. 20$. (10/40). — 33.º, Julho 1940, nos. 2355 á 2461. (14/20). 634 p. br. 20$. (10/40) — 34.º, Agosto 1940, nos. 2462 a 2552. (14/20). 552 p. br. 20$. (12/40). **Cultura Moderna.**

LEIS USUAIS. — Coleção das principais leis vigentes e de uso no foro, promulgadas de 1930 a 1939. Complemento da Carteira Jacintho. (12/16). 304 p. br. 12$. 1939-1/40). **Jacintho.**

LEMME (Paschoal). — Educação supletiva. Educação de adultos. (16/23). 64 p. br. 6$. (10/40). **Jornal do Comercio.**

LEMOS SOBRINHO (Antonio). — Da legitima defesa. 3.ª ed. rev. e atualizada por Aristides Lemos. Pref. Evaristo de Moraes. (16/23). 326 p. br. 15$. (7/40). **Saraiva.**

LEONCIO (Pe. Carlos). — Pedagogia. O educando e sua educação. (17/24). 464 p. br. 15$. (4/40). **Esc. Salesianas, Niteroi.**

LIMA (Adamastor). — Direito comercial do Brasil. Tése. (16/23). 41 p. br. 6$. (8/40). **Jacintho.**

LIMA (Herotides da Silva). — Código de processo civil brasileiro comentado. Vol. I, arts. 1 a 297. Pref. M. Costa Manso. (17/24). 644 p. br. 40$. (7/40). **Saraiva.**

LIMA (Mário S. Rodrigues). — Ações e processos em geral. Arts. 1 a 297. 1.º vol. (18/24). 816 p. enc. (12/40-1941). **Distr. Jacintho.**

LINS (Ivan Monteiro de Barros). — A concepção do direito e da felicidade perante moral positiva. Conferencia. (14/19). 63 p. br. 3$. 1939-1/40). **J. R. de Oliveira.**

LINS (Mario). — Espaço-tempo e relações sociais. Pref. Djacir Menezes. (16/23). 209 p. br. 12$. (1/40). **Distr. Coelho Branco.**

LOCARD (Edmond). — A investigação criminal e os métodos cientificos. Trad. Fernando de Miranda. Col. Studium, 15. (13/19). 315 p. br. 12$. (1939-4/40). **Saraiva.**

LOPES (Americo). — Carteira Jacintho. Organização e rev. de Americo Lopes (12/16). 1222 p. enc. 40$. (Nova ed. 3/40). **Jacintho.**

LOPES (Miguel Maria de). — Tratado dos registros públicos. Vol. III, Registro de imóveis. Supl. aos vols. I e II. (17/24). 591 p. br. 35$. (10/40). **Jacintho.**

LOUREIRO (Waldemar). — Registro da propriedade imóvel. Pref. Vicente F. C. Piragibe. (17/24). 404 p. br. 20$. (9/40). **Pimenta de Mello.**

LUBAMBO (Manoel). — —Capitais e grandeza nacional. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 187. (13/19). 225 p. br. 10$. (8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LUZ FILHO (Fabio). — Cooperativas escolares. (13/19). 316 p. il. br. 10$. (7/40). **Coed. Brasilica.**

LUZ FILHO (Fabio). — Sociedades cooperativas. Pref. Arthur Torres Filho. (16/23). 242 p. br. 15$. (3.ª ed. 2/40). **Pongetti.**

LYRA (Roberto). — Crimes contra a economia popular. (16/23). 237 p. br. 15$. (1/40). **Jacintho.**

MACHADO (Sylvio Marcondes). — Ensaio sobre a sociedade de responsabilidade limitada. (16/23). 177 p. br. 15$. (11/40). **Distr. Freitas Bastos**

MACHIAVELLI. — Escritos politicos. Trad. Livio Xavier. Bibl. Clássica, 31. (15/20). 135 p. cart. 8$. (1/40). **Athena.**

MAGALHÃES (Lucia). — Panoramas e perspectivas. (Questões práticas de ensino secundário). (17/24). 62 p. br. 5$. (3/40). **Ed. Autora, Rio.**

MAGALHAES (Symphronio de). — Contra o hitlerismo. Pela integridade das nações americanas. (16/23). 103 p. br. 10$. (4.ª ed. 1939-5/40). **Gr. Apollo, Rio**

MAGALHÃES (Synphronio de). — Vindicta. A civilização contra o despotismo germanico. (16/23). 156 p. br. 12$. (6/40). **Gr. Apollo, Rio.**

MANSO ,Pericles de Souza). — Um direito nôvo. (16/23). 85 p. br. 6$. (12/40). **Coelho Branco.**

MANUAIS de Legislação Brasileira. — Dir. Altino Corrêa e Bettino de Deo. Repositório dos decretos e decretos-leis federais. N.º 5, Setembro-Outubro 1939. Decretos 4614 a 4821, decretos-leis 1557 a 1724. (15/20). 278 p. br. 10$. (2/40). — N.º 6, Novembro-Dezembro 1939. Decretos 4822 a 5101, decretos-leis 1725 a 1951. (15/20). 394 p. br. 12$. (5/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

MANUAIS de Legislação Brasileira. — Vol. 4. Regulamento do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciarios. (14/19). 91 p. br. 2$500. (Nova ed. 5/40). — Vol. 50. Novo regulamento interno e dos serviços gerais. (R. I. S. G.). Dec. 6031 de 26/7/940. (14/19). 134 p. br. 4$. (Nova ed. 10/40). — Vol. 54. Código de minas. (14/19). 110 p. br. 5$. (1/40). — Vol. 62. Selo Penitenciario. (14/19). 39 p. br. 2$. (3/40). — Vol. 63. Registro profissional dos professores. (14/19). 16 p. br. 1$. (3/40). — Vol. 64. Reajustamento economico. (14/19). 29 p. br. 2$. (3/40). — Vol. 65. Serviço judiciário do Estado de S. Paulo. Dec. 11.058, de 26/4/1939. (14/19). br. 2$500. (4/40). — Vol. 66. Regulamento Disciplinar da Armada. (14/19). 39 p. br. 1$500. (6/40). — Vol. 67. Salario minimo. (14/19). 45 p. br. 2$. (8/40). — Vol. 68. Duração do trabalho. Dec. de 13/6/940. (14/19). 27 p. br. 1$500. (9/40). — Vol. 69. Sociedades por ações. Dec.-lei 2627. (15/19). 110 p. br. 5$. (2.ª ed. 11/40). — Vol. 70. Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado. (IPASE). Dec.-lei 2865 de 12/12/940. (14/19). 49 p. br. 2$. (12/40). — Vol. 71. Regulamento da justiça do trabalho. (14/19). 96 p. br. (12/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

MARANHÃO (Paulo). — Escola experimental. Testes. (13/19). 208 p. br. 10$. (6.ª ed. 10/40-1941). **Livr. Alves.**

MARITAIN (Jacques). — O crepusculo da civilização. Trad. Arlindo Veiga dos Santos. (14/20). 43 p. br. 3$. (7/40). **Cultura do Brasil.**

MAUROIS (André). — As origens da guerra de 1939. Trad. (13/19). 63 p. br. 2$. (5/40). **Pongetti.**

MAUROIS (André). — Tragédia na França. Trad. Antonio Lages. Col. Documentário. (14/21). 268 p. br. 15$. (12/40). **Vecchi.**

MELLO (Baptista de). — Organização judiciária e aplicação da lei. (16/23). 258 p. br. 15$. (8/40). **Livr. Brasil.**

MELLO (Cordeiro de). — Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal. Anotado e comentado. Separata de "Direito" vol. II. (16/23). 70 p. br. 5$. (6/40). **Freitas Bastos.**

MELLO (Luiz de Anhaia). — Problemas de urbanismo. O problema econômico dos serviços de utilidade pública. (17/24). 246 p. il. br. 10$. (11/40). **Pref. Municipal, S. Paulo.**

MENDONÇA (José). — A prova civil. (16/23). 208 p. enc. 17$. (6/40). **Jacintho.**

MENDONÇA (Manoel Ignacio Carvalho de). — A vontade unilateral nos direitos de crédito ou ação rescisoria das sentenças e julgados. Anotações de Eduardo Espinola Filho. (17/24). 381 p. enc. 30$. (2.ª ed. 4/40). **Freitas Bastos.**

MENDONÇA (Valdemar Paranhos de). — O código civil e o direito da propriedade imóvel. (16/23). 88 p. br. 10$. (12/40). **C. Mendes Junior, Rio.**

MINISTÉRIO da Educação e Saude. — Organização do ensino primário e normal. I, Estado do Amazonas. Pref. Lourenço Filho. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Boletim, 2. (16/23). 48 p. br. 1$. (1939-3/40). **Rio.**

MOACYR (Primitivo). — A instrução e as provincias. (Subsidios para a história da educação no Brasil). 3.º vol. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 147-B. (13/19). 592 p. br. 25$. (2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MORAES (Evaristo de). — Os judeus. Pref. Antonio Piccarolo. Introdução de Evaristo de Moraes Filho. (14/20). 159 p. br. 5$. (11/40). **Distr. Civilização.**

MORAES (M. C. Guimarães). — O imperialismo Britanico na America. (14/20). 63 p. br. 3$. (6/40). **Distr. Z. Valverde.**

MOREIRA (Albertino G.). — Noções gerais de direito social. 1.º vol. (17/24). 421 p. br. 30$. (7/40). **Saraiva.**

MOURA (Abner de). — Os centros de interesse na escola. Bibl. de Educação, 15. (14/20). 93 p. br. 4$. (2.ª ed. 3/40). **Ed. Melhoramentos.**

MOURA (Eros de). — O homicidio por compaixão. Pref. Evaristo de Moraes. (13/19). 93 p. br. 6$. (6/40). **Coed. Brasilica.**

MOURÃO (Abner). — Uma reportagem na Italia. Pref. Ugo Sola. (13/19). 223 p. il. br. 8$. (2.ª ed. 7/40). **A Noite.**

NAVARRO (Odilon). — Manual teorico e prático dos escrivães. (14/20). 407 p. cart. 18$. (2.ª ed. 12/40). **Livr. Teixeira.**

NEVES (Edgard de Carvalho). — Em louvor da criança. Conferencia. (16-23). 24 p. br. 2$ (1938-3/40). **Imp. Oficial, Vitória.**

NEVES (Edgard de Carvalho). —— Oração ao Oswaldo Cruz. (16/23). 10 p. br. 2$. (1938-3/40). **Imp. Oficial, Vitória.**

NOVA Constituição da Republica dos E. U. do Brasil. 10 de Novembro de 1937. (12/16). 62 p. br. 2$. (20.ª ed. 11/40). **Emp. Ed. Brasileira.**

NUNES (Reginaldo). — A margem da politica positiva. (13/19). 252 p. br. 10$. (1/40). **José Olympio.**

NUNES (Sebastião Barroso). — Tabelas e fórmulas para apurar médias de exames. Pref. Enrique Roxo. (23/28). 54 p. br. 25$. (7/40). **Gr. Laemmert, Rio.**

OLBERT (Ernest A.). — Escravatura, alicerce de um império. (13/19). 83 p. br. 4$. (10/40). **Pongetti.**

OLIVEIRA FILHO (Candido de), OLIVEIRA NETO (Candido de). — Digesto constitucional. (Constituição de 1937). Vol. 2.º. (16/23). 639 p. enc. 40$. (2/40). — Vol. 4.º. (16/23). 661 p. enc. 40$. (4/40). — Vol. 5.º. (16/23). 663 p. enc. 40$. (5/40). **Ed. Autor, Rio.**

OLIVEIRA (Carlos Gomes de). — Nacionalização e ensino. (13/19). 126 p. br. 5$. (1/40). **José Olympio.**

OLIVEIRA (Sebastião Almeida). — Expressões do populário sertanejo. Vocabulário e superstições. (13/19). 219 p. br. 8$. (7/40). **Civilização.**

O'SHEA. — Como educar meu filho. Trad. e pref. Fernando Tude de Souza. (14/21). 351 p. br. 13$. (4/40). **José Olympio.**

PEIXOTO (Afranio), LEÃO (A. Carneiro), FIALHO (Branca), CARVALHO (Carlos Delgado de), ROXO (Euclides), VENANCIO FILHO (F.), MILLARDET (George), LESSA (Gustavo), GÓES FILHO (Joaquim Faria de), RIBEIRO (Paulo de Assis). — Um Grande Problema nacional. (Estudos sobre o ensino secundário). (14/19). 347 p. br. 12$. (1/40). **Pongetti.**

PERDIGÃO (Edmylson). — Linguajar da malandragem. Pref. Evaristo de Moraes. (12/18). 153 p. il. br. 6$. (8/40). **Ed. Autor, Rio.**

PESSOA SOBRINHO (Eduardo Pinto). — Estatuto dos funcionários públicos civis da união e leis correlatas. Bibl. Rev. Fiscal, 10. (19/28). 282 p. br. 20$. (4/40). **Rev. Fiscal.**

PICANÇO (Macario de Lemos). — Constituição dos E. U. do Brasil. (12/16). 125 p. enc. 6$. (2/40). **Z. Valverde.**

PICANÇO (Melchiades). — Dos registros públicos. Bibl. Jurídica Brasileira, 41. (16/23). 176 p. br. 15$. (10/40). **Coelho Branco.**

PIMENTA (Joaquim). — Cultura de fichario. (Tristão de Athayde). Sociologia, Crítica e doutrina. (13/19). 232 p. br. 10$. (12/40). **Coed. Brasilica.**

PITOMBO (Ary). — Guia do funcionário público. (16/23). 169 p. br. 15$. (4.ª ed. 12/40). **Distr. Freitas Bastos.**

PONTES (Eloy). — A ação do Presidente Getulio Vargas. No govêrno Provisório. Na fase constitucional. No novo regimem. (15/22). 201 p. br. 15$. (12/40). **Civilização.**

PROCESSO oral. — Coletânea de estudos de juristas nacionais e estranjeiros. 1.ª série. (17/24). 392 p. br. 30$. (3/40). **Rev. Forence.**

PRUNES (Lourenço Mário). — Manual do senhorio e do inquilino. (17/24). 102 p. br. 12$. (12/40). **Distr. Freitas Bastos.**

PRUNES (Lourenço Mário). — Naturalização. Titulo declaratório e opção de nacionalidade. (17/24). 98 p. br. 12$. (12/40). **Distr. Freitas Bastos.**

PRUNES (Lourenço Mário). — A prodigalidade em face do direito e da psiquiatria. (17/24). 112 p. br. 12$. (12/40). **Dstr. Freitas Bastos.**

RAMOS (Arthur). — O negro brasileiro. 1.º vol. Etnografia religiosa. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 188. (13/19). 434 p. il. br. 18$. (8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

RAMOS (Mario de Andrade). — Banco do Brasil. (16/23). 56 p. br. 3$. (3/40). **Jornal do Comercio.**

READE (Winwood). — O martirio do homem. Trad. Milton da Silva Rodrigues. (15/22). 400 p. br. 20$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

REALE (Miguel). — Fundamentos do direito. (16/23). 320 p. br. 30$. (11/40). **Distr. Z. Valverde.**

REALE (Miguel). — Teoria do direito e do estado. (17/24). 337 p. br. 25$. (7/40). **Livr. Martins.**

REGISTROS Públicos. — Decreto n.º 4.857 de 9/11/939. Modificado pelo decreto 5318 de 29-2/940. (16/23). 64 p. br. 5$. (4/40). **Saraiva.**

REGULAMENTO de promoções do funcionalismo público civil. Organizado por Alonso Caldas Brandão e Helio Milward de Azevedo. (16/23). 32 p. br. 3$. (7/40). **Ed. Autores, Rio.**

REZENDE (Oswaldo). — Prática do regulamento do imposto de renda. (16/23). 463 p. br. 30$. (2.ª ed. 6/40). **Ed. Autor, Campinas.**

REZENDE (Tito), PERICLES (Jaime). — Acordões do 1.º Congresso de Contribuintes. Bibl. Rev. Fiscal, 11. (19/28). 223 p. br. 20$. (3/40). **Rev. Fiscal.**

REZENDE (Tito). — Manual prático do imposto de renda. Bibl. Rev. Fiscal, 9. (19/28). 608 p. br. 40$. (3.ª ed. 3/40). **Rev. Fiscal.**

RHEINBABEN (Barão Werner von). — A guerra de 1939 e suas verdadeiras causas. Trad. (13/19). 71 p. br. 4$. (11/40). **Pongetti.**

RIBEIRO (Jorge Severiano). — Criminosos passionais. Criminosos emocionais. (17/24). 433 p. enc. 25$. (2/40). **Freitas Bastos.**

RICARDO (Cassiano). — Marcha para Oeste. (A influencia da Bandeira na formação social e política do Brasil). Col. Documentos Brasileiros, 25. (15/23). 580 p. br. 20$. (6/40). **José Olympio.**

RICHELIEU. — Testamento politico do Cardeal Duque de Richelieu. Primeiro Ministro de França sob o reinado de Luiz XIII. Trad. David Carneiro. Bibl. Clássica, 32. (15/20). 2 vols. 308 p. cart. 16$. (5/40). **Athena.**

ROBERT (Henri—). — Os grandes processos da história. I série. Trad. J. L. Costa Neves. (14/20). 221 p. il. br. 8$ (Nova ed. 11/40). — V sére. Trad. Breno Pinto Ribeiro. (14/20). 213 p. il. br. 8$. (6/40). — VI série (14/20). 193 p. il. br. 8$. (7/40). — VII série. (14/20). 185 p. il. br. 8$. (7/40). — VIII série. Trad. Fay de Azevedo. (14/20). 197 p. il. br. 8$. (10/40). — IX série. Trad. Breno Pinto Ribeiro. (14/20). 193 p. il. br. 8$. (11/40). — X série. (14/20). 173 p. il. br. 8$. (12/40). **Globo.**

ROCHA (E. de Aquino). — Manual de economia política. Col. Dom Bosco, 1. (14/20). 290 p. cart. 12$. (3.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ROCHA (Geraldo). — País espoliado. Subsidios para a história financeira e econômica do Brasil. Col. Dom Casmurro. (16/23). 317 p. br. 15$. (12/4). **Alba.**

ROCHA (Geraldo). — O rio São Francisco factor precipuo da existencia do Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 184. (13/19). 256 p. il. br. 12$. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ROCHA (Raul). — Assistencia psicotécnica. Estudo técnico do homem no trabalho. Pref. Henrique Roxo. B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Técnico Profissional, 3. (14/20). 198 p. il. br. 15$. (12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ROMEIRO NETO. — O direito penal nos casos concretos. Prof. Galdino de Siqueira, Ary Franco e Evaristo de Moraes. Bibl. Jurídica Brasileira, 33. (16/24). 157 p. br. 15$. (1939-6/40). **Coelho Branco.**

ROSA (Inocencio Borges da). — Processo civil e comercial. Vol. I, artigos 1 a 267. (17/25). 814 p. br. 50$. (4/40). — Vol. II, arts. 294 a 464. (17/24). 504 p. br. 40$. (5/40). **Globo.**

SA (Murillo Bezerra de). — Livro prático do sêlo adesivo. Bibl. de Divulgação e Cultura Social e Fiscal. (14/18). 78 p. br. 6$. (1939-3/40). **Bahia Ed.**

SALARIO mínimo. — Decreto-lei n.º 2.162 de 1/5/940. Tabela geral. (12/16). 16 p. br. 1$. (5/40). **Emp. Ed. Brasileira.**

SANTOS (Francisco Martins dos). — O fato moral e o fato social da década Getuliana. (15/23). 144 p. br. 15$. (12/40). **Z. Valverde.**

SANTOS (J. M. de Carvalho). — Código de processo civil interpretado. Vol. I, arts. 1 a 94. (17/24). 407 p. enc. 35$. (3/40). (2.ª ed. 8/40, 409 p.). — Vol. II, arts. 95 a 179. (17/24). 468 p. enc. 35$. (5/40). (2.ª ed. 8/40). — Vol. III, arts. 180 a 262. (17/24). 467 p. enc. 35$. (6/40). (2.ª ed. 9/40). — Vol. IV, arts. 263 a 363. (17/24). 522 p. enc. 35$. (7/40). — Vol. V, arts. 354 a 464. (17/24). 480 p. enc. 35$. (8/40). — Vol. VI, arts. 465 a 599. (17/24). 452 p. enc. 35$. (9/40). — Vol. VII, arts. 600 a 674. (17/24). 451 p. enc. 35$. (10/40). — Vol. VIII, arts. 675 a 781. (17/24). 477 p. enc. 35$. (11/40). — Vol. IX, arts. 782 a 831. (17/24). 488 p. enc. 35$. (12/40-1941). **Freitas Bastos.**

SANTOS (Noronha), ROSA (Bento Pires da). — Guia dos associados do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários. (13/19). 247 p. br. 10$. (1/40). **J. R. de Oliveira & Z. Valverde.**

SARAIVA (Gastão Grossé). — A marcha do processo. Manual do codigo de processo civil e comercial brasileiro. (16/23). 360 p. br. 25$. (4/40). **Saraiva.**

SCHAEFFER (Werner). — Irlanda, país independente. Trad. Lidia Sales. Col. História Contemporânea, 3. (13/19). 80 p. il. br. 4$. (6/40). **Ed. Diretriz, Rio.**

SCHMIDT JUNIOR (Augusto). — Teoria do imposto sobre sucessões. (16/24). 187 p. br. 15. (1939-1/40). **Gr. Cruzeiro do Sul, S. Paulo.**

SEGUNDO Congresso Afro-Brasileiro. (Bahia). — O negro no Brasil. Trabalhos apresentados por: Melville J. Herskovits, Ademar Vidal, Edison Carneiro, Clovis Amorim, Donald Peirson, Renato Mendonça. Reginaldo Guimarães, Robalinho Cavalcanti, Arthur Ramos, Dario de Bittencourt, Amanda Nascimento, Aydano do Couto Ferraz, Martiniano do Bomfim, Ladipô Solanké, Dante de Laytano, Alfredo Brandão, Manuel Diegues Junior, Salvador Garcia Aguero, Jorge Amado. Bibl. de Divulgação Cientifica, 20. (13/19). 367 p. il. br. 12$. (1/40). **Civilização.**

SENNA (Nelson de). — Africano no Brasil. (16/23). 305 p. br. 12$. (1938-2/40). **Queiroz Breyner, B. Horizonte.**

SEVERO DOS SANTOS PEREIRA (Alfredo). — As falsas bases do comunismo Russo. (14/19). 261 p. br. 5$. (2.º m.º 2/40). **Oscar Mano.**

SILVA (A. B. Alves da). — Introdução á ciência do direito. (16/23). 248 p. br. 12$. (4/40). **Livr. Salesiana.**

SILVA (Collemar Natal e). — Pareceres e decisões. Doutrina, legislação, jurisprudencia. (17/24). 453 p. br. 25$.)6/40). **Emiel Ed.**

SILVA (Collemar Natal e). — Na tribuna e na imprensa. (17/24). 187 p. br. 10$. (6/40). **Emiel Ed.**

SILVA (De Placido e). — Comentários ao código de processo civil. (17/24). 781 p. enc. 50$. (3/40). **Guaira.**

SILVA (J. Pinto e). —— Meus deveres. Educação civica e moral. 2.º ano. (13/19). 122 p. cart. 3$500. (13.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (José Pereira da). — As melhores páginas de Getulio Vargas. (14/19). 276 p. cart. 10$. (4/40). **A. Marçal, Rio.**

SILVA (Oliveira e). — Dos contratos de seguros. Bibl. Jurídica. 3. (14/19). 477 p. enc. 20$. (11/40-1941). **Freitas Bastos.**

SILVA (Oliveira e). — Dicionário das sucessões e testamentos. (17/24). 431 p. br. 30$. (1/40). **Borsoi, Rio.**

SILVA (Oliveira e). — Das indenizações por acidentes nas ruas e nas estradas. (17/25). 533 p. br. 35$. (5/40). **Saraiva.**

SILVA (Oliveira e). — O municipio no Estado Novo. (17/24). 311 p. br. 30$. (1/40). **Borsoi, Rio.**

SILVEIRA (Murilo). — Pontos de direito constitucional, civil e administrativo. (13/19). 200 p. br. 10$. (2.ª ed. 4/40). **Alba.**

SOARES (J. O. Pinto). — Guerra em sertões brasileiros. I vol. Do fanatismo á solução do secular litigio entre o Paraná e S. Catarina. (14/19). 131 p. il. br. 5$. (5/40). **Pap. Velho.**

SOARES (José de Souza). — A Inglaterra e a civilização. (14/19). 121 p. br. 4$. (9/40). **Coelho Branco.**

SOARES (José de Souza). — Do inventário e da partilha no direito brasileiro. Bibl. Jurídica Brasileira, 38. (16/24). 209 p. br. 20$. (4/40). **Coelho Branco.**

SOMBRA (Cap. S.). — As duas linhas de nossa evolução politica. (16/23). 128 p. br. 15$. (12/40). **Z. Valverde.**

SORIANO NETO. — Publicidade. Material do registro imobiliaro, (Efeitos de transcrição). (16/23). 222 p. br. 20$. (10/40). **Of. A Tribuna, Recife.**

SOUZA NETO (F. de A.). — Legislação trabalhista. (17/24). 1278 p. enc. 60$. (1939-5/40). **Saraiva.**

SOUZA NETO (F. de A.). — Legislação trabalhista. 1.º suplemento. (17/24). 296 p. enc. 22$. (5/40). **Saraiva.**

SOUSA (J. P. Galvão de). — O positivismo jurídico e o direito natural. (16/23). 101 p. br. 8$. (12/40). **Distr. Freitas Bastos.**

STARLING (Leão Vieira). — Inventários e partilhas. (Código civil e código de processo civil brasileiros). (18/25). 472 p. br. 25$. (8/40). **Imp. Of. Est. Minas.**

SUCUPIRA (Luiz). — Programa de economia politica. Curso complementar. (15/22). 178 p. cart. 12$. (13/40). **Globo.**

TERRA (Sylvio). — O detective e a sua formação. Civica, moral, intelectual. (12/19). 152 p. br. 6$. (2/40). **Gr. Guarani, Rio.**

TERRA (Sylvio). — Regulamento e organização policial do Rio de Janeiro. Atualizados por Sylvio Terra. (13/19). 296 p. br. 6$. (2.ª ed. 5/40). **Gr. Guarani, Rio.**

TOSTES (Lahyr Paletta de Resende). — Serviços de utilidade pública e sua base de tarifas. Pref. S. Soares de Faria. (17/23). 119 p. enc. 15$. (2.ª ed. 6/40). **Freitas Bastos.**

VALLADÃO (Haroldo). — ensino e o estudo do direito, especialmente do direito internacional privado nos Estados Unidos. (16/23). 43 p. br. 5$. (4/40). **Rev. dos Tribunais.**

VALLADÃO (Haroldo). — O ensino e o estudo do direito, especialmente do direito internacional privado no velho e no novo mundo. (17/24). 258 p. br. 25$. (10/40). **Distr. Civilização.**

VALLE (J. Rodrigues). — Evolução e retorno. (Para onde se dirigem o mundo e a humanidade). Col. de Obras Cientificas, 1. (14/19). 265 p. br. 10$. (7/40). **Coelho Branco.**

VARGAS (Getulio). — A nova politica do Brasil. VI. Realizações do Estado Nôvo. 1 Agosto 1938 a 7 Setembro 1939. (15/23). 340 p. br. 20$. (10/40). — VII. No limiar de uma nova era .20 Outubro 1939 a 29 Junho 1940. (15/23). 350 p. br. 20$. (10/40). **José Olympio.**

VEIGA (A. Cesar). — A ideologia na educação. (15/20). 253 p. br. 10$. (5/40). **Distr. Civilização.**

VERGARA (Pedro). — Da liberdade civil. (16/23). 111 p. br. 10$. (4/40). **Freitas Bastos.**

VIANNA (Ataliba). — Inovações e obscuridades do código de processo civil e comercial brasileiro. Pref. Noé Azevedo. (17/24). 208 p. br. 15$. (4/40). **Livr. Martins.**

VIDIGAL (Lais Eulalio de Bueno). — Da execução direta das obrigações de prestar declaração de vontade. (16/23). 122 p. br. 10$. (12/40). **Rev. Tribunais.**

VILLAR (Frederico). — A arte de viver. Breviario moral e civico. Pref. Claudio de Souza. (13/19). 89 p. cart. 5$. (2.ª ed. 9/40). **A Noite.**

WILLEMS (Emilio). — Assimilação e populações marginais no Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 186. (13/19). 343 p. br. 13$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

WIRSCH (Gert). — Palestina e o problema árabe. Trad. Rubem Teixeira. Col. História Contemporanea, 2. (13/19). 109 p. il. br 4$. (6/40). **Ed. Diretriz, Rio.**

WIRSING (Giselher). — Cem familias dominam um império. Trad. (14/19). 132 p. il. br. 7$. (11/40). **Pongetti.**

ZINGG (Paulo). — A Europa em guerra. (Origens e desenvolvimento 1870-1940). (13/19). 96 p. br. 5$. (9/40). **Civilização.**

3-6) EXERCITO — MARINHA — AERONAUTICA

BARROS (Domingos). — Aeronáutica brasileira. Bibl. Militar, 30. (16/24). 193 p. il br. 6$500. (12/40). **Distr. Z. Valvrede.**

BASTOS (Jorge Vigoni). — O Graf. Spee. (13/19). 53 p. 4 gravuras, br. 2$. (5/40). **Pongetti.**

CAMARGO (Durval de). — Manual básico de aeronáutica. I, Teoria do avião e do vôo. Pref. João Ribeiro de Barros. (14/20). 163 p. il. br. 10$. (6/40). **Distr. Antunes.**

CARVALHO (Virgilio Antonino de). — Direito Penal militar e comento sintético do código penal para a armada em confronto com o direito militar dos romanos. (17/25). 319 p. br. 30$. (5/40). **Bedeschi.**

CORONA (Cap. Evandro Del.). — Caderneta do infante. Pref. João Ribeiro Pinheiro. (11/17). 274 p. enc. 15$. (2.ª ed. 1/40). **H. Velho.**

FURTADO SOBRINHO (Cel.). — Homens e fardas. (Cartas ao General X). (14/19). 113 p. br. 6$. (9/40). **Distr. Guaira.**

GARCIA (Cap. José H.). — Travessia de cursos dágua. Bibl. de A Defesa Nacional. (14/19). 129 p. il. br. 7$. (3/40). **Ministério da Guerra.**

GROTE (Hans Henning Freiherr). — Cautela! O inimigo está escutando. (História espionagem mundial. Trad. Gen. Bertholdo Klinger. Bibl. Militar, 26-27. (16/23). 303 p. il. br. 13$. (5/40). **Distr. Z. Valverde.**

GUERRA Total! 1939. Uma impressionante reportagem sobre os novos métodos da guerra em terra, no mar e no ar. (25/33). 132 p. il. cart. 20$. (11/40). **Globo.**

HORA (Ten. Cel. A. Morgado da). — Curso teórico-prático de balística externa. (17/24). 431 p. il. enc. 60$. (2.ª ed. 1/40). **Alba.**

JUNQUEIRA FILHO (Gabriel Diniz). — Vademecum do candidato a reservista do exercito. (14/19). 137 p. br. 6$. (10.ª ed 6/40). **Jornal do Comercio.**

KARLSON (Paulo). — A conquista dos ares. O romance da aviação. Trad. Marina Guaspari. Rev. técnica de Diniz K. Campos. (16/23). 307 p. l. br. 15$. (10/40). **Globo.**

LEGISLAÇÃO ao alcance de todos. — O código dos militares. (Vencimento e vantagens). Decreto-lei 2186 de 3/5/940. (16/23). 46 p. 7 pranchas, br. 4$. (7/40). **Getulio Costa.**

LEITE (Abel Pereira). — Elementos de aviação. Pref. Cel. Antonio Guedes Muniz. Bibl. de Divulgação Aéronautica, 15. (16/23). 222 p. il. br. 25$. (10/40). **Civilização.**

LIRA (Cap. Antonio Pereira). — Manual de orientação em campanha para uso de todas as armas. Des. Osvaldo Storni. (19/27). 198 p. br. 17$. (2/40). **A Noite.**

LUDENDORFF (General). — A guerra total. Trad. Oliveira Abrantes. Pref. Eduardo Salgueiro. Col. Documentos e Ideias para a História. (13/19). 261 p. br. 10$. (12/40-1941). **Ed. Inquerito.**

MENEZES (Cap. Amilcar Dutra de). — O que o soldado deve saber. Pref. Major Humberto Castello Branco. (16/23). 142 p. il. br. 10$. (1/40). **L Amorim, Rio.**

MERMET (Ten. Cel. Armand). — O oficial de informações em campanha. Trad. e anotações do Cap. José Horacio Garcia. Bibl. d'A Defesa Nacional. (11/18). 99 p. il. br. 6$. (5/40). **Ministério da Guerra.**

MINISTÉRIO da Guerra. — N.º 1. Regulamento interno e dos serviços gerais dos corpos tropa do exercito. (R. I. S. G.). (12/16). 307 p. br. 10$. (12/40). — N.º 2. Regulamento de continências, sinais de respeito, honras e cerimonial militar para o exercito e a armada. (R. Cont.). (12/16). 192 p. br. 7$. (10/40). — N.º 4. Regulamento disciplinar do exercito. (R. D. E.). (12/16). 170 p. br. 6$. (10/40). — N.º 9. Regulamento para os exercicios e o combate da cavalaria. 1.ª p. 2.º vol. Instrução técnica das unidade hipomóveis. (12/16). 264 p. il. br. 10$. (8/40). **Globo.**

PAIVA (Tancredo de Barros. — Caxias na bibliografia brasileira. Separata da Rev. Militar Brasilera, n.º 3 ,vol. 25. (16/23). 65 p. br. 3$. (1938-3/40). **Imp. Nacional, Rio.**

PALADINI (Cap. Danilo). — O livro do observador. Bibl. de Cultura Militar. Pref. T. A. Araripe. (14/19). 289 p. il. br. 10$. (3/40). **H. Velho.**

REGULAMENTO para a instrução dos quadros e da tropa. Bibl. d'A Defesa Nacional. (11/19). 119 p. br. 2$500. (1939-1/40). **H. Velho.**

RONGEL (Ary). — Marés. (Marinha do Brasil. Hidrografia D. H. 19). (19/28 28 p. 11 tábuas, br. 25$. (12/40). **Imp. Naval, Rio.**

ROSEIRO (A. A.). — Serviço de fundos do exercito. 1.ª parte, Origem e evolução. (13/19). 318 p. il. br. 5$. (9/40). **Pongetti.**

SANTIAGO (Cap. Ruy). — Guia para instrução militar. Pref. Ten. Cel. Alvaro Prati de Aguiar. (14/19). 784 p. 20 pranchas il. br. 12$. (8.ª ed. 3/40). **Livr. Alves.**

SANTOS (Evandro). — Taboas de navegação. (19/27). 96 p. br. 20$. (2.ª ed. 1939-2/40). **Jornal do Comercio.**

SILVA (Egydio Moreira de Castro e). — As indústrias militares em nosso país. Conferências. (13/19). 194 p. br. 15$. (Nova ed. 3/40). **Jornal do Comercio.**

SILVA (Cap. Golbery do Couto e). — O tiro de morteiro. Bibl. Militar, 24. (16/24). 188 p. il. br. 6$500. (5/40). **Distr. Z. Valverde.**

TROTTA (Cap. Frederico). — Breviario do recruta. (De infantaria). (12/16). 198 p. il. br. 4$. (3/40). **Ed. Autor, Rio.**

VASCONCELLOS (Major J. M. Leite de). — O papel da aviação na defesa nacional. Conferência. (16/23). 25 p. br. (10/40). **Jornal do Comercio.**

WANDERLEY (Major N. F. Lavenère). — Curso de navegação aérea. Bibl. de Divulgação Aeronautica, 14. Aero Clube do Brasil. (17/24). 355 p. il. br. 15$. (8/40). **Distr. Z. Valverde.**

4-8) LETRAS

A) Filologia. (Generalidades. Ensino de linguas).

ABRANCHES (Helena Lopes), SALGADO (Esther Pires). — Gramática. Livro-caderno (I). (18/25). 109 p. br. 5$. (6/40). **Livr. Alves.**

ABREU (Modesto de). — Correção de textos. Para uso dos candidatos a exames e concursos. (13/19). 263 p. br. 10$. (8/40). **Pongetti.**

ABREU (Modesto de). — Idioma pátrio. 2.ª série. (14/20). 146 p. cart. 6$. (2.ª ed. 1939-1/40). — 4.ª série. (14/20). 324 p. cart. 10$. (4/40) **Cia. Ed. Nacional.**

AHN (F.) — Novo método prático e facil para aprender a lingua francesa. Adaptado por Francisco de Oliveira. (12/18). 176 p. cart. 3$500. (5.ª ed. 3/40). — Lingua inglesa. (12/18). 176 p. cart. 3$500. (30.ª ed. 10/40). **Livr. Alves.**

ALEM (Neif Antonio). — An outline of english literature. Direct method. (14/19). 207 p. car. 8$. (2.ª ed. 4/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALMEIDA (Napoleão Mendes de). — Ortografia oficial. (14/20). 121 p. br. 5$. (12/40). **Saraiva.**

AQUINO (Jeronimo de). — Apontamentos de gramática e estilo. 1.ª série. (14/20). 173 p. br. 8$. (12/40). **Distr. Civilização.**

BELAIR (Edgard Liger—). — Fables de mon Brésil. Livre second. Pref. Fortunat Strowski. Dessin de Oswald Goeldi. (13/17). 73 p. br. 7$500. (12/40). **Franco Brasileira.**

BERCKENHAGEN (Ernst). — Alemão para o engenheiro civil. (16/23). 87 p. cart. 20$. (9/40). **Ed. Autor, S. Paulo.**

BERGO (Vittorio). — Erros e dúvidas de linguagem. Dispostos em ordem alfabética. (16/23). 234 p. br. 12$. (3/40). **Livr. Ed. Escolar.**

BINNS (H. H.). — The direct method for beginners with grammar. (14/20). 167 p. il. cart. 8$. (4.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BINNS (H. H.). — King's english. 1.º livro (14/20). 142 p. cart. 10$. (2.ª ed. 1939-1/40). — 2.º livro (14/20). 138 p. cart. 10$. (2.ª ed. 1939-1/40). — 3.º livro. (14/20). 177 p. cart. 10$. (1939-140). **Distr. Ed. A. B. C.**

BRAGA (Erasmo). — Leitura II para o 2.º ano escolar. Pref. Lourenço Filho (14/19). 217 p. il. cart. 3$500. (10.ª ed. 3/40). — III. (14/19). 259 p. il. cart. 4$500. (68.ª ed. 2/40). **Ed. Melhoramentos.**

BRANDÃO (Cláudio). — Curso de vernáculo. 1.º vol. (13/19). 405 p. cart. 15$. (2/40). **Livr. Alves.**

BRUNO (Aníbal). — Lingua portuguesa. 1.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 8. (14/20). — 250 p. car. 8$. (4.ª ed. 5/40). — 2.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 7. (14/20). 295 p. cart. 10$. (3.ª ed. 6/40). — 4.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 13. (14/20). 262 p. cart. 9$. (3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BUENO (Silveira). — Páginas floridas. 2.ª série. (14/20). 365 p. cart. 10$. (52.ª ed. 12/40). **Saraiva.**

CAMARA JUNIOR (J. M.), RAMOS (Carlos). — Elements of english. (1st year). (14/19). 176 p. il. cart. 8$. (2.ª ed. 1939-1/40). **Briguiet.**

CAMPOS, JR. (J. L.). — Seléta inglesa de autores modernos. Present-day english. B. P. B., s. 2.ª Livros Didáticos, 89. (14/20). 232 p. cart. 9$. (1939-1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CAMPOS, JR. (J. L.). — Springtime. Primavera. (School memories). 2.ª, 3.ª e 4.ª séries. Il. do Autor. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 79. (14/20). 167 p. cart. 7$. (2.ª ed. 1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CARMO (José Sant'Anna do). — Gramática Nipo-brasileira. (17/24). 177 p. enc. 20$. (1938-12/40). **Inst. Cultural Nipo-Brasileiro.**

CARVALHO (J. Mesquita de). — Gramática e antologia nacional. 1.ª e 2.ª séries. (14/19). 341 p. cart. 7$. (.ª ed. 12/40). **Globo.**

CARVALHO (Stella Brant de). — O amigo da infancia. (14/19). 63-20 p. cart. 3$. (10.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CINTRA (Raymundo). — Latim fundamental pelos textos. Curso elementar. (14/19). 160 p. cart. 10$. (4/40). **Gr. do Legionario, S. Paulo.**

CORREIA (Ten. Cel. Jonas). — Estudos de português. (Ortografia e pontuação). Bibl. Militar, 28. (16/24). 146 p. br. 6$500. (5/40). **Distr. Z. Valverde.**

CRUZ (Estevão). — Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. (14/19). 496 p. enc. 18$. (3.ª ed. 6/40). **Globo.**

ELIA (Hamilton), ELIA (Silvio). — 50 textos errados e corrigidos. (14/18). 40 p. br. 4$. (3/40). **Gr. Olimpica.**

ESCREVA Certo! — Por um Professor. Pref. Dacio Pires Correia. (14/19). 72 p. cart. 5$. (2.ª ed. 8/40). **Athena.**

ESPERANTO. — Série Pedro II, col. "B", Gravuras e vocabulário para o ensino do esperanto pelo método direto. Trad. do vocabulário por A. Couto Fernandes. (26/19). 44 p. il. br. 3$. (11/40). **Liga Esperantista, Rio.**

FAUVEL (Julien). — Terceiro ano de conversação francêsa. (13/18). 245 p. cart. 7$. (3.ª ed. 4/40). **Ed. Melhoramentos.**

FERNANDES (Francisco). — Dicionário de verbos e regimes. Pref. Aires da Mata Machado Filho. (19/28). 556 p. enc. 60$. (3/40). **Ditr. Civilização.**

FITZGERALDO (Frederico). — Gramática teórica e prática de língua inglesa. 1880-1940. 25.ª ed. rev. e ampliada por Edgar Tweedie. (15/23). 444 p. cart. 12$. (26.ª ed. 4/40). **Livr. Selbach.**

FLEURY (Luiz Gonzaga). — Meninice. 2.º grau. (14/20). 126 p. il. cart. 3$500. (12.ª ed. 12/40). — 3.º grau. (14/20). 155 p. il. cart. 4$500. (26.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FLEURY (Renato Sêneca). — Na roça. Cartilha. (14/19). 64 p. il. cart. $800. 26.ª ed. 3/40). **Ed. Melhoramentos.**

FONSECA (Alcides da), ARAGÃO (Jarbas Cavalcante de). — A língua portuguesa. (Gramática e antologia). (14/19). 479 p. cart. 15$. (3/40). **Livr. Alves.**

FONSECA (Alda Pereira de). — Ler e aprender. Il. F. Acquarone. (13/19). 166 p. cart. 40$.)4.ª ed. 3/40). **J. R. de Oliveira.**

FONSECA (Anita). — O livro de Lili. (23/15). 86 p. il. br. 3$. (4/40). **Livr. Alves.**

FONSECA (Eduardo). — Mapa sintético da gramática portuguesa. (75/105). 10$. (3/40). **Tip. Leuzinger, Rio.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Cartilha de brinquedo (Método ativo). História do bebê. Série Pindorama. (14/19). il. cart. 3$. (11.ª ed. 12/40). **N. Fontes.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Ilha do sol. Leitura 2.º ano primário. Série Pindorama. (14/19). 111 p. il. cart. 3$. (11.ª ed. 12/40). **N. Fontes.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Ler, escrever e contar. Leitura intermediaria. Série Pindorama. (18/18). 80 p. il. cart. 3$. (4/40). **N. Fontes.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Pindorama. Terra das palmeiras. 4.º e 5.º anos. (14/19). 242 p. il. cart. 6$. (8.ª ed. 12/40). **N. Fontes.**

FRANCÊS pelo método dirrêto. — Por um grupo de professores. 1.º ano. Pref. Antonio Carneiro Leão. (14/18). 161 p. cart. 7$. (5.ª ed. 3/40). — 2.º ano. (14/18). 176 p. cart. 9$. (5.ª ed. 4/40). **Livr. Educadora.**

FREIRE (Laudelino). — Régras práticas para bem escrever. (14/19). 97 p. cart. 5$. (4.ª ed. 1/40). **A Noite.**

FREITAS (Gaspar de). — Exercícios de gramática e modelos de análise. (12/16). 120 p. cart. 16). 144 p. cart. 3$. (115m.ª 1/40). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de gramatica e modelos de análise. (12/16). 120 p. cart. 3$. (14m.ª 3/40). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Paulo de). — O nosso Idioma. Antologia e gramática aplicada, 1.ª parte, Morfologia. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 51. (14/20). 240 p. cart. 8$. (10.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GALHARDO (Thomaz). — Cartilha da infancia. Ensino da leitura. Modificada e ampliada por Romão Puigari. (15/20). 64 p. il. cart. $800. (144.ª ed. 3/40). **Livr. Alves.**

GIBBON (Modestino D.). — Como Pronunciar o latim. Pref. Serafim Silva Neto. (16/23). 30 p. br. 3$. (12/40). **Ind. Tip. Italiana, Rio.**

GONÇALVES (Maximiniano Augusto). — Questões de linguagem e trechos para corrigir. (13/18). 171 p. br. 8$. (9/40). **Irmãos Di Giorgio, Rio.**

HEUSER, O. F. M. (Frei Bruno). — Terceiro livro de leitura. (12/18). 254 p. cart. 2$800. (20.ª ed. 10/40). **Ed. Vozes.**

HORTA (Brant). — Seleta da infância. (13/19). 170 p. il. cart. 4$. (7.ª ed. 3/40). **J. R. de Oliveira.**

JACOBINA (Blanche Thiry). — Morceaux choisis. 4ème année. (16/22). 208 p. il. cart. 18$. (4.ª ed. 3/40). **Distr. Getulio Costa.**

JACOBINA (Blanche Thiry). — Premier livre-cahier. Le français par la méthode directe et par la méthode active. Il. Celia Rocha Braga e Margarida Maria Barbosa de Oliveira. (16/23). 150 p. cart. 11$. (3.ª ed. 3/40). — Troisième livre-cahier. (16/23). 252 p. cart. 16$. (3.ª ed. 4/40). **Distr. Getulio Costa.**

JAQUIER (L.). — Méthode directe de français. Français. 2ème. année. Il. M. M. Munzuiger. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 99. (14/20). 409 p. il. cart. 13$. (1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

KLINGER (Jeneral Bertoldo). — Ortografia simplificada Brazileira. (17/24). 64 p. br. 4$. (9/40). **Ed. Americana, Rio.**

LANTEUIL (Henri de). — Francês comercial, 1.º ano. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 10. (14/20). 148 p. il. cart. 6$. (4.ª ed. 1/40). (5.ª ed. 12/40). 8$). — 2.º ano. B. E. C. E. 11. (14/20). 220 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 2/40). **Cia Ed. Nacional.**

LANTEUIL (Henri de). — Pages brésiliennes. (14/19). 164 p. il. cart. 9$. (2.ª ed. 12/40-1941). **Cia. Ed. Nacional.**

LANTEUIL (Henri de). — Pages françaises. (14/20). 158 p. il. cart. 7$. (4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LEITE (J. F. Marques). — Pequeno ensaio de metrica latina. (13/19). 77 p. br. 5$. (3/40). **Distr. Ed. A. B. C.**

LIMA (Hildebrando de). — Nosso Brasil. 3.º grau primário. (14/20). 201 p. il. cart. 4$500. (1/40). — 2.º grau primário. (14/20). 173 p. il. cart. 4$500. (10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LOPES (Luciano). — Cartilha Modêlo. (18/27). 56 p. il. cart. 15$ (12/40). **Livr. Alves.**

LOURENÇO FILHO (Manoel Bergstrom). — Cartilha do povo. (14/19). 48 p. il. cart. 1$. (136.ª ed. 4/40). **Ed. Melhoramentos.**

LUCIO (João), FROTA (Zilah). — O livro de Iide. 4.º ano. Pref. Alberto Deodato. (14/20). 184 p. il. cart. 5$. (12.ª ed. 12/40). **Livr. Alves.**

MARTINS (Antonio). — My english ladder. 1st grade. (14/19). 137 p. il. cart. 6$. (6/40). **Livr. Lusitania.**

MARTINS (Antonio). — Simples english reader. 2nd grade. (14/19). 158 p. cart. 8$. (2.ª ed. 6/40). **Livr. Lusitana.**

MORAES (João Barbosa de). — Leitura amena. 2.ª série. Il. J. Machado. (14/19). 190 p. cart. 5$. (3/40). — 3.ª série. Il. J. Machado. (14/19). 196 p. cart. 4$. (3/40). **Jacintho.**

MORAES (João Barbosa de). — Exercícios de linguagem. (14/20). 221 p. br. 6$. (2.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MORAIS (Orlando Mendes de). — Meu caderno de português. Noções de gramática. 4.º e 5.º anos. (13/19). 142 p. br. 5$. (4/40). **Getulio Costa.**

MORAIS (Orlando Mendes de). — Textos escolhidos. 3.ª série. (14/20). 200 p. cart. 6$. (3/40). **Livr. Alves.**

MORAIS (Teodoro de). — Sei ler. 2.º livro. Série Cesário Mota. (14/20). 309 p. il. cart. 5$500. (50.ª ed. 3/40). (51.ª e 52.ª ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MORAIS (Vilhena), FONSECA (Orlando). — Língua latina. 4.ª e 5.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 54. (14/20). 364 p. cart. 12$. (4.ª ed. 12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MOURA (Maria Lacerda de). — Português para os cursos comerciais. (13/19). 312 p. br. 8$. (4/40). **Est. Gr. Muniz, Rio.**

NASCENTES (Antenor). — Método prático de análise gramatical. (13/19). 87 p. br. 2$. (9.ª ed. 12/40). **Livr. Alves.**

NASCENTES (Antenor). — A ortografia simplificada ao alcance de todos. (13/20). 174 p. br.

5$. (2/40). (2.ª ed. 7/40). — 7$). **Civilização.**

NOGUEIRA (Julio). — Programa de português. Exame de admissão e antologia primaria. B. P. B. s. 2.ª Livros Didáticos, 98. (14/20). 275 p. il. cart. 9$. (2.ª ed. 10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

NOVAIS (Clari Galvão). — Cartilha das crianças. (14/19). 90 p. il. cart. 2$500. (21.ª ed. 4/40). **Ed. Melhoramentos.**

NUNES (José de Sá). — Aprendei a língua nacional. Consultório filológico. Vol. II. (14/20). 295 p. br. 10$. (9/40). **Ed. S. C. J.**

NUNES (José de Sá). — Ortografia nacional. (9/13). 285 p. br. 6$. (11/40). **Ed. S. C. J.**

OITICIDA (José). — Manual de análise. (Léxica e sintática). (13/19). 288 p. cart. 12$. (5.ª ed. 1/40). **Livr. Alves.**

OLIVEIRA (Alaíde Lisbôa de). — Cirandinha. (Leitura intermediária). Il. Monsã. (14/20). 88 p. cart. 4$. (9/40). **Livr. Alves.**

OLIVEIRA (Mariano de). — Cartilha. Ensino rapido da leitura. (15/19). 48 p. il. cart. 1$700. (206.ª ed. 4/40). **Ed. Melhoramentos.**

PAÇO (Lauro Medeiros do). — Deutsches sprachbuch. (17/24). 195 p. 1 caderno, cart. 14$. (5/40). **Livr. Kosmos.**

PAIVA (Isabel Vieira de Serpa e). — Alma de meu país. 4.º livro. Pref. Orlando Fonseca. (14/19). 216 p. il. cart. 4$500. (3.ª ed. 11/40). **Livr. Alves.**

PAULA (Maria). — Cartilha popular. Em anexo toda a taboada. (13/19). 70 p. il. br. 1$500. (12.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PAUPERIO (Artur Machado). — Noções de análise sintática. (14/19). 45 p. br. 3$. (4/40). **Villani & Barbero, Rio.**

PENIDO FILHO (Raul). Le français. 3ème année. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 101. (14/20). 277 p. il. cart. 16$. (3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PEREIRA (Altamirano Nunes). — Problemas do idioma. II. Leis gerais da língua portuguesa. (12/16). 141 p. br. 6$. (8/40). **Alba.**

PEREIRA (Altamirano Nunes). — Vamos aprender nossa língua. Pref. Jonas Correia. (13/19). 228 p. br. 10$. (11/40). **A Noite.**

PEREIRA (Eduardo Carlos). — Gramática expositiva. Curso elementar. Adaptada a ortografia oficial por Laudelino Freire. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 4. (14/20). 168 p. cart. 5$. (83.ª ed. 3/40). — Curso superior. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 5. (14/20). 419 p. cart. 10$. (53.ª ed. 7/40). (54.ª e 55.ª ed. 10/40 — 12$. **Cia. Ed. Nacional.**

PETER (José Ladislau). — Gramática latina. Remodelada, rev. e aumentada por Marques da Cruz. (14/19). 302 p. cart. 8$. (20.ª ed. 1/40). **Ed. Melhoramentos.**

PROENÇA (Antonio Firmino). — 2.º livro de leitura. (14/18). 198 p. il. cart. 3$500. (3/40). **Ed. Melhoramentos**

RABELO (Célia). — Os três amigos. Leitura intermediária. 1.º ano. Il. Buth. (14/21). 93 p. 1 anexo 35 folhas, cart. 4$500. (6.ª ed. 9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

RAVIZZA (P. João). — Gramática latina. (16/23). 560 p. cart. 18$ (9.ª ed. 4/40). **Esc. Salesianas. Niteroi.**

REDSHAW (Douglas), CHURCH (Eric E. R.). — Pratical english conversation course. Book I. Il. Gregor V. Staravoda. (16/23). 196 p. cart. 20$. (2.ª ed. 12/40). **Carlos Pereira.**

REIS (O. de Sousa). — Textos para corrigir. (12/16). 162 p. cart. 5$. (10.ª ed. 7/40). **Livr. Alves.**

REIS (O. de Sousa), CAMPOS (Maria dos Reis). — Modelos de redação oficial. (13/18). 138 p. br. 7$. (2.ª ed. 7/40). **Livr. Alves.**

RIALVA (Rita Amil de). — De Março a Dezembro. Leitura para o 4.º ano. (14/19). 214 p. il. cart. 5$500. (2.ª ed. 4/40). **Briguiet.**

RIALVA (Rita Amil de). — Luizinha aos oito anos. Leitura para o 2.º ano. (14/19). 126 p. il. cart. 4$. (1/40). **Briguiet.**

RICCHETTI (Henrique). — Infância. 2.º livro. Série Olavo Bilac. (14/20). 173 p. il. cart. 4$500. (70.ª ed. 3/40). (71.ª, 72.ª, 73.ª ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

RODRIGUES (Ruth Costa). — Meu sonho. (Cartilha em moldes objetivos). Pref. La-Fayette Côrtes. (26/19). 76 p. il. cart. 8$500. (12/40). **Ed. Autora, Rio.**

ROQUETE (Charles). — O inglês sem mestre em 30 dias. (16/12). 64 p. br. 1$500. (12/40). **Livr. Lusitania.**

RUCH (Aimée). — Antologia francesa. (13/18). 188 p. il. cart. 12$. (7. ed. 1/40). **Briguiet.**

RUCH (Gastão), RUCH (Aimée). — Versões gradativas de francês. 1.ª e 2.ª séries. (13/18). 56 p. br. 4$500. (2.ª ed. 4/40). **Briguiet.**

SANTOS (Máximo de Moura). — O pequeno escolar. Cartilha. (16/22). 131 p. il. cart. 3$500. (24.ª ed. 8/40). — 1.º livro. (14/20). 92 p. il. cart. 3$500. (27.ª ed. 9/40). — 2.º livro. (14/20). 151 p. il. cart. 4$. (33.ª ed. 9/40). — 3.º livro. (14/20). 126 p. il. cart. 3$500. (55.ª ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SCHMIDT (Maria Junqueira). — Heures Joyeuses. (Méthode vivante). Première série. Il. J. U. Campos. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 34. (16/22). 102 p. cart. 10$. (3.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SÉRIE Didática Brasileira. — English direct method. First book. (12/18). 152 p. cart. 8$. (10.ª ed. 3/40). **J. R. de Oliveira.**

SERPA (Oswaldo). — Easy english. Excerpts. Il. A. Espinheira. (12/18). 159 p. cart. 8$. (3.ª ed. 10/40). **Livr. Alves.**

SERPA (Oswaldo), SILVA (Machado da). — English for children. Direct method. First book. Il. A. Espinheira. (16/23). 95 p. cart. 10$. (4.ª ed. 5/40). **Livr. Alves.**

SILVA (A. M. de Sousa e). — Preceituário da ortografia oficial. (13/19). 121 p. cart. 6$. (8/40). **A Noite.**

SILVA (P. A. B. Alves da). — Primeiras noções de grego clássico. (17/24). 111 p. il. cart. 10$. (10/40). **Esc. Salesianas. Niteroi.**

SILVA NETO (Serafim). — Divergência e convergência na evolução fonetica. (14/18). 55 p. (12/40). **Gr. Dias Vasconcelos. Niterol.**

SILVEIRA (Sousa da). — Lições de português. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 100. (14/20). 394 p. cart. 12$. (4.ª ed. 10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

TABORDA (Radagasio). — Crestomatia. Exertos escolhidos em prosa e verso. (14/19). 424 p. il. cart. 8$. (60.ª ed. 12/40). **Globo.**

TAVARES (Clovis). — Sementeira cristã. 2.º livro de leitura para as escolas espiritas. Pref. Leopoldo Machado. (14/19). 144 p. il. cart. 4$. (3/40). **Fed. Espirita.**

TORRES (Artur de Almeida). — Compêndio da língua portuguesa. 5.ª série ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 59. (14/20). 294 p. cart. 10$. (3.ª ed. 2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

VASCONCELLOS (Nuno Smith de). — English intuitive method. 1 rst volume. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 50. (14/20). 171 p. il. cart. 7$. (6.ª ed. 1/40). — 2nd. volume. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 67. (14/20). 199 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

VASCONCELOS (Viveiros de). — Verbos portugueses e rudimentos de análise lexica. (14/19). 80 p. br. 1$500. (22.ª ed. 12/40). **Ao Livro Novo.**

VIANA (Francisco Furtado Mendes), CARNEIRO JUNIOR (Miguel). — Histórias para os pequininos. (Leitura preparatória da série "Leituras infantis"). (15/21). 126 p. il. cart. 2$500. (71.ª ed. 2/40). **Livr. Alves.**

VICTORIA (Luis A. P.). — Mecanismo dos verbos ingleses e english grammar. (Summary) (14/19). 93 p. br. 4$500. (5/40). **Briguiet.**

VINHOLES (S. Burtin—). — Cours de français. Première année. (14/19). 333 p. il. cart. 8$. (6.ª ed. 12/40). **Globo.**

WAGNER (Luiz Amaral). — Nosso Brasil. 3.º grau primário. (14/20). 220 p. il. cart. 5$. (27.ª ed. 9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

B) LITERATURA

B. 1) Generalidades. Bibliografias. História literaria. Ensaios. Critica. Cartas. Crônicas.

ABELARDO e HELOISA. — Cartas de amor. Trad. J. M. P. Guerra. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura. Os Mestres do Pensamento, 4. (11/18). 145 p. br. 10$. (11/40). **Ed. Cultura.**

ADONIAS FILHO. — Tasso da Silveira e o tema da poesia eterna. (13/19). 86 p. br. 3$. (12/40). **Ed. S. E. Panorama.**

AUSTREGESILO (A.). — Estatuas Harmoniosas. (Perfis Academicos). Obras Completas, 16. (13/19). 197 p. br. 6$. (6/40). **Guanabara.**

BARATA (Hamilton). — O homem, energia universal. (Crônicas e ensaios de 1923-1924). (15/22). 228 p. br. 10$. (10/40). **Pongetti.**

BARBOSA (Ruy). — Coletânea literaria. (1868-1922). Organisada, anotada e pref. por Baptista Pereira. (14/20). 338 p. br. 12$. (4.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BARBOSA (Ruy). — Mocidade e exilio. Cartas anotadas e pref. por Américo Jacobina Lacombe. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 38. (13/19). 324 p. il. br, 15$. (2.ª ed. 10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BEVILAQUA (Amelia de Freitas). — Jornadas pela infancia. (13/19). 159 p. br. 6$. (6/40). **Borsoi, Rio.**

BEVILAQUA (Clovis). — Revivendo o passado. IV, Figuras e datas. 1878-1882. (12/18). 76 p. br. 5$. (10/40). **Borsoi, Rio.**

BEVILAQUA (Doris). — Mansão da saudade. Dezoito de Março. (17/23). 25 p. br. 2$. (3/40). **Borsoi, Rio.**

BEZERRA (Cap. João). — Como dei cabo de lampeão. (14/19). 115 p. il. br. 5$. (3/40). (2.ª ed. 12/40— 236 p. 12$). **Distr. Freitas Bastos.**

CAMPOS (Francisco). — Discurso sobre a poesia. (15/21). 22 p. br. 3$. (11/40). **José Olympio.**

CAMPOS (Humberto de). — Critica. Primeira parte. (Rev. por Henrique de Campos). (13/19). 364 p. br. 10$. (4.ª ed. 1/40). **José Olympio.**

CARVALHO (Affonso de). — Antologia patriótica. (14/20). 430 p. cart. 12$. (2/40). **José Olympio.**

CORDEIRO (Mario). — O espaço vital. Crônicas dialogos e contos. (14/19). 160 p. br. 6$. (11/40). **Distr. Civilização.**

CORRESPONDÊNCIA entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas. Separata do vol. LX dos Anais da Bibl. Nacional. (19/28). 176 p. br. 30$. (11/40). **Ministério da Educação.**

COUTINHO (Afranio). — A filosofia de Machado de Assis. Col. Pensamento Brasileiro, 1. (14/21). 196 p. br. 8$. (11/40). **Vecchi.**

CRITILO.— (Tomaz Antonio Gonzaga). — Cartas chilenas precedidas de uma epistola atribuida a Cláudio Manuel da Costa. Introdução e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. (17/24). 295 p. il. br. 10$. (12/40). **Ministério da Educação.**

DELFINO (Luiz). — Arcos de Triumpho. (13/19). 183 p. il. br. 10$. (3/40). **Pongetti.**

DINIZ (Zolachio). — Para você às vinte e três e trinta. Crônicas lidas ao microfone da Rádio Educadora do Brasil. (14/19). 157 p. br. 8$. (4/40). **Gr. Labor, Rio.**

FARIA (Octavio de). — Fronteiras da santidade. (14/29). 142 p. cart. 8$. (12/40). **S. E. Panorama.**

FEDERAÇÃO das Academias de Letras. Conferencias, II. Adauto Câmara e João Cabral. (15/20). 208 p. br. 6$. (3/40). **Briguiet.**

FEDERAÇÃO das Academias de Letras do Brasil. — Machado de Assis. (Estudos e ensaios). José de Mesquita, O. Martins Gomes, Fócion Serpa, Lindolfo Gomes, Ciro Viera da Cunha, Arí Martins, Caio Tácito. (14/19). 237 p. br. 6$. (6/40). **Briguiet.**

FERNAGUT (Bernard). — Civilisation em Flames. (14/19). 346 p. br. 15$. (10/40). **Ed. Latinas, S. Paulo.**

FERREIRA (Athos Damasceno). — Imagens sentimentos da cidade. (1.º prêmio Concurso Bi-Centenario de Porto Alegre). Il. João Faria Viana. (17/24). 197 p. br. 20$. (12/40). **Globo.**

FIDÉLIS (Zé). — Binho, Mulata e vacalhau. (Bérsos e dibérsos). (13/19). 95 p. br. 5$. (7/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

FORMIGINI-SANTAMARIA (Emilia). — Diário de uma mãe. Trad. Berenice Xavier. (14/20). 247 p. br. 10$. (5/40). **Athena.**

FRANCO (Afonso Arinos de Melo). — A maioridade ou a aurora do Segundo Reinado. Conferencia. Pref. Sebastião Soares de Faria. Publ. do Departamento de Estudos Brasileiros do Centro Academico IX de Agosto. (16/23). 89 p. il. br. 6$. (12/40). **Univ. de S. Paulo.**

FREITAS (Bezerra de). — Fontes de cultura brasileira. (13/19). 193 p. br. 7$. (1/40). **Globo.**

FREYRE (Gilberto). — Uma cultura ameaçada: A luso-brasileira. (13/17). 88 p. br. 6$. (7/40). **Distr. José Olympio.**

FREYRE (Gilberto). — Um engenheiro francês no Brasil. Pref. Paul Arbousse-Bastide. Col. Documentos Brasileiros, 26. (15/23). 221 p. il. br. 20$. (9/40). **José Olympio.**

FREYRE (Gilberto). — O mundo que o português criou. Pref. Antonio Sergio. Col. Documentos Brasileiros, 28. (15/23). 164 p. br. 15$. (12/40). **José Olympio.**

FUSCO (Rosario). — Amiel. (Notas à margem do Journal-Intime). (14/20). 145 p. il. br. 8$. (12/40). **S. E. Panorama.**

FUSCO (Rosario). — Vida literaria. Col. Estudos e Documentos, 1. (13/19). 274 p. cart. 10$. (6/40). **S. E. Panorama.**

FUSCO (Rosario). — Política e letras. Síntese das atividades literárias brasileiras no decênio 1930-1940. (13/19). 228 p. br. 10$. (12/40). **José Olympio.**

FUZEIRA (José). — Rompendo as trevas... (14/20). 265 p. br. 8$. (1/40). **Ed. Atilio Arnaud, S. Paulo.**

GIDE (André). — Montaigne. Trad. José Pérez. Bibl. do Pensamento Vivo, 2. (13/19). 199 p. cart. 12$. (6/40). **Livr. Martins.**

GIDE (André). — A sinfonia pastoral. Trad. Dina Fineberg. (13/19). 110 p. br. 6$. (7/40). **Vecchi.**

GOMES (Eugenio). — Influencias inglesas em Machado de Assis. (14/19). 63 p. br. (1939-3/40). **Ed. Autor, Bahia.**

HUXLEY (Julian). — O pensamento vivo de Darwin. Trad. e notas de Paulo Sawaya. Bibl. do Pensamento Vivo, 5. (13/19). 208 p. cart. 12$. (11/40). **Livr. Martins.**

JORGE (J. de Melo). — Os tipos de Eça de Queiroz. Pref. Fidelino de Figueiredo. Il. H. de Lima Belem. (15/23). 221 p. br. 10$. (2/40). **Livr. Brasil.**

JUCA, FILHO (Candido). — Antonio José, o Judeu. (13/19). 55 p. br. 3$. (11/40). **Civilização.**

LANGONE (João Téfaio). — Pelas ruas da paulicéa (13/19.) br. 5$. (6/40). **Emp. Ed. Brasileira.**

LARROGOITI (A. S. De). — Cartas de antanho. Pref. Joaquim de Estrambasgua. (13/19). 352 p. br. 10$. (10/40). **Pongetti.**

LEITE, S. J. (Serafim). — Novas Cartas Jesuíticas. (De Nobrega a Vieira). B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 194. (13/19). 344 p. br. 15$. (11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LEMOS (Arsenio). — Humorismos Cambaquenses. (15/20). 159 p. il. br. 8$. (1/40). **Gr. Labor, Rio.**

MACHADO (Antonio de Alcantara). — Cavaquinho e saxofone. (Solos). 1926-1935. (14/21). 534 p. br. 12$. (12/40). **José Olympio.**

MACHADO (Walfredo). — Gonçalves Dias e a expressão social da sua poesia. Conferencia. (13/18). 42 p. br. 2$.)3/40). **Gatista de Souza, Rio.**

MANN (Heinrich). — O pensamento vivo de Nietzsche. Trad. rev. Sergio Milliet. Bibl. do Pensamento Vivo, 4. (13/19). 189 p. cart. 13$. (11/40). **Livr. Martins.**

MAUL (Carlos). — Sombras heróicas e outros estudos brasileiros. Bibl. Militar, vol. Avulso. (17/24). 122 p. br. 5$. (10/40). **Distr. Z. Valverde.**

MAUROIS (André). — O pensamento vivo de Voltaire. Trad. Livio Teixeira. Bibl. do Pensamento Vivo, 3. (13/19). 217 p. cart. 12$. (6/40). **Livr. Martins.**

MELLO (D. Francisco Manoel de). — (Tacito Portuguê). — Vida e morte, ditto e feytos de El-Rei Dom João IV. Introdução e notas de Afranio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon. (17/24). 293 p. br. 15$. (7/40). **Distr. Civilização.**

MELLO (J. Mozart de). — Musa hebraica. (Paralelismo). (14/20). 94 p. br. (8/40). **Of. Gr. Livr. Globo.**

MEMORIA (P. Assis). — Legenda Dourada. (14/19). 379 p. br. 12$. (7/40). **Distr. Z. Valverde.**

MORAIS (Raimundo). — Cosmorama. (13/19). 151 p. br. 6$. (12/40). **Pongetti.**

NEVES (José Caetano Alves). — Coisas da vida e da nossa terra. (13/19). 344 p. br. 10$. (2/40). **Pongetti.**

ORICO (Osvaldo). — A saudade brasileira. (13/19). 214 p. br. 8$. (1/40). **A Noite.**

OSSWALD F. I. L. (Maria Henriques). — Colunas truncadas. (13/19). 175 p. br. (4/40). **Pongetti.**

OSSWALD F. I. L. (Maria Henriques). — O livro de horas da Mãe. (13/19). 102 p. br. (3/40). **Pongetti.**

PANORAMA da literatura brasileira. Introdução e notas de Afranio Peixoto. Col. Livros do Brasil, 2. (14/20). 558 p. br. 22$. (8/40) **Cia. Ed. Nacional.**

PAPINI (Giovanni). — Gog. Trad. De souza Junior. Col. Nobel, 1. (14/19). 373 p. br. 10$. (Nova ed. 10/40). **Globo.**

PEIXOTO (Silveira). — Falam os escritores... Pref. R. Magalhães Junior. (14/20). 295 p. br. 12$. (3/40). **Cultura Brasileira.**

PEREIRA (Lafayette Rodrigues). (Labieno). — Vindiciae. O Sr. Sylvio Romero. Critico e filosofo. Pref. Mario Matos. (13/19). 173 p. br. 6$. (3.ª ed. 5/40). **José Olympio.**

PIRES (Cornelio). — Meu samburá. Anedotas e caipiradas. (13/19). 239 p. br. 6$. (52.ª ed. 12/40). **Distr. A Noite.**

PIRES (Cornelio). — Mixórdia de sentimentalismo, folclore e humorismo. (13/19). 237 p. br. 6$. (5.ª ed. 12/40). **A Noite.**

QUEIROZ FILHO (Antonio). — Caminhos humanos. (Breve ensaio de compreensão). Col. Homens e Ideias, 2. (13/19). 151 p. cart. 8$. (12/40). **S. E. Panorama.**

QUEIROZ (Eça de), Camilo, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Theophilo Braga, João de Deus, Castilho, Fialho, Antonio Feijó e Candido de Figueiredo. — Novas cartas inéditas a Ramalho Ortigão. Pref. Bricio de Abreu. Col. Dom Casmurro, 1. (13/19). 244 p. br. 10$. (11/40). **Alba.**

RACHMANOVA (Alia). — Casamentos na tormenta vermelha. (Diário de uma senhora russa). Trad. Felipa Muniz. (14/20). 284 p. br. 8$. (3/40). **Globo.**

RANGEL (Hermes R.). — Palcos e telas. (Impressões de 1925). (13/19). 239 p. br. 8$. (5/40). **Pongetti.**

RANGEL (José). — Como o tempo passa... Aspectos, fatos, figuras e costumes antigos e contemporâneos. (14/19). 353 p. br. 10$. (8/40). **Ed. Autor, Rio.**

RANGEL (Rego). — Caderno n.º 1. (13/19). 131 p. br. (6/40). **Pongetti.**

ROLLAND (Romain). — O pensamento vivo de Rousseau. Trad. J. Cruz Costa. Bibl. do Pensamento Vivo, 1. (13/19). 203 p. cart. 12$. (6/40). **Livr. Martins.**

RONAL (Maia). — Um que falhou. (13/19). 161 p. br. 8$. (11/40). **José Olympio.**

SAEZ (Braulio Sánchez). — Accion y simbolo Miguel de Cervantes Saavedra. (14/19). 209 p. br. 8$. (12/40). **Univ. S. Paulo.**

SANTOS (Máximo de Moura). — Nós, os cães. (14/19). 125 p. br. 8$. (5/40). **Livr. Alves.**

SERPA (Phocion). — Páginas chilenas. Pref. Jesuino Albuquerque. (14/19). 253 p. br. 10$. (10/40). **Gr. Sauer, Rio.**

SETTE (Mário). — Anquinhas e bernardas. Il. Nestor Silva. (14/20). 222 p. br. 10$. (12/40). **Livr Martins.**

SILVEIRA (Tasso da). — Gil Vicente e outros estudos portugueses. Col. Homens e Ideias, 1. (13/19). 223 p. cart. 10$. (12/40). **S. E. Panorama.**

SIQUEIRA (Hildebrando). — O castello pegou fogo... (Noções de melancolia). (13/18). 95 p. br. 4$. (12/40). **S. E. Panorama.**

THOMAZ (Joaquim). — Ephemeros. (13/18). 297 p. br. 8$. (9/40). **Distr. Guanabara.**

TORRES (Artur da Silva). (Aristóteles Italia). — Arte de fazer-se amar. (14/19). 159 p. br. 6$. (4.ª ed. 12/40). **Tip. Carioca, Rio.**

TORRES (José Augusto da Câmara). ALMEIDA (Dayl de). — Imortais. Pref. Alcibiades Delamare. (13/19). 147 p. br. 6$. (12/40). **Getulio Costa.**

VENANCIO FILHO (Francisco). — A glória de Euclydes da Cunha. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 193. (13/19). 323 p. il. br. 15$. (10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

B. 2) TEXTOS DE ESTUDOS (Literatura Antiga e Moderna).

ALBUQUERQUE (A. Tenorio d'). — A evolução das palavras. (13/19). 118 p. br. 10$. (11/40). **Victor Ed.**

BANDEIRA (Manuel). — Noções de história das literaturas. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, Literatura, 3. (15/22). 377 p. br. 15$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BARROS (Albertina Fortuna). — Morfologia dos verbos portugueses. (14/18). 98 p. br. 5$. (11/40). **Gr. Dias Vasconcelos, Niteroi.**

CARVALHO (Antonio de). — Histórias da lingua portuguesa. (16/23). 52 p. br. 5$. (12/40). **Tip. Carioca, Rio.**

CARVALHO (José Mesquita de). — História da literatura. (15/23). 660 p. il. cart. 25$. (6/40). **Globo.**

ELÍA (Sīvvio). — O problema da lingua brasileira. Pref. Nelson Roméro. Col. Temas Contemporaneos. (13/19). 172 p. br. 8$. (9/40. **Pongetti.**

FREIRE (Japy). — As questões inuteis. Gallicismo, colocação dos pronomes, gramatiquices, etc. ... Bibl. do Homem Prático, 7. (16/23).

LEDA (João). — A chimera da lingua brasileira. (17/24). 152 p. br. 9$. (1939-5/40). **Livr. Academica, Manáos.**

LESAGE. — Gil Braz de Santilhana. Trad. de Bocage e Luiz Caetano de Campos. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura. Os Mestres do Pensamento, 6. (11/18). 609 p. br. 20$. (12/40). **Ed. Cultura.**

LIVIO (Tito). — Histórias de Tito Livio. Livros XXI e XXII. Versão portuguesa. (12/18). 145 p. br. 6$. (12/40). **Livr. Lusitania.**

NEIVA (Arthur). — Estudos da lingua nacional. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 178. (13/19). 370 p. br. 13$. (1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

OVIDIUS NASO (Publius). — Tristium. Trad. literal de Augusto Velloso. Pref. Maria Eugenia Celso. (16/23). 261 p. br. 10$. (6/40). **Tip. Castro, B. Horizonte.**

SAMPAIO (B.). — Polémica alegre de gramática. Resposta ao critico português Vasco Botelho do Amaral, da Rev. Brotéria. (13/19). 130 p. br. 7$. (11/40). **Civilização.**

SANCHES (Edgard). — Lingua brasileira. 1.º tomo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 179. (13/19). 340 p. br. 13$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA NETO (Serafim). — Miscelânea filológica. (14/18). 62 p. br. 4$. (12/40). **Gr. Dias Vasconcelos, Niteroi.**

SODRÉ (Nelson Werneck). — História da literatura brasileira. Seus fundamentos economicos. Col. Documentos Brasileiros, 23. (15/23). 258 p. br. 20$. (2.ª ed. 8/40). **José Olympio.**

B. 3) POESIA

ABREU (Casimiro de). — Obras. Ed. comemorativa do Centenário do Poeta. (1939). Organização, apuração do texto, escôrço biográfico e notas por Sousa da Silveira. Col. Livros do Brasil, 3. (14/20). 456 p. br. 25$. (10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ALMEIDA (Alberto Rebêlo de). — Menestrel. Com um estudo de Luiz Norton. (13/19). 95 p. br. 10$. (2.ª ed. 1939-7/40). **Of. Correio Português, Rio.**

ALMEIDA (Guilherme de). — Encantamento. (13/19). 165 p. br. 8$. (3.ª ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ALVAREZ (Martins D'). — O Norte canta. (Poesia popular). Pref. Gustavo Barroso. (13/19). 129 p. il. br. 5$. (6/40). **Civilização**

ALVES (Castro). — Espumas fluctuantes e Hymnos do Equador. Nota Biográfica e notas de Bandeira Durate. (13/19). 252 p. br. 6$. (1/40). **Z. Valverde.**

ANACREONTICAS (Odes). — Trad. Francisco da Silveira Malhão. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura. Os Mestres do Pensamento, 3. (11/18). 126 p. br. 10$. (11/40). **Ed. Cultura.**

ANDRADE (Carlos Drummond de). — Sentimento do Mundo. (16/19). 123 p. br. (Ed. em papel antique fóra do comercio). (9/40). **Pongetti.**

ANCHIETA, S. J. (P. Joseph de). — De Beata Virgine Dei. Matre Maria. Poema da Virgem. Texto latino. Versão portuguesa do Pe. Armando Cardoso, S. I. Il. Oswald. (18/27). 442 p. br. 50$. (6/40). **Archivo Nacional.**

BANDEIRA (Manuel). — Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana. (17/24). 294 p. br. 8$. (2.ª ed. 5/40). **Ministério da Educação.**

BANDEIRA (Manuel). — Antologia dos poetas brasileiros da fase romantica. (17/24). 379 p. br. 8$. (2.ª ed. 10/40). **Ministério da Educação.**

BANDEIRA (Manuel). — Poesias completas. (13/19). 178 p. br. 8$. (9/40). **Civilização.**

BENTES (Paulo). — Porongo. Il. Alves de Menezes. (13/19). 128 p. br. 6$. (12/40). **Pongetti.**

BILAC (Olavo). — Poesias. (14/19). 391 p. br. 8$. (18.ª ed. 8/40). **Livr. Alves.**

BRAGA (Leopoldo). — Ontem. (Sonetos). (13/19). 154 p. br. (12/40). **A. G. E. Aprendizes Artifices, Baia.**

BRITO (Otto de Sá). — Novilunio. (14/19). 154 p. br. 6$. (12/40). **Tip. Gloria, Rio.**

CABRAL (João Passos). — Ilha selvagem. Pref. Murillo Araujo. (14/19). 131 p. br. 10$. (4/40). **José Olympio.**

CAMPOS (Humberto de). — Poesias completas. 1903-1931. Rev. por Henrique de Campos. (13/19). 352 p. br. 10$. (4.ª ed. 1/40). **José Olympio.**

CARVALHO (Arthur Accioly Ronald de). — Mosaicos. (Poemas e epigramas). (13/19). 132 p. br. 5$. (3/40). **Pongetti.**

CAVALCANTI (Manuel). — Lanternas pela noite. (13/19). 87 p. br. 5$. (10/40). **Pongetti.**

CLULOW (Carlos Alberto). — Cantos de mar y de destierro. (13/19). 127 p. br. 6$. (3/40). **Pongetti.**

CONDE (Herminia). — Retalhos d'alma. (13/19). 175 p. br. (6/40). **Pongetti.**

COSTA (Leonidas Castello da). — Sonhos d'argila. (14/19). 99 p. br. 7$. (12/40-1941). **Pongetti.**

DUARTE (Maria). — Poemas. (14/19). 67 p. br. 4$. (3/40). **Pongetti.**

FALCÃO (Manoel Luiz). — Os meus primeiros versos. (15/22). 122 p. br. 8$. (5/40). **Gr. Brasiliense, S. Paulo.**

FONSECA JUNIOR (Jorge). — Do haikai e em seu louvor. Pref. Mario Botelho de Miranda. (14/18). 30 p. br. 3$. (8/40). **G. C. Bras. Nipônico, S. Paulo.**

FONSECA JUNIOR (Jorge). — Roteiro lírico (Haikais). (14/12). 78 p. br. 3$. (1939-8/40). **Ed. Autor, S. Paulo.**

FORTES (M. Pereira). — A marcação. Poema gaúcho. (14/20). 167 p. br. 6$. (9/40). **Saraiva.**

GUIMARAENS FILHO (Alphonsus de). — Lume de estrêlas. (13/19). 225 p. br. 8$. (7/40). **Ed. Mensagem, B. Horizonte.**

GUIMARAES (João). — Versos para Ana Clotilde. (13/19). 64 p. br. 3$. (3/40). **Ariel.**

LEÃO (Kosciuszko Barbosa). — J T M (Solilóquios de Fr. Antonio). (13/19). 67 p. br. 5$. (1/40). **Pongetti.**

LEÃO (Kosciuszko Barbosa). — Meditações. (13/19). 114 p. br. 3$. (12/40). **Emiel Ed.**

LEONI (Raul de). — Luz mediterranea. Pref. Rodrigo Mello Franco de Andrade. (14/20). 146 p. br. 8$. (3.ª ed. 6/40). **Civilização.**

LOURIVAL (Junquilho). — A cruz de Antonio João. (Poema). Il. Hello Tibiriçá. (14/19). 29 p. br. 3$. (5/40). **Civilização.**

MELLO (Passos de). — Noturnos. Pref. Onestaldo de Pennafort. (13/19). 100 p. br. 5$. (12/40-1941). **Borsoi, Rio.**

MELLO (Rodrigues de). — (Judas Isgorogota). — Fascinação. (13/18). 125 p. br. 8$. (4/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

MENDONÇA (Anna Amelia de Queiroz Carneiro de). — Mal de amor. (14/20). 62 p. br. 5$. (1939-3/40). **Litotip. Fluminense, Rio.**

NERY (Adalgisa). — A mulher ausente. Des. Candido Portinari. (14/20). 155 p. br. 10$. (2/40). **José Olympio.**

OLIVEIRA (Alberto). — Os cem melhores sonetos brasileiros. (13/19). 228 p. br. 7$. (3.ª ed. 11/40). **Freitas Bastos.**

OLIVEIRA (J. Mariano de). — Heloiza. Episodio histórico. Pref. Clotilde de Oliveira Lemos. Notas biográficas sobre José Mariano de Oliveira por Jefferson de Lemos. (14/20). 130 p. il. br. 8$. (6/40). **Emiel Ed.**

PINHO (Gutta). — O mutilado de Outubro. Outros poemas. Pref. Carlos Cavaco. (14/19). 147 p. br. 6$. (1/40). **Ed. Unidade, Rio.**

QUINTANA (Mario). — A' rua dos Cataventos. (14/19). 148 p. br. 10$. (7/40). **Globo.**

RAMALHO (J.). — Poemas imortais e outros. (Tradução e poesias). (14/19). 100 p. br. 5$. (1/40). **Batista de Souza, Rio.**

REBORDÃO (Herculano). — Onde os caminhos se cruzam... (17/21). 101 p. br. 7$. (6/40). **Pongetti.**

REBUA (Coryna). — Vida. (13/19). 143 p. br. 6$. (12/40). **Gr. Guarani, Rio.**

REGINA (Sonia). — O oriente cantou o amor no tempo. Des. Julio Arouca. (13/19). 134 p. br. 6$. (9/40). **Vecchi.**

ROCHA (Ezechias da). — Lusitania. (15/20). 27 p. br. 2$. (8/40). **Ed. Autor, Maceió.**

SANTOS (Generino dos). — Espolio literário. Humaniadas. O mundo. A humanidade. O homem. Vol. 2.º, livro 3.º. Alma positivista. Ed. popular. (16/23). 182 p. il. br. 7$. (1/40). **Jornal do Comercio.**

SANTOS (Miguel). — Meus primeiros versos. (15/22). 104 p. br. 6$. (8/40). **Gr. Cruzeiro do Sul, S. Paulo.**

SCHETTINO (Lacyr). — Quando as sombras se espalham... (13/19). 100 p. br. 6$. (9/40). **Of. Gr. A Noite.**

SCHMIDT (Augusto Frederico). — Estrela solitária. (13/19). 226 p. br. 10$. (5/40). **José Olympio.**

SETÚBAL (Paulo). — Alma cabôcla. Obras Completas, 10. (13/19). 197 p. br. 9$. (5.ª ed. 12/40) **Carlos Pereira.**

SILVA (A. J. Pereira da). — Alta noite. (13/19). 123 p. br. 6$. (7/40). **A Noite.**

SILVEIRA (Tasso da). — O canto absoluto. Seguido de Alegria do mundo. (16/23). 143 p. br. 8$. (7/40). **Cadernos Hora Presente, Rio.**

SOUTO (Alexandrino de). — Simplicidade e outros poemêtos. (13/19). 38 p. br. 3$. (5/40). **Pongetti.**

SOUZA (Zacarias de Faria). — A tragédia da fonte. Pref. Baltazar Fidedigno dos Lópes. (13/19). 33 p. br. (7/40). **Ed. Autor, Rio.**

TAPAGIPE (Mércio). — Trópico. (14/19). 69 p. br. 5$. (12/40). **Rev. Tribunais.**

THOMAZ (Joaquim). — Três poemas. (18/26). 22 p. br. 6$. (12/40-1941). **Distr. Guanabara.**

VIEIRA (Oldegar). — Fôlhas de chá. (13/18) 126 p. il. br. 5$. (12/40).
Cadernos Hora Presente.

WAMOSY (Alceu). — Poesias. (15/22). 140 p. enc. 12$. (8/40). **Livr. Brisolla, Livramento.**

B. 4) TEATRO

ALMEIDA (Alberto Rebêlo de). — Auto dos Centenários. (16/21). 79 p. br. 7$. (5/40).
Gr. Valle & Lauro, Rio.

ALVES (Amilcar). — Fernão Dias. Drama histórico em 4 átos. Pref. Affonso de E. Taunay. (16/23). 79 p. il. br. 6$. (1939-3/40).
Genoud, Campinas.

BLOCH (Pedro). — Marilena versus destino. Comédia radiofônica. Pref. Henrique Pongetti. Comentários de Alziro Zarur e Gomes Filho. Des. J. Carlos. Truc fotografico de Jerry. (13/19). 64 p. br. 3$. (7/40). **Cia. Brasil Ed.**

CAMARGO (Joracy). — Maria Cachucha. Comédia em 6 quadros. Pref. Procópio. (13/19). 168 p. br. 5$. (12/40). **Z. Valverde.**

CARVALHO (Delgado de). — O canto das sereias. Pref. Fortunat Strowski. (13/19). 95 p. br. 4$. (10/40). **Ed. Minerva.**

GOMES (Alceu Abreu). — Raça de heróis. 3 átos. 9 quadros. (14/19). 93 p. br. 4$. (12/40).
Gr. Vasconcelos, Niterol.

MAGALHÃES JUNIOR (R.). — Carlota Joaquina. Comédia em 3 átos. Il. Carlos da Cunha. Col. Brasileira de Teatro, s. A, vol. 2.º (16/23). 184 p. br. 5$. (3/40). **Ministério Educação.**

REBELO (Marques). — Rua Alegre, 12. (14/19). 108 p. br. 6$. (12/40). **Guaíra**

SHAKESPEARE (William). — Romeu e Julieta. Trad. integral, em prósa e verso por Onestaldo Pennaforte. Des. Santa Rosa. 281 p. br. 10$. (5/40). **Ministério Educação.**

B. 5) ROMANCES. NOVELAS. LENDAS.

APFRE (Marie Barrêre—). — Domina. Trad. Bibl. das Moças, 89. (13/19). 282 p. br. 5$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

AIDA (Keisa). — Lendas e tradições do Japão. (13/19). 211 p. br. 8$. (12/40). **Pongetti.**

ALENCAR (José de). — Cinco minutos. A viuvinha. (12/18). 155 p. br. 5$. (12/40).
Ed. Melhoramentos.

ALENCAR (José de). (Sênio). — O Guaraní. (12/18). 503 p. br. 15$. (10/40).
Ed. Melhoramentos.

ALENCAR (José de). — O Guaraní. Col. Sip. 72. (10/14). 2 vols. 636 p. br. 4$. (12/40).
Civilização.

ALENCAR (José de). — Senhora. (12/18). 343 p. br. 10$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — O sertanejo. (12/18). 325 p. br. 12$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — Til. (12/18). 344 p. br. 10$. (10/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — O tronco do ipê. (12/18). 231 p. br. 10$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALENCAR (José de). — Ubirajara. Lenda tupí. (12/18). 142 p. br. 5$. (12/40).
Ed. Melhoramentos.

ALEXANDRE (Roy). — O navio fantasma. (As façanhas do Cruzador Wolf). Trad. Dinah Silveira Queiroz. Col. O Romance da Vida, 5. (15/23). 271 p. br. 15$. (5/40).
José Olympio.

ALLEN (Hervey). — Antônio Adverse. (Anthony Adverse). Trad. Francisca de Basto Cordeiro. (14/23). 933 p. br. 25$, enc. 32$. (12/40-1941).
Pongetti.

ALVES (Oswaldo). — Um homem dentro do mundo. (14/19). 245 p. br. 8$. (10/40). **Guaíra.**

AMBRA (Lucio D'). — Os romances da vida a dois, II. Profissão de espôsa. Trad. Elias Davidovich. (14/19). 310 p. br. 10$. (12/40).
Vecchi.

ANDRADE (Cordeiro de). — Tônio Borja. (13/19). 246 p. br. 8$. (1/40). **Coed. Brasilica.**

ARAGON (J. de). — A cidade sepultada. Trad. Rubem Braga. Col. Terramarear, 63. (14/20). 194 p. br. 5$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ARDEL (Henri). — O primo Guy. Trad. Bibl. das Moças, 70. (13/19). 256 p. br. 5$. (5.ª ed. 6/40)
Cia. Ed. Nacional.

ARNAU (Frank). — A cadeia fechada. Trad. Abelardo Romero. Col. Xis, 1. (13/19). 217 p. br. 5$. (5/40). **Vecchi.**

ARNAU (Frank). — A luta na sombra. Trad. Wolfgang Apfel. Col. Xis, 3. (13/19). 247 p. br. 5$. (10/40). **Vecchi.**

ARNAU (Frank). — A sombra do Corcovado. Trad. Wolfgang Apfel. Col. Xis, 5. (13/19). 260 p. br. 5$. (12/40). **Vecchi.**

ARNAU (Frank). — Tiros dentro da noite. Trad. Omer Mont'Alegre. Col. Xis, 2. (13/19). 215 p. br. 5$. (4/40). **Vecchi.**

ASFÓRA (Permínio). — Sapê. (14/19). 289 p. br. 8$. (9/40). **Guaíra.**

AUSTEN (Jane). — Orgulho e preconceito. Trad. e nota de Lucio Cardoso. Col. Fógos Cruzados, 1. (13/19). 397 p. br. 12$. (12/40).
José Olympio.

AYRES (Ruby M.). — Amor de outono. Trad. Lygia Junqueira Smith. Bibl. das Moças, 68. (13/19). 228 p. br. 4$. (2/40).
Cia. Ed. Nacional.

AZAMBUJA (Darcy). — Romance antigo. (1.º prémio Concurso Bi-Centenario de Porto Alegre. (14/20). 234 p. br. 10$. (12/40). **Globo.**

AZEVEDO (Aluízio). — Casa de pensão. Pref. M. Nogueira da Silva. Obras Completas, 5. (13/19). 374 p. br. 9$. (9.ª ed. 3/40). **Briguiet.**

AZEVEDO (Aluízio). — O coruja. Obras Completas, 8. (13/19). 423 p. br. 14$. (6.ª ed. 12/40).
Briguiet.

AZEVEDO (Aluízio). — A mortalha de Alzira. Obras Completas, 11. (13/19). 221 p. br. 9$. (6.ª ed. 10/40). **Briguiet.**

BARCLAY (Florence L.). — O rosario. Trad. Bibl. das Moças, 28. (13/19). 239 p. br. 5$. (Nova ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BELBENOIT (René). — Prisioneiro 46.635. — A Ilha do Diabo. Memórias de um fugitivo da Cayena. Trad. Livio Xavier. Col. O Romance da Vida, 3. (15/23). 378 p. br. 20$. (3/40).
José Olympio.

BITTENCOURT (Liberato). — Um atleta do pensamento ou O homem-sol do Império. (Romance psico-biográfico). 490 p. il. br. 8$. (12/40).
Coed. Brasilica.

BORBA (Jenny Pimentel de). — 40º à sombra. (13/19). 361 p. br. 10$. (6/40). **Pongetti.**

BRAME (Charlotte M.). — Um coração de ouro. Trad. L. S. Haynes. Bibl. das Moças, 81. (13/19). 302 p. br. 5$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BRAME (Charlotte M.). — Redimida pelo amor. Trad. Col. Para Nossas Filhas. (13/17). 290 p. br. 5$. (8/40). **Getulio Costa.**

BRAME (Charlotte M.). — Sacrificada. Trad. Lygia Junqueira Smith. Bibl. das Moças, 83. (13/19). 214 p. br. 5$. (5/40).
Cia. Ed. Nacional.

BROMFIELD (Louis). — As chuvas vieram. Trad. De Sousa Junior. Col. Nobel. G 1. (16/23). 513 p. br. 18$. (8/40). **Globo.**

BRONTE (Emily). — Morro dos ventos uivantes. Trad. Oscar Mendes. Col. Nobel, 18. (14/19). 373 p. br. 10$. (Nova ed. 8/40). **Globo.**

BUCK (Pearl S.). — A boa terra. (China, velha China). Trad. Oscar Mendes. Col. Nobel, 30. (14/19). 366 p. br. 10$. (Nova ed. 11/40).
Globo.

BUCK (Pearl S.). — O patriota. Trad. Esther de Viveiros. Col. Nobel, 24. (14/19). 342 p. br. 10$. (6/40). **Globo.**

BURNET (Frances Hodgson). — O pequeno lord. Trad. (14/19). 293 p. cart. 10$. (Nova ed. 11/40). **Getulio Costa.**

BURROUGHS (Edgar Rice). — Tarzan e a cidade de Ouro. Trad. Azevedo Amaral. Col. Terramarear, 67. (14/20). 212 p. br. 5$. (6/40).
Cia. Ed. Nacional.

CARDOSO (Vieira). — O heroi incréado. (13/19). 138 p. br. 5$. (7/40). **Distr. Pongetti.**

CARDOSO (Lucio). — O desconhecido. (13/19). 25? p. br. 8$. (12/40). **José Olympio.**

CENDREY (Camille de). — O rei das nuvens. Trad. Col. Terramarear, 68. (14/20). 178 p. br. 5$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CHAOÛL (Elóra Possôlo Mulheim). — Garota moderna. Col. Juventude, 1. (14/19). 158 p. br. 6$. (5/40). **Ed. Gr. Orion.**

CHRISTIE (Agatha). — Um crime no expresso do Oriente. Trad. Col. Amarela, 76. (13/19). 203 p. br. 5$. (10/40). **Globo.**

CHRISTIE (May). — Luana. Trad. rev. por Rubem Braga. Bibl. das Moças, 85. (13/19). 285 p. br. 5$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CONRAD (Joseph). — A flexa de ouro. Trad. Marques Rebello. Col. Nobel, 20. (14/19). 307 p. br. 8$. (3/40). **Globo.**

COSTA (Anibal). — Aventuras de Roberto Ricardo. Detective brasileiro. (14/20). 143 p. br. 5$. (5/40). **C. Mendes Junior, Rio.**

COSTA (Olga Cabral da). — Almas escravas. (14/23). 198 p. br. 4$. (12/40). **Ed. Autora, Rio.**

COSTALLAT (Benjamim). — Katucha. Col. Estante Autores Brasileiros. (13/19). 224 p. br. 8$. (3.ª ed. 12/40). **Getulio Costa.**

COSTALLAT (Benjamim). — Virgem da macumba. Col. Estante Autores Brasileiros. (13/19). 241 p. br. 8$. (2.ª ed. 12/40). **Getulio Costa.**

COUTO (Ribeiro). — Prima Belinha. (13/19). 221 p. br. 10$. (9/40). **Civilização.**

CROFTS (Freeman Wills). — A tragédia de Starvel. Trad. Marques Rebelo. Col. Amarela, 92. (13/19). 293 p. br. 5$. (10/40). **Globo.**

CRONIN (A. J.). — A cidadela. Trad. e pref. de Genolino Amado. (15/23). 405 p. br. 20$. (5.ª ed. 7/40). **José Olympio.**

CRONIN (A. J.). — A familia Brodie. Trad. Raquel de Queiroz. (15/23). 460 p. br. 20$. (6/40). **José Olympio.**

CRONIN (A. J.). — Noites de vigilia. Trad. Godofredo Rangel. (15/23). 275 p. br. 13$. (7/40). **José Olympio.**

CRONIN (A. J.). — O romance do Dr. Harvey Leith. (Grand Canary). Trad. Adalgisa Nery. (13/19). 349 p. br. 15$. (3/40). **José Olympio.**

CRONIN (A. J.). — Três amores. Trad. S. Martins Lopes Corrêa. (15/23). 409 p. br. 20$. (5/40). **José Olympio.**

DANINOS (Pierre). — Le sang des hommes. (13/19). 237 p. br. 15$. (11/40). **Franco-Brasileira.**

DEFOE (Daniel). — Robinson Crusoé. Trad. rev. e atualizada por Nabor Cayres de Britto. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura. Os Mestres do Pensamento, 5. (11/18). 295 p. br. 15$. (11/40). **Ed. Cultura.**

DELLY (M.). — Entre duas Almas. Trad. Bibl. das Moças, 48. (13/19). 238 p. br. 5$. (Nova ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DELLY (M.). — O fim de uma Walkyria. Trad. Bibl. das Moças, 42. (13/19). 285 p. br. 5$. (Nova ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DELLY (M.). — Foi o destino... Trad. A. Bernard. Bibl. das Moças, 73. (13/19). 233 p. br. 5$. (2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DELLY (M.). — Magali. Trad. Bibl. das Moças, 52. (13/19). 254 p. br. 5$. (Nova ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DELLY (M.). — Rei de Kidji. Trad. Bibl. das Moças, 40. (13/19). 251 p. br. 5$. (Nova ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DELLY (M.). — O sentimento do amor. Trad. Col. Para Nossas Filhas. (12/17). 180 p. br. 4$. (8/40). **Getulio Costa.**

DELLY (M.). — No silencio da noite. Trad. Tito Marcondes. Bibl. das Moças, 86. (13/19). 270 p. br. 5$. (11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DUMAS (Alexandre). — O conde de Monte Cristo. Trad. Col. Sip. 69. (10/14). 2 vols. 844 p. br. 4$. (7/40). **Civilização.**

DUMAS (Alexandre). — Memórias de um médico. 1.ª parte, José Balsamo.. 1.º vol. Taverney. Trad. Col. das Grandes Obras, 1. (10/14). 288 p. br. 3$. (1/40). — 2.º vol. A condessa Dubarry. Col. G. O. 2. 271 p. 3$. (1/40). — 3.º vol. Richelieu e Rohan. Col. G. O. 3. 293 p. 3$. (2/40). — 4.º vol. O casamento do Delfim. Col. G. O. 4. 281 p. 3$. (2/40). — 5.º vol. O duque d'Aiguillon. Col. G. O. 5. 261 p. 3$. (4/40). — 6.º vol. Os bastidores do Trianon. Col. G. O. 6. 261 p. 3$. (4/40). — 7.º vol. O senhor de Sartines. Col. G. O. 7. 247 p. 3$. (4/40). — 8.º vol. A familia Pitou. Col. G. O. 8. 249 p. 3$. (5/40). — 2.ª parte, O colar da rainha. 1.º vol. Joana de La Motte. Col. G. O. 9. 232 p. 3$. (6/40). — 2.º vol. O baile de máscaras. Col. G. O. 10. 251 p. 3$. (6/40). — 3.º vol. A princesa de Lamballe. Col. G. O. 11. 235 p. 3$. (8/40). — 4.º vol. Mulher e rainha. Col. G. O. 12. 245 p. 3$. (8/40). — 5.º vol. Dragão e vibora. Col. G. O. 13. 266 p. 3$. (9/40). — 3.ª parte, Angelo Pitou. 1.º vol. Pitou em Paris. Col. G. O. 14. 245 p. 3$. (10/40). — 2.º vol. A Bastilha. Col. G. O. 15. 239 p. 3$. (10/40). — 3.º vol. Mulheres em cena. Col. G. O. 16. 229 p. 3$. (11/40). — 4.º vol. Versailles. Col. G. O. 17. 273 p. 3$. (11/40). — 4.ª parte, A condessa de Charny. 1.º vol. Cagliostro. Col. G. O. 18. 249 p. 3$. (11/40). — 2.º vol. Metz e Paris. Col. G. O. 19. 253 p. 3$. (12/40). **Emp. Ed. Brasileira.**

ELIANA. — Sangue de tigre. (14/19). 269 p. br. 7$. (2.ª ed. 5/40). **Tip. do Centro, P. Alegre.**

ERIZZO (Pierluigi e Ettore). — O romance do advogado. Trad. Carlos Torres Pastorino. Col. Divulgação e Cultura, 6. (14/21). 231 p. br. 12$. (1939-2/40). **Vecchi.**

ESCRICH (H. Perez). — O anjo da guarda. Trad. rev. Léo Sartorio. Col. O Romance Popular. (17/24). 380 p. br. 10$. (4/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

ESCRICH (Henrique Perez). — Os que riem e os que choram. Trad. Col. Sip, 71. (10/14). 2 vols. 960 p. br. 6$. (10/40). **Civilização.**

ESCRICH (H. Perez). — Sacrificio de amor. Trad. rev. Jayr da Silva Pinto. Col. O Romance Papular. (14/19). 214 p. br. 6$. (12/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

EXUPERY (Antoine Saint—). — Terra dos homens. Tragédia e poesia da aviação moderna. Trad. Rubem Braga. Col. O Romance da Vida, 8. (15/23). 265 p. br. 13$. (6/40). **José Olympio.**

FARROW (John). — Damião, o leproso. Trad. Maria Helena Amoroso Lima. Rev. Alceu Amoroso Lima. Col. O Romance da Vida, 11. (15/23). 310 p. br. 16$. (10/40). **José Olympio.**

FERBER (Edna). — Mamãe sabe o que faz. Trad. Lygia Junqueira Smith. Bibl. das Moças, 72. (13/19). 239 p. br. 5$. (1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FIELD (Rachel). — Tudo isto e o céu tambem. Trad. Ilka Labarthe e Lygia Cavalcanti. (15/23). 428 p. br. 20$. (10/40). **José Olympio.**

FIGUEIREDO (Nelson de). — O lindo Reynaldo. (13/19). 229 p. br. 8$. (7/40). **Emiel. Ed.**

FOLEY (Charles). — Pupila sem tutor. Trad. rev. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 75. (13/19). 22 p. br. 4$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FOLEY (Charles). — O segredo do noivado. Trad. A. Bernard. Bibl. das Moças, 82. (13/19). 234 p. br. 5$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FOLEY (Charles). — O tormento das trevas. Trad. Yolanda Vieira Martins. Bibl. das Moças, 81. (13/19). 225 p. br. 5$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FONTAINE (La). — Fábulas complétas. Trad. diversos. Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura. Os Mestres do Pensamento, 2. (11/18). 307 p. br. 15$. (11/40). **Ed. Cultura.**

FRANCE (Anatole). — Thais. Trad. Sodré Viana. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 3. (13/19). 236 p. br. 8$. (4/40). **Pongetti.**

" " " " " " Na mesma coleção: Vol. 1. Victor HUGO. — Os trabalhadores do mar. Trad. Machado de Assis. 12$. Vol. 2. Romain ROLLAND. — História de uma conciência. (Clerambault). Trad. Fabio Leite Lobo. 10$. Vol. 4. DOSTOIEVSKY. — Crime e castigo. Trad. rev. Marques Rebelo. 15$.

FREITAS (M. M de). — Grão Mogol. De Portugal a Portugal. (14/20). 207 p. br. 6$. (6/40). **Of. M. Intendencia, Rio.**

GALEGOS (Romulo). — Dona Barbara. Trad. Jorge Amado. (14/20). 488 p. br. 12$. (5/40). **Guaíra.**

GALSWORTHY (John). — Flor escura. Trad. Miroel Silveira. Col. Nobel, 31. (14/19). 290 p. br. 10$. (12/40). **Globo.**

GARDEDIAN (H. Gordon). — O romance da ciência. Trad. Giuseppe Amado. Col. A Ciência de Hoje, 2. (14/20). 327 p. br. 13$. (7/40). **José Olympio.**

GLAESER (Ernst). — O ultimo civil. Trad. Maria Jacintha. Col. Nobel, 28. (14/19). 428 p. br. 12$. (7/40). **Globo.**

GLYN (Elinor). — O diário de uma aristocrata. Trad. Tati A. de Mello. Bibl. das Moças, 54. (13/19). 242 p. br. 5$. (Nova ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GLYN (Elinor). — Fogo de amor. Trad. Tati A. de Mello. Bibl. das Moças, 37. (13/19). 221 p. br. 5$. (Nova ed, 11/40). **Cia Ed. Nacional.**

GLYN (Elinor). — O grande momento. Trad. Ruth A. de Mello. Bibl. das Moças, 8. (13/19). 246 p. br. 5$. (Nova ed. 7/40). **Cia Ed Nacional.**

GLYN (Elinor). — O homem e o momento. Trad. Tati A. de Mello. Bibl. das Moças, 79. (13/19). 239 p. br. 5$. (Nova ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GLYN (Elinor). — O "It". Trad. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 78. (13/19). 211 p. br. 5$. (Nova ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GLYN (Elinor). — Porque? Trad. Paulo de Freitas. Bibl. das Moças, 7. (13/19). 345 p. br. 7$. (Nova ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GOMES (Leontina). — Você?.., Foi um sonho que passou... (17/20). 219 p. br. 6$. (12/40). **Cia. Carioca, Rio.**

HALL (Jack). — O crime dos três inocentes. Trad. Col. Sip, 69. (10/14). 318 p. br. 2$. (7/40). **Civilização**

HARDING (Bertita). — A corôa fantasma. A história de Juarez, Maximiliano e Carlota do Mexico. Trad. Sergio Milliet. Col. O Romance da Vida, 1. (15/23). 376 p. br. 20$. (3/40). **José Olympio.**

HILTON (James). — Adeus, Mr. Chips. Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel, 25. (14/19). 132 p. br. 5$. (5/40). **Globo.**

HILTON (James). — Não estamos sós. Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel, 27. (14/19). 250 p. br. 10$. (7/40). **Globo.**

HIRE (Jean de La). — O prisioneiro do "Dragão Vermelho". Trad. Tito Marcondes. Col. Terramarcar, 66. (14/20). 178 p. br. 5$. (3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

HORLER (Sydney). — A casa dos segredos. Trad. Fay de Azevedo. Col. Amarela, 30. (13/19). 222 p. br. 5$. (5/40). **Globo.**

HUGHES (Richard). — Um ciclone na Jamaica. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Nobel. 34. (14/19). 213 p. br. 10$. (12/40). **Globo.**

HUGO (Victor). — Do calvario ao infinito. Novela psicografada por Hilda Gama. (13/19). 441 p. br. 9$. (5.ª ed. 3/40). **Fed. Espirita.**

HUGO (Victor). — O Corcunda de Notre Dame. Trad. e rev. José Fonseca do Amaral. (14/20). 495 p. br. 10$. (3/40). **Ed e Publ. Brasil.**

HUGO (Victor). —O Corcunda de Notre Dame. Trad. e adaptação de José Fakira. Pref. e rev. Bandeira Duarte. (13/19). 176 p. br. 4$. (4/40). **Z. Valverde.**

HUGO (Victor). — O Corcunda de Notre Dame. Trad. Col. Sip, 67. (10/14). 2 vols. 768 p. br. 4$. (4/40). **Civilização.**

HUGO (Victor) —— O homem que ri. Trad. Col. Sip, 33. (10/14). 2 vols. 859 p. br. 4$. (12/40). **Civilização.**

HUXLEY (Aldous). — Contraponto. Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel, 10. (14/19). 693 p. br. 18$. (Nova ed. 10/40). **Globo.**

IOLOVITCH (Marcos). — Numa clara manhã de Abril. (13/20). 198 p. br. 8$. (1/40). **Globo.**

JOHNSON (Osa). — Casei-me com a aventura. Trad. Geraldo Cavalcanti. Col. O Romance da Vida, 13. (14/23). 355 p. il. br. 20$. (12/40). **José Olympio.**

JUCA (Odilon). — Direito de pecar. (13/19). 128 p. br. 5$. (6/40). **Distr. Internacional.**

KIPLING (Rudyard). — A luz que se apaga. Trad. e pref. de Azevedo Amaral. Col. Grandes Romances para a Mulher, 1. (13/19). 344 p. br. 10$. (6/40). **José Olympio.**

MACHADO (Leão). — Espigão da Samambaia. Premiado Academia Brasileira, 1937. (14/19). 221 p. br. 8$. (1/40). **Guaíra.**

MAIRE (Éveline Le). — Prazer dos deuses. Trad. Col. Para Nossas Filhas. (12/17). 224 p. br. 4$. (Nova ed. 9/40). **Getulio Costa.**

MALRAUX (André). — A esperança. Trad. David Jardim Junior. (14/19). 541 p. br. 18$. (8/40). **Guaíra.**

MARTINS (Fran). — Mundo perdido. (14/19). 257 p. br. 7$. (3/40). **Vecchi.**

MARTINS (Luís). — Fazenda. (Drama da decadencia do café). (14/19). 221 p. br. 8$. (11/40). **Guaíra.**

MARTINS (Romario). — Palquerê. Mitos e lendas. Visões de aspéctos. (14/19). 178 p. il. br. 8$. (9/40). **Guaíra.**

MAUGHAM (W. Somerset). — O véu pintado. Trad. Yolanda Vieira Martins. Bibl. da Mulher Moderna, 19. (13/19). 256 p. br. 6$. (6/40). **Civilização.**

MAURIAC (François). — Os caminhos do mar. Trad. Costa Neves. (14/19). 254 p. br. 10$. (10/40). **Vecchi.**

MAURIER (Daphne du). — Rebecca. A mulher inesquecivel. Trad. Ligia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 4.ª, Ficção, 2. (15/23). 383 p. br. 15$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MEDEIROS (Abaeté de). — Os curiosos estudos do professor negro. Il. Helio Feijó. (17/24). 216 p. br. 10$. (12/40). **Imp. Industrial, Recife.**

MELO (Mygis de). — Cruel promessa. (13/19). 191 p. br. 5$. (6/40). **Emp. Ed. Brasileira.**

MENEZES (Inácio). — Mocidade vitoriosa. Romance de costumes. (13/19). 218 p. br. 8$. (1/40). **Pongetti.**

MERREL (Concordia). — Qual dos tres? Trad. Sarah Pinto de Almeida. Bibl. das Moças, 74. (13/19). 290 p. br. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MERREL (Concordia). — A setima miss Brown. Trad. Tati A. de Mello. Bibl. das Moças, 77. (13/19). 266 p. br. 5$. (8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MIRANDA (Luis Souza). — A esmolér de cocaína. (14/18). 98 p. br. 5$. (1939-3/40). **Pap. Mimi, Niteroi.**

MITCHELL (Margaret. — ...E o vento levou. (Gone with the wind). Trad. Francisca de Basto Cordeiro. (15/22). 854 p. br. 25$., enc. 32$. (1/40). **Pongetti.**

MOOG (Vianna). — Um rio imita o Reno. (14/20). 269 p. br. 10$. (3.ª ed. 8/40). **Globo.**

MOREIRA (Albertino G.). — Polso da estrada. (13/19). 229 p. br. 8$. (10/40). **Livr. Martins.**

MURA. — Agua nascentes. Trad. Aurélio Domingues. (13/19). 234 p. br. 6$. (5/40). **Vecchi.**

MURA. — As irmãs da rua Belaflor. Trad. Aurélio Domingues. Col. Senhora, 3. (13/19). 247 p. br. 6$. (9/40). **Vecchi.**

MURA. — Mary, Mariô, Maria. Trad. Aurélio Domingues. (13/19). 287 p. br. 6$. (5/40). **Vecchi.**

NABUCO (Carolina). — A sucessora. (13/19). 297 p. br. 10$. (2.ª ed. 12/40). **José Olympio.**

NIJINSKY (Romola). — Nijinsky. Pref. Paul Claudel. Trad. Gastão Cruls. Col. O Romance da Vida, 6. (15/23). 354 p. br. 20$. (5/40). **José Olympio.**

OLIVEIRA (Alvarus de). — Romances que a propria vida escreveu... (14/19). 191 p. br. 6$. (12/40). **Cia Brasil. Ed.**

PACHECO (Armando). — O pardieiro 33. (14/19). 97 p. br. 5$. (3/40). **Tip. Grossman, Rio.**

PACKARD (Frank L.). — Novas proezas de Jimmie Dale. Trad. Aydano do Couto Ferraz. Col. Amarela, 82. (13/19). 182 p. br. 5$. (7/40). **Globo.**

PEIXOTO (Afranio). — A esfinge. (13/19). 412 p. br. 12$. (6.ª ed. 11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PEIXOTO (Afranio). — Maria Bonita. (13/19). 251 p. br. 8$. (7.ª ed. 2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PEIXOTO (Afranio). — Uma mulher como as outras. (13/19). 318 p. br. 10$. (3.ª ed. 12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PICCHIA (Menotti Del). — Salomé. (13/19). 428 p. br. 12$. (2/40). **Civilização.**

PITIGRILLI. — Loura dolicocefala. Trad. Frederico Carlos Spicacci. (14/19). 299 p. br. 8$. (2.ª ed. 4/40). **Vecchi.**

QUEEN (Ellery). — O crime da casa solitaria. Trad. rev. Godofredo Rangel. Col. Para Todos, 23. (13/19). 248 p. br. 6$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

QUEEN (Ellery). — O mistério do elefante. Trad. Tito Marcondes. Col. Para Todos, 21. (13/19). p. br. 6$. (1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

QUEIROZ (Dinah Silveira de). — Floradas na serra. 1.º prêmio Academia Paulista de Letras. (13/19). 284 p. br. 8$. (3.ª ed. 5/40). **José Olympio.**

QUEUX (William Le). — O terror do ar. Trad. Azevedo Amaral. Col. Terramarear, 65. (14/20). 191 p. br. 5$. (4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

RACHMANOVA (Alia). — Diário duma exilada russa. Trad. Esther de Viveiros. Col. Nobel, 21. (14/19). 284 p. br. 8$. (1/40). **Globo.**

RAINE (William Mac Leod). — A legião dos homens perdidos. Trad. Ernesto Vinhaes. Col. Universo, 42. (14/19). 248 p. br. 7$. (12/40). **Globo.**

REGO (José Lins do). — Pureza. (13/19). 345 p. br. 10$. (2.ª ed. 10/40). **José Olympio.**

REGO (José Lins do). — Usina. Ciclo da Cana de Açucar, V. (13/19). 347 p. br. 10$. (2.ª ed. 11/40). **José Olympio.**

REID (Mayne). — A caça ao Leviatã. Trad. Tito Marcondes. Col. Terramarear, 64. (14/20). 170 p. br. 5$. (2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

REINHARDT (Max). — A vida de Eleonora Duse. Trad. e pref. de José Lins do Rego. Col. O Romance da Vida, 9. (15/23). 296 p. br. 15$. (8/40). **José Olympio.**

REMARQUE (Erich Maria). — Três camaradas. Trad. Frederico dos Reys Coutinho. (14/19). 443 p. br. 15$. (5/40). **Vecchi.**

RIBEIRO (Julio). — A carne. (13/19). 278 p. br. 5$. (16.ª ed. 4/40). **Livr. Alves.**

ROCHESTER (J. W.). — A vingança do Judeu. Trad. (Obtido por W. Krijanowski). (13/19). 484 p. br. 9$. (8.ª ed. 1/40). **Fed. Espirita.**

ROHMER (Sax). — O romance da feitiçaria. A feitiçaria e a lei. Trad. Leonel Valandro. (13/19). 256 p. br. 10$. (7/40). **Globo.**

ROPS (Daniel—). — Morte, tua vitoria onde está? Trad. Jorge de Lima. (14/21). 446 p. br. 15$. (1/40). **Getulio Costa.**

SABATINI (Rafael). — O gavião do mar. Trad. Orlando Rocha. Col. Para todos, 22. (13/19). 320 p. br. 6$. (2.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SAND (George). — Dama de companhia. Trad. Col. Para Nossas Filhas. (13/17). 277 p. br. 5$. (5/40). **Getulio Costa.**

SANTIAGO (Miêta). — Maria Ausência. Pref. Oswaldo de Andrade. (13/19). 311 p. 15$. (12/40). **Distr. Civilização.**

SILVA (Lopes da). — Frívola. (14/19). 142 p. br. 6$. (10/40). **Tip. S. Benedito, Rio.**

SOUZA (Claudio de). — As mulheres fatais. (13/19). 282 p. br. 8$. (11.ª ed. 12/40). **Civilização.**

SOUZA JUNIOR (De). — Um clarão rasgou o céu. (14/20). 267 p. br. 10$. (12/40). **Globo.**

SOUZA JUNIOR (De). — Enquanto a morte não vem. (14/20). 271 p. br. 8$. (3.ª ed. 10/40). **Globo.**

SPRING (Howard). — Meu filho, meu filho! Trad. Lígia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 4.ª, Literatura, 4. (15/22). 399 p. br. 15$. (8/40). — (2.ª ed. 10/40). **Cia Ed. Nacional.**

STACPOOLE (H. de Vere). — A laguna azul. Trad. Mario Quintana. Col. Nobel, 22. (14/19). 270 p. br. 8$. (12/40). **Globo.**

STEINBECK (John). — Ratos e homens. Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel, 29. (14/19). 209 p. br. 8$. (8/40). **Globo.**

STEINBECK (John). — As vinhas da ira. (Prêmio Pulitzer). — Trad. Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. (16/23). 489 p. br. 18$. (10/40). **Globo.**

STEVENSON (Robert Louis). — Principe Otto. Trad. Antonio Barata. Col. Nobel, 26. (14/19). 270 p. br. 8$. (6/40). **Globo.**

STONE (Irving). — A vida trágica de Van Gogh. Trad. Lucia Miguel Pereira. Col. O Romance da Vida, 2. (15/23). 461 p. br. 20$. (3/40). **José Olympio.**

SWIFT (Jonathan). — Viagens de Gulliver a terras desconhecidas. Trad. Henrique Marques Junior. Pref. José Perez. Série Clássica de Cultura. Os Mestres do Pensamento, 1. (11/18). 275 p. br. 12$. (10/40). **Ed. Cultura.**

TABORDA (Doryol). — O estranho vingador. (13/19). 192 p. br. 6$. (9/40). **Coed. Brasilica.**

TAHAN (Malba). — O homem que calculava. Trad. e notas Breno Alencar Bianco. Il. Felicitas Barreto e Horácio Rubens. (17/24). 239 p. br. 12$. (5.ª ed. 1/40). — (6.ª ed. 10/40). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — Lendas do céu e da terra. (13/19). 239 p. il. br. 6$. (4.ª ed. 3/40). **Getulio Costa.**

TEFFÉ (Tetrá de). — Batí à porta da vida. (13/19). 380 p. br. 10$. (9/40). — (2.ª ed. 382 p. 12/40-1941). **Pongetti.**

TERRY (Gabriel). — O batedor de florêstas. Trad. rev. Godofredo Rangel. Col. Terramarear, 62. (14/20). 222 p. br. 5$. (3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

TOLSTOI (Leão). — O quinhão da mulher. Impressionante relato da propria heroina, rev. e corrigido por Leão Tolstoi. Trad. e pref. de João Cabral. (13/19). 151 p. br. 6$. (6/40). **Coed. Brasilica.**

VERDUN (Comandante). — O esquadrão ciclone. Trad. Abelardo Romero. (13/19). 184 p. br. 5$. (11/40). **Vecchi.**

VERISSIMO (Erico). — Caminhos cruzados. Prêmio Graça Aranha. (14/20). 335 p. br. 8$. (4.ª ed. 3/40). — (5.ª ed. 10$. 10/40). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Clarissa. (14/19). 227 p. br. 8$. (3.ª ed. 6/40). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Um lugar ao sol. (14/20). 350 p. br. 8$. (3.ª ed. 3/40). —— (4.ª ed. 11/40). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Música ao longe. Prêmio Machado de Assis. (14/20). 277 p. br. 8$. (4.ª ed. 3/40). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Olhai os lírios do campo. (14/20). 302 p. br. 8$. (8.ª ed. 9/40). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Saga. (14/20). 331 p. br. 10$. (7/40). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — O caso delator. Trad. Luiz Estrêla. Col. Amarela, 85. (13/19). 226 p. br. 5$. (10/40). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — O hotel do terror. Trad. Luiza P. Ferreira. Col. Amarela, 87. (13/19). 238 p. br. 5$. (10/40). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — A lei dos 4 homens justos. Trad. Leonel Vallandro. Col. Amarela, 95. (13/19). 211 p. br. 5$. (10/40). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — Sanders na Africa. Trad. Mário Quintana. Col. Amarela, 91. (13/19). 211 p. br. 5$. (10/40). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — O terror. Trad. Antonio Barata. Col. Amarela, 77. (13/19). 251 p. br. 5$. (6/40). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — Trapaceiros de alto mar. Trad. Marques Rebello. Col. Amarela, 79. (13/19). 217 p. br. 5$. (1/40). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — A volta dos 3 homens justos. Trad. Liberato Soares Pinto. Col. Amarela, 81. (13/19). 207 p. br. 5$. (6/40). **Globo.**

WANDERLEY (Allyrio Meira). — Bolsos vazios. (14/19). 347 p. br. 12$. (8/40). **Guaira.**

WARTON (E.). — Eu soube amar. (A solteirona). Trad. Raquel de Queiroz. Col. Grandes Romances para a Mulher, 2. (13/19). 198 p. br. 7$. (12/40). **José Olympio.**

WELLS (Ronnie). — Aventuras de Dick Peter, n.º 3. A Ilha dos condenados. O caso de Gloria Maur. (13/19). 191 p. br. 4$. (1/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

XAVIER (Francisco Candido). — 50 anos depois. (Romance de Emmanuel). (13/19). 309 p. br. 8$. (4/40). **Fed. Espirita.**

ZOLA (Emilio). — O sonho. Trad. Nossa Col., 32. (10/14). 249 p. br. 2$. (4/40). **Emp. Ed. Brasileira.**

ZWEIG (Stefan). — Kaleidoscopio. Ed. rev. por J. L. Costa Neves. Ed. Uniforme, 6. (15/22). 401 p. enc. 25$. (Nova ed. 2/40). **Guanabara.**

B. 6) CONTOS

BERTONI (Armando). — E' prohibido sonhar! (13/19). 170 p. br. 6$. (10/40). **Civilização.**

BORGES (José Carlos Cavalcanti). — Neblina. Pref. Graciliano Ramos. (14/19). 149 p. br. 7$. (7/40). **Guaira.**

BOUCHARDET (Mario). — Retalhos. (13/19). 244 p. br. 10$. (3.ª ed. 10/40). **Pap. Imperio, Rio Branco, Minas.**

CAPISTRANO (Martins). — Ciranda. (15/21). 195 p. br. 8$. (11/40). **Ed. Fortaleza.**

COUTO (Ribeiro). — Largo da Matriz e outras histórias. (13/19). 227 p. br. 8$. (12/40). **Getulio Costa.**

DORNAS FILHO (João). — Bagana apagada. (14/19). 187 p. br. 7$. (6/40). **Guaira.**

HERRERA FILHO. — Voragens de amor. Il. Israel. (14/20). 145 p. br. 7$. (6/40). **Jornal do Brasil.**

LABOREIRO (Simão de). — Sua alteza o destino. (16/23). 325 p. br. 10$. (8/40). **Distr. Civilização.**

LELLIS (Raul). — Para você... Contos e fantasias. (14/19). 157 p. br. 6$. (2.ª ed. 1/40). **Minerva.**

LIMA (Paulo Oliveira). — Ibraim. 197 p. br. 6$. (12/40). **Coelho Branco.**

LOBATO (Monteiro). — Contos pesados. (Urupês, Negrinha e O macaco que se fez homem). Col. Os Grandes Livros Brasileiros, 2. (13/19). 358 p. br. 10$. (Nova ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGALHÃES (Paulo Ribeiro de). — Histórias da Mata Virgem. (17/23). 61 p. il. cart. 4$. (2.ª ed. 8/40). **Ed. Melhoramentos.**

MANSFIELD (Katherine). — Felicidade. Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel, 23. (14/19). 285 p. br. 8$. (6/40). **Globo.**

OLIVEIRA (Marúcia de). — Fragmentos da vida. (Em fac-simile uma carta de Medeiros e Albuquerque). (13/19). 131 p. br. 5$. (12/40). **Getulio Costa.**

PEIXOTO (Francisco Inácio). — Dona Flor. Il. Santa Rosa. (13/19). 165 p. br. 6$. (3/40). **Pongetti.**

PORTO (W. Silva). — Parabola maldita. (Genio ou paranoia?). (14/19). 183 p. il. br. 7$. (10/40). **Pongetti.**

REZENDE (Edgard). — Araçá. Pref. Arnaldo Nunes. (14/29). 155 p. br. 5$. (2/40). **Distr. Livr. Educadora.**

SAMEH (Munjimat). — Vinte noites persas. (16/23). 113 p. il. br. 8$. (12/40). **Irmãos Vitale, S. Paulo.**

SILVEIRA (Joel). — Roteiro de Margarida. (14/19). 169 p. br. 6$. (4/40). **Guaira.**

SILVEIRA (Miroel). — Bonecos de engonço. Il. Augusto Rodrigues. (13/19). 187 p. br. 7$. (11/40). **Vecchi.**

TAHAN (Malba). — Céu de Allah. Contos orientais. Il. Cavalciro e Constantino. (13/19). 191 p. br. 6$ (4.ª ed. 8/40). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — Maktub! (Estava escrito!). Contos orientais. Trad. Breno Alencar Bianco. Pref. Khara Ulugbeg. (13/19). 195 p. il. br. 6$. (1/40). **Getulio Costa.**

TAHAN (Malba). — Mil histórias sem fim... 1.º vol. Trad. e Notas, Breno de Alencar Bianco. Pref. Humberto de Campos. (13/19). 193 p. il. br. 6$. (3.ª ed. 2/40). **Getulio Costa.**

B. 7) ELOQUÊNCIA

DALADIER (Edouard). — Três discursos. Trad. (13/19). 67 p. br. 2$. (4/40). **Pongetti.**

DEMOSTENES (Anibal). — O orador do povo. (14/19). 142 p. cart. 4$. (Nova ed. 4/40). **Quarésma.**

B. 8) OBRAS PARA CRIANÇAS

ACQUARONE (F.). — Futebol dos animais. Il. do Autor. (19/27). 52 p. cart. 5$. (12/40). **Distr. Minerva.**

ACQUARONE (F.). — O gigante Brasil e os seus tesouros. Il. do Autor. (16/22). 245 p. cart. 15$. (12/40). **J. R. de Oliveira.**

ACQUARONE (F.). — Os grandes bemfeitores da humanidade. Des. do Autor. (16/23). 259 p. cart. 15$. (3.ª ed. 11/40). **Pongetti.**

ALBUM do Gibi n.º 2. — Lil Abner campeão de Brejo Seco! (20/28). 56 p. il. em quadrinhos. br. $600. (5/40). **O Globo Juvenil.**

ALEGRIA das Crianças. — N.º 2. Os Anões alegres. (22/30). 8 p. il. (Sem texto). cart. 2$500. (5/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALEGRIA das Crianças. — N.º 3. Dois irmãozinhos. (22/30). 8 p. il. (Sem texto). cart. 2$500. (5/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALFABETO (O) dos animais. (27/17). il. br. 3$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

ALI BABÁ e os quarenta ladrões. Codadad e seus irmãos. A princesa de Deriabar. (Das mil e uma noites). (15/20). 58 p. il. cart. 5$. (Nova ed. 9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ALMANAQUE do O Globo Juvenil 1941. (29/38). 161 p. il. cart. 8$. (12/40). **Rio.**

ALMEIDA (Alberto Rebelo de). — O anão da floresta. Palavras finais de Afranio Peixoto. Il. Monteiro Filho. (16/22). 246 p. br. 15$. (7/40). **Of. Valle & Lauro, Rio.**

ANDRADE (Tales de). — Como nasceu a Cidade Maravilhosa. (18/21). 79 p. il. cart. 5$. (10/40). **Ed. Melhoramentos.**

ANDRADE (Tales de). — O mistério das côres. Série Encanto e Verdade, 22. (12/16). 57 p. il. cart. 1$500. (3/40). **Ed. Melhoramentos.**

ANISIO (Pedro). — Ruy Barbosa para crianças. Il. Rodolfo. Bibl. Pátria, 1. (12/18). 303 p. cart. 6$. (11/40). **Supl. Nacionais.**

BARATA (Antonio). — O livro dos piratas. Il. Tomás Somerfield. Col. Aventuras, 5. (15/22). 174 p. cart. 8$. (6/40). **Globo.**

BERTONI (Armando). — A história do mágico de Oz. Adaptação da obra original de L. Frank Baun. (16/23). 72 p. il. cart. 10$. (1939-10/40). **Distr. Civilização.**

BIBLIOTÉCA Juvenil. — Histórias de papaesinho. Trad. e compilação de Armando Brussolo. (17/24). 89 p. il. cart. 5$. (12/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

BIBLIOTÉCA Pátria. — I. Grandes figuras do Brasil. Legendas de Rafael Murilo e Miranda Bastos. Des. Mario Pacheco. (27/32). 59 p. il. cart. 10$. (3/40). **Supl. Nacionais**

COELHO (Gaspar). — O circo dos animais e outros contos infantís. Il. Arnaldo Mendes. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico, s. 1.ª, vol. 15. (19/26). 34 p. cart. 5$. (10/40). **Pimenta de Mello.**

COLEÇÃO Abre-te Sézamo! — Gato de Botas com 3 desenhos mágicos. (21/24). 21 p. cart. 8$. (1/40). **Supl. Nacionais.**

COLLODI (C.). — Pinocchio. Trad. rev. Monteiro Lobato. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 13. (16/22). 201 p. il. cart. 10$. (3.ª ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CORRÊA (Viriato). — História do Brasil para crianças. Il. Belmonte. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 18. (16/22). 223 p. cart. 12$. (8.ª ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DEFOE (Daniel). — Robinson Crusoé. Adaptação para as crianças por Monteiro Lobato. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 19. (16/22). il. cart. 7$. (4.ª ed. 10/40/. **Cia. Ed. Nacional.**

DISNEY (Walt). — Pato Donald. Trad. Bibl. Mirim, 18. (9/11). 303 p. il. cart. 4$. (11/40). **Supl. Nacionais.**

DISNEY (Walt). — Pinocchio. Trad. Bibl. Mirim, 16. (9/11). 317 p. il. cart. 4$. (10/40). **Supl. Nacionais.**

DUNGLER, C. SS. R. (P. Ch.). — Meu amiguinho São Geraldo. Trad. Colina Lion. Il. Jeanne Guignard. (17/21). 24 p. cart. 4$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

ESPINNHEIRA (Ariosto). — Viagem através do Brasil. Vol. II. Nordeste. Il. do Autor. (18/23). 108 p. cart. 8$. (1/40). — Vol. III. Brasil Oriental, I. Il. do Autor. (18/23). 144 p. cart. (11/40). — Vol. IV. Brasil Oriental, II. Il. do Autor. (18/23). 142 p. cart. 10$. (11/40). **Ed. Melhoramentos.**

FERENZONA (Fergan Di). — Aventuras extraordinarias dos três mosqueteiros de pau. (16/20). 90 p. il. cart. 5$. (2.ª ed. 10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FERREIRA (Ignacio). — Conselhos ao meu filho. Pref. Leopoldo Machado. (14/19). 141 p. il. 4$. (3/40). **Distr. Fed. Espirita.**

F. L. P., O. P. — Sementes. Fatos e apologos. (19/25). 96 p. il. cart. 9$. (10/40). **Gr. Olimpica, Rio.**

FONSECA (Gondin da). — Contos do país das fadas. Il. Henrique Cavalleiro. (17/23). 192 p. cart. 12$. (Nova ed. 6/40). **Quaresma.**

FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Senhor Menino. Des. Paim. (19/29). 34 p. cart. 10$ (12/40). **N. Fontes.**

FORREST (Hal). — Tailspin Tommy na ilha do Céu. Trad. Bibl. Mirim, 14. (9/11). 327 p. il. cart. 4$. (5/40). **Supl. Nacionais.**

GALL (Otto Willi). — Uma viagem à lua. Trad. Pepita de Leão. Il. Heitor Martelle. Col. Aventura, 4. (15/22). 207 p. cart. 8$. (6/40). **Globo.**

GOOLD (Will). — Red Barry agente secreto. Trad. Bibl. Mirim, 13. (9/11). 319 p. il. cart. 4$. (3/40). **Supl. Nacionais.**

GUERRA aos gangster. — (31/17). 84 p. il. em quadrinhos. br. 5$. (2/40). **Distr. Ed. Minerva.**

HAMLIN (V. T.). — Brucutú nas selvas de Mú. Trad. Col. Gibi, 3. (9/11). 428 p. il. cart. 4$. (12/40). **O Globo Juvenil.**

ILDEFONSO (Frei). — Divagações infantis. (16/24). 109 p. il. cart. 6$. (7/40). **Ed. S. C. J.**

INDEFONSO (Frei). — História de Jesus para as crianças. (16/24). 102 p. il. cart. 10$. (4.ª ed. 10/40). **Saraiva.**

JARDIM (Luis). — O boi aruá. Il. do Autor. Col. Infantil, s. A — 1. (14/21). 148 p. br. 10$. (12/40). **Alba.**

JARDIM (Luis). — O tatú e o macaco. Des. Luis Jardim. Bibl. da Criança Brasileira, s. A. Livros de Estampas, 3. (34/27). 44 p. cart. 7$. (4/40). **Ministério Educação.**

LACERDA (Carmem de Faro). — No avião do papai Noel. Il. da Autora. (16/24). 43 p. cart. 10$. (12/40). **Distr. Livr. Boffont.**

LEITE (Marieta). — Pituchinha. (16/23). 32 p. il. cart. 3$. (2.ª ed. 12/40). **J. R. de Oliveira.**

LEVETZOW (Hulda von). — Sinhazinha e Maricota. As irmãs de Juca e Chico. Trad. Colina Lion e Carlos Lebeis. Il. F. Maddalena. (16/23). 56 p. cart. 5$. (2.ª ed. 8/40). **Ed. Melhoramentos.**

LIRA (Mariza). — No reino da terra. Il. (17/22). 73 p. cart. 8$. (12/40). **A Noite.**

LOBATO (Monteiro). — D. Quixote das crianças. Contada por dona Benta. Il. Gustavo Doré B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 25. (16/22). 172 p. cart. 10$. (2.ª ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — Emília no país da gramática. Il. Belmonte. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 14. (16/22). 172 p. cart. 10$. (4.ª ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — História das invenções Il. J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 23. (16/22). 151 p .cart. 10$. (2.ª ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — História do mundo para as crianças. Baseada na História para as crianças de V. M. Hillyer. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 10. (16/22). 268 p. il. cart. 12$. (7.ª ed, 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — Reinações de Narizinho. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 12. (16/22). 231 p. il. cart. 12$. (8.ª ed. 11/40-1941). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — Viagem ao céu. Il. Jean G. Villin. B. P. B. s. 1.ª, Literatura Infantil, 3. (16/22). 119 p. cart. 8$. (4.ª ed. 8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MACEDO (Luis Carlos Borges de). — O meu livro. Pref. de De Plácido e Silva. Il. Guido Viaro. (16/23). 64 p. cart. 5$. (12/40). **Guaíra.**

MARIA (Violeta). — Clarita da pá virada. (17/24). 258 p. il. cart. (1939-4/40). **Distr. José Olympio.**

MASSON (Alceu). — Aventuras de um escoteiro. Il. F. Acquarone. (14/20). 159 p. br. 6$. (12/40). **Atlantis, Rio.**

MAUL (Carlos). — Floriano. Il. Alberto Lima e Calmon. (23/32). 20 p. cart. 5$. (10/40). **Distr. Z. Valverde.**

MILLER (Frank). — Barney Baxter e o esquadrão da aguia. Trad. Col. Gibi, 2. (9/11). 427 p. il. cart. 4$. (10/40). **O Globo Juvenil.**

MOSLEY (Zack). — Jack do Espaço em Asas sobre o Pacifico. Trad. Col. Gibi, 4. (9/11). 40[illegible] p. il. cart. 4$. (12/40). **O Globo Juvenil.**

NEVES (Costa). — Pretinha de Pixe e os 7 gigantes. Il. Takaoca. (16/24). 65 p. cart. [illegible] (11/40). **Cia. Carioca, Fla.**

NEWBERRY (Clare Turley). — Regalo. Des. da Autora. Trad. Guilherme de Almeida. (18-23). 30 p. cart. 4$. (11/40). **Ed. Melhoramentos.**

PIMENTEL (Figueiredo). — Contos da Carochinha. (14/19). 415 p. il. cart. 10$. (18.ª ed. 1/40). **Quaresma.**

PIMENTEL (Figueiredo). — Histórias da avósinha. Il. Julião Machado. (14/19). 368 p. cart. 10$. (Nova ed. 9/40). **Quaresma.**

PIMENTEL (Figueiredo). — Histórias da baratinha. (14/19). 310 p. il. cart. 12$. (Nova ed. 10/40). **Quaresma.**

RAYMOND (Alex). — Flash Gordon no reino das florestas de Mongo. Trad. Col. Gibi, 1. (9/11). 424 p. il. cart. 4$. (8/40). **Globo Juvenil.**

RICKENBACKER (Eddie). — Az Drummond. Trad. Bibl. Mirim, 17. (9/11). 303 p. il. cart. 4$. (12/40). **Supl. Nacionais.**

RITT (William), GRAY (Clarence). — Dick James e Brocco. O moderno bucaneiro. Trad. Col. O Globo Juvenil, 4. (10/14). 352 p. il. cart. 4$. (5/40). **Globo Juvenil.**

SALVI (Nina). — Tico e Téco. Des. Acquarone. (17/21). 70 p. cart. 6$. (12/40). **Pongetti.**

SOUZA (Regina Melillo de). — Férias. Il. da Autora. (16/22). 133 p. cart. 10$. (12/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

SULLIVAN (Eddie), SCHMIDT (Charlie). — Rádio-Patrulha. Col. O Globo Juvenil, 3. (10/14). 378 p. il. cart. 4$. (3/40). **Globo Juvenil.**

SWIFT (J.). — Aventuras de Gulliver no país dos anões. Trad. e adaptação de Armando Brussolo. Il. Messias. (12/16). 123 p. cart. 5$. (7/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

SWIFT (Jonathan). — Aventuras de Gulliver no país dos gigantes. Trad. e adaptação de Alfredo Gomes. Il. Messias. (12/16). 121 p. cart. 5$. (12/40-1941). **Ed. e Publ. Brasil.**

SWIFT (J.). — Viagem de Gulliver ao país dos homensinhos de um palma de altura. Adaptação de Monteiro Lobato. (15/20). 56 p. il. cart. 4$. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

TABORDA (Vasco José). — Saturnópolis. Il. Ruy Luz. (15/22). 88 p. br. 4$. (4/40). **Livr. Guignone.**

TAHAN (Malba). — Paca, tatú. Contos infantis. Il. Acquarone. (13/19). 55 p. br. 3$. (2.ª ed. 12/40). **Getulio Costa.**

TAYLOR (Charles C.). — Aventuras de Gulliver. Trad. Bibl. Mirim, 15. (9/11). 265 p. il. cart. 4$. (7/40). **Supl. Nacionais.**

TRICANICO (Maria). — Zé Sabido do gorro encantado. Histórias encantadas. Pref. Não Tótico. (13/19). 91 p. br. 4$. (2.ª ed. 12/40). **Distr. Civilização.**

VELOSO (Maria Alves). — Sê Bola no Rio. (15/21). 104 p. il. cart. 6$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

VERISSIMO (Erico). — Os três porquinhos pobres. Il. Edgar Koetz. Bibl. Nanquinote. 2. (20/28). 28 p. cart. 4$. (Nova ed. 6/40). **Globo.**

WERNECK (Paulo), DUARTE (Margarida Estrela Bandeira). — The Legend of the palm tree. Il. Paulo Werneck. (27/33). 48 p. cart. US $1.00 (Grosset & Dunlap, N. Y.). (12/40). **Serv. Gr. Ministério Educação.**

5) CIÊNCIAS MATEMATICAS, FISICAS E NATURAIS

ABREU (S. Frões). — Pesquisa e exploração do petroleo com especial referencia ao Brasil. B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Cientifica, 18. (14/20). 319 p. il. br. 15$. (3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ALBUQUERQUE (Irene de). — Jogos e recreações matemáticas. 1.ª parte. (16/23). 65 p. br. 4$. (5/40). **Getulio Costa.**

ALMEIDA (Deoclides). — E' o calor do sol que aquece a terra? (13/19). 92 p. br. 5$. (4/40). **Emiel Ed.**

ALMEIDA (José). — Metodologia ciências física e naturais. Col. Estudos Sociais e Técnicos, 4. (14/19). 265 p. cart. 12$. (12/40). **Guaira.**

AMARAL (João Baptista Pecegueiro do). — Química. 1.º vol. 4.ª série. (14/19). 422 p. il. cart. 18$. (4.ª ed. 4/40). **Livr. Alves.**

AMARAL (João Baptista Pecegueiro do). — Compêndio de química. 2.º vol. 5.ª série. (14/19). 690 p. il. cart. 2$. (4.ª ed. 3/40). **Livr. Alves.**

ANDRADE (Renato). — O que o radio ouvinte pergunta ao técnico. (14/19). 152 p. il. br. 10$ (10/40). **Antunes.**

ARITMÉTICA elementar. Bibl. do Homem Prático, 4. (16/24). 165 p. br. 15$. (12/40). **Japy Freire.**

AUXILIAR do Estudante. — Formulas e equações. (12/16). 79 p. br. 3$. (5/40). **Livr. Lusitania.**

BARROS (J. B. A.). — 400 problemas para o curso primário. (12/16). 34 p. br. 2$. (5/40). **Distr. Antunes.**

BELART (J. Luiz). — Rádio. 1.º vol. Parte Geral. (14/19). 326 p. il. br. 15$. (4.ª ed. 10/40). **Oscar Mano.**

BRANDÃO (Alvaro Soares). — Química. 5.ª série. (14/20). 361 p. il. cart. 16$. (2.ª ed. 4/40). **Ed. Melhoramentos.**

CALIOLI (Carlos), AMBROSIO (Nicolau D'). — Matemática, 2.º ano propedêutico. Col. Dom Bosco, 22. (14/20). 287 p. cart. 10$. (1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Carlos de). — Aritmética comercial e financeira. (16/24). 335 p. br. 15$. (11.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Thales de Mello). — Curiosidades matemáticas. Il. do Autor. (9/13). 63 p. br. 3$. (2.ª ed. 4/40). **Distr. Civilização.**

CASTRO (Lauro Sodré Viveiros de). — Pontos de estatística. Pref. Costa Miranda. (14/20). 255 p. il. br. 15$. (3.ª ed. 9/40). **Ed. Autor, Rio.**

CAVALHEIRO (Luiz). — Matemática comercial e financeira, contendo noções de cálculo diferencial e integral. Bibl. de Iniciação Econômica. (14/20). 409 p. il. cart. 15$. (1939-1/40). **Pongetti.**

CAVALHEIRO (Luiz), ANGELINO (Nicolau). — Física. 4.ª série. (14/20). 381 p. il. cart. 12$. (2.ª ed. 12/40). **Saraiva.**

CHOLLET (M.). — Tábuas de logaritmos a cinco decimais. (14/19). 331 p. 1 supl. c/67 p. cart. 18$. (5.ª ed. 12/40). **Briguiet.**

CONCEIÇÃO (Carlos Mário da). — Física. Problemas resolvidos. (12/16). 121 p. br. 5$. (12/40). **Livr. Lusitania.**

COSTA (Carlos). — História natural. 5.ª série. ginasial. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 81. (14/20). 478 p. il. cart. 18$. (3.ª ed. 12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Paulo Lisbôa e). — Introdução á análise qualitativa mineral e á prática da determinação do pH. (14/20). 183 p. il. br. 15$. (12/40). **Livr. Mineira.**

COUTO (Carlos de Paula). — Paleontologia do Rio Grande do Sul. (17/24). 218 p. 26 planchas, il. br. 12$. (4/40). **Ed. Autor, R. G. do Sul.**

DACORSO NETTO (Cesar). — Elementos de aritmética. 1.º ano. (14/19). 259 p. il. cart. 8$. (4/40). **Globo.**

DECOURT (Paulo). — Elementos de mineralogia e geologia. (16/23). 672 p. il. cart. 20$. (2.ª ed. 3/40). **Ed. Melhoramentos.**

DECOURT (Paulo). — Noções de história natural. 3.ª série. (14/21). 395 p. il. cart. 12$. (5.ª ed. 12/40). **Ed. Melhoramentos.**

DECOURT (Carlos). — Soluções algébricas. (15/21). 348 p. cart. 15$. (3/40). **Ed. Melhoramentos.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências naturais. vol. 3.º. Il. do Autor. (14/19). 126 p. cart. 4$. (4.ª ed. 2/40). **J. R. de Oliveira.**

F. I. C. — Elementos de trigonometria. Trad. e adaptação de Eugenio B. Raja Gabaglia. 6.ª ed. correta e atualizada pelo Ten. Cel. Waldemar Pereira Cotta. (14/19). 246 p. il. cart. 16$. 6.ª ed. 10/40). **Briguiet.**

FACCINI (Mario). — Ciências físicas e naturais. 1.ª série. (14/19). 239 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 4/40). — 2.ª série. (14/19). 260 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 3/40). **Briguiet.**

FACCINI (Mario). — Física e química. 4.ª série. (13/19). 785 p. il. cart. 22$. (6.ª ed. 5/40). **Briguiet.**

FERREIRA (Jurandyr Pires). — Tratado de mecanica econômica. Transportes. (19/29). 251 p. il. enc. 50$. (8/40). **Cia. Carioca, Rio.**

FRANCON (J. A.). — Tabelas de cubagem das madeiras. Trad. Renato da Silveira. (14/19). 413 p. br. 18$. (2.ª ed. 7/40). **Briguiet.**

FREITAS (Anibal). — Curso de física. 5.ª série. (14/21). 690 p. il. cart. 20$. (3.ª ed. 3/40). **Ed. Melhoramentos.**

FREITAS (Gaspar). — Ciências física e naturais. Exame de admissão. (12/16). 268 p. il. cart. 5$. (138 m.º, 2/40). (145 m.º, 9/40). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de aritmética, geometria e desenho. Exame de admissão. (13/16). 132 p. il. cart. 3$. (83 m.º. 2/40). **Distr. Antunes.**

FRÓES (Arlindo). — Química. 3.ª série. (14/19). 471 p. il. cart. 12$. (4.ª ed. 1939-1/40). **J. R. de Oliveira.**

FRÓES (Arlindo). — Química. 4.ª série. (14/19). 575 p. il. cart. 15$. (2.ª ed. 1939-1/40). **Livr. Alves.**

GERLING (Werner). — Eletricidade prática. Bibl de Cultura Técnica, 7. (14/19). 493 p. il. br. 20$. (9/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

GLIESCH (Rodolfo). — Curso geral de zoologia. (17/24). 579 p. il. cart. 40$. (12/40). **Globo.**

GRAETZ (L.). — A eletricidade e suas aplicações. Trad. Alberto Kuhlmann. (15/23). 866 p. il. cart. 40$. (2.ª ed. 7/40). **Ed. Melhoramentos.**

J. O. D. — Resumo de física para as 3.ª, 4.ª e 5.ª séries ginasiais. (12/16). 156 p. br. 5$. (12/40). **Livr. Lusitana.**

LEÃO (Arnaldo Carneiro). — Química. 3.ª série Bibl. Escolar Brasileira, 1. (14/20). 301 p. il. cart. 10$. (4.ª ed. 12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LEITÃO (Candido de Melo—). — Biologia geral. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 42. (14/20). 520 p. il. cart. 20$. (2.ª ed. 8/40). **Cia Ed. Nacional.**

LEITÃO (Candido de Melo—). — A vida na selva. B. P. B. s. 4.ª, Iniciação Cientifica, 20. (14/20). 223 p. br. 10$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LESSA JUNIOR (Urbano). — Dosagens e reconhecimentos. Pref. Mario Faccini. (14/19). 299 p. cart. 15$. (9/40-1941). **Livr. Imperial.**

LIMA (Ed.). — Eletricidade sem mestre. B. P. B. s. 4-A, Iniciação Profissional, 1. (14/20). 350 p. il. br. 13$. (2.ª ed. 5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LOMBAS (José Navarro). — Dicionário. Curso de rádio televisão e filme sonoro. (Instituto de Investigações Rádio Eletricas). (21/28). 46-32 p. Regua de reparações. Calcul radio électrique. br. 75$. (12/40). **Distr. Antunes.**

MATTOS (Allyrio Hugueney de). — Astronomia de campo. (16/23). 134 p. il. br. 20$. (3.ª ed. 6/40). **Briguiet.**

MATTOS (Monteiro de). — Física e maquinas. (14/19). 93 p. il. br. 8$. (1/40). **Distr. Coelho Branco.**

MENEZES (Luiz). — Ciências físicas e naturais. 1.º série. (14/20). 226 p. il. cart. 8$. (6.ª ed. 3/40). **Saraiva.**

MENEZES (Luiz). — História natural. 3.ª série. (14/20). 331 p. il. cart. 8$. (3.ª ed. 1939-1/40). — 4.ª série. (14/20). 310 p. il. cart. 12$. (3.ª ed. 4/40). **Saraiva.**

MENEZES (Luiz). — Química. 4.ª série. (14/20). 228 p. il. cart. 10$. (3.ª ed. 4/40). **Saraiva.**

MUNIZ (Célio), MENDONÇA (Luys de). — A botânica ao alcance de todos. Pref. A. J. de Sampaio. (14/18). 93 p. il. cart. 4$. (2/40). **Ed. Melhoramentos.**

OLIVEIRA (Valdemar de). — História natural. 4.ª série ginasial. Bibl. Escolar Brasileira, 11. (14/20). 332 p. il. cart. 12$. (1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PEDREIRA (Luiz Silveira). — Análise química qualitativa. (15/21). 304 p. il. cart. 20$. (4/40). **Ed. Melhoramentos.**

PEIXOTO (Roberto). — Elementos de cálculo vectorial. Curso complementar. (16/24). 95 p. il. br. 8$. (2.ª ed. 7/40). **Oscar Mano.**

PIZA (Affonso P. de Toledo). — Cálculo de classes. Coletânea Cientifica, s. A, vol. 1. (16/23). 120 p. br. 15$. (4/40). **Tip. Siqueira, S. Paulo.**

POTSCH (Waldemiro). — O Brasil e suas riquezas. Leitura Pátria. (14/19). 362 p. il. cart. 7$. (15.ª ed. 1/40). **Livr. Alves.**

POTSCH (Waldemiro), MARRECA (Paiva). — Zoologia. (17/24). 628 p. il. cart. 20$. (2.ª ed. 5/40). **Livr. Alves.**

POTSCH (Waldemiro), SILVA (Ruy de Lima e). — Ciências física e naturais. 2.ª série. (14/19). 276 p. il. cart. 8$. (8.ª ed. 4/40). **Livr. Alves.**

QUINTELA (Donaldson Medina). — Curso de química analítica. (14/19). 685 p. il. enc. 50$. (12/40). **J. R. de Oliveira.**

RAWITSCHER (Felix). — Introdução ao estudo da botânica. 1.ª parte. Elementos básicos de botânica geral. (17/24). 224 p. il. cart. 35$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

REIS (O. de Sousa). — Exercicios e questões de aritmética elementar. Exame de admissão. Vol. I. (13/19). 139 p. br. 5$. (9/40). **Livr. Alves.**

ROXO (Euclides), THIRÉ (Cecil), SOUZA (Mello e). — Curso de matemática. 1.º ano. (16/23). 399 p. il. cart. 12$. (12.ª ed. 4/40). — 2.º ano. (16/23). 395 p. il. cart. 12$. (8.ª ed. 3/40). 5.º ano. (17/24). 335 p. il. cart. 12$. (4.ª ed. 4/40). **Livr. Alves.**

SANTOS (Eurico). — Pássaros do Brasil. (Vida e costumes). Pref. Arthur Neiva. Des. Marian Colonna. (17/24). 303 p. br. 30$. (6/40). **Briguiet.**

SANTOS (José Nicolau dos). — Elementos de estatística. Pref. De Placido e Silva. Col. Estudos Sociais e Técnicos, 1. (14/19). 242 p. il. cart. 12/. (1/40). **Guaira.**

SERRÃO (Alberto Nunes). — Lições de análise algébrica. 1.ª série curso pré-técnico. (16/23). 445 p. il. cart. 25$. (8/40). **Globo.**

SILVA (Vicente F. da). — Elementos de logica matemática. (13/19). 116 p. br. 12$. (7/40). **Gr.Cruzeiro do Sul, S. Paulo.**

SOUZA (J. C. Mello e), LEMGRUBER (Nicanor), THIRÉ (Cecil). — Matemática comercial. (16/24). 241 p. cart. 12$. (2.ª ed. 3/40). **Livr. Alves.**

SOUZA (Mello e). — Dicionário curioso e recreativo da matemática. 1.º vol. A-B. (17/24). 361 p. il. br. 20$. (9/40). **Getulio Costa.**

SPERANDIO (Amedeu). — —Curso completo de desenho. 1.ª série ginasial. (16/23). 159 p. 624 des. 10 tábuas, br. 10$. (4.ª ed. 3/40). — 2.ª série ginasial. (16/23). 162 p. 484 des. 10 tábuas, br. 10$. (3.ª ed. 4/40). **Saraiva.**

STAVALE (Jacomo). — 1.º ano de matemática. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 12. (14/20). 318 p. cart. 10$. (15.ª ed. 3/40). — 2.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 13. (14/20). 320 p. cart. 10$. (10.ª ed. 3/40). — 3.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 21. (14/20). 358 p. il. cart. 12$. (7.ª ed. 7/40). — 4.º ano. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 35. (14/20). 288 p il. cart. 10$. (4.ª ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

STEINEN (Karl von Den). — Entre aborigenes do Brasil Central. Pref. Herbert Baldus. Trad. Egon Schaden. Separata da Rev. do Arquivo, nos. 34 a 58. (17/24). 715 p. il. br. 40$. (11/40). **Distr. Z. Valverde.**

THIRÉ (Cecil), SOUZA (J. C. Mello e). — Problemas e formulario de geometria. (14/18). 141 p. br. 6$. (6.ª ed. 2/40). **Pimenta de Mello.**

TRAJANO (Antonio). — Aritmética elementar. (14/21). 136 p. il. cart. 3$. (114.ª ed. 3/40). **Livr. Alves.**

TRAJANO (Antonio). — Aritmética progressiva. Curso superior. (15/21). 272 p. il. cart. 6$. (71.ª ed. 4/40). **Livr. Alves.**

VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Eletricidade ao alcance de todos. (14/19). 129 p. il. br. 8$. (12/40). **Cia. Brasil Ed.**

WELLS (H. G.), HUXLEY (Julian), WELLS (G. P.). — A ciência da vida, I. O Nosso corpo Trad. Vivaldo Coaracy. 86 il. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 243 p. br. 12$. (6/40). — II. As formas da vida. Trad. Vivaldo Coaracy. 79 il. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 271 p. br. 13$. (9/40). — V. História e aventuras da vida. Trad. e notas de Almir de Andrade. 33 il. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 315 p. br. 15$ (10/40). — VII. Como vivem e sentem os animais. Trad. e notas de Almir de Andrade. 52 il. de L. R. Brightwell e outros. (13/19). 302 p. br. 15$. (6/40). — IX. Saúde, doença e destino do homem. Trad. e notas de Almir de Andrade. Il. L. R. Brightwell e outros. (13/19). 233 p. br. 12$. (7/40). **José Olympio.**

WILSON (Grove). — Os grandes homens da ciência. Trad. Edgard Sussekind de Mendonça. Bibl. do Espirito Moderno, s. 2.ª, Ciencia, 3. (15/22). 431 p. il. br. 15$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ZANELLO (Hipérides). — Física. 4.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 102. (14/20). 507 p. il. cart. 16$. (3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura. Comercio. Economia doméstica. Finanças. Indústria. Profissões. Tecnologia.

ACIOLI (Ema Ribeiro). — Diretrizes modernas da orientação profissional. (13/19). 51 p. br. 5$ (5/40). **Alba.**

ALBUM Floristico. — Ministério da Agricultura. Serviço Florestal. (25/30). 138 p. il. br. 30$. (12/40). **Rio.**

AMARAL (Luis). — História geral da agricultura brasileira no tríplice aspecto, politico, social, econômico. 2.º tomo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 160-A. (13/19). 473 p. br. 15$. (5/40). — 3.º tomo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 160-B. (13/19). 332 p. br. 15$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

AMORE (Domingos D'), CASTRO (A. Sousa). — Pontos de contabilidade. 1.º vol. (16/24). 301 p. br. 15$. (4.ª ed. 12/40). — 2.º vol. (16/24). 384 p. br. 15$. (3.ª ed. 12/40). — 3.º vol. Pref. Jonas Correia. (16/24). 266 p. br. 15$. (3/40). **Saraiva.**

ANDERSON (Alfred A.). — A dactilografia. Compêndio comercial sobre mecanografia, arquivos, correspondência, revisão de provas e pontuação. (25/18). 140 p. il. cart. (8.ª ed. 12/40). **Ed. Autor, Rio.**

ANJOS (Alfredo dos). — Ouro do Brasil. (13/19). 99 p. il. br. 3$. (10/40). **Imp. Comercial, S. Paulo.**

ANTUNES FILHO (M.). — A B C do Motor diesel. Bibl. de Divulgação Técnica, 4. (13/18). 139 p. il. br. 14$. (7/40). **Emp. Divulg. Técnica.**

ANTUNES FILHO (M.). — Manual prático do chauffeur sem mestre. (14/18). 259 p. il. br. 16$. ,5/40). **Emp. Divulg. Técnica.**

ARTE de encadernar. — Bibl. do Homem Prático. 91 (13/18). 43 p. il. br. 8$. (12/40). **Japy Freire.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade. (Noções preliminares). Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 7. (14/20). 320 p. cart. 15$. (4.ª ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade bancária. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 17. (14/20). 382 p. cart. 15$. (6.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade industrial. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 18. (14/20). 304 p. cart. 15$. (5.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade de transportes. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 25. (14/20). 233 p. cart. 15$. (11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BAILLY (Gustavo Adolpho), CEZARIO (Hilario). — Pontos de concurso para escriturário. (16/24). 157 p. br. 12$. (4/40). **Coelho Branco.**

BAILLY (Gustavo Adolpho), FERNANDES (Yaco Bleasby). — Pontos de concurso para oficial administrativo. (17/24). 304 p. br. 20$. (2/40). **Coelho Branco.**

BELYS (Jean). — Eu sei fazer perfumes. Trad. C. V. Cruz. Col. Pequenos Manuais, 1. (12/16). 143 p. cart. 6$. (4/40). **Minerva.**

BENTA (Dona). — Comer Bem. 1001 receitas de bons pratos. (17/24). 615 p. cart. 20$. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BRANCO (Abilio de Azevedo Caldas). — Concreto 1:2 1/2: 4 em volume. Série Divulgação, 6. (12/18). 105 p. br. 15$. (5/40). **H. Velho.**

BROCKMANN (Wanda). — O livro da quituteira. (15/23). 173 p. il. cart. 10$. (1/40). **Globo.**

CARLI (Gileno Dé). — Aspectos açucareiros de Pernambuco. (18/27). 75 p. br. 8$. (5/40). **Inst. Açucar e Alcool.**

CARLI (Gileno Dé). — História contemporânea do açucar no Brasil. Pref. Barbosa Lima Sobrinho. (19/27). 151 p. br. 10$. (8/40). **Inst. Açucar e Alcool.**

CARNEIRO (Juvenal), CARNEIRO (Erymá). — Tratado de contabilidade. Vol. II. Contabilidade mercantil. (17/24). 262 p. br. 15$. (4.ª ed. 5/40). — Vol. V. Contabilidade bancária. (18/25). 246 p. br. 12$. (3.ª ed. 3/40). **Ed. Autor, Rio.**

CARVALHO (Carlos de). — Tratado elementar de contabilidade. (16/24). 219 p. br. 15$. (13.ª ed. 2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Ernani Macedo de). — Manual de dactilografia. Métcdo moderno para aprender a escrever à máquina. (17/24). 104 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 12/40). **Globo.**

CARVALHO (Ernani Macedo de). — Publicidade e propaganda. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 24. (14/20). 190 p. il. cart. 12$. (5/40). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Maria Thereza A.). — Noções de arte culinaria. (16/23). 293 p. il. cart. 12$. (22.ª ed. 12/40). **Ed. Autora, S. Paulo.**

COSTA (Silveira). — Propaganda e sucesso. Pref. Benedicto Merguihão. (14/19). 133 p. il. br. 8$. (8/40). **Distr. Getulio Costa.**

DACTILOGRAFIA sem mestre por um professor. — (9/12). 41 p. br. 1$500. (6/40). **Japy Freire.**

DEPARTAMENTO Nacional do Café. — Pequeno atlas estatistico do café. N.º 1, 1940. (19/24). 54 p. il. br. 10$. (9/40). **D. N. C., Rio.**

ESCRITURAÇÃO mercantil sem mestre por um professor. Bibl. do Homem Prático, 6. (16/24). 107 p. br. 8$. (12/40). **Japy Freire.**

EVELINA (Tia). — Receitas para você. (15/21). 371 p. cart. 15$. (3.ª ed. 8/40). **José Olympio.**

FARIA (Raul de). — Horticultura para todos. Bibl. Agro-pecuaria Brasileira. (19/28). 160 p. il. br. 15$. (12/40). **Sitios e Fazendas.**

FENOCCHIO (Mestre). — Manual industrial comercial e caseiro de confeitaria em geral. (16/23). 352 p. br. 50$. (11/40-1941). **Pongetti.**

FIORI (Roque Teixeira). — A. B. C. da contabilidade. (3.ª ed. dos Pontos de contabilidade). (14/20). 100 p. cart. 6$. (3.ª ed. 1939-1/40). **Saraiva.**

FREIRE (J.). — Curso prático de estenografia sem mestre. Bibl. do Homem Prático. 2.º (15/22). 44 p. br. 3$. (6/40). **Japy Freire.**

FREITAS (Paulo de). — Correspondência comercial portuguesa. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 9. (14/20). 169 p. cart. 8$. (5.ª ed. 10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GERLING (Werner). — Modernissimo receituário industrial. Bibl. de Cultura Técnica, 5. (14/19). 424 p. br. 20. (4/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

GERLING (Werner). — Novos processos de soldagem. Bibl. de Cultura Técnica, 2. (14/20). 187 p. il. br. 8$. (6/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

GOBBATO (Celeste). — Manual de viti-vinicultor brasileiro. 1.º vol. Viticultura. Pref. J. F. de Assis Brasil. (17/24). 422 p. il. cart. 35$. (8/40). **Globo.**

HILL (Napoleon). — Pense e fique rico. Trad. Fernando Tude de Souza. (13/19). 389 p. br. 2$. (6/40). **José Olympio.**

KOCH (Ernst). — A tributação das retiradas "Pró-labore". Separata da Rev. de Contabilidade, 188, 189, 190. (19/28). 29 p. br. 5$. (10/40). **S. Paulo.**

LIMA (Alves), GARBUCCI (Antonio). — Nosso mestre de dactilografia. (18/25). 111 p. il. cart. 10$. (1/40). **Distr. Cultura do Brasil.**

LIMA (João Anatolio). — Questões da gléba. Estudos Sociais e Técnicos. Série Agricola, 3. (14/19). 198 p. br. 10$. (12/40). **Guaíra.**

LUZ (Nair). — Academia profissional de corte e costura. Método prático. (16/23). 93 p. il. br. 25$. (8/40). **Pap. Velho.**

MAEDER (Algacyr Munhoz). — Lições de matemática. 1.º ano. (14/21). 362 p. il. cart. 12$. (7.ª ed. 12/40). — 2.º ano. (14/21). 344 p. il. cart. 12$. (6.ª ed. 4/40). **Ed. Melhoramentos.**

MAGALHÃES (Basilio de). — História do comercio, industria e agricultura. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 5. (14/20). 376 p. cart. 12$. (3.ª ed. 1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MARIA (Rosa). — A arte de comer bem. (16/23). 544 p. cart. 15$. (11.ª ed. 1/40). **Bedeschi.**

MERGULHÃO (Benedicto). — A santa inquizição do café. Pref. Theophilo de Andrade. (13/19). 182 p. br. 8$ (5/40). **Pongetti.**

NEVES (Domingos). — Carteira do Contabilista. (10/14) 256 p. enc. 10$. (4/40) **Antunes.**

NEVES (Domingos). — Inventários e balanços ou Técnica dos balanços. (14/19). 113 p. cart. 10$. (2.ª ed. 6/40). **Antunes.**

OEHMEYER (Automar). — Correspondência comercial por assimilação. Curso propedêutico. Col. Dom Bosco, 23. (14/20). 185 p. cart. 8$. (4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

OLIVEIRA (Manoel Marques de). — Lições de contabilidade pública. Teoria e prática. (19/28). 334 p. br. 30$. (3.ª ed. 8/40). **Jornal do Comercio.**

OLIVEIRA (Oscar Lidholm de). — Série técnica de trabalhos manuais. Artes industriais e domesticas. (Colaboração de J. T. Araujo. Des. de J. B. Salles da Silva. Aviões. Caderno n.º 1. (19/26). 13 p. 1 prancha. br. 2$500. (10/40). — N.º 2. 14 p. 1 prancha. 2$500. (11/40). — Bordados. Caderno n.º 1. 16 p. 2$. (11/40). — N.º 2. 22 p. 2$500. (11/40). — Brinquedos. Caderno n.º 1. 12 p. 1$500. (11/40). — N.º 2. 16 p. 2$. (11/40). — Confecções. Caderno n.º 1. 16 p. 2$. (10/40). — N.º 2. 15 p. 2$. (11/40). — Trabalhos em couro. Caderno n.º 1. 24 p. 2$500. (10/40). — Eletricidade. Caderno n.º 1. 16 p. 1 prancha. 2$500. (10/40). — N.º 2. 12 p. 2$500. (11/40). — Ferro batido. Caderno n.º 1. 10 p. 1$500. (10/40). — N.º 2. 12 p. 2$500. (11/40). — Trabalhos em madeira. Caderno n.º 1. 20 p. 1$500. (10/40). — N.º 2. 15 p. 1$500. (11/40). — N.º 3. 18 p. 1$500. (11/40). — N.º 4. 15 p. 1$500. (11/40). — N.º 5. 15 p. 1$500. (11/40). — N.º 6. 16 p. 2$. (11/40). — N.º 7. 16 p. 1$500. (11/40). — N.º 8. 18 p. 1$500. (11/40). — Pinturas. Caderno n.º 1. 26 p. 2$500. (11/40). — Trabalhos em vime e ráfia. Caderno n.º 1. 12 p. 2$. (11/40). — Tecelagem. Caderno n.º 1. 20 p. 2$. (10/40). **Emp. Ed. Brasileira.**

OLIVEIRA (Tobias D'). — Meu mestre de taquigrafia. (Sistema universal). (17/24). 102 p. cart. 12$. (2.ª ed. 10/40). **Rev. Tribunais.**

OSORIO (Pedro Luis). — Rumo ao campo. Estudo sôbre os gados vacum, equino e ovino. (15/22). 769 p. il. cart. 35$. (3/40). **Globo.**

PECEGO (Rubem). — Inspeção de queijos e sua fabricação. Pref. Otto Frensel. (19/27). il. br. 12$. (8/40). **Tip. Meier & Blumer, Rio.**

PENNA (Mario de Oliveira). — Economia industrial. (Escola Técnica do Exército. Publ. n.º 2). (17/24). 270 p. br. 20$. (12/40). **Emp. Divulg. Técnica.**

PRADO (Orlando de Almeida). — Assentamentos dos usos mercantis das praças de São Paulo e Santos. 1.º vol. (16/23). 110 p. br. 5$. (12/40). **Imp. Of. Est. S. Paulo.**

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — O chauffeur sem mestre. (14/19). 223 p. il. br. 10$. (7.ª ed. 6/40). **Distr. Antunes.**

ROQUETTE (Rubem Carvalho). — Produtos comerciais. (Merceologia). (14/19). 277 p. il. cart. 12$. (1939-5/40). **Distr. Livr. Alves.**

SAKSENA B. Sc. (Chandra R.). — A organização e administração cientifica da indústria e comércio. Introd. por J. L. Fernandes Braga Junior. Trad. Carlos A. Goginho Ph. B. (17/24). 357 p. il. enc. 80$. (2.ª ed. 1/40). **Ed. Autor, Rio.**

SANTOS (João Luiz dos). — Pericia em contabilidade comercial. (17/24). 194 p. br. 12$. (3.ª ed. 5/40). **Distr. Livr. Boffoni.**

SANTOS (Leopoldo Luiz dos). — Crédito e desconto. Tése. (17/23). 118 p. br. 15$. (12/40). **Of. Diário da Manhã, Recife.**

SEABRA (Cacilda T.). — Arte culinaria brasileira. (14/20). 531 p. cart. 15$. (5/40). **Getulio Costa.**

SILVA (Alvaro Soares da). — Sonografia brasileira. Taquigrafia. (16/23). 150 p. br. 15$. (11/40). **Gr. Labor, Rio.**

SILVEIRA (Alvaro Astolfo da). — Topografia. (15/21). 421 p. cart. 18. (3.ª ed. 2/40). **Ed. Melhoramentos.**

SILVEIRA (Jorge de Sousa da). — Teoria das turbinas a vapor. (17/24). 79 p. 3 pranchas. il. br. 10$. (12/40). **Ed. Autor, Rio.**

TABELA Price de amortisação e juros. — Organisada por A. Fontana. (12/16). 83 p. br. 4$. (12/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

TIGRE (Bastos). — Meu bebê. Il. F. Acquarone. (19/28). 108 p. enc. 25$. (5.ª ed. 4/40). **Oscar Mano.**

TRUDA (Leonardo). — A defesa da produção açucareira. (17/23). 290 p. br. 12$. (2.ª ed. 7/40). **Inst. Açucar e Alcool.**

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina.

ABREU (Manoel de), PAULA (Aloysio de). — Roentgenfotografia. (Colaboração de F. Benedetti. (17/24). 186 p. il. br. 20$. (10/40). **Ateneu.**

AGUINAGA (A.). — Radiodiagnostico ginecologico. (17/24). 211 p. il. enc. 45$. (11/40-1941). **Guanabara.**

ALBAGLI (B.). — O metabolismo básico em função da alimentação e do clima. (16/23). 167 p. il. br. 30$. (1939-1/40). **Distr. Ateneu.**

ALBUQUERQUE (José de). — Catecismo da educação sexual para uso de educandos e educadores. Bibl. de Educação Sexual, 15. (15/21). 171 p. br. 7$. (5/40). **Civilização.**

ALMEIDA (Garfield de). — Molestias infecciosas e parasitarias. Pref. Miguel Couto. (17/22). 907 p. il. enc. 70$. (6.ª ed. 7/40). **Freitas Bastos.**

ANAIS da Assistencia a Psicopatas do Distrito Federal. Ministério da Educação e Saúde. (17/24). 188 p. il. br. 3$. (1939-1/40). **Rio.**

ANDRADE (Cesario de). — Oftalmologia tropical. (Sul-Americana). Pref. João A. G. Fróes. (16/23). 253 p. il. br. 35$. (12/40). **Distr. Freitas Bastos.**

ANDRADE (Mariano A. de). — Cirurgia do simpatico cervico-torácico. Pref. A. Austregesilo. (16/23). 161 p. il. br. 40$. (11/40). **Ateneu.**

ANDRADE (Noemi Alcantara Bomfim de). — A higiene alimentar no serviço social das escolas. (16/23). 31 p. br. 3$. (1/40). **Jornal do Comercio.**

ARQUIVOS do 1.º Congresso Brasileiro de Otorino-laringologia. Vol. I. (16/23). 557 p. il. br. 5$. (5/40). — Vol. II. (16/23). 591 p. il. br. 5$. (5/40). — Vol. III. (16/23). 612 p. il. br. 5$. (5/40). **Ministério Educação.**

ARRUDA (Elso). — A convulsoterapia nas doenças mentais. Tése. (19/27). 55 p. br. 10$. (12/40). **Gr. Apollo, Rio.**

AZEVEDO (A. Penna de). — Anatomia patologica. (Processos gerais). (17/25). 158 p. 144 figs. 2 estampas. br. 50$. (6/40). **Livr. Odeon.**

BARATA (José Sarmento). — Radio-quimografia cardio-vascular. (16/24). 139 p. il. br. 15$. (10/40). **Alba.**

BARRETO (João de Barros). — Malaria. Doutrina e prática. (14/19). 338 p. il. br. 15$. (12/40). **A Noite.**

BARROS FILHO (Jorge Moraes). — O médico e a criança. (Estudos de puericultura e eugenia). Pref. Margarido Filho. (14/20). 291 p. il. br. 20$. (8/40). **Rev. dos Tribunais.**

BARROSO (Celso). — Anafilaxia e alergia. (16/23). 148 p. il. br. 18$. (12/40). **Ed. Melhoramentos.**

BERTRAM (Ferdinand). — Diabetes. Guia para médicos e estudantes. Trad. Raul Margarido. (16/23). 151 p. il. br. 18$. (5/40). **Ed. Melhoramentos.**

BITTENCOURT (Luiz de Lima). — Considerações em torno do tratamento médico da catarata. (15/23). 20 p. br. 5$. (10/40). **Jornal do Comercio.**

BOBBIO (Luiz). — Antes e depois da operação cirúrgica. (Fisiopatologia e clinica do operando e do operado. Trad. Elias Davidovich. (17/24). 446 p. 64 figs. enc. 50$. (12/40). **Vecchi.**

BORDIER (H.). — Diatermia e diatermoterapia. Trad. Germano G. Thomsen. Pref. Mario Kroeff. e Manoel de Abreu. (17/24). 465 p. 233 figs. enc. 50$. (7/40). **Scientifica.**

BRAGA (Americo). — Sôros, vacinas, alérginos e imunígenos. Tomo II. Pref. F. Rosembusk. (17/24). 244 p. br. 25$. (7/40). **Gr. Guarani, Rio.**

BRAGA (Edgard). — O sexto sentido da medicina. Pref. A. de Almeida Prado. Col. Ao Serviço da Medicina e do Espirito Médico, 1. (13/19). 137 p. il. br. 7$. (1939-2/40). **Distr. Freitas Bastos.**

BRANCO (Ernesto). — Memento terapêutico das especialidades farmaceuticas no Brasil. Pref. Aloysio de Castro. (12/22). 1600 p. enc. 50$. (5/40). **Mayença, S. Paulo.**

BRANCO (João Martins Castello). — Embolias gasosas cerebrais tôraco-pulmonar. Pref. Aresky Amorim. (16/24). 121 p. il. br. 10$. (4/40). **Canton & Reile, Rio.**

BRANCO (P. Castelo). — Manual de massagem. Pref. Camilo Abud. Bibl. de Educação Fisica, 3. (16/23). 198 p. il. br. 15$. (10/40). **Cia. Sertaneja, Rio.**

BRASIL (Mario de Assis). — Como devo cuidar meu filho? Principios fundamentais de puericultura. Pref. Florencio Ygartúa. (14/20). 209 p. il. br. 12$. (4/40). **Globo.**

BRIFFAULT (Roberto), GOLDENWEISER (Alexandre), HALE (Beatriz Forbes-Robertson), MACDOUGALL (Guilherme), DENNET (Mary Ware), GILMAN (Carlota Perkins). — O sexo através dos séculos. Pref. V. F. Calverton e Samuel D. Schmaulhausen. Intr. Havelock Ellis. Trad. e notas de N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 18. (13/19). 209 p. br. 8$. (9/40). **Calvino.**

CAIRO (Nilo). — Guia de medicina homeopatica. Rev. e aumentada por A. Brickmann. (14/19). 856 p. cart. 18$. (11.ª ed. 12/40). **Livr. Teixeira.**

CAMARGO (João Pereira de). — Ginecologia moderna. (17/24). 1108 p. 511 figs. enc. 150$. (10/40-1941). **Guanabara.**

CAMINHO (Lobato). — O que a mulher deve saber!... Problema biológico na vida da mulher. (16/23). 222 p. il. br. 15$. (12/40). **Casa Riedel, Rio.**

CARRERO (J. P. Porto—). — Grandezas e miserias do sexo. Traços biograficos do prof. Julio Pires Porto-Carrero pelo prof. Theobaldo Recife. (13/19). 207 p. br. 8$. (2.ª ed. 6/40). **Pongetti.**

CARVALHO (A. Dias de). — Manual odontologico. Técnica odontologica. Rev. e aumentada por A. Dias de Carvalho Junior. (16/23). 546 p. il. enc. 60$. (9.ª ed. 5/40). **Cia. Dias Cardoso, J. Fóra.**

CARVALHO (Gil de). — Orientação sexual da juventude. Pref. Afranio Peixoto. (14/19). 175 p. il. br. 8$. (8/40). **Borsoi, Rio.**

CASTRO (Aloysio de). — Discursos médicos. (14/21). 386 p. br. 15$. (12/40). **Vecchi.**

CESAR (Osorio). — Misticismo e loucura. Contribuição para o estudo das loucuras religiosas no Brasil. Pref. A. C. Pacheco e Silva. (17/24). 179 p. il. br. 15$. (1939-2/40). **S. Ass. Psicopatas, Juqueri.**

CHIAFFARELLI (Olindo). — Como devo criar o meu filho? Conselho as mães. (14/19). 91 p. il. cart. (5/40). **Ed. Melhoramentos.**

CIANCIO (Nicolau). — A mamãe e o bebe. (13/19). 235 p. il. br. 12$. (8/40). **A Noite.**

CLARK (Oscar). — O século da criança. (14/20). 205 p. il. 10$. (2.ª ed. 11/40). **Canton & Reile, Rio.**

COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

Dirigida por GILBERTO FREYRE até o vol. 18.
Por OCTAVIO TARQUINO DE SOUSA a partir do vol. 19.

PUBLICADA PELA

Livraria José Olympio Editora

RUA DO OUVIDOR, 110 —:— RIO DE JANEIRO

1. SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — **RAIZES DO BRASIL.**
2. OLIVEIRA LIMA — **MEMORIAS** — (Estas minhas reminiscencias...)
3. OCTAVIO TARQUINO DE SOUSA — **BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS E SEU TEMPO.**
4. GILBERTO FREYRE — **NORDESTE** — **Aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil.**
5. DJACIR MENEZES — **O OUTRO NORDESTE — Formação social do Nordeste.**
6. ALBERTO FREYRE — **NO ROLAR DO TEMPO...** — **Opiniões e testemunhos respigados no arquivo do Orsay, Paris.** — Com 8 fls. fora do texto.
7. AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO — **O INDIO BRASILEIRO E A REVOLUÇÃO FRANCESA** — **As origens brasileiras da teoria da bondade natural.** — Com 15 ilustrações.
8. LUIZ VIANNA FILHO — **A SABINADA** — **A República baiana de 1837.**
9. ALCANTARA MACHADO — **BRASILIO MACHADO** — (1848-1919).
10. OLIVIO MONTENEGRO — **O ROMANCE BRASILEIRO** — **As suas origens e tendencias.**
11. JULIO BELLO — **MEMORIAS DE UM SENHOR DE ENGENHO.**
12. ANDRÉ REBOUÇAS — **DIARIO E NOTAS AUTOBIOGRAFICAS** — Texto coligido e anotado por **Ana Flora** e **Ignacio José Verissimo.**
13. ELOY PONTES — **A VIDA DRAMATICA DE EUCLIDES DA CUNHA.**
14. LINDOLFO COLLOR — **GARIBALDI E A GUERRA DOS FARRAPOS.**
15. CAP. ALVARO FERRAZ e DR. ANDRADE LIMA JUNIOR — **A MORFOLOGIA DO HOMEM DO NORDESTE** — (Estudo Biotipológico). **Trabalho da Diretoria de Educação Fisica da Brigada Militar de Pernambuco.**
16. EUCLIDES DA CUNHA — **CANUDOS** — **Diario de Uma Expedição.**
17. EUCLIDES DA CUNHA — **PERÚ VERSUS BOLIVIA** — 2.ª edição.
18. OCTAVIO TARQUINO DE SOUSA — **HISTORIA DE DOIS GOLPES DE ESTADO** — COM 8 ilustrações fora do texto.
19. JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES — **FRONTEIRAS DO BRASIL NO REGIME COLONIAL** — Ilustrações e mapas de **J. Wasth Rodrigues.**
20. IGNACIO JOSÉ VERISSIMO — **ANDRÉ REBOUÇAS ATRAVE'S DE SUA AUTOBIOGRAFIA.**
21. ELOY PONTES — **A VIDA CONTRADITORIA DE MACHADO DE ASSIS.**
22. PEDRO CALMON — **HISTORIA DA CASA DA TORRE** — **Uma dinastia de pioneiros** — Com 14 ilustrações fora do texto.
23. NELSON WERNECK — **HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA** — **Seus fundamentos econômicos** — 2.ª edição, revista e aumentada.
24. SYLVIO ROMERO — **HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA** — 3.ª edição, em 4 vols., organizada e prefaciada por **Nelson Romero.**
25. CASSIANO RICARDO — **MARCHA PARA OESTE** — **A influencia da Bandeira na formação social e politica do Brasil.**
26. ALMIR DE ANDRADE — **FORMAÇÃO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA** — **I — OS PRIMEIROS ESTUDOS SOCIAIS NO BRASIL — Séculos 16, 17 e 18.**
27. GILBERTO FREYRE — **UM ENGENHEIRO FRANCÊS NO BRASIL.**
28. GILBERTO FREYRE — **O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU** — **Aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colonias portuguesas** — Prefácio de **Antonio Sergio.**
29. GILBERTO FREYRE — **REGIÃO E TRADIÇÃO.**
30. SYLVIO RABELLO — **FARIAS BRITO** ou **UMA AVENTURA DO ESPIRITO.**
31. NELSON WERNECK SODRÉ — **OÉSTE.**

COSTA (Clovis Corrêa da). — Lições de clínica obstetrica. (16/23). 544 p. il. br. 50$. (3.ª ed. 6/40). **Livraria Pongetti.**

COSTA (Dante). — Bases da alimentação racional. Orientação para o brasileiro. Il. Santa Rosa. (13/19). 286 p. br. 12$. (2.ª ed. 11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Rubens Menna Barreto), REIS (Joaquina Muniz). — Alimentação e saúde. Guia prático de alimentação racional. (14/20). 228 p. br. 10$. (6/40). **Globo.**

DIAS (H. Annes). — Lições de clínica médica. 7.ª série. (17/24). 350 p. il. br. 40$. enc. 50$. (8/40). **Guanabara.**

DIETZ (David). — Maravilhas da medicina. Trad. Godofredo Rangel. Col. A Ciência de Hoje, 3. (14/20). 400 p. 16 il. br. 15$. (10/40). **José Olympio.**

DOMINGUES (Octavio). — Sôbre o zebú. (13/19). 97 p. br. 7$. (1939-2/40). **Alba.**

ESTELLITA FILHO. — Rins e seus males. (14/20). 159 p. il. br. 10$. (4/40). **Borsoi, Rio.**

ETANOD (P. M.). — Método natural de regularisar a concepção. Adaptado aos principios de Ogino-Knauss. Pref. Pe. J. Cabral. (17/24). 127 p. il. br. 15$. (5/40). **Getulio Costa.**

FABIÃO (M. M.), SOARES (S. Salles). — Síndromes hemorragicas femeninas. (Hemorragias da mulher). Pref. Adrián J. Bengolea. (16/23). 182 p. br. 28$. (2.ª ed. 4/40). **Briguiet.**

FARANI (A.), MAIA (José da Rocha). — Cirurgia de urgência. (16/23). 1160 p. 833 figs. enc. 220$. (2.ª ed. 11/40). **Scientifica.**

FARIA (Tasso Vieira de). — Curiosidades médicas. 1.ª série. Pref. Elysu Paglioli. (13/19). 189 p. il. br. 12$. (12/40). **Globo.**

FERREIRA (Arnaldo Amado). — Determinismo médico-legal da paternidade. (Legislação, doutrina e pericia). Des. A. Esteves. (16/23). 150 p. br. 20$. (3/40). **Ed. Melhoramentos.**

FONTENELLE (J. P.). — Compêndio de higiene. (17/24). 771 p. il. enc. 55$. (5.ª ed. 3/40). **Guanabara.**

FONTENELLE (J. P.). — A higiene no Brasil. Tése. (16/23). 39 p. br. (10/40). **Canton & Reile, Rio.**

FONTENELLE (Oscar). — Prática médica. (16/23). 602 p. il. enc. 50$. (11/40). **Freitas Bastos.**

FORTES (Hugo). — Puericultura. (16/23). 172 p. 24 figs. enc. 16$. (3.ª ed. 6/40). **Gr. Olimpica.**

FREITAS (Octavio de). — Minhas memórias de médico. Pref. Gilberto Freyre. 375 p. br. 15$. (11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GALHARDO. — A homeopatia se preocupa com o doente. Il. (17/24). 96 p. br. 5$. (5/40). **Tip. Sundermann, Rio.**

GESTEIRA (Martagão). — Como criar o meu filhinho. (Palestras com o doutor). (13/19). 191 p. il. br. 9$. (2.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GILBERT (Margaret Shea). — Biografia do embrião. Trad. F. Victor Rodrigues. Col. A Ciência de Hoje, 1. (14/20). 34 il. e Glossário, br. 10$. (4/40). **José Olympio.**

GIRARDI (Piero). — A entubação duodenal no diagnostico e na terapêutica. Trad. Armando Valente e Nelson F. de Carvalho. Bibl. Médica Brasileira, s. 1.ª, 8. (14/20). 181 p. il. enc. 20$. (12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

GIUPPONI (Henrique). — O cirurgião ao espêlho. Reflexões e recordações da vida de hospital. Trad. Elias Davidovich. (14/21). 348 p. br. 12$. (5/40). **Vecchi.**

GOMES (Helio). — Noções de higiene. (17/23). 245 p. br. 25$. (11/40). **Jornal do Brasil.**

GRATIA (L. E.). — O acanhamento e a timidez. Trad. Nelson Roméro. (14/21). 228 p. il. br. 10$. (2.ª ed. 5/40). **José Olympio.**

GRENET (H.). — Lições de clínica infantil. 1.ª série. Trad. Hugo Fortes. Anotações de José Martinho da Rocha. (17/24). 413 p. il. enc. 30$. (6/40). **Freitas Bastos.**

GRIFFITH (Edward F.). — O sexo na vida diária. Introdução por Sir Walter Langdon-Brown. Pref. Rev. A. Herbert Gray. Trad. F. Victor Rodrigues. Col. A Ciência de Hoje, 4. (14/20). 409 p. il. br. 15$. (12/40-1941). **José Olympio.**

GUIMARÃES (Luiz Pinheiro). — Acidez e basicidade iônicas. Tése. (17/23). 209 p. il. br. 12$. (1939-4/40). **Livr. Alves.**

HALBAN (Josef), SEITZ (Ludwig). — Biologia e patologia da mulher. Tratado de ginecologia e obstetrícia. Tomo V. Trad. rev. e anotada por Arnaldo de Moraes. (17/24). 557 p. 163 figs. 7 tábuas, enc. 120$. (4/40). **Guanabara.**

HARPOLE (James). — Folhas do fichário de um clínico. Trad. Ana Mauricio de Medeiros e Mauricio de Medeiros. Col. O Romance da Vida, 12. (15/23). 301 p. br. 15$. (12/40). **José Olympio.**

HEISER (Victor). — A odisséia de um médico americano. Trad. Pepita de Leão. (17/25). 481 p. il. br. 20$. (2.ª ed. 2/40). **Globo.**

HERZEN (V.). — Guia-formulario de terapêutica. Trad. W. Silva Porto. Pref. Rev. e anotações de Lafayette Pereira. (14/19). 1028 p. enc. 60$. (11/40). **Freitas Bastos.**

HIRSCHFELD (Magnus). — A alma e o corpo. Trad. e anotações de Luis C. Afilhado. Col. Cultura Sexual, 7. (13/19). 195 p. br. 10$. (9/40). **Calvino.**

HIRSCHFELD (Magnus). — O corpo e o amôr. Trad. e anotações de Luis C. Afilhado. Col. Cultura Sexual, 6. (13/19). 228 p. br. 10$. (8/40). **Calvino.**

HIRSCHFELD (Magnus). — A questão sexual pelo mundo. Trad. e anotações de Julio Pateinostro. Col. Cultura Sexual, 2. (13/19). 196 p. br. 8$. (6/40). **Calvino.**

JASTROW (Joseph). — A psicanálise ao alcance de todos. Trad. Almir de Andrade. (14/21). 263 p. br. 10$. (4/40). **José Olympio.**

JEANNENEY (G.), ROSSET (M.). — Formulario prático de ginecologia. Trad. Aurelio Pinheiro. (17/24). 208 p. 29 figs. br. 25$. (2.ª ed. 1/40). **Guanabara.**

JERGER (Joseph A.). — Doutor, aqui está o seu chapéu. Trad. Tasso da Silveira. (13/19). 379 p. br. 12$. (2.ª ed. 4/40). **José Olympio.**

KAHN (Fritz). — A nossa vida sexual. Trad. L. Mendonça de Barros. (17/24). 381 p. 31 tábuas, il. br. 20$. (9/40). **Civilização.**

KLEINSCHMIDT (Hans). — Paralisia infantil contagiosa. (Doença de Heine-Medin). Trad. Hugo Fortes. Pref. rev. e anotada por José M. da Rocha. (17/24). 356 p. 26 il. enc. 65$. (3/40). **Scientifica.**

KLEMER (Dora Hudson). — O outro sexo. Trad. J. F. Campello. (12/17). 72 p. il. br. 4$. (6/40). **Distr. Civilização.**

KRUIF (Paul de). — A luta contra a morte. Trad. Marques Rebello. (16/23). 313 p. il. br. 15$. (2.ª ed. 10/40). **Globo.**

LACERDA (A. Tavares). — Síndromes e sinais clínicos. Col. do Médico Prático, 2. (17/24). 509 p. il. br. 40$. (2/40). **Vecchi.**

LACLETTE (R.). — Disturbios glomerulares da nefropatia lipoidica. (16/23). 156 p. br. 15$. (8/40). **Livr. Odeon.**

LAGO (Sílvio). — Sulfamidoterapia. (17/24). 320 p. il. br. 30$. (6/40). **Ateneu.**

LEITD (Herbert). — A perfeição sexual no matrimonio. Trad. e anotações de N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 5. (13/19). 195 p. br. 8$. (7/40). **Calvino.**

LHOMME (Pierre). — Casamento e fecundidade segundo as exigencias da lei moral. Trad. Soares d'Azevedo. (13/19). 87 p. br. 5$. (Nova ed. 7/40). **Getulio Costa.**

LIEPMANN (Wilhelm). — A tragédia sexual da juventude. Trad. N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 14. (13/19). 228 p. br. 10$. (8/40). **Calvino.**

LINS (Abdon). — Bacteriologia. 1.º vol. Parte geral. (17/24). 451 p. 132 il. enc. 70$. (6/40). **Scientifica.**

LINS (Abdon). — Microbiologia clínica. (17/24). 437 p. il. enc. 70$. (4/40). **Scientifica.**

LINS (Helio Rego). — Anestesia extradural. Tése. (17/24). 85 p. il. br. 15$. (4/40). **Jornal do Comercio.**

LOBO (Francisco Bruno). — Os glomus neurovasculares do tegumento humano. (17/24). 437 p. il. br. 10$. (12/40). **Alba.**

LORDY (Carmo), ORIA (José), AQUINO (João Th. de). — Embriologia humana e comparada. Onto e teratogênese. (19/28). 801 p. 637 figs. enc. 130$. (2/40). **Ed. Melhoramentos.**

MACHADO (Eugenio S.). — As modernas idéas em biologia, a endocrinologia e a antropologia criminal. Conferencia. (16/23). 57 p. br. 5$. (2/40). **I. Amorim, Rio.**

MACHADO (Paulo Monteiro). (E Colaboradores). — Livro verde-amarelo dos médicos. (16/23). 252 p. il. br. 15$. (12/40). **Cia Carioca, Rio.**

MACIEL (Heraldo). — Noções de laboratorio. Pref. Garfield de Almeida. (17/24). 632 p. il. enc. 60$. (3.ª ed. 1/40). **Freitas Bastos.**

MANFREDINI (Jurandyr). — Subsidios para o estudo simiológico da esquizofrenia. Tése. (17/24). 223 p. br. 20$. (1939-3/40). **Tip. America, Rio.**

MAPA de ginastica pelo rádio da P. R. E. 8. — Dir. Oswaldo Diniz Magalhães. (55/74). 5$. (Nova ed. 9/40). **A Noite.**

MARCONDES (José Reynaldo). — Enfarte do miocárdio. (Estudo clínico). (19/28). 219 p. il. br. 25$. (6/40). **Rev. Tribunais.**

MARINHO (João). — Da sinusite fronto-etmoidal e seu tratamento. 1.º Congresso Sul-Americano de Otorrinolaringologia. 1940. (17/24). 198 p. br. 30$. (6/40). **Villani & Barbero, Rio.**

MEDICINA no Brasil. — Livro organizado pelo prof. Leonidio Ribeiro. (19/28). 409 p. il. br. 25$. (12/40). **Distr. Ateneu.**

MELLO (M. Vaz de). — Estudo clínico da obesidade 3rencefalo-hipofisaria com distrofia genital na infancia. (16/23). 201 p. il. br. 30$. (7/40). **Leuzinger, Rio**

MEMENTO de dietética e terapêutica. Pref. Afranio Peixoto. (16/23). 64 p. br. 10$. (12/40). **Lab. Silva Araujo, Rio.**

MONCORVO Fº. — Notas para um manual elementar de pediatria. (11/17). 158 p. br. 8$. (3/40). **Tip. Lyra, S. Paulo.**

MOORE (Doris Langley). — A técnica do amor. Com um epilogo de William Gerhardi. Trad. Carneiro da Cunha. Col. Temas Sexuais, 2. (14/20). 158 p. br. 10$. (11/40). **Cultura Moderna.**

NEGROMONTE (Padre A.). — A educação sexual. (Para pais e educadores). Pref. P. Helder Camara. (14/20). 283 p. br. 10$. (2.ª ed. 7/40). **José Olympio.**

NEIVA (Cicero). — Moléstias dos suínos. (16/23). 279 p. il. br. 30$. (5/40). **Ed. Autor, S. Paulo.**

NEMILOW (A. W.). — A tragédia biológica da mulher. Trad. N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 4. (13/19). 184 p. br. 80. (5.ª ed. 6/40). **Calvino.**

NOBRE (Manuel Murtinho). — Estudos de medicina homeopatica. (16/23). 67 p. br. 4$. (12/40). **Jornal do Comercio.**

NOGUEIRA JUNIOR (Annibal). — Do pneumotórax terapêutico bilateral simultâneo ambulatório. Tése. (17/23). 119 p. il. br. (1939-6/40). **Pap. Velho.**

NOGUEIRA (Claudio). — Considerações em torno do comportamento pré-natal. (16/23). 16 p. br. (1939-2/40). **Casa Valele, Rio.**

NOGUEIRA (Claudio). — O papel do terreno na patogenia paludica. Reimpressão d'A Folha Médica, 25/7/940. (16/23). 5 p. br. (7/40). **Ed. Autor, Rio.**

NOGUEIRA (Claudio). — O sistema neuroglandular na vida vegetativa e suas relações com os fatos da vida animica. Reimpressão d'A Folha Médica, 25/5/940. (15/23). 5 p. br. (7/40). **Ed. Autor, Rio.**

ODDO (Petit). — Comentários de medicina. Pref. Jósa Magalhães. (14/21). 169 p. il. br. 10$. (7/40). **A União, João Pessoa.**

OTAOLA (J. M.), HARO (F.). — Concepção e métodos anticoncepcionais. Trad. adaptado, anotado e pref. por Mauricio de Medeiros. (13/19). 203 p. br. 8$. (8.ª ed. 3/40). **Calvino.**

PARREIRAS (Decio). — Doença de Heine-Medin. Epidemia no Rio de Janeiro em 1939. Anotações e estudos. Reimpressão d'A Folha Médica, 25/12/39, 5 e 15/1/940. (16/23). 64 p. il. br. (1/40). **Canton & Reile, Rio.**

PASSIFLÓRA. — Socorros urgentes. Pref. J. M. da Luz Moreira. (12/16). 126 p. br. 5$. (8/40). **Pap. Natal, Rio.**

PAULINO (Fernando). — A gastrectomia na ulcera duodenal. (16/23). 123 p. il. 15$. (11/40). **Distr. Freitas Bastos.**

PAZZANESE (Dante). — A fonocardiografia. (16/23). 160 p. il. br. 30$. (6/40). **Pref. Municipio S. Paulo.**

PEHAM (H. v.), AMREICH (J.). — Ginecologia operatória. Trad. F. Victor Rodrigues. (23/30). 2 tomos, 735 p. 467 figs. enc. 380$. (2/40). **Guanabara.**

PEIXOTO (Afranio). — Sexologia forence. (16/23). 217 p. il. br. 16$. (3.ª ed. 6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PEREGRINO JUNIOR. — Biotipologia pedagogica. (16/24). 88 p. il. br. 15$. (7/40). **Livr. Odeon.**

PEREZ (Luiz Galindo). — Ensaio sobre imunomineração dos dentes em relação á carie dentaria. Tése. (16/23). 32 p. br. 5$. (1939-3/40). **Tip. Guido, Rio.**

PFAUNDLER (M. von), SCHLOSSMANN (A.). — Tradado de pediatria para uso do médico prático. Tomo VII. Trad. Hugo Fortes, Francisco Bruno Lobo, J. Leão Borges e C. Magalhães de Freitas. (17/24). 724 p. il. enc. 150$. (1/40). **Guanabara.**

PIMENTA (João de Oliveira). — Incompatibilidades medicamentosas. (16/22). 53 p. il. br. 3$. (1939-3/40). **Tip. Brasil, J. Fóra.**

PIRES (Dr.). — Dicionário de beleza. (14/19). 95 p. il. br. 6$. (12/40-1941). **Coéd. Brasilica.**

PIRES (Dr.). — Guia da beleza. (18/26). 256 p. il. br. 8$. (4.ª ed. 3/40). **Distr. Freitas Bastos.**

PIRES (Nelson). — Aspectos reflexologicos da impotência dos noivos. Tése. (16/23). 42 p. br. 4$. (12/40). **Ed. Autor, Rio.**

PÓVOA (Hélion). — Arterio-esclerose. Tése. (17/24). 228 p. il. br. 25$. (1939-1/40). **Livr. Alves.**

PÓVOA (Hélion). — Sangue e metabolismo. (17/24). 512 p. il. enc. 40$. (3/40). **Scientifica.**

PRADO (A. de Almeida). — Lições clinicas. (17/24). 290 p. br. 30$. (3/40). **Distr. Scientifica.**

PUTTI (V.). — Lombo-artrite e ciática vertebral. Trad. e pref. de Godoy Moreira. (16/24). 228 p. il. br. 40$. (8/40). **Distr. Freitas Bastos.**

RAEDER (Silas). — Saúde e educação fisica. (14/19). 109 p. br. 9$. (4/40). **Cia. Brasil Ed.**

RAMALHO (Sette). — Lições de biometria aplicada, 1.ª parte. Morfologia. Bibl. de Educação Fisica, 1. (16/23). 319 p. il. br. 24$. (6/40). **Pap. Velho.**

RANGEL (Mario). — Chamados de urgencia. (13/19). 192 p. cart. 15$. (1/40). **Irmãos Di Giorgio, Rio.**

RIBEIRO (Eurico Branco). — Estudos cirurgicos. 3.ª série. (16/24). 219 p. il. enc. 30$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

RIBEIRO (Eurico Branco). — Pesquisa da alça jejunal em cirurgia gastrica. (13/19). 59 p. il. br. 5$. (12/40). **Distr. Getulio Costa.**

RIBEIRO (Leonidio). — Dáctilo-diagnose. (Contribuição da medicina legal para a propedêutica médica). (18/28). 109 p. il. br. 30$. (10/40). **Ateneu.**

ROBACK (A. A.), JASTROW (José), FRANK (Waldo), LINDSEY (Ben B.), CAINNS (Huntington), HAYS (Artur Garfield), LLOYD (J. William). — O sexo na conduta humana. Trad. e notas de Abguar Basttos. Col. Cultura Sexual, 9. (13/19). 205 p. br. 8$. (12/40). **Calvino.**

ROMEIRO (Vieira). — Formulario clínico do médico prático. (16/23). 2 vols. 670-619 p. br. 70$. (2.ª ed. 12/40). **Pimenta de Mello.**

ROMEIRO (Vieira). — Tratado de patologia médica. Tomo I. (17/24). 1176 p. 324 figs. enc. 120$. (9/40-1941). **Guanabara.**

ROSTAND (Jean). — *Biologia e medicina. Trad. Mauricéa Filho. (13/19). 207 p. br. 12$. (10/40). **Emiel Ed.**

SANTOS (Rodolpho Pereira dos). — Como fazer laboratorio. (Colheita de material). (16/23). 36 p. br. 5$. (5/40). **Ed. Autor, Rio.**

SCHMIEDEN (Vitor), FISCHER (A. W.). — Curso de operações cirúrgicas para médicos e estudantes. Trad. Fabio de N. Barros. (17/23). 559 p. 588 figs. enc. 80$. (11/40). **Globo.**

SENISE (M. N.), PAIVA (L. M.), ARDUINO (F.). — Apontamentos de química fisiologica. (Parte prática). (14/19). 229 p. il. br. 12$. (4/40). **Gr. Labor, Rio.**

SILVA (A. C. Pacheco e). — Psiquiatria clínica e forence. Bibl. Médica Brasileira, s. 3.ª, vol. 11. (16/22). 584 p. il. br. 60$. (11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Augusto Lins e). — Esquizofrenia e delinquencia. (16/23). 32 p. br. 5$. (6/40). **Jornal do Comercio.**

SILVA (Gastão Pereira da). — Para compreender Freud. Bibl. de Educação Sexual, 6. (14/20). 257 p. il. br. 13$. (5.ª ed. 12/40). **Civilização.**

SIQUEIRA (Rubens de). — Alimentação. Questões brasileiras de atualidade. (17/24). 170 p. il. br. 10$. (8/40). **Ed. Autor, Rio.**

SODRE (J. P. de Azevedo). — Urologia prática. Des. Haroldo Rodrigues e Lauro Mendes. Pref. Jorge de Gouvêa. (17/24). 310 p. enc. 60$. (4/40). **Scientifica.**

THESING (Curt). Amor na série animal. Trad. Aurelio Pinheiro. Rev. e notas de N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual, 13. (13/19). 256 p. il. br. 12$. (8/40). **Calvino.**

THOREK (Max). — Técnica cirurgica. Pref. Donald C. Balfour. Trad. R. Marques da Cunha, G. Duarte Vieira, J. Nava e R. C. Bacellar. Rev. e pref. Augusto Paulino Filho. (18/26). Vol. 1.º 547 p. 2174 figs. enc. (Obra completa. 3.ª vols. 480$.). (10/40-1941). **Guanabara.**

TOLEDO (Paulo de Almeida). — Eletroradiologia clínica do coração. Pref. Pedro Cossio. Bibl. Médica Brasileira, s. 3.ª, vol. 10. (16/22). 374 p. il. br. 55. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

VAZ (Rocha). — A mulher e as glândulas de secreção interna. (14/30). 157 p. il. br. 15$. (12/40). **Rev. Médica Brasileira.**

VELDE (Th. van de). — A esposa perfeita. (Eficiencia sexual pela cultura física). Trad. Bruno Sander. Rev. Gastão Pereira da Silva. Série Cultura Individual, 12. (13/19). 288 p. il. br. (3.ª ed. 2/40). **Oscar Mano.**

VELOSO (C. Seabra). — Alimentação (17/24). 414 p. br. 35$. (2.ª ed. 9/40). **Z. Valverde.**

VELOSO (C. Seabra). — A intubação duodenal na clínica. (16/23). 122 p. il. br. 15$. (12/40-1941). **Distr. Freitas Bastos.**

WOLFFENBUTTEL (Ervin). — A regularização cientifica da natalidade. (17/24). 353 p. il. br. 30$. (3.ª ed. 11/40). **Globo.**

7) BELAS-ARTES. ESPORTE. JÔGOS. DIVERTIMENTOS

ACQUARONE (F.). — VIEIRA (A. de Queiroz). — Primores da pintura no Brasil. Com uma introdução histórica e textos explicativos 1.º fasc. com 8 reproduções a côres. (28/37). 36 p. br. 25$. (12/40). **Ed. Autores, Rio.**

BARRETO FILHO (Mello). — Onde o mundo se diverte... (16/24). 166 p. br. 10$. (12/40). **Distr. Z. Valverde.**

CALABRIA (Antonio Vianna). — O poker. Tratado cientifico. (13/18). 213 p. il. br. 10$. (3.ª ed. 1939-1/40). **S. A. Folha de Minas.**

CASTRO (Bernardo José de). — Tiro ao vôo. (Estudo teórico e prático). Pref. Afranio A. da Costa. (17/24). 690 p. il. br. 50$. (2.ª ed. 12/40). **Distr. Livr. Boffoni.**

GARCIA (Angélica de Rezende). — O meu piano. (17/37). 82 p. il. br. 30$. (1/40). **A Melodia, Rio.**

GOTLIB (M. D.) e sua obra. (14/19). 20 p. il. enc. 10$. (7/40). **S. B. Belas Artes, Rio.**

LOYOLA (Hollanda). — Jiu-jitsu. Principais golpes. Regras. Treinamento, com demonstrações de A. Minani e K. Koyoma. (14/20). 101 p. il. br. 8$. (/40). **Cia. Brasil Ed.**

LOYOLA (Hollanda). — Jôgos. Diversões e passatempos. Jôgos educativos de acôrdo com o método francês. (14/19). 126 p. br. 8$. (3/40). **Cia. Brasil Ed.**

MELLO JUNIOR. — As novas regras de basket-ball. Il. Vinicius. (14/19). 147 p. br. 6$. (3/40). **Cia. Brasil Ed.**

MILLET (Sergio). — Pintores e pinturas. (17/29). 198 p. il. br. 12$. (3/40). **Livr. Martins.**

MILSTEIN (Carlos). — Manual ilustrado das regras de futebol. Pref. João T. de Carvalho. Il. do Autor. (14/18). 66 p. br. 4$. (9/40). **Gr. Laemmert, Rio.**

MOREIRA (Pedro Lopes). — A ciência do canto ou Como Produzir corretamente a voz cantada. (17/24). 239 p. il. br. 30. (12/40). **Tip. Patronato, Rio.**

PASSOS (Zoroastro Viana). — Em torno da História de Sabará. Pref. Rodrigo M. F. de Andrade. Publ. do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional, n.º 5. (18/24). 167 p. il. fóra do Texto, br. 6$. (12/40). **Ministério Educação.**

PINHEIRO (Gerson Pompeu). — A figura humana nas artes do desenho. (16/23). il. br. 10$. (1939-1/40). **Jornal do Comercio.**

PRADO (Arthur do). — Curiosas revelações sôbre a roleta. (16/23). 67 p. br. 8$. (2.ª ed. 12/40). **Gr. Baury, Rio.**

RAYMUNDO (Domingos). — Compêndio de música. (16/23). 33 p. br. 3$. (2.ª ed. 4/40). **Casa Oliveira, Rio.**

TORRES (Heloísa Alberto). — Arte indigena da Amazonia. Publ. do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional, 6. (17/24). 16 p. 50 planchas il. br. 6$. (11/40). **Ministério da Educação.**

VERDI (G.). — La traviata. Drama lírico de F. M. Piavi. Versão brasileira de Narbal Fontes. Col. Brasileira de Teatro. (19/29). 74 p. br 2$. (2/40). **Ministério da Educação.**

XADREZ sem mestre por um enxadrista. (10/13). 64 p. il. br. 2$500. (12/40). **Japy Freire.**

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ACHILLES (Paulo). — Brasil do Oéste. (16/23). 353 p. br. 20$. (1/40). **Coelho Branco.**

ADAMS (James Truslow). — A epopeia americana. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 10. (15/22). 399 p. br. 15$. (11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

ALVES (Aluizio). — Angicos. Notas de História, Aspectos geográficos. Traços biográficos. Economia, costumes e tradições. Pref. Eloi de Sousa. Bibl. Histórica Norte-Riograndense, 2. (13/19). 349 p. il. br. (12/40). **Pongetti.**

ALVES FILHO (Francisco Rodrigues). — Campos Sales. (14/20). 72 p. il. br. 5$. (4/40). **Cultura do Brasil.**

ALVES FILHO (Francisco Rodrigues). — Crônicas do Brasil antigo. Pref. Afonso Arinos de Melo Franco. (13/19). 99 p. br. 5$. (2.ª ed. 3/40). **Cultura do Brasil.**

ARANHA (José da Silva). — Geografia seriada. Série primária. Curso de Admissão. (17/23). 160 p. il. cart. 6$. (2/40). **Jacintho.**

AUGUSTO (José). — Famílias Seridoenses. I. (13/19). 96 p. br (4/40). **Pongetti.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Corografia do Brasil. Curso comercial. Col. Dom Bosco, 14. (14/20). 295 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 1/40). (3.ª ed. 10/40 — 12$.). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia. 1.ª série, secundária. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 66. (14/20). 298 p. il. cart. 10$. (11.ª ed. 7/40). — 3.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 49. (14/20). 345 p. il. cart. 10$. (8.ª ed. 4/40). — 4.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 38. (14/20). 389 p. il. cart. 12$. (7.ª ed. 2/40). — 5.ª série. B. P. B. s. 2ª, Livros Didáticos, 68. (14/20). 478 p. il. cart. 12$. (5.ª ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia para o curso comercial. Col. Dom Bosco, 21. (14/20). 381 p. il. cart. 12$. (2.ª ed. 9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

BARBUY (Heraldo). — A vida espectacular de Mirabeau. (15/22). 269 p. br. 15$ (9/40). **Cultura do Brasil.**

BARLÉU (Gaspar). — História dos feitos recentementes praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do ilustrissimo João Mauricio de Nassau Conde de Nassau Etc. ora governador de Wesel, Tenente-General de Cavalaria das Provincias Unidas sob o Principe de Orange. Trad. e anotações de Cláudio Brandão. (32/46). 424 p. il. br. 100$. (5/40). (2.ª ed. 12/40 — 120$.). — (Ed. em formato 19/28. 409 p. il. br. 20$. (11/40). **Ministério Educação.**

BARRO (Homem de). — Zaratustra ou Os Parses e as Torres do Silencio. Pref. Azevedo Amaral. (13/19). 144 p. br. 6$. (12/40-1941). **Emiel Ed.**

BARROSO (Gustavo). — Consulado da China. 3.º vol. de "Memórias". (13/19). 280 p. il. br. 8$. (10/40). **Getulio Costa.**

BARROSO (Gustavo). — Liceu do Ceará. 2.º vol. de "Memórias". (13/19). 228 p. il. br. 7$. (9/40). **Getulio Costa.**

BELLO (José Maria). — História da República. Primeiro periodo. 1889-1902. (15/22). 264 p. br. 16$. (10/40). **Civilização.**

BIBLIOTECA Militar. — A República Brasileira. (Vol. comemorativo). (17/24). 347 p. br. 10$. (1939-1/40). **Distr. Z. Valverde.**

BOEMER (Pedro dos Santos). — As maravilhas da India. (13/19). 151 p. br. 6$. (1939-12/40). **Distr. Z. Valverde.**

BOMFIM (Manoel). — O Brasil. Nota explicativa de Carlos Maul. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 47. (13/19). 353 p. br. 15$. (Nova ed. 10/40). **Cia. Ed Nacional.**

BRAGHINE (Cel. Alexandre). — O Enigma da Atlântida. Trad. J. Jobinsky. (15/22). 306 p. 9 gravuras fôra texto, br. 20$. enc. 26$. (12/40). **Pongetti.**

" " " " Na mesma coleção: HACKETT — Henrique VIII — br. 20$. enc. 26$. — MAUROIS — História da Inglaterra — br. 20$. enc. 26$. — MAUROIS — Chateaubriand — br. 18$. enc. 25$. — PROXIMAMENTE: Octave AUBRY — Santa Helena. — Joseph BERNHART — O Vaticano. **Pongetti.**

BRANDÃO (Thomé). — Cambuquira. Estancia hidro mineral. (14/20). 241 p. br. 12$. (9/40). **Rev. Tribunais.**

BRITO (José do Nascimento). — Estados Unidos. Impressões de uma rapida viagem. (13/19). 132 p. br. 10$. (7/40). **Jornal do Comercio.**

BURKITT (Jones). — Meu reino por um amor ou A vida privada de Elisabeth e Essex. (14/20). 128 p. br. 6$. (5/40). **Cia. Brasil Ed.**

BURKITT (Jones). — A vida luminosa de Edison. Col. As Grandes Figuras da Humanidade, 2. (13/19). 103 p. br. 3$. (12/40). **Distr. Norte Ed.**

CABRAL (Mario Da Veiga). — Compêndio de corografia do Brasil. (17/24). 660 p. il. cart. 18$. (25.ª ed. 8/40). **Jacintho.**

CABRAL (Mario Da Veiga). — Curso de geografia geral. (17/24). 733 p. il. cart. 25$. (14.ª ed. 3/40). **Jacintho.**

CABRAL (Mario Da Veiga). — História do Brasil. Curso superior. (16/23). 384 p. il. cart. 15$. (14.ª ed. 6/40). **Jacintho.**

CABRAL (Mario Da Veiga). — Segundo ano de Geografia. (14/19). 333 p. il. cart. 8$. (10.ª ed. 4/40). — Terceiro ano. (14/19). 368 p. il. cart. 8$. (8.ª ed. 3/40). **Jacintho.**

CALMON (Pedro). — Figuras de Azulejos. Perfis e cenas da história do Brasil. (13/19). 213 p. br. 7$. (6/40). **A Noite.**

CALMON (Pedro). — História da civilização brasileira. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 14. (13/19). 359 p. br. 12$. (4.ª ed. 9/40). **Cia. Ed Nacional.**

CALMON (Pedro). — História social do Brasil. 2.º tomo. Espirito da sociedade imperial. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 83. (13/19). 390 p. il. br. 16$. (2.ª ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CAMARGO (Christovam de). — Pedro II e a campanha da maioridade. (13/19). 51 p. br. 3$. (10/40). **Emiel Ed.**

CAMELLO (C. Nery). — Através dos sertões. Pref. Múcio Leão. (13/19). 400 p. il. br. 8$. (4/40). **A Noite.**

CAMPOS (Humberto de). — O Brasil anedótico. Rev. Henrique de Campos. (13/19). 231 p. br. 6$. (2.ª ed. 1/40). **José Olympio.**

CANALI (João de). — Americo Vespucio. Espião ou navegador? (16/23). 84 p. br. 5$. (9/40). **Distr. Antunes.**

CARNAXIDE (Visconde de). (Antonio de Sousa Pedroso Carnaxide). — O Brasil na administração Pombalina. Pref. Afranio Peixoto. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 192. (13/19). 357 p. br. 15$. (10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

CARNEIRO (David). — Civilização catolico feudal. Col. História Geral da Humanidade, 4. (14/20). 202 p. il. br. 8$. (6/40). **Athena.**

CARVALHO (Affonso de). — Caxias. Il. Alberto Lima. (15/23). 282 p. br. 20$. (2.ª ed. 12/40). **José Olympio.**

CARVALHO (Antonio Gontijo de). — Estadistas da República. 1.º vol. (15/22). 332 p. il. br. 15$. (11/40). **Distr. Freitas Bastos.**

CARVALHO (Delgado de). — Geografia elementar. (14/20). 321 p. il. cart. 8$. (9.ª ed. 3/40). **Ed. Melhoramentos.**

CARVALHO (Delgado de). — Texto-atlas de geografia. (23/27). 35 p. il. cart. 8$. (5/40). **Inst. Geogr. Agostini.**

CASAIS (José). — Un turista en el Brasil. Trad. e prólogo de Antenor Nascentes. (17/24). 238 p. 192 fotogr. br. 40$. (5/40). **Distr. Livr. Kosmos.**

CAVALCANTE (Eugenio Currivo). — Os bicheiros. (13/19). 308 p. br. 8$. (/40). **A Noite.**

CAVALCANTI (Jeronymo). — Ruidos urbanos. Des. de Mendez. (13/19). 127 p. br. 8$. (12/40). **A Noite.**

CAVALEIRO (Edgard). — Fagundes Varella. Il. Belmonte. (14/20). 351 p. br. 15$. (9/40). **Livr. Martins.**

CHIACCHIO (Carlos). — Euclides da Cunha. Aspectos singulares. Supl. n.º 1. Jornal de Ala. 3.º — 6. 11/1/940. (16/23). 40 p. il. br. 3$. (5/40). **Bahia.**

COIMBRA (Alvaro da Veiga). — A numistica. História do Brasil. Os Voluntarios da Patria. Campanha do Paraguai. (23/32). 36 p. il. br. 10$. (7/40). **Ed. Autor. S. Paulo.**

CORRÊA (Viriato). — Histórias da nossa história. Pref. Rocha Pombo. Col. Estante Autores Brasileiros. (13/19). 197 p. br. 7$. (4.ª ed. 9/40). **Getulio Costa.**

CORRÊA (Viriato). — Terra de Santa Cruz. Contos e crônicas da história brasileira. Col. Estante Autores Brasileiros. (13/19). 231 p. br. 7$. (4.ª ed. 9/40). **Getulio Costa.**

COSTA (Angyone). — Roteiro dos Andes. Pref. Gal. V. Benicio da Silva. Bibl. Militar. (17/24). 224 p. il. br. 10$. (11/40). **Distr. Z. Valverde.**

COSTA (Craveiro). — A conquista do deserto ocidental. Subsidios para a história do Territorio do Acre. Intr. e notas de Abguar Bastos. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 191. (13/19). 434 p. il. br. 18$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Dante). — Itinerario de Paris. Col. Viagens, 17. (13/19). 173 p. br. 8$. (2/40). **Cia. Ed Nacional.**

COSTA (Didio). — Nas águas da Gasconha. Il. Carlos Miguês Garrido. (16/23). 275 p. br. 10$. (1939-11/40). **Distr. Antunes.**

CUNHA (Euclydes da). — Os sertões. (Campanha dos Canudos). (17/24). 646 p. il. br. 20$. (15.ª ed. 8/40). **Livr. Alves.**

CURIE (Eva). — Madame Curie. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 1. (15/22). 336 p. br. 13$. (3.ª ed. 7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

DANTAS (Olavo). — Galvota dos sete mares. Viagens pela Europa no N. E. Almirante Saldanha. (13/19). 215 p. br. 10$. (10/40). **Pongetti.**

DEBRET (Jean Baptiste). — Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Trad. e notas de Sergio Milliet. Bibl. História Brasileira, IV. (19/26). 2 vols. 295-302 p. 153 gravuras. br. 70$. (Ed. de luxo. (23/28). 250$.). (9/40). **Livr. Martins.**

DUNCAN (Isadora). — Minha vida. Trad. Gastão Cruls. Col. O Romance da Vida, 7. (15/23). 306 p. br. 15$. (3.ª ed. 4/40). **José Olympio.**

EDMUNDO (Luiz). — A côrte de D. João no Rio de Janeiro. (1808-1821). 420 il. estampas de Debret, Rugendas, etc. (17/24). 3 vols. 900 p. enc. 238$. (10/40). **Jackson.**

ELLENDER (Mariteresa Cavalcanti). — São Paulo-Roma. Pref. Menotti Del Picchia e Attilio Venturi. (17/24). 136 p. il. br. 10$. (2.ª ed. 9/40). **Gr. Gordon, S. Paulo.**

ELLIS JUNIOR (Alfredo). — Feijó e a primeira metade do seculo XIX. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 189. (13/19). 588 p. br. 22$. (8/40). **Cia. Ed Nacional.**

ENRIQUES (F.), SANTILLANA (G. de). — Pequena história do pensamento cientifico. (Da antiguidade aos Tempos modernos). Trad. Elias Davidovich. Col. Divulgação e Cultura. (15/21). 478 p. br. 18$. (1/40). **Vecchi.**

FERREIRA (Vieira). — Azambuja e Urussanga. Memória sobre a fundação de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina. (16/23). 109 p. br. 8$. (1939-6/40). **Diário Oficial, Niteroi.**

FLEIUSS (Max). — Apostilas de história do Brasil. (14/19). 504 p. il. cart. 12$. (3.ª ed. 10/40). **Globo.**

FLEIUSS (Max). — Dom Pedro Segundo. (17/24). 195 p. il. br. 10$. (9/40). **Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro.**

FONSECA (Gondin da). — Santos Dumont. Col. Biografias. (17/24). 325 p. il. br. 18$. (7/40). (2.ª ed. 327 p. 10/40). **Vecchi.**

FONSECA JR. (Col. Leopoldo Nery da). — Geopolitica. (13/19). 200 p. br. 10$. (8/40). **Distr. Z. Valverde.**

FRANCO (Carvalho). — Bandeiras e bandeirantes de S. Paulo. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana. 181. (13/19). 340 p. br. 12$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

FRANK (Reinhard). — India. Sua vida de nação. Trad. José Lemos. Col. História Contemporânea, 1. (14/20). 94 p. il. br. 4$. (6/40). **Ed. Diretriz, Rio.**

FREITAS (Gaspar de). — Pontos de geografia e história do Brasil. Exame de Admissão (12/16). 200 p. il. cart. 5$. (191 m.º. 4/40). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de), MACEDO (Agenor de). — História da civilização. Curso secundário. (1.º ano). (12/16). 254 p. il. cart. 5$. (2.º m.º. 2/40). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Mauro de). — Paisagens do mundo. Il. Carlos Oswaldo. Pref. Agripino Grieco. (19/24). 102 p. br. 15$. (6/40). **José Olympio.**

GALLETTI (A.). — Savonarola. Trad. J. L. Moreira. Col. Perfis, 3. (13/19). 83 p. br. 4$. (9/40). **Athena.**

GARDEN (C.). — Barbacena. Pref. Antonio Carlos Ribeiro de Andrade. Col. Turismo, Série Avião, 1. (13/19). 147 p. il. br. 8$. (12/40). **A Noite.**

GASTALDI (Santiago). — Vida e obra de Balzac. Trad. e pref. de De Placido e Silva. (17/24). 305 p. il. br. 15$. (10/40). **Guaira.**

GAXOTTE (Pierre). — Frederico II. O criador da Prússia. Trad. E. Simões de Paula. Pref. Jean Gagé. (15/22). 477 p. br. 20$. (3/40). **Livr. Martins.**

GICOVATE (Moisés). — Geografia. Curso secundário. 2.ª série. (15/21). 239 p. il. cart. 8$. (3/40). **Ed. Melhoramentos.**

GOMES (Alfredo). — História do Brasil. 5.ª série. Col. Didática Nacional, 10. (14/19). 360 p. cart. 12$. (12/40). **Ed. e Publ. Brasil.**

GRAVES (Robert). — Claudius o Deus, e Messalina. Trad. João de Abreu. (15/23). 509 p. 2 pranchas. br. 20$. (12/40). **Globo.**

GRAVES (Robert). — Eu, Claudius, imperador. Da autobiografia de Tiberius Claudius. Trad. Mario Quintana. (15/23). 318 p. br. 15$. (11/40). **Globo.**

GUERRA (E. Sales). — Osvaldo Cruz. (17/24). 775 p. il. br. 25$. (8/40). **Vecchi.**

HARNISCH (Wolfgang Hoffmann—). — O Brasil que eu vi. Retrato de uma potência tropical. Trad. Humberto Augusto. Pref. Lourival Fontes. (12/18). 294 p. il. br. 12$. (1/40). **Ed. Melhoramentos.**

HUPP (Guilherme). — Portugal colonizador. Introdução de Jonathas Carvalho. (14/19). 80 p. il. br. 6$. (3/40). **A Encadernadora, Rio.**

HORTA (Brant). — Minha segunda história do Brasil. Curso primário e admissão. (14/20). 142 p. cart. 4$. (3/40). **Getulio Costa.**

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatistica. — Divisão territorial dos Estados Unidos do Brasil. Pref.ª José Carlos de Macedo Soares. (19/27). 451 p. br. 30$. (8/40). **I. B. G. E., Rio.**

JACOT (B. L.), COLLIER (D. M. B.). — Marconi, senhor do espaço. Trad. Fabio Leite Lobo. Col. Biografias. (17/24). 315 p. il. br. 20$. (6/40). **Vecchi.**

JAEGER, S. J. (P. Luiz Gonzaga). — Os heróis do Caaró e Pirapó. (16/23). 368 p. il. br. 20$. (10/40). **Globo.**

JAEGER, S. J. (Pe. Luiz Gonzaga). — As invasões bandeirantes no Rio-Grande-do-Sul. (1635-1641). Separata do Relatorio do Ginásio Anchieta, 1939. (16/23). 63 p. il. br. 3$. (12/40). **Tip. Centro, P. Alegre.**

KELLER (Helena). — A história da minha vida. Coord. e notas de John Macy. Trad. J. Espinola Veiga. (14/23). 262 p. br. 12$. (2.ª ed. 4/40). **José Olympio.**

KEY (Charles E.). — As grandes expedições cientificas no seculo XX. Trad. Gastão Cruls. Bibl. do Espirito Moderno, s. 2.ª, Ciência, 4. (15/22). 408 p. 12 mapas, il. br. 15$. (4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

KIDDER (Daniel P.). — Reminiscência de viagem e permanência no Brasil. (Rio de Janeiro e provincia de São Paulo). Trad. Moacyr N. Vasconcellos. Bibl. Histórica Brasileira, 3. (19/25). 345 p. il. br. 25$. (7/40). (Ed. de luxo) (22/28). br. 100$. **Livr. Martins.**

LACERDA (Joaquim Maria de). — Pequena geografia da infância. Rev. por Luis Leopoldo Fernandes Pinheiro. (13/19). 134 p. il. cart. 3$500. (Nova ed. 4/40). **Livr. Alves.**

LACERDA (Nair Veiga), FAGUNDES (Yolanda). — História da Polonia. (Tradução e adaptação). (14/19). 213 p. il. br. 9$. (2/40). **Cultura Brasileira.**

LACOMBE (Americo Jacobina). — Paulo Barbosa e a fundação de Petropolis. (16/23). 77 p. il. br. 5$. (11/40). **Tip. Ipiranga, Rio.**

LEITE (Francisco). — Flagrantes da cidade maravilhosa. Pref. Luiz Edmundo. (13/19). 213 p. br. 6$. (4/40). **José Olympio.**

LEITE (Mario). — Do Brasil ao Paraguai. Impressões de viagem e de costumes. (13/19). 188 p. 1 mapa, br. 6$. (4/40). **Rev. Tribunais.**

LESEUR (R. P. M.—A.). — Vida de Elisabeth Leseur. Carta-pref. Rev. Pe. M. S. Gillet, O. P. Pref. R. P. Leonel Franca, S. J. (14/19). 330 p. br. (3.ª ed. 1/40). **Livr. Santa Cruz.**

LESSA (F. Pereira). — As bandeiras historicas do Brasil. (15/22). 51 p. il. br. 8$. (10/40). **Distr. Civilização.**

LIMA (Oswaldo Rocha). — Pedaços do sertão. Pref. Gustavo Barroso. (14/19). 117 p. br. 4$. ((8/40). **Coelho Branco.**

LINS (Ivan). — Descarte. Época, vida e obra. Pref. Roquette Pinto. Bibl. de Cultura Positiva. (13/19). 595 p. br. 25$. (9/40). **Emiel Ed.**

LOBO (Esmeralda A.). — História do Brasil. Des. Magalhães Corrêa. (16/22). 68 p. cart. 4$. (7.ª ed. 4/40). **J. R. de Oliveira.**

LOON (Hendrik Willem Van). — A história da biblia. Il. do Autor. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 9. (15/22). 405 p. br. 18$. (10/40). **Cia. Ed. Nacional.**

LUDWIG (Emil). — Goethe. História de um homem. Trad. Gilberto Miranda. (17/24). 2 vols. 393-447 p. il. br. 59$. (8/40). **Globo.**

LUDWIG (Emil). — Lincoln. Trad. Marina Guaspari. (17/24). 483 p. il. br. 20$. (Nova ed. 6/40). **Globo.**

LUDWIG (Emil). — Napoleão. Trad. Mario de Sá. (17/24). 462 p. il. br. 20$. (5.ª ed. 6/40). **Globo.**

LUDWIG (Emil). — O Nilo. A história de um rio. Trad. Marina Guaspari. (17/24). 557 p. il. br. 20$. (2.ª ed. 12/40). **Globo.**

LUDWIG (Emil). — Quatro ditadores. Trad. Casemiro Fernandes e Herbert Caro. Col. Documentos da Nossa Epoca, 9. (15/21). 221 p. br. 8$. (5/40). **Globo.**

LUDWIG (Emil). — Schliemann. História de um buscador de ouro. Trad. F. Marques Guimarães. (17/24). 239 p. il. br. 15$. 6/40). **Globo.**

LYRA (Heitor). — História de Dom Pedro II. 1825-1891. 3.º vol. Declinio. 1880-1891. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 133B. (13/19). 335 p. il. br. 13$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MACEDO (Roberto). — O Barão do Rio Verde. (João Antônio de Lemos). Pref. Gal. Pedro Cavalcanti. (12/18). 171 p. il. br. 8$. (12/40) **Alba.**

MACAULAY (Lord Thomas Babington). — Ensaios históricos. 1.º tomo. Trad. Antonio Ruas. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 6. (15/22). 357 p. br. 12$. (1/40). — 2.º tomo. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 6A. (15/22). 345 p. br. 12$. (4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGALHÃES (Basilio de). — Estudos de história do Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 171. (13/19). 298 p. br. 10$. (2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGALHÃES (Basilio de). — Históría da civilização. 2.ª série. (14/20). 280 p. il. cart. 9$. (2/40). — 3.ª série. (14/19). 224 p. il. cart. 8$. (4/40). **Livr. Alves.**

MAGALHÃES (General Couto de). — O selvagem. (Ed. completa com o curso da lingua geral tupí. Rev. Dr. Couto de Magalhães. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 52. (13/19). 611 p. br. 25$. (4.ª ed. 3/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGARINOS (Domingos). (Epiága R.+). — Muito antes de 1500. Ensaio de etnogenia prehistória do Brasil. (13/19). 219 p. br. 19$ (8/40). **Alba.**

MAUROIS (André). — Estados Unidos. Trad. Omer Mont'Alegre. Col. Documentário. (14/21). 188 p. br. 8$. (7/40). **Vecchi.**

MAUROIS (André). — História da Inglaterra. Trad. Carlos Domingues. Col. O Espelho das Grandes Vidas. (15/22). 441 p. br. 20$. enc. 26$. (3.ª ed. 8/40). **Pongetti.**

" " " " Na mesma coleção: HACKETT — Henrique VIII — br. 20$. enc. 26$. — MAUROIS — Chateaubriand — br. 18$. enc. 25$. — BRAGHINE — O Enigma da Atlântida — br. 20$. enc. 26$. — PROXIMAMENTE: Octave AUBRY — Santa Helena. — Joseph BERNHART — O Vaticano. **Pongetti.**

MAUROIS (André). — A vida de Disraeli. Trad. Godofredo Rangel. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 3. (15/22). 287 p. br. 12$. (Nova ed. 4/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MAXIMILIANO. Principe de Wied Neuwied. — Viagem ao Brasil. Trad. Edgar Sussekind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo. Refundida pref. e anotada por Oliverio Pinto. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 1. (Grande Formato). (17/24). 511 p. il. br. 45$. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MELLO (Felix Cavalcanti de A.). — Memórias de um Cavalcanti. Trechos do livro de assentos de Felix Cavalcanti de Albuquerque Mello. (1821-1901). Escolhidos e anotados pelo seu bisneto Diogo de Mello Menezes. Introdução de Gilberto Freyre. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 196. (13/19). 193 p. il. br. 12$. (12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

MENGE (Alvim). — Terras longinquas e factos remotos. (13/18). 173 p. br. 6$. (3/40). **Distr. Livr. Pongetti.**

MICHELET (Julio). — Joana D'Arc. Trad. Pref. e notas de Antonio Lages. Col. Livros de Sempre, s. 3.ª, Grandes Obras Literarias, 3. (14/19). 248 p. br. 7$. (12/40). **Vecchi.**

MILLER (René Fulop). — Os grandes sonhos da humanidade. Trad. René Ledoux e Mario Quintana. (17/24). 388 p. il. br. 20$. (2.ª ed. 10/40). **Globo.**

MINISTÉRIO das Relações Exteriores. — Brasil 1939-40. Relação das condições geográficas, econômicas e sociais. (19/27). 574 p. il. br. 20$. (8/40). **Distr. José Olympio.**

MINISTRY of Foreign Affairs. — Brasil 1939-40. An economic, social and geographic survey. (19/27). 383 p. il. br. 20$. (11/40). **Distr. Livr. Kosmos.**

MONBEIG (Pierre). — Ensaios de geografia humana brasileira. (13/19). 292 p. il. br. 15$. (5/40). **Livr. Martins.**

MONTE-ALEGRE (Omer). — Chiang-Kai-Shek. Col. Figuras Contemporâneas, s. A, vol. 3. (13/19). 80 p. br. 4$. (10/40). **Norte Ed.**

MORAES (José Mariz de). — Nobrega. O primeiro Jesuita do Brasil. (Separata da Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). (17/23). 278 p. br. 20$. (12/40). **Impr. Nacional.**

MORROW (Honoré). — Lincoln, o libertador. Trad. Abelardo Romero. (13/19). 206 p. il. br. 8$. (6/40). **Emiel Ed.**

MUNTHE (Axel). — O livro de San Michele. Trad. Jayme Cortezão. (17/24). 364 p. il. br. 20$. (4.ª ed. 4/40). **Globo.**

NABONNE (Bernard). — Bernardotte. Trad. e pref. de Jefferson de Lemos. (17/24). 276 p. il. br. 20$. (10/40). **Emiel Ed.**

NABUCO (Joaquim). — Camões e assuntos americanos. Trad. Carolina Nabuco. (14/20). 152 p. br. 10$. (8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

OCTAVIO (Rodrigo). — Mexico e Perú. Série Viagens, 18. (13/19). 178 p. il. br. 10$. (8/40). **Cia. Ed. Nacional.**

OLIVEIRA (Lola de). — Minhas viagens ao Norte do Brasil. (17/24). 232 p. il. br. 15$. (12/40). **Gr. Laemmert. Rio.**

PAASSEN (Pierre van). — Estes dias tumultuosos. Trad. Leonel Vallandro. (15/23). 505 p. br. 20$. (12/40). **Globo.**

PALMIER (Luiz). — São Gonçalo cinquentenário. História, geografia, estatistica. (17/24). 255 p. il. br. 10$. (11/40). **Serv. Gr. I. B. G. E.**

PAPINI (Giovanni). — Dante vivo. Trad. Pe. Leonardo Maxcello. (17/24). 260 p. br. 15$. (2.ª ed. 11/40). **Globo.**

PEDROSA (Heitor). — O aleijadinho. A vida intensa e a desventura. (16/23). 93 p. 8$. (12/40). **Distr. Civilização.**

PEIXOTO (Afranio). — Pequena história das Americas. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 7. (15/22). 289 p. il. br. 13$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PEIXOTO (Sylvio). — No tempo de Floriano. Pref. Noronha. Santos. (13/19). 277 p. il. br. 8$. (2/40). **A Noite.**

PEREIRA (Jayme R.). — Amazonia. (Impressões de viagem). Il. G. Lorensini. (14/20). 138 p. br. 10$. (3/40). **Civilização.**

PICCAROLO (A.). — A guerra e a paz na história. (14/19). 234 p. br. 10$. (17/40). **Atheneu.**

PINTO (E. Roquette—). — Ensaios brasilianos. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 190. (13/19). 244 p. il. br. 12$. (12/40). **Cia. Ed. Nacional.**

PORTUGAL (Maria da Gloria Rangel de Almeida). — Olhando o Mexico. Il. Alcyone. (18/25). 120 p. br. 25$. (3/40) **Tip. Leuzinger. Rio.**

PRESAS (D. José). — Memórias secretas de D. Carlota Joaquina. Trad. rev. e anotada por R. Magalhães Junior. Contendo cartas inéditas e o manifesto com que a Princesa do Brasil se candidatou ao trono da América Espanhola. Col. Depoimentos Brasileiros, 2. (15/23). 251 p. 4 gravuras, fóra texto. br. 15$. (6/40). **Pongetti-Z. Valverde.**

REYNOLD (Gonzague de). — De onde vem a Alemanha? Trad. Omer Mont'Alegre. Col. Documentário. (14/21). 221 p. br. 10$. (11/40). **Vecchi.**

REZENDE E SILVA (Arthur Vieira de). — Genealogia mineira. 5.ª parte, III vol. Familia Rezende. (17/24). 305 p. br. 20$. (1939-4/40). **Imp. Of. Est. Minas.**

RODRIGUES (Jorge Martins). — São Paulo de ontem e de hoje. (19/27). 191 p. br. 10$. (2.ª ed. 10/40). **Distr. Internacional.**

RODRIGUES (José Honorio), RIBEIRO (Joaquim). — Civilização holandeza no Brasil. 1.º prêmio de erudição da A. B. L., B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 180. (13/19). 404 p. il. br. 16$. (6/40). **Cia. Ed. Nacional.**

RODRIGUES (Cap. Ten. Osmar Almeida de Azeredo). — O Atol das Rocas. (Separata da Rev. Maritima Brasileira, Maio-Junho 1940). (16/23). 50 p. il. br. 5$. (11/40). **Rio.**

ROSADO (Vingt-Un). — Mossoró. Bibl. de História Norte-Riograndense, 3. (13/19). 230 p. br. (12/40). **Pongetti.**

RUCH (Gastão). — História geral da civilização. Da antiguidade ao XX século. IV parte. História dos tempos contemporâneos. (13/19). 744 p. vart. 20$. (5/40). **Briguiet.**

RUGENDAS (João Mauricio). — Viagem pitoresca através do Brasil. Trad. e nota de Sergio Milliet. Pref. Rubens Borba de Morais. Bibl. Histórica, 1. (19/26). 205 p. 110 gravuras, br. 30$. (1/40). (Ed. de luxo (23/28). br. 50$.). **Livr. Martins.**

SAINT-HILAIRE (Auguste de). — Viagem à provincia de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, provincia Cisplatina e Missões do Paraguai. Trad. e pref. Rubens. Borba de Moraes. Bibl. Histórica, 2. (18/26). 375 p. br. 20$. (5/40). (Ed. de luxo (22/28). br. 100$.). **Livr. Martins.**

SANTOS (Amilcar Salgado dos). — Nos sertões do Araguaia. (16/23). 66 p. il. br. 4$. (9/40). **Esc. Prof. Salesianas.**

SANTOS (Francisco Martins dos). — Lendas e tradições de uma velha cidade do Brasil. Pref. Baptista Pereira. Il. Wasth Rodrigues e Victor de Mendonça. (15/22). 253 p. br. 10$ (6/40). **Rev. Tribunais.**

SANTOS (M. Vila-Nova). — Gibraltar...? Col. Atualidades Mundiais, 1. (13/19). 62 p. br. 2$. (8/40). **Norte Ed.**

SANTOS (Penalva). — De lenhador a presidente. Abraham Lincoln. (17/24). 183 p. il. br. 15$. (6/40). **Distr. Civilização.**

SCHMIDT (Affonso). — A vida de Paulo Eiró. Seguida de uma coletânea inédita de suas poesias organizadas, pref. e anotada por José A. Gonsalves. Il. Wasth Rodrigues. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 182. (13/19). 289 p. br. 13$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SEMJONOW (Juri). — Os tesouros da terra. Uma geografia econômica para todos. Trad. Gilberto Miranda. Col. Tapete Magico, 8. (15/23). 487 p. il. br. 20$. (8/40). **Globo.**

SERRANO (Jonathas). — História da civilização. 5.ª série. Idade contemporânea. (13/19). 420 p. il. cart. 10$. (4.ª ed. 4/40). **Briguiet.**

SETÚBAL (Paulo). — Nos bastidores da história. Obras Completas, 4. (13/19). 315 p. br. 9$. (Nova ed. 12/40). **Carlos Pereira.**

SETÚBAL (Paulo). — Confiteor. (Obra póstuma). Pref. P. Leonel Franca, S. J. (13/18). 238 p. br. 9$. (7.ª ed. 10/40). **Carlos Pereira.**

SETÚBAL (Paulo). — Os Irmãos Leme. Il. J. Wasth Rodrigues. Obras Completas, 6. (13/19). 269 p. br. 9$. (Nova ed. 11/40). **Carlos Pereira.**

SETÚBAL (Paulo). — As maluquices do imperador. Obras Completas, 3. (13/19). 252 p. br. 9$. (5.ª ed. 12/40). **Carlos Pereira.**

SETÚBAL (Paulo). — O ouro de Cuiabá. Il. J. Wasth Rodrigues. Obras Completas, 5. (13/19). 284 p. br. 9$. (Nova ed. 11/40). **Carlos Pereira.**

SETÚBAL (Paulo). — O sonho das esmeraldas. Il. J. Wasth Rodrigues. Obras Completas, 8. (13/19). 239 p. br. 9$. (Nova ed. 12/40). **Carlos Pereira.**

SILVA (Vice-Alte. A. C. de Souza e). — O Almirante Saldanha. Comandante em chefe na revolta da armada. (13/19). 315 p. il. br. 10$. (12/40). **A Noite.**

SILVA (F. L. de Azevedo). — Terra Fluminense. (14/19). 321 p. il. br. 20$. (11/40). **Est. Gr. Muniz, Rio.**

SILVA (J. Pinto e). — Minha pátria. Ensino de história do Brasil. 2.º ano preliminar. (14/20). 99 p. il. cart. 3$500. (53.ª ed. 11/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Joaquim). — História da civilização. 1.º ano. (14/20). 301 p. il. cart. 10$. (24.ª ed. 4/40). — 2.º ano. (14/20). 279 p. il. cart. 10$. (18.ª ed. 3/40). — 3.º ano. (14/20). 274 p. il. cart. 10$. (14.ª ed. 12/40). — 5.º ano. (14/20). 365 p. il. cart. 12$. (7.ª ed. 2/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (Joaquim). — História da civilização para o curso comercial. (1.º ano propedeutico). Col. Dom Bosco, 11. (14/20). 223 p. il. cart. 9$. (9/40). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVADO (Américo Brasilio). — A República e Floriano. (N.º 43). (17/24). 69 p. br. 4$. (8/40). **Ed. Autor. Rio.**

SILVEIRA (Tasso da). — Gandhi. Col. Figuras Contemporâneas, s. A. 9. (13/19). 84 p. br. 4$. (11/40). **Norte Ed.**

SINCLAIR (Upton). — Ford, o rei dos automoveis baratos. Trad. Casemiro M. Fernandes. Col. Documentos da Nossa Época, 11. (14/20). 219 p. br. 10$. (12/40). **Globo.**

SINOPSE Estatística de Porto Alegre. Comemorativo do Bi-Centenário de colonização do Municipio. Departamento Estadual de Estatistica. (19/28). 319 p. il. br. 20$. (12/40). **Globo.**

SOUZA (Claudio de). — Impressões do Japão. (12/18). 180 p. il. br. 5$. (12/40). **Civilização.**

SPALDING (Walter). — A invasão paraguaia no Brasil. B. P. B. s. 5.ª, Brasiliana, 185. (13/19). 633 p. il. br. 22$. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

STRACHEY (Lytton). — A rainha Elisabeth e os seus trágicos amores com o Duque de Essex. Trad. Abelardo Romero. (17/24). 194 p. br. 12$. (6/40). **Vecchi.**

TABORDA (Doryol). — Generais de Bonaparte. (13/19). 218 p. il. br. 10$. (10/40). **Jornal do Comercio.**

TAMM (Paulo). — A familia Mascarenhas e a industria textil em Minas (17/24). 112 p. il. br. 25$. (6/40). **Pap. Brasil, B. Horizonte.**

TORRES (Vasconcelos). — O comandante Ari Parreiras. Pref. Melquiades Picanço. (13/19). 115 p. br. 6$. (7/40). **Z. Valverde.**

TRATTNER (Ernest B.). — Arquitetos de idéias. As grandes teorias da humanidade. Trad. Leonel Vallandro. Col. Tapete Mágico, 11. (16/23). 413 p. il. br. 20$. (10/40). **Globo.**

TRAVELLER'S (The) guide to Rio. 8th edition, July-December, 1940. (11/23). 68 p. il. br. 3$. (10/40). **H. D'Oliveira, Rio.**

TROCHU (Cônego Francis). — O Cura D'Ars. (São João Batista Maria Vianney). (1786-1859. Trad. (16/23). 533 p. 26 planchas. il. br. 24$. (1939-10/40). **Tip. Centro, P. Alegre.**

VALLADÃO (Alfredo). — Campanha da Princesa. Vol. II. (16/23). 547 p. il. br. 30$. (10/40). **Leuzinger, Rio.**

VARNHAGEM (Francisco Adolfo de). (Visconde de Porto-Seguro). — História da independência do Brasil. (Rev. do Instituto Histórico, vol. 173. (16/23). 624 p. il. enc. 25$. (11/40). **Distr. Z. Valverde.**

VARZEA (Affonso). — Primeiro livro de geografia. Curso elementar. Des. Marian Colonna. (19/27). 56 p. cart. 4$500. (1939-4/40). **Briguiet.**

VEIGA (J. Carvalho). — Iniciação geográfica. De acôrdo com o programa expedido pelo Ministério da Educação para o exame de admissão. (14/19). 102 p. il. cart. 5$. (3.ª ed. 4/40). **Pongetti.**

VERISSIMO (Erico). — A vida de Joana D'Arc. (17/24). 284 p. il. br. 18$. (2.ª ed. 6/40). **Globo.**

VIANNA (Oliveira). TAUNAY (Affonso de E.). — Alberto de Oliveira. (17/24). 78 p. br. 7$. (12/40). **Distr. Freitas Bastos.**

WAAGEN (Ludwig). — Rio de Janeiro Als Kunstsdadt. 35 ganzseitgen Bilden von Harald Schultz-Rio. (17/23). 177 p. il. br. 20$. (12/40). **Ed. Aurora Alemão.**

WASHINGTON (Brooker T.). — Memórias de um negro. Trad. Graciliano Ramos. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 8. (15/22). 226 p. br. 10$. (7/40). **Cia. Ed. Nacional.**

WELLS (H. G.). — História do futuro. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, História, 3. (15/22). 361 p. br. 12$. (1/40). **Cia. Ed. Nacional.**

XAVIER (Lindolfo). — Machado de Assis. No tempo e no espaço. (13/19). 115 p. br. 6$. (10/40). **Coed. Brasilica.**

ZWEIG (Stefan). — O momento supremo. Seis miniaturas históricas. Trad. Elias Davidovich. (15/22). 189 p. br. 12$. 125 exemp. papel especial. (17/25). enc. 120$ (12/40-1941). Guanabara.

EDITORES

A. B. C. (Editôra) — Ver Costa (Getulio).
ACADEMIA Brasileira de Letras. — Av. Presidente Wilson, Rio.
ARIEL, Editôra Ltd. — Ver Civilização Brasileira (Distribuição).
ATHENA Editôra. — Av. Gen. Olimpio da Silveira, 231, S. Paulo.
ATLANTIDA (Distribuidora). — Rua Alvaro Alvim, 31, s/ 202, Rio.
AURORA Ltd. (Editôra). — Rua Barão de Itapetininga, 139, 1.º, s/ 1, S. Paulo.
BAHIA Editôra. — Rua Barão Homem de Mello, 11, Bahia.
BIBLIOTECA Militar. — Quartel General, Praça da República, Rio. (Distribuição de Z. Valverde). — Trav. do Ouvidor, 27, Rio.
BIBLIOTECA Pan-Americana. — Rua da Quitanda, 9, 1.º, Rio.
BRASIL Editôra (Companhia). — Rua Rosario, 173, Rio.
BRASIL (Edições e Publicações). — Rua da Liberdade, 704, S. Paulo.
BRASILEIRA (Casa Publicadora). — Santo André, S. Paulo.
BRASILEIRA (Empresa Editôra). — Alameda Cleveland, 37, S. Paulo.
BRASILIA Editôra. — Rua Senador Dantas, 53, 1.º, Rio.
BRASILICA (Coeditora). — Cooperativa. Rua Alvaro Alvim, 33-37, s/704-705, Rio.
CALVINO Ltd. (Editorial). — Rua S. Bento, 26, Rio.
CAMPO Soc. Ltd. (O). — Rua São José, 52, Rio.
CANDIDO de Oliveira Filho, Editor. — Rua Visconde de Caravelas, 62, Rio.
CARVALHO (Genauro). — Rua dos Gusmões, 147, S. Paulo.
CENTRO Brasileiro de Publicidade. — Av. Erasmo Braga, 12, Rio.
CONTEMPORANEA (Casa Editôra). — Rua S. Bento, 27, S. Paulo.
COSTA (Getulio). — Editôra A. B. C. — Rua Teofilo Otoni, 42, Rio.
CRUZADA da Boa Imprensa. — Caixa Postal, 3371, S. Paulo.
CULTURA do Brasil Editôra. — Rua Conselheiro Chrispiniano, 85, S. Paulo.
CULTURA (Edições). — Rua Marconi, 131, São Paulo.
CULTURA Brasileira S. A. (Edições). — Rua do Ouvidor, 183, s/412, Rio.
CULTURA MODERNA (Sociedade Editôra Ltd.). — Rua São Bento, 51, S. Paulo.
DANTAS (Joaquim). — Editor. Av. Rio Branco, 117, s/216, Rio.
DEFESA Nacional (A). — Quartel General, Praça da República, Rio.
DIVULGAÇÃO Técnica (Empresa de). — Av. Rio Branco, 117, s/309, Rio.
EDANÉE (Editôra). — Rua Libero Badaró, 492, S. Paulo.
EDÉSIO Editor. — Praça do Ferreira, 1597, Fortaleza, Ceará.
EMIEL Editôra. — Rua Alvaro Alvim, 33-37, s/602, Rio.
FOLHA de Minas (S. A.). Editôra. — Belo Horizonte, Minas Gerais.
FONTES (Narbal). —Rua Visconde de Itamarati, 86, Rio.
FORENCE Editôra (Revista). — Caixa Postal, 289, Rio.
FORTALEZA (Editôra). — Rua Major Facundo, 746, Fortaleza, Ceará.
FREIRE (Japy). — Rua Alvaro Alvim, 33-37, s/722. C. Postal, 2162, Rio.
GUAIRA Ltd. (Editôra). — Rua 15 de Novembro, 287, sob. S. Paulo. — Caixa Postal, R. Curitiba, Paraná.
GUANABARA (Cooperativa Cultural). — Rua do Ouvidor, 55, 1.º, Rio.
GUIAS do Brasil Ltd. — Rua Camerino, 82, Rio. Brasil. Rua do Rezende, 78, Rio.
INSTITUIÇÃO Cultural Krishnamurti. — Av. Rio Branco, 117, 2.º, s/ 203, Rio.
INSTITUTO Geográfico Agostini do Brasil Ltd. — Rua 7 de Setembro, 54, 1.º, Rio.
INSTITUTO de Pesquisas Técnológicas de São Paulo. — Tres Rios, 4, S. Paulo.
INTERNACIONAL (Distribuidora). — Rua do Rosario, 129, 4.º, Rio. C. Postal, 3542, Rio.
JACKSON Inc. (W. M.). — Editores. Rua Buenos Aires, 70 — Rua do Ouvidor, 140, Rio.
JOSÉ Konfino, Editor. — Rua da Assembléa, 40, 1.º, Rio.
LIVRO Vermelho dos Telefones. — Rua Evaristo da Veiga, 61, Rio.
LUMEN Christi (Edições). — Mosteiro de São Bento. Morro de São Bento, Rio.
MELODIA (A). — Rua do Ouvidor, 160, Rio — Praça Liberdade, 138, S. Paulo.
METROPOLE Editôra. — Rua Araujo Porto Alegre, 70, s/ 1106, Rio.
MOCIDADE (Editorial). — Rua 7 de Abril, 176, S. Paulo.
NACIONAL (Companhia Editôra). — Rua dos Gusmões, 118 a 140, S. Paulo. — Rua Gal. João Manuel, 207, Porto Alegre. — Rua Imperatriz, 43, Recife.
NORTE Editôra. — Largo da Lapa, 53, 2.º, s/ 5, Rio.
PANORAMA Ltda. (S. E.) — Rua Martiniano de Carvalho, 187, S. Paulo.
P. E. N. Clube do Brasil. — Praia do Flamengo, 172, Rio.
PENSAMENTO (Empresa Editôra O). — Rua Rodrigo Silva, 40, Rio.
PONZINI & Cia. (Mario). — Rua Assembléa, 309, S. Paulo.
PUBLICAÇÕES Internacionais. — Av. Rio Branco, 117, Rio.
RA-TA-PLAN (Editorial). — Trav. do Ouvidor, 27, Rio.
REVISTA Fiscal e de Legislação de Fazenda. — Rua Lavradio, 60, 1.º, Rio.
REVISTA Forence Editôra. — Av. Erasmo Braga, 12, Loja N, Rio.
RUMO Ltd. (Editôra). — Caixa Postal, 3511, São Paulo.
SÃO PAULO Editôra. — Rua Rego Freitas, 490, S. Paulo.
SCIENTIFICA (Editôra). — Spivak & Kersner Ltd., Rua 7 de Setembro, 180, Rio.
S. C. J. (Editôra). — Rua Visconde do Rio Branco, 311, Taubaté, S. Paulo.
SEMINARIO Sagr. Coração. — Taubaté, Caixa Postal, 47, Est. S. Paulo.
SITIOS e Fazendas (Revista). — Rua Xavier de Toledo, 46, S. Paulo.
SOCIOLOGIA (Revista). — Rua Martiniano de Carvalho, 460, S. Paulo.
UNIDADE (Edições). — Rua Ouvidor, 55, 1.º, s/ 4, Rio.
VOCÊ SABE (Editôra). — Rua Gen. Camara, 125, Rio.
VOZES (Editôra). — Caixa Postal, 23, Petropolis, Est. do Rio.

EDITORES-IMPRESSORES

ALBA (Oficinas Gráficas). — Rua Lavradio, 60, Rio.
AMERICANA S. A. (Cia. Editôra). — Rua Maranguape, 15, Rio.
AURORA Alemã (Empresa Editôra). — Rua Vitoria, 200, S. Paulo.
BAPTISTA (Casa Publicadora). — Rua Paulo Fernandes, 24, Rio.
BAPTISTA de Souza. — Rua Misericordia, 51, Rio.
BEDESCHI, Editor (Americo). — Rua Misericordia, 74, Rio.
GLOBO Juvenil (O). — Rua Bethencourt da Silva, 21, 1.º, Rio.
HENRIQUE Velho (Casa Editôra). — Av. Marechal Floriano, 13, Rio.
JORNAL do Brasil. — Av. Rio Branco, 110, Rio.
JORNAL do Comercio. — Av. Rio Branco, 117, Rio.
IMPERIO (Papelaria). — João Ferreira de Brito, Praça 28 de Setembro, 14, Rio Branco, Minas Gerais.

MANDARINO & Molinari Ltd. — Rua do Nuncio, 64-66, Rio.
MENDES Junior (Ests. de Artes Gráficas C.). — Rua Riachuelo, 192, Rio.
NOITE (Editôra S. A.). — Praça Mauá, 7, 3.º, Rio.
OLIMPICA Editôra (Gráfica). — Rua Miguel Couto, 92, Rio.
OLIVEIRA & Cia. (J. R. de). — Papelaria Rio Branco. Rua São José, 42, Rio.
ORION Ltda. (Editorial Gráfica). — Rua Assembléa, 19, Rio.
PONGETTI (Irmãos). — Impressores-Editores. Av. Mem de Sá, 78, Rio.
REVISTA dos Tribunais (Oficinas Gráficas). — Rua Conde Sarzedas, 38, S. Paulo.
SUPLEMENTOS Nacionais Ltd. (Grande Consorcio). — Rua Sacadura Cabral, 43, Rio.
VECCHI Ltd. (Casa Editôra). — Rua do Rezende, 144, Rio.
VELHO (Papelaria). — Ver Henrique Velho.

EDITORES-LIVREIROS

ALVES (Livraria Francisco). — Paulo de Azevedo & Cia. — Rua do Ouvidor, 166, Rio. — Rua da Bahia, 1052, Belo Horizonte. — Rua Libero Badaró, 49-A, S. Paulo.
ANTUNES (Livraria H.). — J. O. Antunes & Cia., Rua Buenos Aires, 133, Rio.
ATENEU (Livraria). — José Bernardes. Rua Senador Dantas, 58, Rio.
BAHIANA (Livraria Editôra). — Rua Conselheiro Dantas, 23, Bahia.
BOA Imprensa (Livraria). — Wiltgen & Cia., Rua da Assembléa, 35, Rio.
BOA Leitura Ltd. (Livraria). — Rua José Bonifacio, 187, S. Paulo.
BOFFONI (Vicente). — Livraria. Rua Chile, 1, Rio.
BRAZ Lauria (Livraria Editôra). — Rua Gonçalves Dias, 78, Rio.
BRIGUIET & Cia. (F.). — Livraria Briguiet-Garnier. Rua do Ouvidor, 109, Rio.
CARLOS Pereira Editôra (Livraria). — C. Wright & Cia. Ltd. — Rua Conselheiro Crispiniano, 129, S. Paulo.
CASA do Livro Ltda. (A). — Rua Assembléa, 35, Rio.
CENTRAL (Livraria). — Rua Buenos Aires, 156, Rio.
CIVILIZAÇÃO Brasileira S. A. (Livraria). — Rua Ouvidor, 94, Rio. — Rua 15 de Novembro, 144, S. Paulo.
COELHO Branco Fº., Editor (A.). — Rua da Quitanda, 9, Rio.
COLOMBO (Editôra Livraria). — Rua Imperatriz, 254, Recife.
EDUCADORA (Livraria). — Rua S. José, 17, Rio.
ENCICLOPEDICA Internacional (Livraria). — Rua Rosario, 149, 1.º, Rio.
ESCOLAR (Livraria Editôra). — Rua São José, 47, Rio.
FEDERAÇÃO Espirita Brasileira (Livraria Editôra da). — Av. Passos, 30, Rio.
FEIRA de Livros. — Editôra. Hugo Scalabrino. Rua Halfeld, 446, Juiz de Fóra.
FRANCO-Brasileira Ltd. (Livraria Geral). — Rua Ouvidor, 189, 1.º, Rio.
FREITAS Bastos & Cia. (Livraria Editôra). — Rua Bethencourt da Silva, 21-A, 13 de Maio, 74-76. — Rua 15 de Novembro, 62-66, S. Paulo.
GLOBO (Livraria do). — Barcellos, Bertaso & Cia. Rua dos Andradas, 1416, Porto Alegre. — Rua 13 de Maio, 44, Rio.
GUANABARA (Editôra). — Waissman, Koogan Ltd. — Rua do Ouvidor, 132, Rio.
GUIGNONE (Livraria). — Rua 15 de Novembro, 423-427, Curitiba, Paraná.
IMPERIAL (Livraria). — Rua São José, 61, Rio.
JACINTHO Ribeiro dos Santos. — Livraria Jacintho Editôra. Rua São José, 59, Rio.
JOSÉ Olympio Editôra (Livraria). — Rua 1.º de Março, 13. Rua Ouvidor, 110, Rio.
JOSEPHSON (L. A.). — Editor. Av. Rio Branco, 173, 1.º, Rio.
KOSMOS (Livraria). — Erich Eichner & Cia. — Rua Rosario, 137, Rio.
LABOR do Brasil S. A. (Editorial). — Rua Buenos Aires, 104, Rio.
LEITE (Livraria J.). — Rua São José, 80, Rio.
LIVRO Novo (Ao). — Dinah Silva. Rua Barão de Cotegipe, 42, Campos, E. do Rio.
LUSITANIA (Livraria). — Rua Riachuelo, 18, S. Paulo.
MARTINS (Livraria). — Editôra. Rua 15 de Novembro, 135, S. Paulo.
MELHORAMENTOS de São Paulo (Companhia). — Weiszflog Irmãos Inc. — Rua Libero Badaró, 461, S. Paulo. — Rua Gonçalves Dias, 9, Rio.
MINEIRA (Livraria). — Rua Tiradentes, 11, Ouro Preto, Minas Gerais.
MINERVA (Editôra). — Oscar Mano & Cia. Rua da Alfandega, 72, Rio.
MINHA Livraria, Editôra. — Rua Pedro 1.º, 2, Rio.
MOURA (Livraria). — Ver Pongetti. Rua Ouvidor, 145, Rio.
ODEON (Livraria Editôra). — Rua Quintino Bocayuva, 37, S. Paulo.
ODEON Editôra (Livraria). — F. Soria & Cia., Av. Rio Branco, 157, Rio.
OSCAR Mano & Cia. — (Ver Editôra Minerva).
PAULICÉA (Livraria Editôra). — Rua Duque de Caxias, 121, S. Paulo.
PIMENTA de Mello & Cia. — Livraria, Papelaria e Lito-tipografia. Trav. do Ouvidor, 34, Rio.
PONGETTI (Livraria). — Flores, Pongetti & Cia. Ltda. Rua Ouvidor, 145, Rio.
QUARESMA Editôra (Livraria). — Rua São José, 71-73, Rio.
RAMALHO Editôra (Casa). — Maceió, Alagôas.
RAMIRO Costa & Cia. — Rua 1.º de Março, 12-24, Recife.
RODOLFO & Pereira. — Livraria Universal, Av. Rio Branco, 50 a 58, Recife.
SALESIANA Editôra (Livraria). — Largo Coração de Jesús, S. Paulo.
SANTA-CRUZ (Livraria). — Rua Benjamin Constant, 142, Rio.
SARAIVA & Cia. — Livraria Academica. Largo do Ouvidor, 15, S. Paulo.
SELBACH (Livraria). — Selbach & Cia. Rua Marechal Floriano, 10, Porto Alegre.
TEIXEIRA (Livraria). — Vieira Pontes & Cia. Rua Libero Badaró, 491, S. Paulo.
VALVERDE (Zelio). — Livreiro-Editor. Trav. do Ouvidor, 27, Rio.
VICTOR Editôra (Livraria). — Praça Floriano, 5, Rio.

LIVRARIAS

ACADEMICA (Livraria). — Rua São José, 68, Rio.
ALEMÃ (Livraria). — Rua da Alfandega, 69, Rio.
ANCHIETA (Livraria). — Praça 15 de Novembro, 101, Rio.
AUGUSTO Leite (Livraria). — Rua da Constituição, 14, Rio.
BRASIL (Livraria). — Rua Benjamin Constant, 123, S. Paulo.
CRASHLEY & CO. — Rua Ouvidor, 58, Rio.
FREITAS Barros & Cia. Ltda. — Rua 15 de Novembro, 135, S. Paulo.
HESPANHOLA (Livraria). — Rua 13 de Maio, 17, Rio.
IDEAL (Livraria). — Rua São José, 66, Rio.
LIBERDADE (Livraria). — Rua Liberdade, 659, S. Paulo.
PARA TODOS (Livraria). — Rua do Carmo, 8, Rio.
PRINCIPAL Ltd. (Livraria). — Rua São José, 48, Rio.
SÃO JOSÉ (Livraria). — Rua São José, 48, Rio.
SOCIEDADE Livros Ltd. — Livraria Moderna. Rua Duque de Caxias, 223, Recife.

Os algarismos que acompanham cada obra indicam 1.º o formato (16/24); 2.º o numero de páginas (32 p.); 3.º o preço (12$.); 4.º o mês e o ano aparecimento (4/39) e (1938-4/39).
As abreviações significam: bibl., Bibliotéca — br., brochado — cart., cartonado — col., coleção — des., desenhos — dir., direção, diretor, diretores — ed., edição, editor, editora, editores — enc., encadernado — figs., figuras — il., ilustrado, ilustrações, ilustradores — pref., prefacio — rev., revista, revisão, revisto — t., tomo — trad., tradução, tradutor, traduzido — vol., volume.

UM POUCO DE ESTATISTICA...

	CLASSIFICAÇÃO	Publicações novas Autóctones	Reedições Autóctones	Publicações novas Traduções	Reedições Traduções	TOTAES 1940	TOTAES 1939
0)	Generalidades	35	4			39	55
1)	Filosofia	9	10	10	8	37	36
2)	Religiões	31	7	23	8	69	65
3)	Direito. Ciências sociais e políticas	233	40	24	5	302	287
3—6)	Exército-Marinha-Aeronautica	24	6	4		34	42
4—8.A)	Letras. Filologia	53	84			137	121
4—8.B.1)	Literatura. Generalidades	66	7	9		82	[illegible]
4—8.B.2)	Textos de estudos	12	1	3		16	[illegible]
4—8.B.3)	Poesia	48	10	1		59	66
4—8.B.4)	Teatro	5		1		9	16
4—8.B.5)	Romances. Novelas. Lendas	41	30	99	48	218	169
4—8.B.6)	Contos	16	6	1		23	21
4—8.B.7)	Eloquência			1	1	2	3
4—8.B.8)	Obras para crianças	38	17	22	4	79	92
5)	Ciências matemáticas, físicas e naturais	36	46	7	3	92	72
6)	Ciências aplicadas	64	26	1	1	92	75
6)	Ciências aplicadas: Medicina	96	20	31	10	157	167
7)	Belas-artes. Esporte. Jógos. Divertimentos	15	3	1		19	29
9)	História e Geografia	117	42	42	11	212	227
	Total geral	940	359	280	99	1.678	1.61[illegible]

COMPANHIA USINAS NACIONAES
— ASSUCAR PEROLA —
RUA CORONEL PEDRO ALVES, 319
Telefone: (rêde) 43-4830
DEPOSITO:
RUA PHAROUX, 6 — Tel.: 42-1503

COMPANHIA USINAS NACIONAES
— ASSUCAR PEROLA —
RUA CORONEL PEDRO ALVES, 319
Telefone: (rêde) 43-4830
DEPOSITO:
RUA PHAROUX, 6 — Tel.: 42-1503

ALFAIATARIAS

CASA GARCIA LTDA. Avenida Rio Branco, 93 a 97. Tel. 23-3302. Alfaiataria e Chapelaria, Roupas Brancas, Artigos de Viagem, Novidades. Importação direta.

CIA. DE ANILINAS E PRODUTOS QUIMICOS DO BRASIL
RUA DA ALFANDEGA, 100/102
— Telefone: 23-1640 —
C. Postal 194 - End. Telegr.: "ANILINA"
Produtos Quimicos e Anilinas para Fabricas de Tecidos, Cortumes e outras Industrias

ANILINAS E ALIZARINAS

ALIANÇA COMERCIAL DE ANILINAS LTDA. Escr. 81, Av. A. Barroso. Tl. 42-4070
ALIANÇA COMERCIAL DE ANILINAS LTDA. Fábr. 212, Praia S. Cristovão. Tel. 28-7741
ARAUJO & C. MAURILIO. 76, Candelaria. Tl. 23-2314
ATLANTIS BRAZIL LTD. 91, Candelaria. Tl. 43-2188
BELLANDI & CIA. LTDA. 210, S. Pedro. Tl. 43-4009
COELHO JUNIOR, JOSÉ. 280, Rua S. Pedro. Tl. 43-5280
DINACO LTDA. 9, Av. R. Branco. Tel. 43-1856
E. WOLFF. 290, R. General Camara. Tel. 43-7915
ENIA. 87, M. Couto. Tel. 23-5676
FRANCOLOR LTDA. CORANTES E PRODUTOS QUIMICOS. Depósito 20, J. Alvares. Tel. 43-5495
GEIGY DO BRASIL S. A. 123/5, Rua do Costa. Tel. 43-6994
HAMERS M. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-0694
HUMITZSCH & C. LTDA. GUILHERME. Depósito, 1326, C. Bonfim. Tel. 38-6040
IND. QUIM. BRAS. DUPERIAL S. A. 169, Av. Venezuela. Tel. 43-3243
KLINGLER & C. 16, C. Saraiva. Tel. 23-5516
MASPERO CESAR. 210, S. Pedro. Tel. 43-4009
MEYER ARTUR. 27, Av. Passos. Tel. 22-7282
MOREIRA ANTONIO. 1768, F. Eugenio. Tel. 28-9732
NAEGELI & C. LTDA. 131, M. Sousa. Tel. 28-4757
PINHO & C. A. PROD. QUIM. 160, M. Couto. Tel. 43-3680
SOCIED. IND. E COMM. SCHMUZIGER LTDA. 78, Candelaria. Tel. 23-3861

ANILINAS E PRODUTOS QUIMICOS

ALIANÇA COMERCIAL DE ANILINAS LTDA. 81, Almirante Barroso. Tél. 42-4070
CASA LUIK. 89, T. Otoni. Tel. 23-6158
COMP. DE ANILINAS E PRODUTOS QUIMICOS DO BRASIL. 100/102-1.º, Alfandega. Tel. 23-1640
FRANCOLOR LTDA. CORANTES E PRODUTOS QUIMICOS. 185-3.º, Quitanda. Tels. 43-7634 e 43-7635
MAURICIO HOCHSCHILD & CIA. LTDA. PRODUTOS QUIMICOS. 69/77-5.º S. 17/18, Av. Rio Branco. Tel. 43-5141
GEIGY DO BRASIL S. A. 123/5, Costa. Tel. 43-6994
HUMITZSCH & C. LTDA. GUILHERME. Escr. 21, R. T. Otoni. Tel. 43-0905
PRODUTOS QUIMICOS CIBA S. A. 130, Camerino. Tel. 43-1278
SANT'ANA SOUZA & C. 196, A. Cavalcanti. Tel. 48-4787
SOCIED FORNECEDORA MATERIAS PRIMAS PARA INDUSTRIAS LTDA. 23, S. Pedro. Tel. 23-2975
SOMAPI LTDA. 23, R. S. Pedro. Tel. 22-2975

APARELHOS ELETRICOS

MESBLA S. A. 48/56, Rua Passeio. Tel. 22-7720

MESBLA S.A.
(Antiga S. A. B. E. MESTRE e BLATGÉ)
Rua do Passeio, 48/56
Tel.: 22-7720

ARMARINHO E FAZENDAS

A VANTAJOSA 577, Av. Copacabana. Tel. 27-2321
ABDALLA CHEHADE. 392, Laranjeiras. Tel. 25-0374
ABID MIGUEL. 46, Misericordia. Tel. 42-2483
ABREU BASTOS & C. LTDA. 302, G. Camara. Tel. 43-5799
AGE MIGUEL. 4, M. Niemeyer. Tel. 26-2757
AGUIAR AGRIPPINO. 57, Av. Passos. Tel. 22-9644
A. AGUIAR ROCHA. 158, S. Januario. Tel. 28-1486
ALE & C. ELIAS. 369, Alfandega. Tel. 43-6618
ALEXANDRE GELBERGER, 299, G. Camara. Tel. 43-3294
AGUIAR ROCHA A. 158, S. Januario. Tel. 48-1468
AIEX & C. ELIAS. 369, Alfandega. Tel. 43-6618
ALFREDO NAHID & C. 115, Uruguaiana. Tel. 23-2645
ALLEN SALOMÃO. 180, Catete. Tel. 25-4498
ALVAREZ JOSÉ. 24-A, C. Brandão. Tel. 28-4911
AMIN JOÃO NICOLAU. 2798, Av. Suburbana. Tel. 29-2042
AMIUNI JORGE. 110, Av. T. Souza. Tel. 43-2691
ANDRÉ N. 318, Alfandega. Tel. 43-0679
APELIAN KURCHOD. 10, Tv. S. Domingos. Tel. 43-6924
ARMARINHO A BOA ESPERANÇA. 47-A E. Dentro. Tel. 29-2190
ARMARINHO ALLIANÇA. 432, Laranjeiras. Tel. 25-6230
ARMARINHO HUMAYTÁ. 102, Humaytá. Tel. 26-2079
ARMARINHO LEME. 60-A, Av. P. Isabel. Tel. 27-9101

Alfaiataria do Povo e Torre de Belém
A. PINTO VAZ & CIA.
Alfaiataria, roupas feitas e sob medida
Rua Gonçalves Dias, 1 e 3; Rua Uruguayana, 2 e 4 e Largo da Carioca, 24.
Telefone: 22-8622 — Rio de Janeiro

COSTA GUIMARÃES & CIA.
Armarinho e Objétos de Fantazia
RUA TEOFILO OTONI, 115 e 117
Telefone: 43-1465
End. Telegrafico: "COSTAGUIM"

ARMARINHO LOMZA. 263, S. Cristovão. Tel. 2-2468
ARMARINHO S. JOÃO BATISTA. 258, V. Patria. Tel. 26-6124
ARMAZENS BRASIL. 589, Av. Copacabana. Tel. 27-7220
ARMAZENS ESTACIO DE SA. 166, E. Sá. Tel. 22-3086
ARRA JORGE ABDALLA. 42; Pç. C. P. Frontin. Tel. 28-5266
ASCANDAR & IRMÃOS ANIS. 9, P. Guimarães. Tel. 26-5847
ASCANDAR & IRMÃOS ANIS. 645-B B. Ribeiro. Tel. 47-1310
ASTORI G. 141, 1.° Março. Tel. 23-6144
ATALLA S. N. 331, Bela. Tel. 48-8511
ATTA & IRMÃO EMILIO. Armarinho e escovas de dentes. 290, Alfandega. Tel. 43-4466
ATTIE & MENDES J. 332, G. Camara. Tel. 23-6347
BADOUY MIGUEL R. 343, G. Camara. Tel. 43-3418
BAHADIAN AZIZ. 355, Alfandega. Tel. 43-0698
A BARATEIRA. 71, Av. Passos. Tel. 43-3188
BARBOSA & C. F. L. 11. 13 de Maio. Tel. 22-4177
A BARONEZA. 25, B. Domingos. CAMPO GRANDE, 6.
BASSOUT ALFREDO. 124, S. Passos. Tel. 43-5131
O BATUTA. 76, Pça. Nações. Tel. 30-3493
BAZAR ESTORIL. 4, Pharoux. Tel. 42-5062
BAZAR STO. ANTONIO. 317-B Uruguai. Tel. 38-2590
BEHAR & IRMÃO JACQUES. 61, S. J. Batista. Tel. 26-2135
BETTENCOURT & C. A. 69, Quitanda. Tel. 23-4757
BEZERRA DOS SANTOS & C. 219, S. Pedro. Tel. 43-6742
BOGÓSSIAN & FILHO DAVID. 374, Alfandega. Tel. 43-5106
BOGOSSIAN J. 245, Alfandega. Tel. 43-0619
BOGOSSIAN SAMI. 388, Alfandega. Tel. 43-6300
BORGES & C. ADOLPHO. 311, Fr. Caneca. Tel. 42-5940
BORJA F. 286, S. Passos. Tel 43-2921
BOUERI & C. J. 372, Alfandega. Tel. 43-4117
BRANCA DE NEVE, meias e papelaria. 19-A S. L. Gonzaga. Tel. 38-9842
BRANCA DE NEVE, armarinho e novidades. 42-A, S. L. Gonzaga. Tel. 28-8942
BRITO LTDA. MANOEL FRANCISCO. 87, Alfandega. Tel. 23-4505
CABRAL JOSE C. 195, D. Romana. Tel. 29-0106
CAETANO & C. J. 94, Estr. M. Rangel. Tel. 29-9106
CAJADO DE OURO. 30, S. Clemente. Tel. 26-1187
CALDAS & PACHECO J. 461, N. Gouveia. Tel. 29-8109
CALIL & C. ASSAD. 91, Av. M. Floriano. Tel. 43-6568
CAMISARIA RENASCENÇA. 58, Av. Passos. Tel. 43-3046
CAMPOS & C. RAPHAEL. 18, C. Meyer. Tel. 29-1530
CARDOSO & ARAUJO. 998, Av. Copacabana. Tel. 47-2262
CARDOSO JOAQUIM GOMES. 97, R. 7 Set. Tel. 22-3788
CASA A' FAMA. 43, C. Agostinho. CAMPO GRANDE. Tel. 427
CASA ALBERTO. 468, S. F. Xavier. Tel. 48-1045
CASA ALBERTO. 274, V. Pirajá. Tel. 27-1300
CASA ALCYON. 37, R. 20 Abril. Tel. 43-1664
CASA ALEXANDRE. 386, H. Lobo. Tel. 28-1710
CASA ALMIR. 7, E. de Dentro Tel. 29-5103
CASAS AMARAL. 38, Pç. Encantado. Tel. 29-5778
CASA AMARELLA. 283, S. Cabral. Tel. 43-6753
CASA ANGELUS. 608-A, V. Pirajá. Tel. 47-2201
CASA ANKARA. 202, Riachuelo. Tel. 22-8158
CASA ARAUJO. 5, Teatro. Tel. 22-4776
CASA CENTRAL DO BRASIL. 233 Pç. Republica. Tel. 43-1917
CASA CHIC. 31, C. Morais. Tel. 30-1050
CASA DO COMPADRE. 73, E. B. Morte. Tel. 28-2541
CASA COTIA. 95/7, Av. Passos. Tel. 43-1059
CASA DINORAH. 234, Estr. Sta. Cruz. BANGÚ. Tel. 660
CASA DOIS IRMÃOS. 183, R. GGrandeza. Tel. 26-2092
CASA DULCE. 69, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8151
CASA DAS FAZENDAS. 371-A, Av. 28 Set. Tel. 28-0958
CASA FLAMENGO. 355, Catete. Tel. 25-2271
CASA FLUMINENSE. 22, M. Abrantes. Tel. 25-3075
CASA FROTA. 61, S. Campos. Tel. 27-4519
CASA GABRIEL. 30, S. Campos. Tel. 27-1863
CASA GABY. 176, Ouvidor. Tel. 22-9065
CASA GONCALVES, armar bord e plissés. 165, R. 7 Setembro Tel. 22-3958
CASA GONÇALVES. 326, C. Sousa. Tel. 29-9012
CASA GUANABARA. 35, A. Quintela. Tel. 26-1572
CASA GUIOMAR. 100, E. Sá. Tel. 22-2883
CASA HAIDAR. 710, J. Botanico. Tel. 26-4412
CASA IMPERIAL. 2-A, P. Valadares. Tel. 28-6277
CASA IMPERIO. 115, Uruguaiana. Tel. 23-2645
CASA INDIO. 4, G. Polidoro. Tel. 26-2936
CASA IPÊ. 992, A. Neri. Tel. 48-1377
CASA ISA. 1063-A, Uranos. Tel. 30-3260
CASA IVETTE. 148-A, Av. 7 Setem. Tel. 48-5478
CASA JAKOB. 107, V. Itaúna. Tel. 43-3543
CASA JARDIM. 197, J. Botanico. Tel. 26-0650
CASA JAYMESON. 21, C. Meyer Tel. 29-6605
CASA JOSÉ DE CASTRO, alfaiate. 42, Pç. 15 Novembro. Tel 23-2309
CASA LIBANO. 27, Uruguaiana Tel. 22-9428
CASA LOBO. 53, M. Pena. Tel. 48-4980
CASA LUCIA. 45-A X. Silveira. Tel. 47-1602
CASA MACHADO. 45, G. Dias. Tel. 22-3548
CASA MME. FARIA. 102-B V. Pirajá. Tel. 27-0970
CASA MME FARIA. 102-B, V. Pirajá. Tel. 27-8899
CASA MARIO. 224-B, Invalidos. Tel. 42-8581
CASA MARISTELLA. 762, B. Mesquita. Tel. 38-3002
CASA MARITIMA. 161, 1.° de Março. Tel. 43-4050
CASA MARTINS. 306-A Av. A. Paiva. Tel. 47-2529
CASA MISCELANEA LTDA. 15, Pra. Zumbi. GOVERNADOR. Tel. 515
CASA MARELO. 412, L. Rego. Tel. 30-1204
CASA MATHIAS. 101/3, Av. Passos. Tel. 43-5426
CASA MATHIAS. 101/3, Av. Passos. Tel. 43-4521
CASA MEIRA. 123, G. Polidoro Tel. 26-4515
CASA DE MIL ARTIGOS. 263, G. Camara. Tel. 43-6707
CASA MINEIRA. 13, Prç. 3 de Maio. CAMPO GRANDE. 252
CASA MIZRAHI. 259, V. Pirajá. Tel. 47-0393
CASA DAS MOÇAS. 10-B, A. Cochrane. Tel. 28-2688
CASA MOREIRA. 823, R. Mesquita. Tel. 38-4787
CASA MORENINHA. 73, Catete. Tel. 25-6905
CASA NAIDIR. 153, Quitanda. Tel. 30-3088
CASA NELIA. 366-B, Laranjeiras. Tel. 25-1194
CASA NENA. 3075, B. Mesquita. Tel. 38-1621
CASA NOBRE. 34, R. Ortigão. Tel. 42-1464
CASA N. S. APPARECIDA. 51, Bambina. Tel. 26-2695
CASA N. S. DA PAZ. 612-B, V. Pirajá. Tel. 47-2401
CASA NOVE IRMÃOS. 76, Prç. Republica. Tel. 23-1544
CASA DAS NOVIDADES. 108-D, J. Angélica. Tel. 47-3144
CASA ORIENTAL. 1130-B, Av. Copacabana. Tel. 27-2457
CASA PARIS. 1383, 24 de Maio Tel. 29-0570
CASA PIRAJÁ. 332-A, V. Pirajá. Tel. 27-5495
CASA POMPADOUR. 22, R. Ortigão. Tel. 22-9241

CASA IVETTE. 148-A, Av. 28 Setem. Tel. 48-5478
CASA JAKOB. 107, V. Itaúna. Tel. 43-3543
CASA JARDIM. 197, J. Botanico. Tel. 26-0450
CASA JAYMESON. 21, C. Meyer. Tel. 29-6605
CASA JOSÉ DE CASTRO, alfaiate. 42, Pç. 15 Novembro. Tel 23-2309
CASA LIBANO. 27, Uruguaiana. Tel. 22-9428
CASA LOBO. 53, M. Pena. Tel. 48-4980
CASA LUCIA. 45-A X. Silveira. Tel. 47-1602
CASA MACHADO. 45, G. Dias. Tel. 22-3548
CASA MME. FARIA. 102-B V. Pirajá. Tel. 27-0970
CASA MME FARIA. 102-B V. Pirajá. Tel. 27-8899
CASA MARIO. 224-B, Invalidos. Tel. 42-8581
CASA MARISTELLA. 762, B. Mesquita. Tel. 38-3602
CASA MARITIMA. 161, 1.º de Março. Tel. 43-4050
CASA MARTINS. 306-A Av. A. Paiva. Tel. 47-2529
CASA MISCELANEA LTDA. 18 Pra. Zumbi. GOVERNADOR Tel. 515
CASA MARELO. 412, L. Rego. Tel 30-1204
CASA MATHIAS. 101/3, Av. Passos. Tel. 43-5426
CASA MATHIAS. 101/3, Av. Passos. Tel. 43-4521
CASA MEIRA. 133, G. Polidoro. Tel. 26-4515
CASA DE MIL ARTIGOS. 285 G. Camara. Tel. 43-6707
CASA MINEIRA. 13, Prç. 3 de Maio. CAMPO GRANDE. 252
CASA MIZRAHI. 259, V. Pirajá. Tel. 47-0393
CASA DAS MOÇAS. 10-B, A. Cochrane. Tel. 28-2688
CASA MOREIRA. 833, B. Mesquita. Tel. 38-4787
CASA MORENINHA. 73, Catete. Tel. 25-6905
CASA NAIDIR. 153, Quitanda. Tel. 30-3038
CASA NELIA. 366-B, Laranjeiras. Tel. 25-1194
CASA NENA. 3075, B. Mesquita. Tel. 38-1621
CASA NOBRE. 34, R. Ortigão. Tel. 42-1464
CASA N. S. APPARECIDA. 55 Bambina. Tel. 26-2695
CASA N. S. DA PAZ. 612-B, V. Pirajá. Tel. 47-2401
CASA NOVE IRMÃOS. 76, Prç. Republica. Tel. 23-1544
CASA DAS NOVIDADES. 108-D J. Angélica. Tel. 47-3144
CASA ORIENTAL. 1130-B, Av. Copacabana. Tel. 27-2457
CASA PARIS. 1383, 24 de Maio. Tel. 29-0570
CASA PIRAJÁ. 332-A, V. Pirajá. Tel. 27-5495
CASA POMPADOUR. 22, R. Ortigão. Tel. 22-9241

CASA POMPADOUR. 22, R. Ortigão. Tel. 22-4228
CASA POMPADOUR. 22, R. Ortigão. Tel. 22-3498
CASA RACHEL. 70-A, Sta. Clara. Tel. 27-7304
CASA RAMOS. 135, Passagem. Tel. 26-1872
CASA RAUL. 412, Av. 28 de Setem. Tel. 38-5733
CASA DAS RENDAS. 9, D. Cruz. Tel. 29-0528
CASA DAS RENDAS DO NORTE. 69, Av. Passos Tl. 23-6046
CASA REZENDE. 105, R. 7 de Setem. Tel. 22-1121
CASA ROCAMBOLE. 94, S. Pompeu. Tel. 43-3601
CASA ROLAS. 75, S. Dantas. Tel. 22-3344
CASA ROSINHA. 171, J. Bonifacio. Tel. 29-0875
CASA ROY. 950, Av. Copacabana. Tel. 27-366
CASA SABIÁ. 2-A, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8927
CASA SALATHÉ S. A. 314, B. Alves. Tel. 43-1180
CASA SALEK. 178, S. Euzebio. Tel. 43-3249
CASA SALVADOR. 367, V. Pátria. Tel. 26-0866
CASA SAMUEL. 162-A Riachuelo. Tel. 22-8071
CASA STA. CLARA. 697, Av. Copacabana. Tel. 27-0519
CASA STA. HELENA. 306, A. Cordeiro. Tel. 29-0435
CASA STA. TEREZINHA. 93-A, M. e Barros. Tel. 28-0688
CASA S. JORGE. 32, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8946
CASA S. SEBASTIÃO. 695, Paranhos. Tel. 30-3062
CASA SARAIVA. 229, 7 Setem. Tel. 22-0997
CASA SEM NOME. 2, Prç. B. Drummond. Tel. 38-6255
CASA SILV. 56, Uruguaiana. Te. 22-4732
CASA SILVA. 422-A, V. da Patria. Tel. 26-5286
CASA SIMON. 522, B. Ribeiro. Tel. 27-6370
CASA SUCENA. 76/86, Av. R. Branco. Tel. 43-0604
CASA SUCENA. escr. 76/86, Av. R. Branco. Tel. 43-0231
CASA TEODORA. 406, S. F. Xavier. Tel. 48-5033
CASA TEREZINHA DO MENINO JESUS. 41, T. Melo. Tel. 27-1843
CASA TIGRE. 354, F. Melo. Tel. 48-8861
CASA DOS TRES B. 212, Catete. Tel. 25-5742
CASA TRINDADE. 300/2, Av. 28 Setem. Tel. 38-3725
CASA TURUNA. 93, Av. Passos. Tel. 43-4288
CASA URCA. 156-A, M. Cantuaria. Tel. 26-4814
CASA VITORIA. 2814, Av. Suburbana. Tel. 29-8807
CASA VIEIRA. 196, Av. 28 Setembro. Tel. 48-5862
CASA ZIDAN. 44, Prç. C. P. Frontin. Tel. 28-2489
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 10/12, Prç. Tiradentes. Tel. 22-7323
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. Lg. S. Francisco. Tel. 22-1298
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 123/5, Ouvidor. Tel. 22-7006
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 13, C. Meyer. Tel. 29-3389
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 118, Av. M. Floriano. Tel. 43-4850
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 1029, Uranos. Tl. 30-1899
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 110, S. Passos. Tel. 43-1067
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 1-A, Praça Bandeira. Tel. 28-8299
CASAS PIMENTA. 180-A, Av. A. Navarro. Tel. 30-1230
CASAS PIMENTA. 10-A, Romeiros. Tel. 30-3016
CASTRO JORGE S. 92, G. Camara. Tel. 43-6227
CHEADE VITORIA. 105, Av. T. Sousa. Tel. 43-9824
CHEDID FARES. 317, Alfandega. Tel. 43-3648
CHEK KALED NAGIB. 288, S. Passos. Tel. 43-1015
CHERMAN & FILHO. 296, Alfandega. Tel. 43-4456
CHERMAN & FILHO. 120, Av. T. Sousa. Tel. 43-2404
CHUCRI SALOMÃO. 364, Alfandega. Tel. 43-5705
CHWAICER ARTUR. 272, Alfandega. Tel. 43-0107
CIDADE BOTAFOGO. 40, S. Clemente. Tel. 26-0922
CIDADE MARAVILHOSA. 14, L. Camões. Tel. 22-6593
CIDADE DO MEYER A. 13, D. Cruz. Tel. 29-2409
CITANIA A. 1054, Uranos. Tel. 30-1892
CLARE EDGARD M. 218, S. Pedro. Tel. 43-3422
CAHEN DAVID. 46, T. Melo. Tel. 47-1901
COMERCIAL DE ARMARINHO LTDA. A. 371, Alfandega. Tel. 43-4776
COSSARD L. 97, G. Camara. Tel. 23-3125
COSTA AGUIAR & C. 314, A. Cordeiro. Tel. 29-0663
COSTA FONSECA JOÃO. 45, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8024
COSTA GUIMARÃES & C. 115, T. Otoni. Tel. 43-1465
COSTA PACHECO & C. encaix. 69/71, 7 Set. Tel. 23-3586
COSTA PACHECO & C. gen. Sr. Nestor. 69/71, 7 Setemb. Tel. 23-3661
COSTA PACHECO & C. 69/71, 7 Set. Tel. 23-4965
COSTA PEREIRA & C. LTDA. 53/5, Quitanda. Tel. 23-5248
CRISTO REDENTOR. 2, J. Botanico. Tel. 26-4251
DAGUER JORGE. 244, Alfandega. Tel. 23-1123
DAVID LEVY. 64, Quitanda. Tel. 23-1220
DAYE' A. 210, S. Passos. Tel. 43-5658
DERZIE C. 794, B. B. Retiro. Tel. 38-6822
DIUANA ELIAS. 144, Av. T. Sousaa. Tel. 43-5440
DOIS ELIAS AOS. 154, V. Patria. Tel. 26-9533
DONNICI CAMILLA GENTIL. 309, Lobo Jr. Tel. 30-3652
ELEGANTE A 68, Lapa. Tel. 22-1223
ELITE DA TIJUCA. 83, C. Bonfim. Tel. 28-6257
ESPERIDIÃO & FILHO. 22, Misericordia. Tel. 42-0829
ESTRELA ORIENTAL. 306, Av. 28 Setemb. Tel. 38-2177
FACEIRA A 12, Catumbi. Tel. 22-6608
FALLAH GEORGES. 250-A, Av. Suburbana. Tel. 29-8715
FAYAD ABDO. 356, Alfandega. Tel. 23-4562
FAYAD PHILIPPE. 44, A. Quintela. Tel. 26-2993
FEIRA DE RETALHOS. 2, Beco Rosario. Tel. 42-7045
FERNANDES DIAS J. 25, Lobo Jr. Tel. 30-3646
FERNANDES JOÃO, dep. 1433, Uranos. Tel. 30-1401
FLOR DO EGYPTO. 8, G. Polidoro. Tel. 26-6632
FLOR LIBANEZA A 10, Passagem. Tel. 26-4278
FLOR DE MAIO A 778, B. Mesquita. Tel. 38-3558
FLOR SUBURBANA. 2521-A, Av. Suburbana. Tel. 29-3992
FORMOSA A 126, E. Sá. Tel. 22-1766
FORTE DO VIADUTO. 12, S. Cristovão. Tel. 28-2032
FRANCISCO & C. 276, Alfandega. Tel. 43-4522
FRANCISCO DE CARVALHO. 31, C. Morais. Tel. 30-1050
GALINDO & C. LTDA. 152, T. Otoni. Tel. 43-5734
GANDELMAN JOÃO. 365, Alfandega. Tel. 43-3539
GAROTA A 134, E. Sá. Tel. 22-3193
GAVI RACHID. 303, Alfandega. Tel. 43-3494
GELBERGER ALEXANDRE. 299, G. Camara. Tel. 43-3294
GOMES JOÃO PEREIRA. 10, C. Saraiva. Tel. 23-4141
GUIMARÃES & IRMÃO A. 193, Alfandega. Tel. 43-0353
HABIB IRMÃOS. 336, Alfandega. Tel. 43-5746
HABIB MIGUEL G. 361, Alfandega. Tel. 43-1573
HABIB SABA ESPERIDIÃO. 19, Prç. S. Peña. Tel. 48-2195
HACHIYA IRMÃOS & CIA. 85, T. Otoni. Tel. 43-2850
HADDAD A. 240, C. Bonfim. Tel. 28-1374
HADDAD GEBRAN. 203, M. e Barros. Tel. 28-6029
HADDAD & IRMÃO N. 275, Alfandegaa. Tel. 43-4253
HADJES DAVID. 7, Av. Gomes Freire. Tel. 22-9711
HANNA & IRMÃO SALIM. 320, Alfandega. Tel. 43-1777
HENRIQES M. 7, Laranjeiras. Tel. 25-1840
INVEJADA A 218, S. Pompeu. Tel. 43-1999
JAMAL A. C. 251-A, S. Passos. Tel. 43-4531
JARON & C. J. 109, Alfandega. Tel. 23-2874
JASMIN & IRMÃO. 359, Alfandega. Tel. 43-2582
KALUCA & IRMÃO. 367, Alfandega. Tel. 43-6505
KOUBLE FRANCIS YOUSSET. 214-B, S. Campos. Tel. 26-9590
KOURY A. A. 74, Prç. Republica. Tel. 43-5253
KRAMER R. H. 1062, Uranos. Tel. 30-1639
LAUAND JORGE. 363, Alfandega. Tel. 23-4363
LIBERDADE A 117/9, Catumby. Tel. 22-4448
LIFCHITZ JAIME. 1377, Av. Copacabana. Tel. 27-5396

LITMAN COLMAN. 264, S. Passos. Tel. 43-6611

LOJA ALMEIDA. 472, S. F. Xavier. 48-2900

LOJA DAS FABRICAS. 288, Av. 28 Setem. Tel. 48-4595

LOJA GRAJAHU'. 38, Itabaiana. Tel. 38-0409

LOJA DO POVO. faz. e calç. 46, Av. L. Muller. Tel. 48-9145

LOJA SYRIA. 467, H. Lobo. Tel. 48-4892

LOJA TEREZINHA. 303, Av. 28 Setem. Tel. 48-4146

LOJAS AMERICANAS S. A. escrip. dep. A. 66, Camerino. Tel. 43-6112

LOJAS AMERICANAS S. A. loja, 4. 288, A. Cordeiro. Tel. 29-0997

LOJAS AMERICANAS S. A. loja, 12. 112, Av. M. Floriano. Tel. 23-3882

LOJAS BRASILEIRAS S. A. — Nos dias uteis entre 9 e 11,30 hs. e de 13,30 ás 18 hs. escritorio contabilidade e deposito. 19, Av. Graça Aranha. Tel. 42-8117

LOJAS CEARENSES LTDA.. 81, Ouvidor. Tel. 23-2954

LOJAS MACAHENSE TEC. LTDA. 43-A S. L. Gonzaga. Tel. 28-5497

LOJAS PRIMAVERA. 461, 24 Maio. Tel. 29-0403

LOJAS QUATRO QUATROCENTOS. 588, Av. Copacabana. Tel. 47-2790

MAJDALANY A. & E. 188, G. Camara. Tel. 43-2765

MANSUR NICOLAU. 352, Alfandega. Tel. 43-5123

MARAVILHA A 475, M. e Barros. Tel. 28-7476

MARQUES IRMÃO & C. 283, A. Cordeiro. Tel. 29-2681

MATTHEIS & C. LTDA. ger. e escr. geral. 17, Beneditinos. Tel. 43-2860

MAURICIO FINEBERG. 176, Ouvidor. Tel. 22-9005

MEGHE & C. 173, B. Aires. Tel. 43-1299

MERHY & IRMÃO F. A. 171-A, Riachuelo. Tel. 22-4962

MERHY & IRMÃO F. A. 128, Fr. Caneca. Tel. 22-8735

MIGUEL CONCEIÇÃO. 163, E. Dentro. Tel. 29-2663

MISS URUGUAY A. 639, B. Mesquita. Tel. 38-0629

MIZZAHI & C. LAZARO. 16-A, B. Guaratiba. Tel. 25-4702

MODAS CARIOCA. 315-A, V. Pirajá. Tel. 27-8796

MOISE BRUNSTEIN & IRMÃO. 144, Catete. Tel. 25-2149

MORAES D'ALMEIDA AARÃO. 107, Assembléia. Tel. 22-2419

MOREIRA C. 275, Rua Bela. Tel. 28-4637

MORGANTI J. C. 187, Alfandega. Tel. 43-3791

MOSSE & C. 189, Alfandega. Tel. 43-2749

NADER SAID. 1039, Uranos. Tel. 30-1016

NEDER ABRAHÃO SALOMÃO. 88, M. S. Vicente. Tel. 27-9170

NEGRINE ALBERTO. 224, Alfandega. Tel. 43-3017

NETIC A. FERREIRA. 24, Estrada M. Rangel. Tel. 29-8942

NIGRI & C. 281, Alfandega. Tel. 43-6255

NOBREZA A. 95, Uruguaiana. Tel. 23-4404

NOTRE DAME DE PARIS, A. modas. 182, Ouvidor. Tel. 22-9113

OLIVEIRA ALBINO J. 197, R. 7 Setem. Tel. 22-3615

OLIVEIRA SILVINO. 244, Alfandega. Tel. 43-5300

PAREDES J. 762, B. Mesquita. Tel. 38-3602

PARIS N'AMERICA. 827, B. Mesquita. Tel. 38-7717

PARISIENSE, A. 21, Teatro. Tel. 32-7954

PARQUE BARÃO DE ITAPAGIPE. 118, Barão Itapagipe. Tel. 48-9785

PARQUE DO ENGENHO NOVO. 14, B. B. Retiro. Tel. 29-2050

PARQUE IPANEMA. 106-B, V. Pirajá. Tel. 27-0825

PARQUE DO LEME. 58-A, Av. P. Isabel. Tel. 27-5344

PARQUE SUBURBANO. 2273-A, Av. Suburbana. Tel. 29-0648

PERDIÇÃO JOSE'. 1717, Estr. Sta. Cruz. BANGU', 91.

PEREIRA & C. M. F. 23, M. S. Vicente. Tel. 47-3884

PEREIRA & C. M. F. 172, M. Coelho. Tel. 22-2385

PEREIRA & C. M. F. 363, A. Carlos. Tel. 30-2952

PEREIRA & C. M. F. 363, Alfandega. Tel. 43-1452

PEREIRA DOS SANTOS & C. FELIX. 88, R. Gen. Camara. Tel. 43-0383

PEROLA ORIENTAL, A. 612, S. L. Gonzaga. Tel. 28-7382

PIMENTEL CAMPOS GUIOMAR. 422, Bela. Tel. 28-9896

POPULAR, A. 449, N. Gouveia. Tel. 29-8387

PREFERIDA, A. 254, Catete. Tel. 25-3188

PRIMAVERA, A. 870, B. B. Retiro. Tel. 38-1190

PRINCIPAL, A. 17-A, C. Meyer. Tel. 29-3013

PROGRESSO DO ESTACIO, AO. 144, E. Sá. Tel. 22-3375

RAKIB ALBERTO. 16, Av. G. Freire. Tel. 22-0638

RAMADINHA CANDIDO GOMES. 226, v. S. Sá. Tel. 22-3468

RATTO & C. JOÃO. 47, G. Dias. Tel. 22-8539

RAZUCK AMED. 8-D, A. Cavalcanti. Tel. 42-3336

RAZUCK SALOMÃO. 816-B, C. Bonfim. Tel. 38-0578

REYNALDO & C. JOÃO. 122, Av. Passos. Tel. 43-3455

REZIK ZAKI UICOLAU. 19-A A. Miranda. Tel. 29-0609

RIBEIRO J. NASCIMENTO 143, Alfandega. Tel. 23-51[illegible]

RIVOLI. 4, G. Dias. Tel. 42-59[illegible]

RIVOLI. 4, G. Dias. Tel. 22-65[illegible]

ROCHA OCTACILIO. 336, V. Tavares. Tel. 29-4462

ROUSSO LEON. 14, Av. Gomes Freire. Tel. 22-0269

ROZENSVAIG GONIK & CIA. LTDA. 236-B, V. Patria. Tel. 26-4234

SAAL & C. RESCALIA. 366, Alfandega. Tel. 43-3139

SEADE ASSAD ELIAS. 284, S. Passos. Tel. 43-7481

SALGADO & C. LTDA. ADILARDO. 687, J. Palhares. Tel. 48-8503

SALOMÃO MIGUEL JOÃO. — 950-A, C. Bonfim. Tel. 38-7019

SAMARITANA, A. 18, R. Ortigão. Tel. 22-0888

SANTOS CARNEIRO & C. 114, G. Camara. Tel. 23-4039

SANTOS J. A. 15-A, Romeiros. Tel. 30-1801

SARKIS FELIPE. 283, S. Passos. Tel. 43-2359

SAUAN & IRMÃO. 206, Riachuelo. Tel. 22-1235

SAUMA & IRMÃO FERES. 269, Alfandega. Tel. 43-3770

SCHAIBLE & KANITZ. 52, S. Pedro. Tel. 23-2708

SCHERRER C. M. 17, Beneditinos. Tel. 23-3376

SCHERRER EDUARDO. escr. 176, G. Camara. Tel. 43-32[illegible]

SCHWARTS H. 42, Bolivar. Tel. 47-2595

SCHWARTZ ISRAEL. 1369, Av. Copacabana. Tel. 27-1181

SILVA & C. IGNACIO. 298, Av. 28 Setem. Tel. 38-6611

SILVA CORREIA & C. A. 67, M. Couto. Tel. 23-1061

SILVEIRA & C. M. retalhos. 626, Goiaz. Tel. 29-3394

SIMÕES & IRMÃO MANOEL. 242, Alfandega. Tel. 43-46[illegible]

SIQUEIRA & C. JULIO. 611, Av. Copacabana. Tel. 27-11[illegible]

SLOPER & C. LTDA. loja, escrip. 172, Ouvidor. Tel. 22-70[illegible]

SLOPER & C. LTDA. ofics. 1[illegible] Ouvidor. Tel. 43-7309

SOARES PEREIRA & C. 2[illegible] Ouvidor. Tel. 23-2408

SOIFER SAUL. 331, Alfandega. Tel. 43-9160

SUEG BAHIG. 183, V. Pirajá. Tel. 27-5884

SZFAMA DYSKANT. 219, A. Lobo. Tel. 28-5395

TEAM ZAKI. 356-A, Alfandega. Tel. 23-3548

TANNURE R. 258, Alfandega. Tel. 43-1134

TAUILE & IRMÃO WADIH. 339, Alfandega. Tel. 43-5812

TEIXEIRA JOVINO. 618, Goiaz. Tel. 29-0612

TEMER & C. GABRIEL. 32[illegible] Av. 28 Set. Tel. 38-5707

TIJUCANA, A. 432, C. Bonfim. Tel. 48-1514

TOLEDO SOARES & C. LTDA. 105, M. Couto. Tel. 23-4530

TRICANA A. 1013, R. Uranos. Tel. 30-3959

TROCADERO AO. 149, R. Uruguaiana. Tel. 43-4662

UMBAUBA A. 29, Prç. D. Caxias. Tel. 25-0263

VANTAJOSA A. 577, Av. Copacabana. Tel. 27-2321

REZIK ZAKI UICOLAU. 19-A, A. Miranda. Tel. 29-0609
RIBEIRO J. NASCIMENTO 143, Alfandega. Tel. 23-51..
RIVOLI. 4, G. Dias. Tel. 42-59..
RIVOLI. 4, G. Dias. Tel. 22-05..
ROCHA OCTACILIO. 336, V. Tavares. Tel. 29-4462
ROUSSO LEON. 14, Av. Gomes Freire. Tel. 22-0269
ROZENSVAIG GONIK & CIA. LTDA. 236-B, V. Patria. Tel. 26-4234
SAAD & C. RESCALIA. 366, Alfandega. Tel. 43-2139
SEADE ASSAD ELIAS. 234, S. Passos. Tel. 43-7451
SALGADO & C. LTDA. ADELARDO. 687, J. Palhares. Tel. 48-8503
SALOMÃO MIGUEL JOÃO. — 950-A, C. Bonfim. Tel. 38-7019
SAMARITANA, A. 18, R. Ortigão. Tel. 22-0888
SANTOS CARNEIRO & C. 111, G. Camara. Tel. 23-4039
SANTOS J. A. 15-A, Romeiros. Tel. 30-1801
SARKIS FELIPE. 283, S. Passos. Tel. 43-2359
SAUAN & IRMÃO. 206, Riachuelo. Tel. 22-1235
SAUMA & IRMÃO FERES. 269, Alfandega. Tel. 43-3770
SCHAIBLE & KANITZ. 52, S. Pedro. Tel. 23-2708
SCHERRER C. M. 17, Beneditinos. Tel. 23-3376
SCHERRER EDUARDO. escr. 176, G. Camara. Tel. 43-25..
SCHWARTS H. 42, Bolivar. Tel. 47-2595
SCHWARTZ ISRAEL. 1369, Av. Copacabana. Tel. 27-1181
SILVA & C. IGNACIO. 298, Av. 28 Setem. Tel. 38-6611
SILVA CORREIA & C. A. 67, M. Couto. Tel. 23-1061
SILVEIRA & C. M. retalhos. 626, Goiaz. Tel. 29-3394
SIMÕES & IRMÃO MANOEL. 242, Alfandega. Tel. 43-46..
SIQUEIRA & C. JULIO. 811, Av. Copacabana. Tel. 27-11..
SLOPER & C. LTDA. loja, escrip. 172, Ouvidor. Tel. 22-76..
SLOPER & C. LTDA. oficS. 1.., Ouvidor. Tel. 43-7309
SOARES PEREIRA & C. 26, Ouvidor. Tel. 23-2408
SOIFER SAUL. 331, Alfandega. Tel. 43-9160
SUEG BAHIG. 183, V. Pirajá. Tel. 27-5884
SZFAMA DYSKANT. 219, A. Lobo. Tel. 28-5395
TEAM ZAKI. 356-A, Alfandega. Tel. 23-3548
TANNURE R. 258, Alfandega. Tel. 43-1134
TAUILE & IRMÃO WADIH. 339, Alfandega. Tel. 43-56..
TEIXEIRA JOVINO. 618, Goiaz. Tel. 29-0612
TEMER & C. GABRIEL. 32.. Av. 28 Set. Tel. 38-5707
TIJUCANA, A. 432, C. Bonfim. Tel. 48-1514
TOLEDO SOARES & C. LTDA. 105, M. Couto. Tel. 23-4530
TRICANA A. 1013, R. Uranos. Tel. 30-3959
TROCADERO AO. 149, R. Uruguaiana. Tel. 43-4662
UMBAUBA A. 29, Prç. D. Caxias. Tel. 25-0263
VANTAJOSA A. 577, Av. Copacabana. Tel. 27-2321

VAZ & C. AUGUSTO. 53, Alfandega. Tel. 23-4949
VICTORIA & C. ANNA. 170, M. Coelho. Tel. 22-3128
ZARUR NAMI JORGE. 500, Av. Copacabana. Tel. 27-0381
ZATTAR & IRMÃOS SEMI. 376, Alfandega. Tel. 43-5652

ARMARINHO E FERRAGENS

CASTRO & C. ALBINO. armr. 40, T. Otoni. Tel. 23-2709
COSTA PACHECO & C. 69/71, 7 Setem. Tel. 23-5619
COUTINHO & C. JOÃO REYNALDO. import. escr. 52, V.
COUTINHO & C. JOÃO REYNALDO. import. armz. 52, V. Inhauma. Tel. 23-4106
FERRAZ & C. LTDA. J. 132, Andradas. Tel. 23-4109
IRMÃOS BITTENCOURT. 113, V. Inhauma. Tel. 43-3178
LEAL FILHOS & C. 122, Alfandega. Tel. 23-4503
LIDO BAZAR. 209-D, Av. Copacabana. Tel. 27-9944
LOJAS BROADWAY LTDA. 134, Ouvidor. Tel. 22-9154
LOJAS BROADWAY LTDA. 99, 7 Setem. Tel. 12-2691
LOJAS QUATRO E QUATROCENTOS: armz. 114, Av. R. Branco. Tel. 42-7971
MACIEL DANTAS & C. 90, S. Pedro. Tel. 23-6269
REIS & C. A. 82, G. Camara. Tel. 43-3030
SILBERSTEIN N. 347-A B. Aires. Tel. 23-0206

ARMAS E MUNIÇÕES

GARCIA PAULINO. 248, B. Aires. Tel. 43-1237
HERCULANO COIMBRA & FILHO. 79-1.º, Rua B. Aires. Tel. 23-2326
MESBLA S. A. 48/56, R. Passeio. Tel. 22-7720

SOCIED GECO LTDA. contab. escr. 44, T. Otoni. Tel. 43-3726
SOCIEDADE GECO LIMITADA, Vendas e Armz. 35, Teofilo Otoni. Tel. 23-1438
VINELLI & OLIVEIRA. 234, B. Aires. Tel. 43-4738

ARTEFACTOS DE METAL

ARTIGOS PARA DESENHOS

AUTOMOVEIS

ABITAM J. escr. 291-A, Gen. Caldwell. Tel. 22-8544
AGENCIA AUTOMOVEIS ADLER 137, S. Vergueiro. Tel. 25-6123
AGENCIA CAMINHÕES BLITZ 291-A, Gen. Caldwell. Tel. 42-0298
AGENCIA CHEVROLET. Loja. 180, Av. Rio Branco. Tel. 22-0293
AGENCIA FONTE. 139, Av. H. VValadares. Tel. 22-1934
AGENCIA MARIO MENDONÇA S. A. matriz escr. 1216, São Cristovão. Tel. 49-8215
AGENCIA MELO. loja. 774, M. e Barros. Tel. 28-4133
AGENCIA NACIONAL DE AUTOMOVEIS LTDA. 69, Carioca. Tel. 42-2450
AGENCIA OLDSMOBILE E OPEL. contab. 320, Pra. Botafogo. Tel. 26-2230
AGENCIA OLDSMOBILE E OPEL. secção vendas. 320, Pra. Botafogo. Tel. 26-4922
ALBERTO FRANCISCO. 116, M. e Barros. Tel. 28-5174
ANGLO-AMERICANAS. Oficinas. 37, R. Fernandes Guimarães. Tel. 26-3849
ARGENTA & IRMÃO LTDA. G. 18, Largo Campinho. Tel. 29-8916
ASSISTENCIA MECANICA AUTOMOBILISTICA. 19, Arcos. Tel. 42-6660
AUTO-CAMINHÕES INTERNACIONAL. Vendas, 87, Av. Osvaldo Cruz. Tel. 25-7244
AUTO CENTRAL LTDA. carros usados. 202/4, Av. M. de Sá. Tel. 22-5305
CHINDLER & ADLER. Agencia Central Chevrolet. 283, Fig. Melo. Tel. 48-1727
AUTO MESCAR S. A. matriz. 821, M. e Barros. Tel. 28-7015
AUTO MESCAR S. A. ger. 821, M e Barros. Tel. 48-1920
AUTO TECHNICA LTDA. 134, Invalidos. Tel. 42-3251
AUTO UNION BRASIL LTDA. escr. e oficina. 187/9, Riachuela. Tel. 22-2185
AUTOBRAS LIMITADA. 320, Pra. Botafogo. Tel. 26-2230
AUTOMOVEIS CHEVROLET, C. I. R. B. S/A. Loja. 180, Av. Rio Branco. Tels. 22-0293, 22-3937 e 22-7080
AUTOMOVEIS SANTA LUZIA LTDA. 630, Sta. Luzia. Tel. 22-2080
BRAGA & FILHOS LUIZ F. 838, Evar. Veiga Tel. 22-9960
BUFFA ALEXANDRE. 37, Marrecas. Tel. 42-4293
CASA LAND. 136/36-A, Evar. Veiga. Tel. 22-1243
CASA ATLANTICA. 585, Av. Copacabana. Tel. 27-6744
CASA AUGUSTO, filial. 134, Humaitá. Tel. 26-0627
CSA DO BARBOSA. 3, Pç. D. Caxias. Tel. 25-0236
CASA DO BARBOSA. 3, Pç. D. Caxias. Tel. 25-2924
CASA BARRETO. 15, M. S. Vicente. Tel. 27-0481
CASA CARMELITA. 18-A, C. Agostinho. CAMPO GRANDE. Tel. 467
CASA CEARÁ. 156-A, V. Pirajá. Tel. 27-4697
CASA CENTRAL. 320, A. Cordeiro. Tel. 29-1304
CASA NILO AUTOS LTDA. 270, Av. Mem Sá. Tel. 42-6671
CASA S. CLEMENTE. 77, S. Clemente. Tel. 26-3415
CASTRO E SILVA & C. LTDA. ALVARO. diret. 124, Ev. Veiga. Tel. 22-5951
CASTRO E SILVA & C. LTDA. ALVARO. agencia Ford. 124, Evar. Veiga. Tel. 22-6801

CHARRON. 55-A, H. Lobo. Tels. 48-8484, 48-5994 e 48-8344
CHINDLER & ARIER. Filial Copacabana. 38, Av. P. Isabel. Tel. 27-8893
CHINDLER & ARIER. Filial Copacabana. 88, Av. P. Isabel. Tel. 27-1139
CHRYSBRAZ S. A. secç. peças. 730, Estr. Vicente Carvalho. Tel. 29-9005
CIRB. S/A. Agenc- Chevrolet. Loja. 180, Av. Rio Branco. Tel. 22-0293
COLOMBO GAMBERINI & C. LTDA. 134, Rua Invalidos. Tel. 22-6145
COMERCIAL METROPOLITANA S. A. 23, R. 13 de Maio Tel. 42-4145
COMP. AUXILIAR DE RESGATE E PROPAGANDA C. A. R. P. escr. 51, Alfandega. Tel. 43-5400
COMP. COMERCIAL E MARITIMA. secç. Auto Geral. 1/7, Beneditinos. Tel. 43-0759
COMP. COMERCIAL E MARITIMA. secç. Auto Geral. 1/7, Beneditinos. Tel. 43-0753
COMP. COMERCIAL E MARI- Secç. Auto Geral: Automoveis PACKARD E HUDSON. Gerengia. Tel. 43-0753

COMP. IMOVEIS E REPRESENTAÇÕES BRASILEIRA CIRB. S. A. Diretoria. 180, Av. R. Branco. Tel. 42-8860
COMP. NACIONAL IMPORTADORA. 150, R. Mexico. Tel. 22-7439
SOCIEDADE AUTO DISTRIBUIDORA LTDA. 180/2, Sen. Euzebio. Escr. Tel. 43-7215
COMP. PROPAG. 95, Av. Osvaldo Cruz. Tel. 25-2307
COMP. S. K. F. DO BRASIL. geral. 42,S. Pedro. Tel. 23-2166
CONCERTADORA ELECTRO MECANICA LTDA. A. 452, C. Rangel. Tel. 29-8123

COPANEMA S. A. 14, Suzano. Tel. 27-7751
DAVID LAND & C. 136/36-A, E. Veiga. Tel. 22-1243
DOBREW JOHN. 405, Sta. Luzia. Tel. 22-7776
ESTEVES PIRES & C. 71, Evar. Veiga. Tel. 22-2888
FERRO VELHO ITAUNA. 555, V. Itauna. Tel. 48-1470
FIAT BRASILEIRA S. A. escr. 20, Prç. 15 Nov. Tel. 23-0896
FIAT BRASILEIRA S. A. ofic. 116, B. Lisboa. Tel. 25-6170
FORD AGENCIA AMENDOEIRA. diretores. 57, Av. R. Barbosa. Tel. 25-0945
FORD MOTOR CO. EXPORTS INC. 164, Av. Pres. Wilson. Tel. 42-4025
GENERAL MOTORS BRASIL S. A. escr. 118, Av. Pres. Wilson. Tel. 22-1661
GENTIL FILHO J. 72, Av. A. Severo. Tel. 42-5667
GENTIL FILHO J. 97, S. Campos. Tel. 26-9566
HANSA LLOYD DO RIO LTDA. 104, Assembléia. Tel. 42-7135
INDEPENDENCIA AUTO OMNIBUS LTDA. escr. 168, Aquidabã. Tel. 29-1517
INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT CO. Auto-caminhões internacional. secç. vendas. 87, Av. Osvaldo Cruz. Tel. 25-7244
J. M. SANCHES. Ofic. vulcanirios e ferro velho. 509, R. S. Cristovão. Tel. 28-4721
LAND & C. DAVID. 136/36-A, Evar. Veiga. Tel. 22-1243
LANDI QUIRINO. 88/90, Carlos Carvalho. Tel. 42-6698
MACHADO FRANCISCO. 351, M. e Barros. Tel. 28-4159
MEISSI FREDERICO. 137, Sen. Vergueiro. Tel. 25-6123
MERCEDES BENZ. 180/2, Sen. Euzebio. Tel. 43-7215
MESBLA S. A. Ag. Riachuelo. 194, Riachuelo. Tel. 22-7512
MESBLA S. A. Ag. Riachuelo. 194, Riachuelo. Tel. 22-6170
MESBLA S. A. Autos Off. Prç. Bandeira. Tel. 48-9066

MESQUITA LYDIO. 30 V. R. Branco. Tel. 42-3400
OFICINA CAMINHÕES BILTZ. 32, A. Lobo. Tel. 48-4347
OFICINA MECANICA. 11, S. Valente. Tel. 28-5192
OFICINA RIACHUELO. 349, Riachuelo. Tel. 22-8094

OFICINA RIO BRANCO. 30, V. R. Branco. Tel. 42-3400
OFICINA 28 SETEMBRO. 56, Av. 28 Setemb. Tel. 48-4498
OFICINAS SANT'ANA. Especialistas em qualquer Serviço mecanico de Automoveis. 222/6, Rua do Senado. Tel. 42-8883
OFICINA MECANICA QUIRINO LANDI. 88/90, R. Carlos Carvalho. Tel. 42-6698
OFICINAS S. GERALDO. 178-A, M. Abrantes. Tel. 26-9494
OPEL. 180/2, Sen. Euzebio. Tel. 43-7215
PINTO HUGO JACKSON. 461, V. Itauna. Tel. 42-5304
PONTIAG E OPEL. Automoveis. Comercial Metropolitana S. A. 23, Rua 13 Maio. Tel. 42-4145
RENOVADORA A. 76, M. e Barros. Tel. 28-9946
ROCHA JOSE'. 436, Estr. Sta. Cruz. BANGU' 449
ROMERO HERNANDEZ A. M. 162, F. Melo. Tel. 28-2583
SANT'ANA GOMES & C. 562, Sta. Luzia. Tel. 22-0913
SCHMITT & ALBERTO. Loja. 142/4, E. Veiga. Tel. 22-1285 Escritorio. 142-/4, E. Veiga. Tel. 22-1284
SERAFIM FERREIRA & CIA. LTDA. 24/28, Evar. Veiga. Tels. 22-2818-22-3947-22-7998
SILVA CARNEIRO M. 123/5, Frei Caneca. Tel. 22-8885
AUTO UNION BRASIL LTDA. 187, Rua Riachuelo. Tels. 22-2183, 22-2184 e 22-2185
SOCIED ANONYMA COMERCIAL AUTO GARAGE. 154, Av. H. Valadares. Tel. 42-9352
SOCIED AUTO DISTRIBUIDORA LTDA. 180/2, S. Euzebio. Tel. 43-7215
SOCIED AUTO DISTRIBUIDORA LTDA. ofic. 180/2, S. Euzebio. Tel. 43-0605
SOCIED COMSSARIA DE AUTOS USADOS LTDA. 790, M. e Barros. Tel. 28-9465
THONYCROFT DO BRASIL S. A. escritorio 405, Sta. Luzia. Tel. 22-7776
UNITED STATES RUBBER EXPORT CO. LTD. 119, 1.° Março. Tel. 43-8339
VIAÇÃO CARIOCA. 821, Conde Bonfim. Tel. 38-5301
VIAÇÃO MINEIRA. escr. 9, Av. Rio Branco. Tel. 43-7459
VIAÇÃO RIO MINAS. 7, Praça Mauá. Tel. 23-0883
VOLVO DO BRASIL LTDA. 64, A. Lobo. Tel. 48-2114
VOLVO DO BRASIL LTDA. 64, A. Lobo. Tel. 48-2161
WEGENAST & ALMEIDA. repres. 26, S. Pedro. Tel. 23-5005
WILSON KING & CIA. LTDA. 16, Beco M. Carvalho. Tel. 42-8015

AVIAÇÃO

AERO CLUB DO BRASIL. Estr. Manguinhos. Tel. 30-3477
AERO CLUB DO BRASIL. Estr. Manguinhos. Tel. 30-1088
AEROBRASIL LTDA. escr. 7, Praça Mauá. Tel. 23-4789
AIR FRANCE. Representante para o Brasil. 118, Av. Pres. Wilson. Tel. 42-8250
CONSTR AERONAUT S. A. 155, Av. N. Peçanha. Tel. 42-1740
CONSTR AERONAUT S. A. 155, Av. R. Branco. Tel. 22-3091
LINHAS AEREAS TRANSCONTINENTAIS ITALIANAS S. A. Geral. 98, Rua Mexico. Tel. 42-6156
MESBLA S. A. Aviões, Motores e Acessorios. Fabrica de Paraquedas. 48/56, R. Passeio. Tel. 22-7720

NAVEGAÇÃO AEREA BRASILEIRA S. A. 100, B. Aires. Tel. 43-8613
PANAIR DO BRASIL S. A. 26-A, Av. G. Aranha. Tel. 22-8669
SOC. ANON. NAC. TRANSP. AEREOS SANTA. 104, Assembléia. Tel. 42-6576
SYNDICATO CONDOR LTD. 128, Avenida Rio Branco. Tel. 22-6855
V. A. S. P. VIAÇÃO AEREA SÃO PAULO S. A. 116-A, R. Mexico. Tel. 42-2594

BANCOS E CASAS BANCARIAS

ACCETTA MIGUEL. escr. 69/77 Av. R. Branco. Tel. 23-1071
ALIANÇA DO RIO DE JANEIRO GERAL. 32, Alfandega. Tel. 43-8440
ALEMÃO TRANSATLANTICO. geral. 42, Alfandega. Tel. 23-1905
ANDRADE CABRAL & CIA. LTDA. 46, B. Aires. Tel. 23-3191
ANDRADE PINTO & C. LTDA. escr. 60, Candelaria. Tel. 23-2766
ASSOC. BANCARIA R. Janeiro. secret. 11, Alfandega. Tel. 23-4299
AUXILIADORA PREDIAL S. A. Seção Bancaria. 75, Ouvidor. Tel. 43-5007
AZEVEDO BRANCO & CIA. LTDA. 158, Rua Quitanda. Tel. 23-5056
BANCARIA DO BRASIL S. A. 20-A, B. Aires. Tel. 23-4142
BANCO ACCETTA LTDA. 69/77, Av. R. Branco. Tel. 23-1071
BANCO AGRICOLA DO RIO DE JANEIRO. 113, Rosario. Tel. 43-9262
BANCO ALMEIDA MAGALHÃES. 47, G. Camara. Tel. 23-2350
BANCO ALMEIDA MAGALHÃES. 47, G. Camara. Tel. 23-0670
BANCO ANDRADE ARNAUD 20, B. Aires. Tel. 23-5025
BANCO ANDRADE ARNAUD 20-A, B. Aires. Tel. 43-4440
BANCO AUTOCASTRO. 128, Invalidos. Tel. 42-4040
BANCO AUXILIAR DO TRABALHO. 7, 1.º Março. Tel. 43-5564
BANCO DA BAHIA. Direção. 21, Candelaria. Tel. 43-1066 — Expediente. 21, Candelaria. Tel. 43-3679
BANCO BORGES. secç. descontos e cobr. Exterior. 24/6, Alfandega. Tel. 23-3451
BANCO BORGES. cobr. Interior. 24/6, Alfandega. Tel. 23-4873
BANCO BORGES. diret. 24/6, Alfandega. Tel. 23-3510
BANCO BORGES. secç. predial. 24/6, Alfandega. Tel. 43-5409
BANCO BORGES. secç. cambio. 24/6, Alfandega. Tel. 43-2046
BANCO DO BRASIL. 66, 1.º de Março. Tel. 23-1421
AGENCIA CENTRAL. GERENCIA.
GERENTE. 66, 1.º Março. Tel. 23-1420
CHEFE DO GABINETE. 66, 1.º Março. Tel. 43-1162
AUXILIARES. 66, 1.º Março. Tel. 43-5100
CONTADORIA:
CONTADOR. 66, 1.º Março. Tel. 23-3437
CONTADORIA GERAL. 66, 1.º Março. Tel. 23-6277
FUNCIONARIOS E INFORMAÇÕES. 66, 1.º Março. Tel. 43-9720
AGENCIAS & CORRESPONDENTES. 66, 1.º Março. Tel. 23-5586
ARQUIVO. 66, 1.º Março. Tel. 23-1036
ASSISTENTE JURIDICO. 66, 1.º Março. Tel. 43-9625
CADASTRO.
CHEFE 66, 1.º Março Tl. 23-0690
EXPEDIENTE. 66, 1.º Março. Tel. 23-1414
CAMBIO:
OPERADOR DE CAMBIO. 66, 1.º Março. Tel. 23-1409
CHEFE DA SECÇÃO. 66, 1.º Março. Tel. 43-8525
EXPEDIENTE. 66, 1.º Março. Tel. 23-0732
MESA DE LIGAÇÕES. 66, 1.º Março. Tel. 43-2810
COBRANÇAS DO EXTERIOR.
CHEFE. 66, 1.º Março. Tel. 43-8021
EXPEDIENTE. 66, 1.º Março. Tel. 23-0510
COBRANÇAS DO PAÍS.
INTERIOR. 66, 1.º Março. Tel. 23-0512
PRAÇA CHEFE. 66, 1.º Março. Tel. 23-1412
EXPEDIENTE. 66, 1.º Março. Tel. 43-6558
COMPENSAÇÃO DE CHEQUES. 66, 1.º Março. Tel. 23-1417
BANCO DOS ESTADOS. 28, Travessa do Ouvidor. Tel. 23-5284
BANCO CENTRAL DO COMERCIO. secç. cobr. 40, Av. G. Aranha. Tel. 42-5949
BANCO COMERCIAL ESTADO DE S. PAULO. contador. 81, 1.º Março. Tel. 23-0523
BANCO COMERCIAL ESTADO DE S. PAULO. ger. 81, 1.º Março. Tel. 23-0524
BANCO COMERCIAL E INDUSTRIAL DO BRASIL. contab. 137, Quitanda. Tel. 43-6789
BANCO COMERCIAL E INDUSTRIAL DO BRASIL. diret. 137, Quitanda. Tel. 23-4989
BANCO COMERCIAL DE MINAS GERRAIS. 58, S. Pedro. Tel. 23-2414
BANCO DO COMERCIO. diret. presidente. 8, G. Camara. Tel. 23-3322
BANCO DO COMERCIO. diret. gerente. 8, G. Camara. Tel. 23-1054
BANCO DO COMERCIO. gerencia. 8, G Camara. Tel. 23-2715
BANCO DO COMERCIO. contab. 8, G. Camara. Tel. 23-4593
BANCO COMERCIO E INDUSTRIA MINAS GERAIS. Filial Rio. 131, Quitanda. Tel. 23-1686

BANCO COMERCIO E INDUSTRIA MINAS GERAIS. gab. diret. 131, Quitanda. Tel. 23-2674
BANCO COMERCIO E INDUSTRIA DO RIO DE JANEIRO. 30, Alfandega. Tel. 43-5753
BANCO COMERCIO E INDUSTRIA DO RIO DE JANEIRO. 30, Alfandega Tel. 23-3480
BANCO COMERCIO E INDUSTRIA DO RIO DE JANEIRO. 30, Alfandega. Tel. 23-3357
BANCO COMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO. geral. 77, 1.º Março. Tel. 23-1796
BANCO COMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO. ger. 77, 1.º Março. Tel. 23-5447
BANCO COMERCIO E INDUSTRIA DE S. PAULO. sub. gerencia. 77, 1.º Março. Tel. 23-1043
BANCO CONSTR. BRASIL. 2, Prç. G. Vargas. Tel. 22-3664
BANCO CREDITO COMER. E CONSTRUTOR. 109, Rosario. Tel. 23-0770
BANCO CREDITO COMER. E CONSTRUTOR. 109, Rosario. Tel. 43-1108
BANCO CREDITO COMER. E CONSTRUTOR. 109, Rosario. Tel. 23-3688
BANCO DE CREDITO GERAL. ger. 56, Gen. Camara. Tel. 23-4878
BANCO DE CREDITO GERAL. cobrança. 56, Gne. Camara. Tel. 23-0963
BANCO DE CREDITO MERCANTIL. 71/5, R. Quitanda Tel. 23-1781
BANCO DE CREDITO MOVEL. 55, Candelaria. Tel. 23-2415

BANCO DE CREDITO PESSOAL. 55, R. B. Aires. Tel. 23-0992
BANCO CREDITO R. DE MINAS GERAIS. diret. 74, V. Inhauma. Tel. 43-9618
BANCO CREDITO R. DE MINAS GERAIS. agencia. Ramos. 52-A, L. Rego. Tel. 30-1715
BANCO CREDITO R. DE MINAS GERAIS. insp. e fisc. 74, V. Inhauma. Tel. 43-8344
BANCO CREDITO R. DE MINAS GERAIS. gerente. 74, V. Inhauma. Tel. 23-2613
BANCO CREDITO R. DE MINAS GERAIS. contadoria. 76, V. Inhauma. Tel. 23-5216
BANCO CREDITO R. DE MINAS GERAIS. cobranças. 76, V. Inhauma. Tel. 43-3753
BANCO CREDITO SUBURBANO. 6, R. A. Carneiro. Tel. 29-1638
BANCO DE CREDITO TERRITORIAL. 82, 1.º Março. Tel. 23-2180
BANCO DESCONTOS RIO DE JANEIRO. 118, Av. P. Wilson. Tel. 22-1716
BANCO DI NAPOLI. Correspondentes: CARLO PARETO & CIA. Banqueiros. 31, 1.º Março. Tel. 23-5813
BANCO DO DISTRITO FEDERAL. ger 93, 1.º Março. Tel. 43-7941
BANCO DO DISTRITO FEDERAL. 93, 1.º Março. Tel. 23-2357
BANCO DOS ESTADOS. 23, Tv. Ouvidor. Tel. 23-5284

BANCO FEDERAL BRASILEIRO. 65, V. Inhauma. Tel. 43-8812
BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO. dir. 65, R. Carmo. Tel. 43-2345
BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO. exp. 65, R. Carmo. Tel. 23-5911
BANCO FUNCIONARIOS PUBLICOS. geral. 57/9, Carmo. Tel. 43-7550
BANCO FUNCIONARIOS PUBLICOS. diret. 57/9, Carmo. Tel. 43-9026
BANCO GERMANICO DA AMERICA DO SUL. 57, 1.º Março. Tel. 23-1810
BANCO HESPANHOL DO BRASIL. 43, R. 1.º Março. Tel. 23-2551
BANCO HOLANDEZ UNIDO. Geral. 11/3, Rua B. Aires. Tel. 23-5950
BANCO HOLANDEZ UNIDO. Gerente de Cambio. 11/3, B. Aires. Tel. 43-4428
BANCO HYPOTECARIO E AGRICOLA DO E. MINAS GERAIS.
Contadoria. 107, Quitanda. Tel. 23-3968

Carteira da Praça. 107, Quitanda. Tel. 23-3769
Guichet e Contas Correntes: 107, Quitanda. Tel. 23-3868
BANCO HYPOT. LAR BRASILEIRO. escr. 90, Ouvidor. Tel. 23-1025
BANCO HYPOT. LAR BRASILEIRO. dep. 2300, Av. Epitacio Pessoa. Tel. 26-4993
BANCO HYPOT. LAR BRASILEIRO. Dr. E. Alves. 90, Ouvidor. Tel. 43-3484
BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO. geral. 71, G. Camara. Tel. 43-8830
BANCO ISRAELITA BRASILEIRO. 40, S. Pedro. Tel. 23-0386
BANCO DE ITAJUBA. 45, Alfandega. Tel. 23-4083
BANCO DE ITAJUBA. diret. 45, Alfandega. Tel. 43-3700
BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS. 4, Candelaria. Tel. 43-2049
BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS. 4, Candelaria. Tel. 43-1643
BANCO DE LONDRES. 29/35, Alfandega. Tel. 23-1610
BANCO LOWNDES. 90, Mexico. Tel. 42-8140
BANCO DE MINAS GERAIS. 86, 1.º Março. Tel. 43-3267
BANCO DE MINAS GERAIS. dir. 86, 1.º Março. Tel. 43-8615
BANCO MINEIRO DA PRODUÇÃO. diret. 39, V. Inhauma. Tel. 23-4199

BANCO FEDERAL BRASILEIRO. 65, V. Inhauma. Tel. 43-8812

BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO. dir. 65, R. Carmo. Tel. 43-2345

BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO. exp. 65, R. Carmo. Tel. 23-5911

BANCO FUNCIONARIOS PUBLICOS. geral. 57/9, Carmo. Tel. 43-7550

BANCO FUNCIONARIOS PUBLICOS. diret. 57/9, Carmo. Tel. 43-9026

BANCO GERMANICO DA AMERICA DO SUL. 57, 1.º Março. Tel. 23-1810

BANCO HESPANHOL DO BRASIL. 43, R. 1.º Março. Tel. 23-2551

BANCO HOLANDEZ UNIDO. Geral. 11/3, Rua B. Aires. Tel. 23-5950

BANCO HOLANDEZ UNIDO. Gerente de Cambio. 11/3, B. Aires. Tel. 43-4428

BANCO HYPOTECARIO E AGRICOLA DO E. MINAS GERAIS.
Contadoria. 107, Quitanda. Tel. 23-3968

Carteira da Praça. 107, Quitanda. Tel. 23-3769

Guichet e Contas Correntes. 107, Quitanda. Tel. 23-3868

BANCO HYPOT. LAR BRASILEIRO. escr. 90, Ouvidor. Tel. 23-1025

BANCO HYPOT. LAR BRASILEIRO. dep. 2300, Av. Epitacio Pessoa. Tel. 26-4993

BANCO HYPOT. LAR BRASILEIRO. Dr. E. Alves. 90, Ouvidor. Tel. 43-3484

BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO. geral. 71, G. Camara. Tel. 43-8830

BANCO ISRAELITA BRASILEIRO. 40, S. Pedro. Tel. 23-0386

BANCO DE ITAJUBA. 45, Alfandega. Tel. 23-4083

BANCO DE ITAJUBA. diret. 45, Alfandega. Tel. 43-3700

BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS. 4, Candelaria. Tel. 43-2049

BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS. 4, Candelaria. Tel. 43-1643

BANCO DE LONDRES. 29/35, Alfandega. Tel. 23-1610

BANCO LOWNDES. 90, Mexico. Tel. 42-8140

BANCO DE MINAS GERAIS. 86, 1.º Março. Tel. 43-3267

BANCO DE MINAS GERAIS. dir. 86, 1.º Março. Tel. 43-8615

BANCO MINEIRO DA PRODUÇÃO. diret. 39, V. Inhauma. Tel. 23-4199

BANCO MINEIRO DA PRODUÇÃO, Exp. Compras Cadastro. 39, V. Inhauma. Tel. 23-4564

BANCO MINEIRO DA PRODUÇÃO. ger. 39, V. Inhauma. Tel. 23-4570

BANCO MINEIRO DA PRODUÇÃO. contad, cobr, ordens pagamentos. 39, V. Inhauma. Tel. 43-2506

BANCO MOSCOSO CASTRO.
Gerencia. 51, R. Alfandega. Tel. 43-3195
Expediente. 51, Alfandega. Tel. 23-3837

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS. 50, Alfandega, Tel. 43-2925

BANCO OPERAÇÕES MERCANTIS, diretoria. 76, G. Camara. Tel. 23-0999

BANCO OPERAÇÕES MERCANTIS. caixa e contab. 76, G. Camara. Tel. 23-5461

BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL. 24, R. Candelaria. Tel. 23-2920

BANCO REAL DO CANADA'. 66/74, Av. R. Branco. Tel. 23-5800

BANCO REGIONAL. Diretoria. 71, 1.º Março. Tel. 23-3913

BANCO REGIONAL. Expediente. 71, 1.º Março. Tel. 23-5233

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA
Presidencia. 64, G. Camara. Tel. 43-7250
Gerencia. 64, Gen. Camara. Tel. 23-4113

BANCO DO RIO GRANDE DO SUL. 62, Av. Graça Aranha. Tel. 42-9099

BANCO SUL DO BRASIL. 303, Av. R. Alves. Tel. 43-5193

BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LTDA, 29/35, Alfandega. Tel. 23-1610

BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LTDA. ger. cambio. 29/35, Alfandega. Tel. 23-3863

BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LTDA. secç. cobrança. 29/35, R. Alfandega. Tel. 23-0102

BOAVISTA, matriz. 47, R. 1.º Março. Tel. 23-2060

BOAVISTA, agência Avenida. 137, Avenida R. Branco. Tel. 23-4645

BOAVISTA, agência Avenida. 137, Avenida R. Branco. Tel. 23-4164

BOAVISTA, agência Copacabana. 5-A, D. Ferreira. Tel. 27-3266

BOAVISTA, agência Copacabana. 23, S. Campos. Tel. 27-8922

BOAVISTA, agência Estácio. 78, H. Lobo. Tel. 48-4373

BOAVISTA, agência Estácio. 78, H. Lobo. Tel. 48-9660

BOAVISTA, agência Passos. 40, Av. Passos. Tel. 42-9656

BOAVISTA, agência Passos. 40, Av. Passos. Tel. 42-4791

BOAVISTA, almox. 40, Av. Passos. Tel. 42-5259

BRASILEIRO DE CREDITO. diret. 49, R. Alfandega. Tel. 43-1671

BRASILEIRO DE CREDITO. diret. 49, R. Alfandega. Tel. 23-2348

BRASILEIRO DE CREDITO. exped. 49, R. Alfandega. Tel. 23-0064

BRASILEIRO DE CREDITO. presid. 49, R. Alfandega. Tel. 431985

BRAZÃO & CIA. 49, S. Pedro. Tel. 23-3007

BRAZÃO & CIA. 49, S. Pedro. Tel. 43-3496

BUSLIK & C. LTDA. 135, Rosário. Tel. 43-1894

CAIXA FEDERAL. 22, G. Camara. Tel. 23-3782

CARLO PARETO & C. Correspondentes do BANCO DI NAPOLI. 31, Rua 1.º Março. Tel. 23-5813

CARTEIRA DE CREDITO GARANTIDO S. A. 17, Beco das Cancelas. Tel. 23-0886

CARTEIRA PROVISORIA DO LAR. 109, R. Rosário. Tel. 23-0770

CARVALHO & C. MANOEL. 22, G. Camara. Tel. 23-1313

CASA BANCARIA ABELARDO DE LAMARE. 10, S. Bento. Tel. 23-4744

CASA BANCARIA ALMEIDA LEAL & CIA. LTDA. 54, B. Aires. Tel. 43-7509

CASA BANCARIA ANGLO BRASILEIRA. 21 R. Alfandega. Tel. 43-3007

CASA BANCARIA ANGLO BRASILEIRA. 21 R. Alfandega. Tel. 43-9015

CASA BANCARIA ANTONIO RODRIGUES GERMANO. 91, Av. R. Branco. Tel. 43-6036

CASA BANCARIA ARMANDO SILVA PEIXOTO. 84, G. Dias. Tel. 23-0648

CASA BANCARIA AZEVEDO SODRE' LTDA. 23, B. Aires. Tel. 43-8516

CASA BANCARIA BANDEIRANTE S. A. 39, S. Pedro. Tel. 23-4910

CASA BANCARIA BORDALO BRENHA S. A. 89, Av. Rio Branco. Tel. 23-3823

CASA BANCARIA CONTINENTAL S. A. 57, S. Pedro. Tel. 43-26637

CASA BANCARIA COOPERATIVA S. A. 54, Rosário. Tel. 43-1966

CASA BANCARIA CREDITO INDUSTR. COMERCIAL. 85, Rosário. Tel. 43-3594

CASA BANCARIA DE CREDITO NACIONAL S. A. 91, Av. R. Branco. Tel. 43-7417

CASA BANCARIA F. BRAGA IRMÃO LTDA. 67 Quitanda. Tel. 23-3258

CASA BANCARIA FABELO JOR. LTDA. escr. 10, Conceição. Tel. 42-2614

CASA BANCARIA DO GLOBO LTDA. 24, R. Rosário. Tel. 43-5757

CASA BANCARIA IPANEMA S. A. 157, R. Quitanda. Tel. 23-5782

CASA BANCARIA IRMÃOS GUIMARÃES LTDA. 19, Ouvidor. Tel. 23-5432

CASA BANCARIA IRMÃOS GUIMARÃES LTDA. 79, Ouvidor. Tel. 43-3060

CASA BANCARIA IRMÃOS LOPES S. A. 151, Ouvidor. Tel. 22--9031

CASA BANCARIA J. PISSERCHIO. 113, R. Rosário. Tel. 43-9460

CASA BANCARIA LIBERAL. 60, L. Camões. Tel. 22-8261

CASA BANCARIA M. AREOSA. 9, Candelaria. Tel. 43-2623

CASA BANCARIA MARQUES JUNIOR S. A. 66, V. Inhauma. Tel. 23-6291

CASA BANCARIA MAUA' S. A. 48, S. Pedro. Tel. 23-1077

CASA BANCARIA MENDEL BERMAN. 143, Av. R. Branco. Tel. 43-8191

CASA BANCARIA MERCANTIL BRASILEIRA LTDA. 37, S. Pedro. Tel. 43-9651

CASA BANCARIA NACIONAL DO COMERCIO E INDUSTRIA S. A. 68, R.sário. Tel. 23-3512

CASA BANCARIA NACIONAL S. A. 39, R. S. Pedro. Tel. 23-1266

CASA BANCARIA POPULAR DO RIO DE JANEIRO LTDA. 20-A, B. Aires. Tel. 23-3542

CASA BANCARIA SAUL GELERMAN. 27-A, M. Couto. Tel. 43-1555

CASA BANCARIA SEABRA SANTOS S. A. 44, G. Camara. Tel. 43-3759

CASA BANCARIA SOC. FINANCIAL DO BRASIL LTDA. 41, B. Aires. Tel. 23-0579

CASA BANCARIA SUL AMERICANA LTDA. 82, 1.º Março. Tel. 23-0571

CASTELAR MANOEL SOARES. 85, Quitanda. Tel. 23-0233

CENTRO LOTERICO. Sec. Bancaria. 9, Trav. do Ouvidor. Tels. 23-2329 e 23-0729

CITY BANK. 83/85, Av. Rio Branco. Tel. 23-1676

COMERCIAL E BANCARIA S. A. 54, Rosário. Tel. 43-6427

COMP. BANC. AUREA BRAS. 138, Avenida Rio Branco. Tel. 22-5457

COMP. BANC. AUREA BRAS. diret. 138, Av. Rio Branco. Tel. 22-3960

COMP. BANC. AUREA BRAS. 138, Avenida Rio Branco. Tel. 22-7171

COMP. BRASILEIRA PARCELAMENTO IMOBILIARIO S. A. 16, Beco M. Carvalho. Tel. 22-8815

COMP. GERAL COMERCIO FINANÇAS S. A. 68, Ouvidor Tel. 43-6084

COMPENSADORA A. vendas a prazo de mercadorias. 59, Quitanda. Tel. 23-0782

CORRÊA E CASTRO PEDRO LUIZ. 90, R. Ouvidor. Tel. 23-1479

CREDITO COMERCIAL S. A. 79, Ouvidor. Tel. 43-7641

CREDIT FONCIER DU BRÉSIL ET DE L'AMERIQUE DU SUD. 65, V. Inhauma. Tel. 43-8812

CREDITO MERCANTIL. 71/5, Quitanda. Tel. 23-1781

DE LAMARE ABELARDO. 10, S. Bento. Tel. 23-4744

DELEGAÇÃO DO BANCO DA ITALIA. 9, R. Candelaria. Tel. 43-6822

DIAS PEREIRA LUIZ, escr. 78, S. José. Tel. 22-0585

ECONOMICO DO BRASIL, ger. 30, G. Camara. Tel. 43-7827

ECONOMICO DO BRASIL. 30, G. Camara. Tel. 23-1312

FELIX FONSECA S. A. 58, S. Pedro. Tel. 23-2414

FELIX FONSECA S. A. 58, S. Pedro, Tel. 43-0394
FIDA CASA BANCARIA, 90, Av. A. Barroso. Tel. 42-9078
FINANCIADORA COMERCIAL S. A. 81, Av. A. Barroso. Tel. 42-7597
FRANÇAISE ET ITALIENNE POUR L'AMERIQUE DU SUD 11, Alfandega. Tel. 23-1981
IRMÃOS CHOR. LTDA. 104, B. Aires. Tel. 23-3897
ITALO BELGA. 129, Quitanda. Tels. 23-5855 e 23-3054
ITALO BRASILEIRO, Cobranças e Cambio. 43, Alfandega. Tel. 43-7323 — Gerencia. 43, Alfandega. Tel. 43-5533 — Sub Gerencia e Cont. 43, Alfandega. Tel. 43-5534
LA PORTA, AMERICO. 12, Av. E. Braga. Tel. 22-9516
LA PORTA ANGELO M. 109, Rosário. Tel. 23-0776
LAGE & C. LTDA., geral. 44, Candelaria. Tel. 43-3340
LAGE & C. LTDA., ger. 44, Candelaria. Tel. 43-0503
LAGE & C. LTDA., ger. 44, Candelaria. Tel. 43-6221
LAI SPAR CASSE. 40, R. V. Itauna. Tel. 43-1740
LAR BRASILEIRO S. A., escrs. 90, Ouvidor. Tel. 23-1825
LINO PIMENTEL & C. LTDA. 71, T. Otoni. Tel. 23-0015
LYRIO JANOT & C. 92, G. Camara. Tel. 23-4181
MARINHO & C. J. J. 237, S. Pedro. Tel. 43-6781
MERCANTIL DO RIO DE JANEIRO. 67/9, 1.º de Março. Tel. 23-5298
MERCANTIL DO RIO DE JANEIRO. 67/9, 1.º de Março. Tel. 23-5346
MONTEIRO & ARANHA LTDA. 104, Uruguaiana. Tel. 23-2156
MONTEIRO DE CASTRO & C. 27, S. Pedro. Tel. 23-2724
MONTEIRO DE CASTRO & C. 27, S. Pedro. Tel. 23-2720
MOREIRA & C. LTDA. B. 42, L. Camões. Tel. 22-9639
MOREIRA J. ANTONIO. 47, S. Pedro. Tel. 43-4083
MUTUANTE A. S. A. 179, Rua 7 Setem. Tel. 22-0383
NACIONAL ULTRAMARINO, geral. 120, R. Quitanda. Tel. 23-1776
NACIONAL ULTRAMARINO, sub. agencia. 72, S. Euzebio. Tel. 43-3208
NACIONAL ULTRAMARINO, ger. 120, R. Quitanda. Tel. 23-3803
NACIONAL ULTRAMARINO, ger. de cambio. 120, Quitanda. Tel. 23-6117
NACIONAL ULTRAMARINO, administr. 120, Quitanda. Tel. 43-1445
NACIONAL CITY BANK OF N. Y., geral. 83/5, Av. Rio Branco. Tel. 23-1676
NACIONAL CITY BANK OF N. Y., secç. cambio. 83/5, Av. R. Branco. Tel. 43-3507
OLIVEIRA & C. D. N. 39, 1.º Março. Tel. 43-9523
PARETO & C. CARLO, escr. 31 1.º Março. Tel. 23-5813
PIMENTEL & C. LTDA., banco. 71, T. Otoni. Tel. 23-0015
PREVISÕES DO LAR CARTEIRA. 109, Rosário. Tel. 23-0770
PROVINCIA RIO GRANDE DO SUL. 2, Rua da Alfandega. Tel. 23-4377
PROVINCIA RIO GRANDE DO SUL. 2, Rua da Alfandega. Tel. 23-4376
PROVINCIA RIO GRANDE DO SUL, ger. 2, Rua Alfandega. Tel. 43-0444
PROVINCIA RIO GRANDE DO SUL, contas cor. e ordens. 2, Alfandega. Tel. 23-2596
PROVINCIA RIO GRANDE DO SUL, cobranças da Praça. 2, Alfandega. Tel. 43-7122
PROVINCIA RIO GRANDE DO SUL, cadastro. 2, Alfandega. Tel. 43-6978
R. I. MOREIRA S. A. 21, G. Camara. Tel. 23-3912
RABELO CESAR. escr. 47, 1.º Março. Tel. 23-6146
RAMOS LEAL & C. A. 137, Av. R. Branco. Tel. 23-2275
CAMBI. 9, Candelaria. Tel. 43-6822
ROCHA LIMA & C. LTDA. seç. bancaria. 158/60, B. Aires. Tel. 23-3984
ROCHA MIRANDA FILHOS & C. LTDA. escr. 31/39, Praça Floriano. Tel. 22-7690
ROYAL BANK OF CANADA' escr. 69/74 Av. Rio Branco Tel. 23-5800
SEABRA SANTOS S. A. 44, G. Camara. Tel. 43-3759
SIQUEIRA CAVALCANTI & C 33, Carmo. Tel. 23-2847
SOCIED. ANON. A ECONOMICA. 2, Praça Getulio Vargas. Tel. 42-5788
SOCIED. COMERCIAL SUL BRASIL LTDA. 158, Quitanda. Tel. 43-1545
SOCIED. FINANCIAL BRASIL LTDA. 41, R. Buenos Aires. Tel. 23-0579
STEINTHAL & CIA. LOTHAR. banqueiros. 72, R. Alfandega. Tel. 23-1018
SUTTER & LESSA. 67, Teofilo Otoni. Tel. 23-4529
THE NATIONAL CITY BANK OF N. Y. 83/5, Av. R. Branco. Tel. 23-1676
THEODORO & C. LTDA. escr. 152, Quitanda. Tel. 23-2461
YOKOHAMA SPECIE BANK LTDA. 23, Rua Candelaria. Tel. 23-0525
YOKOHAMA SPECIE BANK LTDA. 23, Rua Candelaria. Tel. 23-0526
ZAGARI & C. LTDA. 31, General Camara. Tel. 23-6241

BICICLETAS

BATISTA CUNHA JOSÉ. 5, E. Novo. Tel. 29-1863
CARREIRA & FILHOS LTDA. 36, Rua Visc. Maranguape. Tel. 22-1472
CARVALHO DOS SANTOS ANTONIO. 51, S. João Batista. Tel. 26-3184
CASAS ANDRÉ. 24, Av. Princ. Isabel. Tel. 27-7276
CASA APOLO. Matriz: BRAZ DE PINA. Filiais. 4, Trav. Aires Pinto. Tel. 48-9077.
CASA B. S. A. 187, V. Itauna. Tel. 23-3015
CASA B. S. A. 187, V. Itauna. Tel. 23-1587
CASA DAS BICICLETAS. 391, Av. 28 Setemb. Tel. 38-0050
CASA BICICLETA JAPONEZA. 932, B. Mesquita. Tel. 38-4019
CASA DE BICICLETAS. 117, Catete. Tel. 25-0023
CASA DE BICICLETAS. 486, D. Ferreira. Tel. 27-7770
CASA DE BICICLETAS. 10, S. Clemente. Tel. 26-1913
CASA DE BICICLETAS GAVEA. 89, M. S. Vicente. Tel. 47-0151
CASA DE BICICLETAS SÃO JORGE. 70, Nicarágua. Tel. 30-3831
CASA BOA VISTA. 91, S. Campos. Tel. 26-8778
CASA BRASIL. 22-A, C. Pac. Tel. 28-8864
CASA BRASIL. 51, D. Zulmira. Tel. 48-5338
CASA BRASIL. 4-A, Av. E. Richard. Tel. 38-6815
CASA CICLO MARIANO. 59, C. Morais. Tel. 30-2524
CASA ESTRELA. 71, Teix. de Melo. Tel. 27-1659
CASA ESTRELA. Bicicletas e acessorios em geral. Reparações para as mesmas. Solda oxigenio. AMERICO TAVARES ESTRELA. 71, R. Teix. de Melo. Tel. 27-1659 — Filial: 130-B, Av. Ataulfo de Paiva. Tel. 27-6709
CASA FERREIRA. 1030, C. Machado. ◉ MAR HERMES. 51
CASA FLORIDO. 890-A, S. Cristovão. Tel. 28-6419
CASA GOOD STAR. 64, Constituição. Tel. 22-6245
CASA GUIDO. 68-A, M. Canturia. Tel. 26-9933
CASA HYGIENOPOLIS. 118, Tenente A. Cunha. Tel. 30-3226
CASA LHAMAS. 101-B, Prç. Pérolas. ◉ MAR. HERMES. 55.
CASA LUZO BRASILEIRA. 90-A, C. Gois. Tel. 27-1029
CASA MARCHESINI. 269, Catete. Tel. 25-4613
CASA MAZDA. 192, Rezende. Tel. 42-9019

CASA NOVA A. 237, B. Mesquita. Tel. 48-8114
CASA PAVAGEAU, brinq. 41, Constituição. Tel. 22-0981
CASA RADIO. 373-A, H. Lobo. Tel. 28-5317
CASA S. JORGE. 107, S. Pompeu. Tel. 43-7033
CASA TERROR S. CRISTOVÃO. 4, Tv. A. Pinto. Tel. 48-9077
CASA UNIVERSAL. 36, Maranguape. Tel. 22-1472
CASA VELOCIDADE. 105, Passagem. Tel. 26-1125
CICLO MUDA DA TIJUCA. 27, P. Guedes. Tel. 38-6830
DIAS ANTONIO. 366, Riachuelo. Tel. 22-3196
DUARTE MORUJÃO ANTONIO. 43, J. Vicente. Tel. 38-4236
FERREIRA ALMEIDA BERNARDINO. 341-A, B. Mesquita. Tel. 48-2350
FONSECA AUGUSTO. 53-A, M. Pena. Tel. 48-4611
FONSECA & SANTOS. 44, Av. E. Richard. Tel. 38-6815

CASA DE BICICLETAS. 117, Catete. Tel. 25-0023
CASA DE BICICLETAS. 486, D. Ferreira. Tel. 27-7770
CASA DE BICICLETAS. 10, S. Clemente. Tel. 26-1913
CASA DE BICICLETAS GAVEA. 89, M. S. Vicente. Tel. 47-01..
CASA DE BICICLETAS SÃO JORGE. 70, Nicarágua. Tel. 30-3331
CASA BOA VISTA. 91, S. Campos. Tel. 26-8778
CASA BRASIL. 22-A, C. Pas. Tel. 28-8864
CASA BRASIL. 51, D. Zalmira. Tel. 48-5338
CASA BRASIL. 4-A, Av. E. Richard. Tel. 38-6815
CASA CICLO MARIANO. 59, C. Morais. Tel. 30-2524
CASA ESTRELA. 71, Teix. de Melo. Tel. 27-1659
CASA ESTRELA. Bicicletas e acessorios em geral. Reparações para as mesmas. Solda oxigenio. AMERICO TAVARES ESTRELA. 71, R. Teix. de Melo. Tel. 27-1659 — Filial: 130-B, Av. Ataulfo de Paiva. Tel. 27-6709
CASA FERREIRA. 1030, C. Machado. ⊙ MAR HERMES. 31
CASA FLORIDO. 890-A, S. Cristovão. Tel. 28-6419
CASA GOOD STAR. 64, Constituição. Tel. 22-6245
CASA GUIDO. 68-A, M. Cantuaria. Tel. 26-9933
CASA HYGIENOPOLIS. 118, Tenente A. Cunha. Tel. 30-2226
CASA LHAMAS. 101-B, Prç. Ferolas. ⊙ MAR. HERMES. 85
CASA LUZO BRASILEIRA. 90-A, C. Gois. Tel. 27-1029
CASA MARCHESINI. 269, Catete. Tel. 25-4613
CASA MAZDA. 192, Rezende.

Tel. 42-9019
CASA NOVA A. 237, B. Mesquita. Tel. 48-8114
CASA PAVAGEAU, brinq. 44, Constituição. Tel. 22-0981
CASA RADIO. 373-A, H. Lobo. Tel. 28-5317
CASA S. JORGE. 107, S. Pompeu. Tel. 43-7033
CASA TERROR S. CRISTOVÃO. 4, Tv. A. Pinto. Tel. 48-9077
CASA UNIVERSAL. 36, Maranguape. Tel. 22-1472
CASA VELOCIDADE. 105, Passagem. Tel. 26-1125
CICLO MUDA DA TIJUCA. 27, P. Guedes. Tel. 38-6830
DIAS ANTONIO. 366, Riachuelo. Tel. 22-3196
DUARTE MORUJÃO ANTONIO. 43, J. Vicente. Tel. 38-4226
FERREIRA ALMEIDA BERNARDINO. 341-A, B. Mesquita. Tel. 48-2350
FONSECA AUGUSTO. 53-A, M. Pena. Tel. 48-4611
FONSECA & SANTOS. 44, Av. E. Richard. Tel. 38-6815

FONTOURA JOSÉ J. 656, J. Botanico. Tel. 26-4542
MESBLA S. A., Motos Harley-Davison — Vitoria Bicicletas splendid — Packard. 48/56, R. Passeio. Tel. 22-7720
OFICINA AMERICANA. 788, J. Palhares. Tel. 48-0766
RENOVADORA. 53, A. Vasconcelos. ⊙ CAMPO GRANDE, 424
RENOVADORA A. 644, Av. Copacabana. Tel. 27-7223
RODRIGUES JOAQUIM. 92, S. Cristovão. Tel. 28-5605
SCHMITT & ALBERTO, Loja. 142/4, E. Veiga. Tel. 22-1235 Escritorio. 142/4, E. VeVîga. Tel. 22-1284
SILVA ARRES JOAQUIM, constrnt. 613, R. Barão Mesquita. Tel. 38-1399
VELOCIDADE DO IPANEMA A. 408, V. Pirajá. Tel. 27-2075
WILLY BORGNOFF & C. 130, E. Veiga. Tel. 42-3720

BILHARES (Fabricas)

COMP. BRUNSWICK DO BRASIL S. A., geral. 13, S. Reis. Tel. 28-8000
CONDORELLI S. 218, S. Euzebio. Tel. 43-2197
PUIME & C. CESARIO. 24, L. Camões. Tel. 22-9095

BOTÕES (Fabricas)

BARCOSA DANIEL AUGUSTO. 9, R. Ortigão. Tel. 42-4609
CASA ARTUR. 2, R. Luiz Camões. Tel. 22-9356
CASA GABY. 176, R. Ouvidor. Tel. 22-9005

COMP. FABR. BOTÕES E ARTEF. METAL. 101, M. e Souza. Tel. 28-0233
COMP. FABR. BOTÕES E ARTEF. METAL. 101, M. e Souza. Tel. 28-7757
DIRENE IRMÃO & C. 664, Dias Cruz. Tel. 29-1370
DIRENE, IRMÃO & C. Fabrica Artef. Galalite Santa Maria. 664, Dias Cruz. Tel. 29-1370
FABR. STA. HELENA LTDA. 20, Conceição. Tel. 42-8414
HACHIYA, IRMÃO & CIA. 85, R. Teofilo Otoni. Tels. 43-2859 e 43-2850
HABIB TUFFY N. Fabr. 65, V. Magalhães. Tel. 29-4679
HACHIYA IRMÃOS & C. fabr. 781-A. Barão Mesquita. Tel. 38-0307
HAKIMÉ & C. 272, R. Itapirú. Tel. 48-5750
KRAUSE S. 52, Rua M. Couto. Tel. 43-1591
LION & C. G. 106, R. S. Pedro Tel. 43-3503
MARCELO & C. LTDA. 143, Av. T. Sauza. Tel. 43-3613
NAKAMURA & MIYATA LTDA. 1535, Estr. Vicente Carvalho. Tel. 30-3944
SASANO F., fabr. 564, R. Goiaz. Tel. 29-5321
SOUZA & FERNANDES, fabr. 74, Costa. Tel. 43-2009

BRINQUEDOS

ABREU BASTOS & CIA. LTDA. 302, Gen. Camara. Tel. 43-5799
BASTOS MARINA. 57, S. Dantas. Tel. 22-4296
BAZAR AMERICANO. 84-A, Av. Passos. Tel. 43-3619
BAZAR AMERICANO. 121, Av. M. Floriano. Tel. 43-5069
BAZAR FORTALEZA. 148, Av. M. Floriano. Tel. 43-0684
BAZAR FRANCEZ. 5, Carioca. Tel. 22-3446
BAZAR PETROPOLIS. 143, B. Aires. Tel. 43-4043
BAZAR DO PIRES. 485, Av. Copacabana. Tel. 27-4781
BAZAR SANTOS DUMONT. 577-A, C. Benicio, ⊙ JACAREPAGUA, 245
BAZAR S. JOSÉ. 51, Prç. C. P. Frontin. Tel. 28-0003
BAZAR 606. 724, R. Copacabana. Tels. 27-2652 e 27-6069
BAZAR TOLEDANO. 10, Assembléia. Tel. 42-1501
BAZAR VIENNENSE. 21, Uruguaiana. Tel. 42-0385
BOGOSSIAN J. 368, Alfandega. Tel. 43-3027
BÉBÉ JUJÚ. 120, R. P. Nunes. Tel. 28-9280
CASA ROLIM. 262 e 304, Conde Bonfim. Tels. 28-1279 e 48-8997
CASA UMARY. 182, Visc. Pirajá. Tel. 27-3665
CASA VAENA. 43, Uruguaiana. Tel. 22-4371
CASA VALERIO. 132, R. 7 Set. Tel. 22-4044
CASA WALDEMAR. 52, R. 7 Setemb. Tel. 23-3879
CASA WALDEMAR. 52, Rua 7 Setemb. Tel. 23-3819
FABRICA DE BRINQUEDOS BAYONA. 69, Maia Lacerda. Tel. 22-0196
FABRICA DE BRINQUEDOS FATIMA. 348, R. V. Tavares. Tel. 29-5331
MANUFATURA DE BRINQUEDOS ESTRELA LTDA. 111-1.º, R. 7 Setemb. Tel. 42-5546
A. J. GONÇALVES D'OLIVEIRA & CIA. 113/5, R. Alfandega. Tel. 23-2451
FABR. DE BRINQUEDOS FEDERAL. 51, R. Frei Caneca. Tel. 42-5428
FABR. DE BRINQUEDOS ROSA. 2154, Avenida Suburbana. Tel. 29-6666
FABR. NATAN. 589, C. Benicio. ⊙ JACAREPAGUÁ. 58
FERNANDES MARIO J. 147, T. Otoni. Tel. 43-2662
FERREIRA AMERICA. 91, M. Rugel. Tel. 2918193
FONSECA C. 27, Rua Carioca. Tel. 22-6998
FREIRE & C. ALVARO S. 79, S. Pedro. Tel. 23-0203
GALERIA HEUBERGER, filial. 79, B. Aires. Tel. 43-0477
GIRÃO A. VASCO. 216, R. Riachuelo. Tel. 22-6085
GONÇALVES D'OLIVEIRA & C. A. J. 115, Rua da Alfandega. Tel. 23-2451
GONÇALVES D'OLIVEIRA & C. A.J. fabrica 48-A, Av. Paris. Tel. 30-2149
GRAÇA & C. JOSÉ. 60, G. Dias. Tel. 220811
GRAÇA & C. JOSÉ. 42, R. Silva. Tel. 23-1347
HACHIYA IRMÃOS & C. Loja. 85, T. Ootoni. Tel. 43-2850
LÁ EM CASA. 912, Av. Copacabana. Tel. 47-0180

LOJA VERMELHA. 710, B. Mesquita. Tel. 38-7547
MANUFATURA DE BRINQUEDOS ESTRELA LTDA. 10, Carioca. Tel. 43-5546
MESBLA S. A. 48/56, R. Passeio. Tel. 22-7720

MOREIRA DA ROCHA L. fabr. 120, P. Nunes. Tel. 28-9280
POLTO & C. LTDA. EMILIO. 60, G. Camara. Tel. 23-4791
PRONTO SOCORRO DOS BRINQUEDOS. 57, Senador Dantas. Tel. 22-4396
PUSTILNIC, ABRAM. 131 Conde Bonfim. Tel. 28-1558
REQUIÃO, IVO. 130 2.º, Rua B. Aires. Tel. 43-3639
ROCHA M. ARACEMA. 912, Av. Copacabana. Tel. 47-0180
SILVA R. F. 159, R. Alfandega. Tel. 43-7942
SKLENICKA FRANCISCO. 327, L. Teixeira. Tel. 29-6795
SKUPLIK L. fabr. 20, Lilares. ⊙ MAR. HERMES. 405
STUETTGEN H. fabr. 45, Tv. Helmengarda. Tel. 29-1509
SUPERBA S. A. 26, R. Senohr Passos. Tel. 43-1710

CARVÃO MINERAL

ALMEIDA & C. LTDA. B. L. 443, G. Pedra. Tel. 43-3041
ARAUJO M. M. 94, Pra. S. Cristovão. Tel. 28-4197
BARBOSA & C. FRANCISCO. 1259-B, R. S. Cristovão. Tel. 28-1319
BELMIRO RODRIGUES S. A. escr. 26-A, Av. Rio Branco. Tel. 43-2855
BELOTTI & C. SIMÃO. 267, Sto. Cristo. Tel. 43-7875
BRAZILIAN COAL COMPANY LTDA., escr. 7, Praça Mauá. Tel. 23-4715
BRAZILIAN COAL COMPANY LTDA., dep. Ilha Ferreiros. Tel. 28-0376
BRAZILIAN COAL COMPANY LTDA., ofic. Ilha Ferreiros. Tel. 28-5464
BUARGUE & C. LTDA., escr. 280, Pra. S. Cristovão. Tel. Tel. 28-3495
CADEM (Veja Consorcio Administrador de Emprezas de Mineração).
COHNITZ & C. FRANZ, dep. Av. F. Bicalho. Tel. 43-4784
COMP. BRAS. CARBONIFERA ARARANGUA. 303 Av. R. Alves. Tel. 23-1900
COMP. CARBONIFERA RIO GRANDENSE. escr. 26-A, Av. R. Branco. Tel. 23-6100
COMP. CARBONIFERA RIO GRANDENSE, escr. 26-A, Av. R. Branco. Tel. 23-6191
COMPANHIA ESTRADA DE FERRO E MINAS DE SÃO JERONYMO. Escr. 2-11.º Prç. Getulio Vargas. Tel. 42-0995
COMP. METROPOLITANA S. A. escr. 116, Rosario. Tel. 23-0892
COMP. MINERAÇÃO E METALURGIA SSÃO PAULO PARANÁ, escr. 303, Av. R. Alves. Tel. 43-2713
COMP. NACIONAL MINERAÇÃO CARVÃO BARRO BRANCO. 303, Av. R. Alves. Tel. 23-1900
COMP. NACIONAL MINERAÇÃO CARVÃO BARRO BRANCO. diretoria. 303, Av. R. Alves Tel. 43-4458
COMP. NACIONAL MINERAÇÃO CARVÃO BARRO BRANCO. escritorio. 303, Av. R. Alves. Tel. 43-3095
COMP. NACIONAL DE MINERAÇÃO E FORÇA 70, A. P. Alegre. Tel. 42-7622
CONSORCIO ADMINISTRADOR DE EMPREZAS DE MINERAÇÃO (CADEM) Escritorio 2-11.º Praça Getulio Vargas. Tel. 42-0995
FRANCISCO LEAL & C. 104, M. Couto. Tel. 23-2995
GUERET'S ANGLO BRAZILIAN COALING CO. LTD. 7, Praça Mauá. Tel. 23-0585
LEAL & C. FRANCISCO. escr. 104, M. Couto. Tel. 23-2994
LEAL & C. FRANCISCO. escr. 104, M. Couto. Tel. 23-2995
LEAL & C. FRANCISCO. dep. Pr. S. Cristovão. Tel. 28-0526
LEAL & C. FRANCISCO, dep. Prã S. Cristovão. Tel. 28-6004
LOPES & REBELO, dep. 52, B. Otoni. Tel. 28-1217
PACHECO MOREIRA S. A. escr. 37, Av. R. Branco, Te. 23-0243
PACHECO MOREIRA S. A. dep. 116, Pr. S. Crist. Tel. 48-8701
PACHECO MOREIRA S. A. dep. Pr. SS. Cristovão. Tel. 28-5609
RODRIGUES S. A. BELMIRO. escr. 26-A, Av. Rio Branco. Tel. 43-2855
RODRIGUES S. A. BELMIRO. dep. 68, Pr. Cajú. Tel. 28-0320
RODRIGUES S. A. BELMIRO. dep. 68, Pr. Cajú. Tel. 48-8803
RODRIGUES S. A. BELMIRO. deposito. Ilha Pombeba. Tel. 28-0197
SAUWEN & CIA. LTDA. dep. e fabr. 374, C. Seidl. Tel. 28-3064
SAUWEN & C. LTDA. ger. 4, Av. R. Branco. Tel. 23-1388
SAUWEN & C. LTDA. escr. 4, Av. R. Branco. Tel. 23-2872
SAUWEN & C. LTDA. fabrica aux. 182, Av. Republica Perú. Tel. 43-1765
WILSON SONS & CO. LTD. escr. 37, Av. R. Branco. Tel. 23-5988
WILSON SONS & CO. LTD. dep. 116, Praia São de Cristovão. Tel. 28-0403

CAMISARIA

CHÁ, CERA E SEMENTES

ABEL, IRMÃO & C. LTDA. 14, Ouvidor. Tel. 43-5402
ABREU DE SOUZA & C. 172, Livramento. Tel. 43-4247
ARTUR RAMADA & C. Merc. Mun. lado ext. 16. Tel. 42-2887
BOTELHO & C. AMERICO. chá. 70, Acre. Tel. 43-1964
BRAGA & C. LTDA. ANTONIO. escritorio: 30, R. Candelaria. Tel. 23-0343
BRAGA & C. LTDA. ANTONIO. armazem: 30, R. Candelaria. Tel. 23-0807
CAILAU & A. M. sementes. 112, S. Pedro. Tel. 23-5492
CASA DUARTE, escr. 73, Rosario. Tel. 23-5744
CASA FRANÇA GOMES LTDA. 34, M. Veiga. Tel. 43-2303
CASA REDEMTOR. 158, S. Eusebio. Tel. 43-2753
CERA PRATES. 160, S. Passos. Tel. 44-6887
COSTA & C. CELESTINO. sementes. 22, Rua do Mercado. Tel. 23-1543
GOLDUENBERG ARON. 73, Catumby. Tel. 42-6972
GOMES & C. ALBERTO. 238, B. Aires. Tel. 43-0066
GUIMARÃES D'ALMEIDA 65, Catete. Tel. 25-7768
LOPES & CIA. LTDA. ARTUR VIUVA. 48, Praça Tiradentes. Tel. 22-3484
MARTINS HENRIQUE RAUPP. 145, M. Couto. Tel. 23-0262
MENDES CARNEIRO & C. A. 47, Quitanda. Tel. 23-3700
MIRANDA & SOUZA. 157, R. Magalhães. Tel. 29-0441
MONTEIRO & C. DAVID. 15, Tv. Comercio. Tel. 23-5031
MONTEIRO & C. J. A. 49, Candelaria. Tel. 23-3239
OLIVEIRA & REZENDE. 2381-A Av. Suburbana. Tel. 29-2438
PEDROSA MONTEIRO & C. 12, Mercado. Tel. 23-5743
PEROLA DA CHINA A. 130, R. Uruguaiana. Tel. 23-4937
PINTO LUCENA & C. 35, Mercado. Tel. 23-1555
PINTO LUCENA & C. 108, Rosario. Tel. 23-2797
RIBEIRO DUARTE & CIA. 22, Praça O. Bilac. Tel. 23-6289
SEMENTEIRA A. 86, Av. Passos. Tel. 43-6881

WILSON SONS & CO. LTD. dep. 110, Praia São de Cristovão. Tel. 28-0403

CAMISARIA

CHÁ, CERA E SEMENTES

ABEL, IRMÃO & C. LTDA. 14, Ouvidor. Tel. 43-5402
ABREU DE SOUZA & C. 172, Livramento. Tel. 43-4247
ARTUR RAMADA & C. Merc. Mun. lado ext. 16. Tel. 42-2857
BOTELHO & C. AMERICO. chá. 70, Acre. Tel. 43-1964
BRAGA & C. LTDA. ANTONIO. escritorio: 30, R. Candelaria. Tel. 23-0343
BRAGA & C. LTDA. ANTONIO. armazem: 30, R. Candelaria. Tel. 23-0807
CAILAU & A. M. sementes. 112, S. Pedro. Tel. 23-5492
CASA DUARTE, escr. 73, Rosario. Tel. 23-5744
CASA FRANÇA GOMES LTDA. 34, M. Veiga. Tel. 43-2308
CASA REDEMTOR. 158, S. Euzebio. Tel. 43-2753
CERA PRATES. 160, S. Passos. Tel. 44-6887
COSTA & C. CELESTINO. sementes. 22, Rua do Mercado. Tel. 23-1543
GOLDUENBERG ARON. 73, Catumby. Tel. 42-6972
GOMES & C. ALBERTO. 228, B. Aires. Tel. 43-0066
GUIMARÃES D'ALMEIDA 63, Catete. Tel. 25-7768
LOPES & CIA. LTDA. ARTUR VIUVA. 48, Praça Tiradentes. Tel. 22-3484
MARTINS HENRIQUE RAUPP. 145, M. Couto. Tel. 23-0262
MENDES CARNEIRO & C. A. 47, Quitanda. Tel. 23-3700
MIRANDA & SOUZA. 157, B. Magalhães. Tel. 29-0441
MONTEIRO & C. DAVID. 15, Tv. Comercio. Tel. 23-5031
MONTEIRO & C. J. A. 49, Candelaria. Tel. 23-3239
OLIVEIRA & REZENDE. 2381-A Av. Suburbana. Tel. 29-2428
PEDROSA MONTEIRO & C. 12, Mercado. Tel. 23-5743
PEROLA DA CHINA A. 130, R. Uruguaiana. Tel. 23-4937
PINTO LUCENA & C. 35, Mercado. Tel. 23-1555
PINTO LUCENA & C. 108, Rosario. Tel. 23-2797
RIBEIRO DUARTE & CIA. 22, Praça O. Bilac. Tel. 23-6289
SEMENTEIRA A. 86, Av. Passos. Tel. 43-6881

SILVA MELO & C. LTDA. erva mate. 172, R. Gen. Camara. Tel. 43-2289
SOARES NUNES & C. 150, G. Camara. Tel. 23-4936
SOUZA HELVECIO 1-A, J. Alencar. Tel. 42-5436

CHAPÉUS DE SOL E BENGALAS

ALVES SANTOS & C. 237, Alfandega. Tel. 23-0405
ARCO IRIS O. 2, Misericordia. Tel. 42-9617
ARINCHTEIN VLADIMIR. 54, 7 Setem. Tel. 43-5108
ATLANTICA A. 930-A, Av. Copacabana. Tel. 27-0853
BARBOSA ANTONIO. 32, Conceição. Tel. 43-5706
BLANCO R. C. 218, R. Catete. Tel. 25-4197
BUCK & C. 114, S. L. Gonzaga. Tel. 28-5963
CASA CAVACAS. 162, Uruguaiana. Tel. 23-3278
CASSA LOUBET. 64, R. 7 Set. Tel. 23-0724
CASA MARTINS. 202, R. 7 Set. Tel. 22-2865
CASA RAYMUNDO. 99, Uruguaiana. Tel. 23-4417
CASA RAYMUNDO. 211, Alfandega. Tel. 43-8611
CHAPELARIA BOM RETIRO. 36, B. B. Retiro. Tel. 29-2367
CHAPELARIA COPACABANA. 571, Avenida Copacabana. Tel. 27-0533
CHAPELARIA IPANEMA. 139, V. Porajá. Tel. 27-2097
CHAPELARIA SUL AMERICA. 42, Lapa. Tel. 22-2817
CHERENQ CHENÉ & C. 64, R. 7 Setem. Tel. 23-0724
CHERMAN IZRAEL. 364, A. Cordeiro. Tel. 29-4358
COGANO PEISSAH. 84, Visc. Itauna. Tel. 23-6149
CRISPEL JACOB. 46, Visconde Itauna. Tel. 43-3126
ESTABELECIMENTO FERRINI LTDA. 9, R. Candelaria. Tel. 23-2000
FABR. DE GUARDA-CHUVAS. 39, S. Euzebio. Tel. 43-5282
FREITAS CASTRO & C. 206, B. Aires. Tel. 43-0613
GARBATI & C. A. 45, S. Euzebio. Tel. 43-0303
LYRA & C. 107, V. Inhauma. Tel. 43-2735
MANUFATURA CELESTE. 70, V. Gavea. Tel. 43-4334
MATOS JOÃO. Fabr. guarda-chuvas. 82, R. Bento Ribeiro. Tel. 43-3752
PINHO OSORIO & C. Fabr. 162, Uruguaiana. Tel. 23-3278
PLUVIUS LTDA. guarda-chuvas. loja. 6, Praça Tiradentes. Tel. 22-5230
PLUVIUS LTDA. fabr. 78, B. Petropolis. Tel. 48-8401
ROBIN & C. 54, R. 7 Setem. Tel 23-3055
SOUTINHO E VALE. 2, Misericordia. Tel. 42-9617
TORTEROLI LYDIA. 123, Av. M. Floriano. Tel. 43-4795
WAISBERG & C. F. fabr. 322, Alfandega. Tel. 43-1712

CHOCOLATE E CACAU

BHERING COMPANHIA S. A. seção compras. 113, R. 7 Setembro. Tel. 22-4724
BHERING COMPANHIA S. A. escritorio. 113, R. 7 Setembro. Tel. 42-6952
CASA FALCHI S. A. 176, Teofilo Otoni. Teel. 43-0178
CHOCOLATE GARDANO. 61, Camerino. Tel. 43-2210
CHOCOLATE JUNK. 69, Riachuelo. Tel. 42-3224
CHOCOLATE LACTA. 247-B, Av. Mem de Sá. Tel. 42-7451
FABRICA PARISIENSE. 73, G. Cadwell. Tel. 43-0148
KOPENHAGEM DAVID. 52, B. Aires. Tel. 43-9740
MARTINS FILHOS LTDA. 23, Andradas. Tel. 22-2975
MARTINS FILHOS LTDA. 23, Andradas. Tel. 22-8875
MENKO MAX GUNTER, fabr. 58-c/3. C. Paz. Tel. 28-1144
VAZ J. M. 73, Gen. Caldwell. Tel. 43-0148
XAVIER & C. LTDA. G. fabr. 1027, R. 24 Maio. Tel. 29-5518
ZANOTTA & CIA. LTDA. ALFREDO. 247-B, Av. Mem de Sá. Tel. 42-7451

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

ABREU TEIXEIRA FERNANDO. 20, Rua da Quitanda. Tel. 42-7902
ACQUARONE HUMBERTO, escr. 190, Quitanda. Tel. 43-5326
ADLER EDWARD C. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-4870
ALBUQUERQUE J. AFONSO. 80, L. Martins. Tel. 23-5431
ALHADAS R. A. 19, G. Camara. Tel. 23-0051
ALLARD DOIBAN & C. 82, R. 1.º Março. Tel. 23-0925
ALMEIDA & C. NELSON. 30, Beneditinos. Tel. 23-3436
ALVARO BARROSO & CIA. 24, Beneditinos. Tel. 23-4747
ALVES DA CUNHA & C. 30/2, Ouvidor. Tel. 23-2942
ALVES DA CUNHA & C. 30/2, Ouvidor. Tel. 23-4685
ALVES & FILHO JOÃO. 8, L. Martins. Tel. 23-0287
ARANHA GOETZE & C. 28, Beneditinos. Tel. 23-4337
ARANHA GOETZE & C. 28, Beneditinos. Tel. 23-0820
ARANHA GOETZE & C. 767/9, Av. R. Alves. Tel. 43-0579
ARAUJO LEITÃO & C. LTDA. 202, Quitanda. Tel. 23-4967
ARAUJO LIMA. 55, Ouvidor. Tel. 43-1010
AREAL Fº. INACIO. 177, Av. R. Branco. Tel. 42-8469
ARMANDO SOARES & C. LTDA. 115, M. Couto. Tel. 23-2538
ARRUDA IRMÃO & C. 9, Candelaria. Tel. 23-4992
ARRUDA V. HUMBERTO. 67, Alfandega. Tel. 23-2811
ASSUMÇÃO & SILVA. 54, Acre. Tel. 23-4231
AUSTIN THOMAS B. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-0720
AXEL MALM & C. LTDA. 76, L. Martins. Tel. 23-5237
AVEZEDO & SOBRAL. 117, Andradas. Tel. 43-0289
AZEVEDO VICTOR & C. LTDA. 12, Ouvidor. Tel. 43-5354
BATISTA ALVES & C. LTDA. 186, Rezende. Tel. 42-1850
BATISTA ALVES & C. LTDA. 186, Rezende. Tel. 22-1028
BATISTA JOÃO M. 109, M. Couto. Tel. 43-6070
BARBATO CAETANO. 14, R. S. Pedro. Tel. 23-0744
BARBOSA LUIS A. A. 42, Prç. 15 Novem. Tel. 43-9260
BARBOSA ALBUQUERQUE & CIA. 101, Rosario. Tel. 23-3742
BARBOSA ALBUQUERQUE & CIA. 101, Rosario. Tel. 23-3743
BARBOSA ALBUQUERQUE & CIA. dep. café. 45 D. Gerardo. Tel. 43-0570
BARBOSA ALBUQUERQUE & CIA. seç. fornecimentos. 101, Rosario. Tel. 23-4647
BARRETO MERHY & MALDONADO. 39, Rua do Mercado. Tel. 23-4882

BARROS BATISTA & C. 90, R. 1.º Março. Tel. 23-1428
BARROS CARLOS. 101-A, R. 1.º Março. Tel. 43-6341
BARROSO & C. ALVARO. 24, Beneditinos. Tel. 23-4747
BARROSO & C. ALVARO. 24, Beneditinos. Tel. 23-4017
BEMHADSCRUETTER PAULO 118, Alfandega. Tel. 23-3766
BIONDI ANTONINI & C. LTDA. 401, Riachuelo. Tel. 42-7763
BIRKELAND & C. LTDA. 20, R. 1.º Março. Tel. 23-2247
BODSON & C. LTDA. H. 69, T. Otoni. Tel. 23-0360
BRAUTIGAM JOSÉ. 67, G. Camara. Tel. 23-2575
BRAZILTRAD LIMITADA S. A. escr. 26, Av. Graça Aranha. Tel. 42-5176
BRYERS & C. THOMAS. 44, S. Pedro. Tel. 23-3498
BUELAU & C. escr. 74, Candelaria. Tel. 23-5081
BUONOCORE VICENTE. 8, R. 1.º Março. Tel. 43-9866
BUONOCORE, VICENTE. 8-1.º Sala 2. 1.º Março. Tel. 43-9866
CABRAL ARILTON. 69/77, Av. R. Branco. Tel. 43-4675
CAMPOS RODRIGUES A. 140, R. 7 Setem. Tel. 42-4391
CAPONE TEMISTOCLES. 71, R. Candelaria. Tel. 23-3248
CARDILLO & C. MARIO. 47, R. Acre. Tel. 23-4098
CARDOSO & IRMÃO ORLANDO. 80, R. Acre. Tel. 43-4576
CARDOSO & VIEIRA J. 169, P. Pedra. Tel. 43-9912
CARNEIRO & C. 19, G. Camara. Tel. 23-3762
CARNEIRA PEREIRA A. 63, Candelaria. Tel. 23-3342
CARNEIRO & C. LTDA. J. E. armz. 7, Rosario. Tel. 23-4381
CARVALHO BRESSANE & C. LTDA. 55-A. R. L. Martins. Tel. 43-9190
CARVALHO & C. JOÃO. 66, V. Inhauma. Tel. 23-5152
CARVALHO ORLANDO SOARES 8, Prç. L. Trovão. Tel. 23-0216
CARVALHO & REIS LTDA. 56, B. Aires. Tel. 23-0022
CARVALHO SILVA CORNELIO. 45, Ouvidor. Tel. 43-2022
CASA B. R. RAND. contab. 37, S. Dantas. Tel. 42-1990
CASA B. R. RAND. ger. 37, S. Dantas. Tel. 42-6874
CASA B. R. RAND. seç. vendas. 37, S. Dantas. Tel. 22-9476
CASA BRATAC LTDA. ger. 30-A, Avenida Graça Aranha. Tel. 22-6278
CASA DE MINAS CEREAES LTDA. 33/7, Rua A. Alvim. Tel. 42-9633
CASA NORTISTA. 5, Rosario. Tel. 43-8414
CASA ZENHA RAMOS LTDA. escr. 36, M. Veiga. Tel. 23-2871
CASTRO CUNHA & C. 1, R. S.
CASTRO E SILVA ALVES & MIRANDA PACHECO LTDA. Escritorio 133, R. Alfandega. Tel. 43-7951; Gerencia. 133, Alfandega. Tel. 43-7150
COELHO & C. ANTONIO. 24, R. 1.º Março. Tel. 23-2841
COELHO DUARTE & C. 70/2, Rosario. Tel. 23-2794
COELHO DUARTE & C. 72, Rosario. Tel. 23-3261
COIMBRA & FILHO HERCULANO. 79, B. Aires. Tel. 23-2326
COLLARES MIGUEL. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-3639
COMISSARIA ITALO BRASILEIRA LTDA. 35, G. Camara. Tel. 43-2256
COMP. USINAS DE SERGIPE, CIMENTOS E COMISSÕES. 20, Prç. 15 Nov. Tel. 43-277.
COMP. LACTICINIOS ALBERTO BOEKE. 136, R. Andradas. Tel. 43-1224
CORRÊA AMERICO FERNANDES. 205, Rua S. Pedro. Tel. 43-0862
COSTA FARIA & C. LTDA. 28, S. Pedro. Tel. 23-4684
COSTA J. BRITO. 164, Mexico. Tel. 22-4619
CREDITO CARIOCA LTDA. 21, Quitanda. Tel. 42-5868
CROMACK ERNEST E. 33, Av. R. Branco. Tel. 43-9697
DAVAG. 6-3.º, S/6, 1.º Março. Edif. Paço. Tel. 43-9767
DAVIDSON PULLEN & C. 145. Quitanda. Tel. 23-1955
DAVIS DONOVAN. escr. 38, T. Otoni. Tel. 43-9450
DAVIS DONOVAN. 38, T. Otoni. Tel. 23-2542
DE PIRO RENATO. 210, Av. B. Mar. Tel. 42-7696
DINACO AGENCIAS E COMISSÕES LTDA. 9, Av. R. Branco. Tel. 43-1856
DINACO AGENCIAS E COMISSÕES LTDA. 9, Av. R. Branco. Tel. 43-0733
DOLABELA & C. LTDA. 56, G. Camara. Tel. 23-5715
DONATO ARAUJO G. 19, Candelaria. Tel. 43-7475
DOUAT & C. PROCOPIO. 7, Prç Mauá. Tel. 23-3263
DRESDNER RICARDO JACQUES. 12-A, Tv. Barbeiros. Tel. 23-4078
EHTERMANN & C. LTDA. 17, T. Otoni. Tel. 23-0759
EMPREZA COMERCIO INDUSTRIAL LTDA. 43, Av. G. Aranha. Tel. 42-8380
EMPR. OPER GERAIS LTDA. 47, Alfandega. Tel. 43-4325
ENGELKE E. G. 51, B. Aires. Tel. 23-3659
F. ABRANCHES. 5, Rosario. Tel. 43-8414
FARIA ALBINO. 38-A, Prç. 15 Nov. Tel. 43-9840
FARIA CHUEKE & C. 42, Tv. Sta. Rita. Tel. 43-1937
FERNANDES AUGUSTO. 136, Quitanda. Tel. 23-5463
FERNANDES & C. V. 26, Tv. Ouvidor. Tel. 23-3442
FERREIRA ARAUJO C. 122 B. Aires. Tel. 23-5238
FERREIRA BARROS & C. 296, S. Pedro. Tel. 43-3153
FERREIRA BASTOS & C. J. 32, Mercado. Tel. 43-4238
FERREIRA & C. ABILIO. 21, S. Bento. Tel. 23-4737
FERREIRA FILHO & C. 19, R. Mercado. Tel. 23-2945
FERREIRA JUNIOR & C. F. 29, Prç. 15 Nov. Tel. 23-3144
FEURIE A. 26, R. Candelaria. Tel. 23-2271
FONSECA A. 19, G. Camara. Tel. 23-5666
FONSECA & COELHO. 5, R. S. Bento. Tel. 23-1144
FONSECA J. P. L. 117, Av. R. Branco. Tel. 43-5717
FRAEB & C. WALTER. 39, R. Acre. Tel. 23-6280
FREIRE SOUZA NELSON. 143, Av. R. Branco. Tel. 43-7313
FREY A. 87, Rua Quitanda. Tel. 23-3737
FURTADO JOSÉ. 9, Av. Rio Branco. Tel. 43-6113
GODINHO DJALMA. 7, R. 1.º Março. Tel. 43-4650
GOKKES DO BRASIL LTDA. escr. 90, Av. Alm. Barroso. Tel. 22-7973
GOMES FERREIRA & C. JOÃO. 109, M. Couto. Tel. 43-1488
GONÇALVES & C. M. 13 R. M. Veiga. Tel. 23-4044
GONÇALVES & C. RAYMUNDO. 192, Quitanda. 23-4182
GORDILHO ALMIR CAMPOS. 111, Quitanda. Tel. 43-9855
GRIJÓ & C. E. 61, Rua Acre. Tel. 23-5039

GROSSI & AMARAL. 33, Mercado. Tel. 43-1547
GUEDES & FARIA 7, Pedro Rodrigues. Tel. 43-4201
GUERRERO & C. 38-A, Prç. 15 Nov. Tel. 23-5458
GUIMARÃES MOREIRA & C. 69/71, Avenida Rio Branco. Tel. 43-8025
GUIMARÃES NEVES & C. 91, G. Camara. Tel. 43-6491
HAENINO CARLOS E. 20, Gen. Camara. Tel. 23-0951
HALBOTH ARMIN. 152, R. B. Aires. Tel. 23-3406
HASLINGER & C. 7, S. Bento. Tel. 43-5501
HERZ & C. ADOLFFO. 14, S. Pedro. Tel. 23-0744
HOLLEVIK A. J. 19, B. Aires. Tel. 23-4344
INTERCAMBIO SUECO BRAS. LTDA. 234/6, Gen. Camara. Tel. 23-5060
IRMÃOS GALDEANO & C. 791, Av. R. Alves. Tel. 23-0976
IRMÃOS MACEDO. 281, S. Pedro. Tel. 43-3131
J. S. CAMPOS & C. LTDA. 17, 1.º Março. Tel. 23-5555
JAUBERT & C. R. 54, R. 7 Setembro. Tel. 23-3885
JAYME LOUREIRO & C. 169/71, Conceição. Tel. 43-6304
JEANS & C. WILSON. 90, G. Camara. Tel. 23-3543
JOHNSTONE R. W. 113-A, Rosario. Tel. 43-9422
JOSÉ & F. VIEIRA LTDA. 19, B. Aires. Tel. 43-6199
JOVE JOSÉ GARCIA. 88, R. S. Pedro. Tel. 23-5438
KASTI & C. A. 141, T. Otoni. Tel. 43-2509
KELLER & C. LTDA. LUCIUS. 85, Candelaria. Tel. 23-0385
KHOURYG ELIAS. 118, Alfandega. Tel. 23-3766
KRAMER & C. 97, Alfandega. Tel. 23-5497
KRAUSE & KEPPICH. 168, R. Mexico. Tel. 23-6459
LACERDA O. 134, Av. R. Branco. Tel. 42-6852
LAMPERT S. 143, R. B. Aires. Tel. 23-1318
LANZA & CYRILLO. 91, Alfandega. Tel. 23-2352
LEAL MARIA, escr. 33, Sen. Dantas. Tel. 22-4799
LEITE JOSÉ DA SILVA. 131, M. Couto. Tel. 23-1368
LENNEBERG R. 41, B. Aires. Tel. 43-7479
LIEBMANN & C. LTDA. M. 91, Av. R. Branco. Tel. 43-3795
LEVIER L. E. 74, Candelaria. Tel. 43-7315
LIMA S. 140, 7 Set. Tel. 42-4391
LOPES DA COSTA JOÃO. 54, Acre. Tel. 23-4661
LOUREIRO & C. ARTUR. 19, S. Benti. Tel. 43-8418
LOUREIRO & C. ARTUR. 19, S. Bento. Tel. 23-2387
LOUREIRO & C. JAYME. 169-171, Conceição. Tel. 43-6304
LOUREIRO MANOEL. 25, R. 1.º Março. Tel. 23-3294
LOUREIRO SEGUNDO J. 33, Tv. Sta. Rita. Tel. 43-5410
MACEDO A. S. 90, 1.º Março. Tel. 23-3637
MACEDO PORTAS & C. 48, Misericordia. Tel. 42-1519
MACHADO ALBERTO LOPES. 19, B. Aires. Tel. 23-3849
MACIEL FONSECA & C. 6, L. Martins. Tel. 23-1598
MAGALHÃES & CIA. LTDA. ADOLFO. 42, Rua 7 Setem. Tel. 22-1512
MAGALHÃES & CIA. LTDA. ADOLFO. 42, Rua 7 Setem. Tel. 43-8660
MAGOULAS JORGE JOÃO. 71, Ouvidor. Tel. 23-2587
MAIA A. 71, Acre. Tel. 23-5041
MAIA MANOEL. 28, Prç. O. Bilac. Tel. 23-4497
MAIA MANOEL. 28, Prç. O. Bilac. Tel. 23-5771
MANDARINO ARMANDO. 132, Quitanda. Tel. 23-6234
MANOEL AFONSO & C. 12, Ouvidor. Tel. 23-2943
MANSUR WEHBE. 190, Quitanda. Tel. 23-5065
MARTINS ALMEIDA C. P. 59, Carioca. Tel. 42-0795
MARTINS & C. LOBO. 48, Tv. Sta. Rita. Tel. 23-4539
MARTINS SARAIVA & C. 14, Misericordia. Tel. 42-1520
MARTINS DA SILVA APOLO. 84, G. Camara. Tel. 23-0737
MASCARENHAS BASTOS & C. 132, M. Couto. Tel. 23-0798
MAZZOCCO W. 117, Av. Rio Branco. Tel. 43-5316
MENDES NOGUEIRA & C. 45 S. Pedro. Tel. 23-0481
MERKER GUSTAVO. 152-A, S. Pompeu. Tel. 43-2453
MIL J. S. 168, Rua Mexico. Tel. 42-8233
MIRANDA & C. ALFREDO. 100/100-A, R. Gen. Camara. Tel. 23-4386
MIRANDA JULIO. 171, Alfandega. Tel. 43-5771
MITCHELL W. 33, Av. R. Branco. Tel. 23-2638
MONTEIRO A. DE CARVALHO. 61, Candelaria. Tel. 23-2546
MONTEIRO RAMOS & C. 35, R. Acre. Tel. 23-4252
MOREIRA FERNANDES & C. 92, R. Acre. Tel. 23-5138
MOURÃO & C. JULIO. 18, Ouvidor. Tel. 23-2946
MULLER FERNANDO. 62, Quitanda. Tel. 23-4888
MULLER HANS. 180, R. Alfandega. Tel. 43-2166
NASCIMENTO M. P. 184, Quitanda. Tel. 43-9014
NELSON ALMEIDA & C. 30, R. Beneditinos. Tel. 23-3436
NERY DA SILVA A. 117, Teofilo Otoni. Tel. 23-1174
NETO RICART. 28, R. Mercado. Tel. 23-0691
NEUMANN FRANK A. 95, R. 1.º Março. Tel. 23-5120
NEVES LOURIVAL. 33, Gen. Camara. Tel. 43-9673
NISHIO HAGEMU. 107, Alfandega. Tel. 43-8017
NOEL DOLBERTH. 78, Acre. Tel. 43-7743
NOLASCO LUIZ. 7, Prç. Mauá. Tel. 23-3365
NORDSCHILD WILLIAM. 96, T. Otoni. Tel. 23-0982
NUNES & C. J. 41, T. Otoni. Tel. 23-4788
NUNES VAZ-TOURO A. 188, S. Pedro. Tel. 23-2861
OBERST ROCHA & C. LTDA. 171, B. Aires. Tel. 43-1038
OESTREICH & C. 49, R. Acre. Tel. 23-4081
OLIVEIRA LOPES SILVA & C. 48, D. Manoel. Tel. 42-1026
OMNIPOL BRASILEIRA S. A. 380, Avenida Nilo Peçanha. Tel. 42-5203
PACHECO GUIMARÃES & CIA. 85, Rosario. Tel. 23-1169
PACHECO GUIMARÃES & CIA. 85, Rosario. Tel. 23-3738
PAIN ALEX M. 90, G. Camara. Tel. 23-0853
PARAMES VICTOR VIUVA. 50, S. José. Tel. 22-2716
PEDROZA JOPPERT & C. ger. 39, V. Inhauma. Tel. 23-2936
PELAJO CELIO. 47, Alfandega. Tel. 43-7490
PEREIRA & C. 197, Alfandega. Tel. 43-6891
PEREIRA & C. LTDA. JORGE. 41, R. Acre. Tel. 23-1082
PEREIRA & C. LTDA. JORGE. 88, S. Pedro. Tel. 23-1275
PEREIRA & MEIRELES. 19, B. Aires. Tel. 23-4344
PERES CASANOVAS & CIA. LTDA. 39, Rua do Mercado. Tel. 23-1562
PIMENTEL M. 171, S. Pedro. Tel. 43-1717
PINHEIRO ALFREDO R. 87, T. Otoni. Tel. 23-1485
PINHEIRO THOMAZ. 103, R. 1.º Março. Tel. 23-0867
PINTO DA SILVA CARLOS. 21, Ouvidor. Tel. 23-2237
PLESS FREDERICO. 167, T. Otoni. Tel. 43-0750
POLTO & C. LTDA. EMILIO, repres. seções Metalurgica Matarazzo S. A. latarîa e cartazes. 60, Rua Gen. Camara. Tel. 23-5299
PORTUGAL JOSÉ S. 61, Candelaria. Tel. 23-2546
PRISTA & C. 12, R. Mercado. Tel. 23-3139
PYTKOWICZ I. 55, R. Carmo. Tel. 43-8498
QUINTELA & C. JULIO. 30, R. Acre. Tel. 23-5145
REACKE C. H. 40, Av. Graça Aranha. Tel. 42-5498

RABAÇA MACHADO & CIA. LTDA. 53, Acre. Tel. 43-5101

RAFFGELI & C. VESCOVI. 38, Beneditinos. Tel. 23-0270

RAMOS M. S. 69-A, Ouvidor. Tel. 43-9437

RAND B. R. 37, Sen. Dantas. Tel. 22-9476

RAND B. R. 37, R. S. Dantas. Tel. 42-7990

RAND B. R. 37, R. S. Dantas. Tel. 42-0874

RAUL S. RODRIGUES & C. 36, Rosario. Tel. 23-4237

REIS MARQUES & C. 28, Acre. Tel. 23-4764

REIS W. M. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-3396

RIBEIRO & C. GASPAR. 82, Rosario. Tel. 23-5721

RILEY & C. 7, Praça Mauá. Tel 23-0856

ROBINSON J. M. A. escr. 117, Costa. Tel. 23-6258

ROCHA & C. JOÃO. 46, R. L. Martins. Tel. 43-6043

RODRIGUES BARRETO & C. 88, Rosario. Tel. 23-3439

RODRIGUES & C. A. 64, Visc. Inhauma. Tel. 43-4766

RODRIGUES & C. A. 64, Visc. Inhauma. Tel. 23-0825

RODRIGUES & C. RAUL S. 36, Rosario. Tel. 23-4237

RODRIGUEZ HIDALGO. 17 Beneditinos. Tel. 23-3872

ROUSSEAU & C. S. 26, G. Camara. Tel. 43-5140

RUFFO & C. LTDA. 333, Sacc. Cabral. Tel. 23-4036

RUTOWITSCH HELIOS. 55, R. Ouvidor. Tel. 43-1020

SA' M. N. 558, Av. Copacabana. Tel. 27-1327

SALDANHA & C. HORACIO. 85, S. José. Tel. 42-5629

SAMBI LAMBERTO. 87, Uruguaiana. Tel. 23-4300

SAMPAIO & C. L. 39, V. Fazenda. Tel. 23-3282

SANS QUINTANA L. 194, Alfandega. Tel. 43-3212

SANTOS AMADEU RODRIGUES. 45, Ouvidor. Tel. 23-4780

SANTOS AVELINO RODRIGUES. 5, R. Rodriguee Silva. Tel. 22-7943

SANTOS & LAMBERT. 27, Tv. Ouvidor. Tel. 23-3275

SANTOS SOARES & C. 20, R. Mercado. Tel. 23-3138

SARABANDA FRANCISCO MARQUES. 32, R. M. Couto. Tel. 23-3604

SALCH SEI. 69, Rua Rosario. Tel. 23-6221

SCHILING B. 104, Assembléia. Tel. 42-4770

SCHMID PAULO. 115, S. Pedro. Tel. 23-1285

SCHUTZ WALTER. 33, Ramalho Ortigão. Tel. 42-2061

SEDIMAVER ERICH K. 53, R. Assembléia. Tel. 22-1030

SEGER BEREL. 141, 1.° Março. Tel. 43-4213

SELIGMANN & C. 52, S. Pedro. Tel. 23-5566

SELIGMANN & C. 52, S. Pedro. Tel. 23-5563

SILVA DURVAL. 22, Av. M. Floriano. Tel. 23-4361

SILVA FONTES & C. LTDA. 14, C. Saraiva. Tel. 23-2986

SILVA HORACIO CLAUDIO. 191, T. Otoni. Tel. 43-6363

SILVA WALDEMAR BENTO. 66, Quitanda. Tel. 43-8024

SILVEIRA & C. AMARO. 50, Av. R. Branco. Tel. 23-3453

SILVEIRA & C. AMARO. 518, B. S. Francisco. Tel. 38-7217

SIMMLER & C. EUGENIO. 91, Av. R. Branco. Tel. 23-4873

SIMÕES & C. LTDA. EDUARDO. 35, G. Camara. Tel. 23-3646

SIMON F. 117, Av. R. Branco. Tel. 43-2094

SIMON & C. LTDA. R. 56, Ouvidor. Tel. 23-0781

SIMONSEN & C. 90, Candelaria. Tel. 23-3245

SIMONSEN & C. 90, Candelaria. Tel. 23-3247

SMITH RIBEIRO & C. 12, R. 1.° Março. Tel. 23-3039

SOARES ALBERTO. 109, Ouvidor. Tel. 42-9295

SOARES DOMINGOS COSTA. 73, R. 7 Setem. Tel. 23-5215

SOCIED. ANON. MAGALHÃES. 51, 1.° Março. Tel. 43-8888

SOCIED CITRUS LTDA. 14, Tv. Paço. Tel. 42-3272

SONNTAG ERNST. 21, Beneditinos. Tel. 23-4420

SOUZA A. CARLOS. 139, R. M. Couto. Tel. 43-1323

SOUZA E. J. 91, Av. R. Branco. Tel. 23-1386

SOUZA & IRMÃO. Merc. Mun. R. IX, 98/100. Tel. 42-0409

SOUZA SEGUNDO JULIO. 516-C, Av. P. Frontin. Tel. 28-8210

SOUZA TERCIO T. 185, Quitanda. Tel. 43-6604

STAUB & C. LTDA. EMILIO. 128, E. Veiga. Tel. 22-6952

STEINER & CIA. 9, Rua São Pedro. Tel. 23-2340

SYLVIO VASCONCELOS & C. 11, M. Veiga. Tel. 23-2748

TAUSSIG MIRKO. 380, Av. N. Peçanha. Tel. 42-5203

TAVARES & C. A. 20, Mercado. Tel. 23-5047

TAVEIRA JOSÉ. 95, M. Couto. Tel. 43-2092

TEIXEIRA J. ARAUJO. 101, R. 1.° Março. Tel. 23-5036

TELLES & SOBRINHO MARCILIO. 47, Rua Alfandega. Tel. 23-4568

TERRA BASTOS & C. LTDA. 7, R. S. Bento. Tel. 43-7932

THURMANN NIELSEN K. 117, T. Otoni. Tel. 43-1929

TJADER HENRIQUE. 31, Gen. Camara. Tel. 23-0202

URRUTIGARAY & CIA. 27, Beneditinos. Tel. 23-2561

USABRA S. A. 12-A, Av. Calogeras. Tel. 42-7303

VASCONCELOS ANTONIO SALDANHA. 77, R. Misericordia. Tel. 42-7396

VAZ CYRO, repres. 163, Quitanda. Tel. 43-7586

VAZQUEZ AMADOR. 94, Acre. Tel. 43-7136

VERISSIMO TEOFILO J. M. 69, Candelaria. Tel. 43-8229

VILELA FILHO & C. 111, Av. R. Branco. Tel. 23-5724

VILELA, PEDRO DE CARVALHO. 66, R. Gen. Camara. Tel. 43-3040

WALTER & C. escr. 71, S. Pedro. Tel. 23-1855

WATTEAU J. 82, G. Camara. Tel. 43-4284

WEGENAST & ALMEIDA. repres. 26, S. Pedro. Tel. 23-5605

WIESE C. A. 171, Alfandega. Tel. 43-5771

WOLF GASTÃO. 23, Beneditinos. Tel. 23-2643

ZAMPONI FILHO & C. 68, Acre. Tel. 23-2810

CIAS. DE NAVEGAÇÃO

SOCIÉTÉ GENERALE DE TRANSPORTS MARITIMES A VAPEUR
Agentes: Companhia Comercial e Maritima
Rua Benedictinos, 1.
Tel.: 23-2930

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO — LISBOA
Agentes Geraes:
Companhia Comercial e Maritima
Rua Benedictinos N.° 1
Telefone: 23-2930

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO — LISBOA
Agentes Geraes:
Companhia Comercial e Maritima
Rua Benedictinos N.° 1
Telefone: 23-2930

BRODIN LINE
Agentes Geraes:
Companhia Comercial e Maritima
Rua Benedictinos N.° 1
Telefone: 23-2930

COUROS

A CASA DO COURO Garcia & Coutinho Ltda. 223, R. B. Aires. Tel. 43-2220

A VACA AMARELA. 261, Rua Carvalho Souza. Tel. 29-8953

ABREU ANTONIO SANTOS. 217, G. Camara. Tel. 23-6030

ALIANÇA CARIOCA COUROS LTDA. 12, Rua Gen. Pedra. Tel. 43-2361

ALMEIDA & C. D. R. 153, Rua S. Passos. Tel. 43-3519

ALVES GUIMARÃES & C. 85, R. 7 Setem. Tel. 22-1191

ALVES & OLIVEIRA LTDA. JOSÉ. 6, Senado. Tel. 42-7130

ANDRADE IRMÃOS. 240, Gen. Camara. Tel. 43-6662

ANTONIO SILVA. 19-Sob. Gonçalves Ledo. Tel. 43-2116

ARIETA & CIA. 165, Alfandega. Tel. 43-0131

ARMANDO & IRMÃO. 219, G. Camara. 43-9714

ARMOUR OF BRAZIL CORPORATION. 38, A. Lage. Tel. 43-4433

CIAS. DE NAVEGAÇÃO

COUROS

A CASA DO COURO Garcia & Coutinho Ltda. 223, R. B. Aires. Tel. 43-2220
A VACA AMARELA. 261, Rua Carvalho Souza. Tel. 29-8953
ABREU ANTONIO SANTOS. 217, G. Camara. Tel. 23-6030
ALIANÇA CARIOCA COUROS LTDA. 12, Rua Gen. Pedra. Tel. 43-2361
ALMEIDA & C. D. R. 153, Rua S. Passos. Tel. 43-3519
ALVES GUIMARÃES & C. 98, R. 7 Setem. Tel. 23-1191
ALVES & OLIVEIRA LTDA. JOSÉ. 6, Senado. Tel. 42-7130
ANDRADE IRMÃOS. 240. Gen. Camara. Tel. 43-6662
ANTONIO SILVA. 19-Sob. Gonçalves Ledo. Tel. 43-2116
ARIETA & CIA. 165, Alfandega. Tel. 43-0131
ARMANDO & IRMÃO. 219, G. Camara. 43-9714
ARMOUR OF BRAZIL CORPORATION. 38, A. Lage. Tel. 43-4433

ARTEFATOS DE COURO. Fabr. Lourdes. José Alves & Oliveira, Ltda. 6, Rua do Senado. Tel. 42-7130
AUGUSTO THOME & CIA. 69, Andradas. Tel. 23-3539
BALLUZ BICHARA. 334, R. B. Aires. Tel. 23-2772
BARBASTEFANO LUIZ. 168, S. Passos. Tel. 43-1377
BARROS & BASTOS. 159, Andradas. Tel. 43-8780
BOM GUILHERME. 187, R. S. Pedro. Tel. 43-3445
BRACAZ MAX, fabr. bolsas. 25, Moncorvo Fº. Tel. 43-3542
CARREIRA & CIA. AUGUSTO. 108, S. Passos. Tel. 43-6134
CASA PEXINXA. 72, G. Ledo. Tel. 43-1940
CASA S. JOSÉ. 187, B. Aires. Tel. 43-9670
CASA SIMÃO. 200, R. B. Aires. Tel. 43-4420
CASTRO SANCHES & C. 40, R. Costa. Tel. 43-4554
COELHO A. F. 39, M. Couto. Tel. 43-3377
COMP. DE COUROS PAN AMERICANA S. A. 66, G. Camara. Tel. 23-3237
CONRADO & ANDRADE, bolsas. 17, Conceição. Tel. 22-6320
CORTUME ARAGUARYNO. 28-6.º, R. M. Veiga. Tel. 43-9473
CORTUME CARIOCA S. A. fabr. 227, Quito. Tel. 30-1015
CORTUME CARIOCA S. A. arm. fabr. 226, Quito. Tel. 30-2650
CORTUME FRANCO BRASILEIRO S. A. 305, B. Aires. Tel. 43-2532
COSTA LUIZ FERNANDES. 11, M. Freitas. Tel. 29-8943
CUNHA & FALCON LTDA. 221, G. Camara. Tel. 23-3184
CUNHA J. M. 266, R. S. Pedro. Tel. 23-5098
DAMASO & C. B. 141, M. Couto. Tel. 43-2736
DAQUER & MAIA LTDA. 8, Constituição. Tel. 22-3430
DRAUT & C. LTDA. 21, R. S. Pedro. Tel. 23-0650
DUPRAT ROGER. 65, R. 7 Setembro. Tel. 43-6713
DYSMAN P. fabr. bolsas. 130, R. 7 Setem. Tel. 22-9713
EDLER ARTUR, bolsas. 173, Av. R. Branco. Tel. 22-3513
EDUER ARTUR, bolsas. 147, Av. R. Branco. Tel. 22-2408
EDLER INACIO, bolsas. 36, R. Carioca. Tel. 22-2785
EDLER PAISS LTDA. 25, Cons. Saraiva. Tel. 43-6338
EDUARDO & SILVA, bolsas. 177, R. 7 Setem. Tel. 42-5491
EISENBERG & C. 226, S. Pedro. Tel. 43-6459
FABR. ARTEFATOS COURO SPARTA. 84, Regente Feijó. Tel. 43-2253
FABR. PALANTO, bolsas. 97, R. 7 Setem. Tel. 22-3277
FERREIRA & C. RUY. 249, G. Camara. Tel. 43-0607
FERREIRA D. L. 478-A, C. Machado. Tel. 29-9002
FINKEISTEIN S. fabr. bolsas. 64, Santana. Tel. 43-1489
FORTE DOMINGOS. 34, Constituição. Tel. 22-7299
FRIEDRICK & C. LTDA. OTTO. 58, Sá Freire. Tel. 43-8751
FRYDMAN SAMUEL. 63, Visc. Itauna. Tel. 23-1546
FURTADO & C. LTDA. J. 7, Praça Mauá. Tel. 23-4062
GALERIA DAS INDUSTRIAS. art. 111, R. 7 Set. Tel. 42-5245
GARCIA & COUTINHO LTDA. 223, B. Aires. Tel. 43-2220
GELENDER SAMUEL, bolsas. 22, R. Feijó. Tel. 22-4886
GENADE H. 87, S. Euzebio. Tel. 43-3385
GERMINI FRANK. 7, R. 1.º Março. Tel. 43-9885
GOIMAN ROITBERG & C. LDA. 285, G. Camara. Tel. 43-6487
GOFMAN, ROITBERG & CIA. LTDA. 285, R. G. Camara. Tel. 43-6487
GOMES AGATHYRNO. 279, G. Camara. Tel. 43-1129
GONÇALVES CARNEIRO & C. LTDA. 73, Rua 7 Setembro Tel. 23-5057
GRASS & C. M. 312, G Camara. Tel. 43-2656
GRINSPUN M. bolsas. 92, Lavradio. Tel. 22-6668
GUIMARÃES JOSÉ RIBEIRO. 162, Senado. Tel. 22-2448
HALDINGER GUSTAVO. 84, G. Dias. Tel. 43-2280
HINEIN MIGUEL, fabr. bolsas. 258, S. Passos. Tel. 43-1630
HITAL J. 318, R. Gen. Camara. Tel. 43-1148
HONIGSTEIN LUIZ, fabr. bolsas. 315, Rua Gen. Camara. Tel. 43-5315
JANOWITZER E. M. 111, Av. R. Branco. Tel. 23-5673
KAPLANSKI K., bolsas. 335, B. Aires. Tel. 43-5328
KAUFMANN SIMON, bolsas. 108, Santana. Tel. 43-2745

KLINGMAN & KIRCHBAUM, bolsas. 48, Rua S. Passos. Tel. 43-1086
LEITE CARDOSO & C. 329, G. Camara. Tel. 43-5276
LEMOS ALFREDO. 13, Costa. Tel. 23-1540
LEMOS MONTEIRO. 110, Conceição. Tel. 43-8074
LEVINSPUHT ROBERT, bolsas. 45, M. Couto. Tel. 23-6374
LEVINSPUHT ROBERT, fabr. bolsas. 184, 7 Set. Tel. 23-3117
LUDOVICE ANTONIO. 232, G. Camara. Tel. 43-0647
LUIZ BARBASTEFANO. 168, R. S. Passos. Tel. 43-1377
MADEIRA ARAUJO & C. 202, Alfandega. Tel. 43-4614
MAGALHÃES & C. ABILIO F. 98, T. Otoni. Tel. 23-0162
MAGALHÃES CARLOS F. 217, S. Passos. Tel. 43-0526
MARIO AUGUSTO & C. LTDA. 7, R. Uruguaiana. Tel. 42-5074
MARTINS MARIO J. 155, Av. N. Peçanha. Tel. 22-3282
MASELLI ARTUR. 7 Prç. Mauá. Tel. 43-0895
MASELLI ARTUR. 7 Prç. Mauá. Tel. 43-7890
MATUSIEWICZ JOEL, bolsas. 131, S. Passos. Tel. 43-1502
MILLER & C. L. 75, S. Pompeu. Tel. 42-6283
MILLER SIMON, bolsas. 33, S. Euzebio. Tel. 43-5088
MOTTA & IRMÃO. 200 G. Camara. Tel. 43-3717
NOVAES & IRMÃO, escr. 204, B. Aires. Tel. 23-3531
NOVAES & IRMÃO, armz. 204, B. Aires. Tel. 43-4121
OBERST ROCHA & C. LTDA. 171, B. Aires. Tel. 43-1038
OLIVEIRA & C. LTDA. F. JORGE. 95, Andradas. Tel. 43-1604
OLIVEIRA HENRIQUE. 304, C. Souza. Tel. 29-8313
OLIVEIRA M. R. 71, Andradas. Tel. 43-4137
OLIVEIRA MARTINS EDUARDO. 8, R. da Constituição. Tel. 42-7638
OLIVEIRA PINTO & C. LTDA. J. 77, Andradas. Tel. 43-2566
PINTO ANTONIO F. 12, Rua Carioca. Tel. 42-9336
PIRES & RAMIRO A. 115, Andradas. Tel. 43-1476
PORTUGAL CARLOS, fabr. bolas futebol. 21, R. Ibiapina. Tel. 30-1279
PUNTSCHART LORENZ. 224-A, A. Lobo. Tel. 23-0017
RESENDE & C. M. H. 66, Visc. Inhauma. Tel. 43-3404
RIBEIRO SILVA ANTONIO. 152, R. 2 Dezem. Tel. 25-0234
RISSMAN Y., bolsas. 46, Praça Tiradentes. Tel. 22-1636
RIZZO ALFREDO, fabr. carteiras. 127, B. Aires. Tel. 23-2351
ROCHA LIMA & C. LTDA. armz. 158/60, B. Aires. Tel. 23-4922
ROCHA LIMA & C. LTDA. 158-160, B. Aires. Tel. 23-3984
ROBERTO GONÇALVES & CIA. 36, Andradas. Tel. 22-8284
RODRIGUES & ADELINO. 73, Camerino. Tel. 43-1761
RODRIGUES GONÇALVES & C. LTDA. F. 173-A, R. T. Otoni. Tel. 23-0669
ROSLER EMIL. 127, M. Couto. Tel. 43-8425
SANTOS & C. LTDA. BERNARDO. 154, S. Passos. Tel. 43-6348
SANTOS JOÃO. 30, Tv. Ouvidor. Tel. 43-5535
SANTOS MENEZES & C. 102, S. Passos. Tel. 43-1726
SANTOS MOREIRA & C. LTDA. A. 261, C. Souza. Tel. 29-8953
SANTOS MOTA & C. LTDA. 185, B. Aires. Tel. 43-2335
SCHEBEK D. bolsas. 137, Gen. Camara. Tel. 23-1114
SCHEBEK D. malas. 47, R. M. Couto. Tel. 43-8161
SCHELLONG LEOPOLD, fabr. bolsas. 152, R. Buenos Aires. Tel. 23-3980
SIEGRIST & C. LTDA. 28, M. Veiga. Tel. 23-4245
SIEGRIST & C. LTDA. 38-A, Praça 15 Nov. Tel. 43-9462
SILVA BRAGA & C. 164, R. S. Passos. Tel. 43-4510
SILVA & C. LTDA. AFONSO. 232, G. Camara. Tel. 43-3148
SILVA & C. LTDA. AFONSO. 141, R. Feijó. Tel. 43-6182
SILVA & C. LTDA. JOSÉ. tec. art. viagem. Matriz, escr. 60, S. Pedro. Tel. 23-4738 — Matriz, encaixotamento. 62, S. Pedro. Tel. 23-6245 — Matriz, armazem. 60, S. Pedro. Tel. 23-4655 — Repartições. 60 S. Pedro. Tel. 43-7717
SILVA JULIO LUIZ. 8, Tv. S. Domingos. Tel. 43-0630
SILVA LEÃO GASTÃO. 248, G. Camara. Tel. 43-6342
SIMÕES OTAVIO. artef. 5, L. Carioca. Tel. 42-8340
SOARES JOÃO. bolsas. 45-A, Conceição. Tel. 43-0048
SOCIEDADE ANON. CORTUME KRAMBECK. dep. 32, A. Coutinho. Tel. 43-4586
SOUZA M. R. 17, L. Martins. Tel. 23-0328
SPACENKOPF & C. LTDA. bolsas. 19, Largo do Rosario. Tel. 42-5611
STEINER & MARTON. 150, Conceição. Tel. 23-6350
SUCCAR PEDRO. 284, Alfandega. Tel. 43-6873
TEIXEIRA EDUARDO JULIO. 186, S. Passos. Tel. 43-6463
VASCONCELOS JULIO GRAÇA. 98, T. Otoni. Tel. 23-5603
WARUM & CZAMARKA, bolsas. 61, Prç. Republica. Tel. 22-0570
WEGLINSKI & SZAPIRO. 300, B. Aires. Tel. 43-1094
WEINER MARGARIDA. 84, Andradas. Tel. 43-1753
WEINER MARGARIDA. 84, 2.º S/23, Andradas. Tel. 43-1753
ZAIDAN EDUARDO, artef. 222, S. Passos. Tel. 43-6497
ZILBERLEIH SIMÃO. 300, Rua B. Aires. Tel. 43-4420

CUTELARIA

A. O. TARRÉ. 60, Visc. R. Branco. Tel. 42-5082
CUTELARIA MADRID. 9, Constituição. Tel. 42-9775
CUTELARIA SILESIA. 127, F. Andrade. Tel. 29-0224
CUTELARIA VISC. ITAUNA. 59, V. Itauna. Tel. 43-9350
CUTELARIA ADAGA LTDA. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-6043
CUTELARIA NIROSTA. 81, Quitanda. Tel. 23-0887

S. Pedro. Tel. 23-4738 — Matriz, encaixotamento, 62, S. Pedro. Tel. 23-6245 — Matriz, armazem, 60, S. Pedro. Tel. 23-4655 — Repartições, 60 S. Pedro. Tel. 43-7717
SILVA JULIO LUIZ. 8, Tv. S. Domingos. Tel. 43-0630
SILVA LEÃO GASTÃO. 248, G. Camara. Tel. 43-6342
SIMÕES OTAVIO. artef. 5, Lg. Carioca. Tel. 42-8340
SOARES JOÃO. bolsas. 45-A, Conceição. Tel. 43-0048
SOCIEDADE ANON. CORTUME KRAMBECK. dep. 32, A. Coutinho. Tel. 43-4586
SOUZA M. R. 17, L. Martins. Tel. 23-0338
SPACENKOPF & C. LTDA. bolsas. 19, Largo do Rosario. Tel. 42-5611
STEINER & MARTON. 150, Conceição. Tel. 23-6350
SUCCAR PEDRO. 284, Alfandega. Tel. 43-6873
TEIXEIRA EDUARDO JULIO. 186, S. Passos. Tel. 43-6468
VASCONCELOS JULIO GRAÇA. 98, T. Otoni. Tel. 23-5603
WARUM & CZAMARKA. bolsas. 61, Prç. Republica. Tel. 22-0579
WEGLINSKI & SZAPIRO. 300, B. Aires. Tel. 43-1094
WEINER MARGARIDA. 84, Andradas. Tel. 43-1753
WEINER MARGARIDA. 84, 2.° S/23, Andradas. Tel. 43-1753
ZAIDAN EDUARDO. artef. 272, S. Passos. Tel. 43-6497
ZILBERLEIH SIMÃO. 300, Rua B. Aires. Tel. 43-4420

CUTELARIA

A. O. TARRÉ. 66, Visc. R. Branco. Tel. 42-5082
CUTELARIA MADRID. 9, Constituição. Tel. 42-9775
CUTELARIA SILESIA. 127, F. Andrade. Tel. 29-0224
CUTELARIA VISC. ITAUNA. 59, V. Itauna. Tel. 43-9350
CUTELARIA ADAGA LTDA. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-6043
CUTELARIA NIROSTA. 81, Quitanda. Tel. 23-0887

CUTELARIA PYRAMIDE. 81 R. Quitanda. Tel. 23-0887
FABR. NACIONAL DE CUTELARIA. 134, Rua da Alegria. Tel. 28-4873
GILLETTE SAFETY RAZOR CO. OF BRAZIL. 907, T. Silva. Tel. 38-5304
GILLETTE SAFETY RAZOR CO. OF BRAZIL. 90, Mexico. Tel. 22-1855
HERMANNY CASA. Loja. 50, G. Dias. Tel. 42-5082
INDUSTRIAL ARTEFATOS DE FERRO LTDA. 121/23, Des. Isidro. Tel. 48-2487
JANNIBELLI NICOLA. 218, B. Aires. Tel. 43-0219
KURT WINKELSTEIN. 81, 1.° Quitanda. Tel. 23-0887
LAMINAS PAL. 30, H. Lobo. Tel. 48-5570
LEAL SILVA, J. 122, G. Camara. Tel. 23-2774
MESBLA S. A. Armas, munições, cutelaria. 48/56, Rua Passeio. Tel. 22-7720

SOCIEDADE GECO LIMITADA. Vendas e Armz. 35, T. Otoni. Tel. 23-1438
WINKELSTEIN KURT 81, Quitanda. Tel. 23-0887

DROGARIAS

ALLEMA, DROGARIA. W. Dubois & Cia. 74, R. Alfandega. Tels. 23-4771 e 43-2301
ALVES DA SILVA & BATALHA LTDA. 93, R. Gen. Camara. Tel. 43-4130
ALVES DA SILVA & C. LTDA., F. 93, G. Camara. Tel. 43-4130
ANDRADAS, Atacado. 21, Andradas. Tel. 22-6444
ANDRADAS. Varejo. 21, Andradas. Tel. 23-9014
ANDRE. 39, 7 Set. Tel. 22-4268
ARAUJO FREITAS & C. escr. 88, M. Couto. Tel. 43-0334
ARAUJO FREITAS & C. armz. 88, M. Couto. Tel. 43-0280
ARAUJO FREITAS & C. export. 94, S. Pedro. Tel. 43-4252
ARAUJO PENA & CIA. 57, Quitanda. Tel. 23-4876
ARAUJO PENA & CIA. 57, Quitanda. Tel. 43-3465
BARRENE & C. EUGENE. 24, A. Maciel. Tel. 28-3702
BARROS A. B. 9, R. 20 Abril. Tel. 42-5792
BASTOS. 207, R. G. Camara. Tel. 43-3430
BLEKARCK & CIA. C., drogas. 28, S. Pedro. Tel. 23-3062
BRASILEIRAS. 454, C. Machado. Tel. 29-8190
BUSTAMANTE & C. ALVARO. 165, Andradas. Tel. 43-1662
CARDOSO. 45, Av. M. Floriano. Tel. 23-4935
CARDOSO. 45, Av. M. Floriano. Tel. 23-1209
CARDOSO & C. 88, Avenida R. Branco. Tel. 23-5202
CASA SANTOS. Drogaria e Cirurgia. 143, Rua Uruguaiana. Tel. 43-6697
CATHEDRAL. 5, Beco Rosario. Tel. 42-1048
CESAR ALENCAR. 201-A, Av. A. Paiva. Tel. 27-0261
CHAVES J. A. 3, Largo Rosario. Tel. 42-1654
COMP. CHIMICA "MERCK" BRASIL S. A. geral. 155, Av. N. Peçanha. Tel. 22-2096
COMP. CHIMICA "MERCK" BRASIL S. A. dep. vidros. 319, Maxwell. Tel. 38-5795
COSTA ARAUJO LTDA. 118, S. José. Tel. 22-6932
DE FARIA & C. 74, S. José. Tel. 22-2247
DE VINCENZI & C. 98, G. Camara. Tel. 43-3764
DROGARIA SÃO JOÃO. Costa & Filho. 1321, Rua 24 de Maio. Tel. 29-4044
DROGARIA SUL AMERICANA. Silva Gomes & Cia. 42, Largo S. Francisco Paula. Mesa lig. depend. Tel. 42-4055
DROGARIAS BRASILEIRAS. Saint Clair, Pires & Ruffo. 454, Carolina Machado. Madureira. Tel. 29-8190
DROGARIAS RAUL CUNHA. 113, R. B. Aires. Tels. 23-4631, 23-4717 e 43-6144
DUARTE. 358, R. A. Cordeiro. Tel. 29-6540
DUBOIS & C. W. 74, Alfandega. Tel. 23-4771
DUBOIS & C. W. 74, Alfandega. Tel. 43-2301
EDEM. prod. farmacêuticos. 96, Av. A. Barroso. Tel. 42-6341
EQUIPAMENTOS CIENTIFICOS LTDA. 409, R. B. Itapagipe. Tel. 28-1717
EVARISTO EYER & C. 29, Andradas. Tel. 43-6848
FILIPPONE & C. G. 35-A, Sen. Dantas. Tel. 22-2519
FILIPPONE & C. G. 35-A, Sen. Dantas. Tel. 22-6676
FREITAS. 112, R. São José. Tel. 22-2266
GESTEIRA & CIA. A. 25, Trav. Ouvidor. Tel. 23-2238
GESTEIRA & CIA. A. 25, Trav. Ouvidor. Tel. 23-1233
GIFFONI. 17, Rua 1.° Março. Tel. 23-4920
GRANADO & CIA. Escrit. Central. 16, R. 1.° Março. Tel. 23-2239 — Drogaria. 14, Rua 1.° Março. Tel. 23-2243
HOMOEOPATIA CORDEIRO. 45, Constituição. Tel. 22-8556
INGBER & C. ADOLFO. 149, T. Otoni. Tel. 43-5060
KASTRUP & C. C. O. 102, G. Camara. Tel. 43-0400
KERN & C. LTDA. CARLOS. 144, Alfandega. Tel. 43-0206
LUZ BERNARDINO. 227, G. Camara. Tel. 43-4561
MAGALHÃES CUNHA & C. 107, M. Couto. Tel. 43-3371
MAGALHÃES FIGUEIRA & C. 80, G. Camara. Tel. 43-1288
MAINE H. WALLIS. 145, Andradas. Tel. 43-1792
MELUCCI V. 19, R. 7 Setembro. Tel. 23-3657
MOLINARI & C. HANS. 75-A, Luiz Camões. Tel. 42-2312
MOLINARI & C. LTDA. HUGO. 201, Alfandega. Tel. 43-5421
NARMAL. 133-A, R. Riachuelo. Tel. 22-4955
ORLANDO RANGEL. 83, Assembléia. Tel. 22-4048
P. DE RAUJO & C. escr. 82, S. Pedro. Tel. 43-0364
P. DE RAUJO & C. armz. 82, S. Pedro. Tel. 43-2516
PACHECO. geral. 43/7, Andradas. Tel. 43-2870
PACHECO. escritorio. 43/7, Andradas. Tel. 43-0598
PACHECO. expedição. 43/7, Andradas. Tel. 43-3738
PEREIRA BRAGA & C. 207, G. Camara. Tel. 43-3430
PHARM. BRAGANÇA. 6, Santa Maria. Tel. 22-1433

FARM. E DROG. MOREIRA. 599, Aven. Copacabana. Tel. 27-3994
FARM. E DROG. MOREIRA. 599, Aven. Copacabana. Tel. 27-1541
FARM. MAFRA. 9, J. Carmo. Tel. 43-1458
FARM. MENDES. 592, Av. Copacabana. Tel. 273611
FARM. MENDES. 592, Av. Copacabana. Tel. 27-3347
FARM. N. S. PAZ. 65, M. Quitéria. Tel. 27-1729
FARM. PROGRESSO. 55 Av. M. Floriano. Tel. 43-5184
POMAR AVELINO. 227, G. Camara. Tel. 43-6208
RAUL CUNHA. 113, B. Aires. Tel. 43-6144
RAUL CUNHA. 113, B. Aires. Tel. 23-4717
RAUL CUNHA. 115, B. Aires. Tel. 23-4631
ROCHA. 6, Rua dos Invalidos. Tel. 22-6285
SAINT CLAIR PIRES & RUFFO. 454, C. Machado. Tel. 29-8190
SANTOS & VENTURA LTDA. 143, Uruguaiana. Tel. 43-6697
S. JOÃO. 1331, Rua 24 Maio. Tel. 29-4044
S. JOAQUIM. 173, Av. M. Floriano. Tel. 43-4013
SILVA GOMES & C. Drogaria Sul Americana. 42, L. S. Fco. Paula. Tel. 42-4055
SILVEIRA FILHOS & C. escr. geral, 62, Gloria. Tel. 42-3077
SONNTAG ERNST. 21. Benedltinos. Tel. 23-4430
SUL AMERICANA. Geral. 42, Lg. S. Francisco. Tel. 42-4055
TINOCO LTDA. 11/13, Andradas. Tesl. 23-8263
ULTRAMAR. 81, R. 7 Setem. Tel. 23-6246
V. SILVA. geral. 64/66, Assembléia. Tel. 42-4178
VENTURA & C. M. 48, B. Aires. Tel. 23-4725
WILLS W. G. 86, G. Camara. Tel. 43-2426

ELETRICIDADE

A. RADIO ELECTRICA. 100, R. Monte Negro. Tels. 27-1443 e 27-2818
A. VIEIRA DE MATOS. 23, G. Camara. Tel. 23-1400
ADOLFO F. SILVA. 209, Rua S. Pedro. Tel. 43-3746
AEG COMP. SUL AMERICANA DE ELETRICIDADE, escr. 47, Av. R. Branco. Tel. 23-5990
AEG COMP. SUL AMERICANA DE ELETRICIDADE dep. 161, Av. R. Branco. Tel. 43-6007
AJUZ MIGUEL D. 91, S. Pedro. Tel. 43-5073
AJUZ MIGUEL D. 72, M. Couto. Tel. 43-0514
ALEXANDRE ALVES CORRÊA. 190, T. Otoni. Tel. 43-1640
ALVARO JOSÉ MARIA. 222, Av. Salv. Sá. Tel. 42-5552
AO TELEFONE DE OURO. Instalações Eletricas. 38, R. do Nuncio. Tel. 22-2389
ARCO CALEFAÇÃO INDUSTR. LTDA. 584-A, R. da Alegria. Tel. 28-8390
ATELIERS DE CONSTRUCTIONS ELECTRIQUES DE CHARLEROI S. A. diret. 75, Prç. Republica. Tel. 22-4068
ATLANTICA A. 930-A, Av. Copacabana. Tel. 27-0853
AUTOMATICOS ELECTRICOS KLOECKNER LTDA. 79, S. Pedro. Tel. 23-3269
BARROS & SANTOS J. 17. Laranjeiras. Tel. 25-1108
BITTENCOURT D. 38, Av. M. Sá. Tel. 22-2981
BLINK GUILHERME. 21, Resende. Tel. 42-3866
BOESCK J. G. 6, R. 1.º Março. Tel. 23-4699
BRAGA & FILHOS LUIZ F. 83-B, E. Veiga. Tel. 22-9960
BRAGA J. 190, R. 7 Setembro. Tel. 22-7319
BRASIL. 90, Av. A. Barroso. Tel. 42-7617
BREMENSIS SOCIEDADE TECNICA LTDA. 15/25, Tte. Possolo. Tel. 22-5150
BRITO PEREIRA & C. escr. 58, B. Aires. Tel. 23-4946
BRITO PEREIRA & C. dep. 219, S. Cabral. Tel. 23-5713
BRITO PEREIRA & C. 58-1.º, B. Aires. Tel. 23-4946
BROWN, BOVERI & CIA. S. A. 163-5.º, Quitanda. Tel. 43-0875
BRUM & C. S. 184, R. 7 Set. Tel. 22-3210
BYINGTON & C. 68/70, S. Pedro. Tel. 23-1747
C. BRASIL. 90-5.º, Sala, 509, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-7617
CANTISANO PEDRO. 285, Pereira Nunes. Tel. 48-2173
CAPITOL S. A. 87, T. Otoni. Tel. 23-4193
CARDOSO, O. 54, R. S. Pedro. Tel. 23-4914
CARDOSO, O. 54, R. S. Pedro. Tel. 23-4971
CARNEIRO MEDEIROS J. 58, Vieira Fazenda. Tel. 42-4245
CARVALHO & CIA. H. P. 113, Andradas. Tel. 43-1422
CARVALHO SANTOS LTDA. 360-B, Riachuelo. Tel. 42-9368
CASA COELHO. 160-2.º, Ouvidor. Tel. 22-3727
ROBERTO KRONIG & C. LTDA. 88, R. Teofilo Otoni. Tels. 23-0846 e 43-5477
CASA ABAT JOUR. 89, G. Dias. Tel. 23-5066
CASA BERTOLDO. 163, Quitanda. Tel. 43-5076
CASA CALMA. 41, Av. M. Floriano. Tel. 23-5407
CASA CARDOSO, 636, Av. Copacabana. Tel. 27-4141
CASA CAUBY. 82, Av. Passos. Tel. 43-5451
CASA COSTA. 302, S. Pedro. Tel. 43-4326
CASA DALE S. A. 18, S. José. Tel. 42-0237
CASA ELECTRA. 63, Senado. Tel. 22-4623
CASA ELECTRICA UNIDOS. 17, Praça Cond. P. Frontin. Tel. 28-3209
CASA FALCÃO. 70-B, R. Sta. Clara. Tel. 27-0586
CASA GLOBO. 48-A, A. Miranda. Tel. 29-6921
CASA HUMAYTÁ. 103, R. Humaytá. Tel. 26-4710
CASA HYDRO ELECTRA. 63-A, Bolivar. Tel. 27-7944
CASA ITALO SÃO PAULO. 67, Riachuelo. Tel. 42-5708
CASA JUNDIA. 96, Av. Lauro Muller. Tel. 28-1378
CASA KINGUE. 155, Lobo Jr. Tel. 30-1308
CASA DA LAMPADA LTDA. 44, S. José. Tel. 42-6666
CASA LEÃO. 101, V. Inhauma. Tel. 23-3444
CASA LITTORIA. 65-A, C. Bomfim. Tel. 48-1632
CASA LUCAS. escr. 38, Aven. Passos. Tel. 42-8892

ASA CIRIO
BERTO CIRIO & CIA.
tarios, cutelaria e perfumarias
OUVIDOR, 181 — RIO
ones: 22-0249 e 22-0745 —
stal 15 End. Telegr.: "Cirio"

BYINGTON & C. 68/70, S. Pedro. Tel. 23-1747
C. BRASIL. 90-5.º, Sala 509, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-7617
CANTISANO PEDRO. 285, Pereira Nunes. Tel. 48-2173
CAPITOL S. A. 87, T. Otoni. Tel. 23-4193
CARDOSO, O. 54, R. S. Pedro. Tel. 23-4914
CARDOSO, O. 54, R. S. Pedro. Tel. 23-4971
CARNEIRO MEDEIROS J. 50, Vieira Fazenda. Tel. 42-4245
CARVALHO & CIA. H. P. 113, Andradas. Tel. 43-1422
CARVALHO SANTOS LTDA. 360-B, Riachuelo. Tel. 42-9362
CASA COELHO. 160-2.º, Ouvidor. Tel. 22-3727
ROBERTO KRONIG & C. LTDA. 38, R. Teofilo Otoni. Tels. 23-0846 e 43-5477
CASA ABAT JOUR. 89, G. Dias. Tel. 23-5966
CASA BERTOLDO. 163, Quitanda. Tel. 43-5076
CASA CALMA. 41, Av. M. Floriano. Tel. 23-5407
CASA CARDOSO. 636, Av. Copacabana. Tel. 27-4141
CASA CAUBY. 82, Av. Passos. Tel. 43-5451
CASA COSTA. 202, S. Pedro. Tel. 43-4326
CASA DALE S. A. 18, S. José. Tel. 42-0237
CASA ELECTRA. 63, Senador. Tel. 22-4623
CASA ELECTRICA UNIDOS. 17, Praça Cond. P. Frontin. Tel. 28-2209
CASA FALCÃO. 70-B, R. Sta. Clara. Tel. 27-0586
CASA GLOBO. 48-A, A. Miranda. Tel. 29-6921
CASA HUMAYTÁ. 103, R. Humaytá. Tel. 26-4710
CASA HYDRO ELECTRA. 63-A, Bolivar. Tel. 27-7944
CASA ITALO SÃO PAULO. 67, Riachuelo. Tel. 42-5708
CASA JUNDIA. 96, Av. Lauro Muller. Tel. 28-1378
CASA KINGUE. 155, Lobo Jr. Tel. 30-1308
CASA DA LAMPADA LTDA. 44, S. José. Tel. 42-6666
CASA LEÃO. 101, V. Inhauma. Tel. 23-3444
CASA LITTORIA. 65-A, C. Bonfim. Tel. 48-1632
CASA LUCAS. escr. 38, Aven. Passos. Tel. 42-8892

OS MARES
RTORE & CIA.
OTONI, 162
43-1096

CASA LUCAS. vendas. 38, Av. Passos. Tel. 42-9114
CASA DA LUZ. 114, Av. Passos. Tel. 43-5067
CASA DA LUZ. 63, Av. M. Floriano. Tel. 43-5511
CASA MAGNETICA. 39, Av. M. Sá. Tel. 22-2484
CASA MAIA. 313, C. SSousa. Tel. 29-8109
CASA MARQUES DE SÁ. 79, S. Pedro. Tel. 23-2673
CASA MAYRINK VEIGA S. A. geral. 21, R. Mayrink Veiga. Tel. 23-1600
CASA MAYRINK VEIGA S. A. fabr. 134, Alegria. Tel. 28-6862
CASA MOREIRA. 71, Av. Mem Sá. Tel. 22-7580
CASA MOTA. 11-A, R. 4 Nov. Tel. 30-1620
CASA NOVA ESPERANÇA. 21, S. L. Gonzaga. Tel. 28-6597
CASA OCEANO. 360-A, R. Riachuelo. Tel. 22-0175
CASA ORIENTE. 303, Av. Mem Sá. Tel. 42-3186
CASA PENHA. 9, R. Romeiros. Tel. 30-3233
CASA DAS QUATRO LAMPADAS. 10, G. Ledo. Tel. 42-7009
CASA RADIO ELECTRICA 8, S. J. Batista. Tel. 26-3890
CASA TITUS. 135, Uruguaiana. Tel. 23-1065
CASA VITOR. 100-B, J. Angelica. Tel. 27-2584
CASA W. 26, R. dos Andradas. Tel. 23-5770
CASA WALTER. 39, R. Larga. Tel. 23-3360
CASTRO ANTONIO. 7, Praça Mauá. Tel. 23-4440
CAVALCANTI MELO MANOEL. 69, Prç. Tiradentes. Tl. 42-0999

CHARLEROI. direc. 75, Praça Republica. Tel. 22-4068
CHARLEROI. vendas. 75, Praça Republica. Tel. 22-4898
CHUVEIRO ELECTRICO REI. Ger. 49, Marrecas. Tel. 22-5860
COHEN MOYSES. 82, Alfandega. Tel. 43-2682
COMP. BRAS. ELECTR. SIEMENS SCHUCKERT S. A. escritorio. 78, R. Gen. Camara. Tel. 23-1755
COMP. BRAS. ELECTR. SIEMENS SCHUCKERT S. A. loja. 78, G. Camara. Tel. 23-1756
COMP. BRASILEIRA IND. DE ELECTRICIDADE. escrit. 2, Prq. G. Vargas. Tel. 22-9763
COMPANHIA ELETRO-QUIMICA FLUMINENSE. escr. 81, Av. A. Barroso. Tel. 42-5421
COMP. ELECTROLUX S. A. escr. 311, Av. R. Branco. Tl. 22-1850
COMP. FORÇA E LUZ DE PALMYRA. 31, Rua 1.º Março. Tel. 23-5812
COMP. S. K. F. DO BRASIL. 42, S. Pedro. Tel. 23-2166
COMP. SUL MINEIRA DE ELETRICIDADE. diret. 2, Praça G. Vargas. Tel. 22-5448
COMP. SUL MINEIRA DE ELETRICIDADE. escr. 2, Praça G. Vargas. Tel. 42-5302
COMP. TOUZEAU S. A. 80, Candelaria. Tel. 23-0617
CASA GARCIA. 243, Vol. Patria. Tel. 26-0345
CONCERTADOR ELETRO MECANICA LTDA. A. 452, C. Rangel. Tel. 29-8123
CONSERVADORA ELETRICA MECANICA. 100, P. Almeida. Tel. 28-9438

CORRÊA CUNHA M. 9, Visc. Itauna. Tel. 43-8629
COSTA & MANFREDO. ger. 62, Visc. Inhauma. Tel. 23-4589
COSTA CID O. 62, Visc. Rio Branco. Tel. 22-4590
COSTA DIDYMO PAES. 5, São F. Xavier. Tel. 28-1116
DIAS ANTONIO A. ofic. 8, M. Dias. Tel. 43-5724
DIAS ANTONIO MARTINS. 101, J. Silva. Tel. 22-0723
DINIZ LEITE & C. 123, G. Camara. Tel. 23-6146
DONCES B. 65, R. Alfandega. Tel. 43-0721
E. HAEGLER & CIA. LTDA., representantes. 163-5.º, Quitanda. Tel. 43-0875
EMPR. BRASILEIRA DE ENGENHARIA LTDA. 90-3.º, S/306, Av. Almirante Barroso. Tel. 42-2323
ELETRICISTA DO CATETE AO. 115, S. Martins. Tel. 25-0552
ELETROMED LTDA. 169-5.º, S/508, Ouvidor. Tel. 42-4830
ELFO. 530, Conde Leopoldina. Tel. 48-1342
ELMA LTDA. 131, Gambôa. Tel. 23-6220
EMOINGT & C. iluminação ger. 75, R. 7 Set. Tel. 23-5643
EMPR. ELECTRO HYDRAULICA LTDA. escr. 119, R. Sen. Dantas. Tel. 42-7938
EMPR. GRADOLUX LTDA. escr. e fabr. 166, R. Itapemerim. Tel. 26-8143
ENGLISH ELECTRIC CO. LTD. THE. escr. 62, Av. G. Aranha. Tel. 22-5155
ERICSSON DO BRAZIL LTDA. SOCIED. 58, R. G. Camara. Tel. 43-0990

ETERNA LUZ. escr. 19, Praça Floriano. Tel. Tel. 22-9361

ETERNA LUZ. cemit. S. João Batista. R. General Polidoro. Tel. 26-2606

ETERNA LUZ. Cemit. S. Francisco Xavier. Praia S. Cristovão. Tel. 28-3501

F. R. MOREIRA & CIA. 107/9, Av. R. Branco. Tel. 23-4444

FABR. DE ART. METALURGICOS E ELETRO-THERMICOS FAET. 97, R. B. Petropolis. Tel. 28-2214

FABR. METALURGICA BRASILEIRA. 75, R. 7 Setembro. Tel. 23-3945

FABR. DE TOMADA DE SEGURANÇA. 110, D. Isabel. Tel. 30-3829

FERREIRA ERMELINDO. 139, Uruguaiana. Tel. 23-4050

FOGAREIROS A GAZ DE OLEO CRU'. Oficinas. 132-A, E. Veiga. Tel. 42-9770 — Secç. Vendas. 49, Rua Marrecas. Tel. 42-4537 — Gerencia. 49, Marrecas. Tel. 22-5860

FONTES GARCIA SUDELETRO, S. A. Ferragens. 105, Av. Passos. Tel. 43-1836

FRANCISCO RAMOS. 124, C. 2, Bento Lisbôa. Tel. 25-2832

FRECH & PASQUALE. 9-A, R. 13 Maio. Tel. 22-2782

FRITZ BECK & C. LTDA. Matriz e Escr. 51-B, R. Goiaz. Tel. 29-2511

FUCHS GERALDO. 30, Pedro I. Tel. 22-4393

GARCIA INEZ. 156, R. Grandeza. Tel. 26-0345

GENERAL ELECTRIC S. A. ofic. chamados para serviço de refrigeração todos os dias a qualquer hora. 113, J. Carmo. Tel. 22-7771

GENERAL ELECTRIC S. A. Fabrica Mazda. escr. 37, M. Angelo. Tel. 29-0010

GENERAL ELECTRIC S. A. Escritorio Central nos dias uteis das 8 ás 18 horas (aos sabados até ás 12). 81, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-4000

GOMES ALVARO. 159, Frei Caneca. Tel. 22-6154

GOMES NEVES & C. 161, R. 7 Setem. Tel. 22-4850

HAUPT & CIA. escr. 50, S. Pedro. Tel. 23-2321

HENDERSON R. dep. A. Clube. Tel. 48-2264

HOLLANDA CAVALCANTI N. 141, Rosario. Tel. 23-0832

INDUSTRIAS REI. Gerencia. 49, Marrecas. Tel. 22-5860

INSTALADORA FEDERAL. 189, T. Otoni. Tel. 43-7760

INSTALADORA FEDERAL. Herculano Alves Corrêa. 189, 1.°, T. Otoni. Tel. 43-7760

INSTALADORA SALVADOR DE SÁ A. 118, Aven. Mem Sá. Tel. 42-8877

INTERCAMBIO SOCIED. BRAS. LTDA. 234/6, Gen. Camara. Tel. 23-5060

IRMÃOS ANTONIO. 67, Av. Salvador Sá. Tel. 22-2775

I. T. E. INDUSTRIA THERMID ELETRICA LTDA. Fabrica e escritorio. 100/2, G. Gurjão. Tel. 48-9825

J. CARNEIRO. 50, Vieira Fazenda. Tel. 42-4245

KASTRUP & C. A. P. 15, Carioca. Tel. 22-8410

KEETMAN & C. W. 109 Sacc. Cabral. Tel. 43-8174

KNEFELT DENNEL & C. LTDA. 84, R. 1.° Março. Tel. 23-2437

KNEFELL DEWEL & C. LTDA. 84-3.°, Rua 1.° de Março. Tel. 23-3753

KOPELMAN SRUL. 58, Tv. B. Petropolis. Tel. 48-2250

KRONIG & C. LTDA. ROBERTO 60, I. Sousa. Tel. 48-0418

KRONIG & C. LTDA. ROBERTO 88, T. Otoni. Tel. 23-0846

KRONIG & C. LTDA. ROBERTO 88, T. Otoni. Tel. 43-5477

LANDIS & GYR S. A. Repres. E. HAEGLER & CIA. LTDA. 163-5.°, Quitanda. Tel. 43-0875

LARA & C. 105, R. 1.° Março. Tel. 23-3199

LEITE & FREITAS. 38, Nuncio. Tel. 22-2389

LIGA BRASILEIRA DE ELETRICIDADE. escr. 95, Assembléia. Tel. 22-1676

LINE MATERIAL DO BRASIL S. A. mat. eletr. 385 M. Angelo. Tel. 29-6314

LOJA RIO S. PAULO. 3, Visc. Pirajá. Tel. 47-2087

LOPES AUGUSTO M. 44, R. S. José. Tel. 22-5653

LORENZETTI & CIA. Fabricantes. S. Paulo. — Representantes no Rio. 111, R. Quitanda. Tel. 43-5229

LUMA. Lampadas eletricas. 234-236, G. Camara. Tel. 23-5060

LUZEIRO DO MEYER. 364, A. Cordeiro. Tel. 29-3731

M. RODRIGUES TEIXEIRA & CIA. 157, Alfandega e 59, Andradas. Tel. 43-5549

MACEDO & AYROSA. 155, Av. N. Peçanha. Tel. 22-4948

MACHADO ANTONIO. 6, Machado Coelho. Tel. 42-9144

MAGALHÃES A. P. 213-B R. B. Bom Retiro. Tel. 29-6020

MALFITANO A. 46, Av. Passos. Tel. 22-0681

MAROTTE OTTO. 61, Lavradio. Tels. 22-2923 e 27-3074

MARQUES DE SÁ & C. LTDA. 79, S. Pedro. Tel. 23-2673

MARTINS GASTÃO. 158, T. Soares. Tel. 28-2093

MARTINS MARCELO LINS. 62, V. Inhauma. Tel. 23-4589

MATIAS & MENDES LTDA. 42, R. 7 Setem. Tel. 43-4657

MAYRINK VEIGA ANTENOR. escr. 21, M. Veiga. Tel. 43-6334

MEDEIROS SARTORE & CIA. 162, T. Otoni. Tel. 43-1096

MEDROS ALBERTO. 90, Santo Cristo. Tel. 43-0004

MENDONÇA & C. LTDA. 170, B. Aires. Tel. 43-3156

MESBLA S. A. 48/56 R. Passeio. Tel. 22-7720

METALURGICA ELECTRO CARIOCA. 62, Rua Senado. Tel. 42-3584

METALLÚRGICA NACIONAL. 190, T. Otoni. Tel. 43-1640

METALLURGICA SILVESTRE. Fabr. 115, Rua Adriano. Tel. 29-2245 — Mostruario e Vendas. 233, Rua Gen. Camara. Tel. 23-3461

OFICINA ELETRO-TECNICA E MECANICA. 166, R. Joaquim Palhares. Tel. 22-8655

METROPOLITAN VICKERS ELECTRICAL EXPORT CO. LTD. 12, Av. E. Braga. Tel. 22-9886

MORAES & C. A. L. escr. 148-150, Uruguaiana. Tel. 43-6366

MORAES & C. A. L. 148/50, Uruguaiana. Tel. 23-4438

MOREIRA & C. F. R. escr. tec. 107, Av. R. Branco. Tl. 23-2404

MOREIRA & C. F. R. install. 107, Av. R. Branco. Tl. 23-2427

MOREIRA & C. F. R. armaz. 107 Av. R. Branco. Tl. 23-4444

MOREIRA & C. F. R. armaz. 107, Av. R. Branco. Tl. 23-4445

MORTARI EDMUNDO. 22, M. Abrantes. Tel. 25-2387

MOTORES MARELLI, S. A. 91-93, Camerino. Tels. 43-9020 e 43-9021

MOURA & C. D. R. 25, Rua S. Pedro. Tel. 23-2443

MOURA & C. D. R. 25, Rua S. Pedro. Tel. 43-3207

MOURA & C. D. R. 25, Rua S. Pedro. Tels. 23-2443, Armaz. 43-3207, Escritorio.

OFICINA ELETRICA MECANICA. D. Joaquim Nunes. 258, Gen. Caldwell. Tel. 42-0938

OFICINA DE ELETR. STA. TEREZINHA. 8, H. Lemos. Tel. 26-6062

OFICINA ELETRO MECANICA. 166, J. Palhares. Tel. 48-5799

OFICINA ELETR. MECANICA BAVARIA. 161, Av. R. Alves. Tel. 43-6623

OFICINA ELETRO-MECANICA "BAVARIA" Schoemer & Ilg. 161 loja. Av. Rodrigues Alves. Tel. 43-6623

OFICINA MECANICA E ELETRICA. 377, C. Rangel. Tel. 29-9171

OFICINA MECANICA S. JORGE. 60, Nicarágua. Tel. 30-3623

PEREIRA & C. LTDA. ROBERTO. 31, S. José. Tel. 42-0437

PEREIRA DE MORAES & C. A. 196, S. Pedro. Tel. 43-4476

PHILIPS DO BRASIL S. A. escr. 7, Praça Mauá. Tel. 23-1870

PHILIPS DO BRASIL S. A. gerencia, 7. Praça Mauá. Tel. 23-4857
PHILIPS DO BRASIL S. A. dep. e ofic. 11, Rua do Ouvidor. Tel. 23-5971
PINTO PEREIRA FIRMINO. 114, Av. Passos. Tel. 43-5067
PINTO PEREIRA FIRMINO. 83, Aven. Marechal Floriano. Tel. 435511
PIRELLI S. A. COMP. INDUSTRIAL BRASILEIRA. seção ven. 168, Mexico. Tel. 42-6356
PIRELLI S. A. COMP. INDUSTRIAL BRASILEIRA. seção vend. 168, Mexico. Tel. 42-6554
PIRELLI S. A. COMP. INDUSTRIAL BRASILEIRA. ger. 168 Mexico. Tel. 42-5917
PIRELLI S. A. COMP. INDUSTRIAL BRASILEIRA. seção pneumaticos. 168, Rua Mexico Tel. 42-5785
RAMOS FRANCISCO. 124, c-2, B. Lisbôa. Tel. 25-2832
RIBEIRO & C. W. escr. 18-A, Nuncio. Tel. 42-8203
RIO ELETRICA LTD. Teles. 42-9378 — 27-4880 — 28-5054 29-8845
RODRIGUES & C. FILINTO. 259, Gen. Cadwell. Tel. 22-9234
RODRIGUES TEIXEIRA & C. M. 157, Alfandega. Tel. 43-5549
ROSELEM & C. LUIZ. 61, M. Coelho. Tel. 42-3641
RUEDA & C. EDUARDO. 151, Livramento. Tel. 43-5031
SÁ CAMPOS & C. 54, Nuncio. Tel. 43-4257
SANTOS, SANTOS & C. LTDA. 274, Senado. Tels. 42-9205 e 22-9427
SAVIANO OLIVEIRA & C. 64 V. Inhauma. Tel. 43-7314
SCHOEMER & ILG. 161, Av. R. Alves. Tel. 43-6623
SEEBERGER WALTER. 252, Av. Mem Sá. Tel. 42-1420
SERVIÇO SCINTILLA. 252, Av. Mem Sá. Tel. 42-1420
SERVIX ELECTRICA LTDA. Oficinas. 46/58, Sen. Pompeu. Tel. 43-6969
SILVA ADOLFO F. 209, Rua S. Pedro. Tel. 43-3746
SILVA F. H. 530, S. Euzebio. Tel. 43-0690
SILVESTRE & IRMÃO. lustres. 283, G. Camara. Tel. 43-3266
SILVESTRE & IRMÃO. 283, G. Camara. Tel. 23-3461
SILVESTRE & IRMÃO. 115, R. Adriano. Tel. 29-2295
SOBRAL CLAUDINO. 57-A Conceição. Tel. 43-5445
SOCIEDADE ANGLO BRASILEIRA DE ELETRICIDADE LTDA. 128, Av. Rio Branco. Tel. 42-7815
SOCIED. ERICSSON DO BRASIL LTDA. 58, Gen. Camara. Tel. 43-0990

SONELECTRA LTDA. electroacustica, 85, S. José Tel. 42-8452
SUDELEIRO S. A. Seção Vendas. 66/74, Av. Rio Branco. Tel. 23-2855
STANDARD ELECTRICA S. A. escr. geral. 188/92, Av. Salvador Sá. Tel. 22-5005
TEIXEIRA J. P. 208, G. Camara. Tel. 43-6513
TELEFONE DE OURO AO. 38, Nuncio. Tel. 22-2339
TOMASSINI H. 136, Av. Gomes Freire. Tel. 22-8771
TRANSMOTOR, 192, Lavradio. Tel. 42-3841
TRAUNFELLNER F. C. 161, Av. Rodrigues Alves. Tel. 43-6548
UNIVERSAL ELETRICA. 219, Marq. Sapucaí. Tel. 42-5200
VEIGA & C. LTDA. R. 10 R. Rodrigo Silva. Tel. 22-0637
VERA CRUZ S. A. Força e Luz. 60 Quitanda. Tel. 23-5174
WAEHNELDT & C. RODOLFO. fabr. 141, Sacc. Cabral. Tel. 43-1597
WAENNELDT & C. RODOLFO. seção vendas. 163, Quitanda. Tel. 43-3559
WAENNELDT & C. RODOLFO. escr. 163, Rua Quitanda. Tel. 43-6032
WAENNELDT & C. RODOLFO. seção inst. 263, R. Quitanda. Tel. 43-5076
WAGNER RICARDO. 129, Rosario. Tel. 23-5121
WEINBERG & CIA. C. U. 129, Rosario. Tel. 23-51211
WILMANN XAVIER & CIA. LTDA. 41, Uruguaiana. Tel. 42-6030
WILMANN XAVIER & CIA. LTDA. filial. 2, J. Meyer. Tel. 29-5190
WILLNER & CIA. E. 60, Quitanda. Tel. 23-0125
WILLNER & CIA. E. 60, Quitanda. Tel. 23-2378
ZAMBELLI & CIA. Eletricidade e Mecanica. 49, Reg. Feijó. Tel. 43-2149
ZEISING IRMAOS S. A. vendas. 116 R. 1.º Março. Tel. 23-1482
ZEISING IRMAOS S. A. sec. tecnica. 116, R. 1.º Março. Tel. 23-3077

ESSENCIAS E OLEOS VOLATEIS

A FABRICA NACIONAL DE Capsulas Viscosas Ltda. 653, Conde Bonfim. Tel. 38-6980
ALLIANÇA COMERCIAL DE DE ANILINAS LTDA. 81, Av. Alm. Barroso. 7.º e 8.º andares. Tel. 42-4070
BEIER & C. 37, R. 7 Set.
BEIER & CIA. 37, Rua 7 Set. Tel. 23-1106
BLEM & CIA. LTDA. dr. 64, A. P. Alegre. Tel. 22-2761
CASA CINELANDIA. Essencias para Perfumes. 26-A. R. Alcindo Guanabara. Tel. 22-0829
CASA DAS ESSENCIAS FINAS. 56, Andradas. Tel. 23-4829
CASA DAS ESSENCIAS GARANTIDAS. 59, R. Andradas. Tel. 43-0615
CASA FAFE. 58, R. M. Couto. Tel. 23-5594
CASA ZOYSKA. DEMALTI LIMITADA. 7 Largo Rosario. Tel. 42-8608
LUCIUS KELLER & C. LTDA. 81-2.º, Candelaria. Tel. 23-0385
CASA MAPRI. 29, Rua Nuncio. Tel. 22-7923
CASA ZOYSKA. 7, Largo Rosario. Tel. 42-8608
CASTRO JESUS. 92, Conceição. Tel. 43-2234
COMBACAU & MARYACHE. 283, S. Pedro. Tel. 43-0560
COMP. DE ANILINAS E PRODUTOS QUIMICOS DO BRASIL. 100/2-1.º, R. Alfandega. Tel. 23-1640
ESSENCIAS PARISIENSES. 58, G. Ledo. Tel. 22-0187
GALERIA DAS ESSENCIAS. 2, G. Cruzeiro. Tel. 22-1663
HASLINGER KARL. 111, Teofilo Otoni. Tel. 43-2335
INDUSTRIAS REUNIDAS JARAGUA S. A. Fund. de Rod. Hufenuessler. 86-1.º, Rua General Camara. Tel. 23-0131
LANGEN W. 106 R. S. Pedro. Tel. 43-7873
LANGEN, W. Essencias. 106-2.º, S. Pedro. Tel. 43-7873
LIEBERMEISTER ADOLFO. 28, S. Passos. Tel. 23-5535
MELUCCI V. 19, R. 7 Setembro. Tel. 23-3657

MIRANDA A. F. 58, G. Ledo. Tel. 22-0187
PRODUTOS AROMATICOS BURMA LTDA. 86, J. Vicente. Tel. 38-4395
PRODUTOS AROMATICOS BURMA LIMITADA. — Essencias, p/ Industrias Alimentares. — Caramelo, p/ Bebidas. —Produtos, p/ Beneficiamento de Fumos. Escr. e fab. 86, R. José Vicente. Tel. 38-4395
ROUGE BERTRAND FILS & JUSTIN DUPONT S. A. 330, Maxwell. Tel. 38-7485
ROURE BERTRAND FILS & JUSTIN DUPONT S. A. Grasse — Argenteuil (France).
WAKNIN NETO ISAAC. 21 Lg. S. Francisco. Tel. 22-2962

ESTAMPARIAS

COMPANHIA FABRICA DE BOTÕES E ARTEFACTOS DE METAL
— Rua Melo e Souza, 101 —
Tels.: 28-0233 e 28-7757
Caixa Postal, 1742
End. Telegrafico: "GLAMA".

FAZENDAS E ARTIGOS PARA ALFAIATES

ABEID & IRMÃO J. 139, Av. T. Souza. Tel. 43-1513
ADISSI & DANA. 130, R. Feijó. Tel. 23-3049
ANTONIO SANTOS & CIA. Quatro Nações. 70, Buenos Aires. Tel. 23-4512
AQUIM & IRMÃO CRIACOS. 146, Av. T. Sousa. Tel. 43-5829
BARENSTEIN & AKLANDER. 170-B, Aven. Tomé de Sousa. Tel. 43-5059
BARKI ISAAC. 137, Aven. Rio Branco. Tel. 23-4883
BARON & IRMÃO. 147, Av. T. Sousa. Tel. 43-3716
BONNIARD & CIA. A. 13, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-7921
CALACHE & DABDAB. 124-D, Av. T. Sousa. Tel. 43-6805
CASA ARTUR. 2, Rua Luiz de Camões. Tel. 22-9356
CASA CASIMIRAS DUAS AMERICAS LTDA. 146 Uruguaiana, Tel. 43-5623
CASA JORGE. 334, Alfandega. Tel. 43-1146
COMO BLACKSTAFF DE LINHOS LTD. 86, Buenos Aires. Tel. 43-1637
COSTA & EGREJAS. 8, Av. T. Sousa. Tel. 22-6204
CUNHA & PIRES M. 143, Alfandega. Tel. 23-5261
DIAB & SOBRINHO JOSÉ. 333, Alfandega. Tel. 43-0596
DIVAN SAED. 122, B. Aires. Tel. 43-2747
DUARTE & CIA. ELOY. 128, B. Aires. Tel. 23-5602
DUARTE RUY. 138, Av. Tomé Sousa. Tel. 43-6139
EMPORIO DE CASEMIRAS S. A. 120, B. Aires. Tel. 43-8431
FARIA & CIA. JACINTHO. 5, Largo Carioca. Tel. 22-2283
FERRENHO & CAJUEIRO J. 255 Alfandega. Tel. 43-5576
FORNECEDORA DOS ALFAIATES LTDA. 231, Alfandega. Tel. 43-4345
G. NADAIS & FERNANDES. casimiras. 278, Rua Alfandega. Tel. 43-7094
GANDELMANN SIMON. 151, Av. T. Sousa. Tel. 43-4669
GOMES & CIA. J. A. 154, Teofilo Otoni. Tel. 43-8702
GONÇALVES RIBEIRO M. 12, S. Passos. Tel. 43-9715
GONÇALVES ROGERIO. casimiras. 111, Aven. Rio Branco. Tel. 23-3315
GUERSTEIN & TENENGAUZER 141, Av. T. Sousa. Tel. 43-5335
GUIMARÃES J. A. 91, Av. Rio Branco. Tel. 43-6977
HAGEN BAYMA & CIA. LTDA. armz 150, B. Aires. Tl. 23-4229
HAGEN BAYMA & CIA. LTDA. priv. 150, B. Aires. Tl. 23-4712
HERMANN & NASCIMENTO. 309, B. Aires. Tel. 43-6872
HERNANDEZ & IRMÃO VICENTE. 337 R. Alfandega. Tel. 43-6853
KATACHE & IRMÃO JORGE. 334, Alfandega. Tel. 43-1146
KAYAT & AQUIM. 327, Alfandega. Tel.. 43-1903
LAGE DIAS & CIA. 123, Uruguaiana. Tel. 23-6181
LORIA & FILHOS ELLE. 228, Alfandega. Tel. 43-2696
MATOS & CIA. M. B. 234, Alfandega. Tel. 43-6416
MONTEIRO & CIA. R. 106, Uruguaiana. Tel. 23-5067
ORIND GREGORIO. 230, Alfandega. Tel. 43-3119
PEREIRA DE SOUZA & C. 138, Uruguaiana. Tel. 23-2676
PERES EDUARDO. 6, Tv. São Domingos. Tel. 43-6646
RAYNSFORD & C. LTDA. 159, Rosario. Tel. 23-4616
ROCHA GONÇALVES & C. 107, Uruguaiana. Tel. 43-2520
SANTOS & C. ANTONIO. 70 B. Aires. Tel. 23-4512
SCHLIMMER JOSET. 139, Rua B. Aires. Tel. 43-6911
SEABRA RODRIGUES & C. 20, Largo Rosario. Tel. 22-2570
SILVA J. F. 117, Av. R. Branco. Tel. 43-6374

FAZENDAS POR ATACADO

ABI SYKE JOSÉ ALEXANDRE 94, Prç. Republica. Tl. 43-5456
ABRAS NAIF FERES. 362, Alfandega. Tel. 43-0038
ABREU & REGO. 141, G. Camara. Tel. 43-0726
ALEXANDRE & CIA. E. 100, R. 1.º Março. Tel. 23-0135
ALVES DE BRITO & C. armz. 64, D. Gerardo. Tel. 23-6040
ALVES SILVA J. 120, Conceição. Tel. 23-1146
AMOROSO COSTA S. A. armz. 74, S. Pedro. Tel. 23-1283
AMOROSO COSTA S. A. escr. 71, S. Pedro. Tel. 43-4768
ACUILA IRMÃO & C. 380 Alfandega. Tel. 43-3499
ARP & C. seç. import. armz. 291, B. Aires. Tel. 43-3643
ATHAYDE & C. LTDA. JAYME. 351, Alfandega. Tel. 43-4612
ATLANTIDA. 248, Alfandega. Tel. 43-2479
BARCELOS V. 320, G. Camara. Tel. 43-5164
BAYER LOTHAR. 113, T. Otoni. Tel. 43-7030
BECK GIES & C. LTDA. 97/101, Alfandega. Tel. 23-1740
BLOCH & C. TEODDORE, armz. 150-A, B. Aires. Tel. 23-3410
PEREIRA DE SOUZA & C. 138, Uruguaiana. Tel. 23-2676
CALDAS A. MENDES. 52, Miguel Couto. Tel. 23-0931
CALDEIRA & C. 36, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-0843
CARDOSO ANIANO. 119 Alfandega. Tel. 23-3270
CARDOSO MACHADO & C. 58, Visc. Inhauma. Tel. 23-5651
CARNEIRO & C. DOMINGOS. 192, Alfandega. Tel. 43-8775
CARVALHAL & C. armz. 132, S. Pedro. Tel. 23-2828
CARVALHAL & C. escr. 132, S. Pedro. Tel. 43-1947
CARVALHO & C. MARIO. 66, Candelaria. Tel. 23-2259
CASA BRASIL. 340, Alfandega. Tel. 43-2474
CASA CARVALHO GUIMARÃES S. A. 250, Rua da Alfandega. Tel. 43-6796
CASA HOLLANDEZA. 330, Alfandega. Tel. 43-3611
CASA NICOLSON S. A. 45, Rua T. Otoni. Tel. 23-3866
CASA PINKAS. 379-A, Alfandega. Tel. 43-0266
CASA SÃO JORGE. J. PINHO & MORAES. 200, Alfandega. Tel. 43-1200
CASA SETEX. 113 Teofilo Otoni. Tel. 43-7030
CASAS PERNAMBUCANAS, matriz. 118, Av. M. Floriano. Tel. 43-4850
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 316/18, C. Sousa. Tel. 29-8706

FAZENDAS POR ATACADO

ABI SYKE JOSÉ ALEXANDRE 94, Prç. Republica. Tl. 43-345[illegible]
ABRAS NAIF FERES. 362, Alfandega. Tel. 43-0038
ABREU & REGO. 141, G. Camara. Tel. 43-6726
ALEXANDRE & CIA. E. 100, R. 1.º Março. Tel. 23-0135
ALVES DE BRITO & C. armz. 64, D. Gerardo. Tel. 23-6040
ALVES SILVA J. 120, Conceição. Tel. 23-1146
AMOROSO COSTA S. A. armz. 74, S. Pedro. Tel. 23-1283
AMOROSO COSTA S. A. escr. 71, S. Pedro. Tel. 43-4768
ACUILA IRMÃO & C. 380 Alfandega. Tel. 43-3499
ARP & C. seç. import. armz. 291, B. Aires. Tel. 43-3643
ATHAYDE & C. LTDA. JAYME 351, Alfandega. Tel. 43-4612
ATLANTIDA. 218, Alfandega. Tel. 43-2479
BARCELOS V. 320, G. Camara. Tel. 43-5164
BAYER LOTHAR. 113, T. Otoni. Tel. 43-7030
BECK GIES & C. LTDA. 97/161, Alfandega. Tel. 23-1740
BLOCH & C. TEODDORE. armz. 150-A, B. Aires. Tel. 23-3450
PEREIRA DE SOUZA & C. 138, Uruguaiana. Tel. 23-2676
CALDAS A. MENDES. 52, Miguel Couto. Tel. 23-0931
CALDEIRA & C. 36, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-0843
CARDOSO ANIANO. 119 Alfandega. Tel. 23-3270
CARDOSO MACHADO & C. 58, Visc. Inhauma. Tel. 23-5061
CARNEIRO & C. DOMINGOS. 192, Alfandega. Tel. 43-6775
CARVALHAL & C. armz. 153, S. Pedro. Tel. 23-2828
CARVALHAL & C. escr. 153, S. Pedro. Tel. 43-1047
CARVALHO & C. MARIO. 59, Candelaria. Tel. 23-2259
CASA BRASIL. 340, Alfandega. Tel. 43-2474
CASA CARVALHO GUIMARAES S. A. 250, Rua da Alfandega. Tel. 43-6796
CASA HOLLANDEZA. 330, Alfandega. Tel. 43-3611
CASA NICOLSON S. A. 45, Rua T. Otoni. Tel. 23-3866
CASA PINKAS. 379-A, Alfandega. Tel. 43-0266
CASA SÃO JORGE. J. PINHO & MORAES. 206, Alfandega. Tel. 43-1200
CASA SETEX. 113 Teofilo Otoni. Tel. 43-7030
CASAS PERNAMBUCANAS, matriz. 118, Av. M. Floriano. Tel. 43-4850
CASAS PERNAMBUCANAS, filial. 316/18, C. Sousa. Tel. 29-8706

CASAS PERNAMBUCANAS, 158, Estacio Sá. Tel. 22-9678
CASTRO MORENO. 169, Alfandega. Tel. 43-0166
CHALITA & IRMÃO J. 116, Prç. Republica. Tel. 43-4619
CHAME JOSÉ NICOLAU. 370, Alfandega. Tel. 43-6307
CHAMMA & C. JORGE. 321, R. Alfandega. Tel. 43-1672
CHAMMA & CIA. JORGE. 319, R. Alfandega. Tel. 43-6389
CHERMAN & IRMÃO. 373, Alfandega. Tel. 43-0058
CHUEKE & FILHOS SAUL. 341, Alfandega. Tel. 43-0006
COELHO PEDRO. 11, Trav. Rosario. Tel. 42-9305
COHEN & CIA. R. 45, Av. Gomes Freire. Tel. 42-1733
COSTA FERREIRA & C. LTDA. 53/5, Quitanda. Tel. 23-5129
COSTA MAIA & C. 265, S. Passos. Tel. 43-4588
COURI & IRMÃO. 254, Alfandega. Tel. 43-5247
CRUZ & C. ALVARO. 204, Alfandega. Tel. 43-4719
CURY C. 261-A, Rua S. Passos. Tel. 23-1276
CUSTODIO FERNANDES & C. 145, S. Pedro. Tel. 23-3412
DIAS AMORIM & CIA. LTDA. 118-P S. Dantas. Tel. 42-7112
DIAS AMORIM & CIA. LTDA. 118-P, S. Dantas. Tel. 42-6942
EDAIS & CIA. M. 262, Alfandega. Tel. 43-4607
ESPERANÇA & C. SALVADOR. 20, Av. G. Freire. Tel. 22-4768
ESPERANÇA & C. SALVADOR. 20, Av. G. Freire. Tel. 22-5290
FABRINO DE OLIVEIRA & C. LTDA. 193, Rua da Quitanda. Tel. 23-1499
FARHI LEON. 247, Alfandega. Tel. 43-1126
FERREIRA BALTHAZAR & C. 259, Alfandega. Tel. 43-1373
FERREIRA BALTHAZAR & C. 153, Conceição. Tel. 43-6718
FERREIRA SOUZA & C. import. 56, R. Visconde Inhauma. Tel. 23-5015
FERREIRA SOUZA & C. escr. 56, V. Inhauma. Tel. 43-4135
FONSECA SEIXAS & C. 51 B. Aires. Tel. 43-9355
FONTES & CIA. E. G. 42, Candelaria. Tel. 23-2516
GANEM ANTONIO JORGE. 110-B. R. Feijó. Tel. 43-8340
GANEM & C. NAHUM. 114, Prç. Republica. Tel. 43-6441
GANEM JOSÉ ANTONIO. 236, S. Passos. Tel. 23-4274
GANEN & CIA. 287, Alfandega. Tel. 43-3413
GAM RACHID. 336, Alfandega. Tel. 43-8521
GASPAR DA SILVA ARAUJO & C. 76, Alfandega. Tel. 23-0936
GASPARIAN LEVY. 316, Alfandega. Tel. 43-5550
GAZE & IRMÃO JOCAB. 257, S. Passos. Tel. 43-7088
GELMAN SALOMÃO. 351, Gen. Camara. Tel. 43-6542
GUEDES SALVADOR. 27, Av. M. Floriano. Tel. 43-4641
GUSTAVO & CIA. 119, Gen. Camara. Tel. 23-3578
HAIJAT & IRMÃO A. 140, Av. Tomé Sousa. Tel. 43-1782
HAZAN S. S. 15, Aven. Gomes Freire. Tel. 22-0972
HOINELT & FILHO M. 329, Alfandega. Tel. 43-5793
IRMÃOS BECHARA. 323, Alfandega. Tel. 43-9383
J. MOREIRA & C. 69/77, Aven. R. Branco. Tel. 23-1390
JAFET & IRMÃO RICARDO, escr. 87, Santo Cristo. Tel. 43-3403
JAMMEL & IRMÃOS F., 333, G. Camara. Tel. 43-0531
JARDIM & C. LTDA. C. 107, Alfandega. Tel. 23-6259
JOAQUIM IRMÃOS & C. 183, R. Alfandega. Tel. 43-6570
KARMIOL & IRMÃO. 52, Visc. Itauna. Tel. 43-1361
KHAIT S. A. INDUSTRIAS. 84 Alfandega. Tel. 23-4405
LERNER & C. BARRIS. 345, Alfandega. Tel. 43-4188
LEVY & CIA. J. 19, Av. Gomes Freire. Tel. 42-4538
LUIZ GONÇALVES & C. LTDA. 261, Alfandega. Tel. 43-4366
LUNDGREN IRMÃOS LTDA. 118, Avenida M. Floriano. Tel. 43-4850
MACHADO & CIA. B. 343, Alfandega. Tel. 43-0566
MAGALHÃES SUCUPIRA & C. LTDA. 125, Rua 1.º Março. Tel. 23-4016
MAGALHÃES SUCUPIRA & C. LTDA. 125, Rua 1.º Março. Tel. 23-6216
MANSUR S. 139-C, Av. Tomé Sousa. Tel. 43-1203
MARCOS PIRIM. 132, Alfandega. Tel. 43-3179
MARQUES MANOEL FERNANDES. 22 Av. Passos. Tel. 42-6298
MARTIN MIGUEL. 170, Aven. T. Sousa. Tel. 43-1718

MARTINS PINHEIRO & C. 39, T. Otoni. Tel. 23-3400
MATOSO & CIA. J. 289, Alfandega. Tel. 43-5093

MENDES & MORAES A. 369, G. Camara. Tel. 43-2285
MOCHCOVITCH & IRMÃO. 338, Alfandega. Tel. 43-2042
MOREIRA & CIA. P. 46, Rua Costa. Tel. 43-2594
MOREIRA IRMÃO & C. 81/3, Alfandega. Tel. 23-2624
MOREIRA IRMÃO & C. 16/8, Pharoux. Tel. 42-1638
MULLER & C. 114, R. 1.º Março. Tel. 23-4847
MULLER & C. 114, R. 1.º Março. Tel. 23-4831
NEUMAN ISRAEL. 330, Alfandega. Tel. 43-3611
NIGRI & CIA. J. 2/4, Alfandega. Tel. 43-0717
NIGRI & IRMÃO LOUIS. 280, Alfandega. Tel. 43-1635
OLIVEIRA & CIA. J. A. 97, B. Aires. Tel. 23-3815
OLIVEIRA VAZ & C. LTDA. 84, S. Pedro. Tel. 23-1128
PEREIRA FERNANDES & C. 37, Mercado. Tel. 23-4997
PEREIRA SOBRINHO & CIA. matriz. 21, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-4258
PEREIRA SOBRINHO & CIA. filial. 255, Rua S. Paassos. Tel. 43-0588
PINHO & MORAES J. 200, Alfandega. Tel. 43-1200
PIRES & C. LTDA. J. R. escr. armz. 188, Aven. P. Wilson. Tel. 42-4060
PREJAWA & C. 70 Alfandega. Tel. 23-2310
QUEIROZ COUTINHO & C. 216, Alfandega. Tel. 43-8412
RACY IRMÃOS. 258, G. Camara. Tel. 43-5544
RAPHAEL ISRAEL & FILHOS. escritorio. 104, R. Assembléia. Tel. 42-7155
RAPHAEL ISRAEL & FILHOS. 4, G. Dias. Tel. 22-6582
RIBEIRO & CIA. O. 352, Alfandega. Tel. 43-6999
RIVOLI, faz. e modas. 4, Gonçalves Dias. Tel. 42-5982
ROSEMBLATT JOSÉ. 342, Alfandega. Tel. 43-5452
ROSENTAL & IRMÃO. 143, Av. T. Sousa. Tel. 43-6652
SABA JORGE. 358, Alfandega. Tel. 43-1505
SAMPAIO AVELINO & C. 98 R. 1.º Março. Tel. 23-5657

SARMENTO S. 23, R. S. Pedro. Tel. 23-2698
SCHAMA & IRMÃO LEOPOLD. 184, Alfandega. Tel. 43-0754
SEABRA & C. 78, R. Visconde Inhauma. Tel. 23-4111
SEABRA & C. 78, R. Visconde Inhauma. Tel. 23-0696
SEABRA & C. privativo. 78, R. Visc. Inhauma. Tel. 23-6391
SEARA ROSA & C. 306, Gen. Camara. Tel. 43-0286
SEQUEIRA JORGE S. A. armz. 136/40, Rua da Alfandega. Tel. 43-3423
SEQUEIRA JORGE S. A. armz. 136/40, Rua da Alfandega. Tel. 23-3575
SEQUEIRA JORGE S. A. escr. 136/40, Rua da Alfandega. Tel. 23-4612
SILVA ADELINO. 117, Miguel Couto. Tel. 43-5583
SILVA ARAUJO & GASPAR. 76, Alfandega. Tel. 23-0936
SIMÕES BATISTA & C. 166, R. S. Passos. Tel. 43-3062
SOARES & CIA. A. 111, Miguel Couto. Tel. 23-1340
SOIFER & GUREVITZ. 379-B Alfandega. Tel. 43-2590
SOTTO MAIOR & CIA. armz. 36/40, C. Saraiva. Tel. 23-4016
SOTTO MAIOR & C. armz privativo 36/40, Cons. Saraiva. Tel. 23-4014
SOTTO MAIOR & C. armz. privativo. 36/40, Cons. Saraiva. Tel. 23-4012
SOTTO MAIOR & C. escr. 4/6, R. S. Bento. Tel. 23-4015
SOTTO MAIOR & C. escr. 4/6, Rua S. Bento. Tel. 23-4011
SOUZA DIAS & C. ABEL. 248, Alfandega. Tel. 43-2470
SOUZA PECEGO J. 81, Buenos Aires. Tel. 43-3217
TEIXEIRA VALE & C. LTDA. 302, Alfandega. Tel. 43-3782
TENENGAUZER & MESTER. 344, Alfandega. Tel. 43-6455
TOLMASQUIM ALFREDO. 144, S. Pedro. Tel. 23-3606
VIEIRA A. A. 129, General Camara. Tel. 23-4407
ZACARIAS & CIA. J. 328 Alfandega. Tel. 43-2346
ZARZUR KHALIL. 196, Alfandega. Tel. 43-3257

FAZENDAS E MODAS

ABRÃO S. 241, Barão Mesquita. Tel. 28-7237
AIBAGIL & C. 226, Alfandega. Tel. 43-5656
BORDALLO DAVID PIRES. 37, R. Teatro. Tel. 22-0688
CASA BIARRITZ. 118, R. Uruguaiana. Tel. 22-5866
CASA BOA ESPERANÇA. 340, Maarq. Sapucaí. Tel. 22-9725
CASA K 17, Teatro. Tel. 22-0793
CASA DAS NOIVAS. 129-A, R. Andradas. Tel. 43-6700
CASA NUMERO SETE. 7, Teatro4 Tel. 22-4056
CASA OSORIO. 25, R. Teatro. Tel. 22-4996
CASA DOS TECIDOS. 22, Rua Carioca. Tel. 22-6520
CASA TRIANON. 42 Passagem. Tel. 26-3735
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 44, Largo S. Fraancisco. Tel. 22-1298
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 10/2, Praça Tiradentes. Tel. 22-7323
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 123/5, Rua do Ouvidor. Tel. 22-7006
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 13, C. Meyer. Tel. 29-3389
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 118, Av. M. Floriano. Tel. 43-4850
CASAS PERNAMBUCANAS. 635, Av. Copacabana. Tel. 27-5865
CHAVES & GONÇALVES. 32, Av. Passos. Tel. 22-9143
CHAVES J. P. 10, L. Camões. Tel. 22-6014
FEIRA DE TECIDOS. 20, Ramalho Ortigão. Tel. 22-5672
GALANO & CIA. E. 103, Alfandega. Tel. 23-0028
JARDIM & C. LTDA. C. 107, Alfandega. Tel. 23-2993
LEITÃO & BASTOS. 128 Rua Catete. Tel. 25-3967
MANDARIM. 77/81, Av. Passos. Tel. 43-1580
MUSAFIR RICARDO. 55, Aven. Gomes Freire. Tel. 22-1515
PAULICEA A. 2, Largo S. Francisco. Tel. 22-9109
PRIMAVERA A. 114, Aven. M. Floriano. Tel. 43-0094
RAZOAVEL A. 226, Alfandega. Tel. 43-5656
SALTIEL JACQUES. 4-A, Av. Gomes Freire. Tel. 22-2561
SANTOS COHEN & C. 19-A, Av. Gomes Freire. Tel. 42-8546
SASSON & ABOULAFIA. 2, Largo carioca Tel. 22-2787
TECELAGEM MEYER LTDA. 128, C. Meyer. Tel. 29-6304
TOURIEL ELIE. 11, Av. Gomes Freire. Tel. 22-5442
VICTORINO SILVA & C. 20, R. Ortigão. Tel. 22-5672

FAZENDAS E ROUPA FEITA

ABRAM GARFINKEL. 387, S. Passos. Tel. 43-5493
AKERMAN & C. JOINE. 139, R. Regente Feijó. Tel. 43-5299
ARMZS. MATOSO. 25/35, Praça Bandeira. Tel. 28-2901
ATANASIO R. 327, Rua Senador. Tel. 22-8258
C. & M. MANSUR. 381, Alfandega. Tel. 23-6162
CASA DALHA. 44, Barão Bom Retiro. Tel. 29-6604
CASA ELIAS. 70, Praça Republica. Tel. 43-7855
CASA JAHU'. 266, S. Passos. Tel. 23-1045
CASA JOSÉ SILVA. 3/5, Miguel Couto. Tel. 22-1920
CASA LAMAR. 86, Praça Republica. Tel. 43-4049
CASA SCHWARTZ. 28, Visconde de Itauna. Tel. 43-2362
CURY ELIAS H. 285 Senhor Passos. Tel. 43-6409
DEIXUM MIGUEL. 292, Senhor Passos. Tel. 43-5358
DIEGUES M. J. 119, Andradas. Tel. 43-4723
FAZENDAS CARIOCAS LTDA. 140, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-1589
FLEISMAN S. 113, R. Visconde Itauna. Tel. 43-4659
IRMÃOS KOIFMAN & C. 357, Alfandega. Tel. 43-3658
MOREIRA & CIA. P. 8, Rua Costa. Tel. 43-1946
ORTIZ SILVA & CIA. A. 303, B. Aires. Tel. 43-0668

CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 123/5, Rua do Ouvidor. Tel. 22-7006
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 13, C. Meyer. Tel. 29-3239
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 118, Av. M. Floriano. Tel. 43-4850
CASAS PERNAMBUCANAS. 695, Av. Copacabana. Tel. 27-5495
CHAVES & GONÇALVES. 32, Av. Passos. Tel. 22-9143
CHAVES J. P. 10, L. Camões. Tel. 22-6014
FEIRA DE TECIDOS. 20, Ramalho Ortigão. Tel. 22-5672
GALANO & CIA. E. 103, Alfandega. Tel. 23-0038
JARDIM & C. LTDA. C. 107, Alfandega. Tel. 23-2993
LEITÃO & BASTOS. 128 Rua Catete. Tel. 25-3967
MANDARIM. 77/81, Av. Passos. Tel. 43-1580
MUSAFIR RICARDO. 55, Aven. Gomes Freire. Tel. 22-1515
PAULICEA A. 2, Largo S. Francisco. Tel. 22-9109
PRIMAVERA A. 114, Aven. M. Floriano. Tel. 43-0094
RAZOAVEL A. 226, Alfandega. Tel. 43-5656
SALTIEL JACQUES. 4-A, Av. Gomes Freire. Tel. 22-3561
SANTOS COHEN & C. 19-A, Av. Gomes Freire. Tel. 42-8546
SASSON & ABOULAFIA. 2, Largo carioca Tel. 22-2787
TECELAGEM MEYER LTDA. 128, C. Meyer. Tel. 29-6304
TOURIEL ELIE. 11, Av. Gomes Freire. Tel. 22-5442
VICTORINO SILVA & C. 20, R. Ortigão. Tel. 22-5672

FAZENDAS E ROUPA FEITA

ABRAM GARFINKEL. 287. S. Passos. Tel. 43-5498
AKERMAN & C. JOINE. 139, R. Regente Feijó. Tel. 43-5299
ARMZS. MATOSO. 25/35, Praça Bandeira. Tel. 28-2901
ATANASIO R. 327, Rua Senador Tel. 22-8258
C. & M. MANSUR. 381, Alfandega. Tel. 23-6162
CASA DALHA. 44, Barão Bom Retiro. Tel. 29-6604
CASA ELIAS. 70, Praça Republica. Tel. 43-7855
CASA JAHU'. 266, S. Passos. Tel. 23-1045
CASA JOSÉ SILVA. 3/5, Miguel Couto. Tel. 22-1920
CASA LAMAR. 86, Praça Republica. Tel. 43-4049
CASA SCHWARTZ. 28, Visconde de Itauna. Tel. 43-2362
CURY ELIAS H. 285 Senhor Passos. Tel. 43-6499
DEIXUM MIGUEL. 292, Senhor Passos. Tel. 43-5358
DIEGUES M. J. 119, Andradas. Tel. 43-4723
FAZENDAS CARIOCAS LTDA. 140, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-1589
FLEISMAN S. 113, R. Visconde Itauna. Tel. 43-4659
IRMÃOS KOIFMAN & C. 357. Alfandega. Tel. 43-3658
MOREIRA & CIA. P. 8, Rua Costa. Tel. 43-1946
ORTIZ SILVA & CIA. A. 395. B. Aires. Tel. 43-0663

PREDILETA A. 1013, Rua 24 de Maio. Tel. 29-0400
SILVA LEAL & C. LTDA. 71, Andradas. Tel. 43-0062
VAZ & CIA. DOMINGOS. 63, Constituição. Tel. 22-6583

FERRAGENS, TINTAS E LOUÇAS

A. CAMPOS & C. 643, Av. A. Cavalcanti. Tel. 29-2584
A. DOS REIS LUCENA. 271 Vol. Patria. Tel. 26-0599
A. VIEIRA DE MATOS. 23, G. Camara. Tel. 23-1400
ABILIO AREAS & CIA. 112, Av. Passos. Tel. 43-1776
AGOSTINHO FERREIRA FERRAGENS LTDA. 19, Rua 1.º Março. Tel. 23-5282
AGOSTINHO FERREIRA FERRAGENS LTDA. gar. 19, R. 1.º Março. Tel. 23-0904
ALBERTI & STADLER. 127, R. 1.º Março. Tel. 23-1507
ALBERTO D'ALMEIDA & CIA. Ferragens, Loja. 121/25, Alfandega. Tel. 23-0265
ALFREDO LIMA & C. 152, S. Pedro. Tel. 23-6088
ALFREDO LIMA & C. 152, S. Pedro. Tel. 23-6094
ALVES FILHO & C. 16-A, R. A. Carneiro. Tel. 29-1929
ANDRADE & CIA. A. B. 231, R. 7 Setem. Tel. 22-5670
ARAUJO & C. LTDA. J. L. 93/5 T. Otoni. Tel. 23-5063
ARAUJO CID OLIVERIO. 29, R. 7 Setem. Tel. 43-9283
AREAS & C. ABILIO. 112, Av. Passos. Tel. 43-1776
ARRUDA & CIA. J. 130, Frei Caneca. Tel. 22-3824
ARRUDA & CIA. J. 130, Frei Caneca. Tel. 22-3824
ARSENAL DO CATETE. 54, R. Cantete. Tel. 25-7764
ATAB WALTER. 839, Rua Ana Neri. Tel. 48-9450
AYRES SCN & C. mat. tex. 31, Cons. Saraivaa. Tel. 23-2517
BARROS & C. LTDA. A. escr. 202, Uruguaiana. Tel. 23-4728
BARROS & C. LTDA. A. loja. 202, Uruguaiana. Tel. 23-4727
BARTHE GUILHERME. 275, G. Camara. Tel. 23-5313
BAZAR AFONSO PENA. 665 M. e Barros. Tel. 28-3422
BAZAR ALBERTO. 728, Jardim Botanico. Tel. 26-2472
BAZAR ALEGRIA. 648, R. 24 Maio. Tel. 29-5732
BAZAR ALMEIDA. 643, Aven. A. Cavalcanti. Tel. 29-2584
BAZAR AMERICANO. 1815, Av. Suburbana. Tel. 29-6196
BAZAR ANDARAHY. 1083-A, B. Mesquita. Tel. 38-7322
BAZAR ATLANTICO. 591, Av. Copacabana. Tel. 27-4570
BAZAR AYMORÉ. 24, R. Dias Cruz. Tel. 29-1243
BAZAR BOM RETIRO. 153, R. B. B. Retiro. Tel. 29-2398
BAZAR BOMFIM. 796, R. Conde Bomfim. Tel. 38-4075
BAZAR BOMSUCESSO. 60, C. Morais. Tel. 30-1693
BAZAR BRASIL. 882 B. Bom Retiro. Tel. 38-3310
BAZAR CAJUTI. 654, C. Bomfim. Tel. 38-4899
BAZAR CAMELO. 95, Catumby. Tel. 22-0286
BAZAR CARIOCA. 754, Barão Mesquita. Tel. 38-0964
BAZAR CATUMBY. 9, Rua de Catumby. Tel. 22-8638
BAZAR CENTRAL. 225, Praça Republica. Tel. 43-4251
BAZAR COLOMBO. 91/103, Praça Bandeira. Tel. 28-2184
BAZAR COPACABANA. 89, Rua S. Campos. Tel. 26-9370
BAZAR DERBY CLUB. 451, R. S. F. Xavier. Tel. 48-2137
BAZAR ESPERANÇA. 134, Passagem. Tel. 26-2097
BAZAR ESTADO NOVO. 972, T. Silva. Tel. 38-6440
BAZAR DAS FAMILIAS AO. 155 Est. Sá. Tel. 22-5500
BAZAR GANHA POUCO. 4, R. S. Januario. Tel. 28-5332
BAZAR GAVEA. 26-A, R. M. S. Vicente. Tel. 27-0401
BAZAR GRAJAHÚ. 744-A, Rua B. B. Retiro. Tel. 38-1104
BAZAR IDEAL. 2401, Av. Suburbana. Tel. 29-4258
BAZAR INVENCIVEL. 73-A, R. Coqueiros. Tel. 42-9771
BAZAR IPANEMA. 151, Visc. Pirajá. Tel. 27-3052
BAZAR JAHÚ. 115-A, S. Cristovão. Tel. 28-6339
BAZAR DA LAPA. 40, Lapa. Tel. 22-6253
BAZAR DO LEME. 30, Av. P. Isabel. Tel. 27-0705
BAZAR LIMA. 54, R. do Lapa Tel. 22-6827
BAZAR LUZO BRASILEIRO. 247, Sto. Cristo. Tel. 43-2578
BAZAR MANGUEIRA. 41 R. 8 Dezembro. Tel. 28-1999
BAZAR MARACANÃ. 3 Av. 28 Setembro. Tel. 48-2373
CASA DO PESCADOR. Gomes Irmão & Cia. Tel. 42-2046
BAZAR DO MEYER. 1369, R. 24 Maio. Tel. 29-0222
BAZAR NICACIO. 113-A, R. S. L. Gonzaga. Tel. 48-3560
BAZAR OLARIA. 1373-A, Uranos. Tel. 30-1084
BAZAR ORION. 156, M. Cantuária. Tel. 26-1399
BAZAR OSWALDO CRUZ. 998, C. Machado, ⊙ MAR. HERMES, 862.
BAZAR PENA VERDE. 4, S. Guimarães. Tel. 48-5970
BAZAR DO PORTO. 172, José Bonifacio. Tel. 29-2557
BAZAR REGAL. Ferragens e artigos de fantasia. 4-C, Rua Romeiros. Tel. 30-1805
BAZAR RODRIGUES. 38-A H. Lobo. Tel. 48-1551
BAZAR SANTA TEREZINHA. 407, B. B. Retiro. Tel. 38-4090
BAZAR SANTIAGO. 578-A, Alegria. Tel. 28-2948
BAZAR SANTO CRISTO. 155, Sto. Cristo. Tel. 43-5613
BAZAR S. CRISTOVÃO. 268, S. Cristovão. Tel. 28-2736
BAZAR S. GERALDO. 768, R. Barão Mesquita. Tel. 38-0582
BAZAR S. JERONYMO. 220-A, Barão Mesquita. Tel. 48-2581
BAZAR S. JOÃO. 580, R. Bela. Tel. 28-5515
BAZAR S. JORGE. 52, P. Nobrega. Tel. 29-0783
BAZAR S. JOSÉ. 464, Rua 24 Maio. Tel. 29-1551
BAZAR S. JOSÉ. 230, Goiaz. Tel. 29-2669
BAZAR S. MIGUEL. 1255, Rua Conde Bomfim. Tel. 28-5152
BAZAR S. PAULO. 617 Rua 24 Maio. Tel. 29-1228
BAZAR S. PAULO. 200, Visc. Pirajá. Tel. 27-1551
BAZAR S. PAULO-RIO. 9-A, M. S. Vicente. Tel. 47-2777
BAZAR 606. 724, Av. Copacabana. Tels. 27-2652 e 27-6069
BAZAR DA TORRE. 425, Riachuelo. Tel. 22-9200
BAZAR UNIVERSAL. 2 Rua Catumby. Tel. 22-8432
BAZAR VERDUM. 1063, Barão Mesquita. Tel. 38-5925
BAZAR VILAÇA. 130, Frei Caneca. Tel. 22-3824
BAZAR YPIRANGA. 18, L. Teixeira. Tel. 48-2519
ROIM & BRUNCHTEIN. 216, G. Camara. Tel. 43-7910
BORLIDO MAIA DE FERRAGENS LTDA. CASA. 104, Rua 1.º de Março. Tels. 23-2466 e 43-0738
BOTELHO V. G. 93, Av. Marechal Floriano. Tel. 23-6017
BRAGA MANOEL. 656, C. Resende. Tel. 29-4113

CABRAL F. C. 119 P. Januario. Tel. 29-3318
CAMPONEZ DA ILHA. 93, Praia Zumbi, ⊙ GOVERNADOR, 38.
CAMPOS & IRMÃO MANOEL. 178, J. Reis. Tel. 29-4243
CANTISSANO PEDRO. 285, P. Nunes. Tel. 48-2173
CARLIZZI MARIO. 21, L. Leal. Tel. 25-0289
CARREIRO & CIA. J. A. 9/11, Praça J. Pessoa. Tel. 22-0176
CARVALHAL & FERREIRA. 195, S. Pedro. Tel. 43-6166
CASA SILVA. Vidraceiro e papelaria. Filmes Kodak e Livros. 328, Catete. Tel. 25-0345
CARVALHO ARMANDO SILVA 40 Camerino. Tel. 43-2410
CARVALHO B. N. 94, Luiz de Camões. Tel. 43-0693
CARVALHO FILHO F. P. 217-A, B. B. Retiro. Tel. 29-4235
CARVALHO LAURO & CIA. 5, Av. M. Floriano. Tel. 43-6689
CARVALHO DE SOUZA & CIA. 87, T. Otoni. Tel. 43-1394
CASA ABILIO. 710, A. Carlos. Tel. 30-2164
CASA ALBERTO. 3064, Av. Suburbana. Tel. 29-8387
CASA ALBERTO. 85, ITABIRA. Tel. 30-3479
CASA ALVES. Matriz: 133, Conde Bomfim. Tel. 28-0613
CASA ALVES. Filial: 816-A, R. Conde Bomfim. Tel. 38-4254
CASA AMARAL. 23 Invalidos. Tel. 22-3637
CASA AMERICANA. 15, Quitanda. Tel. 22-5555
CASA ANDRÉ. 682, Jardim Botanico. Tel. 26-2858
CASA ARAUJO. 283, Catete. Tel. 25-0706
CASA AUXILIADORA. 940, Estrada M. Rangel. Tel. 29-8325
CASA AVENIDA. 2042, Av. Sububana. Tel. 29-6988
CASA BOLIVAR. 950-B, Aven. Copacabana. Tel. 27-0591
CASA BORLIDO MAIA DE FERRAGENS LTDA. 104, R. 1.º Março. Tel. 23-2466
CASA BORLIDO MAIA DE FERRAGENS LTDA. 104, R. 1.º Março. Tel. 43-0738
CASA BRANDÃO. 237, R. Bela. Tel. 28-2018
CASA BRASIL. 271, Volunt. da Patria. Tel. 26-0599
CASA CANEDO. 390, H. Lobo. Tel. 28-0742
CASA DO CARECA. 874 Av. A. Cavalcanti. Tel. 29-2819
CASA CARIOCA. 55, Rua do Ouvidor. Tel. 23-0249
CASA CARLOS & M. Bitencourt. Tel. 29-0766
CASA CARNEIRO. 160, Praia Botafogo. Tel. 26-3046
CASA CARRACENA. 9, Rua da Carioca. Tel. 22-1303
CASA CASTRO 3114, Av. Suburbana. Tel. 29-8011
CASA CENTENARIO. 445, Voluntario Patria. Tel. 26-3073
CASA CENTRAL. 88, Estacio Sá. Tel. 22-5411
CASA DAS CHAVES. 180, R. S. Pedro. Tel. 43-5206
CASA COMBATE. 96, Rua Nicarágua. Tel. 30-1446
CASA CONFIANÇA. 224, Estrada Santa Cruz. ⊙ BANGÚ, 34
CASA CONTELLI. 5, P. Figueiredo. Tel. 43-1015
CASA CORAÇÃO DE JESUS. 612 Goiaz. Tel. 29-3993
CASA CRUZEIRO. 5, Visconde Rio Branco. Tel. 22-2700
CASA DOS CRUZEIROS. 309, Rua Bela. Tel. 28-3813
CASA ELZA. 1158, Rua Goiaz. Tel. 29-8811
CASA FIEL. 434, R. 24 Maio. Tel. 29-0206
CASA GLOBO. 55, S. Clemente. Tel. 26-5231
CASA GLORIA. 314, Voluntarios Patria. Tel. 26-2045
CASA GOMES. 344, S. Vale. Tel. 29-9187
CASA GOMES. 468, Estr. Sta. Cruz. ⊙ BANGÚ, 30
CASA GOMES, matriz. 308, Av. 28 Setembro. Tel. 38-3771
CASA GOMES filial. 273, Lobo Junior. Tel. 30-1641
CASA GUIMARÃES. 1550, G. Vasconcelos. Tel. 48-1896
CASA HAMBURGO. 44, Andradas. Tel. 23-3733
CASA ITALIA. 33, Visc. Maranguape. Tel. 22-0941
CASA JUPYRA. 28, América. Tel. 43-3526
CASA LEÃO. 262, Visconde de Pirajá. Tel. 27-2833
CASA LINS. 277, L. Vasconcelos. Tel. 29-4723
CASA LOURDES. 31, Carioca. Tel. 22-2380
CASA LOUREIROS. 221-A, Estrada B. Pina. Tel. 30-2406
CASA LUZES S. A. 638, Dias da Cruz. Tel. 29-0544
CASA MACHADO. 136, Av. A. Navarro. Tel. 30-2315
CASA MONROE. 191-A, Rua do Riachuelo. Tel. 22-2536
CASA MORAES. 138 Estr. P. Ferro. ⊙ JACAREPAGUÁ, 477
CASA MORAES. 138 Estr. P. Ferro. ⊙ JACAREPAGUÁ, 72
CASA MOURILHE. 989, R. 24 Maio. Tel. 29-0692
CASA PARREIRAS. 592, Barão Mesquita. Tel. 38-5038
CASA PINTO NOVO. 3, Largo Campinho. Tel. 29-8983
CASA DO POVO. 425, Lobo Junior. Tel. 30-3568
CASA PROGRESSO. 268, R. A. Cordeiro. Tel. 29-0781
CASA RAMOS FERREIRA. 7-A, Rua 4 Novem. Tel. 30-1090
CASA REAL. 48, Rua Assembléa. Tel. 22-0569
CASA RODRIGUES. 2546, Av Suburbana. Tel. 29-5507
CASA ROUXINOL. 125, Rua E. Veiga. Tel. 22-5578
CASA SANTA TEREZINHA. 67 Sen. Euzebio. Tel. 43-6399
CASA S. JERONYMO. 445, R. Volunt. Patria. Tel. 26-3072
CASA S. JORGE. 3054, Aven. Suburbana. Tel. 29-9153
CASA S. PAULO. 44-A, Av. 1.º Maio. ⊙ MAR. HERMES, 268
CASA SILVA. 352, R. Eng. de Dentro. Tel. 29-4345
CASA CRUZEIRO. 5, Visc. do Rio Branco. Tel. 22-2700
CASA DAS TAÇAS. 110, S. Euzebio. Tel. 43-0207
CASA TANCREDO E JOIA. 608, B. Mesquita. Tel. 38-3198
CASA TEIXEIRA. 500, R. Dias Cruz. Tel. 29-0670
CASA TRIUMPHO. 229, Rua do Catete. Tel. 25-0104
CASA UNIÃO. 11, S. Clemente. Tel. 26-2067
CASA UNIÃO. 32 L. Rego. Tel. 30-2142
CASA VARINA. 10, Pharoux. Tel. 42-1529
CASA VERAS DE FERRAGENS LTDA. 118, Rua Sen. Euzebio. Tel. 43-0162
CASTRO LEBRÃO & C. 79, Rua Uruguaiana. Tel. 23-4163
CASTRO REGAL. 4-C, Rua dos Romeiros. Tel. 30-1805
CASTRO SOBRAL & C. 129, T. Otoni. Tel. 43-3080
CHINAMEL PRODUTOS. 169, Mexico. Tel. 42-6828
CRISTOVÃO FERNANDES & C. 173, Quitanda. Tel. 43-8600
CRISTOVÃO FERNANDES & C. 173, Quitanda. Tel. 23-0503

COMP. IMPORT. SUECA LTDA. 52, Av. R. Branco, Tl. 23-0662
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. 124/6, S. Pedro. Tel. 23-4803
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. 124/6, S.Pedro. Tel. 23-5534
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. Agencia 1. 1103-A Av. Copacabana. Tel. 47-0122
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. Agencia 2. 156, Voluntario da Patria. Tel. 26-7855
CORRÊA & C. JOAQUIM. 283-A, L. Cardoso. Tel. 28-5159
CORRÊA IRMÃO & C. 231, Sen. Pompeu. Tel. 43-3150
CORRÊA QUADROS & C. 80, Rua Acre. Tel. 43-0287
COSENTINO G. F. 435, Rua Barão Bom Retiro. Tel. 38-6311
COSTA & ALVES C. 148, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-6366
COSTA & CIA. HERMETO. 191, Teofilo Otoni. Tel. 43-6746
COSTA & CIA. HERMETO. 191, Teofilo Otoni. Te.l 43-1925
COSTA & CIA. P. 26, Rua Camerino. Tel. 43-3634
COSTA CARRACENA & OLIVEIRA. 33, . Rua Carioca Tel. 22-2273
COSTA FERNANDES & C. 3114, Av. Suburbana. Tel. 29-8011
COSTA M. A. 159 Estacio de Sá. Tel. 22-7480
CRUZEIRO & CIA. J. 5, Visc. Rio Branco. Tel. 22-2700
D. M. DUARTE BARBOSA. 22, Lavradio. Tel. 22-2425
D'ALMEIDA & CIA. ALBERTO. ferragens. Loja. 121/25, Rua Alfandega. Tel. 23-0265 .
DAMASCENO & SALEMBIER. 65, S. Passos. Tel. 43-5736

IMPORTADORES (Continuação)

CASA VERAS DE FERRAGENS LTDA. 118, Rua Sen. Euzebio. Tel. 43-0162
CASTRO LEBRÃO & C. 79, Rua Uruguaiana. Tel. 23-4163
CASTRO REGAL. 4-C, Rua dos Romeiros. Tel. 30-1805
CASTRO SOBRAL & C. 129, T. Otonii. Tel. 43-3080
CHINAMEL PRODUTOS. 168, Mexico. Tel. 42-6828
CRISTOVÃO FERNANDES & C. 173, Quitanda. Tel. 43-8600
CRISTOVÃO FERNANDES & C. 173, Quitanda. Tel. 23-0503

FERRAGENS PARA MALAS

COMP. IMPORT. SUECA LTDA. 52, Av. R. Branco. Tl. 23-0632
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. 124/6, S. Pedro. Tel. 23-4869
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. 124/6, S.Pedro. Tel. 23-5534
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. Agencia 1. 1103-A Av. Copacabana. Tel. 47-0122
COMP. INDUSTR. E MERCANTIL CASA FRACALANZA. Agencia 2. 156, Voluntario da Patria. Tel. 26-7855
CORRÊA & C. JOAQUIM. 283-A, L. Cardoso. Tel. 28-5159
CORRÊA IRMÃO & C. 231, Sen. Pompeu. Tel. 43-3150
CORRÊA QUADROS & C. 80, Rua Acre. Tel. 43-0287
COSENTINO G. F. 435, Rua Barão Bom Retiro. Tel. 38-6311
COSTA & ALVES C. 148, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-6366
COSTA & CIA. HERMETO. 191, Teofilo Otoni. Tel. 43-6746
COSTA & CIA. HERMETO. 191, Teofilo Otoni. Te.l 43-1925
COSTA & CIA. P. 26, Rua Camerino. Tel. 43-3624
COSTA CARRACENA & OLIVEIRA. 33, . Rua Carioca Tel. 22-2273
COSTA FERNANDES & C. 3114, Av. Suburbana. Tel. 29-8011
COSTA M. A. 159 Estacio de Sá. Tel. 22-7480
CRUZEIRO & CIA. J. 5, Visc. Rio Branco. Tel. 22-2700
D. M. DUARTE BARBOSA. 22, Lavradio. Tel. 22-2425
D'ALMEIDA & CIA. ALBERTO, ferragens, Loja. 131/35, Rua Alfandega. Tel. 23-0265 .
DAMASCENO & SALEMBIER. 65, S. Passos. Tel. 43-5736

DECOSTER HENRI. 22, Rua S. Pedro. Tel. 43-3302
DIAS GARCIA & C. LTDA. geral. 23/5, R. Visc. Inhauma. Tel. 23-2017
DIAS GARCIA & C. LTDA. seç. ferro. 26/40, Aven. B. Tefé. Tel. 43-6181
DIAS GARCIA & C. LTDA. dep. ferragens. 26/40, Av. B. Tefé. Tel. 43-5230
DIAS DA SILVA. 247, General Camara. Tel. 43-2610
DUARTE JOSÉ JOAQUIM. 62, Estacio Sá. Tel. 22-5417
DUARTE PEREIRA J. 284 L. Rego. Tel. 30-1219
EMPREZA PRODUTOS INDUSTRIAES LTDA. 87, Rezende. Tel. 42-2228
ESTRELA DO CATETE. 345, Caetete. Tel. 25-1721
FABRICA DE ARTEFATOS DE FERRO VIAT. 36-1.°, Gen. Camara. Tel. 23-0131
CASA TUBARÃO. A. RAMADA & C. LTDA. MERC. MUNICIPAL, 95/97, (Lado externo) e R. XII, 82 a 88. Tel. 42-1846
FABR. FERRAGENS VANADIUM. 212, B. S. Francisco. Tel. 38-4917
FABRICA NACIONAL LIMAS LTDA. 27, A. Bitencourt. Tel. 38-1012
FARIA JOÃO SOARES. 21, Estrada Portela. Tel. 29-8985
FARIA & LOPES LTDA. 460, C. Machado. Tel. 29-8236
FERNANDES & AZEVEDO F. 433, N. Vouveia. Tel. 9-8078
FERNANDES & C. CRISTOVÃO. 173 Quitanda. Tel. 23-0503
FERNANDES & C. CRISTOVÃO. 173, Quitanda. Tel. 43-8600
FERNANDES & NUNO. 197, S. Pedro. Tel. 43-0670
FERRAGENS LA FONTE LTA. 51, M. Couto. Tel. 23-1514
FERRAGENS LA FONTE LTA. 51/3, M. Couto. Tel. 43-1474
FERREIRA FERNANDO J. 175, S. Pedro. Tel. 43-4479
FERREIRA LEITÃO & C. 249, Arist. Lobo. Tel. 23-3018
FERREIRA LEITÃO & C. 520, C. Benicio. ◉ JACAREPAGUA, 426
FERREIRA PINTO FRANCISCO. 730, A. Nery Tel. 28-2823
FERREIRA SEIXAS & C. armz. 152, B. Aires. Tel. 23-3550
FERREIRA SEIXAS & C. armz. 152, B. Aires. Tel. 23-2877
FIALHO DOS SANTOS MIGUEL. 78 Av. L. Muller. Tel. 23-6541
FIGUEIREDO A. M. 84, Sen. Euzebio. Tel. 43-3451
FONSECA ALMEIDA & CIA. LTDA. dep. 54/6, Sto. Cristo. Tel. 43-6015
FONSECA ALMEIDA & CIA. LTDA. 112, Rua 1.° Março. Tel. 23-1760
FONSECA ANTONIO GOMES. 443, Av. 28 Set. Tel. 38-0858
FONSECA FILIPE. 320-A, Av. A. Paiva. Tel. 27-1186
FONSECA JUNIOR J. R. 28, Candelaria. Tel. 23-3210
FONTES CARLOS. 53, R. Visc. Inhauma. Tel. 23-4477
FONTES GARCIA & C. escrip. 238, S. Pedro. Tel. 43-1771
FONTES GARCIA SUDELETRO S. A. Ferragens. 105, Av. Passos. Tel. 43-1836; Gerente e AAtacado. 105, Av. Passos. Tel. 43-6120; Louças e Eletricidade. 105, Av. Passos. Tel. 43-2629
FRACALANZA. 36 Rua Ourives. Tel. 23-1299
FREDERICO & IRMÃO. 261, A. Cordeiro. Tel. 29-1123
FREITAS & C. LTDA. A. 179, S. Pedro. Tel. 43-0768
FREITAS COUTO & C. 23, M. Couto. Tel. 23-4733
FREITAS COUTO & C. 23, M. Couto. Tel. 23-4719
FRITZ BECK & C. LTDA. 518, Rua Goiaz. Tel. 29-2511
FRITZ ENGEL & CIA. LTDA. 15, Miguel Frias. Tel. 42-2762
FRUGOLI SARTI & C. LTDA. palha de aço. 214, R. Barão Itapagipe. Tel. 28-5019
GAROTINHA. 54, Estrada Marechal Rangel. Tel. 29-8255
GASPAR & C. 48, Rua Visc. Inhauma. Tel. 43-2038
GIORDANO IRMÃOS. 492, Luis Vasconcelos. Tel. 29-2875
GOMES CARRACENA & C. 9, Carioca. Tel. 22-1305
GOMES IRMÃO & C. Merc. Mun. R. &II 26/36. Tel. 42-2046
GOMES DA SILVA MANOEL E. 13, B. B. Retiro. Tel. 29-1822
GONÇALVES D'OLIVEIRA JOAQUIM. 388, Rua Laranjeiras. Tel. 25-6665
GRANDE BARATEIRO AO. 46,, P. Januario. Tel. 29-5101
GUIMARÃES & C. A. SANTOS. 3, Av. 28 Setem. Tel. 48-2373
GASPAR & C. Import. 48, Visc. Inhauma. Tel. 43-2038
GUIMARÃES & C. LTDA. CRISTOVVÃO. 119, R. 1.° Março Tel. 23-1352
HASENCLEVER & CIA. geral. 69/77, Avenida Rio Branco. Tel. 23-5907
HASENCLEVER & CIA. dep. ferro. 63, Praia S. Cristovão. Tel. 28-0263
HASENCLEVER & CIA. dep. ferragens. 63, Praia S. Cristovão. Tel. 28-0085
HENRIQUE P. OLIVEIRA. 744-A Rua Barão B. Retiro. Tel. 38-1104
HERBERT & MATOS LTDA. 44, V. Inhauma. Tel. 23-3061
HIME & C. geral. 52, Teofilo Otoni. Tel. 23-1741
HOMERO & C. LTDA. 199, S. Pedro. Tel. 43-4483
HOMERO & C. LTDA. 201, S. Pedro. Tel. 43-4518
INTERCAMBIO SUECO-BRAS. LTDA. 234/6, Gen. Camara. Tel. 23-5060
IRMÃOS FERRARO. 108, Sen. Euzebio. Tel. 43-5394
IRMÃOS UNIDOS. 8, Av. Gomes Freire. Tel. 22-8136
J. CRUZEIRO & C. 5, Visc Rio Branco. Tel. 22-2700
J. M. DE ANDRADE. 617, Rua 24 Maio. Tel. 29-1228
J. RANZEIRO LTDA. 130, Alfandega. Tel. 23-3962
J. RANZEIRO LTDA. 130, Alfandega. Tel. 23-3663
J. TORQUATO & CIA. LTDA. 58 Rua Teofilo Otoni. Tels. 43-7354 e 43-8277
JOSÉ S. PINTO & C. 164, Sen. Euzebio. Tel. 43-4425
KOGER JULIO. 27, J. Palhares. Tel. 48-5004
KONSEN & C. LTDA. 81, Buenos Aires. Tel. 43-3235
LA FONTE LTDA. 51, Miguel Couto. Tel. 23-1514
LEÃO D'AMERICA AO. 333, Av. 28 Setem. Tel. 38-2975
LEÃO D'AMERICA AO. 89, Rua Uruguaiana. Tel. 23-1304
LEÃO DA CANCELA. 37-B, S. L. Gonzaga. Tel. 28-3988
LEÃO E. C. 81-A, Marquês de Olinda. Tel. 26-5020
LEÃO DO ESTACIO AO. 49, J. Palhares. Tel. 48-6336
LEÃO DE RAMOS. 181, Barreiros. Tel. 30-1683
LOCCHI ALADINO. estatuetas. 47 P. Alves. Tel. 43-3036
LOJAS BRASILEIRAS LTDA. 73/5, Av. Passos. Tel.43-0272
LOJAS REDEMTOR. 100, Rua Humaitá. Tel. 26-3198
LOPES COSTA & CIA. D. 368, Rua F. Melo. Tel. 28-2941
LOPES GOMES & C. seç. varejo e escrorio 15/17, Rua Clapp. Tel. 42-0245
LOPES GOMES & C. seç. atacado. 15/17, Clapp. Tel. 42-1845
LUCAS FRANCISCO. 109, Lavradio. Tel. 22-2706
LUTERMAN BORIS. 95, Aven. Mem Sá. Tel. 22-3533
M. M. ALVES. 2, Rua Catumby. Tel. 22-8432
MACHADO & CIA. R. 259, Voluntarios Patria. Tel. 26-5421
MAGNUS & C. LTDA. JAMES. 96, S. Pedro. Tel. 43-0096
MALTA IRMÃO & C. 83/5, Rua S. Pedro. Tel. 23-5900
MALTA IRMÃO & C. 83/5, Rua S. Pedro. Tel. 23-2539
MALTA PAULO escr. 81, Candelaria. Tel. 23-3475
MALTA PAULO, armz. 81, Candelaria. Tel. 23-3476
MALTA PAULO, armz. 81, Candelaria. Tel. 23-3477
MARINO & BOTTONE. 41, S. Clemente. Tel. 26-2781
MARQUES COUTO & C. 13, Rua S. Bento. Tel. 23-4988
MARRECO DAS LOUÇAS O. 303, C. Bomfim. Tel. 48-3555

INTERCAMBIO SUECO-BRAS LTDA. 334/6, Gen. Camara. Tel. 23-5060
IRMÃOS FERRARO. 108, Sen. Euzebio. Tel. 43-5394
IRMÃOS UNIDOS. 8, Av. Gomes Freire. Tel. 22-8136
J. CRUZEIRO & C. 5, Visc Rio Branco. Tel. 22-2700
J. M. DE ANDRADE. 617, Rua 24 Maio. Tel. 29-1228
J. RANZEIRO LTDA. 120, Alfandega. Tel. 23-3962
J. RANZEIRO LTDA. 120, Alfandega. Tel. 23-3663
J. TORQUATO & CIA. LTDA. 58 Rua Teofilo Otoni. Tels. 43-7354 e 43-8277
JOSÉ S. PINTO & C. 164, Sen. Euzebio. Tel. 43-4425
KOGER JULIO. 27, J. Paalhares. Tel. 48-5004
KONSEN & C. LTDA. 81, Buenos Aires. Tel. 43-3235
LA FONTE LTDA. 51, Miguel Couto. Tel. 23-1514
LEÃO D'AMERICA AO. 339, Av. 28 Setem. Tel. 38-2975
LEÃO D'AMERICA AO. 89, Rua Uruguaiana. Tel. 23-1304
LEÃO DA CANCELA. 37-B, S. L. Gonzaga. Tel. 28-3988
LEÃO E. C. 81-A, Marquez de Olinda. Tel. 26-5020
LEÃO DO ESTACIO AO. 49, J. Palhares. Tel. 48-6335
LEÃO DE RAMOS. 181, Barreiros. Tel. 30-1683
LOCCHI ALADINO. estatuetas. 47 P. Alves. Tel. 43-3036
LOJAS BRASILEIRAS LTDA. 73/5, Av. Passos. Tel.43-0272
LOJAS REDEMTOR. 100, Rua Humaitá. Tel. 26-3168
LOPES COSTA & CIA. D. 365, Rua F. Melo. Tel. 28-2941
LOPES GOMES & C. seç. varejo e escrorio 15/17, Rua Clapp Tel. 42-0245
LOPES GOMES & C. seç. atacada. 15/17, Clapp. Tel. 42-1845
LUCAS FRANCISCO. 109, Lavradio. Tel. 22-2706
LUTERMAN BORIS. 95, Aven. Mem Sá. Tel. 22-3533
M. M. ALVES. 2, Rua Catumby. Tel. 22-8432
MACHADO & CIA. R. 259, Voluntarios Patria. Tel. 26-5471
MAGNUS & C. LTDA. JAMES. 96, S. Pedro. Tel. 43-0096
MALTA IRMÃO & C. 83/5, Rua S. Pedro. Tel. 23-5900
MALTA IRMÃO & C. 83/5, Rua S. Pedro. Tel. 23-2589
MALTA PAULO escr. 81, Candelaria. Tel. 23-3475
MALTA PAULO, armz. 81, Candelaria. Tel. 23-3476
MALTA PAULO, armz. 81, Candelaria. Tel. 23-3477
MARINO & BOTTONE. 41, S. Clemente. Tel. 26-2781
MARQUES COUTO & C. 13, Rua S. Bento. Tel. 23-4988
MARRECO DAS LOUÇAS O. 303, C. Bomfim. Tel. 48-3555

MARTINS & CIA. B. 186, Rua S. Pedro. Tel. 43-3160
MARTINS OSCAR. 215, Rua S. Pedro. Tel. 43-6571
MATHIAS & MENDES LTDA. 1126-B, Aven. Copacabana. Tel. 47-0666
MENDONÇA J. C. 228, Gen. Camara. Tel. 23-1271
MESBLA S. A. Ferragens e artigos para presentes. 48/56, R. Passeio. Tel. 22-7720
MONTEIRO SOARES & C. 279, L. Teixeira. 29-2718
NASCIMENTO & GUERRA. 204, T. Otoni. Tel. 43-6585
NEVES & AMARAL. 103, Visc. Inhauma. Tel. 43-6635
NEVES GONÇALVES & C. 21, Rua Carioca. Tel. 22-3929
NOSCHESE A. SOUZA. artigos sanit. 134, R. Gen. Camara. Tel. 23-1079
NOSSA CASA. 412, Estr. Santa Cruz. ⊛ BANGU, 499
NUNES SEGUNDO J. 1095, Av. Suburbana. Tel. 29-3279
O MARRECO DAS LOUÇAS, 303, Conde Bonfim. Tel. 48-3555
OLIVEIRA AUGUSTO. 177, Av. Mem Sá. Tel. 22-6982
OLIVEIRA & CIA. CARLOS. 213, S. Pedro. Tel. 43-3193
OLIVEIRA & CIA. F. P. 225, Praça Republica. Tel. 43-4251
PACHECO AURELIO V. 1021-A Av. Suburbana. Tel. 29-5404
PAIVA & CIA. ARNALDO. 262, Visc. Pirajá. Tel. 27-2833
PAIVA & CIA. M. R. 55, Rua S. Clemente. Tel. 26-6161
PAPA & CALVANO. 22, Passagem. Tel. 26-2251
PEIXOTO M. S. 93, B. Marcial. Tel. 30-2832
PEREIRA ARAUJO & C. 87, Rua S. Pedro. Tel. 43-5610
PEREIRA ARAUJO & C. escr. 87, S. Pedro. Tel. 43-1330
PEREIRA ARAUJO & C. dep. 144, Sac. Cabral. Tel. 43-6051
PEREIRA DIAS A. 157-A, Estr. Vic. Carvalho. Tel. 30-3056
PEREIRA J. J. 400, C. Meio. Tel. 29-4671
PEREIRA LEITE JOSÉ. 345, Catete. Tel. 25-1721
PESTANA DA SILVA & CIA. LTDA. 21, Rua 1.º de Março. Tel. 23-5175
PESTANA DA SILVA & CIA. LTDA. 21 Rua 1.º de Março. Tel. 43-9501
PHAROL BOMSUCESSO. 11 C. Morais. Tel. 30-2098
PHAROL DA CIRCULAR AO. 59, Lobo Jr. Tel. 30-1712
PHAROL DE RAMOS AO 6, Rua 4 Novembro. Tel. 30-1425
PINHEIRO GUIMARÃES & C. 87/9, V. Inhauma. Tel. 21-1850
PINHEIRO JUNIOR & C. Merc. Municipal, lado extreno. 81/5. Tel. 42-1646
PINHEIRO & SILVA A. 198, S. Pedro. Tel. 43-0104
PINTO & CIA. JOSÉ S. 164, S. Euzebio. Tel. 43-4425
PINTO CANIZIO & C. 174, Rua S. Passos. Tel. 23-3006
PINTO M. F. 17, Rua Catete. Tel. 25-7170
PLACERREANI & CIA. 2, Botafogo. Tel. 29-1339
POUZA MIGUEL. 135-B G. Gallieni. Tel. 30-3252
Sembléia. Tel. 22-0569
RIBEIRO & C. ALBANO. 332, A. Cordeiro. Tel. 29-2205

RIBEIRO & C. PLINIO. 117, Evar. Veiga. Tel. 22-3616
RICHARD FRANZ & C. fabr. 369, C. Bonfim. Tel. 28-4477
ROCHA ABILIO. 191-A, Rua Riachuelo. Tel. 22-2530
ROMA P. 247-A, Avenida Mem de Sá. Tel. 42-7368
SALÃO SIMPATIA, chaves. 127, Rosario. Tel. 43-9413
SALGADO & C. WALDEMAR. 671, A. Carlos. Tel. 30-1024
SALVUCCI NICOLA. 31, Rua 29 de Abril. Tel. 42-5798
SANTOS A. C. 1, Rua S. Francisco Xavier. Tel. 28-0145
SANTOS A. C. 796 Rua Conde Bonfim. Tel. 38-4075
SANTOS & CIA. A. G. 129, Teofilo Otoni. Tel. 43-1477
SANTOS M. JOSÉ. matriz. 549, Visc. Pirajá. Tel. 27-0594
SCHMIDT & C. LTDA. 87, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-4193
SCHNEIDER & IRMÃO JACOB. fechaduras. 414, Cam. Itaoca. Tel. 30-2139
SEARA ANTONIO AUGUSTO. 182, Cam. Itararé. Tel. 30-3681
SEMENTEIRA A. Merc. Mun. lado ext. 111/13. Tel. 42-0246
SERVA, RIBEIRO & C. LTDA. 137, Rua Teofilo Otoni. Tels. 43-1952 e 43-7268
SILVA & C. LTDA. AUGUSTO 303, G. Camara. Tel. 23-2612
SILVA EUGENIO PEREIRA. 109 Mauá. Tel. 22-4342
SILVA FRAGOSO MURILLO. 225, S. Pedro. Tel. 43-2484
SILVA MAGALHÃES & C. 76, B. Aires. Tel. 23-5730
SILVA MAGALHÃES & C. 76, B. Aires. Tel. 23-4716
SILVA PROSPERO. 73-A, Coqueiros. Tel. 42-9771
SILVA SAMPAIO & C. LTDA. 108, Alfandega. Tel. 43-2643
SILVA SAMPAIO & C. LTDA. 108, Alfandega. Tel. 23-5623
SOARES & C. LTDA. J. B. 724, Av. Copacabana. Tel. 27-6069
SOARES SOBRINHO & C. 45, Passagem. Tel. 26-6437
SOCIED. ARTEFATOS DE FERRO LTDA. 38, O. Mendes. Tel. 29-3860
SOEHUCHEN GUILHERME. 86, Andradaas. Tel. 23-3876
SOUSA FREITAS. 97 Teofilo Otoni. Tel. 23-3846
SOUZA ARMINDO A. 7-A, Praça Progresso. Tel. 30-3102
SOUZA & CIA. J. S. 2236, Av. Suburbana. Tel. 29-1775
SOUZA CALVÃO & C. 30, Av. P. Isabel. Tel. 27-0705
SOUZA MARINO. 12, L. Rego. Tel. 30-1895
SUDELETRO S. A. — Seção Vendas, 66/74, Av. R. Branco, Tel. 23-2855 — Diretoria, 66/74, Av. R. Branco. Tel. 23-3689 — Louçaas e Eletricidaade. 105, Av. Passos. Tel. 43-2629 — Ferragens. 105, Av. Passos. Tel. 43-1536 — Gerente e Atacado. 105, Av. Paassos. Tel. 43-6130 — Deposito. 293, Av. Rod. Alves. Tel. 23-6394
TEIXEIRA B. 128. B. Lisbôa. Tel. 25-0174
TEIXEIRA & CIA. J. 184 Rua S. Pedro. Tel. 43-0718
TEIXEIRA & FILHO, JOSÉ. 590, D. Cruz. Tel. 29-0670
TEIXEIRA M. A. 161-A, Gen. Gurjão. Tel. 28-1392
TORQUATO & C. LTDA. J. 58, T. Otoni. Tel. 43-7354
TORQUATO & C. LTDA. J. 58, T. Otoni. Tel. 43-8277
TUBARÃO AO. Merc. Mun. lado ext. 95. Tel. 42-1846
VEIGA CUSTODIO. 195, S. Passos. Tel. 43-6462
VENTIN S. 172, Rua S. Passos. Tel. 43-2048
VIANA SILVA & C. LTDA. 69, Gen. Camara. Tel. 23-3072
VIEIRA JOSÉ. 139, Rua Catete. Tel. 25-1403
VIEIRA & MARQUES LTDA. 21, V. R. Branco. Tel. 23-5620
VIEIRA DE MATOS A. 23, G. Camara. Tel. 23-1400
WEGENAST & ALMEIDA, repres. 26, S. Pedro. Tel. 23-5605
ZBARSKI MICHEL. 490, Rua S. F. Xavier. Tel. 48-3947

FIAÇÃO E TECELAGENS

ABDUCHE & CIA. J. H. 83, E. Novo. Eel. 29-0889
AZULAY J. tecidos. 95, Alfandega. Tel. 23-4502
BRASIL INDUSTRIAL. 125 R. 1.º Março. Tel. 23-1534
BRASITAL S. A. escr. 91, Av. R. Branco. Tel. 23-0374
COMP. ALIANÇA INDUSTRIAL diretoria. 191, R. 1.º Março. Tel. 23-1564
COMP. AMERICA FABRIL escr. 67, Candelaria. Tel. 23-2045
COMP. AMERICA FABRIL seção varejo. 898, Barão Mesquita. Tel. 38-7683
COMP. AMERICA FABRIL fábrica. 858, Barão Mesquita. Tel. 38-0490
COMP. AMERICA FABRIL 858, B. Mesquita. Tel. 38-3937
COMP. AMERICA FABRIL fábrica. 59, Rua Gen. Gurjão. Tel. 28-0547
COMP. AMERICA FABRIL 130, P. Leão. Tel. 26-6053
COMP. DEODORO INDUSTRIAL, escr. 26-A, Av. Rio Branco. Tel. 23-2920
COMP. DEODORO INDUSTRIAL, diret. 26-A Av. Rio Branco. Tel. 23-4394
COMP. DEODORO INDUSTRIAL, escr. tecnico. 24, Av. D. Caxias. ⊛ MAR. HERMES, 421.
COMP. FIAÇÃO DE ALGODÃO. 185, Quitanda. Tel. 23-5624

os Cigarros preferidos!

COMP. FIAÇÃO RIO DE JANEIRO S. A. escr. geral. 99, Rua Mexico. Tel. 22-7605
COMP. FIAÇÃO RIO DE JANEIRO S. A. fabr. 249, Borborema. Tel. 29-8103
COMP. F. T. CEDRO, E CACHOEIRA. 39 Rua Visc. de Inhauma. Tel. 23-6023
COMP. FIAÇÃO TECELAGEM INDUSTRIAL MINEIRA. 41, B. Aires. Tel. 43-7911
COMP. FIAÇÃO E T. L. PLASTICA. 95, Rua Alfandega. Tel. 23-4502
COMP. FIAÇÃO E TECELAGEM TATUHY, escr. 61, S. Pedro. Tel. 43-1981
COMP. FIAÇÃO TECIDOS COMETA, escr. 15, São Bento. Tel. 23-3725
COMP. FIAÇÃO TECIDOS CONFIANÇA, seç pessoal. 67, A. Costa. Tel. 38-6422
COMP. FIAÇÃO TECIDOS CONFIANÇA, diret. 1, S. Franco. Tel. 38-2540
COMP. FIAÇÃO TECIDOS CONFIANÇA, ger. 1, S. Franco. Tel. 38-3390
COMP. FIAÇÃO TECIDOS CONFIANÇA, escr. 1, S. Franco. Tel. 38-4440
COMP. FIAÇÃO TECIDOS CONFIANÇA, almox. 1, S. Franco. Tel. 38-5538
COMP. FIAÇÃO TECIDOS CONFIANÇA, port. 1, S. Franco. Tel. 38-7188
COMP. FIAÇÃO TECIDOS CONFIANÇA, escr. 185, Quitanda. Tel. 43-3021
COMP. FIAÇÃO E TECIDOS CORCOVADO, seção vendas retalhos. 329 Rua Barão de Mesquita. Tel. 28-7819
COMP. FIAÇÃO E TECIDOS CORCOVADO, fabr. 314, Barão Mesquita. Tel. 48-0493
COMP. FIAÇÃO E TECIDOS INDUSTR. CAMPISTA. 110, R. 1.º Março. Tel. 23-3723
COMP. FIAÇÃO E TECIDOS SARMENTO. 47, Rua Alfandega. Tel. 23-3535
COMP. INDUSTRIAL BELO HORIZONTE. 7 Praça Mauá. Tel. 23-3728
COMP. LANIFICIO RIO DE JANEIRO S. A., escr. 90, R. Candelaria. Tel. 23-5383
COMP. NAC. TECIDOS NOVA AMERICA. 67, R. S. Pedro. Tel. 23-1715
COMP. NAC. TECIDOS NOVA AMERICA. 52, Av. A. Clube. Tel. 29-2344
COMP. NAC. TECIDOS S. F. XAVIER. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-2362
COMP. NAC. TECIDOS S. F. XAVIER. 85, J. Rodrigues. Tel. 48-9174
COMP. NAC. TECIDOS S. F. XAVIER. 85, J. Rodrigues. Tel. 28-2169

COMP. PETROPOLITANA diretoria 177, Rua Quitanda. Tel. 43-3615
COMP. PETROPOLITANA, escr. 177, Quitanda. Tel. 23-0446
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL armz. 18, T. Otoni. Tel. 23-6316
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL, escr. central. 18 T. Otoni. Tel. 23-2367
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL, Fabr. Bangú, adm. 265, Japaratuba. ⊙ BANGÚ, 48
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL, Depart. Territorial eng. chefe. 78, Av. C. Vasconcelos ⊙ BANGÚ, 74
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL, Depart. Territorial escr. 82, Av. C. Vasconcelos, ⊙ BANGÚ, 49
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL, diret. 18, T. Otoni. Tel. 23-3089
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL, Fabr. Bangú diret. superint. 265, Japaratuba, ⊙ BANGÚ, 296
COMP. PROGR. INDUSTR. DO BRASIL, Fabr. Bangú diret. tecnico. 265, Japaratuba. ⊙ BANGÚ, 642
BRASIL, Fabrica Bangú, seç. engenh. 263, Japaratuba. ⊙ BANGÚ, 484
COMP. PROGRESSO DE VALENÇA. 56, Visc. Inhauma. Tel. 23-1211
COMP. TAUBATÉ INDUSTRIAL 69/77. Avenida Rio Branco. Tel. 23-5058
COMP. TECIDOS BOM PASTOR escr. 33, Rua Bom Pastor. Tel. 48-0494
COMP. TE&TIL BERNARDO MASCARENHAS, escr. 19, G. Camara. Tel. 23-4265
CORCOVADO, diret. 24/6, Teofilo Otoni. Tel. 23-2476
CORCOVADO, escr. 24/6, Teofilo Otoni. Tel. 23-0026
COTONIFICIO GAVEA S. A. escr. 29, Rua Cons. Saraiva. Tel. 23-5728
COTONIFICIO GAVEA S. A. fabr. 83, Rua M. S. Vicente Tel. 27-0727
COTONIFICIO OTHON BEZERRA DE MELO S. A. escr. 41, B. Aires. Tel. 23-4079
COVILHÃ. 187, Rua Garibaldi. Tel. 38-1480
ESPERANÇA S. A. fabr. 349, F. Eugenio. Tel. 28-0650
FABR. MARACANÃ S. A. 1297, C. Bomfim. Tel. 38-2088
FABR. SANTA HELOISA S. A. 24, J. Francisco. Tel. 28-0468
FABR. SANTA HELOISA S. A. escr. 80, R. Visc. Inhauma. Tel. 23-3533
FABR. SANTA HELOISA S. A. diret. presid. 80, V. Inhauma. Tel. 43-3645

FABR. SANTA HELOISA S. A. diret. secret. R. V. Inhauma. Tel. 43-4256
FABR. DE TECIDOS ESPERANÇA S. A. 74 T. Otoni. Tel. 23-3532
FABR. TEC. MARIA CANDIDA S. A. 7, Pç. Mauá. Tel. 23-3456
FABR. VOTORANTIM S. A. 66, V. Inhauma. Tel. 23-0735
FERREIRA GUIMARÃES S. A. escr. 86, Rua 1.º de Março. Tel. 23-2324
FERREIRA GUIMARÃES S. A. diret. 86, Rua 1.º de Março. Tel. 23-3335
GASPARIAN LEVY. 39, B. Vista. Tel. 38-0624
KNEFELI, DEMEL & C. LTDA. 84 - 3.º and., R. 1.º Março. Tel. 23-3753
KULZER J. 11, S. F. Prainha. Tel. 43-5474
LANIFICIO IDEAL S. A. 212 F. Fontes. Tel. 38-6726
LANIFICIOS MINERVA S. A. 83, P. Guedes. Tel. 38-4223
MARTINS PEREIRA M. 141 T. Otoni. Tel. 23-3843
MASCARENHAS A. G. 185, Rua Quitanda. Tel. 43-5147
MOINHO INGLEZ, seç. tecidos. 106/10, Quitanda Tel. 23-1050
MOINHO INGLEZ, seç. embarques. 106/10, Rua da Quitanda. Tel. 23-4845
RESENDE & CIA. M. R. 66, V. Inhauma. Tel. 43-3404
S. PEDRO DE ALCANTARA. 81, Candelaria. Tel. 23-3726
TECELAGEM BRASIL LTDA. 340, Rua São Luiz Gonzaga. Tel. 28-9021
TECELAGEM WILME LTDA. 168, S. Gabriel. Tel. 29-4575
VARAM GASPARIAN & C. 90, G. Ledo. Tel. 43-8627
WEGENAST & ALMEIDA repres. 26, S. Pedro. Tel. 23-5605

FUMOS

CARVALHO & CIA. J. S. 133, G. Camara. Tel. 43-3259
COMP. CASTELLÕES, loja brindes. 133, Aven. M. Floriano. Tel. 43-7252
COMP. CASTELLÕES, filial. 271-A, V. Itauna, Tel. 42-8010
COMP. CASTELLÕES, dep. Madureira. 268/70, C. Machado. Tel. 29-9110

COMP. LOPES SÁ. direção. 55, Rua Acre. Tel. 23-3298
COMP. LOPES SÁ. esc. 55, Rua Acre. Tel. 23-5141
COMP. LOPES SÁ. escr. fabr. 2, Lad. Faria. Tel. 23-5742
COMP. LOPES SÁ. fabr. 2, Ladeira Faria. Tel. 43-1495
COMP. LOPES SÁ. seç. Cascadura. 3095, Av. Suburbana. Tel. 29-8203
COMP. LOPES SÁ. seç. varejo. 1-C, B. Silva. Tel. 42-0181
COMP. NACIONAL DE FUMOS E CIGARROS. fabr. 28, C. Felix. Tel. 28-0391
COMP. NACIONAL DE FUMOS E CIGARROS. loja. 3 Conceição. Tel. 22-0649
COMP. PAULINO SALGADO. 100, M. Couto. Tel. 43-2585

COMP. SOUZA CRUZ. escr. geral. 137, Aven. Rio Branco. Tel. 23-1865
COMP. SOUZA CRUZ. charutaria. 137, Aven. Rio Branco. Tel. 23-4905
COMP. SOUZA CRUZ. armazem. 125, Garibaldi. Tel. 38-3568
COMP. SOUZA CRUZ. 1, M. Vitorino. Tel. 29-0892
COMP. SOUZA CRUZ. fabr. expedição. 1181, R. Conde Bomfim. Tel. 38-0641
COMP. SOUZA CRUZ. fabr. escrit. 1181, Rua Conde Bomfim. Tel. 38-3910
COMP. SOUZA CRUZ. dep. 48, Cpo. S. Cristovão. Tel. 28-7110
COMP. SOUZA CRUZ. seç. propag. 137, Aven. Rio Branco. Tel. 43-7032
CORRÊA & CIA. J. M. fabr. 846-852, Av. Amaro Cavalcanti. Tel. 29-4085
FABR. DE CIGARROS FLORIDA S. A. 461 Visc. Itauna. Tel. 42-7685
FERNANDES & C. ANTONIO. 103, A. Cavalcanti. Tel. 22-4330
GUIMARÃES LEAL & CIA. S. 34, Praça 15 Nov. Tel. 23-5301
HERM STOLTZ & CIA. 66/74, Av. Rio Branco. Tel. 43-4820
INDUSTRIA TABACOS S. SEBASTIÃO. 121-A, Nabuco de Freitas. Tel. 43-3742
MANUFATURA AMERICANA DE CIGARROS. 28, S. Clemente. Tel. 26-0226
MANUFATURA DE FUMOS FLÔR DAS SELVAS LTDA. 1760 Avenida Suburbana. Tel. 29-2253
MARTINS DE ALMEIDA. 188, M. Veiga. Tel. 23-2201
REVENDEDORA A. dep. 51-A, F. Lima. Tel. 28-9250
REVENDEDORA A. 44, Av. M. Floriano. Tel. 43-0696
SOUSA FREITAS J. M. F. 229, S. Pompeu. Tel. 43-2568
STUEBING J. G. 106, G. Camara. Tel. 23-1458
ZARONI & CIA. 122, S. Pompeu. Tel. 23-4004

FUNDIÇÕES DE FERRO

ALMEIDA & C. L. B. 28/42 R. Arcos. Tels. 22-0409 e 22-1718
BARBARA & CIA. LTDA. tubos de ferro escr. central. 85, Rua 1.º Março. Tel. 23-5970
BARBARA & CIA. LTDA. tubos de ferro escr. central, 85, Rua 1.º Março. Tel. 23-5113
BARBARA & CIA. LTDA. tubos de ferro escr. central. 85, Rua 1.º Março. Tel. 23-5294
BARBARA & CIA. LTDA. tubos de ferro, dep. 849, Av. Rodrigues Alves. Tel. 43-2722
BARBARA & CIA. LTDA. tubos de ferro, garage. 70, V. Licinio. Tel. 28-6259
BRAZIL & CIA. A. 12-A. Av. M. Floriano. Tel. 43-6996
BRAZIL & CIA. A. 98-A, Barão Mesquita. Tel. 28-9396
BRONZEIRO O. 99, M. Couto. Tel. 23-1573
CARDOSO & FILHOS. 184, Bento Lisbôa. Tel. 25-0672
CARVALHOSA G. A. 108, Rua Camerino. Tel. 43-5545
CAVINA & CIA. FUNDIÇÃO ARTISTICA EM BRONZE. 623, L. Vasconcelos. Tel. 29-2577
COMP. FEDERAL DE FUNDIÇÃO. Escritorio. 70 N. Pinheiro. Tel. 22-8847 — Seção de compras. 70, N. Pinheiro. Tel. 22-3008
COMP. FERRO BRASILEIRO S. A. 39-A, Av. Graça Aranha. Tel. 42-5678
COMP. MECH. E IMPORT. DE S. PAULO. 43, Av. Graça Aranha. Tel. 42-8070
COMP. MECANICA E IMPORTADORA DE S. PAULO. Fundição de aço, ferro e bronze em grande escala. 43, Av. G. Aranha. Tel. 42-8070
FERRARO JOSÉ. 80, M. Coelho. Tel. 22-5541
FRANCO CAETANO DE. 35, G. Polidoro. Tel. 26-2865
FUNDIÇÃO ALEGRIA LTDA. 22/8, L. Martins. Tel. 23-4435
FUNDIÇÃO AMERICANA. 149-155, G. Pedra. Tel. 43-4035
FUNDIÇÃO AMERICANA. 149-155 G. Pedra. Tel. 43-0135
FUNDIÇÃO AMERICANA. 1326, C. Bomfim. Tel. 38-7726
FUNDIÇÃO BRASIL LTDA. 71, N. Pinheiro. Tel. 22-1512

FUNDIÇÃO INDIGENA S. A. escritório tecnico. 150, Rua Camerino. Tel. 43-0552
FUNDIÇÃO INDIGENA S. A. escritório comercial. 150, Rua Camerino. Tel. 43-6086
FUNDIÇÃO INDIGENA S. A. secção expedição. 28, Rua Costa. Tel. 43-3727
FUNDIÇÃO INDIGENA S. A. fabrica. 150, Rua do Camerino. Tel. 43-0387
FUNDIÇÃO LUIZ FOSSATI. 33, Cajueiros. Tel. 43-5684
GUANABARA NOVA. 114/8, R. Gambôa. Tel. 43-2329
HIME & CIA. 52, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-1741
IRMÃOS FERNANDES & CARVALHO. 439, Maris e Barros. Tel. 28-5659
LINO & CIA. M. S. 152, Sacadura Cabral. Tel. 43-2045
LINO & CIA. M. S. 152, Sacadura Cabral. Tel. 43-6218
LUPORINI & CIA. Fundições. 274, Sto. Cristo. Tel. 43-0027
MONIZ & CIA. LTDA. balcão. 149/55, G. Pedra. Tel. 43-0138
MONIZ & CIA. LTDA. 1326, Conde Bomfim. Tel. 38-7726
RODRIGUES FELICIANO B. 61, Barão S. Felix. Tel. 43-5228
SILVA ANACLETO. 77, G. Caldwell. Tel. 43-5555
USINAS STA. LUZIA S. A. — Estamparia. 628, S. Cristovão. Tel. 48-8918; Contabilidade. 628, S. Cristovão. Tel. 28-5720; Fundição e Oficinas. 329, Av. D. Pedro II. Tel. 28-5721

HOTEIS

ALENCAR HOTEL. 8, Praça J Alencar. Tel. 25-3669
ALHAMBRA. 41, Alm. Tamandaré. Tel. 25-2769
ALIANÇA. 308, J. Palhares. Tel. 48-0767
ALMANZORA. 110, M. Abrantes. Tel. 25-0504
ALONSO & OSORIO. 128, Arist. Lobo. Tel. 22-1282
AMERICA. Escritório. 371, Laranjeiras. Tel. 25-5385; Geral. 371, Laranjeiras. Tel. 25-7250
AMERICANA. 69, Rua J. Silva. Tel. 22-1120
ANDRADAS. 25, Rua dos Andradas. Tel. 42-2906
ARAUJO HOTEL. 64, M. Dias. Tel. 43-0789
ARGENTINA HOTEL. 30, C. Lima. Tel. 25-7233
ASTORIA. 70, Praia Flamengo. Tel. 25-6368
ATALAIA HOTEL. 256, Aven. Copacabana. Tel. 27-0040
ATLANTA HOTEL. 44, Catete. Tel. 25-7725
ATLANTICO. 654, Aven. Atlantica. Tel. 27-2282
AVENIDA. 152/62, Av. R. Branco. Tel. 22-9800
AYMORE' PALACE HOTEL. 55, C. Sampaio. Tel. 22-1622
BAHIA HOTEL. 44, Rua Sen. Vergueiro. Tel. 25-2935
BALNEARIO. 43, S. Campos. Tel. 27-3451
BANDEIRA. 6, B. Iguatemi. Tel. 28-4296
BARROSO. 192, Praia Russel. Tel. 25-2783
BELO HORIZONTE NOVO. ger. 130/4, Riachuelo. Tel. 42-9851
BOM JARDIM. 81, Misericordia. Tel. 22-1875
BOTAFOGO HOTEL. 390, Praia Botafogo. Tel. 26-2786
BOTAFOGO HOTEL. casa nova. 390, Pr. Botafogo. Tel. 26-3418
BOTAFOGO HOTEL. chalet 390, Praia Botafogo. Tel. 26-1466
BOTAFOGO HOTEL. port. 384, Praia Botafogo. Tel. 26-0931
BRASIL UNIÃO. 72, C. Sampaio. Tel. 42-4867
BRILHANTE. 129, Barão S. Felix. Tel. 43-5082
BRITANIA. escr. 661, Av. Copacabana. Tel. 27-7268
BRITANIA. portaria 2.º andar. 661, Aven. Capacabana. Tel. 27-7158
BRITANIA. 3.º andar. 661, Av. Copacabana. Tel. 27-7159
BUENOS AIRES. 255/7, Rua B. Aires. Tel. 43-0437
CARIOCA. 219, Rua do Catete. Tel. 25-3840
CASINO COPACABANA. privat. empreg. 374, Av. Atlantica. Tel. 27-5351
CASTELO LTDA. 146, Mexico. Tel. 22-9970
CATETE HOTEL. 261, Catete. Tel. 25-5555
CAULINO J. F. BASTOS. 121, Av. Niemeyer. Tel. 27-9971
CAULINO M. F. NERY. 121, Av. Niemeyer. Tel. 27-3412
CAXIAS. 6/8, Praça Duque Caxias. Tel. 25-0454
CENTRAL. 2, Barão Flamengo. Tel. 25-7380
CIDADE. 196, Rua do Catete. Tel. 25-0005
COLOMBO. 14, Praça J. Alencar. Tel. 25-2980
COLONIAL. 121, Av. Niemeyer. Tel. 27-3412
COMP. HOTEIS PALACE. diret. 185, Avenida Rio Branco. Tel. 22-4323
COMP. HOTEIS PALACE. superint. 158, Rua do Mexico. Tel. 22-3943
CONTINENTAL. 31, S. Dantas. Tel. 22-0118
COPACABANA PALACE HOTEL gerencia. 374, Av. Atlantica. Tel. 27-6591
COPACABANA PALACE HOTEL geral. 374, Aven. Atlantica. Tel. 27-0020
CORCOVADO PAINEIRAS. Tels. 25-0015 e 25-0019
CRUZEIRO DO SUL. 2, S. Euzebio. Tel. 43-1014
D. PEDRO II. 226, Sen. Pompeu. Tel. 43-5027
DISTINTO HOTEL. 124, Rua 2 Dezembro. Tel. 25-6403
EDEN HOTEL. 64, Praia Flamengo. Tel. 25-7831
ELITE. 11/5, Sen. Vergueiro. Tel. 25-1006
ESPLANADA HOTEL. 3-A, Praça C. Vermelha. Tel. 22-1309
ESTAÇÃO. 232, Sen. Pompeu. Tel. 43-2098
ESTRANGEIROS. escr. 1, Praça J. Alencar. Tel. 25-7230
EUROPA LTDA. 39, S. Cabral. Tel. 43-3135
FAMILIAR HOTEL. 201, Catete. Tel. 25-1756
FIGUEIRA DE MELO. 42, Av. L. Muller. Tel. 28-6298
FLAMENGO HOTEL. Portaria. 106, Praia do Flamengo. Tel. 25-5847; Portaria. 16, Corrêa Dutra. Tel. 25-5648
FLORIANO PEIXOTO. 193, Av. M. Floriano. Tel. 43-1834
FLORIDA HOTEL. 75/7, Ferreira Viana. Tel. 25-7336
FLORIDA HOTEL. anexo. 187, Catete. Tel. 25-7360
FLUMINENSE HOTEL. 207, Pç. Republica. Tel. 43-4860
GIANNINI SOBRINHO CARLOS. 155, Aven. Marechal Floriano. Tel. 43-2768
GLOBO. 19, Rua dos Andradas. Tel. 22-1912
GLORIA. geral. 144/52, Russel. Tel. 25-7272
GOVERNADORES. 167/9, Aven. Mem Sá. Tel. 22-0261
GUANABARA. 103, Rua Lapa. Tel. 22-9320
HOTEL COLONIAL. 121, Avenida Niemeyer. Tels. 27-3412 e 27-9971
HOTEL E PENSÃO HADDOCK LOBO. 252, Rua Hadd. Lobo. Tel. 28-1727
HOTEL E PENSÃO HADDOCK LOBO. 252, Rua Hadd. Lobo. Tel. 48-4239
HOTEL E PENSÃO HAMBURGO. 84, C. Mendes. Tel. 42-3098
HOTEL SANTOS DUMONT. 13, 1.º, Rua Bento Ribeiro. Tel. 43-5387
IMPERIAL HOTEL. 186, Rua do Catete. Tel. 25-3327
IMPERIAL HOTEL. 186, Rua do Catete. Tel. 25-1246
INGLEZ. 176, Catete. Tel. 25-0841
ITAJUBA' HOTEL. 23, A. Alvim. Tel. 22-9990
JARDIM HOTEL. geral. 235, Av. M. Floriano. Tel. 43-0810
LARANJEIRAS RESIDENCIA LTDA. 519-A, Laranjeiras. Tel. 25-6225
LEBLON. 2, Aven. Niemeyer. Tel. 27-0070
LOANDA. 48, Rua do Lavradio. Tel. 22-6560
LONDRES. escr. 668, Av. Atlantica. Tel. 27-1152

HOTEL AVENIDA
F. CABRAL PEIXOTO
Estebelecimento de primeira ordem, acomodações para 500 pessoas. Situação central.
AVENIDA RIO BRANCO, 152 á 162
Tel.: 22-9800 — End. Telgr.: "Avenida"

LORENA. 214-A, S. Euzebio. Tel. 43-1409
LUDY. 145, Rua S. Matosinhos Tel. 22-7843
LUSO BRASILEIRO. 118, Praça Republica. Tel. 43-2498
LUTECIA. 486, R. Laranjeiras Tel. 25-7292
LUXOR HOTEL. 618, Av. Atlantica. Tel. 27-0045
MAGNIFICO HOTEL. 124, Riachuelo. Tel. 22-9840
MARAVILHOSO. 35, Constituição. Tel. 22-8341
MATOSO. 51, Rua do Matoso. Tel. 28-9820
MAUA'. 10, Av. Lauro Muller. Tel. 28-2844
MEM DE SA'. 153, Invalidos. Tel. 22-9930
MINAS S. PAULO. 193, Praça Republica. Tel. 43-1106
MIRA MAR HOTEL. 47, M. e Vale. Tel. 22-6859
MISS BRASIL. 1, Rua do Catete. Tel. 25-7099
MISSOURI. 219, Sen. Vergueiro. Tel. 25-3056
MONTANHA. 98, Bela Vista. Tel. 38-0631
MONTE ALEGRE. 6, Rua Monte Alegre. Tel. 22-7680
MYATA. 202, Av. Copacabana. Tel. 27-0060
NAÇÃO. 7, Av. Gomes Freire. Tel. 22-0336
NATAL HOTEL LTDA.. 43, A. Alvim. Tel. 22-5140
NORTE DO BRASIL. 27, Visc. Itauna. Tel. 43-1395
NOSSO HOTEL LTDA. 210, Av. Niemeyer. Tel. 27-0218
NOVA AURORA. 674, J. Palhares. Tel. 28-5852
NOVO HOTEL. 6, Rua do Nuncio. Tel. 42-7316
O K. 22, S. Dantas. Tel. 22-9951
OPERA. 75, Rua Santo Amaro. Tel. 25-6560
OURO PRETO. 12, Rua Gloria. Tel. 22-3396
PALACE HOTEL. geral 135, Av. R. Branco. Tel. 22-1967
PALACE HOTEL. Edificio Anexo. 158, Mexico. Tel. 22-5196
PALACE HOTEL. gerencia: 135, Av. R. Branco. Tel. 42-6618
PALACETE HOTEL. 214, Riachuelo. Tel. 22-5356
PALACETE PARISIENSE. 21, Laranjeiras. Tel. 25-0376
PARIS — Portaria, 7-C, Aven. Passos. Tel. 42-1856; Portaria, 7-C, Av. Passos. Tel. 42-1857
PARQUE HOTEL. 211, Praça Republica. Tel. 43-3621
PAULICEA HOTEL. 17, Visc. Itauna. Tel. 43-7200
PAULISTA. 9, Rua B. Ribeiro. Tel. 43-1812
PAULISTANO HOTEL. 38, V. R. Branco. Tel. 22-2689
POMPEU. 15, Rua do Camerino. Tel. 43-4678
REX HOTEL. Edificio n.º 2, 164, Praia Flamengo. Tel. 25-0616
RIO PALACIO HOTEL S. A. 10, Andradas. Tel. 22-9920
RITZ. 296, Aven. D. Moreira. Tel. 27-1873
RIVIERA. 1046, Av. Atlantica. Tel. 27-0010
SANTA TERESA. 176/84, Alm. Alexandrino. Tel. 22-4355
SAVOIA. 87, Rua Sen. Dantas. Tel. 42-6507
SIXEL. 318, Rua Laranjeiras. Tel. 25-0555
SUISSO. 68, Gloria. Tel. 42-0520
SUL DO BRASIL. ger. 48, Visc. Gavea. Tel. 43-9400
TIJUCA. 1053, Rua Conde Bomfim. Tel. 38-5502
UNICO. 54, Rua Buarque Macedo. Tel. 25-7700
UNIVERSO. 63, Visc. Ri Branco. Tel. 22-2690
VENEZA. 211, Av. M. Floriano. Tel. 23-1320
VITORIA. 274, Rua do Catete. Tel. 25-0768
VINTE DE NOVEMBRO. 676, P. Morais. Tel. 27-5631
VISTA ALEGRE. 324, Alm. Alexandrino. Tel. 22-1830
VISTAMAR HOTEL. 283, R. C. Mendes. Tel. 22-2120
WINDSOR HOTEL. 26, Alm. Tamandaré. Tel. 25-0492
YANKEE. 122, Rua Paisandu'. Tel. 25-0667

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

ABOUD & CIA. MANIH. 185, Quitanda. Tel. 23-3772
ALBERTO COCOZZA S. A. 7, Praça Mauá. Tel. 23-5850
ARP & CIA. seç. import. escr. 291, B. Aires. Tel. 43-0583
ASSAN MARIO DANTON. 120, Sac. Cabral. Tel. 43-8286
AZEVEDO BORBA & C. LTDA. 107, Alfandega. Tel. 43-5389
BADIN & C. LTDA. 168, Gen. Camara. Tel. 43-7022
BARBAT JORGE. 185, Quitanda. Tel. 43-8060
BICHAS MONSTRO AS. 46, G. Dias. Tel. 22-4495
BIELER WALTER. 139, R. M. Couto. Tel. 43-1323
CABRAL ARILTON. escr. 69/77, Av. R. Branco. Tel. 43-4675
CASA NICOLSON S. A. 45, T. Otoni. Tel. 23-3865
CASA TOZAN LTDA. 63, Rua S. Pedro. Tel.23-4031
COHNITZ & CIA. FRANZ. escr. 20, Praça 15 Nov. Tel. 23-4689
COMP. MECH. E IMPORT. DE S. PAULO. 43, Aven. Graça Aranha. Tel. 42-8070
COMP. NAC. IMPORT. E EXPORT. 39, R. Visc. Inhauma. Tel. 43-5798
CUNHA JUNIOR A. R. 70, A. P. Alegre. Tel. 22-8411
DEUTSCHMANN LEAL & CIA LTDA. 135, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-3948
EMPR. COMERCIAL IMPORTADORA LTDA. escr. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-9649
EMPR. DE COMERCIO SUL AMERICANA LTDA. 164, Av. P. WILSON. Tel. 42-8295
ESKENAZI & ROSA. 11, R. G. Dias. Tel. 22-5294
FRANK & CIA. WERNER. 142, S. Pedro. Tel. 23-3946
GOODWIN COCOZZA & CIA. LTDA. 7, Praça Mauá. Tel. 23-5850
GRADVOHI & C. LTDA. 39, V. Inhauma. Tel. 43-9220
GRADVOHI & C. LTDA. 120, S. Cabral. Tel. 43-8286
GRYZAGORIDES GEO. 7, Praça Mauá. Tel. 43-8767
GUERTZENSTEIN JOSE' 9, R. Candelaria. Tel. 43-7363
GUERTZENSTEIN JOSE'. 76-A, Conceiçâo. Tel. 43-9899
GUIA IMPORT. EXPORT. DO BRASIL. 7, Praça Mauá. Tel. 43-8491
HACHIYA IRMÃOS & CIA. 85, T. Otoni. Tel. 43-2850
HALLAWELL & C. LTDA. 12, Av. E. Braga. Tel. 22-7808
IMMERGUT GUILHERME. escr. 155, Avenida Nilo Peçanha. Tel. 42-1571
IMPORTADORA EXPORTADORA CIMEX LTDA. 168, Rua Mexico. Tel. 42-5029
JANOVITZER & CIA. escr. 19, Candelaria. Tel. 23-2033
JERUSAIMI POLITI & C. 117, Av. R. Branco. Tel. 43-7153
JOHNSSON & CIA. F. 118, Gen. Camara. Tel. 23-0755
JOHNSTONE R. W. 113-A. Rosario. Tel. 43-9427
KAMISAR SAMUEL. 70, Buenos Aires. Tel. 43-7077
KAUFMANN SIEGEBERT. 27-A, M. Couto. Tel. 23-0566
KEETMANN & CIA. W. 109, S. Cabral. Tel. 43-8174
MASELLI ARTHUR. 7, Praça Mauá. Tel. 43-6516
MOREIRA & CIA. H. A. 88, R. Candelaria. Tel. 23-4678
MORGEN E. 24-A, Rua Beneditinos. Tel. 43-1887
MORO VICENTE. 117, Av. R. Branco. Tel. 23-0341

MULIA & CIA. JULIO. 60, Acre. Tel. 23-0429
NICOLSON S. A. faz. contab. 45, T. Otoni. Tel. 23-3865
OLIVEIRA LENCASTRE & C. dep. 51, Acre. Tel. 23-2960
PIRES COELHO & C. 56/8, Rua Acre. Tel. 23-4238
POLTO & ROUVIERE LTDA. 60, G. Camara. Tel. 23-0980
REIS F. M. 135, Rua do Livramento. Tel. 43-5775
SCHNEIDER & IRMÃO JACOB. 89, Alfendega. Tel. 23-4385
SCIPA LTDA. 185, Rua Quitanda. Tel. 43-7892
SIEGNER HELLMUTH. 7, Praça Mauá. Tel. 43-3318
SIMON H. escr. 121, M. Couto. Tel. 43-1139
SOCIED. GERAL E&PORTAÇÃO LTDA. escr. 87, Uruguaiana. Tel. 43-9719
SOCIED. IMPORTADORA CONTINENTAL LTDA. 39-A, Av. G. Aranha. Tel. 22-2430
SOCIED. INTERNACIONAL DE COMERCIO LTDA. 104, Uruguaiana. Tel. 23-2150
SOCIED. MERCANTIL IMPORTADORA LTDA. 90, M. Couto. Tel. 23-0317
STOLTZ & CIA HERM. 66/74, Av. R. Branco. Tel. 43-1010
THUN & C. LTDA. A. escr. 26, T. Otoni. Tel. 43-0925
TRIESCHMANN & C. escr. 90, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-6469
TWEDBERG KLEPPE & CIA. LTDA. frutas. 26-A, Av. Rio Branco. Tel. 23-6215
TUBOS MANNESMANN S. A. 115, R. 1.º Março. Tel. 23-5880
VILS KNUD. escr. 90, Mexico. Tel. 42-5150
WILLE & C. LTDA. THEODOR. geral. 79/81, Av. Rio Branco. Tel. 23-5947

JOALHERIAS

'A ESMERALDA. 155, Rua 7 de Setembro. Tel. 22-4663
A' IMPERIAL. 12, Rua Ramalho Ortigão. Tel. 22-4663
ABREU AMANDIO SANTOS. ourives. 40, Rua R. Silva. Tel. 43-9259
ATÃO ALBERTO DIAS. 7, Prç. Olavo Bilac. Tel. 23-2495
ALEXANDRE DIMOULISTAS 128-1.º, Rua Buenos Aires. Tel. 43-9489
ALFREDO MANGIA. 67, Gonçalves Dias. Tel. 22-0381
ALIANÇA. 92, Rua dos Andradas. Tel. 43-3323
AMADO A. 245, A. Cordeiro. Tel. 29-2917
AMORIM. 97, R. Uruguaiana. Tel. 23-0110
ANGELO. 39, Praça Tiradentes. Tel. 42-7318
ARMANDO BERNACCHI. 28, R. G. Dias. Tel. 22-0078
ARNALDO FEITAL. 5, Largo Carioca. Tel. 42-7125
ATLANTICA. 950-A, Av. Copacabana. Tel. 27-5399
ATLAS. 50, Rua Miguel Couto. Tel. 43-6521
BATISTA. 100, Rua Sen. Euzebio. Tel. 43-1033
BARROS F. A. 36, Uruguaiana. Tel. 22-7991
BARTOLOMEU. 3118, Av. Suburbana. Tel. 29-8218
CASSEL, JULIO. 173-2.º, S. 2. Rosario. Tel. 23-2446
BELLIA ARISTODEMO. 41, R. Quitanda. Tel. 43-6210
BELTRAME & IRMÃO. 49, São José. Tel. 22-6964
BERGER & IANOSKY. 85, G. Dias. Tel. 23-2658
BERNACCHI & CAMANHO A. 36, Carioca. Tel. 22-1415
BIATO RICARDO AUGUSTO. 54 Av. M. Floriano. Tel. 43-5039
BORGES ALBERTO. 16, Luis Camões. Tel. 32-9150
BYRKETT & BUCKTON LTDA. 109, Avenida Rio Branco. Tel. 23-5270
CAMÕES. 24, Avenida Passos. Tel. 22-9447
CAMPOS & OLIVEIRA LTDA. 35, Prç Tiradentes. Tel. 22-2254
CARDOSO FRANCISCO. 11, Praça D. Caxias. Tel. 25-2790
CARDOSO H. 28, Rua Carioca. Tel. 22-4690
CARDOSO & MATOS. 12, Conceição. Tel. 22-7296
CARLOS B. FERREIRA. 16-1.º, S. Passos. Tel. 43-6772
CARNEIRO LUIZ. 78, G. Dias. Tel. 43-3520
CARVALHO AYRES A. 19, G. Camara. Tel. 43-6254
CASA BARBOZA. 84, Conceição. Tel. 43-2789
CASA DUARTE. ofic. 65, Conceição. Tel. 43-5114
CASA 'FRANCISCO SANTORO. 151, Rosario. Tel. 23-4434
CASA LEDI. 96, Rua do Ouvidor. Tel. 43-7955
CASA MASSON. Relogios de qualidade. 91, Rua Ouvidor. Tel. 23-4656
GERARDO SORRENTINO. Distribuidor exclusivo dos relogios "OLMA". 9-2.º, Ramalho Ortigão. Tel. 42-2772
CASA OSCAR MACHADO. 103, Ouvidor. Tel. 23-4591
CASA FIO OIRO A. 95, Ouvidor. Tel. 23-5276
CASA PORTO. 216, B. Aires. Tel. 43-6176
CASA ROBERTO. 39, Uruguaiana. Tel. 42-8680
CASTRO ARAUJO H. 168, Rua Ouvidor. Tel. 22-9238
CENTRO DE RELOJOARIA SUISSA LTDA. Distrib. relogios MOVADO. 169-1.º, S. 107, Ouvidor. Tel. 42-4208
CHARLES & CIA. 11, Av. Rio Branco. Tel. 23-4241
CHRONOMETRO LEVIS. 80, Rua B. Aires. Tel. 23-5450

CHRONOMETRE ROYAL. Meister & C. 172-A, Av. R. Branco. Tel. 42-1057
CIERC & CIA. EDUARDO. 149, Quitanda. Tel. 23-5279
COELHO ANT. RODRIGUES. 94, Conceição. Tel. 43-5797
CONFIANÇA. 30, Uruguaiana. Tel. 22-2311
CORRÊA A. 374, Av. Atlantica. Tel. 27-0992
COSENZA FRANCISCO. 98, Assembléia. Tel. 22-0625
CRUZ ADERITO. 22, S. Cruz. Tel. 38-7009
CUNHA EURICO GONÇALVES. 75, Andradas. Tel 43-6058
CURCI FRANCISCO. 58, Luiz Camões. Tel. 22-4696
DANIEL & CIA. LTDA. A. 13, G. Dias. Tel. 22-8056
DANIEL PAULO. 64, Gonçalves Dias. Tel. 42-9399
DEL GLUDICE REYNALDO. 68, Alfandega. Tel. 23-0325
DIMOULITSAS ALEXANDRE. 128, B. Aires. Tel. 43-9489
DISTINCTIVOS DE ESMALTE 191, Ouvidor. Tel. 22-5618
DUARTE JOAQUIM CORRÊA. 316, V. Patria. Tel. 26-2515
EBOLI ALEXANDRE. 116, S. José. Tel. 42-7400
ELICHCOWICH J. ouriv. 29, G. Ledo. Tel. 43-0449
EMILIC SCHUPP & CIA. 42/44, R. M. Couto. Tel. 23-4003
ESMERALDA A. 14, R. Ortigão. Tel. 22-9839
FEITAL M. J. 5, Largo Carioca. Tel. 42-7125
FERNANDO & GONÇALVES. ofic. ourives. 111, Aven. Rio Branco. Tel. 43-8711
FERNANDO M. VICENTE. 169, Andradas. Tel. 23-5148
FERRAZ R. G. 206, Rua 7 de Setembro. Tel. 42-2438
FERREIRA & CIA. JOSÉ. 58, Praça Tiradentes. Tel. 42-5864
MARCEL LEVY. 123-2.º, Rua Ouvidor. Tel. 42-4756
A. DANIEL & CIA. LTDA. 13, Rua G. Dias. Tel. 22-1469
FERREIRA & C. LTDA. MANUEL R. 40, Rua R. Silva. Tel. 23-1469
FIGUEIRA & CIA. ERNANI. 13, M. Couto. Tel. 43-9874
FORT PAULINA. 77, Uruguaiana. Tel. 43-6068
FRUSSA NEUMANN & CIA. 133, Rosario. Tel. 23-5644
GGAL LUIZ. 84, Rua G. Dias. Tel. 23-4124
GESUALDI BRAZ. 26, Praça O. Bilac. Tel. 23-0884
GEYER & CIA. LEOPOLDO. 91, Ouvidor. Tel. 23-4656
GLORIA. 6, Rua Ramalho Ortigão. Tel. 22-1564
GLORIA BRASILEIRA. 227, Av. Mar. Floriano. Tel. 43-1133
GLORIA DE S. CRISTOVÃO. 17, S. L. Gonzaga. Tel. 48-3633
GOLDBAUM LUIZ. 175, Alfandega. Tel. 43-7045
GOMES. 37, Carioca. Tel. 22-0608
GOMES. 7, Pedro I. Tel. 22-0267
GONÇALVES JUNIOR ANTONIO 83, Prç Tiradentes. Tel. 42-8712
GORBERG JAYME. 1, Clapp. Tel. 42-5136
GRAZIANI GABRIEL. 231, Rua 7 Setembro. Tel. 22-7194
GREGORY & SHEEHAN. 65, Alfandega. Tel. 43-1583
GUARANY. 130, Rua Humaitá. Tel. 26-3100
GUIMARÃES M. 181, Rua Teofilo Otoni. Tel. 43-5635
GUIMARÃES OLAVO FIGUEIREDO. 46, Aven. Mem Sá. Tel. 22-6116
HORA FILHO JOÃO. 10, C. Morais. Tel. 30-2661
HORA INGLEZA. reloj. 74, Praça Tiradentes. Tel. 42-1407
HUGOS. 91, B. Aires. Tel. 23-3243
INDEPENDENCIA. 98, Av. M. Floriano. Tel. 43-4739
J. M. VICENTE & IRMÃO. 67, Gonç. Dias. Tel. 22-4155
JANNUZZI AFFONSO. cons. relogios. 84, Gonçalves Dias. Tel. 23-3847
JARECKI AFONSO. 54, R. Uruguaiana. Tel. 22-7215
JAYME MORAES & IRMÃO. 193, T. Otoni. Tel. 43-6683
JOALHERIA ALFREDO. 54, R. Uruguaiana. Tel. 22-7215
JOALHERIA FLAMENGO. 9, Av. Passos. Tel. 42-1201
JOALHERIA GLORIA LTDA. 6, R. Ortigão. Tel. 22-1564
JOALHERIA LA ROYALE. 140, Av. R. Branco. Tel. 22-2375
JOALHERIA NACIONAL. 126, Av. R. Branco. Tel. 22-2479
JOALHERIA PASCOAL. 153, Av. R. Branco. 151,-2.º, Assembléia. Tel. 42-1576
JOALHERIA SEIDEMANN. 20, Carioca. Tel. 22-2759
JOALHERIA SOUZA. 14, Gonçalves Dias. Tel. 22-5250
JOALHERIA CARIOCA. 147, Rua Rosario. Tels.: 23-3232 e 43-1896
JOALHERIA TEREZINHA. 41, Uruguaiana. Tel. 22-4429
JOALHERIA UNICA. 54, R. 7 Setembro. Tel. 43-1103
JOALHERIA UNIVERSAL. 159, Ouvidor. Tel. 22-9141
JOALHERIA VALLOTTO. 12, G. Dias. Tel. 22-1277
JOELSON. 64, Rua S. Euzebio. Tel. 43-6749
JOIAS DANY. 64, R. Gonçalves Dias. Tel. 42-9399
KALMAN KARDOS. 74, Gonçalves Dias. Tel. 22-9042
KANTER. 125, Sen. Euzebio. Tel. 43-5273
KASTRO S. VIUVA. 93, Rua do Ouvidor. Tel. 23-5428
KRAUSE & CIA. 152, Ouvidor. Tel. 22-9044
KRAUSE & CIA. 710-A, Aven. Copacabana. Tel. 27-6211
LEWENTHAL RODOLPHO. ourives. 132, Rua 7 Setembro. Tel. 22-4205
LIFSCHITZ JOSÉ. 30, S. Euzebio. Tel. 43-0003
LIMA & CIA. LUCIANO. 16, S. Euzebio. Tel. 43-4447
LOPES & CIA. D. E. 54, Rua M. Couto. Tel. 23-5595
LOPES OLIVEIRA LAURO. 163, Ouvidor. Tel. 42-6614
LUCCIOLA HUMBERTO. 7, Rua Teatro. Tel. 22-8270
LUKACS MARTON MIHALY. 132, R. 7 Setem. Tel. 22-4205
M. J. FEITAL. 5, Largo da Carioca. Tel. 42-7125
M. L. KRAUSE & C. 63, Rua G. Dias. Tel. 22-3459
MACEDO AGOSTINHO FERNANDES. 217-A, Rua Aristides Lobo. Tel. 48-4777
MACHADO SERAFIM. 10, Regente Feijó. Tel. 42-0405
MAGNANI ROBERTO. 168, Rosario. Tel. 43-1352
MAIA. 90, Avenida Passos. Tel. 43-1091
MALKES & CIA. JACOB. 38, S. Euzebio. Tel. 43-4069
MANGIA ALFREDO. 67, Gonçalves Dias. Tel. 22-0381
MANUEL RICART. 117, Uruguaiana. Tel. 23-5378
MAPPIN & WEBB. 100 Rua do Ouvidor. Tel. 23-3438
MARCOS. 35, Rua S. Clemente Tel. 26-6704
MARQUES LOUREIRO JOSÉ. 16, Assembléia. Tel. 42-3657
MARQUEZA A. 92, Av. Passos. Tel. 23-0657
MASCOTTE DE OURO. 5-A, Assembléia. Tel. 42-0645
MATOS SILVA NETO ANTONIO 169, Ouvidor. Tel. 42-0456
MATOS DIOGENES CASTILHO 36, Andradas. Tel. 23-4846
MEISTER & CIA. 172-A, Av. R. Branco. Tel. 42-1057
JOALHERIA A' PORTUENSE. 133, Uruguaiana. Tel. 23-5642
MEISTER & CIA. relogios suiços. 172-A, Av. Rio Branco. Tel. 42-1057
MIMOSA A. 516-B, Av. P. Frontin. Tel. 28-8052
MIRANDA OLINDO. ofic. 175, Frei Caneca. Tel. 42-4849
MODERNA. 40, Praça Tiradentes. Tel. 22-5989
MONROE. 26, R. Uruguaiana. Tel. 22-2943
MONTEIRO EMMANUEL COUTO. 135, Rosario. Tel. 23-0115
MORAES COSTA EDGARD. 56, L. Camões. Tel. 22-6248
MORAES DANIEL. 218, Alfandega. Tel. 23-3183
MORAES & IRMÃO JAYME. 193, T. Otoni. Tel. 43-6683
MORAIS FIRMINO A. consertos lojas. 195, General Caldwell. Tel. 23-1198
MOUTINHO & COSTA. ofic. 61, M. Couto. Tel. 23-6300
NACIONAL A. 126, Aven. Rio Branco. Tel. 22-2479
NAPOLEÃO FERNANDO. 66, Quitanda. Tel. 23-4521

LIFSCHITZ JOSÉ. 30, S. Euzebio. Tel. 43-0003
LIMA & CIA. LUCIANO. 16, S. Euzebio. Tel. 43-4447
LOPES & CIA. D. E. 54, Rua M. Couto. Tel. 23-5595
LOPES OLIVEIRA LAURO. 159, Ouvidor. Tel. 42-6614
LUCCIOLA HUMBERTO. 7, Rua Teatro. Tel. 22-8270
LUKACS MARTON MIHALY. 132, R. 7 Setem. Tel. 22-4205
M. J. FEITAL, 5, Largo da Carioca. Tel. 42-7125
M. L. KRAUSE & C. 63, Rua G. Dias. Tel. 22-3459
MACEDO AGOSTINHO FERNANDES. 217-A, Rua Aristides Lobo. Tel. 48-4777
MACHADO SERAFIM. 19, Regente Feijó. Tel. 42-0165
MAGNANI ROBERTO. 168, Rosario. Tel. 43-1352
MAIA. 90, Avenida Passos. Tel. 43-1091
MALKES & CIA. JACOB. 28, S. Euzebio. Tel. 43-4069
MANGIA ALFREDO. 67, Gonçalves Dias. Tel. 22-0351
MANUEL RICART. 117, Uruguaiana. Tel. 23-5378
MAPPIN & WEBB. 100 Rua do Ouvidor. Tel. 23-3435
MARCOS. 35, Rua S. Clemente. Tel. 26-6704
MARQUES LOUREIRO JOSÉ. 10, Assembléia. Tel. 42-2657
MARQUEZA A. 92, Av. Passos. Tel. 23-0657
MASCOTTE DE OURO. 5-A, Assembléia. Tel. 42-0645
MATOS SILVA NETO ANTONIO 169, Ouvidor. Tel. 42-0456
MATOS DIOGENES CASTILHO 36, Andradas. Tel. 23-4846
MEISTER & CIA. 172-A, Av. R. Branco. Tel. 42-1057
JOALHERIA A' PORTUENSE. 133, Uruguaiana. Tel. 23-5642
MEISTER & CIA. relogios suiços. 172-A, Av. Rio Branco. Tel. 42-1057
MIMOSA A. 516-B, Av. P. Frontin. Tel. 28-8052
MIRANDA OLINDO. ofic. 175, Frei Caneca. Tel. 42-4849
MODERNA. 40, Praça Tiradentes. Tel. 22-5989
MONROE. 26, R. Uruguaiana. Tel. 22-2943
MONTEIRO EMMANUEL COUTO. 135, Rosario. Tel. 23-0115
MORAES COSTA EDGARD. 56, L. Camões. Tel. 22-6248
MORAES DANIEL. 218, Alfandega. Tel. 23-3183
MORAES & IRMÃO JAYME. 193, T. Otoni. Tel. 43-6683
MORAIS FIRMINO A. consertos lojas. 195, General Caldwell. Tel. 23-1198
MOUTINHO & COSTA. ofic. 61, M. Couto. Tel. 23-6300
NACIONAL A. 126, Aven. Rio Branco. Tel. 22-2479
NAPOLEÃO FERNANDO. 66, Quitanda. Tel. 23-4521

NETTO & RIBEIRO OSWALDO. 169, Ouvidor. Tel. 42-7803
NEVES ANTONIO P. 46, Rua S. Passos. Tel. 43-1376
O. BATISTA. 288, Rua do Catete. Tel. 25-5873
OFF. CARLOS. 124, Rua B. Aires. Tel. 23-0160
OK. 602, Avenida Copacabana. Tel 47-3700
OLIVEIRA. 86, Rua São José. Tel. 22-2321
OLIVEIRA DOMINGOS SOUZA 103, V. Tavares. Tel. 29-6501
OMEGA. 59-A, R. S. Campos. Tel. 27-6641
OURIVESARIA CARLOS GOMES 9, R. Ortigão. Tel. 42-5672
OURIVESARIA CATUMBY. 383, M. Sapucai. Tel. 42-7032
OURIVESARIA MARITIMA. 45, Ouvidor. Tel. 23-5682
OURIVESARIA MATOSO. 3, R. Matoso. Tel. 28-9490
OURIVESARIA RAMOS. 28, B. Ribeiro. Tel. 43-4598
OURO. 94, Avenida Passos. Tel. 43-3560
OUVIDOR. 55, Rua do Ouvidor. Tel. 23-0548
PARIS. 141, Av. Rio Branco. Tel. 43-8144
PARUCIO ANTONIO. 169, Rua 7 Setembro. Tel. 22-1332
PASCHOAL. 151, Av. Rio Branco. Tel. 42-1576
PAZ 47, Uruguaiana Tel. 22-9201
PELOSI & IRMÃO. 135, Rosario. Tel. 23-0649
PENDULA CARIOCA A. 18-A, Praça O. Bilac. Tel. 43-1656
PENDULA DE CASCADURA. 306-A, Avenida Suburbana. Tel. 29-9185
PEROLA BRASILEIRA. 817, B. Mesquita. Tel. 38-2941
PERRONE R. 111, Aven. Rio Branco. Tel. 43-6668
PINTO CARDIANO JOSÉ. 64, G. Dias. Tel. 22-0674
PORTUENSE A. 133, Uruguaiana. Tel. 23-5642
QUEIROZ & C. ANTONIO. 58, Prç. Tiradentes. Tel. 22-4741
RAMALHO & C. LTDA. F. O. Ouriv. 50, Rua Sen. Euzebio. Tel. 43-3118
RAMOS. 598, Rua C. Morais. Tel. 30-2232
RAFAEL. 43, Rua São José. Tel. 42-0704
REDEMTORA A. 1, Beco Rosario. Tel. 22-4235
REGINA. 18-A, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-2517
RELOGIO STUDIO. 91, Av. Rio Branco. Tel. 43-9611
RELOJOARIA ESTRELA. 93-A, H. Lobo. Tel. 48-9380
RELOJOARIA LEME. 62, c-16, Av. P. Isabel. Tel. 27-0704
RELOJOARIA MANSUR. 27, E. Dentro. Tel. 29-6270
RELOJOARIA REIS. 55-A, Rua Conceição. Tel. 43-1256
RELOJOARIA ZENITH. 264, C. Bomfim. Tel. 28-6506

RIBENBOIM M. 189, Rua Ouvidor. Tel. 22-5694
RIO BRANCO. 35, Visc. do Rio Branco. Tel. 22-7327
ROYALE LA. 140, Aven. Rio Branco. Tel. 22-2375
S. FRANCISCO. 19, Largo São Francisco. Tel. 22-9771
S. JORGE. 21-A, Uruguaiana. Tel. 22-1552
SANTOS. 6, Rua da Passagem. Tel. 26-6538
SANTOS A. M. 58, Praça Tiradentes. Tel. 22-4741
SANTOS JOÃO CLAUDIO. 5, R. Feijó. Tel. 42-4798
SANTOS NAPOLEÃO PEREIRA. 41, Conceição. Tel. 43-2218
SHENDEROVITSH GREGOIRE. 161-A, B. Aires. Tel. 23-6043
SILVA. 68, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-3376
SILVA ERNESTO ALVES. 97, G. Ledo. Tel. 43-6517
SILVA ILIDIO. 68, G. Ledo. Tel. 43-6811
SILVA MANUEL VIEIRA. ofic. ourives. 58, Rua Luiz Camões. Tel. 22-5531
SILVEIRA AUGUSTO CESAR. 56, Aven. Marechal Floriano. Tel. 43-5742
SOARES & CLOCI. 147, R. do Rosario. Tel. 43-1896
SOARES JOÃO. 45-A, Conceição. Tel. 43-0048
SORRENTINO GERARDO. relogios. 9, R. Ramalho Ortigão. Tel. 42-2772
SOUSA MAGALHAES OSWALDO. ofic. ourives. 49, Andradas. Tel. 43-2407
SOUZA EMILIO PEDRO. 140, Uruguaiana. Tel. 23-3431
MOREIRA & LACEVITZ. 14, Lrg S. Francisco. Tel. 22-8497
STUDIO Charles Gutmann. 91-7.º, S. 11. Av. Rio Branco. Tel. 43-9611
THAIS. 40, Rua Sen. Euzebio. Tel. 43-9811
TEREZINHA. 41, Uruguaiana. Tel. 22-4429
TIJUCA. 390, Conde Bonfim. Tel. 48-0685
TOLIPAN. 123-E, Av. Rio Branco. Tel. 43-5582
TRISCIUZZI DOMINGOS. 341, Catete. Tel. 25-1763
TUPY. 1, Clapp. Tel. 22-0243
UNICA. 54, 7 Set. Tel. 43-1105
UNIVERSAL. 159, Rua do Ouvidor. Tel. 22-9141
VALENTIM. 37, Gonçalves Dias. Tel. 22-0994
VILLAR ALVARO. ofic. ourives. 192, B. Aires. Tel. 23-4755
VILLAR LUIZ. 19, Gonçalves Dias. Tel. 42-3705
VOLKOVITZ ARNOLD. 11, Tv. Rosario. Tel. 22-4130
VOLUNTARIOS. 265, Voluntarios Patria. Tel. 26-5107
WILL CARLOS. 191, Rua Ouvidor. Tel. 22-5618
YPIRANGA. 136, Rua 7 Setembro. Tel. 22-7886

ZAGARI FRANCISCO PAULO. 64, Pç Tiradentes. Tel. 22-2538
ZITRIN IRMÃOS. 29, Av. Rio Branco. Tel. 23-0067
ZWEITER FANY. 68, Gonçalves Dias. Tel. 42-4714

LABORATORIOS FARMACEUTICOS

A FABRICA NACIONAL DE CAPSULAS VISCOSAS LTDA. 653, C. Bonfim. Te. 38-6989
A GUIDI BUFFARIM S. A. 4, B. Lisbôa. Tel. 25-0906
AKTAL SOC. LTDA. 209, Prç. Bandeira. Tel. 28-3114
ALMEIDA CARDOSO & C. 11, Av. M. Floriano. Tel. 43-6993
AUBRY & C. LTDA. J. 568, P. Morais. Tel. 27-4531
AYROSA DOMINGOS M. S. 71, Rezende. Tel. 42-5722
BARBOSA NETO & CIA. M. 95-2.º, Rua Pereira Almeida. B. Lisbôa. Tel. 23-0906
BREVES & CIA. PEDRO. 216, Av. Mem Sá. Tel. 22-1778
BUFFARINI S A A. GUIDI. 4, B. Lisbôôa. Tel. 23-0966
CAMARGO MENDES S. A. 315, S. Pedro. Tel. 43-5179
CANABARRO & C. LTDA. escr. 24, Esteves Jr. Tel. 25-6182
CAPIVAROL LTDA. 17, Barão Itaipú. Tel. 38-1964
CARLOS DA SILVA ARAUJO S. A. 100, Rua Gen. Camara. Tel. 23-4205
CARVALHO & C. LTDA. O. S. 37, M. Pena. Tel. 28-9839
COMP. CHIMICA "MERCK" BRASIL S. A. 155, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-2096
COMP. PHIMATOSAN. laborat. 1084, C. Bonfim. Tel. 38-1631
CYRILLO MOTHÉ & C. LTDA. 266, S. F. Xavier. Tel. 28-7729
DAUDT OLIVEIRA & C. geral. 261, Av. M. Sá. Tel. 22-7755
ELIXIR DORIA. 47-1.º, Assembléia. Tel. 22-1094
ELIXIR DE INHAME. 145, H. Lobo. Tel. 28-7160
EQUIPAMENTOS CIENTIFICOS LTDA. 335, Rua Riachuelo Tel. 22-1291
FAMEL LTDA., Lab. F. 560, R. Prud. Morais. Tel. 27-4531
FARMOQUIMICA LTDA. 88, R. Martins Ferreira. Tel. 26-5037
FERREIRA & CIA. ANTONIO J. 51, Rua Paulino Fernandes. Tel. 26-6883
FLORA CIENTIFICA JAPUYBA. 8, M. Coelho. Tel. 42-9117
FONTOURA & SERPE. 147, R. Alfandega. Tel. 43-3394
FREITAS. 112, Rua São José. Tel. 22-2266

GIFFONI FRANCISCO ANTONIO. 29, R. Morais e Silva. Tel. 28-4771

GLOSSEP & CIA. 141. Andradas. Tel. 43-6837

GRANADO & CIA. 32, Lavradio. Tel. 42-6135

GOULART. 145, Haddok Lobo. Tel. 28-7160

GOULART MACHADO & CIA. LTDA. J. 145, Haddock Lobo. Tel. 28-7160

GORGEL & CIA. LTDA. 66, A. Kardec. Tel. 29-5534

INST. BIOCHIMICO. Portaria. 286, V. Patria, Tel. 26-1960

INST. DE BIOLOGIA MENEZES LTDA. 45, Rua da Alfandega. Tel. 43-4063

INST. CIENTIFICO PAN AMERICANO. 37 M. Pena. Tel. 28-9859

INST. FISIOLOGIA APLICADA LTDA. 126. Rua das Laranjeiras. Tel. 25-1562

INST. MEDICO FERREIRA & CASTRO LTDA. 54, Assembléia. Tel. 22-1697

INST. NACIONAL FARMACOLOGIA. 6-A. Trav. Barbeiros. Tel. 43-0170

INSTITUTO PINHEIROS. Soros e Vacinas. 118-G, Sen. Dantas. Tel. 22-9194

INST. RAVETILAT PLA'. 38, Riachuelo. Tel. 22-2453

INST. SCIENT. S. JORGE S. A. 403, H. Lobo. Tel. 28-6545

INST. TERAPEUTICO ORLANDO RANGEL. 148, F. Pontes. Tel. 38-5220

J. AUBRY & C. LTDA., LAB. 560, Prud. Morais. Tel. 27-4531

JULIA J. MAURI. 38, Riachuelo. Tel. 22-2453

KOENNY ALBERTO. 29, E. Souza. Tel. 28-0429

L. PICOLLO & CIA. 26, R. Sen. Dantas. Tel. 22-6203

LABORAT. ALPHA. 151, R. 24 Maio. Tel. 48-9109

LABORAT AQUILA. 66, Conde Irajá. Tel. 26-6097

LABORAT. DE BIOLOGIA E QUIMIOTERAPIA DO BRASIL LTDA. 16-A, Rua André Cavalcanti. Tel. 22-7085

LABORAT. BIOLOGICO GLEI LTDA. 35. A. Brandão. Tel. 28-5737

LABORAT. BITENCOURT. 111, Uruguaiana. Tel. 23-2839

LABORAT. BORDESINA LTDA. 24-A, P. Polidoro. Tel. 26-5534

LABORAT. BRAS. CHIMIOTHERAPIA LTDA. 194, Gen. Roca. Tel. 28-9696

LABORAT. BRINA LTDA. 130, M. Coelho. Tel. 42-5908

LABORAT. CAMPOS e HEITOR LTDA. 228, Rua 24 de Maio. Tel. 48-2140

LABORAT. CERES LTDA. 129, Av. A. Cavalcanti. Tel. 29-5441

LABORAT. CHIMICO INDUSTRIAL LTDA. 74, Conceição. Tel. 43-6443

LABORAT. CHIMICO KOLATOL. 178-A, Real Grandeza. Tel. 26-1101

LABORAT. DE CHIMIOTHERAPIA LTDA. 59. C. Carvalho. Tel. 22-8168

LABORAT. CHIMIOTHERAPICO RIO. 144, Av. Rio Branco. Tel. 22-2471

LABORAT. CLINICO SILVA ARAUJO. 100/100-A. General Camara. Tel. 43-2940

LABORAT. DYONISIO. 64, Av. L. Muller. Tel. 28-7825

LABORAT. EPIL. 131, E. Dentro. Tel. 29-3384

LABORAT. ESCULAPIO. 144, Alfandega. Tel. 43-0206

LABORAT. FIDOSAN LTDA. 266, Frei Caneca. Tel. 42-2907

LABORAT. FLORA NACIONAL. 91, M. Côelho. Tel. 42-7403

LABORAT. PALENO. 81, André Cavalcanti. Tel. 22-7548

LABORAT. PLESE LTDA. 62-A. Gurupi. Tel. 38-0956

LABORAT. GIL. 13, L. Vasconcelos. Tel. 29-5232

LABORATORIO GROSS. 31, B. Itambi. Tel. 26-3464

LABORAT. GUANABARA LTDA. 79-B, M. Coelho. Tel. 22-4784

LABORAT. HECLAN LTDA. 142, Frei Caneca. Tel. 42-1535

LABORAT. IMEX LTDA. 51-A, Luiz Camões. Tel. 22-3974

LABORAT. IMMUNO BACTERIOLOGICO. 71, Rua Rezende. Tel. 42-5722

LABORAT. IZA. 585, Visc. Pirajá. Tel. 27-1497

LABORAT. J. D. SANTOS. 73, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8290

LABORAT. JLANTER. 194, Gen. Roca. Tel. 28-9696

LABORAT. KLAOBERGE LTDA. 241, G. Argolo. Tel. 28-3735

LABORAT. KOLKIN LTDA. 20 Quitanda. Tel. 43-5789

LABORAT. LAIF. 231, c-25. M. Sapucahi. Tel. 42-2364

LABORAT. LEITE COLONIA. 44, Aguiar. Tel. 28-0637

LABORAT. LEITE DE ROSAS. 10/2. J. J. Seabra. Tel. 26-0735

LABORAT. LISAB LTDA. 34, Valença. Tel. 42-6525

LABORAT. LONDRES. 11. Af. Pena. Tel. 48-5824

LABORAT. LUTECIA LTDA. 67, T. Otoni. Tel. 23-2522

LABORAT. MARGEL. 164-C, Maxwell. Tel. 48-2801

LABORAT. MEDICAL LTDA. 71, S. José. Tel. 22-9094

LABORAT. MELKA LTDA. 185, G. Caldwell. Tel. 43-7889

LABORAT. MOERBECK. 163, Quitanda. Tel. 23-6219

LABORAT. MOERBECK. 36, Meira. Tel. 29-3887

LABORaT. MONTENEGRO. 59, V. Fazenda. Tel. 42-7200

LABORAT. DO MYRTHONIL. 216, N. Silva. Tel. 27-1449

LABORAT. NORMAL. 6, Rua Estrela. Tel. 28-4261

LABORAT. ORLANDO RANGEL. 104, M. São Vicente. Tel. 27-0075

LABORAT. PALLAS. 38, A. Miranda. Tel. 29-2465

LABORAT. PAN ORGANICO S. A. 48, S. Pedro. Tel. 23-1077

LABORAT. PANVERMINA S. A. LTDA. 141, Rua Assunção. Tel. 26-2755

LABORAT. PANTHERAPICO 38, S. Ferraz. Tel. 48-3399

LABORAT. PAULA SOARES. 27-A, M. Couto. Tel. 23-2519

LABORAT. RHEA LTDA. 24, Maxwell. Tel. 48-2009

LABORAT. SANITAS DO BRASIL. 56, Passeio. Tel. 22-1653

LABORAT. S. MARTINHO LTA. 350-A. R. Archias Cordeiro. Tel. 29-3988

LABORAT. SANEATOR. 134. J. Botanico. Tel. 26-6319

LABORAT. SIAN S. A. 27, S. Carlos. Tel. 22-3207

LABORAT. SALUSE LTDA. 95, R. 7 Setembro. Tel. 22-0360

LABORAT. SETROS. 67, Rua Assembléia. Tel. 42-0873

LABORAT. CETTE LTDA. 359, 1.º, Visc. Pirajá. Tel. 47-0057

LABORAT. THEODORO DE ABREU. 79, Rua G. Ledo. Tel. 42-4014

LABORAT. DE THERAPEUTICA ESPECIALIZADA LTDA. 258, E. Dentro. Tel. 29-0190

LABORAT. TIJUCA LTDA. 212-B. Conde Bonfim. Tel. 28-6214

LABORAT. VENTRE SAN. 115, M. Coelho. Tel. 22-6901

LABORAT. VITA S. A. 514, C. Bonfim. Tel. 48-3087

LABORAT. WALTER LTDA. 69, S. José. Tel. 42-5314

LABORAT. WALTER. 6, Rua Invalidos. Tel. 22-6285

LABORATS. ASSOCIADOS DO BRASIL LTDA. 49, P. Fernandes. Tel. 26-2605

LABORATS. CIN. E ESTABELECIMENTOS BYLA. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-4678

LABORATS. CORDEIRO. 46, Constituição. Tel. 22-8556

LABORATS. EXACLUS LTDA. 355, B. Mesquita. Tel. 28-9749

LABORATS. FRANCO-BRASILEIROS DOCTA LTDA. 320, Maxwell. 38-7485

LABORATS. GALILA LTDA. 227, Dr. Sá Freire. Tel. 28-8233

LABORATS. MOURA BRASIL S. A. — Escrit. 208, Alfandega. Tel. 23-4842; Laborat. 39, D. Cordeiro. Tel. 26-0127

LABORATS. OFORENO S. A. 30-A, M. Alegre. Tel. 42-1219

LABORATS. ROBERT. SOCIEDADE LTDA. 266, Lavradio. Tel. 42-3825

LABORATORIOS SCIENTIFICOS FRANCEZES. 101, Av. G. Freire. Tel. 22-9795

LABORATS. SILVA ARAUJO ROUSSSELL S. A. 9, Rua 1.º Março. Tel. 43-0995

LABORATS. THEPER LTDA. 163, Av. P. Sousa. Tel. 28-8276

LABORATS. DO URODONAL. 51, P. Fernandes. Tel. 26-6883

LABORATS. WADEL. 266, Rua S. F. Xavier. Tel. 28-7729

LABORATS. WERNECK S. A. 50, Moncorvo Fº. Tel. 43-4683

LAVOLLE JEAN MARCEL. drogas. 293, Rua Dr. Sá Freire. Tel. 28-1657

LUGOLINA. laborat. 72, Aven. Mem Sá. Tel. 22-2827

MEDICO BRASILEIRO. sec. terapeutica escr. e fabr. 75, R. Assembléia. Tel. 22-4526

MOACIR ALVES BOTELHO. 11, An. 2, Afonso Pena. Tl. 48-5821

MOENBECK LABORAT. BIOCHIMICO. 163-6.º, Rua Quitanda. Tel. 23-6219

MORAES & C. LTDA. C. A. 153, T. Soares. Tel. 28-4435

OFICINA PHARMACEUTICA LTDA. 130, Rua Andradas. Tel. 43-3436

OLIVEIRA JUNIOR & C. LTDA. 77, Rua 2 Dez. Tel. 25-0170

OLIVEIRA JUNIOR & C. LTDA. 90, G. Severiano. Tel. 26-7676

PEIXOTO & C. LTDA. R. S. 50, S. José. Tel. 22-5709

PICARELLI FRANCISCO. 60, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8363

PRISMUT. S. A. 73, Rua 7 de Setembro. Tel. 23-0708

PRODUTOS ALCHIMIA LTDA. 58, Ouvidor. Tel. 43-8496

LABORAT. SALUSE LTDA. 94, R. 7 Setembro. Tel. 22-0360
LABORAT. SETROS. 67, Rua Assembléia. Tel. 42-0873
LABORAT. CETTE LTDA. 359, 1.º, Visc. Pirajá. Tel. 47-0951
LABORAT. THEODORO DE ABREU. 79, Rua G. Ledo. Tel. 43-4014
LABORAT. DE THERAPEUTICA ESPECIALIZADA LTDA. 258, E. Dentro. Tel. 29-0190
LABORAT. TIJUCA LTDA. 213-B, Conde Bonfim. Tel. 28-6216
LABORAT. VENTRE SAN. 115, M. Coelho. Tel. 22-6901
LABORAT. VITA S. A. 514, C. Bonfim. Tel. 48-3087
LABORAT. WALTER LTDA. 69, S. José. Tel. 42-5514
LABORAT. WALTER. 6, Rua Invalidos. Tel. 22-6285
LABORATS. ASSOCIADOS DO BRASIL LTDA. 49, P. Fernandes. Tel. 26-2605
LABORATS. CIN. E ESTABELECIMENTOS RYLA. 76, A. P. Alegre. Tel. 42-4678
LABORATS. CORDEIRO. 45, Constituição. Tel. 22-8556
LABORATS. EXACLUS LTDA. 355, B. Mesquita. Tel. 28-9749
LABORATS. FRANCO-BRASILEIROS DOCTA LTDA. 330, Maxwell. 38-7485
LABORATS. GALILA LTDA. 227, Dr. Sá Freire. Tel. 28-8283
LABORATS. MOURA BRASIL S. A. — Escrit. 208, Alfandega. Tel. 23-4842; Laborat. 39, D. Cordeiro. Tel. 26-6127
LABORATS. OFORENO S. A. 39-A, M. Alegre. Tel. 42-1219
LABORATS. ROBERT, SOCIEDADE LTDA. 206, Lavradio. Tel. 42-3825
LABORATORIOS SCIENTIFICOS FRANCEZES. 101, Av. G. Freire. Tel. 22-9795
LABORATS. SILVA ARAUJO ROUSSSELL S. A. 9, Rua 1.º Março. Tel. 43-0995
LABORATS. THEPER LTDA. 163, Av. P. Sousa. Tel. 28-8276
LABORATS. DO URODONAL. 51, P. Fernandes. Tel. 26-6883
LABORATS. WADEL. 266, Rua S. F. Xavier. Tel. 28-7729
LABORATS. WERNECK S. A. 50, Moncorvo F.º. Tel. 43-4681
LAVOLLE JEAN MARCEL. drogas. 298, Rua Dr. Sá Freire. Tel. 28-1057
LUGOLINA. laborat. 72, Aven. Mem Sá. Tel. 22-2827
MEDICO BRASILEIRO. soc. terapeutica escr. e fabr. 75, R. Assembléia. Tel. 22-4526
MOACIR ALVES BOTELHO. 15, An. 2, Afonso Pena. Tl. 48-5524
MOENBECK LABORAT BIOCHIMICO. 163-6.º, Rua Quitanda. Tel. 23-6219
MORAES & C. LTDA. C. A. 123, T. Soares. Tel. 28-4435
OFICINA PHARMACEUTICA LTDA. 130, Rua Andradas. Tel. 43-3436
OLIVEIRA JUNIOR & C. LTDA. 77, Rua 2 Dez. Tel. 25-0170
OLIVEIRA JUNIOR & C. LTDA. 96, C. Severiano. Tel. 26-7676
PEIXOTO & C. LTDA. R. S. 59, S. José. Tel. 22-5709
PICARELLI FRANCISCO. 60, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8363
PRISMUT. S. A. 73, Rua 7 de Setembro. Tel. 23-0708
PRODUTOS ALCHIMIA LTDA. 58, Ouvidor. Tel. 43-8496

PRODUTOS PHARM. KRINOS LTDA. 109, Rua S. Alencar. Tel. 28-7040
PRODUTOS ENIAM. 145, Andradas. Tel. 43-3355
RAACKE O. H. PRODUCTOS CHIMICOS E MACHINAS. 40, Av. G. Aranha. Tel. 42-5498
RAMOS CARDOSO & C. LTDA. 8, Estrela. Tel. 28-4261
RIBEIRO PRAXEDES. 47, Assembléia. Tel. 22-1094
RINDER LTDA. 30, Haddock Lobo. Tel. 48-5570
SCHILLING HILLIER & CIA. LTDA. 44, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-5894
SCHILLING HILLER & CIA. LTDA. 1155, Armz. 3, Bela. Tel. 28-6125
SEABRA & SANTOS LTDA. 142, Uruguaiana. Tel. 23-5504
SENTES JEAN ALBERT. 330, Maxwell. Tel. 38-3525
SEYS & C. LTDA. 524, Conde Bonfim. Tel. 28-9283
SILVA LIBERATO & CIA. 79, Santana. Tel. 43-4379
SOCIED. IND. PRIMA LTDA. 62, Juparanã. Tel. 38-3642
SOCIED. IND. PRIMA LTDA. 114, Alfandega. Tel. 23-5437
STUDART & CIA. 44, Aguiar. Tel. 28-0627
TINOCO JOSÉ ALVES. Telefone. 48-4793
TORRES LIMA & CIA. A. 212, Frei Caneca. Tel. 42-9701
URODONAL. 51, P. Fernandes. Tel. 26-6883
VACCANI HEITOR. 786, Barão Mesquita. Tel. 38-2377
WANTUIL S. A. Laboratorio. 33, G. Argolo. Tel. 28-6458

LIVRARIAS

A. BULCÃO JUNIOR. Norte-Editora. 53-2.º, Largo Lapa. S. 5. Tel. 42-7934
A CASA DO LIVRO LTDA. 35, Assembléia. Tel. 42-4747
ACADEMICA. 68, Rua S. José. Tel. 22-8072
LIVRARIA J. LEITE. 80, Rua S. José. Tel. 22-1580
ALLEMX. 69, Rua Alfandega. Tel. 23-2910
ALMEIDA. 84, L. Lago. Tel. 29-1313
AMERICAN RENTAL LIBERTY THE. 257, Av. Rio Branco. Tel. 42-3209
ANCHIETA. 101, Praça 15 de Novembro. Tel. 22-8635
ANCHIETA LIVRARIA. 101, Praça 15 Nov. Tel. 22-8635
APOLO. 22, Carmo. Tel. 42-4920
ASTAR PRESS AGENCY. 91, Av. R. Branco. Tel. 23-6286
ATHENEU. 56-A, Sen. Dantas. Tel. 42-2647
AUGUSTO LEITE. 14, Constituição. Tel. 22-3392
BERNARDES JOSÉ. 56-A. Sen. Dantas. Tel. 42-2647
BOA IMPRENSA. 35, Assembléia. Tel. 42-2837
BUFFONI. 1, Chile. Tel. 22-6258
BRAGA DA SILVA, EUGENIO. Livraria Educadora. 17, Rua S. José. Tel. 42-3456
BRIGUIT GARNIER. 109, Ouvidor. Tel. 23-3091
CASA EDITORA DR. FRANCESCO VALLARDI. 7, Quitanda. Tel. 22-3695
CASA DO LIVRO LTDA. A. 35, Assembléia. Tel. 42-4747

CASA UMARY. 182-A. Visc. Pirajá. Tel. 27-3665
CENTRAL. 156, Rua Buenos Aires. Tel. 23-6398
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A. 94, Ouvidor. Tel. 43-5760
COELHO BRANCO FILHO A. 9, Quitanda. Tel. 22-3634
COHEN S. 128, Visc. Itauna. Tel. 43-3677
COMP. BRASIL EDITORA S. A. 173, Rosario. Tel. 23-4406
COMP. MELHORAMENTOS S. PAULO. 9, R. Gonçalves Diar. Tel. 22-4090
CRASHLEY & CIA. 58, Ouvidor. Tel. 23-4496
EDITORA SUISSA. 58, Teofilo Otoni. Tel. 23-6397
EDITORIAL GRAFICA ORION LTDA. 19. Rua Assembléia. Tel. 42-1074
EDITORIAL LABOR DO BRASIL S. A. 104, Buenos Aires. Tel. 23-6101
EDUCADORA. 17, Rua S. José. Tel. 42-3456
EMPR. DE VENDAS DIRETAS livros. 28, Rua São Bento. Tel. 23-4490
ESCOLAR. 50, Rua São José. Tel. 42-5852
FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA. 30, Aven. Passos Tel. 22-9209
FERNANDES FILHO JOSÉ. 71, Ouvidor. Tel. 43-6218
FERREIRA MATOS & C. 24, R. Ortigão. Tel. 22-3353
FRANCISCO ALVES, loja. 166, Ouvidor. Tel. 22-5891
FRANCISCO ALVES, ofic. 15, Sen. Pompeu. Tel. 43-1783
FREITAS BASTOS. 21-A. B. Silva. Tel. 22-0250
GEOGRAFIA BRASIL. 55, Rua Ouvidor. Tel. 23-3957
GEOGRAFICA PIETROLUONGO. 126, Quitanda. Tl. 43-0765
GERAL FRANCO BRASILEIRA LTDA. 189, Rua do Ouvidor. Tel. 22-9103
GLOBO. 44, Rua 13 de Maio. Tel. 22-4577
GUIA REX. 164, Rua Ouvidor. Tel. 22-9595
H. ANTUNES. 133, Buenos Aires. Tel. 23-2754
HORA MEDICA DO BRASIL. 62, S. Pedro. Tel. 43-2608
IDEAL. 66, S. José. Tel. 22-7295
IMPERIAL. 61, S. José. Tel. 22-8631
J. LEITE. 80, Rua São José. Tel. 22-1580
J. RIBEIRO DOS SANTOS. Livraria Jacinto. 59, S. José Tel. 22-2709

JACKSON INC. W. M. 70, B. Aires. Tel. 23-0792
JACKSON INC. W. M. 140, Rua Ouvidor. Tel. 42-0671
JANNETTI. 45-C, Rua Bolivar Tel. 27-7865
JOSÉ OLYMPIO EDITORA. 13, 1.º Março. Tel. 23-2831
JOSÉ OLYMPIO EDITORA. 6, Tv. Barbeiros. Tel. 43-5773
JOSEPHSON L. A. 173, Av. Rio Branco. Tel. 42-6647
KOSMOS. 137, Rua do Rosario. Tel. 23-6319
LIVRARIA EDITORA GUANABARA. 132, Rua do Ouvidor. Tel. 22-7231
LIVRARIA DO GLOBO. 44, R. 13 Maio. Tel. 22-4577
LIVRARIA PRINCIPAL LTDA. 48, S. José. Tel. 22-0837
LIVRO JURIDICO SOC. LTDA. 12. Av. E. Braga. Tel. 42-8896
MINHA LIVRARIA. 4, Rua Pedro 1. Tel. 22-4869
MOURA. 145, Rua do Ouvidor. Tel. 22-9308
NACIONAL. 84, Rua Constituição Tel. 42-6609
NEWMAN A. C. 62. Leandro Martins. Tel 43-3396
ODEON. 157, Aven. Rio Branco. Tel. 22-1288
OFAIRE CHARLES. 67, Gen. Camara. Tel. 43-1870
LIVRARIA QUARESMA. 71/3, S. José. Tel. 22-6946
PAPELARIA MARIO. 34, Luiz Camões. Tel. 42-1825
PARA TODOS. 3 Rua Carmo. Tel. 42-5719
PEREIRA FILHO JOSÉ OLYMPIO. 110, Ouvidor. Tel. 23-2389
PEREIRA VERA. 6, Trav. dos Barbeiros. Tel. 43-7441
PIETROLUONGO ANT. LUIZ. 126, Quitanda. Tel. 43-0765
PIMENTA DE MELO & C. escr. 34, Trav. Ouvidor. Tel. 23-5416
PRADO D. 46-A, Regente Feijó. Tel. 22-8925
PRINCIPAL LTDA. 48, Rua S. José. Tel. 22-0837
PROPAGADORA DA CULTURA MUNDIAL LTDA. 47, Rua S. José. Tel. 42-9798
PUBLICAÇÕES INTERNACIONAES. Serviço Internacional Livros e Revistas. 117, Av. Rio Branco. Tel. 23-3192
PUBLICAÇÕES PAN AMERICANAS S. A. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-6385
QUARESMA. 71, Rua S. José. Tel. 22-6946
QUARESMA & CIA. VIUVA. 71, S. José. Tel. 22-6946
RIBEIRO DOS SANTOS J. 59, S. José. Tel. 22-2709

ROTH WALTER. 58, Teofilo Otoni, Tel. 23-6397
SANT'ANA. 210, Gen. Camara. Tel. 43-6583
S. JOSÉ LTDA. 38, R. S. José. Tel. 42-0435
TECNICA. 120, Rua do Rosario. Tel. 43-9882
VALVERDE, ZELIO. 27, Trav. Ouvidor. Tel. 23-1268
VICTOR. 5, Praça Floriano. Tel. 42-6661
WAISSMAN KOOGAN LTDA. 133, Ouvidor. Tel. 42-5386
WILL FREDERICO. escr. 69, Alfandega. Tel. 43-5415

LOUÇAS E CRYSTAES

A CONFIANÇA. 79, Uruguaiana. Tel. 23-4163
ALVES M. A. 18, Riachuelo. Tel. 22-6712
AMERICA E CHINA. 62, Ouvidor. Tel. 23-4573
AO LEÃO D'AMERICA. 89, Uruguaiana. Tel. 23-1304; 339, Av. 28 Setembro. Tel. 38-2975
ARAUJO AZEVEDO & C. 90, Alfandega. Tel. 23-6664
BALTAR JUNIOR & C. 42, Uruguaiana. Tel. 22-8262
BAZAR AMERICA. 38/40, Uruguaiana. Tel. 22-0827
BAZAR ELECTRO POSTO 6. 15-A, J. Castilhos. Tel. 27-8502
BAZAR SANTAREM. 317, Real Grandeza. Tel. 26-6581
BAZAR SOUZA. 20, Estr. Mar. Rangel. Tel. 29-8742
CARRACENA OLIVEIRA & C. 25, Carioca. Tel. 22-4751
CASA CRISTALINO. 35, Uruguaiana. Tel. 22-7325
CASA CRISTALINO DE LOUÇAS LTDA. 35 e 39, Uruguaiana. Tels.: 22-7325 e 22-3325
CASA ESPERANÇA. 223, Av. M. Floriano. Tel. 43-4391
CASA INGLEZA. 51, Rua 7 de Setembro. Tel. 23-2291
CASA JANOWITZER. 49, Candelaria. 23-2033
CASA LEONARDOS. 137, Ouvidor. Tel. 22-9321
CASA MUNIZ DE LOUÇAS LTD. 102, Ouvidor. Tel. 23-6012
CASA VIANA DE LOUÇAS LTD. 68, R. 7 Setem. Tel. 43-1100
CASA ALBERTO. 3064, Av. Suburbana. Tel. 29-8378
CASA VIANA DE LOUÇAS LTD. 66/68, Rua 7 Setembro. Tels. 23-1522 e 43-1100
COIMBRA VIRGILIO A. 89, Av. J. Ribeiro. Tel. 29-5005
COSTA MONTEIRO ALFREDO. 102, Ouvidor. Tel. 23-3359
CRISTALEIRA A. 3, S. Jardim. Tel. 22-0953
CRISTALINO O. 39, Uruguaiana. Tel. 22-3325
DRAGÃO O. 193, Av. Marechal Floriano. Tel. 23-6010
EMMANUEL BLOCH & FRÈRE. 48, R. 7 Setem. Tel. 23-6212
FABR. DE LOUÇAS DA PENHA 77, J. Rego. Tel. 30-2122
FORNECEDORA A. 59, Andradas. Tel. 43-7110
FRACALANZA. 36, R. Ourives. Tel. 23-1259
FRANCISCO LOPES & C. LTDA. 64, S. Pedro. Tel. 23-4217
GALERIA DOS CRYSTAES. 48, R. 7 Setem. Tel. 23-6212
HACHIVA IRMÃOS & CIA. 85, T. Otoni. Tel. 43-2850
LOJA DOS CRISTAIS. 110-A, Av. H. Dumont. Tel. 47-6331
LOJA MODELO. 25-C, C. Morais. Tel. 30-2085
LOJAS BRASILEIRAS. 104, Av. Passos. Tel. 43-2358
LOPES & C. LTDA. FRANCISCO. 64, S. Pedro. Tel. 23-4217
MANUFATURA DE CERAMICA E VIDROS LTDA. 18, J. Alvares. Tel. 43-5419
MANUFACTURA PRODUCTOS KING LTDA. 151, G. Belegarde. Tel. 29-2441
MAPPIN & WEBB. 100, Ouvidor. Tel. 23-3438
MARGULIS FELIPE. 236, Vol. Patria. Tel. 26-1090
MARIO AMADO & CIA. 10, R. Pharoux. Tel. 42-1529
MATARAZO INDUSTRIAS REUNIDAS F. S/A. 63/67, Av. R. Branco. Tel. 23-1896
MENEZES CARVALHO & CIA. LTDA. 46/8, R. Uruguaiana. Tel. 22-1300
MERCADO DE LOUÇAS LTDA. 331, S. Pedro. Tel. 43-8737
MOREIRA CAMPOS & C. 108, L. Camões. Tel. 43-1076
NADIR FIGUEIREDO S. A. 93, Alfandega. Tel. 23-3495
NISHITANI & CIA. LTDA. 268, S. Pedro. Tel. 43-6869
OLIVEIRA LEITE & CIA. 32, Largo Rosario. Tel. 22-3160
PALISSY. 46/8, Rua Uruguaiana. Te. 22-1300
PERDIÇÃO J. B. 137, Ouvidor. Tel. 22-9321
RIBEIRO ALVES & CIA. A. 18/20, Ouvidor. Tel. 23-1554
RODRIGUES D'ALMEIDA & C. 97, Andradas. Tel. 43-6037
RODRIGUES D'ALMEIDA & C. filial. 20, Rua da Assembléia. Tel. 22-7913
SOCIED. IMPORTADORA NIPPO BRASILEIRA LTDA. 10, B. Hipolito. Tel. 43-2746
SOUZA & CRESPO. 129, S. Euzebio. Tel. 43-5043
SPINO & CIA. F. 93, Alfandega. Tel. 23-3495
UNIÃO COMERCIAL A. 21, R. Carioca. Tel. 22-2432
VENTURA FRANCISCO. 2, Beco E. Livramento. Tel. 43-1823
VIEIRAS DE CASTRO LTDA. 285/89, Rua Archias Cordeiro. Tel. 29-1786

MAQUINAS E MECANICA EM GERAL

A CASA GRISSANTI. 103, Rua Dr. Inacio Araujo. Tel. 3-3748
ACESSORIOS PARA MAQUINAS LTDA. 69, R. Teofilo Otoni. Tel. 43-5262
ADRESSOGRAPH MULTIGRAPH DO BRASIL S. A. 15, Rua 1.º Março. Tel. 43-7097
ADOLFO F. SILVA. 209, Rua S. Pedro. Tel. 43-3740
ALBERTO AMARAL & C. LTD. 9-3.º, Ss. 310/312, Aven. Rio Branco. Tel. 43-0760
ALCEU S. LEITE. 90, Misericordia. Tel. 42-0644
ALMEIDA JOÃO. 56, A. Benévolo. Tel. 22-6008
ALNORMA SOCIED. MACHINAS LTDA. 89, Rua São Pedro. Tel. 43-0154
ALVAREZ DOMINGOS. 142, Av. M. Floriano. Tel. 43-0193
ANDERSEN KARL. 41, S. Pedro. Tel. 43-6600
ARNESEN ALF. 21, Beneditinos. Tel. 23-3686
B. CONTI. 84-4.º, S/403, Gonç. Dias. Tel. 43-9492
BANNERT ARTHUR. 82, Teofilo Otoni. Tel. 43-0212
BATISTA J. AIRES. 272, Santo Cristo. Tel. 43-0774
BARBOSA JOÃO D. ofic. 26, F. Alves. Tel. 43-1441
BLAGIO A. 199, Praça Republica. Tel. 43-4637
BORDADOR DE SÃO CRISTOVÃO. 41-A, S. L. Gonzaga. Tel. 28-2316
BOSCHEN GUILHERME. 210/2, Santo Cristo. Tel. 43-1732
BOTELHO ADOLPHO. 183, S. Pedro. Tel. 43-6776
BOULTE LTDA. ALCIDES. 139, Rosario. Tel. 23-3159
BREMENSIS SOCIEDADE TECHNICA LTDA. 15/25, Tte. Possolo. Tel. 22-5150
BROMBERG & C. escr. 61, Gen. Camara. Tel. 23-1402
BROMBERG & C. dep. 26, Gen. Camara. Tel. 43-1768
BRUNOW & C. 637, C. Leopoldina. Tel. 28-2352
BUSSETI & CIA. ARMANDO. escr. 86, S. Pedro. Tel. 43-7162
BYINGTON & C. 68/70, S. Pedro. Tel. 23-1747
CAMARGO B. 162, Gen. Camara. Tel. 43-1951
CARU' & CIA. EDUARDO. 44-A, Riachuelo. Tel. 22-8130

CARVALHO MANOEL CHRYSOSTOMO. 83, Luiz Camões. Tel. 43-1576
CARVALHO VASCO AFONSO. 146, T. Otoni. Tel. 43-4086
CASA CONTEVILLE 96/8, Rua Alfandega. Tel. 23-5598
CASA CORRÊA. 166, Quitanda. Tel. 23-3514
CASA CURY. 19-A, C. Meyer. Tel. 29-4742
CASA IPIRANGA. maq. cost. 1-A, P. Oliveira. Tel. 30-3403
CASA JUJU' REGISTRADORAS LTDA. 259, R. Buenos Aires. Tel. 43-1785
CASA K SASS. 242, S. Pedro. Tel. 43-1571
CASA KOSWA. 69, Rua Teofilo Otoni. Tel. 43-5262
CASA LIMA, maq. escrev. 27, Cons. Saraiva. Tel. 23-5155
CASA DAS MAQUINAS. 152, Rua Quitanda. Tel. 23-0292
CASA DAS MAQUINAS LTDA. 14, Senado. Tel. 42-1342
CASA MARQUES. 18, M. Veiga. Tel. 23-1595
CASA OMNIA LTDA. 263-A, P. Alves. Tel. 43-9911
CASA PATRON. ofic. 15, Rua S. Pedro. Tel. 23-2802
CASA PERFEITO. 173, Rosario. Tel. 43-9013
CASA PFAFF. seç. indust. 79/81, Av. R. Branco. Tel. 23-5947
CASA PFAFF. 46, Rua Carioca. Tel. 22-0136
CASA PFAFF. ger. 46, Carioca. Tel. 42-2231
CASA PFAFF. sub agencia. Gloria, 699, Rua A. Carlos. Tel. 30-1452
CASA PRATT S. A. geral. 46, Quitanda. Tel. 23-1951
CASA PRATT S. A. control. pedid. 92, Rua S. F. Xavier. Tel. 28-9824
CASA PRATT S. A. reclam. 46, Quitanda. Tel. 23-1001
CASA RETROZ. 97, Rua Uruguaiana. Tel. 23-2450
CASA S. JORGE. concertos. 273, F. Unnes. Tel. 48-0969
CASA STANDARD, ofic. maq. esc. 81, B. Aires. Tel. 23-3339
CASA TRIUNFO. maq. escrev. 130, Alfandega. Tel. 43-8714
CASA VICTOR. maq. cost. 184, S. Barros. Tel. 29-5585
CASA VICTOR REGISTRADORA LTDA. 170, Alfandega. 43-5016
CASA WILSON. 1179, Uranos. Tel. 30-3490
CASAS CINELLI. maq. escrev. matriz. 34, R. Gen. Camara. Tel. 23-0148
CAUSER & C. LTDA. 22, Rua M. Veiga. Tel. 43-2448
CEIBRASIL REPRES. LTDA. 64, G. Camara. Tel. 23-3166
CERBINE ONOFRE. 13, Invalidos. Tel. 42-7502
CIANCI & FALCONE. 206, Gen. Camara. Tel. 43-6029
COATES SCOTTO & C. LTDA. 111, Avenida Rio Branco. Tel. 23-0562
COLLYER P. 88, S. Passos. Tel. 43-5532
COMP. AUX. VIAÇÃO E OBRAS. 399, Frei Caneca. Tel. 22-5020
COMP. BURROUGHS DO BRASIL INC. 81-A, R. Alfandega. Tel. 23-1690
COMP. HOBART DAYTON DO BRASIL. escr. 22, S. Dantas. Tel. 42-9136
COMP. LANSTON DO BRASIL S. A. 3, Arcos. Tel. 22-6335
COMP. MECHANICA E IMPORTADORA DE S. PAULO. escr. 43, Av. G. Aranha. Tel. 42-8070
COMP. NACIONAL DE MACHINAS COMERCIAIS S. A. Ger. e contab. 43, Av. R. Branco. Tel. 23-1310 — Ofic. Egry. 28, Jaraguá. Tel. 28-8307
COMP. S. K. F. DO BRASIL. 42, S. Pedro. Tel. 23-2166
COMP. UNITED SHOE MACHINERY DO BRASIL. 357, Rua J. Palhares. Tel. 28-7125
CONTINENTAL MACH. ESCRIFT. LTDA. 65, Gen. Camara. Tel. 23-2692
CORRÊA FELISBERTO. 109, E. Veiga. Tel. 22-0619
COSTA DOMINGOS. 21, Senado. Tel. 22-8426
CREDMANN ABRAHÃO. 32, R. Constituição. Tel. 22-7322
CREDMANN JACOB. 56, Constituição. Tel. 22-1254
DANCKAERT & C. LTDA, maquinas para madeira de fabricação belga. 116, Rua 1.° Março. Tel. 43-5633
DANTAS JOSE SILVA, 694 Av. A. Cavalcanti. Tel. 29-2782
DANCKAERT & C. LTDA. 116, R. 1.° Março. Tel. 23-2937
DOLABELLA COELHO LTDA. ofic. 41, R. Leandro Martins. Tel. 43-9830
DOLABELLA COELHO LTDA. 43, Av. R. Branco. Tel. 23-1291
DOLDER KELLER & C. 62, R. Quitanda. Tel. 23-4403
DUBOIS LEONCI DESIRE. 55, Sac. Cabral. Tel. 43-4758
EMPR. COMERCIAL IMPORTADORA LTDA. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-9649
EQUIPAMENTOS WAYNE DO BRASIL S. A. 23, Rua Marrecas. Tel. 22-8067
EUGENIO SANCHEZ GONDORA & C. LTDA. 137-1.°, S. 110, Av. R. Branco. Tel. 23-2478
FABIO BASTOS & C. 95, Visc. Inhauma. Tel. 23-1336
FAIRBANKS MORSE & C. INC. 68/70, S. Pedro. Tel. 23-1747
FARIAS JOSÉ ALVES. 173, R. T. Otoni. Tel. 43-2129
FIERZ RODOLFO. escr. 49, R. Assembléia. Tel. 42-9697
FIGUEIREDO HUGO MARIZ. 155, Avenida Nilo Peçanha. Tel. 42-5316
FILGUEIRAS A. 243, Rua Buenos Aires. Tel. 43-4792
FLUES & CIA. OSCAR. 83, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-2331
FRANCHI & PEREIRA. 46, R. Visc. Inhauma. Tel. 43-2257
FRECH & PASQUALE. 9-A, R. 13 Maio. Tel. 22-2782
FREUND RUDOLF. 269, Buenos Aires. Tel. 23-5593
FRICK COMPANY INC. repres. 113-B, T. Otoni. Tel. 43-0188
GABBAI & CIA. D. J. 207, Rua S. Pedro. Tel. 43-3518
EMP. COMERCIAL IMPORTADORA LTDA. 70-5.°, Araujo Porto Alegre. Tels. 42-9460 e 42-9649
GLOSSOP & CIA. arms. 53, R. Candelaria. Tel. 23-2320
GLOSSOP. & CIA. seç. tec. 55, Candelaria. Tel. 23-4592
GOMES GABRIEL SOUZA. 39, G. Ledo. Tel. 43-9315 a
GOMES OLIVIO, escr. 22, Teofilo Otoni. Tel. 23-5247
GROSSO DANDALO. maq. esc. 79, Rosario. Tel. 43-9672
GUIMARÃES & CIA. N. 16, Luiz Camões. Tel. 22-9136
HACKRADT & CIA. FERNANDO. dep. 280/350, Praia São Cristovão. Tel. 48-0446

HACKRADT & CIA. FERNANDO, maq. agric. 45, Rua São Pedro. Tel. 23-2940
HASENCLEVER & C. 69/77, Av. Rio Branco. Tel. 23-5904
HAUPT & C. armz. 50, Rua S. Pedro. Tel. 23-2321
HERM STOLTZ & C. 66/74, Av. Rio Branco. Tel. 43-4820
HIME & C. 52, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-1741
HOLMAN BROTHERS LTD. 62, Av. G. Aranha. Tel. 22-5155
HUMITZSCH & C. LTDA. GUILHERME. 21, Teofilo Otoni. Tel. 43-0905
IGNE, PETRONE & CIA. 12-1.º, Trav. Barbeiros. Tel. 23-3504
IMPORTAD. MAQUINAS PROGRESSO LTDA. 91, Av. Rio Branco. Tel. 43-7667
IMPORTADORA TERMOTECNICA LTDA. 13, Av. Marechal Floriano. Tel. 23-3492
INGERSOL - RAND DO BRASIL S. A. armz. 48, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-4547
INTERNATIONAL HARVESTER EXPORT CO. 87, Av. Osvaldo Cruz. Tel. 25-7244
INTERNATIONAL . MACHINERY CO. 66, Rua S. Pedro. Tel. 23-1985
IRMÃOS ARDENTE & C. 167-169, Sto. Cristo. Tel. 43-2396
IRMÃOS VICENTINI. 149, Rua Alfandega. Tel. 23-4278
ITE-INDUSTRIA THERMO-ELECTRICA LTDA. 102, Gen. Gurjão. Tel. 48-9825
JANOT FILHO BENEDICTO. 212, Avenida Republica Perú Tel. 42-4311
JORGENSEN H. 128, Aven. Rio Branco. Tel. 42-9354
JOSÉ PEDRO, ofic. mecan. 295, J. Carmo. Tel. 42-5532
JUNCKEN JUNIOR CARLOS, 86, Rua S. Pedro. Tel. 43-4271
K. SAS. 242, Rua São Pedro. Tel. 43-1571
KARL ORLANDO J. 5-A, P. Oliveira. Tel. 30-3403
KNEFELI, DEMEL & C. LTDA. 84-3.º, 1.º Março. Tel. 23-3753
KNOB■ICH RICARDO. 122, T. Otoni. Tel. 23-5179
KOENCKE WERNER. 145, T. Otoni. Tel. 43-2545
KOSINSKI JACOB. maq. tipogr. 45, Pedro I. Tel. 42-1676
LAUDAN AUGUSTO. 37, Rua M. Couto. Tel. 43-1676
LEAL L. F. escr. 113-B, Teofilo Otoni. Tel. 43-0108
LIMA J. S. 603, Rua Uranos. Tel. 30-3454
LINOTYPO DO BRASIL S. A. 19, Pharoux. Tel. 42-2024
LINOTYPO DO BRASIL S. A. depart. vendas. 19, Pharoux. Tel. 42-6361
LION & C. LTDA. filial. 41, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-3750
MAQUINAS DE ESCRITORIO LTDA. ofic. 65, Rua General Camara. Tel. 23-3343
MAQUINAS DE ESCRITORIO LTDA. escr. 65, Rua General Camara. Tel. 23-2692
MAQUINAS PARA ESCRITORIO MERCEDES DO BRASIL LTDA. 65, Rua da Quitanda. Tel. 43-0975
MAQUINAS IMPORTADORA LTDA. 104, Rua do Rosario. Tel. 43-7538
MAQUINAS LEMGRUBER. 195, Alfandega. Tel. 43-5364
MAGALHÃES EDGARD. 68, R. Andradas. Tel. 43-5342
MAGNONI & CIA. A. 153, Rua F. Eugenio. Tel. 48-9422
MAGNUS & C. LTDA. JAMES, sec. geral. 96, Rua S. Pedro. Tel. 43-0056
MAIA FRANCISCO S. maq. escrev. 162, Rosario. Tl. 43-6189
MALIK J. G. 96, Rua General Camara. Tel. 23-2274
MAQUINAS BRASILEIRAS LTDA. MABRAS. 371, Rua F. Eugenio. Tel. 48-9334
MAQUINAS BRASILEIRAS LTDA. MABRAS. 371, Rua F. Eugenio. Tel. 48-2129
MAQUINISTA A. 169, Rua São Pedro. Tel. 23-2569
MARIO BARBINI & C. LTDA. 878, R. Mons. Andrade. Tel. 2-9973 — S. Paulo.
MECANICA PAULISTA LTDA 193, Quitanda. Tel. 23-3363
MECANICO TECNICA LTDA. escr. 107, Rua da Alfandega. Tel. 43-9823
MEKANO DO BRASIL. 23, Av. T. Souza. Tel. 22-6822
MELO & CIA. HAMILTON. 14, Av. R. Branco. Tel. 43-9229
MENEZES J. REBOUÇAS. 12, Tv. Barbeiros. Tel. 23-3504
MERCEDES DO BRASIL LTDA. Maquinas para Escritorio. 65, Quitanda. Tel. 43-0975
MERGENTHALER LINOTYPE CO. escr. 19, Pharoux. Tel. 42-2317

MESBLA S. A. 48/56, Rosario. Tel. 22-7720
MOREIRA & C. LTDA. B. 294, C. Souza. Tel. 29-8981
MOREIRA & C. LTDA. B. 17, Conceição. Tel. 42-6761
MOREIRA & C. LTDA. B. 42, L. Camões. Tel. 22-9639
MOREIRA OSMAR SANTOS. 41, Assembléia. Tel. 22-6926
MOTORES MARELLI S. A. 91/93, Rua do Camerino. Tels. 43-9020 e 43-9021
MOURA J. 47, Rua da Quitanda. Tel. 43-8655
NEBIOLO S. A. 263, B. Aires. Tel. 43-6025
NOACK FRITZ. maq. malharia. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-6651
NUNES COIMBRA J. P. 419, Honorio. Tel. 29-5739
OFICINA BRASIL. 13, Rua dos Invalidos. Tel. 42-7502
OFICINA MECANICA MACRIUS DEUTZ DIESEL LTDA. Escritorio. 116, Rua da Alfandega. Tel. 23-1765
OLIVETTI DO BRASIL S. A. 17, B. Aires. Tel. 23-2207
OLYMPIA MAQUINAS DE ESCREVER LTDA. escr. 86, T. Otoni. Tel. 43-0866
OLYMPIA MAQUINAS DE ESCREVER LTDA. ofic. e dep. 21, Beneditinos. Tel. 43-6511
ORGANIZAÇÃO RUF LTDA. de Controle e Contab. Mecanizada. 155, Av. Nilo Peçanha. Tel. 42-0519
PAGLIARELLI A. VICENTE. 22, S. Pedro. Tel. 23-3374
PARSON CROSLAND & C. LTD. 62, Av. G. Aranha. Tel. 22-5155
PAULO RIBEIRO & C. 16, Rua Invalidos. Tel. 42-8654
PENTEADO S. A. B. 163, Rua Quitanda. Tel. 23-5350
PEREIRA ANTONIO NEVES. ofic. 97, 1.º Março. Tel. 43-3039
RAIMANN & C. LTDA. 30, Rua S. Pedro. Tel. 23-0079
REZENDE JOÃO PEREIRA. 24, S. Bento. Tel. 43-6670
REZENDE JOÃO PEREIRA. 226, Sto. Cristo. Tel. 43-5002
ROCHA MAXIMO PINTO SOUZA. 99, Regente Feijó. Tel. 43-9625
ROCHA PASSOS & C. 74/6, R. Acre. Tel. 23-5221
ROGER JOHN. maq. escrv. duplicadores e cofres. 59, Rua B. Aires. Tel. 23-3760
ROGERS SONS & CO. OF BRAZIL LTD. HENRY. 85, Visc. Inhauma. Tel. 23-0331
ROSALVO & RAMOS. maq. escrever. 77, Rua Assembléia. Tel. 22-7055
ROSENBAUM SIMON. 63, Rua M. Coelho. Tel. 42-1537
RUSSO RAFAEL. 339, Rua S. Pedro. Tel. 43-6275
SALICRUP & CIA. J. A. escr. 38, M. Couto. Tel. 23-5027
SANCHEZ GONGORA & CIA. LTDA. E. dep. 266, Equador. Tel. 43-1324
SANCHEZ GONGORA & CIA. LTDA. escr. 137, Aven. Rio Branco. Tel. 23-2478
SASS K. 242, Rua São Pedro. Tel. 43-1571
SCHUTTE & C. LTDA. ALFRED H. 85, S. Pedro. Tel. 23-5740
SEELIG & C. LTDA. EDUARD. 14, S. Pedro. Tel. 43-1176
SERVIÇOS HOLLERITH S. A. ofic. Hollerith. 28 Jaraguá. Tel. 28-9505
SERVIÇOS HOLLERITH S. A. almox. 28, Jaraguá. Tl. 28-8070

SERVIÇOS HOLLERITH S. A. ofic. Time Recorder, 28, Jaraguá. Tel. 28-9847
SERVIÇOS HOLLERITH S. A. impress. cartões, 28, Jaraguá. Tel. 28-9689
SERVIÇOS HOLLERITH S. A. assist. mecan. 43, Aven. Rio Branco. Tel. 43-6833
SERVIÇOS HOLLERITH S. A. assist. mecan. 43, Aven. Rio Branco. Tel. 23-3553
SIEVERS & C. ARTUR. 34-A, Tte. Possolo. Tel. 42-8344
SIMMIER & C. EUGENIO. 91, Av. R. Branco. Tel. 23-4873
SINGER SEWING MACHINE COMPANY. Maq. para coser. Escr. Central. 62, Av. Graça Aranha. Tel. 42-6000
SKODA BRASILEIRA S. A. 6, Rua 1.º Março. Tel. 43-3760
SMIL. Natale Perrotta E. A. 119, Lavradio. Tel. 42-5213
SOCIED. COMERCIAL AGRO PECUARIA LTDA. 82, Andradas. Tel. 23-1323
SOCIED. FORNECEDORA DE MAQUINAS LTDA. 17, Rua B. Aires. Tel. 23-2932
SOCIED IMPORTADORA SUISSA LTDA. escr. Rua S. Pedro. Tel. 23-2325
SOCIEDADE IND. MAQUINAS FEKIMA LTDA. 98, J. Palhares. Tel. 48-4161
SOCIED. DE INSTALLAÇÕES MECANICAS LTDA. 89, Rua Candelaria. Tel. 23-2792
SOCIED. LABOR DE MAQUINAS LTDA. 80, Candelaria. Tel. 43-8112
SOCIED MERC REGISTR HELIOS LTDA. 117, Aven. Rio Branco. Tel. 43-1110
SOCIED. MOTORES DEUTZ OTTO LEGITIMO LTDA. Escritorio, 116, Rua Alfandega. Tel. 23-1765; Deposito, 96, R. Pedro Alves, Tel. 43-6507
SOCIED. SUISSA LTDA. 14, Rua S. Pedro. Tel. 23-2325
SPALTRO ENRICO. 82, Frei Caneca. Tel. 22-1312
STILLER EUGEN. 99, Teofilo Otoni. Tel. 43-6190
STOLTZ & CIA. HERM. escr. 66/74, Avenida Rio Branco. Tel. 43-4820
STRIMAITIS STANISLAU. 134, Alfandega. Tel. 23-3420
STUMMEL J. 83, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-5283
SULZER FRERES S. A. 44, S. Pedro. Tel. 23-3116
TAVES & CIA. OSCAR. geral. 92, S. Pedro. Tel. 23-2035
TEODOR WILLE & C. LTDA. Casa Pfaff. 15, Dias da Cruz. Tel. 29-0758
TEODOR WILLE & C. LTDA. Casa Pfaff. 32, C. Agostinho. ☎ CAMPO GRANDE, 181.
THOMPSON A. ofic. 52, Visc. R. Branco. Tel. 22-6299
VALLE O. DA CUNHA. 47, Rua Quitanda. Tel. 23-3970
VAN ERVEN & C. 131, Teofilo Otoni. Tel. 43-5648
VASCONCELOS ANTONIO SALDANHA. escr. 37, Visc. de Inhauma. Tel. 43-3565
VIDAL SEGUNDO ANTONIO. 1, Moncorvo F.º Tel. 43-9252
VIEIRA LAFAYETE. maq. escrever. 24, Rua Beneditinos. Tel. 43-6363
VOIGT NOGUEIRA & C. 29-A, Marrecas. Tel. 42-8691
WATT GOURIAY. 145, Teofilo Otoni. Tel. 43-1372
WAYNE. — EQUIPAMENTOS WAYNE DO BRASIL S. A 21/23, Rua Marrecas. Tels.: 22-8031 e 22-8067
WERNECK & C. LTDA. Z. 27, Arcos. Tel. 22-4031
WERNECK& C. LTDA. Z. ofics. 13, D. Carvalho. Tel. 28-0348
WILLE & C. THEODOR. Casa Pfaff. 16, Carioca. Tel. 22-0136
WILLE & C. THEODOR. Casa Pfaff de Madureira. 284, C. Souza. Tel. 29-8217

MATERIAES PARA ESTRADAS DE FERRO

BOESCH J. G. 6, Rua 1.º Março. Tel. 23-4699
BRASUMIDO S. A. 74, Teofilo Otoni. Tel. 23-0881
COMP. EDIFICADORA. escr. 80, V. Inhauma. Tel. 23-3627
COMP. EDIFICADORA. ofic. 4, G. Gurjão. Tel. 28-0543
COMP. GERAL MATERIAL RODANTE S. A. escr. 100, B. Aires. Tel. 23-4038
COMP. GERAL MATERIAL RODANTE S. A. ofic. 394, J. Reis. Tel. 29-0238
COMP. MECH. E IMPORT. DE S. PAULO. 43, Av. G. Aranha. Tel. 42-8070
COMP. Sta. MATHILDE LTDA. escr. 100, B. Aires. Tel. 43-1971
COMP. SOROCABANA DE MATERIAL FERROVIARIO S. A. escr. 38, Rua Ramalho Ortigão. Tel. 22-4224
EMPR. COMERCIAL IMPORTADORA LTDA. 70, Araujo Porto Alegre. Tel. 42-9460
FIAT BRASILEIRA S. A. 20, Praça 15 Nov. Tel. 23-0896
FONSECA, ALMEIDA & CIA. LTDA. 112, Rua 1.º Março. Tel. 33-1760
HIME & CIA. 52, Teofilo Otoni. Tel. 23-1741
KOHAROVICH ALFREDO, eng. 85, S. José. Tel. 22-4223
MAQUINAS E FERROVIAS LTDA. 52, Av. Rio Branco. Tel. 43-8182
MAQUINAS X FERROVIAS LTDA. 52-7.º, S. 77, Av. Rio Branco. Tel. 43-8182
MAGNUS & C. LTDA. JAMES. 96, S. Pedro. Tel. 43-0096
NORTON MEGAW & C. LTDA. seç. geral. 6, Rua M. Veiga. Tel. 23-2928

O. CEDRO OLIVEIRA. 47-4.º, S. 8, Quitanda. Tel. 23-4618
PULLMAN STANDARD CAR EXPORT CORPORATION. 10, Praça 15 Nov. Tel. 23-5844
QULLMAN STANDARD CAR EXPORT CORP. fabr. vagões Estação H. Hermes. ☎ MAR. HERMES, 418.
RAILWAY EQUIPMENT CO. OF BRAZIL. 107/9, Av. R. Branco. Tel. 23-3334
SERVA RIBEIRO & C. LTDA. 279, Gambôa. Tel. 43-7853
SERVA RIBEIRO & C. LTDA. 137, T. Otoni. Tel. 43-7268
SERVA RIBEIRO & C. LTDA. 137, T. Otoni. Tel. 43-1952
SIMMIER X CIA. EUGENIO. 91, Av. R. Branco. Tel. 23-4873
SOCIEDADE TECNICA INDUSTRIAL LTDA. STIL. escr. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-8750
STOLTZ & CO., HERM. 66/74-2.º Av. R. Branco. Tel. 43-4820
THEODOR WILLE & C. LTDA 79/81, Avenida Rio Branco. Tel. 23-5946
VOIGT, NOGUEIRA & C. 29-A, Marrecas. Tel. 42-8691

METALURGIA

ALFA METALICA S. A. 151, Av. N. Peçanha. Tel. 22-5945
ALVES FRAGA & CIA. 87, Frei Caneca. Tel. 42-1844
B. CONTI, Fornos p/Fundição, 84-4.º, S. 403, R. Conç. Dias. Tel. 43-9492
BRANDÃO ALFREDO. 13, Relação. Tel. 22-8107
BRONZEIRO O. 99, M. Couto. Tel. 23-1573
BURREN & CIA. A. W. Meta-Meyer. Tel. 29-1915
CACCAVO ROMEU. 128, Assunção. Tel. 26-3808
CARDOSO & FOZ LTDA. 155, Senado. Tel. 42-3775
CARRARETTO ROBERTO. 278, G. Cadwell. Tel. 22-7520
CASIMIRO P. DA SILVA. Metallurgica Guanabara. 48, Pedro Alves. Tel. 43-6080
CELESTINO R. MOREIRA. 86, L. Guimarães. Tel. 38-0899
COELHO LUIZ ANTONIO. 250-A, F. Melo. Tel. 28-9894
COMP. BRAS. DE USINAS METALLURGICAS. 69, R. Visc. Inhauma. Tel. 23-4863
COMP. INDUSTRIAL ITAÚNA S. A. 62, Av. Graça Aranha. Tel. 22-8042

COMP. MINERAÇÃO METALLURGIA BRASIL COBRASIL escr. 7, Avenida Barão Teré. Tel. 43-0890
COMP. NACIONAL DE FERRO LIGAS. 98, Rua do Mexico. Tel. 42-6914
COMP. DE NICKEL DO BRASIL. 34-A, R. Rodrigo Silva. Tel. 22-2967
CONTI B. escr. 84, G. Dias. Tel. 43-9492 Tel. 28-6567
COSTA & BAYONA A. 363-B, F. Melo. Tel. 28-8155
COSTA & DUMONDIN. 239, Catete. Tel 25-4088
EBERLE & CIA. ABRAMO. escr. 66, Quitanda. Tel. 23-2409
ELECTROMETI S. A. 870, Rua Bela. Tel. 48-9389
FABRICA DE ARCHIVOS E MOVEIS DE AÇO LTDA. FAMA. 214, Barão Itapagipe. Tel 48-8246
FABRICA ARTEFACTOS METAL. 127, Rua N. Freitas. Tel. 43-1926
FABRICA DE ARTIGOS METALLURGICOS E ELECTROTHERMICOS FAET. 97, Barão Petropolis. Tel. 48-1986
FABRICAS DE ORNATOS DE MOVEIS. 104, General Pedra. Tel. 43-5153
FERREIRA ARMANDO PINTO. 96, S. Passos. 43-1119
FERROGALVANO LTDA. 11/3, P. Azevedo. Tel. 22-7245
FUNDIÇÃO AMERICANA. 149/55, G. Pedra. Tel 43-4782
FUNDIÇÃO SANTA MARTHA. 86, L. Guimarães. Tel. 38-0899
GEOMINA LTDA. escr. tec. 85, S. José. Tel. 42-4965
GUERRIERI & CIA. N. 75, Rua Visc. Itauna. Tel. 43-5710
GUERRIERI SILLA. 17, Invalidos. Tel. 22-6600
FERROGALVANO LTDA. 11/13, Pinto Azevedo. Tel. 22-7245
INDUSTRIAS SANTOS AZEVEDO LTDA. 6, Rua 1.º Março. Tel. 23-2616
INDUSTRIAS SUL AMERICANAS. 124 Rua Miguel Couto. Tel. 43-1915
I T E INDUSTRIA THERMO ELECTRICA LTDA. 100/2, G. Gurjão. Tel. 48-9825
JOSEPH RUDOLF. 52, Vieira Fazenda. Tel. 22-9365
KIKKER ERNESTO, ofic. 1047, B. Mesquita. 38-0704
LAMINAÇÃO FEDERAL DE METAES LTDA. 62, F. Almeida. Tel 28-9298
LEMGRUBER U. 96, Rua Jorge Rudge. Tel. 48-3051
LORENZETTI & CIA., Fabricantes. 111, Rua da Quitanda. Tel. 43-5229

MANUFATORA METAES LTDA. 36, Frei Caneca. Tel. 42-0758
MARQUES PEREIRA JOSÉ. 179, Livramento. Tel. 23-4402
MARVIN S. A. 207, Av. Democraticos. Tel. 30-3800

METALLURGICA CANAVERDE 117, Cajueiros. Tel. 43-5695
METALLURGICA ELECTRICA. 140, B. S. Felix. Tel. 43-8273
METALLURGICA GUANABARA 48, P. Alves. Tel. 43-6080
METALLURGICA MAR. 55, Frei Caneca. Tel. 22-0574
METALLURGICA MAUA LTDA. 191, Olga. Tel. 30-3472
METALLURGICA NACIONAL. 190, T. Otoni. Tel. 43-1640
METALLURGICA SAGRES. 75, Panamá. Tel. 30-3574
METALLURGICA SILVESTRE. Fabrica. 115, Rua Adriano. Tel. 29-2295; Mostruario vendas. 283, Rua Gen. Camara. Tel. 23-3461
METALUURGICA SUBURBANA. 3036-A, Avenida Suburbana. Tel. 29-9154
METALLURGICA JUPITER. 84, Frei Caneca. Tel. 22-9561
METALLURGICA MERCURIO. 49, G. Ledo. Tel. 43-0770
METALLURGICA SÃO JOSÉ. 835-A, Uranos. Tel. 30-3312
METALLURGICA SUEMA. 381-A, Rua Barão Bom Retiro. Tel. 38-1666
METALLURGICA UNIÃO. 74, Riachuelo. Tel. 22-7217
MONIZ & C. LTDA. 149/55, General Pedra. Tel. 43-4782
NEVES LEMOS & CIA. 18, São Luiz Gonzaga. Tel. 28-4524
NOLDING FRANCISCO. 505, B. Bom Retiro. Tel. 38-6020
"OFARME LTDA." 19/21, Trav. Natividade. Tel. 22-8220
OFICINA ARTEFATOS METALICOS LTDA. 19, Trav. Natividade. Tel. 22-8220
OFICINA RUDOLFO. 52, Vieira Fazenda. Tel. 22-9365
PORTUGAL J. G. 336, Rua Frei Caneca. Tel. 22-0764
ROITMAN & GOFFMAN. 67, G. Caldwell. Tel. 43-1082
ROTH & IRMÃO LEOPOLDO. 126, E. Veiga. Tel. 22-6726
SOUZA JOAQUIM CORRÊA. 69, Cajueiros. Tel. 43-2010
STERN H. 18, Rua Gen. Pedro. Tel. 23-2483
TATTER & CIA. BERNARD. 127, N. Freitas. Tel. 43-1926
TEIXEIRA ALBERTO. 158, Senado. Tel. 22-5450
TEIXEIRA & CIA. A. J. escr. 266, B. Aires. Tel. 43-0695
TEIXEIRA & CIA. A. J. armz. 264/6, B. Aires. Tel. 43-0635

VENTIN S. 172, Rua Senhor Passos. Tel. 23-6275
WOLFFMETAL LTDA. escr. 23, Trav. Ouvidor. Tel. 23-5085

MOINHOS

BAHIA S. A. 106/10, Quitanda. Tel. 23-2130
INDUSTR. MOINHOS ALIANÇA. 85, Rua Visc. Pirassinunga. Tel. 42-8899
LORENA. 84, Humboldt. Tel. 30-3461
MATARAZO INDUSTRIAS REUNIDAS F. S/A. Escr. 63-67, Av. R. Branco. Tel. 23-1596
MINETTI & C. LTDA. DO BRASIL, dep. 827, Av. Rodrigues Alves. Tel. 43-1538
MINETTI & CIA. LTDA. DO BRASIL. 20, Rua Beneditinos. Tel. 23-2387
PARANAENSE LTDA. 106/10, Quitanda. Tel. 23-2130
MOINHO FLUMINENSE. 45, R. Gen. Camara. Tels.: 23-1520 escr. geral; 43-0053 fabrica.
MOINHO DE BARRA MANSA. A melhor farinha "CATITA". 68-1.º, Rua do Ouvidor. Tels.: 23-4470 e 23-3590
MOINHO INGLEZ. Escr. geral 108/10-1.º, Rua da Quitanda. Tel. 23-2130
PAULISTA LTDA. 106/10, Rua Quitanda. Tel. 23-2130
PAULO RIBEIRO & CIA. Moinhos para Café, Torradores de Café, Engenhos de Cana, Maquina Eletrica para pilar e moer café. 16, Rua Invalidos. Tel. 42-8654

MUSICA

A GUITARRA DE PRATA. 37, Carioca. Tel. 22-5721

A MELODIA. 85, Rua Gonçalves Dias. Tel. 43-9900
AO PINGUIM. 121, Ouvidor. Tel. 42-0155
CASA ARTUR NAPOLEÃO. 122, Av. R. Branco. Tel. 22-8549
CASA DA MUSICA. 82-B, Rua S. Campos. Tel. 26-8780
CASA UNICA. 23, Regente Feijó. Tel. 42-9361
CAVAQUINHO DE OURO AO. 137, Uruguaiana. Tel. 23-5203
CENTRO MUSICAL RIO JANEIRO. 35, Quitanda. Tel. 23-0823
CONSERVATORIO MUSCIA DISTRITO FEDERAL. 117, Av. Rio Branco. Tel. 23-4860
EDITORA MUSICAL BRASILEIRA. 30, Rua M. Veiga. Tel. 43-9716
GESENGVERIEN LYRA. 385, Itapiré. Tel. 28-6883
GOLÇALVES JOÃO OCTAVIANO. 29, M. Santos. Tel. 23-1788
IRMÃOS VITALE. 145, Av. Rio Branco. Tel. 43-7730
MARGHIONE VICENTE S. 160, Ouvidor. Tel. 42-5933
ORFEÃO PORTUGUÊS. 59, Andradas. Tel. 43-3270
ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA S. A. 90, 90, Av. Rio Branco. Tel. 22-5969
SAMPAIO ARAUJO & C. 122, Av. R. Branco. Tel. 22-8549
WEHRS & CIA. CARLOS. 47, Carioca. Tel. 22-4313
WEHRS & CIA. CARLOS. 153, Ouvidor. Tel. 22-9335

MUSICA (Casa de Instrumentos)

A GUITARRA DE PRATA. 37, Carioca. Tel. 22-5721
ALMEIDA & C. 27, Av. Marechal Floriano. Tel. 23-5201
ALMEIDA & C. fabr. 135, Visc. Gavea. Tel. 43-5589
ALMEIDA & MARQUES. 39, Rua Pedro I. Tel. 22-0815
ALMEIDA & MARQUES. 107, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8094
BANDOLIM DE OURO. 50-A, Av. M. Floriano. Tel. 43-4371
BEMER GUILH. 212, R. S. Francisco. Tel. 38-1975
CASA ARTUR NAPOLEÃO. 122, Av. Rio Branco. Tel. 22-8549
CASA CARLOS GOMES. 153, R. Ouvidor. Tel. 22-9335
CASA DOS MUSICOS. 87, Luiz Camões. Tel. 43-5561
CAVAQUINHO DE OURO AO 137, Uruguaiana. Tel. 23-5203
CLARIM DA INDEPENDENCIA 102, Estrada Marechal Rangel. Tel. 29-8094
CLARIM UNIVERSAL. 27, Av. M. Floriano. Tel. 23-5201
DEVESA JOSÉ LUIZ. 166, Av. Mem Sá. Tel. 22-9122
GUITARRA DE PRATA A. 37, Carioca. Tel. 22-5721
MARANO & LO TURCO. 10, R. Visc. Maranguape. Tel. 22-4778
MONTEIRO EUGENIO. 210, Uruguaiana. Tel. 43-0725
SAMPAIO ARAUJO & C. 122, Av. R. Branco. Tel. 22-8549
WEHRS & C. CARLOS. 47, Rua Carioca. Tel. 22-4315

OTICA

A OTICA. 41-A, Rua Buenos Aires. Tel. 23-3151
AHRENS. 82, Rua Buenos Aires. Tel. 23-2662
ALEMÃ. 113, Av. R. Branco. Tel. 23-3158
AMERICANA. 113, Aven. Rio Branco. Tel. 23-3158
ARGENTO EMILIO F. 6, Aven. G. Freire. Tel. 22-8240
ZAUSCH & LOMB DO BRASIL LTD. 104, Rua da Assembléia. Tel. 42-8160
BRASIL. 88, Rua da Assembléia. Tel. 22-3783
CASA EUTERPE. 88, Av. Rio Branco. Tel. 23-5202
CASA IDEAL. 55, Rua 7 de Setembro. Tel. 23-1572
CASA ITALO BRASIL. 210, Rua Buenos Aires. Tel. 43-2315
CASA MADUREIRA. 125, Rua 7 Setembro. Tel. 22-5906
CASA VITAL. 61, Rua Carioca. Tel. 42-7286
CERQUEIRA H. 62, Rua São Pedro. Tel. 23-5000
COSTA & THESSEN. 41-A, Rua Buenos Aires. Tel. 23-3151
CUNHA OLIVEIRA & CIA. J. 137, Av. R. Branco. Tl. 23-0555
FRUSSA NEUMANN & C. 133, Rosario. Tel. 23-5644
GABRIEL & CIA. Casa Italo Brasil. 210, Rua Buenos Aires. Tel. 43-2315
GABRIEL OSCAR. 210, Buenos Aires. Tel. 43-7737
GUIMARÃES J. 51, Rua Assembléia. Tel. 22-8166
HERMAN JOSIAS & CIA. 139, Rua Rosario. Tel. 43-5470
INGLEZA. 60, Av. Rio Branco. Tel. 43-5224
INST. OPTICO RO&Y. 945-E, Av. Copacabana. Tel. 27-9688
KELLER & CIA. W. 67, Gonçalves Dias. Tel. 42-8847
KURT WINKELSTEIN. 81-1.°, Quitanda. Tel. 23-0887
LUTZ FERRANDO & C. LTDA. casa matriz. 88, Rua Ouvidor. Tel. 43-2955
LUTZ FERRANDO & C. LTDA. suc. 142, Aven. Rio Branco. Tel. 42-3348
LUTZ FERRANDO & C. LTDA. suc. 4-A, Rua Gonçalves Dias. Tel. 22-1293
LUTZ. 173, Aven. Rio Branco. Tel. 22-0429
MAURICIO & CITRO. 173, Av. Rio Branco. Tel. 22-0429
NACIONAL. 29, Rua 7 Setem. Tel. 23-4799
NITSCHE GUENTHER BUSCH DO BRASIL LTDA. 122, Av. Rio Branco. Tel. 22-4222
NOVA. 15, Rua Miguel Couto. Tel. 23-0106
ÓTICA CRUZEIRO. 12-D, B. Silva. Tel. 42-3465
ÓTICA CRYSTAL. 22, Rua Uruguaiana. Tel. 42-8909
ÓTICA FINA. 137, Aven. Rio Branco. Tel. 23-0555
ÓTICA FRANCEZA. 23, Assembléia. Tel. 42-6883
ÓTICA PORTO ALEGRE LTDA. 70-A, Araujo Porto Alegre. Tel. 22-7334
ÓTICA SANTA LUZIA. 182, B. Aires. Tel. 23-0693
PASTOR MONTROZE. 12-D, B. Silva. Tel. 42-3465
PINCE-NEZ DE OURO. 23, Rua Carioca. Tel. 22-4690
PINHO J. 104, Rua da Assembléia. Tel. 42-8160
RODRIGUES ARTUR JACINTO. 47, Rua 7 Setem. Tel. 23-4437

STANTO ANTONIO. 208, Buenos Aires. Tel. 43-1610
SOCIED. BRAZ. ÓTICA LTDA. 92, Av. Passos. Tel. 43-5673
ZEISS CARL. 21, Beneditinos. Tel. 43-2975

PAPEL EM GERAL

A & SOUZA. 207, S. Passos. Tel. 43-7253
A VIEIRA DE MATOS. papel higienico. 23, Gne. Camara. Tel. 23-1400
A. VIEIRA DA MOTA. 268, Rua Buenos Aires. Tel. 43-6698
ALVARO COSTA FERNANDES & CIA. VIUVA. 70, R. Feijó. Tels.: 43-6687 e 43-1343
AZEVEDO M. M. 168, Camerino. Tel. 43-3724
BARROS & CRUZ M. 37, Vieira Fazenda. Tel. 42-4962
BREMENSIS SOCIEDADE TECNICA LTDA. 15/25, Tenente Pssolo. Tel. 22-5150
CASA FRANCA GOMES, LTDA. 34, M. Veiga. Tel. 43-2308
CASA ORTHOFRAN LTDA. 174, Av. Mem Sá. Tel. 22-0216
CERBELLA HUMBERTO. 34, Av. Suburbana. Tel. 28-3616
COMP. COM. CONSTR. S/A. dep. 73, Paraíba. Tel. 28-9312
COMP. FABRICA PAPEL ITAJAHY. 74, Rua da Candelaria. Tel. 23-5031
COMP. IMPORT. SUECA LTDA. 52, Av. R. Branco. Tel. 22-0632
COMP. INDUSTRIAL PIRAHY. escrit. 102, Rua Miguel Couto. Tel. 23-1353
COMP. MELHORAMENTOS S. PAULO WEISZFLOG IRMÃOS INCORPORADOS. dep. 18/26. Trav. Paço. Tel. 42-3650; Loja e escrit 9, G. Dias. Tl. 22-4090
COMP. NACIONAL DE PAPEL S. A. 140, Rua Souza Barros. Tels.. 29-0760 e 29-0566
COMP. PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRAFICAS. 33, R. Pedro I. Tels.: 22-7673/4/5
CORRÊA M. 88, Teofilo Otoni. Tel. 43-5107
DUQUESNOIS LUCIEN. 115, M. Couto. Tel. 43-9332
EMPREZA QUEIROZ. 128, Rua S. Pedro. Tel. 23-5037
FABRICA DE TOALHAS DE PAPEL. 214/6, Sen. Euzebio. Tel. 43-4556
FABR. DE PAPEL N. S. APARECIDA S. A. 87, Uruguaiana. Tel. 43-2754
FABR. DE PAPEL TIJUCA S/A. 998, Estr. 3 Rios. ® JACAREPAGUÁ, 632
FABR. DE PAPEL TIJUCA S/A. 28, Lavradio. Tels.: 22-4902 e 42-4454
FERNANDES & LEMOS A. 51, G. Ledo. Tel. 23-1246
FERREIRA MANOEL. 80, Rua Assunção. Tel. 26-2738
FLOGNY ROBERT. 15, Senado. Tel. 22-6296
GETTE E. 68, Bento Ribeiro. Tel. 43-3442
GOMES F. 78, R. Misericordia. Tel. 42-4529
GUERRA & CIA. ROGERIO. 64 T. Otoni. Tel. 23-2804
HEITOR RIBEIRO & CIA. 90, Quitanda. Tel. 23-0901
JANER & CIA. T. escr. 17, Beneditinos. Tel. 23-2064
JOHNSSON & CIA. F. 118, G. Camara. Tel. 23-0607
KLABIN IRMÃOS & C. fabrica papel e azulejos; seç. vendas. 4, B. Aires. Tel. 23-3916; escr. 4, B. Aires. Tel. 23-4786; diret. 4, B. Aires. Tel. 43-7334
LANZELOTTA MAGDALENA ROSA. 246, Rua da Alegria. Tel. 28-6925
LEÃO ANDRADE & C. dep. 335, G. Bastos. Tel. 48-4454
LEE CHARLES E. 129, Teofilo Otoni. Tel. 43-8524
LEOPOLDO MACHADO & CIA. LTDA. 92, Rua Teofilo Otoni. Tel. 43-0544
LLOPART J. A. 68, Lavradio. Tel. 22-1158
LO RE & C. LTDA. 19, Candelaria. Tel. 43-8477
MACHADO & C. LTDA. LEOPOLDO. 92, Teofilo Otoni. Tels.: 43-9628 e 43-0544
MARCO LUIS. 118-C, Senador Dantas. Tel. 42-9111
MARTIN & CIA. RUD. 108, Rua Alfandega. Tel. 43-4547
MARTINS & CIA. OTAVIO. 81, M. Couto. Tel. 23-4367
MENDES JUNIOR & C. LTDA. 91, M. Couto. Tel. 43-3117
MOÇO NELSON. 25, Ruo do Ouvidor. Tel. 43-4120
MOTA A. VIEIRA. papeis velhos. 85, P. Alves. Tel. 43-3460
PEREIRA & CIA. ANTHERO. 187, Alfandega. Tel. 43-6306
PINTO & GOMES F. dep. 122, Andradas. Tel. 43-1116
REIS JORGE. dep. 229, Visc. Itauna. Tel. 43-9530
RESENDE & CIA. M. H. 66, R. Visc. Itauna. Tel. 43-3404
ROCHA & LUIZ. dep. 57, Rua Camerino. Tel. 43-9000
RODRIGUES ALINELSON LOPES. 142, Rua dos Invalidos. Tel. 42-5182
ROGERIO GUERRA & C. 64, T. Otoni. Tel. 23-2804
ROTATIVA LTDA. escr. 17, R. 1.º Março. Tel. 42-2456
RUDGE OSCAR. papelaria. 94, Quitanda. Tels.: 23-2619/5521
SANTOS ANTONIO. 78, Rua M. Olinda. Tel. 26-7717
SANTOS & CIA. DAVID. 15, D. Costa. Tel. 43-2268
SILVA EUGENIO RAMOS. 89, Misericordia. Tel. 42-9322; 373, J. Palhares. Tel. 48-0686; 3, Sen. Pompeu. Tel. 43-8260
SOCIED. ART. HYGIENICOS ONIBLA LTDA. 216, Sen. Euzebio. Tel. 43-4556
SOUZA PINTO J. 94, Julio do Carmo. Tel. 43-2115
TORRACA S. M. 50, Tenente Costa. Tel. 29-0851
VIEIRA DA MOTA A. 268, Rua B. Aires. Tel. 43-6698
WEGENAST & ALMEIDA, repres. 26, S. Pedro. Tel. 23-5605
WIGGINS TEAPE & ALEX PIRIE (Export.) LTD. 113-115 S/4, T. Otoni. Tel. 43-8477
WILHELM A&EL, 243, Senado. Tel. 22-3962

PAPEL E PAPELÃO

ALVARO COSTA FERNANDES & CIA. VIUVA. 70, R. Feijó. Tels.: 43-6687 e 43-1343
ARAUJO A. DA SILVA. fabr. 675, Estr. Furnas. Tel. 38-0495
ARAUJO A. DA SILVA. 33, Av. Passos. Tel. 22-3398
MAUM JULUS. escr. 81, Miguel Couto. Tel. 23-4787
CASA MUNDIAL. 273, Buenos Aires. Tel. 43-1512
COMP. IND. PAP. E CARTONAGEM. fabr. 781, Estr. Furnas. Tel. 38-0283
COMP. INDUSTRIAL PIRAHY. 102, M. Couto. Tel. 23-4835
COMP. INDUSTRIAS BRASILEIRAS PORTELLA. 41, Rua B. Aires. Tel. 43-9493

PINTO & GOMES F. dep. 122, Andradas. Tel. 43-1116
REIS JORGE. dep. 229, Visc. Itauna. Tel. 43-9530
RESENDE & CIA. M. H. 66, R. Visc. Itauna. Tel. 43-3404
ROCHA & LUIZ. dep. 57, Rua Camerino. Tel. 43-9000
RODRIGUES ALINELSON LOPES. 142, Rua dos Invalidos. Tel. 42-5182
ROGERIO GUERRA & C. 64, T. Otoni. Tel. 23-2804
ROTATIVA LTDA. escr. 17, R. 1.º Março. Tel. 43-2456
RUDGE OSCAR. papelaria. 94, Quitanda. Tels.: 23-2619/5321
SANTOS ANTONIO. 78, Rua M. Olinda. Tel. 26-7717
SANTOS & CIA. DAVID. 15, D. Costa. Tel. 43-2268
SILVA EUGENIO RAMOS. 89, Misericordia. Tel. 42-9322; 375, J. Palhares. Tel. 48-0686; 1, Sen. Pompeu. Tel. 43-8260
SOCIED. ART. HYGIENICOS ONIBLA LTDA. 216, Sen. Euzebio. Tel. 43-4556
SOUZA PINTO J. 94, Julio do Carmo. Tel. 43-2115
TORRACA S. M. 56, Tenente Costa. Tel. 29-0851
VIEIRA DA MOTA A. 268, Rua B. Aires. Tel. 43-6698
WEGENAST & ALMEIDA. representantes. 26, S. Pedro. Tel. 23-5695
WIGGINS TEAPE & ALEX PIRIE (Export.) LTD. 113-1.º, S/4, T. Otoni. Tel. 43-8477
WILHELM A&EL. 243, Senado. Tel. 22-3962

PAPEL E PAPELÃO

ALVARO COSTA FERNANDES & CIA. VIUVA. 70, R. Feijó. Tels.: 43-6687 e 43-1343
ARAUJO A. DA SILVA. fabr. 675, Estr. Furnas. Tel. 38-0495
ARAUJO A. DA SILVA. 33, Av. Passos. Tel. 22-3398
MAUM JULUS. escr. 81, Miguel Couto. Tel. 23-4787
CASA MUNDIAL. 273, Buenos Aires. Tel. 43-1512
COMP. IND. PAP. E CARTONAGEM. fabr. 781, Estr. Furnas. Tel. 38-0283
COMP. INDUSTRIAL PIRAHY. 102, M. Couto. Tel. 23-4835
COMP. INDUSTRIAS BRASILEIRAS PORTELLA. 41, Rua B. Aires. Tel. 43-9493

COMP. PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRAFICAS. 33/7, Rua Pedro I. Tel. 22-7675
COMP. PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRAFICAS. dep. 138/40, Aven. Gomes Freire. Tel. 22-6411
COMP. PRODUTOS LEX S. A. 39, Visc. Itaborai. Tel. 43-3482
COSTA & ADELINO. 286, Buenos Aires. Tel. 43-5671
EMPREZA QUEIROZ. 128, Rua S. Pedro. Tel. 23-5037
FABRICA DE PAPELÃO SÃO GERALDO LTDA. — Fabrica: 1111 Caminho da Itaóca. Tel. 30-3959 (Inhauma); Escritorio: 49-1.º, B. Aires. Tel. 23-5029
FABR. DE PAPEL TIJUCA S/A. escr. 98, Rua Lavradio. Tels.: 42-4454 e 22-4902
FERNANDES D'OLIVEIRA J. 28, Sen. Pompeu. Tel. 43-6496
HEITOR RIBEIRO & C. 90, Rua Quitanda. Tel. 23-0910
INDUSTRIA DE PAPEL E PAPELÃO REX LTDA. fabr. 24, Estr. Guaratiba. Tel. Jacarepaguá, 98; escr. 71, Ouvidor. Tel. 23-2566
JANER & CIA. T. escrit. 17, Beneditinos. Tel. 23-2064
LEÃO ANDRADE & C. 157, Rua Santana. Tel. 43-6255; 91, Alfandega. Tel. 23-4291
LINO RODRIGUES & C. 169, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-4609
MAGDALENA & C. 78, Lavradio. Tel. 22-4025; 46, N. Prado. Tel. 28-2804
MAROTTE OTTO. 61, Lavradio. Tel. 22-2923
PEREIRA SOUZA MOACYR. 212/4, B. Aires. Tel. 43-3201
QUEIROZ & CIA. C. F. 122, R. S. Pedro. Tel. 23-0134
REIMER & CIA. THEODORO. 29, Beco Ferreiros. Tel. 42-2698
RENTE M. RIBEIRO. 37, Misericordia. Tel. 42-1837
RIBEIRO PARADA & C. LTDA. 133, Lavradio. Tel. 22-1259
RODRIGUES & CIA. LINO. 169, Teofilo Otoni. Tel. 23-4609
RUDGE RAUL R. 361, Av. A. Club. Tel. 29-3432
RUDGE RAUL R. dep. 73, Lavradio. Tel. 22-6208
SOCIED. ANONYMA FABRICA PAPEL SANTA MARIA. 64, Gen. Camara. Tel. 43-5223
TANNURI & CIA. 42, B. Uruguaiana. Tel. 29-0512
VIEIRA M. A. 152, Senhor dos Passos. Tel. 43-6565

PAPEL P/ IMPRESSÃO

ALVARO COSTA FERNANDES & CIA. VIUVA. 70, Regente Feijó. Tels.: 43-1343 e 43-6687
ATILA MARTINS & C. 136, Rua S. Pedro. Tel. 23-1449
BREMENSIS SOCIEDADE TECNICA LTDA. 15/25, Tenente Possolo. Tel. 22-5150

RUGGE B. escr. 17, Rua Beneditinos. Tel. 23-2064
C. F. QUEIROZ & C. 128, Rua S. Pedro. Tel. 23-5037
COMP. FINLANDEZA S. A. Escr. 19, Visc. Inhauma. Tel. 23-4569. Gerencia 109, Visc. Inhauma. Tel. 21-2885
COMP. MELHORAMENTOS SÃO PAULO. 9, Rua Gonç. Dias. Tel. 22-4090
EMPREZA QUEIROZ. 128, Rua S. Pedro. Tel. 23-5038
GUERRA & CIA. ROGERIO. 64, Teofilo Otoni. Tel. 23-2804
HEITOR RIBEIRO & C. 90, Rua Quitanda. Tel. 23-0910
HERM STOLTZ & C. 66/74, Av. Rio Branco. Tel. 43-4820
JANER & CIA. T. escr. 17, Rua Beneditinos. Tel. 23-2064
NEBIOLO S. A. 263, Rua Buenos Aires. Tel. 43-6025
RUDGE OSCAR. escr. 16, Silva Jardim. Tel. 42-1051; armzs. 16, Rua Silva Jardim. Tels.: 22-2860 e 22-0777

PAPELARIAS

A CANETA CARIOCA. 111, Av. Rio Branco. Tel. 23-1443
A. COUTINHO & C. 158, Rua Alfandega. Tel. 43-6588
A FUTURISTA. 17, Praça Saens Peña. Tel. 48-0095
ALEXANDRE RIBEIRO & C. LTDA. Ger. e escr. 164, Rua Ouvidor. Tel. 22-3904
ALVARO P. SILVA. Papelaria Cruzeiro. 159, Buenos Aires. Tel. 43-3545
AMARAL A. R. 36, Rua Visc. Inhauma. Tel. 23-5414
AMERICANA. 102, Aven. Mem Sá. Tel. 22-8249
ANDREWS & CIA. L. F. 109, Av. Rio Branco. Tel. 23-5607
ANTHERO PEREIRA & CIA. Ruas 57-C, Conceição; 190, Alfandega. Tel. 43-6306
AVENIDA RIO BRANCO. 62, Candelaria. Tel. 23-2164
AVILA AUGUSTO OLIVEIRA. 192, S. Pedro. Tel. 43-6024
AVILA T. M. 2, Leandro Martins. Tel. 43-1607
AZEVEDO & C. LTDA. AGENOR 198, Rua da Quitanda. Tel. 43-3051
BARROSO. 111, Uruguaiana. Tel. 23-0284
BASILIO PAULO. 128, Costa. Tel. 23-1183
BAZAR ENIGMA. 247-B, Rua B. Torre. Tel. 47-3201
BAZAR FERNANDES. 236-A, Volunt. Patria. Tel. 26-6946
BAZAR LEBLON. 22-C, Visc. Pirajá. Tel. 27-1193
BAZAR DA MUDA. 11, Garibaldi. Tel. 38-2916
BOTELHO. 65, Rua do Ouvidor. Tel. 23-4745
BRAGA & MALVAR. 62, Candelaria. Tel. 23-3164

BRAZIL. loja escr. central, 89, Quitanda. Tel. 43-6545
BRAZIL. dep. 189, Rua Buenos Aires. Tel. 43-6966
BRITO A. M. 71, Rua do Carmo. Tel. 43-9959
CAMPOS & CIA. OLYMPIO. 139, Quitanda. Tel. 23-1279
CANCELA. 33, Rua S. L. Gonzaga. Tel. 48-5740
CARDOSO GUIMARÃES LAURENTINO. 244-A, R. Volunt. Patria. Tel. 26-2944
CARLIZZI MARIO. 21, L. Leal. Tel. 25-0289
CARUSO FRANCISCO. 56, A. P. Alegre. Tel. 42-8775
CASA ALMEIDA MARQUES LTDA. 56, Rua da Quitanda. Tel. 23-0917
CASA BRUNO. 34-B, Largo da Lapa. Tel. 22-4487
CASA CAVALIER ANTIGA. 84, S. José. Tel. 22-5245
CASA CRUZ. 26, Ramalho Ortigão. seç. vidros. Tel. 23-3014 seç. papel. Tel. 22-1553
CASA GLORIA. 439,-A, Barão Bom Retiro. Tel. 38-6235
CASA MARZULLO. 75, Miguel Couto. Tel. 43-2563
CASA MATOS. filial. 210-A, M. e Barros. Tel. 28-0722
CASA MINERVA. 57, Rua 7 de Setembro Tel. 23-4464
CASA NOEL. 701-B/711, J. Palhares. Tel. 28-5121
CASA NUNES THOMAZ. 10, Rua Frei Caneca. Tel. 22-3861
CASA PAULISTA. 59, Visc. de Itauna. Tel. 43-5385
CASA RIBEIRO. papel e armz. 11, Carioca. Tel. 22-5830
CASA SANTA MARIA. 30, Barão B. Retiro. Tel. 29-4570
CASA S. JORGE. 60, Catumbi. Tel. 22-0496
CASA SELLOS. 154, Rosario. Tel. 23-0677
CASA SILVA. 328, Rua Catete. Tel. 25-0345
CASA UMANY. 182-A, Rua Visconde Pirajá. Tel. 27-3665
CASA VAZ. 32, Rua Mercado. Tel. 43-5306
CENTRAL. 1337, Rua 24 Maio. Tel. 29-1316
COMMRCIAL. 54, Rua Buenos Aires. Tel. 23-2455
COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO. 9, Gonçalves Dias. Tel. 22-4090
COSTA BASTOS. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 22-8540
COSTA BASTOS. Ed. Rex - S. 810. Tel. 22-8540
COSTA FERNANDES & CIA. ALVARO VIUVA. 70, Regente Feijó. Tel. 43-1343
COSTA JAWME F. 182, Rua S. Pedro. Tel. 43-3216
COUTINHO & CIA. A. 158, Rua Alfandega. Tel. 43-6588
COVAL LUIZ NUNES. 26, Rua Andradas. Tel. 23-3828
CRUZEIRO. 159, Rua Buenos Aires. Tel. 43-3545
DEORA. 45-2.º, Buenos Aires. Tel. 43-1013

DEL CIELLO CLEMENTINO. 124, T. Otoni. Tel. 43-2599
DIAS A. FERNANDES. 12, Trav. Oliveira. Tel. 43-1916
EDITORIAL GRAFICA ORION LTDA. 19, Rua da Assembléia. Tel. 42-1074
EMPR. GRAFICA POTIGUAR LTDA. 390-B, Figueira Melo. Tel. 28-9116
EMPR. QUEIROZ. 128, Rua S. Pedro. Tel. 23-5037
FABER & C. LTDA. A. LOBBE. fabr. lapis. 169, Rua do Ouvidor. Tel. 42-9746
FABR. PENAS AÇO BRASIL LTDA. 410, Rua Pereira Nunes. Tel. 48-2682
FEDERAL. 371, Rua Marquez Sapucaí. Tel. 42-8521
FERNANDES WALTER & CIA. 96, M. Couto. Tel. 43-2399
FERNANDES WALTER & CIA. 131, Ouvidor. Tel. 22-4512
FERREIRA DE MATOS & CIA. pap. e livr. 210-A, R. Mariz e Barros. Tel. 48-9228
FONSECA. 412, Rua das Laranjeiras. Tel. 25-3067
GALERIA COPACABANA. 616, Av. Copacabana. Tel. 27-2346
GALERIA ESTRELA. 95, Passagem. Tel. 26-0784
GALERIA IMPERIAL. art. escolares. 9, Av. 28 Setembro. Tel. 48-4365
GALERIA IPANEMA. 608-B, R. Visc. Pirajá. Tel. 27-2885
GALERIA MODERNA A. 244-A, Volunt. Patria. Tel. 26-2944
GALERIA OCEANICA. 38-A, S. Campos. Tel. 27-5573
GALERIA SANTA TEREZINHA. 108-A, Rua Mariz e Barros. Tel. 48-8829
GALERIA SÃO SEBASTIÃO. 109, A. Quintela. Tel. 26-7822
GLOBO. 142, Rua do Rosario. Tel. 23-1387
GRAFICO RIO ARTE. 22, Rua M. Veiga. Tel. 23-3990
GUIMARÃES JOÃO LEITE. 54, Praça Republica. Tel. 22-7470
GUTEMBERG. 24/6, G. Ledo. Tel. 22-4677
HEITOR RIBEIRO & C. escr. 90, Quitanda. Tel. 23-5446
HEITOR RIBEIRO & CIA. seç. atacado. 72/6, Leandro Martins. Tel. 43-1157
HEITOR RIBEIRO & C. seç. varejo. 90, Quitanda. Tel. 23-0910
INDEPENDENCIA A. 447, N. Gouveia. Tel. 29-8787
IRMÃOS DI GIORGIO & C. 114, Lavradio. Tel. 22-5383
IRMÃOS SPINA. dep. 113, Gen. Camara. Tel. 23-0646
J. C. MIRANDA & CIA. LTDA. 87/9, Praça Floriano. Tel. 22-5527
J. G. PEREIRA & C. (Papelaria Brasil). 89, R. da Quitanda. Tels.: 42-1769 e 43-6545
J. TEIXEIRA DE CARVALHO & C. LTDA. 26/8, Rua Ramalho Ortigão. Tel. 22-3014
LEAL F. 26, Rua da Quitanda. Tel. 22-4364
LEITE JULIO FERREIRA. pautador. 22, Rua Mayrink Veiga. Tel. 23-3777
LITO TIPO GUANABARA LTDA 82, S. José. Tel. 22-7071
LITO TIPO GUANABARA LTDA 41, Constituição. Tel. 23-1025
LUCENA S/A. J. 22 22, Mayrink Veiga. Tel. 23-3990
MAGALHÃES & C. LTDA. J. M. 238, Frei Caneca. Tel. 22-6098
MAIA & CIA. A. D. 100, Rua Lavradio. Tel. 22-3836
MARINHO & RAMOS. 99, Buenos Aires. Tel. 23-4948
MARIO. 34, Rua Luiz Camões. Tel. 42-1825
MARTINS GOMES & CIA. 47, Quitanda. Tel. 23-5366
MASCOTTE LTDA. 165, Ouvidor. Tel. 23-9049
MEIRA & C. LTDA. HAROLDO. 35, Chile. Tel. 22-8233
MIRANDA & CIA. LTDA. J. C. 87, Prç. Floriano. Tel. 22-5527
MODELO. 165, Rua da Quitanda. Tel. 23-0362
MODERNA. 169, Buenos Aires. Tel. 43-0168
MOUTINHO & CIA. D. F. 57, Rua 7 Setem. Tel. 23-4464
MUNIZ & CIA. I. 48, Moncorvo Filho. Tel. 43-3474
NASCIMENTO. 287/9, Gen. Camara. Tel. 43-2241
NATAL. 96, Rua Buenos Aires. Tel. 43-1198
NATHAN PAUL. escr. 33/7, A. Alvim. Tel. 42-6784
NEUFELD A. 124, Alfandega. Tel. 23-6239
NOBRE SAMPAIO. 21, Av. M. Floriano. Tel. 43-1290
OLIVEIRA & C. LTDA. F. F. 131, M. Couto. Tel. 23-3996
OLIVEIRA & VILLARES LTDA. 217, Rua 7 Set. Tel. 22-5643
OUVIDOR. 131, Rua do Ouvidor. Tel. 22-4512
PAPELARIA AGENOR. 198, R. Quitanda. Tel. 43-3051
PAPELARIA ALIANÇA. 108, B. Aires. Tels. 23-0017 e 43-7337
PAPELARIA GUARANY. 232, B. Aires. Tel. 43-6175
PAPELARIA MODELO. 165, R. da Quitanda. Tels. 23-0362 e 43-7480
PAPELARIA NUNES 61, Rua Quitanda. Tel. 23-5265
PAPELARIA E TIPOGRAFIA CABRAL. 114-A, Av. Salvador Sá. Tel. 22-3648
PAPELARIA E TIPOGRAFIA A. QUEIROZ PEREIRA. 62, Teofilo Otoni. Tel. 23-4958
PAPELARIA E TIPOGRAFIA ARAUJO. 7-A, Barão S. Felix. Tel. 43-2027
PAPELARIA E TIPOGRAFIA CARMO. 51, Rua do Carmo. Tel. 23-1358
PAPELARIA E TIPOGRAFIA FORTES. 125, Gen. Camara. Tel. 23-4774
PAPELARIA E TIPOGRAFIA GONÇALVES. 696, R. Jardim Botanico. Tel. 26-6255
PASSOS. escr. e ofic. 8-A, Rua dos Arcos. Tel. 42-9094
PAUL NATHAN. Edif. Rex. 8.º and. Sala, 820. Tel. 42-6784
PAULA GALATI & CIA. LTDA. 124, Alfandega. Tel. 23-1146
PEREIRA & CARVALHO JOSÉ. 232, B. Aires. Tel. 43-6175
PEREZ MANOEL. 481-A, São Cristovão. Tel. 28-2309
PIQUET VENINA. 139, Rua do Ouvidor. Tel. 42-4684
PROGRESSO. 159-A, Aves. M. Floriano. Tel. 43-1508
QUEIROS. 50, Rua da Quitanda. Tel. 23-5168
QUEIROZ & CIA. C. F. 128, R. S. Pedro. Tel. 23-5038
ROGERIO GUERRA & CIA. 64, Teofilo Otoni. Tel. 23-2804
RELEVO AMERICANO. 22, R. Carmo. Tel. 42-6780
RIBEIRO. ger. escr. 164, Rua Ouvidor. Tel. 22-3904
RIBEIRO. varejo. 164, Rua do Ouvidor. Tel. 22-9214
RIBEIRO. atacado e ofic. 106, Livramento. Tel. 43-5307
RIO BRANCO. 42, Rua S. José. Tel. 42-0436
ROCHA A. SETIMO. 182-A, R. Visc. Pirajá. Tel. 27-3665
ROYAL. 261, Rua da Quitanda. Tel. 23-1256
RUDGE OSCAR. papelaria e tipografia. 247, Rua S. Pedro. Tel. 43-0746
RUDGE OSCAR. dep. 17, Silva Jardim. Tel. 42-6360
RUDGE OSCAR. dep. 256, Rua S. Pedro. Tel. 43-7078
RUDGE OSCAR. dep. 264, Rua S. Pedro. Tel. 43-7940
SALGADO J. T. 101, Rua Visc. Inhauma. Tel. 43-3292
S. JOSÉ. 67, Rua S. José. Tel. 22-3050
S. RAFAEL. 287, Rua General Camara. Tel. 43-2241
SELOS HOISTEIN. 154, Rua do Rosario. Tel. 23-0677
SILVA FERREIRA FILHO & CIA. 109, Rua General Camara. Tel. 43-6552
SOBRAL SOUZA & CIA. 60, R. Ouvidor. Tel. 23-4418

STIDA CURT. fabr. 394, Viuva Claudio. Tel. 29-5123
PAPELARIA SANTA CECILIA. E. B. Pereira. 145, Rua da Conceição. Tel. 43-0515
TEIXEIRA FONSECA & CIA. 61, Quitanda. Tel. 23-5265
TINOCO. 161, Rua da Quitanda. Tels.: 23-0809 e 23-0805
TIPOGRAFIA RENASCENÇA, filial 255, Rua General Camara. Tel. 43-5719
TUPY. 185, Avenida Tomé de Souza. Tel. 23-2712
TIPOGRAFIA MERCANTIL. 47, Quitanda. Tel. 23-2463
UNIÃO. geral. 77, Rua do Ouvidor. Tel. 23-2160
VALE JOSÉ. 301, Rua Buenos Aires. Tel. 43-5281
VAZ JOAQUIM. 185, R. Teofilo Otoni. Tel. 43-4606
VELHO HENRIQUE. 15, Aven. M. Floriano. Tel. 43-1190
VILAS BÔAS & C. vend. atacado. 31 S. Jardim. Tel. 22-4857

PREPARADOS QUIMICOS E FARMACEUTICOS

A. BARROSO DE MELO. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 42-1587
ABBOTT LABORATORIOS DO BRASIL S. A. 207, Rua Sen. Vergueiro. Tel. 25-5569
AGUIAR MOREIRA C. dr. escr. 102, P. Gabizo. Tel. 28-7947
ALLIANÇA COMMERCIAL DE ANILINAS LTDA. escr. 81, Av. A. Barroso. Tel. 42-4070
AUBRY & CIA. LTDA. J. laborat. 568, Rua Prudente Morais. Tel. 27-4531
BALDASSARRI & IRMÃOS PEDRO, filial. 80-A, Conceição. Tel. 43-7628
BARBOSA NETO & CIA. M. seç. propag. Squibb. 95, P. Almeida. Tel. 48-0690
BARROSO & WALTER LTDA. Produtos Farmaceuticos. 171, T. Otoni. Tel. 23-0037
BASTOS & CIA. MAIA. 110, Rua 1.º Março. Tel. 43-4055
BASTOS & CIA. MAIA. 379, Rua Gen. Pedra. Tel. 43-3103
BIEKARCK & CIA. C. 28, Rua S. Pedro. Tel. 23-2062
BILLA RENE. 298, Av. Mem de Sá. Tel. 22-1783
BINELLI & CIA. RENATO. 62, Misericordia. Tel. 42-3675
BIOSINTETICA LTDA. 21, Gen. Camara. Tel. 43-9161
BLEM & C. LTDA. Dr. 64, Rua Araujo Porto Alegre. Tels., 23-2761 e 22-2866
BLUMENHAGEM F. 5, Largo Carioca. Tel. 22-6793
BRAGA MARIO ANDRADE. 43, C. Vasques. Tel. 42-0876
CARPINETTI H. C. 171, Rua S. F. Xavier. Tel. 28-6032
CARVALHO & C. LTDA. O. S. 37, M. Pena. Tel. 28-9859
CASA HERZEG. 209, Rua Gen. Camara. Tel. 43-4270
CASA HILPERT S. A. 100, Gen. Gurjão. Tel. 28-1004
CASA LUIK. 89, Teofilo Otoni. Tel. 23-6158
CAVALCANTI & C. LTDA. G. 66, Carmo. Tel. 43-8514
CHIMICA BAYER LTDA. A. 42, D. Geraldo. Tel. 23-2090
CHIMICA PHARMACEUTICA PAULISTA LTDA. 17-A, Moncorvo Filho. Tel. 43-7649
CHIMIOTHERAPIA BRASILEIRA LTDA. 142, Rua Misericordia. Tel. 42-2087
CHIORBOLI MAURELIO. 23, Carmo. Tel. 42-2072
CHRISTOPH COMPANY PAUL J. Depart. de drogas Encarregado geral. 149, Sacadura Cabral. Tel. 43-5207
COELHO JUNIOR JOSÉ. 280, S. Pedro. Tel. 43-5280
COMP. ABBADE MOSS LTDA. 152, B. Aires. Tel. 23-4035
COMP. DE ANILINAS E PRODUTOS QUIMICOS DO BRASIL. 100/2-1.º, Rua Alfandega. Tel. 23-1640
COMP. QUIMICA "MERCK" BRASIL S. A. 155, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-2096
COMP. QUIMICA RHODIA BRASILEIRA S. A. escr. 100, B. Aires. Tel. 43-0835
COMP. QUIMICA RHODIA BRASILEIRA S. A. dep. 102, Rua P. Alves. Tel. 235347
COMP. INDUSTRIAL DELFOS 322, R. Santos. Tel. 42-5530
COMP. MATA CUPIM S. A. escr. e vendas. 6, Rua 1.º Março Tel. 43-1863
COMP. PROD. QUIM. IND. M. HAMERS S. A. 16, Navarro. Tel. 42-2783
COMP. PROD. QUIM. IND. M. HAMERS S.A. 70, Rua A. P. Alegre. Tel. 42-6694
COMP. PROD. QUIM. IND. M. HAMERS S. A. 19, Travessa B. Barros. Tel. 42-1911
COMP. DE PROD. FARM. S. A. 47, C. Carvalho. Tel. 22-5754
CRUCIANI FRANCISCO. 26, R. V. Maranguape. Tel. 42-4511
DE WITT & C. LTDA. E. C. 410, Riachuelo. Tel. 42-7387
DEIRO OSCAR. 163, Rua Quitanda. Tel. 33-6219
DINACO AGENCIA LTDA. Tels.: 43-1856 e 43-0733
DINIZ & CHAVES. 94, R. Gen. Camara. Tel. 43-5475
DUPRAT & CIA. 106, Rua V. Silva. Tel. 26-2433
E. WOLFF. 290, Gen. Camara. Tel. 43-7915
ELEKEIROZ S/A. Repr. Emilio Polito & Cia. Ltda. 60, Rua Gen. Camara. Tel. 23-5324
EMPR. REPRES. CASTELLAR. 85, Quitanda. Tel. 43-1003
ESTABELEC. QUIM. IND. RAPALLO. 31, Rua V. Bueno. Tel. 28-5722
FABR. BELEM. saponeceos. 12, M. Alegre. Tel. 42-6782
FARMACO LTDA. escr. 22, S. Bento. Tel. 23-2610
FARMOQUIMICA LTDA. 88, Ferreira Martins. Tel. 26-5037
FONSECA ALCEU NUNES. 41, Alfandega. Tel. 43-2659
FONTOURA & SERPE. 147, Alfandega. Tel. 43-3394
FOSTER MC CLELAN & CIA. 440, F. Melo. Tel. 28-0176
GARCIA MANOEL LUIZ. 107, D. Maria. Tel. 48-2565
GLAUDE CAMILO. drogas. 250, Gen. Camara Tel 43-1810
GUIDI BUFFARINI A. 55, Sen. Dantas. Tel. 22-0315
HEPATINA N. S. DA PENHA. 74, S. Salvador. Tel. 25-5027
HERZOG & CIA. B. 209, Gen. Camara. Tels. 43-4270 43-1386
IND. BRASILEIRA PRODUTOS QUIMICOS LTDA. Sucessora: Instituto Ciência Aplicada. 27-3.º S/305, Miguel Couto. Tel. 43-7448
INDUSTRIAS QUIMICAS BRASILEIRAS DUPERIAL S. A. escr. 43, Av. Graça Aranha. Tel. 22-2010
INDUSTRIAS QUIMICAS BRASILEIRAS DUPERIAL S. A. Fabrica de silicato de sódio. 62, F. Almeida. Tel. 28-0889
INDUSTRIAS QUIMICAS BRASILEIRAS DUPERIAL S. A. dep. 165, Avenida Venezuela. Tel. 43-5055
INDUSTRIAS QUIMICAS TONKIL LTDA. 223, America. Tel. 23-0907
INDUSTRIAS REUNIDAS CREOL LTDA. 17-A, L. Vasconcelos. Tel. 29-5067
INSTITUTO CIENCIA APLICADA LTAD. 27-A, M. Couto. Tel. 43-7448
INSTITUTO CIENTIFICO CHARITAS LTDA. 101, Av. Barão Tefé. Tel. 43-6898
INSTITUTO CIENTIFICO PAN AMERICANO. 37, M. Pena. Tel. 28-9859
INSTITUTO PINHEIROS LTDA. filial. 118-G, R. Sen. Dantas. Tel. 22-9194
INSTITUTO SCIENTIFICO BRASILEIRO LTDA. 203, D. Mariana. Tel. 26-9480
INSTITUTO SCIENTIFICO SÃO JORGE S. A. 41, Sen. Dantas. els.: 42-5854 e 22-1605
INSTITUTO THERAPEUTICO SCIL LTDA. 286, S. Pedro. Tel. 43-1342
INSTITUTOS THERAUPETICOS REUNIDOS LABOFARMA. esc. e vendas. 115, Gen. Camara. Tels.: 23-0344 e 43-1977

IODOBISMAN. 158, Rua do Rosario. Tel. 23-4818
JACONIANNI VICENTE. 38-A, Praça 15 Nov. Tel. 23-4796
KEETMAN & CIA. W. 105, Rua Sac. Cabral. Tel. 43-8174
KERN & C. LTDA. CARLOS. 144, Alfandega. Tel. 43-0306
KNOLL PROPAGANDA. 27, A. Alvim. Tel. 42-2016
KURTZ WILHEIM. escr. 44, T. Otoni. Tel. 23-4695
LABORAT. ALMALA. 104-A, E. Dentro. Tel. 29-2447
LABORAT. BELLETTI. 15, Rua Ceará. Tel. 48-4404
LABORAT. BOUSKELA. 17, Angelico. Tel. 29-3165
LABORAT. CARIOCA. 103, Av. R. Branco. Tel. 43-0416
LABORAT. CONTRATOSSE LTDA. 139, Rua G. Sampaio. Tel. 27-7055
LABORAT CRUZ VERDE LTDA 153, Rosario. Tel. 43-5424
LABORAT. HELIOS LTDA. 72, Conceição. Tel. 43-1935
LABORAT. IMEX LTDA. 109, S. Cabral. Tel. 43-4389
LABORAT. ISA. 27-A, Miguel Couto. Tel. 43-7448
LABORAT. JACCOUD LTDA. 448, B. Itapagipe. Tel. 28-8703
LABORAT. NESKER LTDA. 9, Travessa D. Marciana. Tel. 26-8630
LABORAT. NOVUTOX LTDA. 14-A, P. America. Tel. 25-6755
LABORAT. PAULISTA DE BIOLOGIA S. A. espec. farm. 176, Gen. Camara. Tel. 43-1183
LABORAT. PICARELLI. 60, Estrada Marechal Rangel. Tel. 29-8362
LABORAT. SALANTALE. 91 Av. R. Branco. Tel. 43-4396
LABORAT. SANORIS LTDA. 92, Lavradio. Tel. 42-0660
LABORAT. SINTETICO S. A. 102, P. Gabizo. Tel. 28-7947
LABORAT. TERAPEUTICA E BIOLOGIA. 12, Av. E. Braga. Tel. 22-1427
LABORAT. TORRES. 163, Quitanda. Tel. 23-0923
LABORAT. VITE& LTDA. 858, Petropolis. Tel. 48-5780
LABORATS. E TOSSE & C. 5, Largo Carioca. Tel. 22-6793
LABORATORIOS LYSOFORM. S. A. 121, S. Pedro. Tel. 23-0286
LABORATORIOS FARM. EVAL. LTDA. 5, S. José. Tel. 42-2402
LABORATORIOS RAUL LEITE escr. 42, Praça 15 Novembro. Tel. 23-1710
LABORATORIOS RAUL LEITE lab. 44, L. Bastos. Tel. 38-6767
LABORATORIOS SPALT LTDA. 17/21, R. A. Guanabara. Tels. 22-1686 e 42-5536
LACERDA & C. LTDA. F. 26, Quitanda. Tel. 42-5790
LANMAN & KEMP, BARCLAY & CO. OF BRAZIL. 347, L. Cardoso. Tel. 48-8388
LIB, S/A. 71, Rua do Rezende. Tel. 42-5722
LOHMANN & CIA. 51, Rua M. Couto. Tel. 23-2515
LOPEZ & CIA. ANCONA. 101, Rua 1.º Março. Tel. 23-3168
MAGNUS & C. LTDA. JAMES. sec. tecnica, 96, Rua S. Pedro. Tel. 43-1913
MAIA DE ALMEIDA & CIA. LTDA. 104-A, Eng. Dentro. Tel. 29-2447
MANGUAL & C. LTDA. S. V. 55, P. Fernandes. Tel. 26-5953
MATOS & CIA. B. 66, Rua S. José. Tel. 22-8066
MELO A. BARROSO. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 42-1587
MENDES PEREIRA & C. LTDA. 17, Rua 1.º Março. Tel. 43-9116
MESSINA & FALCIOLA LTDA. escr. 33/7, Rua Alvaro Alvim. Tel. 42-7709
MIGLIACCIO A. 189, Rua 7 Setembro. Tel. 22-8009
MILLET & J. ROUX H. 298, Av. Mem Sá. Tel. 22-6730
MINETTI & C. LTDA. DO BRASIL. gerencia. 20, Rua Beneditinos. Tel. 23-4667
MINETTI & C. LTDA. DO BRASIL. departamento Itaibras. 27-A. Beneditinos. Tel. 23-6124
MOLINARI & CIA. HANS. escr. 75-A, L. Camões. Tel. 42-2312
NOTHERAPIA CIENTIFICA LIMITADA. 146, Uruguaiana. Tel. 23-0995
NOVOTHERAPIA ITALO BRASILEIRA. 139, Buenos Aires. Tel. 23-5719
PACHECO JACQUES. 23, Rua S. Pedro. Tel. 23-3157
PARAMES & IRMÃO ESPANA. escr. 181, Rua da Alfandega. Tel. 43-2417
PARKE DAVIS & CIA. laborat. escr. 99/103, Marquez S. Vicente. Tel. 27-0090
PENICK & CO., S. B. NOVA YORK. 21, Ubaldino Amaral. Tel. 42-0467
PIAM FARMACEUTICA E COMERCIAL DO BRASIL LTDA ger. 15, Ouvidor. Tel. 43-4262
PICARELLI FRANCISCO. 60, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8362
PICOLLO & CIA. L. 26, Sen. Dantas. Tel. 22-6203
PIERE & C. LTDA. F. ger. 227, Sá Freire. Tel. 28-9362
PIERRE & C. LTDA. F. secção 227, Sá Freire. Tel. 28-4380
PINTO F. A. 139, Rua Buenos Aires. Tel. 23-5719
PINTO M. 101, Rua 1.º Março. Tel. 23-3168
PIO MIRANDA & C. LTDA. 155, Rua Rosario. Tel. 23-4818
POLINDUSTRIA S. A. 199, Rua Quitanda. Tel. 23-1664
PRODUTOS QUIMICOS CIBA S. A. contab. 130, Camerino. Tel. 23-3186
PRODUTOS QUIMICOS CIBA S. A. laborat. 81, R. Teofilo Otoni. Tel. 43-4029
PRODUTOS QUIMICOS CIBA S. A. propag. 130, Camerino. Tel. 23-2866
PRODUTOS EVANS LTDA. 76, L. Martins. Tel. 43-4824
PRODUTOS PICOT. 55, Rua P. Fernandes. Tel. 26-5953
PRODUTOS ROCHE S. A. propag e contab. 101, Rua Evaristo Veiga. Tel. 22-1590
PRODUTOS FARMACEUTICOS ASTRA DO BRASIL LTDA. 2, Praça G. Vargas. Tel. Tel. 22-8078
PRODUTOS VETERINARIOS MANGUINHOS LTDA. Escritorio, 33, Uruguaiana. Tel. 42-7216; Laboratorio, 26, S. Ramos. Tel. 28-9966
RAACHE C. H. 49, Av. Graça Aranha. Tel. 42-5498
REIS A. 168, Rua Gen. Camara. Tel. 43-5478
RENOVA LTDA. 140, Rua 7 Setembro. Tel. 42-7126
REQUIÃO & CIA. laborat. 37-A, Rua Coqueiros. Tel. 22-4626
RESENDE & CIA. M. H. 66, Visc. Inhauma. Tel. 43-3404
RIBEIRO GONÇALVES & PITALUGA. 244, Voluntarios da Patria. Tel. 26-2621
RIEDEL E. DE HAEN & CIA. LTDA. J. D. 24, Trav. Santa Rita. Tel. 43-0830

os Franco-Brasileiros Docta
LIMITADA.
LIDADES FARMACEUTICAS
s P. Astier, Longuet, Bruneau,
rieux, Robin, de Paris. —
WELL, 452 — Tel.: 38-7485

PENICK & CO., S. B. NOVA YORK, 21, Ubaldino Amaral. Tel. 42-0467
PIAM FARMACEUTICA E COMERCIAL DO BRASIL LTDA. ger. 15, Ouvidor. Tel. 43-4262
PICARELLI FRANCISCO. 60, Estr. M. Rangel. Tel. 29-8362
PICOLLO & CIA. L. 26, Sen. Dantas. Tel. 22-6203
PIERE & C. LTDA. F. ger. 227, Sá Freire. Tel. 28-9362
PIERRE & C. LTDA. F. seção 227, Sá Freire. Tel. 28-4350
PINTO F. A. 139, Rua Buenos Aires. Tel. 23-5719
PINTO M. 101, Rua 1.º Março. Tel. 23-3168
PIO MIRANDA & C. LTDA. 158, Rua Rosario. Tel. 23-4818
POLINDUSTRIA S. A. 199, Rua Quitanda. Tel. 23-1664
PRODUTOS QUIMICOS CIBA S. A. contab. 130, Camerino. Tel. 23-3186
PRODUTOS QUIMICOS CIBA S. A. laborat. 81, R. Teofilo Otoni. Tel. 43-4029
PRODUTOS QUIMICOS CIBA S. A. propag. 130, Camerino. Tel. 23-2866
PRODUTOS EVANS LTDA. 78, L. Martins. Tel. 43-4824
PRODUTOS PICOT. 55, Rua P. Fernandes. Tel. 26-5953
PRODUTOS ROCHE S. A. propag e contab. 101, Rua Evaristo Veiga. Tel. 22-1590
PRODUTOS FARMACEUTICOS ASTRA DO BRASIL LTDA. 2, Praça G. Vargas. Tel. Tel. 22-8078
PRODUTOS VETERINARIOS MANGUINHOS LTDA. Escritorio. 32, Uruguaiana. Tel. 42-7216; Laboratorio. 20, S. Ramos. Tel. 28-9966
RAACHE C. H. 40, Av. Graça Aranha. Tel. 42-5498
REIS A. 168, Rua Gen. Camara. Tel. 43-5478
RENOVA LTDA. 140, Rua 7 Setembro. Tel. 42-7126
REQUIÃO & CIA. laborat. 37-A, Rua Coqueiros. Tel. 22-4626
RESENDE & CIA. M. H. 66, Visc. Inhauma. Tel. 43-3404
RIBEIRO GONÇALVES & PITALUGA. 244, Voluntarios da Patria. Tel. 26-2621
RIEDEL E. DE HAEN & CIA. LTDA. J. D. 24, Trav. Santa Rita. Tel. 43-0830

RRE & CIA. LTDA.
TOS FARMACEUTICOS
PO COMAR — Paris —
TORIOS REUNIDOS LTDA.
cio, 489 — Fone: 28-9380
legr.: "PIERREF" — RIO —

DROGARIA SUL AMERICANA
SILVA GOMES & CIA.
Importação e Exportação
Matriz: L. S. FRANCISCO, 42
Filial: Andradas, 21 e Conceição, 22
Telefone: 42-4055
Rêde interna ligando dependencias
Sócios: Walfrido Martins Tinoco da Silva Gomes e Gabriel Guimarães Menezes.
FUNDADA EM 1835

RIEDMILLER & CIA. 80, Candelaria. Tel. 43-6965
RONDINELLA A. 175, Buenos Aires. Tel. 43-0724
SANTOS AFONSO OSVALDO. 141, R. 1.º Março. Tel. 43-9044
SANTOS CARLOS A. 210, Lavradio. Tel. 22-7948
SANTOS CRUZ & RODRIGUES LTDA. 60, A. Brandão. Tel. 28-8025
SCHERING SOCIEDADE ANONYMA. 43, Rua M. e Silva. Tel. 28-7137
SCHILLING HILLIER & CIA. LTDA. Escr. e Depart. Quimico, 44, Teofilo Otoni. Tel. 23-5894; Laborat. 435-c.3. Rua Bela. Tel. 28-6125; Dapart. Quimico, 44, Teofilo Otoni. Tel. 23-4695; Dep. 60, Pedro Alves. Tel. 43-5639
SCOTT & BOWNE INC. OF BRAZIL. seç. vendas. 52, G. Bruce. Tels. 28-5411 e 28-7634
SILVA ARAUJO S. A. CARLOS DA. Dep. 100/100-A, Rua Gen. Camara. Tel. 23-4205
SILVEIRA & MAGALHAES LTDA. 42, Machado Coelho. Tel. 22-8061
SOCIED. ANON. CH. C. RICHARDSON. prod. farm. de Glaxo Lab. Ltd. 201, Aven. Mem Sá. Tel. 42-4622
SOCIED. ANONYMA SCHERING 43, M. e Silva. Tel. 28-7137
SOCIED. ASCLEPIAS LTDA. 164, S. Pedro. Tel. 43-1286
SOCIED. ENILA LTDA. 174, G. Camara. Tel. 23-1697
SOCIED. FORNECEDORA MATERIAS PRIMAS PARA INDUSTRIAS LTDA. 23, Rua S. Pedro. Tel. 23-2975
SOCIED. IND. FARMACEUTICA LTDA. 21, Ubadino Amaral. Tel. 42-0467
SOCIED. IND. PRIMA LTDA. escr. armz. 114, Rua Alfandega. Tel. 23-5437; seç. propaganda, 114, Rua Alfandega. Tel. 23-5236
SOCIED. IND. PRODUT. QUIMICOS. fabr. 113, Aquidabã. Tel. 29-1759
SOCIED. PASTA ROSA LTDA. 296, G. Bastos. Tel. 48-2148
SOCIED. PHARMC. COSMETICA LTDA. 59, R. Miguel Couto. Tel. 23-5376
SOCIED. PROFAR. LTDA. 11, S. Bento. Tel. 43-0284
SOMAPI LTDA. 23, Rua São Pedro. Tel. 23-2975
SONNTAG ERNST. 21, Rua Beneditinos. Tel. 23-4420
SYDNEY ROSS CO. INC. THE. escr. 104, Rua Assembléia. Tel. 22-1940
SYDNEY ROSS CO. INC. THE fabr. 153, Rua Gen. Argolo. Tel. 28-7073
TINOCO JOSÉ ALVES. 94, R. Des. Isidro. Tel. 48-4793
VALLADARES FERNANDES & C. LTDA. 28, Largo da Lapa. Tel. 22-3121
VIEIRA SOBRINHO E. escr. 16, S. Passos. Tel. 23-3569
VIEIRA VELLON & C. LTDA. 152, B. Aires. Tel. 23-4935
VILELA MAURICIO. 90, Rua S. Pedro. Tel. 43-6825
VITAL BRASIL. 66, Rua Carmo. Tel. 23-4020
WARNER INTERNATIONAL CORP. 31, Rua Pará. Tel. 28-7020
WILLIAMS MEDICINE CO, DR. 141, Andradas. Tel. 43-6837
WOLIT E. 290, Gen. Camara. Tel. 43-7915
ZAPPAROLI & SERENA LTDA. 164, S. Pedro. Tel. 43-1286

RELOJOEIROS

CABRAL SOUSA VENTURA J. 26, Andradas. Tel. 43-2327
CASA MASSON. 91 R. Ouvidor. Tel. 23-4656
CASA RAUL. 62, Rua Lapa. Tel. 22-6036

SEYS & CIA. LTDA.
Produtos Farmaceuticos — Perfumarias
RUA CONDE DE BOMFIM, 524
Caixa Postal 3741 — Fone: 28-9283
RIO DE JANEIRO

CENTRO RELOJOARIA SUISSA LTDA. 169, Rua do Ouvidor. Tel. 22-6036
CENTRO DE RELOJOARIA SUISSA LTDA. Distrib. relog. "Movado". 169-1.º, S/107, Ouvidor. Tel. 42-4208
CHRONOMETRO FEDERAL. 48, S. Pedro. Tel. 23-2526
CHRONOMETRO LEVIS. 80, B. Aires. Tel. 23-5450
FERREIRA TITO FRANCISCO. 54, Uruguaiana. Tel. 22-7038
KIVETEVITS SAMUEL. 55, S. Campos. Tel. 27-6459
LENGACHER. 81, R. Quitanda Tel. 23-0539
LEVIS IRMÃOS & CIA. 80, B. Aires. Tel. 23-5450
MANCEBO & CATASIS. 28, R. Conceição. Tel. 42-8436
MAPPIN & WEBB. 100, Ouvidor. Tel. 23-3438
MARQUES ALFREDO. 38, Praça O. Bilac. Tel. 43-5237
MEISTER & C. 172-A, Av. Rio Branco. Tel. 42-1067
OLIVEIRA ANTONIO. 42-A, R. Passagem. Tel. 26-8113
PATEK, PHILIPPE & C.º, represent. Casa Masson. 91, R. Ouvidor. Tel. 23-4656
PENDULA PARIS. 182, Santana. Tel. 42-7474
PERRET & CIA. JACQUES. 100, B. Aires. Tel. 23-3494
RELOJOARIA CERTEZA. 121, Uruguaiana. Tel. 43-4056
RELOJOARIA ESPERANÇA. 104, Nicarágua. Tel. 30-1692
RELOJOARIA EXATA. 33, Rua 7 Setem. Tel. 43-1301
RELOJOARIA HILDA. 248, S. Cristovão. Tel. 48-1249
RELOJOARIA RAUL. 62, Rua Lapa. Tel. 22-6036
ROCHA BARBOSA HILDEBRANDO. 169, Rua do Ouvidor. Tel. 42-6589
TEIXEIRA SANTOS & CIA. 81, Quitanda. Tel. 23-0539

REPRESENTAÇÕES

ADONIAS ARAUJO J. 58, Candelaria. Tel. 23-3736
AGOSTINHO & C. LTDA. M. 36, T. Otoni. Tel. 23-3707

FRANCISCO GIFFONI & CIA.
FARMACIA E DROGARIA GIFFONI
Rua 1.º de Março, 17 — Tel. 23-4920
C. Postal 845 - End. Telegr.: "Giffoni-Rio"
LABORATORIO FRANCISCO GIFFONI
Rua Morais e Silva, 29 — RIO

LABORATORIOS PRIMA
(SOCIEDADE INDUSTRIAL PRIMA LTDA.)
Sucessores de R. AUBERTEL & CIA. LTDA.
Especialidades Farmaceuticas e Perfumarias
— RUA DA ALFANDEGA, 114 —
— Telefones: 23-5437. Prop.: 23-5236 —
Caixa Postal 1344 — End. Telegr.: "PRIMA"

AGUIAR & CIA. JACINTO. 6, Rua 1.° Março. Tel. 23-6186
ALBERTO COSTA & C. 103, R. 1.° Março. Tel. 23-1500
ALMEIDA H. 68, Rua Alfandega. Tel. 23-2386
ALMEIDA J. C. 82, G. Dias. Tel. 23-5669
ALONSO J. L. 19, Candelaria. Tel. 43-1586
ALVES DA CUNHA A. 8, Rua 1.° Março. Tel. 23-0560
ALVES FILHO & C. 66, Rua 2 Dezem. Tel. 25-6830
AMERICAN STEEL EXPORT CO. INC. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 22-1742
AMES CHARLTON. 104, Assembléia. Tel. 42-5683
AMORIM NEWTON. 149, Quitanda. Tel. 43-7928
ANDRADE ACACIO PEREIRA. 247, Alfandega. Tel. 43-9443
ANDRADE AMERICO. 137, Alfandega. Tel. 43-8618
AQUINO JUNIOR ANTONIO. 3, Av. M. Floriano. Tel. 43-3151
ARAUJO CARLOS. 267, Gen. Camara. Tel. 23-4808
ARAUJO GETULIO S. 315, S. Pedro. Tel. 43-5179
ARAUJO NICOMEDES. 163, R. Quitanda. Tel. 43-8310
ARAUJO PONS & CIA. LTDA. 16, Beneditinos. Tel. 23-4644
ARKIND ADOLFO. 7, Praça Mauá. Tel. 43-3708
ARMANDO C. BRAGA. 69, R. Ouvidor. Tel. 43-5154
ARMANDO & MARTINS. 157, B. Aires. Tel. 43-8213
AVELINO R. DOS SANTOS & C. 60, A. Brandão. Tel. 23-9224
AZAMBUJA ANTONIO A. represent. de Knowles & Foster. 129, Rosario. Tel. 23-4091
AZAMBUJA & FORTES. 29, Tv. Sta. Rita. Tel. 23-3282
AZEVEDO J. R. 104, Rua Alfandega. Tel. 23-2992
AZEVEDO & C. LTDA. M. L. 29, Av. R. Branco. Tel. 42-0565
AZEVEDO & CIA. MOACYR. 23, Ouvidor. Tel. 43-3293
B. A. C. LTDA. 18, Av. Epitacio Pessoa. Tel. 47-2202
B. SIMÕES & C. LTDA. 114, B. Aires. Tel. 43-8140
BABOOCK WILCOX DO BRASIL S. A. 10, Praça 15 Nov. Tel. 23-1692
BATISTA MANOEL M. 1, Av. M. Floriano. Tel. 43-1658
BARBEDO & C. 9, Aven. Rio Branco. Tel. 43-8690
BARBOSA NETO & CIA. M. 90-A, P. Almeida. Tel. 28-0821
BARBOSA OTO FIGUEIREDO. 8, R. Silva. Tel. 42-9415
BARCELOS & CIA. HERMANO. 99, R. 1.° Março. Tel. 23-5359
BARCELOS & C. LTDA. 13-A, Barão S. Felix. Tel. 43-4493
vidor. Tel. 22-1614
BARRETO WALDEMAR. 28, M. Veiga. Tel. 23-1296
BARRETT JAMES. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 22-1007
BARROS ANTONIO. 20, Rua 20 Abril. Tel. 22-2906
BARROS & BAERLEIN. 90, Mexico. Tel. 42-9145
BASSAN HECTOR. 52, Av. R. Branco. Tel. 23-2897
BAUER CARLOS. 111, Quitanda. Tel. 23-1538
BECK FRANZ. 17, S. Pedro. Tel. 43-1519
BEILDECK FRITZ. 84, Gonç. Dias. Tel. 23-6262

BERG & C. LTDA. 88, Candelaria. Tel. 43-1424
BERGER WALTER. 129, Rua Rosario. Tel. 43-7644
BERKHOUT & C. LTDA. 9, Av. Rio Branco. Tel. 43-7270
BERND & C. LTDA. J. 125, B. Aires. Tel. 23-0091
BERTO PLINIO. 104, R. Uruguaiana. Tel. 43-8696
BETHENCOURT H. W. 132, R. Quitanda. Tel. 23-3714
BITENCOURT & CIA. ALFREDO. 30, Rua Visc. Inhauma. Tel. 23-3844
BLOCH OLVALDO CORREIA. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-5177
BLUM SOBRINHO A. 113, Gen. Camara. Tel. 43-6824
BLUMBERG A. R. 90, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-8248
BONET & GARCIA LTDA. 90, Av. Alm. Barroso. Tel. 22-8784
BORGETH N. 80, Candelaria. Tel. 43-8112
BORGES DE MACEDO & BARROS. 41, Rua C. Carvalho. Tel. 22-9156
BORIS & C. LTDA. 114, Aven. Rio Branco. Tel. 22-7091
BORMAN MURRAY M. 56, Gen. Camara. Tel. 43-2505
BRAGA ARMANDO C. 69, Rua Ouvidor. Tel. 43-5154
BRAGA C. P. 20, Rua da Quitanda. Tel. 42-6809
BRAUTIGAM JOSÉ. 67, Gen. Camara. Tel. 23-2575
BRAZ & C. LTDA. 184, Buenos Aires. Tel. 43-7954
BRAZILIAN WARRANT AGENCY & FINANCE COMPANY LTD. 9, Aven. Rio Branco. Tel. 23-4643
BREMENSIS SOCIEDADE TECNICA LTDA. 15/25, Tenente Possolo. Tel. 22-5150
BUARQUE FILHO J. 59, Visc. Inhauma. Tel. 43-8236
BUARQUE DE MACEDO PAULO 113-A, Rosario. Tel. 43-7673
BUCHEISTER ALFREDO. 19, S. José. Tel. 42-8818
BUELAU H. 134, Rua Alfandega. Tel. 43-6069
BUENO J. RODRIGUES. 99, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-5151
BUENO, L. E. 77-1.°, S/1, Buenos Aires. Tel. 43-7327
BURLE CARLOS O. 16, Cons. Saraiva. Tel. 23-5467
CABO CONSTANTINO. 2, Praça G. Vargas. Tel. 22-9284
CABRAL ARILTON. 69/77, Av. Rio Branco. Tel. 43-4675
CAETANI F. 115, Rua S. Pedro. Tel. 23-5132
CALAIS & MACHADO LTDA. 66, Visc. Inhauma. Tel. 43-7535
CALIERA QUINTINO. 94, Rua Buenos Aires. Tel. 23-2800
CALMON COSTA A. 155, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 42-0674
CAMPOS OLIVEIRA ALIPIO. 71, Rua 1.° Março. Tel. 33-6188
CANABRAVA EDMUNDO BARREIROS 20, Rua Quitanda. Tel. 22-8118
CANTO E CASTRO A. 147-A, B. Aires. Tel. 23-5523
CARDOSO M. R. 183, Rua da Alfandega. Tel. 43-1605
CARIOCA LTDA. 114, Av. Rio Branco. Tel. 42-5208
CARNASCIALI & C. LTDA. 7, Praça Mauá. Tel. 23-0434

CARNAUBA AUGUSTO VITAL 141, Prç Bandeira. Tel. 45-1890
CARNEIRO ANTONIO F. 48, R. Carioca. Tel. 22-0471
CARRIÇO S. F. 4, Rua Mayrink Veiga. Tel. 23-3845
CARVALHO & CIA. PINHO. 45-A, Quitanda. Tel. 43-1111
CARVALHO & CORREIA M. 9, Av. Rio Branco. Tel. 43-4135
CARVALHO FILHO M. 88, R. 7 Setem. Tel. 23-1710
CARVALHO JURANDY. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-9082
CARVALHO DA SILVA ANTONIO. 173, Rosario. Tel. 43-9302
CASA BRATAC LTDA. 39-A, Av. G. Aranha, Ed. Montepio. 12.°. Tels.: 42-7840 e 42-8580
CASA JANOWITZER. 49, Candelaria. Tel. 23-2033
CASAS FRANCISCO. 87, Uruguaiana. Tel. 23-1176

CASTANHO I. 33, Rua Quitanda. Tel. 23-6364
CASTELLANO & C. LTDA. 163, Mexico. Tel. 42-6828
CAVALCANTI OSCAR. 18, R. Silva. Tel. 42-1143
CHADWICK. 31, Rua General Camara. Tel. 23-0202
CHAZIN CHAGAS X CIA. 114, Av. R. Branco. Tel. 42-6333
CHERMONT PINTO & C. LTDA. 33, Teofilo Otoni. Tel. 43-3489
CID & CIA. E. 17 Rua Zuenos Aires. Tel. 43-0645
COELHO AURELIO. 16, Rua S. Passos. Tel. 23-5533
COELHO J. A. LOPES. 65, R. S. Pedro. Tel. 23-0756
COELHO LTDA. 29, Rua 1.° de Março. Tel. 43-2300
COELHO LINDOLFO. 158, Rua Quitanda. Tel. 43-8616
COLLARES MIGUEL. 9, Aven. Rio Branco. Tel. 23-3639
COMERCIO E INDUSTRIA NIBRA LTDA. 15, Av. Graça Aranha. Tel. 22-5967
COMP. BRASILEIRA DE ARMAMENTOS S. A. 164, Rua Mexico. Tel. 42-5236
COMP. BRASILEIRA FICHET & SCHWARTZ HAUTMONT S. A. 151, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-9710
COMP. INTERNACIONAL DAS ESTACAS ARMADAS FRANKIGNOUL S. A. 311, Av. Rio Branco. Tel. 22-7630
COMP. MERCANTIL PAN AMERICANA. escr. 45, Rua Visc. Itaboraí. Tel. 43-6209
COMP. REPRESENTAÇÕES REUNIDAS S. A. 155, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 42-6836
CONDE DAVID ANTONIO 69/77, Av. Rio Branco. Tel. 23-1390
CONSTANTINESCO R. S. 2, Praça G. Vargas. Tel. 42-0945

CARNAUBA AUGUSTO VITAL. 111, Prç Bandeira. Tel. 48-1890

CARNEIRO ANTONIO F. 48, R. Carioca. Tel. 22-0471

CARRIÇO S. F. 4, Rua Mayrink Veiga. Tel. 23-3845

CARVALHO & CIA. PINHO. 45-A, Quitanda. Tel. 43-1111

CARVALHO & CORREIA M. 9, Av. Rio Branco. Tel. 43-4195

CARVALHO FILHO M. 83, R. 7 Setem. Tel. 22-1710

CARVALHO JURANDY. 70, A. P. Alegre. Tel. 42-9083

CARVALHO DA SILVA ANTONIO. 173, Rosario. Tel. 43-9302

CASA BRATAC LTDA. 39-A, Av. G. Aranha, Ed. Montepio. 12.º, Tels.: 42-7840 e 42-8550

CASA JANOWITZER. 49, Candelaria. Tel. 23-2033

CASAS FRANCISCO. 87, Uruguaiana. Tel. 23-1176

CASTANHO I. 33, Rua Quitanda. Tel. 23-6364

CASTELLANO & C. LTDA. 168. Mexico. Tel. 42-6828

CAVALCANTI OSCAR. 18, R. Silva. Tel. 42-1143

CHADWICK. 31, Rua General Camara. Tel. 23-0202

CHAZIN CHAGAS X CIA. 114. Av. R. Branco. Tel. 42-6333

CHERMONT PINTO & C. LTDA. 33, Teofilo Otoni. Tel. 43-3489

CID & CIA. E. 17 Rua Zuenos Aires. Tel. 43-0645

COELHO AURELIO. 16, Rua S. Passos. Tel. 23-5533

COELHO J. A. LOPES. 65, R. S. Pedro. Tel. 23-0756

COELHO LTDA. 29, Rua 1.º de Março. Tel. 43-2300

COELHO LINDOLFO. 158, Rua Quitanda. Tel. 43-8616

COLLARES MIGUEL. 9, Aven. Rio Branco. Tel. 23-3639

COMERCIO E INDUSTRIA NIBRA LTDA. 15, Av. Graça Aranha. Tel. 22-5967

COMP. BRASILEIRA DE ARMAMENTOS S. A. 164, Rua Mexico. Tel. 42-5336

COMP. BRASILEIRA FICHET & SCHWARTZ HAUTMONT S. A. 151, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-9710

COMP. INTERNACIONAL DAS ESTACAS ARMADAS FRANKIGNOUL S. A. 311, Av. Rio Branco. Tel. 22-7630

COMP. MERCANTIL PAN AMERICANA. escr. 45, Rua Visc. Itaboraí. Tel. 43-6209

COMP. REPRESENTAÇÕES REUNIDAS S. A. 155, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 42-6836

CONDE DAVID ANTONIO 69/77, Av. Rio Branco. Tel. 23-1390

CONSTANTINESCO R. S. 2, Praça G. Vargas. Tel. 42-0945

CORREIA ALBERTO ALMEIDA. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-2527

CORTES, CUSTODIO SOARES. 127, S. Pedro. Tel. 43-6840

CORTEZ HELIO R. 100, Rua Buenos Aires. Tel. 43-7155

COSTA FARIA & C. LTDA. Represent. em geral. Tel. 23-4684

COSTA LIMA & C. LTDA. 61, Leandro Martins. Tel. 43-0273

COSTA PORTELA & C. 9, Rua 1.º Março. Tel. 23-5062

COTONIFICIO RODOLFO CRESPI. 52, Avenida Rio Branco. Tel. 23-0591

CUNHA & C. LTDA. NELSON. 125, Bambina. Tel. 26-8989

CUNHA LIMA & CIA. escr. 26, Mayrink Veiga. Tel. 43-3456

CUNHA E SILVA PAULO, 27-A, Miguel Couto. Tel. 43-6557

DA COSTA & C. LTDA. 22, Gen. Camara. Tel. 43-7258

DAGGETT & RAMSDELL S. A. ger. 118, Aven. P. Wilson. Tel. 22-2327

DAGGETT & RAMSDELL S. A. contabilidade. 118, Aveni. P. Wilson. Tel. 22-0711

DAGGETT & RAMSDELL S. A. deposito 1155, c/2, Rua Bela. Tel. 28-1707

DAMASIO VICENTE. 103, Av. Rio Branco. Tel. 43-8512

DANON ROBERTO A. 154, Rua Quitanda. Tel. 43-9014

Dantas & Almeida. 129, Rua do Rosario. Tel. 23-5986

DANZIGER ALFREDO. 126, R. Teofilo Otoni. Tel. 43-3711

DE ANGELIS & PALVARINI. 25, B. Fidalga. Tel. 22-6671

DIAS JUDITH. 81, Rua Buenos Aires. Tel. 43-9487

DIAS LIMA & C. LTDA. 138, Teofilo Otoni. Tel. 43-8613

DINGER HERBERT. 68,68, Rua Visc. Inhauma. Tel. 23-3607

DINIZ J. 47, Rua da Quitanda. Tel. 43-2073

DUARTE ARISTEU. 185, Rua Quitanda. Tel. 43-8403

DUARTE & MILMAN LTDA. 26, Av. G. Aranha. Tl. 42-5100

EBERT & C. LTDA. J. 23, Rua S. Pedro. Tel. 23-3157

ELJORR AKI. 267, Alfandega. Tel. 43-4700

ELUF JEAN. 169, Rua Ouvidor. Tel. 42-5170

EMPR. ECONOMO LTDA. 69-A, Ouvidor. Tel. 43-9434

EMPR. INTEGRAL. 26, Aven. Graça Aranha. Tel. 42-6757

EMPR. DE PRODUTOS REUNIDOS LTDA. 14, Beco Fidalga. Tel. 42-7227

EMPR. REPRES. REUNIDAS CHEIDITH. 61, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-8125

ESCRITORIO NELSON. 33/7, A. Alvim. Tel. 42-7762

ESCOVAS FULLER. Escr. 2-2.º, s/205., Praça Getulio Vargas. Tel. 22-9284

FACKLAM HENRIQUE. 166, Alfandega. Tel. 23-4075

FARIA AVELINO ALVES. 108, Miguel Couto. Tel. 23-3246

FARIAS M. A. 95, Rua Miguel Couto. Tel. 43-2092

FERNANDES ADRIANO GONÇALVES. 39, Teofilo Otoni. Tel. 23-2543

FERNANDES & C. TERTULIANO. 100, Avenida Rio Branco. Tel. 23-2880

FERNANDES & COSTA HERMES. 169, Rua do Ouvidor. Tel. 42-5006

FERNANDES M. LUIZ. 150-A, Buenos Aires. Tel. 43-2383

FERREIRA ANTONIO. 17, Rua Buenos Aires. Tel. 43-8311

FERREIRA J. A. GOMES. 99, R. Mig. Couto. Tel. 23-3141

FERREIRA JUNIOR & CIA. F. 20, Praça 15 Nov. Tel. 23-3144

FERREIRA LTDA. 21, Rua 1.º Março. Tel. 23-0716

FIRJAM ANTONIO SIMÃO, 295, Rua Alfandega. Tel. 43-8380

FISCHER CARL. 7 Praça Mauá. Tel. 23-2777

FONSECA ALCEU NUNES. 41, Rua Alfandega. Tel. 43-2659

FONSECA JUNIOR J. R. 28, R. Candelaria. Tel. 23-3210

FONSECA RODRIGUES & CIA. 97, Gen. Camara. Tel. 43-1000

FONSECA SEIXAS & CIA. 17, Buenos Aires. Tel. 23-3066

FONTES & CIA. E. G. 42, Rua Candelaria. Tel. 23-2447

FRACALANZA R. 17, Buenos Aires. Tel. 43-8675

FREIRE LOBO & CIA. 79, Rua S. Pedro. Tel. 23-0203

GABISSON & AGUIAR. 90, Av. Rio Branco. Tel. 43-1472

GAEWERSEN E. A. J. 149, Rua S. Passos. Tel. 23-6113

GEBARA NACIB. 104, Rua Uruguaiana. Tel. 23-0004

GIORGI F. 132, Rua 7 de Setembro. Tel. 22-5582

GLICK FREDERICO. 22, Rua Alfandega. Tel. 43-2384

GOMES HUMBERTO V. C. 237, Rua Alfandega. Tel. 43-1221

GOMES JOÃO. 9, Avenida Rio Branco. Tel. 23-3579

GOMES JUNIOR ALFREDO. 6, Rua Acre. Tel. 23-1383

GONÇALVES OROZIMBO V. 66, Visc. Inhauma. Tel. 23-5207

GONDAR & CIA. CEFERINO. 11, Trv. Comercio. Tl. 23-3583

GRAÇA FRANCISCO. 183, Rua Ouvidor. Tel. 42-8293

GRAND MARCEL E. 68, Rua Alfandega. Tel. 43-9070

GRAND FRÉ & SONS, T. C. DE 70-1.º, S/110, R. Araujo Porto Alegre. Tel. 42-3169

GRASSI & C. LTDA. G. 155, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-1731

GROSS AUGUSTO. 91, Av. Rio Branco. Tel. 43-1661

GROSSMANN WALTER, eng. 155, Avenida Nilo Peçanha. Tel. 22-7408

GUERRA OLIVIO AUGUSTO. 143, Alfandega. Tel. 23-0953

GUIDO SCHWEGLER & CIA. Teofilo Otoni. Tel. 43-1479

GUIMARÃES & IRMÃO RAUL. 15, Rua Acre. Tel. 23-4338

GUNKEL AFONSO. 164, Rua Mexico. Tel. 42-5356

GUTMANN HENRIQUE. 118, R. 1.º Março. Tel. 23-5268

HALTER WILLIAM. 100, Rua Buenos Aires. Tel. 43-2199

HAMACHER & CIA. LTDA. OSCAR. 77, Rua Candelaria. Tel. 23-1199

HARJES W. 100, Rua Buenos Aires. Tel. 23-3994

HASENCLEVER & CIA. LTDA. ALEXANDRE. 4, Rua Mayrink Veiga. Eel. 43-9301

HAWARD IBRAHIM ELIAS. 228, Alfandega. Tel. 43-0262

HELLMUTH SIEGNER. Edif. D'"A Noite", 16.º Tel. 43-3318

HENOT LTDA. SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES. 151, Av. Nilo Peçanha. Tel. 42-9462

IMPEX DO BRASIL LTDA. 134, Rua Alfandega. Tel. 23-4565

INCABRAM LTD. INTERCAMBIO BRASILEIRO AMERICANO. 52, Aven. Rio Branco. Tel. 43-9141

INDUSTRIAS REUN. AZEVEDO LTDA. 7, Praça Mauá. Tel. 43-8803

INGHAM W. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-4913

INTERCAMBIO COMMERCIAL REPRES. LTDA. 7, Praça Mauá. Tel. 43-3768

IRMÃOS CARVALHO. comiss. 30, Rua Acre. Tel. 23-0560

IRMÃOS GASPARIAN. 104, Rua Buenos Aires. Tel. 23-0425

IRMÃOS MARINO. 6, Rodrigo Silva. Tel. 42-8360

J. L. PEDREIRA. 104-11.º, s/ 1112, Assembléia. Tel. 42-8575

JACQUES VAENA & C. LTDA. 50, S. Ferraz. Tel. 42-5693

JAFFE NATHAN. 316, Rua da Alfandega. Tel. 23-4052

JEANS & CIA. WILSON. 90, R. Gen. Camara. Tel. 23-2543

JOHNSEN K. 90, Gen. Camara. Tel. 23-2392

JOHNSTON J. KERR. 55, Rua Candelaria. Tel. 43-3650

JORDAN ALBERT. 155, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 42-6736

KAMOS & SCHMIEMANN. 104, Assembléia. Tel. 42-7135

KAMPS TH. 104, Rua da Assembléia. Tel. 42-7135

KARAM F. 246, Rua Alfandega. Tel. 43-1774

KENYON & C. LTDA. 7, Praça Mauá. Tel. 23-6222

KIRSTEIN HANS. 169, Rua do Ouvidor. Tel. 42-6222

KNEFELI DEMEL & C. LTDA. Escr. 84, Rua 1.º Março. Tel. 23-2437; Seç. Ind. 84, Rua 1.º Março. Tel. 23-3753

KNOWLES & FOSTER, agentes. 129, Rosario. Tel. 23-4091

KREBS FONSECA & C. LTDA. W. 189, Rua da Alfandega. Tel. 43-3471

KURT GABRIEL. 3, Rua da Quitanda. Tel. 22-5648

LAGES J. D. 52, Aven. Rio Branco. Tel. 43-5109

LAMAS & GRIPPI LTDA. 17, Rua 1.º Março. Tel. 43-7154

LANGE & C. LTDA. H. 90, Rua Mexico. Tel. 22-7427
LANGENDORF WATCH CO, 91, Av. Rio Branco. Tel. 43-4396
LAURA A. C. 87, Rua Teofilo Otoni. Tel. 43-9726
LAVAGNINO DANTE F. 89, M. Bitencourt. el. 29-2102
LEANDRO IRMÃO & C. 192, S. Pompeu. Tel. 43-4254
LEÃO JUNIOR & C. 41, Rua da Alfandega. Tel. 43-4360
LEEMANN ERNESTO H. 6, Trv. Barbeiros. Tel. 43-8560
LEITÃO ILDEFONSO. 202, Rua Quitanda. Tel. 43-9313
LEITÃO MAX. 104, Assembléia. Tel. 42-7575
LELLIS & C. LTDA. 7, Rua 1.º Março. Tel. 43-7540
LENKE ROBERTO. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 42-8742
LEONARD JACK. 17, Buenos Aires. Tel. 43-9858
LEVI SIEFRIED. 126, Teofilo Otoni. Tel. 43-3711
LEVY & EZAGUI LTDA. 20, R. Quitanda. Tel. 42-5773
LIGNINI FULVIO. 81, Rua da Candelaria. Tel. 23-4996
LIPIANI & C. LUIZ. 90, Gen. Camara. Tel. 23-6147
LONG JOHN C. 65, Rua S. Pedro. Tel. 23-5462
LOPES AUGUSTO M. 44, Rua S. José. Tel. 22-5653
LORENZETTI X CIA. 111, Rua Quitanda. Tel. 435229
LOURENÇO DA SILVA & CIA. LTDA. C. 27-A. Miguel Couto. Tel. 23-2519
LUIJRINK RAUL M. 113, Teofilo Otoni. Tel. 43-9491
LUIZ SOUZA PONTES. 87-1.º, S/4. Teofilo Otoni. Tel. 43-9726
MACEDO ALDO. 22, Gonçalves Ledo. Tel. 42-8334
MACEDO MANOEL ALVES. 122, Buenos Alves. Tel. 23-1095
MACHADO EDMAR. 70, Araujo Porto Alegre. Tel. 42-5071
MACHADO JOSÉ CUSTODIO. 8, Largo Sta. Rita. Tel. 43-9236
MACHADO LEONTINO A. 214, Santana. Tel. 42-0163
MAGNO OLEGARIO. 113, Teofilo Otoni. Tel. 23-3487
MAGNUS & C. LTDA. JAMES. 96, S. Pedro. Tel. 43-4630
MAIBIER H. B. GUILHERME. 24-A. Beneditinos. Tel. 43-3256
MAIBON MARCOS. 100-A, Rua Buenos Aires. Tel. 43-6806
MAIER PAUL. 155, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 42-7857
MALFAITI DANTE. 163, Quitanda. Tel. 43-8632
MALUHY DIAB. 338, Alfandega. Tel. 43-1962
MAMOS LTDA. 209, Av. Copacabana. Tel. 47-3500
MANDERBACH C. G. 101, Rua 1.º Março. Tel. 23-3536
MANOEL M. BATISTA. Aven. Mar. Floriano. Tel. 43-1659
MAR SOCIED ANONYMA. escr. 71, G. Camara. Tel. 43-1527
MARCEL E. GRAND. 68, Alfandega. Tel. 43-9070
MARCHESE VICENTE. 79, Rua Ouvidor. Tel. 23-1010
MARCOS SCHWAB. Repres. de Langendorf Watch Co. 91-5.º, S/8, Avenida Rio Branco. Tel. 43-4396
MARON JORGE. 111, Quitanda. Tel. 43-9266
MARQUES OSCAR. 66, Visc. de Inhauma. Tel. 23-6038

MARTINELLI & CIA. E. 202, Quitanda. Tel. 23-2863
MARTINS & C. LTDA. ALVARO C. 169, Ouvidor. Tel. 42-9508
MARTINS, OSVALDO S. 87-1.º, S/2. Teofilo Otoni. Tl. 43-1886
MATHER & PLATT LTDA. 33, Gen. Camara. Tel. 23-4960
MEDEIROS GUIMARÃES & C. 113, T. Otoni. Tel. 23-4606
MEINRATH LUIZ F. 106, Rua S. Pedro. Tel. 43-3503
MELKI & CIA. JAMIL. 54, Rua Miguel Couto. Tel. 43-7728
MELLOR - GOODWIN, 100-8.º S/80, B. Aires. Tel. 43-2199
MENDES CASTRO NELSON. 92, Alfandega. Tel. 43-0210
MENDES & MARANHÃO LTDA. 90, Aven. Almirante Barroso. Tel. 42-4312
MENESES ALBERTO. 118, Rua Buenos Aires. Tel. 23-5380

MESQUITA QUARTIN LTDA. 104, B. Aires. Tel. 23-2826
MEYER JOÃO. 104, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-1067
MIRANDA ARTUR. 139, Rua Ouvidor. Tel. 22-6773
MIRANDA NETO MANOEL. 4, Leandro Martins. Tel. 43-1553
MITSUI & C. LTDA. 151, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 42-1096
MOBARAK ANIS. 281, Rua 7 Setembro. Tel. 42-9789
MONACO & C. LTDA. 86, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-5488
MORAES RIBEIRO AFONSO. 66, Quitanda. Tel. 23-4895
MOREIRA & CIA. F. J. 38, Rua D. Manuel. Tel. 42-3041
MOREIRA V. 98, Rua Miguel Couto. Tel. 43-4722
MORENO X GRIECO. 77, Rua Buenos Aires. Tel. 43-3215
MOSES JORGE. 176, Gen. Camara. Tel. 43-2507
MOTA & CIA. AMANCIO. 51, Rua Acre. Tel. 23-2960
MULLER HANS. 180, Alfandega. Tel. 43-2166
MURIAS F. A. TEI&EIRA. 113, Teofilo Otoni. Tel. 43-2759
MUSIELLO ANTONIO. 90, Gonçalves Ledo. Tel. 43-8627
NARDELLI & C. 15, Rua Acre. Tel. 23-3636
NEDER SALOMÃO. 163, Ouvidor. Tel. 22-6994
NIKOLAJS OZOLINS. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-4207
NOETHLICH HERBERT. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-2055
NOGUCHI & CIA. Merc. Mun. lado ext. 100/2. Tel. 42-8948
NORONHA & C. LTDA. R. 25, Av. R. Branco. Tel. 43-6731
NOVAES & BENNETT LTDA. escr. 109, Avenida Rio Branco. Tel. 23-5004
NUNES RIBEIRO G. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 42-9754

ODERO TERNI ORLANDO. 31, Rua 1.º Março. Tel. 23-5813
OLIVEIRA CARVALHO & CIA. 36, Rua Acre. Tel. 23-5094
OLIVEIRA CUSTODIO M. 204, Gen. Camara. Tel. 43-6886
OLIVEIRA JOÃO RODRIGUES. 103, Rua 1.º de Março. Tel. 23-6130
OLIVEIRA, JOÃO RODRIGUES DE. 103-1.º, Rua 1.º Março. Tel. 23-6130
OLIVEIRA O. GEORG. 47, Quitanda. Tel. 23-4618
OLIVEIRA PAULINO QUANDT. 33/7, A. Alvim. Tel. 42-8742
OLIVEIRA ULYSSES. escr. 23, S. Pedro. Tel. 23-4507
OLIVET & CIA. T. 55, Candelaria. Tel. 43-3650
ONORATO RUBINO. 67, Evaristo Veiga. Tel. 42-9373
ORAZI & C. LTDA. 290-B, Av. Pres. Wilson. Tel. 42-6822
ORGANIZAÇÃO TECNICA DE VENDAS. 111, Aenida Rio Branco. Tel. 43-9112
PAIVA TARANTO & C. LTDA. 104, B. Aires. Tel. 43-9370
PAN AMERICANA REPRESENTAÇÕES. 79, Araujo Porto Alegre. Tel. 22-4359
PARETO & CIA. CARLO. 31, R. 1.º Março. Tel. 23-5813
PARSON CROSLAND & CIA. LTDA. 62, Aven. Graça Aranha. Tel. 22-5155
PARUCKER E. C. 150-A. Rua Buenos Aires. Tel. 23-1339
PEDREIRA J. L. 104, Assembléia. Tel. 42-0575
PEDROSA J. TEODORO. 113, Teofilo Otoni. Tel. 23-2492
PEREIRA DIAS A. 144, Rua S. Pedro. Tel. 43-8719
PEREIRA JOÃO. 72, Teofilo Otoni. Tel. 23-3381
PEREIRA DE SOUZA & FILHO F. 2, Praça Getulio Vargas. Tel. 22-7098
PERMUTADORA PAN AMERICANA LTDA. depart. refrig. 45, Visc. Itaboraí. Tel. 23-1014
PERPETUO & TOVAR LTDA. 169, Ouvidor. Tel. 42-9746
PERRET & BRAUEN. 100-A, B. Aires. Tel. 23-3910
PERRIN A. 56, Araujo Porto Alegre. Tel. 22-5060
PERRIN A. 3, Praça Getulio Vargas. Tel. 42-1758
PESSOA DJALMA PINTO. 115, Teofilo Otoni. Tel. 43-8082
PESSOA MENDES JOÃO. 165, Quitanda. Tel. 43-7326
PINHEIRO A. S. 41, Rua Alfandega. Tel. 43-8251
PINTO A. FILHO MARÇAL. 101, T. Otoni. Tel. 43-3284
PINTO E. OSORIO. 118, Alfandega. Tel. 23-3982
PINTO FILHO. 176, Rua 7 de Setembro. Tel. 42-4359
PINTO MORENO. 77, Buenos Aires. Tel. 43-3215
POLTO & C. LTDA. EMILIO. Repres. Seç. Ind. Quimicas Tintas e Vernizes S. A. 60, Gen. Camara. Tel. 43-9311
POLTO & CIA. LTDA. EMILIO. Repres. seç. Metallurgica Matarazzo S. A. artf. aluminio. 60, Gen. Camara. Tel. 23-4791
PORTELA & RIBEIRO. 37, Trv. Santa Rita. Tel. 43-5430
PORTUGAL JOSÉ S. 23, Cons. Saraiva. Tel. 43-1511

ODERO TERNI ORLANDO. 34, Rua 1.º Março. Tel. 23-5813
OLIVEIRA CARVALHO & CIA. 36, Rua Acre. Tel. 23-5094
OLIVEIRA CUSTODIO M. 294, Gen. Camara. Tel. 43-6886
OLIVEIRA JOÃO RODRIGUES. 103, Rua 1.º de Março. Tel. 23-6130
OLIVEIRA, JOÃO RODRIGUES DE. 103-1.º, Rua 1.º Março. Tel. 23-6130
OLIVEIRA O. GEORG. 47, Quitanda. Tel. 23-4618
OLIVEIRA PAULINO QUANDT. 33/7, A. Alvim. Tel. 42-8742
OLIVEIRA ULYSSES. escr. 23, S. Pedro. Tel. 23-4507
OLIVET & CIA. T. 55, Candelaria. Tel. 43-3650
ONORATO RUBINO. 67, Evaristo Veiga. Tel. 42-9373
ORAZI & C. LTDA. 290-B, Av. Pres. Wilson. Tel. 42-6822
ORGANIZAÇÃO TECNICA DE VENDAS. 111, Aenida Rio Branco. Tel. 43-9112
PAIVA TARANTO & C. LTDA. 104, B. Aires. Tel. 43-9370
PAN AMERICANA REPRESENTAÇÕES. 70, Araujo Porto Alegre. Tel. 22-4359
PARETO & CIA. CARLO. 34, R. 1.º Março. Tel. 23-5813
PARSON CROSLAND & CIA. LTDA. 62, Aven. Graça Aranha. Tel. 22-5155
PARUCKER E. C. 150-A, Rua Buenos Aires. Tel. 23-1339
PEDREIRA J. L. 104, Assembléia. Tel. 42-0575
PEDROSA J. TEODORO. 113, Teofilo Otoni. Tel. 23-2492
PEREIRA DIAS A. 144, Rua S. Pedro. Tel. 43-8719
PEREIRA JOÃO. 72, Teofilo Otoni. Tel. 23-3381
PEREIRA DE SOUZA & FILHO F. 2, Praça Getulio Vargas. Tel. 22-7098
PERMUTADORA PAN AMERICANA LTDA. depart. refrig. 45, Visc. Itaboraí. Tel. 23-1044
PERPETUO & TOVAR LTDA. 169, Ouvidor. Tel. 42-9746
PERRET & BRAUEN. 100-A, B. Aires. Tel. 23-3910
PERRIN A. 56, Araujo Porto Alegre. Tel. 22-5060
PERRIN A. 2, Praça Getulio Vargas. Tel. 42-1758
PESSOA DJALMA PINTO. 113, Teofilo Otoni. Tel. 43-8082
PESSOA MENDES JOÃO. 165, Quitanda. Tel. 43-7326
PINHEIRO A. S. 41, Rua Alfandega. Tel. 43-8251
PINTO A. FILHO MARCAL. 101, T. Otoni. Tel. 42-3284
PINTO E. OSORIO. 118, Alfandega. Tel. 23-3982
PINTO FILHO. 176, Rua 7 de Setembro. Tel. 42-4359
PINTO MORENO. 77, Buenos Aires. Tel. 43-3215
POLTO & C. LTDA. EMILIO. Repres. Seç. Ind. Quimicas Tintas e Vernizes S. A. 60, Gen. Camara. Tel. 43-9211
POLTO & CIA. LTDA. EMILIO. Repres. seç. Metallurgica Matarazzo S. A. artf. aluminio. 60, Gen. Camara. Tel. 23-4791
PORTELA & RIBEIRO. 37, Trv. Santa Rita. Tel. 43-5430
PORTUGAL JOSÉ S. 23, Cons. Saraiva. Tel. 43-1511

POSSINHAS & CIA. J. 9, Aven. Rio Branco. Tel. 23-1425
PULIDO JUAN DE DIOS. 52, Av. Rio Branco. Tel. 43-4433
QUADROS BARROS J. 37, Av. Mar. Floriano. Tel. 43-9632
QUEIROZ OSCAR. 68, Rua da Alfandega. Tel. 43-8529
RAACKE C. H. 40, Av. Graça Aranha. Tel. 42-5498
RABELO & LAVOR. 94, Rua 7 Setembro. Tel. 22-4771
RACHE & C. LTDA. 101, Rua 1.º Março. Tel. 43-0795
RAFFAELI & CIA. VESCOVI. 28, Beneditinos. Tel. 23-0270
RAHAL ALFREDO TOMÉ. 169, Ouvidor. Tel. 42-7295
RANGEL W. S. 51, R. Miguel Couto. Tel. 23-1306
RAPOSO E. SILVA. 41, Alfandega. Tel. 43-3372
REDVERS WARD & DEL APUILA. 113, Teofilo Otoni. Tel. 23-5153
REFINETTI ANTONIO. 81, R. Candelaria. Tel. 23-4996
REIMÃO A. FRANCISCO. 149, Rua 7 Setembro. Tel. 22-3320
REIS JOSÉ DE CASTRO. 218, Alfandega. Tel. 43-4459
REPETTO CARLOS ANTONIO. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-1126
REPRESENTAÇÃO VANCEL LTDA. 183, Rua do Ouvidor. Tel. 42-3474
REPRESENTAÇÕES COMERCIAIS LTDA. 141, Rua 1.º de Março. Tel. 43-8160
REPRESENTAÇÕES E CORRETAGENS LTDA. 26, Quitanda. Tel. 22-4254
REPRESENTAÇÕES UNION LTDA. 118, Rua 1.º Março. Tel. 43-8400
REQUIÃO IVO. 130, Rua Buenos Aires. Tel. 43-3639
RESENDE & CIA. M. H. 66, Visc. Inhauma. Tel. 23-1133
RIBEIRO DE ALMEIDA & CIA. 144, S. Pedro. Tel. 43-8719
RIBEIRO BARROS OSCAR. 46, Andradas. Tel. 43-1370
RIBEIRO GENTIL G. 132, Rua 7 Setembro. Tel. 22-3003
RIBEIRO WALDEMAR. 153, Rosario. Tel. 43-8202
RIO BRASIL REPRESENTAÇÕES LTDA. 93, Rua da Alfandega. Tel. 43-1007
RIO & C. ELYSEU. 69/77, Av. Rio Branco. Tel. 23-0499
RIO MERCANTIL LTDA. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 22-0730
RITTER & SOUZA. 16, Ouvidor. Tel. 43-8222
ROCHA CARLOS. 91, Av. Rio Branco. Tel. 23-0620
RODRIGUES PINHO A. J. 47, Quitanda. Tel. 23-3335
ROUSSEAU & CIA. S. 26, Gen. Camara. Tel. 43-5140
RUAS AUGUSTO. 231, Rua 7 Setembro . Tel. 42-9648
RUFFO BONATO LTDA. 33/7, Alvaro Alvim. Tel. 42-7063
SÁ OSCAR. 90, Av. Almirante Barroso. Tel. 42-5151
SABA MENZAQUE Z CIA. 169, Ouvidor. Tel. 42-7903
SACILOTE JOÃO. 41, General Camara. Tel. 23-2368
SAD ELIAS FERES. 11, Rodrigo Silva. Tel. 22-9503
SALERNO JANUARIO. comiss. 26, S. Passos. Tel. 43-1719

SALGADO ARMANDO. escr. 108, M. outo. Tel. 23-3246
SALGUEIROS LTDA. 111, Conceição. Tel. 23-5381
SAMPAIO CASTRO LTDA. 104, Assembléia. Tel. 42-7931
SAMPAIO LUIZ FELIPPE SOUZA. 73, General Camara. Tel. 23-1920
SAMPAIO M. A. 65, Rua Visc. Inhauma. Tel. 43-3336
SANCHEZ M. R. 117, Rua Sen. Dantas. Tel. 42-6768
SANTOS JULIO FERREIRA. 97, Rua 1.º Março. Tel. 23-0772
SANTOS OSWALDO. 13, Rua S. Bento. Tel. 43-2366
SANTOS R. M. 148, Teofilo Otoni. Tel. 43-9215
SANTOS RAUL. 90, Av. Almirante Barroso. Tel. 42-1717
SANTOS WALDEMAR & CIA. 28, M. Veiga. Tel. 43-8301
SCHLEMM & RENAUX. 41, Alfandega. Tel. 23-2985
SCHLESINGER MITCHELL S. 28, Quitanda. Tel. 22-4278
SCHLODTMANN & C. 196, José Bonifacio. Tel. 29-2259
SCHMID ARNOLD. 164, Rua do Ouvidor. Tel. 42-3774
SCHMIDT EDUARDO. 86, Gen. Camara. Tel. 23-0131
SCHRADER BODO VON. 14, S. Pedro. Tel. 43-0614
SCHWAB MARCOS. 91, Av. Rio Branco. Tel. 43-4396
SCHYMURA & CIA. LTDA. 90, Alfandega. Tel. 23-6389
SERVIÇO PEDAGOGICO. 9, Tv. Rosario. Tel. 22-8949
SHOLL CLYDE. 33, Gen. Camara. Tel. 23-4960
SILVA AMADO AMANDIO. 41, Cons. Saraiva. Tel. 43-1353
SILVA AMERICO PEREIRA. 122, B. Aires. Tel. 43-2307
SILVA & CASTRO ANGELO. 152-A, Fr Caneca. Tel. 42-9641
SILVA FILHO, MANUEL CARVALHO. 88-1.º, S/7, Rua 7 de Setembro. Tel. 22-1710
SILVA FONTES & CIA. LTDA. 14, Cons. Saraiva. Tel. 23-2986
SILVA VICTORINO FERNANDES. 28, Rua Mayrink Veiga. Tel. 23-6276
SILVEIRA JAYME. 14-A, Rua Nuncio. Tel. 22-6940
SILVINO MAIA & C. 25, Mayrink Veiga. Tel. 23-5099
SIMÕES & NEUMANN LTDA. 61, Visc. Inhauma. Tel. 42-9583
SIQUEIRA JUVENAL. 100, B. Aires. Tel. 23-2760
SOARES ARMINDO. 231, Rua 7 Setembro. Tel. 42-8433
SOARES GABRIEL. 69/77, Av. Rio Branco. Tel. 23-0039
SOCIED. AMERICANA DE INTER. COMMUNICAÇÕES. 169, Ouvidor. Tel. 42-5959
SOCIED. ANON. LAMEIRO. 44, T. Otoni. Tel. 23-5545
SOCIED. COMERCIAL NIPPO BRASILEIRA LTDA. 151, Av. Nilo Peçanha. Tel. 42-1696
SOCIED. COMERCIAL REPRESENTAÇÕES LTDA. 9, Av. R. Branco. Tel. 42-2758
SOCIED. DE FINANCIAMENTO TECNICO RIOS LTDA. diret. 110, Rua 1.º de Março. Tel. 23-0271

SOCIED. INTERCAMBIO E REPRESENTAÇÕES LTDA. 158, Quitanda. Tel. 43-3687
SOCIED. DE INTERCAMBIOS COMERCIAIS SIC LTDA. 2, Praça B. Vargas. Tel. 22-8939
SOCIED. MATERIAS PRIMAS LTDA. 164, Rua Mexico. Tel. 22-9327
SOCIED. MODELO LTDA. 110, Rua 1.º Março. Tel. 23-0271
SOCIED. NAC. REPRES. LTDA. SONAC. sec. algodão. 68, Rua Ouvidor. Tel. 23-2843
SOCIED. REPRES. DAVAG LTDA. 6, Rua 1.º de Março. Tel. 43-9767
SONNTAG ERNST. 21, Rua Beneditinos. Tel. 23-4420
SORELI SOCIED. REPRES. LTDA. 82, Acre. Tel. 23-2934
SOUZA LEÃO FRANCISCO. 19, Buenos Aires. Tel. 23-2957
SOUZA & LEITE. 72, Rua Quitanda. Tel. 43-2041
SOUZA NETO & C. 75, Rua do Ouvidor. Tel. 43-8266
SOUZA SAMPAIO & C. LTDA. 73, Gen. Camara. Tel. 23-1920
STRAUS HUGO. 128, Av. Rio Branco. Tel. 42-7233
SUCENA J. F. 101, R. Miguel Couto. Tel. 43-8335
SUPERCHI HENRIQUE. 6-A, Av. M. Floriano. Tel. 23-2562
SUSSEL & C. LTDA. 86, Rua S. Pedro. Tel. 43-9727
SYNDICATO DOS FABRICANTES E ATACADISTAS DE BEBIDAS E ALCOOL DO RIO DE JANEIRO. 45-A, Rua da Quitanda. Tel. 431111
SYSAK ZACHARIAS. 60, Rua D. Gerardo. Tel. 23-6217
TAURUS LTDA. 83, Rua Miguel Couto. Tel. 23-3399
TAVARES MANOEL. 1, Travessa Mosqueira. Tel. 42-6862
TAVEIRA A. ARNALDO GOMES. 16, Rua Beneditinos. Tel. 23-4644
TEIXEIRA & C. LTDA. 64, R. Vieira Fazenda. Tel. 42-4552
TEIXEIRA GOMES THOMAZ C. 94, M. Couto. Tel. 23-6381
TEIXEIRA JOSÉ. 161, Teofilo Otoni. Tel. 23-5748
TEIXEIRA LEITE HUMBERTO. 11, D. Gerardo. Tel. 23-3941
TOK & NIWA. 185, Rua S. Pedro. Tel. 43-6116
TREPPER & COSTA. 19, Gen. Camara. Tel. 23-5248
TRIGO DE LOUREIRO ALFREDO. 116, Rua S. Pedro. Tel. 23-3446
ULLMANN JULUS. 41-A, Rua 7 Setembro. Tel. 43-1694
ULTRAMAR LTDA. 9, Av. Rio Branco. Tel. 43-0726
VALSANI ARMANDO. 6, Rua 1.º Março. Tel. 43-8750
VATER EDGAR. 50, Teofilo Otoni. Tel. 43-5569
VIANNA & C. LTDA. 174, Rua Lavradio. Tel. 22-6645
VIANNA THEODOMIRO. 147, Teofilo Otoni. Tel. 43-2662
VIDIGAL & CIA. J. 9, Av. Rio Branco. Tel. 23-5142
VIEIRA A. 131, Rua da Alfandega. Tel. 23-4817
VIGNAL G. H. 68, Rua Buenos Aires. Tel. 23-2893
VILELA RAUL. 69/77, Av. Rio Branco. Tel. 43-8078

VIZEU FRANCISCO LUIZ. 62, Rua S. Pedro. Tel. 23-4768
VOOS LEO. 106, Rua S. Pedro. Tel. 43-6885
WANDERLEY GOMES & CIA. 27-A, M. Couto. Tel. 43-9535
WANDERLEY LOURIVAL C. 17, B. Aires. Tel. 43-8311
WANG SHOU HAL. 169, Rua Ouvidor. Tel. 42-7895
WARD & WARD BRASIL LTD. 81, M. Couto. Tel. 23-3641
WEGENAST & ALMEIDA, escr. 26, S. Pedro. Tel. 23-5666
WEISHUHO RUDOLF. 69/77, Av. R. Branco. Tel. 43-3447
WEISSMANN DAVID. 104, Assembléia. Tel. 42-8575
WIGG CARLOS BOLEIN. 28, M. Veiga. Tel. 43-7446
WOEBCKEN JR. ADOLFO. 106, Miguel Couto. Tel. 43-6740
WYLER DANIEL. 100, Rua da Alfandega. Tel. 23-3620
ZECH CONRADO. 36, Av. Rio Branco. Tel. 43-6392
ZRAICK CHAFICK. 119, Rua Regente Feijó. Tel. 43-0742

ROUPAS BRANCAS

ADONIS CAMISARIA. 151, Av. Rio Branco. Tel. 22-0498
AGOSTINHO & C. LTDA. ger. 28/34, Rua da Assembléia. Tel. 42-0823
AGOSTINHO & C. LTDA. escr. e exped. 28/34, Rua da Assembléia. Tel. 43-3842
AIRES JOÃO. 177, Rua da Conceição. Tel. 43-2638
ALICE DAMIAN. 84-2.º, Rua 7 Setembro. Tel. 22-7922
ALMEIDA LOPES F. 286, Rua Gen. Camara. Tel. 43-1762
ANTUNES J. 123, Rua do Ouvidor. Tel. 22-6497
ARSENIO BEMSAUDE. 114, M. Avila. Tel. 48-5957
BABETTE & C. LTDA. 104, R. Assembléia. Tel. 42-5925
BACELLAR EDMUNDO. fabr. camisas. 114, Luid Camões. Tel. 43-0657
BIEBER ALFRED. 35, Rua 1.º Março. Tel. 23-5083
BITTENCOURT EDUARDO. 84, Luiz Camões. Tel. 22-7597
BLUMER BOESCH & C. 138-A, Av. Rio Branco. Tel. 42-4864
BLUMER BOESCH & C. fabr. 107, C. Velho. Tel. 25-1158
BOM GOSTO AO. 83, Estrada Mar. Rangel. Tel. 29-8229
BOM TOM. 112, Rua do Ouvidor. Tel. 23-5334
BORNE & CIA. 307, Rua Buenos Aires. Tel. 43-8236
BRAGA A. C. 335, Gen. Camara. Tel. 23-3669
BUCCOS & CIA. DOMINGOS. 110/12, Rua Senador Pompeu. Tel. 43-4147
CAMISA LARGO DA CARIOCA. 13/5, Lrg Carioca. Tel. 22-3646
CAMISARIA AFRICANA. 21, Av. Passos. Tel. 22-8695
CAMISARIA ALTA. 52-B, Av. Rio Branco. Tel. 23-2473
CAMISARIA AMADO. 4, Aven. Gomes Freire. Tel. 22-8314
CAMISARIA BRASIL. 7-A, Av. Passos. Tel. 42-2188
CAMISARIA CASTRO. 275, Rua A. Cordeiro. Tel. 29-1479
CAMISARIA CEM MIL CAMISAS. 29, Rua 7 Setembro. Tel. 23-3724
CAMISARIA CENTRAL. 56, Av. Mar. Floriano. Tel. 43-6011
CAMISARIA E CHAPELARIA MEYER. 271, Archias Cordeiro. Tel. 29-3453
CAMISARIA DAVID KRASILCHIK. 201, Rua do Catete. Tel. 25-6238
CAMISARIA FIALHO. 1, Aven. Alm. Barroso. Tel. 22-7873
CAMISARIA FIGARO. 9, Rua Andradas. Tel. 22-9108
CAMISARIA FIM DO MUNDO. 89, Av. Passos. Tel. 43-6757
CAMISARIA GARBO. 2/4, Av. Tomé Souza. Tel. 22-5204
CAMISARIA GUARANY. 89-C, Gonç. Dias. Tel. 23-4886
CAMISARIA LISBONENSE. 2, Rua 1.º Março. Tel. 43-1751
CAMISARIA LORD. 17, Miguel Couto. Tel. 23-3453
CAMISARIA LUZO BRASILEIRA LTDA. 122, Rua do Acre. Tel. 23-2600
CAMISARIA NATHAN. 85, Rua Ovidor. Tel. 23-5404
CAMISARIA NOVA AMERICA. 116, Uruguaiana. Tel. 23-4812
CAMISARIA O GANHA POUCO LTDA. 66, Av. Mar. Floriano. Tel. 43-2303
CAMISARIO OCTAVIO. 135, Av. Rio Branco. Tel. 23-0398
CAMISARIA PALACIO. 9, Ramalho Ortigão. Tel. 22-3629
CAMISARIA PERFEITA. 127-A, Av. Mem Sá. Tel. 42-0878
CAMISARIA PROGRESSO. loja. 78, Carioca. Tel. 22-3660
CAMISARIA PROGRESSO. loja. 2/4, Praça Tirad. Tel. 22-8162
CAMISARIA PROGRESSO. 2/4, Praça Tiradentes. Tel. 22-4851
CAMISARIA YPIRANGA. 7, R. Uruguaiana. Tel. 22-3812
CAMISARIA YPIRANGA. filial. 87, Assembléia. Tel. 22-3671
CAMIZEIRO O. armzs. 28/24, Assembléia. Tel. 42-0402
CAMIZEIRO O. dep. 34, Rua Assembléia. Tel. 42-9046
CAMIZEIRO WALDEMAR. 105, 1.º, Rua 7 Setem. Tel. 42-5354
CARBAR. 74, Rua Gonç. Dias. Tel. 42-4908
CARVALHAL & C. 132, Rua S. Pedro. Tel. 23-3891
CASA ALMEIDA. 90, Avenida Passos. Tel. 43-4591
CASA AYRES. 23, Rua da Carioca. Tel. 22-6595
CASA BITTAR. 29-A, Rua Andradas. Tel. 43-0036
CASA BORNAY. 158-A, Rua Mexico. Tel. 42-6960
CASA DOIS, camisaria. 13, Visc. Rio Branco. Tel. 22-3049
CASA ETHEL. 162, Rua do Ouvidor. Tel. 42-6754
CASA FORTES. 13, Praça Tiradentes. Tel. 22-1168
CASA GUISE, camisaria. 160, Uruguaiana. Tel. 43-9525
CASA ILHA DA MADEIRA. 59, Gonç. Dias. Tel. 22-0983
CASA INGLEZA. 75, Av. Gomes Freire. Tel. 22-1796
CASA IZACK, camisas. 280, R. S. Passos. Tel. 43-6821
CASA JOSÉ SILVA. 3/5, Rua Miguel Couto. Tel. 22-1920
CASA LEMOS. 16, Gonçalves Dias. Tel. 22-1208
CASA MICELI FILHO. artigos homens. 4, Visc. Maranguape. Tel. 22-5875
CASA MONTEIRO. 10, Gonçalves Dias. Tel. 22-2309
CASA NAIR. 79, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-3464
CASA PEIXOTO. 94, Av. Mar. Floriano. Tel. 43-5428
CASA PORTELLA. artigos homens. 124, Avenida Rio Branco. Tel. 22-8145
CASA RODRIGUES. 15/7, Andradas. Tel. 22-9024
CASA UM. 1, Av. Gomes Freire. Tel. 22-2383
CASA VITALI. 17/21, A. Guanabara. Tel. 22-6592
CASA WINDSOR. 112, Av. Rio Branco. Tel. 22-7432
CASAS RODRIGUES. 15/7, Andradas. Tel. 22-7521
CASTRO & CIA. RAUL. 12, Gonçalves Dias. Tel. 22-4293
CASTRO LOPES BRANDÃO & C. 189, Senado. Tel. 22-5937
CICILIA. 86-1.º, Rua 7 Setembro. Tel. 22-4966
CORRÊA DA SILVA & C. LTDA. J. camisaria. 20-A, Av. Mem Sá. Tel. 22-3612
COUTINHO & CIA. F. M. 189, M. e Barros. Tel. 28-2135
CRUZEIRO O. 20/4, Rua Assembléia. Tel. 22-9124
CRUZEIRO O. 22/4, Rua Assembléia. Tel. 42-1405
CYFER SAMUEL. 288, E. Souza. Tel. 38-4821
DAMIAN ALICE. lingerie. 84, Rua 7 Setem. Tel. 22-7922
DANIEL VILLELA MONTEIRO. 118, Av. Passos. Tel. 43-6735
DIAS & OLIVEIRA. 134, Aven. Mar. Floriano. Tel. 43-2427
DUARTE COSTA. 1, Av. Gomes Freire. Tel. 22-2383
EMMANUEL ACHER. I. 12-A, Av. G. Freire. Tel. 22-3319
ESMERALDA A. 32, Av. Mar. Floriano. Tel. 23-0640
ESPERANÇA DO BRASIL. 52, Carioca. Tel. 22-0054
ESPLANADA A. 155-B, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-6319
ESTEVES LUIZ JOSÉ. 207, R. Alfandega. Tel. 43-3470
ETAM S. A. 135, Rua 7 Setembro. Tel. 42-6925
EXPOSIÇÃO A. 146/50, Av. Rio Branco. Tel. 22-1930
FABR. CAMISAS LEAL. 9, Largo Rosario. Tel. 22-0739
FABR. CONFIANÇA DO BRASIL. 87, Carioca. Tel. 22-8360
FABR. DRAGÃO. 39, Senador Furtado. Tel. 28-1088
FABR. ITAUNA. 31, Rua Visc. Itauna. Tel. 43-0397
FABR. PLRAMIDE. 114, Rua Invalidos. Tel. 22-0334
FABR. ROUPAS CONDOR LTD. 16, Travessa Maris e Barros. Tel. 28-2665
FABR. DE ROUPAS LABOR. 316-A, S. Pedro. Tel. 43-6216
FARIA FELIX C. 104, Av. M. Floriano. Tel. 43-1990
FEDERAL A. 36, Av. Passos. Tel. 22-9454
FIALHO. 1, Av. Alm. Barroso. Tel. 22-7873
GIANINI & CIA. C. 157, Aven. Mar. Floriano. Tel. 43-1562
GRYNBLAT SALOMÉ. 355-A, Rua Catete. Tel. 25-2447
GUIMARAES J. S. 230, Rua General Camara. Tel. 43-3653

CASA MICELI FILHO. artigos homens. 4, Visc. Maranguape. Tel. 22-5875
CASA MONTEIRO. 10, Gonçalves Dias. Tel. 22-2309
CASA NAIR. 79, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-3464
CASA PEIXOTO. 94, Av. Mar. Floriano. Tel. 43-5438
CASA PORTELLA. artigos homens. 124, Avenida Rio Branco. Tel. 22-8145
CASA RODRIGUES. 15/7, Andradas. Tel. 22-9024
CASA UM. 1, Av. Gomes Freire. Tel. 22-3383
CASA VITALI. 17/21, A. Guanabara. Tel. 22-6592
CASA WINDSOR. 112, Av. Rio Branco. Tel. 22-7432
CASAS RODRIGUES. 15/7, Andradas. Tel. 22-7521
CASTRO & CIA. RAUL. 12, Gonçalves Dias. Tel. 22-4292
CASTRO LOPES BRANDÃO & C. 189, Senado. Tel. 22-5937
CICILIA. 86-1.º, Rua 7 Setembro. Tel. 22-4966
CORRÊA DA SILVA & C. LTDA. J. camisaria. 20-A, Av. Mem Sá. Tel. 22-3612
COUTINHO & CIA. F. M. 159, M. e Barros. Tel. 28-2135
CRUZEIRO O. 20/4, Rua Assembléia. Tel. 22-9124
CRUZEIRO O. 22/4, Rua Assembléia. Tel. 42-1405
CYFER SAMUEL. 288, E. Souza. Tel. 38-4821
DAMIAN ALICE. lingerie. 81, Rua 7 Setem. Tel. 22-7932
DANIEL VILLELA MONTEIRO. 118, Av. Passos. Tel. 43-6738
DIAS & OLIVEIRA. 134, Aven. Mar. Floriano. Tel. 43-2427
DUARTE COSTA. 1, Av. Gomes Freire. Tel. 22-2383
EMMANUEL ACHER. I. 12-A, Av. G. Freire. Tel. 22-3919
ESMERALDA A. 32, Av. Mar. Floriano. Tel. 23-0640
ESPERANÇA DO BRASIL. 52, Carioca. Tel. 22-0054
ESPLANADA A. 155-B, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-6319
ESTEVES LUIZ JOSÉ. 207. R. Alfandega. Tel. 43-3470
ETAM S. A. 135, Rua 7 Setembro. Tel. 42-6925
EXPOSIÇÃO A. 146/50, Av. Rio Branco. Tel. 22-1930
FABR. CAMISAS LEAL. 9, Largo Rosario. Tel. 22-0739
FABR. CONFIANÇA DO BRASIL. 87, Carioca. Tel. 22-8369
FABR. DRAGÃO. 39, Senador Furtado. Tel. 28-1088
FABR. ITAUNA. 31, Rua Visc. Itauna. Tel. 43-0397
FABR. PIRAMIDE. 114, Rua Invalidos. Tel. 22-0334
FABR. ROUPAS CONDOR LTD. 16, Travessa Maris e Barros. Tel. 28-2665
FABR. DE ROUPAS LABOR. 316-A, S. Pedro. Tel. 43-6216
FARIA FELIX C. 104, Av. M. Floriano. Tel. 43-1990
FEDERAL A. 36, Av. Passos. Tel. 22-9454
FIALHO. 1, Av. Alm. Barroso. Tel. 22-7873
GIANINI & CIA. C. 157, Aven. Mar. Floriano. Tel. 43-1562
GRYNBLAT SALOMÉ. 355-A, Rua Catete. Tel. 25-2447
GUIMARÃES J. S. 230, Rua General Camara. Tel. 43-2653

HADDAD FELIPPE. 60, Gonçalves Dias. Tel. 42-6628
HALIEL M. 262, Rua Senhor Passos. Tel. 43-3579
HENRIQUE. 158, Rua do Rosario. Tel. 43-3467
IMPERIO DAS CAMISAS. 118, Av. Passos. Tel. 43-6738
JAMES S. A. diret. 26, A. Guanabara. Tel. 42-9261
JAMES S. A. loja. 26-B, Alc. Guanabara. Tel. 22-5738
JOSEPHINE. Lingerie. 187-C, Av. Copacabana. Tel. 47-0706
LAVADEIRA A. 118, Rua do Ouvidor. Tel. 22-6050
LEWENSZTAJN MAJER. lingerie. 53, Rua Senador Euzebio. Tel. 43-8700
LIDO BAZAR. 290-D, Av. Copacabana. Tel. 27-9944
LINGERIE BARETTE. 104, Assembléia. Tel. 22-7329
A' BRASILEIRA. 998, Av. Copacabana. Tel. 47-2262
LINGERIE CICILIA. 86, Rua 7 Setembro. Tel. 22-4966
LINGERIE MME. SARA. 103, Av. G. Freire. Tel. 42-5314
LOJA DO SILVA. 18, Visc. Rio Branco. Tel. 42-6719
LOJAS REX LTDA. 885, Aven. Copacabana. Tel. 27-7356
LOPEZ JOÃO. 169, Rua do Ouvidor. Tel. 42-9495
LUZEIRO O. 36, Rua Assembléia. Tel. 42-0898
M. PEREIRA MARQUES & C. 52, Carioca. Tel. 22-0054
MALHARIA GIGANTE. 64, Rua Gonç. Dias. Tel. 22-3949
MANUFACTURA DE LOUÇAS GUARANY. 243, Rua da Alfandega. Tel. 43-1103
MATNI. fabr. camisas. 43, Rua Carioca. Tel. 42-8394
MATTAR N. 305, Gen. Camara. Tel. 23-4688
MATTOS ROCHA & C. 76, Rua Carioca. Tel. 22-4701
MATTOS ROCHA & C. 42, Costa. Tel. 43-5691
MATTOS ROCHA & C. 20/4, Assembléia. Tel. 42-4779
MENIUK & AVNAIM LTDA. 16, Barão Ubá. Tel. 48-0627
MESQUITA CONCEIÇÃO LTDA. 111, Assembléia. Tel. 22-2804
MUSSI JOÃO. 279, Rua Senhor Passos. Tel. 43-3707
NASCIMENTO VAZ & CIA. 21, Praça Tiradentes. Tel. 42-6503
NASSER NAGIB DAVID. 6, Rodrigo Silva. Tel. 42-5887
NUNES ANTONIO. 259, S. Pais. Tel. 29-8708
NUNES BRAGA & C. 14, Costa. Tel. 43-2283
O ROUPEIRO. 171, Av. Marechal Floriano. Tel. 43-5628
OLIVEIRA & MOURA. 74, Sen. Euzebio. Tel. 43-8317
OTTO 55-1.º, S/Fte. Gonç. Dias. Tel. 42-8409
PAVILHÃO O. 108, Ouvidor. Tel. 23-5444
PAVILHÃO O. 108, Ouvidor. Tel. 23-3428
PEREIRA NIVIERA & C. 129, Ouvidor. Tel. 22-9021
PETRONIO. 175, Av. Rio Branco. Tel. 22-4628
PORTELLA & CIA. F. 97/9, R. Ouvidor. Tel. 23-5519
POVOAS & CIA. F. 28, Av. M. Floriano. Tel. 23-2500
RAMOS SOBRINHO & CIA. 99, Quitanda. Tel. 23-2300
RAPOSO J. VIUVA. 9, Ramalho Ortigão. Tel. 22-5482

ROCA LTDA. 122-A, Rua do Costa. Tel. 43-9193
ROCHA & IRMÃO V. 110, B. Hipolito. Tel 43-4679
RODRIGUES ROCHA & C. 235, Sen. Pompeu. Tel. 43-6140
ROSE CAMISAS SOB MEDIDA. 136, Avenida Rio Branco. Tel. 22-9600
ROTSKY ELIAS. 75, Av. Gomes Freire. Tel. 22-1796
SABAN MOYSÉS. 174-A, Aven. Rio Branco. Tel. 42-3719
SALLES DEOSCORIDES. 128, Ouvidor. Tel. 42-5915
SANTIAGO MATTOS & C. 110, Uruguaiana. Tel. 23-4400
SANTOS QUEIROZ J. 18, Aven. Tomé Souza. Tel. 22-5636
SILVA & OLIVEIRA BRAZ. 114, Invalidos. Tel. 22-0334
SILVANIA TRAJES. 42, Assembléia. Tel. 22-3366
SOC. ANON. UNIÃO MANUF. ROUPAS. fabr. 90/8, Aristides Lobo. Tel. 22-1015
SOC. ANON. UNIÃO MANUF. ROUPAS. escr. 90/8, Aristides Lobo. Tel. 22-1129
SOC. ANON. UNIÃO MANUF. ROUPAS. seç. textil. 90/8, Aistides Lobo. Tel. 42-2706
SOUZA A. THEODORO. 113, Av. G. Freire. Tel. 22-8394
TRAJES SILVÂNIA. 42, Assembléia. Tel. 22-3366
TRIBEL SAMUEL. 27, Av. Gomes Freire. Tel. 22-2404
VAZ & CIA. NASCIMENTO. 89, Av. Passos. Tel. 43-6757
VAZ & GOMES. 59, Rua Senhor Passos. Tel. 43-4319
VIDEIRA ALVES & C. fabr. 9, Leandro Martins. Tel. 23-2734
WAJCHMAN KLAJMAN & Cia. Camisas. 54, Praça Tiradentes. Tel. 22-4226
WAJCHMAN MOSZEK HERCH. Camisas. 77, Rua Assembléia. eTl. 42-8696

SEDA

ABUZAID & HADDAD. 5, Av. Gomes Freire. Tel. 42-3192
ALDO DE MACEDO. 22, Gonçalves Ledo. Tel. 42-8334
ALHADEFF ACHER R. 100, B. Aires. Tel. 43-0562
ANDRAUS & C. LTDA. escrit. 134, Alfandega. Tel. 23-4681
ATTA & IRMÃO EMILIO. fabr. 586, F. Brito. Tel. 38-3708
AVZARADEL SAMUEL. 21/3, Av. G. Freire. Tel. 42-4214
AZEVEDO J. R. 104, Rua da Alfandega. Tel. 23-2992
BACHA MOYSÉS N. 41, Rua Dr. Jobim. Tel. 29-6320
BARBOSA FREITAS. 136, Av. Rio Branco. Tel. 22-0372
BARBOSA FREITAS. 136, Av. Rio Branco. Tel. 42-7337
BERGMAN BENJAMIN. 275, R. Senhor Passos. Tel. 43-1972
BICHO DA SEDA AO. fazenda. 169-A, Ouvidor. Tel. 23-8561
CALUX NAME. 290, Rua da Alfandega. Tel. 43-2117
CARDIA J. 300, Rua da Alfandega. Tel. 43-6515
CASA CAMELLO. 11, Rua do Teatro. Tel. 22-2743
CASA FLORIDA. 55, Praça Floriano. Tel. 22-5334
CASA GEBARA. matriz. 38, Rua Luiz Camões. Tel. 42-4065
CASA GEBARA. filial. 138, Rua Ouvidor. Tel. 22-5816
CASA JACQUES. 19-A, Av. Gomes Freire. Tel. 22-2686
CASA KAMPELA. 269, Senhor Passos. Tel. 43-0601
CASA LISETTE. 266, Rua da Alfandega. Tel. 43-2155
CASA MAURICIO. 223, Alfandega. Tel. 43-6309
CASA MUNIR. 23, Largo de S. Francisco. Tel. 42-8509
CASA PACHA. 21, Largo de S. Francisco. Tel. 22-3083
CASA PARIS. 62, Gonç. Dias. Tel. 42-7121
CASA REIS. 3, Rua Teatro. Tel. 22-5076
CASA SADY. 148, Rua Ouvidor. Tel. 22-9640
CASA SASSON. 15, Largo da Carioca. Tel. 22-3884
CASA TOKIO. 161, Rua Ouvidor. Tel. 22-7458
CASA VICTORIA. 2-1.º, Largo Carioca. Tel. 22-2787
CASA VIRGILIO. 36, Ramalho Ortigão. Tel. 22-4731
CASA WALDEMAR. 270, Alfandega. Tel. 43-5278
CASA WILMART. 41, Gonçalevs Dias. Tel. 42-3513
CASAS BRASILEIRAS DE SEDAS. 268, Rua da Alfandega. Tel. 43-0496
CASAS PERNAMBUCANAS. filial. 44, Largo S. Francisco. Tel. 22-1298
CASTIEL IRMÃOS & CIA. 144, Ouvidor. Tel. 22-1749
CHONCHOL & C. LTDA. 28, Av. Gomes Freire. Tel. 43-5881

CHUEKE & CIA. SALIM. 310, Alfandega. Tel. 432275
CORTEZ HELIO. 190, Buenos Aires. Tel. 43-7155
DIVO ESPERIDIÃO & CIA. 23, L. Fróis. Tel. 22-1402
EMMANUEL & CIA. HASSID. 10-A, Aven. Gomes Freire. Tel. 22-2686
ESPERANÇA & CIA. SALVADOR. 127, Ouvidor. Tl. 42-6654
FABR. VICTORIA REGIA. 202, B. Monteiro. Tel. 48-8389
FEIRA DAS SEDAS. 288, Rua Alfandega. Tel. 43-4091
FEIRA DE TECIDOS. 20, Ramalho Ortigão. Tel. 22-5672
FRAIHA & CIA. 19, Largo S. Francisco. Tel. 22-2215
GELASSEM S. 17, Av. Gomes Freire. Tel. 22-0106
HAKIME & CIA. ELIAS. 308, R. Alfandega. Tel. 43-0239
HIMEISTEIN MARCOS. 267, R. Alfandega. Tel. 43-4178
INDUSTRIA LIBANEZA TECIDOS LTDA. 238, Rua da Alfandega. Tel. 43-1220
IRMÃOS GAUI LTDA. 288, Alfandega. Tel. 43-9829
ISRAEL MENASCHE & C. 57, Av. G. Freire. Tel. 22-5826
ISSA & CIA. LTDA. JOÃO. 221, Alfandega. Tel. 43-1197
LOJA POPULAR. 19-A, Rua C. Meyer. Tel. 29-0965
LOJA POPULAR. 86, Rua 7 Setembro. Tel. 42-4834
MAKSOUD KHALIL H. 99, R. Gratidão. Tel. 38-0383
MALUF & CIA. JORGE. 169, Ouvidor. Tel. 42-8249
MATARAZZO INDUST. REUNIDAS F. S/A. Escr. 63/67, Av. Rio Branco. Tel. 23-1896
MELMAN JACOB, dep. 274, Alfandega. Tel. 43-0429
MERHY TAMEM. 242, Rua da Alfandega. Tel. 43-8015
MUANIS & SALAMONI. 241, R. Alfandega. Tel. 43-1983
MUSAFIR RICARDO. 55, Aven. Gomes Freire. Tel. 22-1515
NADER AZIZ. fabr. 2720, Av. Suburbana. Tel. 29-9062
NADER & CIA. AZIZ. 2720, Av. Suburbana. Tel. 29-2877
NADER & CIA. AZIZ. 146/48, Alfandega. Tel. 43-2011
NADER SALIM. 26, Rua Luiz Camões. Tel. 22-1656
PEDRO A. 306, Rua da Alfandega. Tel. 43-4244
PEROLA DAS SEDAS A. 162, Rua Ouvidor. Tel. 42-3799
PETROPOLIS TEXTIL LTDA. 169, Ouvidor. Tel. 42-7413
SAADI DAVID. 256, Alfandega. Tel. 43-0781
SADDI RAHAL. repres. 169, R. Ouvidor. Tel. 42-8249
SADDY IRMÃOS. 148, Rua do Ouvidor. Tel. 22-8640
SADDY IRMÃOS. 160, Rua do Ouvidor. Tel. 22-8640
SCSHEIDIER & CIA. 169, Rua Ouvidor. Tel. 42-6655
SCHEIDLER & C. 169-3.º, S/329, Ouvidor. Tel. 42-6655
SEDA MODERNA A. 39, Rua Uruguaiana. Tel. 42-8925
SEDA MODERNA, A. 39-1.º, R. Uruguaiana. Tel 42-8925
SEDAS OUVIDOR. 160, Rua do Ouvidor. Tel. 22-8640
SEDAS FALO LTDA. 163, Rua Ouvidor. Tel. 42-8418
SOBRADO DAS SEDAS. 17, Largo Carioca. Tel. 22-6644
SOCIED. ANONYMA FABRICA VICTORIA REGIA. 202, Rua B. Monteiro. Tel. 48-8389
TECELAGEM CARIOCA SEDA. 67, Av. Passos. Tel. 43-2463
TECELAG. GUANABARA LTDA. 26, L. Camões. Tel. 22-9444
TECELAGEM MODERNA LTDA. 31, Gonç. Dias. Tel. 22-1252
TECELAGEM DE SEDA SANTA MARGARIDA. 241, Alfandega. Tel. 43-1983
TELIO & NIGRI. 49, Babilonia. Tel. 28-4858
TEXTILIA S. A. TECELAGEM DE SEDA. 87, Uruguaiana. Tel. 43-3064
WAINBERGER TANAS CH. 114, Visc. Itauna. Tel. 43-2131
WERNER S. A. FABRICA DE TECIDOS. contab. 100/2, Alfandega. Tel. 23-3744
WERNER S. A. FABRICA DE TECIDOS. exped. 100/2, Alfandega. Tel. 23-4114

SEGUROS

AFIANÇADORA A. S. A. 107, Alfandega. Tel. 43-6630
ALLIANÇA DA BAHIA. Escr. 66, Ouvidor. Tel. 23-2924; Ger. 66, Ouvidor. Tel. 23-3245
ALLIANÇA DA BAHIA CAPITALIZAÇÃO S. A. diret. 64, Ouvidor. Tel. 23-4610
ALLIANÇA DA BAHIA CAPITALIZAÇÃO S. A. depart. de prod. 64, Ouvidor. Tel. 23-3179
ALLIANCE ASSURANCE CO. LTD. 37, Aven. Rio Branco. Tel. 23-5988
AMERICANA DE SEGUROS. 153, Quitanda. Tel. 23-3317
ARGOS FLUMINENSE. 7, Rua Alfandega. Tel. 23-4954
ASSICURAZIONI GENERALI DI TRIESTE E VENEZIA. 138, Av. Rio Branco. Tel. 42-8020
ATALAIA. 14, Trav. Ouvidor. Tel. 23-2255
ATLANTICA COMP. NACIONAL DE SEGUROS. ger. 90, Aven. Alm. Barroso. Tel. 42-4137
ATLAS ASSURANCE CO. LTD. 99, Gen. Camara. Tel. 23-3545
AVAIUSINI. S. G. Escrit. Tel. 23-1670; Res. Tel. 23-1785
BOARD OF UNDERWRITERS. 21, Alfandega. Tel. 23-1785
BRASIL COMP. DE SEGUROS GERAES. exped. 9, CANDElaria. Tel. 23-2510
BRAZILIAN WARRANT AGENCY & FINANCE CO. LTD. 5 Av. Rio Branco. Tel. 23-3813
CALEDONIAN INSURANCE COMPANY. 101, Rua do Rosario. Tel. 23-5182
CASA NICOLSON S. A. 45, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-2615
CLO & JAC DE SEGUROS LTDA. 52, Av. Rio Branco. Tel. 23-6157
COMMERCIAL UNION. 71, Rua S. Pedro. Tel. 23-1855
COMPAGNIE D'ASSURANCES GENERALES. 9, Rua Candelaria. Tel. 23-2678
COMP. ADRIATICA DE SEGUROS. 87, Rua Uruguaiana. Tel. 23-1670
COMP. ALLIANÇA DA BAHIA. Escr. 66, Ouvidor. Tel. 23-2924
COMP. GARANTIA IND. PAULISTA seg. contra acidentes no trabalho. 85, Rua S. José. Tel. 22-1033
COMP. GARANTIA INDUSTRIAL PAULISTA. Tl. 22-1043
COMP. INTERNACIONAL DE CAPITALIZAÇÃO. escr. 6, Rua 1.º Março. Tel. 23-1990
COMP. INTERNACIONAL SEGUROS. sede. 48, Rua da Alfandega. Tel. 23-1835
COMP. INTERNACIONAL DE SEGUROS. ambulat. 235. Av. Mem Sá. Tel. 42-3743
COMP. INTERNACIONAL DE SEGUROS. 48, Rua da Alfandega. Tel. 23-1835
COMP. ITALO BRASILEIRA DE SEGUROS GERAES. Sed. 91, Av. R. Branco. Tel. 23-4457
COMP. NACIONAL DE SEGUROS MUTUO CONTRA FOGO. 49, Carmo. Tel. 23-1049
COMP. PAULISTA DE SEGUROS. Seç. Ocidel. 117, Av. Rio Branco. Tel. 23-4228; Agencia 143, Quitanda. Tel. 23-2101
CIA. INGLESA DE SEGUROS "YORKSHIRE". 66, Gen. Camara. Tels. 23-1934/35
ALLIANCE ASSURANCE COMPANY, LIMITED. 35/37, Av. Rio Branco. Tel. 23-5988
COMP. SEG. AACHEN & MUNICH. 107, Rua da Alfandega. Tel. 23-4923
COMP. SEG. ALBINGIA. 105, Alfandega. Tel. 23-4925
COMP. SEG. ALLIANÇA DA BAHIA. Escr. 66, Ouvidor. Tel. 23-2924; Ger. 66, Ouvidor. Tel. 23-3345
COMP. SEG. ALLIANÇA MINAS GERAES. 56, Gen. Camara. Tel. 23-0626
COMP. SEG. ARGOS FLUMINENSE. escr. 7, Rua da Alfandega. Tel. 23-5365
COMP. SEGUROS DA BAHIA. 51, R. 1.º Março. Tel. 43-8885
COMP. SEGUROS CALEDONIAN 101, Rosario. Tel. 23-5182
COMP. SEGUROS CONFIANÇA. 111-A. Quitanda. Tel. 23-3955

COMP. SEGUROS GARANTIA. 26, Av. G. Aranha. Tel. 42-9064
COMP. SEGUROS GUANABARA 128, Avenida Rio Branco. Tel. 42-6010
COMP. SEGUROS GUARDIAN. 9, Av. R. Branco. Tel. 23-3612
COMP. SEGUROS INDEMNISADORA. 26-A, Av. Rio Branco. Tel. 23-3135
COMP. SEGUROS INDEMNISADORA. 26-A, Av. Rio Branco. Tel. 23-3100
COMP. SEGUROS INTEGRIDADE. 15, B. Aires. Tel. 23-3613
COMP. SEGUROS INTEGRIDADE. 15, B. Aires. Tel. 23-3614
COMP. SEGUROS INTEGRIDADE. agencia. 5, Paraguay. Tel. 29-2053
COMP. SEGUROS LA FONCIERE INCENDIE. 128, Av. Rio Branco. Tel. 42-6010
COMP. SEGUROS L'UNION. 87, Uruguaiana. Tel. 23-3033
COMP. SEGUROS MINAS BRASIL. ger. 62, Av. Graça Aranha. Tel. 42-5191
COMP. SEGUROS MINAS BRASIL. depart. acd. trabalh. 62, Av. G. Aranha. Tel. 42-4646
COMP. SEGUROS MINAS BRASIL. ambulatorio medico. 157, Av. G. Freire. Tel. 42-6202
COMP. SEG. NATIONAL. 107, Alfandega. Tel. 23-4925
COMP. SEGUROS NICTHEROY. exp. 79, Ouvidor. Tel. 23-1242
COMP. SEGUROS NORTHERN. 79/81, Avenida Rio Branco. Tel. 23-5947
COMP. SEGUROS NOVO MUNDO. 65, Carmo. Tel. 23-5911
COMP. SEGUROS INTEGRIDADE. 15, Buenos Aires. Tels.: 23-3614 e 23-3613
COMP. SEGUROS PHENIX SUL AMERICANO. 48, Rua da Alfandega. Tel. 23-4515
COMP. SEGUROS PREVIDENCIA DO SUL. 9, Rua da Candelaria. Tel. 23-5093
COMP. SEG. PREVIDENTE. Diret. 49, Rua 1.° Março. Tel. 23-3810; Ger. 49, Rua 1.° de Março. Tel. 23-3600
COMP. SEGUROS RIO GRANDENSE. 67, Rua S. Pedro. Tel. 23-1680
COMP. SEGUROS SUL AMERICA TERRESTRES MARITIMOS E ACIDENTES. 29/35, B. Aires. Tel. 43-9914
COMP. SEGUROS SUL AMERICA TERRESTRES MARITIMOS E ACIDENTES. ambul. 333, Av. Mem Sá. Tel. 42-4850
COMP. SEGUROS SUL AMERICA TERRESTRES MARITIMOS E ACIDENTES. escrs. 29/35, B. Aires. Tel. 23-2107
COMP. SEGUROS UNIÃO PANIFICADORA. exped. 73, Praça Tiradentes. Tel. 42-2895
COMP. SEGUROS UNIÃO PROPRIETARIOS. 87, Rua da Quitanda. Tel. 43-3096
COMP. SEGUROS VAREGISTAS dir. 63, Ouvidor. Tel. 23-2512
COMP. SEGUROS VITORIA. 17, B. Aires. Tel. 23-4397
CONTINENTAL COMP. SEGUROS. escrit. 91, Avenida Rio Branco. Tels., 43-9410, 23-3610 e 23-3611
COOPERAT. SEGUR. DO SYNDICATO COMMERCIANTES ATACADISTAS DO RIO DE JANEIRO. 107, Rua da Alfandega. Tel. 43-5546
CORSEGUR. 111, Rua da Quitanda. Tel. 43-9725
UCNNINGHAM & ZANDER. 21, Alfandega. Tel. 23-1785
EQUITATIVA E. U. DO BRASIL A. Geral. 125, Av. Rio Branco. Tel. 23-5890
EQUITATIVA TERRESTRES ACIDENTES E TRANSPORTES S. A. ambulat. 343, Av. Mem Sá. Tel. 42-4750
EQUITATIVA TERRESTRES ACIDENTES E TRANSPORTES S. A. gabin. diret. Dr. João Procença. 125, Av. Rio Branco. Tel. 42-8489
ESTRELLA H. 17, Rua Buenos Aires. Tel. 43-3673
FIRE INSURANCE ASS. OF R. JANEIRO. 17, Rua Beneditinos. Tel. 43-6235
FORTALEZA A COMP. NAC. SEGUROS. 102, Rua Ouvidor. Tels.: Contab. 43-3182; Diret. 23-6341; Exped. 23-6349
FRISBEE & FREIRE LTD. 34, Teofilo Otoni. Tel. 23-2513
GREAT AMERICAN INS. CO. Agentes Comp. Expresso Federal. 87, Aven. Rio Branco. Tel. 23-2000; Repres. geral. 21, Alfandega. Tel. 23-1785
HANSEN & CIA. ALFREDO. 107, Alfandega. Tel. 23-4925
HOME INSURANCE CO. THE gerencia. 31, Rua da, Alfandega. Tel. 23-1785
JEANS & CIA. WILSON. 90, R. Gen. Camara. Tel. 23-3543
JONELLI RENÉ, corret. seguros. 151, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 22-6226
LEGAL & GENERAL ASSURANCE SOCIETY LTD. THE. 47, Alfandega. Tel. 23-5032
LEGAL & GENERAL ASSURANCE SOCIETY LTD. THE. 143, Quitanda. Tel. 23-2101
LIVERPOOL AND LONDON AND GLOBE INSURANCE CO. LTD. 17, R. Beneditinos. Tel. 436485

LLOYD ATLANTICO S. A. ger. 26-A, Avenida Rio Branco. Tel. 23-3128
LLOYD ATLANTICO S. A. escr. 26-A, Avenida Rio Branco. Tel. 23-0088
LLOYD SUL AMERICANO COMP. SEG. MARITIMOS E TERRESTRES E LLOYD INDUSTRIAL SUL AMERICANO COMP. SEG. CONTRA ACIDENTES. 26, Av. Rio Branco. Tel. 23-1614
LONDON ASSURANCE. 90, Rua Mexico. Tel. 42-8050
LONDON & LANCASHIRE. 90, Rua Mexico. Tel. 42-8050
LUIZ JOSÉ NUNES. Agente geral. "L'UNION". 87-4.º, S/47, Uruguaiana. Tel. 23-3033
MAGALHAES JACY. 62, Aven. Rio Branco. Tel. 23-6157
MATARAZZO FAUSTO. 65, Rua 7 Setembro. Tel. 43-9033
MERCANTIL COMP. NAC. SEGUROS. 79, Rua Ouvidor. Tel. 23-3695
MERIDIONAL COMP. SEGUROS ACID. TRABALHO. Escritorio e Produção. 185, Rua da Quitanda. Tel. 43-8518; Gerencia. 185, Quitanda. Tel. 43-9225
METROPOLE COMP. NAC. SEGUROS ACIENTES DE TRABALHO. 88, Rua 1.º Março. Tel. 43-2890
METROPOLE COMP. NAC. SEGUROS GERAIS. matriz. 88, Rua 1.º Março. Tel. 43-2890
METROPOLE COMP. NAC. SEGUROS GERAIS. ambulatorio. 272, Avenida Mem Sá. Tel. 22-5722
MOTOR UNION INSURANCE CO. LTD. escr. 151, Av. Nilo Peçanha. Tel. 22-1870
NICOLSON S. A. 45, R. Teofilo Otoni. Tel. 23-2615
NORTH BRITISH & MERCANTILE. 45, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-2615
NORTHERN ASSURANCE CO. LTD. 79/81, Av. Rio Branco. Tel. 23-5947
NORTHERN ASSURANCE CO. LTD. THE PARSON CROSLAND & C. LTDA. agentes gerais. 62, Av. Graça Aranha. Tel. 22-5155
NOVO MUNDO COMP. SEG. ACCIDENTE TRABALHO. ambulatorio. 208. Rua Lavradio. Tel. 22-6434
NUNES LUIS JOSÉ. escr. 87, Uruguaiana. Tel. 23-3033
ORGANIZAÇÃO TECNICA SEGURADORA. 65-3.º, S/31, Rua 7 Setembro. Tel. 43-9033
PARSON CROSLAND & CIA. LTDA. 62, Av. Graça Aranha. Tel. 22-5155
PEARL ASSURANCE COMPANY LTD. 34, Teofilo Otoni. Tel. 23-2513
PHOENIX ASSURANCE CO. LTD. OF LONDON. 145, Quitanda. Tel. 23-1955
PIRATININGA COMP. NACIONAL SEG. GER. ACCID. TRABALHO A. 39, Visc Inhauma. Tel. 43-6293
PROTECTORA COMP. SEGUROS CONTRA ACCIDENTES DO TRABALHO. 31-A, Lapa. Tel. 22-8770
PROTECTORA COMP. SEGUROS CONTRA ACIDENTES DO TRABALHO. 323, Buenos Aires. Tel. 43-8075
PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO COMP. NAC. PARA FAVORECER A ECONOMIA. 20, Praça 15 Novembro. Tels.: 43-9322, 43-9486 e 23-3922
ROYAL ECHANGE ASSURANCE CORPORATION. 143, Rua Quitanda. Tel. 23-2101
ROYAL INSURANCE CO. LTD. 17, Beneditinos. Tel. 43-6165
SAGRES COMP. SEGUROS. 90, Rua Mexico. Tel. 42-8050
SÃO PAULO A COMP. NAC. EGUROS VIDA. Gerencia. 114, Av. Rio Branco. Tel. 42-4554
SEGURADORA INDUSTRIA E COMERCIO S. A. 91, Av. Rio Branco. Tel. 43-6400
SEGURANÇA INDUST. COMP. Escrit. 137, Av. Rio Branco. Tel. 23-1840
SUISSA A SOC. ANON. SEG. GERAES. 163, Rua da Quitanda. Tel. 43-6875
SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO S. A. Sede Social. 41, Alfandega. Tel. 23-2040
SUN INSURANCE OFICE LTDA 67, S. Pedro. Tel. 23-1639
UNIÃO BRASILEIRA COMP. SEGUROS GERAIS. 107, Alfandega. Tel. 43-6464
UNIÃO FLUMINENSE COMP. SEGUROS. 85, Rua S. José. Tel. 22-5829
UNIÃO DOS PROPRIETARIOS. 87, Quitanda. Tel. 23-3113 63, Ouvidor. Tel. 23-2512
VIGIA S. A. 41, Rua da Alfandega. Tel. 43-2372
WHITE MARTINS S. A. 67 S. Pedro. Tel. 23-1680
WHILE & C. LTDA. THEODOR. 79/81, Avenida Rio Branco. Tel. 23-5947
WILSON SONS & CO. LTD. 37, Av. R. Branco. Tel. 23-5988
WORLD AUXILIARY INSURANCE CORP. LTD. 6, Rua M. Veiga. Tel. 23-2216
YORKSHIRE INSURANCE CO. LTDA. 66, Rua Gen. Camara. Tels.: 23-1936 e 23-1934

SELOS PARA COLEÇÃO

CASA GOMES. 53, Rua 7 Setembro. Tel. 23-2333
CODA NINO ALDO. 50, Rua do Carmo. Tel. 23-5253
GOMES JUNIOR GIL. 18, Largo Carioca. Tel. 22-3054
A. HABER & CIA. LTDA. 217, Visc. Pirajá. Tel. 27-5565
JOSÉ BERNSTEIN & C. LTDA. 36, Trav. Ouvidor. Tel. 23-6189
LEITE J. S. 5, Rua da Quitanda. Tel. 22-9064
MARX HAROLDO BURLE. 11, Beco Cancelas. Tel. 23-4112
SANTOS LEITÃO & C. 9, Rodrigo Silva. Tel. 42-3696

SERRAGEM PARA COZINHA

LOUREIRO & CIA. C. 249-A, Alegria. Tel. 28-0163
MARTINS & CIA. AMERICA. 16, Trav. C. Velho. Tel. 42-2279

WORLD AUXILIARY INSURANCE CORP. LTD. 6, Rua M. Veiga. Tel. 23-2216
YORKSHIRE INSURANCE CO. LTDA. 66, Rua Gen. Camara. Tels.: 23-1936 e 23-1934

SELOS PARA COLEÇÃO

CASA GOMES. 53, Rua 7 Setembro. Tel. 23-2333
CODA NINO ALDO. 50, Rua do Carmo. Tel. 23-5253
GOMES JUNIOR GIL. 18, Largo Carioca. Tel. 22-2054
A. HABER & CIA. LTDA. 217, Visc. Pirajá. Tel. 27-5565
JOSÉ BERNSTEIN & C. LTDA. 36, Trav. Ouvidor. Tel. 23-6185
LEITE J. S. 5, Rua da Quitanda. Tel. 22-9064
MARX HAROLDO BURLE. 11, Beco Cancelas. Tel. 23-4112
SANTOS LEITÃO & C. 9, Rodrigo Silva. Tel. 42-3696

SERRAGEM PARA COZINHA

LOUREIRO & CIA. C. 249-A, Alegria. Tel. 28-0163
MARTINS & CIA. AMERICA. 10, Trav. C. Velho. Tel. 42-2279

SERRARIAS

ABRANTES & CIA. J. 280/350, Praia S. Cristovão Tel. 28-9734
BATISTA. 1077, J. Vicente. ⊙ MAR. HERMES. 879
BARROS & C. LTDA. J. F. 22, Largo Campinho. Tel. 29-8352
CANIO ANDRADE & CIA. 194, F. Teles. Tel. 28-2187
CARPINTARIA DA S. A. SERRARIA MOSS. Escr. e Ofic. 148, B. S. Felix. Tel. 43-2140
CASA DOMINGOS JOAQUIM DA SILVA S. A. escr. central. 90, Av. Alm. Barroso. Tel. 42-4116
CASA DOMINGOS JOAQUIM DA SILVA. S. A. ser. e armzs. 12, Praia S. Cristovão. Tl. 28-0025
CENTRAL SUBURBANA. 90, P. Nobrega. Tel. 29-6380
COMP. INDUSTR. DE MADEIRAS DA BARRA DE S. MATHEUS. 71, Barão Itapagipe. Tel. 28-4641
CORRÊA DA COSTA & C. 223, J. Palhares. Tel. 48-5956
CUNHA SEGUNDO M. 133, Rua Costa. Tel. 43-6640
DIAS & IRMÃOS. 67, Rua J. Clemente. Tel. 28-2987
DONATO ARTHUR. 71, Barão Itapagipe. Tel. 28-3844
DONATO & CIA. ARTHUR. 71, Barão Itapagipe. Tel. 28-4641
FERNANDES GONZALEZ & C. 81, F. Engenio. Tle. 28-5469
FLORINDA. 59, Rua do Camerino. Tel. 43-1939
GOMES DA SILVA JOSÉ. 90, A. Vasconcelos. ⊙ CAMPO GRANDE, 15
IRIS. 15, A Miranda. Tl. 29-0229
JACARÉ. 226, Rua 2 de Maio. Tel. 29-4033
MACHADO BASTOS & C. 41, Pra. S. Cristovão. Tl. 28-0168
MADEIRENSE DO BRASIL S A escr. e ger. 17, Rua M. Veiga. Tel. 23-0277
MADEIRENSE DO BRASIL S A filial. 27, Rua Visc. de Itauna. Tel. 43-1174
MADEIRENSE DO BRASIL S A dep. mad. 112, Alfa. Tl. 43-1155
MARACANÃ. 657, Aven. Maracanã. Tel. 28-5578
MARTINS. 147, Rua Barreiros. Tel. 30-2144
MODERNA. 2, Estr. Marechal Rangel. Tel. 29-8063
MOSS ARTHUR TARGINI. escr. 148, B. S. Felix. Tel. 43-2140
NEVES. 1, Estr. de Colegio. Tel. 29-8790
N. S. DA CONCEIÇÃO. 419, Af. J. Ribeiro. Tel. 29-3530
OLIVEIRA & BASTOS LTDA. B. 226, Rua 2 Maio. Tel. 29-4033
OLIVEIRA LEITE LUIZ. 147, C. Benicio. Tel. 29-8289
PASSOS & CIA. F. escr. 590-A, Santa Luzia. Tel. 22-0834
PASSOS & CIA. F. serraria. 172-196, Praia de São Cristofão. Tel. 28-0099
PEIXOTO & CIA. AMARO A. 103, B. Otoni. Tel. 28-2285
POVO. 2604, Aven. Suburbana. Tel. 29-9100
POZATO & CIA. 112, Rua Alfa. Tel. 43-5334
REV. PAUL. 172, Praia S. Cristovão. Tel. 28-3099
ROCHA MIRANDA. 135, Praça Perolas. ⊙ MAR. HERMES, 686.
RODRIGUES & VALLES A. 27, B. Otoni. Tel. 28-1678
SANTA LUCIA. 2367, Av. Suburbana. Tel. 29-2331
SANTOS OLIVEIRA & CIA. A. 217, S. Cristovão. Tel. 28-5359
SERRALHERIA CIVIL. 690, B. Mesquita. Tel. 38-0296
SERRARIA MARANGÁ. 147, C. Benicio. Tel. 29-8289
SERRARIA MOSS S. A. 148, B. Barão S. Felix. Tel. 43-2140
SILVA SIMÕES HENRIQUE. 92 94, Marq. Sapucaí. Tel. 43-5220
TORRES MOREIRA & C. LTDA. 631, Rua São Luiz Gonzaga. Tel. 48-2143
VEIGA & CIA. 7, S. Montenegro. Tels. 43-1070 e 43-1072
VILLELA LACERDA & C. 168, Conceição. Tel. 43-2435

SERZIDORES

SERZIDEIRA. 15, Rua dos Andradas. Tel. 42-7327
SERZIDEIRA LUIZA RIGUERO 161-1.º, B. Aires. Tel. 43-1824
SERZIDOR INVISIVEL. 162, Ouvidor. Tel. 22-1684; 44, Andradas. Tel. 23-4194
SERZIDEIRA D. MARIA. 95-1.º, Andradas. Tel. 43-6671
SERZIDEIRA PARISIENSE. 14, Largo S. Francisco. Tl. 22-0846
SERZIDEIRA RACHEL CASTELLO. 44, Rua da Carioca. Tel. 42-2986
SERZIDEIRA RAPIDA INVISIVEL. 89, Ouvidor. Tl. 43-0714
SERZIDEIRA AS. 46, Carioca. Tel. 22-4114
SERZIDOR INVIZIVEL. 44, R. Andradas. Tel. 23-4194

SIRGUEIROS

ADRIÃO ANTONIO. 6-C, Aven. Mar. Floriano. Tel. 23-2284
AZEVEDO ALVES RODRIGUES & C. LTDA. 52, Rua do Carmo. Tel. 23-2282
CASA PATRIA. 137, Rua 1.º de Março. Tel. 23-1591
CASA UNIÃO MILITAR. 235-E, 235-F, Aven. Mar. Floriano. Tel. 43-5304
FERREIRA PASSARELLO & C. LTDA. escr. armz. 15, Travessa Ouvidor. Tel. 23-3234
FERREIRA PASSARELLO & C. LTDA. dep. 12-A, J. Alvares. Tel. 43-9132
MILITAR A. 57, Rua Constituição. Tel. 42-8328

MORAES ALVES & CIA. 116, Av. Passos. Tel. 43-6653
PETTIMANT ALFREDO FELIPPE. 12, Aven. Marechal Floriano. Tel. 23-2317
TRINDADE & NELSON. 237/9, Gen. Camara. Tel. 43-1723
TRINDADE & NELSON. 18, L. Bastos. Tel. 38-1957

SOFÁ — MOVEIS

A CAMA DRAGO. — Sofá Cama Drago. — Fabr.: 105, R. Visc. Itauna. Tel. 23-3430 — Matriz.: 209, Rua 7 Setembro. Tel. 42-2249 — Filial.: 141-A, Catete. Tel. 25-5712
AMERICA. — Sofá Cama "America" — 61, Rua 7 Setembro. Tel. 43-9545

SOLDA ELETRICA

ARMCO —LINCOLN. 107-4.º, R. Alfandega. Tel. 23-5866
BRITO JOSÉ. 497, J. Palhares. Tel. 28-7688
COMP. BRASILEIRA DE ELETRICIDADE SIEMENS-SCHUCKERT S. A. 78, Gen. Camara. Tel. 23-1756
CIA. EXPRESSO FEDERAL. 87, Av. Rio Branco. Tel. 23-2000
COMP. FORNECEDORA MATERIAES. 35/9, Rua Frei Caneca. Tel. 22-7740
JOSÉ LANZETTI. 6, Av. Salvador Sá, (Fds.). Tel. 42-9044
SILVA DIOGO DA COSTA. ofc. 73, M. Frias. Tel. 48-5156
SOLDA ELETRICA SÃO JORGE 105, E. Veiga. Tel. 42-7332
SOC. INDUSTRIAL DE REFRIGERAÇÃO LTDA. 48/50, Catumby. Tel. 42-9359
INDUS. REUNIDAS AZEVEDO LTDA. 600-A, Anna Nery. Tel. 48-1490
LUCCHZ JOSÉ. 71, Rua 2 Dezembro. Tel. 25-1691

SORVETERIAS

AMARO & C. LTDA. 623, Aven. Copacabana. Tel. 27-2445
AMELIO TRIVELLATO. 216, Sob. Uruguaiana. Tel. 43-4627
AMERICANA. 17, Praça Floriano. Tels.: 22-8143 e 22-1495
AMERICANA. 23, Rua Senador Vergueiro. Tel. 25-3939
BAR E SORVET. SÃO BENTO. 371-C, Arist. Caire. Tl. 29-0907
BRASILEIRA Confeit. e sorvet. 23, Prç. Floriano. Tl. 22-5933
CALY. 86-A, Siqueira Campos. Tel. 26-8199
CASA CONTINENTAL. sorvet e bar. 46-A, Viveiro de Castro. Tel. 27-7120
CONFEIT. E SORVET. BRASILEIRA. 23, Praça Floriano. Tel. 22-2663
F. MARTINS & CIA. Café Continental, sorvet. e bar. 46-A, V. Castro. Tel. 27-7120
FABR. COPINHOS PARA SORVETES. 186, J. Palhares. Tel. 48-3595
FABRICA TABÚ. 546, Rua Senador Euzebio. Tel. 23-0306

FISKY SORVETES, escr. 248, Rua Matoso. Tel. 28-0325
FRANCISQUINHO A. 488-A, Gen. Canabarro. Tel. 28-5652
FURTADO JOSÉ. 9, Av. Rio Branco. Tel. 43-6113
GAROTA DO GRAJAHÚ A. 704-A, Barão Bom Retiro. Tel. 38-7233
IRMÃOS VIANNA & CIA. 248, Rua Matoso. Tel. 28-5714
LEITERIA E SORVETERIA OUVIDOR. 69, Rua do Ouvidor. Tel. 23-5422
MALIBÚ. 8-A, Rua Santa Clara. Tel. 47-0588
MILÃO. 184, Av. 28 Setembro. Tel. 28-1879
NEVAL. 210, Rua S. Campos. Tel. 26-8335
NOVA ERA A. 612-A, Visconde... Tel. 42-7917
POLAR. 155-A, Rua dos Invalidos. Tel. 22-6240
PONTO ELEGANTE. 29-C, R. Carvalho. Tel. 27-8894
PRODUCTOS ALIMENTICIOS REGIOS. 216, Rua Uruguaiana. Tel. 43-4627
RIO LONDRES. 61, Ipiranga. Tel. 25-7842
SALA AZUL DO CINEAC. 181, Av. Rio Branco. Tel. 42-6021
SORVETE CRYSTAL. fabr. 158, J. Castilhos. Tel. 27-8017
SORVETERIA E BAR ORMAR. 31-A, M. Lemos. Tel. 47-0677
SORVETERIA E CAFÉ FLORIDA LTDA. 143, Aven. Rio Branco. Tel. 23-6050
SORVETERIA E CONFEITARIA IVONNE. 74, Republica Perú. Tel. 27-3922
SORVETERIA E LEITERIA CHIADO. 42, Rua Passeio. Tel. 22-6912

TABELIONATOS E CARTORIOS

ALVARO CUNHA 138, Rosario. Tel. 23-5180
BURLE FIGUEIREDO ALBERTO. reg. im. 7º of. 9, Trav. Ouvidor. Tel. 23-5210
CARDOSO DE OLIVEIRA ARTHUR. tab. subst. 15º oficio. 40, Buenos Aires. Tel. 23-5218
CARNEIRO MENDONÇA EDUARDO. 115, Rua Rosario. Tel. 43-7908
CARNEIRO MOACYR. adv. depositario judicial. 151, Aven. Nilo Peçanha. Tel. 42-2930
CARTORIO MARITIMO. 48, R. S. Pedro. Tel. 23-3064
CARTORIO 1º OFICIO PROTESTOS DE LETRAS. 69-A, Rua Ouvidor. Tel. 23-2529
CARTORIO 2º OFICIO PROTESTOS DE LETRAS. 79, Rua Ouvidor. Tel. 23-2517
CARTORIO 3º OFICIO PROTESTOS DE LETRAS. 26, Gen. Camara. Tel. 23-1476
CARTORIO 4º OFICIO PROTESTOS DE LETRAS. 42, Praça 15 Novembro. Tel. 43-5782
CAVALCANTI FILHO LUIZ. 39, Miguel Couto. Tel. 23-3909
DISTRIBUIDOR DE ESCRITURAS. 5º OFICIO. 15, Rua D. Manuel. Tel. 42-1126
FIDALGO F. A. escr. 39, Miguel Couto. Tel. 43-2457
FRONTIN HENRIQUE PAULO. 65, Rosario. Tel. 23-3793
LAGO MOZART. dr. 85, Rua da Quitanda. Tel. 23-4839
LUZ HEITOR. 39, Rua Miguel Couto. Tel. 23-3909
MACHADO JOSÉ OLIVEIRA. 15, D. Manuel. Tel. 42-1215
MELLO ALVES ALVARO. 67, Rua Rosario. Tel. 43-0450
MILANEZ FERNANDO AZEVEDO. 47, B. Aires. Tel. 23-2533
MOREIRA LINO. 134, Rosario. Tel. 23-5131
MULLER JOSÉ EUGENIO. 116, Rosario. Tel. 23-5623
OLEGARIO MARIANO, tab. 15º of. 40, B. Aires. Tel. 23-5218
OLIVEIRA BOTELHO, dr. 4º Of. Hipoteca. 168, Rua Mexico. Tel. 42-9616
PENTEADO ALVARO LEITE, tabelião do 22º oficio. 86, R. Rosario. Tel. 23-2864
PEREIRA V. MIGUEL. Regist. Tit. e Docum. 3º Oficio. 58, Buenos Aires. Tel. 22-3050
QUEIROZ MARIO. 148, Rua do Rosario. Tel. 23-5219
REGISTRO GERAL DE IMMOVEIS 1º OFIC. R. MACIEL. 60, Carmo. Tel. 23-4116
REGISTRO DE IMMOVEIS 5º OFIC. 81-A, Rua da Alfandega. Tel. 23-2435
REGISTRO IMMOVEIS 9º OFIC. 168, Mexico. Tel. 22-6430
REGISTRO IMOVEIS 6º OFIC. CART. DR. HELENIO MIRANDA MOURA. 7, Rua 1º Março. Tel. 43-8656
REGISTRO IMOVEIS 8º OFICIO 39, Rua 1.º Março. Tl. 43-3270
REGISTRO TIT. E DOCUMENTO CARTORIO TEFFÉ. 84, Rosario. Tel. 23-1200
REGISTRO TIT. E DOCUM. 2º OFIC. CART. DR. OLYMPIO VIANA. 156, Rua do Rosario. Tel. 23-0568
REGISTRO TIT. E DOCUM. 4º OFIC. CARTORIO FRONTIN. 65, Rosario. Tel. 23-3793
REGISTRO TIT. E DOCUM. 5º OFIC. ALFEU FELICISSIMO. 112, Rosario. Tel. 23-4765
REGIST. TIT. E DOCUM. DISTRIBUIDOR 6º OFICIO 100, Rosario. Tel. 23-1503
REGIST. TIT. E DOCUM. DISTRIBUIDOR 11º OFICIO DR. ALFREDO SÁ. 100, Rosario. Tel. 23-3825
REGIST. TIT. E DOCUM. 3º OFICIO, V. MIGUEL PEREIRA. 58, B. Aires. Tl. 23-3050
ROQUETTE. 115, Rua do Rosario. Tel. 23-5529
SÁ RAUL. 83, Rua do Rosario. Tel. 23-2534
SANTIAGO JULIO. CART. 6º OFICIO DE REGIST. DE TIT. E DOCUM. 46, Rua Buenos Aires. Tel. 23-3807
7º DISTRIBUIDOR PROTESTOS LETRAS. 115, Rua do Rosario. Tel. 23-5530
SIMÕES LOPES LUIZ. 156, Rosario. Tel. 23-2632
TABELIÃO PAULA E COSTA. 126, B. Aires. Tel. 43-8580
TABELLIÃO DR. DIOCLECIO DUARTE. 114, Rua do Rosario. Tel. 43-3245

TECIDOS DE ARAME

TINTAS

A. VIEIRA DE MATOS. 23, G. Camara. Tel. 23-1400
ABEL DE BARROS & C. 223, Rua B. Aires. Tels., 43-1831 e 43-1832
ARAUJO BARBOSA & C. LTDA. 212, B. Aires. Tel. 43-6944
ATLAS 66/8, Rua B. Itapo... Tel. 43-1831
BERGER. Escr. 405, Santa Luzia. Tel. 22-7776; Almox. 162, Marq. Abrantes. Tel. 22-7774
BONHEUR & CIA. E. 268, G. Camara. Tel. 43-2233
BREMENSIS SOCIEDADE TECNICA LTDA. 15/25, Tenente Possolo. Tel. 22-5150
BRITO OLIVEIRA & C. 97, Rua Ubaldino Amaral. Tel. 42-7040
D. MACHADO & C. 77, Buenos Aires. Tels.: 23-3132 e 23-3890
CAPPUCINI & C. 172, Alfandega. Tel. 43-3347
CARDOSO ALFREDO, repres. 169, S. Pedro. Tel. 43-3384
CARLOS KUENERZ & C. LTDA. 47/57, Rua Lima Barros. Tels. 28-0418 e 28-2094
CASA COSTA. 192, Rua Buenos Aires. Tel. 43-4441
B. L. ALMEIDA & CIA. LTDA. 441 a 445, R. General Pedra. Tel. 43-3041
CASA RAMOS. 228, R. Buenos Aires. Tel. 43-4399
CHEVALLIER FILHO J. escr. 137, Av. R. Branco. Tl. 23-[illegible]
QUIMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA LTDA. 102, General Gurjão. Tel. 28-7389
QUIMICA INDUSTR. BRILLEX LTDA. 29-A, Rua Marrecas. Tel. 42-5956
QUIMICA INDUSTR. BRILLEX LTDA. fabr. 12, Rua Propicia. Tel. 29-5612
COMP. INDUSTRIAL LTDA. 93, Ubaldino Amaral. Tel. 22-2329
CONDOROIL & PAINT S. A. escritorio e deposito. 94, Aven. Barão Teffé. Tel. 23-1780
CONDOROIL & PAINT S. A. fabrica. 701, Condé Leopoldina. Tel. 28-7120
CORRÊA LEITE & CIA. matriz 290, B. Aires. Tel. 43-6660

TINTAS

A. VIEIRA DE MATOS, 23, G. Camara. Tel. 23-1400
ABEL DE BARROS & C. 238, Rua B. Aires. Tels., 43-1831 e 43-1832
ARAUJO BARBOSA & C. LTDA. 212, B. Aires. Tel. 43-6944
ATLAS 66/8, Rua B. Itapú. Tel. 43-1831
BERGER. Escr. 405, Santa Luzia. Tel. 22-7776; Almox. 102, Marq. Abrantes. Tel. 22-7774
BONHEUR & CIA. E. 268, G. Camara. Tel. 43-2233
BREMENSIS SOCIEDADE TECNICA LTDA. 15/25, Tenente Possolo. Tel. 22-5150
BRITO OLIVEIRA & C. 97, Rua Ubaldino Amaral. Tel. 42-7046
D. MACHADO & C. 77, Buenos Aires. Tels.: 23-3133 e 23-3890
CAPPUCINI & C. 172, Alfandega. Tel. 43-2347
CARDOSO ALFREDO, repres. 169, S. Pedro. Tel. 43-3384
CARLOS KUENERZ & C. LTDA. 47/57, Rua Lima Barros. Tels. 28-0418 e 28-2094
CASA COSTA. 192, Rua Buenos Aires. Tel. 43-4441
B. L. ALMEIDA & CIA. LTDA. 441 a 445. R. General Pedra. Tel. 43-3041
CASA RAMOS. 228, R. Buenos Aires. Tel. 43-4399
CHEVALLIER FILHO J. escr. 137, Av. R. Branco. Tl. 23-4456
QUIMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA LTDA. 102, General Gurjão. Tel. 28-7389
QUIMICA INDUSTR. BRILLEX LTDA. 29-A, Rua Marrecas. Tel. 42-5956
QUIMICA INDUSTR. BRILLEX LTDA. fabr. 12, Rua Propicia. Tel. 29-5612
COMP. INDUSTRIAL LTDA. 93, Ubaldino Amaral. Tel. 22-2328
CONDOROIL & PAINT S. A. escritorio e deposito. 94, Avenida Barão Teffé. Tel. 23-1780
CONDOROIL & PAINT S. A. fabrica. 701, Conde Leopoldina. Tel. 28-7120
CORRÊA LEITE & CIA. matriz. 290, B. Aires. Tel. 43-6660

CORRÊA LEITE & CIA. filial. 116, B. Aires. Tel. 23-4735
CORRÊA LEITE & CIA. suc. 6, M. Freitas. Tel. 29-8334
COSTA & CIA. ANTONIO A. 192, B. Aires. Tel. 43-4441
COTTON A. M. fabr. 667, Av. Maracanã. Tel. 28-6747
CRAVO IRMÃO & C. 166, S. Barros. Tel. 29-1278
EMPREZA PRODUTOS INDUSTRIAES LTDA. 87, Rezende. Tel. 42-2228
EMPR. ZARCÃO BRASIL LTDA. 198, Regeneração. Tel. 30-1263
ESMALITEX LTDA. 26, S. Salvador. Tel. 25-3691
F. RAMOS & CIA. 175, Buenos Aires. Tel. 43-0321
FABR. TIC-TAC. 152-A, Rua 2 Maio. Tel. 29-0756
FABR. TINTAS EXCELSIOR. 116, Afonso Pena. Tel. 28-6324
FABRICA DE TINTAS JAGUAR 124, B. S. Felix. Tel. 43-5768
FABR. TINTAS JARDIM. 687, Av. Maracanã. Tel. 28-6747
FABR. TINTAS SARDINHA. 218, Senado. Tels. 22-1485 e 22-3734
FABR. TUPAN. 23, J. Reis.
FERREIRA LEITÃO & C. 249, Aristides Lobo. Tel. 28-3018
GESTA & SOARES M. 32, Tv. Partilhas. Tel. 43-0640
GRAPHICOR CONCENTRA HARTMANN IRMÃOS. S. A. 249, Praia S. Christovão. Tel. 48-5435
HELLMAN S. tintas e vernizes. 332, R. Barão São Francisco. Tel. 38-2498
HERBERT KUTT. 99, Av. Mem Sá. Tel. 22-9754
HUMITZRSCH & CIA. LTDA. GUILHERME. 21, R. Teofilo Otoni. Tel. 43-0905
IMPORTADORA TINTAS LTDA. 47, Tte. Possolo. Tel. 22-9651
INDUSTRIA ROCHA LTDA. 729, S. F. Xavier. Tel. 48-2480
INDUSTRIAS QUIMICAS ALPHA LTDA. 528, Rua Goiaz. Tel. 29-0840
INDUSTRIAS QUIMICAS DE TINTAS E VERNIZES S/A. Emilio Pelto & Cia. Ltda. 60, Rua General Camara. Tels.: 43-9211 e 23-5324
KUENERZ & C. LTDA. CARLOS fabr. tintas seç. vendas. 49/57, L. Barros. Tel. 28-2094
KUTT HERBERT. 99, Av. Mem Sá. Tel. 22-9754
LORILLEUX & CIA. CH. fabr. 27, P. Almeida. Tel. 28-2606
MANUFACTURA PRODUCTOS KING LTDA. 151, Gen. Belegrade. Tel. 29-2578
MARTINS JOAQUIM. 58, Gen. Pedra. Tel. 43-2756
MENDES & CIA. ALVARO. 241, B. Aires. Tel. 43-0799
MERIDIONAL TINTAS & COMPOSIÇÕES LTDA. 130, Olga. Tel. 30-2151
MERIDIONAL TINTAS & COMPOSIÇÕES LTDA. 9, Rua Candelaria. Tel. 43-7118
MESBLA S/A. Tintas Dupont. 48/56, Passeio. Tel. 22-7720
NEBIOLO S. A. 263, Rua Buenos Aires. Tel. 43-6025
OLIVEIRA & BARBOSA. 39, Matoso. Tel. 48-5416
PAREDES & CIA. 178, Rua Buenos Aires. Tel. 43-6317
P I A M PHARMACEUTICA E COMMERCIAL DO BRASIL LTDA. 15, Rua do Ouvidor. Tel. 43-1503
PISTOLAS OLCO. T. Olivet & Cia. 55-2.°, Rua Candelaria. Tel. 43-3650
PORTO & MARTINS. 116, Afonso Pena. Tel. 28-6324
PRODUTOS CHI-NAMEL. 64, C/2, B. Otoni. Tel. 48-5562
RAJA GABAGLIA E. T. 234, Av. Mem Sá. Tel. 42-6998
RAMOS & CIA. F. 175, Buenos Aires. Tel. 43-0321
RIBEIRO SIMÕES & CIA. 130, Sen. Pompeu. Tel. 43-4082
SANTOS & COUTINHO LTDA. 309, Av. Mem Sá. Tel. 42-9068
SARDINHA J. A. 218, Senado. Tel. 22-1485
SARDINHA J. A. 23, C. Barbosa. Tel. 38-0610
SCHMITT & ALBERTO. Loja. 142/44, E. Veiga. Tel. 22-1235 Escrit. 142/44. Evar. Veiga. Tel. 22-1284
SOCIEDADE ANONIMA COMPOSIÇÕES INTERNATIONAL DO BRASIL. Geral, 135, Rua 1.° Março. Tel. 43-8822
SOCIED. ANON. RIO EDITORA. 84, Livramento. Tel. 43-6157
SOUZA LIMA M. B. 21, C. Autran. Tel. 48-0886
SPRIMO S. A. 100, Pedro Alves. Tel. 43-3020
TINTA PHENOMENAL. 240, S. Franco. Tel. 38-3551
TINTAS JARDIM. escr. e dep. 687, Av. Maracanã. Tl 28-6747
TINTAS VICTORIA LTDA. 644, C. Leopoldina. Tel. 28-8110
USINA S. CHRISTOVÃO. 47-57, R. Lima Barros. Tls.: 28-0418 e 28-2094
USINA TINTAS INDUSTRIAL LTDA. 192, Rua Fonseca Teles. Tel. 28-2092
USINA DE MINERAÇÃO E TINTAS DUX. 31, C. Tavares. Tel. 30-1512
USINA QUIMICA STRADA. 71, Livramento. Tel. 43-8309
VIEIRA & CASTRO J. 228, Rua Buenos Aires. Tel. 43-4399
VIEIRAS DE CASTRO LTDA. 152-A, Rua 2 Maio. Tl. 29-0756
VOIGT NOGUEIRA & CIA 29-A, Marrecas. Tel. 42-8691
WAGNER LTDA. GUNTHER. frbtaarifllf liofal ofdpddplyy fabr. 86, Rua M. e Souza. Tel. 28-5222
WINSTONE S. A. B. 176, Campo S. Cristovão. Tel. 28-4039

TIPOGRAFIAS

A. PINHO BANDEIRA & TOCCI 20, Gonç. Ledo. Tel. 22-5308
ALBA. Oficinas graficas. 60, Lavradio. Tel. 22-3359
Alexis. 371, Marquez Sapucahy. Tel. 43-4483
ALLIANÇA. 108, Rua Buenos Aires. Tel. 43-7337
AMARAL. 683, Av. Amaro Cavalcanti. Tel. 29-4193
AMERICA. 216, Ruo dos Invalidos. Tel 42-5762
AMPARO. 83, Rua Silverio. Tel. 29-8022
ARAUJO. 7-A, Rua Barão São Felix. Tel. 43-2037
ARAUJO MANUEL SILVA. 287, S. Pedro. Tel. 43-3515
ARTE MODERNA LTDA. 236, Av. Mem Sá. Tel. 22-8487
ARTES GRAFICAS EXACTA. 269, S. Pedro. Tel. 43-9099
ARTES GRAFICAS. 315, Rua S. Pedro. Tel. 43-0646
ARTISTICA. 100, Rua Teofilo Otoni. Tel 23-3409
BATISTA DE SOUZA & CIA. 51, Misericordia. Tel. 42-1842
BARBOSA & MINTHO. 67, Misericordia. Tel. 42-1002
BARRETO FERNANDO. 27, C. Sairavaa. Tel. 43-8434
BARTHEL4 95, Rua Riachuelo. Tel. 226750
BEDESCHI AMERICO. 74, Misericordia .Tel. 42-1001
BLOCH & IRMÃOS B. 26, Rua Visc. Gavea. Tel. 43-5120
BOMSUCESSO. 730, Av. Democraticos. Tel. 30-2015
BORRELI & C. LTDA. 60 Rua Frei Caneca. Tel. 22-9512
BORSOI JUNIOR J. 269, Rua Senado. Tel. 22-8896
BRAVO EDGARD PINHEIRO. 24/6, Gonç. Ledo. Tel. 22-4677
BRAZILIAN AMERICAN. 287, B. Aires. Tel. 43-0197
BREMENSIS SOCIEDADE TECNICA LTDA. 15/25, Tenente Possolo. Tel. 22-5156
CAMPOS & CIA. OLYMPIO. 139, Quitanda. Tel .23-1279
CANTON & REILE. 3-A, Praça Cruz Vermelha. Tel. 22-9260
CARDOSO J. DA SILVA. 107, Costa. Tel. 43-2628
CARIOCA. 308, Rua S. Pedro. Tel. 43-4701
CASA BRUNO. 13, Travessa do Mosqueira. Tel. 42-6494
CASA DOS MAPAS. 334, Rua Buenos Aires. Tel .43-4227
CASA PUBLICADORA BATISTA 24, P. Fernandes. Tel. 28-7033
CASA QUINTELLA. 11, Leandro Martins. Tel. 22-5106
CASA VALLELE. 63, R. Carmo. Tel. 23-2412
COELHO. 15, Rua Pedro I. Tel. 22-8234

COMP. CARIOCA ARTES GRAFICAS. 82, Rua do Camerino. Tel. 23-5084
COMP. LITOGRAFICA YPIRANGA. orç. e encom. 81, Aven. Alm. Barroso. Tel. 22-6983
COMP. MELHORAMENTOS S. PAULO. 9, Rua Gonçalves Dias. Tel. 22-4090
CORTES BOTELHO & CIA. O. 141, B. Aires. Tel. 23-5108
DANUBIO. 323, Rua General Camara. Tel. 23-3665
DIAS FERREIRA & C. LTDA. A. 201, Quitanda. Tel. 23-1256
DOMINGUES CARLOS AUGUSTO. 52, Rua Miguel Couto. Tel. 43-8725
DUARTE NUNES, & C. 45, S. José. Tels. 42-2277 e 42-2869
EDITORIAL GRAFICA ORION LTDA. 19, Rua da Assembléia. Tel. 42-1074
GRAFICA RIO ARTE S/A. J. LUCENA. 22, Mairink Veiga. Tels. 23-3990 e 43-1902
EMPR. QUEIROZ. 128, Rua S. Pedro. Tel. 23-5027
ENCADENADORA A. 66, Vieira Fazenda. Tel. 42-3022
ESPERANÇA LTDA. 100, Barão S. Felix. Tel. 43-6062
FARIA ALCEBIADES. 16, Rua 20 Abril. Tel. 22-0654
FERNANDES & IRMÃO L. 36/8, Misericordia. Tel. 42-1677
FERREIRA & MAGALHÃES LTDA. M. 82, Rua do Cosha. Tel. 43-1549
FONTANA & CIA. 40, Rua São José. Tel. 22-0344
FUCHS FRIEDRICH. 135, Rua Flack. Tel. 29-1325
GASPAR. 153, José Bonifacio. Tel. 29-6188
GERMANIA. 31, Rua Relação. Tel. 22-3295
GERSON RODRIGUES & IRMÃO. 25, S. Francisco Prainha. Tel. 43-7143
GIANNINI ARMANDO DOS SANTOS. 265, Rua S. Pedro. Tel. 43-6793
GLORIA. 20, Rua Gonçalves Ledo. Tel. 22-5308
GOLDSCHMIDT & CIA. LTDA. WALTER. 88, Sen. Pompeu. Tel. 43-1345
GRAFICA GUARANY LTDA. 145, Av. Henrique Valadare . Tels. 42-3969 e 22-9781
GRAFICA LABOR. 140, Trav. Partilhas. Tel. 43-4629
GRAFICA LAEMMERT LTDA. escr. 109, Aven. Rio Branco. Tel. 43-2139
GRAFICA LAEMMERT LTDA. 48, C. Carvalho Tel. 22-3031
GRAFICA LATINA. 306, Barão Bom-Retiro. Tel. 38-6878
GRAFICA MIFONE LTDA. 118, Invalidos. Tel. 42-5524
GRAFICA OLIMPICA. 92, Miguel Couto. Tel. 23-4341
GRAFICA PAN AMERICA S. A. 138, Teofilo Otoni. Tel. 43-2034
GRAFICA PORTO SEGURO LTDA. 286-A, rua Buenos Aires. Tel. 43-2717
GRAFICA S. LUIZ LTDA. 53, Lavradio. Tel. 22-5585
GRAFICA AMAZONAS. 228, R. Oficinas. Tel. 29-2963
GRAFICA METROPOLE LTDA. 82, B. S. Felix. Tel. 43-4220
GRAFICA METROPOLE LTDA. 216, S. Pedro. Tel. 43-0704
GRAFICA MODELO LTDA. 151, S. Passos. Tel. 43-2106
GRAFICA PARATODOS. 35, R. Gen. Pedro. Tel. 43-2337
GRAFICA REAL GRANDEZA. 67, S. Matozinhos. Tel. 42-6...
GRAFICA RIO ARTE. 22, Rua M. Veiga. Tel. 23-3990
GRAFICA UNIVERSAL. 5, Senado. Tel. 22-7257
GUIDO & CIA. 58, Rua Carlos Carvalho. Tel. 22-3590
H. SANTIAGO. 302, R. Teofilo Otoni. Tel. 43-5744
HEITOR RIBEIRO & C. esc. 90, Quitanda. Tel. 23-5446
HEITOR RIBEIRO & C. 90, R. Quitanda. Tel. 23-0910
HEITOR RIBEIRO & C. secção atac. 72/6, Leandro Martins. Tel. 43-1157
HISPANO AMERICANA. 95, L. Camões. Tel. 43-3348
IMPRENSA BRASIL AMERICA. 287, B. Aiers. Tel. 43-0197
INDUSTRIA TYPOGRAPHICA ITALIANA. 131, Av. A. Borges. Tel. 22-5558
INDUSTRIAS GRAFICAS LUXO. 101, V. Inhauma. Tel. 43-3...
IRMÃOS BARTHEL. 95, Rua Riachuelo. Tel. 22-6750
IRMÃOS DI GIORGIO & C. 11.. Rua Lavradio. Tel. 22-5383
IRMÃOS PONGETTI. 73, Aven. Mem Sá. Tel. 22-4417
ITAUNA. 87, Rua Visc. Itauna. Tel. 43-0259
LA PORTA F. M. 59, R. Carlos Carvalho. Tel. 23-6980
LAGE OCTAVIO. 59, Rua Carlos Carvalho. Tel. 22-6075
LAUMIRA. 217, Rua 7 Setembro. Tel. 22-8490

LEUZINGER S. A. 162/66, Rua Lavradio. Tel. 22-1018
LIMA & CIA. NESTOR. 192, R. S. Pedro. Tel. 43-4444
LITHOTYPOGRAPHIA FLUMINENSE LTDA. 88, Leandro Martins. Tel. 43-1044
LITO TIPO GUANABARA LTD. 82, S. José. Tel. 22-7071
LIVRO VERMELHO DOS TELEFONES. 61, Rua Evaristo Veiga. Tel. 42-1363
LOURENÇO. 285, Rua S. Pedro. Tel. 43-4670
LUCENA S. A. J. 22. Mayrink Veiga. Tel. 23-3990
MANDARINO & MOLINARI LTDA. 66, Nuncio. Tel. 43-2323
MARLICLEA. papel e tip. 2379, Av. Suburbana. Tel. 29-6103
MARQUES & SARAIVA. 287, Gen. Caldwell. Tel. 22-7385
MARQUES DA SILVA M. 165, Teofilo Otoni. Tel. 43-4064
MARTINS GOMES & CIA. 47, Quitanda. Tel. 23-2463
MARTINS MANOEL ALVES. 60, M. Coelho. Tel. 42-2801
MEIER & BLUMER LTDA. 32, Quitanda. Tel. 23-4766
MENDES JUNIOR C. artes graf. administr. 192/4, Rua do Riachuelo. Tel. 22-6238
MENDES JUNIOR C. ofic. 192/4, Riachuelo. Tel. 22-2861
MERCANTIL. 47, Rua da Quitanda. Tel. 23-5366
MONTEIRO D. SALLES. estereotipia. 46-A, Rua do Nuncio. Tel. 43-4550
MORAES J. CALAZANS. 297, S. Pedro. Tel. 43-6467
MORAES & SOUZA. 10, Leanndro Martins. Tel. 43-6555
MUNIZ & CIA. I. papel e tip. 48, Moncorvo Fº. Tel. 43-3474
NEVES & CIA. TURIBIO. 41, Tte. Possolo. Tel. 22-9757
NILTON. 3038, Av. Suburbana. Tel. 29-8177
NOVA AURORA. 115, Conceição. Tel. 43-2793
NUNES HOSTIANO. 181, Sen. Pompeu. Tel. 43-5497
OFICINAS GRAFICAS W. SCHALLER. 132, Evaristo da Veiga. Tel. 22-9631
OFICINAS TIP. REV. MED. BRASILEIRA. 253, Gen. Camara. Tel. 43-9037
OLYMPIO DOMINGOS VIUVA. 41, S. José. Tel. 42-0803
ONDINA. escr. 62, Rua Senador Pompeu. Tel. 43-3140
PAPELARIA ALLIANÇA. Pizarro & Cia. 108, R. Buenos Aires. Tels. 23-0017 e 43-7337
PAPELARIA BRAZIL, oficinas. 194, S. Pompeu. Tel. 43-3205
PAPELARIA MARIO. 34, Luiz Camões. Tel. 42-1825
PAPELARIA NATAL. 96, Buenos Aires. Tel. 43-1198
PAPELARIA RECORD LTDA. 86, C. Carvalho. Tel. 22-2496
PAPELARIA ROYAL. 201, Rua Quitanda. Tel. 23-1256
PAPELARIA E TYPOGRAFIA FORTES. 125, Gen. Camara. Tel. 23-4774
PASSOS. 8-A, Rua dos Arcos. Tel. 42-9094
PATRONATO DA LAGOA. 248, R. Grandeza. Tel. 26-0339
PEDROSO & GOTUZZO. 69/77, Av. R. Branco. Tel. 23-5670
PESSÔA HUGO. 164, Teofilo Otoni. Tel. 23-2278
PIMENTA MELO & CIA. 34, Trav. Ouvidor. Tel. 23-2475
PIMENTA MELO & C. ofic. 419, Visc. Itauna. Tel 22-3336
PIMENTA MELO & CIA. ger 419, Visc Itauna. Tel. 42-7911
PIZARRO & CIA. 108, B. Aires. Tels.: 23-0017 e 43-7337
PROGRESSO. 18, Regente Feijó. Tel. 42-2607
PROPAGANDA DA CULTURA MUNDIAL LTDA. tipogr. e encardenação. 75, Evaristo da Veiga. Tel. 42-8783
QUEIROZ & CIA. C. F. 122, R. S. Pedro. Tel. 23-0134
QUEIROZ PEREIRA A. 62, Rua Teofilo Otoni. Tel. 23-4958
RECORD. 86, Rua Carlos Carvalho. Tel. 2--2496
RELEVO AMERICANO. Chapas Carimbos, Papelaria e Impressos. 22, Carmo. Tel. 42-6780
RELEVOGRAFICA S. JORGE LTDA. 51, R. Regente Feijó. Tel. 42-6595
RENASCENÇA. filial. 255, Gen. Camara. Tel. 43-5719
RIEDEL & C. LTDA. 74, Luiz Camões. Tel. 22-9254
ROCHA. 27, Rua Visconde Rio Branco. Tel. 22-9408
ROSCIO AMERICO. 66, Ubaldino Amaral. Tel. 22-8762
ROSENES SALMA. 13, J. Carmo. Tel. 43-3033
RUDGE OSCAR. papelaria e tipografia. 246/7, R. S. Pedro. Tel. 43-2716
SANTA CECILIA. 40 Rua Moncorvo Filho. Tel. 23-1531
SAURE FRED H. 155, Aven. Mem Sá. Tel. 22-6337
SENADO. 257, Rua Buenos Aires. Tel. 43-1825
SILVA JOSEMAR JUSTO. 35, Invalidos. Tel. 42-5322
SONDERMANN HENRIQUE M. 20, Beco Fidalga. Tel. 42-2285
SOUZA BENEDITO FRANCISCO. 86, Rua da Misericordia. Tel. 42-3389

SOUZA MILTON. 231, Rua S. Pedro. Tel. 43-1875

STEELE, MATOS & CIA. 256/8, Buenos Aires. Tel. 43-0935

THEREZINHA. 293, Rua Gen. Caamara. Tel. 43-6465

TIMON FRANZ. 31, Rua da Relação. Tel. 22-3295

TIPOGRAFIA RENASCENÇA. filial. 255, Rua General Camara. Tel. 43-5719

TOEWS GUSTAVO H. 138, Trav. Partilhas. Tel. 43-4155

TRANI. 299, Rua Coelho Neto. Tel. 22-7541

TYPOGRAFIA E PAPELARIA. COELHO. 25, Rua Silva Jardim. Tel. 42-6515

UNIÃO GRAFICA. 82, Rua do Costa. Tel. 43-1549

VALLE SEGUNDO J. 16, Rua 20 bril. Tel. 22-0654

VECCHI ARTURO. 179/81, Rua Pedro Alves. Tel. 43-5012

VIEIRA. 208, Rua S. Barros. Tel. 29-3254

VIEIRA & CIA. AUGUSTO. 269, S. Pedro. Tel. 43-9099

VILLANI & BARBERO. 82, Rua Ubaldino Amaral. Tel. 22-0592

VILLAS BÔAS & CIA. dep. e oficinas. 33, R. Silva Jardim. Tel. 22-1136

WALDEMAR GROSSMAN. 175, Visc. Itauna. Tel. 43-3181

WEGENAST & ALMEIDA. repres. 26, S. Pedro. Tel. 23-5603

VAPORES

AMERICAN STEAMSHIP AGENCIES CO. INC. 4/6, Av. Rio Branco. Tels. 23-4134 e 43-4561

AVIMEX LTDA. 117-4.º, S/403, Av. R. Branco. Tel. 23-0707

BERNSTORFF G. conde. 163, Quitanda. Tel. 43-7289

BERNSTORFF S. A. 47, Rua Alfandega. Tel. 23-1435

BLUE STAR LINE. 37, Aven. Rio Branco. Tel. 23-5988

BRASILTUR. 109, Avenida Rio Branco. Tel. 23-2429

BUARQUE & CIA. LTDA. 117, Av. Rio Branco. Tel. 43-2570

BUARQUE DE MACEDO JOSÉ. 113-A, Rua do Rosario. Tels.: 43-0342 e 433690

CAMARA & CIA. A. 26-A, Av. Rio Branco. Tel. 23-3443

CAMPOS FILHOS & CIA. LUIZ 51/3, Rua Visconde Inhauma. Tels.: 43-8016 e 43-8215

CARDOSO GUEDES F. 9, Aven. R. Branco. Tel. 43-1314

CENTRO DOS EMPREITEIROS DE ESTIVA. 7, Praça Mauá. Tel. 23-3857

CENTRO DE NAVEGAÇÃO TRANSATLANTICA. 7, Praça Mauá. Tel. 23-3857

CHARGEURS REUNIS. 11/13, Av. R. Branco. Tel. 43-9477

CLEMENSEN C. G. 74, Alfandega. Tel. 23-3150

COMP. CANTAREIRA E VIAÇÃO FLUMINENSE. geral. 3, Praça 15 Nov. Tel. 22-9856

CIA. COSTEIRA LLOYD NACIONAL. 38-1.º, Rua Visconde de Inhauma. Tels.: 23-3268, 23-1297 e 23-0852

COMP. CARB. RIO GRANDENSE. 168, Equador. Tel. 43-2478

COMP. COMMERCIAL E MARITIMA. seç. vapores. 1/7, Beneditinos. Tel. 23-2930

COMP. COMMERCIO E NAVEGAÇÃO. Escr. Central. 26-A, Av. R. Branco. Tel. 43-0870

COMP. EXPRESSO FEDERAL, 87, Av. R. Branco. Tel. 23-2000

COMP. NAC. DE NAV. COSTEIRA. seç. compras. 303, Av. R. Alves. Tel. 23-5568

COMP. NAC. DE NAV. COSTEIRA. contencioso. 303, Av. R. Alves. Tel. 23-6304

COMP. NAC. DE NAV. COSTEIRA. Armaz 13. Av. R. Alves. Tel. 43-5072

COMP. NAVEGAÇÃO SHELLMEX DO BRASIL. 10, Praça 15 Novembro. Tel. 23-2110

CONFERENCIA DE NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM. 7, Praça Mauá. Tel. 23-0065

COSULICH FROTAS REUNIDAS 2/6, Avenida Rio Branco. Tel. 23-5840

EMPR. NAVEGAÇÃO VITORIA LTDA. 113-A, Rua Rosario. Tel. 43-7489

FROTA CARIOCA S. A. barcas. 9, Candelaria Tel. 43-9464

GOMES REGO JR. ANTONIO. escr. 38, Rua Visc. Inhauma. Tel. 23-0852

GRIEG & C LTDA. ALEX S. 7, Praça Mauá. Tels. 23-2323 e 23-5102

HOULDER BROTHERS & CIA. BRAZIL LTD. 63, Aven. Rio Branco. Tel. 23-5820

ITALIA FROTAS REUNIDAS. 2/6, Av. R. Branco. Tl. 23-5840

ITALMAR SOCIEDADE ANONYMA BRASILEIRA DE EMPREZAS MARITIMAS. 2/6, Av. R. Branco. Tel. 23-5840

JOHNSON LINE. Agentes Luiz Campos Filhos & Cia. 51/3, Rua Visconde de Inhauma. Tels. 43-8016 e 43-8215

JOHNSTON & CO. LTD. E. seç. vapores. 9, Av. Rio Braanco. Tels.: 43-0602 e 23-4637

KAHN & C. LTDA. CAMILLO. 47, Alfandega. Tel. 23-1533

LACHMANN & C. LTDA. LAURITS. ger. 30, Cons. Saraiva. Tel. 23-4952

LAMPORT & HOLT LINE LTD. 100, R. 1.º Março. Tel. 23-1980

LLOYD NACIONAL S. A. 26, Av. R. Branco. Tel. 23-1614

LLOYD BRASILEIRO. Agencia Rio Janeiro. 2/22, Rosario. Tel. 23-1528

LLOYD BRASILEIRO. Inform. 2/22, Rosario. Tel. 23-3756

LLOYD BRASILEIRO. Trafego. 2/22, Rosario. Tel. 23-4557

LLOYD BRASILEIRO. portaria. 2/22, Rosario. Tel 23-0676

LLOYD BRASILEIRO. armz A. 2/22, Rosario. Tel. 23-2667

LLOYD BRASILEIRO. armz. 11, Av. R. Alves. Tel. 43-6673

LLOYD REAL BELGA BRASIL S. A. escr. 10, Av. R. Branco. Tel. 23-4827

LLOYD REAL BELGA BRASIL S. A. ger. 10, Av. R. Branco. Tel. 23-4828

MAC CORMICK STEAMSHIP COMPANY. 87, Av. R. Branco. Tel. 23-2000

MARTINELLI S. A. escr. 26-B, Av. R. Branco. Tel. 43-2937

MENDES AMADEU GOMES. 74, Candelaria. Tel. 43-8674

MOORE MC. CORMACK NAVEGAÇÃO S. A. 7, Praça Mauá. Tels.: 43-0910 e 43-9674

NAVEBRAS S. A. 62-2.º, Aven. Graça Aranha. Tel. 42-6080

NAVEGAÇÃO BRASILEIRA LTDA. escr. 56, Gen. Camara. Tel. 43-2709

NAVEGAÇÃO PARANÁ SANTA CATARINA S. A. Naveg. 17, M. Veiga. Tel. 23-6308; Rede Geral. 21, M. Veiga. Tel. 23-1000; Gerencia. 17, Mayrink Veiga. Tel. 23-0277

OSAKA SYÔSEN KAISYA. repres. 37, Aven. Rio Branco. Tel. 43-3569

OZENDA RAUL. 9, Aven. Rio Branco. Tel. 23-2925

PORTUGAL LUIZ. Agencia. 38, Visc Inhauma. Tel. 23-3268

PORTUGAL LUIZ. Agencia. 38, Visc. Inhauma. Tel. 23-1297

PORTUGAL LUIZ. Agencia. 18, Av. R. Branco. Tel. 43-7480

PRINCE LINE LTD. 63, Aven. Rio Branco. Tel. 23-5820

RODRIGUES JOÃO JOSÉ B. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-9171

ROYAL MAIL AGENCIES BRAZIL LIMITED. escr. 51/5, Av. Rio Branco. Tel. 23-2161

SHORTLAND W. H. 100, Rua 1.º Março. Tel. 23-1980

SOCIED. EXPORT. E MARITIMA LTDA. 7, Praça Mauá. Tel. 43-6563

SOUZA & CIA. RODOLPHO. 25, Rua M. Veiga. Tel. 43-4748

STOLTZ & CIA. HERM. seç. maritima aerea. 66/74, Av. R. Branco. Tel. 43-1722

SUD ATLANTIQUE. 11/13, Av. R. Branco. Tel. 43-9477

THEODOR VILLE & C. LTDA. Aven. Rio Branco. Tel. 23-[illegible]

TRANSPORTES MARITIMOS ARAUJO & C. LTDA. Aven. Rodrigues Alves. Tel. 43-[illegible]

TRANSPORTES MARITIMOS ARAUJO & CIA. LTDA. 12, Trav. Barbeiros. Tel. 23-4511

TRANSPORTES MARITIMOS 1/7, Beneditinos. Tel. 23-2930

VANDEóBRANDO & CIA. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-9171

WILSON SONS & CO. LTD. 37, Av. Rio Branco. Tel. 23-5988

LLOYD BRASILEIRO. portaria. 2/22, Rosario. Tel 23-0676
LLOYD BRASILEIRO. armz A. 2/22, Rosario. Tel. 23-3667
LLOYD BRASILEIRO. armz. 11, Av. R. Alves. Tel. 43-6673
LLOYD REAL BELGA BRASIL. S. A. escr. 10, Av. R. Branco. Tel. 23-4827
LLOYD REAL BELGA BRASIL S. A. ger. 10, Av. R. Branco. Tel. 23-4828
MAC CORMICK STEAMSHIP COMPANY. 87, Av. R. Branco. Tel. 23-2000
MARTINELLI S. A. escr. 26-B, Av. R. Branco. Tel. 43-2937
MENDES AMADEU GOMES. 74, Candelaria. Tel. 43-8674
MOORE MC. CORMACK NAVEGAÇÃO S. A. 7, Praça Mauá. Tels.: 43-0910 e 43-9674
NAVEBRAS S. A. 62-2.º, Aven. Graça Aranha. Tel. 42-6080
NAVEGAÇÃO BRASILEIRA LTDA. escr. 56, Gen. Camara. Tel. 42-2709
NAVEGACÃO PARANÁ SANTA CATARINA S. A. Naveg. 17, M. Veiga. Tel. 23-6308; Rede Geral. 21, M. Veiga. Tel. 23-1600; Gerencia. 17, Mayrick Veiga. Tel. 23-0277
OSAKA SYÔSEN KAISYA. repres. 37, Aven. Rio Branco. Tel. 43-3569
OZENDA RAUL. 9, Aven. Rio Branco. Tel. 23-2925
PORTUGAL LUIZ. Agencia. 35, Visc Inhauma. Tel. 23-3268
PORTUGAL LUIZ. Agencia. 35, Visc. Inhauma. Tel. 23-1297
PORTUGAL LUIZ. Agencia. 15, Av. R. Branco. Tel. 43-7480
PRINCE LINE LTD. 63, Aven. Rio Branco. Tel. 23-5820
RODRIGUES JOÃO JOSÉ B. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-9171
ROYAL MAIL AGENCIES BRAZIL LIMITED. escr. 51/5, Av. Rio Branco. Tel. 23-2161
SHORTLAND W. H. 100, Rua 1.º Março. Tel. 23-1980
SOCIED. EXPORT. E MARITIMA LTDA. 7, Praça Mauá. Tel. 43-6563
SOUZA & CIA. RODOLPHO. 25, Rua M. Veiga. Tel. 43-4748
STOLTZ & CIA. HERM. sec. maritima aerea. 66/74, Av. R. Branco. Tel. 43-1722
SUD ATLANTIQUE. 11/13, Av. R. Branco. Tel. 43-9477
THEODOR VILLE & C. LTDA. Aven. Rio Branco. Tel. 23-5977
TRANSPORTES MARITIMOS ARAUJO & C. LTDA. Aven. Rodrigues Alves. Tel. 43-0556
TRANSPORTES MARITIMOS ARAUJO & CIA. LTDA. 13, Trav. Barbeiros. Tel. 23-4511
TRANSPORTES MARITIMOS 1/7, Beneditinos. Tel. 23-2990
VANDESBRANDO & CIA. 52, Av. R. Branco. Tel. 43-9171
WILSON SONS & CO. LTD. 37, Av. Rio Branco. Tel. 23-5988

ESTADO DA BAHIA

A colaboração eficiente da Secretaria de Viação e Obras Públicas no desenvolvimento da moderna capital bahiana

A cidade do Salvador vem crescendo de modo espetacular, tornando-se uma capital digna da importância que o Estado da Bahia desfruta no seio da União.

Os numerosos edificios levantados em todos os pontos da cidade atestam a febre de progresso dos baianos, solidamente apoiados em suas iniciativas particulares pelos poderes públicos.

A Secretaria de Viação e Obras Públicas, tendo à sua frente a figura impressionante de administrador que é o dr. Delsuc Moscozo, teve de se empregar a fundo para enfrentar o grave problema do abastecimento dagua à moderna capital. Dispondo na ocasião de material antiquado e ineficiente, tornou-se imprescindivel uma reforma completa em todos os setores do Serviço de Aguas e Esgotos, dotando esta repartição de meios capazes de atender às necessidades presentes e futuras.

De como se houve nessa empresa o dr. Delsuc Moscozo, basta-nos ouvir a palavra autorizada do dr. Emilio Tournillon, distinto diretor do Serviço de Aguas e Esgotos. Dele obtivemos todos os informes que quisemos, aliás abusando da sua proverbial gentileza. Damos a seguir a palestra que mantivemos com o diretor dessa repartição.

— Qual a situação atual das instalações que constituem os elementos de trabalho destes Serviços?

As diversas instalações de que dispõe estes serviços para atender às necessidades de suprimento de agua à população, estão em perfeito estado de conservação e funcionamento.

Continuam mantendo todas as caracteristicas da sua feitura inicial, podendo a qualquer momento trabalhar com a carga total correspondente à capacidade para que foram constituidas.

Isto, relativamente aos mananciais, estações de tratamento, bombeamento e reservatorios distribuidores.

Os recursos e disponibilidades de que atualmente ainda dispõe estes serviços, para suprimento de agua à Capital, representam mais ou menos 60% do total distribuido atualmente.

O regimen dos mananciais novos e dos antigos apresentam perspectivas otimistas relativamente ao aproveitamento de suas reservas.

Resta, tão somente, fazer a ampliação da rede distribuidora na cidade, para o que esta Superintendência, já organizou e propôs à S. Excia. o Sr. Secretario da Viação e Obras Públicas, todas as medidas e providencias para aquisição de canalizações e demais materiais necessários a esses serviços.

Eis, porque, os elementos de trabalho destes serviços, se acham perfeitamente aparelhados, tratados e mantidos à altura das suas necessidades, possibilidades e finalidades.

— Qual o volume de agua que atualmente a cidade consome?

O abastecimento da cidade é feito por intermedio dos mananciais aduzidos para estação de tratamento e recalque de Bolandeira, — Ipitanga — Pituassú — Cachoeirinha — e ainda o Rio do Cobre que supre os distritos de Conceição da Praia, Pilar, Mares e Penha.

Atualmente, 21.000 metros cubicos em media diaria são fornecidos pela Estação de Bolandeira e 6.500 pelo Rio do Cobre, perfazendo o total de 27.500 metros cubicos de agua distribuida a domicilio.

— Como se faz ou se processa o abasterimento

As aguas procedentes da Estação de Bolandeira sofrem na maior parte de seu volume, dois bombeamentos; o que se processa nessa Estação para o Reservatorio R. 3 situado à Cruz do Cosme e que se destina ao "Stand-Pipe" da linha que supre o R. 4, colocado Y Praça Manuel Querino (Brotas), e ainda os recalques feitos dos reservatorios R. 3 e R. 4 para os que se acham em cota mais elevada e se denominam R. 3 T. e R. 4 T.

Desses e daqueles a agua se destina ao consumo diretamente e por intermedio ainda do R. 1 B., construido às Quintas da Barra, de onde se supre todo esse arrabalde.

Por outro lado, o Rio do Cobre abastece ao reservatorio R. 2 A., e esse distribue aos distritos da peninsula e à cidade baixa, trabalhando o R. 2 B. que se acha colocado na colina do Bomfim como compensador no regimen dessa distribuição e ainda o R. 2 B. T. para suprir o ponto mais alto dessa mesma colina.

— Toda a agua distribuida é tratada?

Obrigatoriamente, todas as aguas destinadas ao abastecimento são tratadas e filtradas por isso que, as disposições das instalações não permitem o seu fornecimento sem esse preparo cuidadoso, util e necessario.

Verificada a hipótese de faltar os elementos que constituem os agentes de tratamento, a cidade ficará sem agua em poucas horas, por que a agua bruta, si filtrada, reduzirá a taxa de filtração a zero em reduzidissimo espaço de tempo, o que vale dizer se tornarão esses filtros incapazes às suas funções por uma colmatação violenta e imediata.

Esse fato se verifica devido à alta porcentagem de argila coloidal em suspensão e sais de ferro dissolvidos, os quais são precipitados por oxidação, nos processos de arejamento.

As caracteristicas das aguas atualmente distribuidas, quando nas estações de tratamento, estão além do standard, estabelecido universalmente, por isso que, elas apresentam uma côr abaixo de 9, na escala de Hellige, sua turbidês está compreendida entre 0,4 e 0,8 de silica por metro cubico quando a tolerância admitida é de 1.2 a 1.6, sua dureza não atinge a 20 gramas de sais de calcio por metro cubico, sendo o maximo tolerado de 25 gramas e o seu PH — (indice de hidrogenio) — é de 7.6, isto é, 7 gramas e 6 décimos de hidrogenio livre por metro cubico.

São essas as caracteristicas das aguas que atualmente toda população consome, portanto, enquadrando as mesmas na verdadeira classificação das mais puras das aguas potaveis.

— Existe probabilidade de faltar agua?

Não existe essa possibilidade, por que os nossos mananciais nas maximas estiagens até então verificadas, ainda não apresentaram sintomas que nos permitissem essa hipótese.

Entretanto, existe outro fator que poderá ocasionar a falta de distribuição de agua à Capital. E' a deficiência no fornecimento de energia eletrica, a qual vem se acentuando gradativamente, a ponto de recebermos energia em certas épocas com voltagem incapaz de acionar as bombas da Estação de Bolandeira.

A propria Cia. de Energia Eletrica, periodicamente, tem solicitado desta Superintendencia, retirar do serviço algumas bombas durante certas horas do dia (entre 16 e 24 horas), dada a necessidade de atender com mais eficiência aos seus serviços.

Decorre desses fatos certo desequilibrio no abastecimento das zonas, altas e altissimas da Cidade, pela variação do nivel piezometrico, nos troncos principais da rêde distribuidora.

Daí se evidencia a necessidade da montagem de uma usina geradora, afim de que estes serviços possam realizar com independência e devidamente aparelhados, as funções técnicas e administrativas que lhe são peculiares.

— Economicamente, trará a mesma, vantagem?

Tanto a parte técnica como a economica, terão significativas vantagens, com a montagem de uma usina geradora em Bolandeira.

Técnicamente, teremos, voltagem fixa pela eliminação da transmissão de energia à 10 kms. de distância, fácilidade de regular a ciclagem de nossa corrente, continuidade de operação evitando as paradas bruscas das bombas que ocasionam golpes de ariete nas linhas de recalque, maior regularidade no trabalho dos transformadores diminuido a perda de carga resultante dessa operação, eliminação dos acidentes ocasionados pela propria linha de transmissão.

Economicamente, teremos redução de 15% do total do consumo de energia, pela eliminação da perda de carga na transmissão de energia, de Lapinha à Bolandeira, equivalente a 5:287$500 por mês, tomando-se por base um consumo médio mensal de 300.000 K. W. H. a $117,5, ou sejam 35:250$000 e ainda redução no preço de custo de K. W. H., da energia gerada por meio de motores a gás pobre ($080).

Dessa maneira, demonstra-se tomando-se por base a média já citada, a economia que se poderá realizar.

300.000 K. W. H. a $117.5 — 35:250$000.

Deduzindo-se 15% da perda de carga no transporte de energia, temos:

255.000 K. W. H. a $080 — 20:400$000

Diferença para menos .. .. — 14:850$000

Evidencia-se, portanto, uma diminuição nos gastos mensais com o consumo de energia eletrica, na importancia de (14:850$000) ou seja anualmente (168:200$000).

Por todos os aspectos será grande o beneficio que virá a ter esta organização quando puder contar com uma usina geradora propria.

— E' verdade que V. S. pretende colocar hidrometros em toda a Cidade?

Naturalmente, o hidrometro é uma necessidade sob todos os aspectos. Controla o consumo para o consumidor e tambem para o fornecedor. Elimina os desperdícios, regulariza a distribuição, evita as fugas e permite a padronização do sistema contabilistico.

O consumo será cobrado em função do valor locativo, de um certo volume minimo, correspondente à uma taxa fixa, e o excesso desse volume será então cobrado pelo numero de metros cubicos gastos.

Assim, serão pagas equitativamente, as taxas e o consumo da agua distribuida a domicilio.

AUGUST ROTERS
MAQUINAS PARA ARTES GRAFICAS
Maquinas em geral, Maquinas graficas, Tipos e materiais concernentes ás artes graficas, Tintas para impressão, Gelatina para rolos, etc. — Papeis, Cartolinas, etc.
RUA MARCILIO DIAS, 16 — Tel. 2305
Caixa Postal, 542 — End. Telegr.: "Auro"
BAHIA

"BRASIL" Cia. de Seguros Gerais
Seguros Terrestres, Maritimos, Acidentes do Trabalho e Acidentes Pessoais.
Capital subscrito: ..... 5.000:000$000.
Realisado .... 4.600:000$000
Agente: Banco de Administração
RUA SANTOS DUMONT, 26
— Telefones: 1444 e 3300 —

BANCO DE ADMINISTRAÇÃO
SANTOS DUMONT, 26 — BAHIA
Telefones: 1444, 3300 - C. Postal, 231
End. Telegr.: "BANISTRA".
Depositos, Cobrança de Titulos, Emprestimos, Administração de Imoveis. Seugros Gerais.

PAPELARIA UNIVERSAL
AVILA & PITANGUEIRA
Fabrica de Livros em Branco, Oficinas de Tipografia, Encadernação, Pautação e Douração.
Tel. 2016 — Caixa Postal, 564
End. Telegr.: "Avileira"
Rua Francisco Gonçalves, 11 — BAHIA

EMILIO ODEBRECHT & CIA.
CONSTRUTORES PARA
PERNAMBUCO — BAHIA — SERGIPE
ESPECIALISTAS EM CONCRETO ARMADO
Rua Gabriel Soares, 60 — Telef. 4396
Endereço telegrafico IMA — BAHIA

Loja e Atelier "FLOR DO BRASIL"
de JORGE AQUERY
Tecidos, modas e chapéus para senhoras e creanças.
RUA DR. SEABRA, 256
Cidade do Salvador — BAHIA

NIEMER & CIA. — RUA JULIO ADOLFO, 10 - Loja
Telefone: 4293 — Caixa Postal: 206 — Telegramas: "Fumer"
Cadigos: Mascotte 2.ª, Mosse — BAHIA
REPRESENTANTES DE: Edmund Ahrens & Cia., São Paulo — Forestieri, Irmão & Cia., São Paulo — Gebrueder Junghans A. G., Schramberg — Gomes da Cruz & Cia., São Paulo — Lorenzetti & Cia., São Paulo — M. L. Menezes, Rio de Janeiro — Mercedes do Brasil Ltda., Rio de Janeiro — Mueller Irmãos, Ltda., Curityba — Michahelles & Cia. Ltda., Rio de Janeiro — S. A. Fabrica de Papelão Timbó, Timbó — Sociedade Cooperativa Hansa, Nova Berlim — Sociedade Anonyma Schering, Rio de Janeiro — Teodoro Putz & Cia. Ltda., São Paulo — Von Oesterreich & Cia., Hamburg — Venske & Cia., — Curityba.

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

REPRESENTAÇÕES
ARENS & LANGEN
AV. CAPICHABA, 50
Caixa Postal, 70
Vitoria — ESPIRITO SANTO

MANOEL EVARISTO PESSÔA & CIA. LTDA.
Rua Jeronymo Monteiro, 22 a 30
— TELEFONE C. 321 —
Caixa Postal, 194
End. Telegr.: "Doca"
Codigo usado: RIBEIRO
Deposito de Louças - Ferragens - Tintas - Oleos Seccos e Molhados por atacado.
VITÓRIA — Estado do Espirito Santo

ESTADO DE PERNAMBUCO

Cortume Bragança

RUA CAMPOS SALES-4-
CAIXA POSTAL 339
TELEGRAMAS ALSANTOS BAHIA

AGENCIAS

RECIFE —	Caixa	postal	123
R. DE JANEIRO —	"	"	805
S. PAULO —	"	"	3776
P. ALEGRE —	"	"	132
B. HORIZONTE —	"	"	254

VAQUETAS — Todas as qualidades
SOLAS — Todos os tipos
RASPAS — Marcas: Tamanqueiro, Seleiro, Alpercatas

Recomendamos nosso produtos

ESTADO DE MINAS GERAIS

Agencia Caminhões International

Auto-caminhões, auto-omnibus, maquinas agricolas, tratores de rodas, tratores de esteiras, motores a oleo diesel, maquinaria para estradas

ANEXO: Oficina de mecanica em geral, Seção de pintura a duco e carpintaria.

Representante G. STRATMANN

Telefone: 2-4006 — Caixa Postal, 584

End. Telegr.: "INTERCAMINHÃO"

RUA CURITYBA, 742 - Belo Horizonte.

MARMORARIAS

GRANDE ESTABELECIMENTO INDUSTRIAL MINEIRO

Casa Fundada em 1892 — Premiado com 21 medalhas, 3 diplomas de honra e um Grande PREMIO MARMORARIA HORIZONTINA — Serraria de Marmores em Blocos, Grande Oficina de Mausuleus, Tumulos, etc. — Executam-se trabalhos em marmores estrangeiros e nacionais, granitos da Tijuca e mineiros, e CERAMICAS em Belo Horizonte. **Avenida Contorno, 6595 — Telefone, 2-3312**

Em Chrockatt de Sá (E. F. C. Brasil). Fabrica de louças brancas, Azulejos, Sanitarias, Bidet, Lavabos e etc. PAULO SIMONI

Belo Horizonte — Minas Gerais.

BANCO HIPOTECARIO E AGRICOLA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Séde: Belo Horizonte

Fundado em 1811

EDIFICIO PROPRIO

Praça Sete Setembro

Tels. Interurbano, 2-4155

Gerencia, 2-3051

Diretoria, 2-3050

Caixa Postal, 13

End. Teleg.: "Minasbank"

SONHO DE OURO

Agencia geral de Loterias

RUBENS GONÇALVES DE SOUZA

R. Espirito Santo, 580

CODIGOS:

RIBEIRO E BORGES

End. Telegr.: "OURO"

TELEFONE: 2617

Caixa Postal, 44

BELO HORIZONTE

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

Papelaria, Livraria, Oficinas Graficas

Avenida Afonso Pena, 1050

— Telefone: 2-3016 —

Caixa Postal, 14

End. Telegr.: "PAPEIS"

COMPANHIA TEXTIL BERNARDO MASCARENHAS

Fiação, tecelagem, malharia, alvejamento e tinturaria. Oficinas modernas para a fabricação de maquinas e acessorios para a industria de tecidos de algodão. Fundada em 1888. PRAÇA PRESIDENTE ANTONIO CARLOS, 41 — Telefone: 1230 — Caixa Postal, 43 — Juiz de Fóra — Estado de Minas.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & CIA.

Livraria, papelaria, material escolar e aartigos para escritorio.

Rua Rio de Janeiro, 655 — Tel. 2-2119

End. Telegr.: "LIVRALVES".

Matriz: Rio de Janeiro, R. do Ouvidor, 166

Filial em S. Paulo: R. Libero Badaró, 292

CASA GIACOMO

FUNDADA EM 1901

GIACOMO ALUOTTO

Loterias, Agentes gerais da Loteria Federal do Brasil e da Cia. Loteria de Minas Gerais. Atende promtamente pedidos do interior

RUA DA BAHIA, 856 — Telef.: 3314

C. Postal 100 - End. Telegr.: "ALUOTTO"

BELO HORIZONTE

LABORATORIO VERITAS

Quimica e Microscopia clinicas

Drs. Almeida Cunha - E. de Souza e Silva

Professores da Universidade de Minas Gerais

RUA RIO DE JANEIRO, 634 a 646

(Junto á Praça 7 de Setembro)

Telefone: 3333 — Caixa Postal, 199

BELO HORIZONTE

CALÇAMENTO

Comp. Auxiliar de Viação e Obras

RUA GOIAS, 78 — Tel. 2-1617

C. Postal, 215 - End. Telegr.: "Neuchatel"

BELO HORIZONTE

BANCO DO BRASIL
RUA HALFELD, 406
Telefones: 1047 e 2281 - C. Postal, 44
Endereço Telegr.: "SATELLITE"
JUIZ DE FÓRA - Estado de Minas Gerais

MAQUINAS P/ INDUSTRIA E LAVOURA
Comp. Auxiliar de Viação e Obras
RUA GOIÁS, 78 — Tel. 2-1617
C. Postal, 215 - End. Telegr.: "Neuchatel"
BELO HORIZONTE

Companhia Fiação e Tecelagem de Malha "ANTONIO MEURER"
RUA ESPIRITO SANTO, 529
Telefone: 1467 - End. Telgr.: "Meurer".
Codigos: Mascote 2.ª Ed. e Ribeiro
JUIZ DE FÓRA - Estado de Minas Gerais

CAMPEÃO DA AVENIDA
LOTERIAS
LAURO DE ARAUJO SILVA
AVENIDA AFONSO PENA, 781 e 612
Telefs.: 4466 e 3916 — C. Postal, 225
End. Telegrafico: "CAMPEÃO"
BELO HORIZONTE — MINAS

ASFALTAMENTO
Comp. Auxiliar de Viação e Obras
RUA GOIÁS, 78 — Tel. 2-1617
C. Postal, 215 - End. Telegr.: "Neuchatel"
BELO HORIZONTE

ARTHUR SAVASSI & CIA. LTDA.
RUA GOYAZ, 305
Telephone: 2-1935

CIA. CERVEJARIA BRAHMA
Distribuidores em duzias das Cervejas Brahma, Teutonia, Fidalga, Brahma Boock, Brahma Porter, Malzibier, Guaraná Brahma, Guaraná Atleta, Agua Tonica e Soda Limonada, Gaz Carbonico. Entrega a domicilio.
AV. ANDRADAS, 551 — Telef.: 3718
C. Postal, 391 - End. Telegr.: "Brahma"
BELO HORIZONTE

CASA ARTHUR HAAS
FUNDADA EM 1894
A. L. HAAS & CIA. LTDA.
Importadores e exportadores. Representantes: Chevrolet. Distribuidores: Pneumaticos, Radios, Refrigeradores, Maquinas de Escrever, etc.
Oficina Mecanica. Rua Alagôas, 181/191
Exposição e Vendas. R. Tupinambás, 348
Telefs.: 2-2616 e 2-5985 — C. Postal, 2
End. Telegr.: "HAAS". — Belo Horizonte.

Cortume Bragança

RUA CAMPOS SALES-4
CAIXA POSTAL 339
TELEGRAMAS ALSANTOS
BAHIA

AGENCIAS

RECIFE —	Caixa	postal	123
R. DE JANEIRO —	"	"	805
S. PAULO —	"	"	2776
P. ALEGRE —	"	"	132
B. HORIZONTE —	"	"	254

Rua Espirito Santo, 132.

VAQUETAS — Todas as qualidades
SOLAS — Todos os tipos
RASPAS — Marcas: Tamanqueiro, Seleiro, Alpercatas

Recomendamos nosso produtos

ESTADO DE SÃO PAULO

BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO
— FILIAL — S. PAULO —
R. BOA VISTA, 57/61 — C. Postal 2980
Telefones: 2-5149 e 2-5140
— MATRIZ — RIO DE JANEIRO —
RUA DO CARMO, 65/67
End. Telegrafico: "MUNBANCO"

L. FIGUEIRÊDO & CIA.
CASA FUNDADA EM 1883
Vapores — Seguros — Despachos
MATRIZ: Rua Libero Badaró, 92 - 2.º
Fone: 2-7125 — Caixa Postal 1407
SÃO PAULO
FILIAIS: Rio de Janeiro — Santos.
Telegramas: "DORALICE"

L'UNION
Companhia de Seguros contra fogo, acidentes e riscos diversos.
Mais de cem anos de existencia. 1828-1941
Agente geral para o Estado de S. Paulo:
MAX POCHON
R. 3 de Dezembro, 17 - 5.º — São Paulo
Telefone: 2-5460 — C. Postal, 1673

FERNANDO HACKRADT & CIA.
— ADUBOS PARA LAVOURA —
RUA LIB. BADARÓ, 314 - 2.º and.
Telefone: 3-3176 — Caixa Postal, 948
End. Telegr.: "HACKRATOS"

HAUPT & CIA.
RUA FLORENCIO DE ABREU, 130-A
Tel. 4-6666 — Caixa Postal, 750
End. Telegr.: "Hapeteco"
Bombas, motores, compressores, apparelhos electricos, accessorios, betoneiras, registros para vapor, officina electro mechanica, importação.

RIECKMANN & CIA.
Rua Florencio de Abreu, 209
Tels.: 2-6448 e 2-6447 — C. Postal, 133
End. Telegr.: "RIECKMANN".

BANK OF LONDON AND SOUTH AMERICA LTD.
Rua 15 de Novembro — Fone: 2-5111
SÃO PAULO

CIA. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO
— Rua Florencio de Abreu, 210 —
Telefone: 2-7185 — Caixa Postal, 51
End. Telegrafico: "MECHANICA"

ANTONIO BARDELLA & FILHO
Fundição Geral e Officina Mecanica
Engenheiros Industriais, Importadores
RUA VITORINO CARMILO, 1.017
Telefone: 5-3315 — Caixa Postal, 2396
End. Telegr.: "BARDELLA" — São Paulo

COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRÁFICAS
R. Piratininga, 169 — Tel. 3-2141
C. Postal, 193 - End. Telegr.: "COPAG"

ALGODÃO E RESIDUOS TEXTIS

Esteve Irmãos & Cia. Ltda.

RUA ANCHIETA, 35
8.° ANDAR
— SÃO PAULO —

TELEFONES: 2-4773 e 2-1094

CAIXA POSTAL, 639

END. TELEGR.: "ESTEVE"

GRANDES INDUSTRIAS MINETTI, GAMBA, LTDA.

Fabrica de oleo de caroço de algodão. Farinhas de trigo, 'Maria", "Maravilha", etc.

ESCRITORIO:
Rua de São Bento, 365
— TELEFONE: 3-2166 —
Rêde particular, 25 ramais
Caixa Postal, "S" minusculo.
End. Telgr.: "MINETTI"
Codigos em geral.

INDUSTRIAS: RUA BORGES DE FIGUEIREDO, 510
Telefones: 2-9657 e 2-0374
— SÃO PAULO —

HAUPT & CIA.
RUA FLORENCIO DE ABREU, 130-A
Tel. 4-6066 — Caixa Postal, 750
End. Telegr.: "Hapeteco"
Bombas, motores, compressores, apparelhos electricos, accessorios, betoneiras, registros para vapor, officina electro mechanica, importação.

Banco Germanico da America do Sul
RUA ALVARES PENTEADO, 17
Telefone: 2-4167 — C. Postal, 2885
End. Telegr.: "CENTRAMERO"
São Paulo

CIA. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO
— Rua Florencio de Abreu, 210 —
Telefone: 2-7185 — Caixa Postal, 51
End. Telegrafico: "MECHANICA"

ANTONIO BARDELLA & FILHO
Fundição Geral e Oficina Mecanica.
Engenheiros Industriais, Importadores
RUA VITORINO CARMILO, 1.017
Telefone: 5-3315 — Caixa Postal, 2306
End. Telegr.: "BARDELLA" — São Paulo

S. A. INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO
PREDIO CONDE MATARAZZO
(Praça do Patriarcha)
C. Postal, 86 — Fone: 3-5151
SÃO PAULO

COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRÁFICAS
R. Piratininga, 159 — Tel. 3-2141
C. Postal, 193 - End. Telegr.: "COPAG"

Cortume Bragança

RUA CAMPOS SALES-4
CAIXA POSTAL 339
TELEGRAMAS ALSANTOS BAHIA

AGENCIAS

RECIFE — Caixa postal 123
R. DE JANEIRO — " " 805
S. PAULO — " " 3776
R. Pereira Nunes, 299 - Fone: 48-1317
P. ALEGRE — " " 132
B. HORIZONTE — " " 254

VAQUETAS — Todas as qualidades
SOLAS — Todos os tipos
RASPAS — Marcas: Tamanqueiro, Seleiro, Alpercatas

Recomendamos nosso produtos

H A U P T & C I A.
RUA FLORENCIO DE ABREU, 130-A
Tel. 4-6666 — Caixa Postal, 750
End. Telegr.: "Hapeteco"
Bombas, motores, compressores, apparelhos electricos, accessorios, betoneiras, registros para vapor, officina electro mechanica, importação.

S. A. INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO
PREDIO CONDE MATARAZZO
(Praça do Patriarcha)
C. Postal, 86 — Fone: 3-5151
SÃO PAULO

CIA. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO
— Rua Florencio de Abreu, 210 —
Telefone: 2-7185 — Caixa Postal, 51
End. Telegrafico: "MECHANICA"

COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRÁFICAS
R. Piratininga, 169 — Tel. 3-2141
C. Postal, 193 - End. Telegr.: "COPAG"

S C H A I B L E & K A N I T Z
Importação de Fazendas, Modas, Armarinho, Confecções e Perfumarias. Vendas por atacado Fabrica de Malharia "Solon".
RUA SOLON, 41 a 45 — S. Paulo.
Endereço Telegrafico "SCHAIBLE".
S. Paulo: **Rua Florencio de Abreu, 469**
Telefone: 2-1680 — Caixa Postal, 999

ANTONIO BARDELLA & FILHO
Fundição Geral e Officina Mecanica.
Engenheiros Industriais, Importadores
RUA VITORINO CARMILO, 1.017
Telefone: 5-3315 — Caixa Postal, 2396
End. Telegr.: "BARDELLA" — São Paulo

SANTOS BAHIA

— Todas as qualidades
— Todos os tipos
— Marcas: Tamanqueiro, Seleiro, Alpercatas

ndamos nosso produtos

INDUSTRIAS REUNIDAS
F. MATARAZZO
O CONDE MATARAZZO
Praça do Patriarcha)
ostal, 86 — Fone: 3-5151
SÃO PAULO

ANHIA PAULISTA DE
S E ARTES GRÁFICAS
ininga, 169 — Tel. 3-2141
193 - End. Telegr.: "COPAG"

O BARDELLA & FILHO
Geral e Officina Mecanica.
ros Industriais, Importadores
TORINO CARMILO, 1.017
5-3315 — Caixa Postal, 2396
: "BARDELLA" — São Paulo

ANTONIO BARDELLA & FILHO
Fundição Geral e Officina Mecanica.
Engenheiros Industriais. Importadores
RUA VITORINO CARMILO, 1.017
Telefone: 5-3315 — Caixa Postal, 2396
End. Telegr.: "BARDELLA" — São Paulo

H A U P T & C I A.
RUA FLORENCIO DE ABREU, 130-A
Tel. 4-6666 — Caixa Postal, 750
End. Telegr.: "Hapeteco"
Bombas, motores, compressores, apparelhos electricos, accessorios, betoneiras, registros para vapor, officina electro mechanica, importação.

COMPANHIA PAULISTA DE
PAPEIS E ARTES GRÁFICAS
R. Piratininga, 169 — Tel. 3-2141
C. Postal, 193 - End. Telegr.: "COPAG"

CIA. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO
— Rua Florencio de Abreu, 210 —
Telefone: 2-7185 — Caixa Postal, 51
End. Telegrafico: "MECHANICA"

PARA FINS QUIMICOS E INDUSTRIAIS

GLUCOSE DEXTROSE
AMIDOS OLEOS DEXTRINAS
CÔR DE CARAMELLO
COLLAS PREPARADAS

"QUALIDADE SEMPRE STANDARD"

Informações e amostras Gratis mediante pedido

MAIZENA BRASIL S. A.

Caixa Postal 2972 — SÃO PAULO
" " 3421 — RIO DE JANEIRO

GRANDES INDUSTRIAS MINETTI, GAMBA, LTDA.

Fabrica de oleo de caroço de algodão. Fabrica de Sabão. Farinhas de trigo "Maria", "Maravilha", etc.

ESCRITORIO:
Rua de São Bento, 365

— **TELEFONE: 3-2166** —
Rêde particular, 25 ramais
Caixa Postal, "S" minuscul.
End. Telgr.: "MINETTI"
Codigos em geral.

INDUSTRIAS: **RUA BORGES DE FIGUEIREDO, 510**

Telefones: 2-9657 e 2-0374
— SÃO PAULO —

CIA. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO
— Rua Florencio de Abreu, 210 —
Telefone: 2-7185 — Caixa Postal, 51
End. Telegrafico: "MECHANICA"

CIA. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO
— Rua Florencio de Abreu, 210 —
Telefone: 2-7185 — Caixa Postal, 51
End. Telegrafico: "MECHANICA"

ANTONIO BARDELLA & FILHO
Fundição Geral e Oficina Mecanica.
Engenheiros Industriais, Importadores
RUA VITORINO CARMILO, 1.017
Telefone: 5-3315 — Caixa Postal, 2396
End. Telegr.: "BARDELLA" — São Paulo

COMPANHIA PAULISTA DE PAPEIS E ARTES GRÁFICAS
R. Piratininga, 169 — Tel. 3-2141
C. Postal, 193 - End. Telegr.: "COPAG"

CIA. MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO
— Rua Florencio de Abreu, 210 —
Telefone: 2-7185 — Caixa Postal, 51
End. Telegrafico: "MECHANICA"

S. A. INDUSTRIAS REUNIDAS F. MATARAZZO
PREDIO CONDE MATARAZZO
(Praça do Patriarcha)
C. Postal, 86 — Fone: 3-5151
SÃO PAULO

CALDEIRAS A VAPOR E LOCOMOVEIS
J. MARTIN & CIA. LTDA.
ALAMEDA BARÃO DE PIRACICABA, 70
Telefone: 5-2063
SÃO PAULO

GRANDES INDUSTRIAS MINETTI, GAMBA, LTDA.

Fabrica de oleo de caroço de algodão. Fabrica de Sabão. Farinhas de trigo "Maria", "Maravilha", etc.

ESCRITORIO:

Rua de São Bento, 365

— TELEFONE: 3-2166 — Rêde particular, 25 ramais Caixa Postal, "S" minusculo. End. Telgr.: "MINETTI" Codigos em geral.

INDUSTRIAS: RUA BORGES DE FIGUEIREDO, 510

Telefones: 2-9657 e 2-0374

— SÃO PAULO —

— BANCO ITALO BRASILEIRO —

Sociedade Anônima Brasileira

Capital	12.300:000$000
Capital realizado ...	9.811:770$000
Fundo de Reserva .	2.300:000$000

SÉDE CENTRAL

SÃO PAULO

Rua Alvares Penteado, 177

Agencia Urbana Norte

Av. Celso Garcia, 143-A

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO

Rua da Alfandega, 43

SANTOS

Rua 15 de Novembro, 120

AGENCIAS:

Botucatú — Campinas — Cruzeiro — Jaboticabal — Jacarehy — Jahú — Lençóes — Lorena — Mogí das Cruzes — Paraguassú — Presidente Prudente — Sertãozinho

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Cortume Bragança

RUA CAMPOS SALES-4 TELEGRAMAS ALSANTOS BAHIA

CAIXA POSTAL 339

AGENCIAS

RECIFE —	Caixa	postal	123
R. DE JANEIRO —	"	"	805
S. PAULO —	"	"	3776
P. ALEGRE —	"	"	132
Rua Senhor dos Passos, 53.			
B. HORIZONTE —	"	"	254

VAQUETAS — Todas as qualidades

SOLAS — Todos os tipos

RASPAS — Marcas: Tamanqueiro, Seleiro, Alpercatas

Recomendamos nosso produtos

ANUARIO DO BRASIL

INDICE DOS ANUNCIANTES

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

ÍNDICE DE ANUNCIANTES

ÍNDICE GERAL

COLABORAÇÕES:

POESIA:

EDITORIAIS:

Pags.